Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

ANNO I N. 1 JANEIRO-1904 Rs. 2$000

KOSMOS

SUMMARIO

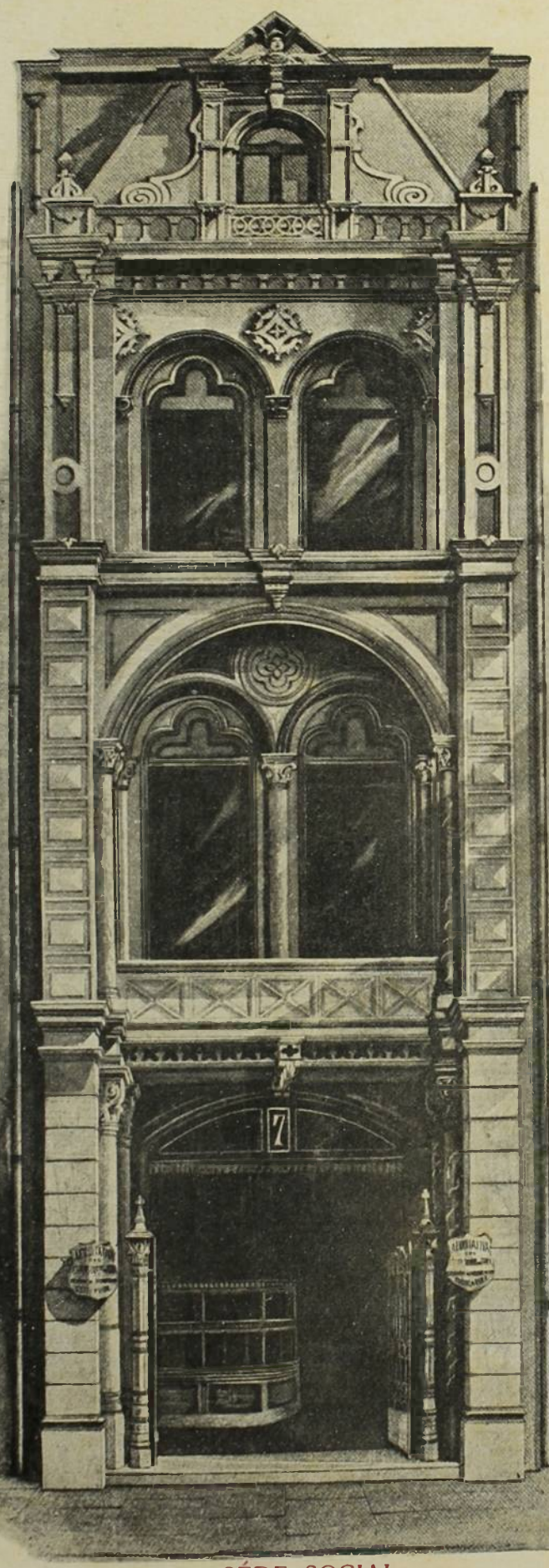
Chronica	*Olavo Bilac.*
Missões - Cataractas do Iguassú	
Vida literaria - O anno passado	*J. Verissimo.*
Philosophando	*Moreira Guimarães.*
Canhões de tiro rapido	*T. Coronel L. Barbedo.*
Soneto	*Olavo Bilac.*
Uma excepcional estreia literaria	*Liberato Bittencourt.*
A questão feminina	*Reis Carvalho.*
Limites do Brazil e Bolivia	*V.*
Les voix intérieures	*Francisco Braga.*
11 e 20 (conto)	*Medeiros e Albuquerque.*
Olhos Humanos	*Ataliba de Lara.*
O theatro em 1903	*Arthur Azevedo.*

A Equitativa

SEGUROS SOBRE A VIDA

TERRESTRES

MARITIMOS



SÉDE SOCIAL :

7 - RUA DA CANDELARIA - 7

RIO DE JANEIRO

APOLICES RESGATAVEIS A DINHEIRO MEDIANTE SORTEIO

CONSISTE ESTA COMBINAÇÃO EM FACULTAR AO SEGURADO O DIREITO DE RECEBER EM VIDA A QUANTIA SEGURADA, SEM QUE TENHA PARA ISSO QUE PAGAR MAIS PREMIO ALGUM ALÉM DOS DA TABELLA EM VIGOR. = PARA ESSE FIM EMITTIRÁ ESTA SOCIEDADE APOLICES DE RS. 5:000$000 CADA UMA, RECEBENDO, AQUELLES QUE SE SEGURAREM EM MAIOR QUANTIA, TANTAS APOLICES D'ESSA IMPORTANCIA QUANTAS FOREM PRECISAS PARA COMPLETAR O QUANTUM DE SEGURO DESEJADO. = EM CADA ANNO SERÃO SORTEADAS TANTAS APOLICES QUANTOS FOREM OS GRUPOS DE CEM QUE TIVEREM O PREMIO ANNUAL PAGO, NA DATA DO SORTEIO. = O SEGURADO PELA APOLICE SORTEADA RECEBERÁ INTEGRALMENTE EM DINHEIRO A IMPORTANCIA SEGURADA. = O SEGURADO QUE, SORTEADO, CONTINUAR COM A SUA APOLICE EM VIGOR, PODERA SE QUIZER, CONCORRER A TANTOS SORTEIOS QUANTAS VEZES A RENOVAR. * * * * * * * * * * * *

RELAÇÃO DAS APOLICES RESGATADAS EM DINHEIRO EM VIDA DO SEGURADO, ATÉ 15 DE ABRIL DE 1903

Apolice	NOME DO SEGURADO	RESIDENCIA
4473	Eliseo Becco.....	Fortaleza, Ceará
4719	D. Rosa de Moura Pinheiro	Aracaty, Ceará
4812	Dr. Estevão José de Siqueira	Victoria.
6069	João Julio Tameirão.....	Th. Ottoni.
6106	Nagib Saed Lassmar.....	Alto Purús.
6364	Alfredo Alves Bentes	Manáos.
6409	Dr. Annibal Teixeira de Carvalho	Capital Federal
6448	D. Emilie Bentes	Manáos.
6488	Dr. J. Pedreira do Coutto Ferraz Junior	Capital Federal
7070	Adolpho de Almeida Guimarães (*)	Macció.
7199	Antonio Ferreira de Queiroz	Espirito Santo
7260	Carlos Hervad von Schwerin	Porto Alegre.
8470	Heinrich Kerner	Cachoeira, Bahia
8628	Manoel Francisco Santiago	Alto Purús.

(*) Este segurado preferiu receber uma apolice saldada de Rs. 11.423$000 pagavel por morte.

A apolice de resgate em dinheiro, de exclusiva invenção da A EQUITATIVA, é a ultima palavra em seguro de vida.

Todos os sorteios são publicos e são dirigidos pelos representantes da imprensa.

PEDIR PROSPECTOS

SUCCURSAES EM TODOS OS ESTADOS DA UNIÃO

1º BARATEIRO

A MODA é eternamente victoriosa. Mudando sempre, e sempre triumphante. Uma casa commercial que tenha sempre a Moda representada em todos os seus artigos, é uma casa notavel. E quem a mantem inalteravelmente digna da admiração do publico, chega a recommendar-se como negociante excepcional.

Ha na rua dos Ourives canto da rua do Rosario dois estabelecimentos, um puramente de fazendas e artigos de moda, outro de roupas brancas e vestidos de criança. Talvez no Rio de Janeiro não existam outros iguaes.

A belleza e immensa variedade de tudo que ahi é exposto á venda, justifica a extraordinaria freguezia que as duas casas têm. Nas vitrinas de uma, resplandecem tecidos do mais delicado e fino gosto; e ainda do lado da rua de Rosario, em frente á igreja da Conceição e Boa Morte, outras vitrinas se offerecem repletas de artigos decorativos da belleza feminina. Nas vitrinas da casa de roupas brancas, por entre atoalhados e camisaria, lenços, cretonnes e bretanhas de linho, fulguram as mais graciosas, encantadoras roupas de criança, vestidinhos elegantes, costumes de todos os preços, alguns, até, de preço tão diminuto que dá vontade de os comprar e offerecel-os, mesmos não se tendo filhos para vestir.

Porque a grande notoriedade destes dois estabelecimentos reside precisamente na circumstancia de proporcionar sempre compras felizes. O dono ou donos que essas casas possuem tiveram a felicidade de escolher para denominação dos estabelecimentos as palavras — Ao 1º Barateiro — e correspondem com exactidão ao que essas palavras significam.

É NA RUA DOS OURIVES, CANTO DA DO ROSARIO

AGUIA DE OURO

Casa Especial de Roupas Brancas

PARA

HOMENS E SENHORAS

ARTIGOS PARA CREANÇAS

Variedades em blusas e cintos

A. NUNES

135, RUA DO OUVIDOR, 135

RIO DE JANEIRO

CASA DOUX

TAPEÇARIAS E MOVEIS

Artigos de Fantasia

Benac, Teixeira & C.

Armadores e Estofadores

RUA DO OUVIDOR, 60

FABRICA

RUA DA CONSTITUIÇÃO, 66

TELEPHONE 729

Endereço Telegraphico BENAC

RIO DE JANEIRO

BOERSEN-HALLE

AMERICAN DRINKS

Bebidas de primeira Qualidade

CHOPPS

Comidas Frias e Quentes

Especialidade em Sandwichs

LUNCH-ROOM

WARME und KALTE SPEISEN

Garantirt Aechte Getraenke

BIER

Vom Fass Butterbroede

In Groesster Auswahl

Frülstücks-Stube

Proprietario: ALBERTO PRECHEL

107 - RUA DA QUITANDA - 107

RIO DE JANEIRO

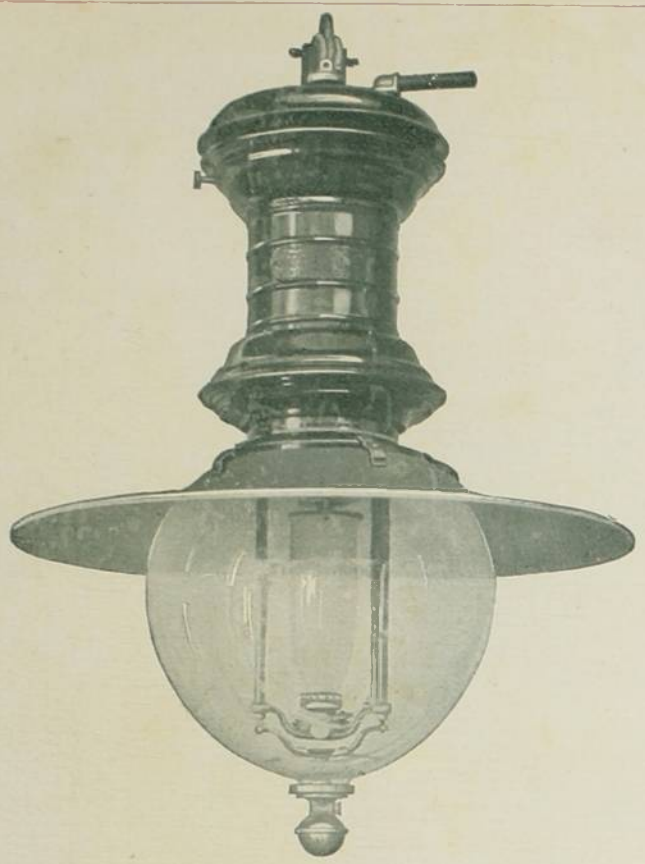
A Notre-Dame de Paris

Desejando diminuir o mais possivel o seu « stock » de fazendas e modas, antes do balanço annual, afim de adoptar nova organisação para as suas vendas, o estabelecimento faz, de 1º do corrente em deante até o fim desta

ULTIMA GRANDE VENDA

um desconto supplementar e definitivo de 10 % indistinctamente sobre os preços, já muito reduzidos, marcados em todas as mercadorias, quer antigas, quer recentes.

RUA DO OUVIDOR, LARGO DE SÃO FRANCISCO E TRAV. DO ROSARIO



REPRESENTANTES
DAS SEGUINTES FIRMAS:

GENERAL ELECTRIC CO.
APPARELHOS ELECTRICOS PARA FORÇA E LUZ

PELTON WATER WHEEL CO.
RODAS DE AGUAS, TURBINAS, &

Mc INTOSH SEYMOUR & CO.
MACHINAS A VAPOR

BABCOCK & WILCOX CO.
CALDEIRAS A VAPOR

THE PECKHAM MANUFACTURING CO.
TRUCKS PARA CARROS E VAGÕES

THE CHLORIDE ELECTRICAL STORAGE COMPANY LTD.
ACCUMULADORES ELECTRICOS

A. L. IDE & SONS
MACHINAS A VAPOR "IDEAL"

CHICAGO PNEUMATIC TOOL COMPANY
MACHINAS E FERRAMENTAS DE AR COMPRIMIDO

CLEVELAND TWIST DRILL CO.
BROCAS AMERICANAS

L. S. STARRETT CO.
FERRAMENTAS FINAS

CINCINNATI TOOL CO.
FERRAMENTAS

FAY & EGAN CO.
MACHINAS DE TRABALHAR EM MADEIRA

GLOBE WERNECKE CO.
MOBILIA DE ESCRIPTORIO

LOZIER MOTOR CO.
MOTORES E LANCHAS DE GAZOLINA

WORTHINGTON PUMPING ENGINE CO.
BOMBAS A VAPOR

MIETZ & WEISS
MOTORES A GAZ E KEROZENE

HAMMOND TYPEWRITER CO.
MACHINAS DE ESCREVER

VICTOR TALKING MACHINE CO.
GRAMOPHONES E ACCESSORIOS

EASTMAN KODAK COMPANY
APPARELHOS PHOTOGRAPHICOS

IMPORTADORES DE
MACHINAS PARA OFFICINAS E APPARELHOS ELECTRICOS DE TODAS AS QUALIDADES

ASCHOFF & GUINLE

* * * * SUCCESSORES DE JAMES MITCHELL & C. * * * *

Engenheiros Mechanicos Hydraulicos e Electricistas

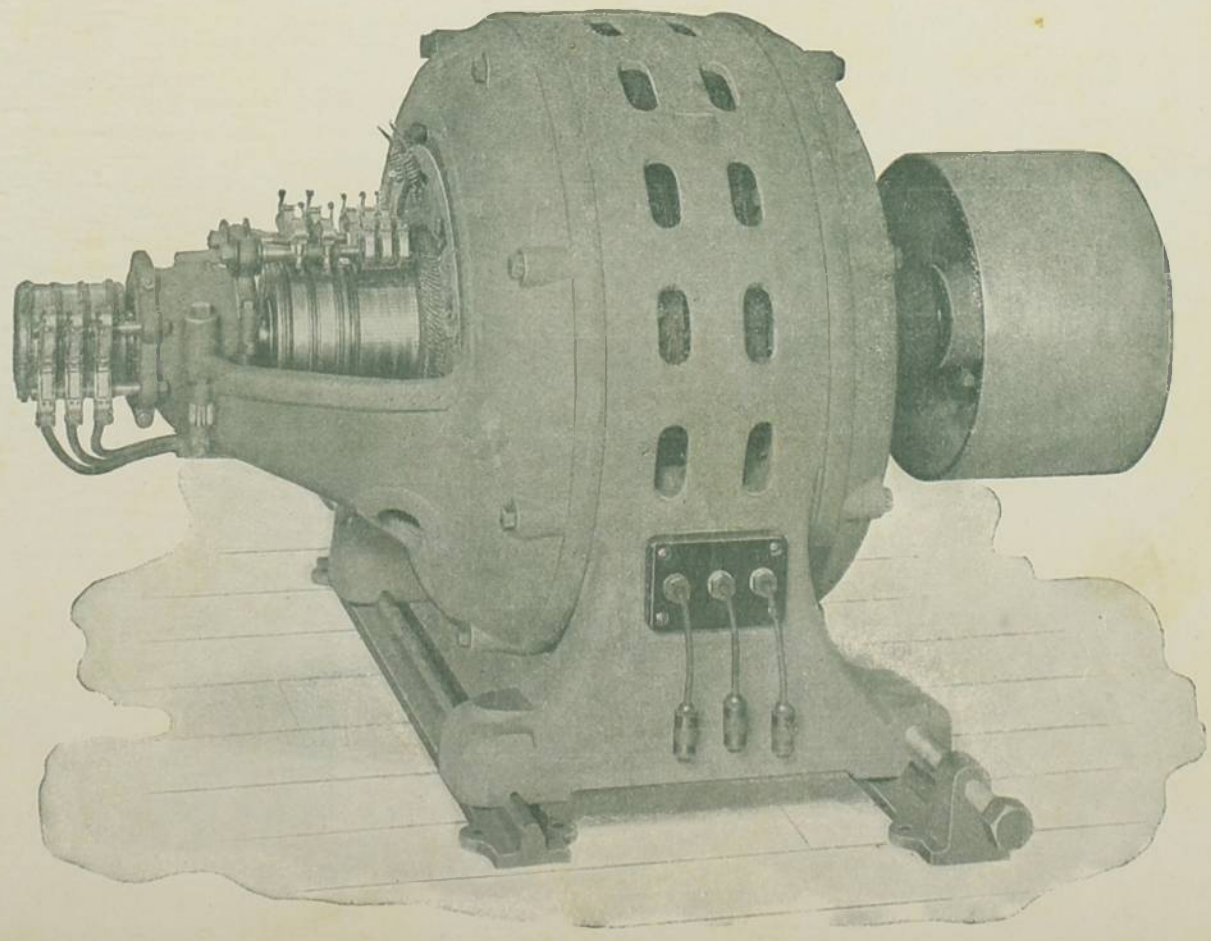
Importadores de Machinas e Manufacturas Norte-Americanas

55 ∽ Rua do Ouvidor ∽ 55

* * * * RIO DE JANEIRO — BRAZIL * * * *

RUA DIREITA N. 7, S. PAULO

OFFICINAS E DEPOSITO: RUA NOVA DO OUVIDOR, 13



CIGARROS AMOROSOS

DA FABRICA PARAISO

SÃO OS MELHORES DO MUNDO!

As carteirinhas d'estes Cigarros contêm lindissimas collecções de Estampas Coloridas e Chromos de Seda.

Encontram-se á venda em todas as casas de varejo

* * * * * * E NA FABRICA Á * * * * * *

75 — Rua Dr. Manoel Victorino — 75

* * * * * * * ENGENHO DE DENTRO * * * * * * *

Carvalho & Magalhães

CHARUTOS

JEZLER & HOENING

As melhores marcas de charutos d'estes fabricantes são as denominadas:

CONCORDIA, CREME DA BAHIA, IRMÃS, AROMATICOS, BENJAMIN, BANQUEIROS SELECTOS, VICTORIA, LA MAR.

NÃO CONTEM NICOTINA

Muito aromaticos, de bom paladar e especialmente hygienicos.

Á VENDA EM TODAS AS CHARUTARIAS

* * * * E NO DEPOSITO DOS * * * *

Agentes BOREL & COMP.

62 — RUA DA QUITANDA — 62

CASA SANTOS

110, RUA DO OUVIDOR, 110

Casa especial em artigos para homens

ALFAIATARIA DE 1.ª ORDEM

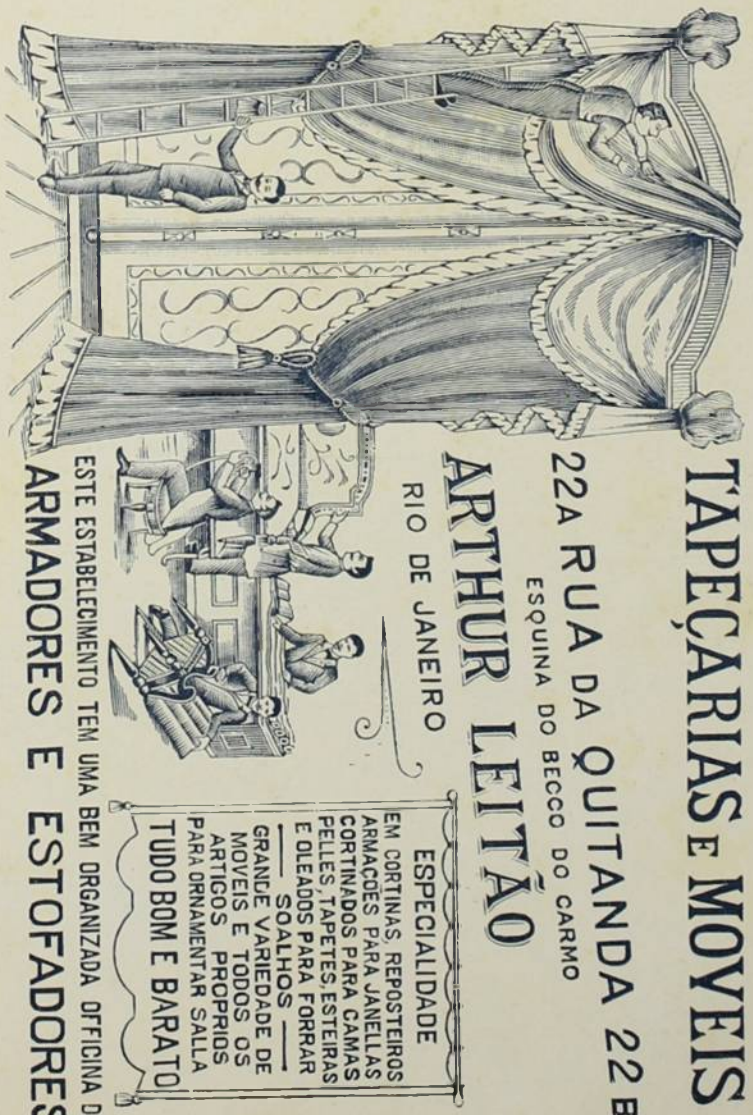
ARTIGOS INGLEZES E FRANCEZES

Recebe por todos os vapores as ultimas novidades

ARTIGOS DE LUXO

PREÇOS SEM COMPETIDOR

F. DOS SANTOS



TAPEÇARIAS E MOVEIS

22A RUA DA QUITANDA 22 B

ESQUINA DO BECCO DO CARMO

ARTHUR LEITÃO

RIO DE JANEIRO

ESPECIALIDADE EM CORTINAS, REPOSTEIROS ARMAÇÕES PARA JANELLAS CORTINADOS PARA CAMAS PELLES, TAPETES, ESTEIRAS E OLEADOS PARA FORRAR SOALHOS — GRANDE VARIEDADE DE MOVEIS E TODOS OS ARTIGOS PROPRIOS PARA ORNAMENTAR SALLA

TUDO BOM E BARATO

ESTE ESTABELECIMENTO TEM UMA BEM ORGANIZADA OFFICINA DE

ARMADORES E ESTOFADORES

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director
MARIO BEHRING

ASSIGNATURA ANNUAL 20$000
NUMERO AVULSO .... 2$000

Editor-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ANNO I | JANEIRO 1904 | N. 1

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS PELOS NOSSOS COLLABORADORES

Apresentando ao publico o primeiro numero de nossa Revista, entendemos não haver necessidade de, obedecendo ao que preceituam antigos usos, traçar o programma de seus trabalhos, de sobra expressos o seu caracter, a sua indole, pelo nome que lhe demos.

Ha, entretanto, algo a dizer. Não tentaremos attrahir o favor publico com promessas, as mais das vezes fallaciosas; contando conquistal-o, primeiro buscaremos merecel-o, até que factos se encarreguem de justificar os nossos propositos.

Tomando por modelo as mais notaveis publicações illustradas européas e norte-americanas, lutando com incriveis embaraços em um meio como o nosso tão mal apparelhado para semelhantes emprezas, coagidos a reunir em nossas officinas os mais variados ramos das artes graphicas, que em mais adiantados centros constituem verdadeiras especialidades, queremos fazer das paginas de *Kósmos*, um artistico album das nossas bellezas naturaes, dos primores de nossos artistas, propagando o seu conhecimento a outros pontos do paiz e do estrangeiro.

Alheios inteiramente ás lutas politicas, guardará nossa Revista, nesse terreno, que por sua natureza lhe é vedado, inteira neutralidade, registrando os acontecimentos politicos sem comtudo ultrapassar os limites da chronica.

Franqueamos suas paginas a todas as manifestações intellectuaes, esperando assim, modestamente, cooperar para o desenvolvimento e progresso de nossa terra; e nem poderá ser taxada de immodesta essa esperança, dadas as preclaras intelligencias que nos prometteram collaboração.

A' Imprensa brasileira, a cujo seio se acolhe, envia *Kósmos* as suas mais carinhosas saudações.

E agora, aos Mestres, a palavra.

Rio de Janeiro, 15 de Janeiro de 1904.

KÓSMOS

JANEIRO 1904 — ANNO I — N. 1

CHRONICA

MAIS de quatro seculos nos separam do tempo em que os impressores de Moguncia e Strasburgo,—espalhando pela Europa algumas folhas volantes, com as noticias da guerra entre gregos e turcos e das victorias do Sultão Mahomet II,—crearam o vehiculo rapido do pensamento humano, a que se deu depois este curto, magico, prestigioso e expressivo nome: "jornal." Aquelles boletins dos discipulos e continuadores de Guttemberg foram, de facto, o nucleo gerador d'esta immensa e dilatada imprensa de informação, que avassalla a terra, dirigindo todo o movimento commercial, politico e artistico da humanidade, pondo ao seu proprio serviço, á medida que apparecem, todas as conquistas da civilisação, augmentando e firmando de anno em anno o seu dominio,—e chegando a ameaçar de morte a industria do livro, como acabam de confessar a um redactor de "La Révue" todos os grandes editores da capital franceza.

Quem está matando o livro, não é propriamente o jornal: é, sim, a revista, sua irmã mais moça, cujos progressos, no seculo passado e neste começo de seculo, são de uma evidencia maravilhosa. Mas "jornal" e "revista" confundem-se, formando juntos a provincia maior da imprensa, e aperfeiçoando-se juntos, numa evolução continua, que ninguem pode prever quando nem como alcançará o seu ultimo e summo estadio.

Justamente, agora, nos ultimos dias de 1903, dois physicos francezes, Gaumont e Decaux, acabam de achar uma engenhosa combinação do phonographo e do cinematographo,—o chronophono,—que talvez ainda venha a revolucionar a industria da imprensa diaria e periodica. Diante do apparelho, uma pessoa pronuncía um discurso: o chronophono recebe e guarda esse discurso, e, d'ahi a pouco, não somente repete todas as suas phrases, como reproduz, sobre uma téla branca, a figura do orador, a sua physionomia, os seus gestos, a expressão da sua face, a mobilidade dos seus olhos e dos seus labios.

Talvez o jornal futuro seja uma applicação dessa descoberta... A actividade humana augmenta, n'uma progressão pasmosa. Já os homens de hoje são forçados a pensar e a executar, em um minuto, o que os seus avós pensavam e executavam em uma hora. A vida moderna é feita de relampagos no cerebro, e de rufos de febre no sangue. O livro está morrendo, justamente porque já pouca gente pode consagrar um dia todo, ou ainda uma hora toda, á leitura de cem paginas impressas sobre o mesmo assumpto. Talvez o jornal futuro,—para attender á pressa, á anciedade, á exigencia furiosa de informações completas, instantaneas e multiplicadas,—seja um jornal fallado, e illustrado com projecções animatographicas, dando, a um só tempo, a impressão auditiva e visual dos acontecimentos, dos desastres, das catastrophes, das festas, de todas as scenas alegres ou tristes, serias ou futeis, d'esta interminavel e complicada comedia, que vivemos a representar no immenso tablado do planeta...

*

Por agora,—emquanto não chega essa era de supremo progresso, contentemo-nos com o que temos, que já não é pouco...

Kósmos,—a revista, que apparece hoje, e cuja primeira *Chronica* escrevo, para attender a amavel convite,—não seria uma novidade na Europa ou na America do Norte, onde o *magazzine* illustrado é hoje uma maravilha, em variedade de materia litteraria e artistica, em perfeição de processos graphicos, e em exiguidade de preços. Mas, no Brasil, creio que ella vem assignalar um progresso grande.

Ainda, ha pouco mais de um anno, este mesmo chronista, a proposito dos bilhetes postaes vendidos pela Administração dos Correios, registrava com espanto e magua o inexplicavel atrazo das artes graphicas no Rio de Janeiro. Uma reacção, inesperada e feliz, veio subitamente mudar a face das cousas. Em poucos mezes, ganhámos, n'este particular, o que não conseguiramos ganhar em muitos annos. *Kósmos* será, se o favor publico não a abandonar, a demonstração viva do nosso progresso geral: haverá, nas suas paginas, a prova de que as publicações de luxo, até agora possiveis apenas no estrangeiro, pódem ser feitas aqui, com grande sacrificio sem duvida, mas com uma nitidez perfeita. Claro está que a administração da revista não póde realisar, neste primeiro numero, quanto deseja e ha de fazer. Dizem os livros santos que Deus,—e era Deus!—não poude apromptar a machina do Universo em menos de seis dias: e não se hade exigir um milagre de perfeição e de pressa do trabalho humano, contingente e fraco...

Em todo o caso, *Kósmos*, se não vem "preencher uma lacuna", como dizia um chavão, que o uso desmoralisou,—vem mostrar uma face nova da actividade brasileira.

O Brasil entrou,—e já era tempo,—em uma phase de restauração do trabalho. A hygiene, a belleza, a arte, o "conforto", já encontraram quem lhes abrisse as portas d'esta terra, de onde andavam banidas por um decreto da Indifferença e da Ignorancia colligadas. O Rio de Janeiro, principalmente, vae passar, e já está passando, por uma transformação radical. A velha cidade, feia e suja, tem os seus dias contados. Esta revista acompanhará,—se o publico quizer auxilial-a,—essa lenta e maravilhosa metamorphose da lagarta em borboleta. A photographia, o desenho, a arte da gravura, e todas as bellas conquistas da imprensa moderna, serão aqui postas ao serviço do programma de *Kósmos*: e estas paginas serão uma placa sensivel em que se irão fixando todas as imagens, todos os aspectos, todas as mudanças da nossa vida, nesta éra de regeneração e rehabilitação material e moral. São esses os projectos que a administração me communica: e communica-m'os com um tal ardor, com tão grande fé, com uma tão risonha e bella certeza da victoria,—que eu não quero negar-lhe o meu applauso e a minha contribuição de trabalho. Isso explica a minha presença.

*

Kósmos apparece com o anno-novo, e o anno-novo ainda não tem historia. O que se póde registrar, n'esta primeira chronica, é apenas o mundo de esperanças que elle traz, comsigo, áquelles que ainda teem a felicidade de esperar.

E ai de quem não espera!

O fundo, a natureza, a essencia da vida não variam nunca: mas os episodios variam sempre. A vida é como a Terra. No inverno como no verão, na primavera como no outono, a Terra é sempre a mesma: mas que diversidade de aspectos! agora, o livor e a algidez da neve amortalhando tudo; agora o sol torrando as arvores, seccando os rios; agora, a natureza, moça e pubere, no esplendor das folhagens que renascem; agora, a fecundidade gloriosa da sazão dos fructos... Tambem as almas teem as suas estações: ninguem sabe qual será o seu ultimo inverno, nem qual será a sua derradeira primavera! Esperemos! e saudemos o anno infante...

Que é a existencia, senão uma viagem cheia de incidentes?—E' como uma jornada, em estrada de ferro... O trem galopa; os minutos passam, morosos e monotonos; o tedio cresce dentro da alma; o cançaço alquebra o corpo:—quando chegará a primeira estação?... Um silvo agudo, uma parada brusca da machina... Ahi está uma estação, ahi está um anno novo! Abrem-se todas as janellas dos wagons; assomam cabeças curiosas, espiando a paisagem, olhando

o aspecto da gare, examinando a physionomia das gentes da terra... Quem sabe? talvez vão apparecer alli, de chôfre, a mulher que nos amará, o incidente que nos ha de dar a gloria, o negocio que fará a nossa fortuna.. Não appareceram? pouco importa! — silva de novo a locomotiva, move-se de novo o comboio, recomeça a viagem, recomeça o tedio, — e recomeça a esperança: a caminho para uma nova sorpresa, para uma nova estação, para um novo anno!

Por mim, ao inaugurar a serie das chronicas de *Kósmos*, o que posso pedir aos deuses clementes, e principalmente ao cégo Destino, é que n'estas columnas só tenham de ser registradas e commentadas cousas alegres e serenas. Que ás paginas da nova revista não seja imposto o dever doloroso de tratar das explosões do odio e da ambição, nem das manifestações da brutalidade, nem dos desastres que enlutam os lares, nem das revoluções que enlutam os paizes, nem dos delirios sanguinarios que rebaixam a especie humana, nem dos crimes filhos da ignorancia e da miseria! e que, em vez d'isso, nestas paginas appareçam, frequentes e luminosas, as provas de civilisação, de caridade, de tolerancia e de amor, que affirmam a superioridade de um povo, e a bondade do seu caracter...

O. B.

MISSÕES - CATARACTAS DO IGUASSÚ



SALTO PRINCIPAL TOMADO DA CRISTA DO LADO DO BRASIL (70 METROS)

Detive-me assombrado.

Um rumor insolito, semelhante ao retumbar do trovão, ou ao confuso estrepito de longinquo canhoneio, vibrava nas ondas sonoras da atmosphera.

Estremecia o solo e eu sentia-me invadir pela medrosa sensação que accusa as fraquezas da carne, ante os espasmos da terra sacudida pela força terrivel de uma explosão vulcanica.

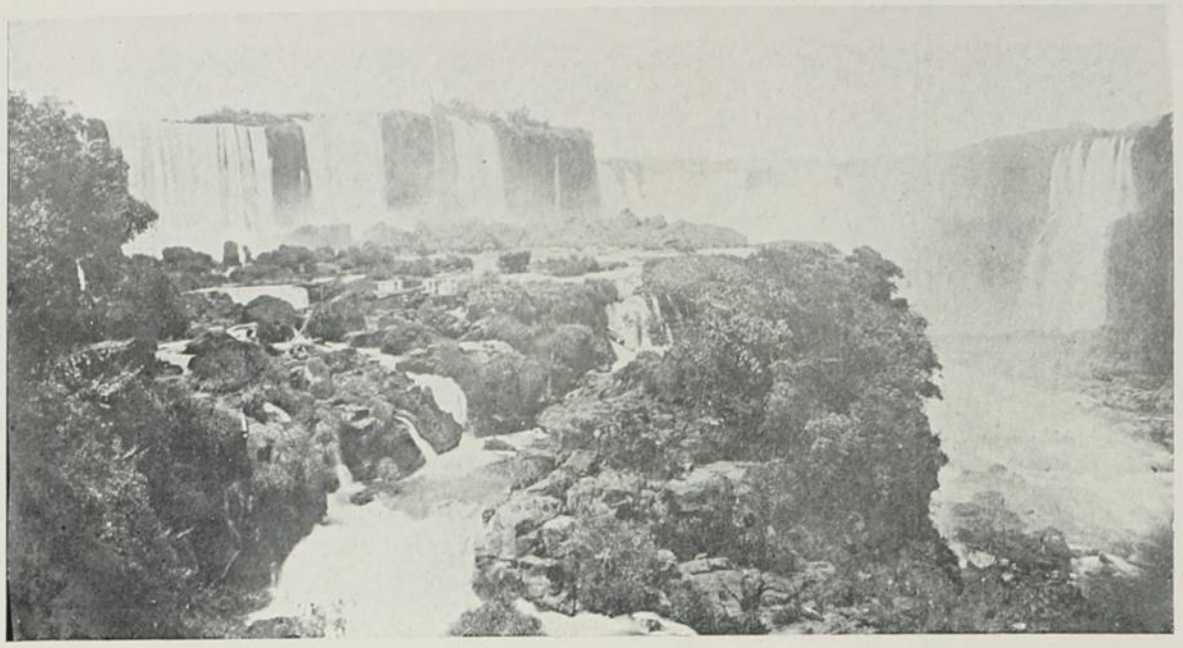
A estreita picada por onde iamos, termina bruscamente em uma volta do bosque, ao pé mesmo do apertado passo, em que ondas gigantescas descem aos saltos, tumultuosas, intermittentes, rithmicas, fugindo do abysmo a que foram lançadas pelas cem cascatas do Iguassú.

A barranca, de «cem metros» de altura, formada de rocha granitica avermelhada, cahe a prumo sobre o abysmo em que ruge o rio.

Da margem argentina, avança em frente, a uns oitenta metros de distancia, o promontorio «Errekaborde», esperando sem duvida a acção do governo ou a de um homem de genio, que lançando uma ponte sobre o abysmo, vincule materialmente Nações irmãs, unidas já politicamente por tradicções gloriosas, por sacrificios communs nos campos de batalha e louros disputados nos torneios scientificos, para que unidas, marchem futuramente na vanguarda dos povos sul-americanos á conquista dos nobilissimos ideaes que a humanidade confiou ao esforço da civilisação americana.

Enorme penhasco, inclinado sobre o abysmo a — «Piedra Tembladora» — e ao qual se chega por escorregadia e ingreme lage, permitte contemplar de golpe todas as cataractas do Iguassú, abarcando a vista o immenso semi-circulo por onde se despenha o rio de uma altura de «setenta metros».

E' verdade que se arrisca a vida para chegar á «Piedra Tembladora»; um movimento em falso, um passo indeciso, um escorregão precipitariam o curioso no abysmo ; mas em compensação, que estupenda recompensa ! que extraordinaria satisfação a de quem chega ao ponto almejado e pode contemplar o magico panorama !



PARTE DOS PRINCIPAES SALTOS BRASILEIROS

Semelhantes ao vapor de fornalhas gigantes, ou das cavernas cyclopicas em que se forjavam os raios de Jupiter Tonante, elevam-se do seio do abysmo brancas nuvens de vapor aquoso, cada qual revelando o logar de uma cascata, e aqui e alli, multidão de ilhotas e penhascos matisando com sua esverdeada coloração a alvura do quadro.

Desde a «Piedra Tembladora» divisa-se um grandioso quadro.

Além, muito distante, nos confins do horisonte, sobre um leito de areia branca, o Iguassú se espraia em limpida toalha, tranquilla, transparente, em brando deslisar.

De repente, agita-se a corrente, resvala murmurando sobre o plano inclinado de seu leito, e entrechocando-se impetuosa nos rochedos, eleva turbilhões de espuma que brilham aos raios do sol em chispas fulgurantes.

Deteem-se as aguas um momento, quasi ás bordas do profundo abysmo, como que apavoradas pelo estrugir da queda; mas impellidas pelas que chegam em seguida com a corrente, estreitam-se em supremo abraço, e elevando-se, scintillando ao sol que as illumina, lançam-se no vacuo em curva gigantesca para cahir no fundo penhascoso.

Espantoso ruido parte do antro crepitante, mas rithmico, compassado, como si o volume da massa liquida que ali se despenha sem cessar variasse.

Nem o barulho de gigantesco martello pião, nem o ribombo da trovoada ou o estrepitoso echo do canhão podem de longe comparar-se com o sonoro mugir da grande cataracta.

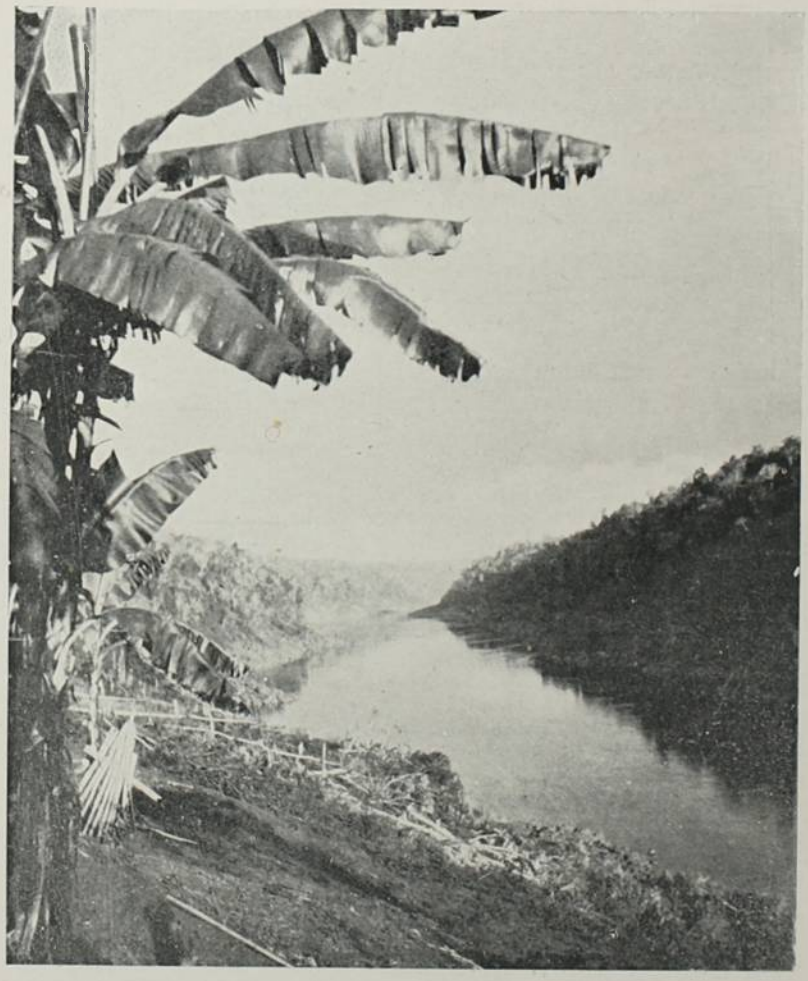
E, atomisada pelo choque contra os rochedos, a enorme massa d'agua transforma-se em humido vapor que o vento do abysmo eleva aos ceus em curvas espiraes.

Mil arco-iris com suas cores vivissimas matisam a enorme massa d'agua que se despenha no abysmo, emprestando seus reflexos polychromicos ás nuvens fluctuantes, como si todos os diamantes de Golconda fulgurassem na corôa



SALTO FLORIANO PEIXOTO

Os clichés que publicamos sobre o Iguassú, foram-nos gentilmente cedidos pelo Dr. Henrique Morize, da Commissão demarcadora.



O IGUASSÚ, 6 KILOMETROS ABAIXO DAS CATARACTAS

da formosa, da soberba, da esplendida cataracta que contemplamos.

Trezentos metros abaixo, volve o rio ao seu placido curso, mas as suas aguas oxygenadas pelo salto aereo, rejuvenescidas, brilham mais, são mais puros seus crystaes, nelles retratando-se com deleite, milhares de orchidéas, milhões de borboletas, e as aves pousadas nos ramos ribeirinhos entoam mais suaves cantos.

Assim como a belleza natural das cataractas do Iguassú com sua esplendida moldura de flores, cipós e orchidéas, sob o docel de um ceu incomparavel, é immensamente superior á de Niagára, com a sua sombria vegetação boreal, tambem a força motriz das mil cascatas em que se divide aquelle rio é pelo menos dez vezes superior á de sua rival americana, que o sabio Siemens avaliou em 16.800.000 «dezeseis milhões e oitocentos mil» cavallos-vapor.

Extr. do livro «Presente, Passado, Porvenir de las Misiones» por el Ingeniero F. Basaldúa—«La Plata», 1901.

Vida Literaria

O ANNO PASSADO

PEDEM-ME os directores desta nova revista — á qual desejo e auguro mais propicios fados que ás suas predecessoras se depararam — que eu diga da nossa vida literaria o anno passado.

Não tendo estado, nesse periodo, tão attento a ella como nos que immediatamente o precederam, desde 1895, nem lhe havendo acompanhado as manifestações com o mesmo interesse e curiosidade, receio não me escapem alguns dos seus aspectos, ainda relevantes, e muitos documentos, porventura interessantes, por que se revelou. Assim, não saberei dizer com alguma precisão, si no anno findo a nossa vida literaria foi mais rica que nos anteriores. De mim para mim, porem, creio que não. Nem por isso digo fosse mais pobre e mais fraca. Julgo-a antes como a dos outros annos: muito livro, na realidade folhetos, de versos; menor numero, mas ainda grande, de contos e a tal *phantasia*, ruim e despresivel cousa de que temos a primazia, alguns romances, dos quaes um ou outro, raro, sae da mediocridade, quasi nada de estudos ou ensaios philosophicos, historicos, criticos ou taes que, pelo seu assumpto e pela sua composição, caibam no dominio da literatura. O theatro literario não existe, do outro não sei, que o não frequento. Das dezenas desses livros, pela maior parte folhetos, é bom repetir, que no Brasil se publicam todos os annos, de facto apenas meia duzia serão benemeritos de attenção e apreço, o que aliás não quer dizer que essa meia duzia, por isso que a podemos estimar hoje, os nossos netos continuem a estimal-a depois de amanhan. *Habent sua fata libelli*, e entre nós, reparo, é precaria a sorte dos livros. Em trezentos annos de literatura, quantos são os livros nossos que ficaram na nossa memoria e que realmente lemos ao menos uma vez? E', talvez, por isso que a nossa literatura vive a recomeçar-se; a geração seguinte ignora a precedente, e, na ignorancia de tudo o que se fez anteriormente, tem a candida illusão de ser uma iniciadora. Si algum sentimento de continuidade e solidariedade tem é com a literatura franceza, a quem arreméda, com frequencia desageitadamente. Pois não era um festejado literato, e, o que mais é, critico da literatura nacional, quem um dia perguntava num escripto: "Quem é este João Lisbôa"? ignorando por completo, até de nome, um dos espiritos mais altos e um dos mais perfeitos prosadores das nossas letras? Tinha razão o Sr. Joaquim Nabuco quando escreveu que "temos uma literatura desoccupada" e que "o nosso campo literario é composto de *flaneurs*." E faltando-nos a cultura, uma cultura geral, solida e bem feita, e não o nosso superficialissimo autodidacticismo, a nossa producção literaria, não obstante o talento natural, ou a vivacidade facil, que é o nosso primeiro dom intellectual, fica, salvo um ou outro raro caso, sempre falha ou mediocre, sem originalidade real, nem força, mais de imitação que propria. Instinctivamente, quando lemos um nosso livro de imaginação, acode-nos procurar nalgum escriptor estrangeiro, quero dizer francez, o termo de comparação para elle, o confronto antonomastico, sem o qual já quasi não podemos apreciar um escriptor patricio. Esse vicio rhetorico, certo, o herdámos de Portugal, onde viçou; mas a sua constancia aqui está tambem revelando quanto a sua vigencia é facilitada pela tendencia imitativa dos nossos autores, e sua fraca originalidade.

A poesia dá sempre a mésse mais abundante. Com certeza não me acho informado sinão de parte minima da colheita poetica do anno findo. São ainda assim uns doze volumes, dos quaes mais de metade apenas escassos folhetosinhos. Dessas publicações a mais consideravel foram dous volumes das *Poesias de Mucio Teixeira*, (H. Garnier) em que este copioso e bom poeta reuniu os seus numerosos versos esparsos por outras collecções. Não é, pois, obra nova, do anno. No mesmo caso está o voluminho dos *Poemas do Mar do Norte* de H. Heine, traduzidos do original por um poeta de bons quilates, o Sr. Marcos de Castro, agora publicados em 3ª edição (Laemmert & C.). O leitor sabe que aquelle nome mal occulta o Sr. Alberto Ramos, cujos creditos de poeta raro, por dotes especiaes da sua inspiração e pela escassez da sua producção, confirmou o seu unico poema publicado este anno, a sua bella *Ode a Santos Dumont*, (Laemmert & C.) digno par da do *Campeonato*, de ha dous annos. Poeta que, a outras distincções junta esta do perigrinismo da inspiração e da raridade no poetar, é o Sr. Mario de Alencar. Delle tivemos tambem, e unicamente, uma *Ode Civica*. A sua modestia, a sua discrição, direi a sua timidez e pudico afastamento das vulgaridades da cousa publica, não o impediram de vibrar de indignação ante a má campanha a seu ver feita a negociações diplomaticas recentes, nas quaes se achava empenhado um nome glorioso e querido. E a principal, e difficil virtude desse poema, que se poderia chamar politico, é que nem por um instante sae do restricto dominio da arte para descambar na declamação politica em verso, a mais detestavel cousa que possa haver. Animada dos mais generosos sentimentos e de um patriotismo mais puro

e alto do que é de commum essa vulgar paixão, a ode do Sr. Mario de Alencar, é, apezar do seu epitheto de civica, um excellente trecho de poesia. Ou porque a nossa lingua seja de si melodiosa e cantante e rica em rimas e rythmos, e haja sido por longos seculos trabalhada por uma multidão de poetas, muitos dos quaes eminentes, que tornaram facil o versejar nella; ou porque exista em a nossa gente, herdada da portugueza, uma grande aptidão de o fazer, o certo é que os nossos poetas, quero dizer aquelles que não são de todo indignos deste qualificativo, ainda no seu méro significado material, sobre numerosos, versejam quasi todos bem. Raro é já encontrar entre elles um mau versificador, e si poucos tem de facto a esquisita perfeição parnasiana, a immensa maioria pelo menos não erra mais o verso. Deploravel dom, que os faz tomar a facilidade de versejar por talento poetico, e crer que toda a poesia está no verso certo, mais ou menos bem rythmado, e na cançada repetição, num giro de frase já estereotypado por gerações de poetas, de themas, imagens, expressões, sentimentos que são o fatigado material das suas locubrações. Dellas o anno passado, como os anteriores, foi bastante rico, e algumas, por esses aspectos ao menos, não de todo despiciendas, como, por exemplo, as *Constellações* do Sr. Arnaldo Damasceno Vieira (Rio de Janeiro) ou, sem embargo do feio titulo, *Vovó Musa* do Sr. Zeferino Brazil (Porto Alegre). Nenhuma, porém, com distincção que mereça notada, si não forem talvez, as *Transfigurações* do Sr. Nestor Victor (H. Garnier). Ha neste poeta, apezar dos senões e falhas que se lhe possam notar, mais do que os dotes de simples versejador correcto, e si elle não logra ainda commover-nos mais intensamente, (e de facto apenas superficialmente nos commove) vem isso da obscuridade do seu pensamento poetico e da sua mesma forma de expressão. No verso como na prosa, a sua concepção e a sua expressão me parecem difficeis, não de uma difficuldade esthetica como é, só na poesia, a do Sr. João Ribeiro, por exemplo, mas da que provem tanto do seu proprio espirito, que parece não ver claro, como dos seus preconceitos artisticos de escóla. E na sua obscuridade, simultaneamente nativa e rebuscada, entra por muito o seu imperfeito manejar da lingua. Mas nos seus poemas, a despeito de injustificadas pretenções á distincção, e de banalidades mal disfarçadas sob ellas, ha alguma cousa realmente superior, como pensamento e sensação, como emoção poetica, ao resto da producção do anno.

E, bom syntoma de vitalidade intellectual e de ambição literaria, de toda a parte vem ella. Do Maranhão e do Paraná, de S. Paulo e da Bahia, recebemos em livros, em folhetos, em revistas, por via de regra ephemeras, e de fraco interesse, o éco auspicioso da vida literaria na provincia, tanto mais de estimar, qualquer que seja a sua força e nitidez, quando as condições dessa vida ali são naturalmente difficeis e quando, no Brazil, como nos outros paizes, é a provincia a principal fornecedora da literatura nacional, tendo talvez a funcção necessaria de manter mais vivo o caracter indigena, que o cosmopolitismo das capitaes tende forçosamente a apagar. Dos 40 da Academia Brasileira, muito mais de metade são provincianos.

No Maranhão, terra onde não morreram totalmente as tradições literarias do meiado do seculo passado, publicou o Sr. Antonio Lobo, nome já conhecido e estimado da literatura provinciana, um romance *A Carteira de um Neurasthenico*, livro que se lê sem enfado e no qual se descobrem qualidades estimaveis, mas por ora apenas boa promessa de um bom romancista. Diz-se que a critica não deve discutir o modo porque o autor concebeu a sua obra, e apenas a maneira por que a realizou. Eu, todavia, me permittirei dizer que foi o modo da concepção do Sr. Antonio Lobo o que no seu livro menos me agradou; achei postiça a maneira porque enquadrou o seu romance, que teria lucrado, creio, em ser directamente contado. Não chegariamos a descobrir a neurasthenia do narrador si elle proprio não nol-a houvesse affirmado.

No genero, porém, o melhor livro do anno, foi, acho eu, a *Luzia-Homem*, (Rio de Janeiro) de um provinciano-carioca, o Sr. Domingos Olympio. E' do Ceará o autor e da vida cearense a interessante narrativa. O novo romancista, bastante conhecido no norte do Brazil e aqui como jornalista, entra tarde na vida literaria, perdôe-me elle a indiscrição, com mais de cincoenta annos. Mas, salvo talvez uns laivos de espiritualismo romantico, o seu romance é, melhor que o de um jovem, com as inexperiencias e os excessos da juventude, o de um espirito em plena madureza. A narrativa, acaso tanto ou quanto sobrecarregada de descrições, quasi todas bellas aliás, de digressões e de dialogos, igualmente bem feitos, mas que porventura lucrariam em ser encurtados, podia, sem prejuizo do mérito do livro, ser menos longa. Mas, repito, é interessante, e deixa-nos com a sensação de um quadro exacto e perfeito da terra e da vida cearense, a certeza de que ha no Sr. Domingos Olympio um romancista de valor, um escriptor, uma imaginação de poeta, que apenas tardou em manifestar-se no livro. E', preciso, porém, para confirmar este juizo, que outros lhe succedam.

As idéas, as aspirações, os sentimentos socialistas, e ainda anarchistas, que tão preponderante influxo tiveram na literatura européa dos ultimos tempos, não haviam até o anno de 1902 influido de forma alguma em a nossa. O nosso symbolismo foi puramente arcadico, isto é, inteiramente despreoccupado do que não fosse simples versejar por amor de versejar, sem nenhum pensamento ou intuito social. A primeira ma-

nifestação, ao menos a primeira digna de consideração, daquella corrente de idéas aqui foi o forte e formoso *Chanaan*, do Sr. Graça Aranha, um livro extraordinario na nossa literatura. O *Ideologo* do Sr. Fabio Luz (Rio de Janeiro, Paula Souza & C.), publicado em 903, é o segundo. Livro sincero, commovido mesmo, em que as qualidades do autor das *Novellas*, principalmente a sua lingua, se apuram e aperfeiçoam, não é, todavia, ainda o livro que do seu autor esperamos. Resumbra demasiado delle o intuito da propaganda, a que a verdadeira obra d'arte deve mostrar-se estranha, até quando não é outro o seu objectivo.

Um jovem e talentoso diplomata nosso, o Sr. Silvino do Amaral publicou um bom e volumoso *Ensaio sobre a Vida e Obras de Hugo de Groot* (Grotius) (H. Garnier). Si não é propriamente um trabalho de folego e original, revela, entretanto, intelligencia, estudo e capacidade para locubrações semelhantes; em summa, uma boa e auspiciosa estréa. Sinto que a estreiteza do espaço me não consinta dizer mais desse livro, como me não permitte occupar-me, quanto quizera e o livro merecera, do *No Japão* (Laemmert & C.) do Sr. Oliveira Lima. A nova obra do Sr. Oliveira Lima, como a antecedente, no mesmo genero, *Nos Estados Unidos*, é por muitos respeitos interessante e grandemente digna de ler-se. As suas observações sobre o Japão e a sua interpretação do curioso imperio, feitas com sinceridade e sympathia evidentes, e sem rebuscadas psychologias, calam em nosso espirito como verdadeiras. Merece sobretudo notada a bem succedida insistencia com que elle nos mostra o Japão ao mesmo tempo votado por completo á imitacão da civilizacão occidental, adoptando-a ou adaptando-a em todas as suas feições e, entretanto, permanecendo fundamentalmente japonez.

Com o sub-titulo de "Ensaio philosophico sobre o materialismo e o Espiritualismo" publicou o Sr. Visconde de Saboia um copioso livro *A Vida psychica do homem* (Laemmert & C.).

Não obstante mostrar-se a par das doutrinas biologicas e psychologicas mais em voga, e dos seus expositores mais recentes e considerados, o A. atem-se ao espiritualismo, pelo qual convictamente propugna.

Iam-me esquecendo dous livros benemeritos de menção; um de contos, *Dor* (H. Garnier) do Sr. Escragnolle Doria outro de versos, publicação posthuma, de Eugenio Savard, *Azas* (Rio de Janeiro).

Os contos do Sr. Doria, quasi todos destituidos de assumpto, nem motivo, me pareceram antes themas de composições literarias. A artificialidade da sua composição é evidente e elles tresandam a literatura, isto é, não ha quasi nenhum delles em que allusões, citações, referencias, reminiscencias literarias não estejam denunciando essa feição pouco sympathica da sua "maneira", a preoccupação de literatura na sua literatura. De parte estes senões, *Dor* deve ser recebido com estima.

Uma collecção de versos antigos já publicados, creio que em 97, e poesias ineditas agora recolhidas, formam o livro *Azas* do mallogrado Eugenio Savard. A leitura deste livro deixa-nos, a mim ao menos deixou, a dolorosa impressão de um poeta natural, expontaneo, bem dotado, morto prematuramente, sem ter podido herdar-nos mais que estas primicias do seu engenho, algumas já sazonadas e formosas, todas promissoras de melhor.

J. Verissimo.

Da Academia Brasileira.

PHILOSOPHANDO...

Si bem me lembra, foi Jouffroy quem o disse:—philosophar é aprender. Philosophemos conseguintemente, e em que pése aos fementidos conselhos da velha escola utilitaria. Nem parece exaggeração o sentenciar que, ao revez do primoroso conceito de Almeida Garrett, não se constitue o mundo o interessante imperio de Sancho Pança. Por toda a parte não mais se encontra, poderosa e exclusiva, a autoridade de el-rei Sancho. Aqui, alli, e "sem attender á parte material e terrena desta vida, com os olhos fitos em suas grandes e abstractas theorias, hirto, secco, duro, inflexivel", apparece a insinuante personalidade de don Quixote.

Mas si aborreço a prepotencia de um, não me quadram as extravagancias do outro cavalleiro da historia do notavel Cervantes.

Todavia caminham os dois cavalleiros, lado a lado, pelo mundo em fóra...

Seja, porem, como for, mister se faz nos preparemos desde logo para as terriveis decepções de nossa vaidade... vaidade de intellectuaes, que imaginam encontrar razão scientifica pelos mais reconditos logares do pensamento, lá mesmo, ao que escreveu de Sacy *où la foi place un mystère.*

Sim ; armas aprestadas contra essas decepções tão a talho de nossa fraqueza ingenita, porque a suprema verdade aqui está, embora sob forma paradoxal :— quanto mais se aprende, tanto mais se avalia que se não sabe.

E, obedecendo aos impulsos dos nossos desejos de philosophar, examinemos sem demora uma questão de longa data debatida, ou—o que vale o mesmo—uma questão conhecida de toda a gente.

Eil-a, desafiando as energias do nosso espirito.

Consideremos uma casa. Imaginemos um relogio.

A idéa do constructor dessa casa e a do fabricante desse relogio, de prompto surgem pelo nosso cerebro—tomando vulto mercê a trama delicadissima dos nossos tecidos nervosos.

Agora, olhemos para aquella estatua... E a idéa do esculptor que a levou a cabo, começa de acudir á imagineção a custa desses mesmos tecidos nervosos.

E é isso natural e logico. Tambem por essa razão de logica e naturalidade, pretendemos chegar ao conhecimento do que se chama autor do systema planetario, ou creador do mundo em que vivemos, toda a vez que contemplamos esse mundo ou esse systema no evoluir extraordinario de existencia eterna, impassivel.

Ah! bem verdade é que julgamos o nosso espirito completamente apparelhado com os poderosos recursos do saber humano, na indagação da causa das causas—tanto essa causa se afigura a grandiosa formadora não só dos esplendores da natureza senão da propria natureza.

No emtanto, é apenas illusão... Porque, preparado com os instrumentos da logica, é o nosso espirito que, sciente e conscientemente, vae aluindo os alicerces do edificio da logica indispensavel á unidade ou harmonia das sciencias, logica inaccessivel ao que significa um primeiro termo absoluto na serie dos factos naturaes. Pois que é illimitada semelhante serie, está fóra de duvida a impossibilidade desse primeiro termo absoluto. Assim não sabe, nem jamais conseguirá saber a mente humana, o que vale a causa das causas, esse primeiro termo absoluto na serie illimitada dos factos naturaes.

E dahi a comprehensão de que se não faz o mundo, como se constroe uma casa, como se fabrica um relogio, como se esculpe uma estatua.

Sim ; dae-nos materia, e o mundo se fará como um producto da evolução, que tudo transforma e modifica tudo.

Dae-nos, porem, o marmore ou o bronze ou substancia outra qualquer, e não será esculpida a estatua sem o artista que a deve executar. Porque, nessa substancia qualquer ou nesse bronze ou nesse marmore, tão só poderá a evolução deixar assignalada a passagem do tempo, e nada mais.

Dae-nos, ainda, os elementos necessarios á fabricação de um relogio, que elle não surgirá pelo simples trabalho mecanico, profundamente inconsciente, desses elementos.

Dae-nos, finalmente, o material preciso para a construcção de uma casa, e essa casa espontaneamente não se edificará ; que ella não se ha de erguer pelo processo mesmo da evolução.

Mas... tempo é de reflexão : — que absurdo palpitante!... Porque, onde a obra se afigura mais complexa e mais difficil, ahi de nada se carece senão das proprias condições da materia.

E falamos da materia—que a principio permaneceu em verdadeira homogeneidade e hoje se revela em estado de ampla heterogeneidade—como um facto plenamente estudado sob todos os seus aspectos...

Que sabe-se da materia?

Que nos diz a physica, em sua mecanica molecular?

Que nos ensina a chimica, através a mecanica de seus atomos?

Em sua mecanica cellular, que é que nos affirma a biologia?

Afinal de contas, que é que se conhece da historia da materia senão que sahiu de um abysmo impenetravel, effectivamente ignorado, e se dirige, evoluindo sempre, para outro abysmo egualmente desconhecido?

Moreira Guimarães.

CANHÕES DE TIRO RAPIDO

EXPERIENCIAS DO BRASIL

JÁ se fazia esperar a ideia de dotar o nosso exercito de mais esse poderoso elemento de defesa, quando fomos surprehendidos com a nomeação para a Commissão, que devia estudar os diversos typos de canhões d'esse genero, que aqui seriam apresentados, em virtude de encommenda feita pelo illustre Marechal Mallet aos principaes fabricantes europeus.

A julgar pelo tempo em que a adopção de canhões de tiro rapido é cousa resolvida em varios paizes, o assumpto é considerado velho, e assim se exprime o General Langlois: «les principaux perfectionnements introduits dans l'armement et caractérisés par l'emploi de la poudre sans fumée, du fusil de petit calibre et du *canon à tir rapide* sont vieux de plusieurs années."...

No caso, nada perdemos sendo dos ultimos, (situação que algumas vezes é perigosa), pois encetamos os nossos estudos quando o assumpto encontrou solução completa, indiscutivel, de parte de varios fabricantes, e temos tido a fortuna de alguns annos de paz, que vão nos permittindo sem grandes abalos, sem grandes *sangrias no thesouro*, irmo-nos preparando para dias mais agitados, que podem surgir a cada instante.

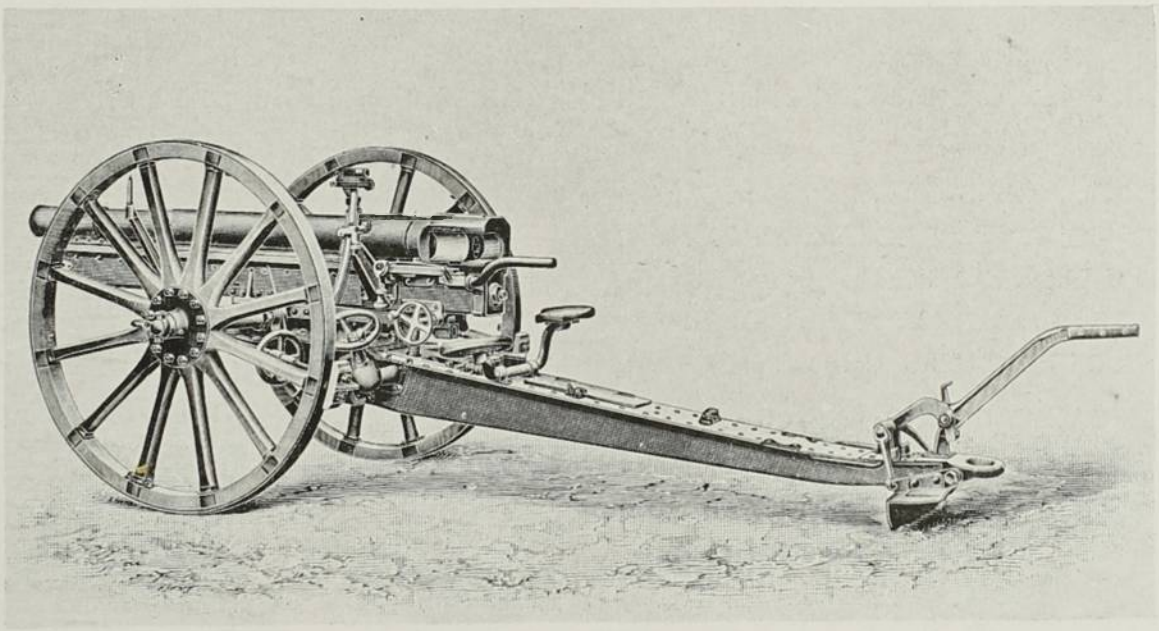
Não é bastante possuir taes elementos, dar ao soldado tudo quanto a technica militar offerece de mais perfeito; pois essa propria virtude póde transformar-se em grave inconveniente nas mãos de um inexperto.

E' preciso, com effeito, tirar da machina thermodynamica que se nos apresenta, o maior rendimento possivel, e como diz Gaston Moch: «si se considera a relação entre o trabalho util por ella produzido e a energia accumulada no combustivel, verificar-se-á que é uma das mais mediocres." Torna-se, pois, necessario conhecel-a e conhecel-a muito bem; por isso, hoje como sempre, ou ainda mais, os campos de tiro e de manobras precisam estar em constante actividade. E' necessario adquirir essas cousas em tempo de se tornarem conhecidas.

Felizmente para este paiz, de tempos, a tempos surgem homens que olham com attenção para as nossas fronteiras.

Houve um momento em que o nosso estado de fraqueza chegou a um limite maximo. D'isso se apercebeu a tempo o grande patriota a quem estavam entregues os destinos d'esta Nação.

Tão grande foi o seu assombro quanto a rapidez de seu agir, quando reconheceu o perigo que nos ameaçava.



KRUPP

Com a previdencia de verdadeiro estadista, o grande brasileiro percebeu que atravessavamos um periodo critico, que era preciso fosse de curta duração.

Por isso todas as suas ordens n'esse sentido si terminavam pela formula cortez de «saudações", eram estas precedidas de uma outra invariavel «tudo urgente."

Data d'ahi tudo quanto possuimos ainda hoje com que possamos defender a nossa terra: um fusil de guerra, ainda agora reputado um dos melhores; o inicio das grandes transformações que se tem operado nas obras de fortificação de nosso porto principal, os poucos elementos aproveitaveis que representam o nosso poder naval; essas boccas de fogo modernas que se ostentam em nossas fortalezas, terminadas

estas pelo esforço de não menos dignos patriotas, e, finalmente, a acquisição dos canhões de Campanha regulamentares em nosso Exercito.

Aquella urgencia tão recommendada fôra o melhor elemento para a acquisição de nosso fusil; pois talvez não o tivessemos obtido, em condições normaes.

Ella, porém, concorreu tambem para a acquisição dos nossos actuaes canhões de campanha que, si possuem qualidades balisticas excellentes, não são os mais apropriados ás nossas circumstancias especiaes, como mostraremos no desenvolvimento d'este nosso despretencioso trabalho.

Transportando para estas linhas detalhes de tudo quanto a industria européa nos tem offerecido, para escolhermos com segurança o nosso futuro canhão de campanha, todos os dados balisticos e outros, quer fornecidos pelas monographias que possuimos, quer determinados em nossas experiencias, queremos interessar os que nos lerem no importante assumpto.

Não é uma indiscripção que commettemos, pois que guardaremos a reserva que nos impõe o que em cada material constitue segredo de fabricação.

Começámos dizendo que já se fazia esperar o estudo e consequente adopção de um canhão de tiro rapido.

Com effeito, não se trata mais de um producto industrial cujas vantagens possam ser postas em duvida; elle é de longa data estudado, e a sua adopção já realisada em grande numero de paizes, está em outros dependendo apenas de experiencias que se ultimam.

Quando por ordem terminante do Governo fazia-mos acquisição dos nossos canhões regulamentares, em Abril de 1894, já o assumpto era largamente estudado, como se poderá verificar entre outras publicações, na Revista do Exercito Belga de Julho de 1891, Janeiro e Maio de 1892, e essa mesma Revista, em seu numero de julho de 1893, dá uma descripção completa de um canhão de 7,5c. sobre reparo de campanha, mandado construir pela Sociedade Nordenfelt de Paris, no importante estabelecimento belga de Cockerill.

Esse canhão dando um rendimento de 192 T. M, quando o então regulamentar na Belgica dava apenas 46 T M, nos indica desde logo o quanto se ganhava em potencia.

Desde então consideravam os artilheiros belgas que o verdadeiro canhão de tiro rapido é aquelle que não se desvia de sua pontaria no acto do tiro, de modo que este possa continuar exigindo apenas simples e rapida correcção que deverá ser feita por meio de apparelhos apropriados, sem que seja necessario deslocar a conteira. Ora, uma tal exigencia só se obtem conseguindo que a peça não recue, ou que, recuando, volte automaticamente á bateria. Desde que nos phenomenos mecanicos não se pode aniquilar a força, como não se deixa aniquilar a materia nos de ordem chimica, impedir o recuo sem procurar absorver essa força por meio de freios, sem disciplinal-a, de modo que não exceda á resistencia desses freios, será reduzir o material a soffrer um trabalho de vibrações, que acabará fatalmente por desarticular as suas partes componentes.

E' o que acontecia com o emprego de *tacos* de madeira solidamente fixados ás rodas do reparo: *sabots d'enrayage* dos francezes.

A este systema succedeu o de freios de *patins*, tão conhecidos por serem empregados nas viaturas civis, accionados por uma alavanca ou por uma pequena roda, que fazendo girar um parafuso, produz a compressão dos patins contra o trilho das rodas.

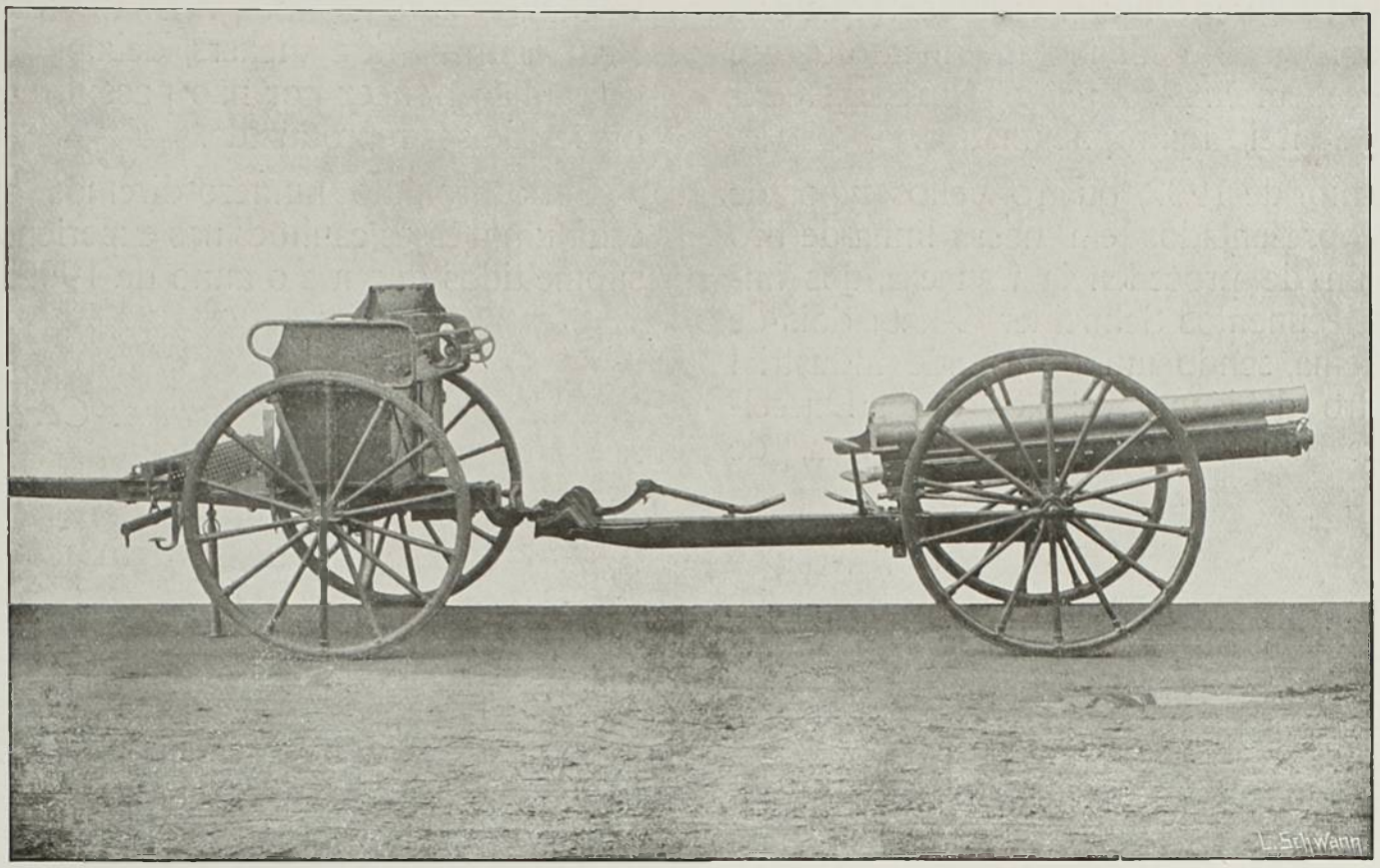
Ainda bastante brusca a acção d'estes freios, tinham elles outros defeitos, entre os quaes podemos citar o de modificar a pontaria no momento de ser apertado e ser necessario desapertal-o para levar o canhão em bateria.

Meios engenhosos foram postos em pratica para fazer agir o patim de modo progressivo, auxiliando o attrito exercido sobre a chapa do trilho das rodas com o desenvolvido sobre o cubo, por meio de uma corda que nelle se enrola á proporção que o canhão recua, fazendo approximar os patins gradativamente até applical-os fortemente contra aquellas chapas.

Estes, porém, entre os quaes é o mais notavel o de Lemoine, apresentam inconvenientes: ser preciso graduar previamente a acção do freio, para que não seja demasiadamente energica, produzindo assim degradações no material; que o attrito da corda não seja augmentado pela interposição de areia ou de terra; que a corda se enrole regularmente, sem haver superposição de voltas; além de trazer uma grande complicação de alavancas, cavilhas, entrósas, etc., tornando o systema pouco pratico para um canhão de campanha.

Vem a proposito citar o freio do canhão de 7,5c. de campanha, construido no importante estabelecimento de J. Cockerill, da Belgica, em 1893. Já ahi vemos o reparo se dividindo em duas partes: uma que recua e outra que fica fixa no acto do tiro, tomando neste ponto de apoio as peças destinadas a oppor uma força antagonica ao systema que recua, composto da bocca de fogo só ou d'esta com seu berço.

Este, no canhão de Cockerill, recúa de cerca de 30c. ao longo das falcas, arrastando comsigo o parafuso de pontaria. Para isso a porca d'esse parafuso, montada em uma taleira, é ligada ao berço por dous braços articulados. Essa taleira recua dentro de duas corrediças fixas á face interna das falcas.



EHRHARDT

Por baixo do berço existe uma cremalheira, que recuando faz girar uma roda dentada em torno de um eixo taleira.

Essa roda girando enrola uma corrente Galle, que distende uma forte mola *à boudin*. Esta é collocada em um cylindro metallico fixado solidamente entre as falcas.

Logo que o berço para em seu movimento de recuo, a mola retoma sua posição de equilibrio, a corrente de Gall se desenrola, a roda gira em sentido opposto, impulsionando assim a cremalheira para a frente e a peça para sua posição de tiro. Não sendo esse freio sufficiente para absorver por si só toda a força do recuo, vão em seu auxilio *tacos* de compressão sobre as rodas e uma pá de conteira.

Esses tacos servem igualmente de freio de marcha, sendo então a compressão sobre as rodas regulada por meio de molas Belleville.

Não se póde negar a habilidade do engenho, mas, não deve ser pratica em campanha essa variedade de peças e de molas, que attingidas por um projectil, deixarão sem duvida de funccionar logo e logo.

Poderiamos descrever outros dispositivos engenhosos empregados para augmentar a rapidez de tiro, tendentes todos a attenuar a acção do recuo, entre outros o do canhão Bange-Piffard, em serviço na Republica do Uruguay, e o de Krupp, adoptado pela Republica Argentina, depois de estudos sobre canhões de Nordenfelt, Canet e Cockerill; mas isso tornaria o nosso trabalho muitissimo longo e, quiçá, mais monotono ainda.

Sirva, pois, essa citação para mostrar o nosso dizer ao iniciar o presente: já se fazia esperar a ideia de dotar o nosso Exercito com um canhão capaz de competir com os seus congeneres, hoje por toda a parte adoptados.

Actualmente a absorpção do recuo é geralmente operada por freios hydraulicos, baseados sobre o escoamento de um liquido por orificios estreitos. Comprehende-se desde logo a necessidade de fazer variar judiciosamente a secção de escoamento, de maneira a tornar a resistencia uniforme, para produzir-se suavemente o recuo da bocca de fogo só ou d'esta com o berço.

Não basta, porém, que a bocca de fogo recue, torna-se necessario que ella volte á posição inicial. D'essa necessidade se originou o recuperador: orgão elastico, que submettido a uma compressão inicial absorve por compressão uma parte da força viva do recuo, durante o funccionamento do freio, restituindo-a em sentido inverso. E' principalmente no modo mais ou menos engenhoso com que tal *desideratum* foi realizado pelos diversos fabricantes, que se impõe a necessidade da maior reserva; pois taes peças só são desmontadas aqui na presença dos membros da Commissão de experiencias.

E', porém, sabido, que os recuperadores são constituidos ou de molas de aço de secções variaveis, sobre as quaes actúa uma parte do systema que recua — o proprio *piston* do freio, um *piston* especial ou um diaphragma posto em movimento pela pressão do liquido do freio, ou então é uma massa de ar comprimido, cuja compressão é augmentada pelo affluxo do

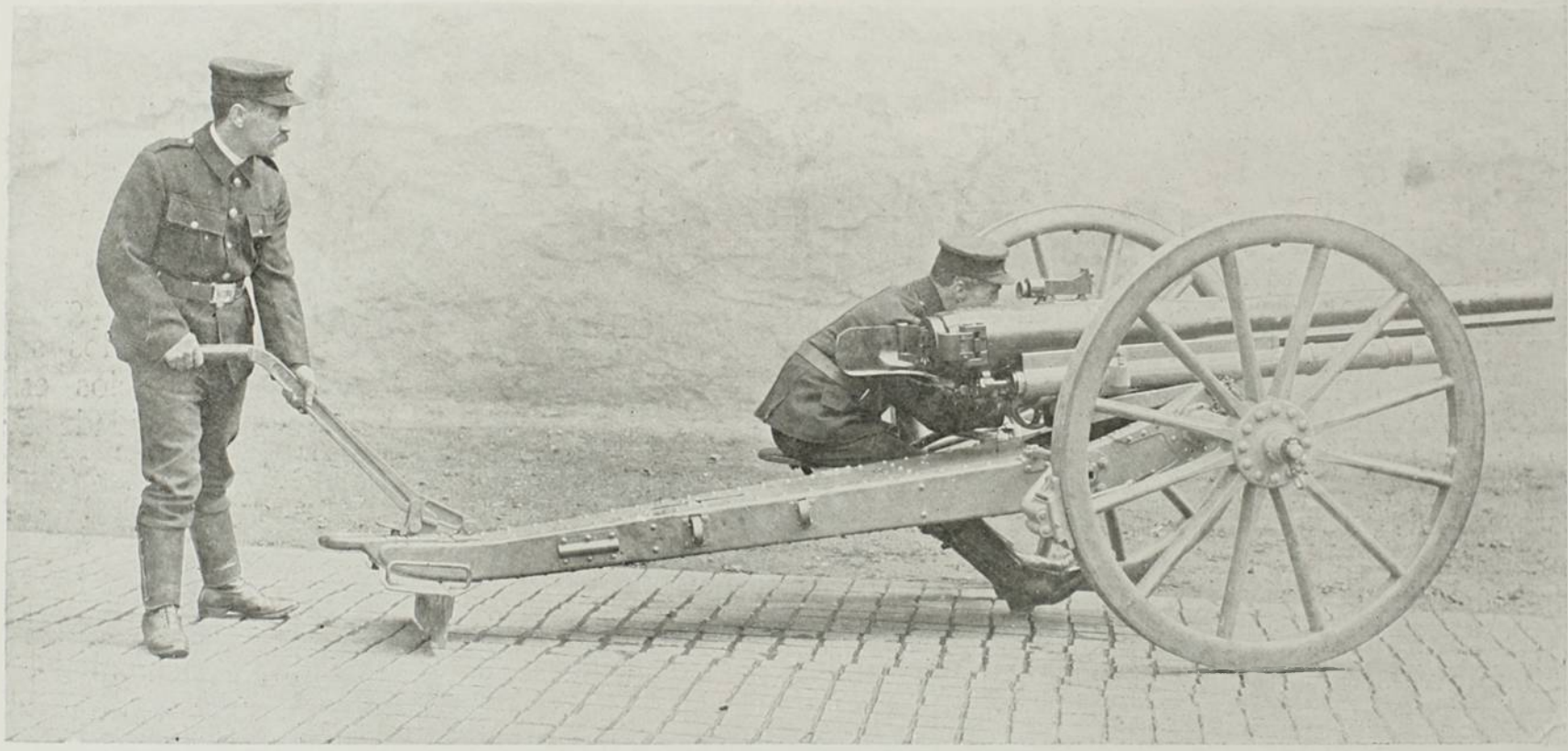
liquido do freio, no proprio recipiente em que está encerrado, actuando sobre elle por intermedio de um diaphragma. Recebem então o freio e seu recuperador a denominação de freio hydropneumatico.

Durante o anno de 1902, quatro bellos typos de canhões foram apresentados em nossa linha de tiro do Realengo: um, de procedencia franceza, dos importantes estabelecimentos Schneider-Canet; dois de procedencia allemã, sendo um do grande industrial de Essen, e outro da já notavel fabrica de Dusseldorf; finalmente um de procedencia ingleza, de Vickers.

Damos aqui a photographia de 3 d'esses canhões, Krupp, Ehrhardt e Vickers, deixando de apresentar a do canhão francez por não possuirmos uma em condições de ser reproduzida.

Em o proximo numero diremos como se portou cada um d'esses canhões nas experiencias a que foram submettidos durante o anno de 1902.

Tenente-Coronel L. Barbedo.



VICKERS



A VASCO ORTIGÃO

OLHA ESTAS VELHAS ARVORES, MAIS BELLAS
DO QUE AS ARVORES MOÇAS, MAIS AMIGAS,
TANTO MAIS BELLAS QUANTO MAIS ANTIGAS,
VENCEDORAS DA IDADE E DAS PROCELLAS...

O HOMEM, A FÉRA E O INSECTO, Á SOMBRA DELLAS
VIVEM, LIVRES DE FOMES E PADIGAS;
E EM SEUS GALHOS ABRIGAM-SE AS CANTIGAS
E OS AMORES DAS AVES TAGARELLAS.

NÃO CHOREMOS, AMIGO, A MOCIDADE!
ENVELHEÇAMOS RINDO! ENVELHEÇAMOS
COMO AS ARVORES FORTES ENVELHECEM

NA GLORIA DA ALEGRIA E DA BONDADE,
AGASALHANDO OS PASSAROS NOS RAMOS,
DANDO SOMBRA E CONSOLO AOS QUE PADECEM!

Olavo Bilac.

Da Academia Brasileira

16 DEZEMBRO 1903



ESTATUA DO EMINENTE JURISCONSULTO TEIXEIRA DE FREITAS

Esculptura de Rodolpho Bernardelli

UMA EXCEPCIONAL ESTREIA LITERARIA

Vitam impendere vero.

JUVENAL.

NÃO ha muito, collaborador assiduo ainda que incompetente d'*O Paiz*, eu deixava de lado os segredos da profissão, as sciencias e a technica da guerra, então a meu cargo naquelle valente orgam de publicidade, para analysar em publico uma arithmetica, uma mecanica e uma hydraulica, livros que vinham enriquecer de muito a nossa felizmente nunca pobre literatura mathematica. E hoje, para inaugurar com a devida solemnidade as paginas brilhantes deste bello tentamen artistico, o *Kósmos*, quero occupar o meu e o espirito dos leitores com um valioso trabalho do mesmo genero, sem duvida alguma, scientificamente falando, uma das mais notaveis producções que nestes ultimos annos têm repontado em nosso meio intellectual.

E' seu autor, não um moço ainda desconhecido e ignorado do publico, que orgulhoso acabe de virar as costas aos bancos academicos, deixando atraz de si, para estimulo aos contemporaneos e exemplo aos vindoiros, um passado repleto de distincções e de louvores, e sim um homem em plena virilidade, o coronel de engenheiros Dr. Roberto Trompowsky, conhecido ha vinte annos já, menos pelo que tenha produzido, pelos seus escriptos, pois se trata agora da sua verdadeira estreia literaria, que pela sua palavra abalisada e competente, sempre ouvida religiosamente pela mocidade que atravessa corajosa as muralhas da Praia Vermelha, a olhar, cheia de fé, a Patria estremecida, a ella dedicando todo o seu esforço, toda a sua actividade.

Eu tambem tive a honra de ser alumno do erudito estreiante de agora. E desde então me acostumei a admirar-lhe mais a modestia excessiva, o receio porventura do apparecimento, que mesmo a sua vasta erudição mathematica, apregoada e defendida, por toda a parte e em todos os recantos, pela mocidade estudiosa daquella valorosa academia militar. Tambem tive occasião de ouvir as bellas licções ao mestre abalisado; mas mui longe estava de suppôr que a sua primeira producção chegasse á consideravel eminencia que me parece ter attingido, a ponto de ficar como que isolada, a olhar, altiva e sobranceira, todos os trabalhos similares de aquém e de além.

Não lhe conhecia bem o merito e o valor scientifico; e d'ahi o infundado da minha supposição.

Verdade é que se não trata de um trabalho essencialmente original, o que em mathematica, mesmo levando em conta a engenhosa e ora florescente geometria euclidiana, de alcance e proveito mais que duvidosos, só me parece possivel, pelo menos com vantagem e successo, no vasto dominio da mecanica applicada; mas nem por isso o livro do abalisado mestre militar deixa de ter notoria importancia, accentuado valimento e mesmo cunho proprio. Porque se trata da segura explanação do que sobre o assumpto traçou em larga synthese a penna magistral de A. Comte; e isso, só por si, constitue certamente a mais franca e decidida gloria que porventura possa aspirar um geometra contemporaneo. Nem podem haver duas opiniões a respeito.

Entendamo-nos.

As antigas exigencias mathematicas eram adquiridas e ministradas de um modo tal, tão baralhadas e confundidas, que só não se tornavam incomprehensiveis ás decididas vocações, aos espiritos naturalmente affeitos a taes cogitações. Dahi o fundo respeito sempre dispensado a todos os geometras.

Com os trabalhos de A. Comte, porém, a questão parece ter mudado inteiramente de physionomia: ninguem que se preze se deve abalançar mais á exploração sincera do vasto campo mathematico, sem tomar por guia e norte a construcção synthetica do grande coordenador, a qual, depois de acertadamente entendida e devidamente explanada, permittirá até ás mediocridades, como nós outros, o exame integral do precioso e até então interdicto edificio, das mais rudimentares questões numericas ás mais delicadas e difficeis concepções mecanicas.

Tudo ahi, nesse trabalho incomparavel, se acha methodicamente combinado, racional e logicamente distribuido, formando um todo unico, semelhante a enorme escada, cujos longos degráos o estudante consciencioso vai então galgar sem difficuldades, alegre e satisfeito, sem o menor empecilho, sem a mais leve contrariedade.

A construcção synthetica de A. Comte deve ser olhada como tendo alcançado um resultado de valor inestimavel: subtrahio á mathematica, por completo, todo o apparato e todas as difficuldades com que ella costumava se apresentar ás indagações dos curiosos: hoje só não entenderá essa sciencia fundamental, quem a tanto não se quizer abalançar.

Para isso, porém, para tão notavel consecução pratica, que talvez admire, que talvez mesmo assombre os espiritos antipathicos á grande sciencia, indispensavel se torna um trabalho preliminar, altamente valioso, muito mais serio que a principio se poderia suppôr: é a segura explanação dos assumptos de que trata a *Synthèse*, trabalho só accessivel ás intelligencias privilegiadas, a homens de larga envergadura e

excepcional valimento, capazes de guiar o estudante com passo firme e seguro ás arcas excusas do sagrado templo.

Sem *cicerone*, não ha devassal-a sufficientemente: porque a obra de A. Comte, escripta quando o philosopho se achava no seu maximo de desenvolvimento e producção, foge por completo ás arremettidas debeis dos calouros mais audazes. E' antes uma obra para mestres. Só estes poderão bem interpretar e conhecer essa *tintura mater*, para depois então, dynamisando-a sufficientemente, entregal-a ás justas eogitações da mocidade.

Nada de exagero neste dito sincero: a *Synthèse*, ás mãos de um estudante, representa o mesmo papel, produz o mesmo resultado que uma luneta meridiana ás vistas nada aguçadas de um gorducho pimpolho de cinco annos.

Primeiro que tudo ella precisa de explanação capaz. E o explanador, quem quer que elle seja, subirá incontinenti de proporções e grandeza, impondo-se logo ao justo conceito dos homens de valor.

No dominio elementar da sciencia, e tambem na sua parte mais elevada, foi tão grande commettimento levado a termo com successo, aqui mesmo no Brasil. Faltava apenas o dominio médio, porventura o mais delicado, attentos os rudimentares recursos de exploração: "aucune autre partie de l'enseignement mathématique ne saurait mériter autant la solicitude rationnelle des professeurs et l'active attention des élèves," já havia dito sabiamente o philosopho citado.

Pois foi justamente essa parte, a geometria, que o illustre docente militar escolheu para o seu apparecimento em publico, para a sua estreia literaria.

Certo não lhe podia ter corrido mais firme a fortuna.

E teria o erudito brasiliense respeitado em toda a linha os pensamentos e as ideias de grande coordenador francez, ou accaso teria fracassado, como tantos outros, alterando e mesmo viciando, aqui ou acolá, os dizeres valiosos ao mestre incomparavel?

Percorramos corajosamente, de archote á dextra e chapéo á mão, todos os escaninhos da grandiosa construcção, e cathegorica e formal será depois a resposta á suggestiva pergunta ora propositalmente formulada.

As questões de numero, de forma e de movimento, pela grande generalidade que comportam, tornam-se fundamentaes a todos os ramos do saber: nada se poderá tentar com vantagem e acerto no dominio da intelligencia, sem o prévio conhecimento de tão interessantes questões. Por isso mesmo a sciencia que lhes diz respeito vai servir de fundamento, de comprehensão a todas as outras.

Isso no ponto de vista didactico. Historicamente facto analogo se observa: as sciencias começaram a se constituir definitivamente, depois que a constituição da mathematica se tornou uma realidade. Antes nunca.

Effectivamente: até o seculo XVI a mathematica e a astronomia hypparchiana eram as unicas sciencias constituidas; surgiu depois a physica, então sciencia da natureza, com o genial Galileu; a chimica no seculo XVIII, com Lavoisier; cem annos depois a biologia. com Bichat; e finalmente a sociologia e a moral, com o fundador do positivismo.

Assim, si no ponto de vista historico foi a mathematica o primeiro ramo de conhecimentos a se constituir scientificamente, no ponto de vista didactico a mesma coisa lhe deve acontecer: é o seguro ponto de partida a todas as cogitações intellectuaes.

Triplice a sua divisão fundamental: *calculo*, *geometria* e *mecanica*: o calculo estabelecendo as leis numericas; a geometria explorando as questões de forma; e a mecanica, emfim, instituindo as leis geraes do movimento.

Deixemos de lado os dominios extremos, e cuidemos exclusivamente do medio, para chegar ao fim que desejamos.

A geometria, dissemos nós, deve se occupar com as questões de forma.

Por dous caminhos bem distinctos pode ella chegar ao fim que se destina: o primeiro, onde se estuda especialmente typo a typo, constitue o methodo dos antigos, ou antes a geometria *especial*; o segundo, onde se estabelecem theorias analyticas geraes, constitue o methodo dos modernos, ou antes a geometria *analytica*.

A superioridade desta sobre aquella é incontestavel: basta ver que a geometria especial, estudando um a um typos em numero infinito, nunca que possa pôr termo ás suas explorações, por mais accentuado que lhe seja o desenvolvimento. Deixando-a completamente á margem, tratemos apenas da geometria analytica.

Duas partes deve ella comprehender: a parte *geral*, onde se instituem racionalmente os fundamentos da sciencia; e a parte *propriamente geometrica*, onde as questões de forma começam então a ser francamente exploradas: aquella comprehende a *concepção fundamental* da sciencia e tambem o seu *preambulo geral*; esta, a parte propriamente geometrica, subdivide-se em duas outras, a geometria *algebrica* e a geometria *transcendente*, conforme suas questões vão ser explanadas á luz do calculo algebrico ou com auxilio do calculo transcendente.

Analysemos successivamente cada uma dessas differentes subdivisões.

A concepção fundamental da geometria analytica reduz-se ao estudo consciencioso e analytico do principio fundamental na sua dupla phase, directa e inversa, quer se trate de curvas planas ou reversas, quer do caso superficial.

Tal estudo exige de um lado a reducção das questões de situação a questões numericas, isto é, a instituição dos differentes systemas de coordenadas, e de outros exercicios apropriados ao conhecimento fiel do principio em questão: aquelles limitam-se a dous apenas, o systema rectilineo ordinario e o polar tambem ordinario; os exercicios devem abranger as curvas e superficies mais conhecidas e importantes.

O preambulo geral comprehende o estudo de tres questões distinctas: a theoria analytica da recta, a theoria analytica do plano e a theoria da transposição de eixos. A primeira, que comprehende dous casos distinctos, conforme a recta no plano ou fóra delle, reduz-se em qualquer desses casos á resolução de tres problemas: o da *passagem*, o da *inclinação* e o da *intersecção*; a segunda abrange questões totalmente semelhantes para o caso plano; e a ultima, a theoria da transposição de eixos, estuda a mudança de *origem*, de *direcção* e de *inclinação* dos eixos coordenados, encarando a questão com duas ou com as tres dimensões geometricas, terminando pela transformação de coordenadas rectilineas em polares e vice-versa.

Passando á parte propriamente geometrica, e deixando de vez a geometria transcendente, que ora foge completamente ás nossas indagações, ao fim que temos em mira, procuremos examinar apenas a parte algebrica.

Comprehende o seu estudo dous dominios bem distinctos: o *subjectivo* e o *objectivo*.

O dominio subjectivo, instituindo propriedades communs a todas as entidades geometricas, estabelece quatro theorias geraes: a do numero de pontos determinantes, a dos centros, a dos diametros e finalmente a da semelhança; o dominio objectivo, estudando comparativamente as formas geometricas, procura antes e acima de tudo agrupal-as acertadamente, para depois então estudal-as com meticuloso cuidado e desenvolvimento.

Difficil para o caso das superficies, quasi impossivel para as curvas planas e absolutamente impraticavel para as linhas de dupla curvatura, o problema das classificações muito deixa ainda a desejar parecendo mesmo assim se conservar para todo o sempre: é apenas esboçado, no estado actual da sciencia.

Em todo o caso do seu acurado estudo resalta logo, entre as curvas chamadas *binomias*, a existencia dos dous grupos naturaes de curvas que se conhecem, o grupo parabolico e o grupo hyperbolico, ao mesmo tempo que se nota a necessidade de estudar aprofundadamente as tres curvas do segundo gráo, precedidas da bellissima discussão geometrica da equação geral do segundo gráo a duas variaveis e seguidas da indispensavel theoria dos focos e das directrizes.

Depois, á luz da genial concepção de Monge, complemento necessario á creação carteziana, estudam-se as quatro principaes familias geometricas, unicas que em parte podem ser explanadas á luz dos restrictos recursos da algebra ordinaria. E terminam-se as indagações objectivas, a exemplo do caso das linhas, com a discussão geometrica da equação do segundo gráo a tres variaveis e conseguintemente com o estudo das superficies do segundo gráo — o ellipsoide, o hyperboloide continuo e descontinuo, e o paraboloide elliptico e hyperbolico.

Tal, em synthese quasi comteana, o suggestivo dominio da geometria algebrica, que o coronel Trompowsky tomou a si explorar no seu notabilissimo livro de estreia.

Examinemol-o cuidadosamente á luz do que ahi fica, afim de ver que o mestre eminente, batalhador sem cotejo nesta terra, conseguiu ferir certeiro o desejado alvo.

Liberato Bittencourt.

A QUESTÃO FEMININA

I

A MULHER, escrava antiga, emancipada pelo regimen catholico-feudal, que lhe elevou um altar, adorando-a sob os traços da Virgem Immaculada, permanece, ha seis seculos, entregue á tormenta revolucionaria que succedeu á decadencia da civilisação medieva.

Em meio desta anarchia tremenda em que o sexo masculino, na sua quasi totalidade, perdeu de todo a fé antiga, é ella ainda que mantem com mais ou menos fidelidade os dogmas caducos, mas uteis e respeitaveis, da ultima das syntheses provisorias.

Dahi um conflicto permanente entre os dous seres cuja harmonia individual e collectiva é indispensavel á existencia physica, intellectual e moral da Humanidade.

Emquanto o homem liberto das crenças catholicas zomba, em nome da sciencia, das ingenuas crenças dos antepassados, a mulher, cujo coração ainda se não intoxicou do materialismo scientifico apregoado pelo egoismo masculino, continúa a acariciar voluptuosamente os santos mysterios da sua fé, aquelles mesmos que foram o encanto das suas mais nobres e mais dignas antecessoras; aquelles mesmos que arroubaram as almas incomparaveis das Heloisa e das Santa Thereza.

Essa desharmonia de crenças que se manifesta socialmente na anarchia reinante das patrias e do Occidente inteiro, repercute no seio da familia. O lar, em vez de ser o paraizo do amor, torna-se o inferno do desespero. O que a mãi adora com respeito, o filho despreza com desdem; o que a esposa venera como a reliquia da sua mais cara devoção, o esposo critíca com o sorriso máo da mais pungente ironia. Seres que deviam ter a mais completa harmonia de sentimentos, de idéas e de actos, para conseguirem a unidade feliz das almas que se amam, apresentam, ao contrario, o mais deploravel contraste, as mais dolorosas opposições de coração, de espirito e de caracter. Si moram sob o mesmo tecto, si os corpos vivem juntos, as almas estão longamente separadas.

Dada esta situação, que ninguem póde conscienciosamente negar, como remedial-a?

Os doutores da metaphysica materialista (quasi sempre doutores que não são doutos), os apostolos da falsa sciencia, remediam-na tentando arrancar das almas femininas esse resto de cultura affectiva que o Catholicismo lhes ministrou; tentam esterilisar o coração da mulher infiltrando-lhe o virus corrosivo de uma sciencia que rebaixa o espirito e atrophia o sentimento; e então pregam que a mulher lhes deve seguir os passos, deve saber o que elles sabem, deve ser o que elles são: doutores, lettrados, jornalistas, scientistas, etc. Não lhes importa o moral; o que lhes importa é o espirito. Que a Mulher concorra com o homem em todas as funcções, que ella seja, não a nossa amorosa companheira, o anjo protector que nos conforta nas dores e nos desfallecimentos, a verdadeira deusa do nosso lar, mas sim a rival, a adversaria do homem na luta pela vida, onde, segundo taes pseudo-pensadores, o fraco deve ser eliminado e o forte deve vencer!

Sendo assim, temos a sociedade ideal, a sociedade do futuro!

Outros, metaphysicos tambem, mas retrogrados, já não pensam assim. A mulher deve ser mais ou menos o que é; não se deve instruir; é um ser inferior; si não é propriamente escrava é uma tutelada do homem.

Este é o forte; deve governal-a e trazel-a sob seu tyrannico dominio.

Que elle só conheça os segredos da sciencia, as maravilhas da arte e da industria, e ella, alheia a tudo isso, lhe sirva apenas de simples instrumento de goso ou quando muito para dar-lhe prole.

Assim, de um lado affirma-se que a mulher é igual ao homem, do outro que lhe é inferior; de um lado, a mulher é a rival do homem, do outro a sua tutelada, ou antes a sua serva. Mas nem uma nem outra dessas opiniões encerra a verdadeira solução do grande problema da actualidade: o problema feminino que, com a questão proletaria, constitue o objecto principal dos esforços de todos os corações animados por um verdadeiro amor social.

A solução do grande problema já é conhecida. O maior dos pensadores, o que resumiu em seu maravilhoso genio a evolução scientifica e religiosa da nossa especie, sob o influxo objectivo e subjectivo de um extraordinario coração feminino, ha meio seculo instituiu-a de modo completo e definitivo.

Esta solução admiravel, inspirada pelo amor e demonstrada pela sciencia, encontrou echo em muitas almas do sexo amante, entre ellas a de uma illustre escriptora ingleza, Sarah Austin, que, não acceitando o conjuncto da obra immensa do Regenerador, sentiu no emtanto que na questão feminina Augusto Comte era o unico que tinha acertado.

«Ainda não tive tempo de ler vosso *Discurso*, escrevia ella ao Pensador, mas já fui attrahida por algumas paginas a respeito do meu sexo. *Sobre este assumpto não ha mais ninguem a não ser vós.* Os outros, ou nos restringem a uma destinação subalterna e material ou nos chamam a uma existencia contraria á nossa natureza. Vós sois o unico que soubestes conciliar dignamente a submissão com o ascendente, a pureza com a ternura». (Aug. Comte. — *Cartas ao Dr. Audiffrent*, 3ª c.)

E' esta solução do magno problema que vamos esboçar rapidamente, honrando-nos por sermos o echo do verbo inspirado do Regenerador, honra que não trocariamos pela da originalidade facil e mediocre dos pretendidos sociologistas modernos, que, na sua maior parte, abusam da ignorancia do publico e procuram illudir-lhe a bôa fé com um aparato de sciencia superficial e arida que fatiga o espirito e entibia o sentimento, propagando a immoralidade e o erro.

Procedemos nesta questão como outro qualquer procederia resolvendo um problema relativo a uma sciencia inferior, por exemplo, a geometria. Si neste caso se tiver de usar da lei angular de Thales para chegar-se ao resultado, ninguem desdenhará da solução arguindo-a de falta de originalidade e dizendo que foi resolvida segundo a opinião do geometra grego.

Assim tambem não se poderá desdenhar da solução do problema feminino por ser dada segundo as leis da sociologia descobertas por Augusto Comte.

Num e noutro caso nos subordinamos livremente á Humanidade que por dous dos seus eminentes orgãos, Thales e Comte, nos revelou leis immutaveis em dous dominios da ordem universal: o geometrico e o social.

Si as convicções sociaes não se acham universalisadas como os theoremas da geometria, isso não quer dizer sinão que a complicação e a modificabilidade dos phenomenos politicos não permitte *sentir* e *pensar* sobre elles uniformemente como sentimos e pensamos sobre os attributos mais simples da materialidade, os quaes tambem foram em tempos remotos objecto de concepções ficticias como são ainda hoje para muitos os do dominio social. Dizemos *sentir* e não simplesmente *pensar*, porque todas as concepções humanas reaes ou ficticias não pódem ser acreditadas sem que sejam antes o objecto da nossa affeição: a fé é a crença que se ama. A demonstração propriamente nem sempre é possivel, mesmo para com as noções fundamentaes indispensaveis ás sciencias mais precisas.

Assim, por exemplo, ninguem póde provar analyticamente, isto é, por simples argumentação, que uma linha movendo-se no espaço parallelamente a si mesma, gera uma superficie. Tal proposição é tão indemonstravel como o dogma da trindade; e si a philosophia moderna regeita o segundo e acceita a primeira é em virtude de considerações que entendem com todo o conjuncto das leis que nos regem, donde resulta uma harmonia que satisfaz ás nossas aspirações affectivas. "O absurdo de uma proposição, diz o eminente pensador brasileiro, Teixeira Mendes, não póde ser apreciado *analyticamente*, em virtude da sua desharmonia com uma certa ordem de considerações. Para pronunciar-se a tal respeito é indispensavel collocar-se no ponto de vista *sintetico*, julgando da compatibilidade ou da incompatibilidade de cada proposição com as grandes concepções que dominam o nosso estado mental." (Teixeira Mendes. — *O culto catholico*, pag. 31.)

Assim não é a pura argumentação entre doutrinas oppostas sobre a questão feminina, que determina o triumpho da solução verdadeira. A intelligencia só por si nada vale sem o coração; antes de convencer é preciso persuadir; só assim se constitue uma theoria verdadeiramente scientifica, capaz de arcar com todos os sophismas do espirito em revolta.

A solução do problema feminino tal como Augusto Comte a estabeleceu toca ao nosso coração e esclarece o nosso espirito, nos convence e nos persuade. E' uma verdadeira solução scientifica, tão certa como a lei dos tres quadrados, apenas menos precisa pelo gráo de complicação dos phenomenos apreciados.

E' profundamente convencido de tal verdade que iniciamos o nosso estudo, ligeiro embora, sobre a magna questão da Mulher, repetindo ainda uma vez o pensamento da escriptora britanica: "Sobre tal questão não ha sinão Augusto Comte".

(A seguir)

Reis Carvalho.

(*Oscar d'Alva*).

Rio, Biehat de 115 / Dezembro de 1903

LIMITES DO BRAZIL E BOLIVIA

A questão de limites entre o Brazil e a Bolivia remonta á metade do seculo XVIII. Nos annos de 1750 e 1777 celebraram a Hespanha e Portugal tratados que os deviam firmar.

Não tendo Portugal jamais reconhecido aquelles tratados a questão continuou de pé. Para por-lhe termo foi celebrado o tratado de La Paz de 1867, que tambem não teve plena execução, por terem surgido duvidas sobre a interpretação de alguns dos seus dizeres, e sobre o traçado da linha divisoria entre o Amazonas e a Bolivia. E como a região que essa linha devia atravessar permaneceu desaproveitada, não houve por muito tempo motivo para que qualquer dos dous paizes interessados a reivindicasse.

O Imperio jamais se mostrou empenhado em resolver as questões de limites que lhe herdara a metropole. Acaso contava que o progresso das populações brazileiras nas regiões limitrophes acabasse por lhe crear maiores direitos a disputal-as por suas. Outra foi a politica da Republica, que, talvez com algum açodamento, ou forçada pelas circumstancias, cuidou logo dessas questões.

O que o Imperio porventura esperava, e que já se havia realisado nas Missões e no Contestado do Amapá, occorreu na região sudoéste do Amazonas. Em busca da borracha, os pioneiros da Amazonia, seringueiros, regatões, commerciantes, aventureiros foram subindo o Purús, que percorreram até ás suas cabeceiras, delle passaram aos seus tributarios, especialmente ao Aquiry ou Acre, riquissimo em syphonia, deste aos sub-affluentes, Riosinho, Xapury, penetrando, sem sciencia nem consciencia do que faziam, sem intenção ou má fé, somente levados do ardor do lucro, dos interesses do seu negocio e da emulação commercial, nas regiões alem da linha obliqua, que todos os mappas quasi sem excepção, — a nosso ver de perfeito accordo com o artigo 2º do tratado de 1867 — traçavam como limite dos dous paizes, desde a formação do Madeira, por 10,º20′ S. á nascente do Javary, ainda hoje differentemente demarcada pelos exploradores de 1874, 1897 e 1901.

Desde 1899, deu-se o inevitavel conflicto entre os brazileiros que subiram aquelles rios e os bolivianos que lhes occupavam os cursos superiores e as cabeceiras, e que, é a nossa opinião, estavam em territorio seu.

Em frente desses conflictos, da grave situação que elles ali creavam, do sentimento publico, que não só na Amazonia mas no Brazil inteiro se pronunciou pelos nossos nacionaes, a questão, até então ali latente, não poude mais continuar em repouso. A grita levantada no Amazonas, e na qual nem tudo seria puro e direito, em favor das pretenções dos brazileiros do Acre, achou éco no paiz. Uma nova, e a nosso ver errada, interpretação do tratado de 67 surgiu, deparando-se-lhe partidarios. A linha da fóz do Beni no Madeira por 10,º20′ S. devia ser uma linha quebrada, cuja primeira recta acompanharia o parallelo 10º20′, até á linha do limite do Perú e dahi seguiria até encontrar as nascentes do Javary. Esta linha satisfazia os interesses dos seringueiros e negociantes da região e os do Estado do Amazonas e lisongeava a ambição nacional de estender até áquelle parallelo o nosso territorio. Não admira que fosse geralmente acceita.

O governo de então, do Sr. Campos Salles, não adoptou, e com toda a razão, este alvitre de ultima hora. Reconheceu a mencionada linha obliqua e sobre esta base tratou, não fazendo aliás sinão continuar a tradição da Chancelaria brazileira que desde 1867, isto é, por mais de 30 annos, vinha declarando boliviana a região ao sul dessa linha. Igual havia sido pouco antes o procedimento do governo do Sr. Prudente de Moraes, cujo ex-ministro do Exterior, o Sr. Carlos de Carvalho, defendeu num luminoso e valente artigo aquella justa comprehensão do tratado de 1867.

Foi nesta conjunctura, quando todo o mundo no Brazil reclamava o Acre inteiro como brazileiro, animava e applaudia os revoltosos que ali já se haviam constituido em estado independente, ia até a aconselhar a guerra á Bolivia, uma guerra de conquista que lhe arrebatasse aquella região, que aqui chegou o Sr. Barão do Rio Branco, para assumir o cargo de Ministro das Relações Exteriores.

A sua situação era extremamente difficil. Não era, não podia ser, um vulgar secretario daquella pasta. Sobre ser um dos homens publicos mais justamente estimados do Brazil, de mais solida, e bem merecida reputação, como diplomata e sabedor das cousas da nossa historia e geographia e das nossas questões internacionaes, e de um patriota *sans peur et sans*

GRUPO DOS NEGOCIADORES DO TRATADO DE PETROPOLIS COM OS SEUS AUXILIARES



1 — Senador Fernando Guachalla, ministro da Bolivia em missão especial.
2 — Ernesto Ferreira.
3 — Contra-almirante José Candido Guillobel.
4 — Dr J. F. de Assis Brasil.
5 — Dr. Claudio Pinilla, ministro das Relações Exteriores da Bolivia.
6 — Zacharias de Góes.
7 — Barão do Rio Branco.
8 — Domicio da Gama.
9 — Campos Paradeda.
10 — Pecegueiro do Amaral.
11 — Paula Fonseca.
12 — Emilio Fernandes.

reproche, elle tinha opiniões sobre o assumpto, escriptas e gravadas nos seus trabalhos geographicos. Essas opiniões não eram, quanto ao Acre, precisamente as da immensa maioria dos que lhe faziam aqui uma recepção triumphal. Acresce mais que elle encontrava a questão pessimamente collocada para uma solução que satisfizesse a vontade declarada de toda a nação de ficar com o Acre. Continuando o governo imperial, os governos republicanos tinham formalmente e por actos reconhecido a soberania da Bolivia no territorio que se queria agora disputar-lhe.

Nesta situação tres alvitres se apresentavam á acção do ministro: a guerra, que havia loucos por desejar; o arbitramento ou negociações que, mediante reciprocas concessões, conseguissem finalmente obter para o Brazil o territorio de que este fazia, cumpre não esquecel-o, absolutamente questão. Afastada por insensata a primeira, restavam o arbitramento ou as negociações. Ora o arbitramento não podia convir, pois não resolvia a questão que era conservar para o Brazil uma região occupada por mais de 60 mil brazileiros, região que não podia haver duvida seria pelo arbitro adjudicada á Bolivia, taes e tantos eram os seus titulos á posse della. Restava tratar, e foi o que fez o Sr. Rio Branco, com pleno successo, dado o estado da questão e as exigencias da Bolivia, que certissima de que o Brazil fazia absolutamente questão do Acre, jogou habilmente com este sentimento nosso.

O resultado dessas difficeis negociações, que á nossa soffreguidão meridional pareceram, sem razão, demoradas, é o tratado de 17 de novembro ultimo, assignado em Petropolis, entre os Srs. Rio Branco e Assis Brazil pelo Brazil, e Pinilla e Guachalla, pela Bolivia, e ora em discussão no nosso Congresso, depois de haver sido approvado no da Bolivia. Pelo novo tratado serão os seguintes os limites com a Bolivia:

Partirá a linha, ao sul, do rio Paraguay na latitude de 20º e quasi 9', como no tratado de 1867, ficando porém a Bahia Negra pertencendo á Bolivia. Da extremidade noroéste da Bahia Negra seguirá uma recta á lagôa de Caceres, a 19º S., que fica toda pertencendo á Bolivia. Da lagôa de Caceres, continúa a linha, tambem recta, até á lagôa Mandioré, que divide entre o Brazil e a Bolivia, ficando esta com um trecho de terra firme na margem meridional da lagôa. Saindo pelo extremidade norte dessa lagôa vae a linha recta cortar primeiro a de Gahyba depois a de Uberaba, de modo que fiquem ao Brazil as terras altas das Pedras de Amolar e de Insúa. Do extremo norte da lagôa Uberaba a fronteira segue em linha recta ao extremo sul da Corixa Grande, salvando as povoações brazileiras e bolivianas, que ficarão respectivamente do lado do Brazil ou da Bolivia; do extremo sul da Corixa Grande irá em linhas rectas ao Morro da Boa Vista e aos Quatro Irmãos; destes, tambem em linha recta até ás nascentes do Rio Verde; baixará por este rio até a sua confluencia com o Guaporé e pelo meio deste e do Mamoré até o Beni.

O tratado de Petropolis, neste ponto das fronteiras de oéste, não é sinão o desenvolvimento natural do tratado de 1867, e frequentemente apenas a repetição delle, e a realização do pensamento de estadistas dos mais esclarecidos e de publicistas dos mais allumiados do Imperio, como o Marquez de S. Vicente e Tavares Bastos. E é ao mesmo tempo um glorioso exemplo de um novo espirito de intelligente generosidade nas relações internacionaes americanas, que rompe com a estreita, atrazada e irracional tradição de chinezismo dessas relações na America do Sul. Damos á Bolivia duas saidas para o Atlantico, de ambas as quaes devem forçosamenre resultar notaveis vantagens para nós.

Da confluencia do Beni desce a linha pelo Madeira até a fóz do Abuná, e sobe por este rio até o parallelo 10º20'; dahi, por esse paralello, até o rio Rapirran e por este subirá até á sua nascente principal. Pelo parallelo desta irá encontrar o rio Iquiry, subindo por este até a sua origem, donde seguirá até o igarapé Bahia, de cuja nascente, descendo-o até a sua confluencia no Acre, subirá por este á sua nascente até o parallelo 11º e depois por esse parallelo até a fronteira do Perú.

Entre o Madeira e o Abuná, formando um triangulo que tem por base a antiga obliqua da nascente do Madeira á do Javary, cedeu o Brazil á Bolivia um territorio de 2,296 kilometros quadrados, sendo o ganho territorial do Brazil nella de 191,000. Quer dizer que alem do que reclamavam os nossos mais acesos patriotas, a nosso ver sem razão, isto é o territorio ao norte do parallelo 10º20', o tratado de Petropolis adquiriu para o Brazil a maxima parte do territorio entre esse parallelo e o 11º. E esse vasto territorio é maior que o de qualquer dos nossos Estados de medio tamanho, Pernambuco, Ceará, Parahyba, Santa Catharina, Rio de Janeiro, maior que os dos quatro Estados de Alagoas, Rio Grande do Norte, Espirito Santo e Sergipe sommados, e a mais rica região de borracha do mundo.

Teve o Brazil, porem, de fazer algumas pequenas cessões territoriaes inevitaveis. Já vimos a do triangulo Abuná-Madeira. Na região limitrophe de Matto-Grosso diversos trechos de terra, em geral alagadiça, á beira das lagôas e a Bahia Negra importaram em 868,16 kilometros quadrados, que com os daquelle triangulo elevam a cessão de terras brazileiras a pouco mais de 3.164 kilometros quadrados.

Obrigou-se tambem o Brazil a pagar a indemnização de 2 milhões esterlinos e a construir a estrada de ferro do Madeira ao Mamoré, para salvar as cachoeiras que nesse trecho impedem a navegação, estrada desde muito reconhecida de enorme vantagem não só para a Bolivia mas talvez principalmente para o Brazil.

V.



DR. EDUARDO LISBÔA
Ministro do Brazil em La Paz.

MAPPA mostrando a nova fronteira Norte entre o Brasil e a Bolivia

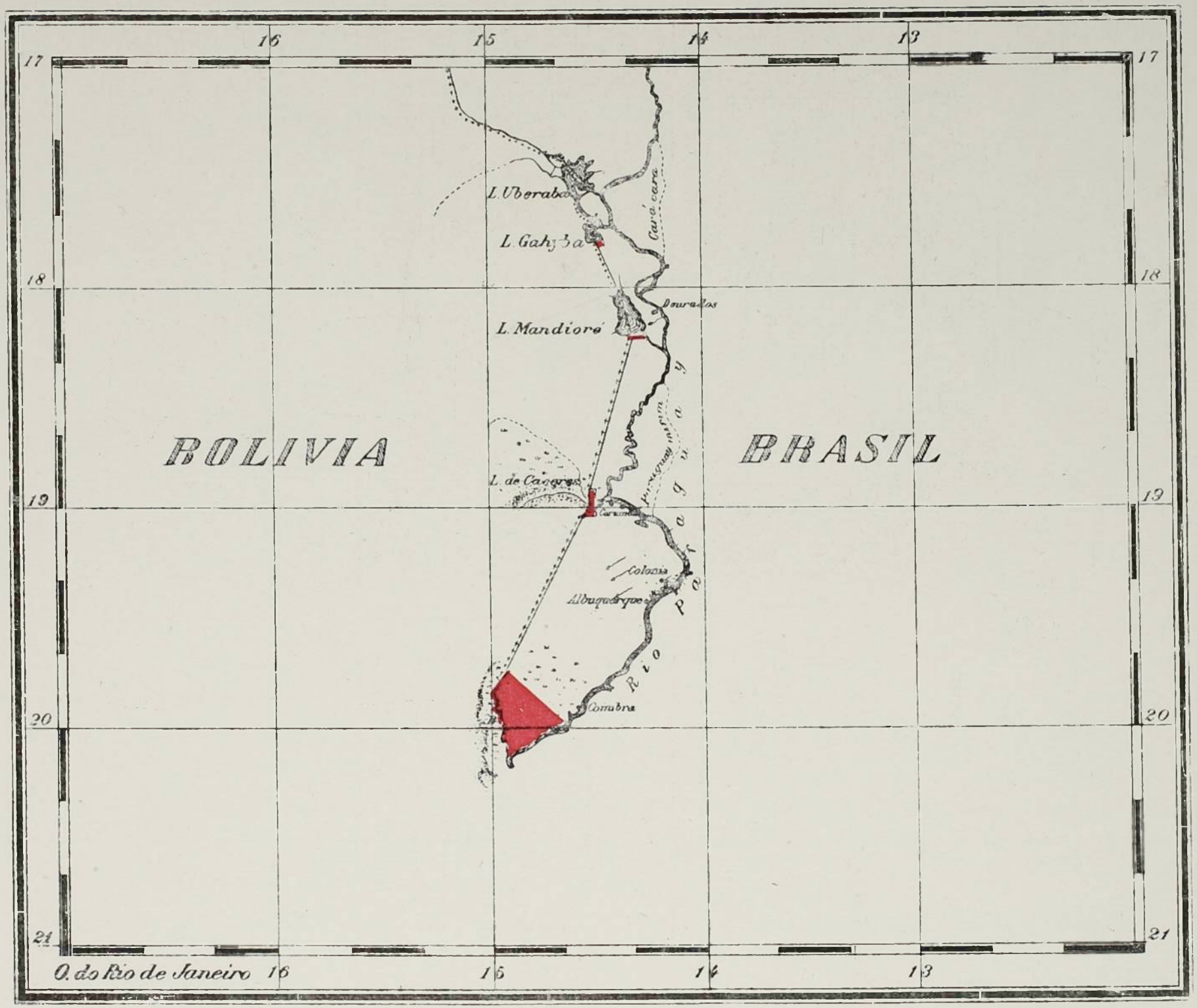
CONVENÇÕES

- *Territorio ao Norte do parallelo de 10° 20'*
- *Territorio ao Sul do parallelo de 10° 20'*

} *cedidos ao Brasil*

- *Territorio cedido á Bolivia*

PARTE DA FRONTEIRA DO BRASIL COM A BOLIVIA EM MATTO GROSSO



Os quatro pontos vermelhos indicam os territorios de Matto Grosso, transferidos á Bolivia

LES VOIX INTÉRIEURES



(XXXI)

LA TOMBE DIT À LA ROSE :
DES PLEURS DONT L'AUBE T'ARROSE
QUE FAIS-TU, FLEUR DES AMOURS ?
LA ROSE DIT À LA TOMBE :
QUE FAIS-TU DE CE QUI TOMBE
DANS TON GOUFFRE OUVERT TOUJOURS ?

LA ROSE DIT : — TOMBEAU SOMBRE,
DE CES PLEURS JE FAIS DANS L'OMBRE
UN PARFUM D'AMBRE ET DE MIEL.
LA TOMBE DIT : — FLEUR PLAINTIVE,
DE CHAQUE ÂME QUI M'ARRIVE
JE FAIS UN ANGE DU CIEL.

Victor Hugo.

MUSICA DO MAESTRO

Francisco Braga

(fac-simile)

Andantino

Chant

La tom-be dit à la ro — se — Des pleurs dont l'aube t'ar-ro — se

Andantino

Piano.

Dim.

Que fais-tu, fleur des a-mours?

La ro — se

Dim.

Ped *

dit à la tom-be. — Que fais-tu de ce qui tom-be Dans ton gouffre ou-vert tou-

Ped * Ped *

jours. a tempo

Dolce

La ro — se dit — Tombeau

Ped * Ped * Ped. * Ped.

très doux

Sorri-bre, De ces fleurs je fais dans l'om-bre Un par-fum d'ambre et de miel.

La tom-be dit — Fleur plain-ti-ve, De chaque â-me qui m'ar-

ri-ve Je fais un an-ge du ciel

cresc

rit.

dim

Instituto Profissional Villa-Izabel

Maio 1902

Francisco Braga



TYP. J. SCHMIDT

TRI-CHROMIA
(Impressão a 3 côres)
KÓSMOS

NERO NO AMPHITHEATRO

IMPRESSO COM AS TINTAS DE NATHAN FORNECIDAS POR AUGUSTO NIKLAUS & C.
R. QUITANDA 54 – RIO DE JANEIRO.

11 e 20

... O criado que nos servia o jantar, acabava de tirar os ultimos pratos. Poz ao centro da mesa um grande jarro cheio de flores e desappareceu discretamente. Cada um de nós tinha perto de si uma chicara de café fumegante. Fazia frio. Lá fóra, a chuva cahia em jorros. Pensámos um momento em sahir dalli e ir para a sala de visitas ou para o meu gabinete. O Alberto protestou:

—Para que?! Vamos ficar aqui mesmo. E' uma viagem inutil.

Estavamos tão bem, que eu só repliquei pelo vago desejo de o contrariar, de, pelo menos, dizer qualquer cousa:

—Não me parece que a viagem fosse muito longa; acredito que se gastaria mais tempo em ir ao polo norte...

O Alberto não respondeu logo. Cortou vagarosamente a ponta do charuto, accendeu-o e soltou um primeiro novêllo de fumo...

A conversa tinha sido animada durante todo o jantar. Falláramos de tudo: de amor, de literatura, de philosophia e, por fim, de musica. Uma narrativa do Lino nos atirára a um vago estado de tristeza e scisma, de que tinhamos difficuldade de sahir.

Áfinal, o Alberto attendeu á minha objecção:

—Por pequeno que seja o prazer junto do qual nós estamos, é sempre loucura afastarmo-nos delle um passo, uma pollegada, um centimetro!

E tinha na voz, dizendo isto, uma amargura profunda e desanimada. Mas o Lino atalhou:

—De nós tres és tu precisamente o menos apto para nos dar tal conselho: tu, que tens passado por séca e méca, corrido os cinco continentes, viajado todos os mares, que não te aquietas, não te accommodas em parte alguma... Andas de antipoda a antipoda e prégas a immobilidade para ir de uma sala a outra!

—Tens razão... Menos, porem, do que podes acreditar. Eu creio que ha nisto uma maldição. Sinto, vejo, comprehendo melhor do que ninguem a vantagem de ficar tranquillo. Quando, todavia, estou mais persuadido de todas as excellentes razões para não sahir de onde me encontro, acho-me, sem saber porque, com um bilhete de viagem para a Europa ou para a Asia, a bordo de qualquer navio. Devo ser da linhagem do Judeu Errante.

—Pois olha, murmurei eu, nem sabes como te invejo! Em primeiro logar, ha de certo uma grande delicia em correr o mundo, vêr céus, vêr terras, vêr povos extranhos. Depois, ser-me-ia, sobretudo, um prazer, a bordo, aqui e acolá, ter uns meigos e fugitivos amores, apenas começados e immediatamente acabados. Restaria delles a mim e ás minhas mal conhecidas amantes uma saudade profunda e suavissima. Saberia dominar tudo quanto tenho de baixo e grosseiro: apparecer-lhes-ia como um homem superior, desinteressado e nobre. Ficaria na memoria d'ellas, como a recordação de uma aventura fugaz e divina. A todas as horas imaginaria sempre que num canto remoto da terra, fosse onde fosse, em Paris ou na China, em Londres ou na Australia, haveria uma mulher pensando em mim.—E teria tambem amigos, feitos rapidamente no tombadilho dos navios. no encontro de cidades longinquas. A uns eu me faria passar por uma alma torturada e melancolica; a outros como um typo de energia; a outros afinal daria a inveja que a todos inspira a figura romanesca de D. Juan. E cada um me faria as suas confidencias. No silencio do meu quarto, no aconchego tépido desta sala, em qualquer parte onde eu me sentisse desamparado e só, tiraria da minha memoria, ora a evocação desse harem, ora o romance de todas essas almas amigas, que me tivessem confiado, como a um confessor leigo, o segredo de suas vidas... A cada um eu contaria tambem, como si tivesse occorrido commigo, um facto perfeitamente analogo, para que, quando pensassem nas suas aventuras, fossem tambem um pouco forçados a pensar em mim.

O Alberto tinha sahido de junto da meza. Sentára-se num pequeno sofá, cruzára as pernas e emquanto, com um gesto do dedo minimo fazia cahir a cinza do charuto, tinha nos olhos e nos labios uma expressão levemente ironica. Mal eu acabára, elle fallou. Fallou com uma voz abafada e lenta, articulando mollemente as syllabas:

—E que prazer tirarias d'ahi? Terias, sommadas ás tuas, as amarguras de todos esses desgraçados. Cuidas então que não tive taes amores? taes amizades? Menti a todos elles. Hoje, quando evoco essas figuras passageiras, não posso deixar de pensar que ellas tambem me illudiram. Das mulheres que se me afiguraram mais candidas, penso nas torpezas, nas miserias, nas traições. Era o que certamente havia sob essas mascaras tão vís ou mais vís ainda que a minha. Ha boccas divinas, que eu beijei nos arroubos mais sublimes do amor e cujos beijos me fazem hoje um asco profundo. Quereria saber bem, não haver mais nos meus labios uma só das cellulas maculadas com esse contacto. Quereria cauterisa-los a ferro em braza, si a ferro em braza me fosse tambem possivel queimar no cerebro o ponto exacto onde está a memoria implacavel desses minutos de um goso miserrimo, tão caramente compensado! E os amigos? Tive-os, tenho-os ainda... Confidencias? Eu as recebi em toda parte. Ao vêr a leviandade com que alguns me abriam os corações, eu sentia nelles a soffreguidão de repartirem com outros o peso doloroso da sua alma! O que cada um nos conta de preferencia são as suas dôres, as suas angustias, os seus supplicios... Dizem que é amizade, e é egoísmo. Querem Cyreneus para as suas cruzes!

Nós estavamos habituados aos paradoxos pessimistas do Alberto. Seria por isso que ninguem se deu ao trabalho de contesta-lo? Seria antes porque achassemos alguma cousa de justo sob a apparente extravagancia dos seus exaggeros? O certo é que nos detivemos calados. Foi elle mesmo que retomou a palavra:

—Na ultima viagem que eu fiz de Liverpool aos Estados-Unidos, tive um companheiro, de quem, no primeiro dia, julguei poder fazer um excellente amigo. Era um bello homem. Tinha cerca de 40 annos. Typo inglez, louro, alto, forte, olhos de um azul escuro no qual havia certa expressão de serenidade grave, todo elle inspirava uma sympathia profunda. Elegante, sem maneirismo nem affectação, fazia gosto admiral-o.

Creio que cada um de nós teve o mesmo movimento de sympathia pelo outro. Quando nos vimos no mesmo camarote e soubemos que teriamos de fazer juntos a mesma travessia, foi elle quem tomou a iniciativa de se me apresentar. Fiz o mesmo. Uma hora depois, passeavamos juntos no tombadilho. Como o inglez que eu fallava não fosse um primor de correcção, passámos a conversar em francez.

Era deveras deliciosa a sua palestra erudita e fina. Rico, tinha viajado bastante, emquanto moço. Fôra depois

viver, casado e feliz, na sua terra natal : a Escossia. «Ha tres annos, porém, disse-me elle, desde que perdi um amigo querido, cahi num tal estado de espirito que não posso definir. E' agora sómente, por uma necessidade ineluctavel, que sou forçado a ir aos Estados-Unidos, onde me demorarei, no maximo, oito dias. Só a presença da minha Kate pode dar-me um pouco da tranquillidade de espirito de que preciso.»

Effectivamente, a nota predominante da sua physionomia era a tristeza. Fallou-me da filha apaixonadamente. A pequenina tinha então sete annos. O retrato que elle me fez vêr mostrou-m'a como uma criança lindissima.

—«Será hoje, disse então, a primeira noite em que terei de dormir sem ter na minha a sua mãosinha !»

O modo pelo qual elle disse essa phrase, pareceu-me extranho. Extranho, ou pelo menos exaggerado. Continuámos a conversar. O vapor era de excellente marcha. A' tarde, haviamos perdido a terra de vista. Ficámos juntos á hora das refeições, juntos estivemos desde a manhan até as 10 da noite.

—Que cacetes !—exclamou o Lino.

—Creio que não...—volveu o Alberto. Supponho que nos encantámos reciprocamente. Ambos tinhamos vivido muito, corrido céus e terras diversos ; mas parece que nenhum havia encontrado ainda o companheiro ideal, o amigo perfeito, a alma gemea da sua : e cada um de nós julgou reconhecer tudo isso, subitamente, no outro.

O vapor vinha cheio ; mas naquelle primeiro dia o tombadilho não estava muito frequentado. Passageiros pouco habituados, deixavam-se ficar embaixo, enjoados. A's vezes, os que tinham vindo para cima, sacudidos por um grande mal-estar, approximavam-se de repente da amurada, tomados de vomitos incoerciveis... Outros ficavam-se sentados, com os olhos rasos de pranto, pensando ainda nos que acabavam de deixar... Grupos de crianças punham um pouco de animação naquillo, correndo, perseguindo-se uns aos outros. A's vezes quando o vapor dava guinadas mais fortes, alguns cahiam e os demais em grande alarido, zombavam da sua queda. Havia, entretanto, viajantes que estavam bem á vontade, alegres, uns passeando, outros lendo, outros jogando. Uma mulher morena, uma bella mulher, alta, elegante, cheia de corpo, com uns grandes e radiantes olhos negros, de uma formosura explendida, passou todo o dia sentada em uma *chaise longue*, immovel, fitando o mar, fitando-o com olhos absortos de quem, continuando uma intima scisma, olha sem vêr... Fomos os unicos que estivemos todo o tempo no tombadilho : a bella passageira e nós. A's dez horas, quando iamos descer ouvimos o commandante que viéra conversar com ella, dizer-lhe que estava satisfeitissimo com a viagem :

—Estamos, graças a uma brisa de pôpa, andando á razão de 20 milhas por hora.

Ella respondeu com um simples sorriso de cortezia, indicando bem claramente que não queria continuar a conversa. Elle insistiu:

—Assim terá o prazer de uma viagem extremamente rapida.

Ella fez um gesto de profundo desprendimento e disse apenas :

—Oh ! Para mim, é o mesmo...

E, parecia indicar que para ella o tempo já não tinha valor... Que fosse um dia ou fosse um anno, corresse o vapor como uma setta, ou vogasse no mar eternamente, como um desses navios phantasmas das lendas mysteriosas, tudo lhe era soberanamente indifferente !

Que segredo haveria naquella alma de mulher ? Foi de tal modo triste, de tal modo desalentada a inflexão de sua voz, que eu desci com um frio no coração... O dia passára para mim, ao contrario do que é habitual, sem uma sombra de tristeza ; bastaram todavia aquellas palavras tão banaes pelo significado, mas tão amargas pela expressão, para fazerem refluir-me ao espirito, toda a amargura do meu pessimismo.

Não disse mais uma só palavra—sinão, ao deitar-me, um simples—*Boa-Noite*—ao meu companheiro de quarto. Dos nossos dois beliches, superpostos, o d'elle era o de cima.

D'ahi a pouco, eu estava dormindo, um somno pesado.

Acordei de subito. Um pesadello horrivel me torturava. Via-me em uma revolução. Tinham armado na rua uma barricada, com grandes pedras. Contra as forças do Governo, eu me batia com um denodo heroico. Houve um momento em que tive a temeridade de escalar a barricada, trepar-me ao alto e de lá, em pé, pôr a arma á cara com toda a serenidade, e visar um inimigo. Nisto, uma pedra rolou a meus pés e eu cahi—cahi para o lado dos adversarios. Rapido, um d'elles adiantou-se, tomou-me uma das mãos e começou a arrastar-me pela rua, correndo. Era uma corrida vertiginosa. Meu corpo, inteiramente chagado, doia horrivelmente. Nas feridas, abertas em carne viva, a terra das ruas entrava, augmentando a tortura... A cabeça, minha pobre cabeça, era, sobretudo, o que me fazia soffrer ; ouvia-a, sentia-a bater, de choque em choque nos angulos das pedras, e cada vez uma dor finissima, terebrante, varava-me o cerebro como um estylete agudissimo... O soldado que me levava, prendia-me apenas pela mão, a larga mão ossuda e forte que apertava a minha... Foi nessa occasião, quando já tinha percorrido um extenso trecho, deixando como vestigio, pelo caminho, laivos do meu sangue, que eu despertei.

Despertei e senti que o que me acordára tinha sido a mão do meu companheiro de viagem, que apertava a minha desesperadamente. No primeiro instante, custei a comprehender a situação. Estremunhado, com a lembrança nitida do pesadello, no escuro do camarote, sentindo uma intensa dôr de cabeça, não percebi o que queria dizer aquelle homem, junto de mim, segurando tão fortemente a minha mão.

Da sua voz, eu guardo ainda nos ouvidos o tom de angustia e de terror...

Elle me dizia :

—Desculpe-me : eu sei que o incommódo muito... Eu estou doido... Mas não largue a minha mão... Não largue...

Este pedido que eu não lhe largasse a mão, voltava insistentemente, com um desespero incrivel. De facto, porem, era elle que segurava, que se agarrava a mim com uma furia incrivel, quasi esmagando meus dedos...

Procurei acalmal-o. Tive por algum tempo a convicção de que era realmente um accesso de loucura.

Disse umas vagas phrases de consôlo ; pedi-lhe que se deitasse. Elle não me attendia :

—Ainda não... ainda não... não largue minha mão... d'aqui a pouco... d'aqui a pouco...

Apezar da lucta, apezar do esforço, eu sentia que essa mão tão crispada á minha estava gelada. Era um frio intenso que me penetrava as carnes, que me subia pelo braço... O desgraçado arquejava...

—Sente alguma cousa ?—perguntei eu.

—Não... Não imagina... E' horrivel... Não largue minha mão...

Isto durou pouco mais de meia hora. Depois eu senti-o aquietar-se. Deu um grande suspiro de quietação e allivio, tirou a mão da minha, saltou rapidamente para o seu beliche e disse-me : *Merci !*

Na cama, eu senti-o, entretanto, que chorava, chorava mordendo os travesseiros, abafando os soluços para que eu os não ouvisse.

Foi-me impossivel dormir.

A trepidação rythmica da machina, batendo cadenciada, parecia o largo pulsar de uma respiração que arqueja... Fóra, havia um batido de aguas carinhoso, quasi rente á escotilha do nosso camarote, lambendo de manso a quilha do navio.

A cabeça doia-me horrivelmente.

A's vezes, por momentos fugacissimos, as palpebras se me cerravam, n'uma vaga modorra e, ao despertar eu ficava em duvida si effectivamente alguma cousa succedera ou apenas tinha sido um sonho.

Mas, a confirmar-me da realidade dos factos, eu sentia o chôro do meu companheiro, um chôro contínuo e magoado, mas tão fraco, tão baixinho que o rumor do mar, mal o deixava ouvir.

Seria realmente um louco ?

A razão de tudo aquillo, só no dia seguinte o vim a perceber.

Fui eu quem primeiro sahiu do camarote.

Quando, uma hora depois, passeava no tombadilho, Jorge—o meu companheiro se chamava Jorge Sidney—subiu e veio saudar-me.

Estava pallido, com olheiras roxas, a face tão desfeita, como si houvesse envelhecido de muitos annos.

Não trocámos, no primeiro instante, sinão um cumprimento banal ; nenhum de nós dois alludiu aos factos da noite. Não achamos, porem, meio algum de encetar conversa : evidentemente a lembrança d'aquelles extranhos successos nos obsedava.

Afinal, como tivessemos chegado ao ponto mais deserto do tombadilho, bem no extremo da pôpa, Jorge me deteve:

—O senhor ha de considerar-me um louco—disse elle.

Eu fiz um vago gesto de negação. Elle continuou :

—Não me interrompa. Talvez, si o fizesse, me faltasse força para ir até o fim. Conhecemo-nos apenas ha um dia, mas eu julgo tel-o reconhecido como um homem de honra, a quem se póde confiar um segredo. E' o segredo horrivel da minha vida, que não ha por todo o mundo uma só pessoa que conheça, o que lhe vou narrar.

Debruçámo-nos ambos á amurada.

O bater da helice deixava um rasto branco de espuma, assignalando a esteira do navio. Não havia na superficie do oceano o vestigio de uma vela qualquer. Ceu e mar : nada mais...

O sol punha faiscações de ouro no ondular das aguas, agitadas levemente. No azul, um azul muito claro, não existia sinão um leve farrapo de nuvem, um cumulus de algodão alvissimo, que vogava lentamente, subindo de um ponto remoto do horizonte para o calmo zenith luminoso...

E elle me contou o drama da sua existencia—drama occorrido em uma noite, rapido e terrivel.

Estava hospedado na sua casa de campo, na Escossia, um dos seus amigos, Nathaniel Break. Era um industrial riquissimo. Tinha ficado alli, por alguns dias, caminho de Londres, onde ia effectuar uma transacção avultada. Vendera para isso uma das suas fabricas, cuja importancia, que montava a 25.000 libras, trazia ainda comsigo.

Na vespera da sua partida foram fazer um passeio ; elle ia ver uma fabrica que ficava a curta distancia.

Em certo momento, como parassem á margem de um rio que corria perto da casa de Jorge, Nathaniel lembrou-se de colher uma flor aquatica lindissima, que brotara n'um pequenino remanso do rio,—rio, que então avolumado pelas cheias, passava torrencial, bramindo, espumando. A dois passos havia uma cascata. Ouvia-se-lhe o fragor. Mas, n'aquelle humilde recanto, protegida por grossas pedras limosas, tinha podido conservar-se a delicada flor, cujo caule finissimo emergia da agua. A corolla azul, com o centro de um leve côr de rosa desmaiado, oscillava docemente. Nathaniel quiz apanhal-a. O amigo advertiu-o do perigo. Elle insistiu. «Deita-te de bruços na margem e dá-me a tua mão». Jorge obedeceu. O outro desceu, quebrou o talo da flor, metteu-a entre os dentes—tudo isto com a mão esquerda, a direita fortemente agarrada á de Jorge.

Quando quiz subir e teve de dar um forte impulso para içar o corpo, as pedras rolaram sob seus pés. Ficou suspenso unicamente por aquella mão, da qual dependia sua vida, ou sua morte.

—Nesse momento...

«Nesse momento, disse-me Jorge, uma ideia diabolica atravessou-me o cerebro. Si aquelle homem morresse, eu podia apoderar-me das 25.000 libras, que estavam em minha casa, na sua mala de viagem.

«Fidalgo pobre, vivendo apenas de escassos rendimentos, aquella somma seria para mim a garantia do futuro—do futuro da minha filha, que era, sobretudo, o objecto constante das minhas preoccupações.

«N'um segundo, eu vi, eu senti no meu cerebro o atordoamento de uma lucta horrivel ; todo o meu passado de irreprehensivel honestidade, toda a hediondez de ser o assassino de um dos meus intimos amigos, tudo isso defendia-se contra o assalto monstruoso d'aquella tentação miseravel. Mas a tentação venceu ! Era tão facil simular um accidente ! O proprio Nathaniel podia não perceber o meu proposito criminoso : bastava que eu desprendesse minha mão da sua e elle acreditaria que ella me tinha escapado.

«No momento da execução, as cousas não correram com a mesma simplicidade. E' verdade que me bastou um gesto brusco para puxar a mão—á qual elle se agarrava com um desespero enorme, estando, como estava, inteiramente pendurado della. Foi menos de um segundo. Tive apenas o tempo de ver-lhe o olhar—um terrivel olhar de assombro e pavor ante o meu crime...

«Que era um crime, eu vi bem que elle comprehendeu naquelle momento decisivo. E foi, entretanto, uma fracção de segundo : cahiu para traz, bateu em cheio com a cabeça n'uma pedra, fez-se uma poça vermelha na agua clara, mas logo, o corpo levado pela correnteza, foi caminho da cachoeira... Mais alguns minutos e estaria longe.

«Feliz ou infelizmente, eu tive a partir desse momento, uma tranquillidade extraordinaria. Levantei-me, limpei a terra que havia no meu peito por ter estado de bruços, e segui tranquillamente, afastando-me de casa.

«Devia voltar, dar-me como testemunha do facto, affirmando que fôra um accidente ?

«Não haveria quem não me acreditasse. Vi, porem, logo, que si tal succedesse, eu teria de fazer restituir as 25.000 libras : nada explicaria o seu desapparecimento.

«Ao sahirmos de casa, estava combinado que iriamos até certo ponto juntos e ahi nos separariamos: elle para ver uma fabrica dos arredores, e eu para visitar uma velha parenta, cuja herdade distava da minha uns bons kilometros. Fui. Ganhei rapidamente o tempo perdido. Passei lá um dia delicioso. Estive amavel, jovialissimo, de uma naturalidade perfeita—ninguem seria capaz de notar em mim a minima sombra de uma preoccupação qualquer. Fallei algum tempo de Nathaniel: fallei sem affectação nem exaggero, mas referi a nossa velha amizade e a satisfação que sentira em tornar a vel-o. Foi um assumpto, entre mil outros, na nossa palestra: não tive ao tratar d'elle a minima insistencia suspeita. Minhas palavras chegaram apenas ao bastante para deixar no espirito dos meus interlocutores mais um testemunho da minha muita amizade pelo homem que acabava de assassinar.

«Despedi-me á tarde. Parti para casa.

«Em meio do caminho, encontrei portadores que vinham á minha procura. Tive, é certo, um momento de angustia terrivel, quando os enxerguei: alguem me teria visto praticar o crime? Ninguem. Vinham prevenir-me. Não se sabia si era um accidente ou um homicidio.

«Senti, senti immediatamente que physionomia devia tomar, que gestos devia fazer, que interjeições devia ter... Precipitei-me a galope. Entrei em casa como um louco. Todos se affastaram respeitosamente ante a minha dor. Homens que estavam alli como simples curiosos, levaram os lenços aos olhos, vencidos pelo espectaculo d'aquelle immenso desespero.

«Eu gritava, fóra de mim, possuido pelo papel: *Meu amigo! Meu amigo!*

«E ia nessas palavras tanta amargura que todos se sentiam dominados pelo meu soffrimento.

«Achei-o deitado de costas, num sofá apenas forrado por um lençol branco. Sua leve roupa clara de *touriste* elegante, encharcada, adheria ao corpo. Os olhos estavam semi-cerrados: era hedionda uma linha branca que se via entre as palpebras. Quando o apanharam já tinha perdido todo o sangue. O cabello louro ficára perfeitamente limpo. Exactamente por isso, era ainda mais horrivel notar a enorme fenda que passava transversalmente sobre o olho esquerdo: os ossos estavam bem separados. Ao bater na pedra que lhe fizera aquella ferida, deixara nella um largo pedaço de pelle—era o osso que se via, com as estilhas irregulares da fractura!

«Houve um momento em que, possuido de um accesso extremo de dôr, abracei meu amigo, solevantando-o um pouco do canapé. Mas, como si elle tivesse receio de que eu o fosse beijar, senti que furtava a cabeça... senti ou julguei sentir. A verdade é que elle quebrára a espinha dorsal justamente ao nivel do pescoço e, tendo eu erguido o corpo, a cabeça cahiu para traz. Cahiu um pouco torcida para meu lado, e por entre os labios lividos, arregaçados por sobre os dentes muito brancos, numa expressão que parecia ser a de um sorriso sardonico, passou uma golfada de agua, de uma agua grossa, saburrosa, viscosa, que sujou o lençol com um risco lamacento. Quando julguei perceber o gesto de sua cabeça, furtando-se ao meu beijo, tive um calafrio da cabeça aos pés. Logo porem, ouvi na assistencia alguem que me explicava o caso, enumerando as diversas contusões e fracturas: a da espinha, a do craneo na parte posterior e a que ficava sobre o olho esquerdo.

«No fim de algum tempo o commissario de policia, pediu aos meus amigos que me tirassem d'alli.

«Contou-me então como se achára o corpo. Disse-me que perto do logar tinham prendido um vagabundo, sobre o qual recahiam suspeitas. Quando o prenderam, elle teve tempo de jogar á agua qualquer cousa que se não pudera achar. Seria o dinheiro roubado? Seria alguma joia? Eram estas e outras informações que esperavam de mim.

«Eu lhes disse immediatamente que sabia ter o meu amigo realizado dias antes uma transacção importante, cujo valor em notas de banco, é possivel que trouxesse comsigo.

«Indiquei que me parecia util que a sua bagagem fosse immediatamente sellada e recolhida.

«Pedi apenas licença por alguns minutos para ir a meu quarto mudar de roupa.

«Era em outro pavimento. Subi sósinho. Entrei no meu quarto, passei por uma porta interna de communicação para áquelle em que estava hospedado Nathaniel, e como eu sabia, na mala de viagem o logar exacto em que estava o dinheiro, tirei-o, escondi-o, fechei a porta, tomei outra roupa e desci.

«Tudo isto foi extremamente breve. Na azáfama em que todos estavam deve ter parecido immediato, de uma promptidão nunca vista. Subi com o commissario, fiz revistar e sellar as malas. A ausencia do dinheiro foi constatada. Quando o agente me communicou essa noticia, eu tive um rugido de vingança contra o assassino—o supposto, o desgraçado vagabundo a quem accusavam falsamente! Mas não houve para ninguem, a partir d'esse instante, duvida alguma sobre a sua culpabilidade. Que instincto do mal me levava a accumular crimes no meu caminho!

«Desci. Estive ainda uma vez de joelhos! Abracei-o de novo, de novo chorei sobre o seu corpo... Era quasi sincero o meu sentimento, de tal modo eu estava possuido do papel que representava. Afinal, pondo-me de pé, eu disse entre soluços: *Nathaniel meu amigo, tu has de ser vingado!* E tomando sua mão fria e humida, apertei-a na minha, com o gesto de um amigo que se despede de outro, fazendo-lhe uma promessa decisiva. A scena era um pouco theatral, mas por isso mesmo parecia grandiosa e com o tom ardente que animava minha voz, fez uma impressão immensa no auditorio.

«Mas, o que foi para mim a sensação d'esse momento, eu não sei dizer: foi horrivel! Quando eu apertei aquella mão inerte, pareceu-me sentil-a segurar-me com toda a força. Tive a impressão de que ella me apertava, como o fizera horas antes quando o corpo do meu amigo pendia sobre o abysmo. Mais do que isso. Tive a certeza que desta vez ella não me largaria. Um frio, um frio de morte, um frio como nunca sentira, subiu-me pela mão, pelo punho, pelo braço, entorpecendo-o... Eu dissera que elle havia de ser vingado e o rictus sardonico da bocca parecia mais ironico ainda, a attestar que a vingança viria de facto,—mas viria, não sobre o desgraçado que estava preso, viria sobre mim! Tirei a mão num gesto um pouco brusco. Alguem a meu lado, um curioso que eu não conhecia, e entrara ajudando a trazer o corpo, disse, tirando o relogio, e fallando a outro:—*São onze e vinte.*—Que me importava essa phrase banal?

«Todas aquellas emoções me tinham alquebrado. Subi. Fui até a camà de minha filhinha. O mesmo frio me entorpecia a mão e o braço: parecia carregar um braço de marmore, pesado e gelido. Quando me sentei á beira da cama de Kate, ella dormia um somno de anjo; seu rosto corado e mimoso, enquadrado na moldura dos longos cabellos louros, tinha uma expressão serena e risonha. Uma camisinha branca, bordada com folhos de rendas enfiados por fitinhas verde-claras, fechava-se no seu pescoço delicado, nos seus punhos gentis. Uma de suas mãosinhas, que

estava do lado de fóra meio fechada, parecia um lyrio em botão, cahido alli, pequenino e mimoso.

«Mão bemdita, mão de minha filha... Foi quando a tomei na minha que para logo o frio se dissipou e a vida me voltou... Pensei dentro de mim: *ella me perdôa, porque vê que eu sou criminoso por sua causa.* Mas immediatamente outro pensamento protestou, indignado: *Vil! não attribuas a tua filha pensamentos torpes! Si ella soubesse, si comprehendesse o que tu fizeste, ella te reprovaria... Essa mão pequenina nunca se furtaria como a tua a retirar qualquer homem de um abysmo... Si a salvação te vem d'ella, é que a sua bondade salva até mesmo os miseraveis como tu! Acolhe-te a ella e beija-a contricto, com teus labios impuros, como se beija uma cousa sagrada!*

«Baixei a cabeça, a chorar, a chorar como um doido. Houve um momento em que Kate acordou. Devia estar em meio de sonho... Disse, sorrindo, em parte reconhecendo-me, em parte continuando a sonhar: *Ih! papae! a cabritinha...* Desprendeu a mão, passou o bracinho em volta do meu pescoço, chegando á sua a minha cabeça e, com a facilidade que as crianças tem em ir da vigilia ao somno, fechou immediatamente as palpebras e continuou a ver a cabritinha dos seus sonhos... Eu fiquei com a cabeça junto da sua. Aos poucos venceu-me a fadiga e adormeci.»

Jorge parou um pouco nesse momento. Eu continuava de cabeça baixa, olhando para os novellos brancos que a espuma fazia e desfazia na esteira do navio.

Até então, meu companheiro, tinha desenrolado a sua narração em voz baixa, mas com uma rapidez extraordinaria. As phrases sahiam-lhe aos arrancos: phrases curtas, incisivas, destacadas. Parecia não guardar consciencia da minha presença e estar fazendo um grande monologo. Curvado a meu lado, apoiando os braços cruzados sobre a amurada, ficára tão perfeitamente immovel como eu. Só os labios deviam agitar-se.

Quando parou, pareceu lembrar-se da minha presença:

«Oh! eu estou descendo a detalhes inuteis, estou a importunal-o. Mas ha tres annos, que eu trago commigo este segredo horrivel. Não ha ninguem, absolutamente ninguem que suspeite a sua existencia. Não se passa, entretanto, uma só noite em que eu não reviva toda esta historia, scena por scena, minucia por minucia. Já agora perdoe-me por mais algum tempo e ouça a explicação do que viu esta noite. O que resta é muito pouco.»

Eu permanecia immovel, impassivel, sem a menor mudança de attitude. Não sabia bem si devia ou não continuar a ouvir essa confissão. Estava irritado com aquelle desconhecido, que abusando da sympathia que me inspirára, certo que eu saberia, custasse o que custasse, guardar o seu segredo vinha confiar-m'o para que de ora em diante eu trouxesse mais esse peso na consciencia. Mas emquanto eu hesitava, elle retomou a palavra:

«Nathaniel foi enterrado sumptuosamente. A familia agradeceu commovida, os extremos de caridade que eu tivera com elle. O supposto assassino foi condemnado a trabalhos forçados por toda a vida... Em vão elle allegou que jogára ao rio um relogio de prata que furtára a um operario. Ninguem o acreditou...»

Quando Jorge disse isto, eu devo ter tido um movimento, uma expressão qualquer inconsciente de surpreza e de indignação. Devo ter tido, porque elle me respondeu:

«Não me condemne! Eu senti desejos de salvar esse homem, de levantar duvidas sobre a sua culpabilidade. Vi, porem, que por um lado era inutil, por outro perigoso. Inutil—porque a convicção geral se tinha firmado de tal maneira que ninguem me acreditaria; perigoso—porque eu só poderia innocental-o, accusando-me. Era o que eu devia ter feito, mas faltou-me a coragem—não pela pena, porque o pobre diabo, nas galés onde está, tem soffrido menos do que eu—mas pela separação de minha filha, de quem eu teria de me afastar. Eu provarei gostosamente as mais crueis torturas, comtanto que me furte a essa!»

Fez uma pausa. A narração começava a impacientar-me. Tinha vontade que puzesse um termo a ella.

«Na noite seguinte á da morte de Nathaniel eu estava na sala da minha bibliotheca, sósinho, fumando e scismando, quando de repente senti uma constricção singular na minha mão e um frio, o mesmo frio da vespera. Era absolutamente o mesmo aperto, o mesmo *shake-hands* com que Nathaniel me segurára no dia anterior. Mas d'esta vez pareceu-me que a mão invisivel, a mão de gelo puxava-me para a janella aberta, como si me quizesse fazer saltar por ella; e isso seria a morte. Fiz força na cadeira luctando como alguem que não quer ser arrastado por outrem que o esteja attrahindo e sacudi o braço, para desentorpecel-o! O frio era cada vez maior. A força occulta buscava levar-me com uma energia immensa. Neste momento, levantei os olhos e notei, olhando para o relogio que me ficava fronteiro, que eram 11 horas e 20 minutos. Começava a fraquear, sentia que ella podia mais do que eu, que dentro em pouco teria de ser vencido.

«Da mão glacial eu tinha a sensação nitida, tanto da palma junto á minha palma, como dos dedos cingindo-me com um exforço desesperado.

«Do meu gabinete passa-se directamente para o quarto de Kate. Lembrei-me do que succedera no dia anterior e pensei em ir para o seu lado. Receiava, porém, levantar-me. Era, entretanto, o unico recurso. Puz-me de pé. Começou então uma lucta medonha entre mim e a força mysteriosa. Como eu deveria parecer ridiculo a quem me visse—a mim—um homem activo e forte, debatendo-me no meio da vasta sala deserta, contra um vago espectro que ninguem conseguiria distinguir. E todavia, como era pavoroso! Tambem eu não enxergava o espectro—si espectro havia—mas sentia perfeitamente aquella mão robusta e gelida que procurava levar-me para a voragem. Eu tinha dito hypocritamente: *Nathaniel, meu amigo, tu serás vingado!* Pois bem: era a vingança que vinha—não a que devia recahir sobre um innocente, mas a que vinha ferir o verdadeiro culpado!

«Afinal, pude chegar junto á cama de minha Kate, pude a muito custo tomar sua mãosinha. Mal eu consegui tocar nella, a mão mysteriosa e damninha pareceu sumir-se, desfazer-se, e a vida e o calor voltaram-me ao braço.—Kate, minha Kate, então, como sempre, tu foste o meu anjo bom, a minha salvação.»

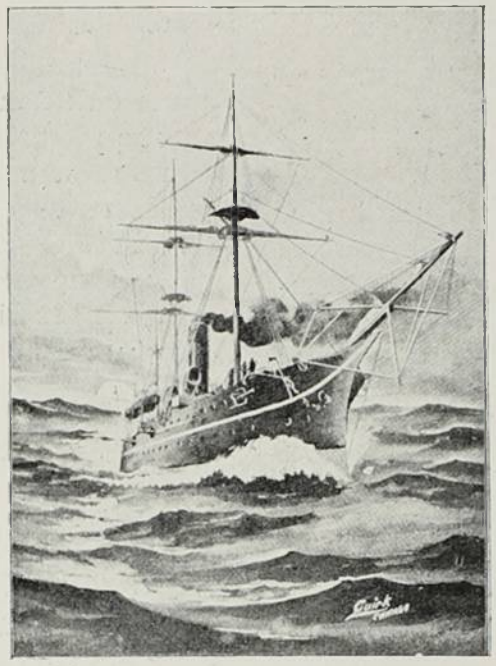
Jorge disse isto com um tom de tão intima dor, de tão profunda commoção, que eu me senti dominado pela evocação dessa creança loura e pequenina, d'essa mimosa filhinha cujo contacto era um exorcismo bastante, até mesmo na sombra e no mysterio, contra as aggressões do Invisivel.

Jorge continuou:

«Desde então, todas as noites, quando se approximava a hora fatal, eu ia tomar na minha a mão de Kate. Que o não fizesse e sentia logo a Presença Invisivel, rondando em torno de mim; a mão de gelo estendia-se na sombra para attrahir-me e immediatamente para evital-a, eu era forçado a buscar o contacto de minha filhinha.»

Sempre que elle alludia a Kate, sentia-se vibrar na sua voz uma ternura infinita.

«Ha tres annos que isto dura. Esta foi a primeira noite em que dormi longe de minha filha. A viagem que estou emprehendendo era inadiavel. Tive de deixar Kate. Procurei raciocinar e convenci-me que esse facto, essa coincidencia das 11 e 20 era apenas uma allucinação. Si, de facto, ha uma vida alem d'esta, si ha uma eternidade de soffrimentos, quem nos viria disputar alguns minutos de existencia aqui? A eternidade não bastaria para satisfazer as peiores vinganças? Fosse como fosse, esta noite, eu acabava de adormecer quando acordei puxado por alguem: era a mão de morte, a mão de gelo que me attrahia com força. Foi então que eu o acordei. Viu a força desesperada que ella fazia? E' sempre assim! Felizmente ao cabo de quarenta minutos, quando deu meia-noite, pareceu-me sentir que a Inimiga se tinha fatigado; pude deitar-me; mas não consegui conciliar o somno. Que vae ser de mim esta noite?! Sinto que não o posso importunar mais. Já pedi ao commandante um camarote á parte. Deus me proteja! Minha Kate! Minha Kate!...»



E o desgraçado começou a soluçar com o rosto nas mãos, chorando como uma criança.

Quiz consolal-o; mas não achei uma palavra para isso. Logo, a meus olhos duas visões surgiram: a de Nathaniel, estendido no seu caixão, livido e morto e a de um misero vagabundo, que estava a essas horas num carcere da Escossia condemnado e innocente.

Ficáramos assim naquella situação embaraçosa, quando o commandante, que andava procurando Jorge, para escolher com elle o novo camarote, veio chamal-o.

Enxugou os olhos, procurou compor a physionomia e seguiu. Nunca mais o vi.

—Nunca mais?

—Nunca mais. Pouco depois de me deitar, nessa noite, senti um reboliço enorme a bordo. O vapor tinha parado. Vesti-me ás pressas e subi ao tombadilho. Alguem tinha cahido ao mar. Era Jorge. Um marinheiro o vira approximar-se da amurada, luctando, aos arrancos. Pensára porem que elle ia vomitar, nauseado pelos balanços do navio. A occurrencia era tão frequente, que não incommodava ninguem. Chegado porem, á amurada, elle se atirara ao mar.

Puxei o relogio; eram onze e meia.

O caso devia, portanto, ter occorrido ás 11 e 20.

Todas as pesquizas para achar o corpo foram infructiferas, embora o vapor tivesse ficado immovel até a manhan seguinte.

Mas na manhan seguinte só se via ceu e mar: nada mais...

Medeiros e Albuquerque.

Da Academia Brasileira.

OLHOS HUMANOS

AQUELLE adoravel Sergio Paulo, flôr fidalga de educação e de luxo, embrenhado em concepções grandiosas de gloria e de trabalho, alli estava agora estirado, no abatimento nevrotico de um vencido, subjugado á palpitante verdade theorica da metempsychose.

Na sala verde do Claudio, á meia luz da hora, a sua excentrica figura afundada na ottomana desmaiava; e quasi um livido pallor vinha-lhe já cobrindo toda a face, quando Sergio levantou-se, brusco, e fallou para o outro, dogmaticamente:

—Ninguem atravessou ainda o *au de là* imprevisto. As mais absurdas e tragicas hypotheses sobre a vida e sobre a morte esbarram sempre n'uma estupida muralha chineza, levantada entre um momento de luz e uma sombra. Ninguem ainda proclamou do alto, de modo facil e vivo, que vertigens, que insondaveis mysterios ha de a alma atravessar, quando, num salto macabro, se atire ás profundezas do nada.

—O que tu vês, são theorias... As mais modernas tentativas deixam sempre um ponto em branco.

—Ha em todas as experiencias do momento presente certa falta de unidade; entre um phenomeno e outro fica a pontuação da reticencia, e quem quizer que a complete por um principio de fé.

—Bem vês que não é isto. O que basta á humanidade para ser feliz, é a certeza da existencia d'esse principio que a anima, os seus actos obedecendo então ao rigor moral da sancção.

—Entrar em razões especulativas de analyse, determinando até a relatividade scientifica dos phenomenos, isso pouco importa ao nosso mundo, que mal tem tempo para levar á bocca o pedaço de pão mal amassado.

—Deem á Humanidade uma formula simples e facil.

—Queres saber?

—Ensinem-lhe a simples verdade da metempsychose.

A figura de Sergio Paulo, de pé, na meia obscuridade feita na sala, tinha um destaque esguio e afflicto, desordenado o gesto e a pessoa, n'um inexprimivel tom de angustia, que ultimamente lhe vinha quando fallava.

—Onde já viste, continuou elle, theoria mais perfeita e mais humana? Identificar-se o homem com a natureza, sentir em cada cousa que o cerca uma porção de si mesmo, não tocar, não ferir, porque um sentimento elevado o detenha, haverá cousa mais bella?

—Na Sociedade moderna, nada se respeita; a carie de um dente póde determinar o divorcio e desorganisar uma familia, emquanto que o casamento considerado como divino, a dissolução é impossivel. Mas não é isso o que me prende e me convence.

«Todo homem, inconsciente do destino, póde progredir na mesma especie ou afastar-se para uma especie remota.

«Conheci um Conselheiro, velho professor de umas sciencias exactas, cuja physionomia era perfeitamente a de um cavallo».

—Mas cahes no absurdo e no ridiculo, obtemperou-lhe Claudio.

—Póde bem ser que sim, mas ouve lá. Tu mesmo, diante de certas pessoas, has de querer recordar em que cara de burro ou de elephante já viste aquelle rosto. E porque a especie humana é o gráo mais perfeito na ascendencia moral, são por ahi communs os individuos com physionomia de carneiro, que, nas especies atrazadas, é o symbolo da resignação.

Mas eu tenho um caso que particularmente ainda hoje me commove, e é delle que datam as minhas pesquizas e esta convicção inabalavel».

A noute, tendo de todo cahido, mergulhára os dous amigos na agora completa obscuridade da sala. Apenas um ou outro brilho de crystal picava a escuridão. E o cigarro de Claudio, lentamente chupado, aclarava por instantes aquelles dous velhos rostos amigos. Que doloroso pezar, diante da sustentação absurda e tresloucada que o seu velho companheiro fazia! Certo, ia elle em caminho para o desequilibrio completo, e uma terrivel noute mais negra, tinha já descido sobre a sua cabeça.

«Mas, eu tenho, como te disse, um caso que ainda hoje me commove, repetiu Sergio Paulo, chegando para mais perto a cadeira. Vem delle esta convicção inabalavel. Foi por elle que a metempsychose se definiu para mim em toda a sua verdade.

E numa voz ainda tremula, cava, Sergio foi dizendo o seu caso, aquelle que lhe abalava a concepção moral das cousas, sem que a phrase, entretanto, evitasse um certo rebuscado.

—Quando eu ia, uma vez, da fazenda á Magdalena, quasi noute, o caminho costeando um morro, por um valle, do lado opposto voou uma ave grande, um gavião, como suppuz, pousando sobe um toco. Retive o animal, puxei o rewolver, e fiquei indeciso.

«Com que direito vou matal-a, pensava. Porfim, como da ave só uma mancha parda eu via e seria o tiro difficil, juntei ás suas culpas a de ser gavião, e embora indeciso, o instincto máo venceu e fiz fogo.

Não sei si no grande livro do Destino estava decretada a morteda ave, e si aquelle toco até alli existira para que ella n'elle pouzasse. O certo é que a bala partiu-lhe uma aza e varou-lhe uma perna. Tentando um ultimo vôo, a ave, que eu ainda não sabia qual era, debateu-se e rolou até o fundo do valle, onde corria uma agua. Firmo, meu creado e meu amigo, reconhecendo uma coruja, deixou-a, apavorado; eu,

a quem já um profundo remorso impellia para o logar do meu crime, fui vel-a, sem coragem mais para abandonal-a, preso áquella ave infeliz como um calceta.

No meio da noute já fechada os seus grandes olhos pretos (oh! como são lindos os olhos das corujas!) abriram-se para mim serenamente, friamente, na attitude e na fórma de uma consciencia justa diante de um algoz. Era um profundo olhar humano, meigo, fazendo lembrar velludos e pellucias; mas tão humano, tão meigo, como se exprimisse o perdão para a minha falta hedionda!

O que eu senti não te descrevo nem nunca mais esquecerei. . .

Com infinitos cuidados, abnegado como um arrependido, fiz do meu lenço ligadura, e deitando-a na mão, montei de novo a cavallo, por uma legua e tanto, a procurar salval-a.

Era uma coruja da matta, de garras grossas e grandes. As palpebras das corujas descem e sobem muito lentas, o olhar de todo se fecha, e ellas olham a gente bem nos olhos, fixas, demoradas, mas de um olhar sempre meigo.

Que terrivel, que lancinante psychologia essa que eu via desprender-se dos olhos da coruja!

Tardes, silenciosos crepusculos das tardes; noutes, profundas noutes estrelladas; alegria das azas, no ar, cortando a noute; auras, bosques e perfume da matta; delicioso aconchego do ninho, branco sorrir de madrugadas, quando as corujas adormecem, tudo, para eempre! aos olhos da coruja se apagava, tudo, para nunca mais! desfallecia n'uma indefinida sensação de dôr e de saudade!

Adeus, bordados caminhos do meu pouso! Arvore que me abrigaste, e em cujos ramos nasci; orvalhadas da noute; frios e temores que a minha voz acordava; serenas ondulações do ar nas folhas, adeus para sempre! adeus!

Os olhos da coruja, voltados para baixo, iam fixos na estrada, desenrolando-se por elles, como o caminho se desenrolava aos passos do animal, a angustiada psychologia negra dos ultimos momentos. Ou, então, n'um movimento demorado, voltava de todo a cabeça para mim, e os seus olhos, — os negros olhos da coruja, amplos, redondos, significavam não sei que surpreza diante do meu crime, como se o seu olhar me interrogasse e perguntasse o mal que havia feito para que eu a punisse com a morte. O meu delicto era tão grande, tão assombrosa a minha violencia, que os olhos da coruja, resignados embora, reflectiam o assombro das inexplicaveis maldades. Ah! é esse fundo olhar interrogativo e surprezo que eu nunca mais esquecerei!

Era uma alma que alli estava. Naquelle corpo atrazado de coruja, por traz d'aquelles olhos, era uma alma humana que olhava, sentindo por elles, vendo, atravez d'elles, inconsciente embora, a consequencia fatal do seu peccado.

Lá está nos livros sagrados que *a alma é a emanação divina em estado de expiação* e que *em tudo que nos cerca existem as almas dos nossos semelhantes.*

Tal seja o delicto, e assim será a pena.

O que eu fui foi o instrumento, misero instrumento por meio do qual a absoluta justiça se cumprio. Mas todo justiçador é um carrasco. Nunca mais se apagagará dos meus a expressão d'aquelles olhos. No seu profundo mysterio, dilacerado e perdido, aquelle doce olhar não tinha uma revolta. O que nelles eu via era a expressão sensibilisada de uma dor humana, e aquella fria interrogativa que me trespassava, como se elles perguntassem, aquelles dous olhos fixos:

— Mas qual foi o meu crime? Porque me punes com a morte?!

— Sei lá qual foi o teu crime, alma que ahi estás recolhida e condemnada.

O que te digo, aqui n'esta sala, entre o teu luxo e a tua ignorancia, é que lá, naquelle perdido caminho, sob a unica vista das estrellas, fui um covarde: os meus olhos não puderam soffrer de frente o brilho, o doce brilho pacifico e manso dos olhos da coruja.

Quem não bate n'um fraco animal nem n'um animal forte, e não permitte que lhe batam, esse chamo eu brahmane.

São palavras de Brahma.

E sabes porque? Porque em qualquer ponto, nas mais reconditas origens, póde palpitar a essencia humana.

Quem sabe, n'aquella grotesca coruja que apavora, que alma existe e florio já em niveos corpos, fazendo a loucura e a morte de homens acorrentados ao desespero da carne.

— Mas Sergio, aventurou-se Claudio a dizer, olha que tu caes no absurdo. Ha até pilherias. . . .

— Pois seja. A pilheria só é propria de quem não aprofunda o estudo. E' mais facil dizer uma asneira engraçada, do que explanar a mais simples verdade. De resto, já te disse, a minha convicção é inabalavel!

Fóra, sob a luz mortiça e palpitante da rua, a figura de Sergio Paulo, em caminho, sumia-se na sombra.

Claudio, da janella, vendo-o partir, tinha um aperto na alma, e um fulgor mais vivo nos olhos.

Elle era bem o velho companheiro de todas as alegrias e de todas as dôres.

E vendo-o, aquelle pobre rapaz, tão seu amigo e tão bom, sumir-se ao fundo da rua, envolveu-o enternecidamente n'um longo olhar de saudade, como se o visse desapparecer para sempre n'uma noute mais feia, mais negra, onde todas as luzes se apagam.

Ataliba de Lara.

O theatro no Rio de Janeiro em 1903

THEATRALMENTE, o anno de 1903 foi um dos mais carregados, talvez o mais carregado que ainda tivemos.

*

Comecemos esta rapida resenha pela opera, que dizem ser o mais nobre dos generos theatraes.

Cantou-se a «Iris», de Mascagni, sem nenhum successo. No Rio de Janeiro as operas são julgadas summariamente e dependem muito do libretto.

Foi essa a unica opera nova que nos foi dado ouvir. Prometteram-nos duas, brasileiras, em um acto cada uma, mas a promessa não foi cumprida.



H. DARCLÉE

Voltaram ao Rio de Janeiro duas artistas lyricas de primeira ordem, já nossas conhecidas; Hariclée Darclée e Emma Carelli, e tivemos a ventura de ouvir um tenor incomparavel, Enrico Caruso, que conquistaria o mundo si lhe não lhe faltasse um pouco de elegancia physica. E' gordo e pesado. Na «Manon», de Puccini, em que «chorou» admiravelmente a aria do final do 3º acto, parecia um velho, contribuindo para esse detestavel effeito uma cabelleira empoada. O seu maior successo foi no «Rigoletto», de Verdi, conseguindo, talvez com menos arte que artificio, fazer com que os espectadores ouvissem quatro vezes seguidas o «La donna é mobile», o que em condições normaes seria um sacrificio medonho.

—Foram duas as companhias lyricas: a primeira, do emprezario Milone, principiou mal e acabou bem, e a segunda, do emprezario Sansone, começou bem e acabou mal, sendo para notar que começou, não aqui, mas em S. Paulo.

O pobre Sansone deu parte de fraco, e abalou antes de satisfeitos os compromissos tomados para com os assignantes; a Darclée teve um «beau geste» e tomou a si a satisfação desses compromissos, muito desejosa tambem de que os seus companheiros não ficassem para ahi, atirados á tôa; fez o que em linguagem popular se chama «pegar em rabo de foguete» O resultado foi desastroso. A ultima nota da temporada lyrica foi uma nota de despezas, publicada pela Darclée no «Jornal do Commercio», nota que não afinou absolutamente com as da sua garganta de ouro.

*

Dissemos que foram duas as companhias lyricas. Não ha tal; foram tres. Em Abril tinhamos tido outra, tambem



EMMA CARELLI

italiana, no theatrinho do Parque Fluminense, que não se presta ao genero pelas acanhadas dimensões do seu palco.

Essa companhia foi depois substituida por outra, de opera-comica e baile, que nos deu algumas novidades e nos apresentou alguns artistas razoaveis, sendo os espectaculos muito concorridos.

*

Mas o grande acontecimento da estação theatral de 1903, foi a vinda de Antoine ao Rio de Janeiro.

Esse artista, que se celebrisou porque as circumstancias o collocaram á frente de uma revolução theatral cuja

necessidade se fazia ha muito tempo sentir em França, contava tanto com essa excursão á America do Sul, que a considerava, segundo elle proprio declarou, a consagração definitiva dos seus esforços e dos seus serviços em prol da litteratura e da arte do theatro.

O resultado, tanto no Rio de Janeiro como no Rio da Prata, não correspondeu á espectativa de Antoine, e este insuccesso foi devido, pelo menos aqui, a tres motivos poderosos; 1º, á carestia dos bilhetes; 2º, á mentira dos annuncios que nos promettiam quarenta peças montadas com os scenarios e accessorios de Paris; 3º, á natureza de um repertorio para o qual o nosso publico não estava preparado, e que não representava afinal senão tentativas, ou, ainda menos, simples tendencias, conforme o proprio Antoine confessou na famosa conferencia em que disse, ao som de freneticos e unanimes applausos, ter achado o Brasil um meio termo entre a civilisação e a barbaria.

Que elle proprio não tem uma idéa segura daquillo com que sonha, está na estupefaciente declaração que escreveu n'um jornal parisiense, depois que d'aqui partiu. "Essa viagem, disse o creador do Theatro Livre, me convenceu de que a obra-prima do meu repertorio é «Tante Leontine»". Ora, francamente, «Tante Leontine» parece uma comedia encontrada entre os papeis de Scribe: não tem novidade alguma.

Cumpre notar que Antoine trouxe-nos a companhia dramatica mais homogenea e mais completa que ainda se viu no Brasil. A encantadora Suzanne Desprès, o provecto Matrat, o delicioso Signoret, Mme. Miller, Mlle. Van Doren, e outros artistas, alguns dos quaes não pertenciam, aliás, ao theatro Antoine, e o proprio empreza-rio, inexcedivel n'uns papeis, mediocre n'outros, constituiam um elenco de primeira ordem, que infelizmente não se exhibia no repertorio daquelles pedaços d'asnos que se chamam Dumas, Augier, Sardou, ou Meilhac e Halevy.

Si os espectaculos da companhia Antoine tivessem attrahido o publico, o Rio de Janeiro seria uma grande capital, e nós, os cariocas, seriamos o publico mais intelligente deste mundo e do outro. Como o contrario se deu, o famigerado artista foi dizer do Brasil cobras e lagartos... A nossa imprensa deu muita importancia a esses desabafos, verdadeiras pragas de urubú, que nenhum mal nos fazem.

*

Ao mesmo tempo que Antoine, esteve nesta cidade uma companhia franceza de «vaudeville», que deu espectaculos no S. Pedro e passou em seguida para o theatrinho do Parque Fluminense, onde se dissolveu, ficando os artistas ao Deus dará, sem nenhuma Darclée que os valesse.

Essa companhia, que a principio se intitulou do Palais-Royal, deixando de o fazer por ter reconhecido em tempo que o Brasil era menos barbaro que civilisado, fez-nos conhecer a deliciosa comedia satyrica de Lavedan, «Le vieux marcheur». Foi o seu unico merito.

*

Clara Della Guardia visitou-nos pela terceira vez. E' sempre uma insigne actriz, mas é exquisito que, sendo ainda moça, nenhum progresso real fizesse depois da sua primeira apresentação ao nosso publico; parece mesmo que voltou desta vez um pouco mais amaneirada, insistindo em certos effeitos contrarios á arte.

Figurou na companhia Della Guardia, entre outros artistas de merito, um galan de muito futuro, por nome Róbert, que se fez applaudir devéras na «Gioconda», de D'Annunzio.

Della Guardia, que renova constantemente o seu repertorio, deu-nos, como novidade, «Romanticismo«, de Rovetta, «Cecilia», de Pietro Cossa, «Le détour», de Bernstein, e «L'autre danger», de Donnay, comedia cujo desenlace pecca por monstruoso.

A temporada foi infeliz; Della-Guardia e os seus companheiros representaram sempre para as cadeiras do Lyrico, á excepção da noite em que exhibiram o «Mestre de Forjas». Seja tudo por amor de Deus!...

*



ENRICO CARUSO

Em Março, Dias Braga e os seus artistas partiram para o Norte, cedendo o Recreio á companhia organisada em Lisboa por Eduardo Victorino, a qual se estreou, sem grande successo, com a «Fedora», de Sardou, seguindo-se-lhe «Lição cruel», peça que, sem ser um producto teratologico de litteratura dramatica, é uma singular mistura de farça e comedia, dous generos que pódem, até certo ponto, aproximar-se um do outro, mas que não se ligam nem á mão de Deus Padre.

A' «Lição cruel», que trouxe a assignatura illustre de Pinheiro Chagas, seguiram-se duas ou tres peças, e por fim a «Estrangeira» de Dumas Filho, cujas representações foram interrompidas pela morte inesperada de Georgina Pinto, a principal figura da companhia.

—Georgina contava trinta e quatro annos. Para a mulher, essa edade é quasi o outono; para a actriz é ainda a primavera. Morreu no momento preciso em que o seu talento começava a dar de si. Esta viagem ao Brazil acabaria em triumpho; seria a consagração, a fortuna, o premio de tanto esforço intelligente e honesto. Georgina estava, talvez, destinada a erguer a corôa de Emilia das Neves, corôa que até hoje nenhuma actriz levantou.

—Diante da desgraça que feriu a sua companhia, Eduardo Victorino tinha o direito de desanimar, e até de perder a cabeça; felizmente assim não aconteceu, e os trabalhos da empreza proseguiram, embora a morta não fosse, como não podia ser, dignamente substituida.

A companhia levantou-se com a representação da «Noite do Calvario», do illustre dramaturgo portuguez

Marcellino de Mesquita,—peça original e bem feita, com um 4º acto, ou antes, um epilogo de mais novidade que todo o repertorio Antoine.

Carlos Santos, que com a morte de Georgina ficou sendo a principal figura da companhia, foi admiravel no papel do Dr. Campos, uma especie de Desgenais, «beau parleur», paradoxal e revolucionario. Esse artista, o de mais cultura intellectual que conheço em Portugal e no Brasil, é um magnifico actor de comedia. O seu talento nada tem de dramatico.

—A companhia Eduardo Victorino deu-nos ainda, em más condições, as «Semi-virgens», de Marcel Prévost, o «Frei Luiz de Souza», de Garrett, que foi recebido pelo publico e pela imprensa com as honras devidas á obra-prima do theatro portuguez, e, finalmente, uma curiosa novidade, o «Enigma», de Paul Hervieu. Depois, fez uma fructuosa excursão ao Rio Grande do Sul, e regressou a Lisboa.

*

Tivemos ainda duas companhias portuguezas, que se estrearam quasi ao mesmo tempo: a de Souza Bastos e a José Ricardo.

—A primeira não foi feliz na estreia, que se realisou com «Zizi», disparate inglez em 5 actos; felizmente a comedia que se seguiu, o «Outro sexo», de Hennequin e Valabrègue, agradou bastante, embora a temporada se resentisse (foi um facto visivel) do desastre da estreia.

Do repertorio, que era opulento e variado, a peça que mais agradou foi o «Papão», farça alleman, inverosimil, ingenua e engraçada, como todas as farças allemans. As peças dramaticas desagradaram todas. Não perdôo ao nosso publico o desprezo a que condemnou a «Resurreição», de Tolstoi, o mais bello drama que tem sido representado em todos os theatros do mundo nestes ultimos vinte annos. Já derramei sobejamente nas columnas do «Paiz» e da «Noticia» a magoa que me causou essa injustiça terrivel; não quero repetir-me.

Para compensar o prejuizo que lhe causou a «Resurreição», de Tolstoi, a empreza mudou inteiramente de genero e recorreu á «Boneca» e outras operetas. O effeito foi decisivo e benefico; salvou-se a situação, a temporada acabou com lucro.

Palmyra Bastos é uma actriz notavel, que representa com o mesmo talento o drama, a comedia e a opereta. Tenho pena que Portugal não a veja e a não applauda no papel de Maslowa, da «Resurreição», que ella estudou e representou em oito dias, affligida pelo estado de seu esposo, Souza Bastos, que se achava então gravemente enfermo e lhe fazia perder noites de somno, á sua cabeceira. E' uma actriz notavel, repito, e ninguem me contradirá.



CLARA DELLA GUARDIA

A companhia contava outros artistas de merito, como fossem: Alfredo de Carvalho, Henrique Alves e Ignacio Peixoto, um dos melhores actores portuguezes.

*

A companhia José Ricardo pisou no Brasil com o pé direito e ganhou muito dinheiro tanto aqui como em S. Paulo.

A peça de estreia, o «Homem das mangas», outra farça alleman, foi um successo que parecia não deixar logar á exhibição de nenhuma outra peça do repertorio; entretanto, foi excedido pelo das «Agulhas e Alfinetes», revista de Eduardo Schwalback.

No variadissimo repertorio da companhia figuravam tres operetas portuguezas: «João das Velhas», do mesmo Schwalback, musica do nosso Nicolino Milano; o «Segredo da Morgada», de Campos Monteiro, musica do mesmo; o «Poeta Bocage», de Eduardo Fernandes, musica de Felippe Duarte.

A que mais agradou foi o «João das Velhas«; a que mais deveria ter agradado era o «Segredo da Morgada»; o «Poeta Bocage», em que a figura do glorioso Elmano foi mal estudada por um escriptor de muito espirito, logrou a sorte que merecia.

José Ricardo é um dos artistas mais queridos do nosso publico. Tem, realmente, muita graça e muito talento, comquanto não disponha de grande variedade de effeitos.

A companhia era muito bem organisada; figuravam no elenco: Lopiccolo, que se fez actriz no Rio de Janeiro, Dolores Rentini, que suppre com os seus dotes physicos e a sua deliciosa voz de soprano o que lhe falta como actriz, o nosso velho amigo Silva Pereira, o conscienciosо actor Gomes, e outros artistas de ambos os sexos, cada qual mais util.

*

Não nos esqueçamos de Jane Hading, que deu alguns espectaculos pouco concorridos no theatro Lyrico.

Trouxe-nos duas novidades: «Les demi vierges», que tinham sido sacrificadas em portuguez, no Recreio, e «La chatelaîne», de Alfred Capus, a primeira peça desse autor representada no Brasil.

Jane Hading é ainda uma bonita mulher, mas não é uma actriz de talento: é, quando muito uma actriz de grande habilidade, imitando ora a Sarah Bernhardt, ora a Duse, ora a Réjane, sem conseguir elevar-se á altura de nenhuma dellas. Não nos enthusiasmou.

*

Passarei por alto, nesta ligeira resenha, os espectaculos da Maison-Moderne e do Cassino, que está hoje liga-

do ao Parque-Fluminense,—mas não deixarei de tratar das companhias indigenas.

Em Janeiro funccionavam tres theatros: o Recreio, o Lucinda e o Variedades. Este havia, pouco antes, mudado de nome, collocando-se sob o patronato de S. José.

—Trabalhava no Recreio a companhia Dias Braga e no Lucinda a companhia Silva Pinto, insistindo ambas com algumas velharias a que o publico voltava as costas.

No S. José, batalhava uma companhia dirigida pelos actores Veiga e Domingos Braga. Essa, diga-se a verdade, não deu senão peças novas, mas nem por isso teve concurrencia, e não tardou a dissolver-se.

A peça mais interessante representada pelos artistas do S. José, foi o «Padre», drama de Charles Buet, autor francez, fallecido em 1897.

—Em Março a companhia Dias Braga foi viajar, e, quando voltou, dissolveu-se, ficando os artistas a trabalhar em associação, regimen que ainda hoje dura.

Essa associação deu-nos a «Tocadora de realejo», de Xavier de Montepin, uma «reprise» do «Remorso vivo», os



CARLOS SANTOS

«Miseraveis», de Victor Hugo, «Alleluia», de Marco Praga, que a platéa condemnou sem vêr, e, finalmente, a «Fada do Casal», peça de costumes portuguezes de Tito Martins, que fechou o anno.

A companhia do Recreio, que continúa a ser a companhia Dias Braga, conta artistas de grande merecimento como Ferreira de Souza, o «primus inter-pares», Olympio Nogueira e Lucilia Peres, duas grandes esperanças do theatro brasileiro, e outros, habituados, ha longo tempo, aos applausos do nosso publico.

—Em Maio, a companhia Silva Pinto, que tinha feito pallidas «reprises» das «Andorinhas», dos «Sinos de Corneville», do «Tim Tim por Tim Tim» e da infeliz revista «Comeu», representou a «Fada de coral», tirada por Souza Bastos da magica franceza «Le poisson volant». A peça agradou, mas a empreza não tratou de arranjar outra,—e a companhia foi dissolvida. Mais tarde o emprezario reuniu de novo os seus artistas, e foi para o Amazonas, onde se acham actualmente.

—Depois que o Apollo foi abandonado pela companhia Souza Bastos, tomou o theatro um novo emprezario, Francisco Mesquita, que, organisando uma companhia em que figuram Brandão, Peixoto, Balbina e outros artistas mais ou menos conhecidos, inaugurou os trabalhos da sua empreza com a revista o «Esfolado», de Raul Pederneiras e Vicente Reis. A estrea não podia ser mais auspiciosa: o «Esfolado» foi um successo: deu 50 representações consecutivas, que valem por duzentas do tempo das vaccas gordas.

E ahi têm os leitores do «Kósmos» o apanhado do que foi o theatro no Rio de Janeiro em 1903.



RÉJANE

O Theatro Municipal, esse continúa no vel-o-emos, em que peze á boa vontade do illustre prefeito Dr. Francisco Pereira Passos.

Arthur Azevedo.

Da Academia Brazileira.



ARTES GRAPHICAS

Caixa do Correio
994
Telephone 1106

Temos sempre em deposito:

TINTAS TYPOGRAPHICAS, LITHOGRAPHICAS,

VERNIZES, GRANDE VARIEDADE DE TYPOS,

MASSA PARA ROLOS, ARAMES PARA COZER,

ZINCO, COBRE E MADEIRA PARA GRAVURAS.

UTENSILIOS PARA:

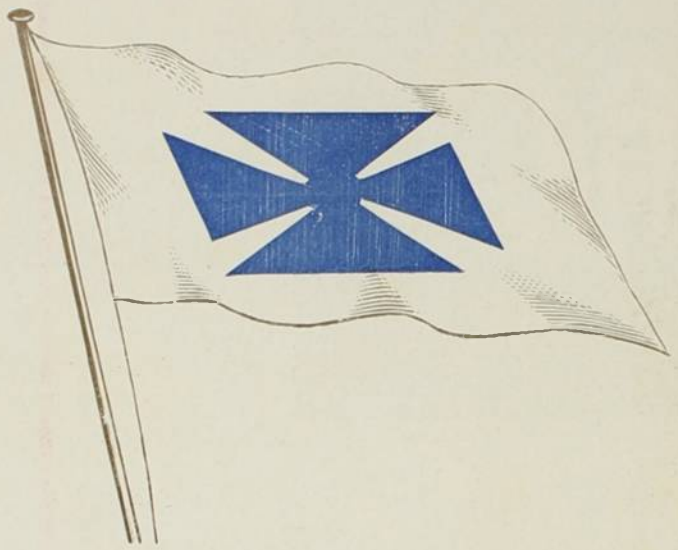
COMPOSIÇÃO - IMPRESSÃO

MATERIAL PARA STEREOTYPIA

MACHINAS PARA IMPRESSÃO ETC.

Augusto Niklaus & Co.

Rua da Quitanda, 54 — RIO DE JANEIRO



Empreza Maritima Brazileira

32—Rua da Alfandega—32

(2.º ANDAR)

* * * ENDEREÇO TELEGRAPHICO ZAMARA * * * *

PROPRIETARIA DO MAIOR VAPOR QUE NAVEGA COM A BANDEIRA BRAZILEIRA

SÃO LUIZ

de 5000 toneladas de carga, navegação para os portos do Norte, do Sul e Rio da Prata.

FILTROS MALLIÉ

(SYSTEMA PASTEUR)

Esterilisação *absoluta* pela porcelana de amianto

Superiores a todos os outros até hoje conhecidos



A maior facilidade para installação e limpeza ! Simplicidade e elegancia ! Numerosos premios * * em todas as exposições * *

UNICOS AGENTES PARA

* * * todo o Brazil: * * *

A. Abreu & C.ia

102, Rua da Quitanda, 102

(Sobrado).

RIO DE JANEIRO

Catalogos e prospectos á disposição do publico.



JONH ROHE

Cirurgião Dentista

CONSULTORIO: RUA DO HOSPICIO N. 125 1º ANDAR

DUBONNET

O MELHOR APERITIVO

Rotisserie Americaine

ROGELIO & AREAL

50 — Rua Gonçalves Dias — 50

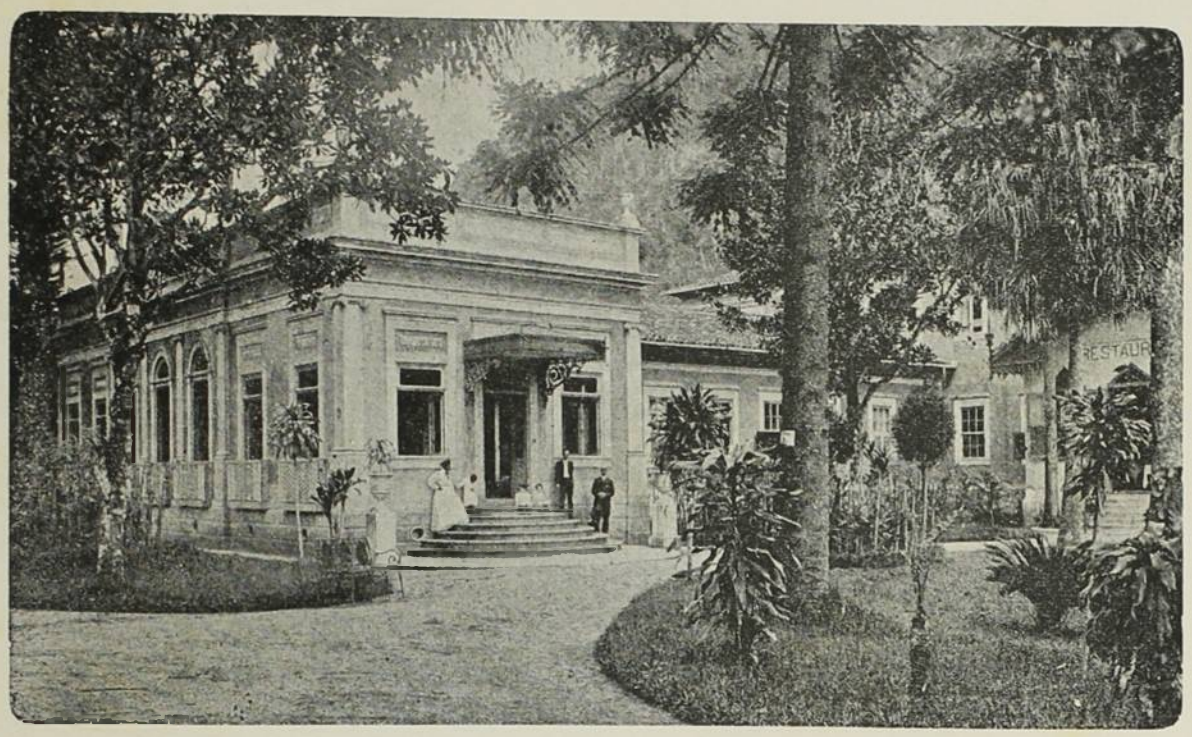
SERVIÇO DE 1ª ORDEM

GRANDE SALÃO DE BILHARES NO 1º ANDAR

GRANDE HOTEL WHITE

ANTIGA RESIDENCIA DO CONDE DE ITAMARATY

* * * ALTO DA TIJUCA — RIO DE JANEIRO * * *



Dirigido pelo proprietario "Martin"

Este importante estabelecimento que acaba de passar por grandes reformas, dispõe para commodidade dos Snrs. Hospedes de vastos aposentos, parques, duchas e da celebre fonte - *Zézé.*

* Restaurant à la carte *

* Cosinha de 1.ª ordem *

TELEPHONE N. 1094

BASTOS DIAS

PHOTOGRAPHO

Especialidade em retratos
e augmentos em platinotypia

COMPLETO
SORTIMENTO DE ARTIGOS
PHOTOGRAPHICOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE.

RUA GONÇALVES DIAS, 52

RIO DE JANEIRO

ARAUJO, VEIGA & C.

84, RUA DO OUVIDOR, 84
RIO DE JANEIRO

Grande Variedade de Artigos de Fantazia, Chapéos de Sol, Gravatas para Homens, Objectos para Bordar e para Flores, Luvas, Leques, Meias de Seda e de Fio de Escossia, Perfumarias, Marcas para Cotillon e tudo que pertence ao Artigo Armarinho e Modas.

TELEPHONE 806

F. PAIVA

LEILOEIRO PUBLICO

ARMAZEM E ESCRIPTORIO: RUA DA ALFANDEGA, 38
TELEPHONE 1078

CARTÕES POSTAES

NAS OFFICINAS DO "KÓSMOS" REPRODUZ-SE
VISTAS, EDIFICIOS, ETC. EM CARTÕES POSTAES

Impressões nitidas ** Preços reduzidos

AUGUSTO NIKLAUS & C.

RUA DA QUITANDA, 54 * * * *

* * * * * * * * * * * * RIO * DE * JANEIRO

UNICOS REPRESENTANTES NO BRASIL DE:

BRUCE TYPE FOUNDRY-NEW-YORK
Typos, fios, entrelinhas, etc.

ALBERT NATHAN & C.-NEW-YORK
Tintas para typo-lithographia, vernizes e bronzes

BINGHAM BROTHERS CO.-NEW-YORK
Massa para rolos « Estrella »

LATHAM MACHINERY CO.-CHICAGO
Machinas para cozer com arame, perfuradores, etc.

JOHN ROYLE & SONS-PATERSON
Machinas para Photogravadores

WETTER NUMBERING MACHINE CO.-BROOKLYN
Numeradores automaticos e de mão

DEXTER FOLDER CO.-NEW-YORK
Machinas para dobrar papel

CHANDLER & PRICE CO.-CLEVELAND
Prensas typographicas aperfeiçoadas

SCHNELLPRESSEN-FABRIK ALBERT & CO.-FRANKENTHAL
Machinas typographicas e lithographicas, Machinas rotativas

LEIPZIGER SCHNELLPRESSEN-FABRIK (SCHMIERS, WERNER & STEIN)-LEIPZIG
Prensas lithographicas, Machinas para Bronzear

AUGUSTO FOMM-LEIPZIG
Machinas de aparar, prensas para dourar, etc.

O MAIS BARATO DOS CIMENTOS FINOS



MARCA REGISTRADA

TRES JACARÉS

Para obras descobertas;
para obras subterraneas;
para obras hydraulicas.
Péga rapida: de 1/2 a 1 hora.
Resistencia normal á tracção:
600 lbs. por pollegada quadrada.
Côr branca, natural.
Qualidade e peso, constantes.

BRAGA, CARNEIRO & COMP.

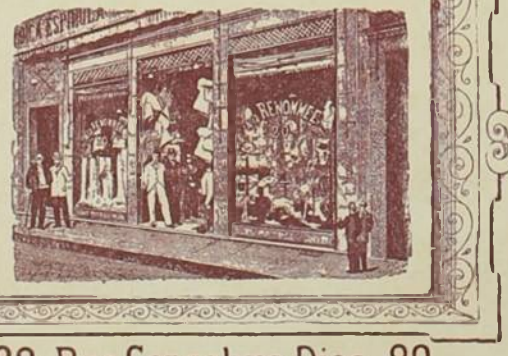
UNICOS IMPORTADORES

34, Rua da Alfandega, 34

A la Renommee

ARTHUR CAMPOS

CHAPEOS PARA SENHORAS
E
FANTASIAS



20, Rua Gonçalves Dias, 20

RIO DE JANEIRO

OS MELHORES



AGENTES

QUAYLE, DAVIDSON & C.

119 - Rua da Quitanda - 119

RIO DE JANEIRO

OFFICINA TYPOGRAPHICA DE

J. SCHMIDT

IMPRESSÕES ARTISTICAS, TRABALHOS

COMMERCIAES, CATALOGOS ILLUSTRADOS,

CARTÕES POSTAES COM VISTAS ETC.

24, RUA DA ALFANDEGA, 24

* * * * * RIO DE JANEIRO * * * * *

Anno I N. 2 FEVEREIRO - 1904 Rs. 2$000

KOSMOS

SUMMARIO

Chronica	*Olavo Bilac.*
O Territorio do Acre	*V.*
A questão feminina	*Reis Carvalho.*
Esmeralda (Soneto)	*Luiz Guimarães.*
Dôr suprema (Soneto)	*Oscar d'Alva.*
O pavilhão brasileiro na Exposição de S. Luiz	
Trovas populares de Hespanha	*Affonso Celso.*
Os novos sellos postaes	*Ernesto Coutinho.*
Excavações historicas	*Dr. Vieira Fazenda.*
Canhões de tiro rapido	*T. Coronel L. Barbedo.*
Um artista mineiro	*Arthur Azevedo.*
Uma excepcional estreia literaria	*Liberato Bittencourt.*
Viagem a um paiz mysterioso	*Thomaz Lopes.*
Cartas de mal dizer	*João Ribeiro.*
Berceuse	*Barroso Netto.*
Obras do Porto	*Dr. Alfredo Lisboa.*

CORRESPONDENCIA: RUA DA ALFANDEGA, 24

A Equitativa

O QUE FOMOS.

A EQUITATIVA

em 31 de Dezembro de 1897

PRIMEIRO BALANÇO ANNUAL

Reservas:.	Rs.	328:017$050
Bens de raiz, Apolices da Divida Publica, Depositos em Bancos e outros titulos de renda:	Rs.	550:264$920
Excedente da Receita sobre a Despeza. . . .	Rs.	36:502$067
Premios recebidos: . .	Rs.	858:325$550
Seguros propostos: . .	Rs.	13,067:500$000
Sinistros pagos:. . . .	Rs.	95:000$000

A eloquencia das cifras é esmagadora. Comparae hoje o que foi com o que é, e o gráo enorme de prosperidade da

A EQUITATIVA

resaltará immediatamente aos vossos olhos. **A Equitativa** é a Sociedade Nacional de Seguros Mutuos sobre a Vida a mais bem administrada e a que garante maiores vantagens áquelles que em bôa hora se tornarem seus mutuarios.

O QUE SOMOS.

A EQUITATIVA

em 30 de Junho de 1903

Reservas:.	Rs.	2,271:696$800
Bens de Raiz, Apolices da Divida Publica, Emprestimos sobre hypothecas, Depositos em Bancos e outros titulos de renda:.	Rs.	2,791:497$936
Excedente da Receita sobre a Despeza:. . .	Rs.	681:111$358
Premios Recebidos: .	Rs.	1,377:314$916
Seguros propostos: . .	Rs.	45,697:500$000
Sinistros Pagos: . . .	Rs.	346:819$300
Na sua secção de seguros terrestres e maritimos — **A Equitativa** — constituio uma Reserva especial de:.	Rs.	387:344$877

O progresso constante da **A Equitativa** é visivel. Até hoje monta á **Rs. 1,824:240$840** a somma paga pela **A Equitativa** por sinistros de suas apolices sendo: **Rs. 1,655:819$300** na secção vida e **Rs. 168:421$540** na secção Maritima e Terrestre. Como Sociedade **Puramente Mutua** os lucros da

A EQUITATIVA

pertencem aos seus mutuarios **exclusivamente.**

Apolices resgataveis EM DINHEIRO por sorteio em vida do segurado.

Exclusiva invenção da *A Equitativa* que já sorteiou 14 apolices no valor de Rs. 70:000$000

7, RUA DA CANDELARIA, 7

RIO DE JANEIRO

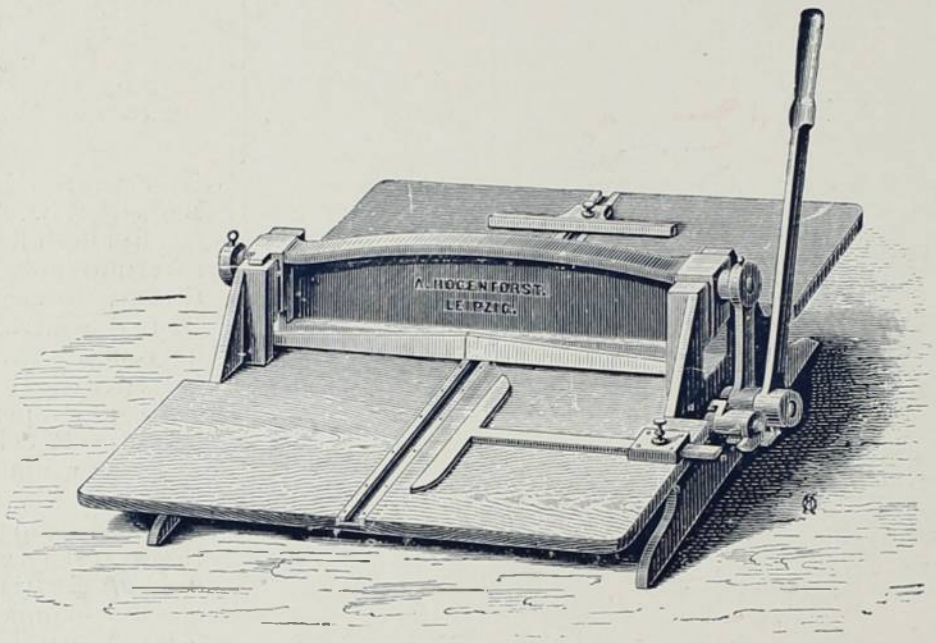
Pedir tabellas e prospectos na sua séde, e com todos os agentes da A EQUITATIVA

ARTES GRAPHICAS

CAIXA DO CORREIO 994 — TELEPHONE N. 1106

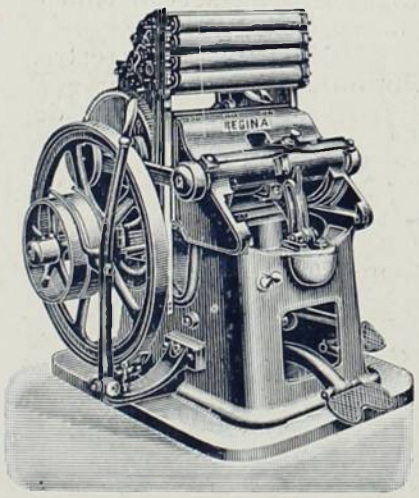
Temos sempre em deposito:

Tintas Typographicas,
Lithographicas,
Vernizes e Grande
Variedade de Typos



Massa para Rolos,
Arames para Cozer,
Zinco, Cobre e Ma-
deira para Gravuras.

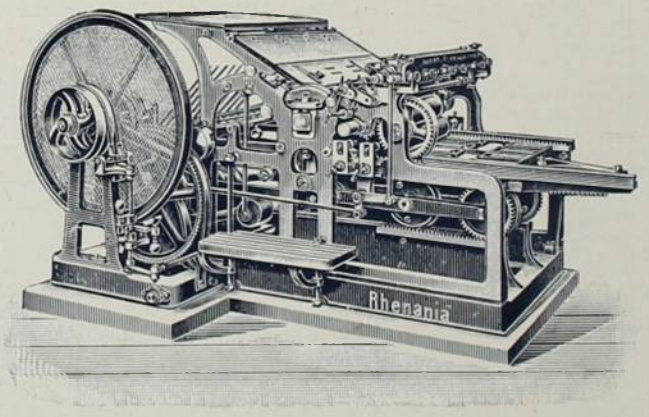
UTENSILIOS PARA COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO



MATERIAL PARA STEREOTYPIA

MACHINAS

PARA IMPRESSÃO ETC.



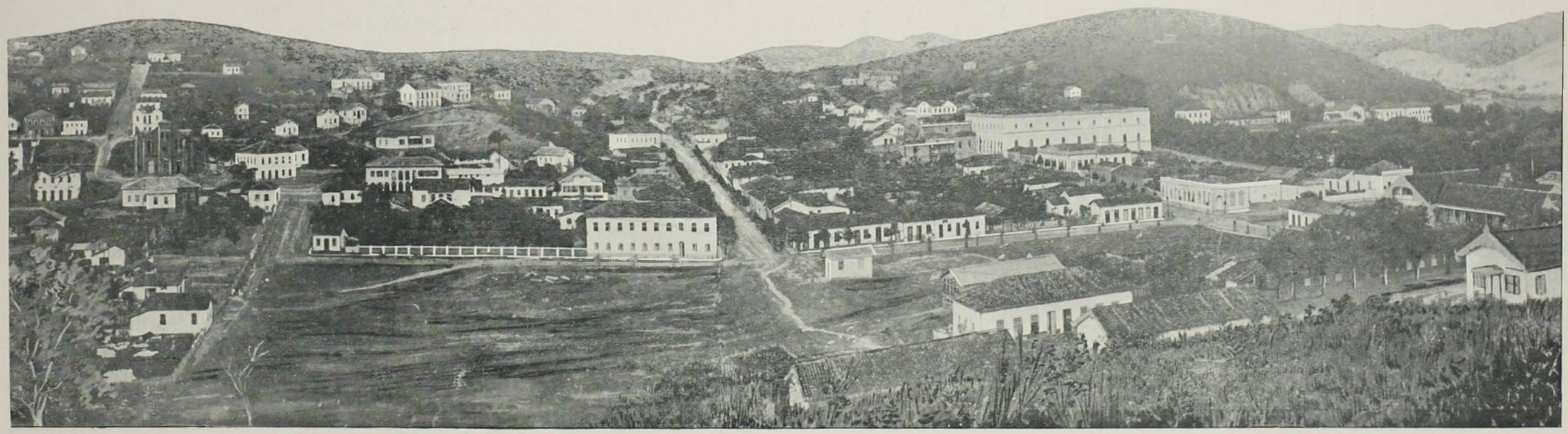
Augusto Niklaus & Co.

Rua da Quitanda N. 54 — RIO DE JANEIRO

A estação de aguas mais frequentada e a menos distante do

Rio de Janeiro

CAXAMBÚ



Agentes Geraes: A. CLAUSEN, Ourives 20 — Rio de Janeiro
CHARLES HÜ & C. — S. Paulo

KÓSMOS



Empreza Maritima Brazileira

32—Rua da Alfandega—32

(2.º ANDAR)

* * * ENDEREÇO TELEGRAPHICO ZAMARA * * * *

PROPRIETARIA DO MAIOR VAPOR QUE NAVEGA COM A BANDEIRA BRAZILEIRA

SÃO LUIZ

de 5000 toneladas de carga, navegação para os portos do Norte, do Sul e Rio da Prata.

FILTROS MALLIÉ

(SYSTEMA PASTEUR)

Esterilisação *absoluta* pela porcelana de amianto

Superiores a todos os outros até hoje conhecidos



A maior facilidade para installação e limpeza ! Simplicidade e elegancia ! Numerosos premios * * em todas as exposições * *

UNICOS AGENTES PARA

* * * todo o Brazil: * * *

A. Abreu & C.ia

102, Rua da Quitanda, 102

(Sobrado).

RIO DE JANEIRO

Catalogos e prospectos á disposição do publico.

ARAUJO, VEIGA & C.

RUA DO OUVIDOR, 84 — RIO DE JANEIRO

Grande Variedade de Artigos de Fantazia, Chapéos de Sol, Gravatas para Homens, Obejectos para Bordar e para Flores, Luvas, Leques, Meias de Seda e de Fio de Escossia, Perfumarias, Marcar para Cotillon e tudo que pertence ao Artigo Armarinho e Modas.

TELEPHONE 806

DUBONNET

O MELHOR APERITIVO

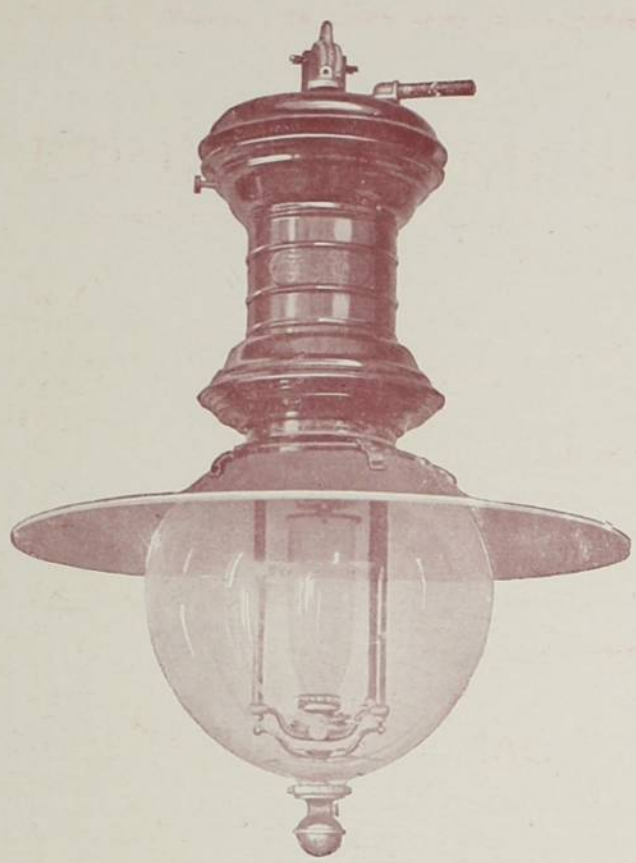
Rotisserie Americaine

ROGELIO & AREAL

50 — Rua Gonçalves Dias — 50

SERVIÇO DE 1ª ORDEM

GRANDE SALÃO DE BILHARES NO 1º ANDAR



REPRESENTANTES
DAS SEGUINTES FIRMAS:

GENERAL ELECTRIC CO.
APPARELHOS ELECTRICOS PARA FORÇA E LUZ

PELTON WATER WHEEL CO.
RODAS DE AGUAS, TURBINAS, &

Mc INTOSH SEYMOUR & CO.
MACHINAS A VAPOR

BABCOCK & WILCOX CO.
CALDEIRAS A VAPOR

THE PECKHAM MANUFACTURING CO.
TRUCKS PARA CARROS E VAGÕES

THE CHLORIDE ELECTRICAL STORAGE COMPANY LTD.
ACCUMULADORES ELECTRICOS

A. L. IDE & SONS
MACHINAS A VAPOR "IDEAL"

CHICAGO PNEUMATIC TOOL COMPANY
MACHINAS E FERRAMENTAS DE AR COMPRIMIDO

CLEVELAND TWIST DRILL CO.
BROCAS AMERICANAS

L. S. STARRETT CO.
FERRAMENTAS FINAS

CINCINNATI TOOL CO.
FERRAMENTAS

FAY & EGAN CO.
MACHINAS DE TRABALHAR EM MADEIRA

GLOBE WERNECKE CO.
MOBILIA DE ESCRIPTORIO

LOZIER MOTOR CO.
MOTORES E LANCHAS DE GAZOLINA

WORTHINGTON PUMPING ENGINE CO.
BOMBAS A VAPOR

MIETZ & WEISS
MOTORES A GAZ E KEROZENE

HAMMOND TYPEWRITER CO.
MACHINAS DE ESCREVER

VICTOR TALKING MACHINE CO.
GRAMOPHONES E ACCESSORIOS

EASTMAN KODAK COMPANY
APPARELHOS PHOTOGRAPHICOS

IMPORTADORES DE
MACHINAS PARA OFFICINAS E APPARELHOS ELECTRICOS DE TODAS AS QUALIDADES

ASCHOFF & GUINLE

* * * * SUCCESSORES DE JAMES MITCHELL & C. * * * *

Engenheiros Mechanicos Hydraulicos e Electricistas

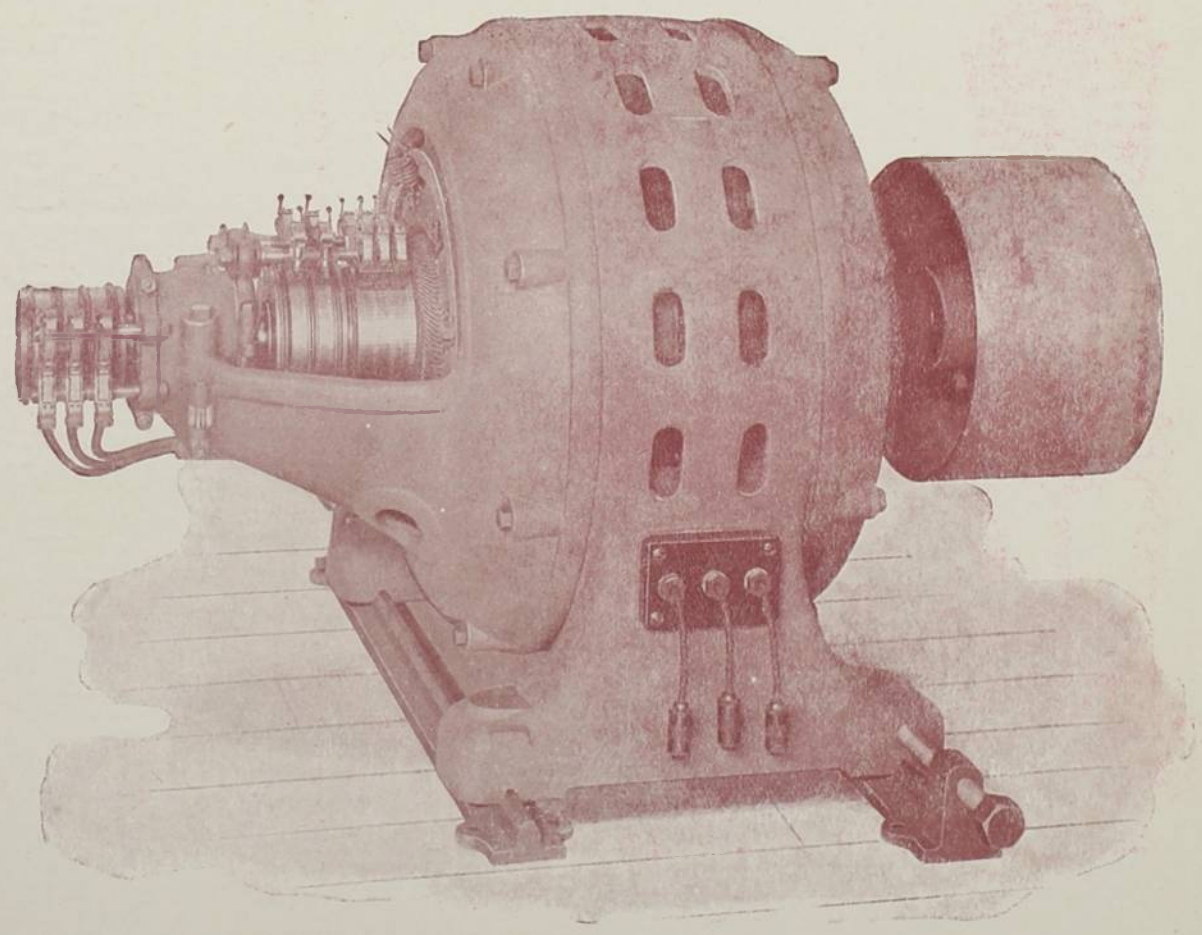
Importadores de Machinas e Manufacturas Norte-Americanas

55 ∽ Rua do Ouvidor ∽ 55

* * * * * RIO DE JANEIRO — BRAZIL * * * * * * * * *

RUA DIREITA N. 7, S. PAULO

OFFICINAS E DEPOSITO: RUA NOVA DO OUVIDOR, 13



OFFICINA TYPOGRAPHICA DE

J. SCHMIDT

IMPRESSÕES ARTISTICAS, TRABALHOS

COMMERCIAES, CATALOGOS ILLUSTRADOS,

CARTÕES POSTAES COM VISTAS ETC.

24, RUA DA ALFANDEGA, 24

* * * * * RIO DE JANEIRO * * * * *

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

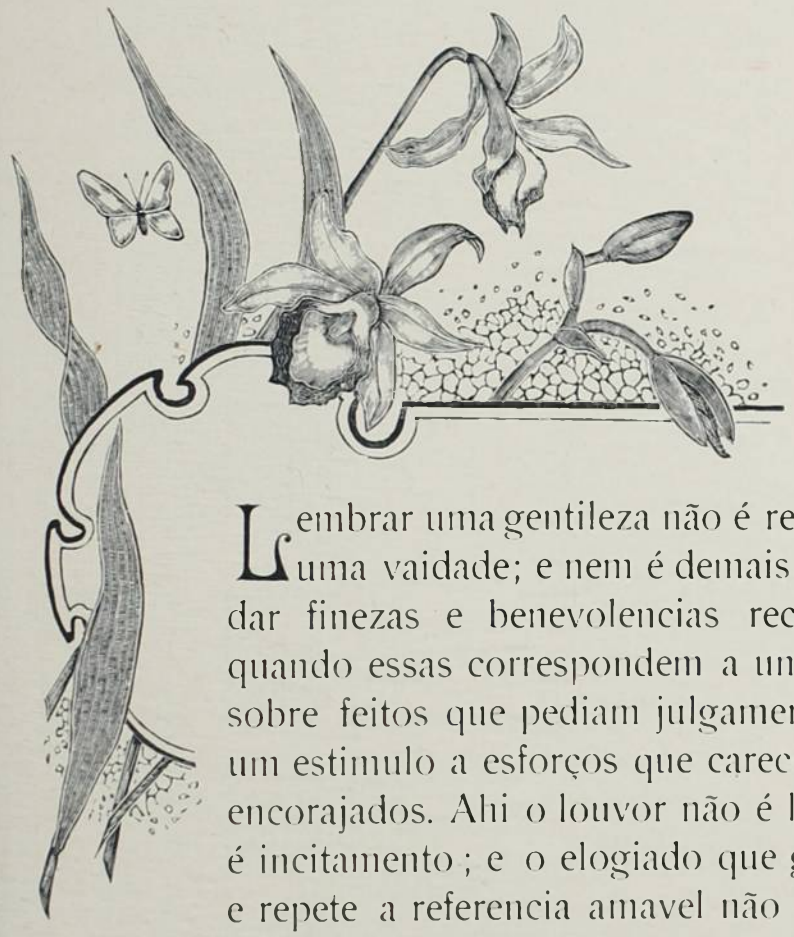
Director
MARIO BEHRING

ASSIGNATURA ANNUAL 20$000
NUMERO AVULSO .... 2$000

Editor-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ANNO I | FEVEREIRO 1904 | N. 2

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS PELOS NOSSOS COLLABORADORES



Lembrar uma gentileza não é registrar uma vaidade; e nem é demais recordar finezas e benevolencias recebidas quando essas correspondem a um juizo sobre feitos que pediam julgamento e a um estimulo a esforços que carecem ser encorajados. Ahi o louvor não é lisonja, é incitamento; e o elogiado que guarda e repete a referencia amavel não se envaidece, mas se acolhe antes, por tímido, á autoridade dos que podem proteger e julgar.

Eis porque reeditamos hoje as palavras amigas com que a imprensa d'esta cidade e de S. Paulo recebeu o primeiro numero de *Kósmos*.

Kósmos representava um grande esforço, desapadrinhado, entretanto, de um grande nome. Os seus operarios não tinham por si mais do que um grande amor pela arte e pelo trabalho e uma vontade forte de acertar e vencer; e, em um meio artistico como o nosso, onde iniciativas melhor autorisadas tinham sido vencidas pela indifferença do publico e pelas difficuldades que se antolham, no terreno material, a emprehendimentos d'esse genero, é facil de ver quanto a sorte da revista dependia do primeiro numero e quanto pesaria na victoria ou derrota o acolhimento da imprensa.

Presumimos mesmo ter tentado uma cousa nova, ser *Kósmos* o primeiro trabalho feito em seu genero no Brasil. Tinhamos tido, como organisação litteraria, revistas magnificas, como a *Revista Brasileira*, cujo lustre *Kósmos*, ainda que ajudado de brilhante collaboração, não suppunha sobrepujar; mas no terreno technico, no dominio das artes graphicas, no apuro e no amor com que buscamos vestir as letras e realizar no paiz novas formas e processos ainda não praticados aqui de impressão e gravura, *Kósmos* representava, de facto, uma tentativa audaz, pelas condições do meio e pelos desanimadores precedentes.

Tinhamos um ideal, presumimos força, impelliu-nos a fé. Presumimos de mais? Erraramos? Vencemos?

E' o que nos viria dizer o julgamento da imprensa, e esse nos foi lisongeiro.

Mercê d'esse acolhimento, *Kósmos* prospera. O favor publico nos protege; todos os dias se nos pedem assignaturas; foi-nos preciso suspender a venda avulsa para guardar uma pequena reserva para os novos assignantes. A empreza, si ainda não chegou a seu termino, vae, pelo menos, a bom caminho.

E' natural, é justo, pois, que registremos tão beneficas gentilezas. Vae nisso, antes de tudo, uma grata homenagem á imprensa, e o que possa ahi parecer de vaidade não nos inculpa, tão impessoal esta é. E' a vaidade legitima do trabalho que vence e da arte que se affirma.

Obrigados.

KÓSMOS

Correio da Manhã

"KÓSMOS"

Honra o nosso acanhado meio literario uma publicação no genero dessa, que hontem appareceu.

Após percorrer uma a uma das paginas do *Kósmos*, o leitor não póde esconder o seu enthusiasmo, a deliciosa impressão que lhe deixou a revista.

Kósmos, pelo magnifico trabalho artistico, intelligente e esmerado, composta e impressa em papel superior, parece uma dessas brilhantes publicações sahidas dos prelos parisienses e que constituem, pela sua belleza, um verdadeiro regalo para os olhos e para o espirito. *Kósmos* é um primor, attesta posteriormente o adiantamento das artes graphicas entre nós, adiantamento que chegou á perfeição.

O material é todo elle importado das principaes fabricas européas.

A revista ostenta admiraveis gravuras, sendo justo salientar entre ellas uma trichromia, representando *Nero no amphitheatro*, a da estatua do jurisconsulto Teixeira de Freitas e a da pagina do soneto *A Vasco Ortigão*.

A collaboração é excellente. Bilac firma uma scintillante chronica e assigna um bello soneto; José Verissimo escreve sobre o anno litterario; Arthur Azevedo resume os dez annos theatraes, acompanhados de retratos dos artistas notaveis que nos visitaram; Medeiros e Albuquerque publica um conto e Moreira Guimarães, L. Bittencourt, Reis Carvalho, V., e coronel Barbedo dão aos leitores interessantes trabalhos. *Kósmos* presta homenagem a Francisco Braga, estampando o retrato do maestro e umas estrophes de Victor Hugo, que o nosso illustre patricio musicou. E, em summa, uma publicação que não tem rival no paiz.

Dirige a revista o sr. Mario Behring e edita-a o sr. Schimidt, em cujas officinas é composta e impressa.

Gratos pelo exemplar que nos foi offerecido.

Jornal do Brazil

"KOSMOS"

Recebemos o primeiro numero da revista *Kosmos*, de arte, sciencia e litteratura, que começa agora a sua publicação nesta capital.

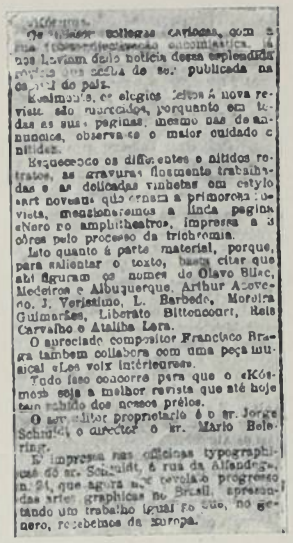
E' essa, em verdade, uma revista magnifica, completa no genero, confeccionada com relevante carinho artistico, o que a collloca na altura das melhores publicações congeneres, que se fazem na Europa e na America do Norte.

O trabalho graphico é primoroso, desde a capa, de uma artisticha e distincta, o papel é de superior qualidade; a collaboração é escolhida e variada, abrangendo os varios ramos de litteratura.

Abre com duas palavras de apresentação, e a seguir: chronica do sr. Olavo Bilac; uma noticia sobre a cataracta do Iguassú; artigo bibliographico do sr. J. Verissimo; escriptos militares dos srs. Moreira Guimarães e L. Barbedo; ainda um soneto do sr. Bilac; a gravura da estatua de Teixeira de Freitas; trabalhos dos srs. Liberato Bittencourt e Reis Carvalho; uma noticia sobre a momentosa questão dos limites do Brasil com a Bolivia; uma pagina de musica do maestro Francisco Braga; uma formosa gravura, bom trabalho de impressão em trichromia, representando Nero no amphitheatro; contos dos srs. Medeiros e Albuquerque e Ataliba de Lara; revista theatral de 1903, pelo sr. Arthur Azevedo, com retratos de varios artistas.

A contemporanea é editada pelo sr. Jorge Schimidt e dirigida pelo sr. Mario Bhering, e merece todo acolhimento e animação, porque faz honra ás artes graphicas do Brasil.

A Platea



Diario Popular

«Kosmos»—Ha publicações que desde logo se impõem ao mais requintado sentimento esthetico, ao mais culto intellectualismo.

E quando ellas apparecem, zombando da indifferença do publico, affrontando toda sorte de difficuldades, a começar pela escassez de recursos graphicos de que ainda se rescentem as nossas melhores officinas, causam verdadeira sorpreza.

Está neste caso a revista scientifica, artistica e litteraria *Kosmos*, que veiu a lume, este mez, na Capital Federal, sob a direcção de Mario Behring e de propriedade de George Schmidt.

E' a primeira vez que não fazemos favor algum elogiando incondicionalmente uma publicação desse genero, porque os elogios que ora lhe fazemos saltam expontaneos de nossa penna; e tanto mais, que não hesitamos em comparar *Kosmos* ás melhores revistas estrangeiras que conhecemos.

O seu primeiro numero está primoroso, quer na parte material, quer no texto em que figuram, a subescrever magnificos trechos em prosa e verso, os nomes de Olavo Bilac, J. Verissimo, Moreira Guimarães, L. Barbedo, Liberato Bettencourt, Reis Carvalho, Medeiros e Albuquerque, Ataliba de Lara e Arthur Azevedo.

O maestro Francisco Braga collabora no presente numero com uma bella romança, *Les voix intérieures*, escripta sobre uma versão de Victor Hugo.

Das illustrações, que são todas de notavel nitidez, destacam-se um mappa mostrando a nova fronteira norte entre o Brasil e a Bolivia e um trichromia *Nero no Amphitheatro*.

Agradecendo a remessa de um exemplar da *Kosmos*, o *Diario* faz votos para que ella perdure em nosso meio artistico-litterario.

A Noticia

Kósmos, a brilhante revista, dirigida pelo Sr. Mario Bhering, e impressa nas officinas do Sr. J. Schimidt, que hontem publicou com successo, com triumpho o seu primeiro numero, veio realisar uma aspiração.

Ninguem, entre nós, habituado ás meias tintas das revistas communs, podia esperar a tão completa perfeição que nos exhibio, da primeira á ultima pagina, a primorosa e linda publicação.

De modo que todas as vistas, demoradas de alegria e de attenção, se voltavam hontem nos balcões e nas vitrinas das nossas livrarias, para festejar, para applaudir esses homens heroicos, que vencendo a rotina, deram a esta terra uma revista.

Quasi todo o seu texto de artigos, chronica e versos de Victor Hugo, de Bilac (soneto inedito), de José Verissimo, Arthur Azevedo, Medeiros e Albuquerque, Moreira Guimarães, coronel Barbedo, Reis Carvalho, é illustrada de magnificas, de nitidas photogravuras, num papel excellente, caro, luminoso.

Dá, porque é de seu programma ser album das nossas bellezas naturaes, estampas dos principaes saltos brasileiros, das cataractas do Iguassú, no territorio das Missões.

Traz uma estampa da estatua de Teixeira de Freitas, esculptura do Bernardelli.

Ha dois trabalhos de impressões, que são admiraveis — o mappa mostrando a nova fronteira entre o Brasil e a Bolivia e o quadro *Nero no amphitheatro*. E' uma maravilha de nitidez e de luz. Francisco Braga escreveu uma formosa musica para *Les voix intérieures*, de Victor Hugo.

Correio Paulistano

PUBLICAÇÕES

Kosmos

«Foi positivamente uma surpreza, uma agradabilissima surpreza a que tivemos ao recebor o primeiro numero da revista scientifica, artistica e litteraria *Kosmos*, cuja publicação foi iniciada ha pouco na Capital Federal.

E não mentimos nem exaggeramos dizendo que a nossa surpreza logo se transformou em um quasi orgulho.

A revista que temos em mãos é uma prova segura de que possuimos emfim uma bella, uma fina e delicada publicação capaz de rivalizar, no genero, com as melhores existentes no extrangeiro.

Kosmos é uma primorosa revista feita á moderna e não é difficil perceber que as suas paginas são trabalhadas com muito carinho, com muita arte por espiritos que se encarregaram — em boa hora, de demonstrar que no paiz, feito até então de uma revista de tal valor, possuimos elementos para um semelhante commettimento.

E cada o nosso orgulho, logo depois tarifado por um temor justificado — o receio do que tão encantadora publicação viesse a desapparecer talvez em breve, devido á criminosa indifferença do meio, assoberbada por um sem numero de difficuldades.

Entretanto, temos a esperança de que tal não se dará. A brilhante revista ha de encontrar por força o acolhimento lisongeiro que merece e viverá triumphante, ficará victoriosa attestando o nosso bom gosto e o nosso cultivo.

O primeiro numero da *Kosmos* está magnifico não só na sua parte material como no texto. Jámais, em publicações nacionaes, vimos trabalho graphico tão perfeito. De uma nitidez admiravel, as vinhetas, as gravuras são encantadoras. Entre estas notam-se uma formosa trichromia *Nero no Amphitheatro* e um mappa do territorio do Acre, determinados com a maxima exactidão a actual fronteira entre o Brasil e a Bolivia.

Além disso dá a revista uma *romanza* do maestro Francisco Braga sobre os versos de Victor Hugo *Les Voix Interieures*.

O summario é o seguinte:

Chronica, Olavo Bilac; Missões, Cataractas do Iguassú; Vida litteraria, O anno passado, J. Verissimo; Philosophando, Moreira Guimarães; Canhôa de tiro rapido, tenente-coronel L. Barbedo; Soneto, Olavo Bilac; Uma exc pcional estréa litteraria, Liberato Bittencourt; A questão feminina, Reis Carvalho; Limites do Brasil e Bolivia, V.; Les voix interieures, Francisco Braga; 11 e 20 (conto), Medeiros e Albuquerque; Olhos humanos, Ataliba de Lara; O theatro em 1903, Arthur Azevedo.

Kosmos é propriedade de George Schmidt e dirige-a Mario Behring.

A Nação

A REVISTA "KOSMOS"

A revista que hoje apparece com o titulo acima é, sem favor nenhum, a melhor que se tem publicado no Brasil e rivalisa com as melhores de Paris, Londres, Berlim e Estados-Unidos. Desde a sua capa, feita com um gosto e uma sobriedade realmente artisticos, desde o typo, que é o mais perfeito e elegante; desde o papel, que é esplendido; desde a impressão, que é nitidissima, até as gravuras, que são feitas pelos processos mais aperfeiçoados, a *Kosmos* impõe-se como uma publicação de primeira ordem, que só póde honrar e enaltecer o Brasil como um primoroso specimen do desenvolvimento das artes graphicas na nossa patria. As suas gravuras são perfeitos trabalhos graphicos, mas sobresahe a que representa uma scena do *Quo Vadis?*

Essa é um magnifico chromo a tres côres, trabalho absolutamente novo, que pela primeira vez se executa no Rio de Janeiro. A parte graphica que é a que ha de melhor, como dissemos, a *Kosmos* ainda se recommenda pelo seu texto que é collaborado pelos mais brilhantes nomes das nossas lettras. Este 1º numero, já tão promissor, insere uma chronica de Bilac, um artigo de José Verissimo sobre o movimento litterario do Brasil em 1903, lyrios militares do Sr. Moreira Guimarães e Liberato Bittencourt, ainda um soneto de Bilac, chronica do theatro de A. Azevedo, artigos avulsos, com illustrações e gravuras e uma pagina de musica de Francisco Braga.

Aos proprietarios da bellissima revista que representa um acto esforçoi industrial apresentamos os nossos mais effusivas saudações.

Gazeta de Noticias

KOSMOS

Estamos agradavelmente surprehendidos, e essa surpreza é provocada pelo primeiro numero da nova revista *Kosmos*.

Com sinceridade confessamos: estavamos longe de suppôr que a arte typographica estivesse tão adiantada no nosso meio. A primeira impressão, ao percorrermos a bellissima revista, foi que tanto aquillo havia sido executado na Europa. E entretanto, tudo foi executado aqui, com uma nitidez, um bom gosto e uma perfeição que não existiam no Brasil.

O primeiro numero, a par de bellas reproducções, uma dellas colorida a tres côres, traz uma parte litteraria primorosa.

A chronica é de Olavo Bilac.

Seguem-se Das *Cataractas do Iguassú*, a vida litteraria, de José Verissimo; Philosophando, por Moreira Guimarães; soneto, de Bilac; *A questão feminina*, de Reis Carvalho; um bello mappa dos limites do Brasil e Bolivia; *Les voix interieures*, de Victor Hugo, musica de Francisco Braga; 11 e 20, conto de Medeiros e Albuquerque; Olhos humanos, de Ataliba de Lara; e finalmente, «O theatro em 1903», de Arthur Azevedo.

Kosmos representa um grande esforço que deve ser animado de proprios animadores cultos leitores desta arte!

E' editor proprietario o Sr. Jorge Schmidt, em cujas officinas é impressa a revista.

Jornal do Commercio

IMPRENSA

Recebemos hontem o 1º numero do *Kosmos*, revista artistica, scientifica e litteraria, publicada sob a direcção do Sr. Mario Behring e de que é editor proprietario o Sr. Jorge Schimidt.

Essa revista é primoroso trabalho artistico de impressão a côres, o melhor trabalho desse genero que tem sahido dos prelos no Brasil. Parfeitamente illustrado com magnificas gravuras, tem ainda neste primeiro numero, que esperamos seja seguido com a mesma execução por centenas de outros, cartas descriptivas a côres das terras fronteiriças com a Bolivia, questão da actualidade e um quadro a tres côres, representando *Nero no Amphitheatro*, com o que lembra o martyrio da Lygia do *Quo Vadis*.

A parte litteraria e scientifica é variada.

O Paiz

Somos surprehendidos — e esta a expressão — com o apparecimento da nova revista *Kosmos*, de que são director o Sr. Mario Behring e editor proprietario o Sr. Jorge Schmidt.

Todo esse novo periodico, tanto no que respeita a sua feitura material, como no que se refere á sua feição intellectual, é um verdadeiro primor.

Admiravelmente impresso em papel da mais fina qualidade, a revista *Kosmos* apresenta-se ao publico em trajes de gala e com a promessa de ainda melhorar as suas ricas edições mensaes.

As suas paginas, todas as primeiras, que filiam bem cedo com uma bellissima chronica, até as ultimas, estão recheias de interessantes trechos literarios e scientificos, ornadas por autores de nomeada e ornadas de gravuras que resistem a qualquer confronto com as das melhores revistas estrangeiras, além de uma lindissima pagina colorida representando Nero no amphitheatro.

Foi por todo esse bello conjunto, que pela primeira vez se consegue obter nesta cidade, que dissemos linhas atrás serem surprehendidos com o apparecimento da revista *Kosmos*, cujo futuro parece assegurado pela firmeza com que entra na lide jornalistica.

A Tribuna

«KOSMOS»

Appareceu finalmente essa perfeita *Kosmos* que creou o arrojo intelligente de Jorge Schmidt, seu esforçado editor.

E' uma novidade, pelo genero e pelo luxo.

Feita em lindo papel, com deliciosas gravuras de plena actualidade, collaborada eminentemente por Bilac, Medeiros e Albuquerque, José Verissimo, Arthur Azevedo, Francisco Braga e outros, traz o fino carinho do seu feitio no apuro de paginas brilhantes e na primicia para nós da trichromia jámais vista em publicações nacionaes.

Sobre a questão do Acre, ha claros mappas coloridos e preciosa noticia.

E mais não fosse, — para attestar do valor desse primeiro numero da *Kosmos* com artistica capa e bello conteúdo, basta citar o admiravel soneto que floresce em pagina assignada por Olavo Bilac.

O Estado de S. Paulo

Recebemos o primeiro numero da *Kosmos*, uma excellente revista scientifica, litteraria e artistica, que se publica no Rio.

A parte material da nova revista é primorosa e, ao genero, a publicação mais artistica que tem apparecido entre nós.

Magnificas gravuras, dama nitidez perfeita; impressão typographica rigorosamente trabalhada e excellente papel.

Este primeiro numero publica artigos de Olavo Bilac, J. Verissimo, Medeiros de Albuquerque, Arthur Azevedo, Moreira Guimarães, Reis Carvalho, Ataliba Lara, Liberato Bittencourt e S. Barbedo.

Francisco Braga, o nosso distincto maestro, publica uma bellissima romança, *Les voix intérieures*, versos de Victor Hugo.

Enviando os nossos parabens aos fundadores da *Kosmos*, fazemos votos pela prosperidade e longa vida da explendida revista.



CHRONICA

TIVEMOS um janeiro abrazado e feroz, sem festas e sem alegria. As festas e a alegria não são para o Rio de Janeiro, durante o estio: são para a formosa Petropolis, posta no alto da Serra dos Orgãos, como uma rainha sobre um throno, coroada de rosas vermelhas e de camelias alvas, cortejada pela gente feliz e elegante. Cá em baixo, na velha cidade torrada de sol, cheia de miasmas, sob a revoada dos mosquitos servidores das febres, fica a gente que trabalha sem descanço, penando e suando.

Tambem, é força reconhecer que toda essa gente parece não sentír o calor, nem a falta de ar, nem o morno bafío insalubre das ruas apertadas e pouco limpas. A frescura da aragem, a pureza do ar, o perfume das grandes arvores amigas não são monopolio da vaidosa Petropolis. Aqui, bem perto do centro escaldado da cidade, ha montanhas cobertas de fresca e odorante verdura, encantados retiros onde os pulmões da gente pobre se podem facilmente encher de oxigenio... gratuito, e onde os seus olhos, cançados da contemplação das cousas feias, podem, tambem de graça, fartar-se de panoramas admiraveis, de serras acastelladas estendendo-se sem raias, de aguas batidas de luz achamalotando-se ao vento, de largos trechos de céo azul cortados de azas. Mas a Tijuca, as Paineiras, o Sylvestre ficam desertos nos domingos e nos dias feriados: os pobres desprezam esses encantos, cujo goso se pode obter sem dinheiro...

No dia de S. Sebastião, deixando cá em baixo a poeira das ruas, o ardor do sol e a tristeza do dia feriado, abalei para o alto das Paineiras. A' hora da partida do trem, reconheci com espanto que ia subir sósinho. Não havia outro passageiro. O chefe do trem ainda demorou a partida, esperando que algum retardatario apparecesse, e ficou durante oito ou dez minutos, com o relogio na mão, espiando a passagem dos bondes do Cosme Velho que subiam e desciam. Mas ninguem appareceu: a locomotiva apitou, e começou a galgar, arquejante, a lombada verde da serra. Lá em cima, no planalto das Paineiras, reinava um silencio claustral. Almocei sósinho, diante do incomparavel espectaculo da bahia, cuja agua, sob a chuva de fogo da soalheira, parecia polvilhar-se de ouro. E, de mim para mim, vendo tudo aquillo deserto, eu dizia: «Singular gente, a nossa, que tem inveja dos veranistas de Petropolis, e não vem gozar o divino encanto d'este logar, tão cheio do consolo e do repouso que a Natureza sempre dá a quem sabe comprehendel-a e amal-a!»

*

Janeiro presidiu, aqui e em todo o paiz, á organização das diversas Exposições Preparatorias para a grande Exposição Internacional de S. Luiz.

Nem todos os Estados do Brasil figurarão na grande feira universal: alguns d'elles só poderiam figurar com brilho n'um certamen de pathologia social, expondo as suas mazellas politicas, os fructos da sua administração de corrilhos e olygarchias, as amostras da incapacidade dos seus governantes, e a farta colheita de tempestades que teem sahido da sua sementeira de ventos máus. Invalidos não vão a festas: certos Estados da União, reduzidos á miseria, maltrapilhos e famintos, fariam triste figura no esplendor e na magnificencia d'aquella grande festa do trabalho.

Felizmente, a doença não ganhou todo o organismo nacional. A União ainda vive e prospéra, senão na fartura, ao menos na mediania honesta, apezar da gafeira que está roendo algumas partes do seu vasto corpo. Minas, S. Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná e a cidade do Rio de Janeiro encherão dignamente, com os fructos do seu trabalho e com a affirmação da sua actividade fecunda, o bello palacio, em cuja fachada, sobre as aguas do Mississipi, palpitará, formosa e gloriosa, a nossa bandeira...

*

Mas ha de sempre apparecer, em quanto emprehendemos, uma nota extravagante...

Assim, não vamos expôr apenas em St. Louis a nossa lavoura e a nossa industria; vamos tambem expor a nossa «bravura».

Quatro ou cinco brasileiros (não sei bem o numero d'esses esforçados rapazes) vão atravessar o oceano, do Brasil aos Estados Unidos, sobre a taboa oscillante de uma jangada. Quando a jangada chegar ao littoral da America do Norte, entrará, á vela ou a remo, pelas aguas do Mississipi, ou,—o que é mais provavel—desmanchada em varios pedaços, será ridiculamente transportada, como um fardo qualquer, n'um wagon de estrada de ferro, até a cidade opulenta em que todas as nações da terra vão ostentar as suas riquezas...

Não é, de certo, para mostrar aos povos civilisados o que é uma jangada,—que esses arrojados brasileiros emprehendem tão espectaculosa viagem. Já, na infancia da Humanidade, antes das assombrosas viagens dos phenicios, a jangada era o vehiculo das gentes que se aventuravam pelo mar: e, se alguma vez o Antropomorphus Pithecus, nosso primeiro avô, emprehendeu viagens maritimas,—foi com certeza ás taboas mal concertadas de uma jangada que elle confiou o seu corpanzil cabelludo e disforme...

O que os tripulantes da Jangada Brasil querem expôr em St. Louis é, supponho, a sua bravura, a *nossa* bravura, a intrepidez e o arrôjo da raça... E devo declarar, depois de impetrada a devida venia, que acho esse intuito perfeitamente ridiculo.

Já sei que a coragem é uma virtude admiravelmente bella e nobre. Mas essa belleza e essa nobreza dependem do emprego que a creatura humana dá á sua coragem. Tambem os tigres, os leões e os cães são corajosos... Ninguem admiraria a coragem de um homem, que sómente para affirmar a sua energia moral, se arrojasse dentro de uma fogueira, ou que lentamente, com requintes de voluptuosa e sinistra crueldade, fosse arrancando a propria pelle aos pedacinhos...

E' bella e admiravel, sim, a coragem de Nansen e de Nordenskjold, affrontando a morte para devassar o segredo dos pólos,—ou a dos exploradores que perlustram os segredos dos sertões da Africa e do Thibet,—ou a de Garnault inoculando em si mesmo o virus da tuberculose. Nos dois primeiros casos, a coragem obedece a uma nobre ambição de apurar os conhecimentos geographicos ou de dilatar por essas regiões desconhecidas o commercio e a civilisação; e, no segundo caso, ha o santo e louvabilissimo desejo de combater a mais terrivel e assassina de quantas molestias affligem a humanidade, estudando o seu processo de contaminação, e procurando descobrir contra o seu influxo nefasto uma arma segura e infallivel.

Mas atravessar o oceano sobre uma jangada, unicamente para mostrar aos yankees que ha no Brasil quatro ou cinco homens que não teem medo de tempestades,—é uma empreza... comica.

Já, no Brasil, a jangada foi posta ao serviço de uma grande causa,—quando os jangadeiros do Ceará protestavam contra o immundo commercio da carne humana, furtando os miseros captivos aos senhores.

N'esse tempo, a jangada era o vehiculo da Liberdade e do Amor: hoje, se vingar a tentativa d'esses bravos brasileiros que empregam tão inutilmente a sua bravura, a jangada será apenas o vehiculo da mais futil de todas as basofias...

*

Janeiro teve a gloria de ver terminado o fatigante e perigoso conflicto do Acre. Não faltou ao tratado de Petropolis discussão minuciosa e longa,—que serviu para demonstrar mais uma vez a alta competencia e o patriotismo do plenipotenciario brasileiro.

Este nome de Paranhos-Rio Branco é um nome bemfadado...

O brasileiro, que pela primeira vez o teve, conseguiu, por um favor supremo do destino, ligal-o perpetuamente á recordação da mais bella de quantas leis contribuiram para a extincção do captiveiro no Brasil. A escravidão era uma arvore maldita, cujas raizes entravam fundo no seio da terra. Todas as leis, que precederam a de 28 de setembro, golpearam sómente as folhagens negras e os galhos horrendos d'essa arvore do soffrimento: as raizes continuavam a sugar a vida da terra, e a alimentar o corpo do monstro. Mas a lei de 28 de setembro, revolvendo, salgando, esterilisando e matando o terreno em que essas raizes se embebiam, deu o primeiro golpe certeiro e bemdito na instituição nefanda.

Declarado livre o ventre da mulher escrava, a escravidão estava virtualmente morta: as mães captivas já não olhariam, com horror, os filhos recemnascidos, preferindo vêl-os mortos a vêl-os fadados á ignominia e á amargura; a lei do visconde do Rio Branco suspendia a gestação de escravos, redimindo as entranhas das miseras captivas, e dando a cada uma d'essas desherdadas da Liberdade o consolo e a alegria de saber que a carne da sua carne e a alma da sua alma viveriam e cresceriam livres do opprobrio...

Ficar ligado á essencia e á virtude de uma lei como essa, já deveria ser, para um nome, a suprema gloria. Mas outras glorias estavam destinadas ao nome predestinado de Paranhos-Rio Branco.

O filho do libertador dos nascidos de ventre escravo tinha de continuar, em outro terreno, a missão sagrada do pae; o segundo Paranhos-Rio Branco foi o demarcador das fronteiras da patria: reconquistando, pela palavra e pelo pensamento, tres immensos territorios, reincorporou na communhão nacional uma immensa multidão de brasileiros.

A conquista pacifica do Acre veio completar a reivindicação das Missões e do Amapá. E os ideiaes brasileiros de civilisação, de concordia, de piedade, de amor e de paz, tão bem servidos, no Imperio, pelo primeiro Rio Branco, vieram ter, na Republica, como seu maior servidor, o herdeiro d'esse nome venerando.

*

Agora, que as Camaras approvaram o tratado de Petropolis; agora, que, em torno d'essa questão, cessaram as disputas e as duvidas,—é justo examinar o verdadeiro valor do que o barão do Rio Branco acaba de realizar. O que mais vale, na ultimação d'esse convenio diplomatico, não é a conquista de um vasto territorio,—porque a gloria das patrias não depende, senão em plano muito inferior, da vastidão dos seus dominios territoriaes; não é tampouco a nacionalisação dos sessenta mil brasileiros residentes no Acre,—porque a nossa patria não é propriamente a porção do planeta que os nossos pés calcam, e porque, ainda ficando sob o dominio da Bolivia, esses sessenta mil acreanos poderiam continuar a ser verdadeiramente e ardentemente brasileiros;—o que mais vale, nesse tratado, cuja celebração devemos ao talento e á energia do barão do Rio Branco, é a bella e fecunda lição que o Brasil acaba de dar, com elle, ao velho egoismo das nações guerreiras,—tratando de defender a sua integridade, sem prejudicar o progresso de uma nação visinha, e fornecendolhe, ao contrario, novos elementos de prosperidade e ventura.

Com o tratado de Petropolis, o Brasil affirmou o seu vehemente e nobre amor da Paz. A nossa victoria não é, como costumam ser quasi sempre as victorias de um sobre outro paiz, entristecida pela sombra do mais leve remorso. Nós vencemos, praticando o Bem.

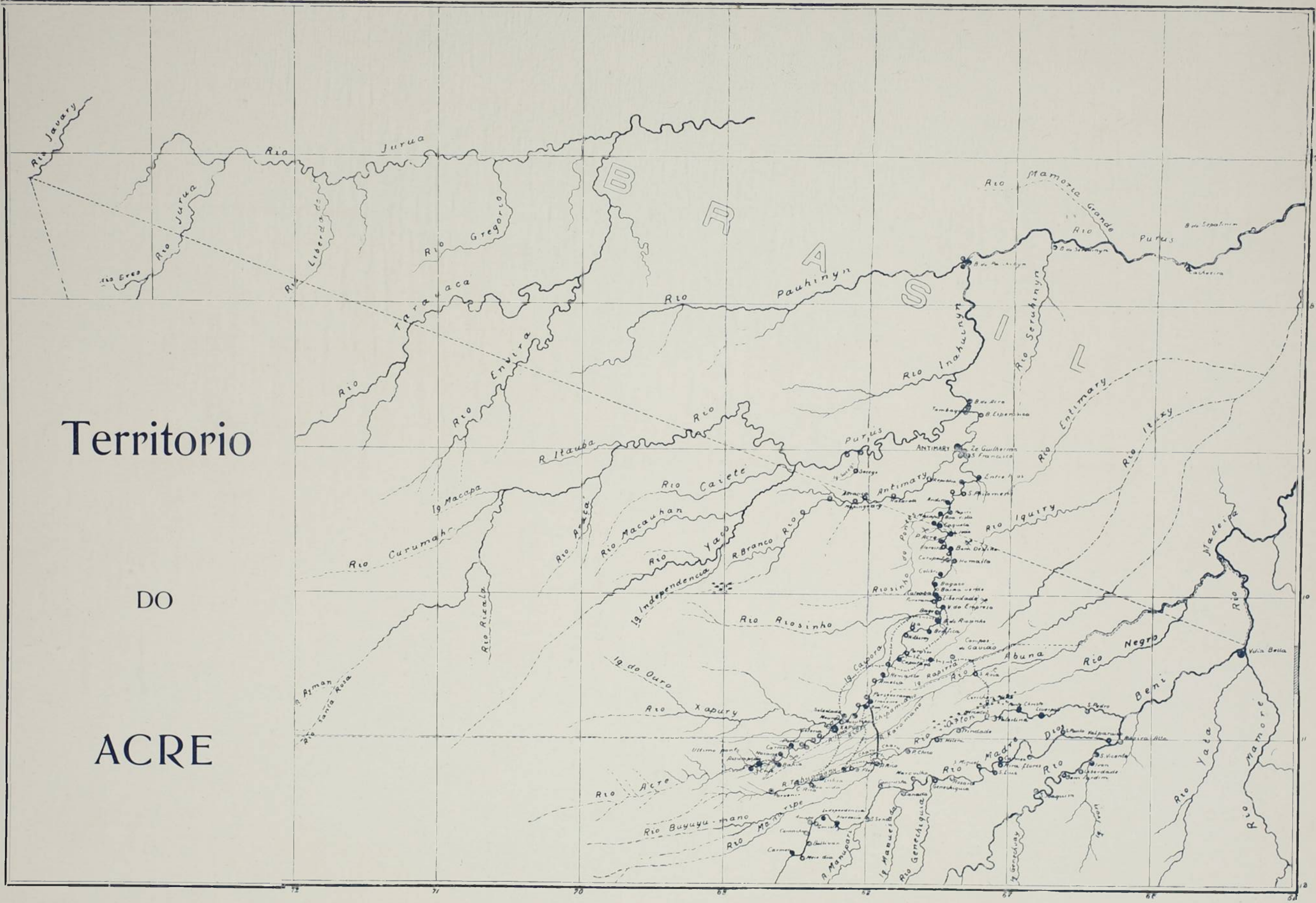
Kósmos abençôa o mez de janeiro,—o seu primeiro mez de vida. Foi, apezar do calor, apezar da tristeza da cidade abrazada, um bello mez victorioso.

O. B.

Territorio

DO

ACRE


BRASIL
Rio Javary
Rio Jurua
Rio Liberdade
Rio Gregorio
Rio Tarauaca
Rio Envira
Rio Pauhinyn
Rio Mamoria Grande
Rio Purus
Rio Inahuinyn
Rio Seruhinyn
Rio Entimary
Rio Iquiry
Rio Itauba
Rio Caeté
Rio Macauhan
Rio Yaco
R. Branco Rio
Rio Riosinho
Rio Negro
Rio Madeira
Rio Yata
Rio Mamore
Rio Curumahy
Rio Acre
Rio Abuna
Rio Beni
Rio Madre de Dios
Rio Manuripe
Rio Genecaiquia
Rio Buyuyu-mano
Rio Xapury
Rio Arman
Rio Santa Rosa
Rio Ricalde
Rio Macapa
Ig. Independencia
Ig. Capora
Ig. do Ouro
Ig. Manuripe
Ig. Iruxy
Antimary
Vidia Bella
Bom Destino
Bom Despacho
Boa Esperança
Boa Vista
Boa Fé
Boa Sorte
Boa Vista

O TERRITORIO DO ACRE

APPROVADO e ratificado que seja o tratado de Petropolis, assentados assim definitivamente os limites entre o Brasil e a Bolivia, um vasto territorio, de 191.000 kilometros quadrados, isto é, mais do dobro de Portugal, maior que o Uruguay, e que muitos dos nossos Estados medios, como Pernambuco ou o Rio de Janeiro, ficou adquirido ao Brazil entre o Perú, ao O., a Bolivia, ao S., e o nosso Estado do Amazonas ao N.

E' mais que provavel que essa região, da qual disputavamos á Bolivia 142.900 kilometros quadrados, seja pelo Congresso Nacional erigido em Territorio, a maneira dos dos Estados-Unidos, e administrado directamente pela União. Tambem é natural, e quasi certo, que essa região venha a tomar o nome de Territorio do Acre, por que, já é popularmente conhecida, do nome do rio em torno do qual se fez a agitação, que provocou as negociações entre o Brazil e a Bolivia, terminadas por aquelle tratado.

Pareceu-nos que algumas noticias sobre esse territorio não seriam desinteressantes para os leitores do *Kósmos*.

Já lhe vimos a superficie, 191.000 kilometros quadrados, e, rapidamente os limites: ao N. o Estado do Amazonas, pela linha obliqua que ia da formação do Madeira (por 10,°20') ás nascentes do Javary; essa linha começa hoje a 10° e alguns minutos, na margem direita do Abunã; a O. o Perú, pela sua linha de limites com o Brazil; ao S. a Bolivia pelo Abunã, parallelo 10°, rio Rapirran, d'este ao Aquiry, curso d'este até o igarapé Bahia, d'este ao Aquiry ou Acre, curso superior d'este, parallelo 11° até á fronteira do Perú.

O Territorio do Acre fica assim todo na bacia do Amazonas, e nas bacias secundarias dos seus grandes affluentes meridionaes, o Juruá, com grande parte do seu curso superior, e os cursos superiores dos seus affluentes Môa, Juruá-mirim, e a totalidade dos seus outros affluentes Amonea, Breu, Tejo e, mais importantes do que estes, Tarauacá, Emvira, alem de somenos, o Purús, desde as suas cabeceiras até onde acaba o seu curso superior, com os seus affluentes Chandless e a maxima parte do Yaco, e menores, e o Acre quasi todo, com os seus affluentes Riosinho, Xapury, etc.; e todo o curso superior do Abunã, affluente do Madeira.



MALOCA DE INDIOS APURINANS — ALTO PURÚS

Toda esta região, como aliás acontece na quasi totalidade da Amazonia, é baixa, florestal, prodigiosa-

mente regada. Os cursos d'agua que citamos, os principaes, não são sinão uma parte minima dos que com os nomes locaes de *igarapés*, *paranamirins* ou *paranás*, *furos*, etc., cortam em quantidade quasi infinita, em todos os sentidos e direcções, aquelle territorio, continuando ali a anastomose amazonica. Por meio de seus numerosos rios e canaes, todos ou quasi todos navegaveis por canôas (ubás, montarias, igarités, galeotas, batelões, cobertas, etc. que são os nomes locaes), ou pequenas lanchas a vapor, muitos, ao menos durante seis mezes, na enchente, por vapores de 200, 400, 500 toneladas, uma facil e estensa communicação se estabelece nella e entre ella e os dous principaes entrepostos commerciaes da Amazonia, Manáos e Belem. E como estas cidades estão em relação directa, commoda e constante com a Europa e a America do Norte, não fica o Territorio do Acre, mesmo nos seus pontos extremos, a mais de mez e meio a dous mezes dos paizes seus principaes clientes.

Dissemos que a terra é baixa. Baixa e aquosa e, na enchente, em muitos lugares alagadiça, tendo, alem dos seus innumeraveis cursos d'agua, numerosos lagos, mais ou menos ephemeros, ás vezes vastas bacias naquella estação, outras vezes simples paúes, ou bréjos, — termo, aliás, lá desconhecido, e substituido pelo de *igapó* — que o verão muitas vezes séca por completo. Chama-se tambem ali *igapós* ás porções de matta que os rios nas suas enchentes invadem e alagam, permittindo frequentemente a canôas menores vararem por ellas. Aquella multiplicidade de cursos d'agua permitte, ao menos na enchente, que as suas diversas bacias, do Juruá, do Purús, e dos seus numerosos affluentes se communiquem. Em summa, região baixa, de alluvião recente, não atttingindo talvez jamais a 200 metros acima do mar, plana, chata, coberta de florestas em que dominam, com madeiras de lei, e a soberba sumaúma, as heveas e syphonias, cortada de vias d'agua, sem nenhum relevo, tal é o Territorio do Acre.



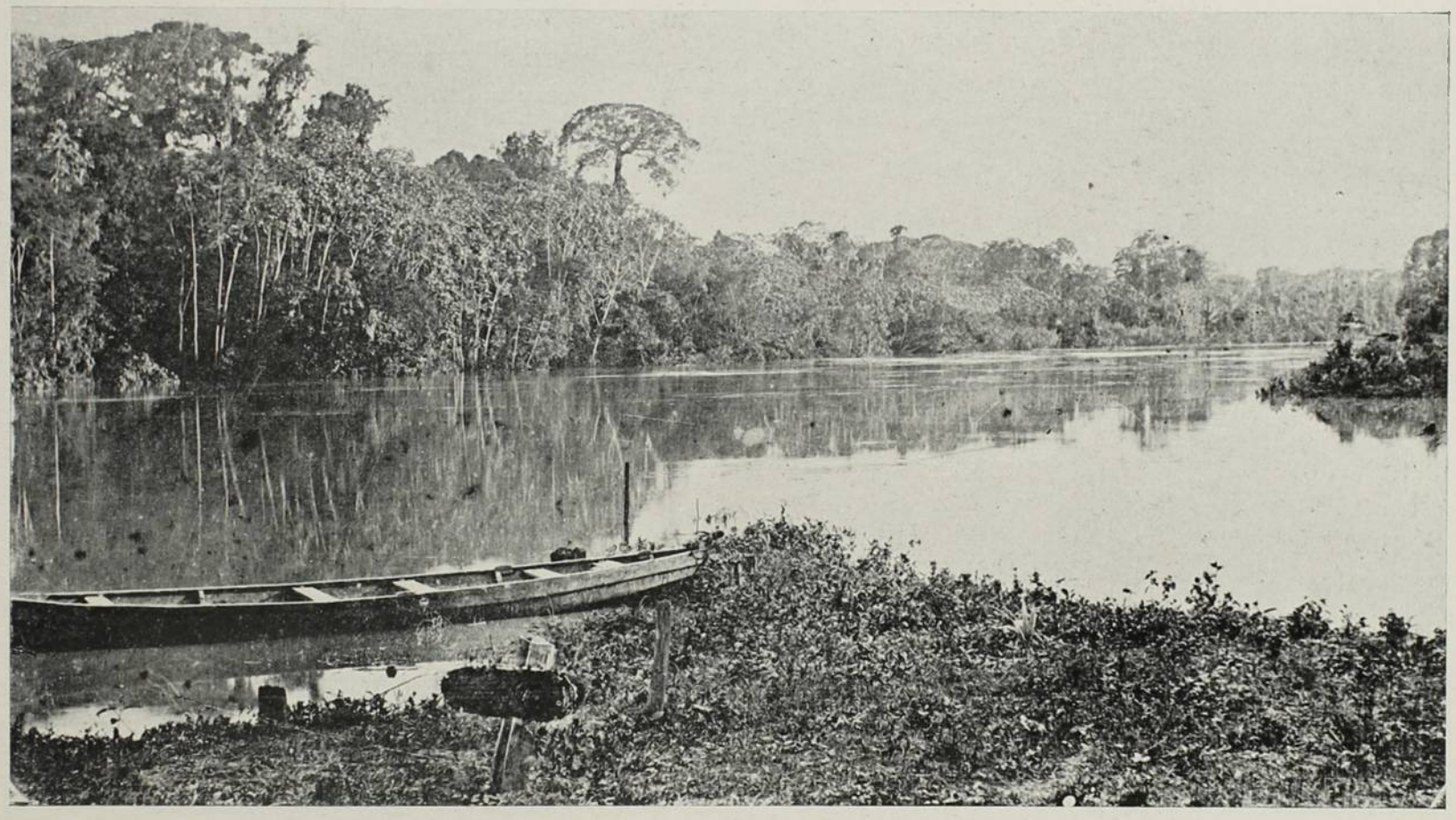
INDIOS APURINANS

Não ha ali sinão duas estações, a enchente, a que, por um abuso, tambem chamam inverno, e a vasante, a que abusivamente tambem chamam verão. Nestas regiões superiores da bacia amazonica, atravessadas pelas primeiras aguas dos grandes affluentes do Alto-Amazonas meridional, a enchente começa pelo mez de janeiro e continúa até meiado de junho. Sobe ás vezes quasi 14 metros acima do nivel mais baixo da vasante, e extravasa mais ou menos inundando a região toda. Para o fim de junho principia a vazante, em julho as margens dos rios, as praias, lodosas umas, arenosas outras, entram a apparecer, e os pequenos lagos e riachos a diminuir e seccar até meiados de outubro, de cuja segunda metade até principios de janeiro, se conta a plena secca, interrompida geralmente em setembro por chuvas e pequenas enchentes, chamadas ali repiquetes. O tempo da vazante ou secca é o melhor, o mais saudavel, o mais agradavel, o mais farto e o de maior actividade, é o tempo da extracção da borracha, da safra, de "fazer seringa", do "fabríco", como elles lá dizem.

O aspecto physico geral da região é o mesmo por toda ella. No alto Juruá, no alto Purús, ou nos seus affluentes, como o Acre e o Yaco, que são principaes, e ainda nos seus subaffluentes, as variações são pequenas, e não chegam a quebrar a impressão de monotonia que toda ella dá. Na vazante, que se póde chamar a boa estação, correm os rios, de aguas e côr de lôdo mais ou menos carregada, por entre margens de argila pardo-escura, quasi-negra ás vezes, outras vezes esbranquiçada ou côr de cimento. Estas ribanceiras, como lhes chamam, attingem na maior vazante até 12 e 15 metros de altura, mas, como regra, 5 a 10. Durante os seis mezes de enchente, desapparecem sob as aguas, que ficam ao nivel dellas e frequentemente as dominam, inundando-as e invadindo as florestas que as cobrem, transformando a maior parte em vastos igapós.

E' nas margens mais altas, e algumas, como Porto Acre, apresentam elevações, sobre o nivel minimo do rio, de 50 metros, formando excepcionalmente collinas, que os seringueiros erguem as suas barracas e os mais grossos exploradores os seus barracões. A barraca é uma ligeirissima construcção, toda de frageis páus e folhas de palmeiras, de exigua capacidade, que só serve durante a safra, ou fabrico, como lá dizem, para abrigo e rudimentar officina do seringueiro. O barracão é a casa do seringueiro-commerciante, patrão de um crescido numero de seringueiros trabalhadores, que uns moram ali mesmo, em dependencias, mais ou menos afastadas, outros mais longe, naquellas barracas, isoladas ou agrupadas, conforme as conveniencias ou necessidades. Esta casa — o barracão — ao menos no Territorio do Acre, é de madeira, coberta de palha, deravel distancia da margem, sobre um terreno mais elevado, e então uma longa ponte, mais ou menos tosca, o liga a esta. Esta distancia é sempre encurtada durante a enchente, que submerge a ponte e chega até á casa. A loja do barracão é um bazar, vendem-se ali, por preços para nós inconcebiveis (um kilog. de café, 5$000; um dito de ruim carne secca. 2$ a 4$, um dito de assucar, o mesmo preço e assim pelo conseguinte) seccos e molhados, fazendas de toda a especie e objectos de armarinho, drogas, ferragens, objectos de escriptorio, quinquilharias de toda a sorte, etc.

Geralmente em torno de cada barracão o terreno é limpo por uns 300 ou 400 metros de frente por 100 ou mais de fundo. E si este terreno, como acontece no Acre e no Alto-Juruá, está livre de inundações, é já terra firme, ao redor dos barracões elevam-se nesse



RIO ACRE DEFRONTE DO MADEIRINHA

isto é, de folhas de palmeiras. Não se conhece ainda ali, ao contrario do que succede no Madeira, e no baixo-Purús e até no baixo-Juruá, nem a alvenaria, nem a telha. Alguns desses barracões são muito vastos, pois alem da parte destinada á familia do seu proprietario ou proprietarios (quasi todos pertencem á uma razão social) tem mais a loja, os armazens para mercadorias importadas e para a borracha a exportar, dependencias para os empregados mais chegados e outras. Por via de regra, elevam-se sobre giráos de madeira, como as cidades lacustres da Venezuela ou os palafitas suissos, dos tempos prehistoricos afim de evitar as inundações ou o lôdo — *tijuco* na região — que ainda quando estas não possam attingil-os, cobre de mais de palmo toda a area sobre que foram elles construidos. A's vezes o barracão é erguido a consitorrão desbravado, barracas de seringueiros, empregados, aggregados, clientes das barracas. Rarissimo é que alguma cultura se desenvolva em torno deste, quando muito alguma mofina creação de gallinhas e patos, uns porcos, raras cabeças de gado, e, ainda mais raro, algum cavallo. De agricultura nada. Tudo o que ali se consome vem do Pará ou de Manáos. Ahi só se cuida da borracha, e quando não a "tiram" e preparam, dormem, jogam, divertem-se nas suas resas (!) e bailes. Esquecia-nos, pescam tambem; e o peixe, ou, em muito menor escala, a caça, são os unicos productos, alem da borracha, que da região tiram. Mas a base da sua alimentação é o pirarucú, secco, ido do Pará ou do Amazonas e a farinha.

Si, na vazante, as varias porções do territorio do Acre, dividido em fachas ou zonas de direcção geral

S. N. ou, mais precisamente, SO. NE. pela direcção dos seus rios principaes, o Alto-Juruá e o Alto-Purús, com os seus affluentes, como o Acre, o Yaco, acham-se isoladas, não communicando entre si, e sim directamente, por aquelle rio e pelo Madeira, com o Amazonas e Pará, durante a enchente a communicação entre essas zonas, constituidas pelas bacias daquelles rios, é muito facil, pelos innumeros canaes e varadouros que entre ellas então se estabelecem. Muitos desses varadouros podem ser melhorados pelo trabalho humano, como foram agora por nossos soldados, de modo a, ainda em média vazante, poderem ser aproveitados para communicar varios pontos da região, sem della sair.

Não se deve viciar a noção exacta que cumpre ter do clima do territorio. E' mau, sinão pessimo. E' muito quente e humidissimo. Com insignificantes differenças, o thermometro, á sombra, sobe diariamente em todo o territorio a 39º centigrados, com uma variação brusca á tarde de menos 10 a 12 graus. As noites são frias, de exigir cobertor, por motivo da extrema humidade. Literalmente o sereno molha, como uma chuva miudinha. Os nossos soldados e officiaes nos acampamentos do Acre tiveram de deixar as barracas de lona, porque a humidade das noites gotejava atravez do tecido e os molhava. E o facto é, com pequena differença de intensidade, o mesmo em qualquer das zonas do territorio. No Acre as molestias dominantes são as febres palustres e o beri-beri. Mas é exacto e justo reconhecer que uma absoluta falta de hygiene, e até dos mais elementares cuidados com a saude, augmenta em grande escala o que o clima tem de máu. Que elle será melhorado pelo progresso da região, não é licito duvidar, pois é uma lei natural, por toda a parte verificada, a melhoria dos climas sob a influencia da civilização, lei ali mesmo perto comprovada pelo exemplo do Madeira, que foi muito tempo um dos lugares mais inhospitos da Amazonia e que hoje, graças ao progresso das habitações e dos costumes da sua população, não é das suas porções menos salubres. O mesmo aconteceu no baixo Purús e no baixo Juruá, e o mesmo certamente acontecerá nas extremidades meridionaes das suas bacias, certamente fadadas a um grande futuro economico.

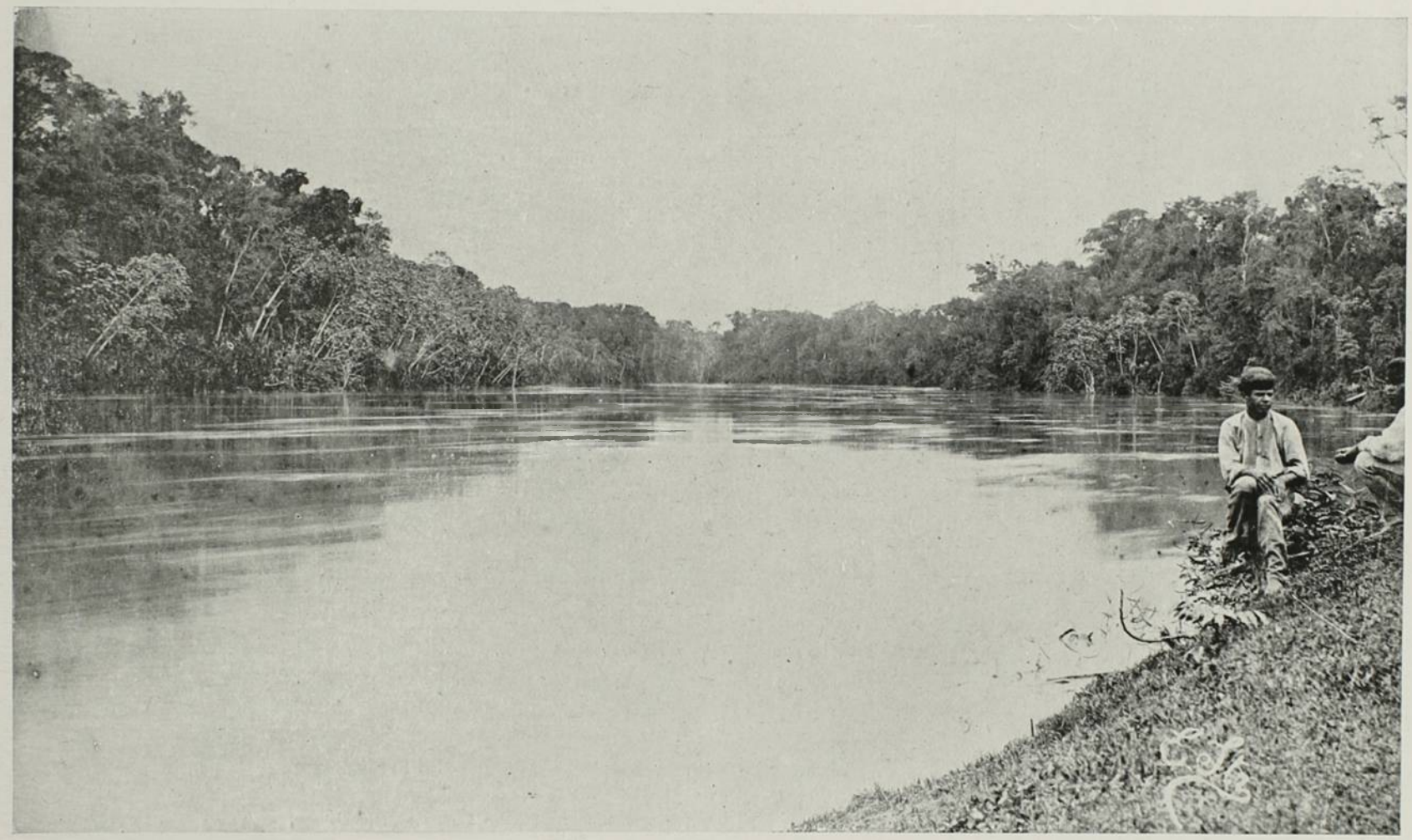


BARRACA DE SERINGUEIRO

D'este territorio a porção, por motivos obvios, mais importante, ou mais interessante, é a commummente chamada Acre. Que é o Acre? Este nome de Acre parece vir de uma deturpação de Aquiry, segundo uma nota manuscripta que vimos do finado D. S. Ferreira Penna, grande conhecedor da Amazonia. "Ha mais de 24 annos, escreveu elle, appareceu em Belem do Pará o laborioso geographo inglez W. Chandless, que acabava de explorar o rio Purús, tendo tambem explorado em extensão consideravel o Aquiry (talvez Acary) principal affluente do mesmo Purús. Muito e calorosamente acolhido pela Gerencia da Companhia do Amazonas, que nesse tempo era ainda exclusivamente brazileira, Chandless explicou como fez a exploração, e a importancia do rio para a navegação e commercio do Pará. Teve de repetir varias vezes o nome daquelle affluente do Purús, o Aquiry e, na forma da linguagem ingleza, que só admitte uma syllaba longa em cada palavra, pronunciava a palavra Aquiry, não como entre nós, mas como se fosse escripta A'cri ou Acre. Na Companhia do Ama-

zonas que tinha por guarda-livros um portuguez inglezado, não esqueceu mais esta palavra, e tanto assim é que ultimamente tendo de mandar construir um novo vapor deu-lhe aquelle nome de Acre em lugar de Aquiry».

E' um rio de baixada, que nascendo nas proximidades do parallelo 11°S e vizinhanças do meridiano 69°, O. de Greenwich corre d'ahi para o N. entrando no Purús, pelo lado direito em 8°45' S de latitude e 24°16' de longitude O. do Rio de Janeiro, segundo os calculos de W. Chandless. Si foi este geographo inglez o primeiro que, em 1865, viajou com intuitos scientificos por este rio, e scientificamente o descreveu, como o fizera pouco antes ao Purús, seu tronco, o verdadeiro descobridor do Acre, como tambem do Purús médio e superior, foi o mulato amazonense (?) Manoel Urbano da Encarnação. Este homem figura curiosa de sertanejo brazileiro, vaqueano daquellas regiões, e habitante do Purús inferior, foi, em 1860 incumbido, não sabemos por quem, de descobrir uma communicação por agua que se dizia existir entre aquelle rio e o Madeira. Nesta infructifera rebusca acabou por descer o Purús e descobriu o Aquiry, pelo qual navegou rio acima durante 20 dias. Deste Manoel Urbano, cujo nome um affluente do Purús perpetúa, escreve Chandless, «homem de pouca instrucção (temos noticia que sabia ler e escrever) mas de grande intelligencia natural,» e que a elle naquella epoca se devia tudo quanto se sabia a respeito dos tributarios do Purús, com excepção dos tres primeiros. Na sua viagem de exploração em 1864-65, Chandless levou-o comsigo. Segundo este geographo, a boca do Aquiry no Purús fica distante da embocadura d'este 1.104 milhas ou 1777 kilometros e a 364 pés ou pouco mais de 111 metros do nivel do mar. Essa boca é da mesma largura do rio principal, ao qual leva uma grande quantidade d'agua. O Acre corre sempre entre ribanceiras de argila branca, na sua fóz, quasi inteiramente nuas de vegetação, ou apenas com a escassa e rala vegetação rasteira de certas ribanceiras amazonicas. Pelo seu curso acima proseguem estas ribanceiras de terra pegajosa quando molhadas da chuva ou da enchente, com alturas que variam de 4 a 7 metros, sendo em muitas partes do plano encima natural ou artificialmente limpas de mataria, e só occupadas por gramineas ou o fraco arvoredo (oiranas e outras) das paragens semelhantes da Amazonia. As praias são raras e pequenas. Dizia-nos um dos nossos informantes que o Acre é um dos rios mais alegres do Territorio, pela altura e aspecto florestal de suas margens, pelo numero consideravel de barracões e barracas que as povoam. A região do Acre é talvez a mais alta, e certamente das mais firmes do Territorio. No ponto extremo de sua viagem, pelo parallelo 11° S. Chandless achou altitudes de mais de 240 metros acima do nivel do mar, e segundo as medidas por elle dadas a altura média das beiras do rio seria de 211 metros, superior portanto á elevação média do Territorio, que, como vimos, não chegará a 200 metros. E aquella altura é sensivelmente superior á achada pelo mesmo observador para o Purús. Talvez nas mesmas condições do Acre, com o qual muito se parece, está o



FOZ DO YACO — AFFLUENTE DO PURÚS

Tarauacá, affluente do alto-Juruá, e tambem no Territorio. Apresenta quasi o mesmo aspecto que aquelle, e, como elle, escapa em geral ás inundações. Porto-Acre, ex-Porto Alonso, fica sob uma elevação a 50 metros mais ou menos do nivel minimo das aguas do rio. As outras povoações ou povoados que se encontram nas suas margens são Empreza e Xapury. Esta é a mais importante, está situada á margem direita do Acre, 10º20 e tantos minutos S., bem em frente á bocca do Xapury, riquissimo em borracha. Xapury é salubre e offerece condições para o desenvolvimento de uma futura cidade. Esses povoados são méras agglomerações de barracas, todas de palha umas, de madeira e palha ou de palha e barro (de sopapo) outras, sem caiação, nem cobertura de telha. Todas ellas se constituiram á roda de um barracão, do qual são clientes os habitadores desses povoados, ainda agora sem existencia politica. Pelo rio acima, e já tambem pelos seus affluentes, Riosinho, Xapury e menores, animando-lhes as margens, levantam-se innumeros barracões, com nomes esquisitos, e para nós inintelligiveis, tirados de uma circumstancia pessoal ou local, uma allusão, uma devoção, uma memoria, uma esperança como verá o leitor da carta junta. O mesmo acontece no alto-Juruá e seus affluentes, o Tarauacá, o Envira, o Moa, o Amonea, o Tejo e tambem no Yaco. Povoação verdadeiramente não ha nenhuma, como aquellas do Acre, a não ser talvez Mercedes, na margem direita do Yaco. A largura média do Acre navegavel, na enchente, será de 80 metros, e a enchente começa ali desde Dezembro. E por seis mezes os vapores sobem até Xapury achando 10 braças e mais d'agua.

A navegação do Territorio do Acre é consideravel. De Manáos e do Pará vão vapores até o alto-Juruá, fazendo desta ultima cidade ali navegações de perto de 4 mil milhas geographicas, e da mesma capital ao remoto affluente do Purús, o Chandless, de mais de 3 mil milhas. O Acre durante a enchente é navegado a vapor por 300 milhas, o Yaco por 250, e nessa epoca affluentes menores do que estes e subaffluentes são tambem navegaveis por vapores. Quando as aguas baixam ainda o são, na maior parte dos casos, por lanchas a vapor, batelões, e embarcações menores, a remo. Em certas secções d'esses rios faz-se uma navegação mixta, em embarcações a vapor até onde possam ellas chegar, e d'ahi em canôas de porte adequado á profundidade das aguas. O tempo d'essas viagens se não pode fixar com segurança, pois não só depende da maior ou menor correnteza do rio, isto é, da estação, como do numero de paradas, geralmente crescido. No Acre, por exemplo, os portos de escala são 40. Assim, de Manáos ao Acre leva-se de 15 a 25 dias descendo, de 25 a 30 subindo. Do mesmo

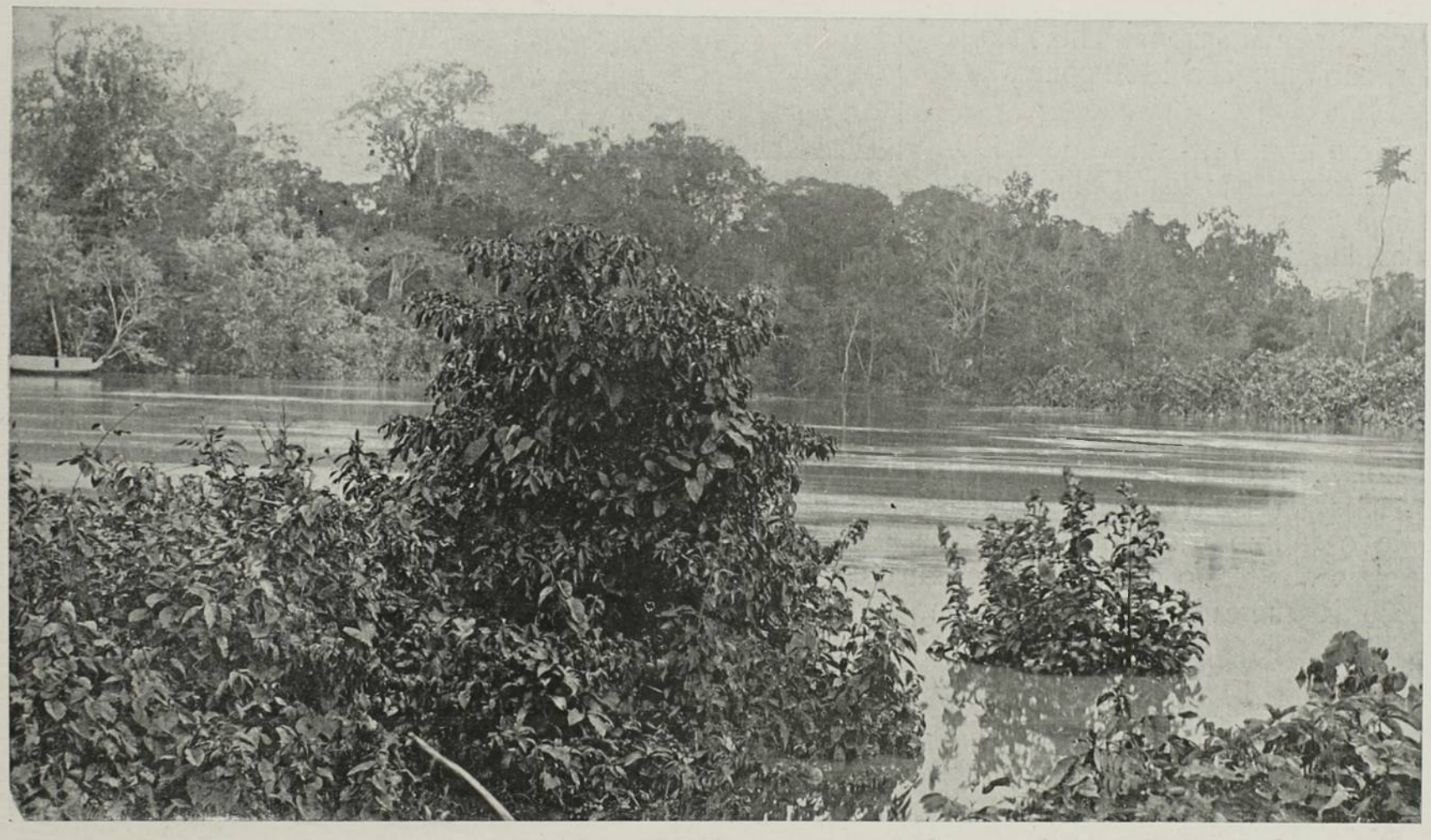


SUMAÚMEIRA

ponto ao Alto-Juruá, 25 a 30 descendo, 30 a 40 subindo. Os vapores raramente deitam mais de 8 milhas por hora, geralmente 4 a 6.

O valor economico do Territorio do Acre é muito grande. Sem exagero se póde dizer que essa região é a mais rica em borracha de toda a Amazonia e, portanto, do mundo. Tal é a opinião de um viajante francez, que, em missão scientifica-industrial veiu á Amazonia e ao Perú estudar especialmente a questão da borracha, o Sr. Plane. No seu livro, geralmente bem informado, dá elle para o districto do Acre uma exportação de mais de 2 milhões de kilogrammas, em 1901. No Acre propriamente dito, como em outros affluentes do Juruá, rios de terras altas, não sujeitos a inundações, o trabalho da extracção pode ser feito quasi todo o anno, e o numero e a riqueza das seringueiras permitte a cada seringueiro uma recolta raramente inferior a 1000 kilog. annuaes. E' a *Hevea Brasiliensis* a seringueira que avulta em toda a região e no districto gommifero do Acre tão rica em latex que uma estrada, isto é, 80 a 100 arvores marginaes de uma picada no seringal chega ahi a dar por dia até 22 frascos, isto é, uma medida d'esta forma, de folha de Flandres, cujo conteúdo liquido deve produzir 1 kilogramma de borracha prompto para a exportação.

Já em 1890, a borracha da Bolivia exportada por Manáos era de mais de 430 mil kilogrammas, no valor official de mais de 1100 contos, e, certamente, mais de metade della proviria da região acreana. A alfandega boliviana de Porto Alonso, no periodo de 56 dias em que funccionou em 1899, rendeu, segundo informaçõs officiaes, 1560 contos. Admittindo exagero ou vício nesta cifra, não póde ser tal que de todo a prejudique, e os dados officiaes da Estatistica commercial da Praça do Commercio de Manáos, de alguma fórma a corroboram, registrando para a exportação em transito da Bolivia em 1902 quasi 3 ½ milhões de kilog. no valor official de perto de 14 mil contos. Ora a maior parte d'essa producção vinha certamente da região do Acre. A mesa de rendas de Porto-Acre, durante o *modus-vivendi* de 4 de maio a 3 de outubro do anno passado, arrecadou da exportação da borracha bem perto de 240 contos, em epoca revolucionaria, com o trabalho desorganizado ou paralizado. Antes tinham os Acreanos em insurreição, em menos de quatro mezes, na sua alfandega do mesmo lugar, cobrado 230 contos de direitos de importação e mais de mil de exportação, mesmo deduzindo verbas que não cabem nesta rubrica.

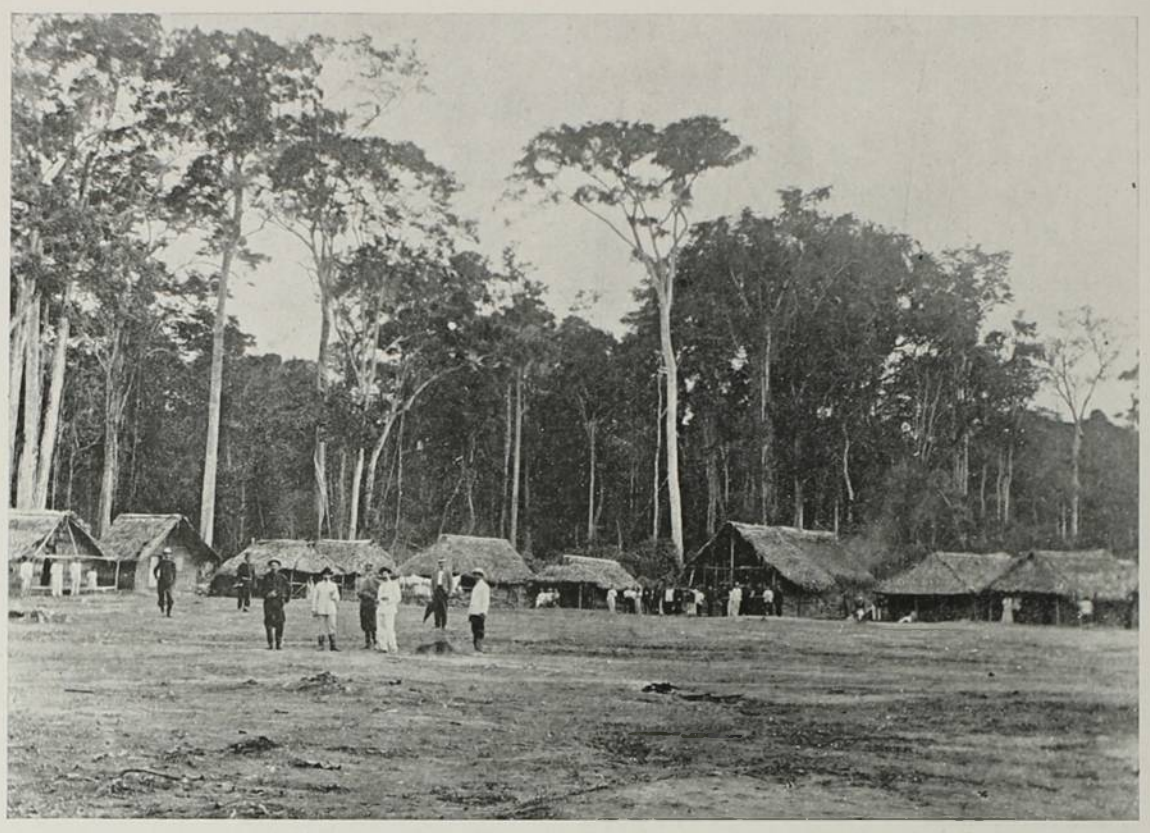


FOZ DO RIOSINHO NO ACRE

Estes algarismos acham confirmação nos ultimos dados officiaes da Estatistica commercial da Praça do Commercio de Manáos. Segundo elles nos dous semestres de 1902 vieram da Bolivia, em transito por aquella cidade 2.849,684 kilogs., no valor official de 3.235,730$632. Esta producção é da bacia do Madeira boliviano, e da região do Acre. Mas ⅔ d'ella, isto é, 1,899.788 kilogs. no valor official de mais de 3500 contos pertencem a esta região.

Não temos dados, e não cremos que os haja, para calcular, ainda que aproximativamente somente, a

renda provavel do Alto-Juruá e seus affluentes ou do Yaco e outros affluentes do Purús. Mas sendo esses rios dos grandes productores de borracha, pode-se admittir que a producção do Territorio do Acre em sua totalidade não será nunca inferior a 6 mil contos de valor official. Cobrados os direitos de 23 %, qual se hoje cobra, deixará aquella somma a renda de 4620 contos annuaes. Calculando, com os dados que temos que os direitos de importação montem a mil contos, não é demasiado esperar do Territorio do Acre a receita de 5 mil contos annuaes. Ora, ha cincoenta annos, em 1854, a renda geral do Pará e Amazonas, então ainda unidos, não attingia a 1400 contos por anno.

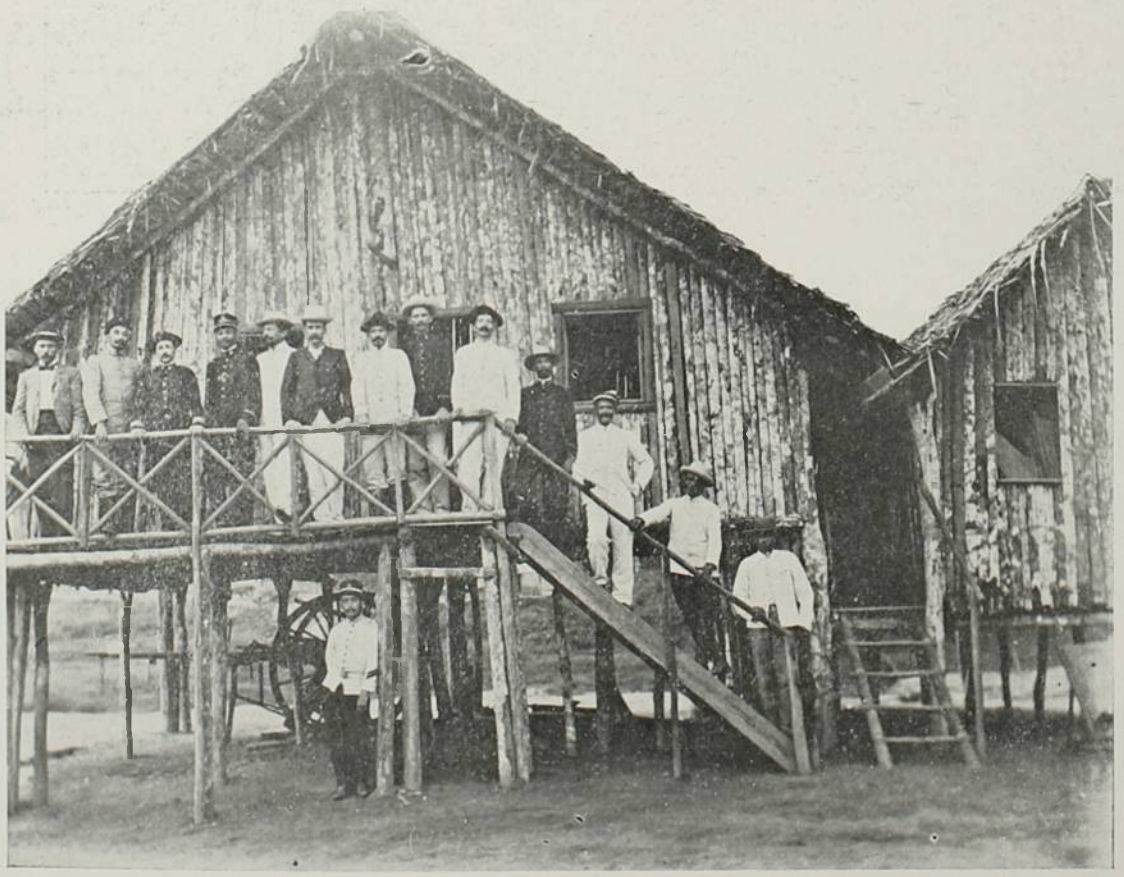


ACAMPAMENTO DO 36º BATALHÃO DE INFANTARIA NA EMPRESA, RIO ACRE

Verificando no triennio de 1898-1900 a exportação da Bolivia pela alfandega do Pará de perto de 3 ½ milhões de kilogs. de borracha no valor official de cerca de 32 mil contos, observa o muito competente Sr. Luiz R. Cavalcanti de Albuquerque digno Director das Rendas Publicas no seu interessante opusculo *Commercio e Navegação de transito internacional* etc., de 1902:

«Pelo valor official da quantidade de generos exportados da Bolivia pelas fronteiras do Brazil durante o ultimo triennio poder-se-ha calcular o accrescimo que terá o commercio de transito e reexportação das mercadorias trazendo como consequencia logica o decrescimento de 25 %, pelo menos, das rendas aduaneiras de Belém e Manáos, onde serão processados os respectivos despachos.

«Tive varias conferencias com alguns commandantes de vapores que desde longa data navegam para os rios Madeira, Purús, Acre e outros affluentes dos rios do Amazonas nos limites da Bolivia, e todos são accordes em affirmar que, uma vez cessando os movimentos revolucionarios do Acre, entrando as cousas em um periodo normal, todo o commercio d'esses rios será feito em Puerto Alonso, como o de uma parte do Madeira é feito em Santo Antonio, com as mercadorias que deviam seguir para Villa Bella, no Beni.



CASA DO COMMANDANTE DO 36º BATALHÃO EM EMPRESA

«Puerto Alonso, por sua posição geographica, é um optimo ponto para estabelecer-se esse commercio, no dizer dos alludidos commandantes, confirmado posteriormente por pessoas residentes desde muitos annos no rio Purús e seus affluentes, todos em communicações faceis e rapidas com o Acre, que os abastecerá de mercadorias, recebendo em troca gomma elastica de origem brazileira a que será exportada como de producção boliviana, pois a pauta de exportação da Bolivia é inferior á de Manáos, revertendo, portanto, a differença em favor do exportador, com prejuizo total para os cofres do Thesouro do Estado do Amazonas, que será grandemente lesado em suas rendas desviadas pelo contrabando já feito.»

Adquirido definitivamente o Acre, constituido em Territorio federal toda a região até ha pouco disputada entre o Brazil e a Bolivia, e mais a que esta nos transferiu, não terão mais razão de ser os receios da diminuição que forçosamente se dará na renda d'aquellas alfandegas, nem da continuação do contrabando, em nosso detrimento, até agora praticado no Acre.

V.

* Alem dos conhecimentos geraes que da região amazonica tem o A e dos trabalhos de Schandless e outros que consultou, serviu-se na redacção d'este artigo das informações verbaes do Sr. Major Gomes de Castro e do Engenheiro Corrêa Lopes, recentemente chegados do Acre, e de memorias publicadas e ineditas do Sr. Luiz R. Cavalcanti de Albuquerque, digno Director das Rendas publicas.



Phot. Marc Ferrez — PAINEIRAS — AQUEDUCTO — RIO DE JANEIRO

A QUESTÃO FEMININA

II

Comparando-se o organismo masculino ao feminino em toda a serie dos animaes sexuados, a anatomia demonstra a existencia de caracteres que se separam e que fazem de ambos seres distinctos, individualidades perfeitamente diversas, comquanto reciprocamente complementares.

Tal divergencia concerne não só aos orgãos vegetativos caracteristicos da sexualidade, mas ainda, embora em muito menor gráo, aos varios apparelhos cujo conjunto constitue o ser integralmente individuado.

Entre todos os apparelhos do organismo, o mais importante, o mais digno é o em que reside a séde positiva das funcções psychicas, é o apparelho cerebral.

Supremo director de todas as funcções, o cerebro é o centro de gravidade da vida; é em torno d'elle que gyram como satellites os orgãos secundarios que o servem e que elle, como um sol, illumina e dirige.

Nos animaes superiores e especialmente no homem, é esse apparelho regio o gradimetro que mede o valor real de cada individuo, e é por elle que se póde julgar

os differentes seres humanos, então classificados segundo o seu valor moral, intellectual e pratico, isto é, segundo as mais nobres das funcções proprias dos entes conhecidos, funcções que na especie humana attingem no conjuncto ao maximo gráo que nos é dado conhecer.

Asssim, para julgar do valor do homem e da mulher, para comparar-se os dous mais nobres dos seres vivos, convem estabelecer um parallelo entre o cerebro masculino e o cerebro feminino, entre a alma do homem e a alma da mulher, tomando esta expressão de *alma*, consagrada pelo uso, no seu sentido scientifico e positivo, tal como Gall a definiu: o conjuncto das funcções do encephalo.

Ora, a alma humana, como a sabedoria secular systematisada pela verdadeira philosophia já demonstrou, compõe-se de sentimento, de intelligencia e de vontade; amar, pensar e agir é a triplice funcção de todas as almas, de todos os cerebros e conseguintemente de toda a natureza humana.

D'estas funcções, a principal, a que impera sobre todas, a que as governa, é o sentimento, é o amor.

Para viver é elle o unico motor verdadeiramente indispensavel; podemos viver sem pensar e sem agir mas nunca sem amar.

Durante um somno tranquillo, sem sonhos nem pesadellos, cessa a nossa actividade, paralysa a nossa intelligencia, nada fazemos e nada pensamos; mas o coração palpita ainda e com elle todo o systema visceral sob a acção continua dos motores affectivos.

E' esta continuidade do amor opposta á intermittencia das idéas e dos actos, que o maior dos philosophos resumiu no mais bello dos pensamentos que a historia registra:

On se lasse de penser et même d'agir, jamais on ne se lasse d'aimer;

Cansamos de pensar, de agir tambem cansamos
E sómente de amar jamais nos fatigamos.

Até no estado de vigilia, sob a influencia de uma impressão energica, quantas vezes só agimos levados pela paixão; inspirados pelo sentimento, sem a minima influencia do espirito?

A mãi que vê um filho entregue á furia das ondas e atira-se ao mar para salval-o, sem conhecer os exercicios da natação, nada reflectiu, não pensou, foi levada pelo instincto, inspirada pelo amor. A intelligencia annullou-se e a actividade não fez mais do que obedecer ás emoções do sentimento.

Em qualquer acto da vida a intelligencia é apenas o ministro do coração. A ella só cabe dirigir a actividade conforme as suggestões do sentimento; de modo que todas as acções individuaes ou collectivas convergem ao bem ou ao mal, não porque são bem ou mal reflectidas, mas porque são bem ou mal inspiradas. Si é só o egoismo que inspira, a intelligencia dirige a vontade para o mal; si, porem, é altruista a inspiração dominante, ella conduz a mesma vontade á pratica do bem.

Em ambos os casos é sempre o sentimento que domina tudo, seja pessoal ou egoista, seja social ou altruista; o espirito, a intelligencia representa um papel secundario: procede conforme ás ordens do sentimento emanados.

Dahi dous modos de regular os actos; ou subordinando-os aos pendores egoistas ou ás inclinações altruistas.

Na primeira hypothese a vida social é impossivel; é o que se dá em a mór parte dos animaes ferozes, onde a sociabilidade é perennemente suffocada pelo desenvolvimento excepcional do instincto nutritivo.

O segundo caso é peculiar aos animaes verdadeiramente sociaveis, como quasi todos os vertebrados superiores e principalmente o homem.

Nestes é ainda o sentimento que tudo regula e dirige, mas o sentimento social, o altruismo, o que constitue realmente o Amor. Em taes seres as suggestões puramente pessoaes são apenas incentivos da dedicação; o egoismo consagra-se ao serviço do altruismo. Si alguns actos humanos são o resultado de moveis egoistas, então nada têm de bons, são actos máos e por consequencia não constituem patrimonio da vida social, para a qual só concorrem as obras realisadas sob a inspiração do Amor.

Si a Humanidade attingiu a todas as grandezas da arte, da sciencia, da industria, não foi porque a intelligencia por si as creasse, mas porque os mais nobres e desinteressados sentimentos animavam os seus orgãos mais eminentes, os grandes homens de todos os logares e de todas as epocas.

Foram grandes pelo espirito porque eram maiores pelo coração. Si muito souberam e muito fizeram foi porque muito amaram.

Não se pode ter uma grande idéa sem ser inspirado por uma forte affeição. *Os grandes pensamentos vêm do coração*, já o disse o moralista moderno resumindo numa admiravel sentença a preponderancia affectiva no conjuncto das funcções da alma.

Esta soberania irrefutavel do sentimento e do sentimento social na realisação do bom, do bello e do verdadeiro, de tudo emfim que mantem no tempo e no espaço a existencia da Humanidade e a de cada um dos seus orgãos individuaes, leva-nos á consequencia logica e scientifica de que entre dous seres quaesquer o superior é o que mais ama e não o que é mais sabio ou mais activo.

Ora, não é preciso entrar em detalhes para demonstrar que entre o homem e a mulher, comparados, a mulher é quem mais ama, é dos dous seres, e portanto de todos os seres conhecidos, aquelle em que os

sentimentos generosos, o altruismo, o Amor, emfim, preponderam espontaneamente e com mais intensidade sobre os pensamentos e os actos.

Cada um de nós deve estar convencido por experiencia propria, salvo aberrações que, como toda excepção, confirmam a regra, da affectividade incomparavel das mãis, das esposas, das filhas e de todos os entes femininos que nos cercam na existencia domestica. São ellas os verdadeiros anjos da guarda imaginados pela inspiração theologica.

Si a historia da Humanidade está cheia de catastrophes, de revoluções e de guerras, não é devido á mulher, mas aos homens. Com raras excepções são elles, só elles, os causadores da desordem social.

Si hoje as grandes carnificinas são incomparavelmente menos frequentes do que ha seculos, é porque o coração feminino tem conseguido pela constancia de uma admiravel ternura abrandar a alma carniceira do homem; é ella que tem pouco a pouco domado os impulsos egoistas do coração masculino.

Que a mulher é o ser sensivel por excellencia, que nella o coração domina mais do que no homem, é uma verdade incontestavelmente estabelecida, não só pela sciencia biologica e social mas tambem pelo consenso unanime da sabedoria popular.

Si assim é, si a mulher possue mais sentimento do que o homem e si o sentimento é a faculdade mais energica, a principal das nossas funcções, o motor supremo da existencia individual e collectiva, é facil de concluir este theorema irrefutavel: A mulher é superior ao homem.

Mas talvez me repliquem, dizendo que a superioridade affectiva não é bastante para dar á mulher semelhante posição, quando a sua inferioridade intellectual é universalmente reconhecida, não só no presente como tambem no passado.

Eis-nos deante de um sophisma que a analyse physiologica do cerebro feminino e a apreciação dynamica da intelligencia através das eras vêm refutar brilhantemente.

As observações quotidianas, o estudo psychologico do cerebro, mostram-nos que a intelligencia feminina não é de certo igual á do homem; ha divergencias, differenças entre ellas, mas comparando-as não se póde concluir de tal parallelo a inferioridade da mulher.

O espirito de um e de outro tem a mesma capacidade, o mesmo poder mental, apenas divergem pela qualidade.

A intelligencia feminina é mais analytica, a do homem mais synthetica.

Emquanto este se applica ás generalisações, estuda o conjuncto superficial das cousas e dos seres, a mulher limita-se a cousas ou seres especiaes, cujo estudo ella aprofunda de modo a conhecer-lhes os minimos detalhes.

A intelligencia masculina se adapta melhor ao estudo das leis mais grosseiras que regem o mundo afim de modifical-o; a da mulher é mais propria ao conhecimento dos principios especiaes que governam os phenomenos mais nobres e mais particulares, que só se realisam integralmente no homem, os phenomenos moraes, os varios attributos da materia humana, e os aprecia ainda encarados unicamente nos entes que lhe são caros: pai, esposo e filhos.

Embora desprovida da cultura necessaria para um conhecimento mais systematico dos seres que ella tem de modificar, a intelligencia feminina suppre quasi sempre por um admiravel empirismo tal lacuna, de modo que o saber systematico do mais illustrado doutor fica nesse ponto abaixo das mais simples noções adquiridas pela sagacidade do espirito feminino.

As grandes obras da arte, da sciencia e da industria não são o resultado da intelligencia feminina, mas isso não quer dizer que a mulher não tenha directa ou indirectamente influido para a sua producção.

Desde Aristoteles a Augusto Comte uma pleiade de mulheres distinctas pelo coração e pelo espirito tem sido os assistentes, os conselheiros, os inspiradores dos grandes philosophos e dos grandes poetas.

Ao lado de Aristoteles ergue-se a sua formosa e amantissima esposa Pythias; Confucio foi auxiliado na sua grande obra de regeneração pela assistencia objectiva de sua esposa e pelo influxo subjectivo de Ching-Tsaé, a sua eminente mãi, que elle honrou com um luto de tres annos; Pythagoras aos sessenta annos redobrava de ardor, pregando a sua admiravel doutrina sob os olhos da bella e joven Theano, que o grande pensador tomou como esposa; D'Alembert, mathematico, philosopho, o eminente encyclopedista, realisou os seus melhores trabalhos sob a influencia affectiva da celebre Mlle. de Lespinasse; e para não extender mais citações d'esta natureza, de que a historia está cheia, basta lembrar que a obra mais extraordinaria cumprida pelo genio humano, a Religião da Humanidade, foi o resultado da inspiração de uma mulher: si não fosse o coração de Clotilde, Augusto Comte não conseguiria levar a termo a sua augusta missão.

Os poetas e os artistas, mais talvez que os pensadores, experimentam melhor essa doce e adoravel influencia. Ninguem ignora que as melhores obras da poesia são o resultado da inspiração feminina.

Dante não escreveria o seu divino poema si não tivesse o coração cheio de Beatriz, d'aquella que lhe emparadisara o pensamento, como elle diz num admiravel verso; Petrarca seria esquecido, apezar de tudo que escrevera, si não nos deixasse os sonetos immortaes que a formosa Laura lhe inspirara; e Tasso e Camões e tantos outros genios teriam passado na Terra totalmente desconhecidos ou pelo menos quasi

incognitos si mulheres eminentes não lhes tivessem inspirado as grandes obras qne realisaram.

E não são apenas os grandes homens, os typos mais elevados da sociedade, os unicos a soffrerem a influencia directa da alma feminina, que atravez d'elles produz as obras maravilhosas da Humanidade. Qualquer homem experimenta na existencia publica e privada a influencia affectiva das mãis, das esposas, das filhas, das irmãs ou de outras a que se ligam por laços correspondentes ao materno, filial, conjugal e fraterno.

Si na situação actual a acção benefica dos entes ligados normalmente a nós pela familia não se manifesta ás mais das vezes, é necessariamente substituida pela de seus equivalentes. Si, por exemplo, o esposo não mais acceita a influencia da que foi a eleita do seu coração, outra mulher a substituirá ; si a esposa não o inspira, a amante o governa.

Seja como fôr, a influencia da mulher sobre o homem é um facto incontestavel e irrefutavel.

Apezar do seu orgulho e de sua pretendida independencia absoluta, o homem é um instrumento da mulher, especialmente quando os laços que os unem são os motivados pelo apego, são os laços conjugaes.

O polytheismo grego comprehendeu bastante tal subordinação resumindo-a na alegoria celebre de Hercules fiando aos pés de Omphale: o Amor dominando a Força; a Mulher dirigindo o Homem.

Mas não é só pela acção sobre o homem que o sexo affectivo gera indirectamente as grandes obras da sciencia, da arte e da industria.

Directamente, por si, a mulher figura, embora por excepção, como verdadeira creadora.

Quanto á industria, foi ella que a creou. Nos tempos primevos, em quanto o homem destruia, caçando e pescando, a mulher construia, instituindo as artes domesticas : a culinaria, a costura, a ceramica, etc. Só mais tarde foi que o homem, partindo d'estes rudimentos e illuminado pela cultura scientifica, tomou posse definitiva do dominio industrial.

A sciencia contem nos seus annaes os nomes celebres de Hypathia, Maria a Judia, Mme. de Chatelet, a traductora eminente dos *Principios* de Newton, Miss Martineau, que condensou admiravelmente a *Philosophia Positiva* de Augusto Comte, e o grande typo de Sophia Germain, cuja intelligencia era tão vasta que achou a solução de um difficil problema mathematico, o qual o proprio Lagrange tentara em vão resolver.

Nas artes, especialmente na arte litteraria, quem não admira os poemas mysticos de Santa Thereza e as cartas sublimes de Heloisa?

Entretanto, esta actividade intellectual da mulher, esta preoccupação directa com as obras do espirito, é excepcional no sexo, destinado principalmente a inspiral-as e não a construil-as.

E' mesmo esse o resultado que tiramos da contemplação da serie dos phenomenos sociaes; é uma verdadeira lei de sociologia a formula: o homem pensa sob a inspiração da mulher, isto é, as producções intellectuaes da Humanidade provêm do concurso dos dous sexos; o feminino que inspira e o masculino que executa.

Só excepcionalmente, grandes naturezas femininas surgem como productoras de obras intellectuaes, facto que aliás prova bastante que a mulher, uma vez a ellas consagrada, igualaria ou até excederia as producções do homem. Corina excedeu a Pindaro nos jogos da Olympia, e é incontestavel que as cartas amorosas de Heloisa valem mais que as aridas epistolas de Abelardo.

A mulher tem realmente tanta capacidade quanto o homem para as producções do espirito, apenas uma diversidade de destino determina a differença de qualidade. Emquanto o homem, entregue á vida publica, desenvolve a sciencia, a arte e a industria, a mulher no lar o prepara para essa mesma vida. Ella não produz as grandes obras, mas forma os grandes homens; toda a sua gloria está na dos homens que educa, dos homens que seu amor dirige, como mãi, esposa ou filha.

Só ha uma superioridade do homem sobre a mulher: é quanto ás qualidades praticas de energia, de coragem, correspondentes ao maior desenvolvimento do systema muscular.

Desde as mais remotas eras, a mulher tornou-se o symbolo da delicadeza e da graça, e o homem o da força e da bravura.

Assim, da comparação cerebral do homem e da mulher se conclue em resumo :

1º Que a mulher é *superior* ao homem em *sentimento;*
2º Que a mulher é *igual* ao homem em *intelligencia;*
3º Que a mulher é *inferior* ao homem em *actividade.*

Trata-se, pois, de dous seres desigualmente constituidos e que se devem completar mutuamente, sendo no emtanto, preponderante aquelle que for superior pela faculdade mais energica, qual é, como demonstramos, a mulher, onde o sentimento que tudo dirige, e especialmente o sentimento socíal, o Amor, prepondera, domina sempre.

Agora passemos a estudar quaes os meios de realisar a harmonia dessas existencias, que apenas por si não podem persistir e que só unidas constituem o verdadeiro *individuo social, a familia.*

Então veremos como ambos podem satisfazer as suas justas aspirações de espirito e de coração, hoje antagonicas, ante a anarchia revolucionaria e retrograda; e finalmente combinadas por uma synthese scientifica universal e eterna onde o amor é o principio e o fim de toda a existencia.

(A seguir)

Reis Carvalho.
(*Oscar d'Alva*).



Phot. Marc Ferrez

COPACABANA — RIO DE JANEIRO

ESMERALDA

Esta é a bemdicta pedra da esperança!
Vinde vê-la, Poetas! vinde vê-la
Com seo luzir suavissimo de estrella,
E seo clarão de bemaventurança...

Amantes: não deveis jamais perdê-la
Da vossa vista... Sua luz não cança...
E uma voz de consolo e confiança
A's vezes brota dessa joia bella!

Verde sonho das relvas e das ondas
Do inquieto olhar do amor nunca te escondas!
E tu que tens na fronte uma grinalda

De desenganos e de fé perdida,
Esquece as mil desillusões da vida
No crystal illusorio da esmeralda...

Luiz Guimarães (filho)

Montevideo, 1-2-1904

(Das "Pedras preciosas")

DÔR SUPREMA

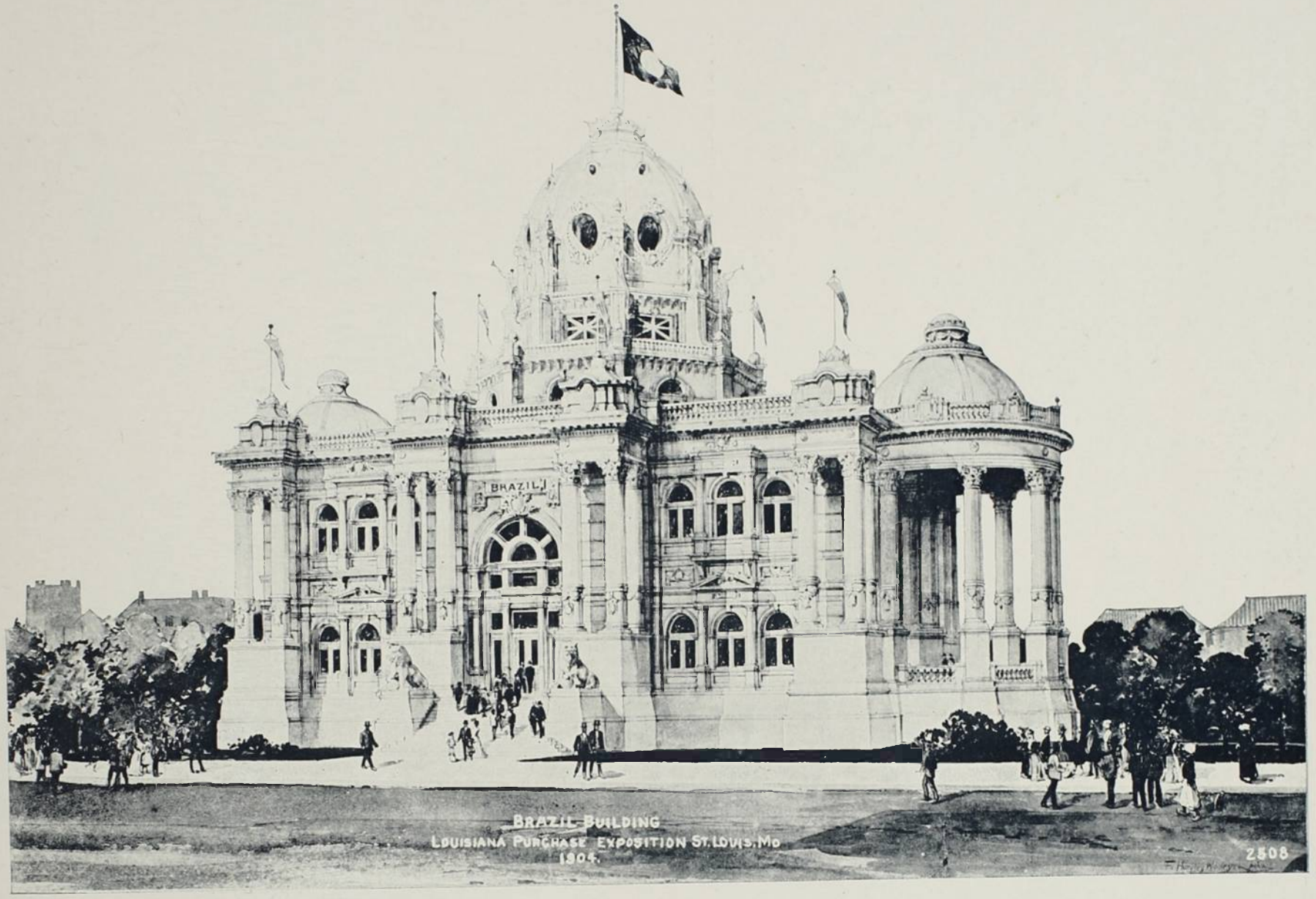
Dizem que amar sem ser tambem amado
E' das desgraças a maior desgraça,
E é a do desengano amarga taça
Que tem mais corações envenenado.

O amante soffre, pena allucinado
Pela ancia de um desejo que não passa;
Para acalmal-o é vão tudo o que faça,
Nada consola o amor desenganado.

No emtanto dôr maior existe ainda,
Dôr sem remedio, dôr que nunca finda,
E que embalde no peito suffocamos.

E' a magoa de amar e, amado embora,
Ter de calar o amor que nos devora,
Jamais poder dizer que nós amamos.

Oscar d' Alva



O PAVILHÃO BRAZILEIRO SERÁ O MAIOR D'ENTRE TODOS OS ESTRANGEIROS

Dos Governos que pretendem comparecer á Exposição Universal, nenhum terá mais notavel representação do que o Brazil relativamente ao edificio do seu pavilhão nacional. Aquella Republica sul-americana vae decididamente revelar ao mundo seus progressos e sua prosperidade, pela sua coparticipação no grande certamen internacional.

Os trabalhos do pavilhão começaram na semana passada ; os planos e contractos foram combinados por tal modo, que a construcção definitiva será executada em curto periodo. Excluindo a mobilia interna, só o edificio custará cerca de 130.000 dollars, a maior somma despendida por outro qualquer estado para esse fim, com excepção do Missouri.

Dos paizes que concorrem á Exposição, o Brazil é o unico, para cujo pavilhão os desenhos foram traçados pelo proprio commissario geral, coronel Francisco de Souza Aguiar, que concebeu a idéa da estructura geral, levantou as plantas, e entregou-as a um architecto de São Luiz, afim de encarregar-se da construcção.

O coronel Aguiar veio com sua familia para São Luiz ha alguns mezes, montou casa e estabeleceu residencia entre nós. Todo o seu trabalho relativo ao edificio foi realizado em São Luiz. Revestido pelo seu governo de todos os poderes necessarios, entregou-se sem demora ao desempenho de sua tarefa.

A Companhia da Exposição está satisfeitissima com o resultado do trabalho do coronel Aguiar. Ninguem acreditava que uma nação da America do Sul fizesse tal successo, na área fornecida aos governos estrangeiros.

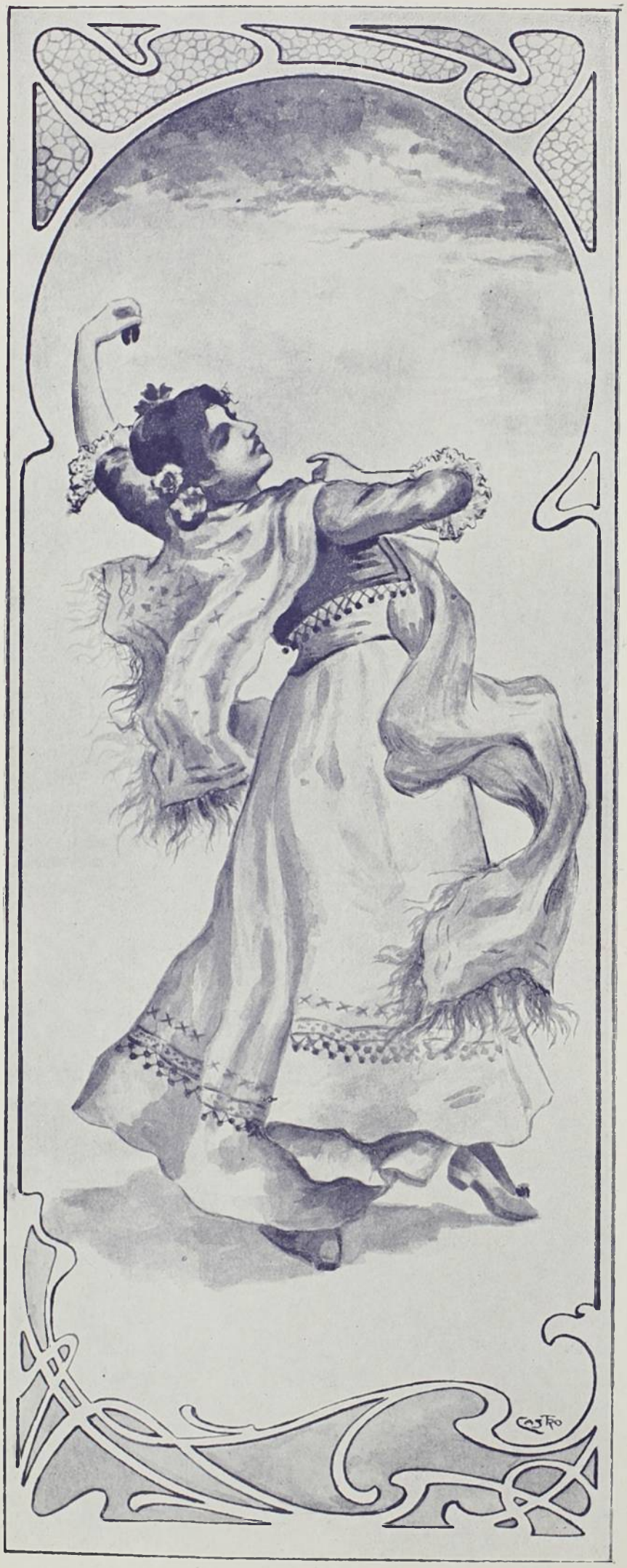
Seus planos foram adoptados sem a menor modificação, e foi-lhe concedido todo o espaço requerido para executal-os.

O constructor, W. Detterny, é tambem o architecto do pavilhão chinez.

O edificio é modelado em linhas severamente correctas, com a parca ornamentação necessaria para exprimir o espirito decorativo caracteristico da America do Sul, como um elemento perceptivel da Escola Hespanhola de Architectura, que suavisa as linhas severas dos zimborios e das columnatas.

The St. Louis Republic, 22—11—903.

Trovas populares de Hespanha



I

Emquanto a paixão perdura,
Toda a loucura é fineza;
Mal vem do olvido a frieza,
Toda a fineza é loucura.

II

Eras um anjo: fugiste
Do céo, e Deus te pegou;
Quiz deter-te: resististe:
Com tuas azas ficou.

III

Não sei o que sinto quando
Teu rosto miro:
Suspiro, e fico indagando
Porque suspiro.

IV

Com tantas letras se escreve
O «não» como o «sim...» E o «sim»
Fará com que aos céos me eleve,
E o «não...» que será de mim?!

V

Não tens culpa, nem culpado
Sou, lindo rosto,
De que Deus te haja formado
Tão de meu gosto...

VI

Por dois negros assaltantes
Vi-me, em sonho apunhalado...
Foi por teres, uns instantes,
Com dureza me fitado.

VII

«Mil e sete estrellas conto,»
Diz um sabio, e ha quem o approve.
—Mas os teus olhos lhe aponto:
Mil e nove!.

VIII

Nos teus olhos todo o aspecto
Do que eu sinto se resume:
Grandes, meigos... meu affecto,
Negros... negros... meu ciume.

IX

Ingrata, porque reclamas
Que eu te conte por miúdo
Meus males?... —Amo, não amas,
—Eis tudo!

X

Sonhei... Que sonhar risonho!
Que sonho doce!
Sonhei, flôr, o que mais sonho
Sonho não fôsse...

XI

Vou-me embora, vou deixar-te;
De ti, porem, não me ausento,
Porque si o meu corpo parte,
Não parte o meu pensamento.

XII

Adeus, fonte de meiguice,
Meu amor, minha alegria;
Vou sem te ver; si te visse,
Não iria...

Villa-Petiote-Petropolis,
25-XII-1903.

Affonso Celso.
Da Academia Brasileira

Desenhos para os novos sellos postaes



A CORRESPONDENCIA

Allegoria ao Correio e ao Telegrapho —Sobre um trecho de linha telegraphica, atravéz do qual se distingue o Cruzeiro do Sul, symbolo da nossa Patria, um pombo-correio abre as azas para encetar o vôo.



A ELECTRICIDADE

Allegoria ao futuroso invento de Oswaldo de Faria— Apoiada a uma roda d'agoa, uma figura de mulher, trazendo no cabello um enfeite com a Estrella do Sul derrama com a mão direita uma bilha de agoa sobre a roda e, com a esquerda, une os dous conductores das correntes continuas, que produzem a Força e a Luz representadas por uma engrenagem e uma lampada de arco.

No angulo superior direito avista-se o Cruzeiro do Sul.



A LEI AUREA

No centro de um medalhão encimado pelo Cruzeiro do Sul uma figura de anjo — O Anjo da Liberdade — parte os grilhões da escravidão, que acorrentavam tres representantes da raça escrava.

Ao fundo se distingue um pé de cafeeiro e sobre as nuvens a memoravel data 13 de maio de 88—Os quatro angulos do desenho são occupados por flores de maracujá representativas dos martyrios impostos áquella raça.



O COMMERCIO

A figura do Commercio Brasileiro, trazendo á cabeça o gôrro phrygio com as azas do capacete de Mercurio, ergue com a mão esquerda uma faixa que, contendo os dizeres—CORREIO, E. U. DO BRAZIL—, vae prender-se pela outra extremidade na mão direita, que tambem sustenta um escudo com o valor da taxa.

No angulo superior esquerdo a Estrella do Sul e ao fundo um laurel que circunda a figura, a qual traz ao peito um medalhão com o Cruzeiro do Sul.



A MULHER BRASILEIRA

Uma cabeça de mulher, typo brasileiro, trazendo no cabello, em guiza de ornamento, um medalhão com o Cruzeiro do Sul cercado pelas Estrellas da União e circulado por tres ramos de carvalho, café e palma significando, na ordem em que se acham: o Civismo, a Riqueza e a Gloria.



O DESCOBRIMENTO

Allegoria ao descobrimento do Brasil, —A bordo da caravella SANTA MARIA, prendendo com a mão direita a roda do leme, Pedro Alvares Cabral aponta com a esquerda, ao fundo, a terra de Santa Cruz, Fr. Henrique de Coimbra, Pero Vaz Caminha e dois pilotos seguem com o olhar a direcção apontada. No angulo superior direito sobre o ponto indicado pelo gesto de Alvares Cabral, se avista o Cruzeiro do Sul.



A AERONAUTICA

Allegoria á gloriosa descoberta do brasileiro Santos Dumont—No primeiro plano a Republica Brasileira, em meio corpo, apoia a mão diraita sobre um escudo com a taxa do sello, prendendo entre os dedos um pequeno ramo de oliveira; com a mão esquerda segura a ponta do GUIDE ROPE do dirigivel Santos Dumont que se vê ao fundo, pairando no espaço. Entre o escudo e o leme do dirigivel distingue-se, á esquerda, o Cruzeiro do Sul.



A REPUBLICA

Uma cabeça de mulher, trazendo nos cabellos um ornato em fórma de gôrro phrygio; vendo-se na parte inferior do desenho a mão direita da figura que apresenta um pequeno ramo de oliveira, symbolo da Paz. No angulo superior direito o Cruzeiro do Sul cercado pelas Estrellas da União.



A UNIÃO

Uma cabeça de mulher, typo brasileiro, symbolisando o Governo da União, apresenta, collocadas á esquerda e em forma de diadema, as Armas da Republica Brasileira.



TERRA !!

O mesmo assumpto tratado no sello ordinario de 500 réis, com as modificações resultantes do formato do sello e que, no presente, consistem em que se distingue parte maior da roda do leme; no horizonte a terra de Santa Cruz e á esquerda, na faixa vertical, o punho de uma adaga symbolisando a intrepidez.



AS ARTES

Uma figura de mulher, que representa a Arte, segura na mão direita uma caneta de Desenho e com a esquerda abraça uma columna, que symbolisa a Architectura, e sobre cujo capitel reclina amorosamente a fronte. Ao fundo, no angulo superior direito, vê-se a estatua equestre do Duque de Caxias, representando a Esculptura. No angulo superior esquerdo o Cruzeiro do Sul, indicando a nossa Nacionalidade. Um ramo de oleander se destaca na parte inferior do desenho symbolisando a Arte Decorativa.

A Directoria Geral dos Correios prestou um inestimavel serviço ao paiz, abrindo um concurso entre os nossos artistas, para os desenhos dos novos sellos postaes e outras formulas de franquia.

Em boa hora o fez, porque a esse certamen concorreram dezeseis artistas brasileiros, tendo sido apresentados oitenta e quatro desenhos.

A Commissão Julgadora d'esses trabalhos, composta de artistas que, pela sua reconhecida competencia, são verdadeiras glorias e mestres na materia, de philatelistas conhecidos e da alta administração postal, após maduro e consciencioso exame escolheu os desenhos apresentados por Elyseu Visconti.

Em todos elles ha uma concepção que vem revelar o merito de um Artista e a verdadeira alma de um Poeta, si para isso não fossem já bastantes: «A dança das Oreades», «S. Sebastião», «Convalescente», «Beijo» e tantas outras obras primas.

Elyseu Visconti, que foi alumno da Escola Nacional de Bellas Artes e como tal obteve, por concurso, o premio de viagem, tem sido um dos poucos que, de regresso á Patria, têm trazido o attestado mais convincente da sua applicação ao estudo, apresentando na brilhante e completa exposição que fez, de volta da Europa, e que ainda perdura na memoria de todos aquelles que tiveram occasião da vel-a, as differentes phases do seu bello e privilegiado talento.

Pois bem, é este artista que, comprehendendo o appello feito pela Directoria Geral dos Correios, no edital publicado para esse fim, veio mais uma vez concorrer para o engrandecimento da nossa Patria.

Na composição dos seus trabalhos, aqui reproduzidos, vê-se a glorificação allegorica de factos politicos, scientificos, artisticos e industriaes da nossa historia patria, tendo alem disso cada formula de franquia uma denominação propria, concorrendo para que a collecção de sellos do Brasil seja a mais completa da União Postal.

Não fazemos critica á obra de Visconti, ella se impõe como o seu autor, que já é uma gloria nossa.

A intelligente Directoria Geral dos Correios cumpriu o seu dever abrindo o concurso; Visconti cumpriu o seu, concorrendo magistralmente a elle; agora só resta ao illustre e operoso Ministro da Industria remunerar o trabalho intellectual do artista e autorisar a Directoria Geral dos Correios a mandar fazer a gravura d'esses sellos em aço, afim de que a perfeição da sua factura venha completar a obra artistica encetada por Visconti.

Ernesto Coutinho.

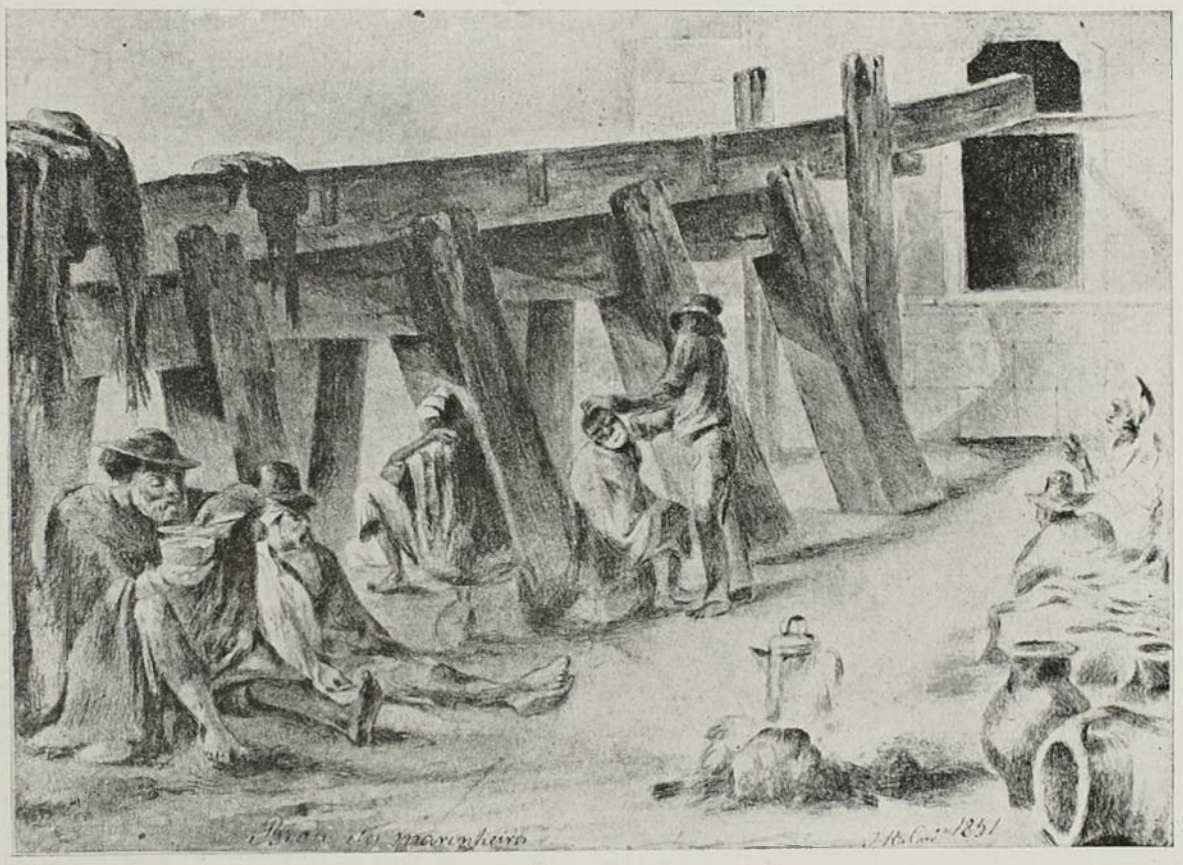
EXCAVAÇÕES HISTORICAS
I
BICA DOS MARINHEIROS

TEVE essa denominação pequeno chafariz situado lá para as bandas dos mangues de S. Diogo e Praia de Diogo de Pina (mais tarde Praia Formosa).

Proveio o nome de Bica dos Marinheiros, do facto de ser aquelle o local onde vinha a maruja dos navios surtos no porto do Rio de Janeiro, fazer provisão d'agua.

Hoje, graças aos aterros da Companhia de Melhoramentos, ficou inteiramente modificada a topographia daquella parte da cidade.

Ainda em nossos dias, conservou-se por muito tempo a columna de pedra, ultimo vestigio da pequena fonte cujas aguas foram em principio aproveitadas e canalisadas pelos Jesuitas, proprietarios de todos esses terrenos, desde o rio Catumby até Inhaúma. Antes de ser concluida a bica em questão, e nos primeiros tempos, iam os marinheiros prover-se de agua no rio Carioca, das Larangeiras ou dos Caboclos; por esse motivo, era a praia, hoje do Flamengo, conhecida por praia da Aguada dos Marinheiros.



Mais tarde, foi construido o Chafariz da Junta do Commercio, no ponto em que está hoje a Secretaria da Marinha, antiga praia de Braz de Pina.

Como é sabido, o primitivo chafariz do largo do Carmo foi construido por ordem de Gomes Freire de Andrade no centro da praça, de onde foi removido pelo Vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza, ao construir o bellissimo cáes que durou até meiados do seculo passado, para junto do mar, modificando-a completamente. No paredão do cáes foram collocadas grossas bicas de bronze, para provimento d'agua aos navios.

Comquanto, em virtude dessas modificações, tivessem os marinheiros de todo abandonado a bica em questão, conservou ella sempre o nome, servindo por largo espaço de tempo para uso e goso dos moradores de S. Diogo e adjacencias.

No sitio da Bica dos Marinheiros esteve acampado o Ararygboia, com os seus companheiros, antes de tomar posse das terras de S. Lourenço, a elles cedidas por Antonio de Mariz. Por occasião da invasão franceza de Duguay-Trouin, o sitio da Bica dos Marinheiros foi scenario de notavel encontro entre os Francezes e os nossos, commandados pelo bravo Bento do Amaral. A' Bica, ainda prendem-se recordações historicas das rusgas e motins havidos no tempo da Regencia, após a revolução de 7 de Abril.

Nas proximidades da Bica dos Marinheiros existiram sempre armazens de materiaes e madeiras. A gravura representa um desses toscos e primitivos apparelhos de serrar, ainda em uso no interior do paiz, em falta de outros mais modernos e perfeitos. Constituido por pesados cavalletes, sobre os quaes era collocada a couçoeira que devia ser aproveitada, mediante longa serra manejada por dous individuos, um collocado na parte superior, e o outro na inferior, o primeiro ficava sempre de melhor partido; d'ahi a origem de conhecido proverbio popular.

Ponto isolado da cidade, longe das vistas da policia, era a Bica dos Marinheiros frequentada por vagabundos, malfeitores, mendigos, quitandeiras e barbeiros ambulantes.

O desenho reproduz com felicidade alguns desses typos, sobresahindo o do barbeiro negro, escanhoando os queixos do freguez, ao ar livre.

Em geral, o barbeiro ambulante era escravo e ao seu senhor cabiam os proventos da profissão.

Havia peritos sangradores e applicadores de ventosas, sendo muitos delles approvados pela Junta do Proto-Medicato. Faziam parte da celebre musica que, em palanques adrede construidos, tocava ás portas das igrejas, durante as festividades religiosas.

O largo da Sé, a praia do Peixe, o largo do Rocio e a Bica dos Marinheiros eram os pontos preferidos pelos barbeiros ambulantes, para exercerem a sua profissão ao ar livre. Na obra de Debret ha estampas que melhor representam o assumpto, do qual por vezes se têm occupado escriptores nacionaes.

Dr. Vieira Fazenda.

CANHÕES DE TIRO RAPIDO

EXPERIENCIAS DO BRASIL

Vem de longe, da mais remota antiguidade, pois data da Grecia, a antiga, a ideia humanitaria de se evitar a guerra.

Infructifera foi então a creação das amphictyonias, como, pouco têm conseguido, em tres seculos successivos, os esforços de muitos pensadores e os de sociedades e de congressos, reunidos estes nas mais adiantadas cidades da velha Europa.

Effectivamente, só a paz armada, esse grande mal, tem conseguido evitar mal ainda maior.

O nosso pacto federal em seus artigos trinta e quatro e oitenta e oito, pondo em evidencia os intuitos com que a nossa Patria, iniciando uma era nova, desejava continuar no convivio das nações, estabeleceu o recurso do arbitramento como condição primordial para a resolução de difficuldades, que possam surgir em nosso horisonte politico.

Em seu artigo quatorze, porem, essa mesma Constituição mostra que estamos muito longe de acceitar as ideias da *seita dos quakers* ou *sociedade dos amigos*, de 1647, que renunciava a qualquer defesa em caso de ataque, para tornar a guerra um impossivel.

D'ahi a existencia de nosso pequeno exercito, que, sem sacrificios superiores aos nossos recursos, poder-se-á manter instruido, e preparado com o que de mais aperfeiçoado nos póde offerecer a industria estrangeira: subditos, que somos, de seu vertiginoso progredir.

E' o que explica o certamen industrial, que se realisa em nossos polygonos, travado desde Março de 1902, entre as tres grandes fabricas de Vickers, Sons & Maxim, da Inglaterra; F. Krupp, da Allemanha, e Schneider & Canet, da França.

Em nosso primeiro numero demos as photographias dos canhões das duas primeiras fabricas, e de um outro, de procedencia allemã, systema Ehrhardt, de Düsseldorf.

Este, porem, aqui chegando tarde em 1902, desapparecia da arena em 1903, sem ter sido experimentado, sendo substituido por um irmão em procedencia.

Dos tres que tivemos a fortuna de conhecer de perto, facil foi a victoria do producto de Essen, pois, ao passo que o Vickers era posto á margem, por não satisfazer á condição primordial—a estabilidade; o do Schneider Canet (Creusot), inutilisado em um de seus orgãos principaes—o freio, o primeiro supportara as duras provas a que fôra submettido.

Os vencidos nessa luta retiram-se com todas as honras, animados para novos emprehendimentos.

E, assim sendo, ainda no mesmo anno de 1902, o colosso de Chalon-sur-Saone, que se não podia conformar com o desastre occorrido em seu material, apresentava um novo producto, para competir com os que ainda restassem resistindo ás provas de um programma de experiencias calculadamente rigoroso.

Assistindo á montagem d'esse novo canhão, tivemos occasião de vel-o dotado de notaveis aperfeiçoamentos. A importante fabrica de Schneider-Canet tinha effectivamente feito muito, posto a sua pujança productora acima de toda a prova.

Faltava, porem, a esse canhão o seu complemento, o armão; e o nosso programma marca um limite maximo de peso á viatura completa, que em taes condições não era possivel verificar.

O material de Düsseldorf chegara tarde, a Commissão de experiencias recebera a mais agradavel impressão da galhardia com que o canhão Krupp supportara as mais rigorosas provas, evidenciando resistencia admiravel e estabilidade até então sem igual, em situações difficeis, adrede escolhidas, para que não pairasse em nosso espirito a menor duvida sobre a sua superioridade.

Alem disso, um ligeiro exame da tabella de tiro do canhão de Düsseldorf, nos revelou a sua inferioridade balistica, apezar de atirar um projectil do mesmo peso, com a mesma velocidade inicial, devido á menor densidade quer transversal, quer espherica, de seu projectil.

Revelou-nos ainda mais essa mesma tabella de tiro, menor effeito provavel do shrapnel e menor rendimento da viatura peça d'esse material.

Pouco, pois, se poderia lucrar, submettendo-o a todas as experiencias do programma, ainda em 1902.

Ficava, assim, o canhão Krupp isolado, esperando os seus competidores de 1903, pois o Exmo. Sr. Marechal Argollo, resolveu fazer continuar as experiencias nesse anno.

Infelizmente, um pavoroso incendio nos armazens da linha de tiro do Realengo, a 11 de Agosto, não só inutilisou o novo material francez, já então aguardando o inicio das experiencias, como reduziu o material Krupp ao estado em que, aqui, o apresentamos.

Tudo quanto de madeira tinha esse material ficou reduzido a carvão, e o escudo rasgado em varios pontos pelos estilhaços de granadas, que carregadas com explosivos violentos, explodiram no compartimento do material francez.

Ainda assim, quiz o illustrado capitão do Exercito Allemão o Sr. Barão Von-Restorff, que com tanta proficiencia apresentara o seu material, como representante technico da grande fabrica de Essen, collocal-o acima de toda a prova.

Para isso, alem da resolução do problema tactico, que o illustre official realisou em Santa Cruz, na pre-

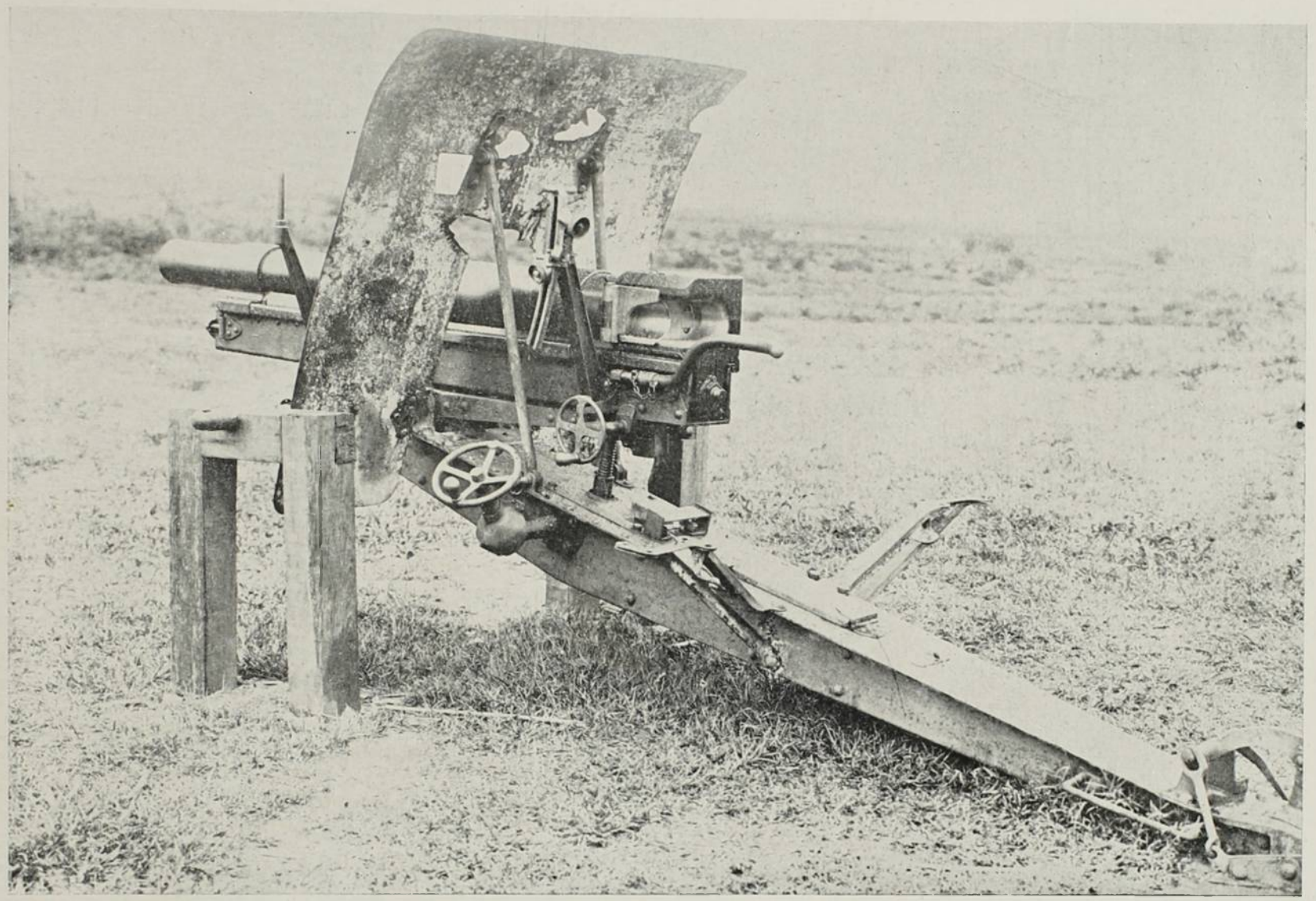
sença do Exmo. Sr. Presidente da Republica e dos distinctos membros de sua comitiva, foi esse material submettido pela commissão a provas de justeza, a 3000 e 4000 metros; em nada se tendo mostrado inferior aos seus competidores d'esse anno.

Breve teremos occasião de apreciar o quarto producto de Creusot, que terá este anno dois novos competidores; um, da propria França, dos estabelecimentos de St. Chamond, e, outro, representando a adiantadissima industria belga, do importante estabelecimento de J. Cockerill, perto de Liège—cidade onde se encontram reunidas as mais variadas industrias, todas em estado de admiravel prosperidade.

Só então poderemos, talvez, achar a solução definitiva do problema que, ha dois annos, foi entregue ao nosso estudo.

Perdoem-nos, os irmãos de armas, que lhes tenhamos dado uma tão mal alinhavada descripção do assumpto que tomamos para epigraphe.

Aos compatriotas que, attrahidos pelo brilho dos pensadores e estylistas notaveis que collaboram nas columnas do *Kósmos*, passarem por ventura os olhos sobre o quanto aqui dissemos, mui diverso é o nosso pedir: reflictam o quanto será difficil achar em momento afflictivo, o que na abençoada paz que atravessamos tanto nos tem custado.



KRUPP

No momento supremo, nem a boa vontade, nem o profundo saber, nem o patriotismo, reunidos em um Berthelot, poderão salvar a Nação de um desastre, enlutando para sempre uma das paginas de sua historia.

Tenente-Coronel L. Barbedo.

UM ARTISTA MINEIRO



Venancio José do Espirito Santo

QUEM vae a Minas, e visita as suas velhas egrejas e as suas casas velhas, é continuamente sorprehendido pelas manifestações da arte indigena, que não poderia, em que pezasse á estreiteza do meio, deixar de expandir-se naquella terra maravilhosa de côr e de luz.

Que de vocações perdidas, de talentos ignorados, de geniaes anonymos na mysteriosa pleade que tem como o seu mais illustre representante, illuminado pela critica moderna, aquelle inverosimil Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, artista sem dedos, poeta immortal da pedra azul!

O obsequioso sacristão do Carmo, em São João d'Elrey, não quiz que eu deixasse de ver os ex-votos que em profusão se encontram pendurados numa dependencia lateral daquella egreja.

Antigamente ninguem escapava de qualquer enfermidade ou perigo a não ser por obra e graça do santo ou santa de sua particular devoção, ao qual — ou á qual — fazia uma promessa, — e o primeiro cuidado do devoto, passada a crise, era mandar pintar um pequeno quadro commemorativo, e collocal-o na egreja onde se venerava o santo ou santa que o attendêra.

Esse costume persiste ainda hoje, mas não tanto como no tempo em que havia, si não mais crença, ao menos mais credulidade.

A collecção dos ex-votos do Carmo é curiosissima, e, entre todos, os do seculo XVIII me pareceram os mais interessantes.

Um d'estes, por exemplo, representa um moleque agasalhado na cama, e Nossa Senhora apparecendo sobre uma nuvem.

Esse ex-voto tem o seguinte lettreiro, que copio sem lhe alterar a grammatica :

"Mce q: fez N. Sra do Carmo a Ilias crioulo escravo de Bartolomea de Sousa Soares q: estando mto mal já deixado de Serugioniz (*sic*) recorreu a May de Ds e logo se achou Milhor. 1763 ans"

Fica a gente na duvida si o que moveu a Dona Bartholoméa foi a piedade ou o interesse pecuniario: o moleque valia um bom par de cruzados.

Essas pinturas são todas de uma ingenuidade teratologica, — alguma coisa que lembra ao mesmo tempo as illuminuras dos manuscriptos persas do seculo XVI e os calungas dos annuncios que a Municipalidade complacente deixa escandalisarem o bom gosto nas ruas desta capital.

Dir-se-ia que esses ex-votos, pintados em epocas diversas, com distancia de muitos annos, e até de um seculo, uns dos outros, sahiram todos do mesmo pincel : têm o mesmo desenho, o mesmo colorido, o mesmo estylo, a mesma intuição de arte. Raro é aquelle que não faz sorrir; alguns são mais divertidos que a melhor caricatura de Léandre.

Saibam, porém, que, percorrendo attentamente, e com espirito sacrilego, os ex-votos do Carmo, cahiram-me os olhos sorpresos sobre um, que se distinguia singularmente de todos os outros pela incontestavel habilidade do artista.

O quadro tinha a seguinte explicação que transcrevo *ipsis-verbis :*

"Merce, que fes a Virgem S. S. N. Sa do Monte do Carmo, por sua infenita Mizericordia, e piedade, ao Barão de Entre-Rios, que achando-se dezenganado por quatro Medicos, que o acistião, em hũa grave enfermidade, e declarada hũa grangrena, apegando-se com a mesma Sa de Coração, emmediatamente recobrou o uso de rezão, e adquirio melhoras, e depois a saude acontecido em julho de 1855."

Representa o ex-voto um homem doente, na cama, com um lenço amarrado na cabeça, os olhos cerrados, a physionomia dolorida. Por traz do leito, uma senhora muito triste aponta para o enfermo, a cuja cabeceira outra senhora, sentada, tem cara de quem já não conta que elle se restabeleça. Do outro lado quatro medicos discutem o caso, e um delles, mostrando um estojo aberto, parece propor aos collegas uma intervenção cirurgica. A alguns dos leitores parecerá, talvez, que elle offerece charutos, o que seria o cumulo da extravagancia. Por cima desses medicos, n'uma aureola formada por nuvens, apparece Nossa Senhora do Carmo com o Menino Jesus ao collo e dous escapularios na mão.

Pensei commigo que provavelmente esse ex-voto fôra pintado por algum artista estrangeiro que os acasos da vida levassem a São João d'Elrey, artista ironico e *pince sans rire*, que puzera certa malicia em fazer aquelle contra-annuncio a quatro doutores da terra; conversando, porém, com o Sr. Modesto Paiva, distincto sanjoannense, poeta e cavalheiro, de quem trouxe a mais agradavel impressão, este disse-me que o ex-voto do barão de Entre-Rios era obra de um artista mineiro, fallecido ha muitos annos, o capitão Venancio José do Espirito Santo. Capitão, entenda-se, porque, na provincia, nem mesmo os artistas escapam á guarda-nacional.

Esclarecido por essa informação, voltei a examinar a pintura com outros olhos, e me convenci então de que era sinceridade o que me parecêra malicia. O ex-voto é ingenuo como todos os outros, com a differença, porém, de ter sido pintado por um homem que nasceu artista, que não teve mestres, e que seria — quem sabe? — uma notabilidade, si não tivesse nascido no interior do Brasil.

Obtida a necessaria licença, mandei photographar o quadro, que o *Kósmos* reproduz, com muita pena de não poder reproduzir egualmente o colorido, que é, talvez, o que ha nelle de mais apreciavel. O original, pintado á cola, apresenta, a alguma distancia, o gracioso aspecto de uma aguatinta de Debucourt ou Janinet.

Venancio, que nasceu em 1783, era filho, não de São João d'Elrey, mas de uma localidade proxima. Foi para ali criança, ali cresceu, ali se fez homem e adquiriu grande fama, não como pintor de quadros, mas como encarnador de imagens, profissão em que se mostrou eximio, e que lhe dava fartamente para viver numa terra de tantos oratorios, e tão guarnecidos, que, pode-se dizer, as casas particulares são ali outros tantos prolongamentos das egrejas.

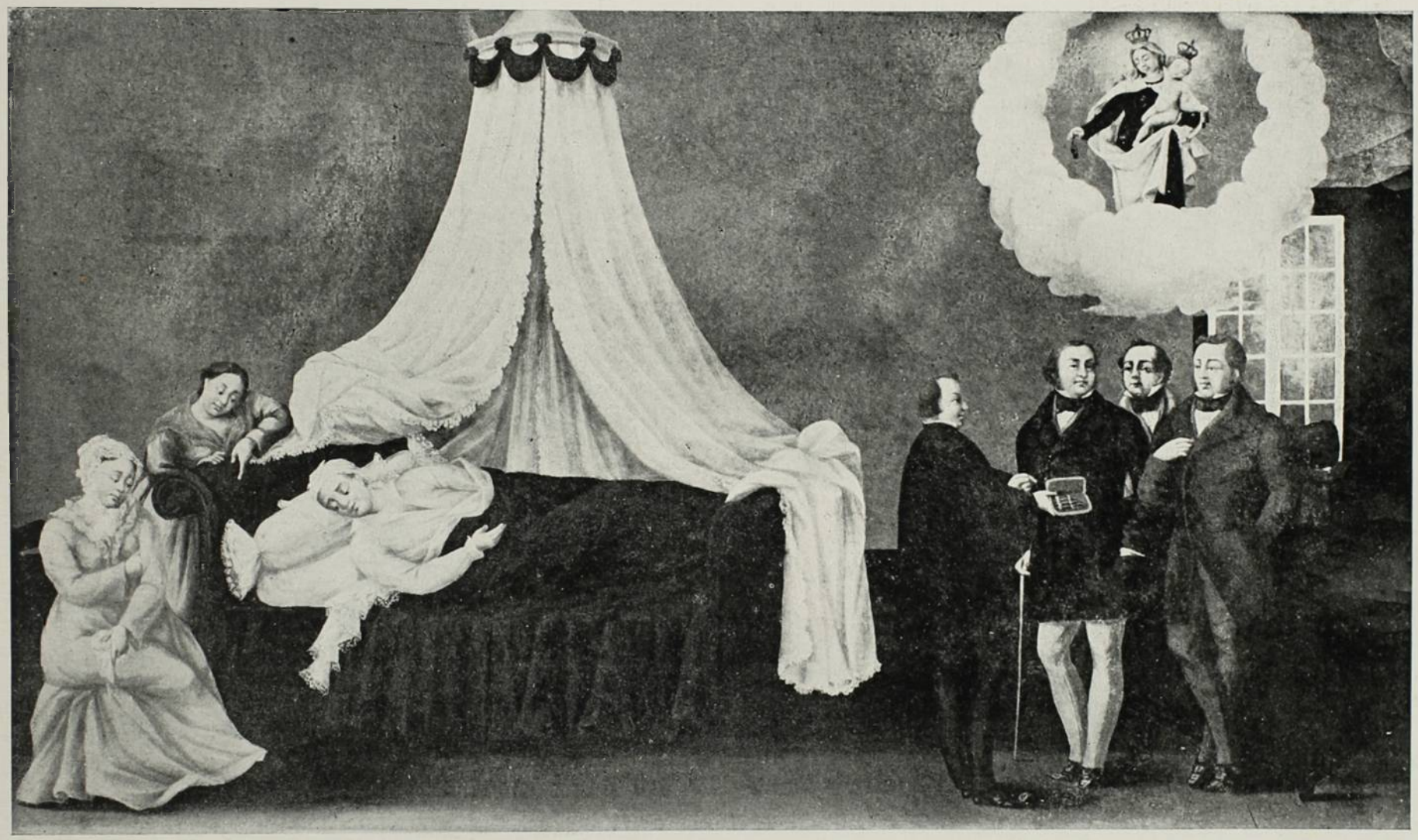
Só pintava por desfastio e durante os lazeres que lhe deixavam as imagens. Foi assim que pintou, para o saguão da Santa Casa da Misericordia, o retrato, idealisado com muita intelligencia, de Francisco Moreira da Rocha, que durante cincoenta annos foi irmão pedinte daquelle pio estabelecimento, e é um dos typos mais populares na tradicção da cidade. Não ha em São João d'Elrey quem não conheça a historia do "irmão Moreira", que reviveu na palheta do capitão Venancio.

Tive occasião de apreciar outros varios trabalhos do artista mineiro, principalmente em casa de seu filho, o Sr. Sebastião José do Espirito-Santo, que me forneceu alguns apontamentos para esta ligeira noticia, e me emprestou o retrato acima reproduzido.

Oito filhos deixou Venancio quando falleceu, aos 86 annos, em 1879. Só existem dous.

O Sr. Sebastião do Espirito-Santo não abraçou a profissão paterna: é um modesto alfaiate, homem simples e virtuoso, chefe de numerosa familia.

O velho Venancio não trabalhou durante os ultimos onze annos da sua longa existencia, por ter sido atacado de uma enfermidade que infelizmente lhe inutilisou o cerebro.



«Merce, que fes a Virgem S. S. N. S.ª do Monte do Carmo, por sua infenita Mizericordia, e piedade, ao Barão de Entre-Rios, que achando-se dezenganado por quatro Medicos, que o acistião, em hua grave enfermidade, e declarada hua grangrena, apegando-se com a mesma S.ª de Coração, emmediatamente recobrou o uso de rezão, e adquirio melhoras, e depois a saude acontecido em julho de 1855 »

O seu ultimo trabalho, e o mais importante, dizem, é uma *Ceia de Christo*, que pintou para a egreja matriz de São José do Rio Preto, onde ainda se acha, e é muito gabada por todos; não a vi: nada posso dizer.

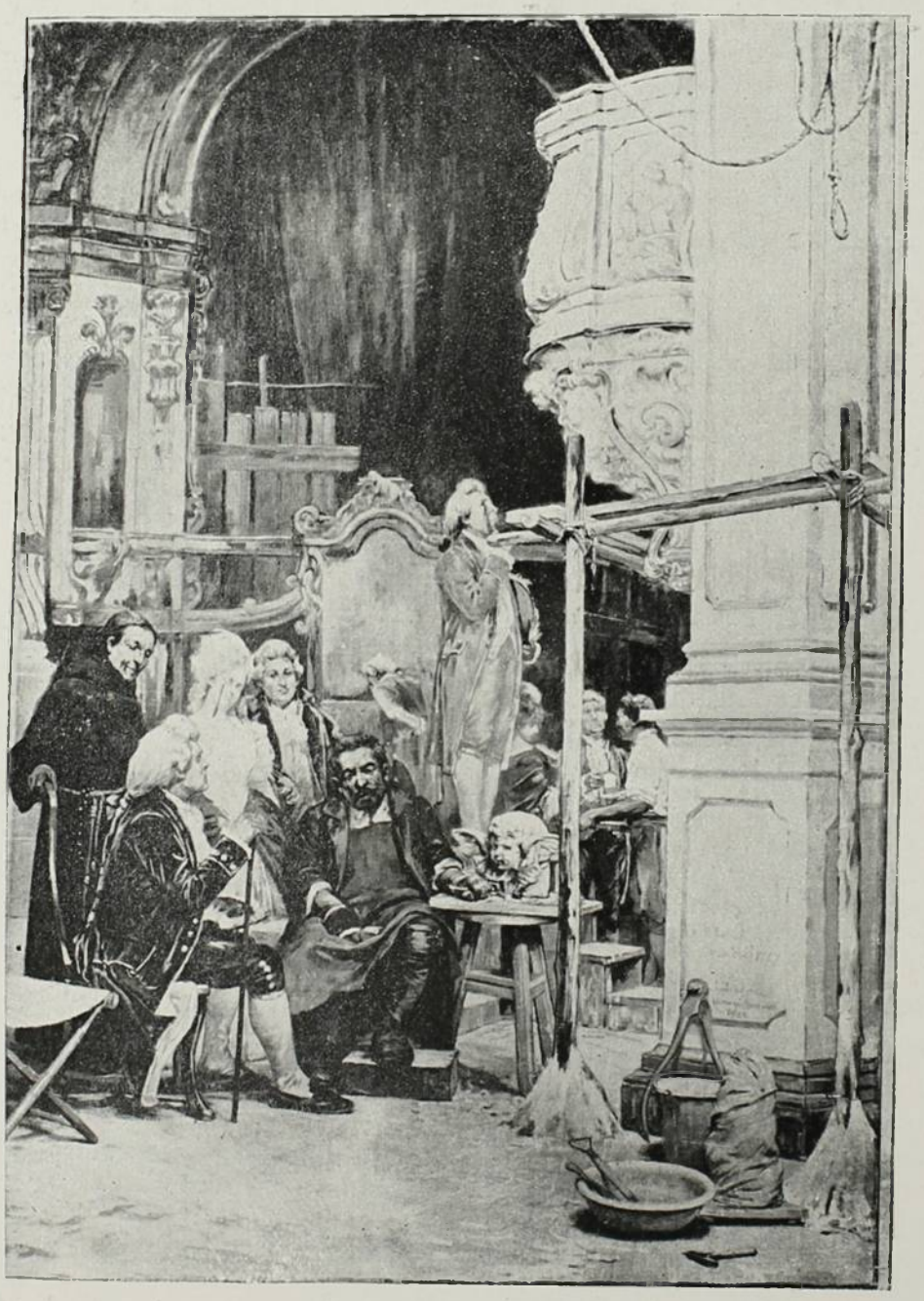
Sobre o ex-voto da egreja do Carmo accrescentarei as seguintes informações: a senhora que está sentada á cabeceira do barão de Entre-Rios é, naturalmente, a baroneza; os medicos são os Drs. Guilherme Lee, Cassiano Bernardo de Noronha Gonzaga, e os dous irmãos José Polycarpo e Francisco de Oliveira, isto é, os facultativos mais acreditados que em 1855 havia em S. João d'Elrey.

E' de crer que nenhum dos quatro, e com especialidade o Dr. Lee, que era inglez e protestante, gostasse que o barão attribuisse a Nossa Senhora do Carmo o ter ficado bom, e ainda por cima os mandasse retratar daquelle modo...

Todos quantos figuram no quadro são fallecidos, á excepção de Christo que, como é sabido, resuscitou.

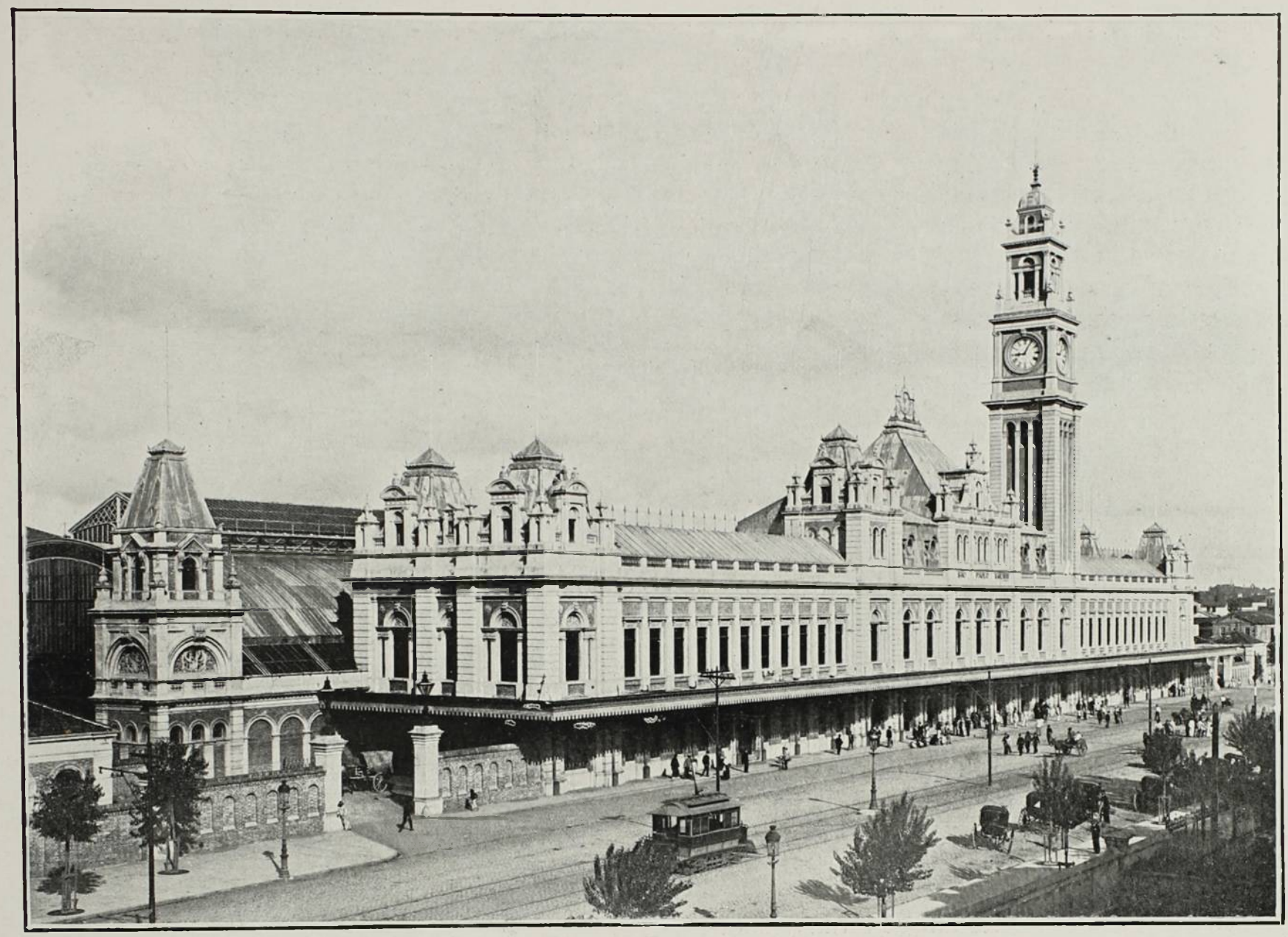
Arthur Azevedo.

Da Academia Brasileira.



O ALEIJADINHO EM VILLA-RICA

Quadro de Henrique Bernardelli



ESTAÇÃO DA LUZ--S. PAULO

UMA EXCEPCIONAL ESTREIA LITERARIA

II

Vitam impendere vero.

JUVENAL.

A obra do Dr. Roberto Trompowsky, que mal se occulta sob um titulo assaz modesto e inexpressivo, consta de dous volumes brochados, impressos ambos nas officinas da typographia nacional, por ordem do governo, á vista do parecer lisongeiro sobre ella emittido por uma commissão de profissionaes da escola militar do Brasil.

Deve, pois, ser um tratado de folego. E é sob essa agradavel impressão que o vamos abrir gostosamente.

Logo ás primeiras paginas deparamos a dedicatoria a A. Comte, cujas obras são tidas como o "mais opulento manancial ás presentes *Lições de geometria algebrica*". Para quem sabe ler entre linhas, ahi está, nesse rasgo tão espontaneo como justo de immodestia, todo o merecimento e valor do livro. O autor trahiu-se, sem o querer talvez: um manancial opulento, ou antes uma grandiosa e perenne fonte, que vem a ser a mesma coisa, só póde produzir preciosissima agua potavel, em qualidade e quantidade mais que sufficientes para desalterar as turbas sequiosas que por ahi andam, á cata do precioso liquido.

Experimentemol-o então, não como um chimista consumado, para lhe ver as materias solidas, os productos organicos ou os gazes que elle possa porventura ter em dissolução, e sim como um analysta desapaixonado e justiceiro, á luz do plano synthetico do despretencioso escripto anterior.

A concepção fundamental, que encerra as ideias propedeuticas da sciencia, é tratada com largo desenvolvimento e minucia, em 139 paginas, onde uma firmeza de exposição está a correr parelhas com a maneira singela e despretenciosa por que são tratados os differentes assumptos.

Tres coisas ahi mais chamam a attenção do leitor: a escolha dos exemplos destinados a esclarecer o principio carteziano, a exposição tanto da lei da homogeneidade como da construcção das formulas

do primeiro gráo, e finalmente a indirecta distincção que se faz entre geometria plana e geometria no espaço.

Sobre a primeira dellas, a escolha dos exemplos, o autor foi de uma felicidade a toda prova, merecendo por isso mesmo que a critica competente e desapaixonada lhe faça as mais justas e sinceras referencias: nada absolutamente de superfluo, nem tão pouco de omisso, nessas paginas magistraes, cuja leitura devoramos pleno de satisfação, em algumas dezenas de minutos apenas.

A consideração da lei da homogeneidade e bem assim a construcção das formulas, em um trabalho de tal natureza, que parecia ás primeiras impressões subordinar-se inteiramente ás prescripções de A. Comte, dá a entender exhuberantemente que o autor não segue a risca o plano synthetico do mestre incomparavel: tira-lhe com o devido cuidado o que acha de util, reservando-se, porém, o direito de modificar ou mesmo de substituir o que lhe parece omisso ou falho.

Só merece gabos e louvores o emerito doutrinador brasiliense: porque subordinar-se a gente cegamente a qualquer homem, doutrina ou seita, como sóe acontecer com os positivistas orthodoxos, é solemne demonstração de fraqueza intellectual, indigna de um geometra e muito menos de um educador. Assim pensando, o autor não trepidou em incluir no seu livro duas theorias que lhe são manifestamente extranhas, mas cujo conhecimento ahi se torna absolutamente indispensavel.

Quanto, por fim, á distincção, embora indirectamente feita, entre geometria plana e geometria no espaço, eu sempre estive, estou e não cessarei de estar em desaccôrdo pleno: basta ver a base logica da geometria, para que desappareça de vez semelhante e erronea distincção, usada em toda a parte, na America como na Europa, em Portugal, como no Brasil.

Toda a geometria é no espaço: o proprio plano, simples creação theorica, ahi se acha sobranceiramente collocado. Como então essa dupla divisão geometrica?

Geometria a duas e geometria a tres dimensões; recta no plano e recta fóra do plano, tal o modo de falar que me parece mais acertado, e mesmo o unico compativel com as ideias fundamentaes da sciencia da extensão. Estarei, acaso, em erro? Desejaria, e muito, que o mestre eminente de hoje esclarecesse o seu discipulo de sempre.

Passando ao preambulo geral, as tres theorias que lhe dizem respeito são tratadas com a precisa clareza e desenvolvimento pratico, de modo a serem todas ellas perfeitamente esclarecidas e com segurança interpretadas. Então o importantissimo estudo do plano é feito com rara superioridade de vistas, sendo essa importante fórma ahi tratada successivamente como superficie cylindrica, conica, de revolução e regrada.

Mas onde o autor, a meu ver, vai revelar toda a sua pujança intellectual, todo o seu valimento scientifico, é na parte mais difficil e attrahente, no dominio propriamente geometrico, na geometria algebrica, a cujas theorias elle, como A. Comte, dá o nome expressivo de *coordenação especial*. Não a parte subjectiva, cujo estudo, se limitando, como se sabe, á theoria do numero de pontos determinantes, á theoria dos centros, á dos diametros e á theoria elementar da semelhança, não dá nem mesmo póde dar margem a largas indagações, a voos arrojados; e sim no dominio objectivo, cujas quatrocentas paginas, um verdadeiro livro, representam sem duvida alguma o que de mais completo e mais minucioso no genero se tem escripto em todas as epocas. Então o estudo das tres curvas do segundo gráo—a ellipse, a hyperbole e a parabola, a discussão geometrica da equação do segundo gráo a duas e a tres variaveis, e finalmente o estudo racional das mais importantes familias geometricas é feito com tal segurança e superioridade, com tamanha largueza de vistas, que a gente nem sabe o que mais admirar: si a belleza dos assumptos, que se succedem em maravilhosa exposição, ou si a pasmosa erudição do mestre militar.

Talvez se pense haver nessa ultima parte excessivo desenvolvimento theorico, criminando-se porventura o autor, que bem a pudera ter simplificado. Um tal juizo, porém, por mim mesmo ouvido mais de uma vez, serve apenas para revelar ou a mais notoria indifferença pelos assumptos mathematicos, ou então, o que é mais plausivel, a mais decidida abstinencia de assumptos scientificos.

Que se leia a bellissima discussão geometrica da equação do segundo gráo a duas variaveis; que se faça a mesma coisa com a theoria especial das tres curvas do segundo gráo e tambem com a classificação das superficies, e ver-se-á então com satisfação, e talvez até com orgulho, que tudo alli está perfeitamente proporcionado e desenvolvido, sem o mais leve exagero, sem o mais subtil excesso siquer.

Depois disso, ainda contem o livro tres notas e cinco appendices assaz interessantes. Vê-se que são materias extranhas aos dominios do livro, mas que nem por isso foram julgadas dispensaveis.

As notas referem-se a assumptos do texto, que precisam de ser esclarecidos: a primeira trata do theorema de Carnot relativo ás projecções, a segunda da formula fundamental da trigonometria espherica e a ultima da relação entre uma área plana e a projecção correspondente.

Dos appendices, apenas o primeiro se refere a materias do texto: consta elle de uma longa serie de novos exemplos, semelhantes aos que foram alli dados em esclarecimento ao principio fundamental

de Descartes. Os outros quatro tratam de assumptos novos e constituem, por sua juncção, um trabalho superior, em nada inferior á geometria comparada, á qual tão intimamente se liga, completando-lhe as theorias: o segundo trata da discussão geometrica das equações trinomias e polynomias, complemento indispensavel ao estudo das curvas binomias; o terceiro trata das tres curvas do segundo gráo como secções conicas; o quarto da discussão geometrica de varias equações transcendentes; e o ultimo da theoria dos focos e dos planos directores das superficies de revolução do segundo gráo.

O modo seguro e ao mesmo tempo simples por que são tratadas semelhantes questões, tidas em geral como incomprehensiveis, e bem assim a incontestavel importancia de todas ellas, revelam, sem deixar duvidas, o merecimento e valor da parte complementar d'esse bellissimo livro de estreia, cuja leitura integral, como acabamos de ver, nada deixa a desejar, scientificamente considerado.

Mesmo no estylo, e até na grammatica, si o analysta quizer descer a coisas taes, a primeira producção do mestre eminente, si não é completamente limpa de falhas, em todo o caso muito pouco apresenta que se lhe censure.

Sabe-se perfeitamente que um espirito acostumado, desde os verdes annos, a cogitações meramente scientificas, sem preoccupações literarias de especie alguma, não pode possuir sinão a dura linguagem das sciencias, despida das bellezas e dos attractivos da forma, da perfeição e da justeza da linguagem.

E o Dr. Roberto Trompowsky, geometra aos vinte e cinco annos, não podia de maneira alguma fugir á regra geral. Por isso mesmo encontram-se nas *Lições de geometria algebrica* alguns d'esses descuidos, capazes de ser percebidos e facilmente remediados, não por um novel estudante, sinão por um espirito prescrutador e competente, com decididas tendencias literarias.

Leiam-se as seguintes linhas, que eu tomo ao acaso nas 900 pags. do livro, e mais seguro juizo formar-se-á então sobre o estylo e a grammatica do erudito professor militar:

«Dois foram os principios tomados para base de classificação das superficies, a saber:

a) pelo gráu de suas equações rectilineas;

b) pelo seu modo de geração.

A classificação fundada no gráu das equações resente-se dos defeitos já apontados para o caso das linhas planas. A classificação baseada no modo de geração é, porém, satisfactoria, visto como os differentes grupos assim obtidos, além de naturaes, comprehendem todas as superficies imaginaveis.

Póde, a primeira vista, causar estranheza que as superficies sejam susceptiveis de classificação racional e as linhas não. Si reflectirmos, porém, que com o gráu de complicação augmentando o numero e a variedade dos objectos ou sêres a classificar, estes dão logar a comparações decisivas, comprehenderemos logo o motivo d'essa disparidade.

E' o que se dá, por exemplo, com os vegetaes e animaes. A classificação dos ultimos é mais perfeita que a dos primeiros, por isso que, pela sua multiplicidade e variedade incomparavelmente maior que a dos vegetaes, os animaes dão logar a distincções mais accentuadas e approximações mais sensiveis.

Provindo as linhas do movimento de um ponto e resultando as superficies do movimento das linhas, nós vemos que as primeiras só pódem differir pela lei do movimento do ponto descrevente, ao passo que as ultimas se distinguem, já pela natureza da geratriz, já pela lei do seu movimento.

Esta dupla fonte de variação permitte instituir verdadeiros grupos naturaes, pois, a mesma linha, movendo-se segundo a mesma lei, pode, pela simples mudança de directriz, gerar uma infinidade de superficies que gozam de propriedades communs. Ora, por sua identidade de origem taes superficies, constituem uma *familia geometrica*, e Monge estabeleceu o modo de representar algebricamente cada um dos grupos assim obtidos.

Será, porém, possivel coordenar as familias de superficies?

Sel-o-ia si as geratrizes comportassem um agrupamento conveniente, o que não se dá.

Estudemos, pois, a bella concepção de Monge, complemento necessario da concepção de Descartes sem a qual a apreciação geral das figuras não seria, completada pelo seu estudo comparativo.

Concepção de Monge. — Formam uma *familia geometrica* todas as superficies geradas por uma mesma linha que deslisa sobre cada linha conhecida, segundo uma mesma lei.

Semelhante definição deixa ver que o grupo natural assim obtido comprehende innumeras superficies, visto poder variar indefinidamente a natureza da directriz; mas, todas ellas têm um laço commum — a identidade da geratriz e a lei do seu movimento.

Não basta que duas superficies sejam engendradas por uma mesma linha para pertencerem á mesma familia; é preciso que a lei do movimento da geratriz não diffira para as superficies propostas. Tambem não basta que a lei do movimento da geratriz de duas superficies seja a mesma para collocarmol-as na mesma familia; torna-se mister que as geratrizes sejam identicas para essas superficies.»

E agora, após uma tão longuissima tirada, podemos repetir conscienciosamente as seguintes palavras, tidas talvez por exageradas no anterior escripto: as *Lições de Geometria Algebrica* subiram tanto ante o conceito

dos que acompanham com interesse e amor o nosso movimento intellectual, que se pode affirmar, sem receio de contestação, representarem ellas uma das mais notaveis producções que nestes ultimos annos têm repontado em nosso meio intellectual.

Quem acompanha, como critico, a vida intellectual da Nação, difficilmente encontrará uma estreia tão notavel como a do notavel docente militar.

Liberato Bittencourt.

Da Escola Militar do Brasil.



Phot. Marc Ferrez

PASSEIO PUBLICO -- RIO DE JANEIRO

VIAGEM A UM PAIZ MYSTERIOSO

NO ar macio da manhan, depois da missa, os claros sinos bimbalharam; do alto da torre, n'um fremito de azas abertas, duas pombas abriram o vôo. O singelo homem de barba nazarethna, aquelle mesmo homem que tão contrictamente assistir á missa, agora só, ao canto da rua deserta, esperava o bonde. Toda a ceremonia votiva parecera consagração de incensarios, — porque em torno subiam preces brancas enfunadas pelo mysticismo velado dos labios em balbucio.

De certo elle era doido. Em vão a vida palpitava larga e feliz ao redor: homens vagarosos ou apressados appareciam e desappareciam sem que lhe merecessem um só olhar de curiosidade. E assim era a sua existencia. Nada eram para elle as questões limitadas á escravidão terrena, os homens em luctas de pensamento ou phrase, o interesse galgando triumphantemente penhascos e montanhas e a vida girando em torno do oiro como roda a Terra ao redor do Sol. Um escandalo, uma intriga, uma calumnia representavam menos diante dos seus olhos do que uma folha secca em meio da floresta. A' leitura de um jornal, a um commentario de esquina envolto em calão grotesco, á insufficiencia contemplativa dos olhares que vêem e não distinguem, ás palavras estultas, pintadas de alvaiade e vermelhão como palhaços de feira, á facilidade das ideias feitas, preferia Sylvestre o insulamento da sua alma dentro da largura das suas ideias. Seus olhos que olhavam o mar e o céo, no céo e no mar se fitavam n'um deslumbrado extase como si quizessem mergulhar nos dois abysmos á procura de outros e outros abysmos... Por fim, para garantir e provar a justa reputação de doido de que gozava, Sylvestre não déra ao cerebro e ao coração outras funcções além das de pensar e sentir.

Durante a missa d'aquelle Domingo recebeu impressões novas de mysticismo e crença. A nave da egreja se transformára como n'um sonho: os vestidos como immaculadas tunicas de virgens iam esmaecendo, perdendo o tecido, nebulosos e brancos como azas; toda volta ondeada de cabellos era uma corôa de espinhos; havia em certos olhos o mysterio do céo longe, — e em cada cruz agonisava um Christo. No seu coração, Sylvestre jurou certezas sobre mythos: acreditou que effectivamente a dôr magoa, que a saudade é uma sepultura sempre aberta, que a tristeza gera as lagrymas e a alegria os sorrisos, — que quando uma ideia sóbe ao céo sustentada pelas suas azas, uma estrella lhes vem ao encontro illuminada pelo seu fulgor... Acreditou tambem que durante a missa, mais pura e formosa, Sylvia, muito suavemente subia para o altar santificada e santa, sob o incenso votivo dos seus olhos, sob o granizo de inveja das outras mulheres.

Agora Sylvestre não estava mais ao canto da rua ensolarada e deserta. E nem sabia bem onde estava. Era um bosque perfumado e florido envolto em céo azul e primavera verde; o firmamento resplandecia como um olhar sem remorso. Elle ia com ella, sós e felizes; os caminhos eram tapetes de flores, e as laranjeiras se abriam como grinaldas de noivado. Não só nos ramos, mas em cada corolla, como em *Te-Deum*, cantava a festa de um ninho; e longe, ao fim do bosque maravilhoso, rolava o mar na praia branca, sem soluços, sem gemidos, musical e sonoro como acordes finaes de harpas... Junto ao deslumbramento da alma rebrilhava o deslumbramento dos olhos. Sylvia e Sylvestre louvavam Deus que os formára para aquella Terra ou que aquella Terra formára para elles. Eden biblico, paraizo do mundo que era de certo o caminho do Céo. De repente elle se comparou a Adão e n'ella viu a sua Eva immortal e formosa!

Sylvia assustada, sem reconhecer caminho ou floresta, queria saber onde estava? Que importava? Talvez perdidos no meio da solidão... Como era bom estarem assim transviados, entregues a suprema gloria do seu amor!

Homem então quiz vêr um perigo para defendel-a: uma féra traiçoeira avançando, um rio caudaloso para atravessar e que necessitasse o vigor dos seus braços fortes, uma ponte estreita sobre cavado abysmo que elle passasse com ella ao peito, — tudo e todos os perigos, — menos outro homem, menos outra mulher... Mas nem uma difficuldade: abriam-se os ramos como reposteiros, choviam flores sobre os caminhos limpos. *Adão* e *Eva* novamente louvaram Deus e o Céo, creadores e senhores d'aquelle bosque bemdito!

De subito como uma chaga sobre um corpo branco, do nodoso tronco de uma arvore surgiu uma Serpente...

Sylvestre estava ao canto da rua, não tinha desapparecido; uma arvore fazia sombra e o occultava. Passou um bonde: e entre outras mulheres, entre outros homens, Sylvia tambem passou, desappareceu e fugiu...

Sósinho no mundo povoado, elle tambem seguiu, vagaroso e cauteloso, procurando a mysteriosa selva, o Eden perdido. Em vão procurava! Só na sua loucura estava aquelle Paraizo, — ou então lá em cima no Céo azul que fulgia e brilhava, em quanto sem azas elle caminhava na Terra...

Rio — Janeiro — 1904.

Thomaz Lopes.

CARTAS DE MAL DIZER [1]

He uma doce fruyta murmurar...

Ditos da Fregra-34.

LAVS DEO! Louvores a Deus! assim escreviam os antigos quando punham remate ás suas obras. Agradeciam a Deus, por as haver terminado em paz: que já é muito o beneficio de poder levar a cabo a tarefa.

Laus Deo! disse no principio d'estas linhas restaurando o costume que a impiedade do presente já desterrara dos livros, e o digo por que hei mister de alto lume e favor quasi divino para essa obra que, sei, não será aceita aos homens nem aos deuses. Pensei que não haveria mal em murmurar baixinho no meio d'esse praguento linguajar descomposto de hoje, e será voz perdida no grandiloquo canto das espheras da calumnia commum.

Ha muito fructo suave pelo mundo e nenhum desabrido ao paladar. Não dão os prados outras novidades que mel e doçuras e taes que já amargam e enfastiam. E para se ir á longa eternidade só se requer no alforge o viatico de uma injuria.

A'quella mulher antiga (mas hoje em dia novissima) como tinha cinco maridos, só lhe acudia uma tristeza: *Virum non habeo*. Não tenho marido. O excesso de amantes descontava em sua taboada da infamia.

Agora as injurias se collecionam e se atam e um album d'ellas vale um.

Pois se as maledicencias são caducas e ephemeras, são cigarras que atroam e passam, consolemo-nos que não pode durar muito quem é cigarra.

Occultos juizos sempre houve que se fossem patentes estorvariam a providencia e a ordem das cousas. Vale muito mais guerrear em campanha que em domicilio; e talvez é beneficio emetico a descompostura no proximo. Quantos estomagos se não salvam só com aquelle simplice e aquella mezinha? e quantas almas atraz d'aquelles estomagos?

Muita gente ha por ahi que andando mal ferida de escrupulos se não atreve a abrir a boca. Boquejem! Palrem! maldiçoem! defamem! *Laus Deo!*

No tempo da *gaya sciencia* (e já lá se vão sete seculos dos da era de Christo e da murmuração) os trovadores trovavam os seus *cantares de amigo* e os *cantares de mal dizer* e as *cantigas de escarnho*. Eram observantes da antiga regra que a detracção se havia de compor *per palabras cubertas*. Sempre foi a noite rebuço de crimes; mas foi isso no tempo do meridiano da ilha de Ferro; hoje aquelle circulo maior se ha de referir e contar sobre *Paschino*, ao sol da praça publica.

A minha intenção porém é serena, cheia de mansidão e brandura. E (*laus diabolo*) quero que o offendido com a satisfação da cura me torne com o rendimento do amor. Digo mal por que é «uma doce fruyta» a murmuração, e estou velho de mais para bem dizer este mundo.

Foi de certo sabio philosopho o que disse haver sempre ruina quando se tresvariam os elementos. A agua que costuma descer, não sobe senão para inundar, affogar e fazer naufragos. O fogo cujo espirito é de subir, só desce no raio, na destruição e na morte.

A alma cujos espiritos proprios são do voo, quando desce é ruina que se espoja e engorda como o cochino. Bato nos peitos e faço este proposito: Não descerei! — Para baixo só como o pescador do oriente, para apanhar perolas: Por que a queda traz já consigo as lagrimas da rehabilitação.

—

Assim foi que reuni estas paginas, e metti-as, entre o olvido e a traça, na apertada solidão de uma gaveta, traspassadas por um duro colxete, generalisador de disparates volantes e incongruos.

Ao abrir uma manhã a gaveta, tomaram a brisa matinal por tempestade, agilitaram-se, vozearam, tremeram...

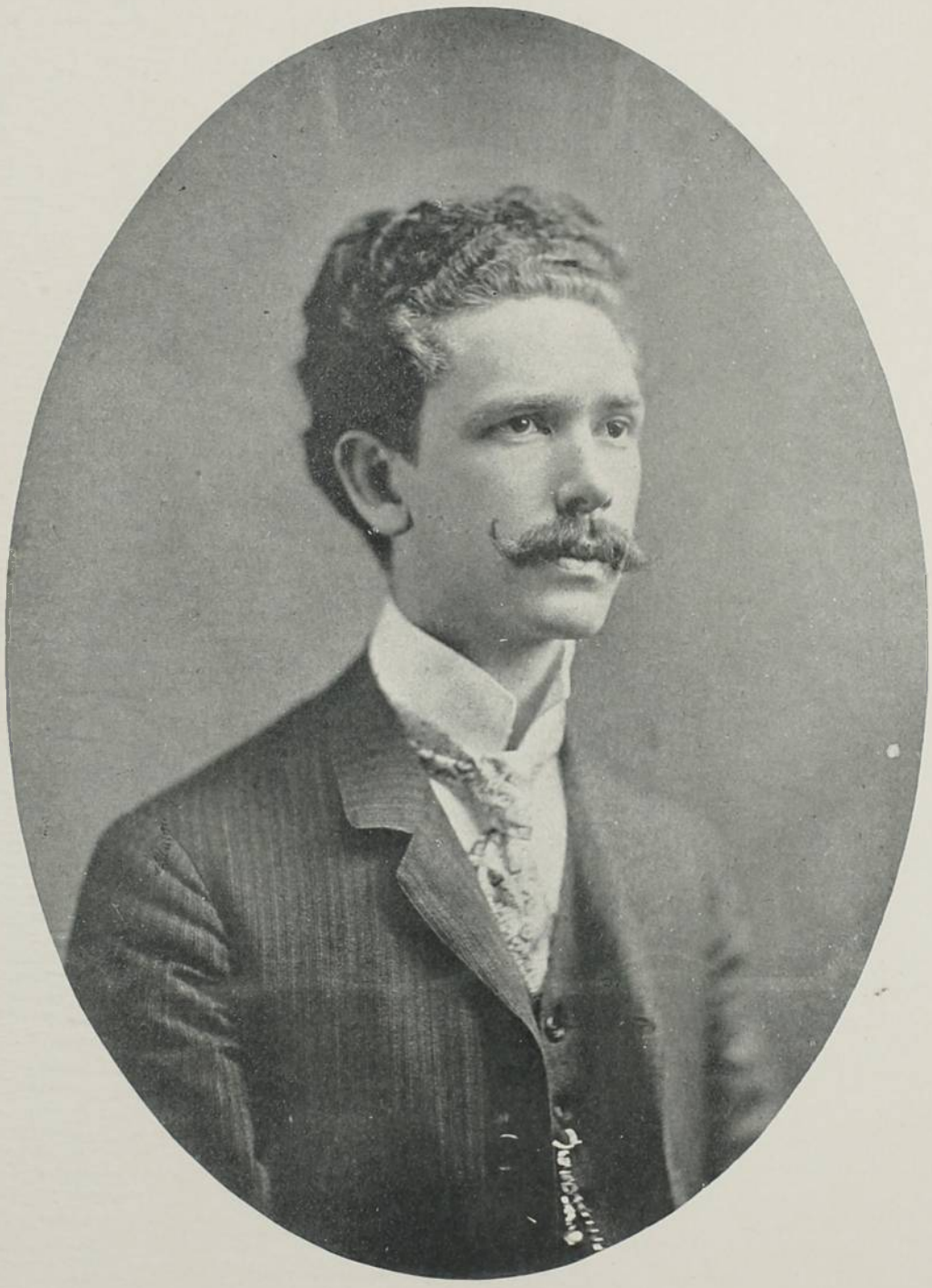
Estavam a tempo de voar.

Oh o mais formoso, o mais sabio e o menos fatuo de todos os meus livros, tu que te propões a dizer mal do mundo antes que o digam de ti!

João Ribeiro.

(1) E' prologo de um livro que em excerptos será aqui publicado.

BERCEUSE



MAESTRO BARROZO NETTO

BERCEUSE

Lento

Piano

PP e muito ligado

m.d.

pouco ret.

pouco rall.

p

mf

retard

pp

dim.

cresc.

rall.

m.d.

Todas as gravuras do Kósmos são feitas

nas suas officinas pelo gravador Garcia.

Para encommendas :

Rua da Alfandega, 24

Rua Gonçalves Dias, 52

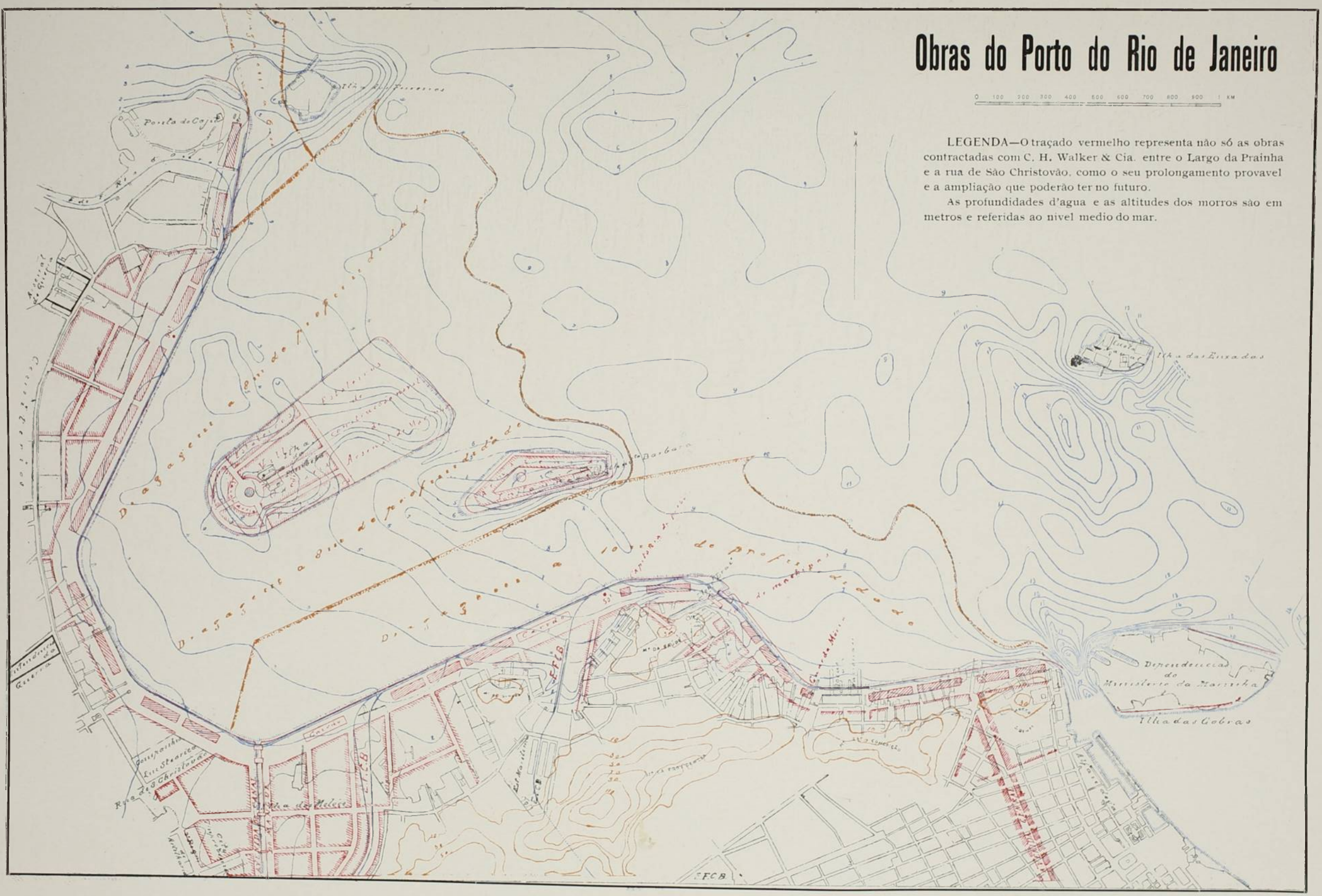
Rua dos Coqueiros G-2

Obras do Porto do Rio de Janeiro

0 100 200 300 400 500 600 700 800 900 1 KM

LEGENDA—O traçado vermelho representa não só as obras contractadas com C. H. Walker & Cia. entre o Largo da Prainha e a rua de São Christovão, como o seu prolongamento provavel e a ampliação que poderão ter no futuro.

As profundidades d'agua e as altitudes dos morros são em metros e referidas ao nivel medio do mar.



Obras do porto do Rio de Janeiro

EM uma das formosas enseadas, em que se recorta o litoral accidentado da vasta e profunda bahia da Guanabara, perfeitamente abrigada contra os ventos reinantes e a agitação que vem do mar, surgirão dentro em poucos annos em imponente grandeza as obras de melhoramento já contractadas, as quaes com o desenvolvimento, que se antolha imprescindivel em futuro não longinquo, collocarão o porto do Rio de Janeiro em logar proeminente entre os grandes portos do mundo.

Obras maritimas de elevado custo e notaveis pelas difficuldades vencidas na execução, já se ostentavam á beiramar, mas destinadas a fins diversos, e esparsas por immenso litoral ou localizadas nas innumeras ilhas que embellezam a bahia, longe estavam de satisfazer ás necessidades commerciaes sempre crescentes e ás exigencias da moderna navegação em seu illimitado pendor de augmentar a arqueação de suas unidades navaes.

Entre as obras que foram construidas para fins commerciaes primam pela importancia estructural a doca da Alfandega e os caes que a constituem, e que mais tarde foram prolongados até em frente á ponta do Calabouço. A existencia, porem, do banco submarino que se estende ao Sul da ilha das Cobras e a circumstancia de estarem os caes expostos aos vendavaes do quadrante SE e aos rolos do mar por elles agitados, annullam quasi a utilidade que deveriam prestar, tendo em vista o seu elevado custo.

A iniciativa particular effectuou tambem uma parte de um grande plano concebido por André Rebouças, nome venerado da engenharia nacional; refiro-me ás Docas D. Pedro II, as quaes, se tivessem sido concluidas e ampliadas a todo o bairro da Saúde e á enseada da Gambôa poderiam por largo tempo satisfazer ás necessidades commerciaes do Río de Janeiro, com tanto que, por um lado, os entrepostos e os molhes avançados do systema viessem a ser servidos directamente pelas vias ferreas, que demandam o interior, condição esta aliás de difficilima execução, e, por outro lado, se melhorassem as communicações por terra com a Alfandega e o centro commercial da cidade.

A necessidade da referída juncção ao litoral foi entretanto preenchida pela dispendiosa construcção de um ramal da actual estrada de ferro Central do Brazil, que através dois tunneis, abertos em rocha, e mediante onerosas desapropriações, veio rematar a uma vasta explanada, feita em parte sobre terrapleno, onde se creou a Estação Maritma da mesma estrada; sendo que o caes, que limita a explanada, tendo reduzido calado d'agua, as linhas de trilhos foram prolongadas por sobre um molhe construido sobre columnas de ferro solidamente cravadas, o qual com 300 metros de extensão alcançou fundos de 6,^{m}0 sob o nivel medio do mar.

As obras e os grandes armazens da Estação Maritima, se bem que trouxessem beneficio relevantissimo á administração da estrada de ferro, facilitando por um lado enormemente a descarga do carvão e de outros materiaes importados para o seu trafego, e accelerando, por outro lado, a descarga dos comboios carregados de café, vindos do interior, e o acondicionamento desta preciosa mercadoria; no entanto ao commercio e á navegação só aproveitaram de um modo restricto e indirectamente.



ARSENAL DE MARINHA — RUA DA PRAINHA — TRAPICHE MAUÁ

Em quanto eram planeados e na construcção progrediam empreendimentos de tão grande monta, outros trabalhos analogos eram promovidos por iniciativa privada, mas com o caracter industrial, quasi exclusivamente; sobresahindo os realizados por emprezas, que se estabeleceram ao redor do morro da Saúde, interceptando por completo as communicações ao longo do litoral. São ellas o estabelecimento de carenagem e reparação naval, creado pelo grande industrial Finnie e hoje pertencente ao Lloyd Brazileiro, e o «Moinho Inglez» da Companhia Rio Flour Mills and Granaries; aquelle, possuindo uma doca secca ou *dique*, aberto em rocha, o qual comporta navios tendo até 135 metros de comprimento, e junto a elle officinas bem montadas e caes profundos; e este, dispondo de excellentes installações destinadas á elevação e transporte do trigo em grão, desde os porões dos maiores navios até aos celeiros da grandiosa usina.

Em periodo mais remoto o Arsenal de Marinha installára-se em volta do morro de São Bento e na vizinha ilha das Cobras, conquistando ao pedregoso solo, o acanhado terreno, sobre o qual construiu estaleiros e edificou, provendo-se ao mesmo tempo de caes de massiça estructura. As bacias dos diques Santa Cruz e Guanabara na mencionada ilha attestam o penoso trabalho de excavação executado em rocha e denotam as épocas da respectiva construcção, sendo que admittem apenas navios com 65 e 100 metros de comprimento respectivamente.

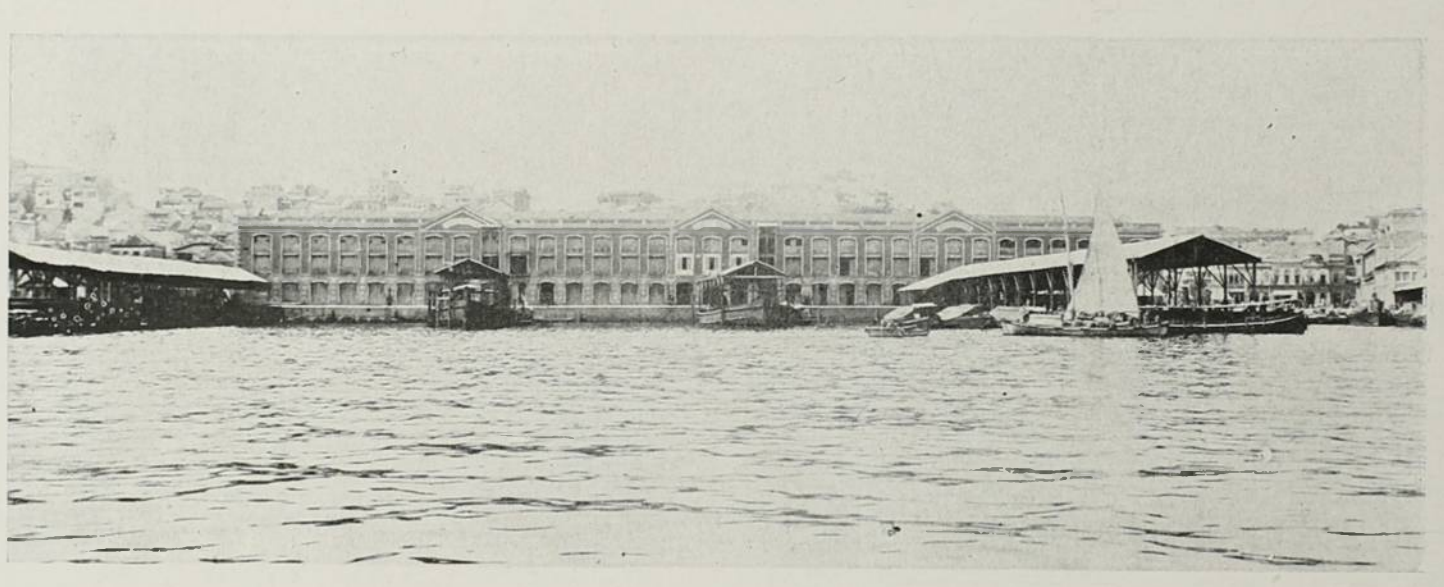
Eis a resenha das principaes obras maritimas, realizadas até ao presente no porto do Rio de Janeiro, as quaes deixam entre si longos trechos do litoral, occupados pelos trapiches, na mór parte vetustas construcções, em que domina a madeira, e que offerecem accommodações de transporte e armazenagem do typo o mais primitivo; de distancia em distancia vindo entre os trapiches desembocar no mar viellas das mais estreitas, as quaes communicam com

a rua principal, e por vezes unica, dos movimentados bairros da Saúde e da Gambôa; estrangulados como estes se acham por uma cinta de collinas rochosas, que com insignificantes interrupções se estendem do morro de São Bento, junto ao Arsenal de Marinha, até á pedreira de São Diogo na Praia Formosa.

Outras paragens da incomparavel bahia, que encerra a cidade do Rio de Janeiro, offerecem condições naturaes as mais vantajosas para se converterem em excellente e amplo porto. Está neste caso o reconcavo, que se desdobra ao Norte da Ponta da Armação, compreendendo as ilhas de Mocanguê, do Vianna e outras, entre as quaes e a terra firme circulam profundos e largos canaes; este local, porem, afastado como se acha do emporio commercial, mais convem a fins industriaes; e, de facto, na Ponta da Areia existem estaleiros de construcção naval, hoje inactivos, mas que outrora produziram entre outros barcos o *Imperial Marinheiro* da Armada Nacional; e nas mencionadas ilhas desenvolvem-se e prosperam modernos estabelecimentos, perfeitamente apparelhados com diques e officinas para a carenagem e reparação de grandes navios.

* * *

Os melhoramentos que o porto do Rio de Janeiro reclama, consistem na construcção de caes, de preferencia continuos, aos quaes possam atracar, carregando e descarregando com facilidade, as maiores naus, que cruzam o Oceano; ao longo dos caes, no assentamento de linhas de trilhos, ligando-se directamente ás ferro-vias que se internam pelo paiz, e na construcção de uma serie de entrepostos para o deposito e guarda das mercadorias, quer de importação, quer de exportação. Tambem releva estarem os novos caes resguardados contra os ventos reinantes e a refrega do mar, e communicarem facilmente com os bairros centraes da cidade.



DOCAS NACIONAES

A esse conjuncto de condições nenhuma parte do litoral presta-se a mais cabalmente satisfazer que a zona apontada, a qual mais adiante se espraia e desenrola, formando a enseada de São Christovão e indo extremar-se na Ponta do Cajú. Para ahi convergiram effectivamente, no decurso dos ultimos treze annos, os trabalhos de preparo e elaboração de projectos, que, modificando-se e evoluindo, deram logar ao plano definitivo, recentemente adoptado pelo Governo Federal.

Em começo do citado periodo instituiu-se a Empreza Industrial de Melhoramentos no Brazil, a qual adquiriu successivamente as antigas e valiosas concessões feitas á Companhia das Docas D. Pedro II e a empreza incumbida do arrazamento do morro do Senado e do aterro dos terrenos pantanosos do Mangue e dos alagados das praias Formosa e dos Lazaros, e depois incorporou entre outras concessões, de que a incipiente Republica foi prodiga. as que tinham por objecto a construcção de caes e armazens entre o Largo da Prainha e a Ponta da Chichorra e d'ahi até ao Cajú. Em seguida procedeu ás operações topographicas necessarias em terra e sobre agua, a sondagens para o conhecimento do relevo do fundo maritimo e a perfurações para a investigação da natureza do solo; trabalhos estes que o autor desempenhou a principio por contracto com a companhia e, baseado nos dados colhidos elaborou o plano geral de melhoramentos, que foi no seu conjuncto approvado pelo Governo.

Obedece o traçado d'esse primitivo projecto á condição de não apresentar entre os dois extremos saliencia alguma sobre a agua, nem reintrancia brusca; assim é que os caes eram dispostos em longos alinhamentos rectos, concordados por trechos concavos de grande curvatura. Teve-se tambem em mira nesse plano conservar toda a utilidade ao grande armazem e aos 160 metros de caes profundos, já construidos, das Docas Nacionaes, antigas D. Pedro II, estabelecendo uma doca do commercio neste ponto, com 3 hectares de superficie e cerca de 700 metros de caes, inclusive os existentes. Analoga tendencia se manifestava com relação á estação Maritima da estrada de ferro Central do Brazil e ao «Moinho Inglez», cujas accommodações para atracação e descarga eram respeitadas no interior de outra doca de mais vastas proporções que a primeira. A continuidade das communicações ao longo dos caes externos era assegurada por meio de pontes movediças, systema aliás necessario no canal de entrada para o dique da Saúde. A ilha de Santa Barbara, finalmente, rodeada de caes profundos, seria utilizada para servir a depositos de materiaes inflammaveis ou explosivos, sendo que o canal entre a ilha e a terra firme seria convenientemente aprofundado a Oeste da ilha. Comprehendia tal schema uma extensão total de caes de cerca de 6800 metros, dos quaes mais de 5000 metros, demandando $9,^{m}0$ de profundidade sob o nivel medio do mar. Excedia de 320 hectares a superficie do novo solo, que dest'arte se conquistava ao mar, e o terrapleno necessario para encher tamanho espaço, ascendia a cerca de 24.000.000 de metros cubicos, exigindo portanto um largo periodo de construcção e um serviço colossal de movimento de terras. Taes proporções motivaram, no correr do tempo e das negociações, que mais tarde se succederam para angariar os indispensaveis capitaes, uma modificação radical do plano geral, no sentido de contornar-se o litoral mais de perto, tendo em vista conseguir-se em menos tempo e com menor dispendio a extensão do caes adequado ás necessidades, embora com isto sacrificando o alargamento da estreita zona edificada.

Entrementes foram numerosas as modificações, ora propostas ou estudadas pela Empreza, ora exigidas pelo Governo Federal, com isto retardando sobremaneira o final e desejado desfecho. Entre as indicações aventadas está a solução pela qual se evitava passar com o novo caes pela

frente do dique da Saúde, pertencente ao Lloyd Brasileiro, estabelecendo as communicações, quer ordinaria, quer ferrea, entre as duas secções de novos caes na Saúde e na Gambôa, pela abertura de uma larga passagem, cavada na rocha, e parte em tunnel, através do morro que se levanta atraz do dique; e citarei mais a modificação, pela qual se pretendia attenuar a estagnação da agua que sempre se dá em uma bacia reclusa, substituindo o caes duplo de alvenaria, que a fechava por um viaducto construido sobre columnas de ferro.

Sobreveio tambem uma longa pausa no andamento dos trabalhos da dita Companhia, como em geral de todas as emprezas de então, devida á revolta da Armada, succedida em Setembro de 1893, e subsequentemente á prolongação da inactividade forçada em virtude dos desastrosos effeitos não só desse nefasto acontecimento, como tambem da calamitosa desvalorização, a que chegou depois o nosso meio circulante, produzindo-se ao mesmo tempo a profunda depressão que soffreu o credito nacional.

Graças á indefectivel perseverança do seu devotado Presidente, o Dr. Paulo de Frontin, a Empreza Industrial de Melhoramentos no Brazil foi vencendo todos os obices e atravessou a tremenda crise sem sossobrar. No entretanto um empecilho mais grave ainda, veio nos ultimos annos



DOCAS NACIONAES

difficultar extraordinariamente as negociações que haviam sido encetadas para a obtenção dos capitaes necessarios á execução das obras. E' a tenaz competencia que lhe veio exercer outra Sociedade, de posse tambem de uma concessão de docas de commercio, mas em outro ponto da bahia: a Companhia «The Rio de Janeiro Harbour and Docks», a cujos trabalhos não me referi ao relancear as obras maritimas empreendidas neste porto, para agora fazer dessa concessão especial menção, por ter contribuido ainda que de um modo indirecto, para a final solução dada ao magno problema pelo actual Governo da União.

O decreto n. 10372 de 28 de Setembro de 1889 concedera ao Visconde de Figueiredo a construcção, segundo o plano organizado pelo afamado engenheiro James Brunlees, de uma grande bacia abrigada, ao Sul da ilha das Cobras, com entrada entre a ponta oriental desta e a ilha Fiscal, antiga dos Ratos, e contendo caes acostaveis pelos maiores navios e armazens contiguos, alem de terreno apropriado á construcção de edificios, destinados ao commercio. Este systema de docas deveria communicar por meio de ferro-via elevada com a Estrada de ferro D. Pedro II, hoje Central do Brazil, tendo sido orçadas as obras em 4.455.000 £; capital, que seria remunerado com as taxas das leis então em vigor, inclusive as de 2 % sobre o valor da importação e de 1 % sobre o de exportação.

A situação especial das obras projectadas, em relação á cidade, com a qual, por um lado, as mercadorias importadas e armazenadas, não poderiam ser retiradas senão pela ferro-via elevada ou por agua, e, de outro lado, quando as docas tivessem de receber todo o café vindo do interior, daria logar a um completo deslocamento deste principal ramo do commercio exportador, da séde em que se agita;—a onerosissima construcção de uma ferro-via por entre as estreitas ruas da cidade;—e principalmente a questão suscitada entre os poderes publicos e os concessionarios sobre, se as taxas, a estes privativas, recahiriam na totalidade das mercadorias, que transitassem pelo porto, ou se, apenas, nas que fossem manuseadas em seus estabelecimentos: questão que foi portim resolvida, como era de esperar, favoravelmente aos interesses geraes;—todo este conjunto de circumstancias impossibilitou á Companhia «Obras Hydraulicas no Brazil», cessionaria desde 1891, reunir os capitaes necessarios, e assim foi que em 1897 a concessão incorreu em caducidade.

Entretanto apezar das informações adversas, prestadas pela Secretaria da Industria, Viação e Obras Publicas, o Congresso Nacional revalidou a concessão, sendo ella em 1899 transferida á «The Rio de Janeiro Harbour and Docks Company Limited», com séde em Londres. Pouco depois, como Ministro da Industria, o Dr. Severino Vieira, interpretou muito sabiamente os termos da revalidação, no sentido de serem as obras executadas, mediante os favores e encargos em vigor na concessão das Docas de Santos, não lhe reconhecendo portanto o direito á cobrança das porcentagens sobre a importação e a exportação. Contra tal interpretação protestou a Companhia, movendo em seguida uma acção judiciaria contra a União. Desta maneira ficava ella quasi inhibida de levantar capitaes para a execução das obras, como tambem embaraçava as negociações, tendentes ao mesmo fim, da «Empreza Melhoramentos», a qual de facto estaria collocada em condições muito inferiores, quanto aos favores concedidos, se a «Harbour» vencesse o pleito judicial.

A conciliação de interesses que visavam o mesmo ramo de negocio e se debatiam pela primazia, impunha-se, surgindo assim a ideia da fusão das duas concessões, como o meio mais pratico e expedito de superar as difficuldades financeiras communs e tornar finalmente realizaveis os anhelados melhoramentos do porto. Foi o que se tentou conseguir com o decreto n. 4228 de 6 de Novembro de 1901, devido aos esforços do Ministro da Industria dessa epoca, o Dr. Alfredo Maia.

Este acto governamental estabelecia a juncção das emprezas rivaes, pela organização de uma nova Companhia, denominada das «Docas do Rio de Janeiro», reunia os favores e onus de ambas, consolidando-os, e permittindo que a arrecadação de taxa nunca maior de 2 % em relação ao valor da importação se fizesse a partir do dia 1º de Janeiro

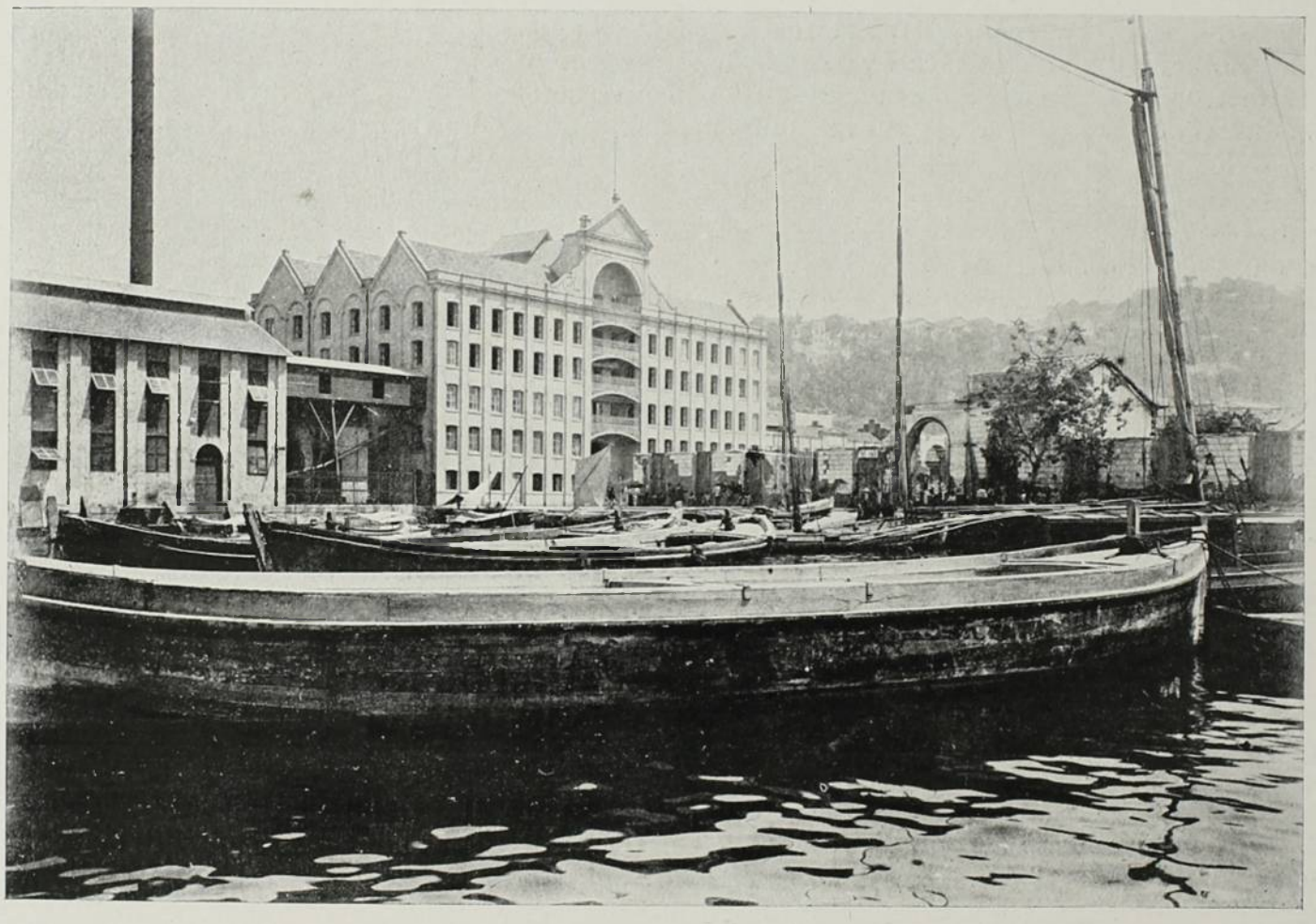
de 1902, e determinava que as obras a executar, divididas em cinco secções, abrangessem todo o litoral desde a Ponta do Calabouço no extremo Sul, até a Ponta do Cajú, no extremo Norte.

As primeiras quatro secções das obras moldavam-se ao plano por ultimo estudado pela «Empreza Melhoramentos», em que os caes acostaveis pelos navios de maior calado se estendiam desde o Arsenal de Marinha até a ponta da Chichorra, d'ahi em deante proseguindo em caes, com a profundidade minima de 2,^{m}0 em baixamar de aguas vivas, e delineados de maneira a favorecer o regimen das correntes de maré, e contribuir para o saneamento da enseada de São Christovão ; entre a ilha dos Ferreiros e a terra firme mantinha-se a disposição, pela qual se aprofundava o canal existente, no intuito de acarretar junto aos caes volume mais avantajado de maré vazante; e não se descurava tambem o prolongamento do canal do Mangue, que seria ornado de alamedas lateraes. Ao longo de toda a linha do novo litoral uma faixa ds 70 metros de largura era destinada aos guindastes rodantes e linhas ferreas, aos armazens e galpões e a uma larga avenida. Permittia-se á Companhia prolongar as suas linhas ferreas em tunnel sob o morro de São Bento até os armazens da Alfandega, assim como eventualmente estudar e propôr os meios de evitar a passagem da avenida e vias-ferreas por sobre pontes movediças na frente do dique da Saúde, relembrando portanto a abertura de um tunnel através do morro do mesmo nome; e pela segunda vez, em acto official, se fazia referencia á ilha de Santa Barbara, no sentido de ser ella entregue á Companhia, mediante arrendamento, para qualquer fim que aproveitasse ao serviço do porto.

A 5ª secção d'este plano altamente conciliador era constituida pelo systema, já citado, de caes, doca e armazens da Alfandega, os quaes poderiam ser arrendados á Companhia, e pelo seu prolongamento ao Sul, formando o caes, denominado Del-Vecchio, em honra ao illustre engenheiro, que no derradeiro periodo dirigiu a construcção, e mais adeante vindo terminar a uma doca aberta, mas algum tanto abrigada pelo pontal pedregoso do Calabouço, que avança para o mar e sobre o qual ergue-se o antigo Arsenal de Guerra. Esta ultima secção do plano geral poderia no futuro ser posta em communicação directa com as demais secções, adquirindo a Companhia os terrenos e propriedades do Arsenal de Marinha, no intuito de utilizal-os para seus fins, no caso que ao Governo conviesse a transferencia d'esses estabelecimentos para outro local mais apropriado e mais espaçoso.

A' Companhia «Docas do Rio de Janeiro» incumbiria finalmente executar um trecho do caes que faltava no litoral para completar o systema e, ao largo, construir uma obra de protecção, enraizada na ilha das Cobras, cujo fim era permittir, quanto possivel, a atracação aos caes exístentes dos navios de calado adequado. Eis pois a quão mesquinhas proporções havia sido por fim reduzido o pomposo, mas inutil, schema da concessão da «Harbour».

Não obstante a grande somma de vantagens cumuladas pelo Governo, e outras facilidades offerecidas para realizar a incorporação de uma poderosa empreza estrangeira, a fusão intentada não se effectuou, por desintelligencia sobrevinda entre as antigas Companhias. Versavam com effeito as divergencias sobre a proporção pela qual entrariam na constituição da nova Companhia, e, como qualquer dellas, entabolára, isoladamente, negociações para a acquisição de capitaes, occorreu tambem discutirem quanto á escolha entre as combinações financeiras que se offereciam; demais por parte da «Harbour» parecia haver reluctancia para chegar a qualquer accôrdo, por confiar talvez em ser bem succedida na acção judiciaria movida contra a União, —como effectivamente aconteceu mais tarde,—e com isto, pretender alcançar melhor partido de seu contracto.



MOINHO FLUMINENSE — PRAÇA DA HARMONIA

No decurso das dilatadas negociações, quer na Europa, quer no Brazil, para a transferencia de suas propriedades e concessões, esteve a «Empreza Melhoramentos» a ponto de effectuar a transacção com um syndicato, representando capitaes estrangeiros, o qual, no emtanto, illudido sem duvida pelo abatimento commercial e economico, em que cahira a praça do Rio de Janeiro, e menoscabando os extraordinarios proventos que, aqui, á semelhança da opulenta Companhia das Docas de Santos, poderiam advir á empreza, que em estabelecimentos seus, bem apparelhados, explorasse os serviços proprios de um grande porto commercial, — pretendeu restringir por um modo quasi irrisorio o plano de melhoramentos já assentado.

Por felicidade nossa não surtiu bom resultado semelhante tentativa, não logrando merecer o assentimento do Governo transacto. Este, pelo contrario, no ultimo periodo de sua administração manifestou certa tendencia em imprimir nova orientação á resolução do magno problema. Estava, de facto, esta questão então affecta ao Ministro da Fa-

zenda, o Dr. Joaquim Murtinho, sendo que á sua alta apreciação e seguro juizo haviam sido submettidas varias propostas para a realização das obras do porto, não mais por intermedio de Companhia, possuidora de capitaes e detentora por longo prazo dos serviços do porto, mas sim por empreza, méramente constructora, que executaria as obras por conta da União e com os fundos por ella fornecidos.

Entre taes propostas houve uma, apresentada por emprezarios nacionaes, que offereciam-se construir até 3000 metros de caes, fundados por caixões de ar comprimido, dragando-se em frente a elles um canal de navegação com 10,^{m}0 de fundo sob o nivel medio do mar, em vez dos 9,^{m}0 consignados nos planos precedentes, e ampliando-se a primitiva largura de 70 metros, dada a faixa marginal, para 100 metros. A execução dos respectivos trabalhos deveria ser custeada mediante pagamento por titulos da divida publica especiaes, cuja renda seria garantida com o producto das diversas taxas affectas a obras maritimas de conformidade com as leis então em vigor.

Gratas esperanças estavam postas na decisão favoravel a tal combinação do eminente homem de Estado; o qual, ao approximar-se o termo de longa gestão do principal ramo dos negocios publicos, e tendo conseguido affirmar o credito da Nação, pela regularização de suas finanças, pareceu por fim inclinado a retractar-se da *ferocidade*, que, no dizer de um grande estadista francez, é predicado que convem a um bom Ministro da Fazenda, e, na verdade, foi por elle duramente exercida contra a engenharia nacional. Entretanto deixando elle o poder pouco antes de concluir-se o periodo constitucional do Governo transacto, cessou o estudo comparativo das propostas apresentadas, as quaes cahiram em completo olvido, desvanecendo-se assim de todo a fagueira miragem, que por um instante appareceu no horizonte nublado e ermo do nosso meio profissional.

* * *

Em 15 de Novembro de 1902 ao assumir a administração suprema do paiz o Dr. Rodrigues Alves, em sua mensagem inicial, dirigida ao Congresso Nacional, indicou entre os pontos capitaes do seu programma governamental, o melhoramento dos portos do Brazil, a começar pelo do Rio de Janeiro, e com a designação do preclaro membro do exercito nacional e que o era tambem do Senado, o Dr. Lauro Müller, para gerir os negocios do Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas, dentro em breve revelou o firme proposito de fazer seguir ás palavras promissorias, actos, que consubstanciassem em forma definida e perfeitamente realizavel, o que até então provára ser apenas designios vãos ou tentativas frustradas.

Subsistiam as já mencionadas companhias, concessionarias de melhoramentos do porto, que, não tendo chegado a accordo para, reunidas, transferirem as concessões a uma empreza estrangeira, haviam *ipso facto* incidido na disposição expressa no decreto, que permittira a fusão, de ficar o Governo com o direito de encampar as concessões. Demais a lei orçamentaria da despeza para o exercicio de 1903, ampliando a legislação anterior, relativa aos portos maritimos, autorizava o poder executivo a entrar em accordo com as emprezas concessionarias para realizar os melhoramentos por conta da União, podendo para isto effectuar as necessarias operações de credito.

Alguns mezes passaram-se em negociações para o referido accordo, assim como no preparo de um grandioso plano de acção, devendo abranger um conjunto de medidas financeiras e administrativas das mais efficazes para a realização do magno empreendimento sem empecilhos e dentro de curto prazo. Assim é que em 1903 foram successivamente promulgados os decretos n. 4839 de 18 de Maio, autorizando o Ministro da Fazenda a contrahir com os banqueiros N. M. Rothschild and Sons, de Londres, um emprestimo de £ 8.500.000 ; os de 8 de Junho, sob o n. 4859, que estabelece um regimen especial, de accordo com a lei orçamentaria, para a execução das obras de melhoramento dos portos, e sob n. 4860, providenciando sobre a encampação das concessões relativas ao porto do Rio de Janeiro, e o decreto n, 4865 de 16 de Junho, concernente á emissão de apolices especiaes no valor de 17.300:000$000, destinado a esse fim.

Seguiram-se mais em 7 de Julho o decreto n. 4879, que estabelece a taxa de 1,5 % ouro sobre o valor da importação realizada pelo porto do Rio de Janeiro, sendo o producto desta taxa destinada a occorrer ao pagamento dos juros das apolices especiaes emittidas para a encampação das concessões, e ao custeio das despezas com o emprestimo externo ; e em 28 de Agosto o decreto n. 4939 pelo qual são declaradas sem effeito as approvações dos antigos planos e orçamentos, referentes ás obras de melhoramento deste porto.

Neste comenos por iniciativa do Club de Engenharia, sob a digna Presidencia do illustrado Dr. Paulo de Frontin, e com o patrocinio do Governo, lidava-se para introduzir modificações na lei de 1855 sobre as desapropriações por utilidade publica, no sentido de operar-se a transmissão da propriedade dos predios e trapiches, necessarios á execução das obras de melhoramento, sobre base mais equitativa, tendo em vista o elevado preço a que por effeito da dita lei teriam direito os seus possuidores, em completa desharmonia ás vezes com o valor actual e effectivo das respectivas propriedades. A lei n. 1021 de 26 de Agosto veio sanar esta difficuldade, que por si só era sufficiente para arredar em muitos casos quaesquer tentativas de razoavel transacção, e pelo executivo foi em 9 de Setembro expedido o decreto n. 4956, que regulamenta a nova lei, modificando o processo anteriormente estabelecido.

Em quanto pelo lado financeiro e administrativo taes resultados eram alcançados, o Ministro da Industria com solicita attenção enfrentou technicamente a magna questão, incumbindo desde logo o engenheiro Francisco Bicalho, e em seguida uma commissão, composta deste laureado profissional e dos engenheiros Sergio de Saboia, Manoel Maria de Carvalho, Osorio de Almeida, Paulo de Frontin e Parreiras Horta de estudar um projecto de melhoramento deste porto, tendo em devida conta o trabalho até então effectuado pela «Empreza Melhoramentos».

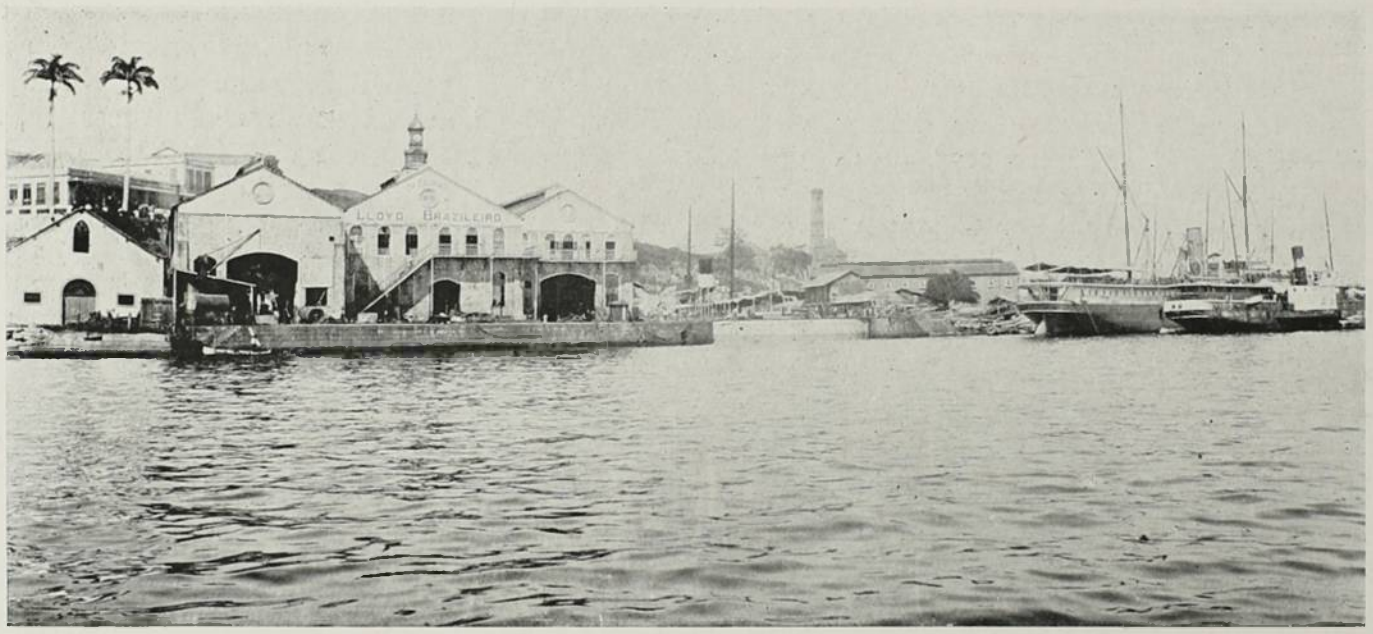
A commissão adoptou com ligeiras modificações o traçado geral dos caes por ultimo considerado, abrangendo a construcção, a fazer-se já, o litoral a partir do Arsenal de Marinha e a terminar em frente á rua de São Christovão, na extensão de 3500 metros ; com quanto reconhecesse que em futuro proximo o desenvolvimento commercial e a frequencia progressiva da navegação exigiriam o prolongamento dos caes profundos até a Ponta do Cajú.

Na parte correspondente ao bairro da Saúde, resente-se o traçado da preoccupação, que por parte da «Empreza Melhoramentos» sempre se manifestou de incluir o grande armazem das Docas Nacionaes, que lhe pertencia, entre a serie de novos armazens, os quaes teriam a mesma largura de 35 metros ; esta disposição foi respeitada pela commissão. Na referida extensão de 3500 metros apenas alguns trechos, medindo ao todo 520 metros, não admittem a atracação dos navios de maior calado, por serem dispostos em alinhamentos curvos de pequeno raio, os quaes abrangem aliás as duas soluções de continuidade, que subsistem, e são a entrada do dique da Saúde e a embocadura do canal

do Mangue prolongado, sendo que por esta deverá fazer-se o escôamento de grande parte das aguas que descem da vertente NE do massiço da Tijuca.

A faixa para o serviço do porto manteve-se com a largura de 100 metros, dividida em tres zonas, sendo uma de 25m., destinada ás linhas ferreas e aos guindastes rodantes, a seguinte de 35m., reservada para os armazens, galpões e outras construcções relativas ao porto, e a terceira de 40m., applicada ao transito publico em forma de uma larga avenida, calçada e arborizada.

Attentas as actuaes condições por demais precarias das communicações entre a zona do litoral, affecta ás obras de melhoramento projectadas e os bairros centraes da cidade, onde é mais intenso o trafico mercantil,—empecilho este, gravissimo, que a «Empreza Melhoramentos» esperava poder obviar por meio da abertura de dois ou mais tunneis—, a commissão, interpretando as largas vistas do illustre Ministro da Industria adoptou a brilhante e ousada solução de abrir através dos quarteirões centraes da cidade, por entre as estreitas ruas e viellas existentes, uma avenida de 33m. de largura e 1800 de comprimento, lançada em linha recta entre o largo da Prainha no extremo da majestosa Avenida do Porto, e o termo da rua Chile na praia de Santa Luzia, onde terá principio a grande alameda á beira mar, projectada pela Prefeitura, ora a cargo do provecto engenheiro F. P. Passos, a qual, arborizada e em parte ornada de jardins, contornará o litoral, quasi todo, até o fim da praia de Botafogo e rivalizará com os mais bellos passeios das cidades maritimas do mundo. Com egual intuito de facilitar grandemente as communicações, a construcção dos novos caes foi delineada até á larga rua de São Christovão, abrangendo o prolongamento do canal do Mangue, o qual, ladeado de largas ruas arborizadas, occupará uma faixa de cerca de 90 metros, deste modo ligando-se o porto directamente aos populosos bairros das freguezias de Santa Anna e de São Christovão.



LLOYD BRAZILEIRO

A commissão adoptou para a construcção da muralha dos novos caes, o systema de fundação por ar comprimido, em caixões contiguos de ferro, empregado vantajosamente pelo habil constructor Hersent em Antuerpia. Fixado o calado d'agua junto ao caes em 10,m0 sob o nivel medio do mar, a altura normal da muralha será de 14,m90 desde a base dos alicerces até o corôamento, augmentando esta medida nos trechos em que se encontrar maior camada de lodo. Os caixões terão 25,m0 de comprimento sobre 7,m0 de largo ; pelo systema admittido a parte inferior de cada um delles, que é a camara de ar comprimido com 2,m5 de altura, penetrando até o terreno firme, e cheio de concreto, ahi permanece para sempre, em quanto na parte superior as alvenarias da muralha são executadas ao abrigo de paredes metallicas, amoviveis, isto é ao ar livre e portanto com toda a perfeição desejavel ; no caso de exceder a muralha da altura normal, o accrescimo do massiço de fundição, sobreposto á camara de ar comprimido, faz-se tambem ao ar livre, ficando, porém, de vez no terreno a parte do caixão correspondente. Completa o systema um forte enrocamento de pedra, que é lançado atraz da muralha com o fim de allivial-a do empuxo exercido pelos materiaes do aterro mais ou menos misturados ao lodo.

E' avaliado approximadamente em 5.000.000 m.3 o volume de terra removido para aterrar a superficie adquirida ao mar e como attinge a 2.200.000 m.3 o material que ainda poderá ser fornecido pelo serviço do arrazamento do morro do Senado,—que ha longo tempo foi começado pela «Empreza Melhoramentos», e agora carece atacar-se com mais vigor para as obras do porto, — a differença é procurada no fundo do mar, quer aproveitando productos escolhidos da dragagem, quer excavando em bancos de areia existentes nas immediações do canal que tem de ser aprofundado ao longo do caes.

O volume effectivo da dragagem é difficil de ser estimado com algum rigor, porque durante o trabalho, o lodo, que cobre o subsolo resistente em camadas de espessura varia e de consistencia mais ou menos molle, poderá affluir de longe para o canal. A commissão entende tambem que não obstante as muralhas dos caes serem projectadas para 10,m0 de profundidade d'agua na maré media, não convirá dar ao canal desde logo este fundo, mas pelo contrario a principio alcançar sómente a profundidade de 8,m0 como no porto de Santos, junto dos novos caes. E' calculado comtudo em 7.000.000 metros cubicos o volume total a dragar, dos quaes cerca de 4.000.000 serão transportados para fóra da bahia e despejados alem da ilha Rasa, por não se prestarem os materiaes pela sua natureza a serem aproveitados para aterro.

Com relação ao apparelhamento do caes, que comprehende as vias ferreas e trem rodante ; os armazens e galpões, os diversos guindastes fixos e moveis desde um até 30 toneladas, fóra e dentro dos armazens; as installações electricas para todos os machinismos e para a illuminação; os serviços de agua e de esgotos, as pontes girantes e fixas nas entradas do dique da Saúde e do canal do Mangue, a commissão recommenda o estudo mais minucioso e demorado; mas no orçamento geral das obras, que por fim apresenta, incluio o apparelhamento do caes com verbas de despeza que lhe pareciam razoaveis.

Os trabalhos relativos á abertura da Avenida Central e da Avenida do Mangue foram incorporados ás obras de melhoramento do porto em virtude da autorização expressamente dada pelo Congresso Nacional na lei annua do orçamento da despeza. Reduzem-se as da avenida central á demolição dos predios, á remoção do entulho, á construc-

ção de galerias para a passagem das diversas canalizações e aos calçamentos. A abertura da avenida do Mangue compreende o aterro e nivelamento dos terrenos adjacentes, em parte pantanosos, a excavação do canal com 20m. de largura, em prolongamento ao existente e a construcção das respectivas muralhas, e o assentamento do lagedo e gradil nas duas margens do canal,

A commissão orça em resumo o custo provavel das obras do plano geral de melhoramento na importancia total de 168.216:270$000 réis, distribuida pelas seguintes verbas:

Encampação das concessões.....	17.300:000$000
Desapropriações para o caes e avenidas..	52.450:000$000
Obras do caes.....	86.000:000$000
Obras da Avenida Central.....	3.780:000$000
Obras da Avenida do Mangue.....	3.997.400$000
Administração: 5 % do valor das obras.	4.688:870$000

A verba das desapropriações foi calculada de accôrdo com o estudo e exame feitos pela commissão, a qual todavia julga que esta despeza será compensada em grande parte com o producto da venda dos materiaes das demolições e dos valiosos terrenos, que confrontarem com as novas avenidas ou que se conquistarem ao mar. O orçamento geral acima referido serviu aliás de base para a fixação do emprestimo estrangeiro autorizado pelo Decreto n. 4839, e em parte já realizado.

A commissão finalmente opinou quanto ao modo de executar as obras do porto, que attendendo a sua importancia e caracter peculiar e considerando o avultado capital que as installações iniciaes e permanentes exigem, conviria serem ellas effectuadas mediante empreitada geral por quem já tivesse dado provas «de sua competencia e idoneidade em trabalhos analogos de identica importancia, esteja devidamente apparelhado para realizal-os com presteza e disponha de recursos para garantir o exacto comprimento das obrigações e responsabilidades que deve assumir» ao contractar a execução das obras. Ao mesmo tempo submettia á reflectida consideração do Ministro da Industria as bases do contracto para a empreitada geral.

* * *

Estabelecidas em termos precisos e claros as normas que d'aqui em diante devem reger a execução das obras do melhoramento dos portos do Brazil, decretados com relação ao do Rio de Janeiro todas as medidas que permittiam realizal-as sem estorvos nem contingencias, não só supprimindo as resistencias que lhe offereceriam as emprezas concessionarias, como tambem assegurando-lhe largos recursos pecuniarios; estudado e assentado em seu conjunto o plano geral das obras, com o correspondente orçamento, surgiu emfim o luminoso decreto n. 4969 de 18 de Setembro de 1903 que remata brilhantemente todo o afanoso trabalho até então feito e resolve praticamente e de um modo magistral a organisação dos serviços relativos ao futuro porto sob os pontos de vista financeiro, technico e administrativo.

Este notabilissimo acto recebeu a glorificação que merecia na memoravel sessão solemne de 28 de Setembro, celebrada pelo Club de Engenharia em homenagem ao Governo Federal na pessoa do seu illustre membro o Dr. Lauro Müller, sendo então collocada no salão nobre dessa benemerita associação, a que me ufano de pertencer, uma placa de bronze commemorativa, em que ficam consignados em caracteres indeleveis o numero do decreto e os seus termos iniciaes.



FACHADA LATERAL DAS OFFICINAS DO LLOYD BRAZILEIRO

Dias depois de promulgado este decisivo acto, isto é, aos 24 de Setembro era lavrado o contracto entre o Governo Federal e o representante da firma C. H. Walker Company Limited, de Londres, escolhida para dirigir a empreitada geral por satisfazer ás condições apontadas pela commissão de estudos, sendo que havia dado provas de sua idoneidade technica e capacidade financeira em trabalhos anteriores, como sejam as docas de Barrow e de Preston e o grande canal de navegação de Manchester, e se acha ainda occupada na construcção da Doca Sul em Buenos Aires, e de um quebramar nas Bermudas por conta do Almirantado Inglez; succedia tambem que era conhecedora das condições do porto do Rio de Janeiro, pois que havia algum tempo já que se propunha executar as respectivas obras de melhoramento.

Limita-se o contracto á construcção dos caes na extensão de 3500 metros, segundo o typo adoptado, á dragagem de um canal de 250 metros de largura para o accesso e serventia dos caes, e ao aterro, executados de conformidade com as bases firmadas pela commissão de estudos. Os demais trabalhos complementares, como sejam a construcção dos armazens, o fornecimento e assentamento das pontes e o apparelhamento do caes poderão ser objecto de ajustes especiaes com os mesmos empreiteiros, ou se não houver accôrdo neste sentido, o Governo os tomará a si. Os trabalhos relativos á abertura das avenidas Central e do Mangue, e as obras connexas são todavia excluidas de todo, reservando-se o Governo realizal-os como entender.

As obrigações dos empreiteiros ficam claramente definidas nesse contracto, os preços e especificações dos trabalhos rigorosamente estabelecidos e resalvada a acção preponderante da commissão de engenheiros, que for nomeada para fiscalizar a execução. Está, como é norma seguida, a contractante sujeita á comminação de multas pela inobser-

vancia dos deveres que lhe incumbem, a propria rescisão sendo prevista em casos extremos e bem especificados; mas lhe é facultado o recurso do arbitramento quando occorrerem questões sobre a intelligencia das clausulas do contracto. Teem os empreiteiros de estar preparados a dar andamento regular a todos os trabalhos até o dia 31 de Março deste anno, e são-lhe marcados prazos de conclusão para os differentes trechos em que se dividem as obras contractadas, de maneira que até 30 de Junho de 1910 devem ellas estar completamente terminadas.

O complemento necessario do decreto n. 4969 era a organização de uma commissão de engenheiros, que, alem de fiscalizar o contracto realizado, devia exercer os outros encargos assignalados naquelle acto. Assim é que foi creada a «Commissão Fiscal e Administrativa das Obras do Porto do Rio de Janeiro», á qual foi dada o regulamento approvado pelo decreto n. 5031 de 10 de Novembro. Correspondendo ao triplice caracter das funcções a desempenhar, esta commissão foi dividida em tres partes: a Primeira Divisão, dirigida pelo Presidente e encarregada dos interesses financeiros e economicos relativos ás obras e serviços do porto, da administração da Caixa Especial e da Contabilidade geral da commissão; a Segunda Divisão, sob a chefia do Director Technico e incumbida dos trabalhos proprios de escriptorio technico, da fiscalização das obras contractadas e da execução de outras, feitas administrativamente ou por empreitadas parciaes; e a Terceira Divisão, a cargo do Director Gerente, competindo-lhe administrar e fiscalisar os serviços dos trapiches e armazens existentes, que pertençam ou venham pertencer á commissão, assim como os serviços proprios dos futuros estabelecimentos e caes. Os trabalhos para a abertura e construcção da Avenida Central foram, de accôrdo com uma das disposições do Decreto n. 4969, commettidas a uma administração especial.

* * *

A nova legislação relativa ao melhoramento dos portos maritimos do Brazil, executada com toda a amplitude para o Rio de Janeiro, e incutindo á Nação a grata esperança de que será successivamente applicada aos outros portos, em que, com excepção de Santos, tudo está ainda por fazer, abre á Patria uma nova éra de renascimento e de progresso, iniciando-se para a engenharia um periodo de actividade após o longo descanso forçado em que jazeu. Esta previsão, ou justificada aspiração, vae mais longe; é que, á medida que progredirem os trabalhos nos portos mais importantes, em cada um delles se fará sentir pouco a pouco a necessidade de se ampliarem as facilidades nauticas e commerciaes, já alcançadas, á semelhança do que está acontecendo no Havre, em Antuerpia, em Hamburgo, onde, após a conclusão de gigantescas obras maritimas é incessante a construcção de novos caes ou molhes, de novas docas de commercio ou de bacias de carenagem de dimensões sempre crescentes.

A' medida que, aqui, a construcção dos caes contractados proseguir e sobre a dilatada extensão do solo accrescido se formarem novos quarteirões, os diversos ramos do commercio do café e de outros generos do paiz, que ainda se acham localizados em grande parte em antigos edificios, faceando estreitas ruas de difficil circulação, gradualmente se irão deslocando em direcção aos bairros novos, para approximar-se ao mesmo tempo do litoral e das estações-terminus das ferro-vias; egual tendencia se manifestará provavelmente quanto ás numerosas industrias, acanhadamente installadas na velha cidade, e semelhante mudança acarretará tambem a transmigração das classes proletarias que d'ahi auferem a subsistencia, mórmente se a commissão recem-organizada, á qual, entre as suas multiplas funcções, incumbe velar pelas propriedades já incorporadas á União ou venham pertencer-lhe, influir para que sobre os novos terrenos adquiridos se edifiquem em grande escala grupos de pequenas casas, proprias para a moradia das familias de operarios, e construidas segundo todos os preceitos da hygiene.

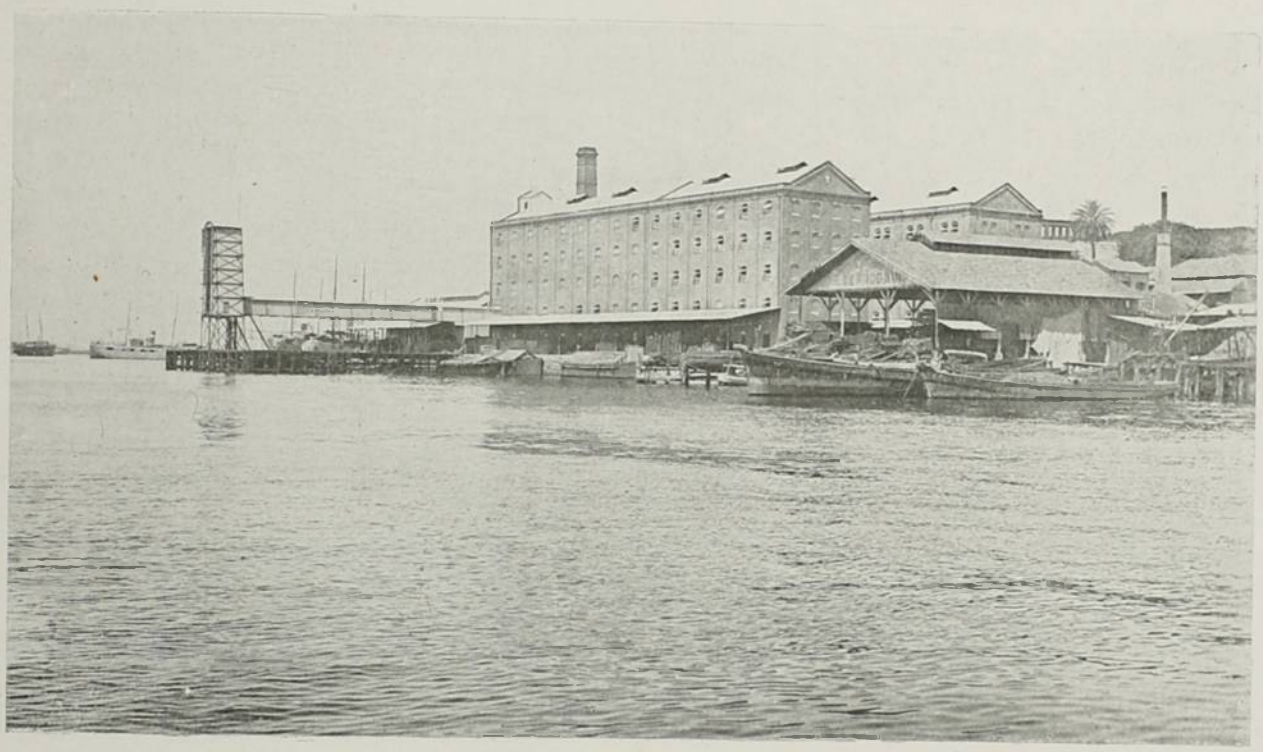
Quando findar-se o breve periodo de seis annos,—que certamente não será excedido, attento o conjunto de circunstancias favoraveis e adequadas, que assignalei; isto é: amplos recursos financeiros com larga remuneração assegurada, a competente idoneidade da empreza constructora, a perfeita organização e as latas attribuições concedidas ao corpo dirigente de engenheiros,—o porto do Rio de Janeiro exhibir uma cinta continua de soberbos caes sobre a extensão de tres e meio kilometros, servidos por possantes guindastes e pelas numerosas vias ferreas das duas bitolas de 1,^{m}60 e de 1,^{m}0, em communicação directa com as linhas da estrada de ferro Central do Brazil, e acompanhados por uma serie de espaçosos entrepostos; e quando por toda a larga faixa commercial, margeando o caes, e pelas grandiosas alamedas afòra até o centro da cidade, se ostentarem as maravilhas da electricidade profusamente espalhadas em manifestações de luz e de força, a immensa obra até então effectuada não parará! A onda do progresso propagar-se-á forçosamente, desenvolvendo até á Ponta do Cajú o systema de caes profundos, servidos por um canal navegavel, conforme um dos ultimos schemas estudados, e trazendo comsigo a utilização de mais terrenos apropriados á edificação, e novo incremento de actividade industrial.

Na verdade essas paragens,—em que a poucos annos passados, surgiam monumentaes edificios, destinados a projectadas usinas e fabricas, e depois foram abandonados em meio da feitura, acontecendo agora que pouco a pouco vão sendo aproveitadas taes construcções, como, por exemplo, as que o Ministerio da Guerra adquirio, nellas installando o seu novo Arsenal e a Intendencia,—essas paragens, digo, estão fadadas a converter-se em um bairro eminentemente industrial e populoso, sendo que nos seus confins ao Norte, em direcção ao Retiro Saudoso e na vizinha ilha dos Ferreiros, acham-se já em plena actividade as grandes e futurosas officinas das Companhias «Edificadora» e «Brazilian Coal».

Em tempo vindouro, que não se afigura longinquo, ao passo que as linhas de bitola larga da «Central» se estenderem até ás formosas capitaes de São Paulo e de Minas Geraes, no systema da viação ferrea da bitola de 1,^{m}0 se irá operando um grande movimento de ligação das diversas rêdes e das numerosas linhas isoladas, entre si, vindo todas as ferro-vias da referida largura reduzida dos Estados do Rio de Janeiro e de Minas Geraes unir-se ás correspondentes do serviço do porto por intermedio da «Linha Auxiliar» da «Central», antiga estrada de ferro da «Empreza Melhoramentos». Alem de que, accentuando-se quiçá mais ainda a tendencia recente, que se manifestou, de reverter a viação ferrea de companhias quasi insolvaveis á União, ou de ser por esta absorvida, é possivel que neste caminhar e para obedecer a um plano de conjunto de mais vastas proporções, convenha ao Governo Federal, que a extensa rêde da Companhia Leopoldina volte ao dominio nacional; neste caso a sua linha-tronco seria prolongada de modo a ligar-se ao ramal de Ouro Preto da «Central» vindo a outra extremidade entroncar na «Linha Auxiliar» proximo da estação da Parahyba. Enormes vantagens economicas d'ahi proviriam para o transporte do manganez, que, extrahido da região serrana nas cercanias de Ouro Preto, porcorrida por nossa principal estrada de ferro, desce em pesados comboios até o porto do embarque, soffrendo no percurso

a baldeação motivada pela differença das bitolas, e com isto annullando-se o lucro, que os fretes, apezar de diminutos poderiam produzir. Em vez disso os minerios seriam carregados junto das minas em vagões apropriados, que chegariam por intermedio da «Linha Auxiliar» ou da estrada de ferro do Rio do Ouro aos futuros caes, e por elles se operaria directamente o lançamento para os porões dos navios.

Quantas outras riquezas das inesgotaveis jazidas do interior poderão no porvir ser assim aproveitadas, dando origem talvez a novas industrias rendosas! Os minerios de ferro, por exemplo, tão abundantes e tão puros das serras de Minas Geraes, em vez de serem tratados nessa região, onde o carvão escasseia e é caro, poderiam no Rio de Janeiro ser submettidos ao processo metallurgico usado nos maravilhosos fornos Carnegie da America do Norte, importando-se de lá, e descarregando-se nos novos caes o coke especial empregado em tal mistér; e obtido por este modo em grandes quantidades ferro guza de primeira qualidade



MOINHO INGLEZ

e em condições vantajosas de preço, quão portentosas consequencias do emprego dessa materia prima sobrevirão quiçá no desenvolvimento da grande industria do ferro e do aço entre nós!

Ao lançar a vista para o futuro reservado ao porto do Rio de Janeiro, sonhando ou devaneando talvez, suppuz que o prolongamento das obras contractadas até á Ponta do Cajú destina-se antes a servir á industria do que ao commercio propriamente dito. Os novos caes, assim como o canal de navegação juxtaposto, teriam 8,^{m}0 de profundidade nas aguas médias, até certo ponto, e d'ahi em diante e em frente á ilha dos Ferreiros apenas 6,^{m}0; e admittindo que advirá a opportunidade, por vezes prevista, de ser o Arsenal de Marinha removido do local, que occupa, para outro mais amplo, os caes de 10,^{m}0 d'agua serão prolongados até o profundo canal que separa a ilha das Cobras da terra firme, edificando-se alguns novos armazens e estabelecendo-se uma communicação directa entre a grande Avenida do Porto e a Alfandega. A extensão total dos novos caes elevar-se-ia d'est'arte a 6730 metros, dos quaes 3580 com 10 metros d'agua, 2620 com 8 e 530 com 6; do total de 6730, porem, cerca de 1000 metros não são aproveitaveis á atracação dos grandes navios em consequencia da forte curvatura, mas pode-se nestes trechos collocar as escadarias de pedra, alem de algumas rampas para a serventia dos pequenos barcos, que navegam dentro da bahia e nas suas vizinhanças ao longo da costa maritima.

Considerei tambem a ilha de Santa Barbara utilizada para depositos de inflammaveis,—ideia esta já por vezes aventada,—depois de convenientemente nivelada e accrescida a ilha, e circumdada por uma linha de caes de 8,^{m}0 d'agua sobre o perimetro de 1450 metros. Finalmente imaginei a ilhota das Pombebas, que liga-se por um banco de areia e de pedra aos Torrões, pontas rochosas, que emergem nas marés baixas,—alargada e transformada em uma grande ilha com a superficie de 40,8 hectares e o perimetro de 2700 metros, sendo o terrapleno constituido economicamente com as areias dragadas nos canaes, que a envolveriam. Para alli pensei que poderia ser transferida a industria da construcção naval, que desapparecerá por completo do litoral, em consequencia das obras de melhoramento do porto, e que, na verdade, é digna de ser amparada, tendo em vista a excellencia dos artefactos produzidos e que se patenteiam nas innumeras lanchas a vapor, elegantes e solidas, que cruzam as aguas da bahia. Tambem fantasiei a mudança do Arsenal de Marinha para essa nova ilha, a qual, como local apropriado nas proximidades da cidade, seria sem duvida preferivel á ilha do Boqueirão ou a outro ponto mais afastado, como foi lembrado nas proximidades da Ilha Grande. Em vez dos 4,2 hectares, presentemente occupados em volta do morro de São Bento pelo Arsenal e por outros edificios e dependencias do Ministerio da Marinha, o novo local abrangeria um grande quadrilatero de 21,4 hectares de superficie, sendo que as carreiras e telheiros de construcção seriam dispostos sobre a face virada para o largo, com 360 metros de extensão, e em outros dois lados correriam 880 metros de caes com 8 de profundidade d'agua.

Neste local ha espaço bastante para a creação de grandiosas officinas, que, afigura-se-me, deverão ser modeladas de modo muito diverso das que actualmente existem, tendo em consideração que o ferro excluiu quasi totalmente a madeira na estructura do casco dos grandes navios; e será preciso que a industria do aço aqui se inicie e se desenvolva de maneira a poder fornecer todos os elementos necessarios á moderna construcção naval, para que o Arsenal de Marinha se levante do profundo marasmo em que decahiu, e resurja com pujança, harmonizando com a magnificencia do futuro porto do Rio de Janeiro!

Alfredo Lisboa.

Anno I N. 3 MARÇO - 1904 Rs. 2$000

Kósmos



SUMMARIO

Chronica	*O. Bilac.*
Vida Literaria	*José Verissimo.*
Diplomatas e Escriptores Brazileiros	*V.*
Bello Horizonte	*Lindolpho Azevedo.*
O ex-libris e o emblema da Bibliotheca Nacional	*Aurelio Lopes.*
Taça de coral (soneto)	*Alberto de Oliveira.*
O Drama do Oriente	*J. C. de Mariz Carvalho.*
Equação Mathematica	*Coronel Espirito Santo.*
Estado do Paraná	*Domingos Nascimento.*
Tres sonetos ineditos	*M.*
Theatros	*Arthur Azevedo.*
Victor Hugo (soneto)	*Péthion de Villar.*
Vidas estragadas	*Medeiros e Albuquerque.*
Chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro	*Oliveira Lima.*
Os recifes em frente á Capital de Pernambuco	
A Cordilheira dos Andes, cidade de La Paz	*José Carlos de Carvalho.*
Escola Militar de Porto Alegre	*Liberato Bittencourt.*
Matto Grosso	*Coronel Avila Franco.*
Canhões de Tiro Rapido	*T.te C. L. Barbedo.*
A questão feminina	*Reis Carvalho.*

A Equitativa

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

TERRESTRES E MARITIMOS

Consiste esta combinação em facultar ao segurado o direito de receber em vida a quantia segurada, sem que tenha para isso que pagar mais premio algum além dos da tabella em vigor.

Para esse fim emittirá esta Sociedade apolices de Rs. 5:000$000 cada uma, recebendo, aquelles que se segurarem em maior quantia, tantas apolices d'essa importancia quantas forem precisas para completar o quantum do seguro desejado.

Em cada anno serão sorteadas tantas apolices quantos forem os grupos de cem que tiverem o premio annual pago, na data do sorteio

O Segurado pela apolice sorteada receberá INTEGRALMENTE EM DINHEIRO a importancia do seguro.

O segurado que, sorteado, continuar com a sua apolice em vigor, poderá se quizer, concorrer a tantos sorteios quantas vezes a renovar.

NEGOCIOS REALISADOS

Rs. 165.000:000$000

SINISTROS PAGOS

Rs. 2.000:000$000

7, RUA DA CANDELARIA, 7

RIO DE JANEIRO

Pedir tabella e prospectos na sua séde, e com todos os agentes da A EQUITATIVA



Empreza Maritima Brazileira

32—Rua da Alfandega—32

(2.º ANDAR)

* * * * ENDEREÇO TELEGRAPHICO ZAMARA * * * * *

PROPRIETARIA DO MAIOR VAPOR QUE NAVEGA COM A BANDEIRA BRAZILEIRA

SÃO LUIZ

de 5000 toneladas de carga, navegação para os portos do Norte, do Sul e Rio da Prata.

FILTROS MALLIÉ

(SYSTEMA PASTEUR)

Esterilisação *absoluta* pela porcelana de amianto

Superiores a todos os outros até hoje conhecidos



A maior facilidade para installação e limpeza ! Simplicidade e elegancia ! Numerosos premios * * em todas as exposições * *

UNICOS AGENTES PARA

* * * todo o Brazil : * * *

A. Abreu & C.ia

102, Rua da Quitanda, 102

(Sobrado).

RIO DE JANEIRO

Catalogos e prospectos á disposição do publico.

ARAUJO, VEIGA & C.ª

RUA DO OUVIDOR, 84 RIO DE JANEIRO

Grande Variedade de Artigos de Fantazia, Chapéos de Sol, Gravatas para Homens, Objectos para Bordar e para Flores, Luvas, Leques, Meias de Seda e de Fio de Escossia, Perfumarias, Marcar para Cotillon e tudo que pertence ao Artigo Armarinho e Modas.

TELEPHONE 806

DUBONNET

O MELHOR APERITIVO

Rotisserie Americaine

ROGELIO & AREAL

50 — Rua Gonçalves Dias — 50

SERVIÇO DE 1ª ORDEM

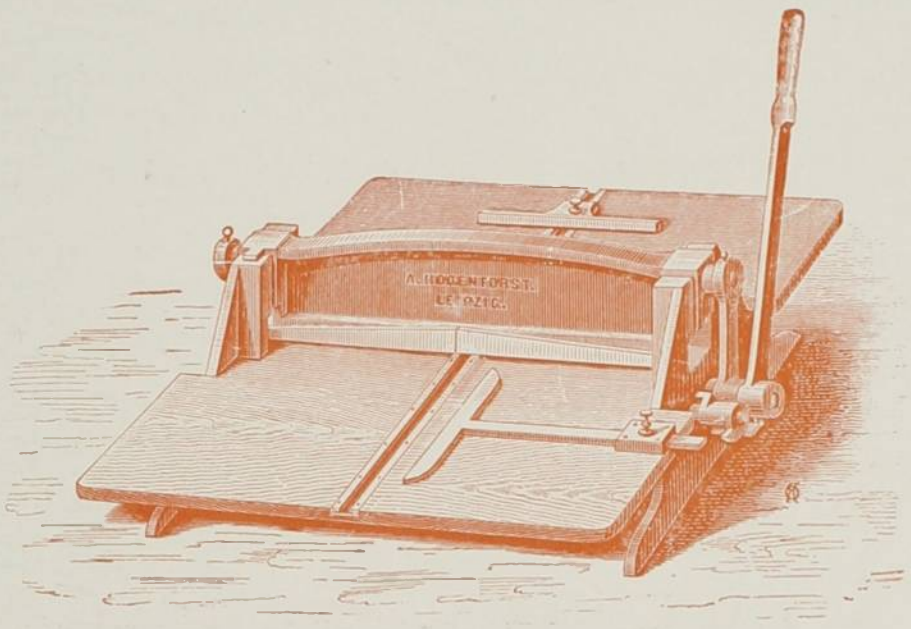
GRANDE SALÃO DE BILHARES NO 1º ANDAR

ARTES GRAPHICAS

CAIXA DO CORREIO 994 — TELEPHONE N. 1106

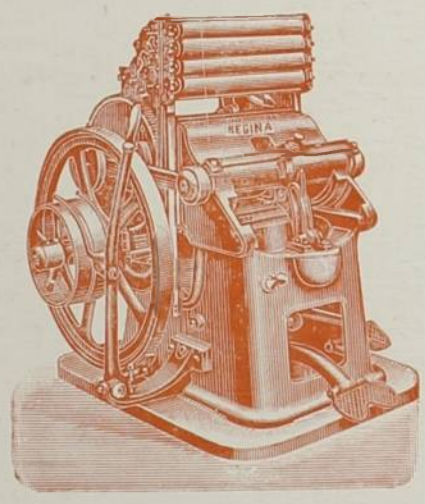
Temos sempre em deposito:

Tintas Typographicas,
Lithographicas,
Vernizes e Grande
Variedade de Typos



Massa para Rolos,
Arames para Cozer,
Zinco, Cobre e Madeira para Gravuras.

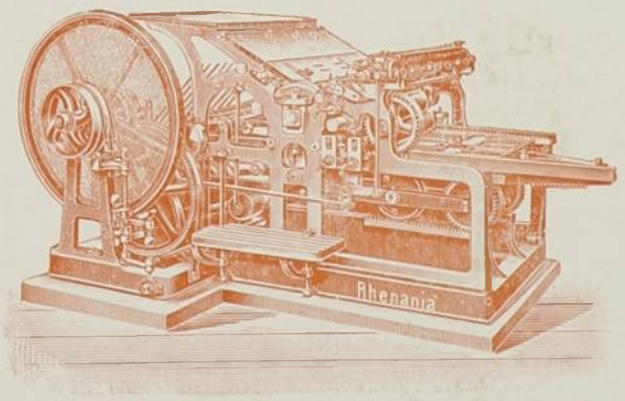
UTENSILIOS PARA COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO



MATERIAL PARA STEREOTYPIA

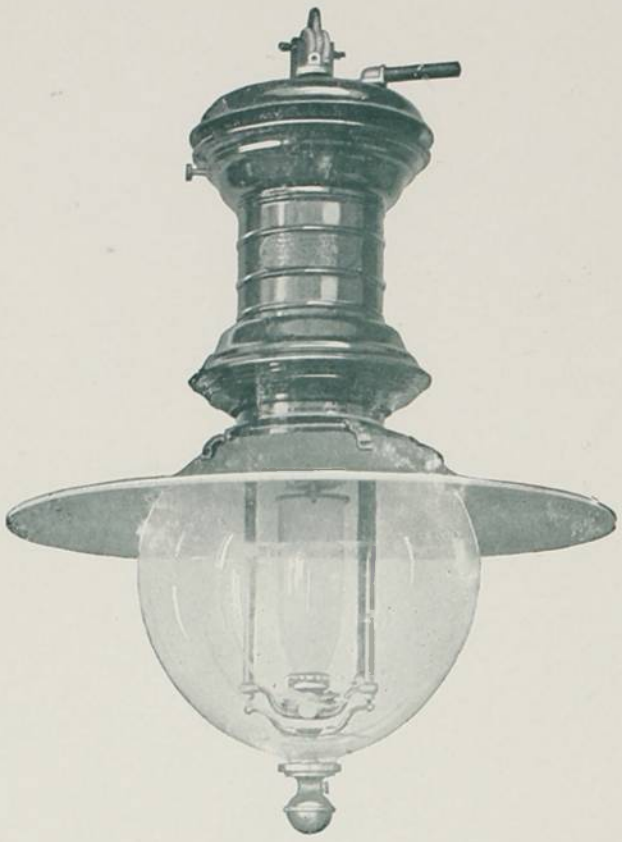
MACHINAS

PARA IMPRESSÃO ETC.



Augusto Niklaus & Co.

Rua da Quitanda N. 54 — RIO DE JANEIRO



REPRESENTANTES
DAS SEGUINTES FIRMAS:

GENERAL ELECTRIC CO.
APPARELHSO ELECTRICOS PARA FORÇA E LUZ

PELTON WATER WHEEL CO.
RODAS DE AGUAS, TURBINAS, &

Mc INTOSH SEYMOUR & CO.
MACHINAS A VAPOR

BABCOCK & WILCOX CO.
CALDEIRAS A VAPOR

THE PECKHAM MANUFACTURING CO.
TRUCKS PARA CARROS E VAGÕES

THE CHLORIDE ELECTRICAL STORAGE COMPANY LTD.
ACCUMULADORES ELECTRICOS

A. L. IDE & SONS
MACHINAS A VAPOR "IDEAL"

CHICAGO PNEUMATIC TOOL COMPANY
MACHINAS E FERRAMENTAS DE AR COMPRIMIDO

CLEVELAND TWIST DRILL CO.
BROCAS AMERICANAS

L. S. STARRETT CO.
FERRAMENTAS FINAS

CINCINNATI TOOL CO.
FERRAMENTAS

FAY & EGAN CO.
MACHINAS DE TRABALHAR EM MADEIRA

GLOBE WERNECKE CO.
MOBILIA DE ESCRIPTORIO

LOZIER MOTOR CO.
MOTORES E LANCHAS DE GAZOLINA

WORTHINGTON PUMPING ENGINE CO.
BOMBAS A VAPOR

MIETZ & WEISS
MOTORES A GAZ E KEROZENE

HAMMOND TYPEWRITER CO.
MACHINAS DE ESCREVER

VICTOR TALKING MACHINE CO.
GRAMOPHONES E ACCESSORIOS

EASTMAN KODAK COMPANY
APPARELHOS PHOTOGRAPHICOS

IMPORTADORES DE
MACHINAS PARA OFFICINAS E APPARELHOS ELECTRICOS DE TODAS AS QUALIDADES

ASCHOFF & GUINLE

* * * * SUCCESSORES DE JAMES MITCHELL & C. * * * *

Engenheiros Mechanicos Hydraulicos e Electricistas

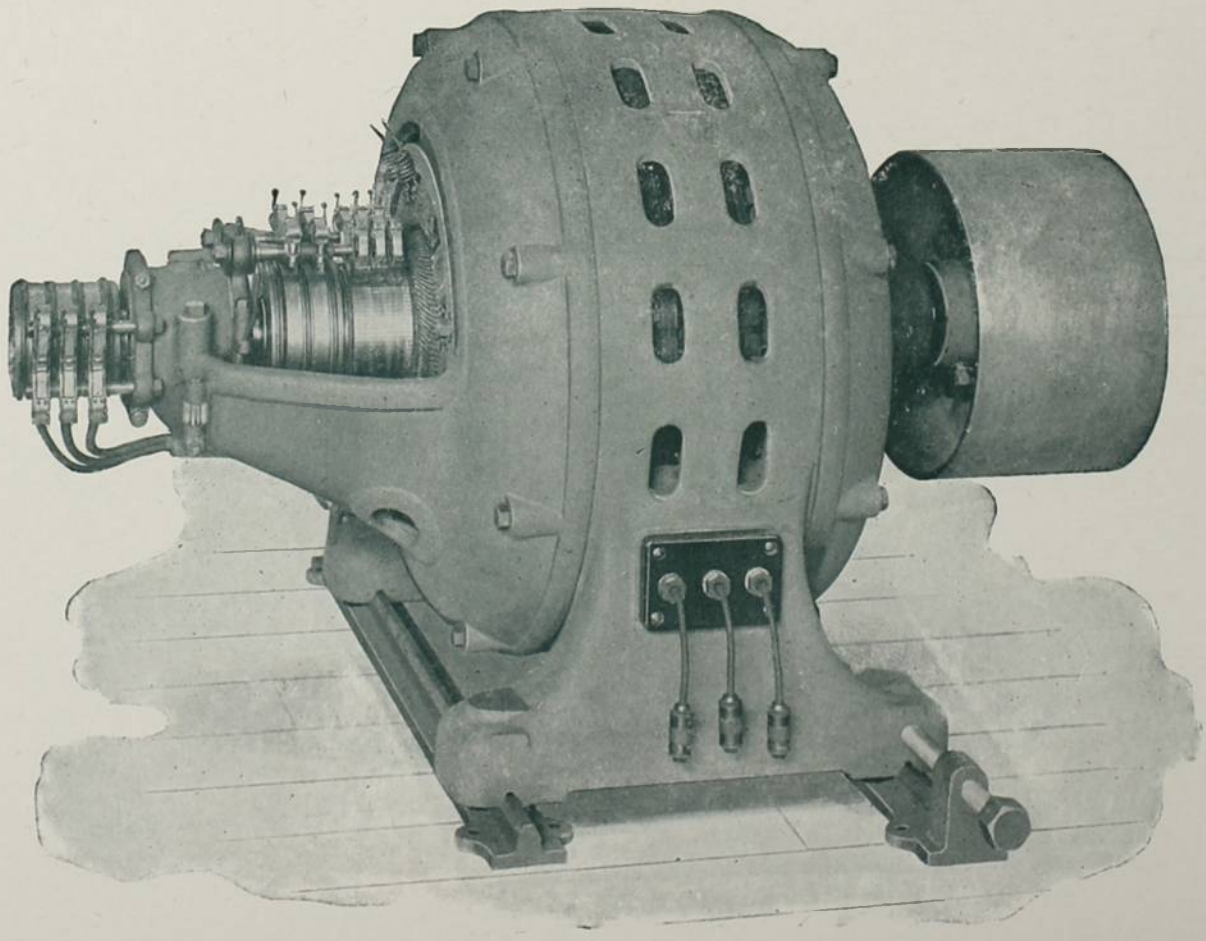
Importadores de Machinas e Manufacturas Norte-Americanas

55 ∽ Rua do Ouvidor ∽ 55

* * * * * RIO DE JANEIRO—BRAZIL * * * * * * * * *

RUA DIREITA N. 7, S. PAULO

OFFICINAS E DEPOSITO: RUA NOVA DO OUVIDOR, 13



KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director
MARIO BEHRING

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR . . . . . 20$000 EXTERIOR. . . . . 22$000
NUMERO AVULSO . . . . 2$000

Editor-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ANNO I | MARÇO 1904 | N. 3

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS PELOS NOSSOS COLLABORADORES

A importancia das assignaturas deve ser remettida em carta registrada ou vale postal á rua da Alfandega 24—Rio de Janeiro.—

Os assignantes têm direito de receber os numeros publicados até a data da assignatura.

KÓSMOS encontra-se á venda nas seguintes livrarias:

Capital Federal — Laemmert & C.ª, H. Garnier, Alves & C.ª, A. Moura.
S. Paulo — Casa Mófreita, Casa Garraux, Laemmert & C.ª
Santos — Casa Mófreita.
Campinas — Casa Mófreita.
Rio Claro. — Casa Mófreita.
Bello Horizonte — A. Joviano & C.ª
Ouro Preto — Castro & Costa.
Uberaba — Leschaud & C.ª
S. João d'El Rey — Armando B. Cunha.
Juiz de Fóra — Feliciano da Silveira Bulcão.
Bahia — Livraria Dous Mundos.
Victoria (E. Santo) — Nelson Costa & C.ª
Fortaleza (Ceará) — Libro — Papelaria Bivar.
S. Luiz (Maranhão) — Luiz Magalhães & C.ª
Belem (Pará) — Tavares Cardoso & C.ª
Manáos (Amazonas) — Lino Aguiar & C.ª
Natal (R. Grande do Norte) — Renaud & C.
Aracajú (Sergipe) — Elias R. Montalvão.
Florianopolis (S. Catharina) — Paschoal Simone.
Pelotas (R. G. do Sul) — Pintos & C.ª, Francisco Meira.
Rio Grande „ — Pintos & C.ª
Porto Alegre „ — Pintos & C.ª
Parahyba (Parahyba) — Antonio Penna & C.ª
Coritiba (Paraná) — Annibal Rocha & C.ª

São nossos Representantes: Estado de S. Paulo — Snr. Antonio Ferreira Neves Junior.
Estado do Paraná — Snr. Dario Velloso. Estado de Pernambuco — Snr. Carlos Burle.

Toda correspondencia deve ser remettida a RUA DA ALFANDEGA, 24 — Rio de Janeiro

CAIXA POSTAL 1085

CHRONICA

QUANDO appareceu o segundo numero de *Kósmos*, ha um mez, ainda havia nas ruas, como remanescentes do folguedo carnavalesco, alguns *confetti*, esquecidos pelas vassouras da limpeza publica. A cidade tinha um aspecto fatigado e triste,—um ar de quem passou a noite na orgia. E a gente, que conversava, nos bonds, ou nas esquinas, confessava altamente o seu espanto: „Como foi isto? bastou então um edital da prefeitura, para matar o Entrudo, que todos suppunham immortal e invencivel?!...“

Realmente, houve motivo para esse espanto... Nós estavamos tão habituados á indisciplina e á desobediencia do povo carioca,—que este simples facto de ter sido religiosamente obedecida e cumprida uma lei, sem protestos e sem conflictos, despertou uma vasta admiração e um profundo pasmo.

Não houve entrudo. Houve o classico e já fatigante carnaval, com as suas nuvens de *confetti*, com os seus abominaveis *cordões*,—e com os grandes prestitos luxuosos, que são, afinal, como bem disse Arthur Azevedo, revoltantes apotheoses do vicio...

Já é tempo de inventar qualquer cousa nova. Chega a parecer absurdo que ainda se mantenha essa antiga usança de procissões bacchicas, escandalosamente ostentando pela cidade, com applausos de todos, o triumpho insolente das hetaïras. Creio que, de todas as cidades civilisadas, o Rio de Janeiro é a unica que tolera essa vergonhosa exhibição. Em todas as outras capitaes, o vicio é cultivado e adorado portas a dentro. Nada impede que, nos theatros e nos bailes, haja saturnaes carnavalescas, em que a folia se exaspere até invadir o dominio da allucinação furiosa. Mas é revoltante que essas orgias transbordem para as ruas, em cortejos eroticos,—aos quaes, por uma incrivel e criminosa tolerancia, concorrem as bandas de musica da policia e do exercito, com os soldados fantasiados, abrindo o prestito glorificador da indecencia e da prostituição.

Arthur Azevedo lembrou, com bom senso, que os cortejos carnavalescos poderiam ser aproveitados em bem da arte e da civilisação.

Paris passa por ser a metropole do vicio. Mas a sua população não toleraria jamais essa deificação publica da lascivia.

Em Paris, os sequitos festivos do *Bœuf gras* e da *Mi-Carême* são pretextos para espectaculos artisticos, dignos da admiração e do applauso de um povo civilisado. Na festa da *Mi-Carême*, sobretudo, ha, além de um intuito artistico, um intuito moral. Todas as operarias da grande cidade.—gente humilde e pobre, para quem a Vida só tem trabalho e desgostos,—elegem uma rainha, representante legitima da corporação: no dia da festa, essa operaria feliz, precedida e seguida por um longo acompanhamento faustoso de equipagens de luxo, de carros de arte, e de cavalgatas luzentes, recebe as homenagens da Cidade—Luz, gozando todas as honras e prerogativas da sua realeza momentanea e fugaz; e ha um raro e commovedor encanto nessa apotheose do Trabalho, da Honestidade e da humilde Belleza...

Não sei si no Rio de Janeiro seria possivel organisar uma festa como essa. Mas sei que as nossas festas carnavalescas são indecorosas,—na sua parte publica. Seria bem melhor que essas exhibições se fizessem a portas fechadas. O entrudo era uma brincadeira funesta e selvagem: mas era mais innocente do que a bachanal nas ruas.

☼

O que espanta é que, sendo tão dados á tolerancia no tocante a certas manifestações da immoralidade, sejamos de uma tão ingenua innocencia diante de outros casos igualmente immoraes.

Alguem, que, não nos conhecendo bem, assistisse ao espanto, á commoção, á turbulenta anciedade, ao interesse, com que acompanhamos, nos ultimos dias de fevereiro, os episodios da fuga e da prisão de um individuo processado por crime de estellionato,—diria talvez: “aqui está um povo feliz, um povo em cuja communhão são raros os criminosos, um povo que não sabe o que são grandes falcatrúas e grandes maroteiras,—pois que tão profundamente se deixa commover por este vulgarissimo desvio de quatrocentos contos de réis...“

Parecia, de facto, que se tratava de uma dessas collossaes trapaças, em que rolam milhões e milhões, e que, de vez em quando, se descobrem no velho mundo,—como o caso do Panamá ou o caso da familia Humbert. Se qualquer celebridade póde ser honrosa, o nosso heróe, preso, accusado, julgado, evadido e caçado no sertão de Minas, deve considerar-se feliz: o seu retrato correu de mão em mão, como o de um grande homem, e não houve jornal que não publicasse a sua biographia...

Oh! a celebridade! é singular que tanta gente se esfalfe e pene para conquistal-a, quando essa dama caprichosa tão facilmente concede os seus favores...

Tenho conhecido um sem numero de pessoas possuidas dessa ardente ambição de ter o nome escripto e fallado: agitam-se, trabalham, festejam-se, publicam livros, fazem conferencias, estudam, inventam, pesquisam todos os assumptos, importunam toda a gente, —e passam, apezar disso, pela vida, dentro da treva do anonymato, e morrem, sem que duas linhas lançadas á pressa n'um jornal assignalem a data do seu desapparecimento e do seu descanço. Entretanto, é tão facil ser celebre! Basta que se diga: "aquelle individuo fugiu da cadeia," para que a Celebridade sorria a esse individuo.

Ahi tendes o que é a Celebridade, a cuja conquista tantas cousas sacrificaes, ó homens ambiciosos!

☼

Que dizer sobre a guerra entre o Japão e a Russia? Já tudo se tem dito contra a irremediavel e diabolica vezania, que impelle homens contra homens, manchando e profanando o seio da Terra creadora com sangrias abominaveis. Mas que hão de poder as boas palavras e as boas ideias contra um odio e uma loucura que são inseparaveis da propria essencia humana?

O instincto da briga parece indomavel.

Ha poucos dias, um telegramma da Europa noticiava que Pini e San Malato, dois esgrimistas famosos, iam bater-se em duello de morte, em virtude de uma acalorada discussão, em que entraram em jogo a vaidade de um e a vaidade do outro, excitadas pela rivalidade profissional. Não é monstruoso que dois homens, entre os quaes nunca houve um conflicto serio motivado por escrupulos da honra, procurem matar-se um ao outro, unicamente por amor da arte de matar?

Se a vaidade individual e a ambição da celebridade podem levar dois homens a esse acto de loucura, não é estranhavel que o orgulho nacional e a ambição do dominio levem dois povos á pratica de carnificinas hediondas...

Sim! esse instincto bestial parece indomavel! Mas o dever de todas as almas boas e de todos os cerebros bem formados é continuar a maldizer essa barbaridade criminosa. Se é impossivel evitar as guerras, é porque a sociedade humana ainda não se libertou de todo da selvageria, é porque a nossa civilisação é ainda apenas apparente,—é porque ainda estamos longe da perfeição moral. Essa perfeição ha de ser attingida, amanhã, ou d'aqui a um seculo, ou d'aqui a dez seculos. As palavras dos que combatem a guerra não se perdem. Ha no mundo moral trabalhos lentos, insensiveis, longos, mysteriosos, mas seguros,—analogos ao trabalho madreporico que levanta recifes immensos. A parte mais bella do verdadeiro programma socialista está contida nas palavras recentemente ditas por Jaurès a um reporter, que o interrogava sobre o conflicto russo-japonez: "*nous faisons la guerre à la Guerre*!"

E a guerra, a guerra santa, a guerra abençoada movida contra a Guerra, ha-de ser victoriosa, no dia em que a civilisação tiver dado mais um passo largo, e decisivo, para o seu verdadeiro e unico intuito, que é a felicidade humana.

☼

Fechemos a chronica com algumas linhas de alegria e de esperança,

Ha poucos dias, as picaretas, entoando um hymno jubiloso, iniciaram os trabalhos da construcção da Avenida Central, pondo abaixo as primeiras casas condemnadas. Bem andou o governo, dando um caracter solemne e festivo á inauguração d'esses trabalhos. Nem se comprehendia que não fosse um dia de regosijo o dia em que começámos a caminhar para a rehabilitação.

No aluir das paredes, no ruir das pedras, no esfarelar do barro, havia um longo gemido. Era o gemido soturno e lamentoso do Passado, do Atrazo, do Opprobio. A cidade colonial, immunda, retrogada, emperrada nas suas velhas tradicções, estava soluçando no soluçar daquelles apodrecidos materiaes que desabavam. Mas o hymno claro das picaretas abafava esse protesto impotente.

Com que alegria cantavam ellas,—as picaretas regeneradoras! E como as almas dos que ali estavam comprehendiam bem o que ellas diziam, no seu clamor incessante e rythmico, celebrando a victoria da hygiene, do bom gosto e da arte!

O. B.

VIDA LITERARIA

Os *Estudos e ensaios* do Sr. Souza Bandeira

O sr. Souza Bandeira é um espirito votado ás cousas do direito. Os que o conhecem, pessoalmente ou de leitura, facilmente terão notado que o gosto da sua profissão não só de jurista, mas de advogado, o amor da jurisprudencia, na sua forma theorica ou na sua forma pratica—e que amor ha ahi que não possamos conceber?—é, si posso dizer assim, a faculdade predominante do seu espirito. Esse amor, chegará, ás vezes, até a indiscrição e ao exagero, como no seu, aliás muito curioso e interessante, ensaio *O advogado na literatura e na vida real*, em que elle, com mal empregado carinho, pintou por demais bonito esse profissional... O que lhe vale, porem, e o põe acima dos milhares de leguleios que infestam a Cidade, é que naquella sua faculdade ha, bem proporcionada ao seu elemento principal, uma boa dose de espirito philosophico e uma boa dose de espirito literario: a capacidade de discernir e comprehender os aspectos philosophicos do direito, e de generalizar-lhe os factos, até confundil-os com cogitações mais altas e mais universaes da sociologia, e a capacidade, nem sempre correlativa, de exprimir-se com a clareza, a correcção, as qualidades, difficeis de definir, de estylo, que fazem o escriptor, e outras que revelam o homem de letras.

Este juizo, parece-me, o livro do sr. Souza Bandeira *Estudos e Ensaios* (H. Garnier), que acaba de vir a lume, o comprova, com pequenas restrições, que lhe não alterariam a exactidão essencial. Não obstante haver o A. começado a escrever para o publico ha mais de vinte annos, é este o seu primeiro volume, ainda um livro de fragmentos, e até póde-se-lhe notar, de pouca unidade. E' de esperar, e cordealmente o desejo, não seja sinão o primeiro de outros que mais completamente demonstrem as qualidades que já são manifestas e estimaveis neste.

O sr. Souza Bandeira não duvidou incluir nelle, "a titulo de documento", os seus primeiros ensaios, de rapaz que se inicia nas letras no jornalismo academico, ou melhor escolar, Peço licença para advirtil-o que isso lhe cria uma obrigação, que lhe não preciso dizer qual seja. E, embora pareça indiscreta a advertencia, faço-a sem receio, sabendo quanto é elle capaz de desobrigar-se do compromisso que eu enxergo na republicação, "a titulo de documento", dos seus primeiros escriptos. Começa aliás o sr. Souza Bandeira a desempenhar-se delle nos ultimos do seu volume.

O que de algum modo ainda offende o bom gosto literario amoroso da medida e discrição, do sentimento das proporções, e respeitoso da lingua, nos primeiros ensaios do sr. Souza Bandeira, *Ligeiras idéas sobre o monismo*, *A philosophia positiva no Brazil*, e até em algum posterior, como *O monismo no direito*, vae pouco a pouco desapparecendo nos seus escriptos ulteriores. Nesses já a forma, sem alcançar ainda, não direi a perfeição, que parece é inattingivel (até porque é muito relativa a maneira de a julgar), mas o caracter e a distincção, melhora visivelmente. Os juizos são menos livrescos e as opiniões mais assentadas, e as capacidades de generalização, que o sr. Souza Bandeira é dos não muito numerosos a ter entre nós, se exercem com mais medida e melhor base. Nos primeiras nota-se, com desgosto, a phraseologia empolada, o ar dogmatico, um sentido menos apurado das gradações do pensamento e da sua expressão. Estes defeitos, porém, não são do sr. Souza Bandeira. O seu bom gosto natural, e a sua estensa e boa cultura literaria, feita nas obras capitaes da intelligencia humana em todas as literaturas principaes, deviam forçosamente leval-o a uma apreciação pratica mais justa da arte de escrever. São da escola a que teve fatalmente o sr. Souza Bandeira, quando em annos verdes, que não são a idade do discernimento, de ceder. Elle soffreu a influencia poderosa de Tobias Barreto e da roda de discipulos que o cercavam e o admiravam, alguns certamente com a consciencia que uma tal admiração póde permittir, outros, talvez a maioria, sem a menor sombra della, por simples e beocio espirito de imitação. Os caracteres distinctivos dessa escola foram justamente aquelles, a falta de medida no pensamento e na expressão, o ar doutoral, o amor indiscreto da novidade, principalmente alleman, o absurdo da phraseologia biologica e do termo technico, o estylo turgido, palavroso, empolado. O chefe da escola, ao que parece, fazia disso um merito: "Palavrões palavrões não diz quem quer, palavrões palavrões só diz quem sabe"—é uma phrase que lhe attribuem babosos os seus discipulos de segunda classe. E com esses defeitos tanto ou quanto

sinão muito, de pedantesco, no conceber e no dizer. De alguma cousa disso, ainda se encontram exemplos, menos numerosos e graves, é certo, do que em outros escriptores do mesmo grupo literario, nos primeiros ensaios do sr. Souza Bandeira. Mas, taes senões, repito, eu não lhos quero imputar, são da escola; e não é na idade em que os escreveu que, salvo os engenhos de excepção, temos a personalidade bastante para refugar influencias tao poderosas como foi incontestavelmente a de Tobias Barreto, dos escriptores brasileiros de todos os tempos o mais alheio á medida e ao bom gosto. Lastimo, sim, que ainda de vez em quando á ella sacrifique o sr. Souza Bandeira, como na maneira decidida e menos ponderada, a meu ver, do seu *O monismo no direito.*

Taes senões, porém, como já notei, vão paulatinamente desapparecendo no estylo, e, portanto, no pensamento, do sr. Souza Bandeira. Sob esse aspecto os seus tres ultimos estudos *A marinha de outr'ora*, o já citado *O advogado na literatura e na vida real*, *O padre catholico e a cathequese*, a proposito do excellente romance *O Missionario*, do sr. Inglez de Souza, são, além de boas amostras de critica intelligente e capaz, um progresso evidente sobre a sua maneira primitiva. Sem me deixar contagiar pela abundante prodigalidade com que o sr. Souza Bandeira distribue os epithetos de philosopho e pensador, não lhe chamarei nem uma nem outra cousa. Mas jurista, critico, moralista, o sr. Souza Bandeira o é com capacidades de philosophia e de pensamento, habito de philosophar e de generalizar, e ao mesmo tempo sciencia dos assumptos, que lhe dão desde já um distincto lugar entre os nossos escriptores desses generos. Não tem sinão continuar, pondo todavia um pouco mais de cuidado no apurar, sem sair do natural, a sua lingua, como quer que seja ainda por vezes descurada. Faz-se neste momento no Brasil um bom e util, e necessario movimento a favor da boa linguagem portugueza, que os nossos escriptores, que nós, posso dizer sem fingida modestia, iamos pouco a pouco, com a nossa ignorancia ou o nosso desmazelo, reduzindo a uma algaravia luso-franco-brasileira. Julgo um bom serviço prestado não só ás nossas letras, mas ao nosso falar nacional, a reacção contra esse desleixo provocada pela campanha dos srs. Ruy Barbosa, Heraclito Graça, João Ribeiro, Mario Barreto, e outros, campanha que repercutiu na provincia, onde alguns bons estudiosos da lingua propagam a san doutrina. E' evidente que se está procurando escrever melhor, isto é com mais acerto, mais de accordo com a grammatica, o diccionario, e o genio da nossa lingua. E' preciso, porém, reconheço, que tão salutar reacção não se demasie e caia nos excessos do purismo e do classicismo. Seria uma pura irracionalidade. E' real que as linguas evolvem e que se não volta ao passado. O purismo, em todas as linguas, é uma impossibilidade de ordem historica, quasi de ordem material. São os mais illustres philologos que o ensinam. O classicismo hoje seria uma retrogradação caturra a processos de escrever, em inteiro desaccordo com o nosso modo de pensar e conceber.

Mas, sem cair num e noutro, o estylo, comprehendendo a linguagem de cada epoca, póde guardar a fidelidade necessaria ás boas normas das lingua, conservadas através da sua evolução. Um famoso exemplo da possibilidade disto é Victor Hugo—e eu poderia citar ainda, em França, Th. Gautier ou Flaubert, e no portuguez Garrett, ou o sr. Machado de Assis. Com ser um revolucionario literario, e ser um genio a quem as normas classicas pesavam, e que as destruio na rhetorica, Victor Hugo—o grammatico, como lhe chama um critico—manteve-se fidelissimo á grammatica, ao diccionario, á indole da sua lingua. E, sem sair das suas regras mais severas, fez della tudo o que quiz.

José Verissimo

Da Academia Brazileira

Livros diversos—*Factos e Memorias* por Mello Moraes Filho, Rio de Janeiro, H. Garnier.

Contem: *A mendicidade no Rio de Janeiro. Ladrões de rua. Quadrilha de Ciganos. Memorias do largo do Rocio. Memorias da rua do Ouvidor.*—*Sepulchro de Vivos,* drama em um acto, de Rubem Tavares, Genova.—*Ajuste de contas* por Salvador de Mendonça, Rio de Janeiro. Livro de polemica interessante para a historia do dia, e singularmente realçado por um estylo de escriptor.—*Amores do Senhor Jacarandá*, Rio, H. Garnier. Livro em má hora destinado ás creanças, ás quaes absolutamente não convem.



Diplomatas e Escriptores Brazileiros

SEMPRE fizeram boa união diplomacia e letras. Desde a Renascença ao menos, quando nasceu a diplomacia moderna, na Italia, conta o corpo diplomatico universal crescidissimo numero de intellectuaes, como se hoje diz: philosophos, sabedores, poetas, eruditos, historiadores, novellistas, criticos, e até artistas, como Rubens. Dirão os maliciosos que é talvez mais crescido o numero de nullos, de futeis, de dansarinos, sobre tudo de *snobs* de toda a casta, de pelintras mais ou menos monoculizados, que a deslustram e lhe attraem tal qual ridiculo.

Poder-se-ia, porem, ella despicar citando em seu abono e honra, e com vantagem, alem dos nomes dos seus grandes profissionaes, simultaneamente estadistas notaveis, um Richelieu, um Metternich, um Cavour, um Bismarck, outros nomes, tão ou mais gloriosos de homens de talento, de saber, de letras, de espirito, cuja gloria irradiou sobre ella. E' commum em todos os paizes figurarem no respectivo corpo diplomatico muitos nomes que figuram nas listas das suas academias e sociedades sabias.

No Brazil, tambem, se póde notar o mesmo facto. Basta lembrar no imperio, os Japurás, os Magalhães, os Varnhagens, os Porto-Alegres, os Joaquins Caetanos, os Maciéis Monteiros e muitos outros que tanto appareceram nos Archivos do nosso Ministerio dos Estrangeiros como nos do nosso Instituto historico.

O grupo de escriptores e diplomatas brazileiros que publicamos, copia exacta de uma fidelissima e excellente photographia tirada em Londres, não vai muito tempo, e que conserva todo o seu valor documental, mostra que na Republica continúa a união abençoada.

Com admiravel fidelidade representa-nos elle, no primeiro plano, no centro, o Sr. Joaquim Nabuco, nosso Enviado Extraordinario e Ministro plenipotenciario na Inglaterra e agora, na Italia, em missão especial para tratar da questão de limites do Brazil e da Guyana Ingleza, perante o rei Victor Manoel II, o

arbitro escolhido; á esquerda, o Sr. Graça Aranha, Secretario da mesma Missão em Londres e depois na Italia; á direita, o Sr. Oliveira Lima, então 1º Secretario da Legação brazileira naquella cidade, logo depois Encarregado de Negocios no Japão e hoje nomeado Ministro Plenipotenciario no Perú; no segundo plano, á esquerda, o Sr. Silvino do Amaral, 2º Secretario daquella Legação e hoje 1º da de Buenos-Aires, e á direita, o Sr. Domicio da Gama, ex-Secretario das duas Missões do Sr. Barão do Rio Branco em Washington e Berna, seu dedicado e habil companheiro e collaborador nos trabalhos dessas missões para o regulamento dos nossos limites, com a Argentina e com a França, depois 1º Secretario e Encarregado interinamente de Negocios na Belgica e neste momento Secretario do Barão do Rio Branco, Ministro do Exterior.

O Sr. Joaquim Nabuco é um grande nome na nossa politica, do nosso jornalismo, da nossa oratoria parlamentar e popular, e será certamente tambem um grande nome da nossa diplomacia. Nascido em Pernambuco em 1849, formado em direito em 1870, bem estreado nas letras e na imprensa academica, iniciou a vida pratica na diplomacia, como addido ás legações de Londres e de Washington. Deixando-a pela politica, foi deputado liberal e um dos mais brilhantes campeões do abolicionismo. Monarchista de convicção e sentimento, abandonou a politica com o advento da Republica, limitando-se a algumas manifestações theoricas, substituidas em breve por escriptos litterarios. Solicitando-lhe o governo da Republica os seus serviços como advogado no pleito entre o Brazil e a Inglaterra a respeito dos limites com a Guyana Ingleza, voltou o Sr. Joaquim Nabuco á diplomacia, nas funcções já ditas.

Ainda estudante, com quinze annos, como a maioria dos brazileiros não analphabetos, fez versos. Fel-os ainda mais tarde, em plena mocidade, mas não perseverou, por sentir, como diria depois que o verso não era o seu instrumento. Quantos não tem infelizmente perseverado com menos razão! Depois fez critica litteraria e artistica, escreveu pamphletos moraes e politicos, mas sobretudo foi orador e jornalista politico. Nada fez com inferioridade ou vulgaridade. Mas a sua obra literaria capital, obra de escriptor e publicista politico — ainda quando faz historia ou critica social e literaria — é a da Republica para cá. Em primeiro lugar, sob o titulo de *Um Estadista do Imperio*, (3 vols. grandes, in-4º, H. Garnier) a vida de seu pai, o senador Nabuco de Araujo, em relação com o seu tempo, e que constitue em grande parte a historia politica do segundo reinado. — Depois: *Minha Formação*, (H. Garnier, 1900), especie de memorias intellectuaes da formação do seu espirito, idéas e tendencias, principalmente politicas e moraes; — *Escriptos e Discursos literarios*, (H. Garnier, 1900), collecção de trabalhos dispersos de 1883 a 93, alguns de inestimavel valor. Antes publicara uma apreciação geral da revolução chilena de 1901 sob o titulo de *Balmaceda* (Leuzinger, 1895), que é um dos seus livros mais sentidos, e outra sobre o comportamento dos governos estrangeiros durante a nossa revolução de 1893, sob o de *A intervenção estrangeira durante a revolta da Esquadra* (Leuzinger, 1897),

A estes livros cabe juntar os 16 volumes de *Memorias*, ao que parece cheias de engenho e saber, defendendo os direitos do Brazil na sua questão de limites com a Inglaterra, e já entregues ao rei de Italia.

O Sr. Joaquim Nabuco é da Academia Brazileira e seu Secretario Geral, e do Instituto historico.

O Sr. Oliveira Lima, que se senta á sua esquerda, é tambem de Pernambuco, da Academia e do Instituto, porem muito mais moço, nasceu em 1867. Fez em Lisboa o Curso superior de Letras e o de Diplomacia, na Torre do Tombo. Entrou para o Corpo diplomatico em 1890, e tem servido em Lisboa, Berlim, Washington, Londres e Tokio. Começou a sua carreira de escriptor no jornalismo em Lisboa, no Recife e no Rio. Alem de memorias e opusculos tem publicado: *Pernambuco. Seu desenvolvimento historico*, 1895 — *Aspectos da litteratura Colonial brazileira*, 1896. — *Nos Estados Unidos*, Impressões politicas e sociaes, 1899. *O Reconhecimento do Imperio*, primeira parte da obra em que trabalha *Historia diplomatica do Brazil*, (H. Garnier), 1901. — *No Japão*. Impressões da terra e da gente, (Laemmert, 1903), que o collocam entre os nossos mais distinctos e laboriosos homens de letras. Trabalha agora no livro *D. João VI no Brazil*, do qual temos a satisfação de publicar hoje um trecho.

Graça Aranha é do Maranhão, onde nasceu em 1868.

E' bacharel em direito e foi academico *avant la lettre*, isto é antes de ter publicado livro algum, quasi por imposição dos fundadores da Academia que do viver commum, de um prefacio de livro, de artigos de imprensa conheciam o seu grande talento literario e a sua boa cultura espiritual. E' o que se póde chamar um escritor nato, ou de raça e a sua magnifica estréa no livro *Chanaan* (H. Garnier, 1902) não só o provou, como justificou plenamente os seus confrades que o fizeram academico antes de ser autor. Elle é hoje a mais legitima esperança da litteratura brazileira, e já um dos seus grandes nomes.

Silvino do Amaral, tambem bacharel em direito é o mais novo dos cinco. Nasceu no Ceará em 1872.

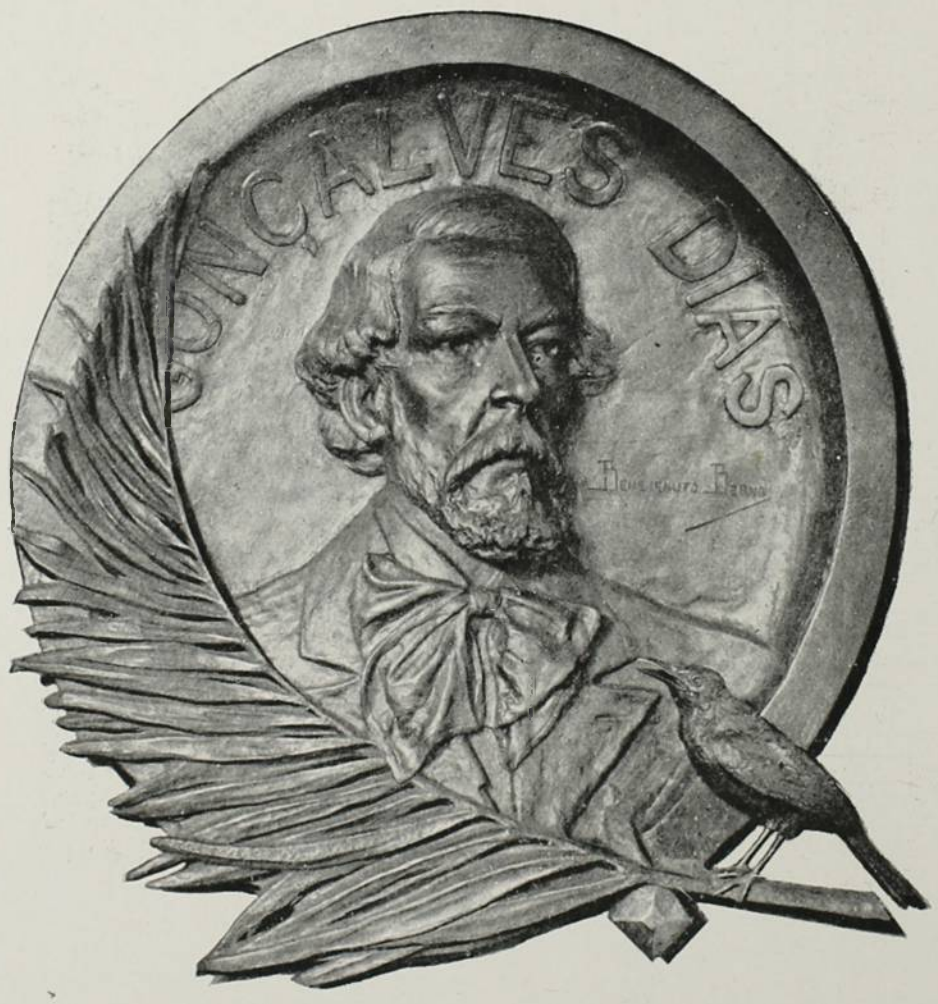
O seu primeiro livro é uma estréa das mais auspiciosas. E' uma obra, volumosa e bem feita, um livro de estudo e reflexão, sobre o celebre philosopho, jurista e diplomata, Hugo de Grotius, uma das grandes, e mais significativas figuras do seculo XVI: *Ensaios sobre a vida e obras de Groot*, (H. Garnier, 1903). Póde-se francamente admirar neste grosso e

interessante volume o talento de composição do jovem escriptor que com elle iniciou a sua carreira literaria, qualidade pouco vulgar entre nós, onde os livros são geralmente mal compostos.

O Sr. Domicio da Gama, da provincia do Rio de Janeiro, e de 1862, é um espirito muito literario, e é ao mesmo tempo um espirito muito diplomatico. Tem de ambos a finura, a delicadeza, o bom gosto, a discrição que se reflectem tanto na sua obra de escriptor, escassa ainda, mais distincta, como nas suas relações sociaes e officiaes. Como escriptor elle é principalmente um psychologo e um moralista, qualidades que quadram excellentemente a um diplomata. A sua obra em volume é pequena, um livro de contos, *Historias curtas*, mas esses contos são dos melhores da nossa literatura. Informam-nos, porem, que elle tem, em materia publicada em jornaes e revistas, e inedita, para mais de tres volumes. E' um escriptor de repouso, sem affan de publicidade e difficil para si mesmo: tudo signaes de distincção.

Pertence tambem á Academia.

V.



Medalhão em bronze existente no edificio da Associação dos Empregados no Commercio

ESCULPTURA DE BENEVENUTO BERNA — Fundido nesta Capital

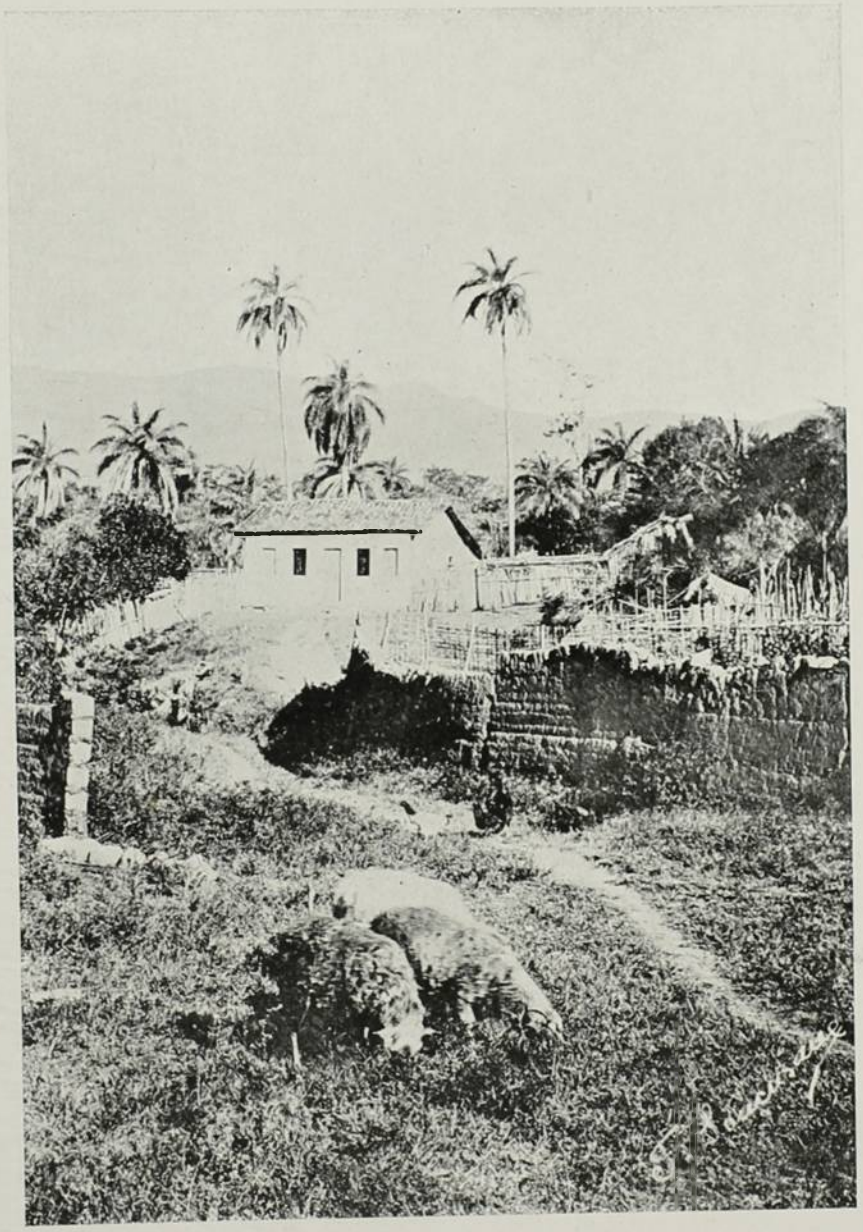
BELLO HORIZONTE

ERA em 1894 um logarejo humilde, um arraial desconhecido, de esconsas taperas de pau a pique e uma pouca de casas de taipa e adobe, cortado de carreiros sinuosos, a que chamavam ruas por um modo vicioso de denominar as cousas e onde a herva medrava livremente e o gado miudo pascia á lei do bom Deus.

Tivera outr'ora, sob o regimen colonial, seus tempos, sinão de opulencia, ao menos de confortavel abastança.

A metropole, tributando em proveito do erario real as riquezas que a colonia produzia, não fazia questão da especie do pagamento; e o dizimo do gado, o tributo sobre as boiadas numerosas e fartas que desciam do norte da capitania e das terras de Goyaz para o territorio das *Minas* e para o Rio de Janeiro, era indifferentemente cobrado em dinheiro ou em bois. Nesses tempos, em que o Brazil matava com ouro a séde da metropole, não se fazia cabedal de imposto em dinheiro esterlino.

Era em outro villarejo adiante, legua e pico distante do velho arraial, que se fazia a contagem do gado que descia e se apartava, em boas rezes, o dizimo real; e dessa povoação, que ainda guarda o nome de Contagem, ou melhor, Contagem das Aboboras — por distinguil-a de outras Contagens que o fisco colonial semeara pelo territorio mineiro —vinha então o gado separado para as invernadas da corôa, situadas no local onde de futuro se havia de erigir a nova capital do Estado de Minas. O arraial ficou assim denominado Curral d'El-Rey ; e si o nome não era gracioso nem de molde a lisonjear o orgulho dos habitantes, os proventos deixados pela estação do fisco compensavam bastante, em bens para o logar, o desaire do appellido.



CURRAL D'EL-REY—UMA FACE DO LARGO DA MATRIZ

Da prosperidade passada de Curral d'El-Rey falla ainda hoje a vetusta matriz, de linhas pesadas e feias, mas em cujo interior resalta a opulencia antiga nos dourados magnificos, nos restos do mobiliario, nos entalhamentos do altar, onde se sente, na opinião competente de Arthur Azevedo, a goiva do *Aleijadinho*; fallam as tradições, a lembrança de pompas desfeitas, a reminiscencia de artistas e operarios habeis, que lá viveram, considerados e contentes. Honorio Esteves, um bello artista que se fez esquecer na modorra de Ouro Preto, possue um relogio, fabricado em Curral d'El-Rey no seculo XVIII, em que se vê gravada a data do fabrico e a curiosa legenda do relojoeiro — *Manuel da Infelicidade* ; e ainda em 1894 existia no adro da egreja um quadrante solar, muito bem feito em pedra sabão por um artifice «curraleiro», e retirado, não se sabe para onde, pela commissão constructora da nova capital.

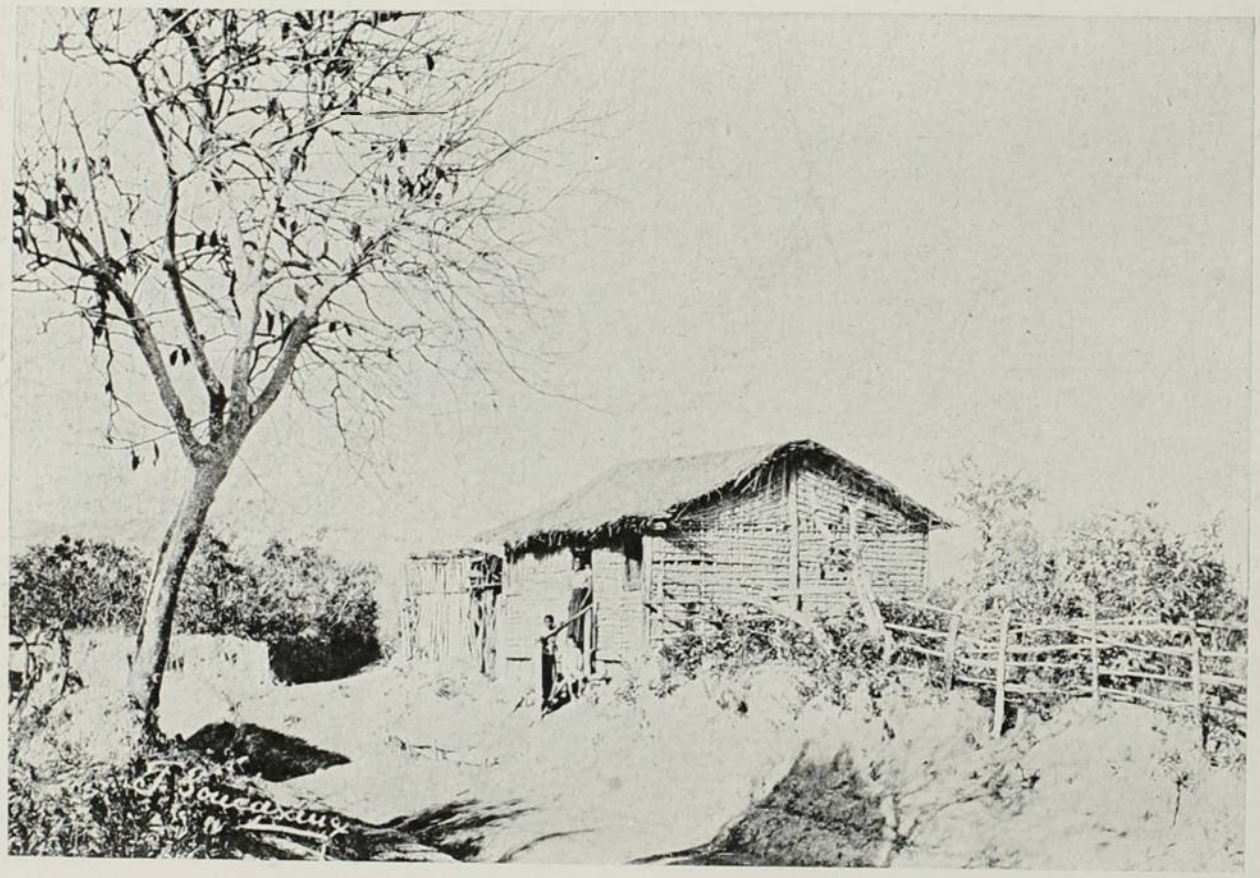
O regimen colonial, porém, desappareceu e com elle a idade de ouro de Curral d'El-Rey. O arraial veiu de decadencia em decadencia; já não era, por ultimo, sinão uma ruina que apenas se mantinha de pé por effeito da primitiva resistencia. Dos esplendores passados só lhe ficara o que a natureza déra prodigamente: o clima incomparavel, portador de vida e de força, a paizagem formosa e clara, de uma suggestiva belleza, e os soberbos occasos, origem feliz da denominação actual e envaidecimento, ainda agora, de Bello Horizonte.

... A Republica surgiu em Minas em 1889 com uma ideia feita —a da mudança da capital, ideia que Alexandre Stockler evangelisara tenaz e ardentemente na imprensa, que tivera já em tempos do Imperio um convencido paladino na assembléa provincial—o padre Paraizo e que no momento se avigorava talvez com o apodo de *sebastianista* atirado a Ouro Preto. João Pinheiro, que succedera a Cesario Alvim no governo provisorio do Estado, voltou olhos para o velho arraial, o qual, afóra as excellentes condições locaes, constituira nas derradeiras épocas da propaganda um forte nucleo republicano, e, resolvido a mudar dictatorialmente a séde do governo, mandou proceder a estudos em Curral d'El-Rey. Esses estudos, todo favoraveis á localidade, feitos pelo engenheiro Herculano Penna, não alcançaram mais no poder a João Pinheiro e Augusto de Lima, ultimo governador provisorio, hesitou, diante da opposição levantada em Ouro Preto, em assumir a responsabilidade da mudança. O decreto não foi assignado.

Mas nem por isso a ideia cahira. Augusto de Lima a consignava na mensagem á Constituinte mineira e a Constituição do Estado, promulgada a 15 de Junho de 1891, consagrava-lhe o triumpho com a disposição expressa da construcção da capital nova, mau grado a resistencia energica dos ouro-pretanos e dos retardatarios. Na sessão subsequente, o Congresso ordinario determinou, a 28 de Outubro, os pontos a estudar para a fundação da futura cidade e dois annos depois, reunido em Barbacena e de posse dos estudos feitos, designava definitivamente, a 17 de Dezembro de 1895, para assentamento da Nova Capital o

antigo Curral d'El-Rey, chrismado no decurso da campanha em—Bello Horizonte—em virtude de representação dos habitantes á Camara de Sabará, a cujo municipio pertencia.

Não fora sem lucta a conquista. Os adversarios da mudança da capital, antes de tudo os de Ouro Preto, ciosos da sua cidade, cujas gloriosas tradições lhes parecia constituir em intangivel direito á perpetua chefia da terra mineira, buscavam desforrar-se da primeira derrota na Constituinte, burlando a disposição constitucional, desde que não podiam revogal-a. Das localidades estudadas, Paraúna, Barbacena e Juiz de Fóra tinham sido desde logo postas de parte e duas se defrontavam afinal em poderosa rivalidade, equilibrando-se em meritos e defensores, disputando apaixonadamente a preferencia e o dominio—Bello Horizonte e Varzea do Marçal. Esta, preferida pela commissão de estudos chefiada por Aarão Reis, offerecia mais promptas facilidades á fundação, a sua proximidade de S. João d'El-Rey, de que era um prolongamento, dava-lhe



CURRAL D'EL-REY—CASA DA RUA DA BOA VISTA

valiosos elementos, constituia-a desde logo um foco pujante de onde irradiaria rapidamente a vida e o progresso; em Bello Horizonte precisava fazer taboa raza de tudo, era, mais do que uma cidade a construir, uma vida nova a crear. Escolher Varzea do Marçal seria, para elles, a certeza da mudança da capital; designar Bello Horisonte era a convicção de que a cidade não se faria em quatro annos, annullando todos os esforços com a caducidade da lei e o effeito moral do desastre: os resistentes se declararam por Bello Horizonte.

No Congresso, o pleito chegara ao momento decisivo. No dia da votação as duas forças se equivaliam rigorosamente: o empate parecia fatal. Mas ao começar a chamada, viram entrar alguem carregado em uma poltrona: era um senador partidario de Ouro Preto, velho, alquebrado, enfermo, quasi a morrer, que havia muito não comparecia e que viera em braços para dar o seu voto.—*Bello Horizonte!* respondeu elle quando o chamaram nominalmente; e esse voto decidiu da victoria.

Fallecia pouco tempo depois.

A velha capital, essa recebia entre alegrias e festas a noticia da escolha de Bello Horizonte, certa de que a nova cidade já não era mais do que uma fantasia...

—

Mas a fantasia appareceu ao fim de quatro annos, viva, palpitante, dominadora. Dera-lhe alma e corpo a vontade intelligente e forte de um homem de governo—Affonso Penna e a elevada competencia de dois profissionaes—Aarão Reis, que traçara os admiraveis planos de Bello Horizonte, e Francisco Bicalho, que construiu a cidade. O milagre se realisara.

Ninguem que conhecesse o logarejo humilde, sombra da antiga e abastada invernia dos gados realengos, reconhecel-o-ia agora na cidade elegante que se lhe desenrola—ao chegar, viajante moderno, em trem de ferro—deante dos olhos, abrindo preguiçosamente, como a um leque de exquisitas pinturas, a risonha perspectiva do seu casario polychromico a eflorar d'entre a verdura das arborisações e dos pomares. Debalde alongaria os olhos buscando a capellinha rustica, meio arruinada pelo tempo, no outeiro em que se erige, dominando a cidade, a secretaria de Agricultura; em vão procuraria os vestigios das tapéras da rua da Boa Vista em meio das aléas e jardins da avenida da Liberdade; rebuscaria embalde no praino de onde emergem os telhados vermelhos do bairro dos Funccionarios o trilho da rua do Capão e do caminho da Lagôa Secca.., Tudo mudou.

Estamos deante de uma cidade moderna, possuindo a ultima palavra em canalisações, em electricidade, em arborisação, em hygiene, em organisação administrativa, em summa, não tendo um serviço que não seja regulamentado, nem um regulamento que não seja cumprido. O «Não póde!», que o Rio de Janeiro parecia ter inscripto como divisa, não teve em Bello Horizonte fóros de cidade.

Essa capital modelo, que alguem já lembrou para séde da Republica, custou a Minas trinta e tres mil contos, quasi quanto custará a Avenida Central.

A' conta d'esse dispendio não falta quem lance as difficuldades financeiras do Estado de Minas, esquecidos de que a mesma hora de amargura torturou toda a vida nacional e que nenhum outro tirou do seu soffrimento fundação semelhante. «Os senhores fizeram mais do que nós, disse Page Bryan em visita a Bello Horizonte; nos Estados Unidos fazemos cidades em tres mezes, mas de madeira, e os senhores fizeram esta de pedra e tijolo.»

Mas a obra civilisadora não apagou a feição pittoresca, o encanto sertanejo d'aquelles sitios bem fadados. São as mesmas as madrugadas claras, de limpidez immaculada, que nos levam ao passeio tonificante sem o arrepio friorento da bruma de Petropolis; são as mesmas as noites transparentes e constelladas, em que a terra, pontilhada de fogo pelas lampadas electricas, dá a visão, olhada de alto, de um lençol d'agua tranquilla onde se espelham trechos das luminarias do ceu...



BELLO HORIZONTE—AVENIDA DA LIBERDADE

Do carro de aluguer, que contorna os relvados da praça do palacio, vemos, espraiando os olhos pela varzea do Calafate ou fixando a ermidinha branca que se recorta ao longe sobre o perfil alteroso da serra da Piedade, que é a mesma terra acolhedora, o mesmo sertão brazileiro que nos guarda amorosamente á distancia.

Deste lado, seguindo o caminho largamente avivado de flores da quaresma e accacias imperiaes, inclina-se a verde encosta da serra do Curral. Ha alli, a poucos kilometros, caça abundantes e varia para os que gostam de atirar e bater os mattos. E não lhe faltam sitios para convescotes alegres: si não quizermos subir até o pico da serra, de onde a vista avassala cinco cidades, acharemos em baixo, onde o crystallino veio do Serra corta o caminho, o logar desejado. Encontra-se lá, a qualquer hora do dia, em um reconcavo da matta, sombra e frescura. E no aconchego da merenda de campo, tendo ao lado o murmurio discreto e o doce refrigerio do corrego, ver-se-á desfilar os sertanejos, os tropeiros que passam, cantarolando, para Morro Velho—o povoado do ouro—na clareira aberta na estrada, em cujo solo o verão a pino põe manchas fulgurantes e onde as borboletas de grandes azas douradas voltejam e as cigarras, bebedas de claridade, cantam ao sol...

Lindolpho Azevedo.

N.—As photographias reproduzidas aqui, devido á gentileza do sr. F. Soucasaux, de Bello Horizonte, pertencem ao magnifico *Album do Estado de Minas*, confeccionado pelo operoso artista, com a collaboração litteraria de Augusto de Lima, e para cuja publicação votou a Camara do Estado um auxilio dependente apenas da approvação do Senado Mineiro

O "EX-LIBRIS" E O EMBLEMA DA BIBLIOTHECA NACIONAL

A Bibliotheca Nacional acaba de mandar abrir em madeira o seu *ex-libris*, e tambem o seu emblema, para com elles marcar os volumes das numerosas e ricas collecções que possue. Um e outro estampa em suas paginas o *Kósmos* de hoje.



Dos desenhos foi autor o sr. Elyseu Visconti, nosso conhecido artista; da gravura encarregou-se o sr. Cattaneo.

Nas obras do fundo mais antigo da nossa livraria publica, quer dizer, nas que foram parte da bibliotheca real portugueza, depois nucleo d'aquella, não se vê nunca por signal de propriedade outra marca que não seja o carimbo impresso, com variantes de desenho e a lettra *Da Real Bibliotheca*. Nos que, de proveniencia estranha, nella depois se encorporaram, nesses sim, algumas vezes se nos depara o simples rotulo sem tarja, ou com tarja singela, e o nome do possuidor do livro. De *ex-libris* artisticos, gravados, pequeno é o numero que ali se nota; a todos, porém, excedem no merecimento os que para o bibliophilo lusitano Diogo Barbosa Machado abriu em cobre o gravador flamengo Francisco Harrewyn, que os fez em Lisboa, onde então trabalhava, no anno de 1730.

Constituida a Bibliotheca Nacional, conservou ella o mesmo uso do carimbo. Nada mais natural, desde que só se tratava de uma utilidade; apenas se cogitava de estabelecer uma garantia, e para garantia dessa especie nenhum meio melhor do que esse.

Comtudo, a utilidade não é inimiga do bom gosto: podem coexistir juntos; d'ahi o entender-se, e muito bem, que a exemplo de outras bibliothecas, e do que praticam muitos particulares, tambem a nossa tinha direito ao seu emblema e *ex-libris*.

O *ex-libris* escolhido filia-se ao chamado genero allegorico. Entre os estylos fixados pelos autores, notadamente os inglezes, que tem levado ao apuro o estudo d'esse ramusculo da biblio-iconographia, nenhum foi considerado como esse com tanta propriedade. Uns, archaicos, seriam por isso mesmo pretenciosos; outros não se adaptariam por graciosos e demasiado leves. Melhor seria o classicismo; mas classicismo *modernizado*, si nos permittem a expressão.

Mas analysemos as nossas reproducções.

A Bibliographia, que ainda não teve até hoje, que o saibamos, o seu logar na Iconologia, foi representada pelo artista sob a fórma de uma mulher. Não lhe cobre o corpo a classica tunica, mas desataviadas vestes communs. A sua attitude é a da meditação: distrahidamente folheia o volume que lhe está proximo, e não tem consciencia, parece, de que tem na mão a penna com que naturalmente se aprestava para escrever. Rodeiam-n'a os livros: são os vehiculos das ideas, os instrumentos do estudo.

A nossa nacionalidade ahi se affirma physica e politicamente. Vemol-a na configuração da nossa terra, a salientar-se por traços parallelos, sobre o globo terrestre, de entre as demais da Sul America. Vemol-a ainda na estrella que figura ao alto, a brilhar intensamente. Circumdando o globo, um crescente com o distico da Bibliotheca.

Concorrendo com o distico poderia apparecer qualquer mote ou divisa. Mas é da natureza d'esta exprimir tendencias, paixões, aptidões; tem, pois, uma feição pessoal, que não combinaria muito com o caracter impessoal de uma repartição publica. Assim foi melhor só se ler o titulo da Bibliotheca. E' simples e severo. A severidade nesse caso tem a sua razão de ser.

Grande parte dos mesmos motivos diversamente se congregam para a formação do emblema. Notamos demais, unindo-os e pondo-os de harmonia, ramos entretecidos de passiflora; as hastes mais fortes entrelaçam-se para dar as iniciaes N B em monogramma.

Não se dirá que é este o primeiro *ex-libris* ideado, desenhado e gravado no Brasil. De um sabemos nessas condições, anterior ao da Bibliotheca: é o de um artista que entre nós vive, o Sr. Bertrand Childe. D'elle tem a Bibliotheca um exemplar, que o mesmo lhe doou. Esse, porém, é do estylo hieroglyphico.

Assim, poderia ser o nosso quando muito o segundo; mas isso mesmo não temos elementos para affirmar. Em todo o caso o que se não póde negar é ser elle um dos primeiros. De outro tambem temos noticia, e mesmo já o vimos, mas esse cremos foi feito na Europa: é o do Sr. barão do Rio Branco.

E só. De mais não sabemos. A iniciativa de agora virá—quem sabe?—lembrar ás instituições do mesmo genero a conveniencia de seguirem egual rumo.

Os particulares, e os ha, que têm a paixão dos livros e são donos de boas bibliothecas certo não deixariam de acompanhar exemplo tão animador.

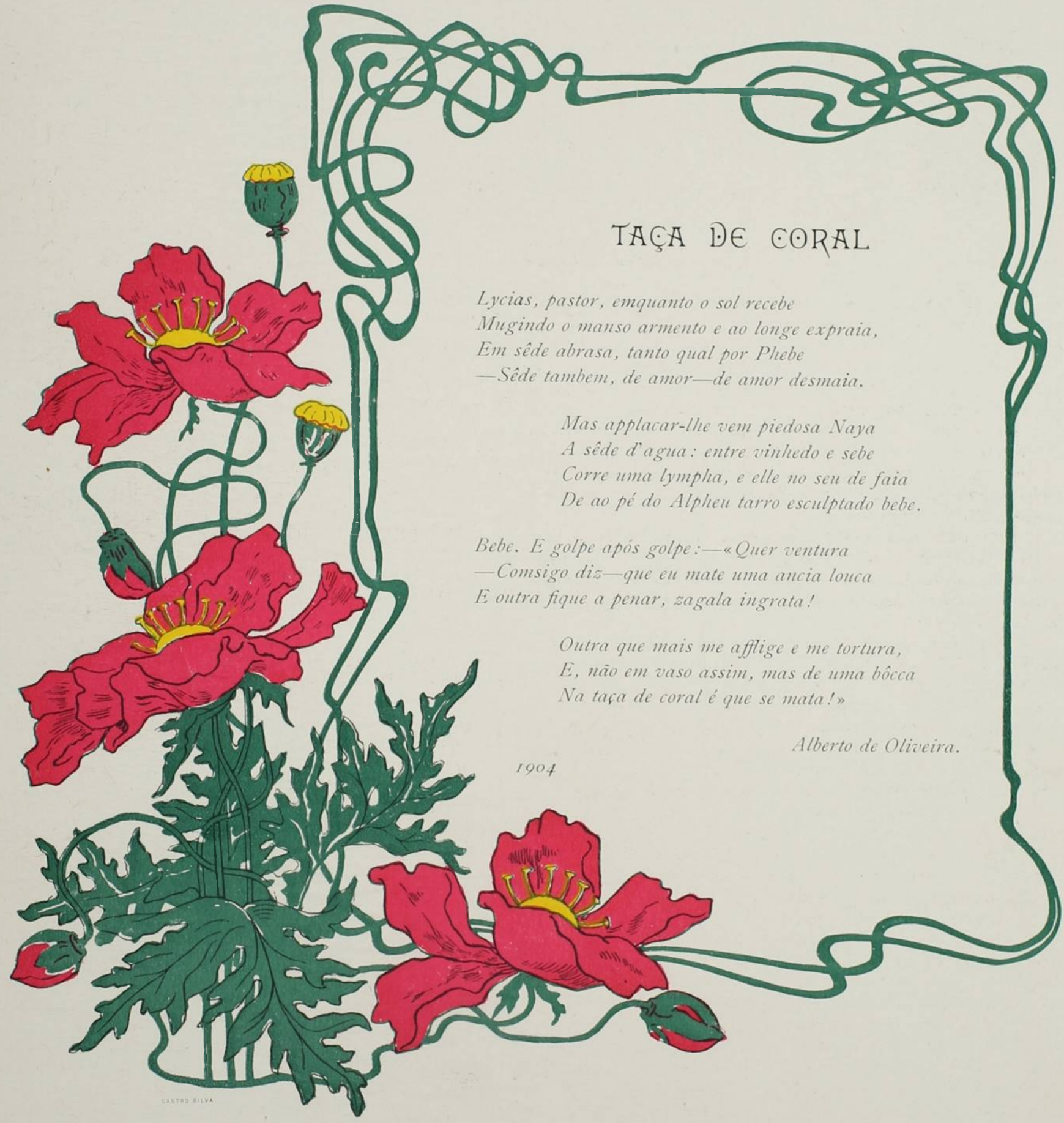


Quasi não ha entre nós, manda a verdade dizer, quem cultive nos seus processos mais puros, e com brilhantismo, a difficil e nobre arte de gravura. E que ainda menos haverá quem tenha formado o gosto no estudo e contemplação dos innumeraveis modelos, que de seu saber e inspiração deixaram nesse particular mestres dos mais afamados, dil-o com toda a eloquencia dos algarismos a pequenissima frequencia que tem a secção de estampas da Bibliotheca, aliás a unica collecção publica d'esta cidade. Mas apezar d'isso não haja receio que nos faltem artistas, quando não faltar trabalho. Elles virão; surge o estimulo onde houver recompensa do esforço. Quem nos dirá si ainda não poderemos em nossos dias, após largos decennios de interrupção, ver continuada em nosso paiz aquella época do começo do seculo passado, tão fecunda e gloriosa para a nossa historia, na qual recebeu o Rio de Janeiro em seu seio, vindos da metropole, os seus primeiros gravadores?

Quem agora se collocasse em espirito naquelle tempo, certamente diria que se fundava então no Brasil a sua escola de gravura; haveria de dizer que no pequeno grupo homogeneo, Rivara, Eloy Casado, José Joaquim de Souza e outros, todos mais ou menos inspirados em Bartolozzi, não seria erro contar os primeiros mestres da nova arte introduzida no Brasil. Infelizmente assim não foi; esses mestres desappareceram e d'elles não ficaram discipulos. A gravura quasi só foi applicada ás necessidades do commercio e da industria. Breve sómente imperava a lithographia como suprema manifestação da arte. Com ella se fazia o retrato e o jornal illustrado; com ella se memoravam os episodios mais alevantados da nossa historia.

Devemos desesperar de ver um dia a gravura, entre nós, collocada no seu mais nobre papel, o de mais distincto meio de reproducção, o de auxiliar, de substituto da pintura? Certamente que não; os factos nos vão dizendo. E para terminar estas poucas linhas, não nos esqueçamos, os que por essas cousas tomamos interesse, as palavras erigidas como mote no seu *ex-libris* pelo grande artista Alma Tadema: *As the sun colours Flowers, so Art colours Life.*

Aurelio Lopes



TAÇA DE CORAL

Lycias, pastor, emquanto o sol recebe
Mugindo o manso armento e ao longe expraia,
Em sêde abrasa, tanto qual por Phebe
—Sêde tambem, de amor—de amor desmaia.

Mas applacar-lhe vem piedosa Naya
A sêde d'agua: entre vinhedo e sebe
Corre uma lympha, e elle no seu de faia
De ao pé do Alpheu tarro esculptado bebe.

Bebe. E golpe após golpe:—«Quer ventura
—Comsigo diz—que eu mate uma ancia louca
E outra fique a penar, zagala ingrata!

Outra que mais me afflige e me tortura,
E, não em vaso assim, mas de uma bôcca
Na taça de coral é que se mata!»

Alberto de Oliveira.

1904

CASTRO SILVA

TINTAS FORNECIDAS POR AUGUSTO NIKLAUS & C.

OFFICINA TYPOGRAPHICA DE

J. SCHMIDT

IMPRESSÕES ARTISTICAS, TRABALHOS

COMMERCIAES, CATALOGOS ILLUSTRADOS,

CARTÕES POSTAES COM VISTAS ETC.

24, RUA DA ALFANDEGA, 24

* * * * * RIO DE JANEIRO * * * * *



YUMOTO

De um album do Exmo. Snr. Encarregado dos Negocios do Japão

O DRAMA DO ORIENTE

I

PROXIMO ás costas orientaes do continente asiatico, colleando, como uma enorme serpente, entre a peninsula russa de Kamtchatka e a ilha da Formosa, estende-se o grande imperio de Nippon, o imperio do Sol Nascente; grande, não pela extensão territorial, mas pela dilatada duração, a legendaria existencia, a mysteriosa complexidade da alma do povo que o habita, a tempestuosa effervescencia da sua vida interna e, sobretudo, o surto imprevisto com que nos ultimos annos surprehendeu a Europa e o mundo numa affirmação brusca de poder e energia.

Começou-se então a admirar, talvez mesmo a receiar, a rara aptidão daquella forte raça para apropriar-se da civilisação occidental que lhe era tão extranha ha pouco mais de trinta annos, assimilando-a sem perda do seu caracter e feição nacionaes.

Habitando, ha tão longos seculos, um paiz em que a montanha e o mar são os caracteristicos da paisagem—a montanha, que habitua aos longos descortinos, ao mesmo tempo que obriga ao esforço e robustece os corpos; o mar, que dá a impressão do infinito, retempera o espirito, convida ás vastas emprezas e é um estimulo ás acções temerarias, não deve surprehender que, ao influxo de uma civilisação superior, a alma desse povo, acostumado a prestar aos seus heróes o culto devido aos deuses, vibrasse com uma energia nova e irreprimivel.

Não é aqui o logar nem haveria espaço para, mesmo em rapido esboço, traçar o quadro da historia japoneza; acompanhar, através de tão dilatados seculos, a vida accidentada da nacionalidade, sob tantos aspectos curiosa e original, que neste momento é objecto da attenção universal e motivo da justa anciedade das nações preponderantes da Europa e Asia; não se faz em meia duzia de linhas a psychologia de um povo, ainda mesmo admittindo que esse objectivo seja realisavel.

A transformação radical por que passou o Japão em seguida á revolução de 1868, data em que verdadeiramente começa o periodo moderno da sua historia, impressiona sobretudo pelo confronto com o estado politico e social de outras nações asiaticas, a India e a China em particular, as quaes havendo occupado no Oriente uma situação de maior importancia, soffrendo, desde época muito mais remota, a acção directa da influencia européa, a ella se mostraram sempre refractarias, mantendo, depois como antes do contacto europeu, pela força secular da inercia, os mesmos costumes, as mesmas aspirações negativas, os mesmos estreitos ideiaes politicos, a mesma indifferença e despreoccupação por tudo quanto tivesse por fim affirmar e propagar a cultura propria e exercer no continente de que fazem parte e em que tão grande espaço occupam, a legitima preponderancia a que se deviam julgar com direito pela autoridade da historia, das tradições, da extensão do proselytismo religioso e de uma civilisação que acreditam não admittir confronto, em brilho e elevação moral, com a do Occidente.

Com o Japão não succede o mesmo: o caracter nacional não admitte nem comprehende a apathia; antes mesmo do seu actual resurgimento, eram os japonezes, no meio em que viviam e com os elementos de que dispunham, um povo de alta cultura relativa, de grande espirito civico, de intelligente e elevada politica, de uma intuição original do bello que se revela principalmente nas artes decorativas, cultivadas com inexcedivel mestria.

A veneração religiosa que lhes inspira a pessoa do Mikado, da familia dos deuses nacionaes, dá ao povo, nas grandes crises, uma cohesão que o sentimento do patriotismo, levado até a ferocidade, torna indestructivel; essa cohesão é tanto mais resistente quanto em nenhum outro povo, quaesquer que sejam as mudanças que a sua nova comprehensão do papel que lhe convém desempenhar modernamente no mundo, tenha imprimido ao seu caracter, se encontra mais aferrado apêgo ás velhas tradições, ás lendas, ás vezes bem estravagantes, da sua primitiva historia e da sua absurda religião nacional, aos seus heroes fabulosos ou reaes.

Acceitando os novos apparelhos de civilisação de que a Europa lhe deu conhecimento, não os apropriou servilmente, fez elle proprio a sua aprendizagem, adaptou-os ás condições especiaes da sua vida publica, e moldou-os segundo as exigencias da indole nacional e as conveniencias da acção interna e externa que os seus novos ideiaes lhe aconselham ou impõem.

Preparado por uma forte organisação interior de que a subordinação é um dos principaes elementos, disseminada a instrucção, constituidos os seus exercitos á feição européa, com uma superioridade de espirito militar e disciplina, de que a campanha de 1894 contra a China deu uma demonstração eloquente, dispondo de numerosa esquadra e de uma maruja fanatica pelas glorias nacionaes, rejuvenescido, exuberante de vida, sentindo-se capaz de grandes coisas, vai assumindo o Japão, desde a sua victoriosa investida contra o vetusto Imperio do Meio, a hegemonia das nações autonomas do Oriente.

Como se affirmará na pratica essa preeminencia? De que natureza serão os designios que impellem os triumphadores da China a intervir nas questões do continente com o vigor e energia que têm revelado, proprios de quem affirma uma autoridade sem contraste, e exige que a reconheçam e a ella se sujeitem?

Difficil é responder a estas questões, tratando-se de um povo que, por indole e por conveniencia, sabe, com habilidade sem igual, dissimular para surprehender o adversario e esmaga-lo depois com a impetuosidade e imprevisto do ataque.

Tudo, porém, faz crer que com os poderosos elementos que soube reunir, a sua forte esquadra, o seu numeroso e disciplinado exercito, a sua prosperidade commercial, as grandes reservas e recursos multiplos que lhe proporciona a sua avultada população de cincoenta milhões de almas vibrando unisonas, a rancorosa impaciencia com que contempla a acção dominadora do europeu no continente, o orgulho da raça que se considera superior e capaz de avassallar o mundo, e, sobre todas essas razões, o prestigio adquirido pelo nobre e heroico esforço com que, em tão curto prazo, menos do que a vida media do homem, conseguiu constituir-se numa das maiores potencias do seculo; tudo faz crer, digo, que ao grande Imperio do Oriente se afigura haver chegado o momento historico de iniciar a campanha da rehabilitação politica e social do vetusto e decahido continente asiatico.

Essa revindicação heroica não será um programma dos governos, mas é um impulso instinctivo e tambem consciente da raça; não se formúla em termos precisos, mas desenha-se na imaginação dos espiritos dirigentes como um quadro esplendido do futuro, em que o ideial se revela sob uma fórma sensivel; emquanto não é attingido, os esforços se apuram, multiplicam-se a actividade, a intelligencia, o afan, quasi se poderia dizer a impetuosidade, de

quem o suppõe, nas suas abusões patrioticas, realisavel com certeza e, talvez, proximo. Assim se explica a intensidade de labor, a anciedade com que, ha trinta e poucos annos, todas as forças vivas da nacionalidade são utilisadas sem se gastarem, antes parecendo que se revigoram na luta, em produzir o *maximum* possivel de poder efficiente; dir-se-ia, ao observar este imprevisto desprendimento de energias desconhecidas porque não eram aproveitadas, que a luz se fizera nos espiritos, que uma subita revelação, desvendando-lhes o segredo da força européa, do esplendor da civilisação occidental, lhes suggerira a idéa de utilisa-lo em seu proprio proveito, fazendo-o servir opportunamente contra a supremacia da raça usurpadora e detestada.

Mas um obstaculo formidavel se põe diante desta empreza de gigantes; é um colosso que do alto domina os continentes e contra o qual todo o esforço tem sido sempre impotente—a Russia. A alma heroica e enthusiastica dos filhos da velha Nipponia não se intimida nem hesita. A guerra é declarada, as legiões se abalam, os possantes couraçados fendem as ondas; é preciso vencer ou morrer.

II

Roble fabuloso cujas raizes se nutrem da seiva de dois mundos, e a cuja sombra se abrigam cento e quarenta milhões de homens, de raças e religiões differentes, mas unidos por incontrastavel sentimento de solidariedade nacional, a poderosa e dominadora terra dos «homens armados de Rus» vê hoje, varando as ondas dos mares orientaes, a serpente japoneza, colerica e mugidora, caminho do tronco gigante que intenta abalar ou desarraigar. O assalto será violento e glorioso; mas, até onde póde chegar a previsão humana, parece que ainda esta vez o esforço será perdido. Do Baltico ao Pacifico, do oceano Polar ao mar Caspio e ás fronteiras da China, por toda a vasta extensão da steppe, os ramos da arvore colossal continuarão a espalhar a sua sombra.

Basta folhear a historia.

Ainda nos tempos da barbárie, quando as immensas planicies do oriente da Europa e do norte da Asia eram percorridas pelos Scythas nomades, Slavos, Samoyedas, Yakoutes, quando não as habitavam povos cultos, nações organisadas, mas tribus errantes vivendo do saque e da pilhagem, foi ahi, nessas longinquas regiões selvagens e mysteriosas, que se fabricaram as primeiras catapultas que, utilisadas por elles proprios ou por outros povos d'elles oriundos ou por elles impellidos, deviam dar por terra com o mundo romano; dahi partiram, com a impetuosidade das avalanches e como que obedecendo a um impulso irresistivel, aquellas hordas innumeraveis que, servindo inconscientemente á causa da civilisação, sujeitaram as nações aviltadas e polluidas pelos vicios da decadencia romana, a uma longa e tragica purificação pelo sangue.

Dahi, uma completa renovação de todas as cousas, a lenta formação das nações modernas numa gestação laboriosa e fecunda que abrange todo o periodo da idade media.

Na Russia, aos Scythas succedem os Sarmatas; a estes, os Godos que fundam no IV seculo um imperio que se estende do Baltico ao mar Negro; aos Godos, os Hunos cuja dominação é rapida e se extingue no seculo V; entre o Baltico, o Volga e o mar Branco reinam os Finnezes que no seculo XIII são supplantados pelos Mongoes; onde hoje se encontram Pskov e Novgorod viviam os Slavos; os Varyags, povos da Scandinavia, ahi se installam no IX seculo. E' este o nucleo do Imperio Russo.

Em torno desta primeira cellula outras se agrupam; começa então um longo e admiravel processo de transformação, de differenciação e multiplicação da cellula primitiva, processo que ainda hoje dura, porque esse gigante está longe de haver completado a sua evolução; ha mais de mil annos que se desenvolve, mas a sua possança é ainda a do Hercules infante.

A séde do governo passa no decorrer dos seculos, de Novgorod para Kiev, de Kiev para Moscow, de Moscow para S. Petersburgo. Cada um desses estadíos é assignalado por expedições gloriosas, que levam cada vez mais longe a irradiação do poder central e contribuem para o progresso da cultura intellectual e moral.

A civilisação bysantina com o christianismo—a sua mais alta expressão—remodela os espiritos.

Si Vladimiro, o Clovis da Russia, abre essa estrada para o aperfeiçoamento moral, Yaroslav o Grande, o seu Carlos Magno, dá o primeiro codigo de leis.

Mas durante esse periodo da infancia da civilisação slava, uma crise terrivel ameaça-a de completa destruição; sobre essa aurora uma grande sombra se projecta.

Nas montanhas circumvizinhas do rio Amour, ao norte da Mandchuria, na China, no extremo oriente da Asia, vivia obscuramente uma tribu de pastores; no principio do seculo XIII appareceu entre elles, diz a lenda: «Um homem de gigantesca estatura, fronte larga, longa barba e notavel por sua bravura». Esse homem era Gengis-Khan. Arrebanhando todas as tribus circumvizinhas e as innumeraveis que vagavam na immensa steppe que ia percorrendo, o Nemrod asiatico apodera-se da China septentrional, conquista a Russia, invade a Polonia, a Hungria, a Bulgaria, a Servia e a Dalmacia, volta á Asia e funda o imperio colossal que se estendia dos Karpathos ao Pacifico, do oceano Arctico ao Himalaya; mais de dois seculos foram precisos para destrui-lo. Em 1480 Ahmed, ultimo Khan da grande Horda, succumbe na foz do Don, ao ataque de Ivan o Grande. Com a queda do dominio tartaro encerra-se a idade media moscovita.

A Siberia é conquistada aos indigenas por Irmak, chefe dos Cossacos; a região do Volga é incorporada ao imperio, a «terra russa» unificada, o poder absoluto, resultante da dominação tartara, consolidado, estabelecido o convivio com a Europa occidental.

O sol nascente já fecunda uma vasta extensão territorial e projecta a sua luz sobre uma raça cada vez mais poderosa.

A Russia, já então grande potencia asiatica, inicía a segunda parte da sua missão historica, e vai conquistar no Occidente a posição privilegiada que o seu destino lhe assegura.

No seculo XVII as suas relações com a Europa são frequentes e proveitosas; a cultura occidental melhora o seu estado social; o commercio progride, industrias varias se estabelecem, os livros santos são revistos segundo os textos gregos pelo patriarcha Nikone.

Continúa, entretanto, a luta secular pela integração da terra patria; depois de vinte e dois annos de combates os Estados Balticos, Livonia, Esthonia, Ingria, Carelia e parte da Finlandia ficam sujeitos ao dominio russo; o Kamtchatka, no extremo oriental da Asia, é annexado; Catharina 2ª conquista a Criméa; sob o mesmo reinado, a Lithuania e parte da Polonia são incorporadas ao imperio; a Russia prolonga as suas fronteiras por entre a Prussia e a Austria.

No principio do passado seculo, e em consequencia das campanhas napoleonicas, a sua posição na Europa é de incontestavel hegemonia, que ainda hoje se mantém.

O grão-ducado de Varsovia e a Finlandia vem ainda augmentar o seu poder. Arranca aos turcos a independencia da Grecia e completa a annexação da Polonia, a velha inimiga tradicional que, por divergencias de fé religiosa e ciumes de dominio politico, esquecera a origem commum e travara com os filhos de Rurik, seus irmãos, a lucta secular e sem treguas que devia terminar pelo seu proprio aniquillamento politico.

Em lucta com a Turquia, é a sua acção embaraçada pela França e a Inglaterra que temem o desenvolvimento assombroso do seu poder na Europa, e preferem ver a velha Bysancio, a Meca das nações slavas, em poder dos Musulmanos, a que se realise o ideial, ao mesmo tempo politico e religioso, que visa ornar a corôa dos Tsares com a aguia bicephala dos antigos Imperadores do Oriente. A batalha d'Alma e a queda de Sebastopol serviram para mostrar ao mundo que a opportunidade não era ainda chegada.

O Caucaso é definitivamente conquistado, o territorio do Amour annexado assim como o Turkestan.

Vinte e poucos annos depois da queda de Sebastopol, a Turquia vencida é desmembrada e obrigada a acceitar a libertação das nações de raça slava sob seu dominio: imposição logica e humana, partindo de um povo do mesmo sangue que havia por duzentos annos experimentado a tyrannia dos tartaros, e fôra o primeiro a sacudir o jugo.

Assim, em onze seculos, o diminuto principado de Moscovia se transformou no poderoso imperio cuja superficie é maior que o dobro da Europa, occupada por uma população numerosissima que cresce de mais de um milhão de almas por anno, num territorio homogeneo, tendendo ella propria á homogeneidade, apezar de, por estender-se sobre dois continentes, de cada um dos quaes abrange a maior superficie, conter em seu seio povos de raças e religiões differentes: e é exactamente o regimen autocratico contra o qual se revoltão certos espiritos liberaes mas pouco observadores, que levará a esse resultado, com a forte centralisação administrativa, que é a sua condição essencial.

Sem elle, esse prodigioso monumento do poder humano que se chama o Imperio Russo, inacabado ainda, cuja construcção ainda prosegue sob nossas vistas, e que seria absurdo admittir que está sendo erguido para não ser utilisado, ruiria sobre si mesmo. A sua mole cyclopica destaca-se no alto, ainda rude, ainda não desbastada pelo cinzel do artista: o trabalho sobrehumano fatiga os operarios: ha soffrimentos, desesperos, lagrimas, revoltas, que importa? E' o cimento da grandeza, é o prognostico da gloria futura, é o prenuncio de que a vasta obra de civilisação que tem de ser effectuada nos dois continentes que domina, será levada a cabo.

E' uma das tristes e mysteriosas contingencias a que obriga a imperfeição das cousas humanas, que todas as grandes construcções sociaes devam ser regadas com o pranto e o sangue de irmãos.

Para que Roma perdure é preciso que Remo succumba.

III

Si ha povos predestinados, si uma grande missão social e humana lhes está confiada, ao povo russo nenhuma parece mais adequada do que a de tomar o primeiro logar entre os que devem effectuar a transformação politica e social do continente asiatico. Occupando a maior superficie dos dois continentes, exercendo em ambos a preeminencia que lhe dá a sua força provada, o seu irresistivel poder de expansão, que a necessidade de garantir a segurança das suas fronteiras e razões economicas, historicas e até geologicas explicam: pela sua propria constituição ethnica para a qual contribuiram e continuarão a contribuir os dois continentes com as cellulas mais ricas do seu organismo: o povo em cujas veias se mesclárão o sangue scandinavo e o sangue tartaro, é no momento actual da historia o mais legitimo e natural intermediario das duas civilisações.

Uma parte da gloriosa tarefa já está desempenhada: e esse primeiro trabalho é a confirmação da missão social que lhe incumbe: o caminho atravessado pelas hordas tartaras no seculo XIII, juncado pela barbárie de cadaveres, assolações e ruinas, acaba de ser percorrido em sentido contrario pelas legiões civilisadoras da raça slava, a construir cidades, espalhar culturas, organisar e manter populações novas: o estandarte moscovita, emblemma da renovação prodigiosa que se vai operar, tremúla hoje nessa mesma Mandchuria, nessas mesmas montanhas do Amour, donde, ha setecentos annos, se arrojaram sobre a Europa, através da steppe infinita, com o odio nos corações, a ferocidade nas almas, olhos chammejantes de furor, as multidões sanguinarias de Gengis-khan.

A lucta que agora se inicia no Extremo-Oriente, o duello de gigantes a que o mundo começa a assistir temeroso da conflagração geral de que póde ser causa, é um episodio glorioso nesta marcha para o futuro: o arrojo heroico com que o Japão se põe diante do colosso que surge e caminha, póde deter-lhe por um momento os passos, mas terá de ceder fatalmente, porque elle representa a civilisação que não pára nem estaciona, que procura novos campos de acção: porque a Era Nova da Asia começa, e registar os seus fastos vai ser uma das grandes tarefas do seculo.

Para leva-la a cabo não quer collaboradores o forte imperio do Sol Nascente: elle só se julga bastante para essa empreza de Titans: essa collaboração é a de uma raça odiada pela preponderancia que já adquiriu e que é preciso annullar, porque o seu triumpho seria a destruição completa de todo o estado social das velhas nações orientaes, com as suas tradicções das mais remotas eras, as suas religiões, os seus mythos, a originalidade dos seus costumes nacionaes: seria, emfim, o aniquillamento da alma asiatica pelo Espirito do Mal que impera no Occidente. Dahi, a violencia, a impetuosidade, a energia feroz e indomavel da sua reacção.

A Russia tomou a dianteira: com ella enfrenta e espera esmaga-la: o seu furor seria o mesmo, a mesma a sua esperança, si outra qualquer nação occidental lhe oppuzesse os mesmos obices.

Mas terá de recuar, de ceder: será o primeiro povo do Oriente a completar a sua transformação, por ora toda superficial: a pasmosa energia que tem demonstrado será para isso o melhor instrumento, e acabará concorrendo para a obra do aperfeiçoamento social do continente em que ora se debate com o furor do velho crente que sente a alma agitada pelo clarão de uma nova fé, e não quer ser convertido.

O progresso é, porém, intransigente e implacavel: a conversão é fatal. O espirito christão que creou e desenvolveu a civilisação occidental, triumphará por fim da estagnação moral a que estão condemnadas tantas centenas de milhões de almas, educadas ha tantos seculos naquella enervante e sombria philosophia do desespero que se chama o budhismo, que impõe ao ser pensante e sensivel, como o ideial da perfeição, o aniquillamento intellectual e moral—o *nirvana*—, a destruição do proprio ser,

não pelo suicidio, não pela violencia, mas pela renuncia a toda ideia, a todo sentimento, de modo que, asphixiado pelo vacuo, possa fugir á fatalidade do mal que as transmigrações das almas e as existencias successivas perpetuam.

Nesse mar morto em que ha tão longos seculos vivem meio submersos milhões e milhões de homens, a civilisação do Occidente fará penetrar as marés vivas do Christianismo, não mais pela catechese de missionarios, pela predica, pela explanação de dogmas, por discussões theologicas, mas pela demonstração pratica, fecunda e persuasiva dos seus resultados.

E então, si no sub-solo da velha terra asiatica ainda vive a semente dessa civilisação pre-historica que uma lenda obscura nos representa como havendo attingido ao seu apogeu e illuminado o mundo com um esplendor nunca mais igualado, talvez que agora, sob a influencia de uma atmosphera profundamente modificada, ao calor de um novo sol, adubada pelas caudaes de sangue que terá de ser vertido, ella germine e fructifique com um vigor e exuberancia centuplicados por seculos de repouso e accumulação de humus e seiva, semelhante a esses grãos de trigo que sepultados ha tres mil annos nos sarcophagos das mumias do Egypto, confiados recentemente á terra occidental, brotaram do solo estranho, desabrocharam e curvaram-se ao peso das douradas espigas, como que annunciando ao mundo a era nova que começa.

Qualquer que seja o resultado do conflicto actual, a causa da civilisação triumphará por fim.

Assistimos ao primeiro acto do drama, si é que não estamos ouvindo o primeiro canto da epopéa do seculo.

J. C. de Mariz Carvalho

EQUAÇÃO MATHEMATICA

Na sciencia mathematica as noções de grandeza e de equação devem ser consideradas fundamentaes; a primeira, por sua plena generalidade, constitue o objecto constante da sciencia; e a segunda, pelo papel a si peculiar, é destinada a caracterisar a contextura geral da mesma sciencia.

E', portanto, manifesta a importancia capital do verdadeiro conceito da equação mathematica, que os mestres actualmente definem:—*a igualdade entre duas funcções abstractas das quantidades consideradas.*—Essa definição é profundamente erronea, como passamos a demonstrar.

A mais ligeira analyse evidenciará, de modo irrecusavel, que não existe relação de igualdade entre as funcções constitutivas de uma equação. Em primeiro logar, todo o problema capaz de solução nos revela a existencia de duas ou mais funcções distinctas, isto é, desiguaes, cujos valores coincidem, segundo as condições nelle consignadas. Tomemos para exemplo a equação da parabola, referida ao seu eixo e á tangente ao vertice, $y^2 = 2\,px$; a funcção y^2 é profundamente desigual da funcção $2\,px$, coincidindo apenas os valores resultantes, quando se attribue valores particulares a uma das variaveis x ou y. Mas, para que as funcções sejam consideradas iguaes, não é bastante que os seus valores coincidam em determinadas circumstancias; esse facto determinará, apenas, a equivalencia das mesmas funcções. As idéas de equivalencia e de igualdade em mathematica são perfeitamente definidas; não se confundem: um triangulo é equivalente a um rectangulo da mesma base e metade da altura; e ninguem pretenderá affirmar que o primeiro é igual ao segundo. Portanto, a equação $y^2 = 2\,px$ exprime a equivalencia das funcções differentes y^2 e $2\,px$, mas nunca a igualdade destas funcções. Generalisando, já poderiamos definir equação:—*a equivalencia entre duas funcções abstractas das quantidades consideradas.*

Mas, ainda assim modificada, essa definição não é appropriada ao definido. Nem sempre a traducção analyptica dos dados de um problema se apresenta sob a forma de equivalencia de duas funcções. Tomemos para exemplo o seguinte problema:—«*Dois* moveis M e N, partindo de pontos differentes, se deslocam de modo a approximar-se reciprocamente, com velocidades diversas; se procura saber em que ponto do trajecto terá logar o encontro»—Chamando a a distancia entre os pontos de partida, b a velocidade de M, c a de N, e P o ponto de encontro, será x o caminho percorrido pelo primeiro e y o percorrido pelo segundo $M \overset{x}{\text{———}} \overset{P}{\underset{a}{\text{———}}} \overset{y}{\text{———}} N$

Com os dados acima se obtem o systema das duas equações seguintes: $x+y=a$ e $\frac{x}{b} = \frac{y}{c}$. Ora, na primeira equação, o primeiro membro $(x+y)$ é uma funcção; mas, o segundo (a) (dadas as condições do problema) é uma constante. Daqui se conclue que nem sempre a equação é a equivalencia de duas funcções; pois que ella pode consistir na equivalencia entre uma funcção e uma quantidade constante.

Em vista do exposto, podemos definir equação:—a expressão da equivalencia de duas quantidades, uma das quaes pelo menos deve ser expressa por uma funcção.

Espirito Santo



AVENIDA DE CRYPTOMERIAS EM NIKKÔ KAIDÔ

De um album do Exmo. Snr. Encarregado dos Negocios do Japão

ESTADO DO PARANÁ

EXPOSIÇÃO PREPARATORIA DA DE S. LUIZ



Aspecto geral da praça, em Coritiba, no dia da inauguração

A exposição regional paranaense, preparatoria da de S. Luiz, foi inaugurada em 19 de Dezembro do anno findo, e deve ser conservada aberta até Março do corrente anno.

Compõe-se de 16 bellissimos pavilhões, de uma feitura artistica muito original.

Quasi todos os municipios do Estado acudiram ao appello da *Sociedade de Agricultura*, remettendo para esse certamen grande copia de productos de lavoura e industria.

A imprensa da Capital Federal e dos Estados, tem-se occupado largamente d'esse successo, que veiu pôr em evidencia as favoraveis condições de desenvolvimento em que se acha o Paraná,—a mais nova circumscripção da nossa Republica.

Vamos dar ligeira noticia dos productos expostos nos differentes pavilhões, e por onde se poderá avaliar o espirito progressista d'este povo do sul do Brasil.

Dos productos expostos, cerca de 15 mil foram remettidos para a Exposição de S. Luiz, acondicionados em 173 volumes, com um peso total de 6.162 kilogrammos.

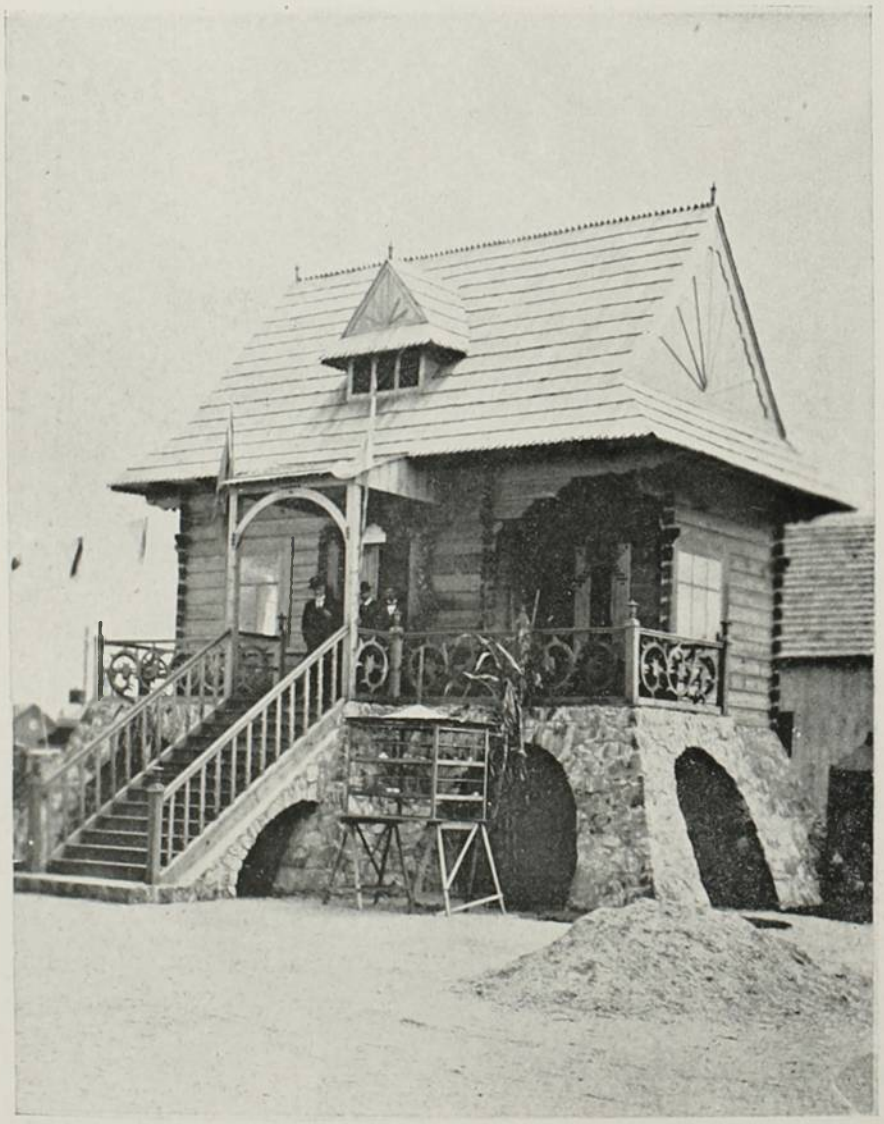
PAVILHÃO DE ENTRADA. *Municipio de Coritiba*—Riquissimas obras de marcenaria. Calçados e fôrmas que rivalisam com os melhores productos estrangeiros. Pinturas a oleo e aquarellas. Photographias. Tecidos, fios de seda, lã e algodão. Gravatas e espartilhos. Mappas topographicos.



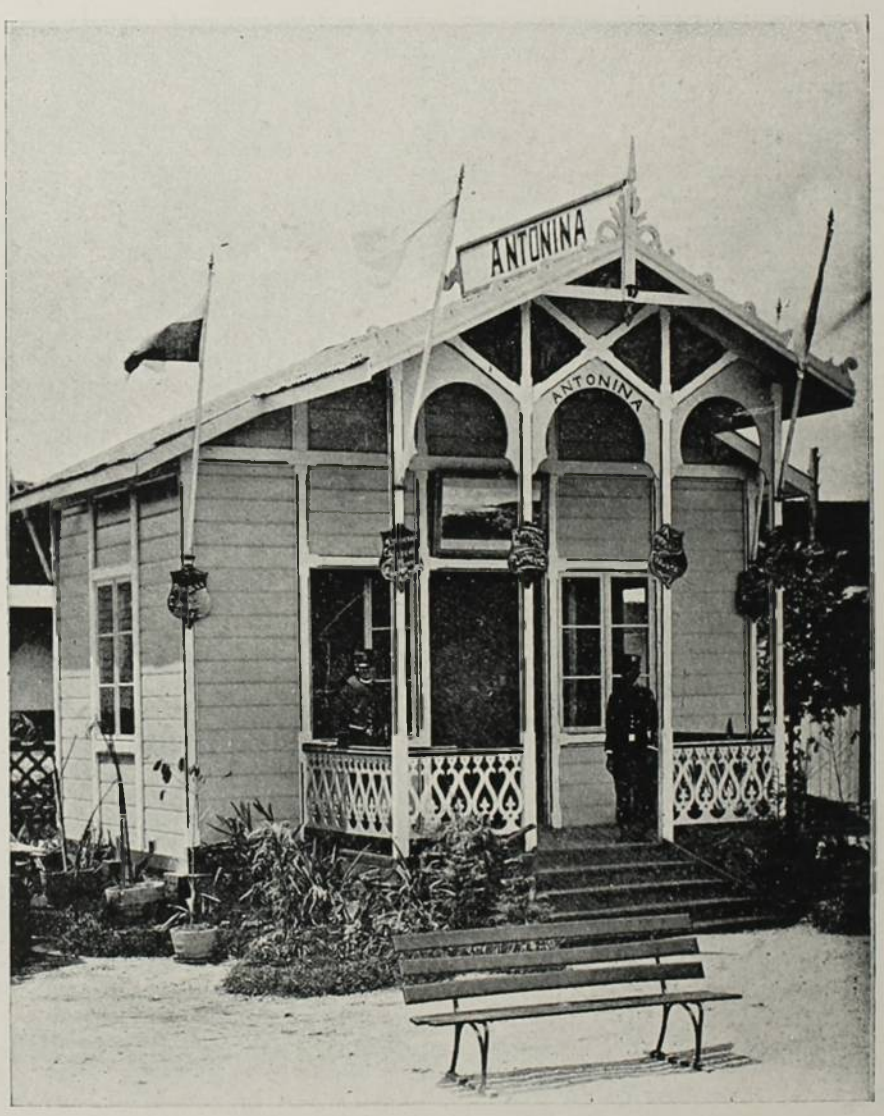
PAVILHÃO DE ENTRADA

Esculpturas. Bilhares. Chapéos. Carimbos de borracha. Louças de porcellana da villa Colombo. Instrumentos de musica.

Pavilhão Central. *Municipio de Coritiba* — Productos alcoolicos: licores, vinhos, cerveja, bitter, fernet, champagne etc., de diversos fabricantes. Productos de confeitaria. Sabonetes e vellas de stearina. Fumo em corda e em folha. Cigarros e charutos. Massas. Vassouras e escovas de todos os systemas. Pinturas decorativas. Collecções de insectos. Bichos de seda. Cultura da cevada, centeio, linho, trigo e alfafa. Colmeias e mel de abelha. Mudas de herva matte por sementes. Grande variedade horticula: alcachofra, espinafre, beterraba, cebola, rabanete, cenoura, batatas, etc. Morangos. Fructas de Europa, acclimatadas, e do Paiz: uvas de muitis-



PAVILHÃO POLACO



PAVILHÃO DE ANTONINA

simas variedades, pecegos, maçãs, marmellos, peras, ameixas. Conservas. Grande copia de amostras de feijão, milho e arroz. Farinhas. Amidon. Cutilaria. Cortume. Phosphoros.

Pavilhão de Paranaguá.—Productos do littoral: arroz, feijão, farinha de mandioca e polvilho. Abacaxis, bananas e laranjas. Conserva. Instrumentos de pesca e de lavoura. Grande collecção de madeiras de lei. Phosphoros. Orchideas. Cepas. Variedades de plantas da marinha. Fibras. Cordoaria.

Correio e Telegraphos.—Installações apropriadas para agencia postal e telegraphica. Venda de cartões postaes da Exposição e de sellos.

Pavilhão de Antonina.—Amostras de manganez, turfa, madeiras, kaolim. Farinhas de mandioca e de banana. Fructas. Conservas de peixe. Vellas e sabão. Variedades de arroz em casca e pilado. Fibras.

Castro.—Laticinios. Plantas medicinaes. Vellas de cera. Mineraes. Madeiras. Industria pecuaria.

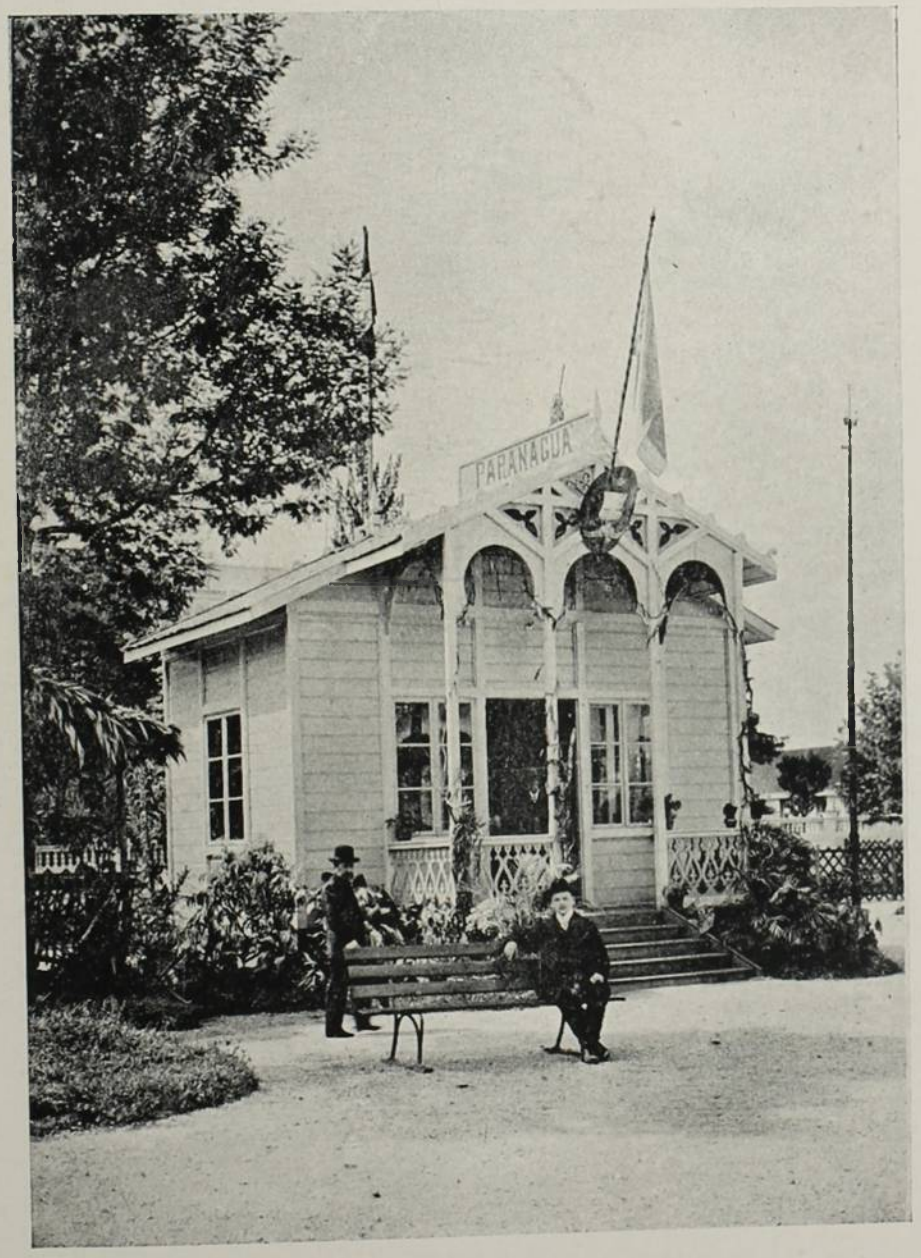
Ponta Grossa.—Carvão de pedra, ferro, cobre. Madeiras. Plantas medicinaes. Industria pastoril, laticinios. Crystaes de rocha e diversas amostras de outros mineraes. Pinturas a oleo e a fusain. Couros. Ocres. Artefactos da vida campeira.

Pavilhão Withers.—Sabonetes, vellas e perfumarias.

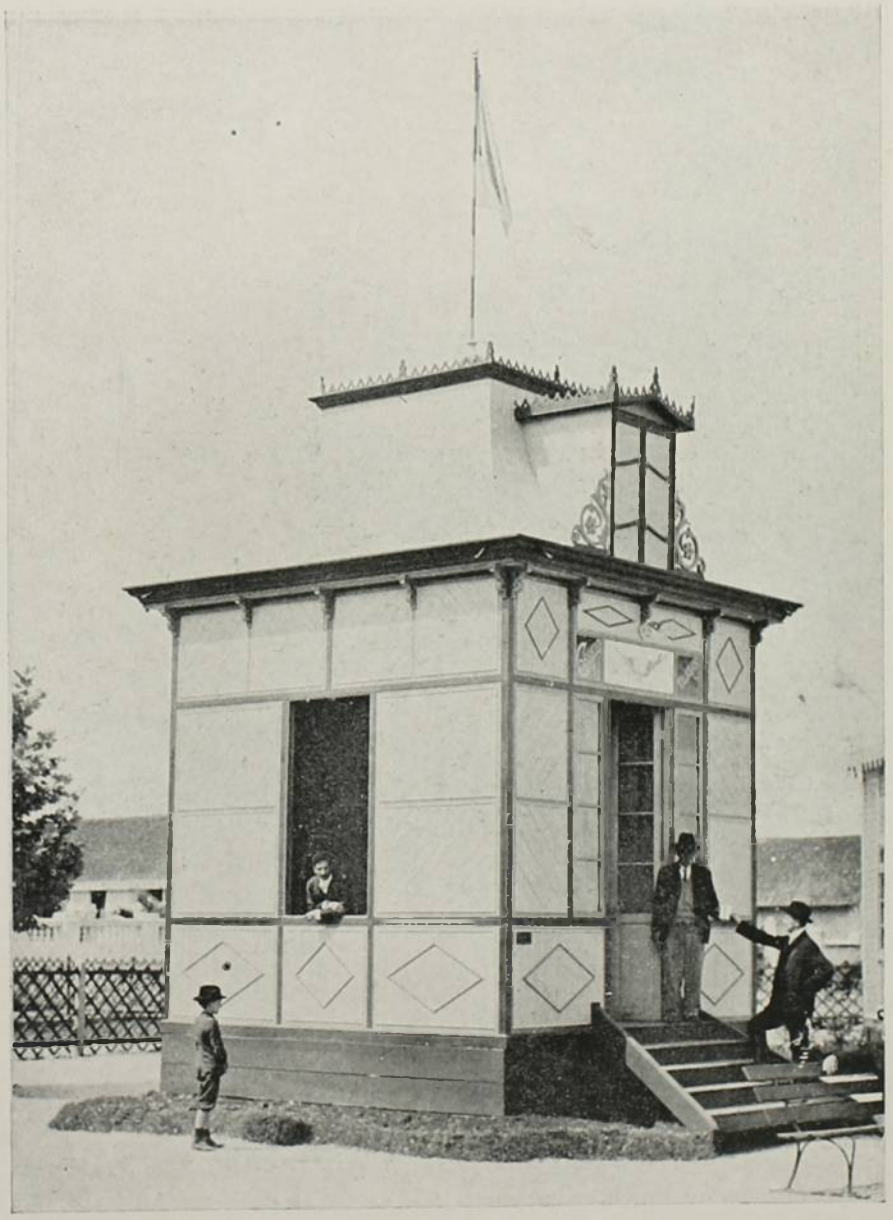
Pavilhão das machinas.—Productos das grandes usinas de fundição de Segmuller e Muller & Filhos, turbinas, caldeiras, dynamos, bombas hydraulicas, sinos, cutilaria, apparelhos agronomicos, granadas, machinas de diversos systemas e empregos,—tudo quanto a industria metalica póde exigir em perfeição e resistencia. Louças de aluminio. Pulverisadores. Bijouteria.



PAVILHÃO CENTRAL



PAVILHÃO DE PARANAGUÁ



PAVILHÃO DO CORREIO E TELEGRAPHOS

Pavilhão Polaco.—Productos de agricultura e pequena lavoura. Couro. Chapéos. Ceramica. Tecidos de linho e

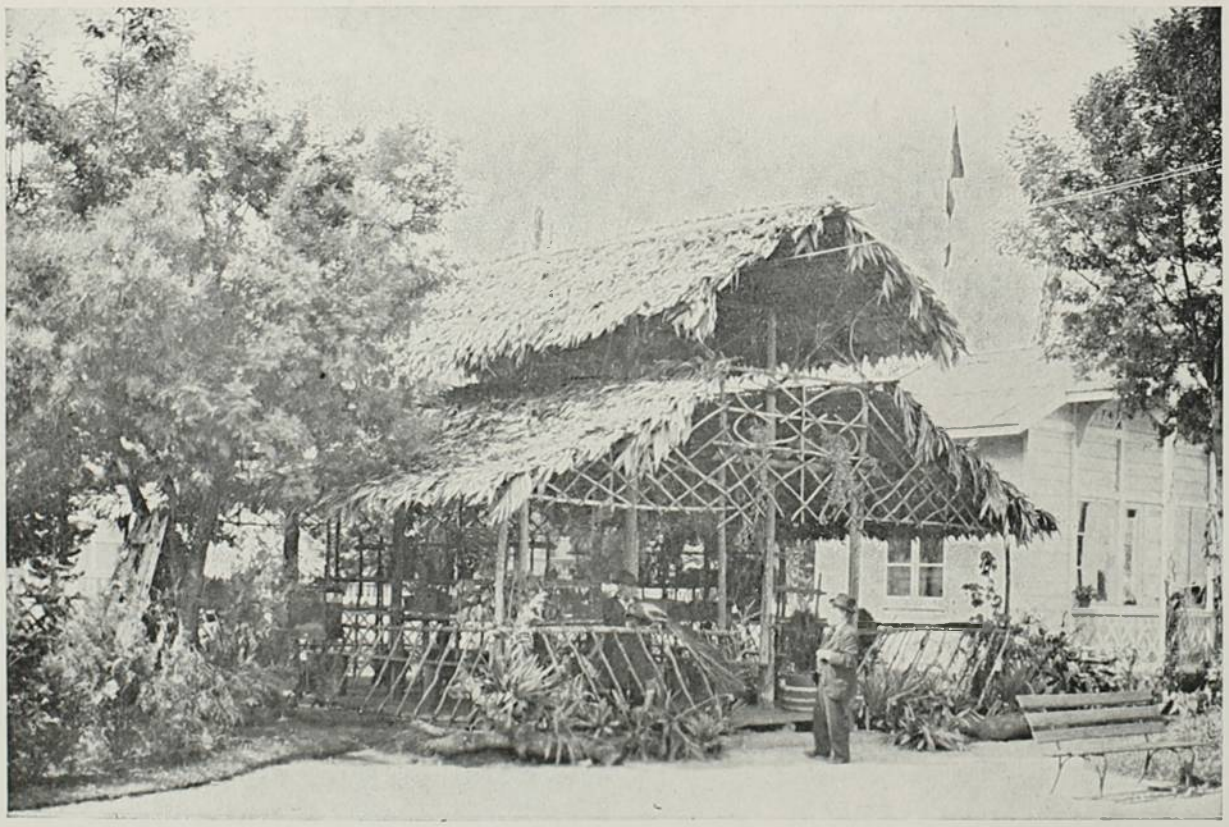
algodão. Calçados. Sementes. Tintas. Bicho de seda. Avicultura. Apicultura.

Pavilhão do «Trust».—Exposição variadissima de productos de diversos municipios, sem pavilhões especiaes. Fabrica de louça de barro da Villa Colombo. Obras das serrarias da villa Deodoro. Bengalas. Obras de entalhe e de laminação. Aguas mineraes de Ouro Fino, municipio de Campo Largo. Doces. Conservas. Licores, cerveja e vinhos. Banha. Mineraes. Tinturaria. Generos de consumo. Pequena lavoura. Modelagem. Madeiras.



PAVILHÃO WITHERS

Pavilhão das flores—Bellas collecções de orchideas, expostas por Joaquim Americo, Sabatella, Romano Martins e do *orchidario* do capitão Nascimento; variedades de tinhorões (caladium), carex japonica, hydrangea hortensis, gladiolus, dhalias e violas expostos por Henrique Dorfmund; begonias, por Agostinho Ermelino de Leão Junior; gloxinias, por Mme Volk; avencas e fuchsias pela senhorita Vidal. Da importante chacara Poplade vieram bellos specimens de palmeiras, cedros, cryptomeas etc. Henrique Korner estabeleceu no centro do pavilhão das flores lindo aquario, que tem sido o encanto das creanças que diariamente povoam o parque.



PAVILHÃO DAS FLORES

Dois outros importantes pavilhões alli se ostentam: o de *herva-matte*, com um engenho em miniatura movido por meio de electricidade, e grande variedade de productos das fabricas de Guimarães & C. Macedo & Filho, B. R. de Ázevedo & C., Victorino Correia e outros; e o de *S. José dos Pinhaes*, contendo productos da prospera villa: couros, generos de lavoura em grande quantidade, mappas geographicos, rica collecção de madeiras, blocos de ferro e de crystaes, plantas medicinaes, e como representante da pujança da flora paranaense, enorme tronco de pinheiro, medindo 2,^{m}5 de diametro.

Rstaurantes e salão concerto.

Coritiba.

Domingos Nascimento.

TRES SONETOS INEDITOS

DEUS

La connaissance positive ne remplit pas et ne pourra jamais remplir le domaine entier de la pensée possible.

Spencer (P. P. P. 13)

Ha mundo limitado e mundo indefinido. . .
Quem susta o pensamento excede Josué !
A sciencia não pode, alem do conhecido,
Deter a crença humana e derrocar a fé.

Dois mundos ha no mundo:—o cosmos dividido. . .
Aqui, eis a sciencia; alem sempre de pé,
O incognoscivel duro, immenso, soerguido,
Sphynge perenal, foi hontem o que hoje é.

Por isso eu sinto sempre, atraz das apparencias,
Acima da sciencia, acima da razão,
Um *ser* que vem na historia, a par das consciencias,

Mais bello cada vez que o homem os dotes seus
Podia melhorar, formando a concepção
Do *ser* mysterioso a quem chamamos—Deus.

Escola Militar, em 1887

Lauro Müller.

DEUS

La religion n'a jamais bien compris que sa position central est inexpugnable.

Spencer (PREMIERS PRINCIPES)

Eu amo a natureza, e a comprehendo
Nesse conjuncto harmonico, arroubado,
Cuja causa fatal ha perturbado
Todas as gerações, mysterio sendo!...

Qualquer simples phenomeno ou estupendo
Que nos tenha uma vez impressionado,
Tem uma lei, e está relacionado
A um conjuncto de leis que o estão prendendo.

Mas, quando é fraco o auxilio da razão
Deante deste facto—o inexprimivel,
Nos limites de espaço e duração,

Aquillo que se torna inconcebivel,
Mas que se sente, e está na evolução,
E' real e persiste—Incognoscivel!...

Escola Militar, em 1887

Edgard Dœmon

DEUS

Arretée par un éternal mystère, la raison n'a plus le droit d'affirmer ou de nier et ne peut que se prosterner

L. Bourdeau (THEORIE DES SCIENCES)

Se alem dos mundos que o pensar descobre,
Um *ser* se eleva, que é immortal, enorme;
Se aquem da vida que a natura encobre,
Um *que* se perde, que é fatal, informe. . .

Não sabe, eu o creio a crença altiva ou nobre,
Gigante ingente que não cahe ou dorme:
Pois, deveras, a mente humana é pobre. . .
Se o prisma é estreito, é o pensador conforme.

No entanto diz-se que um poder existe,
Protheo, mysterio, que eternal persiste
Por todo o cosmo indefinido, extenso. . .

Dizer, porem, que nisso um Deus consiste,
E' luz, verdade, bello raio intenso
A projectar-se pelo espaço immenso.

Escola Militar, em 1887

Moreira Guimarães.

E agora. . . a historia dos tres sonetos ineditos. Conseguiu *Kósmos* surprehendel-a, ha dias passados, folheando paginas e paginas da brilhante e fecunda vida da antiga Escola da Praia Vermelha.

Facto commum nas relações de moços intelligentes e estudiosos, aos 6 de Março de 1887 — estavam reunidos em agradabilissima palestra, tres academicos militares, de ha dezesete annos a esta parte.

E foi isso na memoravel terceira companhia daquella Escola a que pertencera um desses academicos, o actual Ministro da Viação — Dr. Lauro Müller, espirito vigoroso e illustrado.

A conversa estava animada. Cultores da philosophia spenceriana, os poetas de outrora cogitavam de varios assumptos intellectuaes: discutiam os laços de consanguinidade entre a Sciencia e a Religião: apreciavam a genese do Universo: emfim, palestravam como hoje se não palestra . . .

Nesse meio tempo, o então tenente de cavallaria Athayde Junior, que era addido ao 1º batalhão de engenharia aquartellado, na epocha, na Escola Militar do Rio de Janeiro, se encaminha aos seus amigos, e, no calor do cavaco, desde logo lhes lembra: « Pois, si é este o problema que mais ha perturbado o espirito humano, proponho que o interpretemos atravez de uma sonetisação ».

E o major de engenheiros Lauro Severiano Muller e o capitão do estado-maior José Maria Moreira Guimarães e o capitão de infanteria Edgard Eurico Dœmon e o proponente, capitão reformado Antonio Borges de Athayde Junior, começaram de escrever . . . interpretando, em versos, a idéa de Deus. Mas o Athayde negou a sua bella composição á luz publica. E ficaram amuados com a coisa os tres companheiros d'elle aos quaes, certo, não deve aborrecer a natural e necessaria indiscreção de *Kósmos* na publicidade, a que ora se abalança, dos interessantes sonetos que merecem ser registrados na litteratura brasileira.

M.

THEATROS

NÃO pertenço ao numero dos que admiram a famosa comedia de Georges Ohnet, traduzida no Rio de Janeiro com o inexplicavel titulo de *Mestre de forjas*; mas tambem não sou dos que a deprimem systematicamente, levados pela opinião da critica franceza, muitas vezes injusta e parcial.

Não ha duvida que a peça tem defeitos, mas não ha duvida tambem que passaria em julgado, como passaram tantas outras, com esses mesmos e outros defeitos mais graves, se não fora o longo successo que alcançou e que lhe não perdoam.

E' preciso notar que esse e outros successos não desorientaram o auctor; não consta, pelo menos, que elle algum dia pretendesse as honras da Comédie Française, ou se apresentasse candidato á immortalidade academica: não quer ser outra coisa senão um escriptor modesto e popular.

Com todos os seus senões, o *Mestre de forjas* é uma peça do theatro que attrae o publico não somente no Rio de Janeiro onde o publico ás vezes tem certas predilecções inconcebiveis, mas em toda a parte onde as platéas são menos incoherentes que a nossa. Assim se explica que actrizes do tamanho de Sarah Bernhardt e Eleonora Duse tenham se dignado representar o papel de Clara de Beaulieu, o que prova, aliás, que o personagem tem certo relevo.

Boa ou má, essa comedia, sem apresentar nenhuma difficuldade de interpretação, pois não tem a menor complicação psychologica, offerece campo a qualquer actriz dramatica para mostrar a sua habilidade; por isso eu, que me irritei quando a nossa Lucilia Peres introduziu na cabeça a carapuça da *Tosca*, talhada expressamente para Sarah Bernhardt, que é um phenomeno, applaudí a sua resolução de representar o personagem de Ohnet.

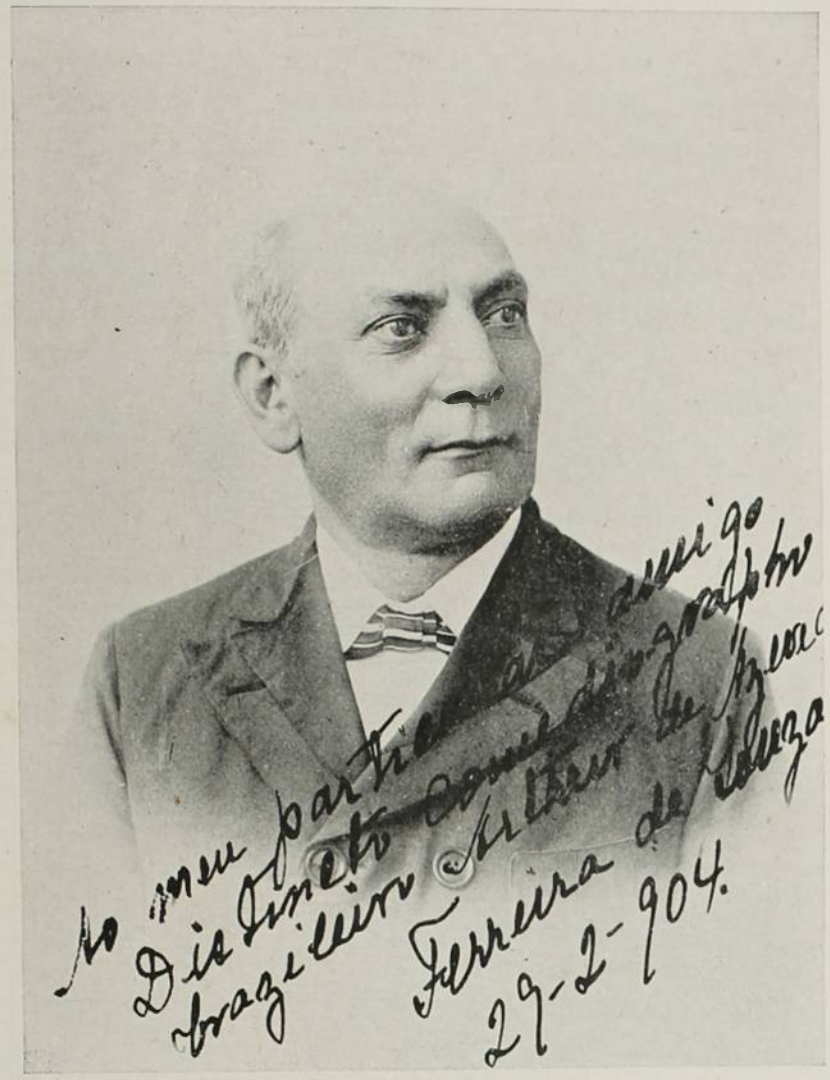
Entre a meia duzia de artistas que ainda nos restam, Lucilia occupa um logar de honra. A sua educação artistica foi muito decurada por um pae actor que, destinando-a ao theatro, não quiz ou não soube encaminhal-a convenientemente; mas a sua prodigiosa intuição tem supprido a falta de um mestre que a dirigisse, e ella consegue, muitas vezes, elevar-se a uma altura aonde raramente se sobe sem grande estudo. E' sobria, apaixonada, commovedora, e sabe fazer bom uso do gesto, da physionomia e da voz, embora esta se resinta, ás vezes, da falta de exercicio e disciplina.

Depois de assistir á representação do *Mestre de forjas*, mais uma vez me convenci de que Lucilia Peres é a actriz brasileira com quem mais podemos contar para a organisação de um theatro sério, visto que a sua talentosa homonyma não parece resolvida a deixar o Tejo pela Guanabara.



Ao lado de Lucilia apreciei Ferreira de Souza, que é hoje, incontestavelmente, o nosso actor de mais autoridade, egualmente applaudido no drama, na comedia e até na farça.

O papel de Felippe Derblay, um engenheiro que leva as lampas a São José como resignado esposo de mulher virgem, compadece-se perfeitamente com o seu talento um pouco aspero e brutal.



Não peçam a Ferreira de Souza a interpretação delicada de qualquer pagina lyrica, de um sentimento suave e tranquillo, que exija grandes esforços de modulação; procurem-no, entretanto, nas situações tumultuosas e violentas, no desespero, na dor, na paixão desvairada, e verão como vibra esse artista a quem só falta, para a consagração definitiva, ter sido importado de além-mar.

☼

No *Mestre de forjas*, como na *Houra*, de Sudermann, a companhia do Recreio Dramatico mostrou que no Rio de Janeiro o theatro, que muita gente suppõe morto e enterrado, não passou ainda do primeiro periodo da agonia.

Ha ali um actor novo, Olympio Nogueira, o Christo, do *Martyr do Calvario*, que é, ouso affirmal-o, uma grande esperança do theatro brasileiro.

☼

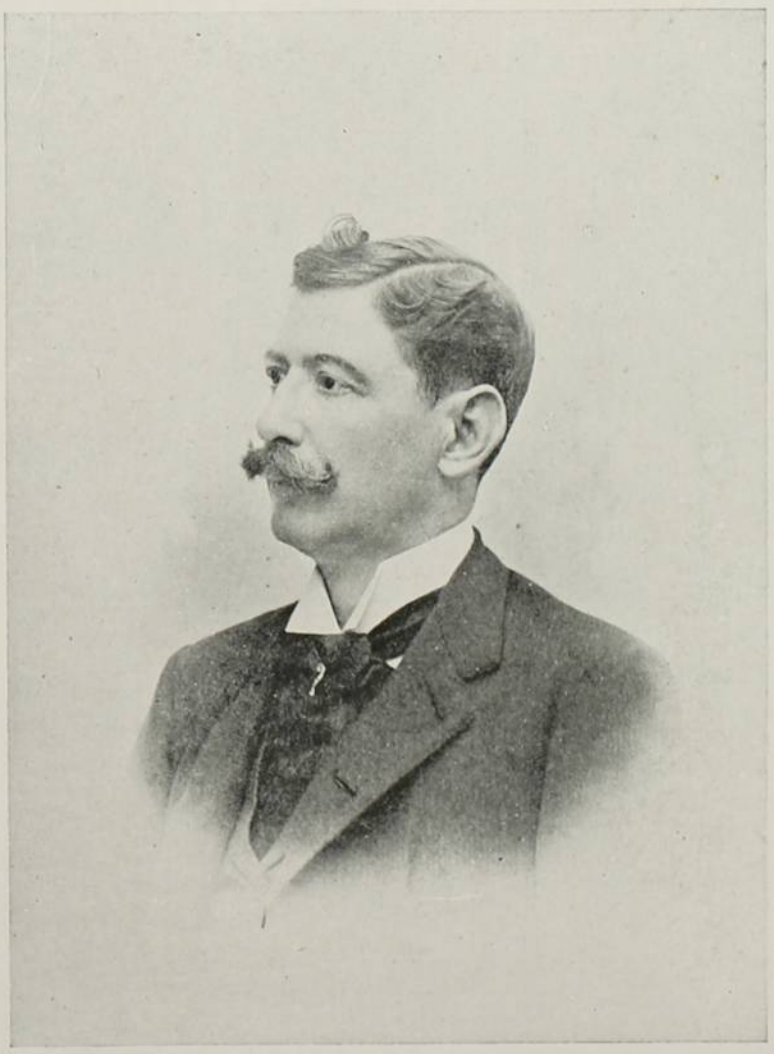
Nessa representação do *Mestre de forjas* se resume todo o movimento apreciavel do nosso theatro durante os dous primeiros mezes do anno.

No Apollo tivemos uma grande magica em 3 actos e 17 quadros, o *Pé de cabra*, arranjada (*arreglada* é a expressão do annuncio) por Vicente Reis, e á hora em que apparecer este numero do *Kósmos* deve ter sido representada no Recreio uma revista, *Cá e lá*, de Tito Martins e Bandeira de Gouveia.

A magica do Apollo tem agradado pela scenographia, toda pintada por artistas da nova geração como Affonso Silva, Marroig e Timotheo; pelos vestuarios, que são pitorescos e sumptuosos; pelos machinismos e tramoias; pela musica; pelos bailados; pela representação, á frente da qual se acham tres artistas de grande popularidade — Peixoto, Brandão e Balbina —; mas o dialogo é inteiramente desprovido de graça, de syntaxe, de bom senso, e o espectador lamenta que Eduardo Garrido não mettesse ali a mão.

E' admiravel que o Dr. Vicente Reis, escrevendo ha tantos annos para o theatro, e depois de tão largo descanço, désse ao publico, mesmo num genero inferior, tão irrefragavel prova da sua incompetencia literaria.

Imaginem que, entre outras coisas velhas, elle encaixou no seu dialogo esta pilheria de cabellos brancos e tola, que appareceu ha quarenta annos n'um almanack qualquer: — As minhas idéas como as concebo — ! Não preciso dizer mais nada.



EUGENIO DE MAGALHÃES

O Dr. Vicente Reis, que é moço e intelligente, deve escrever alguma coisa que o rehabilite, não na opinião dos frequentadores das galerias do Apollo, que nada

vale, mas na dos espectadores intelligentes, que não levam para o theatro o desejo exclusivo de ver scenarios, tramoias e phantasmagorias.

☼

Parece que a regeneração do nosso theatro começará por S. Paulo. Não será essa a primeira vez que recebamos lições da sympathica Paulicéa.

Já lá está em construcção o Theatro Municipal, um theatro a valer, moderno, commodo, luxuoso, feito sem a preoccupação de uma economia mal entendida, e, como prodromos de uma nova era artistica, têm se realisado em casa do proprio Prefeito, o illustre conselheiro Antonio Prado, espectaculos de amadores, com peças escolhidas, representadas para uma platéa constituida pela nata da sociedade paulistana.

O ensaiador d'esses espectaculos, que são, certamente, um magnifico prenuncio, tem sido o distincto actor Eugenio de Magalhães, — e tanto bastou para que se rosnasse, e mesmo se dissesse em lettra redonda, que será elle o director do theatro nacional em S. Paulo.

A escolha seria acertada, porque Eugenio de Magalhães é um dos raros que, no meio d'este esphacelamento de todo o ideal de um theatro, se conservaram fieis á sua arte. Nunca ninguem o viu arredar-se um palmo, uma pollegada da linha que a consciencia lhe traçára. Chegou aos cincoenta annos (ninguem o dirá, olhando para aquelle retrato que é recente e está parecidissimo) sem pôr uma nodoa na alvura da sua clamyde.

Arthur Azevedo.

Da Academia Brasileira.



VICTOR HUGO

« Il vole et d'une aile il touche les flots.
tandis que de l'autre pénètre les nuages ! »
Maxim Gorki (Pages condamnées).

Abraxas de l'Azur ! Dix lettres ineffables,
Qu'au portail du vieux siècle héroique et pervers,
Mystérieusement Dieu parapha d'éclairs,
Dans une apothéose aux pompes formidables:

Sombre volcan du Verbe, aux feux inoubliables,
D'où terrassant un jour l'âme de l'Univers,
S'écroula le torrent des Proses et des Vers,
A'travers la tempête auguste des Vocables:

Elohim de l'Amour, debout sur les décombres
Du tombeau, jè te vois, le front blanc de splendeurs,
Planer sur l'ouragan des Rayons et des Ombres. . . .

Los à Toi, dont le nom restera sur les Cimes,
Celé comme une hostie au fond de tous les cœurs,
Adoré sur l'autel marmoréen des Rimes !. . .

Péthion de Villar.

VIDAS ESTRAGADAS

O Anselmo era um rapaz pobre, mas trabalhador e bom. Fôra criado como uma menina. Filho unico de um casal de gente velha, vegetára ao lado d'elles, em uma existencia morna, apagada, sem grandes alegrias, nem grandes tristezas. O pae era chefe de secção em uma secretaria de Estado. Assim que o filho chegou aos 18 annos, fé-lo praticante. Até então, o rapaz quasi não sahia de casa. Fôra o pae que ensinára tudo o que o Anselmo sabia: a instrucção primaria e um pouquinho de francez.

Pouco tempo depois de ser nomeado, morreu-lhe a mãe. Nunca na casinha modesta e simples entrára outra mulher: era ella que se incumbia de todo o trabalho domestico.

Ficando sós, os dois homens tomaram uma sala e um quarto na casa da viuva Marques e continuaram a vida monotona que até então levavam.

Emquanto o Anselmo fôra menino, o pae ao voltar da repartição, jantava, deixava passar uma hora e começava então a dar-lhe as lições. Terminadas ellas, o pequeno ia deitar-se. De dia, tinha que preparar as tarefas que o velho marcava. Suas brincadeiras eram atoleimadas e simples. Chegou a ter 23 bonecas, de varios tamanhos, para as quaes elle mesmo fazia com habilidade e gosto os vestidinhos. Fôra essa a contribuição materna para a sua educação. Ficava, nas horas de recreio, fazendo-as conversar, levando-as de um logar para outro—e entre as maiores alegrias da sua vida figurava o presente que—aos quinze annos!— o pae lhe fizera, de um serviço de louça, para bonecas.

Dois annos depois, mudou um pouco de vida. A' noite tinha uma occupação certa: era a leitura de romances para os paes ouvirem. Ao chegar da repartição, o Anselmo dormia uma hora e ás 5, ás 5 em ponto, iam para o jantar. Rapidamente, assim que a refeição acabava, a velha tirava tudo da meza e os tres seguiam para a janella, onde ficavam até o anoitecer. Era ahi que conversavam sobre as noticias dos jornaes ou o que o velho soubéra na repartição. Depois, chegada a noite, o Anselmo, que era assignante de um gabinete de leitura, tomava um romance e desfiava em voz pausada as aventuras nelle contadas. Tinha de se exprimir bem alto, porque a velha era dura de ouvido.

A's vezes, quando se estava perto de um lance commovente, ella intervinha:

—Lê mais de pressa, meu filho.

Mas invariavelmente o marido replicava:

—Não sejas impaciente: de vagar é que se aprecia...

Eram duas phrases sacramentaes, que sempre se trocavam na mesma ordem e com o mesmo exito: a leitura nem andava mais de pressa, nem mais de vagar.

Quando a velha morreu e os dois foram morar em casa da viuva Marques, a vida continuava a mesma. Já não havia quem pedisse acceleraçõe inuteis nos episodios mais dramaticos. O Anselmo deixou apenas de lêr tão alto: o pae ouvia muito bem. A's vezes, commentavam: algum dos dois achava que o desfecho devia ser differente. E o caso era discutido.

De repente, na repartição, o velho morreu: uma syncope cardíaca. Ao abaixar-se para apanhar uma caneta, rolou da cadeira.

O Anselmo, que já então era amanuense, foi promovido a official na vaga do funccionario que succedêra ao pae. A vida continuou para elle a mesma de sempre. Apenas agora não precisava lêr alto: pela segunda vez baixou o tom... Não tinha ouvintes. Estava, porem, tão habituado, que ficava só no seu aposento, resmungando a meia voz. E como sabia os lances cavalheirescos de que o pae gostava e os sentimentaes que faziam o encanto da velha, não deixava de commentar, quando, no seu quarto triste e solitario, fechava o livro:

—Papae gostaria muito d'este romance...

—Que romance bonito para mamãe!...

E era assim todas as noites.

A vida ia, porem, mudar. D'antes os dois homens tomavam as suas refeições na sala de jantar da viuva Marques; mas só esta lhes apparecia para servir a meza. Fallava pouco; fazia o serviço com rapidez.

Quando elle ficou só, a viuva propoz-lhe que jantasse na mesma meza com ella e as filhas. O Anselmo acceitou.

As filhas da viuva eram duas: a Amelia e a Ondina. Uma tinha 23, a outra 25 annos. Viviam de fazer flores de laranja artificiaes, para uma casa de modas, cuja especialidade eram os vestidos de noivas.

Ambas as moças eram bonitinhas. Bonitinhas e bôas. Desde a manhan até a noite, em torno da meza da sala de jantar trabalhavam incessantemente. Ao sabbado iam levar o serviço da semana e receber a féria. No dia seguinte, terminado o jantar, seguiam com a velha a dar um passeio, de que voltavam ás 9 horas. Aquella existencia monotona recomeçava todas as semanas, todos os dias, todas as horas...

O jantar em commum com o Anselmo foi uma novidade. Ao principio, elle mal balbuciava algumas phrases. Depois, pouco a pouco, foi se animando. Já conversava, já dizia o que soubéra na repartição. E propoz-lhes afinal vir á noite fazer a leitura dos romances.

A proposta causou uma satisfação intensa. D'ahi por diante, acceso o gaz, o Anselmo tomava logar á cabeceira da meza e emprehendia a desejada leitura, ou continuada da véspera ou começada naquelle dia. E de novo elle teve de retomar o tom antigo, articulando bem alto, bem claro. E era como si o diapasão de sua voz devesse marcar a sua maior ou menor sociabilidade.

Mas em tão longo convivio diario não podiam as cousas ficar apenas naquillo. Pouco a pouco, entre Anselmo e Amelia estabeleceu-se uma sympathia evidente. Não que tivessem feito declarações romanticas ou, de outro qualquer modo, trocado provas mais positivas de affecto. Era apenas evidente que ella se perturbava um pouco, assim que elle chegava. Constituíra-se a sua ouvinte mais attenta. Mais de uma vez, ao dizer phrases de amor de algum personagem apaixonado, os olhos d'elle, levantando-se do livro, tinham cruzado com os d'ella, deixando-a confusa e vermelha. Para chegarem ao noivado outra circumstancia concorreu: elle teve uma ligeira molestia, que o forçou a passar, de cama, perto de quinze dias. Amelia foi a sua enfermeira mais dedicada.

Restabelecido, ficou sendo por algum tempo o *namorado official*. Já sahia aos domingos acompanhando as duas irmans e, ia, ás vezes, na frente com Amelinha, emquanto Ondina e a velha D. Sára os acompanhavam á distancia. Pediu-a em casamento e ficou decidido que a ceremonia sería para d'ahi a seis mezes.

Quasi tão alegre como a irman, estava Ondina. Não podiam ser mais amigas. Ondina, mais velha dois annos que a outra, ainda lhe era mais dedicada. Quando D. Sára,

trazia qualquer cousa que só podia ser dada a uma d'ellas, Ondina achava logo que havia mil e uma razões para que o presente coubesse a Amelinha. Amelinha era aliás mais fraca, mais nervosa. Não raro a irman, terminando o seu, fazia o trabalho d'ella.

A ideia de que o casamento não a tiraria de casa e dispensal-a-ia de tanto se fatigar, enchia Ondina de uma grande satisfação. Foi a primeira a declarar que Amelinha não levaria um só botão de flores de laranja, que não fosse feito por ella; e gabava-se alegremente de que não haveria outros mais bonitos!

Essa alegria durou pouco. Amelinha teve uma febre typhoide, que a pôz entre a vida e a morte. Foi um mez de angustias. Mas a suprema infelicidade estava reservada para o fim da molestia: a moça ficou com uma evidente perturbação mental—perturbação que rapidamente mudou de natureza e tornou-se um perigo domestico: ora queria matar-se, ora avançava contra a irman, o noivo ou a mãe.

Foi preciso internal-a no hospicio.

A casa cahiu então numa tristeza indizivel.

Tudo aquillo fôra rapido: em mez e meio, o castello de sonhos se esboroára: a mais succumbida era Ondina. A' noite, aquella meza onde se estendiam os arames, as folhas verdes, o algodão, os pequenos quadradinhos de pellica branca para fazer as flores de laranjeira,—a meza, que parecia ter sempre um aspecto nupcial, cheia de corôas e ramalhetes de noivados,—parecia pelo seu aspecto encher de infinita tristeza os tres que continuavam a sentar-se em torno d'ella: a viuva, o Anselmo e Ondina. A viuva ficava horas inteiras, calada, absorta, sem dizer nem fazer nada. O Anselmo, ao fim de uma semana daquelle regimen, levou de novo um romance. Foi, entretanto, preciso que D. Sára o animasse:

—Leia, Anselmo, leia... A desgraça não tem remedio. Vamos vêr si nos esquecemos um pouco...

Elle voltou á tarefa de sempre. E sua voz foi ainda mais triste, mais abafada, mais em surdina. Lia os trechos alegres, machinalmente, com um tom dolente e sepulchral.

Ondina nem os parecia ouvir. Continuava inconsolavel. De cada vez que terminava uma corôa de noiva, erguia-a nas mãos finas, mirava-a bem—e desatava a chorar. Era na irman que pensava. Sentia-se no mundo perdida e só. No seu quarto, havia á cabeceira do leito, o retrato de Amelinha. Todas as noites ella o tomava, o beijava, conversava com elle carinhosa e infantilmente.

Correram mezes. A louca continuava na mesma. Quando iam visital-a, Ondina procurava fazer-se reconhecer:

—Sou eu, Amelinha; eu, Ondina, tua irmanzinha... Olha... Olha para mim... Não te lembras da tua Ondina?...

Tudo era em vão. A louca ou não os reconhecia ou ficava excitada e colerica. A enfermeira lhes disse e o medico depois lhes confirmou que as visitas faziam mal: só serviam para aggravar o estado da doente, que nos dias seguintes se mostrava mais exacerbada. Desistiram de ir vê-la. Aliás o medico lhes exprimira claramente que o mal era incuravel.

As visitas teriam mesmo que ser abandonadas porque a viuva cahiu doente. Molestia incommoda, enfadonha. Ondina e Anselmo fizeram-se os seus enfermeiros. Anselmo entrara para a familia, tão simples e naturalmente como si d'ella em todos os tempos sempre tivesse feito parte. Ondina não poude mais trabalhar para a loja. O noivo passou a ser o chefe da familia, que contribuia com todas as despezas.

Foi assim por perto de dois mezes. Afinal, a viuva morreu.

E agora? Que iam os dois fazer? Era preciso que se separassem. Nem elle nem ella tinham parentes. A viuva, sentindo proximo o desenlace fatal, disséra ao moço que lhe entregava a filha. Mas que podia elle? Viverem juntos seria affrontarem a maledicencia do mundo. Só si..

Era em torno d'essa hypothese que Anselmo rodava. Casar? Pesava os prós e os contras. Amelinha estava louca. A irman ia ficar ao desamparo, só, sem familia.

Ondina, teve tambem um momento essa ideia; mas passou como um relampago. No dia seguinte ao do enterro foi á loja pedir que a admittissem como operaria interna.

Nem interna, nem externa! Seu logar já tinha sido dado.

Correu outras casas. Nada! Não achou collocação que lhe conviesse.

Nisto se passou uma semana.

Na missa de setimo dia, uma visinha, a velha Queiroz disse a Ondina, diante de todos os que lá estavam:

—Que casamento triste tu vaes ter, minha filha! Felizmente, o Sr. Anselmo é um bom moço...

Ella sentiu o sangue subir-lhe ao rosto, num afogueamento extraordinario. Mas nem o logar era proprio, nem houve tempo para protesto. Anselmo tinha tambem ouvido.

Ao chegarem á casa, Ondina sentou-se e desatou a chorar, apoiada a cabeça sobre a mesa da sala de jantar. Era um chôro longo, intenso, convulsivo. Anselmo tentou consola-la. Ella lhe volveu docemente:

—Isto não deve continuar. Eu preciso sahir d'aqui. Vou annunciar amanhan que me emprego como florista ou costureira, por qualquer ordenado, onde me deem casa e comida. Nós não podemos continuar juntos...

—Mas tu és minha irman!

—Eu sei que tu és bom, sei que nós podiamos viver como irmãos; mas ninguem acreditaria. Seria feio para nós dois...

Anselmo teve a audacia precisa para dizer a phrase que ambos temiam:

—E si nos casassemos?

Embora a hypothese já tivesse sido apresentada, a moça não parecia espera-la. Sentiu um momento de pasmo.

Sentiu; mas que remedio havia? Amelinha estava perdida. Os dois se estimavam. Separarem-se era ficarem sem familia, abandonados no mundo. A cada um só o outro restava como amigo seguro.

Não obstante, Ondina reluctou por alguns dias. Foram juntos vêr a irman e encontraram-na adormentada, alheia a tudo, parecendo imbecil. O medico lhes disse de novo que não havia nenhuma esperança.

Assim, apressaram as formalidades e um mez depois da morte da viuva, estavam casados.

A vida fez seu trabalho. Acalmou as dôres mais vivas, ageitou, adaptou as cousas—e os dois passaram a constituir um casal feliz. Na sua mediocridade, na sua existencia obscura, vegetavam silenciosamente, alheios a toda ambição. O dia de hoje era igual ao de hontem, igual ao de amanhan; mas os dois não desejavam outra cousa. A' noite, infatigavelmente, o Anselmo lia os romances que lhe vinham da assignatura. Na sala tão calma, tão simples, tão honesta, evocavam-se façanhas de bandidos, crimes horrorosos, seducções, aventuras de estupendas viagens... A's vezes os dois conversavam sobre Amelinha. Ondina

contára a Anselmo tudo o que a irman lhe dissera a respeito d'elle: seus sonhos, suas esperanças—esperanças aliás bem placidas—de futura dona de casa, modesta, ignorante da vida, ingenua e meiga. E sempre Ondina concluia pela apologia da irman:

—Tu não sabes como Amelinha era boa!

Até mesmo quando o marido lhe trazia certos vestidos ella dizia, mirando-os:

—Como isto ficaria bem em Amelinha!

E Anselmo concordava.

Mas um dia toda esta calma se quebrou. Foi um raio. Foi um cataclysmo. Amelinha estava bôa!

Um convite do Hospicio para ir buscal-a, capeava a carta por ella mesmo escripta á mãe. Não sabia da morte d'esta, nem, portanto, do casamento da irman. Mandava lembranças ás duas, pedindo-lhes que fossem busca-la immediatamente. Naquelle dia o medico lhe déra alta. Queria sahir, sahir logo. Só havia uma phrase sobre o noivo: «Como vae o Anselmo?» Mas via-se bem que toda a sua soffreguidão visava sobretudo, saber do moço.

Quando Ondina e o marido leram a carta, ficaram de pé, lívidos, tremulos, como dois criminosos surprehendidos em flagrante. Ondina foi a primeira a sahir daquelle estado; mas a sahir por uma crise inenarravel de pranto e de exclamações:

—Que miseravel eu sou! Trahi minha irman: roubei-lhe seu noivo... Que miseravel eu sou!

E a mesma phrase voltava a cada momento. Anselmo quiz consolal-a. Disse-lhe que as circumstancias tinham sido fataes. O que elles haviam feito era a unica solução possivel para a vida dos dois, no momento da morte da viuva, quando não havia esperança de salvação de Amelinha. Não houvéra nenhuma traição.

Ondina não se deixava convencer:

—Nós fomos criminosos. Eu preciso morrer. Tua noiva vem ahi. Agora, nesta casa eu seria uma intrusa...

E chorava doidamente.

Mas, fosse como fosse, era preciso ir buscar a moça. Tomaram um carro e seguiram. Ella esperava alegre D. Sára e Ondina. Viu o noivo e a irman, ainda vestidos de luto, olhou ávidamente para as mãos dos dois onde fulgiam as *allianças* de ouro e ficou lívida. O riso morreu-lhe nos labios. Adivinhou tudo. Nenhum dos tres achou uma palavra, uma explicação. Todos se olhavam com olhos de espanto, esgazeados. Apertaram-se as pontas dos dedos friamente, quasi se diria: hostilmente. Não é, entretanto, que a desgraçada Ondina tivesse outro sentimento, a não ser um infinito remorso. Mas, sentindo-se traidora e indigna, não ousava abraçar a irman. Anselmo, espirito fraco, acabára por se deixar possuir do mesmo sentimento.

Os olhos de Amelinha, agora mais do que nunca, pareciam de uma louca.

Sahiram. Tomaram o carro e voltaram. Durante o trajecto não trocaram uma só palavra.

—Depois?

—Depois, foi uma vida horrivel... Não se fallaram. Não tiveram uma explicação. Nunca mais para Ondina Anselmo foi marido. Nem marido, nem amante, nem irmão. Viviam os tres, lado a lado, sombras silenciosas... Viviam como espectros, pallidos, tristes, succumbidos... Muitas vezes, Ondina quiz contar tudo á irman; pensou até em matar-se. Muitas vezes Amelinha quiz abandonar a casa. Faltava á primeira a audacia, á segunda relações de amizade, a ambas resolução e energia. O mais irresoluto de todos era Anselmo.

A' tarde, fechava-se no seu quarto — quarto que já agora era delle só, e lia, lia pela noite a fora rasgos de valor, de intrepidez e coragem...

Amelinha passava as tardes na janella.

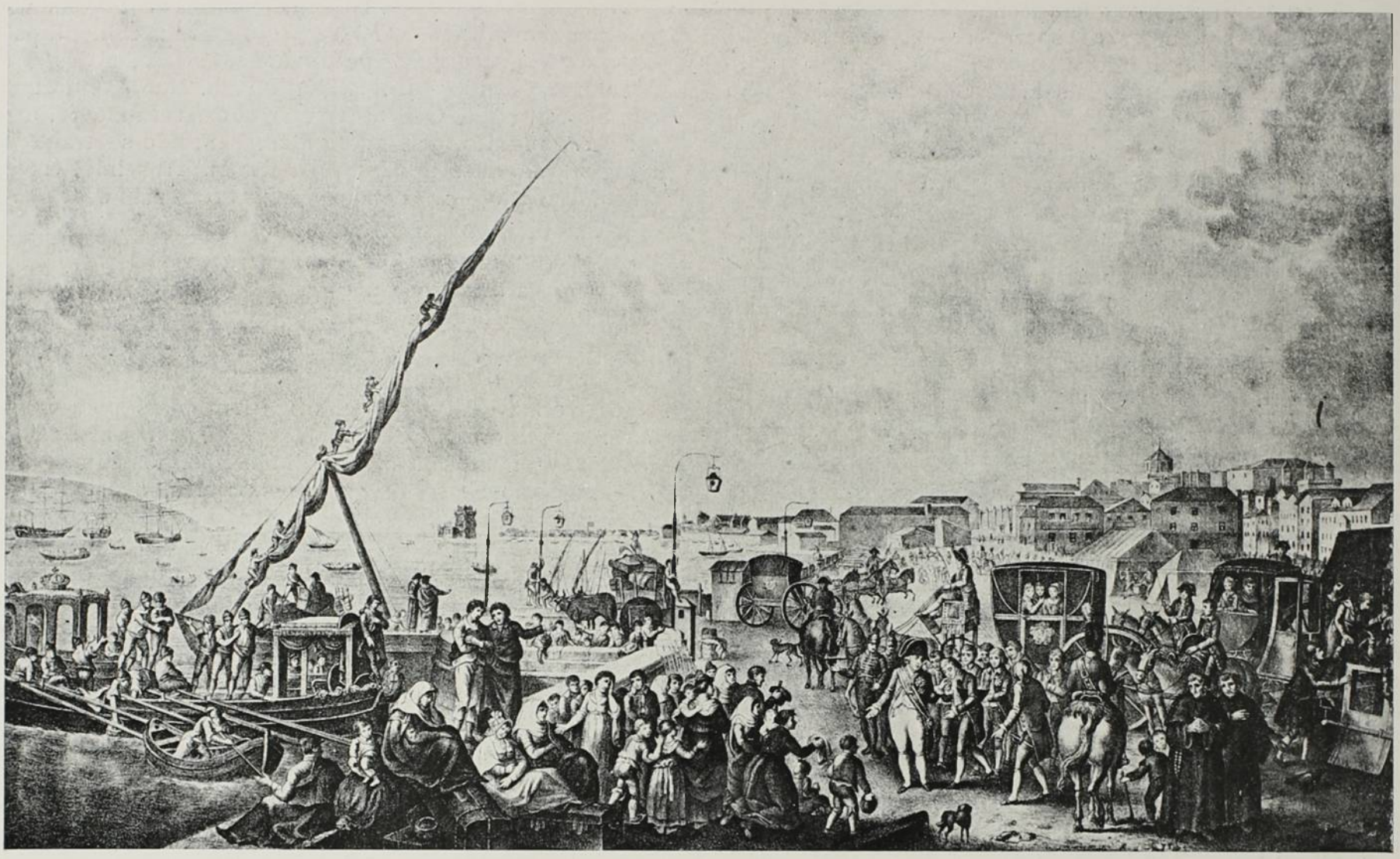
Ondina recebia o dinheiro do marido, custeava as despezas da casa, inclusive as da irman, e á tarde, na sala de jantar, em que só ella ficava, cozia, remendava, occupava-se em pequenos serviços materiaes, até que o somno a vencesse.

Antes, porém, de dormir, era todas as noites a mesma scena: ajoelhada junto á cama, tomando o retrato da irman, só alli achava o sangue-frio necessario para lhe repetir cada dia a mesma historia, para cada dia lhe pedir perdão, um perdão que talvez a irman concedesse, si de tudo soubesse, mas que o retrato não podia dar...

Medeiros e Albuquerque.

Da Academia Brasileira

1904.



EMBARQUE DO PRINCIPE REGENTE EM LISBOA AOS 27 DE NOVEMBRO DE 1807.
De uma lithographia existente na Bibliotheca Nacional.

Chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro

(FRAGMENTO DE UM LIVRO EM PREPARAÇÃO)

O desembarque da familia real portugueza no Rio de Janeiro a 8 de Março de 1808 foi mais do que uma cerimonia official: foi uma festa popular. Os habitantes da capital brazileira corresponderam bizarramente ás ordens do vice-rei conde dos Arcos e saudaram o Regente, não simplesmente como o estipulavam os editaes, mas com a mais tocante effusão. D. João poude facilmente divisar a satisfacção e a reverencia que animavam os seus subditos transatlanticos nos semblantes d'aquelles que em agglomeração compacta se alinhavam desde a rampa do caes até á Sé, que era então a egreja do Rosario — os sacerdotes paramentados de pluviaes de seda e ouro, incensando-o, ao saltar da galeota, com thuribulos de prata e aspergindo-o com hyssopes de ouro, tanto quanto os escravos humildes que de precioso só podiam ostentar num riso feliz as suas dentaduras nacaradas. Marchando gravemente debaixo do imponente pallio escarlate, cujas varas sustentavam o juiz de fóra e os vereadores da camara; pisando a areia branca e vermelha derramada nas ruas do trajecto, de mistura com hervas que embalsamavam o ar; ouvindo as fanfarras alegres, os repiques de sinos estridentes, os foguetes jubilosos e as salvas de artilheria atroadoras; vendo cahir em volta de si uma chuva persistente e odorifera de folhas e flores, «lançadas pelas mãos da formosura e da innocencia» como escreve o chronista — desappareceram momentaneamente para o principe as afflicções do lar melancholico e maculado, attenuaram-se as angustias do reino invadido e subjugado. Quão differente esta chegada triumphal, que não perturbavam os gritos de resistencia da Rainha doida, cujos nervos pareciam ter-se acalmado na longa viagem maritima, do triste embarque em Lisboa, onde o principe, ao chegar n'um carro ao caes com o infante hespanhol e um criado, não encontrou para recebel-o personagem algum e, afim de não patinhar na lama, teve que atravessar o charco nos braços de dois cabos de policia.

No Rio de Janeiro magistrados, funccionarios, monges rodeavam-n'o num grupo numeroso e luzido, sobre que tremulava o estandarte do Senado da Camara e brilhava a cruz do Cabido, erguida entre dois cirios. A limpidez do ceu coruscante, o tom respeitoso a recepção burocratica, e a transparencia do enthusiasmo nacional revelando-se pelos hymnos dos clerigos, pelos canticos dos musicos postados num coreto, pelos vivas dos soldados e dos populares, deviam por força prender os sentidos do festejado e embalar-lhe a alma numa doce conformidade de impressões physicas e moraes. Conta-se que, ao passo que a princeza D. Carlota chorava convulsamente,

magoando o seu orgulho com essa degradação para rainha colonial, D. João caminhava sereno; deixando fundir-se sua tristeza ao calor da sympathia que o acolhia. A cidade até, escondendo debaixo das faustosas colchas de damasco as singelas paredes rebocadas e caiadas das suas casas acanhadas, disfarçando a exiguidade das suas ruas com as flammejantes bandeiras, as grinaldas e as lanternas que de lado a lado as enfeitavam, fazia-lhe o effeito de uma capital régia, digna emula aos seus olhos, d'essa outra cidade de São Salvador, da qual o Regente chegava encantado, da situação, das dimensões, da riqueza, da cordialidade dos habitantes, e onde o commercio local lhe offerecèra mandar levantar um magnifico palacio real, comtanto que ahi se estabelecesse a côrte.

Comtudo o Rio de Janeiro, cuja importancia politica só datava propriamente de um seculo, depois da exploração das minas, e de cujo embellezamento apenas tinham cuidado muito mais tarde os vice-reis transferidos da Bahia, Luiz de Vasconcellos e Rezende especialmente, ainda era uma mesquinha séde de monarchia. As ruas estreitissimas, lembrando mourarias; as vivendas sem quaesquer vislumbres de architectura, afóra possiveis detalhes de bom gosto, um portal ou uma varanda; os conventos numerosos, mas simplesmente habitaveis, excepção feita dos de São Bento e S. Antonio, situados em eminencias e mais decentemente preparados; as egrejas, luxo de toda cidade portugueza, frequentes, porem inferiores na decoração ás da Bahia, provocando por isso a devoção e caridade dos fieis, e um estimulo de obras de aformoseamento, cujos resultados já appareciam nos nobres edificios em construcção como a Candelaria e S. Francisco de Paula; o plano da cidade por fazer, cruzando-se quasi todas as congostas num valle mais largo, sem calculo, sem precauções mais do que a de ahi conservar no desenho um arremedo de taboleiro de xadrez, espraiando-se o resto das moradias, ao Deus dará, pelas outras campinas sitas no sopé dos morros escarpados.

Em resumo, tomada no conjuncto, uma especie de Lisboa, irregular e todavia banal, com os documentos artisticos de menos e uma frondosissima vegetação a mais. O Cattete e Botafogo, isto é, os quarteirões desafogados, os bairros limpos e aprazi-veis de hoje, não passavam então de arrabaldes, encerrando sómente casas de campo. Quatorze annos depois, quando em Outubro de 1822 os Andradas tiveram seus primeiros arrufos com D. Pedro I e pediram sua demissão de ministros, havendo a *cidade* ficado alvoroçada, José Bonifacio deixou sua habitação do Rocio e passou-se para uma pequena casa no caminho velho de Botafogo, onde o foram aliás estrepitosamente buscar Imperador e povo. O terreiro de Sant'Anna descreviam-n'o os contemporaneos como um «areal em grande parte coberto de herva rasteira.»

O Passeio Publico representava o unico mimo da população, a não quererem os fluminenses embasbacar dia e noite diante dos chafarizes pomposos d'onde jorrava a agua mais crystallina trazida do alto por um vistoso aqueducto, e os quaes, alardeando os brazões dos pro-consules da metropole, outrosim commemoravam em correcto latim a grandeza dos administradores a quem deviam sua erecção.

A' noite, a illusão do Principe—illusão um tanto intencional pois que a realidade, impondo-se subsequentemente á excitação acclamadora, e mesmo os contratempos da fortuna, nunca a lograram desmanchar—mais se teria fortalecido graças ao espectaculo tentador que das janellas do Paço se descortinava. No vasto largo fronteiro, uma arcaria triumphal erguia-se, com seus adornos de pyramides, vasos e emblemas, e no centro, por baixo das armas luzitanas e de escolhidos versos de Virgilo, sobresahia dentre a illuminação de milhares de copinhos de côres, um painel figurando a entrada no porto da náu que conduzira D. João. O retrato mesmo do Principe Regente, destacava-se num medalhão no acto de receber de um indio, personificação do Brazil, os thesouros da natureza tropical e o coração nacional trasbordante de affecto.

O particularismo já se sentia bastante robusto para ensaiar a idealisação, de que o romantismo faria a breve trecho uma bandeira não só politica, como litteraria. O indio, symbolo da nacionalidade independente, logo depois figuraria vendado e manietado, com um genio, certamente o da liberdade, em acto de o desvendar e desagrilhoar, no emblema de uma loja maçonica de Nitherohy, de que era irmão Antonio, Carlos e que a policia dispersou. Naquella occasião, porem, não se pensava senão com sinceridade, não se agia senão por lealdade dynastica. Extendiam-se as luminarias a todos os cantos da cidade, fazendo pairar sobre o montão da casaria um rubro clarão festivo, e aos ouvidos do principe chegava, de todos os lados, o rumor confuso da multidão prazenteira.

Este som inconfundivel de jubilo, confirmava os descantes e as declamações que na presença real esfuzilavam, mais fulgurantes e, sobretudo, mais demoradas que as girandolas de foguetes, cortando com suas lagrimas de fogo a vasta escuridão da bahia. A claridade tenue das estrellas e o scintillar mais vivo de constellações novas para os augustos olhos, deixavam, entretanto, esboçarem-se em redor os contornos dos morros, revestidos de denso arvoredo, a cujos pés vinham rolar as vagas, num incessante movimento rhythmico, que franjava de espuma as praias, distinguindo-se alvacentas entre a massa negra das montanhas e a chapa metallica do mar.

A impressão physica experimentada em pleno dia, não podia, no emtanto, dizer-se em certo sentido inferior á recebida de noite. Si a cidade propriamente, a agglomeração humana, lucrava com ser vista á luz

phantastica das illuminações, a natureza por certo preferia ostentar suas galas ao sol, sob o mais luminoso firmamento da creação, de um azul tão pronunciado quão pronunciado se desdobrava o verde da vegetação, quando o não encobriam aqui e alem os grossos flocos das nuvens apinhadas em desenhos caprichosos, ou se não trocava a sua tonalidade vibrante pela uniformidade plumbea do ceu de tempestade tropical.

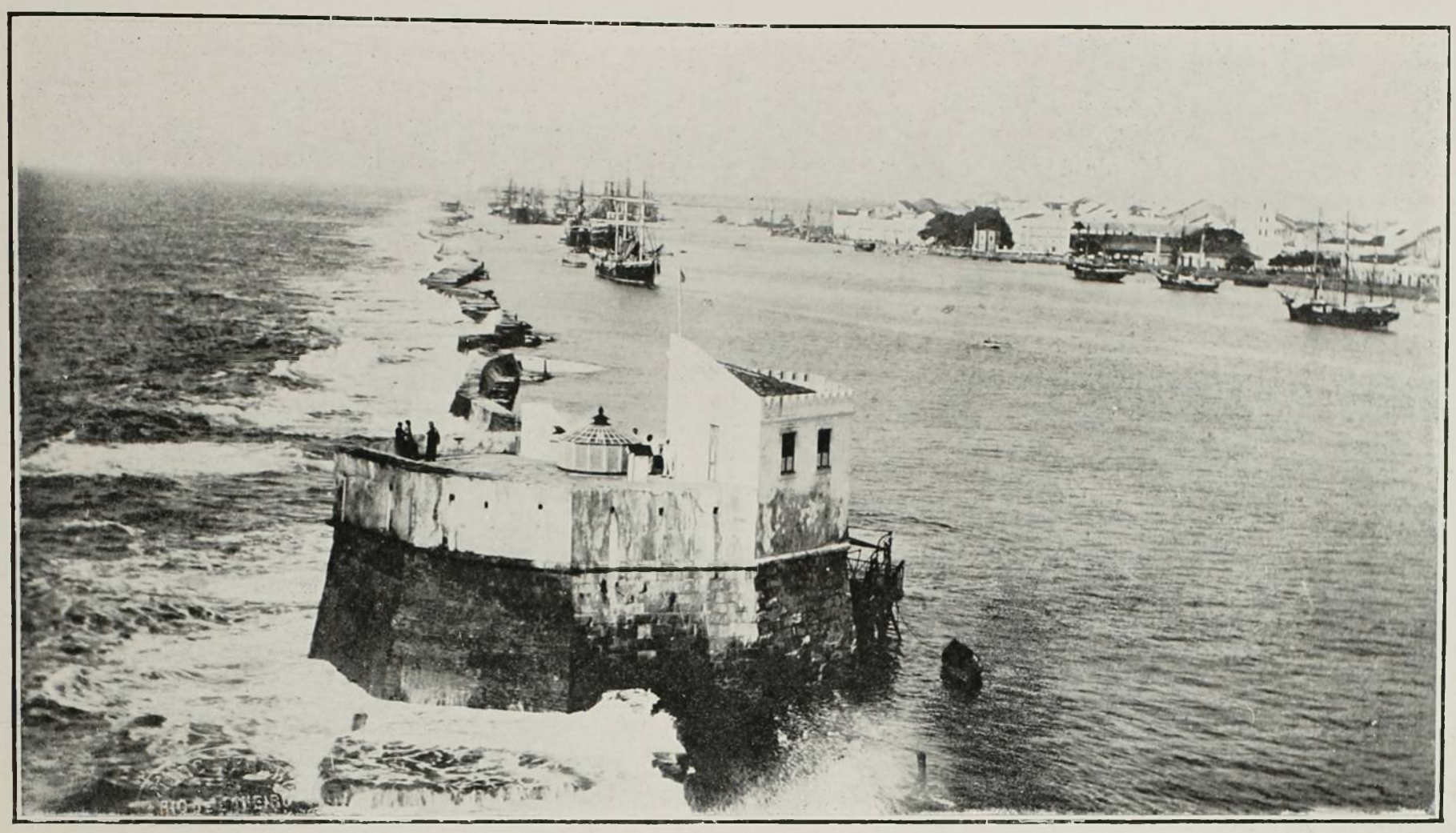
Um Rei na verdade prestaria o unico digno tributo de admiração á esplendida bahia, com a sua irregularidade de linhas; com o seu recorte em pequenos golfos, cabos e enseadas; com a sua profusão de ilhas, algumas aridas, pelladas, quasi calcinadas ou feitas de penhascos, humidas e floridas outras como ramalhetes orvalhados; com os seus montes alterosos ao longe, terminando em cabeços esguios e produzindo o effeito de encerrar as aguas n'uma grade de florestas, cujos supportes de granito pardo eram avivados por listras de argilla vermelha. Semelhante tributo D. João VI o não regateou á colonia por elle elevada a reino e séde da monarchia portugueza, e não foi sem as mais profundas saudades que, treze annos depois, se viu compellido por uma revolução rugindo ameaçadora na velha metropole, a abandonar as praias brazileiras e regressar a Portugal, sumido no horisonte n'um momento de desespero e de novo entrevisto em sobresaltos de pavor.

Oliveira Lima.

Petropolis, Janeiro de 1904.



JARDIM DA LUZ — S. PAULO



Phot. Marc Ferrez

OS RECIFES EM FRENTE Á CAPITAL DE PERNAMBUCO

A costa do Brazil entre a Bahia e o Ceará é particularmente caracterizada por uma orla discontinua de parceis ou recifes, que se desenrolam parallelamente e a pequena distancia do littoral, subsistindo por vezes de permeio canaes mais ou menos profundos, navegaveis ou constituindo naturaes ancoradouros ou portos algum tanto abrigados das ondas do mar.

Segundo o eminente geologo Hartt distinguem-se ahi os recifes madreporicos ou coralinos, essencialmente calcareos e tão communs nos mares tropicaes, dos recifes constituidos por um grés ou conglomerato que resultou da lenta e diuturna agglutinação de seixos rolados, cascalho ou areia de porções isoladas de praias, pela cal proveniente da decomposição de conchas ; apparecendo uma ou outra especie, onde as condições são favoraveis á sua formação. A temperatura pouco variavel do ambiente e as abundantes chuvas nessas paragens, assim como a relativa tranquillidade das aguas e a existencia de bancos exteriores, que abrandam o embate das vagas sobre as praias, eminentemente conchyliferas, predispõem para a consolidação destas.

Em alguns pontos o extenso littoral de alluvião, baixo e arenoso, é transposto pelos rios que apezar de pouco caudalosos, vêm desaguar por entre corôas e ilhas de margens inconsistentes, subdividindo-se e dilatando-se em largos esteiros ou lagamares, sujeitos como estão a marés, cuja amplitude de oscillação attinge ás vezes quasi tres metros. A correnteza das aguas, d'ahi oriunda, em seu constante vaevem de fluxo e refluxo, pela sua acção erosiva, aprofundou no decurso de longo periodo o alveo sobre certa extensão atraz da praia parcialmente consolidada, a qual quasi sempre apresenta uma leve inclinação para o mar e altura variavel, que raramente se eleva acima da maré media.

A profundidade a que se opera a petrificação é limitada, tendo algumas sondagens praticadas no porto do Recife comprovado não passar ella de tres a quatro metros. Os recifes ora são apparentes em qualquer estado de maré, ora cobre-os um lençol d'agua, e em alguns pontos apresentam interrupções, ás vezes profundas brechas, pelas quaes os rios communicam com o mar, e que são as naturaes entradas permittindo o accesso dos navios aos ancoradouros internos.

Taes são os caracteristícos que distinguem muítos portos do Norte do Brazil, e nomeadamente os do Recife e de Tamandaré no Estado de Pernambuco, e o da cidade de Natal no Rio Grande do Norte. Os melhoramentos de que carecem esses portos para mais efficazmente se prestarem á navegação não consistem pois, como é commum ouvir-se dizer, em destruir os recifes, os quaes actuam, de facto, não só como um dique, dirigindo as correntes de maré e contribuindo para a manutenção das profundidades, mas tambem como um natural e possante quebramar, attenuando consideravelmente a impetuosidade das vagas do largo.

E' necessario em vez disto executar trabalhos que se contraponham á destruição a que os recifes estão sujeitos por occasião das grandes marés e de fortes vendavaes, ou que os reforcem ou alteiem de maneira a vedar completamente o ingresso das ondas maritimas aos ancoradouros internos por sobre elles. A norma a adoptar-se em relação aos recifes existentes é portanto de construir e não de destruir, ao passo que no esteiro interior o processo a seguir geralmente para melhorar o regimen das correntes e a navegabilidade é a regularização e o revestimento das margens, o aprofundamento do leito pela dragagem e a sua desobstrucção, onde existam baixios prejudiciaes.

Em frente á capital de Pernambuco desenvolve-se a linha de recifes, emergindo em baixamar, quasi em um só rumo, como se vê na gravura, e proximamente de nivel, sobre cerca de 2.500 metros até o farol do Picão; existindo em parte desta extensão uma muralha, cuja construcção data do dominio dos hollandezes, e que foi por vezes reparada em um ou outro ponto. A uns 70 metros ao norte do farol abaixa-se a penedia bruscamente junto da celebre lage da Tartaruga, offerecendo ahi a barra do Picão com 4 a 5 metros d'agua em maré baixa e com cerca de 80 de largura; mais adiante a formação continúa submersa sob 2 a 3 metros d'agua, na extensão de 50 metros até a Barra Grande, onde a profundidade d'agua já excede de 8^{m}. em baixamar de aguas vivas.

São parte integrante, e não de somenos importancia, das obras de melhoramento ja estudadas para o porto do Recife, a reconstrucção da antiga muralha sobre o recife apparente e o seu prolongamento para o sul, até onde seja preciso para dar abrigo completo ao ancoradouro melhorado; e sobre o recife submarino ao norte a construcção de um quebramar fechando a barra do Picão e prolongando-se até á Barra Grande, que ficará sendo a unica entrada para o porto, franqueada á navegação.



A CORDILHEIRA DOS ANDES

O apparecimento do *Kósmos* e a intervenção de velhos camaradas, fizeram-me entregar nesta occasião, para serem publicados, alguns desenhos e vistas das viagens que tenho feito pela America do Sul, já que não posso com a desejada promptidão trazer a publico o livro que estou escrevendo a este respeito.

As gravuras, que são muitas, carecem ser executadas com cuidado e clareza, para que possam supprir a falta de colorido na redacção do texto, e a pobreza de imaginação do autor.

D'isto provém a demora da publicação das minhas viagens e o estudo da situação do Brasil, com relação aos seus visinhos.

Um assumpto interessante, porem, e de actualidade, justifica a minha presença nas columnas do *Kósmos* e o empenho que faço para que esta revista vá adiante como merece.

A vista que se vê acima é da cordilheira dos Andes, e mostra o local onde vai ser inaugurada por estes dias, a colossal estatua do Christo Redemptor, para perpetuar, só agora, o amor e a união de dous povos

—sul-americanos—o Chile e a Republica Argentina.

Em Abril de 1902 passei por esse lugar—El Cumbre, que fica a 3.189 metros sobre o mar, ao lado do Aconcagua, que se levanta bruscamente á altura de 7.019 metros.

A travessia dos Andes, nessa época, é admiravel e se faz com bastante commodidade e segurança. Encanta o descortinar de um horisonte exquisito, formado pela natureza bizarra e despida de vegetação, da terra eruptiva das regiões frias e tristonhas do Pacifico, em contraste surprehendente com as zonas luxuriantes de bosques e prados que matizam as terras uberrimas e verdejantes das bandas do Atlantico.

Na estação invernosa a travessia fica interrompida pelo accumulo da neve, que faz desapparecer o contorno rochoso da cordilheira, transformando toda aquella região em um amontoado de tristezas, isolamento e perigos.

Em fins de Outubro, algumas vezes, já se tem affrontado a passagem dos Andes, exposto a tantos riscos e demoras, que só os corajosos estafetas e pioneiros da cordilheira se atrevem a tanto, porque então o desgelo começa a descobrir as balizas que orientam a travessia, e os postos de abrigo surgem em varias passagens arriscadas e obrigadas.



ALTO DA CORDILHEIRA DEIXANDO VER O VULCÃO ACONCAGUA

Os cachorros exploradores já fazem com segurança o reconhecimento dos caminhos, e seguidos de alguns—burros—escolhem a trilha mais firme e menos perigosa da viagem, através daquelle immenso deserto branco, suspenso da terra firme.

Depois d'este indispensavel reconhecimento feito pelo burro, então o homem se atreve a fazer a travessia a pé, ou montado em outro burro quando a neve ainda se conserva endurecida e resistente ao peso dos dous.

Em principios de Outubro de 1902, atravessei os Andes de volta do Chile para a Republica Argentina, quando a cordilheira ainda estava fechada pela neve, e sómente com muita força de vontade se podia investir os passos, arriscados em similhante época.

Caminhei largos trechos a pé, sobre a neve, enterrando-me muitas vezes até os joelhos. Para evitar o resfriamento dos pés e do corpo, os *pioneiros* da cordilheira envolvem os pés e pernas com pelles de carneiro, envolucro a que dão o nome de *tamancos*.

Vencido o *Cumbre*, a descida foi ainda mais perigosa, porque já encontrei um principio de desgelo, as rampas mais ingremes e os caminhos ordinarios ainda inteiramente cobertos de neve.

As pozadas de refugio por occasião de temporal, que são verdadeiros abrigos acasamatados, ainda não eram vistos, por estarem mergulhadas na neve, e sómente devido ao tino do burro e ao faro do cachorro, consegue-se não perder o rumo, e vencer com segurança as longas e perigosas travessias de um contraforte para outro da mesma cordilheira.

A pozada de *Cuevas* ainda se conservava quasi toda mergulhada na neve, salvando-se apenas a porta da entrada, que estava a descoberto, e assim mesmo, para entrar, passei por um grande córte aberto na neve pela turma de trabalhadores incumbida da exploração e reparação dos caminhos.

Ahi passei a noite, dentro de uma verdadeira sorveteira, até que pela madrugada seguinte segui viagem para *Punta de Vaccas*, onde cheguei fatigado ao anoitecer, tendo passado os mesmos riscos e trabalhos, augmentados com a travessia de alguns rios bastante correntosos, devido ao crescimento das aguas pelo desgelo das neves.

Ainda nesta parte da viagem, o tino do animal é a maior garantia para o viajante.

Confesso que foi a primeira vez na minha vida que me tenho deixado guiar por um burro, sabendo que tratava com um burro.

Por isso, prefiro o burro pratico, ao theorico burro que não sabe o terreno que pisa.



CIDADE DE LA PAZ

A cidade de La Paz, capital da Bolivia, está situada, póde-se dizer, no fundo de um enorme poço, aberto no meio do deserto do — *Altoplanicie* e para onde se desce por uma magnifica estrada de rodagem em zig-zag, rasgada nas paredes dessa escavação estravagante e unica no mundo, que vai ter a 800 metros de profundidade.

O viajante que chega á beira desse poço e lá no fundo avista a cidade de La Paz, tem a mesma impressão daquelle que do alto do Corcovado, contempla a cidade do Rio de Janeiro.

Não me fartei de admirar esse capricho tão singular da natureza em épocas curiosas e phenomenaes das convulsões vulcanicas da terra.

A constituição physica da Bolivia, só por si, importa no estudo de um curso completo dos mais curiosos e extraordinarios thesouros da natureza americana.

La Paz está a 3.632 metros sobre o nivel do mar, na encosta occidental do *Illimani,* junto da Cordilheira Real.

E' uma cidade com 45.000 habitantes, onde se póde viver bem ; foi fundada pelo capitão Alonso de Mendonça no anno de 1548; faz parte do departamento do mesmo nome, que tem 443,214 kilometros quadrados, com uma população de 573.750 habitantes.

A differença de pressão atmospherica devida á altitude de 4.780 á 5.000 metros, e onde não chove, castiga enormemente o viajante que não dispuzer de um coração sadio e de um par de pulmões fortes para resistir á *puna* e não ser vencido pelo *sorocho* durante a viagem da região deserta do *Altoplanicie*, para chegar a La Paz.

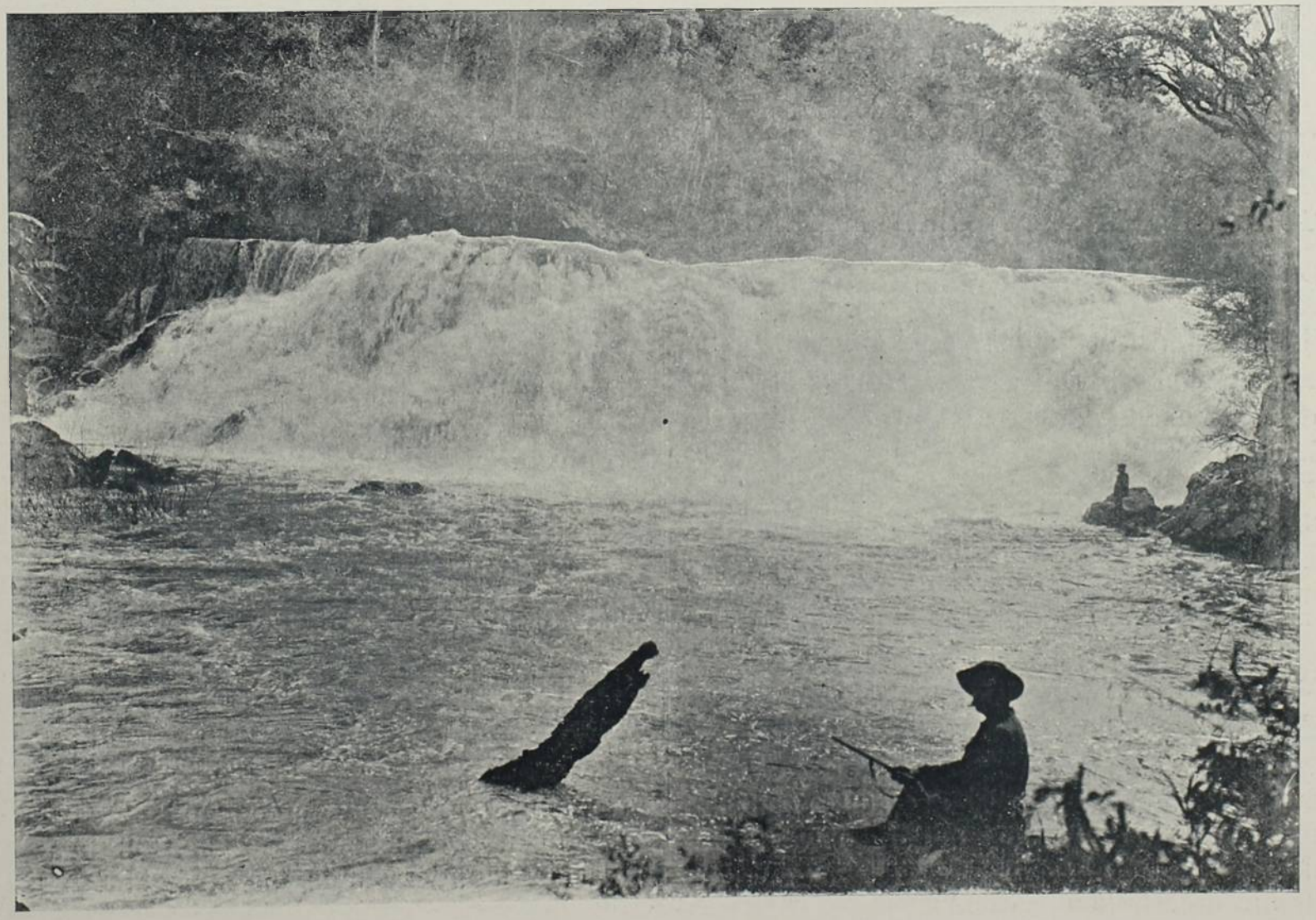
Sorocho é o mal-estar produzido pela rarefacção do ar, devido á altura e se manifesta pela respiração curta e fatigante, acompanhada de uma grande agitação do coração; as palpitações tornam-se muito fortes e acceleradas, a ponto de não só tirar o somno, senão impedir que se caminhe; chega a produzir congestões e até hemorrhagias pelos ouvidos e nariz.

Os viajantes estrangeiros são aconselhados a se premunirem com *ammoniaco, alcanfôr* e *cafeina* ; os naturaes do paiz servem-se de uma planta conhecida com o nome de *chachacoma*.

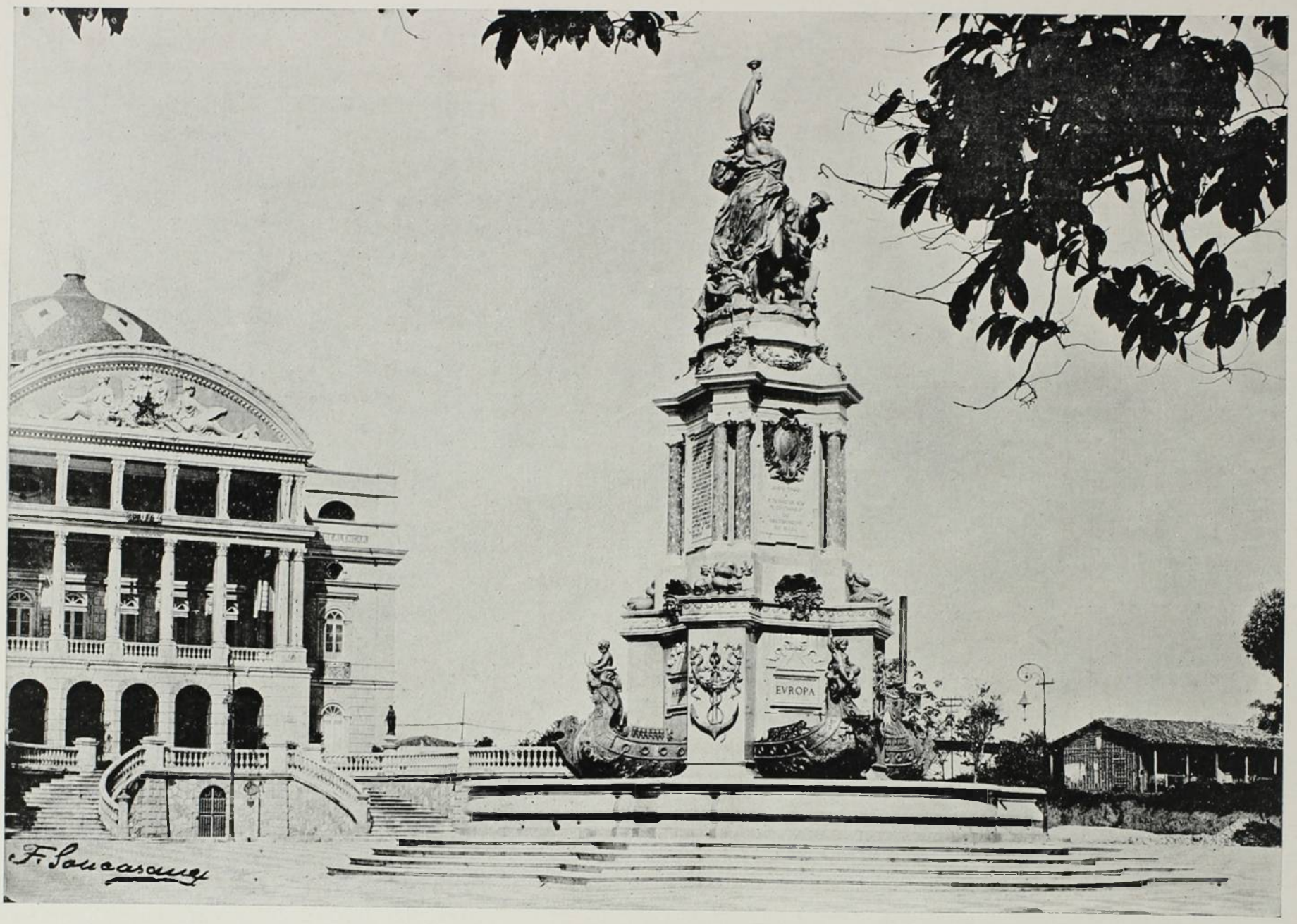
Felizmente não senti incommodo de maior cuidado, a não ser uma ligeira dor de cabeça durante a noite que passei no arraial de *Cicacica*, que fica a 4.815 metros sobre o mar, a 25 kilometros de *Oruro* e a 120 de La Paz.

José Carlos de Carvalho.

Capitão de Mar e Guerra.



RIO GRANDE DO SUL — COLONIA IJUHY — CACHOEIRA DO ARROIO DA PONTE



MONUMENTO COMMEMORATIVO DA ABERTURA DO RIO AMAZONAS Á NAVEGAÇÃO INTERNACIONAL — MANÁOS

Escola Militar de Porto Alegre

Appello patriotico

O problema da instrucção, sem duvida alguma um dos que mais devem chamar a attenção dos directores das sociedades, dos povos e das nações, não foi ainda entre nós, como todos os mais, encarado com a precisa segurança, para que se lhe désse solução acertada e definitiva.

Queixam-se os patriotas de todas as classes e de todos os partidos do lamentavel estado de decadencia, mesmo de corrupção, a que desgraçadamente chegou a nossa educação elementar e superior; lamentam os competentes a nossa pobreza pedagogica, aqui e em todos os estados da União; protestam os mais audazes, similhantes a andorinhas em zona frigida, contra esse tristissimo estado de coisas, que nos deshonra, nos humilha e nos abate, e entanto nada absolutamente se faz de util e salutar curando-nos de vez as chagas profundas que nos estão a afeiar o organismo, roubando-nos a seiva, enfraquecendo-nos o caracter, corrompendo-nos, inutilisando-nos.

Reformas sobre reformas succedem-se interminaveis, com a mesma facilidade com que se mudaria a uma repartição fiscal ou aduaneira o seu mecanismo administrativo, mas todas omissas e falhas, electricamente arranjadas para servir a este ou para prejudicar áquelle, qual mais onerosa e descabida, mais nos casos portanto de rebaixar, si tanto ainda é possivel, o nivel da instrucção ministrada á mocidade.

Obedecendo á lei fatal do meio, como que lhe seguindo as pégadas e as exigencias, a instrucção militar nestes ultimos tempos tem quasi passado pelos mesmos amargores e vicissitudes.

Reformámos o ensino militar em 1889, alterando-o por completo, sem methodo e sem regularidade, para termos analogo proceder apenas um anno passado. Grandes sommas então se despenderam em construcções, adaptações, acquisições e nomeações e, não contentes com isso, com tamanhos erros e desasos, reformamol-o novamente em 1898, mas de uma maneira tão desastrada, tão nociva e tão prejudicial, que chega a causar verdadeira estupefacção aos espiritos menos desapaixonados ter esse amontoado de defeitos technicos e scientificos conseguido passar

incolume nas duas casas de parlamento, onde profissionaes de valimento e de prestigio têm entrada e têm assento.

Não cabe aqui, nem mesmo era essa a minha intenção, a analyse completa e minuciosa dessa infeliz reforma, nociva e prejudicial como nenhuma outra: apenas me quero referir a uma das suas disposições, ao fim que tenho em mira, á academia militar porto-alegrense, por ella erroneamente supprimida, barbaramente levada ao esquecimento, como coisa certamente imprestavel, sem valimento e sem utilidade.

O regulamento Thomaz Coelho encontrando de pé, altaneira e forte, essa utilissima instituição, onde militares de grande merecimento profissional haviam concluido com raro brilhantismo o curso das armas combatentes, deixou-a intacta, a educar e a instruir os filhos valentes dos pampas. A reforma Benjamin Constant, inquestionavelmente a mais sensata de quantas temos tido, respeita como era natural a historica academia, continuando então ella a funccionar como dantes, com a precisa ordem e regularidade, ministrando ás numerosas guarnições do sul grande parte da instrucção profissional e technica que lhes é absolutamente indispensavel.

Surge a reforma anti-patriotica de 98. O interesse sordido da politicagem, que invadiu, similhante a escorbuto, o organismo nacional, consegue levar de vencida os sacratissimos direitos da União, e a academia militar porto-alegrense é então criminosamente supprimida, com admiração, com assombro quasi de todo o exercito, que se acostumara a olhal-a, não como uma simples instituição academico-militar, senão como um poderoso centro de cultura moral e civica, como uma grande escola de educação e de patriotismo.

E porventura para não dar muito na vista o barbaro attentado, que revoltou a tudo e a todos, supprime-se ainda por cima a escola pratica do Rio Pardo, outro e clamoroso erro administrativo, para se installar ahi uma escola preparatoria e de tactica.

Acerba realidade!

De modo que sem mais nem menos supprime-se uma academia perfeitamente localisada e instituida, prestando á Nação uteis e reaes serviços, abandonando-se-lhe ainda por cima o custoso edificio, propositalmente construido, sabe Deos com que esforço, por somma elevada bastante, para se despender grossas quantias com a creação de uma escola visivelmente subalterna e mesmo quasi inutil, em local baldo de recursos, sem agua e sem esgotos, illuminado até á luz asphyxiante do petroleo!

O erro não póde ser mais patente, mais digno de admiração e de lastima.

Custa a crer houvesse elle sido commettido e praticado com pleno assentimento das duas casas do parlamento, onde homens de farda, e dos mais distinctos, são sempre ouvidos religiosamente.

Pasma saber que almas brasileiras, amantes da instrucção e do exercito, abnegados e patriotas, houvessem concorrido com a sua incontestavel influencia e prestigio para a triste consummação de tão graves erros administrativos,

Infeliz a Patria nossa!

Felizmente, graças mais ao patriotico appello que pelas columnas d'*O Paiz* em tempo fizemos ao illustre senhor ministro da guerra, que a todas as informações e reiterados pedidos administrativos, emendámos em parte a mão: a escola preparatoria e de tactica não mais se acha em Rio Pardo.

Resta agora concluir a obra, levando quanto antes a Porto-Alegre o perdido curso d'armas, coisa que tanto tem de economica como de militar, qualquer que seja o ponto de vista em que se colloque o analysta bem intencionado, justiceiro e competente.

E não ha necessidade de longuissima tirada, de muita sciencia e de notoria erudição, para que cheguemos facilmente a tão expressiva conclusão. Raciocinemos.

O Brasil conta presentemente 69 corpos, ahi incluidos os dous batalhões de engenheiros e o corpo de transportes, dos quaes mais da terça parte, pela situação especial do Rio Grande, extensão das suas vastas fronteiras, caracter eminentemente bellicoso dos seus filhos e, sobretudo, pela sua incontestavel importancia estrategica, reconhecida e proclamada em todas as phases da vida da Nação, ahi tiveram e têm parada, sem que um só dos nossos homens de governo, pretendesse até hoje mudar-lhes o destino e o paradeiro.

E si as escolas de guerra, como é sabido, são instituidas em todas as nações militarizadas para dar educação profissional ás tropas, como então conceber-se de sangue frio aquelle poderoso Estado, juncado de batalhões e de regimentos, de infantes e de artilheiros, sem uma só academia militar ao menos?

O descuido administrativo é manifesto: está a entrar olhos a dentro até dos menos adestrados observadores.

D'ahi, d'esse triste estado de coisas, ao qual nenhum espirito serio jamais se poderá subordinar por vontade e gosto, resulta um duplo inconveniente, technico e economico, cuja minuciosa analyse se torna agora indispensavel, para provar á evidencia as argumentações precedentemente estabelecidas.

Os membros do exercito em serviço no Rio Grande, officiaes e praças, para haver as habilitações indispensaveis á carreira que preferiram, têm que se sujeitar a fortes e onerosas travessias, pagas integralmente pela Nação. Calculando apenas em duzentos o numero dos que annualmente se sujeitam a essa triste exigencia, numero que me parece muito áquem do verdadeiro, ter-se-á, attenção feita ao preço das passagens e mais ainda ao facto dos officiaes viajarem sempre com as respectivas familias, uma despeza annual

superior a cem contos de réis, despeza que podia e que devia mesmo ser diminuida ou evitada.

Dir-se-á porventura, sem grande madureza, que a economia haurida com a diminuição do pessoal, no magisterio e na administração, dá perfeitamente para fazer face áquella importante somma.

Mas o dito não póde ser mais desacertado, infeliz e descabido. Sim; que o pessoal administrativo da escola de tactica continúa a ser o que d'antes era: a escola preparatoria de Porto Alegre hoje tem, como no tempo em que era academia, commandante, ajudante de pessoal e de material, commandantes e subalternos de companhias, instructores, mestres, pessoal de secretaria, de quartel-mestrança, de rancho, de portaria e de pharmacia. Apenas houve diminuição no numero de lentes, substitutos e professores. Mas como eram todos vitalicios, ficaram em disponibilidade, percebendo e vencendo como si em effectivo serviço do magisterio, segundo posterior e justa deliberação judicial.

Não houve então diminuição de despezas com a restricção apontada: apenas o houve de serviços.

Como, pois, pensar-se e dizer-se ter havido economia com a reducção do pessoal?

Não ha negar: engana-se, e engana-se redondamente, todo aquelle que pensar gastar-se menos agora com o pessoal da escola preparatoria e de tactica de Porto Alegre, que com o da extincta academia do vasto campo da Redempção: a despeza nesse ponto foi e continúa a ser a mesmissima.

Fica, pois, de pé a conclusão anterior a que chegaramos: a desvantagem economica haurida com a suppressão infeliz daquella academia é manifesta. E só não a vê, quem a tanto não se quer abalançar.

Isso no ponto de vista economico. Technicamente o erro, em nada inferior, está por isso mesmo a pedir prompta e radical correcção.

O Rio Grande do Sul, já o dissemos, é um Estado eminentemente bellicoso: porventura mais da metade das nossas forças de terra lá viram pela vez primeira a luz do dia. E diversos officiaes e praças, e muitos filhos dos pampas, eminentemente bairristas, para não abandonarem por tempo sem conta o territorio do Estado que elles amam acendradamente, e onde familia e interesses lhes reclamam constantemente a presença, deixam-se lá ficar, mudos e quedos, como estamos a ver de quando em quando, uns sem o fundamental curso de guerra, e outros completa e criminosamente alheios á vida das armas, para a qual, mais que quaesquer outros brasileiros, têm decidida vocação e amor.

Eu conheci, só em Bagé, mais de uma duzia de moços, enthusiasmados pela farda, mas que nem á mão de Deus padre se atreviam a verificar praça, só com receio de abandonar o Rio Grande em tempo de paz e socego. E conheci em Porto Alegre um 1º tenente, rosado como uma maçã e forte como um camponio, que muitas e muitas vezes me disse convencido ser a sua maior desgraça o dia em que se visse forçado a transpor a barra do Rio Grande, longe do seu cavallo e das suas queridas bombachas.

Ora, quem vê e observa coisas taes, que muito devem pesar no animo dos nossos legisladores, póde-se lá curvar, indifferente como um africano, á ideia infeliz de se ter tirado á academia militar porto-alegrense o seu indispensavel curso d'armas?

Mas ainda não é tudo. Si a escola militar do Brasil, unica que hoje fornece á mocidade aquelle curso, estivesse installada em local apropriado, hygienico e saudavel, ainda se poderia diminuir sensivelmente o numero de officiaes e praças que, nas guarnições do sul, procuram fugir á academia. Mas como infelizmente o contrario acontece, como aquella escola se acha em local insalubre, em arrabalde onde o beriberi e o typho começam de se tornar endemicos, ceifando de preferencia os gloriosos filhos do sul, não ha nem póde haver gaúcho quasi, paisano ou praça de pret, que se queira atrever á difficil cartada de vir aqui buscar o indispensavel curso d'armas.

Ainda o anno atrazado e começo do passado, o typho em Botofogo fez centenares de victimas nos pobres filhos dos pampas: conheço um pai que teve então a desdita incomparavel do ver perdidos todos os seus filhos, até mesmo aquella formosa menina de treze annos que lhe enchia o lar de alegria e de orgulho.

Nessa época, a coisa foi tal, tão devastadora e compungente, que se póde affirmar, sem receio quasi de contestação, que uma só casa não houve alli, de gente do sul, onde não desapparecesse pelo menos um dos seus membros queridos.

Quanto ao beri-beri, que começa de reapparecer naquellas historicas muralhas, a despeito dos inauditos esforços em contrario empregados pela actual administração, ainda está bem patente no espirito de todos, os estragos ha pouco causados na Praia Vermelha, em rapazes do sul sobretudo, por esse terrivel morbus. E os pobres filhos do Rio Grande, sabedores de quadro tão desolador quanto inevitavel, só em casos excepcionaes se sujeitam a tão dura experiencia, a tamanhas privações e penares: ficam-se em Bagé ou em Porto Alegre, em Uruguayana ou em S. Gabriel, á espera sómente que legisladores abalisados e competentes, olhando com mais amor para a enorme extensão geographica do Brasil, se dignem então de lançar demoradamente as suas vistas patrioticas por sobre as esquecidas guarnições da sua terra natal.

O prejuizo é então duplo: os moços civis não mais se animam, como até agora, á vida das armas, que lhes fica de todo interdicta; e os que por um supremo esforço se animam a verificar praça, com decidida

paixão pela vida de combates, lá se deixam ficar criminosamente paralysados, á vida activa de fileira, sem poder desenvolver, ás portas das academias, a sua reconhecida aptidão bellica.

Militarmente, pois, mais ainda que economicamente, o erro não póde ser mais lastimavel, mais digno de reparo e de correcção, sobretudo si se tiver em vista, como é natural e acertado, que o soldado gaúcho, guerreiro por natureza e indole, á tenacidade comprovada reune a bravura inexcedivel.

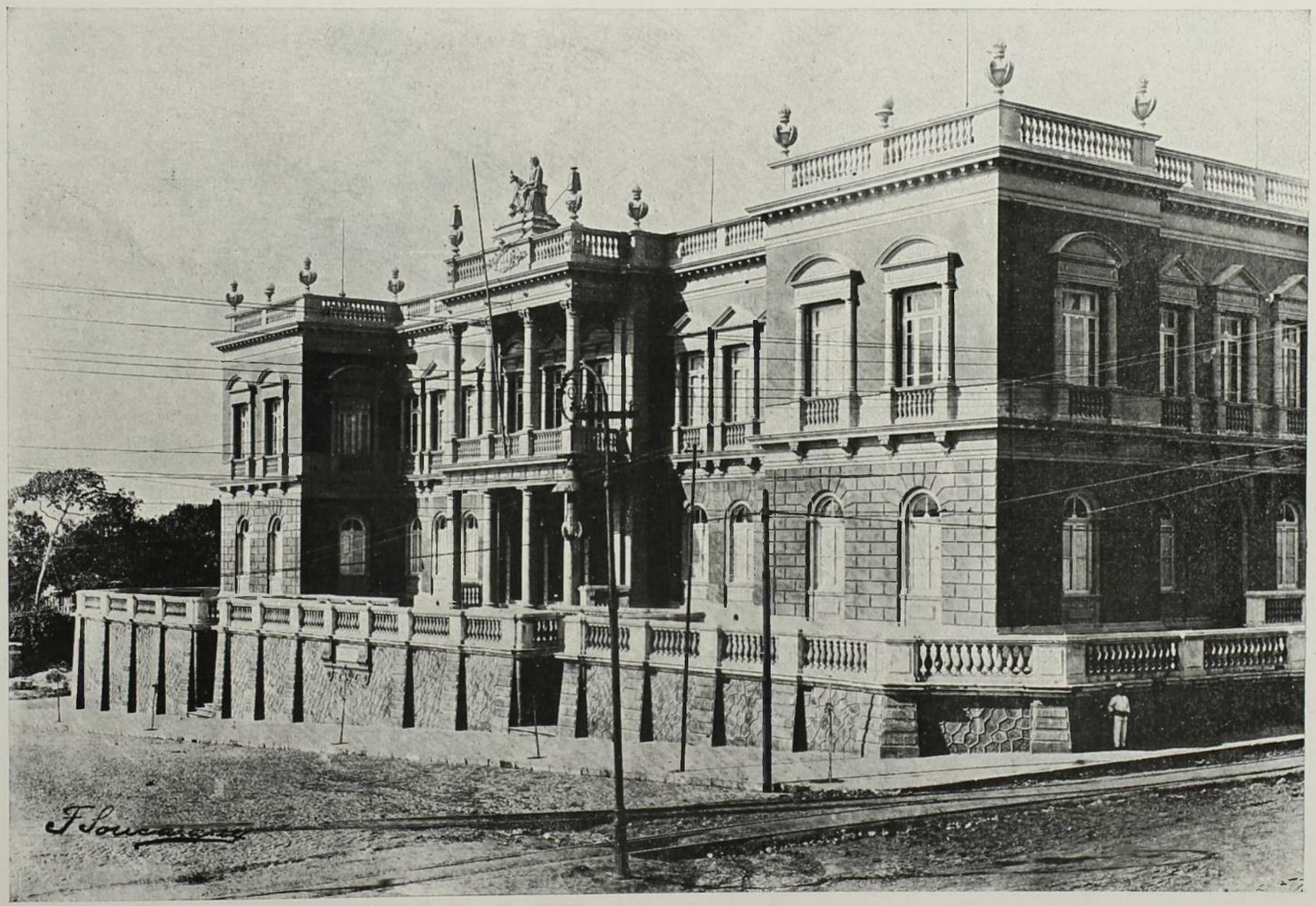
Que folheie conscientemente as mais bellas paginas da nossa historia militar, quem achar acaso o dito exagerado.

Urge, pois, acabar de vez com esse tristissimo estado de coisas, que muito está a depôr contra a nossa capacidade administrativa. E é por isso justamente que, do alto d'estas columnas, eu tomo novamente a liberdade de appellar, cheio de fé, para as nossas primeiras autoridades militares, o generoso sr. marechal Argollo, e o erudito sr. marechal Costallat, certo de que S.S. Ex.as, brasileiros e patriotas, amantes do Brasil e do exercito, esforçar-se-ão como soldados destemidos para que volte á escola de Porto Alegre o indispensavel curso d'armas, por ella sempre possuido, no Imperio como na Republica, com Pedro II como com o immortal Floriano.

SS. Ex.as que ponham em jogo quanto antes sua reconhecida influencia governamental; que se esforcem já e já por esse nobilissimo ideial, alevantado e patriotico como nenhum outro, porque assim terão prestado ás guarnições do sul um grande beneficio militar, e á classe de que são hoje tão preclaros chefes um serviço de valor inestimavel.

Liberato Bittencourt.

Da Escola Militar do Brasil.



PALACIO DA JUSTIÇA — MANÁOS

MATTO GROSSO

I

CONVIDADO a escrever algo sobre Matto Grosso, agradeço penhorado a gentileza, sentindo-me contente em expandir mais uma vez a extraordinaria admiração que tenho por essa terra, de envolta com as mais vivas esperanças no seu grandioso futuro.

Nascido noutro Estado, cuja pequenez é dignamente compensada pela densidade da população e pela energia intellectual dos seus filhos, as minhas palavras, insuspeitas, estão escoimadas de *bairrismo*. São sinceras como tudo que dimana das consciencias sans, mesmo em face do que pouco falta para attingir ao maravilhoso.

Matto Grosso é o paiz das cousas ideaes e estupendas, como a propria imaginação, sob qualquer ponto de vista que se o considere. Só o homem, que mal emerge da immensidade, é pequenino e sem forças, portanto incapaz para transformar em utilidades, exigidas pela civilisação, seus vastos thesouros naturaes.

Tambem em parte alguma do Brasil são tão abundantes as lendas relativas a essas riquezas, perdidas no seio da terra, em logares já sabidos, hoje ignorados pelo desappa-



CORUMBÁ

recimento ou incerteza dos respectivos roteiros. A ficção ou realidade das minas de Urucumacuam, no araxá das cordilheiras do Norte e dos Parecys, e das dos Martyrios, no extincto arraial do Arayés, nas margens do rio Manso, no valle do Paranatinga etc. etc. excede quanto se imagina, preoccupando ainda hoje não raras pessoas.

Nem podia deixar de ser assim, si os primeiros pontos encontrados pelos paulistas, quando se internaram no coração do continente sul-americano em busca de gentío, offereceram sem o menor trabalho, espalhadas a flux na superficie do solo, em um só mez e a um só individuo, quatrocentas arrobas de ouro, tornando para sempre famoso e celebre o nome de Miguel Subtil.

Não estão por certo esgotadas essas jazidas em Cuyabá, tendo havido sempre suspeitas da existencia do veieiro principal onde se acha a egreja do Rosario, fóra da vista que representa a cidade, para o lado direito. Na estação das aguas, depois das chuvas torrenciaes, creanças e adultos se entregam nas regueiras á cata de grãos, mais ou menos grandes. Durante



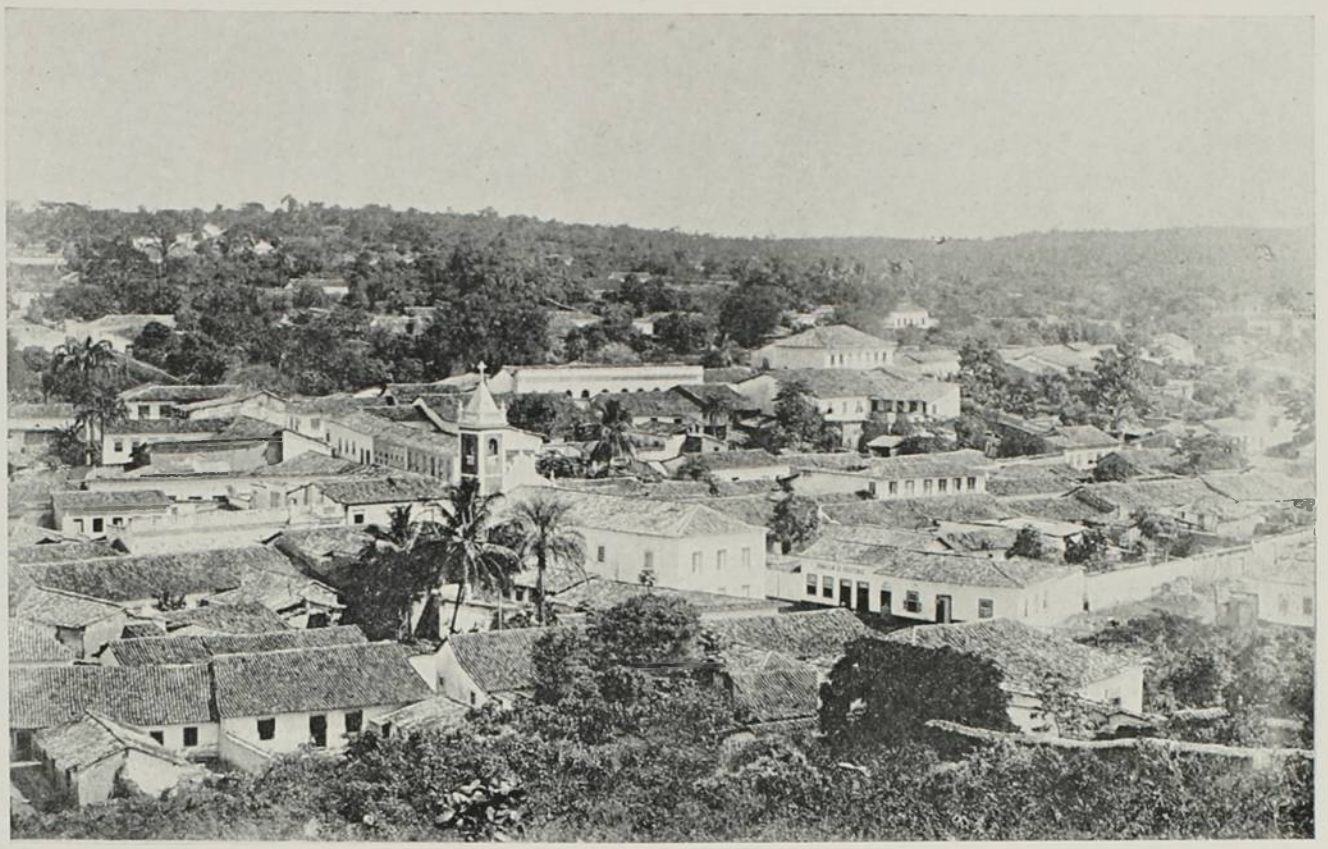
PORTO DE CUYABÁ

a minha estadia lá, uma velha apurou num dia duzentos e tantos mil reis.

Mas si ahi já não existe a exploração nem pelos processos rudimentares dos primeiros tempos, o mesmo não se dá pouco adiante, nos rios Coxipó, um dos quaes tem a designação expressiva de *Coxipó do Ouro*, onde uma empreza recentemente organizada, dotada de bons apparelhos, encetou a referida exploração com fundadas esperanças e já talvez regulares resultados.

Num d'esses rios, de aguas limpidissimas e sempre frias, a uma legua de Cuyabá, se encontra a villa ou povoação de Coxipó da Ponte, nome tirado da elegante construcção não muito nova, mas ultimamente refeita, que liga as margens. E' ahi que a população abastada da capital, inteiramente despreoccupada de faisqueiras, vem veranear ou passar os domingos em festas, cavalgatas e pic-nic...

Não é o ouro o que avulta mais em Matto Grosso. Outros mineraes preciosos, cobre no valle do Jaurú, gemmas, especialmente diamantes, nas cabeceiras do Paraguay e do Arinos, carvão de pedra no municipio de Miranda, manifestam-se tambem, provavelmente noutros pontos, citando-se mesmo, não sei com que fundamento, a existencia de areias monasiticas.



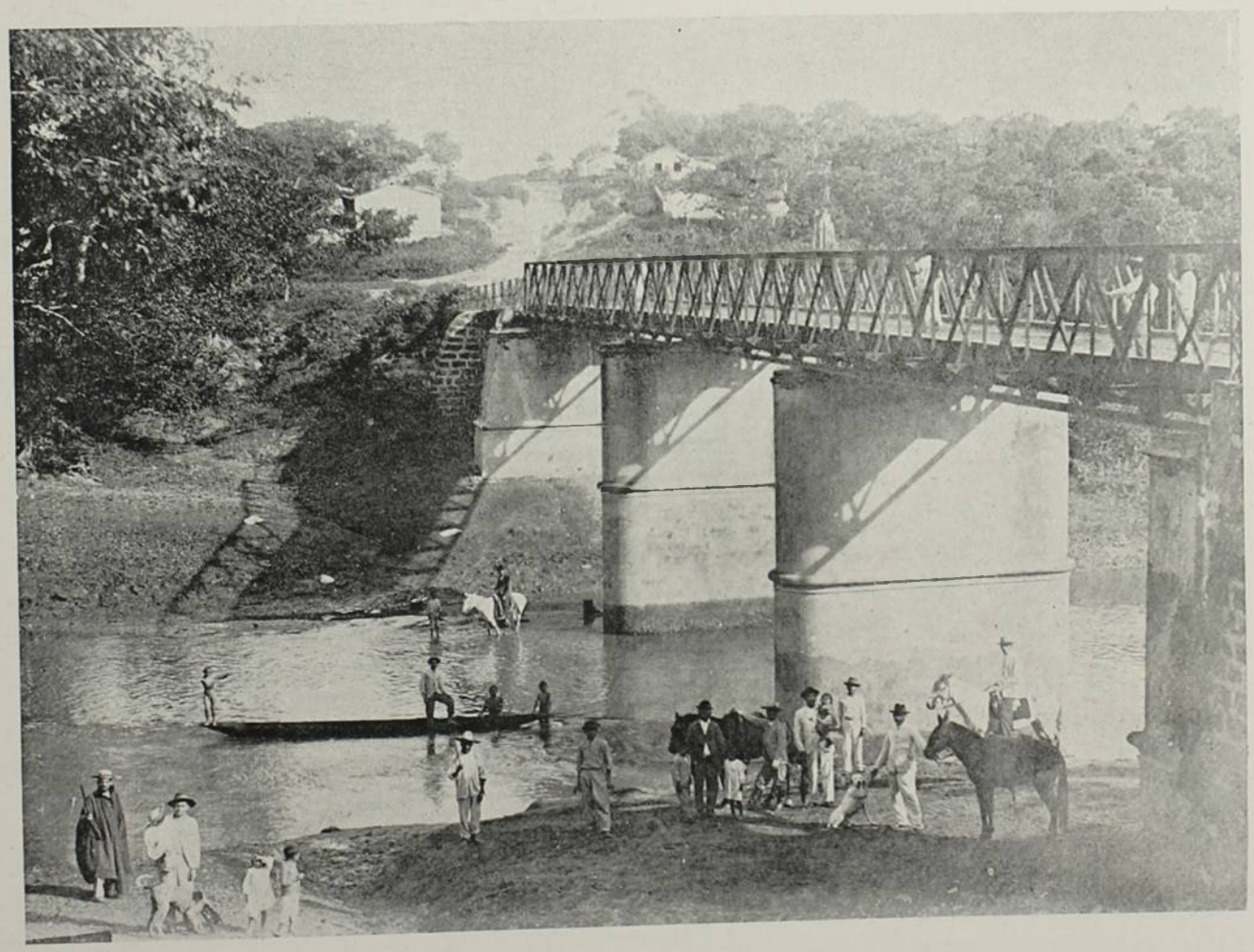
CUYABA

Quem conhece a graciosa Corumbá, cuja photo-gravura mostra apenas a Alfandega com a respectiva ponte e pequeno trecho do bairro commercial, encoberto pelo navio brasileiro *Mercedes*, sabe que a cidade se estende para o interior e para os lados sobre a barranca, em ruas e praças regulares, havendo ainda muito terreno baldio mesmo sobre a barranca, que se presta aos exercicios militares.

Sabe tambem que não longe, a vinte kilometros, está situada uma propriedade excellente, de clima amenissimo, de fecundidade notavel, de variados encantos. E' a fazenda do Urucum, pertencente aos srs. Carcano, parentes do velho general italiano, inventor do fusil de guerra que tem o mesmo nome.

Chama-se *Urucum* por causa do morro, de cujo cume se descortina explendido panorama abrangendo o Paraguay, seus extensos pantanaes, oceanos verde-negros de mattas virgens, morros da Bolivia, campos de Jacadego, lagoa de Caceres, arsenal de marinha do Ladario, havendo quem affirme divisar-se ao longe, com poderoso oculo, a antiga villa de Miranda.

Ao lado está outra propriedade dos mesmos donos, montanhosa, o *Belvedere*, denominação plenamente justificada, onde fundou-se uma enfermaria provisoria e de experiencia para os beribericos das forças do districto. Fronteira ergue-se a *Tromba do macaco*, morro dos mais importantes de Matto Grosso naquella zona; e não longe se acha a



PONTE DO COXIPÓ

fazenda de S. Domingos. Todo esse conjuncto fórma colossal jazida de ferro e manganez, de minerio purissimo, sendo taes morros verdadeiros blocos d'onde jorra crystallina agua, com inteiro sabor metallico.

Essa jazida foi convenientemente estudada e calculada por um engenheiro de minas, que publicou conscienciosо trabalho sobre a respectiva exploração, lucros, melhores meios de transporte dos productos etc. Lembro-me ter lido julgal-a sufficiente para abastecer o mundo inteiro de materia prima, por espaço maior de meio seculo!

Entretanto, o que só por si seria bastante para constituir a riqueza de uma nação, não tem valor algum pela falta de capitaes, pela nossa inercia physica, intellectual e moral, que gera o menospreço de interesses vitaes, entregue quasi permanentemente a preoccupações egoisticas, curtas, sem horisontes, de raça inferior.

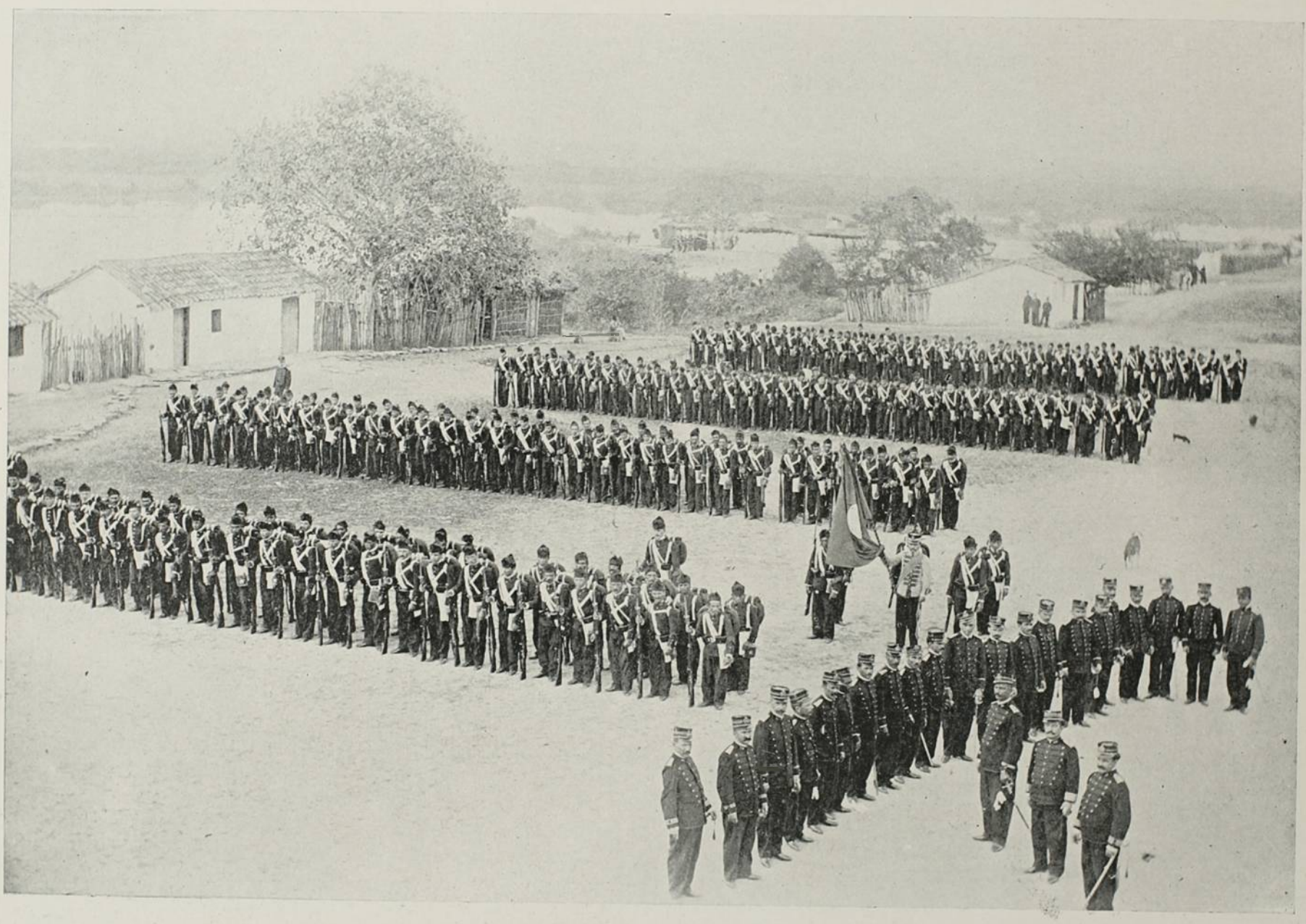
Si Matto Grosso não teve ainda ao menos poetas que lhe cantassem as grandezas, não tem faltado outros espiritos eminentes e investigadores, como Ricardo Franco, Castelneau, D'Alincourt, Leverger, João Severiano, conego Guimarães e tantos outros, interessados com amor e paixão em desvendal-as, quasi sem proveito!...

Si do reino mineral se passa ao mundo organico, vegetal e animal, se verifica a mesma exhuberancia, a mesma opulencia, as mesmas maravilhas. Ali se encontram mattas inexploradas de preciosissimas madeiras, abundantes serin-

gaes em que mal se tem tocado, hervaes que já fizeram a fortuna da companhia Matte-Larangeira, forragens superiores á alfafa, poaia, baunilha etc. etc.

São os productos expontaneos do solo, como tambem dizem ser o arroz nas margens do Paraguay e outros rios. Mas si se appella para a cultura, os mesmos prodigios se observam no café da Chapada, nos cannaviaes das margens de Cuyabá, no milho, no fumo, na mandioca, em tudo e por toda a parte quasi, nesse paiz de todos os climas.

Essas riquezas não têm tido tambem relativamente exploração, porque falta o agente essencial de todos os progressos, de toda força, de toda grandeza effectiva e real, a população, de cujo augmento nunca se tomou ao serio e nem se o toma ainda.



O 25º BATALHÃO DE INFANTERIA EQUIPADO, EM ORDEM DE MARCHA — CORUMBÁ

Por isso, Matto Grosso não produz sequer para o consumo, importando muitas vezes até do Paraguay generos de primeira necessidade. Colloca-se evidentemente em plano inferior quando por muito tempo aquella Republica se locupletou com os hervaes do Iguatemy e se vangloriou com o matte brasileiro, como sendo o seu melhor producto, então exportado pela Villa Concepcion.

Uma das primeiras riquezas de Matto Grosso é o gado, em grande parte alçado e bravio. A aptidão talvez excepcional das condições mesologicas para augmental-o, se caracterisa pela extrema precocidade da femea, em pleno desenvolvimento, nos actos da procreação. D'ahi essa quantidade enorme que ali se destroe e d'ali se exporta para o

Paraguay, Minas Geraes, S. Paulo, chegando talvez até o Rio de Janeiro.

Bourgade numa obra de vulgarisação e de propaganda em favor do Paraguay, assim se exprime: «Esta disposição dos terrenos é considerada como essencial para o estabelecimento de uma *estancia*; é ella que constitue uma porção da superioridade da margem esquerda do Paraná nas questões de criação. Se a encontra, de facto, por toda parte n'essa região, que comprehende o Uruguay, a Mesopotamia argentina, o Paraguay e a provincia brasileira de Matto Grosso. Póde-se accrescentar tambem a do Rio Grande, que pertence ao mesmo systema.

Uma cousa a notar é que quanto mais se sobe para o norte mais as condições de criação melhoram. Assim é que o Paraguay tem gado mais apreciado que o de Corrientes e que a provincia de Matto Grosso fornece essa bella raça de Miranda, que é a mais apreciada da America do Sul.

«Conforme estatisticas organizadas com cuidado nas estancias do paiz, reconheceu-se que uma legua quadrada de territorio póde nutrir de 1500 a 2000 rezes adultas, ou seja 100 por kilometro quadrado... não se contando as crias, o que eleva o numero a cerca de um animal por hectare. Esta proporção nos parece muito razoavel, admittindo que tudo não é pastagem nas estancias do Paraguay.»

Dadas as condições reconhecidas da superioridade de Matto Grosso na qualidade do gado, na proliferação, na vastidão immensa de um territorio superior a 1.400.000 kilometros quadrados, é facil imaginar-se a expansão de que é capaz uma tal riqueza!

Matto Grosso é, portanto, o paiz dos assombros. Chamar sobre elle a attenção, sinão do mundo civilisado para virem se fixar ahi as sobras das populações validas, mas dos proprios brasileiros para que conheçam, desenvolvam e defendam os seus infinitos thesouros, é por certo acto de verdadeiro patriotismo.

Avila Franca.

CANHÕES DE TIRO RAPIDO

EXPERIENCIAS NO BRASIL

SEMPRE que entre nós se cogita de introduzir um melhoramento qualquer em nosso material de guerra, surgem difficuldades.

E quando um Ministro, cheio de iniciativa, sem esquecer as lições do passado, pesquizando as incertezas do futuro, procura acautelar-nos de surprezas, sempre dolorosas, longos são ainda os estadios a vencer.

D'entre os opposicionistas que então surgem, ha um grupo que acatamos, tendo como representantes profissionaes estudiosos, que constituem o que se póde chamar o elemento conservador do Exercito.

Esses, geralmente, confiam de mais no que temos e, quando um problema novo se apresenta resolvido, duvidam sempre da solução, porque foi para elles inesperada.

Mas, si não são opposicionistas systematicos, curvar-se-ão em face de provas materiaes, concludentes.

D'entre as duvidas arguidas contra o canhão de tiro rapido de campanha, que estudamos, se releva a de falta de resistencia d'esse material, ou sua pouca *rusticidade*, para repetirmos a expressão então empregada.

Talvez seja isso o reflexo de ideias identicas que surgiram na Europa, principalmente na Allemanha, quando ainda o canhão sem recuo era considerado um instrumento muito aperfeiçoado, muito delicado, para ser empregado em campanha.

Effectivamente, ninguem mais do que o general Rohne, cuja opinião é acatada como a de um dos mais competentes no assumpto, se mostrou adversario d'esse canhão, classificando de utopia a sua construcção de modo satisfactorio.

Sincero patriota, porem, tres annos depois declarava que «lui même, en presence de la rapidité des progrès de l'Industrie, se trouvait pris en defaut.» (1)



A propria casa Krupp em seu relatorio n. 89, publicado em principios de 1898, apresentando alguns modelos de reparos do systema que estudamos, declarava que elle não era ainda apto para a guerra.

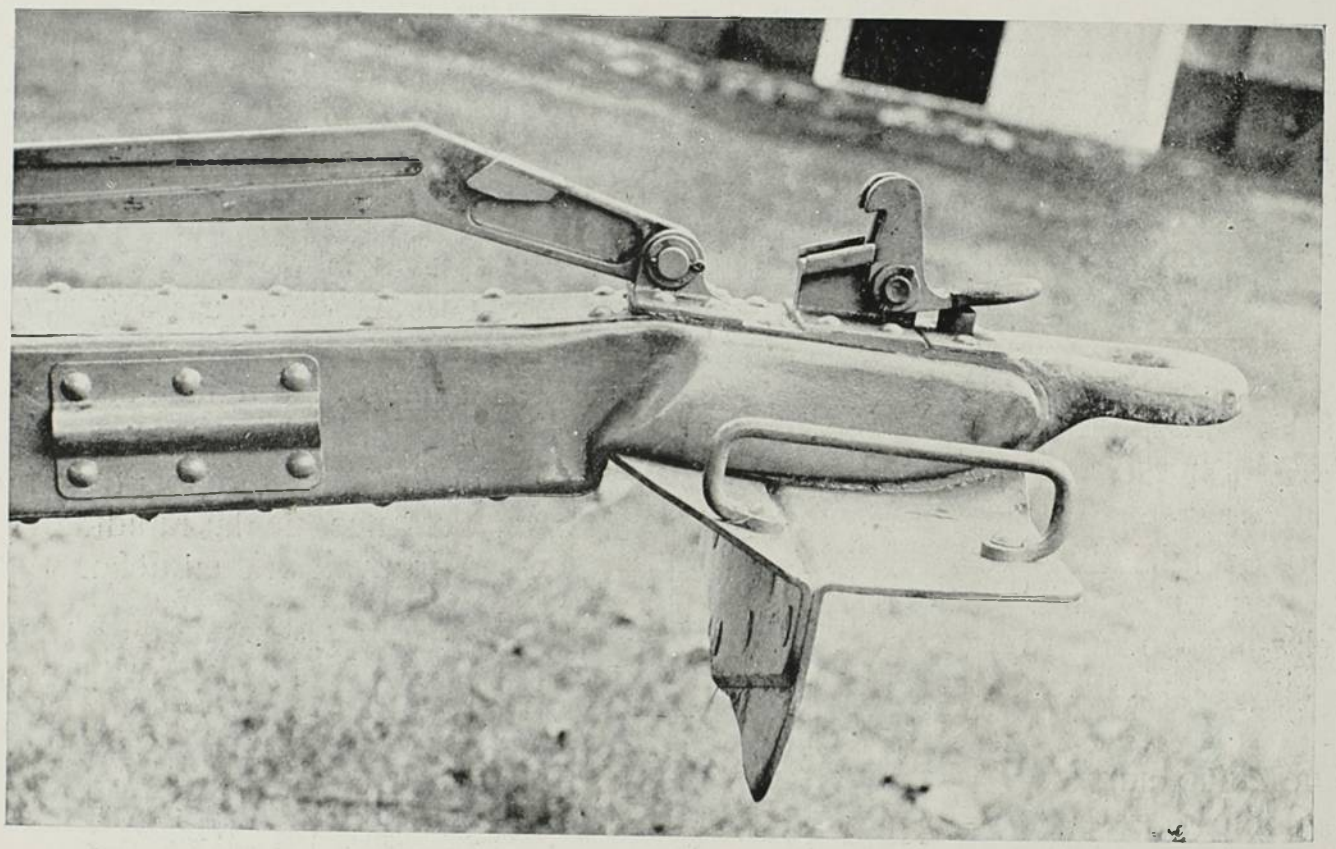
Entretanto, cinco paizes da Europa (Suecia, Dinamarca, Suissa, Turquia e Hollanda) já se resolveram pelo canhão de recuo sobre o reparo, preferindo typos d'aquelle grande industrial. (2)

(1) Rouquerol—Organisação da artilheria de campanha—Pagina 205.
(2) Revista internacional—Fevereiro de 1904.

E, mais longa seria a nossa serie, si citassemos os paizes que fabricam o seu proprio material, a cuja frente está a França que adoptou o canhão actualmente regulamentar, de recuo sobre o reparo, desde 1897.

Em nosso ultimo trabalho apresentamos o canhão Krupp de 7c, em sua installação provisoria, depois de retirado das ruinas, a que ficaram reduzidos os armazens do Polygono do Realengo, em consequencia do incendio de 11 de Agosto de 1903.

Chegaramos tarde para assistir o que de mais tenebroso ali se passava—o arrebentamento de grande numero de projectis, alguns carregados com "melinite", atirando estilhaços que se iam projectar a grandes distancias, tornando impossivel a approximação dos valentes operarios da Fabrica de Cartuchos e praças



do 20º Batalhão de infanteria, que, pressurosos, acudiram ao lugar do sinistro.

Chegámos, entretanto, ainda a tempo de assistir á luta desesperada d'aquelles valentes, que se travou logo que uma mais longa intermittencia naquellas explosões lhes permittiu se approximarem d'aquelle fóco de destruição.

Parecia impossivel que d'aquelle amontoado de destroços se podesse retirar alguma cousa aproveitavel; entretanto, depois de ligeiras reparações que poderiam ser feitas em campanha, com os recursos de que então se dispõe, estava o canhão Krupp de 7c, apto para realisar as bellas experiencias a que nos referimos em nosso numero anterior.

Será razoavel que se diga que á um canhão que deu mais de 500 disparos, sendo 81 em experiencias depois d'aquelle lamentavel sinistro, sem que os seus orgãos mais delicados—o freio e o recuperador—tenham deixado de funccionar uma só vez, falta a *rusticidade* necessaria ao serviço de campanha?

E' tempo, pois, de confessar, que vae longe aquelle receio de falta de *rusticidade*, de que ainda se fallou o anno passado!

—

D'entre as censuras feitas á casa Krupp, depois de conhecido o resultado das experiencias de 1902, figurava a diminuição de calibre, reduzindo-o a 7c.

As nossas experiencias em 1903 tiveram inicio a 20 de Agosto com um canhão de 7,5c do mesmo fabricante. Nesse material vimos realisadas todas as modificações que indicaramos para o canhão de 7, no intuito de tornal-o mais apto para o nosso serviço.

Ia, pois, se travar a luta entre os tres concorrentes preparados para ella: Vickers, Ehrhardt e Krupp; luta que no corrente anno promette ser mais renhida, com a presença de dous novos adversarios de grande valor—St. Chamond e Schneider-Canet.

Bem cedo verificamos que, apezar dos aperfeiçoamentos feitos em seu material, não conseguira a casa Vickers apresentar um canhão que se mantivesse estavel, embora fossem menos violentos os saltos de seu novo modelo.

Attendendo, porem, a solicitações de seu distincto representante, o Sr. Cerqueira Lima, consentiu a commissão renovar as experiencias, iniciando-as por uma serie de tiros em fogo rapido, contra um alvo a 100m, não podendo o apontador tocar nos apparelhos de pontaria depois dos dois primeiros disparos.

Notamos que a pá da conteira, collocada sobre terreno duro e horisontal não se enterrava, de maneira que fixasse o reparo, mas, ao contrario, todo o systema recuava de cerca de 36 c, voltando á posição primitiva pela acção dos recuperadores.

Um facto anormal se revelou ainda, salientando a extrema habilidade de artilheiro da casa Vickers: os *pontos de empacto* começaram desde logo a ter abcyssas, crescendo rapidamente de valor, para em certo momento voltarem a ser muito pequenas, evidenciando que o artilheiro tivera a habilidade de manobrar as manivellas de pontaria, de modo que passaria despercebido, si aquella anormalidade lhe não tivesse denunciado a ligeireza.

Tornou-se, por isso necessario repetir a experiencia, tomando-se a precaução de cobrir as manivellas de pontaria depois do segundo tiro.

Desde então, a pá da conteira mordendo com força o solo duro e resistente, começou o canhão a saltar, e ao terceiro tiro davam já as chapas dessa conteira, signaes de sua pouca resistencia, chegando ao estado em que aqui o apresentamos.

E o artilheiro da casa Vickers, que resistira com bravura aos choques violentos produzidos pelos saltos do canhão, ficou devéras abatido, quando lhe mostramos o estado a que ficara reduzido o seu material.

Tenente-Coronel L. Barbedo.



Inauguração dos trabalhos da Avenida Central

Aspecto do local—angulo das ruas do Acre e S. Bento—onde foi collocada a pedra inaugural, tomado por photographia instantanea, no momento da cerimonia.

Ao centro do agrupamento destacam-se os snrs. presidente da Republica, Prefeito do Districto Federal, engenheiro Paulo de Frontin.

A QUESTÃO FEMININA

III

DADAS as divergencias caracteristicas dos dous sexos e a defficiencia em um de qualidades que sobram no outro, o unico meio de realisar uma unidade social definida e completa está no concurso dos dous, de modo que cada um dê ao outro o que lhe falta para integrar-se.

Esse concurso geral reduz-se fundamentalmente á união do homem e da mulher, união, que, independente de qualquer idéa de procreação — muitas vezes incompativel com a organisação physica dos conjuges ou pelo menos nociva aos descendentes — consiste em tornar a alma masculina mais pura, mais terna, mais amorosa, e dar á mulher mais coragem, mais prudencia, e mais firmeza.

O par torna-se assim o verdadeiro individuo social. E é do concurso dos pares ou das familias mais ou menos numerosas que resulta o aggregado social, onde o individuo, considerado pessoalmente, é um simples orgão do corpo collectivo.

Tal conjuncto de familias, reunidas a principio em tribus e nações, constitue as patrias, cuja convergencia forma a associação universal, a Humanidade.

Familia, Patria e Humanidade são os tres typos da sociedade humana, primeiramente domestica, depois civica e finalmente planetaria.

Como é facil de vêr, é do par fundamental que surgem successivamente todos os grupos humanos; instituil-o e melhoral-o é pois o principio primordial da instituição e aperfeiçoamento da patria e da sociedade inteira.

A Humanidade, em sua lenta e penosa evolução, tantas vezes secular, conseguiu, atravez de todas as vicissitudes, superando as barreiras que o egoismo oppõe ás conquistas do amor, crear a familia e aperfeiçoal-a de modo a conduzil-a da forma mais grosseira da polygamia fetichista até ás alturas magestosas da monogamia indissoluvel e eterna, que o Positivismo revelou, passando pelos estados intermediarios da monogamia com divorcio das civilisações militares, e monogamia indissoluvel até á morte, do regimen catholico feudal.

E' verdade que nos tempos modernos a metaphysica revolucionaria, sincera ou malevolamente, proclama, como formas progressistas do casamento, instituições anachronicas só compativeis com as civilisações passadas, onde representaram um progresso real com relação aos estados anteriores.

Mas a verdadeira sciencia, a sociologia positiva, a sociologia dos que decidem por ella uma questão social como resolvem pela astronomia um problema celeste ou tratam de um phenomeno de movimento conforme os principios da mecanica, e não a desses que querem dar opiniões sobre a sociedade e o homem, desconhecendo muitas vezes a propria numeração; essa verdadeira sociologia, dizemos, prova que as taes medidas apregoadas como progresso são uma completa retrogradação.

E' na sciencia do passado, na historia da nossa especie, que a sociologia vai buscar os materiaes em que se funda para induzir a lei statica do casamento humano, a lei dynamica de sua evolução e a regra pratica de sua constituição normal.

A união conjugal nas primeiras épocas foi puramente polygamica. As nações fetichistas e theocraticas não passaram além dessa fórma rudimentar.

A *Biblia*, o livro supremo da civilisação hebraica, que era uma theocracia, e á qual o monotheismo catholico refere a sua filiação, é um dos documentos probatorios da existencia da familia polygamica nas eras antigas do governo de Deus, mesmo quando esse Deus é o Senhor de Israel, do povo eleito donde províria o Christo.

Em paginas e paginas encontram-se successivas referencias ás *mulheres* de Abrahão, Jacob, Salomão, etc.

Nas populações militares que succederam ás theocracias, e são representadas especialmente pela elaboração intellectual propria á Grecia e a incorporação activa realisada pelos Romanos, a Humanidade, progredindo, deu mais um passo no caminho do aperfeiçoamento familial, instituindo a monogamia, embora com divorcio, e presentindo já o valor moral e social da monogamia indissoluvel e viuvez eterna, pela veneração que os polytheistas sociaes, os Romanos, prestavam á mulher não divorciada e á viuva que se não casava, como se deprehende do acatamento consagrado á grande Cornelia, mãi dos Gracchos — *que só conheceu um marido* — segundo reza o epitaphio da incomparavel romana, e se admira no typo sublime da infeliz esposa de Sicheu, a immortal Dido, pela bocca da qual o maior poeta latino, embora lhe fosse injusto, calumniando-lhe a memoria, faz proclamar estas admiraveis palavras, que já reflectem o echo do futuro:

Sed mihi vel tellus optem prius ima dehiscat,
Vel Pater omnipotens adigat me fulmine ad umbras,
Pallentes umbras Erebi, noctemque profundam,
Ante, pudor, quam te violo aut tua jura resolvo.
Ille meos, primus qui me sibi junxit amores
Abstulit, ille habeat secum, servet que sepulchro.

(VIRGILIUS—*Æneis*, lib. IV).

Mas eu me afunde no amago da Terra,
Ou me fulmine o omnipotente Jupiter,
Arrojando-me ás do Erebo trevoso
Pallidas sombras e profunda noite,
Antes do que, Pudor, eu te viole
E as tuas juras perfida atraiçoe.

Aquelle que primeiro a mim se uniu
Levou comsigo os meus amores todos;
Comsigo os tenha, no sepulchro os guarde.

(VIRGILIO—*Eneida*, liv. IV).

Na idade-média o grande S. Paulo, digno herdeiro das gloriosas tradições dos pensadores gregos e romanos e da admiravel civilisação que se formou em torno da incomparavel cidade, aboliu definitivamente o divorcio, creou a monogamia indissoluvel até á morte, embora, de conformidade com os principios egoistas do theologismo monotheico, que comprime todos os affectos puramente humanos, fizesse do casamento uma degradação permittida e nunca um aperfeiçoamento, segundo se vê, entre outras, desta passagem de uma das suas admiraveis epistolas aos Corinthios:

«1. Pelo que pertence, porém, ás cousas a respeito do que me escrevestes digo, que bom seria a um homem não tocar mulher alguma;

«2. Mas para poder guardar castidade, cada um tenha sua mulher e cada uma seu marido».

(S. PAULO.—*Epistola aos Corinthios*, cap. I, v. 1-2).

Emfim, completando a obra do passado, desvendando as leis da historia e decifrando o enygma dos seculos, novo S. Paulo com a intelligencia de Aristoteles, Augusto Comte poz a cupola final no monumento lentamente construido da familia humana, instituindo, como fórma suprema e definitiva da união conjugal, a monogamia indissoluvel e eterna, e, resumindo as condições dessa sublime união, que elle chamou—*uma verdadeira amizade aformoseada por uma incomparavel posse mutua*—, formulou-as, nesta triade tão racional quanto affectiva: *virgindade previa, fidelidade continua* e *viuvez eterna*.

Assim a historia contradiz por completo os pretendidos innovadores.

Quem defende o divorcio, propõe uma medida peculiar a civilisações que existiram ha mais de Vinte seculos, e só compativel com as suas similares modernas, isto é, naquelles povos comtemporaneos que se acham no mesmo periodo de civilisação que os polytheistas do passado occidental.

O casamento com divorcio na sociedade hodierna, quando o Catholicismo tornou indissoluvel o laço conjugal e o Positivismo instituiu uma das suas mais bellas creações—a viuvez eterna—, é, na ordem social e moral, o que seria, na ordem material, atravessar o Atlantico num barco phenicio quando se conhece a navegação a vapor, ou chegar a India pelos desertos africanos depois da viagem do Gama.

Quanto a proclamar a necessidade irremediavel do divorcio, citando casos e casos individuaes de perturbações domesticas, nada adianta, pois não é com tal correctivo que as naturezas melhoram; ao contrario, tornam-se mais aptas a produzirem os mesmos conflictos quando, livres, instituirem novos lares.

Nesse caso, o problema só póde ser resolvido, as situações domesticas só pódem melhorar, pela reorganisação total das opiniões e dos costumes. Qualquer outra solução é mais apparente do que real.

Além disso, as mesmas razões pódem ser apresentadas, e então têm mais força, na defesa do amor livre.

A versatilidade egoista dos corações que não «se impõem deveres para fazer sentimentos», ainda melhor se adapta a esse estado de suprema revolta contra a sociedade e a familia, que, na linguagem dos seus coripheus, simples sophistas sem virtude e sem saber, representa o progresso maximo, mas não passa realmente da phase mais atrazada da nossa especie, quando ella se achava reduzida á mais grosseira animalidade; póde-se dizer até que numa época anterior a todo o Fetichismo.

Mas tudo isso não passará.

Os destinos humanos se hão de realisar na orbita traçada pelas leis que os regem, apezar dos argumentos capciosos dos sophistas e dos impetos revolucionarios das populações anarchisadas.

A familia resistirá aos ataques de todo o genero; as portas do inferno não prevalecerão contra ella, podemos dizel-o, repetindo as palavras do evangelista.

Constituida normalmente, ella continuará a ser, e de um modo incomparavelmente superior, a base fundamental da sociedade, e nella o homem aprenderá a amar e servir melhor a Patria e a Humanidade, amando e servindo os entes que se lhe acham mais intimamente ligados: a mãi, a esposa e a filha.

E', pois, nessa familia normal, reduzida ao par fundamental ou augmentada com os ascendentes e descendentes immediatos, pais e filhos, que devemos apreciar o papel que cabe á mulher; dahi concluimos sua influencia na sociedade, além da que exerce na familia, e portanto sua incorporação necessaria e urgente ao movimento de regeneração que agita todas as almas dignas, sem que para tal tenha ella de perder a sua missão suprema, que é a de amar.

IV

A mulher é a alma da familia.

Encarnando o amor, ella constitue o primeiro elemento do par fundamental, é a dona da casa, segundo a expressão vulgar, ou antes a deusa do lar, quando esse lar é um paraizo.

Limitada ás suas funcções domesticas, governa sempre, não pela força, mas pelo amor.

E' ella que no laboratorio da familia prepara a Patria e a Humanidade, formando homens: o esposo que ella aconselha e os filhos que educa.

Sem fortuna, sem dotes e sem heranças, sua riqueza consiste unicamente nas duas grandes virtudes que a Idade-Média tanto honrou, immortalisando-as na deusa dos Cruzados: pureza e ternura.

A vida privada é o seu unico dominio.

Emquanto o homem possue o governo da força, que dirige a vida publica e modifica o mundo, ella, que dispõe só do amor, dirige a vida privada e modifica o homem.

E' essa a situação normal da mulher, situação que resulta não só da apreciação de sua natureza mas ainda do conjuncto da evolução historica.

Nos tempos primevos, que se reproduzem hoje entre as tribus selvagens, nas eras da promiscuidade primitiva, a mulher não passava de uma alimaria, sujeita aos mais pezados trabalhos exteriores. Até após o acto sagrado da maternidade a ella não competia o repouso, mas sim ao homem, como se lê no poema de Durão:

> E como se a mulher soffrera nada
> Tudo ao pai reclinado então se admitte,
> Qual fôra tendo sido em modo sério
> Seu proprio e não da mãi o puerperio.
>
> (Durão—*Caramurú*, cant. II).

Entretanto, mesmo nessas épocas longinquas, já funcções domesticas eram exclusivas á massa feminina, e nas civilisações theocraticas, no Egypto, na India, a mulher, vencendo o communismo primitivo, conseguia abrandar o coração masculino e tornar-se companheira, embora ao lado de outras que lhe partilhavam a sorte.

Já então não nos achamos nos tempos de mulheres alimarias ou guerreiras e caçadoras, mas nos daquellas que cuidam dos interesses da sua habitação, cuidam da casa, do fogo, do vestuario, emfim dos utensilios domesticos, emquanto o homem pesca, caça, pastorea o gado ou cultiva os campos.

As civilisações militares, dando mais um impulso á tendencia espontanea da concentração domestica do sexo amoroso, excluia-o positivamente das funcções publicas, ao mesmo tempo que lhe honrava, ainda mesmo durante a decadencia de taes civilisações, as suas mais bellas virtudes. A pureza, por exemplo, que o Catholicismo teria de santificar mais tarde no mysterio da Virgem, encontrou sua glorificação romana no culto de Vesta.

Apezar dos sophistas proclamarem na época da anarchia grega a monstruosa doutrina feminista, fazendo da mulher um ser masculinisado e portanto capaz de concorrer com o homem nas funcções da existencia publica, o bom senso popular, aliado ao criterio philosophico dos verdadeiros pensadores e á imaginação poetica dos verdadeiros artistas, não permittiu o triumpho da immoralidade e do erro.

O maior poeta comico da antiguidade, numa peça magistral, infelizmente concebida em termos muito livres para a scena moderna, estygmatisou com uma satyra pungente todas as aberrações dos rethoricos e sophistas de então. *As Tagarellas* de Aristophanes, tal é apeça, foram um golpe mortal vibrado contra o feminismo de todas as épocas.

Mas foi o regimen medievo que veio instituir de um modo definitivo a existencia exclusivamente domestica da mulher, e ao mesmo tempo glorificou-a tanto que a poz no altar, adorando-a como a mãi de um deus.

Deus estava assim transformado no Homem.

A Humanidade era o verdadeiro Ser-Supremo.

Com effeito, ao Jehovah vingativo e terrivel, revelando a Moysés, no meio de relampagos e trovões, as taboas da Lei, succedera Jesus, o Deus-Homem; deus, vingativo, expulsando a chicote os vendilhões do templo; homem, bondoso, perdoando a Magdalena porque tinha muito amado.

Emfim appareceu Maria, a Virgem-Mãi, simples ser humano, imagem antecipada da Humanidade, na linguagem prophetica do maior dos seus adoradores, o grande S. Bernardo.

E' essa mulher deificada, imagem da deusa, a mulher que reina em cada lar, atravez das mãis, das esposas e das filhas, para todos aquelles que se libertaram dos preconceitos theologicos e metaphysicos, e sabem humanamente amar; amam o amor pelo amor e não para agradar aos deuses ou a Deus.

E' no recesso do lar, que se ergue o altar á nova deusa.

E que mais nobre destino póde aspirar a mulher do que ser adorada pelo eleito do seu coração e pelos filhos do seu amor?

Que ambição mais sublime poderá ella ter do que dominar pelo amor aquelles mesmos que, dispondo da força, têm o imperio do mundo?

Ao formularmos essas perguntas parece-nos ouvir um sorriso desdenhoso de algum pseudo-pensador moderno e quem sabe tambem si de alguma doutora, ambos chamando de logares communs as expressões que empregamos e ambos, falando em nome de uma sciencia que só conhecem superficial ou empiricamente e ás mais das vezes não possuem, insistirem pela pretendida liberdade feminina, que, para elles, consiste no direito do voto, no exercicio da advocacia, da medicina, do commercio, das industrias quaesquer, de todas as profissões emfim que a sabedoria humana assignalou como destinadas ao sexo activo.

A intelligencia feminina passa sem brilho, dizem elles; a mulher enclausurada no lar fica alheia ás emoções da vida publica, á fama, á gloria, á todo o cortejo seductor que cerca a existencia masculina.

Ha em tudo isto completa ignorancia, quer lettrada, quer illettrada.

Vejamol-o.

Concentrada no lar a mulher, principalmente considerada como esposa, desenvolve as qualidades de coração que o marido possue em menor gráo, tornando-o mais puro e mais terno.

Ninguem ignora os milagres de amor, fazendo naturezas masculinas, mais ou menos degradadas pela vida revolucionaria que passam, se enobrecerem com a pureza e a ternura de uma digna esposa.

Ainda mesmo quando a paixão é ideal, que a posse não se realisa, as almas superiores purificam-se, tornam-se mais meigas, mais amorosas, na contemplação perenne da mulher amada.

A imagem della é como um anjo da guarda incomparavel, que a alma emparadiza, e afasta os máos pensamentos, como diziam Dante e Petrarca, emparadizados e purificados pelos vultos de Beatriz e de Laura:

Quella ch'imparadisa la mia mente (Dante)
Ogni basso pensier dal cor m'avulse (Petrarca)

E' esta influencia moral da mulher, cujo valor é muito desconhecido hoje pelos lettrados, em que os preconceitos de um scientismo futil, laborioso e inutil, arido e especialista, muito longe da verdadeira sciencia, e de uma arte materialista e grosseira, proclamam immoral e erroneamente a superioridade do espirito sobre o coração, é esta influencia moral que constitue a maior força da mulher e ao mesmo tempo a sua melhor satisfação e a sua verdadeira e incomparavel gloria.

Não ha mulher alguma, mesmo entre as que, por excepção, se consagram á cultura intellectual, que não sinta que o seu maior triumpho não está em resolver uma questão mathematica, effectuar um calculo astronomico, fazer um discurso brilhante, escrever uma memoria scientifica, mas sim em melhorar o coração do homem que ella escolheu e dos filhos do seu eleito.

Para não citarmos antigas, lembramos o nome dessa intellectual russa Sophia Kovalewski, fallecida ha quatorze annos apenas.

Era mathematica, cultora especialista de uma sciencia esgotada no que tem de util e necessario, salvo para "o orgulhoso algebrista que, como diz Aug. Comte, por falta de ternura e de imaginação, não cultiva afinal sinão o orgão da linguagem, segundo uma gyria especial, cujo util emprego é muito limitado."

Sophia Kovalewski era victima dessa cultura nociva que esterilisa o espirito e entibia o coração, e, apezar de ter feito algumas descobertas em mathematica, todas de muito valor para o mundo academico, mas de importancia secundaria ou nulla para os verdadeiros pensadores, a infeliz scientista sentio e conheceu que a sciencia não lhe satisfez as aspirações. Os ouropeis com que as academias do mundo lhe cercaram a fronte, não conseguiram lhe saciar a sêde da dedicação e, como diz uma publicista, sua compatriota, Mlle. Joteyko, "Sophia succumbio, o coração mortificado, a sciencia e a gloria não lhe pudendo bastar em sua investigação de uma ternura inaudita". (Mlle. Joteyko. — *A propos des femmes mathématiciennes.)*

E' esta vocação innata de amar, de dedicar-se, que constitue a funcção propria da mulher, e é por isso tambem que a sua principal força consiste, segundo a bella observação de Aristoteles, em superar a difficuldade de obedecer; pois amar é obedecer; quem não obedece não ama.

Mas como conciliar esta formidavel e irresistivel força de amar com as preoccupações intellectuaes, com o estudo das sciencias, das artes, da philosophia e mesmo com os trabalhos praticos?

Eis ahi o ponto principal da questão feminina, aquelle que tem dado logar ás varias aberrações do feminismo, até certo ponto desculpaveis, especialmente da parte das mulheres, á vista da obstinação de muitos homens em sustentarem e manterem um certo estado de semi-ignorancia para a intelligencia feminina, simplesmente porque acreditam talvez que a instrucção ha de ser sempre o que é hoje, e sempre ministrada nos claustros escolasticos ou nos institutos academicos.

Do que deve ser a instrucção feminina, a cultura intellectual da mulher, livre dos perigos moraes peculiares ao ensino moderno, da sua não incompatibilidade com a sua missão moral, é o que vamos agora desenvolver, terminando a nossa dissertação com a apreciação rapida da sua funcção pratica e da sua influencia publica, aliás toda indirecta, e apresentando-a emfim como a nossa verdadeira deusa, sonhada pelos adoradores da mãi de Jesus.

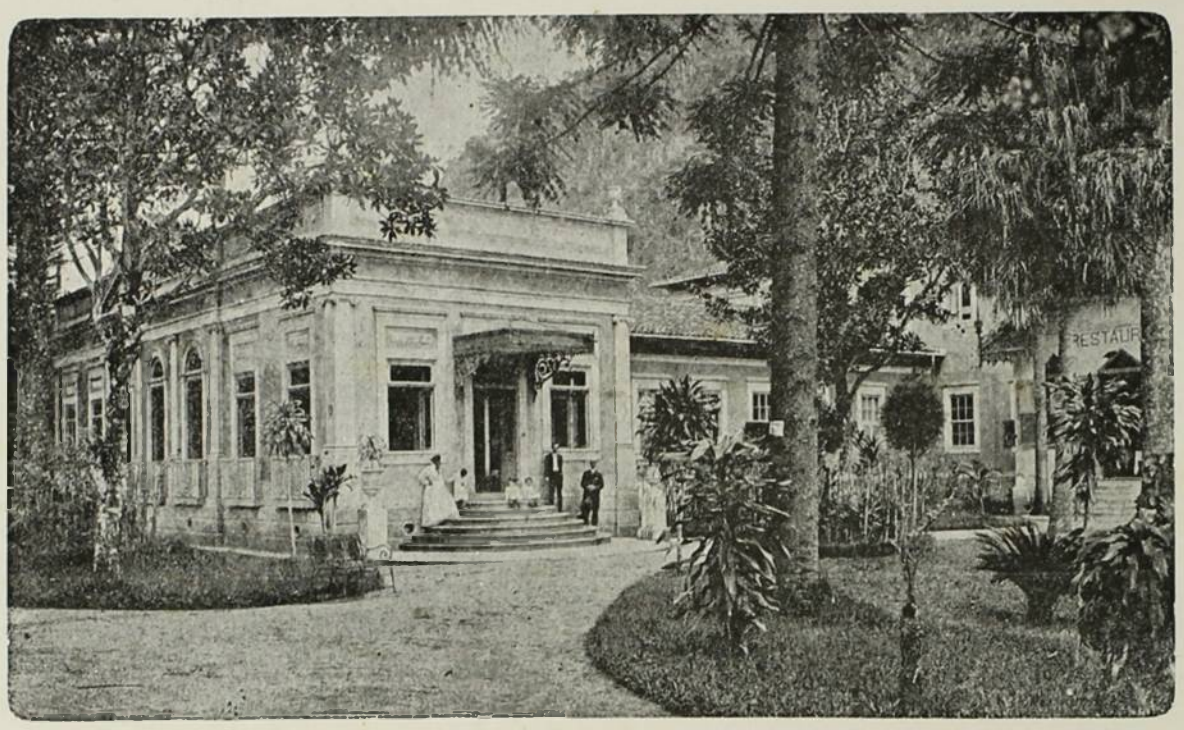
(A seguir).

Reis Carvalho
(Oscar d'Alva)

GRANDE HOTEL WHITE

ANTIGA RESIDENCIA DO CONDE DE ITAMARATY

* * * ALTO DA TIJUCA — RIO DE JANEIRO * * *



Este importante estabelecimento que acaba de passar por grandes reformas, dispõe para commodidade dos Snrs. Hospedes de vastos aposentos, parques, duchas e da celebre fonte - *Zézé.*

* Restaurant à la carte *

* Cosinha de 1ª ordem *

TELEPHONE N. 1094

Dirigido pelo proprietario «Martin»

A Equitativa

PROCEDERÁ AO 3.º SORTEIO DE SUAS APOLICES

Resgataveis em Dinheiro

* * * * * * NO DIA 15 DE ABRIL PROXIMO FUTURO * * * * * *

Pedir Prospectos

7 - RUA DA CANDELARIA - 7

RIO DE JANEIRO

Theatro Recreio Dramatico

A GRANDE NOVIDADE DA EPOCA

Cá e Lá

Revista de costumes e factos nacionaes e estrangeiros, em 3 actos 11 quadros e 3 apotheoses, ornada de 50 numeros de musica.

ORIGINAL DE B. DE GOUVEA E TITO MARTINS

TODAS AS NOITES

Anno I N. 4 ABRIL - 1904 Rs. 2$000

Kosmos



SUMMARIO

Chronica	*O. Bilac.*
Olavo Bilac	*Dr. Manoel Bomfim*
A familia imperial russa	
Pela campanha	*Magalhães de Azeredo*
Matto Grosso	*T.te C.el Avila Franca.*
Orchidéas do Paraná	*Domingos do Nascimento.*
Illuminação a azeite de peixe	*Dr. Vieira Fazenda.*
Mãe Maria (conto)	*Olavo Bilac.*
Vida Literaria	*José Verissimo.*
Ave !	*H. Oswald.*
Pastoral	*Benevenuto Berna.*
O Mestre de Campo	*Affonso Arinos.*
Araucania	*J. C. de Mariz Carvalho.*
Canhões de Tiro Rapido	*T.te C.el L. Barbedo.*
A questão feminina	*Reis Carvalho.*
Commentarios	*Sancho Alves.*

Castro Silva

A Equitativa

A Equitativa é preferida para o Seguro de Vida

PORQUE é puramente mutua. Isto é, todos os seus lucros são distribuidos pelos portadores de apolices. Todo o seu activo pertence aos segurados.

PORQUE as apolices d'*A Equitativa* não caducam depois de ter estado em vigor; ellas pódem ser restauradas dentro de um mez, sem exame medico, si por ventura o segurado deixar de pagar um premio : o exame medico só é exigivel depois de decorrido um mez.

PORQUE para ter resultado não é necessario que o segurado falleça, porquanto mesmo em vida poderá liquidar o seu seguro (se viver 10, 15 ou 20 annos), em dinheiro; apolice saldada em renda vitalicia.

PORQUE sua administração é a mais economica.

PORQUE como garantia para o futuro da familia, sua solidez não soffre contestação.

PORQUE as apolices d'*A Equitativa* pódem servir de base como garantia de qualquer operação mercantil.

PORQUE as suas apolices pódem ser liquidadas depois de tres annos de vigencia.

PORQUE quem possue uma apolice d'*A Equitativa* póde dormir tranquillo quanto ao futuro da familia e dos entes que lhe são caros.

PORQUE os calculos que presidem á elaboração de suas tabellas são feitos sobre dados certos.

PORQUE os sinistros de suas apolices são pagos pela *A Equitativa* 24 horas depois de apresentadas provas satisfactorias do fallecimento do segurado.

PORQUE, como instituição, *A Equitativa* é inabalavel e jamais poderá ser attingida pela maior crise que que possa atravessar o paiz.

PORQUE, nas suas apolices com resgate em dinheiro em vida do segurado, *A Equitativa* offerece vantagens que nenhuma outra companhia congenere póde dar.

PORQUE as suas reservas estão empregadas em titulos garantidos e bens de facil realisação.

PORQUE é a primeira sociedade nacional de seguros de vida.

PEDIR PROSPECTOS E TABELLAS Á SÉDE SOCIAL

RUA DA CANDELARIA, 7

RIO DE JANEIRO

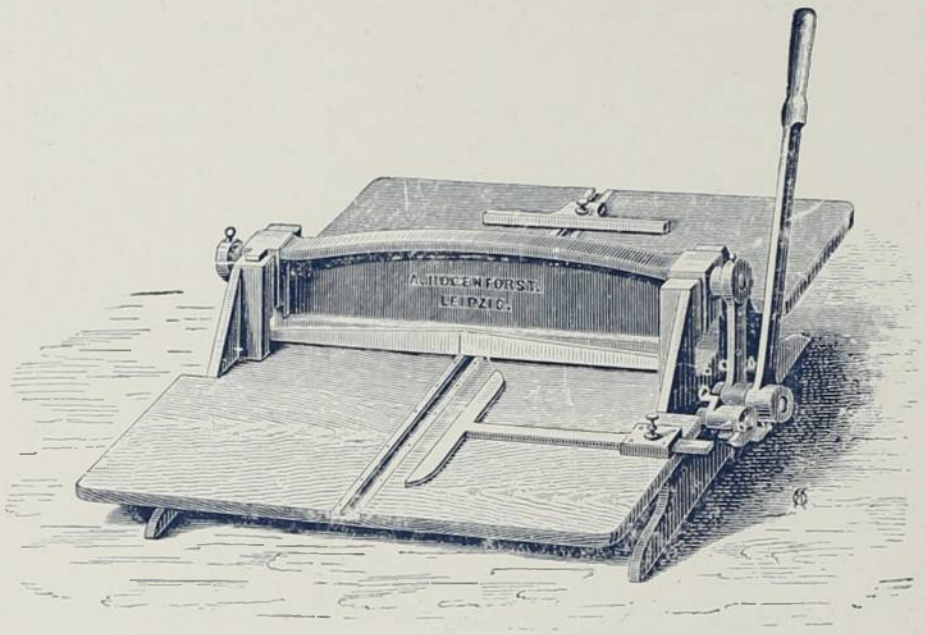
Ou a seus agentes e succursaes em todos os Estados da União.

ARTES GRAPHICAS

CAIXA DO CORREIO 994 — TELEPHONE N. 1106

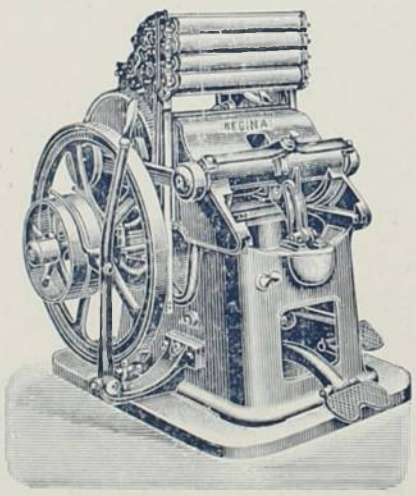
Temos sempre em deposito:

Tintas Typographicas,
Lithographicas,
Vernizes e Grande
Variedade de Typos



Massa para Rolos,
Arames para Cozer,
Zinco, Cobre e Madeira para Gravuras.

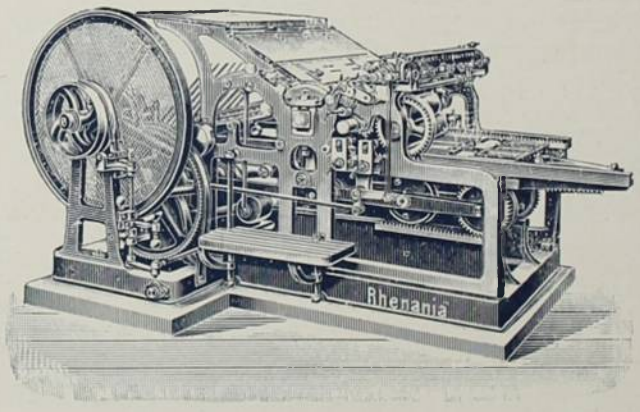
UTENSILIOS PARA COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO



MATERIAL PARA STEREOTYPIA

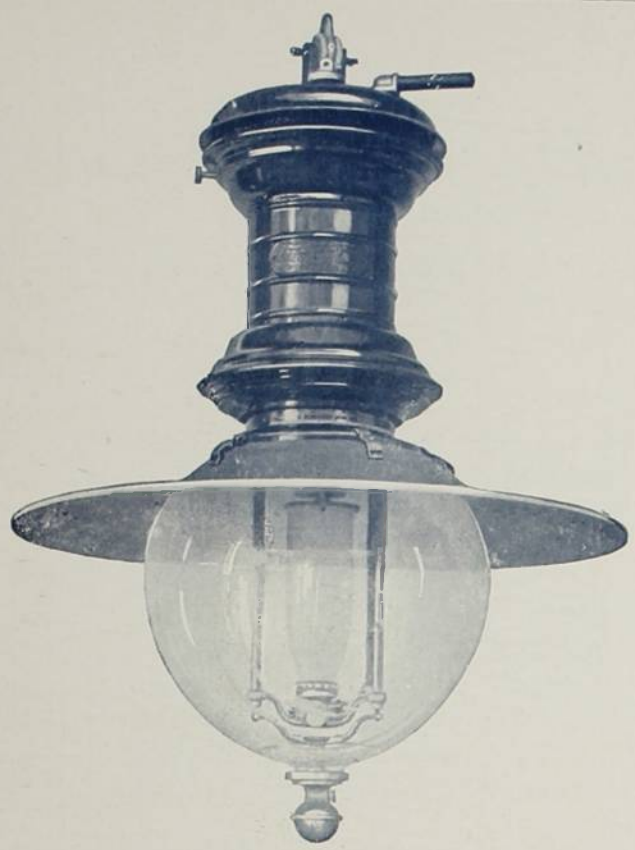
MACHINAS

PARA IMPRESSÃO ETC.



Augusto Niklaus & Co.

Rua da Quitanda N. 54 — RIO DE JANEIRO



REPRESENTANTES
DAS SEGUINTES FIRMAS:

GENERAL ELECTRIC CO.
APPARELHSO ELECTRICOS PARA FORÇA E LUZ

PELTON WATER WHEEL CO.
RODAS DE AGUAS, TURBINAS, &

Mc INTOSH SEYMOUR & CO.
MACHINAS A VAPOR

BABCOCK & WILCOX CO.
CALDEIRAS A VAPOR

THE PECKHAM MANUFACTURING CO.
TRUCKS PARA CARROS E VAGÕES

THE CHLORIDE ELECTRICAL STORAGE COMPANY LTD.
ACCUMULADORES ELECTRICOS

A. L. IDE & SONS
MACHINAS A VAPOR "IDEAL"

CHICAGO PNEUMATIC TOOL COMPANY
MACHINAS E FERRAMENTAS DE AR COMPRIMIDO

CLEVELAND TWIST DRILL CO.
BROCAS AMERICANAS

L. S. STARRETT CO.
FERRAMENTAS FINAS

CINCINNATI TOOL CO.
FERRAMENTAS

FAY & EGAN CO.
MACHINAS DE TRABALHAR EM MADEIRA

GLOBE WERNECKE CO.
MOBILIA DE ESCRIPTORIO

LOZIER MOTOR CO.
MOTORES E LANCHAS DE GAZOLINA

WORTHINGTON PUMPING ENGINE CO.
BOMBAS A VAPOR

MIETZ & WEISS
MOTORES A GAZ E KEROZENE

HAMMOND TYPEWRITER CO.
MACHINAS DE ESCREVER

VICTOR TALKING MACHINE CO.
GRAMOPHONES E ACCESSORIOS

EASTMAN KODAK COMPANY
APPARELHOS PHOTOGRAPHICOS

IMPORTADORES DE
MACHINAS PARA OFFICINAS E APPARELHOS ELECTRICOS DE TODAS AS QUALIDADES

ASCHOFF & GUINLE

* * * * SUCCESSORES DE JAMES MITCHELL & C. * * * *

Engenheiros Mechanicos Hydraulicos e Electricistas

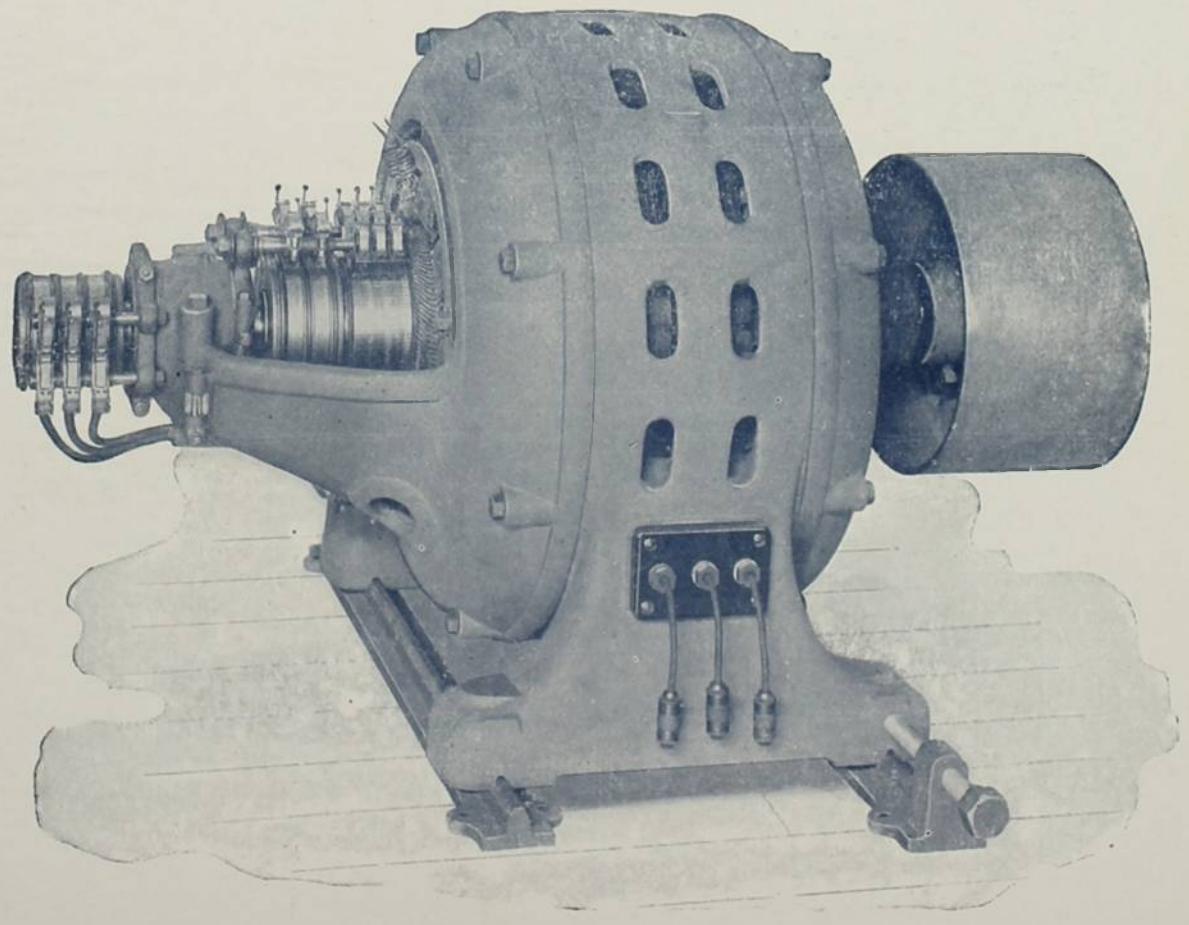
Importadores de Machinas e Manufacturas Norte-Americanas

55 ∽ Rua do Ouvidor ∽ 55

* * * * * RIO DE JANEIRO — BRAZIL * * * * *

RUA DIREITA N. 7, S. PAULO

OFFICINAS E DEPOSITO: RUA NOVA DO OUVIDOR, 13





ARAUJO, VEIGA & C.

RUA DO OUVIDOR, 84 — RIO DE JANEIRO

Grande Variedade de Artigos de Fantazia, Chapéos de Sol, Gravatas para Homens, Objectos para Bordar e para Flores, Luvas, Leques, Meias de Seda e de Fio de Escossia, Perfumarias, Marcar para Cotillon e tudo que pertence ao Artigo Armarinho e Modas.

TELEPHONE 506

DUBONNET

O MELHOR APERITIVO

ROTISSERIE AMERICAINE

ROGELIO & AREAL

50 — Rua Gonçalves Dias — 50

SERVIÇO DE 1ª ORDEM

GRANDE SALÃO DE BILHARES NO 1º ANDAR

FILTROS MALLIÉ

(SYSTEMA PASTEUR)

Esterilisação *absoluta* pela porcelana de amianto

Superiores a todos os outros até hoje conhecidos



A maior facilidade para installação e limpeza! Simplicidade e elegancia! Numerosos premios em todas as exposições

UNICOS AGENTES PARA todo o Brazil:

A. ABREU & C.IA

102, Rua da Quitanda, 102

(Sobrado).

RIO DE JANEIRO

Catalogos e prospectos á disposição do publico.



SOU O GARCIA, O GRAVADOR DO KÓSMOS, TODAS AS GRAVURAS SÃO FEITAS POR MIM. CONHEÇO TODOS OS PROCESSOS, É, PORÉM, MINHA ESPECIALIDADE A PHOTOGRAVURA

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director
MARIO BEHRING

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . . 20$000 EXTERIOR. . . . . 22$000
NUMERO AVULSO. . . . . 2$000

Editor-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ANNO 1 | ABRIL 1904 | N. 4

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS PELOS NOSSOS COLLABORADORES

A importancia das assignaturas deve ser remettida em carta registrada ou vale postal a J. Schmidt, rua da Alfandega 24 —Rio de Janeiro.—

KÓSMOS encontra-se á venda nas seguintes livrarias :

Capital Federal—Laemmert & C.ª, H. Garnier, Alves & C.ª, A. Moura.
S. Paulo—Casa Mófreita, Casa Garraux, Laemmert & C.ª, Livraria da S. Paulo Railway.
Santos—Bazar Paris.
Campinas—Casa Livro Azul.
Rio Claro—Casa Mófreita.
Mogy-Mirim—Casa Cardona.
Bello Horizonte—A. Joviano & C.ª
Ouro Preto—Castro & Costa.
Uberaba—Leschaud & C.ª
S. João d'El Rey—Armando B. Cunha.
Juiz de Fóra—Feliciano da Silveira Bulcão.
Bahia—Livraria Dous Mundos.
Victoria (E. Santo)—Nelson Costa & C.ª
Fortaleza (Ceará)—Libro-Papelaria Bivar.
S. Luiz (Maranhão)—Luiz Magalhães & C.ª
Belém (Pará)—Tavares Cardoso & C.ª
Manáos (Amazonas)—Lino Aguiar & C.ª
Natal (Rio Grande do Norte)—Renaud & C.ª
Aracajú (Sergipe)—Elias R. Montalvão.
Florianopolis (Santa Catharina)—Paschoal Simone.
Pelotas (R. G. do Sul)—Pintos & C.ª,—Francisco Meira.
Rio Grande » —Pintos & C.ª
Porto Alegre » —Pintos & C.ª
Parahyba (Parahyba)—Antonio Penna & C.ª
Coritiba (Paraná)—Annibal Rocha & C.ª

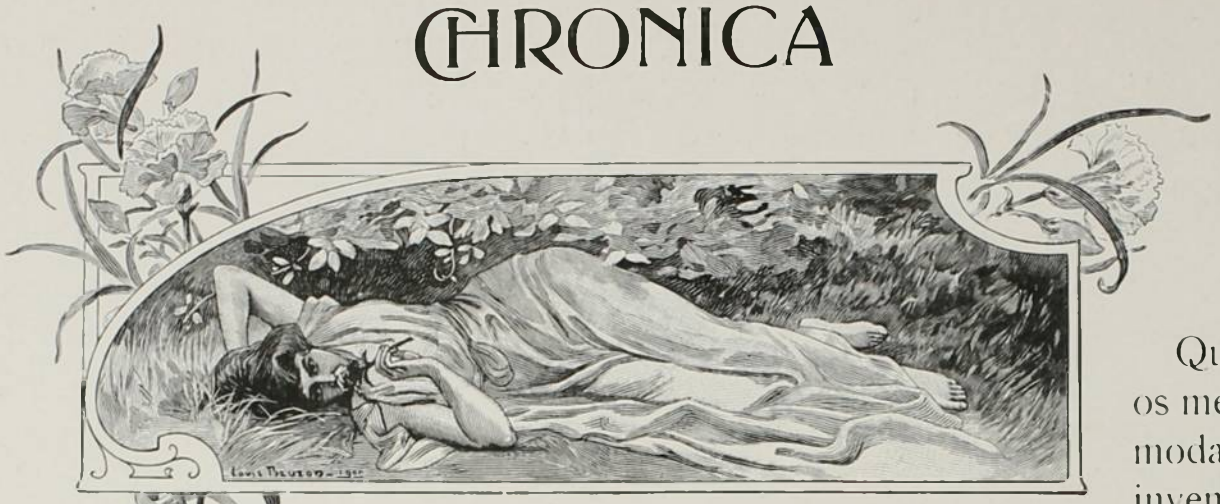
São nossos agentes:—Em Santos—Snr. Antenor da Rocha Leite. Em Campinas—Snrs. Castro Mendes & Irmão. Em Mogy-Mirim—Snr. Francisco Cardona. Em S. José do Rio Pardo, Mocóca e Casa Branca—Snr. Dr. Francisco Escobar. Em Jahú—Snr. Major Alfredo Augusto Leitão.

São nossos representantes : — Estado de S. Paulo—Snr. Antonio Ferreira Neves Junior. Estado do Paraná.—Snr. Dario Velloso. Estado de Pernambuco—Snr. Carlos Burle.

Toda correspondencia deve ser remettida á RUA DA ALFANDEGA, 24—Rio de Janeiro

CAIXA POSTAL 1085

CHRONICA



PARA uma revista, como a *Kósmos*, essencialmente artistica, o acontecimento capital da vida carioca, durante o mez passado, não póde deixar de ter sido o «concurso de fachadas».

Acêrca da nossa feia architectura (si é que o emprego d'esta palavra, aqui, não é uma heresia) já o o velho Warnhagen, em 1850, escrevia: «Infelizmente aqui, como já succedera na Bahia e nas demais povoações, adoptou-se com servilismo o systema das construcções de Portugal; e nem da Asia, nem dos modelos da architectura civil arabe na peninsula, isto é: do uso dos numerosos pateos com repuxos d'agua, e dos eirados, ou açotéas, houve quem se lembrasse, —como mais a proposito para o nosso clima.»

Com a chegada de D. João VI ao Brasil, houve no Rio de Janeiro um começo de culto architectonico. Grandjean de Montigny, um dos artistas que o benemerito Principe Regente trouxe da Europa, delineou e construiu alguns edificios, —que ainda hoje contrastam, pela sua belleza e sobriedade, com os abominaveis casarões e as ignobeis casinhas que o cercam. Mas a reacção foi curta. Montigny morreu em 1850; —e dahi por diante a arte architectonica ficou entregue á incapacidade dos mestres-de-obras, que se esmeraram em conceber e crear verdadeiras monstruosidades.

Entre os absurdos (tantos!) introduzidos pelos mestres-de-obras, figura a adopção irracional do chalet, —do enfadonho e revoltante chalet! —como typo de construcção urbana. Em toda a terra civilisada, o chalet só é construido no campo, fóra de portas, nas collinas verdes e nos valles frescos, entre arvores: é a habitação de estio, de villeggiatura, de ferias. Mas no Rio de Janeiro o chalet tomou conta de todo o centro da cidade: ha chalets na rua do Ouvidor! até o andar superior das tavernas, dos açougues, das mercearias é construido em fórma de chalet! E' por isso que o Rio de Janeiro, a quem o visita pela primeira vez, dá uma impressão de cidade chineza...

Quando a cidade ficou cheia de chalets, os mestres-de-obras procuraram uma nova moda, — e, depois de longas cogitações, inventaram uma nova ornamentação de platibandas: — as compoteiras!

Oh! as compoteiras!... O povo deu logo á cousa o nome que lhe convinha... Reparem bem, e reconhecerão que, em cem predios nossos, do centro da cidade, não ha cinco que não tenham na platibanda esses vasos de barro ou gesso, cobertos ou descobertos, uns lembrando terrinas de sopa, outros lembrando urnas funerarias, outros lembrando boiões de compota, — e todos horriveis e irritantes...

Ainda outro elemento concorreu para fixar, na falta de graça, no aspecto pesado, e na configuração uniforme de linhas, o typo da nossa architectura: o abuso da pedra de cantaria. Sei bem que a nossa pedra é admiravel, abundante e barata: —mas isso, que devia ser uma bella qualidade, ficou sendo um defeito. Só com despezas extraordinarias, é que se póde dar ás construcções de cantaria o aspecto variado, a diversidade de estylos, o luxo de ornatos, que tão facilmente se obtêm nas construcções de tijolo, estuque, cimento e ferro.

Lavrar a pedra, affeiçoal-a em ornamentações caprichosas, e adaptal-a ao gosto da architectura moderna, —é trabalho carissimo. D'ahi resulta que as nossas casas, em que se emprega tanta cantaria, são feios cubos uniformes, em que soberanamente impera a monotona linha recta, nas columnas rigidas, nas pilastras empinadas, nas duras janellas rectangulares.

Bem sei que isto vae, a muita gente, parecer paradoxo. Mas o paradoxo, afinal, não é mais nem menos do que uma verdade desconhecida... O facto é que na rua Senador Dantas e em algumas outras, onde o geral das casas não têm excesso de cantaria, já o typo da construcção é muito mais leve, gracioso e variado. O illustre architecto Ramos de Azevedo, de S. Paulo, não conseguiria dotar a capital paulista com os lindos e garbosos palacetes que tem construido na Consolação, na Liberdade, em Santa Cecilia, se, em vez do tijolo e do estuque, tivesse abusado da cantaria.

Mas, felizmente, parece que uma era nova raiou para a cidade.

O meu medo, o meu grande medo, quando vi que se ia rasgar a Avenida, foi que a nova e immensa área desapropriada fosse entregue ao máu-gosto e á incompetencia dos mestres-de-obras. O receio não era infundado... Todos estão vendo que, em geral, as casas mais novas do Rio de Janeiro são ainda mais feias do que as antigas... Uma boa avenida — dizia eu de mim para mim — não é sómente uma rua muito comprida, muito larga e muito recta: a avenida do Mangue tem todos esses predicados, e, entretanto, é um horror! Uma avenida precisa de predios bem construidos, elegantes ou sumptuosos. Casas tortas e feias, em ruas largas, são como villões na côrte: todos os defeitos se lhes exaggeram. E, si vamos encher a avenida de predios de cacaracá, melhor será que nos deixemos de sonhos, e que nos contentemos com o becco das Cancellas e com a travessa do Ouvidor!„

O que me aplacou o susto, foi o acto louvabilissimo do governo, estabelecendo leis rigorosas para as novas construcções, — e abrindo esse bello «concurso de fachadas„, cujo resultado excedeu as mais optimistas previsões.

Toda a gente, que, no salão da Escola Nacional de Bellas Artes, admirou os projectos apresentados ao jury, — só tinha uma pergunta á flor dos labios: «Onde estavam mettidos, que faziam, em que se occupavam todos estes architectos que apparecem agora, com tanto talento, com tanta imaginação, com tanto preparo, com tanta capacidade? E como é que, havendo aqui tantos e tão bons architectos, não ha na cidade demonstrações visiveis e palpaveis da sua existencia, em edificios dignos de um povo civilisado?!„

A resposta é facil. O gosto publico estava depravado e corrompido. O mestre-de-obras reinava como senhor absoluto. Os architectos procuravam luctar, mas eram inexoravelmente repellidos do campo da acção. Alguns d'elles, feridos no seu orgulho, retiravam-se, e iam morrer á fome. Outros, mais praticos, fechavam o talento dentro da gaveta, faziam-se mestres-de-obras, e prostituiam a sua profissão, indo construir casinhas réles, de telhadinhos pontudos e janellinhas tortas, com alcovas sem luz e sotãos sem ar. Quando um burguez queria construir um predio, o seu primeiro cuidado era procurar um mestre-de-obras pé-de-boi, nada amigo de novidades, aferrado ás tradições, — e desprovido de diploma,

Graças sejam dadas a todos os deuses! o governo interveio n'esse descalabro, — e os chalets, as platibandas com compoteiras, as casas com alcovas, os sotãosinhos em cocuruto, os telhados em bico, as vidraças de guilhotina, as escadinhas empinadas, os beliquetes escuros, os quintaes immundos, os porões baixos, — tudo isso recebeu um golpe de morte.

Haverá talvez quem ache que seria melhor devermos tudo isso á iniciativa particular, em vez de o devermos á iniciativa do governo. Mas é preciso aceitar a vida como a vida é. No Brasil, a iniciativa particular é um mytho. Nós vivemos a esperar a acção do governo, como os Hebreus no deserto esperavam o mannâ do céo...

Pouco importa. O essencial é que o bom movimento não se suspenda. Não nos contentemos com estas primeiras victorias e continuemos a defender a boa causa. Ha-de a morte fechar-nos os olhos, antes que elles possam ver a cidade formosa e decente, como sonhamos... Mas os que vierem depois de nós hão-de colher o fructo do nosso trabalho e da nossa dedicação. A vida é isto: — um esforço continuo das gerações, não em proveito proprio, mas em proveito das gerações vindouras.

O. B.



OLAVO BILAC

... mais eleva o coração de um homem
Ser de homem sempre e, na maior pureza,
Ficar na terra e humanamente amar.

(O. Bilac—*Via-Lactea*)

Há poucos dias, na primeira conferencia do seu curso, sobre a «Poesia no Brazil», Olavo Bilac lembrava aos ouvintes que é preciso não considerar o poeta como um ser estranho na creação, ou um homem á parte na sociedade. São passados os tempos, dizia, em que os bardos se julgavam obrigados a trazer nas melenas longas e maltratadas a exteriorisação da poesia que lhes enchia a alma. «Um poeta é um homem como os outros», repetia com o seu sorriso expressivo e franco. Um poeta é um homem de coração, que ama a natureza, que vive a vida humana, integralmente, e que é capaz de comprehender, de sentir a belleza, e de reproduzil-a. E havia o seu quê de belleza na sinceridade affectiva e singela, na sonoridade quente com que elle repetia as suas affirmações, que certamente a todos convenceram. Pois não o tinham, ali, presente, discreteando e sorrindo como discreteam e sorriem o commum das almas bôas? No entanto, quem, mais intensamente, mais organicamente poeta do que elle?...

Natural, espontaneo, simples, humano, chegado á vida, sem uma nota ficticia, sem um gesto de artificio, Bilac é o encanto dos que o frequentam. Certamente elle é bom; a ninguem cabe melhor esse epitheto. E' um coração e uma intelligencia em actividade continua; mas a sua bondade nada tem da classica bondade evangelica, nem prescinde dos seus direitos de sorrir dos actos e creações humanas que deturpam o ideal superior e intelligente que elle sonha ver realisado.

Sorri, mas não escarnece, porque elle se sente bem no genero humano. Bilac realisa o typo do poeta deste seculo, amando a natureza, fonte de todas as bellezas, eterna inspiradora, amando o ser humano, como o producto mais perfeito da natureza, e amando, no homem, a obra intellectual e artistica, que concretisa o seu esforço na conquista de todas as perfeições. E' o sonhador moderno, que deriva os seus sonhos do mundo actual, e para quem a intelligencia humana é a força creadora de todo progresso; é nella que elle confia, da sua cultura depende o futuro, e para o futuro transporta elle todos os seus ideaes.

E' por isso que Bilac, sem ser um demagogo, nem um revolucionario politico, sendo antes um adorador de tudo quanto de bello nos ligaram as velhas civilisações, não comprehende que o passado queira entravar o futuro. E' o homem de todas as grandes aspirações da sua epoca: é «socialista, internacionalista, pacifista» (a parte o barbarismo destas expressões). A pintura do heroismo hellenico, nos cantos da Illiada, continúa a ser para elle uma das supremas creações artisticas da humanidade; mas nem por isso a guerra deixa de inspirar-lhe o supremo horror e a suprema repugnancia. Continuem «heróes» os heróes passados, mas façamos de bondade, de amor e dedicação o nosso heroismo; o guerreiro é um archaismo, que só é bello no scenario de Homero. Sim, a moral de Jesus, proclamando a fraternidade entre os homens, falando de amor em nome dos Céus, e promettendo para outra vida um paraizo de justiça—esta moral é sublime para a sua epoca; não neguemos o que a humanidade deve ao meigo Nazareno, mas elle, Bilac, poeta moderno, o que aspira, por sua vez, é ver substituido esse paraizo chimerico pela justiça e fraternidade effectivas... Si o poeta de hontem creou um paraizo e o povoou de sonhos de justiça e de amor, ao poeta de hoje cabe aspirar que estes sonhos se realisem; inspirando-se na grande obra humana, o seu ideal mais se fortalece, certo de que o homem, que concebeu os principios de justiça, é capaz de pratical-os.

Eis ahi porque Bilac é um «intellectual» sem ser um pessimista, como a generalidade dos intellectuaes-literatos: porque achou o caminho por onde dirigir o seu idealismo, fóra do qual todo o intellectual descae para o septicismo pessimista, para o mysticismo serodio, ou para a cabotinagem e o artificio.

Bilac ama á vida, á humanidade, e compraz-se da sua convivencia; sente-se feliz, livre de invejas; entretanto a vida lhe deu o minimo que póde dar a um homem de talento e de coração. E elle nunca denegriu a especie humana, porque seria mostrar-se inferior á humanidade.

Tem horror ao «pastiche», ao artificio; para elle só é bella e grandiosa a vida normal, resultante de todos os esforços intelligentes; o progresso está na harmonia social, na cooperação dos talentos, e quem sinta em si uma parcella de originalidade deve trazel-a e incorporal-a no patrimonio commum. O viver «sui generis», espectaculoso, é pura cabotinagem, arremedo pithecoide da grande obra humana.

Na vida intellectual de Bilac, uma das passagens mais caracteristicas é a sua resposta ao discurso de recepção de Affonso Arinos. O novo academico, afeiçoado já á sua funcção, vinha numa eloquencia taetigrada e cuidada, a desvendar os artificios todos e os recursos de que se valia Eduardo Prado para dar á sua individualidade uns aspectos de originalidade, que faltavam completamente ao seu talento, nutrido de ideas velhas. Affonso Arinos, no seo enlevo de panegyrista e discipulo, pretende fazer daquellas preocupações decrepitas e singularidades ficticias um ideal, quando Bilac, recebendo a palavra, formula, numa singeleza radiante de verdade e de sentimento, qual o verdadeiro ideial moderno—a democracia social, para a realisação da justiça e da fraternidade humana. Houve como que uma transmutação de epocas e de scenario; o publico sentiu-se arrancado á luz hesitante, ao ambiente viciado de bastidores, com as suas tintas falsas e perspectivas de «apotheoses», ao terrapleno descampado e livre, de um horisonte de cordilheiras, aberto sobre a vida e sobre o futuro.

Muitos estranharam o poeta na occasião; e ahi é que elle melhor affirmou a sua personalidade.

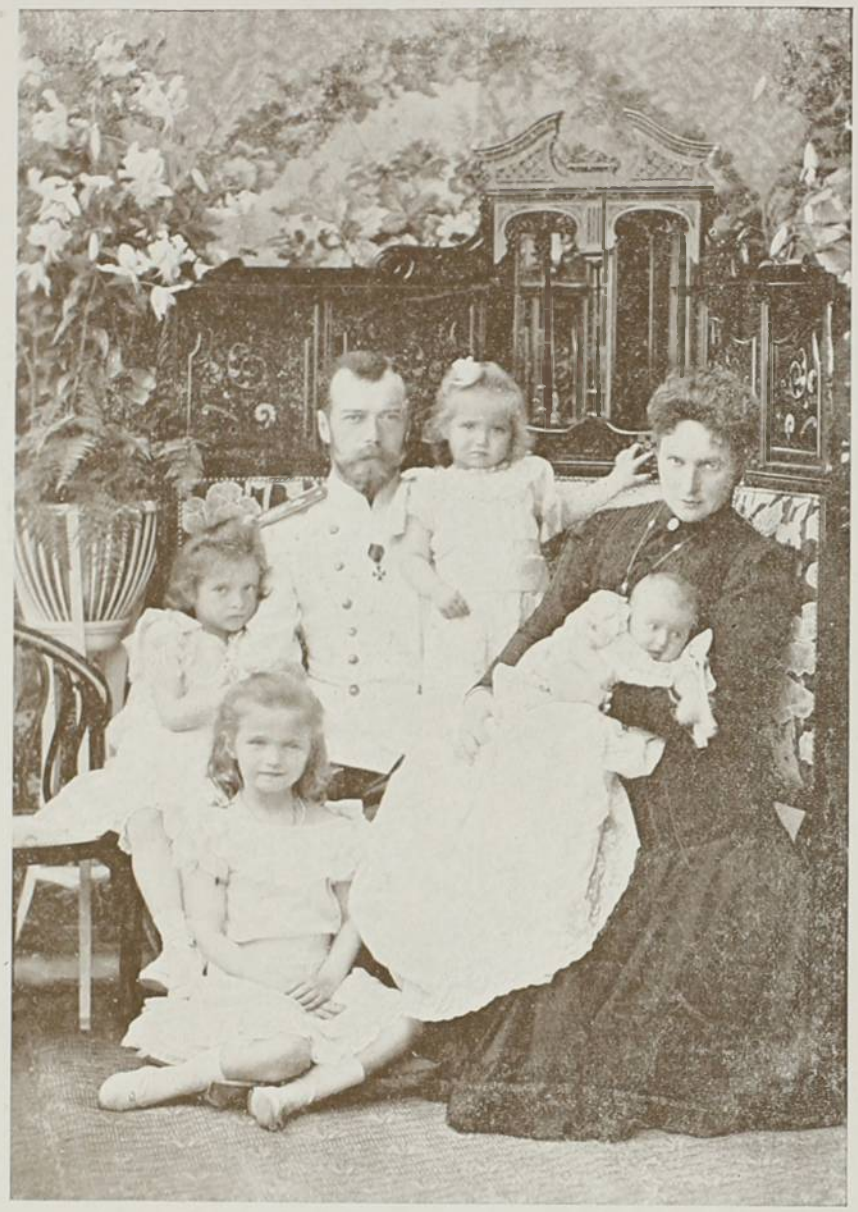
M. Bomfim

Schmidt.

Parto hoje. Continuarei a mandar-te
da Europa a minha collaboração
Um grande abraço do teu
Olavo Bilac

10. abril. 1904

A FAMILIA IMPERIAL RUSSA



A figura de Nicolau II, czar de todas as Russias, está de novo em destaque, no momento actual, como o estivera, ha sete annos, por occasião do famoso congresso de Haya Era ahi uma ideia de paz, uma generosa aspiração de confraternidade que punha em relevo esse então soberano de vinte e nove annos, que parecia trazer para o throno as bellas utopias da primeira mocidade; emquanto que agora o que bruscamente o atira em evidencia é uma questão de guerra, um facto de sangue e desolação. O congresso de Haya fracassou, todos o sabem, mystificado pelos interesses das grandes potencias, presos ainda á cubiça e á má-fé; e o proprio Nicolau II verifica nesta hora, em face da luta que a mesma Russia incubou, mas da qual recebeu de sorpreza os primeiros golpes, quanto era e é até hoje um perigoso sonho esse desarmamento, que a mutua desconfiança nunca tornaria geral.

Nicolau II tem hoje trinta e seis annos. Intelligente, norteado por uma nova politica, tem conseguido amortecer na Russia a virulencia revolucionaria do nihilismo, que fez da successão imperial uma cadeia de regicidios e de martyrios, fechada pelo envenenamento de Alexandre III, pae do actual czar. Na politica internacional, em meio do remoinhar de violencias e interesses suspeitos, é talvez ainda o caracter mais firme, a orientação mais leal.

Dos humbraes a dentro do lar, Nicolau II transforma-se: é um typo de esposo e pae, affectivo e carinhoso.

Casou-se em 1894, no mesmo anno do seu advento ao throno, com a princeza Alix de Hesse, que adoptou, segundo o costume russo, o nome de Alexandra Feodorovna. A czarina, uma das soberanas mais sympathicas da Europa, é de extremada dedicação pelo Czar. E' mais esposa e mãe do que imperatriz.

Dessa união carinhosa ha quatro filhas: as grã-duquezas Olga, de nove annos, Tatiana, de sete, Maria, de cinco e Xenia, ainda de collo.

E' desse lar imperial que damos hoje a photographia.

O segundo grupo apresenta a casa imperial russa: soberanos, collateraes e affins. Enumeramol-os, a começar da esquerda:



1 a 4—Grão-duque Boris, filho do grão-duque Wladimir, Pedro Nicolaievitch, Paulo Alexandrovitch, Waldimir Alexandrovitch, tio do Czar; 5—Czarina; 6—Grã-duqueza Helena, filha de Wladimir; 7—Grã-duqueza Wladimir; 8—Czar; 9 a 12—Grão-duques Pedro Nicolaievitch, Constantino Constantinovitch, Jorge Nicolaievitch e Dimitri Constantinovitch; 13—Principe Napoleão; 14—Principe de Hesse.

Esta photographia, a mais recente que ha da casa imperial russa, foi tirada com uma machina pertencente á Czarina.



GRÃO-DUQUE ALEXIS
Tio do Czar e Almirante em chefe da Armada Russa



ALMIRANTE ALEIXEIFF
Vice-rei das possessões russas no Extremo-Oriente e commandante interino da Esquadra Russa em Port-Arthur



ALMIRANTE SCRYDLOFF
Novo commandante da Esquadra Russa do Extremo-Oriente (em viagem para Porto Arthur)



GENERAL KUROPATKINE
Ministro da Guerra da Russia e General em chefe do Exercito Russo no Extremo Oriente

PELA CAMPANHA

Corria o coche rápido, as portas e os muros de Roma
atraz de si deixando, pela Campanha immensa.

Corria o coche rápido, e quasi voava; cerrado,
negro, misterioso, qual cárcere ambulante,

que um triste e miserando destino movesse. E ah! que doces
coisas á luz furtava—doces e dolorosas!

Iamos ali juntos—esquivos, ao vulgo, ao sol mesmo
ciosamente esquivos, ditosos prisioneiros

do nosso proprio ardente desejo despótico, ao mundo
roubando esse indizivel segrêdo de delicias

e angustias—o indomavel affecto, os amplexos frementes,
os delirantes beijos, na solidão gosados...

Iamos abraçados, estreitos. O coche era um ninho.
O' minha rôla trémula, ave de plumas d'ouro!

Como tu palpitavas, unida ao meu peito! Eu sentia,
no teu, bater, magnánimo, o coração querido.

Nos pulsos finos, alvos, que veias ceruleas bordavam,
o sangue, em puros himnos de amor e juventude,

um ritmo doce tinha. Que branda essa pelle de lirio,
que brando e fresco esse hálito em teus labios sorvido,

avidamente, pelos meus labios! de intensos aromas
composto—aromas raros de não sonhadas flôres.

Em ti a primavera brilhava; na edade, no aspecto,
na veste clara e leve, toda eras primavera.

Em torno, a primavera brilhava; no ceu cristallino,
por onde apenas, como flocos de arminho errantes.

de longe em longe, nuvens escassas e tenues vagavam:
no ar tépido, que apenas, imponderavelmente,

um sôpro alado, quasi dormente, mexia (e, comtudo,
em frémitos de estranha febre nos agitava);

nas arvores de nova folhagem vestidas— ó finos
choupos, ó musculosos carvalhos, ó sombrios

ciprestes funerarios!—nos pampanos tenros da vinha,
nas moitas pela estrada dispersas, nas papoulas

rubras, nas margaridas de neve, nas lacteas corollas
humildes do espinheiro selvatico, na alfombra

húmida, esmeraldina, dos curvos outeiros visinhos,
nos azulados cumes do Túsculo e de Albano.

Mesmo a Campanha austera de galas virentes se ornava;
um manto de velludo sua nudez cobria.

Um manto de velludo cobria as ruinas soturnas,
dando-lhes um insólito encanto, uma versatil

graça, uma airosa vida. Pela ampla, silente Via Appia,
aqui, se abria em rosas um velho columbario,

ali, uma quebrada columna os acanthos perdidos
do capitel suppria com juvenis acanthos.

Sobre musgoso leito, por terra, jazia uma estatua
de efebo: nús os braços, da larga toga soltos,

dir-se-ia que a molleza de um somno tranquillo e profundo
tinham; como que o seio marmoreo, respirando,

se erguia, se abaixava, com placido, egual movimento
Mais de um sepulcro antigo, pela hera protegido

mostrava entre a espessura, relêvos de pedra cineria,
e as feridas que o tempo nos flancos lhe rasgara,

feridas que hoje—ó sorte piedosa!—são ninhos de mansas
aves, abrigos quietos em que a violeta esconde

as rôxas e fragrantes caçoulas. Com rude grandeza,
em face do castello medievo dos Caetani,

o mausoleu surgia da nobre Cecilia Metella.
E ao longe, os acqueductos de Claudio dominavam.

Lá, onde outr'ora o vasto rumor elegante e festivo
da multidão romana reinava, onde as quadrigas,

rolando, as lages amplas tornavam sonoras, e, em densas
turbas, se atropellavam mílites e viajantes,

agora se estendia, solemne, inviolada, suprema,
a solidão. Apenas, lento, passava acaso,

algum pastor, as cabras ao monte levando; um camponio
velho, enrugado, adusto, guiando os bois morosos,

um pállido habitante do Agro, que a trêda malaria
consumia, uma forte, jocunda rapariga,

sobre a cabeça a rústica infusa sustendo, passavam;
mas sem nos ver passavam, absortos e calados...

E eu disse: «Nem olhastes talvez como é bello este dia!
como hoje se fez bella para nós a Natureza...»

Ella me disse: «Basta que eu veja o teu rosto sómente.»
E as limpidas pupillas, anciosas, me buscaram.

E emquanto minha imagem eu nellas mirava espelhada,
um veu de escura sombra cobriu-as. O sorriso

d'essa adorada bôca mais terno esvaiu-se, e mais triste;
triste, de uma ineffavel tristeza. «Que cuidado

súbito—perguntei-lhe—te opprime? que vagos pezares
reflectes no semblante? dize, por que suspiras?

acaso não te sentes feliz, tão feliz, a meu lado?»
«Certo, feliz como outra na terra não existe,

se apenas no momento presente minha alma detenho;
mas, se o futuro escruto, se tento desvendar-lhe

o ameaçador misterio... que medo me assalta! que noite
me envolve!...» E os olhos claros de pranto se turvaram.

Gélidas, penetrantes, as garras do Desconhecido
no cérebro, no peito, nos constringiram. Lenta,

fatidica, implacavel, nos disse uma voz (de que abismo
negro ferir-nos vinha?): «Vossa ventura é breve.»

Em vão, com os laços todos do ser o momento presente
fixando (e nelle havia delicias infinitas,

bastantes para a sêde voraz saciar de uma vida!)
em vão, rogando ao tempo que suspendesse, ao menos

que demorasse o curso das horas, em vão, trepidantes,
buscávamos defesa contra a agonia estranha...

Ah! tudo em torno, tudo falava de coisas eternas:
os velhos monumentos, a êrma Campanha, tudo...

Corria o coche rápido, e quasi voava. Não era
um simbolo do nosso destino? Assim passando

iamos, pereciveis, diante das coisas eternas;
e a voz nos repetia: «Vossa ventura é breve.»

Então (tal é a humana vindicta!) um delirio tomou nos,
um frenesí raivoso de amor, um prepotente

desejo de abraçar nos, de unir nossos labios em beijos
innumeros, num unico e interminavel beijo,

de destruir-nos quasi, no excesso da dor e do affecto,
de arder, de incinerar-nos numa candente pira,

e rindo, e com sarcasmo soberbo humilhando o destino:
«Um seculo—clamar-lhe—vivémos num momento!»

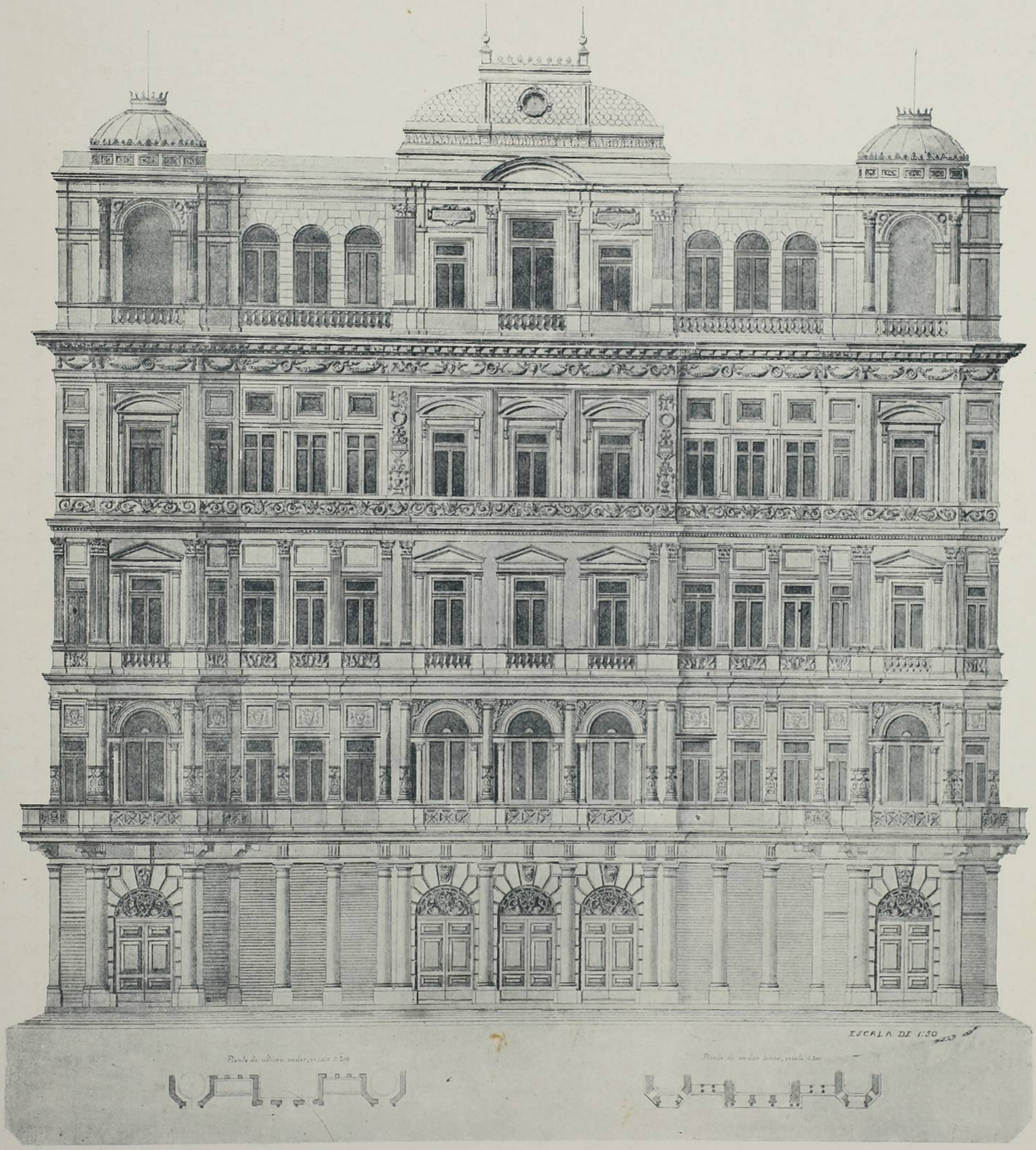
Corria o coche rápido, as portas e os muros de Roma
longe de nós deixando pela Campanha immensa...

(Das *Odes e Elegias*)

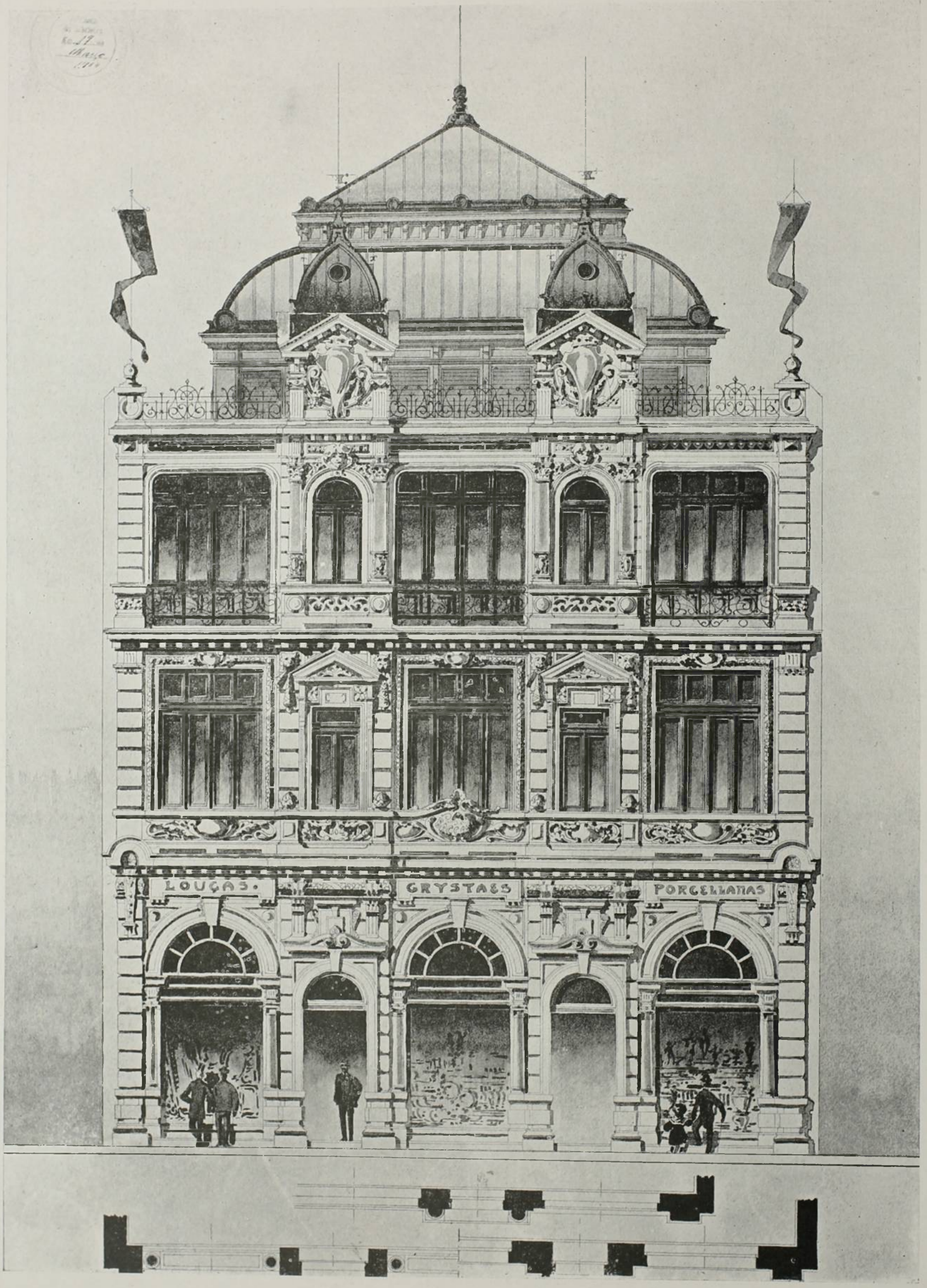
Carlos Magalhães de Azeredo

Da Academia Brazileira

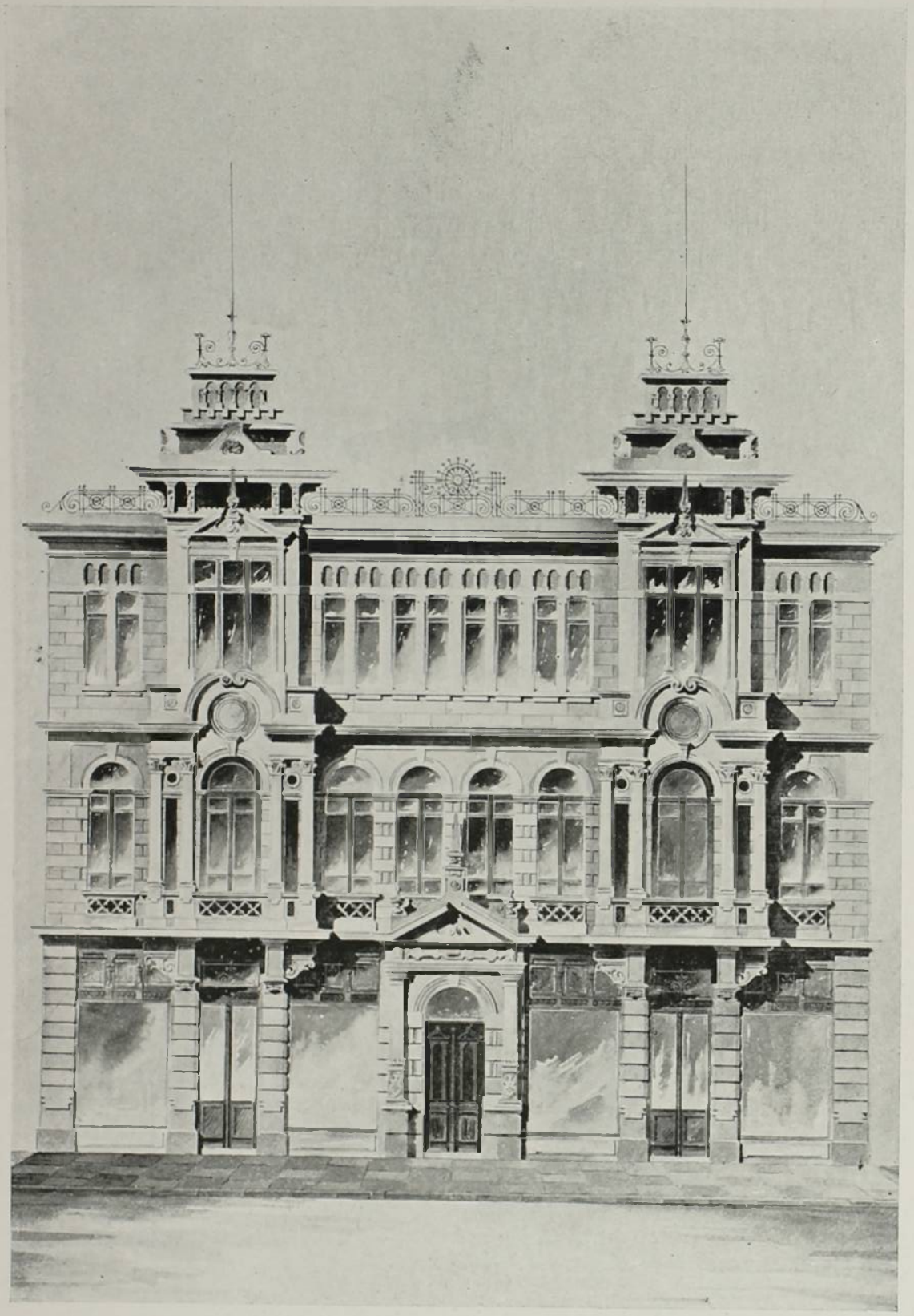
PROJECTOS DAS FACHADAS DESTINADAS Á AVENIDA CENTRAL



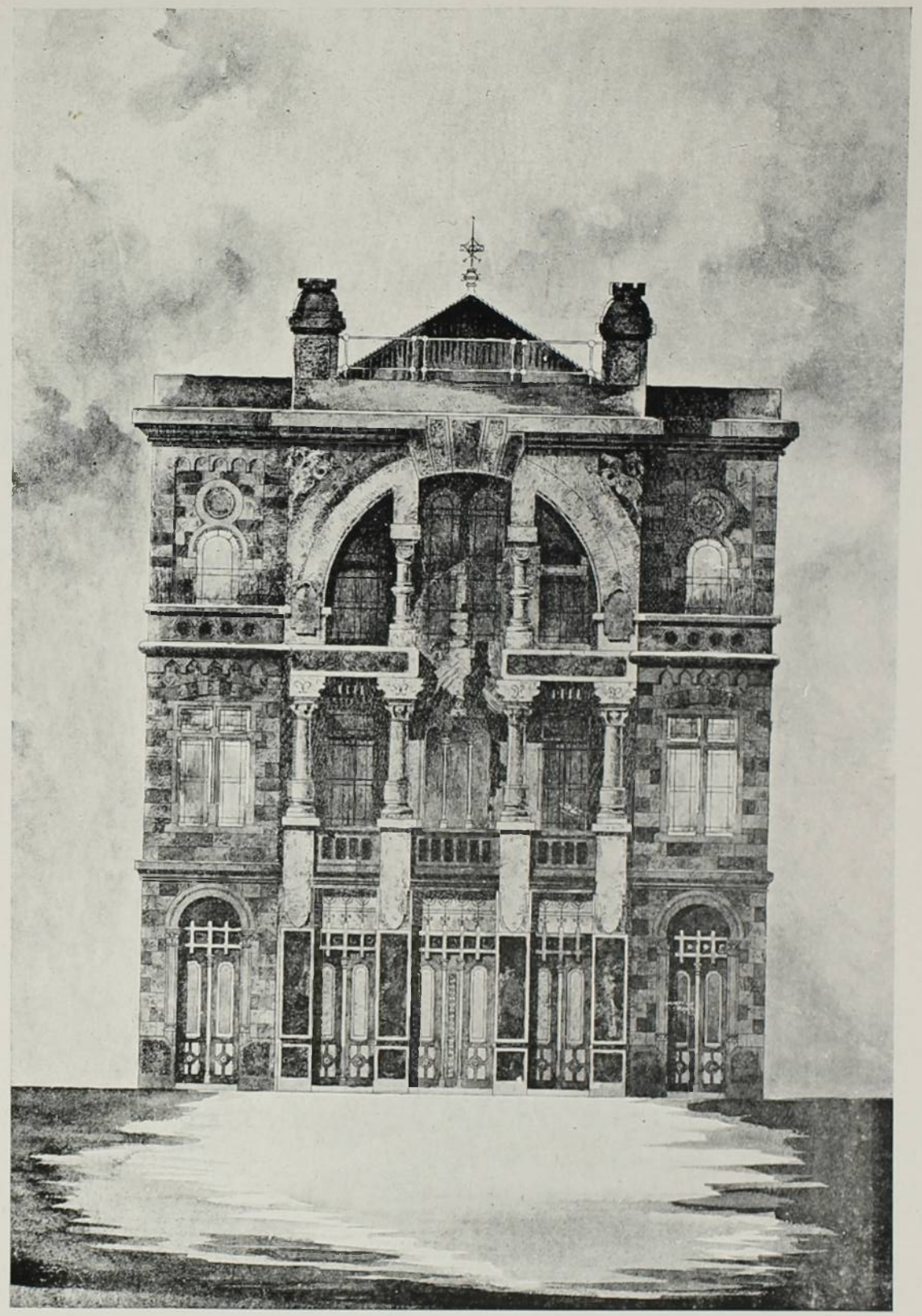
1.º PREMIO, N. 97 (CRUZEIRO DO SUL) DO ENGENHEIRO SR. DR. REBECCHI



2.º PREMIO, N. 102 (?...) DO ENGENHEIRO ADOLFO MORALES DE LOS RIOS

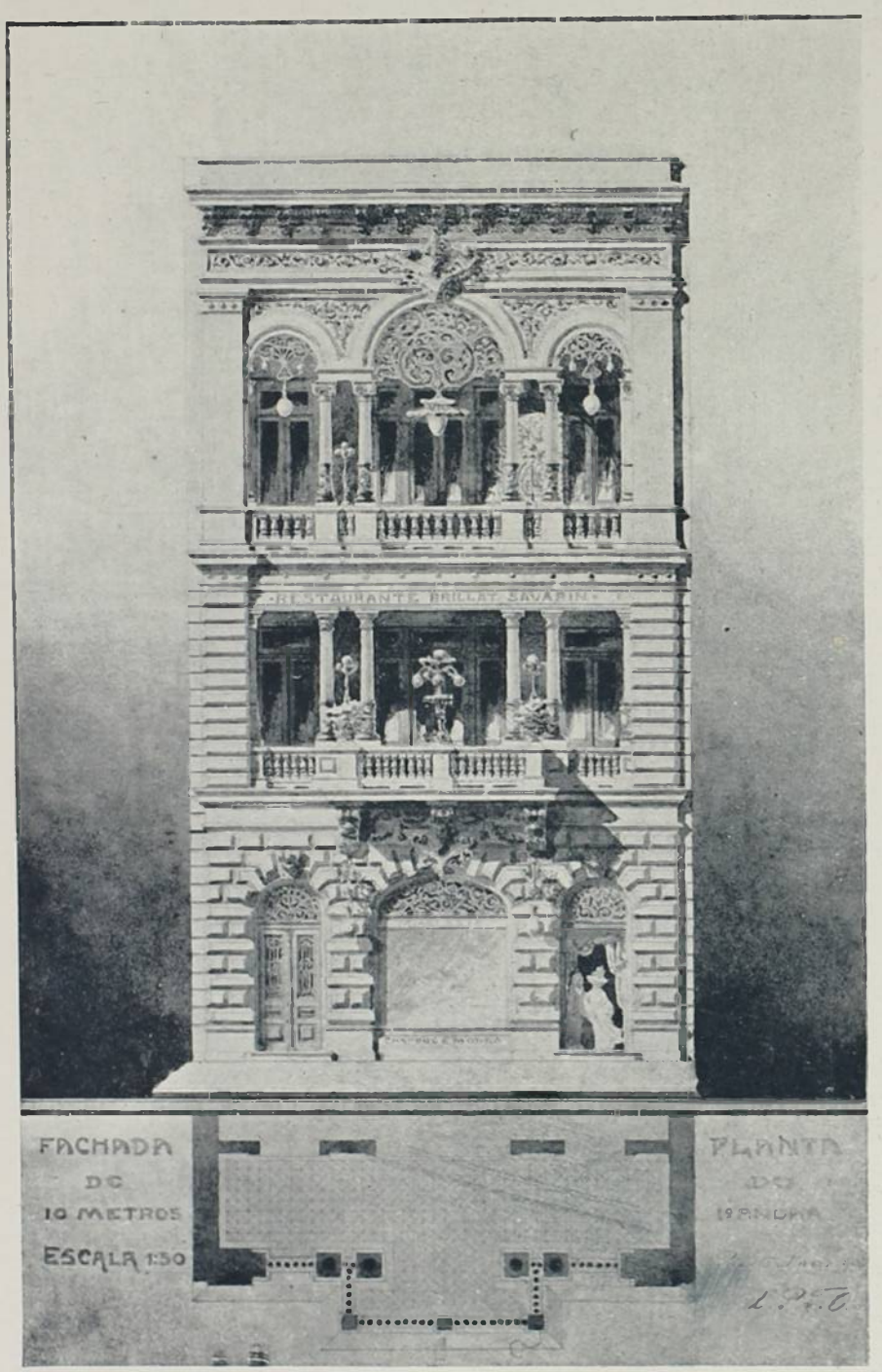


3.º PREMIO, N. 14 (LORETTO)

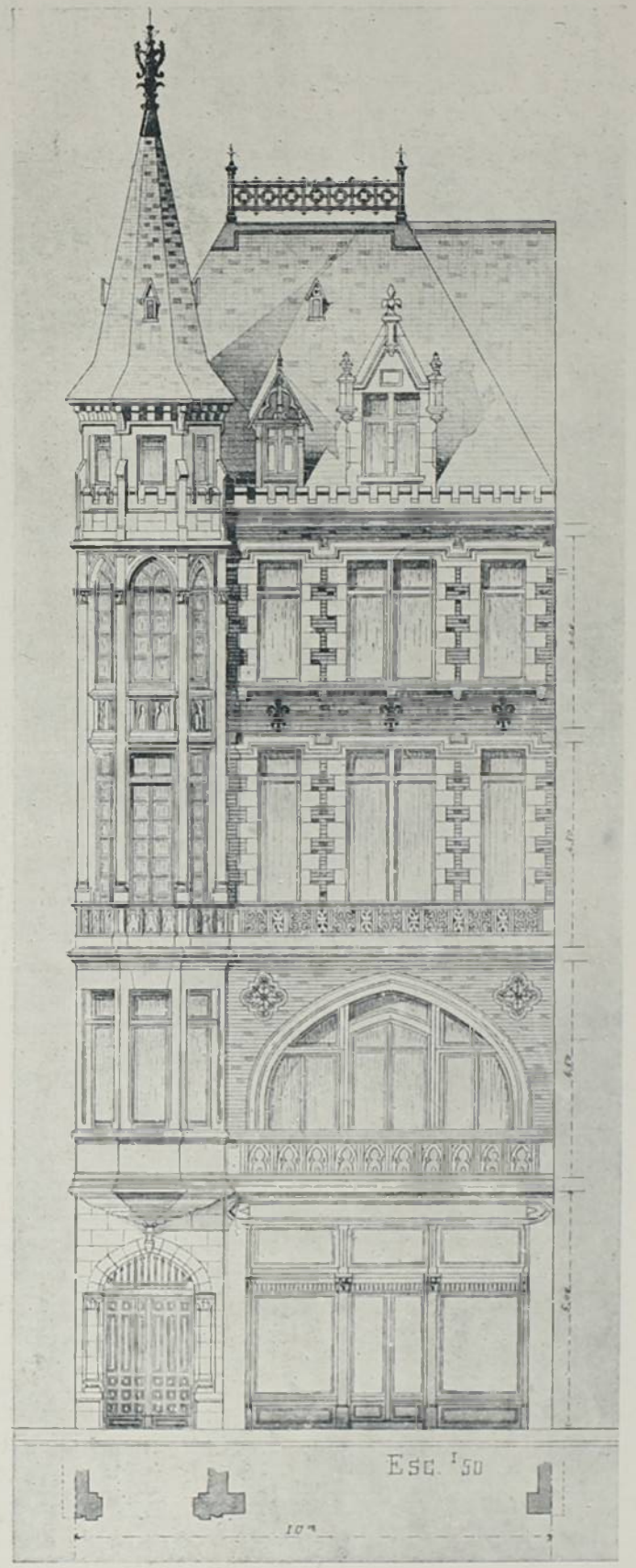


3.º PREMIO, N. 18 (S. LUCIA)

DO ENGENHEIRO DR. M. E. HEHL PROFESSOR DA ESCOLA POLYTECHNICA DE S. PAULO



3.º PREMIO, N. 72 (X. P. T. O.) DO ARCHITECTO SR. JOHN OBERG



3.º PREMIO, N. 44 (MAB) DO ARCHITECTO SR. RENÉ BARBA

MATTO GROSSO

II

INFELIZMENTE ainda não possuimos uma estrada, inteiramente nossa, que nos conduza ao remoto e futuroso Estado de Matto Grosso, proporcionando o augmento de sua população e, por consequencia, melhor e mais lucrativa utilisação de suas extraordinarias riquezas.

Nem mesmo a guerra do Paraguay, tremenda licção que nos custou tão caro, vai para meio seculo, e que tanta devastação lá produziu, teve ao menos a virtude de nos tornar mais circumspectos, mais interessados pelas necessidades primordiaes do paiz, ás quaes se prendem a defeza do seu territorio e manutenção da integridade correlativa.

Apezar de ser uma fronteira da mais elevada importancia, Matto Grosso foi durante o imperio uma especie de excluido da communhão nacional. D'elle só se apercebiam por occasião de eleições ou quando, seguindo-se os processos tyranicos e baixos de D. Maria, a louca, preferiam-no para logar de desterro ou de perseguições mesquinas, irracionaes e inuteis.

Nunca houve digna comprehensão de seus grandes destinos, como guarda avançada de nossa existencia politica, e por isso nunca se procedeu á construcção de um systema geral de defesa, nem tão pouco á distribuição de serios nucleos de força, de 6000 homens pelo menos, como já Thomaz Alves aconselhava em 1868, e facil tornar-se-ia depois da guerra.

Tal alvitre não seria desarrazoado, mesmo sob o ponto de vista economico para a ex-provincia, porque, si diversas causas concorriam, como, por exemplo, milhares lançados á barra e em melhoramentos outros, a presença de



ENFERMARIA PROVISORIA DE BERIBERICOS NO BELVEDERE

tropas do Exercito em crescido numero era incontestavelmente factor não desprezivel na prosperidade do Rio Grande do Sul.

Mas Matto Grosso devia ser, na opinião de muitos, a solidão deixada nos confins do Brazil, uma vez que se lhe desenvolvendo as forças vivas, se o dotando de elementos de progresso, trabalhar-se-ia para a desintegração da patria e consequente ampliação das Republicas dos rios da Prata e Paraguay.

Comtudo, nos momentos lucidos d'essa loucura sombria, começou-se frouxamente a construir a Fabrica de Polvora

de Coxipó, sobre o Coxipó de Ouro, o Arsenal de Guerra e o Laboratorio pyrotechnico em Cuyabá, antes da guerra e, posteriormente, removeu-se o Arsenal de Marinha para uma situação ao sul de Corumbá—o Ladario.

Tudo isto ainda se explicaria si se tratasse de fortificar poderosamente qualquer ponto do rio Paraguay, pelo menos o estreito de S. Francisco, onde fica Coimbra, de modo fossem meras velleidades quaesquer tentativas de invasão. Demais não se justificavam taes estabelecimentos, que aliás nunca prestaram serviços apreciaveis, sem forças convenientes á sua respectiva guarda.

Veio depois a Republica, promettendo integral renascimento á Nação. Deu-se a Matto Grosso essa decantada autonomia, como dir-se-ia a um recemnascido : — Tira do meio ambiente os materiaes para a tua existencia biologica e de ti mesmo as energias de resistencia social ! Está bem claro que isto e o abandono é no fundo a mesma cousa.

Matto Grosso está em condições peiores que as anteriores ao tempo da guerra, sob o ponto de vista militar, porquanto é incomparavelmente menor a guarnição que lá se encontra, e que se perde como grão de areia na immensidade de suas fronteiras e na vastidão de seu territorio.

Vivemos, como outr'ora, á beira de allianças ruinosas e deprimentes; á mercê de humilhações ou violencias, que nos tranquem de um momento para outro a estrada internacional, unica de que se dispõe, reproduzindo-se naturalmente, com maior força de razão, todas as scenas e provações do passado.

Essa estrada internacional, fonte de ensinamentos a despertarem muita meditação em cerebros brasileiros, é tão bella, que bem vale a pena ser percorrida, mesmo rapidamente. Quando, pois, no estuario do rio da Prata, se deixa a cidade de feitio europeu, com sua distincta *calle Sarandi*, horas depois vê-se emergir do seio das agoas outra cidade que anceia por ser colossal e que, pondo de parte a nossa estupenda *naturaleza*, já deixa a perder de vista o Rio de Janeiro.

Tal convicção se enraiga tanto mais, quando se examina com isempção de animo e inteira imparcialidade as construcções monumentaes de Buenos-Aires, multiplicadas indefinidamente por toda a parte:—no porto repleto de navios de todas as dimensões e calados; alli nas praças correctamente arborisadas; além nas largas ruas calçadas de asphalto, sobre o qual deslisam suavemente carros e mais carros. E tem-se a consciencia de nossa hegemonia perdida e o prazer de sentir-se no progresso da Republica Argentina não pequena transfusão de seiva brasileira.

Na avenida de Mayo, onde ninguem teve ainda a genial idéa de pretender collocar trilhos, que jamais seriam premidos por *caraduras* quaesquer dando elevada idéa de acceio, decencia, civilisação e conforto, o espirito fatiga-se na contemplação de palacios, quasi todos mais ou menos em magnificencia architectonica na altura dos edificios da *Intendencia Municipal* e da *Prensa*.

Depois, o carro do forasteiro, através de ruas menos sumptuosas, dignas ainda da grande capital de commercio vivo e luxuoso, pára no primeiro cemiterio de Buenos Aires, na *Recoleta*; passa por quarteis, theatros, escolas, mercados e muitos outros edificios publicos de alto valor, como o *Deposito das aguas correntes*, de pintura polychromica, e por innumeras residencias de grande preço e fidalguia, até parar de novo n'um dos portões do Jardim Zoologico de Palermo.

Nós absolutamente não contamos cousa igual, e, numa terra em que tanto se faz questão de *bondes*, como transporte e exploração mercantil, é estranhavel não se tenha ainda alguem lembrado de montar no jardim da praça da Republica uma linha em miniatura, com os seus carrinhos nikelados puchados a poneys rechonchudos, com creanças feitas conductores e cocheiros, para uso e gozo da meninada gárrula e travessa...

Buenos Aires com os seus monumentos relembrando preoccupações permanentes de grandeza material ou sentimentos de funda veneração moral e civica; com as exhibições de nobreza, bem estar e respeito na vida exterior, como cousas absolutamente vulgares, é, sem duvida alguma, a primeira cidade da America do Sul. Negal-o seria manifestação de pobreza de espirito, que não teria sequer a vantagem de estimular brios.

O Rio de Janeiro tomará um impulso enorme com as obras do porto e a avenida central, inicio dos seus futuros melhoramentos; mas para que exceda Buenos Aires— o digo com o coração a sangrar—será necessario soffra algum terremoto qual o de Lisboa (do que nos livrem os céos!) ou caiam sem compaixão sob a picareta iuclemente quarteirões e mais quarteirões. Entretanto, lá mesmo se reconhece a nossa *natureza*, deslumbradora e soberba!

Soberbo é tambem esse magestoso rio Paraná que o navio vai singrando em busca das terras de Matto Grosso, das adoradas terras brasileiras que a nossa incuria criminosa tem deixado *além do fim do mundo*, no dizer expressivo do Marechal Deodoro. Em cada margem veem-se as provas materiaes da prosperidade argentina: cidades movimentadas e bellas que olham com ciumes para Buenos Aires e lhe querem ser rivaes; ricas e numerosas *estancias*, *saladeros* e outros estabelecimentos industriaes de primeira ordem.

Depois, esses symptomas vão se espaçando porque se espalham pelo interior; mas, de vez em quando, já longe algum vapor abarrotado de laranjas amarellas, provindas do Paraguay, passa ao nosso lado um palacio fluctuante que se dirige a Corrientes ou Formoza, attestando a pujança da cabotagem argentina. Depois ainda, a solidão das aguas tranquillas, o espectaculo de alcantiladas barrancas ou de fechamento completo, absoluto, do horisonte pelas mattas, através das quaes parece que o navio vai enveredar-se mais adiante.

E á noite, quando os olhos já não pódem mais divisar as bellezas do panorama, sob este céo americano recamado de constellações fulgentissimas ou innundado pelo clarão suavissimo do luar, entra o soldado brasileiro no mundo da meditação, com a alma inteiramente enleiada e prendida nas cousas referentes á grandeza futura do seu paiz.

Porque o governo brazileiro não organisa racionalmente o serviço militar em Matto Grosso a permittir que essa esplendida viagem, tão instructiva sobretudo, caiba ao maior numero de officiaes, dos mais intelligentes e dignos, —que serão os generaes de amanhã—divulgando-se o conhecimento dos fortes recursos e da civilisação do Rio da Prata? Porque não se manda para lá de preferencia a nata dos nossos soldados, que timbrariam por habito e por patriotismo, cada vez mais e mais, sempre e sempre em elevar, principalmente no estrangeiro, o brilho do uniforme e o nome do Exercito Nacional?...

Depois, por laços de profunda solidariedade nos vem logo á mente a gloriosa Marinha Nacional ao defrontar-se com Cuevas, Mercedes, Riachuelo! Quem não conhece esse poema composto sobre as aguas platinas, cujo primeiro canto, pondo em destaque a figura homerica de Barroso a submergir navios com o seu piloto Bernardino, sob a saraivada das baterias de terra, assombrou o mundo

porque foi realmente um combate naval extraordinario, o mais importante da America do Sul?

Depois, deixa o navio as aguas magestosas do Paraná e penetra no famoso rio Paraguay, tambem defluente das terras brazileiras. Tem-se diante dos olhos, a despertar vivissimas recordações, essa pequena faixa de Nação, tão digna de melhor sorte, onde durante tanto tempo jorrou em catadupas o sangue generoso dos heroes. E o espirito alcandora-se sobre o passado!...

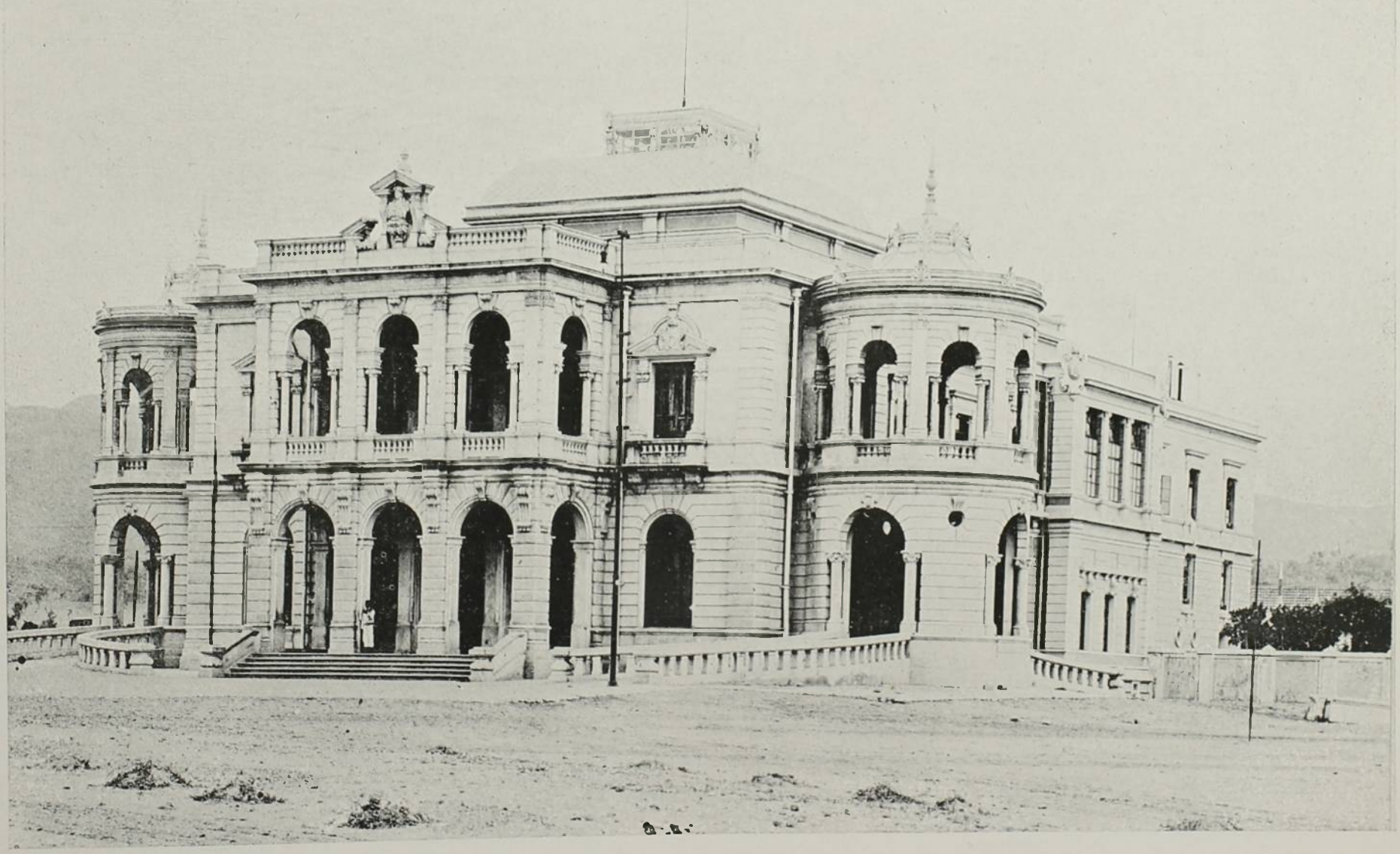
Cheio de veneração e de respeito, no mais intimo recolhimento, curva-se o soldado brazileiro ante as imagens grandiosas de Caxias, Herval, Triumpho, Itaparica e tantos outros que conduziram o Exercito aos campos da honra e da victoria, evidenciando sempre de modo sublime a bravura, a magnanimidade, a civica nobreza do povo brazileiro nos pesadissimos labores d'aquella guerra.

E é surprehendente que no famoso quadrilatero, n'esse campo de Humaytá, que eu pisei emocionado, fitando na praça de casinhas alvas o unico monumento da guerra, as paredes esburacadas da egreja a commemorar a heroicidade infeliz; é surprehendente que alli o general em chefe inimigo tivesse concentrado toda a força da Nação, em barreira insuperavel quasi, contra os Exercitos da triplice alliança!...

E d'est'arte vai-se recompondo a exterminadora guerra, ora orgulhoso com os feitos de 24 de Maio, Curuzú, Curupaity, Lomas Valentinas etc., outras vezes sentimentalisado com desastres reaes e lutulentos. Por fim, segue-se com piedade o desventuroso general inimigo, abandonado pelo seu povo, trilhando uma diagonal de agonias entre Cerro Leon e Aquidaban, até morrer bravamente na altura de Cerro Corá pelo qne suppunha ser a independencia, soberania e integridade de sua patria... mas sem poder entoar, vibrante de patriotismo, qual o heroico voluntario, paisano e sem soldo:

Ou morre o homem na lida
Feliz, coberto de gloria;
Ou surge o homem com vida,
Mostrando em cada ferida
O hymno de uma victoria!

Avila Franca.



Phot. F. Soucaseaux

PALACIO DO PRESIDENTE — BELLO HORISONTE

ORCHIDÉAS DO PARANÁ

AOS especialistas no assumpto, de bom grado convido a assestar a lente sobre meia duzia dellas —dessas que constituem a *flor da moda* por excellencia,—e hão de afinal concordar commigo, que as d'aqui, pelos seus aspectos varios e exquisitos, são de deixar o investigador completamente desorientado.

Tenho em meu orchidario cerca de quatrocentas plantas paranaenses. Possuo os melhores tratados a respeito de orchidéas; estudo-as ha alguns annos já com a cautela e o criterio necessarios, e confesso que as *tribus* não são difficeis de distinguir, os *generos* pódem por um esforço de boa vontade ser assimilados, mas as *variedades* são tão distinctas, que irrisorio seria dar-lhes os mesmos nomes pomposos que os catalogos illustrados, vindos da Europa, nos impingem precedidos de empolgantes adjectivações latinas, recheiados de paternidades de botanicos illustres, quando não de individuos quaesquer, que melhor seria não ligassem seus nomes á graciosa e incomparavel flor das nossas mattas.



E' verdade que por mais de um seculo os floricultores do Brazil cuidaram apenas de semear papoulas e saudades para ornamento e de cultivar jasmins e rosas para a botoeira dos elegantes. As violas, os cravos, as dahlias, as magnolias e as camelias vieram depois, com o romantismo, importadas dos jardins estrangeiros com um carinho tal de opportunidade, que si acaso um desgraçado ousasse arrancar de nossas mattas uma flor de orchis, das mais perfumadas e bizarras, e a expuzesse ao peito em plena rua do Ouvidor, certo seria corrido a pedradas !...

Entretanto, emquanto os nossos antepassados fulguravam no requinte da moda e da graça antiga, pondo as floristas em dobadoura para impingir-lhes estupefacientes *bouquets* de amores-perfeitos, e o floreal se resumia n'um pequeno grupo de plantinhas enfezadas, de difficil trato, os grandes mestres da botanica, Lindley, Linné, Humboldt, Bonpland, Roezl, Parish, Reichenbach, Galeotti, Ruiz, Laurence, Burtham, Hooke e Darwin, tratavam de explorar a flora da India, da Africa, do Mexico, da America Central, dos Andes e principalmente do Brazil, carregando para suas estufas numerosissimas collecções de orchidéas, de um valor inestimavel.

Só o Brazil chegou a se representar com uma collecção de mais de duas mil variedades, das cinco mil conhecidas em todo o orbe.

Da raridade dessas plantas, das difficuldades em obtel-as e acclimatal-as convenientemente, surgiu, entre a gente do bom tom lá de fóra, a procura insistente dessa flor originaria, sendo cada planta vendida a *peso de ouro*.

Começou então a larga colheita dentro das mattas da zona intertropical : individuos de todos os paizes, percorrendo a America com uma soffreguidão desesperada, emprehenderam o serviço de eliminação dos melhores generos de orchidéas. O Brazil foi o ponto predilecto desse novo commercio. Pontos de nossas regiões houve em que os espoliadores não se limitavam a arrancar brutalmente as mais bellas plantas :—extirpavam até o ultimo rhizoma, para que não mais medrasse, ou queimavam as florestas em torno, para que nem o polen proseguisse em seu caminho de fecundação.

Era que os exploradores do moderno *el-dorado* criminosamente sonhavam extinguir a especie dentro de sua propria origem, para que os seus productos, reproduzidos apenas em suas estufas, tivessem a mais alta cotação pela raridade.

A campanha de devastação não logrou, porem, o seu intento : a nossa riquissima flora jamais se deixou vencer pela mão damninha ; o que o paiz possuia de mais notavel continuou a se reproduzir victoriosamente, e hoje os mercados europeus já não têm mãos a medir, tantos são os exportadores de orchidéas brazileiras, tão prodigiosa é a safra...

Vende-se presentemente na Europa uma planta, por melhor que seja, por um preço muito mais baixo do que nos nossos mercados. Um *oncidium-papillio*, por exemplo, custa no estrangeiro dez vezes menos do que na Capital Federal.

As *laelias* e *cattleyas*, que formam os generos mais notaveis e variados da nossa orchidacea, são lá vendidas por um preço tal, que não anima a ninguem mais, no Brazil, tratar de as cultivar para o commercio exterior.

Entretanto, é de admirar que os floricultores estrangeiros façam concurrencia aos nossos caboclos, quando os processos que aquelles empregam para aclimatar as orchidéas do Brazil, reproduzir e cruzar, são dispendiosissimos e demorados : estufas, regas chimicas, uniformidade de temperatura artificial, estudos acurados sobre as condições do meio em que se produziram, mil cuidados para as preservar dos insectos e cryptogamos nocivos ; ao passo que os nossos colleccionadores e exploradores nenhuns cuidados empregam em as conservar ou reproduzir. E' o trabalho apenas de ir ás mattas, ter bons olhos para distinguil-as no meio das parasitas, arrancal-as dos troncos das arvores, installal-as em vasos, gradís, n'um pedaço qualquer de fetus (xaxim) ou de cortiça, onde as raizes possam agarrar, e, por fim, pendural-as á sombra, para que apanhem chuva e recebam sol por partes.

Agua e luz e um pedaço qualquer de madeira — eis o necessario para que as nossas orchidéas se desenvolvam e floresçam prodigiosamente—como si dentro das nossas florestas.

A multiplicação se opera rapida e naturalmente. A reproducção se effectua sem nenhum processo artificial. As

hybridas, mais valiosas e mais desejadas, obtem-se facilmente, questão de maior paciencia : desenvolvida a flor, com um palito qualquer extrahe-se uma ou duas pollinias e leva-se ao estigmate de outra, e a fecundação se effectuará rapidamente. E' o processo darwiniano, na singela demonstração dos seus resultados.

Entretanto, que o nosso enthusiasmo não vá muito longe! A maturação das sementes dura pelo menos seis mezes e... quem quizer faça como os chinezes com os barros de sua porcellana : legue aos seus filhos a fortuna das suas *hybridas*...

Mas eu dizia que os povos de além-mar mais avisados andaram do que nós, generalisando o consumo da original flor, fazendo grande *stock* nos seus mercados, emquanto que a nossa cegueira e o nosso mau gosto se deixaram dominar, mais de um seculo, pela candura immaculada e o perfume languoroso dos jasmins do Cabo...

E, por isso, sómente depois que lá de Europa vieram insistentes encommendas, ou por lá andou algum brazileiro a espreitar a *boutonnière* dos *flaneurs* dos *boulevards* e dos finos *lords* da *City*, é que—e quem sabe si de torna viagem ! —foi introduzida nos salões patricios a formosa flor dos nossos sertões.

Agora sim, a novidade vae começo de conquista, dominando os nossos elegantes, e a orchidéa inicía com fulgor o seu reinado em nossas salas e jardins.

Já do Amazonas, de Minas, S. Paulo e Espirito Santo descem magnificos *catasetuns* e *sobralias*, *lælias* e *cattleyas* de uma variedade assombrosa, e de Santa Catharina sobem outros exemplares admiraveis de belleza bizarra, bem como *oncidiums* e *læpitotes*, com destino aos mercados de flores do Rio de Janeiro.

E como a febre se generalisa, me proponho a denunciar o que por aqui possuimos, provocando a attenção dos colleccionadores e classificadores sinceros, emquanto a mão exploradora não estende de todo os seus dedos avaros sobre as nossas florestas.

Não se bem o que vai pelos Estados do norte e centro, embora já tenham chegado aos meus ouvidos, pelas pennas brilhantes de Gustavo Penna e Xavier de Barros, que em Minas e S. Paulo a destruição des nossos mais ricos exemplares está sendo feita com uma ferocidade tal, que até o incendio das mattas tem sido empregado, sem que o fisco se lembre de pôr um termo á essa devastação criminosissima.

Mas o que posso garantir, *de visu*, é que em Santa Catharina o commercio é tal—e tão rendoso, assim parece—que as encostas das serras que dão para o mar estão totalmente limpas desse rico e original ornamento de nossa flora.

Os vapores sahem daquelle littoral carregados desse genero de planta com destino a outros portos do paiz e á Europa e Rio da Prata ; e é penoso ver a maneira insolita porque são arrancadas das mattas as mais delicadas e custosas especies.

Dentro em pouco o riquissimo Estado visinho não terá um exemplar digno de nota, attendendo-se ao longo tempo de reproducção de uma orchidéa.

O mesmo se dará entre nós, si medidas de precaução não forem tomadas em tempo, de maneira que o commercio seja feito de accordo com instrucções rigorosas, para evitar o exterminio dos nossos bons especimens, tornando-o licito e mesmo proveitoso para as rendas publicas, porque seria uma industria nova de se não desprezar.

Em minha ultima viagem pelos sertões do Paraná, até á fronteira paraguaya, com o cuidado que me merecia e o tempo que me sobrava, tive occasião de verificar o quanto os catalogos que nos vêm de Europa se acham distanciados da verdade com relação á distribuição geographica dos differentes generos de orchidéas, a disparidade que ha entre a classificação scientifica e as suasestructuras, como ainda pude constatar a verdade entre nós divulgada—que toda a planta da America, seja de que zona fôr, se desenvolve com a mesma pujança e facilidade em qualquer região do nosso paiz, desprezada a escolha das condições climatericas.

E' sabido que nenhum Estado do Brazil póde concorrer com o Paraná em variedade de aspectos e de climas. Dentro dos tres *plateaux* se confundem as temperaturas mais baixas com as mais elevadas : dentro de minutos o thermometro varia de tal modo, o barometro oscilla tão inesperado, o tempo se transforma tão rapido, que já houve quem dissesse que esta é a terra das *surprezas* : tudo é original—o homem como a natureza...

De lado o conceito anarchico, cinjo-me ao assumpto para asseverar que a maior parte dos numerosos generos de orchidéas americanas aqui se encontram ou se acclimatam sem difficuldade alguma, seja de zonas torridas, seja de zonas frigidas.

As do Brazil, principalmente, temol-as quasi á mão. E' assim que os tão apreciados *catasetums* e *cyrtopodiums* do Amazonas, os riquissimos *zygopetalums* e *miltonias* de Minas Geraes, bellissimas variedades das incomparaveis *lælias* e *cattleyas* do Espirito Santo e Santa Catharina, numerosos exemplares de *oncidiums* e *epidendrons* que povoam as florestas do paiz, de norte a sul, aqui se encontram em nossas serras e paúes, á beira dos rios como no fundo dos sertões, esparsos e por grupos, muitas vezes quatro ou seis *generos* enfestoando um só tronco secular, qual mais viçoso e vario de coloridos e aspectos originalissimos, perfumando o ambiente.

Além das já citadas orchidéas, possuimos bons exemplares de *promenéas, rodriguezias, sophronites, brassarolas, phajus* (reproduzidos por semedtes), *bifrenarios* (que erradamente chamam *licaste*), *maxillarias*, *pleurotalis, colax, gomesa crispa, huttleyas, stanhopeas* e baunilhas, quasi todas exigindo classificação criteriosa, porquanto as suas variedades, na maior parte, não encontram similares nas illustrações que acompanham os livros que tratam do assumpto nem descrição que dellas se approxime.

Possuo ainda em meu orchidario um bom numero de plantas, cujo genero não me foi possivel por emquanto descobrir, e que por certo são variedades novas, de que não falam os catalogos.

O Paraná é rico especialmente em *oncidiums*.

As melhores *lælias* que possuimos são transplantadas de Santa Catharina e dão-se perfeitamente bem, tanto no littoral, cujo calor é fortissimo, como em cima da serra, cujo frio é intenso.

A photo-gravura representa uma *laelio-cattleya*, hybrida natural, que dois annos depois de arrancada de beira-mar, no Estado de Santa Catharina, floresceu nas regiões frias do planalto de Corytiba, produzindo, apezar dos rigores do inverno, vinte e sete flores,

A inflorescencia desta orchidea durou trinta e dois dias, no *Pavilhão das Flores* da Exposição Paranaense,

Domingos Nascimento.

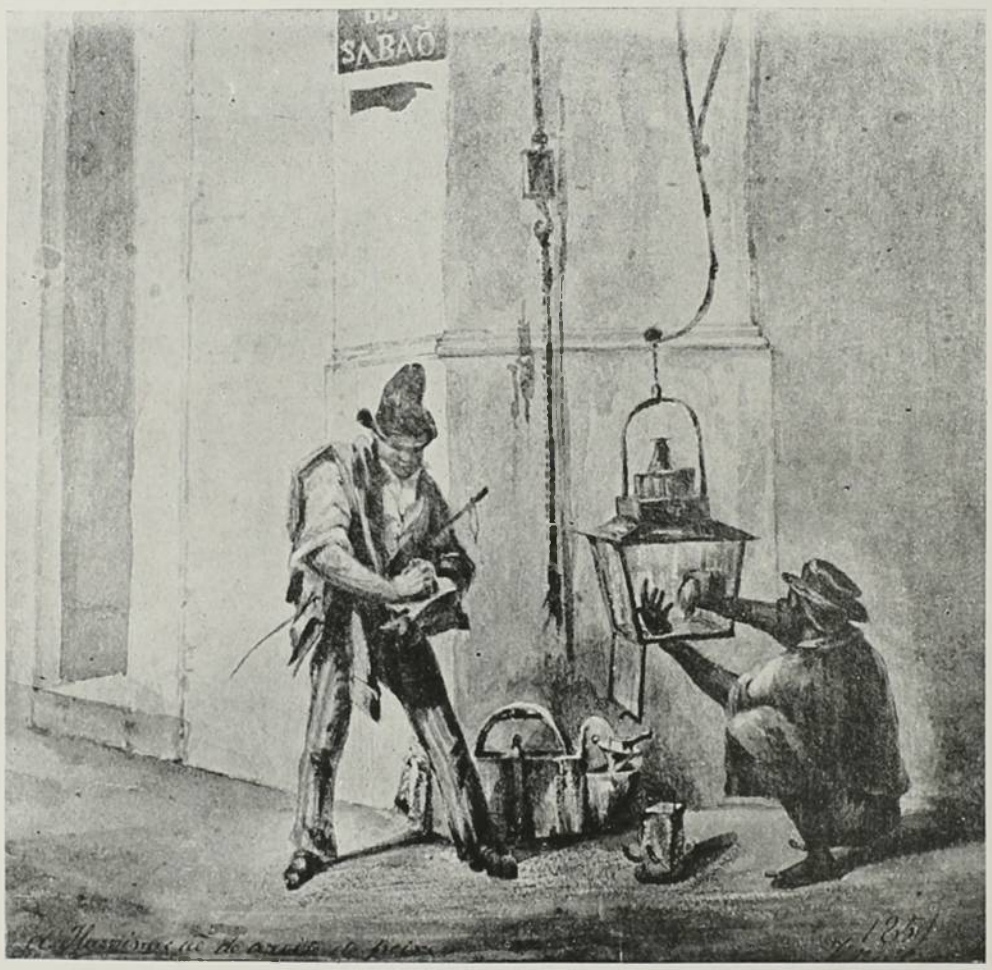
Corytiba—Fevereiro 1904.

ILLUMINAÇÃO A AZEITE DE PEIXE

É de nossos dias a illuminação a gaz d'esta cidade, inaugurada em 25 de Março de 1854, a titulo de experiencia, no Largo do Paço, ruas do Ouvidor, Rosario, Sabão, S. Pedro e Direita.

Tão importante serviço, de ha muito reclamado, foi devido á iniciativa do grande brasileiro Irineu Evangelista de Souza, mais tarde Visconde de Mauá.

Em tempos antigos, a unica illuminação consistia nos candeeiros acesos pela piedade dos fieis em frente aos nichos de santos collocados nas esquinas das ruas. Ainda no tempo do Vice-Rei Luiz de Vasconcellos, enumeravam-se 73 desses lampadarios, distribuidos pelas 4 freguezias da cidade: 22 na *Sé*, 27 na *Candelaria*, 12 na de *S. José* e 12 na de *Santa Rita*. Para se guiarem atravez das escuras e lamacentas ruasda cidade, serviam-se os particulares de archotes ou pequenos lampeões levados por escravos.



Entre os muitos serviços prestados pelo Conde de Rezende, deveu-lhe o Rio de Janeiro a introducção de lampeões de azeite de peixe, subsidiada pelos cofres do Governo. Diminuto a principio, o numero de lampeões foi augmentado por Paulo Fernandes Vianna, Intendente Geral da Policia, a cargo da qual esteve esse serviço até 1828.

Pela lei de 1 de Outubro de 1828, passou esse encargo á Camara Municipal. Mais tarde (21 de Outubro de 1843) passou elle para o Ministerio da Justiça. Hoje, como é sabido, o serviço da illuminação publica está sob a dependencia do Ministerio da Industria e Viação.

Deficiente e imperfeita era a illuminação da cidade por meio dos lampeões de azeite, collocados a grande distancia uns dos outros; demais, a luz avermelhada e amortecida dos candeeiros, diminuida ainda pelo reflexo das guarnições de ferro do complicado apparelho de suspensão, não podia dar bons resultados.

Os lampeões eram accesos e apagados muito cedo, por escravos besuntados de azeite e que dormiam ao relento nas calçadas. Quando a folhinha annunciava luar, ainda que a noite se tornasse escura, não havia illuminação.

A estampa representa a esquina das ruas da Quitanda e do Sabão, onde existe hoje uma pharmacia homœopathica, casa em que foi assassinado Duclerc, e dá perfeita idéa dos antigos e monstruosos lampeões.

Vê-se agachado um d'esses pobres pariás, procedendo á limpeza e servindo-se quasi sempre de pannos tão ensebados como a sua pobre e rota vestia. Lá está a corda classica, o cadeado e demais apetrechos.

Em pé, fiscalisando o serviço, vemos o infallivel capataz, quasi sempre tambem escravo, de chicote debaixo do braço, e prompto a despertar o somnolento parceiro.

Cousa curiosa: esses capatazes eram, na maioria dos casos, verdadeiros verdugos; em muitas fazendas, os negros preferiam feitores brancos, a serem mandados pelos de sua raça. A suprema aspiração do negro liberto era tambem possuir mais tarde escravos, dando preferencia sempre á raça cruzada. Negras-minas houve que timbravam em ter escravos mulatos e mulatos quasi brancos.

Odio de raça? Ou antes, miserias da escravidão!

Março — 1904.

Dr. Vieira Fazenda.

MÃE MARIA

(CONTO INEDITO)

É ainda esta, —(disse-nos Amancio)— no fim de minha longa vida, tão cheia de alegrias e de tristezas, a recordação mais funda que guardo dentro da alma.

Fechando os olhos, para mais claramente evocar a memoria dos dias da minha infancia, vejo logo, nitidamente desenhada pela minha saudade, a doce figura da velha *mãe* Maria. Tão velha!... Quando nasci, já o seu cabello encarapinhado embranquecia. Ainda viveu commigo uns treze annos. E nunca ninguem me soube dizer onde morreu, nem onde foi dormir o ultimo somno o seu corpo de velha escrava, alquebrado por quasi um seculo de captiveiro e de trabalho.

Comprar e vender escravos era, n'aquelle tempo, uma cousa natural. Ninguem perguntava a um negro comprado o seu passado, como ninguem procurava saber de onde vinha a carne com que se alimentava ou a fazenda com que se vestia. De onde vinha a velha Maria, quando, logo depois de meu nascimento, meu pae a comprou? Sei apenas que era africana; e tinha talvez um passado terrivel: porque, quando a interrogavam a esse respeito, um grande terror lhe dilatava os olhos, e as suas negras mãos reluzentes e callejadas eram sacudidas de um tremor convulsivo,

Commosco, a sua vida foi quasi feliz. Na cidade, o captiveiro era infinitamente mais brando do que na roça. Aqui, si havia o trabalho sem tregoas, não havia, ao menos, o chicote do feitor. Lá fóra, sim! lá fóra, era a labuta esfalfante do *café*, os dias terriveis sob o sol implacavel, a comida pouca e o castigo muito. Maria, quando eu ás vezes lhe perguntava o que era a roça, ficava callada, olhando o chão, como se estivesse revendo com horror o tormento d'essa vida antiga. Um dia, despiu a meio a camisa de algodão grosso, e mostrou-me as costas e o peito. A pelle preta estava de espaço a espaço cortada de largos vergões, cicatrizes, signaes de queimadura. Eu, com os meus innocentes olhos de seis annos, olhava aquillo sem comprehender. «Como foi isso, Mãe Maria?« Maldades dos homens, sinhôsinho, maldades dos homens...« Certa noite, como ella me contasse uma historia em que se fallava de creanças roubadas aos paes, perguntei: «Você nunca teve filho, Mãe Maria?« A pobre negra limpou uma lagrima, e não respondeu: mudou de conversa, e continuou, com a sua meia lingua atrapalhada a contar a historia, — uma d'essas compridas historias da roça, em que ha saciperêrês e capóras, almas do outro mundo e anjos do céo. E eu olhava-a, com uma secreta magoa... Não que comprehendesse bem aquillo: mas a minha intelligencia de creança já advinhava uma parte d'aquella dolorosa vida de captiva.

Como ainda me lembro dessas noites!... Era na sala de jantar, que tinha uma grande varanda, deitando para o quintal. Estou ainda vendo o velho sofá de madeira negra em que meu pae dormia a sésta, a longa taboa de engommar em que as mucamas passavam a ferro a roupa branca, e, perto da mesa em que ardia o grande lampeão de azeite, minha mãe immovel e pallida, na sua feia e enorme cadeira de paralytica.

Moça ainda, ficara ella assim, logo depois de ter eu vindo ao mundo. Como a perdi muito cedo, não me lembro bem d'ella: lembra-me apenas que era bonita e não fallava nunca. Olhava para mim, para meu pae, para as escravas com um olhar apagado de louca resignada e mansa.

Assim, a velha Maria foi a minha verdadeira mãe. Havia ainda em casa uma senhora edosa, prima de meu pae, que era quem dirigia tudo. Essa, porém, apenas tinha tempo para governar as escravas, fazer doces, e cuidar das costuras e das roupas engommadas. Boa *Mãe* Maria! era ella quem me lavava, quem me vestia, quem me aturava... Quando eu não queria obedecer, procurava fingir-se zangada, e ameaçava-me: «Nhô Amancio! Nhô Amancio!« E acalmava-me, por fim, promettendo-me uma nova historia. Sentava-se no chão, cruzava as pernas, e começava. Ouvia-se apenas na sala o resomnar de meu pae que dormia a sésta, o pigarro da velha prima que cozia, o ruido que faziam os ferros de engommar sobre as taboas, e a voz arrastada de *Mãe* Maria, fallando de saciperêrês, de capóras, de almas do outro mundo e anjos do Senhor.

Todo aquelle enredo fantastico, em que passavam bruxas cavalgando cabos de vassouras, principes que roubavam princezas, archanjos que desciam do céo para curar as feridas dos escravos no *tronco*, negras aleijadas, que invocavam o diabo, á meia noite, no meio do matto, e eram afinal arrebatadas por elle n'uma nuvem de fogo e enxofre, — tudo aquillo se atropellava na minha cabeça, cançando-me, dando-me arrepios e vertigens de medo.

D'ahi a meia hora, pesavam-me as palpebras. Aos meus ouvidos, a voz de Maria chegava cada vez mais fraca: até que, quasi sumida de todo, parecia vir de longe, de muito longe, vaga e indistincta como um echo. Eu deixava cahir a cabeça sobre o seu collo, e dormia. E era ella quem, carinhosamente me levava para a cama, era ella quem me despia, e, obrigando-me a ficar de joelhos, tonto de somno, me fazia repetir o *Padre Nosso*, estropiado pela sua lingua de africana.

☼

Quando tive de ir para o collegio,—um internato severo, de onde os alumnos só sahiam uma vez por anno,—chorei muito tempo, abraçando *Mãe* Maria, agarrado á sua grosseira saia de riscado azul. Ella chorava tambem, chamando-me *seu filho*, beijando-me, consolando-me:

—Vae, Nhô Amancio! vae, meu filho! vae p'ra ser homem! vae, Nhô Amancio! a sua negra velha fica resando a Nosso Senhor! a velha fica resando!

Pela mão de meu pae, fui pela rua soluçando, soluçando...

Oh! os primeiros dias de internato! Que casa! As salas, muito altas e muito claras, tinham um silencio que dava medo. Entre as bancas de estudo, o padre Francisco passeava, batendo com força os tacões dos sapatos, fungando pitadas de rapé. Eu, com a morte na alma, lembrava-me da casa lembrava-me da varanda que dava para o quintal; de minha mãe immovel na sua enorme e feia cadeira de paralytica, da velha prima que costurava, e de *Mãe* Maria... de *Mãe* Maria! e das suas mãos callejadas e reluzentes! e de seu cabello encarapinhado! e da sua voz! e das suas historias! E as letras do livro iam-se confundindo e dansando, vistas através das lagrimas que me embaciavam os olhos.

Mas, passou a primeira semana, passou o primeiro mez, passou o primeiro trimestre. Criei amizade aos companheiros. E a minha saudade foi diminuindo, diminuindo, diminuindo...

Quando o primeiro semestre findou, já *Mãe* Maria, e a sua face, e a sua carapinha, e as suas mãos, e a sua voz e as suas historias, me appareciam indistinctamente, como ao fundo de um passado remoto. A' noite, quando me deitava, depois do exercicio violento da *cabra-cega* e da *barra*, o somno já não me deixava pensar n'aquella que ficára resando a Nosso Senhor por Nhô Amancio. Nhô Amancio só se lembrou de *Mãe* Maria quando as ferias chegaram...

"Ah! Nhô Amancio! —dizia a preta chorando, de joelhos, beijando-me as mãos—como Nhô Amancio está crescido e bonito!"

Um anno de collegio bastára para me transformar. E, agora, eu apparecia á velha ama-secca, como um novo sinhô-moço,—um sinhô-moço que tinha 11 annos, que já sabia ler e escrever, que já se julgava um homem, e que ás historias atrapalhadas e tolas de *Mãe* Maria preferia a malha e a gymnastica.

A vida da casa era a mesma. Apenas *Mãe* Maria, não tendo agora sinhô-moço para criar, passára a tratar da lavagem da roupa.

E era no quintal que estava agora quasi sempre, de saia levantada, patinhando na agua da barréla, indo de coradouro a coradouro,—um pouco mais velha, um pouco mais tropega, mas ainda robusta.

Foi durante essas ferias que se deu o caso, cuja recordação ainda hoje, no fim de minha longa vida, tão cheia de alegrias e de tristezas, é a mais viva das que guardo dentro da alma...



Uma tarde, *Mãe* Maria lavava roupa no quintal. Desci. Ao fundo, ficavam os cercados das gallinhas. Comecei a atirar-lhes pedras. *Mãe* Maria protestou logo: "Nhô Amancio! Nhô Amancio! que maldade, menino! deixa os bichos, Nhô Amancio!" Eu ria, e continuava.

Entre mim e os cercados do gallinheiro, ficavam os coradouros. As pedras passavam sobre a cabeça da velha.

—"Nhô Amancio! Nhô Amancio! Deus castiga, Nhô Amancio! — repetia a preta, mas sem gritar, temendo que meu pae a ouvisse. E eu ria, e continuava. Correu então para mim... Eu ria. E as pedras passavam por ella, rentes algumas, na direcção dos cercados.

Não sei como foi... Vi-a cambalear e cahir, levando as mãos á cabeça, de onde o sangue corria aos borbotões. Senti no coração uma pancada secca, dolorosa. Uma nuvem de pranto me cresceu nos olhos. Corri para a velha, com a garganta suffocada de soluços.

Uma pedrada lhe quebrara a cabeça: e o sangue ensopava a sua carapinha dura, já quasi toda branca. Principiei a gritar, allucinadamente. E ella, tremula, desfallecida, apertando a ferida com a mão manchada de vermelho murmurava:

"*Não grita*, Nhô Amancio. *não grita*! não foi nada! *não grita* que sinhô ouve!"

Mas eu gritava. Todo o antigo affecto esquecido renascia ali, diante da minha velha *Mãe* Maria, toda banhada em sangue, ferida por mim. Toda a casa acudira aos meus gritos. Vi junto de nós meu pae, a prima, as escravas. Então tive medo do castigo...

Mas a velha negra já tinha um sorriso nos labios. E olhando meu pae, que indagava a causa d'aquillo, dizia: "Não foi nada, Sinhô, não foi nada! A negra velha escorregou no sabão, e quebrou a cabeça nas pedras. Mas Nhô Amancio acudiu logo. Não foi nada, Sinhô, não foi nada!"

. . . . . .

Quando, pensada a ferida, eu, a sós com ella, a vi salva e repousada,—cahi nos seus braços pedindo-lhe perdão, cobrindo de beijos aquella face que me parecia tão bella, tão clara, tão illuminada como a face de um d'aquelles anjos do Senhor, de que ella me fallava nas suas compridas historias da roça. E ella chorando tambem:

"Que é isso, Nhô Amancio? que foi que *Mãe* Maria fez?... tinha que ver que Nhô Amancio fosse apa-

nhar uma sóva por causa do cangalho de uma negra velha!...“

✳

D'ahi a um anno, quando de novo voltei do collegio, ainda abracei *Mãe* Maria. Via-a e abracei-a ainda, pelo Natal, dois annos seguidos. Depois... morto meu pae, morta minha mãe, vendidos todos os escravos da casa,—nunca tive quem me dissésse onde foi dormir o seu ultimo somno a minha velha *Mãe* Maria, alquebrada por quasi um seculo de captiveiro e de trabalho...

Olavo Bilac

NOTA—Este conto inedito pertence a um livro que está sendo editado pela casa Alves & C.



ALMIRANTE IJUIN E OFFICIAES DA ARMADA JAPONEZA, A BORDO DO CRUZADOR “ASAMA”

VIDA LITERARIA

A LINGUA PORTUGUEZA NO BRAZIL

UMA das feições da nossa vida literaria o anno passado foram as controversias aqui havidas respeito á nossa lingua.

No meu primeiro artigo desta revista, consagrado áquelle assumpto, não pude, por amor de me não alongar, tratar desse seu aspecto, e fazendo-o agora sinto a necessidade de reconhecer que a minha epigraphe é tanto ou quanto pretenciosa. Mas pretenção, si pretenção ha, que não passa do titulo. Demasiado sei quanto a materia excede á minha escassa competencia. E, entretanto, que excellente assumpto para um philologo, si acaso temos ahi philologo capaz de o tratar com as capacidades que elle requer! E tal estudo precisa ser feito, pois é a base scientifica, não só necessaria, mas indispensavel, em que assentemos as nossas locubrações, até agora um pouco no ar e sempre eivadas do espirito rhetorico das antigas, e ainda de modernas, especulações linguisticas portuguezas.

Si, como ao principiar notei, aquellas controversias foram uma das feições da nossa vida literaria o anno passado, esse facto não é, todavia, excepcional, ou sequer raro, nesse aspecto da nossa vida. Antes se repete, esporadica ou determinadamente, e com maior ou menor intensidade, em varios momentos da historia da nossa cultura. Geralmente tratamos com menoscabo a nossa lingua, que por via de regra ignoramos, graças, principalmente, ao pessimo systema porque nol-a ensinam os nossos mestres, dos quaes muitissimos tambem não a sabem. Mas isso não foi motivo para que não houvesse sempre no Brazil, nas provincias e na capital, um certo numero de estudiosos, mais ou menos obscuros, mais ou menos competentes, que de vez em quando saíam á praça, quero dizer, em jornaes, em revistas, em livros ou em folhetos, a emendar-nos dos nossos erros e a ensinar-nos como bem falar e escrever.

Póde-se notar, sem saír da estricta verdade, que em geral taes mestres, apezar do amor que á lingua consagravam, das optimas intenções que tinham, e da convicção com que por ella combatiam, escreviam, entretanto, mal, ao menos sem algum dos dotes que, com a correcção grammatical e lexica, fazem o escriptor, e, mais, careciam de qualquer methodo racional em suas locubrações. Outra cousa que se poderia tambem notar é que a sua intervenção ficava, por via de regra, esteril e sem influencia, pois, a aceitar-lhes o criterio da boa linguagem, verifica-se que, se continuou a escrever mal, apezar das suas censuras e ensinamentos. Porque, de facto, salvo talvez no periodo propriamente portuguez da nossa literatura, que não fazia senão reproduzir inferiormente, nas idéas, na composição, no estylo e na lingua, a portugueza, já tambem em começo de decadencia, nunca se escreveu no Brazil como em Portugal, e nunca os mestres da lingua ali tiveram aqui discipulos que os rivalizassem ou siquer emulassem.

Tivemos, é certo, escriptores de valor, valor relativo, muito relativo, entenda-se, mas, salvo naquelle periodo, como o poeta Botelho de Oliveira, por exemplo, nenhum benemerito do titulo de classico, nem o mesmo João Lisboa, porventura o mais terso e vigoroso prosador brazileiro. Notabilissimos escriptores nossos, como José de Alencar hontem, o Sr. Joaquim Nabuco hoje, de proposito ou por desleixo, sinão erronea concepção do evolver das linguas, gravemente pecam sob o aspecto da correcção. Este facto, que aliás se passa em todos os povos sem lingua propria, mas herdada, incontestavelmente comprova a sediça verdade, demonstrada pela philologia, da evolução das linguas, da sua modificação e até transformação sob influencias diversas, como sejam a mudança para outras regiões, o contacto com outra gente e com outras linguas, e com habitos espirituaes e costumes e circumstancias diversas dos de sua séde originaria. Pura irracionalidade seria, portanto, pretender que o brazileiro, o norte-americano ou o hispano-americano falassem e escrevessem a lingua classica do seu paiz de origem. E' exigir uma impossibilidade. Nem dentro do mesmo paiz seria isso possivel. Nenhum dos modernos em Portugal, nem ainda o obsoleto Latino Coelho, e o archaico quinhentista Castilho, escreve como Fr. Luiz de Souza ou Vieira, e, em França, nem mesmo o Sr. Brunetière, como Bossuet. Nessa terra do bom gosto literario toda a affectação de archaismo e de purismo é condemnada. Si a força de estudo, de um obstinado trabalho de imitação e de *démarquage* e de propositada macaqueação dos escriptores classicos portuguezes, um brazileiro conseguisse escrever como elles, ou dar-nos, a illusão delles, esse escriptor seria um escriptor artificial, um producto monstruoso de artificio literario.

Não é menos certa a corriqueira noção philologica de que, como todas as fórmas de evolução, a das linguas obedece a duas forças que a regulam e, si posso dizer assim, legitimam, a conservadora e a progressiva, ou, como diria um pedante, a estatica e a dynamica. Si a evolução ou progresso das linguas, regularmente feito, sob a acção normal das causas reconhecidas como seus agentes naturaes é um facto contra o qual não prevalecem grammaticos ou literatos, preconceitos puristas ou classicos, a sua modificação ou transformação rapida, atropelada, pelo influxo pessoal dos ignorantes, dos maus escriptores, dos neologistas que o são por lhe não conhecerem o lexico, não é irracionalidade menor que a apontada.

Prestam, pois, um bom serviço á nossa lingua os que, ainda exagerando as excellencias e a necessida-

de do classicismo, procuram estorvar a marcha, demasiado apressada, sinão tambem precipitada, do portuguez no Brazil. Sómente erram, e gravemente, aquelles que suppõem poder detel-a, e, muito irracionalmente, fazer-nos voltar a escrever segundo modelos classicos, que preconisam á nossa imitação. Aos escriptores verdadeiramete dignos deste nome cabe, por seu exemplo e influencia, estabelecer a justa ponderação entre as fórmas tradicionaes da lingua e as suas fórmas mais modernas e mais legitimas, sem jamais esquecerem que, embora a syntaxe e o lexico de uma lingua evolvam tambem, ha nella uma virtude ou propriedade chamada indole, que tem ao menos a fixidez apparente das estrellas que pretendemos fixas. A sua indole é que é preciso respeitar, para lhe assegurar a compostura e a regularidade, indispensaveis á uma lingua que se presume de culta.

O anno passado esta velha e sempre debatida questão da pureza da lingua portugueza aqui veio de novo á discussão. Creio que desde um anno antes, o literato portuguez Sr. Candido de Figueiredo encetara no *Jornal do Commercio* uma serie de artiguetes ensinando-nos o que se não devia dizer. Muitas das suas lições eram manifestamente erradas, como qualquer pessoa não de todo inculta podia por si mesma verificar, e como lhe mostrou um velho estudioso destas cousas, o Sr. Heraclito Graça, em artigos no *Correio da Manhã*. O que, porém, talvez mais que tudo contribuisse para repetir — não ouso dizer renovar — a questão foi o famoso *Parecer* dado pelo Sr. Ruy Barbosa sobre a redacção do Codigo Civil. Era um terrivel *factum* contra a ignorancia da lingua daquelles que, por sua situação e renome academico e official, pela sua posição de representantes da nação, eram considerados, e se presumiam, o escol intellectual da sociedade brasileira. Passando o Sr. Ruy Barbosa pela nossa maior competencia no assumpto, muito grande foi o effeito do seu *Parecer*. A verdade é que quaesquer que fossem os defeitos e até desacertos, depois demonstrados, da sua critica e dos seus reparos, a impressão geral deixada pelo seu exame da redacção do Codigo não póde ser sínão que essa redacção é má, e, portanto, como eu disse então, que nós não sabemos a nossa lingua. Ás respostas que lhe deram, e criticas que lhe fizeram, retrucou o Sr. Ruy Barbosa com a ainda mais famosa *Réplica*, in-folio de 214 paginas, em typo miudo, e materia para um grande e grosso volume.

É, talvez, hoje o mais copioso repertorio sobre as questões — e até questiunculas — que dividem os grammaticos da lingua. Sempre tive para mim que a lingua portugueza jamais attingiu á disciplina e relativa fixidez grammatical e lexica a que outras porventura chegaram. Não creio que entre as linguas cultas alguma haja onde sejam tantos os casos controversos, e entre os seus melhores escriptores mais e maiores as contradições. A *Réplica* do Sr. Ruy Barbosa serviu grandemente para corroborar este juizo. Não podendo muitas vezes contestar as razões e os testemunhos que em contrario a conceitos seus do *Parecer* lhe oppunham, o illustre publicista mostrava-lhes, com largo conhecimento dos factos e dos classicos, que tambem tinha em seu favor razões e testemunhos numerosos e eminentes. O que se póde concluir desta fórma de argumentação, abundante no seu trabalho, é que nos classicos ha para tudo. E ao cabo esta verdade resaltou de toda a discussão do *Parecer* do Sr. Ruy Barbosa e da sua *Réplica*. A começar pelo professor Carneiro, da Bahia, todos os seus criticos lhe mostraram com exemplos classicos a sem razão de muitos dos seus conceitos. Assim o fizeram, não só aquelle professor e grammatico de profissão, mas, alem da commissão parlamentar que opinou sobre o *Parecer*, o Sr. Clovis Bevilaqua, primeiro redactor do Codigo, o professor Pereira da Fonseca, de Pernambuco e outros. Lembro-me ter lido um excellente artigo do Sr. Gonçalo Moniz, da Bahia, sobre a palavra *successo* na accepção, condemnada pelo Sr. Ruy Barbosa, de «bom successo», demonstrando cabalmente, com boas razões philologicas, e muitos exemplos classicos, a legitimidade de tal accepção, pela qual eu proprio já havia, aliás, pugnado.

No mesmo anno, o Sr. João Ribeiro, que republicara no anno anterior os seus interessantes *Estudos philologicos*, escreveu alguns artigos geraes sobre a questão da lingua, preconisando a sua maior pureza e, com toda a razão, combatendo aquelles que, por esconder a real ignorancia do seu proprio falar e a pretexto de modernismo, a alteram e deformam desavergonhadamente. O Sr. João Ribeiro levava sobre muitos dos discutidores deste assumpto a vantagem, não só dos seus conhecimentos especiaes, mas de ser um espirito moderno, um escriptor elegante e novo, um poeta bem contemporaneo, a quem os seus emulos em idade e profissão literaria não podiam apodar de carrança ou caturra. Após elle, e no mesmo jornal, entrou na discussão de casos controversos da lexicologia portugueza o Sr. Heraclito Graça, com artigos que se dirigiam especialmente á censura dos trabalhos do Sr. Candido de Figueiredo. O Sr. Graça, então só de poucos conhecido como fervoroso e bem aproveitado estudante da nossa lingua, é um antigo e intelligente e desinteressado estudioso della. Em muita cousa levou manifesta vantagem ao escriptor portuguez, cuja sciencia philologica já havia sido bastante abalada em dous opusculos de um verdadeiro philologo, o Sr. Leite de Vasconcellos.

Um jovem estudioso destas cousas, o Sr. Mario Barreto, tambem publicou um livro *Estudos da lingua portugueza*, versando, como a maior parte dos outros, sobre applicações de palavras e fórmas lexicas controvertidas.

Ainda ha com certeza outros trabalhos desse periodo, em jornaes e revistas provincianas, que infelizmente desconheço, e alguns não serão sem merito. De tudo o que li tirei duas conclusões, a primeira já dita, da indisciplina e inconsistencia da lingua, cujos melhores escriptores, e muitas vezes o mesmo escriptor, têm numerosos exemplos desencontrados com que se pódem justificar opiniões diversas; a segunda, que todos os estudos da lingua aqui, ainda os melhores, carecem de uma seria e solida base de estensos e profundos estudos philologicos, sendo ainda a maioria delles feitos por amadores, sem o necessario preparo scientifico, de um ponto de vista rhetorico, eivados de preconceitos classicos, como si os classicos fossem infalliveis. Ninguem ignora que no Brazil justamente os estudos basilares da philologia, o estudo completo e profundo das linguas classicas, o latim e o grego, e ainda o do sãoscrito, ou o da philologia especial dessas linguas e de outras em relação proxima ou remota com a nossa, e da philologia geral, absolutamente não existem, E não me parecem conhecimentos cujo estudo systematico possa ser substituido pela autodidaxia. Como quer que seja, porém, esses estudos e discussões sobre a lingua portugueza no Brazil têm ou pódem ter um resultado benefico, o de nos obrigar a sermos mais cuidadosos e respeitadores della, e fornecer a futuros verdadeiros philologos preciosos elementos de informação.

J. Verissimo.

Da Academia Brazileira.



INFERIORES E MARINHEIROS DA GUARNIÇÃO DO CRUZADOR JAPONEZ "ASAMA"



MAESTRO H. OSWALD

A' Mademoiselle Sophia da Silva Prado

AVE !

Parole di Solone Monti

Musica di H. Oswald.

Andante

CANTO

PIANO

pp

Guar _____ da:

pp

la vi _ ta a te sori _ de, Co _ me un in _ can _ to no _ vel _____ lo.

Io co _ glierò un puris _ simo fior per Je tue

rit .....

p

animato *f* *rit...*

chio ——— me. Guar ——— da: il so _ le ti cinge di fulgori

animato *rit...*

ten.

l'a _ ria t'of _ fre i pro _ fu _ mi e melo di ——— a, per te cantan gli augel ———

f *Lento* *p*

li in _ ni ca _ no ——— ri: io co _ pri _ ró di ro ——— se

Largamente *Molto expressivo*

la tua vi ——— a!

PASTORAL



BAIXO-RELEVO DO ESCULPTOR BRASILEIRO BENEVENUTO BERNA

FEITO ESPECIALMENTE PARA O KÓSMOS



Phot. GUILHERME GAENSLY—S. Paulo

S. P. R. VIADUCTO NA LINHA NOVA

O MESTRE DE CAMPO

ROMANCE MINEIRO DO SECULO XVIII

(NO PRELO - EDITORES: LAEMMERT & C.)

CAPITULO I

OS DRAGÕES REAES

LÁ no flanco da montanha, cujo dorso pelado recortava-se no azul do céo, gemiam vozes humanas uma cantilena sentida.

Defronte, pela estrada de Villa Real do Sabará á Villa Nova da Rainha, passava a trote, naquella enfarruscada manhã de fevereiro, um destacamento de dragões reaes, que, escutando a cantilena, soffrearam os animaes e, de ouvido alerta, marcharam a passo.

O commandante, ao perceber a curiosidade dos soldados, quasi todos reinóes e novatos na terra, disse-lhes em tom de explicação;

—São negros a trabalharem nas catas. Por aqui é tudo assim. Estamos já no coração da terra do ouro, hoje o melhor dos senhorios d'El-Rei Nosso Senhor, que Deus guarde.

—Povo altanado, terras ingratas, Sr. alferes! retrucou-lhe um dragão magro e ossudo, que, pelos modos e pelo aspecto, parecia experimentado nestas Geraes.

Palavras ditas, reinou silencio e o destacamento continuou a marcha, abeirando o barrocal do rio Sabará, que corria em baixo, no fundo do despenhadeiro, a boas cincoenta braças.

A estrada era rasgada no flanco da montanha e acompanhava o valle do rio. Aos pés dos soldados, crescia a matta, lançante abaixo, encobrindo o rio, cujas aguas alvorotadas com as chuvas, rugiam acachoadas, rolando espumosas no leito de pedras. Do outro lado, reaprumava-se o morro, mostrando na lombada, desde o espinhaço, os largos rasgões das catas e desmontes.

Só mesmo a desenfreiada cubiça do ouro traria um povo a luctar com esse tracto de terra alcantilado e a profundar-se nelle como formigueiro, apanhando sempre, quando não morria grande parte, aquelles humores frios e aquellas terebrantes pontadas, de que, com tanta gravidade e terror, falam o cirurgião-mór Luiz Ferreyra, no «Erario Mineral», e o doutor João Curvo Sem-medo, em sua muito honrada «Atalaya da vida contra as hostilidades da morte».

Era nas aguas. Andava o tempo encoberto e enfumaçado. As primeiras pancadas de chuva já tinham annunciado invernia forte. Os mineiros tiravam regos para desvio das enxurradas que tanto damno causavam ás lavras.

Tempo desgraçado, Santo Deus! Ainda não é tanto quando as lavras são de talho aberto; as de mina, porem, precisam de boas estivas de pranchões de peroba e aroeira. E o diabo é que a madeira de lei já ia faltando por alli. Só algum pau d'oleo grande é que ainda restava. O balsamo, o jacarandá-tan, a cabiúna e o angico abundavam, é verdade, á beira do caminho, mas eram todos novos—que os velhos já tinham sahido para a construcção das egrejas e dos sobrados da nobreza de Villa Real.

Por esse tempo, o Senado da Camara de Villa Real tinha de combinar com a vereança de Villa Nova da Rainha os concertos da estrada, que se esboroava com as chuvas, cavando panellas, ou rasgando socavões tremendos. Pelo caminho afóra, da banda do rio, lá estão as muralhas rasas como caes marinhos e os largos paredões de pedra, á escora das camadas obliquas de terra schistosa, que desabam como avalanches.

Os dragões marchavam com cuidado, reparando attentamente o terreno. Quasi todos tinham chegado do Rio havia pouco, a renderem camaradas da tropa paga das Minas, estacionada em Villa Rica. O capitão general deralhes logo, para por-lhes á prova o zelo, a delicada missão de prenderem o fidalgo revel.

E' certo, porém, que o commandante, o alferes Gonçalo de São Payo, era homem vaqueano nestas Minas, destro no manejo das armas, atilado no commando e—porque occultal-o?—desses que, em se tratando de criminoso de vulto, só voltam da diligencia sem o preso quando lhe trazem as orelhas enfiadas.

Suas traças eram differentes das que usam em diligencias similhantes seus camaradas.

Assim, em vez de disfarçar os soldados e espalhal-os por não chamarem a attenção do povo, elle, ao contrario, entendia que a tropa real se humilharia em querer encobrir essa qualidade; por isso, onde passava com os soldados, era sempre no meio de barulho de trompas e de patas de cavallos, entre vozes de commando e retimtim de ferros. E tudo rijo, direito na sella, armas açacaladas, fardas vistosas, num aprumo e esmero de dar gosto e metter medo!

E' verdade tambem que no meio da licença desses sertões, os mais temiveis facinoras, os mais poderosos quilombolas não brincavam com o alferes Gonçalo.

Quando passava pelos arraiaes, ou quando, nas estradas, cruzava com os viandantes—forros e captivos, já de longe, sacavam dos chapéos ao vel-o e, de cabeça descoberta, perfilados, mão ao peito, estacavam para deixal-o passar.

Os cabras mais foliões, os trovadores mais animados adiavam as folias e os batuques quando o alferes pousava nos arraiaes. E o faziam por medo só, porque o alferes até não era mau companheiro para festas de baptisado, nem de casamento; tocava bem regularmente sua guitarra, marcava sua contra-dança e fazia mui soffrivelmente o seu pé... de alferes ás moças. Contam até uma proeza delle, e bem feita, numas janeirinhas, em Villa Real. Mas isso só com gente branca e de familia, de tenente para cima. Nada com a ralé! Não dava confiança á arraia miúda, cuja suan gostava de amolgar a bastonadas.

O alferes tinha um sestro: scismava em tudo que era negro e mulato. Se quericis vel-o atrevido devéras, bastava fazel-o encontradiço com algum creoulo apatacado ou bóde de prosapia, desses que prosperam, têm estado de

nobres, tomam seu rapé em bocetas de ouro e tossem, baixando a cabeça, quando aspiram sua pitada. Ajuizava mal da origem dessa prosperidade, suppunha sempre que o sujeito era algum captivo fugido do senhor, lá dos engenhos do norte, e não deixava escapar occasião de humilhar taes pessoas.

Por estas e outras, muito ás occultas, a satyra anonyma garrochava-o de appellidos, dos quaes os mais populares eram «Alferes Matta-Negro» e «Gonçalo Papão». Havia tambem quem o chamasse «Xiber», por via de um costume que elle tinha de pedir as cousas para vêr, reclamando a miúdo, com sutaque portuguez carregado— *Deixe bêr ! deixe bêr ! xe bêr !*

Quem o acompanhava em todas as diligencias e gosava de sua immediata confiança era aquelle dragão magro e ossudo, o sargento Peres, que viera das bandas do sul no tempo do Exmo. Sr. José Antonio Freyre de Andrada, segundo conde de Bobadella, e passara sempre bem recommendado, até ao governo de S. Excia. o capitão general conde de Valladares, que, em tão verdes annos, occupava posição de tanta responsabilidade, desde o anno da graça de 1768.

—Vamos almoçar na villa, que trazemos fome ! exclamou o alferes.

As rosetas picaram os cavallos, que choutearem pelo caminho.

Na orla do souto que abeirava a estrada, do lado do rio, as arvores vestiam-se de novo, lavadas pelas chuvas. Por sobre o verde macio do basto arvoredo estrellejavam, como ramalhetes dourados, as copas floridas do pau d'arco, e os cachos amarellos do angelim. Da banda de cima, pela encosta carrasquenha, viçavam a mangabeira e o pau santo. De arbustos de manacá escondidos na sombra de altos troncos e cobertos de florinhas roxas, evolava-se delicado perfume. Debruçavam-se para o caminho, em cachos de um vermelho de sangue, tenues cipós de folhas duras e espessas, a provocarem a vista dos passantes. Um dragão novato exclamou:

—Que linda que é a florinha do silvedo !

—Passe de largo, camarada ! avisou o alferes. Olha ! aprende o que te eu vou ensinar: onde vires aquella florinha vermelha, não se bate estaca nem se assentam tendas. Quem o fizer, corre o risco de perder metade da tropa hervada. Não sei que diabo tem aquella planta que tanto a procuram e com tamanha avidez a comem os animaes ! De uma vez morreu-me aqui uma besta reúna, que vinha á dextra. Emquanto faziamos alto para beber agua, naquella fonte sob a gamelleira, o animal hervou-se. Pois não andou nem um quarto de legua ! Estrebuchou para ahi, de barriga inchada que nem surrão cheio !

—Ai ! que terra maldita ! resmungou, em resposta, o soldado. Aqui não são só as cobras e as onças: até as flores do silvedo matam. Ai, minha santa Combadão ! Ai ! Cachopas lá da terrinha !

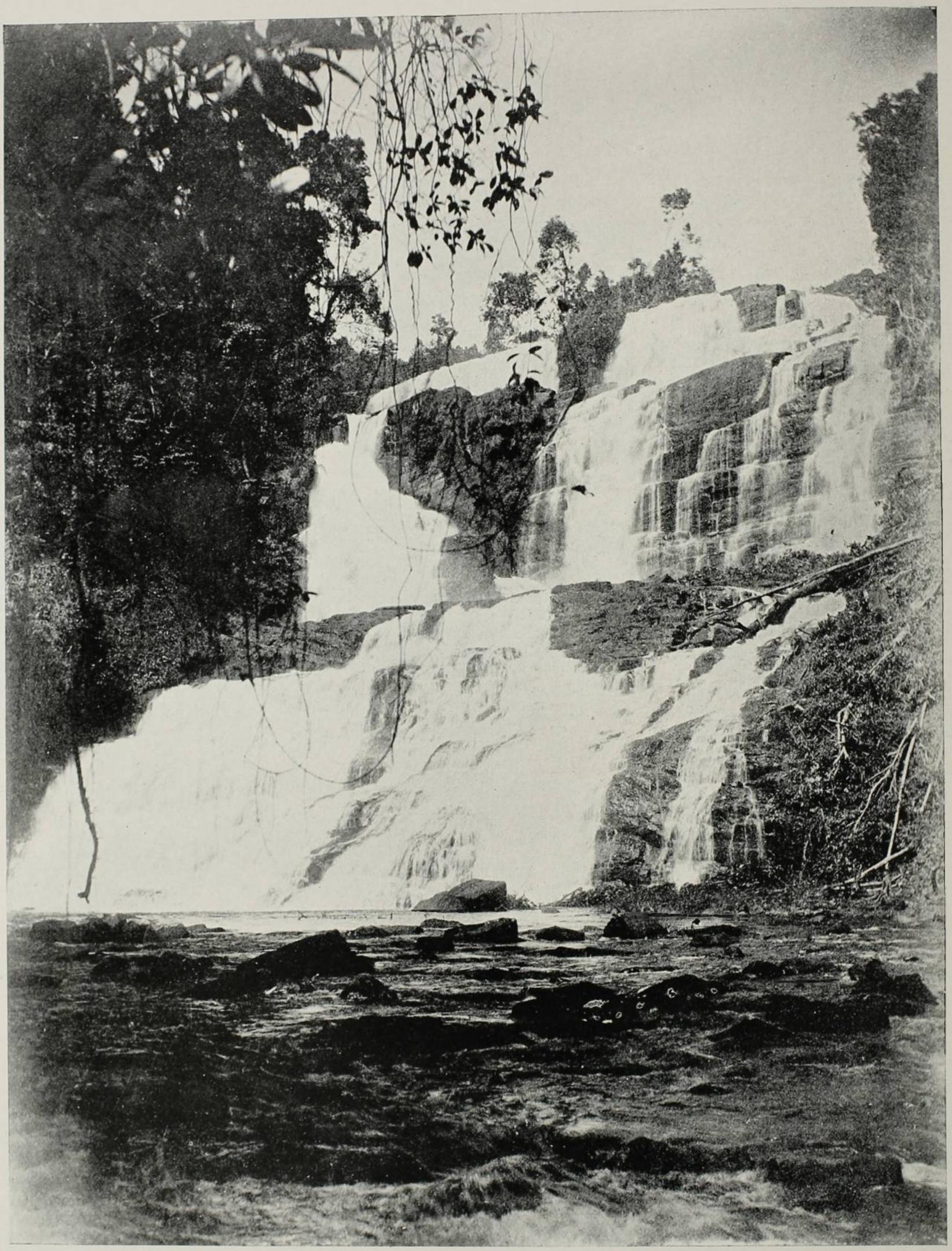
Dalli em diante, seguiram marcha batida, emquanto lhes favorecia o terreno. Ao fim de longo e demorado estirão, grimparam a serra dos Olhos d'Agua, deixando á direita as casinhas brancas do Ribeiro Comprido, para fitarem lá em baixo, surgindo da terra amarellenta de Villa da Rainha, as torres da famosa matriz.

Mais ao longe, atopetada com o céo, a serra da Piedade, em cujo alto repousava, como uma garça symbolica, a nova ermida de Nossa Senhora. A villa estendia-se como que pedindo abrigo á serra. Naquelle instante, uma grande facha de neblina desprendeu-se subtilmente do lombo da montanha e, formando um hemicyclo, deixou no centro a ermida, como uma ave de sonho, em fôfo e amplo ninho de nuvens.

Minas, 1900.

Affonso Arinos.





QUEDAS DO SERINHAEM

Altura: 100 metros; força hydraulica: 20.000 cavallos. A photographia representa um trecho da fazenda **Pancada Grande**, *propriedade do Dr. Elpidio de Mesquita, no municipio de Santarem (Estado da Bahia)*

ARAUCANIA



NÃO ha talvez em todo o continente americano região que mais intensamente impressione o espirito de quem a percorre, ou mesmo de quem lê as descripções que della fazem os que ahi têm viajado, do que aquella que entre o Bio-Bio e o Valdivia, a cordilheira dos Andes e a da Costa, no territorio de Angol, no Chile, dilata-se por uma superficie de duas mil e quinhentas leguas quadradas, e é designada pelo sonoro e harmonioso nome de Araucania.

Nunca mais perfeita concordancia poderá ser encontrada entre a natureza de um paiz e o caracter do povo que o habita.

De um lado, erguem os Andes a sua estructura gigantesca a uma altitude de mais de cinco mil metros; de outro, estende-se a cadeia de montanhas que corre ao longo do Oceano, muito mais baixa, revestida de magestosas florestas. Entre uma e outra cordilheira um immenso valle, de fertilidade assombrosa, bordado de altas collinas verdejantes, ornada da vegetação mais rica e luxuriante, cortado de innumeros rios: o Carampangue, o Araquete, o Tirua, o Tolten, etc. Sobre as duas linhas de montanhas, faias de quarenta metros de altura, loureiros, canneleiras, *lumas* de flores alvas e casca rosada, murteiras e mil outras arvores, e entrelaçando-se com ellas, ennovellando-se entre as suas raizes descobertas, pendentes dos galhos, serpeiam innumeros cipós por entre os ramos e copas floridas, num emmaranhamento inextricavel.

No alto das montanhas da costa maritima e na região superior da zona sub-andina, elevam-se a cincoenta metros de altura os celebres pinheiros araucarias, de troncos erectos e copas hemisphericas, sussurrando com suavidade ao sopro da brisa, ou uivando lugubremente quando açoitados pelos vendavaes do Oceano ou pelas tempestades andinas.

E' a terra dos contrastes violentos; á grandeza fulminante, á imponencia e magestade suprema dos Andes, com suas anfractuosidades abruptas, seus alcantis nevados, seus cimos immensuraveis cobertos de gelos eternos, os robustos flancos sulcados pelas torrentes de lava que vomitam o Antuco, o Villa-Rica, o Huenahue, o Chillau e outros, a esses aspectos convulsos e terrificantes de uma natureza dominadora e intratavel, succedem bruscamente, ou a serenidade, o carinho, o aconchego das planicies encantadoras que se estendem até as montanhas do littoral, ou novamente o terror das vastas florestas mysteriosas e profundas.

No meio dessa natureza, ora grandiosa e terrivel, ora meiga e acariciadora, vive uma raça viril e energica, que se caracterisou na historia pela bravura indomita com que soube defender sempre a sua liberdade e independencia, pelo terror que conseguiu inspirar a todos os que ousaram atacal-a, e o furor sanguinario com que repelliu toda a tentativa de sujeição pela força.

Tresentos annos de combates não bastaram para fazel-a succumbir, e ainda hoje, apezar da acção do tempo, do progresso da civilisação, dos meios mais frequentes e rapidos de communicação, dos processos mais brandos e intelligentes de que têm usado os governos para attrahil-a, a sua incorporação á massa geral da nação chilena é incompleta.

E' a raça heroica de homens a quem o poeta guerreiro Alonso de Ercilla, que os viu do perto e com elles terçou armas, dedicou estes formosissimos versos, em que faz o mais bello e imparcial elogio dos inimigos irreductiveis da sua terra e da sua gente :

«No ha habido Rey jamás que sujetase
Esta sobervia gente libertada,
Ni estrangera nación que se jactase
De haber dado en sus terminos pisada,
Ni comarcana tierra que se osase
Mover en contra y levantar espada ;
Siempre fué esenta, indómita, temida,
De leyes libre y de cerviz erguida.»

La Araucana. C. I. Est. XLVII.

O nome pelo qual são conhecidos deriva-se de duas palavras da lingua peruana: *are*, ardente e *aucca*, homem de guerra ; donde, *Arauca*, *Araucano* e *Araucania*.

No tempo da conquista hespanhola não se distinguiam das outras nações selvagens, conhecidas pela denominação geral de *moluches* (guerreiros), que povoavam o Chile, região nessa época innominada, pois que pertenciam todos á mesma raça e fallavam a mesma lingua *Chili-dugú* (lingua do Chile), embora em dialectos differentes. Dividiam-se os moluches em *picunches*, homens do norte, que habitavam do Copiapó até o Bio-Bio, *pehuenches*, homens do paiz das araucarias *(pehuen)*, sempre confundidos com os *puelches*, homens do éste, do Bio-Bio até o Valdivia, e *huilliches* ou *cuncos*, homens do sul, do Valdivia a Chiloé; a syllaba *che* significando gente, povo.

Cada uma dessas nações ou grandes tribus subdividia-se, por sua vez, em muitos outros grupos que tomavam os nomes dos caciques—*ulmen*—que os dirigiam. A fracção desse povo que nos interessa é a que reside entre o Bio-Bio e o Valdivia, e que, com o nome de Araucanos, illustrou-se em todo o periodo da historia colonial do Chile.

São os Araucanos (*) homens de estatura mediana, cabeça volumosa, rosto redondo, labios menos espessos que os dos habitantes dos Pampas, além da encosta oriental dos Andes, até onde tambem se estendem, robustos e vigorosos; as mulheres, na primeira mocidade, em geral, formosas. O semblante, habitualmente frio, reflectido e serio, assume ás vezes uma expressão espirituosa e meiga. A lingua, rica de vogaes longas, é suave, harmoniosa e cantante; o talento oratorio, cultivado com esmero. O caracter do povo é altivo, independente e rancoroso, antes taciturno que jovial e communicativo. Tratam carinhosamente a familia, ainda que a polygamia seja permittida e usual.

Guerreiros indomaveis, viajantes infatigaveis, são, sobretudo os orientaes da planicie, como os puelches, os melhores cavalleiros da America Meridional; vivem da caça e da carne dos seus rebanhos. Os do lado occidental dos Andes, habitando nos valles, são de preferencia cultivadores, não tendo por isso a vida nomade dos outros; são, porém, igualmente bellicosos. Usavam na guerra a maça, bolas, fundas, laços e compridas lanças de vara flexivel; algumas destas armas, as bolas e laços, ainda lhes são habituaes.

Cada tribu era presidida, como já dissemos, por um cacique—*ulmen*, de autoridade, aliás, muito restricta, e escolhido de preferencia entre os mais velhos e respeitaveis pelo discernimento e precedentes; nos combates dirigia-os os *toqui* ou general supremo.

Fóra dos casos em que um interesse geral exigia a reunião das tribus para deliberação em commum, viviam ordinariamente isolados; não se conciliava com a indole independente e altiva do Araucano a existencia collectiva, com as suas transigencias e subordinações obrigadas. Na imminencia da guerra, quando a invasão estrangeira os forçava a congregarem-se em armas, mensageiros eram enviados pelos ulmenes a todas as tribus para avisal-as do perigo e convidal-as a se reunirem; uma flecha ensanguentada e cabeças de inimigos previamente immolados, eram as suas credenciaes; fogueiras ateadas nos cimos das montanhas indicavam o ponto de reunião. Constituíam as suas assembléas nas clareiras das immensas florestas, em noites de luar, si a urgencia o não vedava, e em discussões apaixonadas e tumultuosas, em que a causa da independencia e o odio ao invasor eram o motivo da mais vibrante eloquencia, assentavam numa resolução. O ataque ao inimigo era então violento e irresistivel, e nelle desenvolviam uma bravura, uma intrepidez e um tão completo desprezo da vida e das torturas a que os hespanhoes costumavam sujeitar os prisioneiros, que raiava pela loucura. Vencidos, nada os fazia fraquear; vencedores, celebravam com o sangue, a ruina, o incendio das cidades, o morticinio sem distincção de sexo ou edade, a apotheose de sua liberdade triumphante. Retalhavam as carnes aos prisioneiros e, num requinte de vingança, assando-as de leve, devoravam-nas sobre o rosto mesmo das victimas.

Nos raros intervallos das campanhas em que andavam sempre empenhados, voltavam á sua existencia de altivo isolamento. Um viajante francez (*) que percorreu o paiz nos meiados do seculo passado, dizia a este respeito o seguinte:

«Le soin de tout individu à se tenir isolé réellement chez soi, complètement à l'abri de tout regard étranger, est poussé si loin, que du seuil d'une habitation on doit n'en pas apercevoir une seconde, fût-ce celle d'un frère, d'un oncle, d'un fils. Ces demeures sont cachées les unes aux autres par des bois, ou encore por des accidents de terrain scrupuleusement étudiés. Une armée d'invasion à repousser, une junte, une orgie au sujet de quelque grand événement, sont les seules circonstances capables de faire sortir ces hommes de leurs sombres retraites et de les rassembler momentanément».

Este amor á solidão, caracteristico das almas fortes que a si se bastam, é ainda uma das manifestações do espirito de independencia, que até nas suas rudimentares crenças religiosas se vê affirmado. O ser supremo que imaginam, creador de todas as cousas, tinha a missão de protegel-os em todas as eventualidades, isto é, de servil-os, pois negavam-lhe o direito de punir, considerando o homem livre em todas as suas acções, e nenhum culto lhe prestavam nem orações lhe dirigiam. Tinham a noção de uma outra vida, numa região que ficava para além do Oceano, e enterravam os seus mortos com as armas e utensilios de que, suppunham, haveriam de carecer, deixando ficar á beira da sepultura, e renovando-os de tempos a tempos, os comestiveis necessarios para a sua existencia de além-tumulo.



E' este, muito summariamente descripto, o povo que durante tres seculos luctou victoriosamente, em defeza da sua terra e da sua liberdade, com as armas elementares de que dispunha, contra as forças aguerridas de Hespanha, vencedoras dos maiores exercitos europeus; contra os esquadrões cobertos de ferro arrastando após si pesada artilheria, e contra os mesmos chilenos emquanto só pela violencia os pretenderam domar.

Cerca de setenta ou oitenta annos antes do advento dos hespanhoes, já a tradição refere que haviam elles repellido os exercitos dos Incas Tupac-Yupangui e Huaina-Capac que lhe succedeu, os quaes, depois de se apoderarem do territorio comprehendido entre Copiapó e o rio Maule, aprestavam-se para transpor o Bio-Bio e penetrar em terras araucanas.

(*) D'Orbigny—L'Homme Américain.

(*) E. de Ginoux—Le Chili e les Araucans.

Em 1540, Valdivia, o conquistador do Chile e fundador de Santiago, teve a mesma sorte; pouco depois foi novamente por elles vencido perto do rio Andalien; passados quatro annos, em sangrento combate, á vista das ruinas da fortaleza de Tucapel por elle erguida e que então ardia em chammas, foi derrotado e preso por Lantaro, jovem e



legendario heroe, o Achilles araucano. Para obter a liberdade offereceu abandonar o Chile e dar duas mil ovelhas; os indios, porém, arrancaram-lhe os braços, e, assim, no meio de horriveis padecimentos, morreu tres dias depois; represalia tremenda dos martyrios a que tinham visto sujeitar os seus irmãos de outras tribus, velhos, mulheres e crianças, escravisados ou queimados vivos.

No mesmo anno Francisco de Villagran, que succedera a Valdivia, foi completamente esmagado por Lantaro em Marihuenu, perto de Lota, e a sua artilheria cahiu em poder do inimigo, que della se apoderou a pulso. Em 1557 Lantaro marchou sobre Santiago, e, nas margens do Mataquito, se entrincheirou num acampamento fortificado; um indio ao serviço de Villagran conduziu o exercito inimigo por um atalho desconhecido da ingreme serrania do Caune em que se apoiava a retaguarda araucana; o heroe, surprehendido a dormir, foi morto ao travar-se o combate, quando organisava a defeza.

Zeupolican, o Caupolican de Ercilla, o novo *toqui*, depois de combater, com sorte varia, os hespanhoes no governo de Garcia de Mendoza, cahiu por traição, em 1558, em poder do inimigo, e foi condemnado a morrer de um modo atroz: sentaram-no sobre uma estaca ponteaguda, de modo que o peso do proprio corpo a forçasse a penetrar, dilacerando-lhes as entranhas; nesta posição era o alvo das flechas inimigas.

Tres annos mais tarde renovou-se a guerra, sendo governador Francisco de Villagran; os hespanhoes foram batidos em Mareguano e a praça de Arauco sitiada. Nos dois annos seguintes, governo de Pedro de Villagran, Arauco foi despovoada e os hespanhoes batidos em Itata e Andalien; o desanimo lavrava entre os invasores.

No governo de Quiroga (1565-7), obtiveram estes algumas vantagens, mas no de Bravo de Saravia, que lhe succedeu, e se propunha exterminar os rebeldes, o exercito hespanhol foi desbaratado em Mareguano.

Continuou a guerra quasi sem intermittencias nos annos seguintes; em 1598 o governador Oñez de Loyola foi vencido e morto em Curalava. Este episodio vem narrado no poema *Puréu Indomito*, de Fernando Alvarez de Toledo.

Seguiu-se então um levante geral e formidavel das tribus araucanas; o anno de 1599, governo de Pedro de Vizcarra, ficou assignalado pelos sangrentos revezes que soffreram as tropas européas em torno de todas as povoações que haviam conseguido fundar além do Bio-Bio. A devastação e a ruina assignalaram a passagem dos indomaveis indigenas; destes, os que cahiram em poder dos invasores foram marcados no rosto com ferro em braza. Depois de tantos desastres, trataram os hespanhoes de obter refoços, o que conseguiram. Isso não impediu que sob o governo seguinte, de Francisco de Seniñones (1599-1600), os araucanos incendiassem Chillau e Osorno e arrazassem Valdivia. O seculo XVI terminava, assim, deixando os invasores em situação de absoluta inferioridade.

Durante todo o seculo seguinte, a lucta proseguiu com intervallos mais espaçados; vencidos num ponto por forças superiores, levavam os indios as suas incursões a outros mais vulneraveis e haviam reduzido os hespanhoes á guerra defensiva. A peste, a fome pelo abandono das culturas, a guerra constante, haviam empobrecido os heroicos defensores do solo patrio e diminuido muito o seu numero; mas, imperterritos e irreductiveis, mantinham sempre a mesma attitude de aggressores arrojados. As povoações fundadas pelos hespanhoes eram destruidas e reconstruidas



duas e mais vezes, os habitantes dizimados e as mulheres, unicos prisioneiros que faziam, levadas para o interior das suas terras.

Em 1629, capitaneados por Lientur, desbarataram os hespanhoes na grande batalha campal de «Las Cangrejeras»; vencidos em Albarada, sob o governo de Laso de la

Vega (1629-39), e apezar das grandes perdas que ahi tiveram, resentiram-se tão pouco do desastre que na administração seguinte, de Lopez de Zuñiga (1639-46), viram solemnemente reconhecida pelos inimigos a sua independencia e a propriedade do seu territorio.

Sob o governo de Acuña y Cabrera (1650-56), a cobiça hespanhola provocou um novo levante geral dos indios; cerca de trezentos hespanhoes foram mortos e outros tantos levados em captiveiro. Na administração de Pedro Casanate (1656-62), um mestiço de nome Alejo, que pela audacia e bravura fazia lembrar Lantaro, inflingiu aos invasores constantes derrotas.

Não ha interesse em prolongar por mais tempo esta resenha dos esforços empregados durante tres seculos, por um povo heroico, para manter integra e indiscutivel a sua independencia. Todo o seculo XVIII, como os anteriores, foi preenchido por essas luctas sem cessar renovadas, em em que a dominação estrangeira, que pretendia firmar-se na livre terra araucana, era constante e invariavelmente repellida; assaltos, correrias, construcção e destruição de cidades e povoações, o saque, o incendio, a tortura, vinganças atrozes, tal é a historia do seculo; elle termina nas mesmas condições do anterior, no que se refere á autonomia das invenciveis tribus.

Quando no seculo seguinte, o Chile proclamou a sua independencia, continuaram resistindo aos chilenos, como o haviam feito aos hespanhoes.

Desenganado de vencer pela força, procurou o Chile angariar-lhes o affecto; essa politica intelligente deu melhores resultados, e a terra classica da rebellião e da repulsa tem ido, pouco a pouco, cedendo á acção do tempo e dos novos processos de assimilação.

A identificação da raça insubmissa com os descendentes de O'Higgins e San Martin, e dos que em Chacabuco e Maipo succumbiram batalhando pelo mesmo ideial de independencia e autonomia que durante tres seculos agitou a alma selvagem dos indomitos araucanos, não é difficil e se effectuará fatalmente. A civilisação, proseguindo sempre na sua obra de reparação e concordia, apagará os ultimos vestigios de incompatibilidade e antagonismo que as guerras da independencia e as luctas civis suscitaram, e que embora já não despertem odios nem resentimentos, ainda vivem nas tradições das tribus dispersas e meio extinctas, como recordações de embates que foram gloriosos, mas que perderam ha muito toda a razão de ser; a sua memoria permanecerá nos annaes do povo chileno apenas como um padrão de energia e vitalidade.

Extinguir-se-ão os derradeiros restos da barbaria e ferocidade dos antigos tempos, que só serão lembrados para attestar ás novas gerações as qualidades viris da sua raça; e só despertarão saudades na alma sombria de algum velho cacique solitario que nos umbraes da cabana arruinada, nas noites frias e enluaradas da cordilheira, ouvindo o ulular do vento nas ramagens altas das araucarias, e o rugido de algum volcão longinquo espraiando sobre o manto de neve a coma flammejante, recorde aos poucos sobreviventes da tribu os episodios homericos das campanhas da liberdade, as façanhas legendarias dos heroes finados: Rengo, Lantaro, Caupolican, Tucapel.

J. C. de Mariz Carvalho.

N. B. — As photographias que illustram este artigo, cedidas á *Kósmos* pelo Snr. Capitão de Mar e Guerra J. Carlos de Carvalho, fazem parte da collecção de typos e sitios organisada pelo distincto viajante na sua ultima travessia dos Andes, do Chile á Argentina.



AVENIDA EDUARDO RIBEIRO — MANÁOS

ot Guilherme Gaensly—S. Paulo

JARDIM DA INFANCIA — S. PAULO

CANHÕES DE TIRO RAPIDO

EXPERIENCIAS NO BRAZIL

DE novo voltam os nossos polygonos de tiro ao estado de quietação, a que ficaram condemnados, depois que a ultima reforma do ensino, com o intuito de tornar mais pratica a instrucção ministrada em nossos institutos militares, supprimiu as duas escolas de tiro do Exercito, unicos estabelecimentos de instrucção pratica que possuiamos, addicionando, em irrisoria compensação, ao modesto titulo das de «preparatorios» o pomposo complemento «e de tactica».

Estão terminadas as experiencias de polygono com os canhões de tiro rapido, que concorreram ao certamen industrial, que se travou em nosso paiz, para a escolha de um canhão de campanha que permitta aos nossos artilheiros dizer, com o mesmo orgulho com que já o fazem os nossos infantes: «possuimos a melhor arma de guerra que existe».

Anima-nos, porem, a esperança, de bem cedo vermos voltar áquelles campos a alegria que lhes empresta o sibilo dos projectis, assignalando em bellas trajectorias a volta de uma era nova de actividade proveitosa, como o voejar das andorinhas annuncia a estação em que as arvores adquirem as suas roupagens, e os jardins a fragrancia que embalsama o ar, e que o abastado aprecia e o pobre abençoa, nos paizes que não têm, como o nosso, o privilegio de uma primavera eterna.

Já se manifestou nesse sentido, em sympathica acolhida aos reclamos dos que bem comprehendem a necessidade da instrucção pratica de nosso Exercito, o nosso actual Ministro da Guerra.

E tanto importa bem cedo applaudirmos o reapparecimento das nossas Escolas Praticas.

Ellas sendo tão uteis, são igualmente tão modestas, que nem o receio de aggravar o orçamento da guerra poderá servir de pretexto á resistencia dos que, de tempos a tempos, montam guarda ao erario publico.

Quando o nosso Marechal Ministro lhes mostrar quão pouco para isso lhes pede, estamos certos, encontrará, não bayonetas cruzadas, porem armas em continencia, traduzindo merecido applauso.

Continuemos, porem, dizendo o que vimos nessas longas experiencias de que nos temos occupado.

Cockerill, a importante fabrica belga, desistiu, por falta de tempo, de nos apresentar o seu canhão.

Essa fabrica, que já em 1888 apresentava productos resistindo ás mais duras provas, supportando um de seus canhões 2000 tiros sem deformação alguma, poderia, entretanto, nos apresentar material capaz de competir com o de suas congeneres, aqui em experiencias. Confirmando esse asserto, aqui registramos as palavras do General Pontus, Ministro da Guerra da Belgica, em sessão da Camara dos Representantes, de 17 de Maio de 1890, em consequencia de experiencias feitas de modo a dar aos scepticos e aos timidos todas as garantias de que o material fabricado no proprio paiz em cousa alguma era inferior ao que de melhor se fabricava no estrangeiro: «Desormais,— j'en fais du reste la declaration formelle—toutes nos bouches à feu, de même que tous nos approvisionements d'artillerie, seront usinés et fabriqués dans le pays».

Para se não suppor taes palavras simplesmente filhas de um patriotismo exaggerado, sem fundamentos solidos, o que só se poderá attribuir a quem não tem as responsabilidades de profissional, aqui reproduzimos igualmente a opinião de um technico estrangeiro, o Coronel H. von Löbbel, do exercito allemão: «Les bouches à feu belges, en acier, peuvent soutenir avec avantage la comparaison avec les meilleurs canons de l'etranger, tant sous le rapport des portées et des rendiments que sous celui de la justesse et de la facilité du service de la pièce».

Bem justificada era a nossa esperança, ao saber que essa fabrica tomava parte em nosso concurso.

Não tivemos, igualmente, occasião de estudar o novo material da importante firma de Schneider & C.

Dentro do mesmo anno ella poude mostrar a pujança de sua producção, apresentando, mezes depois do desastre de seu primeiro canhão, um outro, em que bocca de fogo e reparo bastante se differenciavam do primeiro typo. Não poude, entretanto, em 6 mezes, reproduzir o material inutilisado no incendio de 11 de Agosto de 1903.

E este material, no dizer de um dos representantes d'aquella firma, era a ultima palavra quanto ao seu traçado e acabamento.

Ficaram assim reduzidos a tres os competidores: Krupp, Ehrhardt e St. Chamond.

Krupp apresentara em 1902 o seu canhão de calibre 7c, de 30 calibres de comprimento, de que já nos temos occupado.

Duas arguições foram feitas ao grande industrial de Essen: ter reduzido o calibre e ser o projectil muito longo, apezar de inferior a 4 calibres; a primeira, em artigos publicados no *Jornal do Brasil*, d'esta Capital, com a assignatura «Marechal Reformado», que mal encobre a pessoa de um velho e abalisado mestre no assumpto; a segunda, por um dos membros da commissão de experiencias.

Quiz a grande fabrica de Essen dar satisfação a ambos, apresentando, a 20 de Agosto de 1903, um canhão de 7,5c atirando um projectil de $5^{k},500$.

Si compararmos o traçado d'essa bocca de fogo com o do canhão 7,5c de reparo rigido, logo e logo nos convenceremos de que só a preoccupação de evitar ver renovada a arguição de ser aquelle projectil muito longo, e a necessidade de limitar o peso da viatura-peça ao maximo de 1300 kilog., fixado pelo operoso Marechal Mallet, não permittiu elevar o peso d'aquelle projectil a $5^{k},850.$, dando-nos um canhão de superior potencia, sem prejuizo de sua aptidão para a manobra.

Quem deixará de preferir um canhão mais poderoso, porque o seu peso excede de 50 a 60 kilog. a um outro, mantendo-se o peso total da viatura muito aquem do limite estabelecido por toda parte?

Qual o artilheiro pratico que julgará inacceitavel o coefficiente de tracção de 225 kilog. ou mesmo o de 233 kilog., maximo a que se poderia chegar para obter com aquelle canhão qualidades balisticas mais compativeis com as necessidades da guerra?

A rigidez do limite maximo de 1360 k., fixado para as viaturas-peças que teriam de concorrer ao nosso concurso, só nos poderia dar o que vimos, principalmente nos dous productos de Essen e no de St. Chamond: a potencia sacrificada ao rigor exagerado pela mobilidade.

Tratemos, agora, do producto de Düsseldorf, do canhão de Ehrhardt.

Este aqui se apresentou com a modesta velocidade restante, a vinte e cinco metros, de 442 m., determinada a 12 de Setembro de 1903; menor apenas de 8 m. á consignada na tabella de tiro.

Dias depois, determinavamos experimentalmente a velocidade restante a 2000 m., quando casualmente soubemos que os representantes d'aquella casa, descontentes com a pequena velocidade obtida, tinham augmentado a carga que havia sido empregada.

Voltamos, assim, a determinar novamente a velocidade restante a 25 m. com essa nova carga, obtendo-se então 457,9 m.

Inutilisadas no incendio do Realengo as granadas existentes, tornou se necessario pedir a Düsseldorf nova provisão d'esses projectis, pedido que satisfeito, recomeçamos as experiencias, a 25 de Janeiro de 1904.

Novamente entenderam os representantes de Ehrhardt elevar a velocidade restante a 25 m., obtendo então 482 m.

Esqueciam-se, d'est'arte, que as percussões do canhão sobre o seu reparo dependem da velocidade de recúo d'aquelle, e que esta é proporcional á velocidade inicial e á relação entre o peso da carga e o do projectil, etc.; que assim elevando a carga, augmentando a densidade de carregamento a ponto de tornar impossivel uma das experiencias do programma, sujeitavam o seu reparo a percussões que terminariam por fatigal-o, si outros inconvenientes se não revelassem antes de se evidenciar aquella fadiga.

Assim aconteceu; o canhão perdeu a estabilidade que tanto apreciaramos, e a 19 de Fevereiro do corrente anno, em uma serie de tiros contra um alvo a 100 m., foram taes os saltos que deu, que foi preciso o artilheiro se agarrar a um dos raios das rodas, para não ser cuspido de seu assento.

A essa mesma falta de estabilidade, revelando-se de outra fórma, se póde, igualmente, attribuir os mediocres grupamentos obtidos nos tiros de justeza e precisão, á pequena distancia de 1000 m.; não conseguindo senão 9 empactos em 15 tiros dados.

A *Revista Militar* do mez de Março, a paginas 139 e 140, publica, sob a responsabilidade do illustrado Capitão Moreira Guimarães, o resultado dos tiros feitos com o canhão Krupp de 7c, não só áquella distancia, mas, igualmente, a 2000 m.

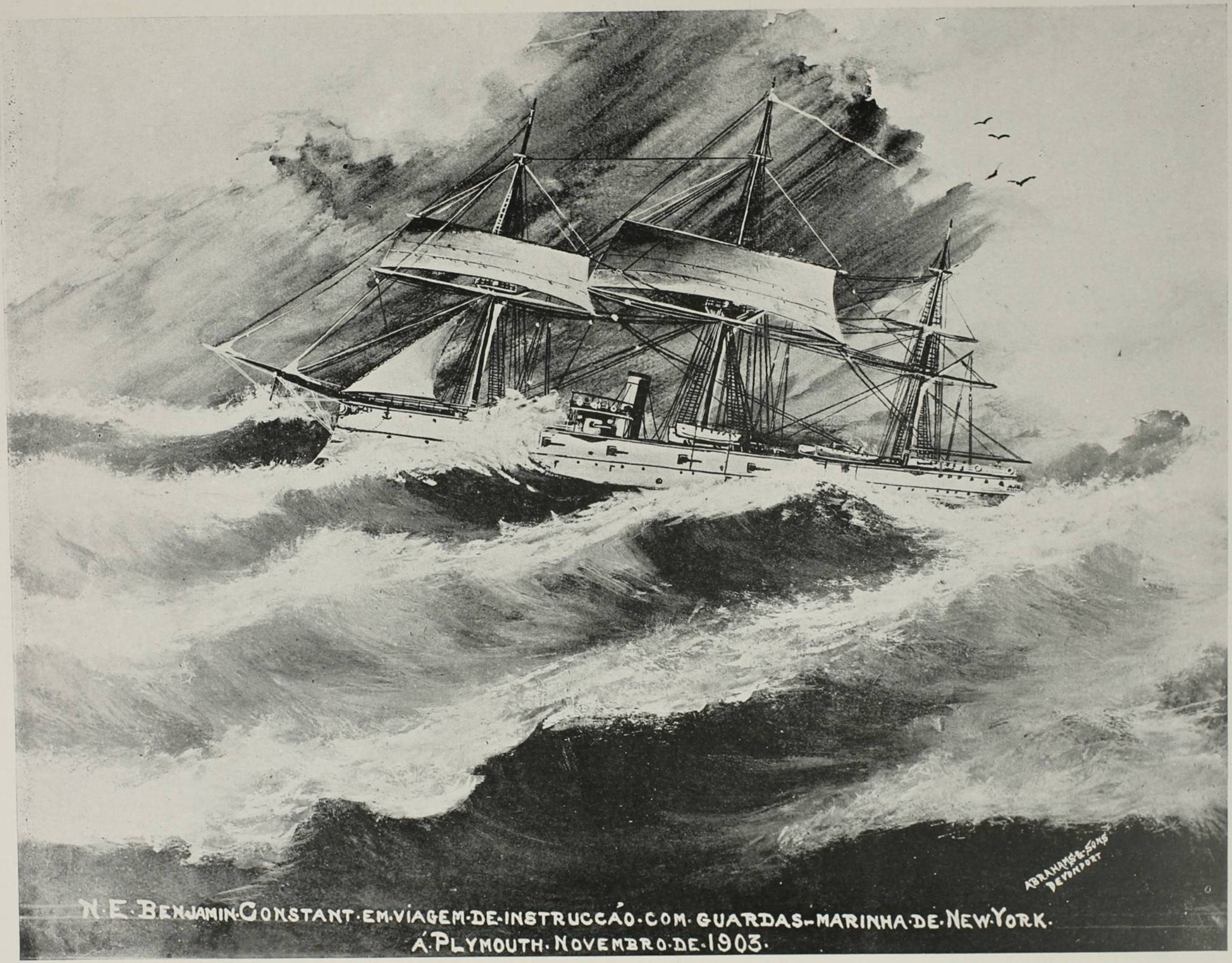
E ahi verá quem se interessar pelo assumpto tantas coordenadas dos pontos de empacto sobre o alvo quantos os tiros dados.

St. Chamond deu-nos um resultado um pouco inferior, mas, ainda assim, incomparavelmente melhor que o de Ehrhardt.

Si passarmos das qualidades balisticas do canhão para as suas munições, poderemos citar o mau funccionamento das espoletas de duplo effeito, a difficuldade de graduar as que foram immersas em agua. Só em uma d'essas espoletas se conseguiu mover o mostrador, não porque qualquer producto de oxidação se tivesse formado nas superficies em contacto, mas pela infelicidade do artificio empregado para evitar a acção da humidade.

De tal recurso não precisaram os distinctos representantes de St. Chamond e de Krupp para que suas espoletas atravessassem brilhantemente essa prova.

Tenente-Coronel L. Barbedo.



N. E. BENJAMIN CONSTANT EM VIAGEM DE INSTRUCCÁO COM GUARDAS-MARINHA DE NEW YORK.
Á PLYMOUTH. NOVEMBRO DE 1903.

A QUESTÃO FEMININA

V

A questão feminina, de que vimos tratando e cujo principal problema formulámos linhas acima, tem sido o objecto de dissertações diversas de centenas de escriptores, que, de todos os lados, nos surgem apresentando cada qual o seu modo de vêr, a sua opinião, que logo é citada, desde que satisfaça ao egoismo mais ou menos desenvolvido do leitor ou lhe abuse da bôa fé, seduzindo-o pelo encanto dos sentimentos generosos. Aquelle não indaga do valor intellectual e moral do escriptor, qual a sua competencia para tratar de assumpto tão difficil e complicado; basta que o livro esteja escripto com mais ou menos brilho e seja famoso no meio puramente lettrado.

Assim, desde Platão, apregoando o mais irracional e immoral *communismo*, até os defensores exaltados do mais intransigente *feminismo*, os quaes se pódem collocar na serie iniciada pelo sophista grego — aliás magistral e definitivamente combatido pelo genio assombroso de Aristoteles — sem terem muitos o brilho e o valor que aquelle representa entre os intellectuaes da Hellade, desde Platão, dizemos, têm-se procurado estabelecer as theorias mais absurdas sobre o papel social da mulher, têm-se apostolado doutrinas irracionaes e immoraes, que todas se pódem commummente chamar, apezar de pequenas divergencias, pelo nome hoje consagrado: o *feminismo*.

Mas de outro lado, desde Aristoteles, continuando os pensadores theocratas, até Augusto Comte, atravez dos sacerdotes medievos e dos grandes philosophos do seculo XVIII, têm-se propagado e defendido, em nome do coração e da intelligencia, pelo amor e pela fé, a verdadeira theoria feminina, a funcção que compete realmente á mulher na sociedade, doutrina systematisada definitivamente pelo genio maravilhoso daquelle que reuniu em si, na phrase de um discipulo eminente, a intelligencia de Aristoteles, o caracter de Cesar e o coração de S. Paulo.

Entretanto, das duas correntes de opinião, uma, sophistica e contraria á evolução historica, outra, scientifica e de conformidade com o movimento humano, é a primeira que parece dominar hoje na maior parte dos espiritos lettrados e revolucionarios: directores incompletos e incompetentes de um publico que não tem opinião e nem póde tel-a, desde que não existe uma doutrina social, real e scientifica, commum a todos, que lhe sirva de gradimetro para julgar os factos politicos e moraes, como julga de um facto numerico segundo uma unica arithmetica, commum a todos, universalmente acceita.

Mas felizmente ainda ha corações que se não deixam illudir pelos sophismas do egoismo, embora illuminado pelas luzes do espirito e por isso mesmo mais seductor; ainda os ha que se não deixam levar por uma pretendida sciencia, essa sciencia sem consciencia de que fala o escriptor francez, e que, como elle muito bem o diz, é a ruina da alma.

E' a esses espiritos que mais particularmente escrevemos; espiritos que reunem aos talentos intellectuaes os dotes do coração, espiritos cujo saber é consagrado ao serviço do Amor.

A todos elles, a todos os que, sem prevenção alguma, se propuzerem estudar o assumpto de que tratamos e conhecer immediatamente o autor mais competente, perguntamos: Quem o é mais do que Augusto Comte, tanto moral como intellectualmente?

De certo que nenhum.

Nenhum como elle mostrou mais valor moral, mais força intellectual, mais virtude e mais saber.

Moralmente, a sua vida lembra a do filho de S.ta Monica, o grande Agostinho.

Soffrendo todas as vicissitudes da era revolucionaria em que surgiu, entregue aos seus proprios instinctos, sem principios moraes que o regulassem, pois a moral catholica estava esgotada e a scientifica era elle que devia fundar mais tarde, Augusto Comte foi victima dos perigos de sua época, cahiu ás vezes, mas sempre acima dos contemporaneos, sempre acima das vulgaridades, cahiu como Cesar, Agostinho ou São Paulo; mas, melhorando pouco a pouco a sua natureza, iniciou uma completa purificação, no dia em que o amor de uma mulher lhe veiu emparadisar a alma, alma illuminada por tudo o que a intelligencia possue de mais sublime, mas angustiada pela soledade, obscurecida mesmo pela falta de amor, que só o amor nos dá a verdadeira luz.

Desde então foi subindo cada vez mais na escala do aperfeiçoamento até attingir á mais completa santidade.

Esse milagre foi operado pelo amor de Clotilde, como a conversão de S. Agostinho o resultado do amor de Monica, sua eminente mãi.

O doutor catholico e o pensador universal fizeram ambos a viagem mysteriosa do Dante.

Atravessaram ambos os circulos do inferno moral, soffreram-lhe as vicissitudes e as penas, e attingiram emfim a santidade, graças ao amor de duas mulheres admiraveis que, como a Beatriz do poeta divino, lhes abriram as portas do paraizo.

Intellectualmente, ninguem poderá assignalar um genio mais estupendo.

Todos os que no passado e hoje têm tratado da questão feminina ficaram sempre abaixo delle; nenhum provou ter os conhecimentos encyclopedicos que elle desenvolveu nas suas obras, especialmente nessa trilogia incomparavel, que fica unica na historia da Humanidade: A *Philosophia*. a *Politica* e a *Synthese*.

Os escriptores que têm formulado theorias sobre a mulher pertencem sempre ao numero desses a que nos temos referido, que *decidem em sociologia sem saberem arithmetica*, segundo a phrase energica do Pensador; desses que querem attingir o fim sem atravessarem os caminhos arduos e difficeis que o separam delle.

Só Augusto Comte reuniu em si todo o saber humano e, resolvendo a questão suprema, de que todas as outras são casos particulares, a questão religiosa, resolveu tambem o problema feminino, problema de Sociologia e Moral; assim como tratara de todas as questões de Mathematica, Astronomia, Physica e Chimica, creando novas doutrinas, refundindo antigas e constituindo concepções esboçadas com um genio tal, que mais parecem creações proprias do autor, como a *Geometria geral*, instituida por Descartes, e a *Estatica social*, esboçada por Aristoteles.

O pensador desta estatura merece que as almas bem formadas lhe estudem as obras e nellas aprendam o que mestres ignoram, pois Augusto Comte, como Aristoteles, no dizer do Dante, é

. . . il maestro di color che sanno.

Ninguem, portanto, póde escolher melhor mestre para conhecer da solução do problema feminino. A mulher, particularmente, achará nelle o seu verdadeiro paladino; nelle encontrará fundidos pela primeira vez o mais grandioso de todos os genios alliado ao mais terno dos corações masculinos, a mais assombrosa das intelligencias dominada pela mais ardente ternura; nelle encontrará a glorificação do seu sexo, não como um simples devaneio litterario para exaltar a vaidade feminina, mas como o resultado das mais profundas e solidas meditações scientificas e philosophicas; nelle emfim encontrará resumido numa phrase tão philosophica quanto poetica, um dos mais bellos lemmas da existencia normal do futuro:

«De hoje em diante os joelhos do homem só se dobrarão diante da mulher.»

O problema formulado na secção anterior sobre a conciliação das necessidades intellectuaes e praticas da mulher com seu officio essencialmente moral, encontra plena solução segundo a doutrina do Philosopho, não solução puramente imaginaria de accordo com um modo especial de tratar da questão, mas solução scientifica, instituida segundo o estudo da natureza feminina que esboçámos em nossos estudos anteriores e com a evolução social que resumimos precedentemente.

Por um e outro destes dados demonstramos:

a) superioridade moral da mulher;

b) sua existencia cada vez mais concentrada no lar;

c) sua funcção principal de educadora do homem, resultante dessas duas propriedades.

E' no exercicio deste nobre mister, que resume toda a vida feminina, que a mulher encontra todas as satisfações do seu coração amoroso e ao mesmo tempo realisa as mais dignas aspirações intellectuaes.

De facto, tendo de aperfeiçoar o homem, modificar melhorando a sua natureza, educal-o emfim, a mulher só póde systematica e normalmente fazel-o, estudando essa mesma natureza, isto é, conhecendo as leis que a regem, si bem que até hoje, por simples empirismo, tenha satisfeito espontaneamente tal funcção.

Em uma palavra, para conhecer a moral pratica, que é a arte de educar, é preciso que ella conheça a moral theorica ou a sciencia do homem individual.

Ora, o homem, já a sabedoria secular o proclama, é o resumo do mundo, e não se póde conhecel-o bem si não se tiver apreciado separadamente as leis de todos os phenomenos que nelle se realisam simultaneamente.

Antes de tudo elle é um ser social que está sujeito á influencia da sociedade de que faz parte; alem disso é um ser vivo, e, portanto, obedece ás leis geraes da vida. Como tal, nelle se effectuam phenomenos physico-chimicos, donde, para estudal-o, a necessidade de saber as leis chimicas e physicas. Emfim, habitando um dos planetas do mundo solar, tendo attributos de movimento, extensão e numero, só é perfeito e completo o seu conhecimento, apreciando as leis astronomicas e mathematicas a que está fatalmente submettido.

Assim a moral theorica, o estudo do homem, só póde ser perfeitamente conhecida depois de se haver estudado todas as sciencias que a precedem: Sociologia, Biologia, Chimica, Physica, Astronomia e Mathematica.

Só então poder-se-á conhecer a natureza humana e passar a instituir os meios de corrigil-a, modifical-a aperfeiçoando-a.

Como é facil de ver, portanto, a mulher, destinada por sua natureza cerebral e por sua destinação social a melhorar o homem, a aperfeiçoar a natureza humana, tem de estudar todo o conjuncto das sciencias desde Mathematica até a Ethica ou Moral, sem o que não póde exercer plenamente a mais nobre de todas as funcções, a mais elevada das artes, a arte de educar.

Alem disso, essa necessidade de instrucção vasta e completa, aliás commum ao homem e á mulher, apenas variando segundo o ponto de vista, mais analytico quando destinado ao primeiro, que deve melhorar o mundo, e mais synthetico quando ao segundo, que tem de aperfeiçoar o homem, é tanto mais indispensavel quanto a mulher não só se serve della para preparar-se a conhecer os meios de exercer a educação humana, mas ainda a ministral-a directamente aos filhos, pelas explicações que lhes dá das licções que recebem dos mestres.

Mas todo este ensino scientifico encyclopedico não deve ter o caracter especialista e dispersivo que é o attributo principal do ensino moderno, e o mestre não deve ser um professor especialista; em ambos os casos ensino e professor são incompletos, dada a solidariedade dos phenomenos integrados, condensados no individuo humano.

O ensino encyclopedico exige professores encyclopedicos e, ainda mais, que se recommendem por uma virtude exemplar alliada a um profundo saber.

Si esta dupla condição não se realisa, a cultura intellectual torna-se um mal, desenvolvendo o orgulho, a vaidade, a sensualidade, depravando o coração sem compensar siquer taes vicios por uma verdadeira elevação intellectual, em tal caso impossivel.

O bom senso vulgar já sanccionou o aphorismo de que com muita instrucção não se coaduna o caracter; devia accrescentar: quando aquella não se subordina á moral.

A mulher puramente lettrada, com raras excepções, é o exemplo mais eloquente desta verdade.

Si uma M.me de Lambert, uma Sévigné, uma Thereza Cepeda, souberam reunir á mais completa virtude, os mais bellos dotes intellectuaes, dezenas de outras apresentam o deploravel espectaculo de espiritos cheios de talento animados por corações depravados. Sabem-no os entendidos quem foram Staël, Georges Sand e essa Emilia de Chatelêt, cnja escandalosa conducta lhe empana o brilho da gloria intellectual.

Ao lado da cultura do espirito e prevenindo os perigos moraes que lhe são inherentes, devem desenvolver-se sempre as virtudes oppostas aos vicios que aquella cultura tende a alimentar, fazendo sentir aos que estudam que a intelligencia é apenas um serventuario do coração; que as luzes do espirito são apenas meios de melhor agir segundo determinadas affeições; que toda a cultura intellectual, scientifica, philosophica ou esthetica, que não é dictada pelos bons sentimentos, é inutil e nociva; que finalmente toda a instrucção que não converge ao aperfeiçoamento do homem, desenvolvendo-lhe o altruismo e comprimindo-lhe o egoismo, deve ser repellida como immoral e irracional.

Cultivando principalmente a humildade ou a submissão pelo amor, a instrucção normal, instituida pela religião final, apresenta a sciencia como o conjuncto dos pensamentos da Humanidade atravez das eras, e o individuo aprende como a especie aprendeu; o homem repete systematicamente a evolução espontanea da Humanidade.

Então cada mestre encyclopedico exporá a totalidade do saber em nome da Suprema Existencia, representada pelos seus orgãos mais eminentes, e desvendará aos olhos dos alumnos o quadro admiravel e sublime da ascensão lenta e magestosa de nossa especie nas acquisições do saber, mostrando como as soluções dos varios problemas se tornaram necessarias em cada época e e em cada logar e como foram provisoria ou definitivamente acceitas segundo a sua opportunidade no tempo e no espaço.

E' claro que a transcendencia de tal ensino não póde modernamente achar quem satisfaça todas as condições moraes e intellectuaes indispensaveis para realisal-o; no entretanto, entre nós, o devotado apostolo do Positivismo, Teixeira Mendes, com a sua excepcional competencia de coração e de espirito, iniciou desde 1897 um curso encyclopedico daquella natureza, destinado aos adolescentes positivistas, mas ao qual concorrem muitos dos que têm o lazer indispensavel para assimilar com alegria e enthusiasmo a sciencia nova, a sciencia regenerada pelo amor, que lhe dá um esplendor quasi igual ao da arte.

Tal ensino, cujo programma só o mestre dos mestres podera formular, e delle dar exemplo memoravel no seu assombroso *Tratado de logica* ou *Philosophia mathematica*, é como uma symphonia magestosa onde as harmonias esplendidas do saber resoam aos nossos ouvidos, illuminando-nos o espirito e encantando-nos o coração com a pompa triumphal dos seus sublimes accordes.

A mulher, que naturalmente repelle o que é arido e tibio, não terá mais pela sciencia essa antipathia que hoje têm aquellas que são verdadeiramente mulheres, isto é, as que ainda têm pureza e ternura.

Terá encontrado emfim a harmonia definitiva do sentimento e da intelligencia, do amor e do saber, illuminando o espirito sem entorpecer o coração.

Mas não é só a sciencia, as artes são indispensaveis á cultura feminina: o estudo do desenho, da musica, da pintura; de todas as fórmas de poesia, litteraria, phonica ou plastica; e o conhecimento das linguas modernas; pois até á adolescencia dos filhos é ella que, como mãi, lhes ministra, ao lado da educação puramente moral, todo esse ensino, então só compativel com o gráo de desenvolvimento das faculdades intellectuaes da criança.

Quanto aos trabalhos praticos, ainda uma vez a observação vulgar dá-nos precioso ensinamento.

Além da moral pratica, é propriamente o que se chama a industria domestica que compete á mulher directa ou indirectamente.

O preparo dos alimentos, os cuidados do vestuario, a costura, os bordados, os varios trabalhos manuaes, etc., são de sua exclusiva competencia ou se acham sob a sua immediata direcção, que tudo isso é destinado á casa, á familia.

Assim, sciencia, arte e industria femininas são estudadas e praticadas com o fim exclusivamente domestico.

Por tal modo a mulher satisfaz todas as suas aspirações de coração, de espirito e de caracter, sem sahir do convivio domestico, conservando a mais digna e elevada das posições, qual é a de deusa do lar, emparadizando a familia com seu apego de esposa, a sua veneração de filha e a sua bondade de mãi.

O homem, de posse daquelles mesmos thesouros, segundo uma aprendizagem mais desenvolvida da sciencia por causa de sua carreira pratica, consagra-se á vida publica; nella desenvolve cada vez mais a sua coragem, os seus attributos de caracter, mas entibia o coração, abate o espirito nessa luta diaria, e é ao recolher-se no lar que vai reanimar-se, recuperar forças moraes despendidas no trabalho, ficando mais puro e mais terno pela pureza e pela ternura que lhe prodigalisam os seus verdadeiros anjos da guarda: a mãi, a esposa, a filha ou a irmã.

Segundo o conjuncto destas concepções, deduzidas do estudo do organismo social e da natureza feminina e masculina, vemos que, numa sociedade normal, que é a de que tratamos, as funcções do homem e da mulher serão as que a evolução empiricamente estabeleceu: a funcção masculina é consagrar-se mais á vida publica, a feminina mais á vida privada; mas um e outro devem conhecer a ordem universal, isto é, a sciencia para amarem melhor e melhor servirem.

No entretanto, essas duas funcções não têm a mesma dignidade; a da mulher é mais nobre; a do homem mais grosseira. Este, agindo pelas sciencias inferiores sobre o mundo inorganico ou organico, modifica o meio terrestre, mineral, vegetal, animal e social, creando e desenvolvendo a Industria e a Politica, e aquella, de posse da Moral, actúa sobre o proprio homem, aperfeiçoando-o para que elle melhore o mundo. Em uma palavra; si o Homem faz as grandes obras, a Mulher faz os grandes homens.

Esta jerarchia vem confirmar praticamente a ordem theorica, scientificamente deduzida da apreciação da mulher e do seu papel na evolução historica, ordem na qual, como demonstrámos, a mulher é incontestavelmente superior ao homem.

VI

Si a regra pratica, derivada das leis theoricas, é limitar a acção directa da mulher á vida privada, ficando sua influencia publica reduzida á sua acção atravez do homem, tal não significa que excepcionalmente ella deixe de consagrar-se á existencia exterior.

A sciencia, relativa como é, admitte e sancciona as excepções que, no dizer do bom-senso popular, confirmam as regras.

Mulheres como Joanna d'Arc, Sta. Genoveva, Sophia Germain e outras que a historia apresenta, a algumas das quaes já nos referimos em dissertação anterior, não são menos dignas por se terem dedicado a uma existencia mais adaptada aos homens, e não merecem menos a glorificação da Posteridade.

Entretanto, sendo contrario tal modo de vida á verdadeira vocação feminina — que, si fosse normal, a existencia da familia seria impossivel, e os dous sexos em vez de amantes seriam rivaes — taes excepções só servem para mostrar aos partidarios da inferioridade intellectual da mulher, que, uma vez votada ao serviço do espirito, ella iguala, como já mostrámos precedentemente, e até excede o homem.

Abstrahindo desses casos singulares, a funcção real da mulher é sempre toda moral no seio da familia, emquanto a do homem é intellectual e pratica fóra do lar, na vida publica, que elle dirige pelo espirito e pelo caracter, emquanto ella governa ou melhor encanta a vida privada pelas blandicias do coração, com as sublimidades do amor.

Mas como a existencia publica é um prolongamento da existencia privada, e os nossos actos e as nossas idéas dependem das nossas affeições, é evidente que o coração feminino ainda dirige indirectamente a sociedade inspirando ao homem os pensamentos e os actos que elle tem de realisar, embora se limite o seu poder a uma influencia simplesmente moral, á persuasão pelo amor.

Assim é que ella attenua ou evita a tyrannia dos governantes, a revolta dos governados, e os sophismas do sacerdocio, dessa classe theorica hoje fragmentada em philosophos, scientistas, poetas, medicos, juristas, advogados, etc.

A mulher torna-se, pois, a verdadeira providencia moral da sociedade, corrigindo os desvarios theoricos e praticos das outras providencias sociaes, que representam respectivamente o poder espiritual, o governo politico e a força numerica: o padre, o patricio e o proletario.

«Orgãos espontaneos do sentimento que só presíde á unidade humana, diz Augusto Comte, as mulheres constituem o elemento mais directo do poder moderador, destinado a moralisar cada vez mais o imperio necessario da força material. Sob esse titulo são encarregadas, primeiro como mãis, depois como esposas, da educação moral da Humanidade. D'ahi resulta sua existencia cada vez mais domestica e sua participação cada vez mais completa da instrucção geral, afim de que sua situação tenda sempre a desenvolver melhor sua vocação... E nenhuma outra faz sentir tanto, quanto a felicidade de cada ser consiste sobre tudo em desenvolver seu officio espontaneo. Porque as mulheres todas só têm fundamentalmente uma mesma missão, a de amar.

Mas é a unica que admitte um numero illimitado de orgãos, e que, longe de terem concurrencia alguma, se estendem pelo concurso. Encarregados de entreter a fonte affectiva da unidade humana, as

mulheres são, pois, tão felizes quanto podem, quando sentem dignamente sua verdadeira vocação, e que podem seguil-a livremente. Seu officio social tem isto de admiravel: convida-as a desenvolver seu instincto natural e lhes prescreve as emoções que cada um prefere a todas as outras. Assim, as mulheres não têm, em geral, a pedir á regeneração final sinão que adapte melhor sua situação ao seu destino, quer dispensando-as de toda actividade exterior, quer assegurando sua justa influencia moral. Ora, o regimen positivo satisfará directamente esse duplo voto, pelo conjuncto dos melhoramentos materiaes, mentaes e moraes, que ha de realisar na existencia feminina.

Mas, além dessa recompensa natural de um feliz officio, o positivismo deve cumprir para com as mulheres, o que a idade-média pôde apenas esboçar, systematisando o reconhecimento continuo que ha de inspirar cada vez mais seu salutar ascendente moral. Em uma palavra, a nova doutrina universal pôde só instituir dignamente o culto, ao mesmo tempo publico e privado, da Mulher. Será o primeiro gráo permanente do culto fundamental da Humanidade...» (Augusto Comte. — *Systema de Politica Positiva*, vol. I, pags. 254-255.)

VII

Assignalada, ou melhor, demonstrada a funcção social da mulher, mais ou menos mantida atravez dos seculos, apezar dos sophismas feministas que pullularam nos tempos da decadencia grega e pullulam hoje em meio da degeneração do regimen catholico-feudal, parece-nos que os corações ternos e os espiritos illustrados pela verdadeira sciencia não hesitarão em repellir as duas doutrinas immoraes e irracionaes que se degladiam actualmente sobre a questão feminina e que podemos resumir em dous termos concisos, de que um já é consagrado pelo uso: o *feminismo* e o *misogynismo*; a doutrina que defende a *igualdade* do homem e da mulher, e a que se bate pela *inferioridade* della.

Esta trata de manter a mulher fóra do convivio social; aquella, incorporando-a á sociedade, afasta-a mais ou menos da familia; a primeira, prega uma igualdade que, como já vimos, não existe, é contraria a todos os dados da biologia e da sociologia; a segunda, uma inferioridade, ainda mais contraria ás leis scientificas.

E' justamente entre essas duas soluções, de que são paladinos, como no principio dissemos, os metaphysicos retrogrados e os metaphysicos anarchicos, que se acha a verdadeira solução do problema feminino, esboçada pelos pensadores antigos resumidos em Aristoteles, aperfeiçoada por S. Paulo e todo o sacerdocio medievo, e finalmente systematisada e demonstrada por Augusto Comte, desenvolvendo as noções espontaneas que a tão grande quanto calumniada Clotilde estabeleceu na sua magistral novella, *Lucia*.

«O verdadeiro papel da mulher, diz ella, não é dar ao homem os cuidados e as doçuras do lar domestico, e receber delle em troca os meios de existencia que o trabalho proporciona? Prefiro vêr uma mãi de familia pouco feliz lavar a roupa de seus filhos do que vel-a consumir a vida para espalhar no exterior os productos de sua intelligencia. Exceptúo, bem entendido, a mulher eminente que seu genio impelle para fóra das espheras da familia. Essa deve achar na sociedade seu livre esforço; porque a manifestação é o verdadeiro facho das intelligencias superiores.» — (Clotilde de Vaux.—*Lucia*, pag. 29-30).

Cremos que a questão feminina fica assim plenamente resolvida.

Com tal resolução a qual — é preciso salientar bem este ponto — foi realisada pelo pensador que, unico, reuniu em seu prodigioso cerebro todo o saber humano, e não pertence á camarilha dos simples lettrados e sophistas que se propõem a discorrer sobre o mais difficil sem saber o mais facil; com tal resolução, baseada, não em simples devaneios, mas em demonstrações scientificas, não ha alma de mulher ainda isenta do veneno revolucionario que não esteja de perfeito accôrdo e não repita a unisono que a chave do enigma foi decifrada.

No emtanto, é certo que, apezar de toda a influencia que as idéas positivistas têm tido no Occidente, especialmente entre nós, ha uma antipathia espontanea da parte do grupo lettrado a tudo que se diz mais ou menos positivista. Podem-se citar os auctores que se quizerem, as doutrinas mais absurdas, falar no Evolucionismo de Spencer ou no Monismo de Haeckel, tratar das concepções bizarras, immoraes e anti-scientificas de quanto pseudo-pensador nos appareça, mas de Augusto Comte, de Augusto Comte em sua plena individualisação, como fundador do Positivismo, não.

E' o medo da verdade.

E' a hypertrophia do orgulho e da vaidade que não permitte, a todos que se manifestam contrarios ao maior dos philosophos, confessarem, como o Petronio do romance polaco a respeito de S. Paulo, que realmente, as doutrinas pregadas por Augusto Comte são as verdadeiras e as triumphadoras de amanhã, mas que a incapacidade delles, tanto moral como intellectual, não permitte seguil-as, que o habito da vida revolucionaria não n'o consente.

E quem assim escreve é dos que pertencem ao numero dos incompetentes, mas o confessa, proclamando comtudo, cada vez mais, a sublimidade da doutrina, que por melhores almas conhecida é fatalmente acceita e praticada.

Especialmente no ponto que nos occupa — a questão da mulher — julgamos que nenhuma outra doutrina se poderá antepôr á ensinada pela synthese positiva.

Satisfaz as aspirações do coração feminino, cuja missão essencial é amar, e ao mesmo tempo a intelligencia, illustrando-a com os esplendores da arte e da sciencia.

Pelas doutrinas correntes, ou a mulher para ser bem pura e terna não deve aprender, seu espirito deve ficar quasi sem cultura, ou, aprendendo, cultivando a intelligencia, perde em pureza e ternura.

Pela doutrina que defendemos, ella, continuando pura e terna, estuda, illumina o seu espirito, não para ser doutora, medica, advogada, jurista ou exercer qualquer outra funcção academica que a torna, segundo a expressão de um pensador, um ser hermaphrodita, mas sim para realisar com mais perfeição as delicias da ternura, os prazeres da dedicação, principalmente para com o esposo, o pai e os filhos. Estuda, não pelo mero goso de saber, mas estuda para amar, que é o fim unico da vida; tudo o mais é meio de attingil-o.

Entretanto, para conseguir a realisação desse futuro feminino, deduzido do passado, é preciso universalisar novas concepções philosophicas, de modo que todos tenham sentimento, idéas e actos convergentes, harmonicos entre si, em se tratando dos phenomenos mais complicados da sociedade e do homem, como já os possuem relativamente aos que entendem com os attributos mais simples do mundo e da vida.

Ninguem que conheça as leis astronomicas ou physicas, pensa, sente e age diversamente em Astronomia e Physica. No emtanto, houve tempo em que existiam divergencias em taes dominios, como os ha hoje nas espheras superiores do saber. Uma inducção muito logica, porém, leva a convencer-nos que ha de chegar o dia em que a unidade scientifica será attingida, simultaneamente com a fraternidade universal e o regimen industrial definitivo. Então teremos a sociedade normal, a familia como pintámos e a mulher emfim collocada na posição que os destinos humanos lhe assignalam e que vimos de explicar demonstrando, posição que se resume em constituir ella a providencia moral da sociedade, modificando a vida publica, pela pureza e ternura, illuminadas pela sciencia e arte regeneradas.

Emquanto, porém, não se attinge este estado final, previsto pelo conhecimento do passado, o dever é regular o presente de modo a apressar o advento do futuro esperado.

Assim, os que se preoccupam com a regeneração humana, que depende essencialmente da adhesão feminina ao movimento reorganisador da era moderna, devem trabalhar pelo sonhado porvir, mantendo sempre, tanto quanto é possivel no meio anarchico que vivemos:

1º) A existencia domestica da mulher;

2º) Sua independencia de todo o trabalho exterior.

E' neste sentido que se deve trabalhar afim de conseguir-se a verdadeira libertação social da mulher, que a idade-média apenas esboçou.

Só então nos mostraremos dignos paladinos do sexo amante. Só então a mulher encontrará a situação que lhe compete na sociedade como o mais perfeito symbolo da Humanidade, que ella, para os corações catholicos, já representa na pura e terna imagem da immortal judia. Só então ella será a nossa verdadeira eterna deusa, a quem, melhor do que á sua antecessora catholica, se deverá dirigir a oração de S. Bernardo, na linguagem poetica do Dante:

Donna, sei tanto grande e tanto vali,
Che qual vuol grazia, ed a te non ricorre,
Sua distanza vuol volar senz'ali.
La tua benignità non pur socorre
A chi dimanda, ma molte fiate
Liberamente al dimandar precorre.
In te misericordia, in te pietate,
In te magnificenza, in te s'aduna
Quantunque in creatura è di bontate.

(DANTE. — *Paradiso*, canto 33º.)

Rio, 116 — 1904.

Fim

Reis Carvalho.
(*Oscar d'Alva*)



BAMBÚS — JARDIM BOTANICO — RIO DE JANEIRO

COMMENTARIOS

Revisão e parlamentaristas.

ANDAM, de longa data, theoristas e descontentes a prégar a necessidade da revisão constitucional, a imprescindivel urgencia de corrigir o estatuto politico de 1891, supprindo-lhe deficiencias e desbastando-lhe demasias, de modo a affeiçoal-o e pol-o justo ao funccionamento proficuo do corpo nacional, de que é elle, ao mesmo tempo, vestimenta e armadura.

Não tem sido continua, diga-se em honra da verdade, essa prégação; ao contrario, bem espaçada e bem interrompida tem sido. Apparece em phases torturadas da vida nacional ou em horas de arrufos da politica dos Estados, como o remedio poderoso ás crises afflictivas da economia publica ou aos transbordamentos das situações dominantes. Surge então como o medicamento insubstituivel, a panacéa maravilhosa que extingue todos os males, desde os desvios da administração e a incapacidade dos administradores até as deformações moraes e os vicios congenitos de organisação social. Os seus propagandistas, os sinceros, attribuem a formulas, alheias praticamente ao facto que nos choca a intelligencia ou a consciencia, a influencia que os esoteristas e os feiticeiros attribuem, sobre terceiros, ás palavras kabbalisticas pronunciadas com fé, longe das pessoas e da acção que se quer attingir ou exercer. A correcção de um paragrapho constitucional, a mudança de um principio de direito publico, têm para esses o valor indubitavel de corrigir crises e mudar costumes.

Ha nisto o fundo da educação de raça, a embibição secular dos usos e das ideias supersticiosas do primitivo colonisador, e do aborigene e do africano que nos caldearam o sangue e a mentalidade; damos á suppressão do cargo de vice-presidente ou á presença do executivo no debate parlamentar o poder mirifico de refinar a capacidade governamental ou de debellar o pauperismo que convulsiona as sociedades modernas, como damos á figa pendurada discretamente ao pescoço a força de afugentar maleficios ou á pedra de cabeça de corvina trazida na carteira a faculdade de attrahir dinheiro para o seu portador.

Ha. ninguem o nega, no codigo politico de 1891, como em todos os codigos, como em toda construcção humana, falhas qne mereciam ser melhor compostas, arestas e rugas que poderiam ter sido mais justa e cuidadosamente polidas; mas é, sem duvida, ingenuidade (e fallo ainda dos sinceros) attribuir-lhes as culpas de governantes e governados, como o seria attribuir as privações ou as desordens de um interior, a irregularidade de um governo domestico, a má utilisação de um aposento, á empena de uma esquadria mal acabada e pedir a reforma architectonica de todo um edificio para acabar de vez, por uma nova disposição de linhas, ainda indefinida, com a necessidade que um dia se lhe alojou de portas a dentro ou com a falta de tino da dona da casa no determinar os arranjos da familia e em disciplinar os filhos e os creados.

Si em algum dos paizes para cuja civilisação appellamos todos os dias, como para um supremo juizo, alguem se lembrasse de attenuar erros administrativos ou dominar crises economicas com a alteração de formulas constitucionaes, esse alguem seria olhado como um admiravel ingenuo, si o não classificassem peior. Erros, convicios, oppressões, olygarchias, são vicios de organisação social, não de constituição politica; são desvios individuaes, sómente corrigidos pela acção resistente e tenaz do individuo. Textos modificados e praticados pela mesma intervenção viciosa, tenho para mim que não mudariam o rumo das cousas.

De resto, parece que os mais ardentes revisionistas pensam do mesmo modo, porque, na grande maioria, não puderam até hoje precisar na pratica o que se deve reformar. Tirante o pequeno grupo de escól de Pernambuco, que detalhou em um bello manifesto despercebido uma serie de pontos a rever, e os parlamentaristas que, á falta de ideia nova, voltam-se para uma fórma já exercida e desprezada, ninguem mais até hoje disse, em verdade, o que quer. Querem rever, eis tudo.

Um illustre dissidente paulista, chefe de um grupo que eu não terei a ousadia de chamar ingenuo, procere em eras passadas, e cuja feição revisionista um seu antagonista desenhou em uma espirituosa historia de "empurradores e empurrados", poz claro, não faz muito tempo, em phrase que se celebrisou, esta questão do revisionismo militante: "Havemos de sahir disto, seja para onde fôr". E' esta a feição da generalidade, não dos theoristas ingenuos, mas dos "empurrados" praticos, que já, de cima, empurraram á sua vontade. A revisão se apresenta assim, sinão como uma porta de sahida, ao menos uma janella para o clamor: sahida para a aventura, clamor para o prestigio e para o poder.

Não contesto que seja um excellente recurso partidario; mas não é positivamente um ideal politico.

Não sou, aliás, dos que a si mesmos se proclamam um paiz em dissolução, precisando, como remedio supremo, do agglutinante de um protectorado inglez; nem penso tão pouco que a revisão, applicada a detalhes politicos de efficacia problematica, tenha sobre a solidificação dessa conclamada deliquescencia a influencia que exerce graphicamente sobre a solidez de uma prosa litteraria. Homens e factos, eis o que é mister; e para isso a revisão unica é a das consciencias e das capacidades. Teremos, sem esta, formulas alevantadas, mas que não chegariam por si a uma util e sadia acção de governo.

A regulamentação do art. 6º, por exemplo, não impediria, tenho para mim, o illustre Sr. secretario do interior de fazer, com a ajuda do Sr. arcebispo, a enxertia de frades e congregações exoticas na vida brazileira, como a falta dessa disposição não obstou que o Sr. Rio Branco completasse a sua trilogia diplomatica com o tratado do Acre e o Sr. Lauro Müller levasse por diante a obra de remodelação material e esthetica da capital da Republica.

Para os estados a questão não seria diversa: as olygarchias, em cuja ferocidade cortez e christãmente creio, mudariam de nome e de constituição; e seriamos empurrados por outras mãos, com o vigor estugado de quem sente, a desafogar-se, os empurrões da vespera.

Interviriamos, centralisariamos, dariamos á tutella da União o poder mal exercido; e logo, deslocados para o centro as mesmas paixões soffregas, se ouviria o mesmo clamor e a mesma queixa, contra os favorecidos da olygarchia centralisada e centralisadora, que se ergueram no dia anterior contra os que, mais fortes ou mais habeis, dominaram, por processos differentes, a situação. O regimen dos antigos presidentes de provincia dá neste assumpto exemplos edificantes...

Restam os parlamentaristas. E' um bem, em verdade, o parlamentarismo?

«E' uma doença de que a Europa estará curada breve», dizia Bismark. E' um vicio nervoso, penso eu, uma mobilidade irrequieta e exagerada de quaes orgãos, que a medicina politica busca conter e que persiste com tanto mais intensidade quanto muitos dos que o soffrem, auto-suggestionados, suppõem isso uma condição organica de seu ser. E' uma tagarellagem que quer fallar, definia um amigo meu, referindo-se á nostalgia parlamentar.

Em toda a vida politica do Imperio, o regimen parlamentar foi o entrave brilhante e dispensavel. Não juntou um elemento pratico á acção dos governos, mas embaraçou-a, quando livre, com a resistencia dos conchavos de corredores e o camba-pé dos votos de confiança. Quando livre — disse eu, porque o poder moderador respondia, por vezes, com a dissolução da Camara e o fabrico de uma creatura nova remodelada á imagem do creador. A Vontade Popular, que os parlamentaristas encarnam com tanta ardencia na oratoria representativa, foi sempre, graças a Deus, convencidamente governista... E não raro, por poupar condoidamente cansaços ao eleitorado, vinha o parlamento mesmo ao encontro do throno; e, evitando dissoluções e pleitos inuteis, votava em absoluto, como a 13 de Maio de 1888, em cinco dias, a ideia cuja repulsa sem treguas lhe fôra pouco antes bandeira e mandato imperativo. Como se vê, o regimen foi a maior affirmação da soberania publica...

Foi mais. Foi um seminario de oradores, com uma porcentagem regular de aproveitamento mental, mas falhando sensivelmente na pratica. Os esplendores tribunicios nem sempre se traduziram em capacidade administrativa. Um velho procere da monarchia, o Sr. João Alfredo, em pleno senado imperial, definia já, em face dos éstos de eloquencia adversaria, esta condição: «Fallar é folego, obrar é substancia».

A Republica corrigiu, com o systema presidencial, as duas principaes falhas do velho regimen: evitou, com a impossibilidade das nações, de confiança, a instabilidade dos governos; alforriou, com a escolha de secretarios extra-parlamentares, as pastas technicas da aprendizagem dos estadistas em preparação. Não fôra isto, e o Sr. Murtinho veria fracassar nos *guet-apens* da politicagem o seu poderoso trabalho de reorganisação financeira; mercê da reforma, tivemos já na guerra, na marinha e na viação alguma cousa mais do que nos legou o bacharelado encyclopedico do parlamentarismo.

E' um ideal isso a que desejam voltar? E', pelo menos — dizem — a feição tradicional da raça, a condição da indole politica nacional. Mas a feição da raça, a condição da indole — ou melhor, da nossa educação até hoje — foi o abuso, o preconceito, a desordem: é o amor pelo casario ruim que o Sr. Müller e o Sr. Passos derribam, é a resistencia á intervenção hygienica, é a insurreição contra a postura e a policia. Deve-se abandonar a reforma, porque contraría? voltar atraz por via dos costumes seculares?

Um meu amigo, a que me referi, dizia acceitar a revisão parlamentar, mas ás avessas: pela eliminação de toda assembléa deliberativa. Achava para isso ponderaveis razões theoricas; e esmiuçando a pratica, entendia não valer a pena tanto trabalho e dispendio para um poder mover-se como a sombra de outro, operoso quando o executivo se agita, negligente quando este adormece. «No outro regimen o parlamento obstruia, neste gravita. E' o caso — dizia-me — da bibliotheca de Alexandria: prejudicial, si subversiva; si redundante, inutil. Não podendo subir mais pela derrocada antiga, o politicista moderno adhere. E nessa troca de pagas — porque um vota, mas pede, e o outro serve, mas exige — repetem os dois poderes na vida publica o jogo do «Senhor São Roque» que faz na intimidade a delicia dos serões de familia, um, de alto, a fazer mômos, o outro, de cara seria, a repetir a prenda, a espera que lhe toque a vez de subir á cadeira: *Meu Senhor São Roque, aqui estou a vossos pés sem chorar e sem me rir, sem me rir nem chorar... Está satisfeito?...* Para isso não precisa o Congresso: temos em casa muito mais engraçado e muito menos caro...»

Não vou até onde vae o meu amigo; mas acho que o que temos é sufficiente. Não lhe bulam os parlamentaristas, que é peior...

Itaipú, Abril de 1904.

Sancho Alves.

BIBLIOGRAPHIA

Augusto Franco.

1904—Fragmentos literarios (Chronicas ligeiras)
Bello Horizonte, Typ. Beltrão, in-8.º 216 pp.

Dario Velloso.

1903—Licções de Historia
Corytiba, Typ. Impressora Paranáense, in-8.º 216 pp.

Domingos Nascimento.

1903—Pela Fronteira
Corytiba, Typ. d'A Republica, in-8.º, 228 pp.

Paulo Osorio.

1904—Historia de um morto
Porto, Ed. Tavares Martins, in-16, 32 pp.

Avelino Foscolo

1903—A Capital
Porto, Typ. Universal, in-16, 344 pp.

—1904—O Mestiço—(Romance de costumes mineiros)
Bello Horizonte—Joviano & C., in-8.º, 248 pp.

Pelayo Serrano.

1903—Contos sertanejos—Lendas e fragmentos
Bello Horizonte—in-8.º, 250 pp.

—1904—Homenagem ao Dr. Luiz Cassiano Martins Pereira.
S. N. S. L.—in-8.º, 24 pp.

Victrix—Director—*Emiliano Pernetta*—Corytiba.
N. 3—1904.

Revista do Centro de Sciencias, Lettras e Artes, de Campinas.
N. 5—Outubro 1903.

A Exposição—Revista quinzenal.
N.os 1, 2, 3 e 4—*Corityba-Paraná.*

Renascença—Directores—*Rodrigo Octavio* e *Henrique Bernardelli*—Capital.
N. 1—Março 1904—(Estabelecimento graphico de *J. Bevilacqua*).
Revista de lettras e artes, artistica e litterariamente cuidada. Excellentes gravuras e texto polido, collaborado por pennas brilhantes e nomes de responsabilidade no mundo intellectual.
Desejamos-lhe longa e feliz carreira.

Revista Didactica—Redactor-Chefe—*Dr. Luiz C. Duque Estrada*—Capital.
N. 12—Dezembro 1903.

Fidé Yori—(Josaphat Bello)
1904—Estudos (I—Interesses Mineiros, II—Chronicas).
Bel o Horizonte, Imprensa Official—in 8º 126 pp.

TYPOGRAPHIA E PAPELARIA

J. SCHMIDT

IMPRESSÕES ARTISTICAS, TRABALHOS COMMERCIAES, CATALOGOS ILLUSTRADOS, CARTÕES POSTAES COM VISTAS, ETC.

24 - RUA DA ALFANDEGA - 24

RIO DE JANEIRO



Empreza Maritima Brazileira

32—RUA DA ALFANDEGA—32

(2.º ANDAR)

* * * * Endereço Telegraphico — ZAMARA * * * *

Proprietaria do maior vapor que navega com a bandeira brazileira

SÃO LUIZ

de 5000 toneladas de carga, navegação para os portos do Norte, do Sul e Rio da Prata.

MERCURIO

Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres

AUTORISADA A FUNCCIONAR POR CARTA PATENTE N. 2

CAPITAL RS. 2,000:000$000

Deposito no Thesouro Federal Rs. 200:000$000

Incorporada pela Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro

ADRESSE TELEGR. AZOUGUE
* * CODIGO RIBEIRO * *

CAIXA DO CORREIO N. 36
* * TELEPHONE 389 * *

16 — RUA DO HOSPICIO — 16

RIO DE JANEIRO

A EQUITATIVA

Relação das Apolices sorteadas em dinheiro em vida do segurado

EM 15 DE ABRIL DE 1904

N. da Apolice	NOME DO SEGURADO	Residencia
11.25 0	Manoel Ribeiro da Silva Neco	Januaria
11.253	João Moreira de Castro	"
11.232	Antonio Generoso da Silva	"
8.730	Carlos Paiva de Souza Lemos	Recife
10.176	José Alves de Souza	Capital Federal
7.635	Julio de Araujo Rodrigues	Corytiba
8.696	José Bomfim	Aracajú
10.305	Symphronio Costa Gondim	Parahyba do Norte
4.739	Manoel Maria Lobato	Capital Federal
7.562	Antonio Proost Rodovalho Junior	São Paulo
6.102	Nagib Saed Lassmar	Amazonas
6.106	* " " "	"
7.131	Alipio Mendes de Oliveira	Quarahy

Esta classe de apolices de exclusiva invenção d'*A Equitativa,* é a ultima palavra em seguro de vida.

Todos os sorteios são publicos e são dirigidos pelos representantes da imprensa.

* Esta apolice foi tambem sorteada no 1º sorteio de 1902.

Anno I N. 5 MAIO - 1904 Rs. 2$000

KÓSTOS



SUMMARIO

Chronica . . . . . *Gil.*
Sangravida (excerpto de romance) *Gonzaga Duque.*
Idade de Ouro . . . . . *Coelho Netto.*
Olhos tristes (soneto) . . . . . *Luiz Edmundo.*
Nossos concursos . . . . . .
Commentarios . . . . . *Sancho Alves.*
Divina Comedia . . . . . *J. P. Xavier Pinheiro.*
Aguas da Cidade de Santos. *Dr. Alfredo Lisboa.*
Tres sonetos ineditos . . . . .
Um pastel . . . . . *Lindolpho Azevedo.*
Vida Literaria . . . . . *José Verissimo.*
Matto Grosso . . . . . *T.te C.el Avila Franca.*
Symphonia . . . . . *Luiz Guimarães (Filho)*
Manhãs de Campinas . . . . . *Garcia Redondo.*
O Doutor Conceição . . . . . *Domingos Olympio.*
Theatros . . . . . *Arthur Azevedo.*
De Victoria a Diamantina . *L. A.*

A CERVEJARIA BRAHMA

Recommenda suas marcas especiaes:

Bock-Ale e Brahma Porter

UMA DAS MAIS NUTRITIVAS CERVEJAS DO MUNDO



A analyse n. 13.676 do Laboratorio Nacional, e os attestados tanto de particulares como de summidades medicas, provam que a **Brahma Porter** rivalisa com as melhores marcas estrangeiras, sendo especialmente recommendada para doentes do estomago, convalescentes e senhoras no periodo da amamentação.

FABRICADA EXCLUSIVAMENTE COM CEVADA E LUPULO DE 1ª QUALIDADE

Telephone N. 111 —:— *Caixa N. 1205*



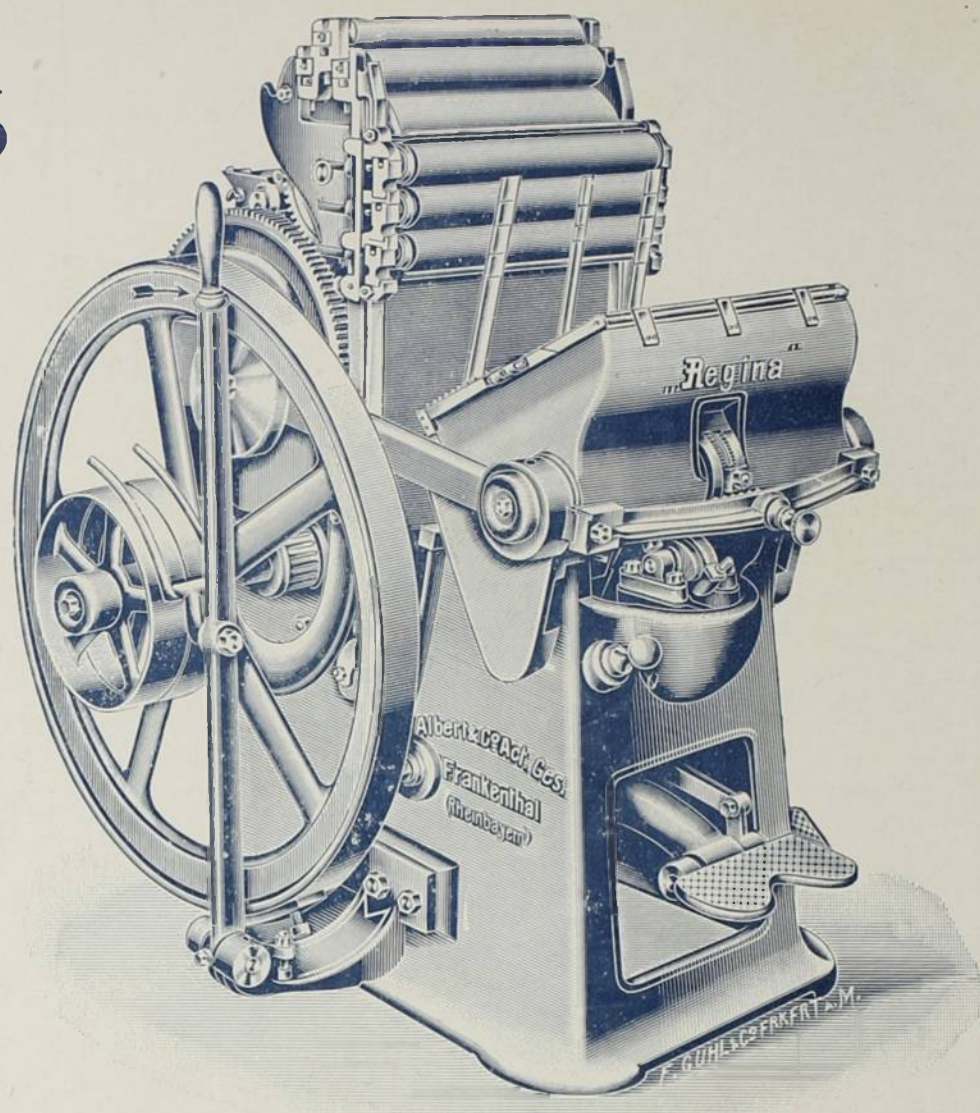
GEORG MASCHKE & C.

140 e 142, Rua Visconde de Sapucahy, 140 e 142

RIO DE JANEIRO

ARTES GRAPHICAS

Caixa do Correio 994 — Telephone N. 1106

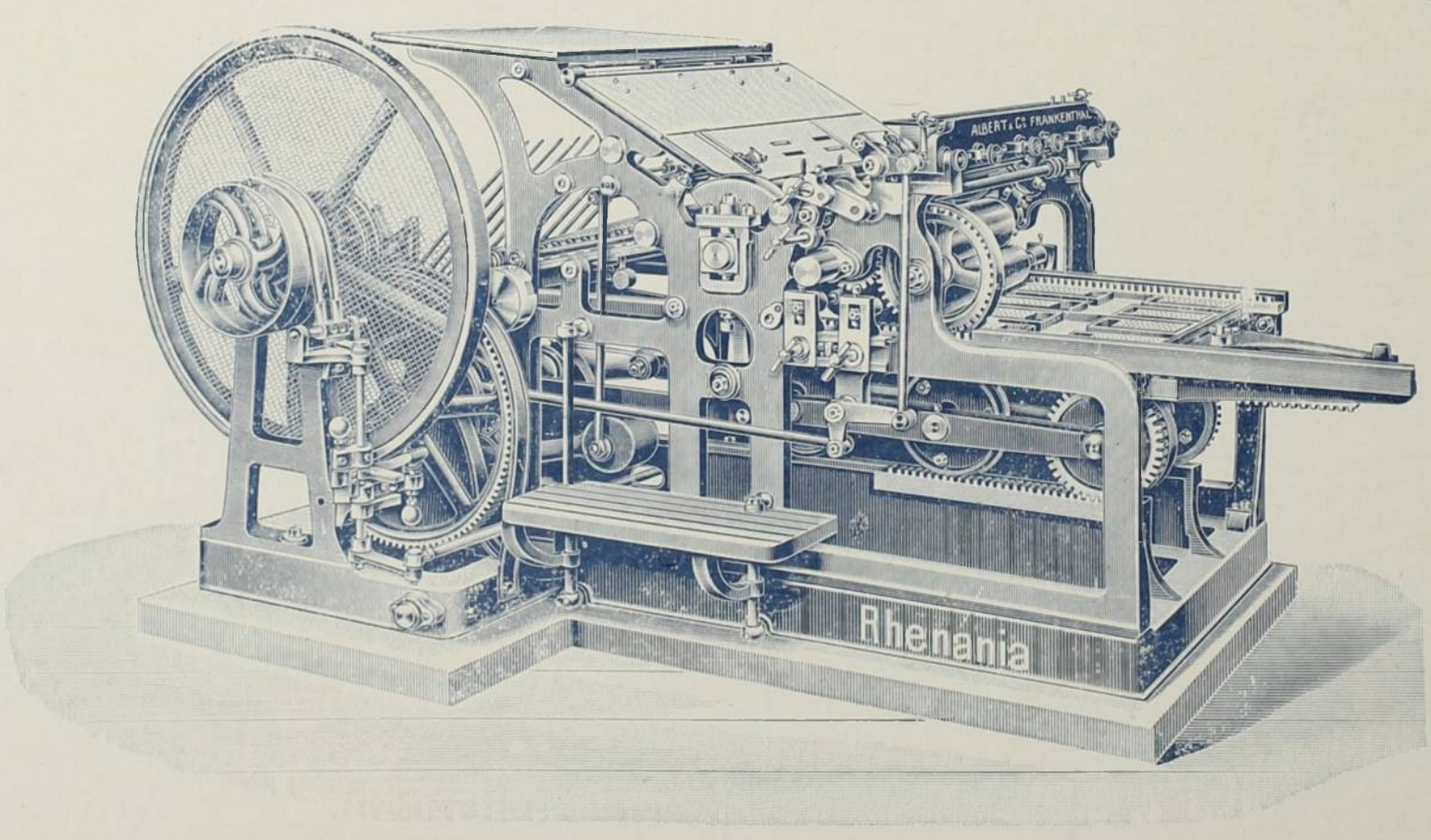


TEMOS SEMPRE EM DEPOSITO:

Tintas Typographicas, Lithographicas,
Vernizes, Grande Variedade de Typos,
Massa para Rolos, Arames para Cozer,
Zinco, Cobre e Madeira para Gravuras.

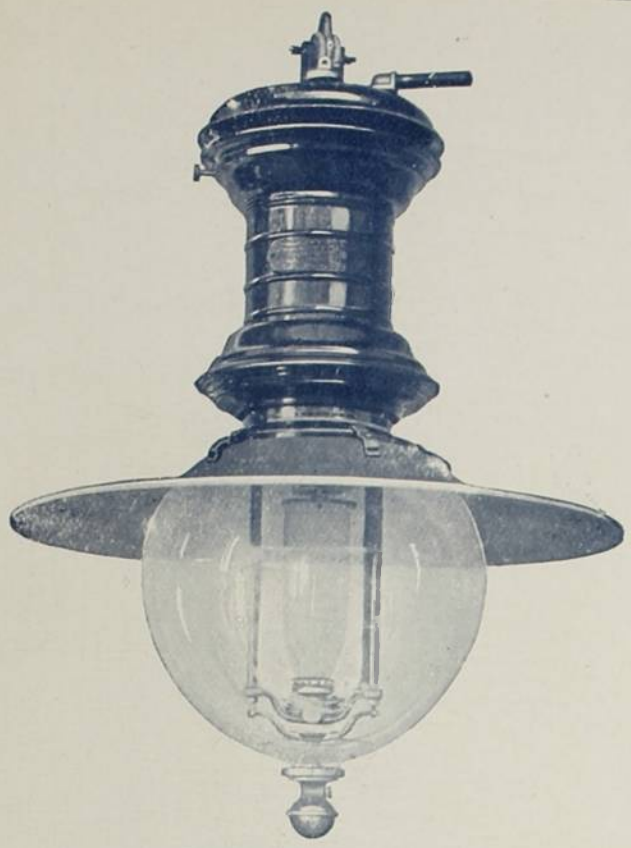
MATERIAL PARA STEREOTYPIA, MACHINAS
PARA IMPRESSÃO ETC.

UTENSILIOS PARA COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO



Augusto Niklaus & C.

RUA DA QUITANDA N. 54 — RIO DE JANEIRO



REPRESENTANTES
DAS SEGUINTES FIRMAS:

GENERAL ELECTRIC CO.
APPARELHOS ELECTRICOS PARA FORÇA E LUZ

PELTON WATER WHEEL CO.
RODAS DE AGUAS, TURBINAS, &

Mc INTOSH SEYMOUR & CO.
MACHINAS A VAPOR

BABCOCK & WILCOX CO.
CALDEIRAS A VAPOR

THE PECKHAM MANUFACTURING CO.
TRUCKS PARA CARROS E VAGÕES

THE CHLORIDE ELECTRICAL STORAGE COMPANY LTD.
ACCUMULADORES ELECTRICOS

A. L. IDE & SONS
MACHINAS A VAPOR "IDEAL"

CHICAGO PNEUMATIC TOOL COMPANY
MACHINAS E FERRAMENTAS DE AR COMPRIMIDO

CLEVELAND TWIST DRILL CO.
BROCAS AMERICANAS

L. S. STARRETT CO.
FERRAMENTAS FINAS

CINCINNATI TOOL CO.
FERRAMENTAS

FAY & EGAN CO.
MACHINAS DE TRABALHAR EM MADEIRA

GLOBE WERNECKE CO.
MOBILIA DE ESCRIPTORIO

LOZIER MOTOR CO.
MOTORES E LANCHAS DE GAZOLINA

WORTHINGTON PUMPING ENGINE CO.
BOMBAS A VAPOR

MIETZ & WEISS
MOTORES A GAZ E KEROZENE

HAMMOND TYPEWRITER CO.
MACHINAS DE ESCREVER

VICTOR TALKING MACHINE CO.
GRAMOPHONES E ACCESSORIOS

EASTMAN KODAK COMPANY
APPARELHOS PHOTOGRAPHICOS

IMPORTADORES DE
MACHINAS PARA OFFICINAS E APPARELHOS ELECTRICOS DE TODAS AS QUALIDADES

GUINLE & Co

SUCCESSORES DE ASCHOFF & GUINLE

Engenheiros Mechanicos Hydraulicos e Electricistas

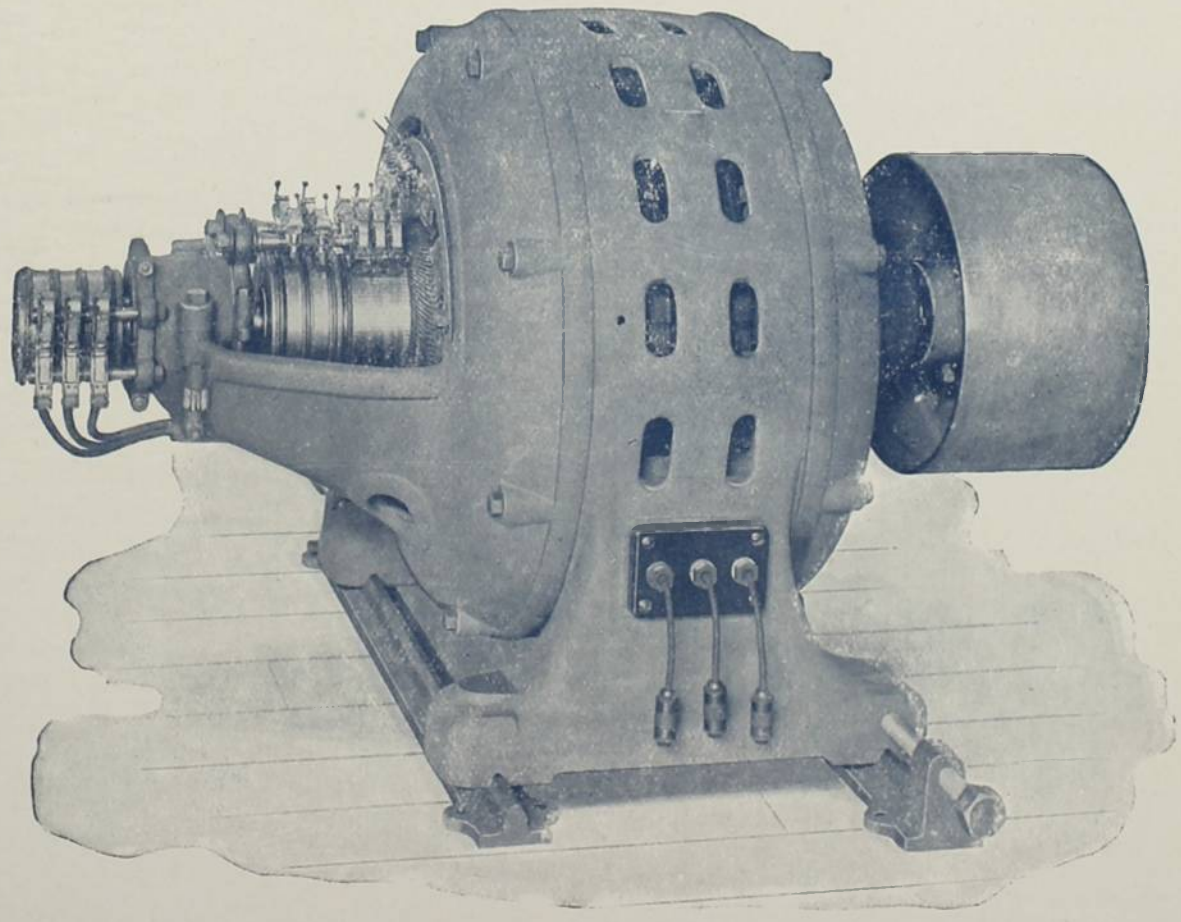
Importadores de Machinas e Manufacturas Norte-Americanas

55 ∽ Rua do Ouvidor ∽ 55

RIO DE JANEIRO—BRAZIL

RUA DIREITA N. 7, S. PAULO

OFFICINAS E DEPOSITO: RUA NOVA DO OUVIDOR, 13



A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida

TERRESTRES E MARITIMOS

Apolices sorteaveis em dinheiro em vida do segurado antes da terminação do contracto.

A EVIDENCIA DOS FACTOS

Gymnasio Pio Americano—Rio, 20 de Abril de 1904.

A' Illustrada Directoria da Equitativa dos E. U do Brazil.

Venho expontaneamente por meio desta apresentar vos as minhas felicitações pelos exforços que haveis empregado para A Equitativa chegar ao gráo de prosperidade em que presentemente se acha, e não hesito em recommendal-a a todos quantos desejarem utilisar-se dos beneficios proporcionados pelos seguros de vida. Se de ha muito não houvesse A Equitativa merecido a confiança publica, bastaria a maneira por que se têm procedido os ultimos sorteios para que ella se tornasse digna de receber as economias de todos

As vantagens que apregôa são vantagens reaes e, por isso, posso recommendal a aos que della quizerem servir-se como garantia do futuro.

Apresentando vos os meus cumprimentos, honro me em ser de VV. SS.

Amigo, Obrigado e Criado.

Manoel Maria Lobato.

Esta Sociedade resolveu, a bem dos interesses da communidade, sortear as apolices em dinheiro, duas vezes por anno, em vez de uma só, como até aqui tem feito. Assim proceder-se-á ao sorteio nos dias 15 de Abril e Outubro de todos os annos.

Esta resolução que bem patenteia o progresso constante e firme dos negocios sociaes, traz aos dignos mutuarios incalculaveis vantagens, que ocioso seria salientar por serem intuitivas.

Por ella é duplicado o numero de probabilidades que tem a apolice de ser sorteada, pois duplicado fica o numero de sorteios a que terá de concorrer durante o prazo do contracto, accrescendo que se até agora para esse fim era imprescindivel o pagamento do premio annual, desta data em deante bastará o premio semestral para a acquisição d'esse direito.

Rio de Janeiro, 15 de Abril de 1904.

Illms. Snrs. Directores d'A Equitativa dos E. U. do Brazil.

—Presentes.—

Amigos e Snrs.

Cabe-me o imperioso dever de manifestar a VV. SS. o meu reconhecimento pela promptidão com que me embolsaram da quantia de CINCO CONTOS DE REIS (Rs. 5:000$000) importancia de minha apolice n.º 10.176 hoje contemplada no 3.º sorteio annual a que procedeu essa acreditada Sociedade.

Tal presteza honra sobremodo os creditos d'A Equitativa e muito recommenda o seu excellente plano de SEGUROS COM RESGATE EM DINHEIRO, cujos sorteios não interrompem a marcha normal dos seguros.

Assim recebendo eu agora a quantia de Rs. 5:000$000, fico entretanto, com o meu seguro em pleno vigor, podendo, se a sorte assim o determinar, ainda ser successivamente contemplado nos sorteios seguintes.

Felicitando-me pela escolha que fiz no plano do meu seguro, ainda mais vivamente felicito a VV. SS. pela excellente idéa que tiveram com a sua adaptação.

Subscrevo-me com a maior consideração e apreço.

De VV. SS. Am.º Obr.º

José Alves de Souza.

Rua da Quitanda, 36.

Até agora **A EQUITATIVA** tem sorteado 25 apolices, na importancia de Rs. 125:000$000, cuja quantia foi paga em dinheiro á vista aos portadores de apolices continuando estas em vigor de accordo com os respectivos contractos.

Pedir tabellas e prospectos na sua séde, e com todos os agentes da **A EQUITATIVA.**

N. 7—RUA DA CANDELARIA—N. 7

RIO DE JANEIRO

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director
MARIO BEHRING

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . . 20$000 EXTERIOR. . . . . 22$000
NUMERO AVULSO. . . . . 2$000

Editor-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ANNO 1 | MAIO 1904 | N. 5

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

Tendo-se esgotado as edições dos numeros 1 a 4 d'esta Revista, só poderemos receber assignaturas, d'ora em diante, para o 2º semestre do corrente anno.

A importancia das assignaturas deve ser remettida em carta registrada ou vale postal a J. Schmidt, rua da Alfandega 24 —Rio de Janeiro.—

KÓSMOS encontra-se á venda nas seguintes livrarias :

Capital Federal—Laemmert & C.ª, H. Garnier, Alves & C.ª, A. Moura, Briguiet & C.ª, S. Gradim.
Petropolis—Casa Olive.
S. Paulo—Casa Mófreita, Casa Garraux, Laemmert & C.ª, Livraria da S. Paulo Railway.
Santos—Magalhães & C.ª, Bazar Paris.
Campinas—Casa Livro Azul.
Mogy-Mirim—Casa Cardona.
Bello Horizonte—A. Joviano & C.ª
Ouro Preto—Castro & Costa.
Uberaba—Leschaud & C.ª
S. João d'El Rey—Armando B. Cunha.
Juiz de Fóra—Feliciano da Silveira Bulcão.

Bahia—Livraria Dous Mundos.
Victoria (E. Santo)—Nelson Costa & C.ª
Fortaleza (Ceará)—Libro-Papelaria Bivar.
S. Luiz (Maranhão)—Luiz Magalhães & C.ª
Belém (Pará)—J. B. dos Santos.
Manáos (Amazonas)—Lino Aguiar & C.ª
Natal (Rio Grande do Norte)—Renaud & C.ª
Florianopolis (Santa Catharina)—Paschoal Simone.
Pelotas (R. G. do Sul)—Pintos & C.ª, —Francisco Meira.
Rio Grande » —Pintos & C.ª
Porto Alegre » —Pintos & C.ª
Parahyba (Parahyba)—Antonio Penna & C.ª
Coritiba (Paraná)—Annibal Rocha & C.ª

São nossos agentes:—Em Santos—Snr. Antenor da Rocha Leite. Em Campinas—Snr. A. B. de Castro Mendes Em Mogy-Mirim—Snr. Francisco Cardona. Em S. José do Rio Pardo, Mocóca e Casa Branca—Snr. Dr. Francisco Escobar. Em Jahú—Snr. Major Alfredo Augusto Leitão. Rio Claro—Snr. João Pires de Oliveira Dias. S. Carlos de Pinhal—Snr. Carlos de Carvalho. Cataguazes—Snr. Julio Guimarães. Sul de Minas—Snr. Urbano Rabello. Petropolis—J. R. Escragnolle. Taubaté—Snr. Braz Curtu.

São nossos representantes :—Estado de S. Paulo—Snr. Antonio Ferreira Neves Junior. Estado do Paraná.—Snr. Dario Velloso. Estado de Pernambuco—Snr. Carlos Burle. Estado do Pará—Coronel Fernando de Figueiredo Motta. Estado do Maranhão—Snr. Antonio Gonçalves Moreira Nina. Estado do Amazonas—Coronel Domingos Andrade.

Toda correspondencia deve ser remettida á RUA DA ALFANDEGA, 24—Rio de Janeiro

CAIXA POSTAL 1085



CHRONICA

RECORDAR é viver. Não sei bem quem primeiro enunciou esta verdade; mas isso lhe não faz perder a profunda intensidade A vida se nos apresenta com um fulgor desconhecido, com uma nova e perturbadora belleza, quando a evocamos dos dias idos, dos tempos deslembrados ; tal a joia preciosa, herdada de velhas datas, e que ao tiral-a um dia a curiosidade do recanto esquecido ou da caixa desbotada, nos surprende com um valor em que não attentáramos, com o toque finissimo do ouro, o contorno gracioso, a arte delicada da trabalhosa ourivesaria,

O que a febril agitação dos dias de agora, a successão rapida de impressões violentas e fugidias, diluira, pelo cansaço, em vaga e esbatida reminiscencia, resalta, vive, vibra em nossa visão á primeira parada, quando o repouso integra o sentimento e a consciencia e o olhar rebusca, ancioso, o caminho feito e os sitios que passámos. Figuras e factos desenham-se então com uma nitidez admiravel, um relevo empolgante; movem-se, erigem-se, palpitam como outr'ora, avultadas agora ao longe as silhuêtas pelo maior angulo de luz, desfeitas pelo afastamento a falha humana do vulto que se fez heróe, a ruga natural do granito que se tornou monumento; homens e situações se nos apresentam com um valor que nos confunde agora, como o toque, a forma e o lavor da joia desdenhada ; e com elles palpita, se erige e tumultúa em nós uma existencia nova, uma sensação não sentida ainda, mixto de orgulho tardio, de enternecido reconhecimento, de saudosa admiração...

Recordar é viver; nós vivemos intensamente estes dias derradeiros com a recordação de heróes e feitos desapparecidos, com a revivescencia de commemorações gloriosas.

Como que o destino quer que os grandes fastos andem em proxima companhia. Maio, que encerra no seu cyclo as tres grandes commemorações collectivas do Descobrimento, da Festa do Trabalho e da Reivindicação Libertadora, deu-nos ainda o jubileu dos telegraphos no Brasil; emquanto Abril evocava no seu ultimo dia, antecedendo, por uma suggestiva coincidencia, o Dia do Trabalho, as figuras robustas de Mauá, o ardente precursor da conquista operaria, o Eremita da cruzada industrial, e do Marechal Floriano, o que mais seguramente exalçou talvez, com a queda dos ultimos e resistentes preconceitos, o enxame anonymo das abelhas productoras, de cujo ignorado labor a sociedade retira a cera e o mel.

Destas, a mais singela e commovedora commemoração foi a de Mauá. Este antecedera de muito a sua época para que pudesse ser um victorioso.

Chegara cedo de mais; as ideias que haviam de desbravar e fertilisar a floresta exubere e bravia que era a feição moral da sua terra, não haviam chegado ainda, e elle viu-se só, enleiado, perdido, como um individuo que se afoita por inextrincavel matta virgem e que vê enredar-se cada vez mais em derredor a trama dos cipós a cada golpe com que procura abrir caminho, e sente que os clamores de appello se perdem em uma massa espessa, incommensuravel e sem echo.

Mauá teve isto de superior ao seu mesmo trabalho: foi um homem avançado muitos annos ao seu tempo. A Má Vontade, que uma força perversa e mysteriosa poz no mundo com o primeiro trabalhador, nunca lh'o perdoou, como não perdoou a Capanema o esforço para a affirmação do telegrapho e a Floriano a resistencia para a affirmação da Republica. Mas estes tiveram, ao menos, a consolação de ver a sua empreza victoriosa e de assistirem — um, já no apagar da existencia, o outro ainda em uma serena velhice — á apotheose da sua obra e á glorificação do seu nome; emquanto Mauá só teve a visão de um esforço desconhecido e a sensação do proprio aniquilamento pelo mais doloroso dos traumatismos moraes.

Amanhã, quando estiver de pé a columna que o Club de Engenharia mandou erigir em um dos extremos da Grande Avenida com a effigie do grande brasileiro, é lá, em torno da figura suggestiva de Evangelista de Souza, que devem ser feitas as romarias de 1º de Maio. A festa do Trabalho não se pode corporisar em synthese mais perfeita do que aquella.

A data operaria não tem, não pode ter, de resto, a feição e o alcance que tem nas conturbadas sociedades do velho mundo. Lá, o 1º de Maio relembra o protesto de multidões de explorados e famintos, expulsas do trabalho pelo excesso de trabalhadores, presas á dependencia miseravel pela condição da propria miseria, fazendo da *parede* o muro contra a fome, odiando o trabalho porque elle é o captiveiro e o soffrimento. Festa de Trabalho, é o nome; é ella e feita entre clamores de luta e imprecações de odio.

Aqui é realmente a Festa do Trabalho, é a glorificação do labor que sustenta uma collectividade inteira, em um paiz onde não ha preconceitos nem classes. Por mais que avulte o trabalhador, o trabalho o sobrepassa; o operario é o homem necessario. Pode ser pobre, mas não é o faminto nem o miseravel. A *gréve* não a faz no Rio a revolta social; fal-a, com poucas excepções, a intriga politica...

Semelhante a outras aspirações que tiveram na America seu mais ubere terreno e seu mais formoso florescimento, a exaltação do operario terá no Brasil a sua forma definitiva; e a festa de 1º de Maio será a consagração do Trabalho indispensavel, do Labor victorioso, por uma multidão sadia e satisfeita, sem peias nem necessidades. Será então o vulto de Mauá o centro dessa apotheose nacional, como o heroico precursor da Industria dominadora...

De 1º a 13 de Maio não é grande a distancia. Acredito bem que em breve se hão de fundir as duas datas, identificadas na mesma representação. E' que o operario no Brasil é cada vez mais sensivelmente o nacional e o nacional é, na sua grande maioria, caracteristicamente, o mestiço.

De toda a dolorosa tragedia da escravidão, da successão violenta de scenas inacreditaveis que aviltam as paginas em que são repetidas, ficou para o Brasil a compensação dessa sub-raça, tirada das agonias do captiveiro como o ouro é tirado das complicadas torturas do minerio bruto, esgalho humano que frondeja e floresce magnificamente na vida nacional e a quem o Brasil tem devido os seus typos mais eminentes, desde Basilio da Gama e Valentim da Fonseca, até Rebouças e Gonçalves Dias.

A collaboração da raça negra, que se affirmara na vida moral brasileira pela affectiva e submissa dedicação e na vida economica pelo enriquecimento nacional com o trabalho rude e extenuador de tres seculos, sobreleva-se a tudo isto pela formação dessa mestiçagem que se diffunde pelo nosso povo, abrandando-se, dia a dia, pela assimilação de elementos extranhos, mas deixando, em troca, como um traço inilludivel, o leve dourado da face, a insurreição mal refreiada dos cabellos, o olhar insinuante e elastico; mestiçagem que formará um dia, pelo caldeamento constante e nivelador, o typo definitivo da nossa nacionalidade, e que já é hoje a vivacidade intelligente no homem e a belleza faceira na mulher.

Seria, de futuro, tambem o 13 de Maio a data commemoradora da collaboração da raça negra no Brasil, o reconhecimento que nos deu em trabalho e dedicação, mentalidades e heróes, Não se dirá mais que é a data da Abolição, da Conquista Libertadora, da derrocada do captiveiro, para se não dizer que houve um dia essa miseria no Brasil. Recordar é viver, e nós só devemos viver a vida sadia. Rememoraremos apenas o que nos veio de grande: o resto passará vagamente pela memoria das gentes mais antigas, como a recordação mal distincta de um pesadello desfeito...

Gil.



V. DE DO RIO-BRANCO

JOSÉ DO PATROCINIO

LIBERDADE

13 DE MAIO

1888 1904

KLIXO 904

DE UM ROMANCE INEDITO

SANGRAVIDA—*Cap. V, Parte Primeira*

No abafado socêgo do seu gabinete, e n'uma immensa poltrona de couro escuro, estava Albano Livio, vergado á um livro, sob o quebra-luz de papelão da sua pequena, bojuda lampada de petroleo.

Quando ouviu a porta ganir nos gonzos levantou, de vagar, a quente face trigueira, empapuçada n'uma abundante barba negra, donde pendiam raros fios brancos. Aros de nikel reluziram nas suas orbitas.

—Perdão, mestre...

Titubeou Stelo. O austero homem, certificando-se do visitante, dilatou a bocca vermelha com um sorriso de bom acolhimento em que esboçava a sua admiração:

—E' um milagre, esta visita! Senta-te.

Stelo repousou uma desconjuntada cadeira, junto á mesa do mestre, uma vasta mesa de tôscos pés de pinho, que arquejava com sua carga de brochuras e maços de jornaes. Encadernações roçadas jaziam em pilhas, eriçadas de papeluchos de notas; papeis e quadernos enchiam a vasta taboa, coberta por um sujo panno de linho, n'uma confusão de continuo trabalho. O moço tinha a cabeça pendida e, timido, vacillando nas palavras, resmungava coisas desconnexas que continham desculpas á sua visita, á inopportuuidade da hora... Depois emmudeceu, pregou o olhar no soalho tenue-alumiado pela luz da lampada, que resvalava de sobre a mesa.

O socialista reclinara-se no espaldar da poltrona; com a dextra, n'um renitente cacuête, catava lentamente a intonsa cabellugem do queixo, e esperava que o rapaz lhe dissesse a que vinha, mas, como a embaraçosa mudez delle se prolongasse, foi Albano Livio quem falou:

—A que devo eu a tua visita, meu doce amigo?

Stelo não respondeu. Resfolegava oppresso. Apoiara o cotovello na quina da mesa, descansando na mão a face doentia. Subito, vacillou como envolvido n'uma vertigem, e cahiu debruçado sobre os quadernos, a esconder o rosto amargurado e soluçante.

As largas pupillas do austero homem reluziam atravez dos vidros reluzentes. E, perplexo por esta inesperada convulsão de lagrimas, passou um demorado minuto sem alvedrio; alfim recuperou o tino, curvou-se para o moço, movido por commiseração, forcejou por lhe erguer a cabeça acabrunhada.

—Que desgraça te anniquila? — perguntava Albano Livio—Que é isto, meu amigo?

Apanhara-lhe a testa, tentava levantal-a, insistindo com carinho:

—Confia-te em mim. Dize-me o teu mal. Vamos... Sê forte!... Sús, moço !... Sê digno da tua idade !...

Ao consolo destas palavras aquella dôr soluçosa refrangeu-se, mingou, cedeu. Tinha-lhe tocado o conforto d'uma amizade. Fez-se um longo silencio. No negrume das paredes, pela treva dos cantos, um grillo rompeu a trillar e todo o ambiente mal-illuminado ficou cheio d'uma angustia. Albano Livio voltara ao recosto da poltrona e continuava no seu cacuête de coçar a barba sob o queixo, esperando. Então, de vagar e com o arquejar de energias refeitas, Stelo ergueu a face. Todo o seu corpo estremeceu e, sem descruzar os braços, sem mesmo descerrar as palpebras humedecidas, gemeu:

—Nasci maldito!... Sou o grilhéta da desventura...

Os oculos de Albano, como dois claros olhos do Entendimento, fixaram-n'o.

—Bem; — disse o mestre—assim te consideras. Mas, conta-me primeiro a tua desgraça... veremos qual o remedio que se lhe dará...

O moço respirou alliviado, desdobrou um lenço e, emquanto recompunha o semblante, foi contando o seu caso ao austero homem que o escutava, attento, com um vinco na larga testa luminosa e o olhar penetrante. Quando Stelo terminou, um vago, quasi imperceptivel sorriso de suave complacencia lhe desfez a ruga da fronte, abrandando a fixação das pupillas. E serenamente falou:

—Ah! meu doce amigo, tudo isso é a idade, é o teu novo sangue e a tua nova alma!... Tudo isso provem dos teus vinte e dois annos, mas, juntamente com isso, ha um collaborador efficaz—a educação sentimental que te deu ás tontas o desorganisador estonteamento da nossa Civilisação... A sentimentalidade é como o nosso sangue, quando lhe escasseiam os globulos brancos a plethora asphyxia, quando lh'os superabundam a anemia arruina. Faz-se necessaria a proporção, a egualdade das partes, de que resulta o equilibrio da vida...

«Trouxeste de forças ignoradas, mas, sem duvida, terriveis por impetuosas, essas tendencias affectivas, esses elementos passionaes, em quantidade exorbitante. Houve um santo homem, cuja ingenuidade e modestia o faziam puro n'um meio impuro, que julgando te dar suas virtudes te sobrecarregou de fraquezas... Porque, meu amigo, é preciso que attendas ás condições. As virtudes, para elle, tinham um limite traçado por sua propria limitação de espirito, e como elle vivia n'uma esphera inferior, onde as *ambições* são simples *desejos* e as conveniencias simples barreiras de mais simples deveres, essas virtudes formavam um conjuncto apoucado, mas bastante, de todas as dignas qualidades moraes. Elle transmittiu-t'as de boa fé e generoso... todavia, o elemento em que as lançou era como os terrenos exuberos, que amesquinham a semente quando ella é escassa e franzina... Tu precisavas de uma força consciente e sciente que te dirigisse. Não te souberam aproveitar. Ensinaram-te a *meia virtude* do vulgar consenso da nossa moral social, virtude que depende d'um egoismo de bem estar ou d'uma covardia de lucta; encheram-te de coisas inuteis, aqueceram-te o instincto affectivo com excessos de sentimentalidade e, agora, que começas a posse do teu personalismo, que entras na integralidade do teu ser, sentes a falta de alguma coisa... de alguma coisa seria... sim, positiva e apoiadora...

O austero homem parou, por momentos, como se procurasse uma fórma clara para fechar o discurso. Empolgou a barba farta, apertou-a caricioso e, retorcendo-a entre dedos, distendeu-a em bico sobre o peito; seus olhos, por cima dos oculos, firmaram-se no moço; depois, encontrando as palavras, terminou:

—... mas, falta-te a energia moral, que resulta da tua propria vontade sobre a funcção do teu querer.»

Stelo continuava de olhos baixos. A palavra deste homem, sem lhe ter trazido ainda uma solução, já o alliviava. Ouvia-a e recebia-a confiadamente. Albano, escorregando o corpo para o fundo da poltrona e entalando o joelho á quina da mesa, continuou:

—Agora, vamos ao teu caso.

O moço estremeceu, levantou os olhos para o mestre.

—Tu amaste e amas...

—Não, não, não—objectou Stelo vivamente—Eu não amo, amei.

—Bem. Amaste uma rapariga rica, filha de paes conceituados e vivendo em sociedade luxuosa... Mas, quem eras? quaes eram teus paes? que sociedade frequentavas? Ahi tens o insupperavel. Ser um estudante é muito e é nada. Se tivesses um titulo, fosse o pergaminho de bacharel ou a matricula da Associação Commercial, poderias dizer quem eras. Em teu estado, porém, eras apenas o aspirante a uma profissão. Não obstante, isto seria o menos; o principal está na falta de um nome de familia... E de tanto se conclue, em boa logica, que procedeste desajuizadamente. Qualquer individuo póde contemplar, passando por uma loja de ourives, as joias expostas, nem para outro fim ellas se acham nas montras... desejal-as, porém, sem ter a bolsa capaz de as comprar—é uma insensatez; querer se apoderar dellas sem ter com que as pagar—é uma loucura. Ora, tu não tinhas posição, não tinhas um nome de familia, não vivias em sociedade.... Como desejavas essa rapariga rica, filha-d'algo e luxuosa?... essa que, em teu caso, é precisamente a joia exposta?... Ingenuidade, insensatez, loucura! Seja que nome lhe convenha, é um facto impensado, desvairado e punivel, segundo as leis que a sociedade contemporanea tirou da sua moral... Vejamos por outro lado o teu assumpto. O que amaste nesta moça foi a sua belleza carnal, singular para os teus olhos cúpidicos e não habituados a tanta elegancia, riqueza e graça. Foi isso. Ella era linda, como disseste, e entrajava custosas vestes; vendo-te n'esse dia de superexcitação nervosa, teve por ti uma impulsiva sympathia, certamente de accordo com as fantasias de seus tenros annos; resumias, sem duvida, o typo com que sonhava... Ai, essas lindas cabecinhas são doidivanas!... Demais, appareceste a essa menina como um *moço decente*, impressionando bem a sua morbida visão, della. E bastou. Bastou-lhe, porque as nossas ricas meninas, em geral, possuem, sob a delicada e brilhante lacca d'uma educação aristocratica, o sangue vivo da mais ingenua gente da lavoira... Indaga si o seu papae não é um desses robustos homens que transbordam das aldeias da Europa... E si não é o pae, pódes jurar que da rabiça dos arados tinham os seus avós as mãos calosas... Prosigamos. Houve na rica menina aristocratisada, uma tendencia instinctiva, que as causas morbigenas tornaram *concordantes*, isto é, si lhe appareceste como o *homem opportuno*, tambem eras o *sonhado*, o idealisado.

Deu-se um phenomeno a que se póde chamar—a eclosão d'uma necessidade psycho-physiologica. A menina estava em virulencia organica, estugada pela ardencia imaginativa de um dado typo. Esse typo tu o resumias com mais ou menos semelhança. Surgiste-lhe como por encanto. Ahi tens o impulso sympathico.

—Em ti, porém,—continuou o mestre—a emoção vibrou por fibras virgens Despertou-te a ambição. Obscuro como eras, ignorando a existencia dos gosos, como vivias, todo o teu espirito se deslumbrou com essa belleza que a fortuna fazia extraordinaria. Assim posto, o que te perturbava era a ambição, o desejo desmedido da posse absoluta d'um bello corpo e d'uma bella fortuna.

—Oh! mestre! exclamou Stelo enrubecendo. Albano pigarreou, encolhendo os hombros.

—E' a verdade. Eu aqui disséco. Com tudo, passemos por alto n'esta dolorosa analyse, vamos ás conclusões. Supponhamos que triumpharias da conquista dessa moça. Para tanto seriam necessarios dois recursos—contrariando a vontade paterna, (e é o caso que ella prevê na carta), ou conseguindo o favor dessa vontade, o que é por demais dubitativo. De qualquer desses dois modos terias a felicidade?... E' o que resta vêr. Eu creio que não. Na primeira hypothese, ella previu e detalhou, com uma clarividencia pasmosa, todo o futuro com que poderiam contar, donde a mais terrivel das miserias, a miseria com remorsos, porque te pungiria o crime de a ter arrastado aos rudes trabalhos de uma serva, ao vexame d'uma necessitada, ao horror d'uma faminta. Na segunda hypothese, tu receberias a misericordia d'um amor, não passarias d'um pobre e espurio enriquecido com a bolsa d'uma mulher e ennobrecido com o nome della. A tua posição seria, eternamente, humilhante, porque não terias direitos, terias concessões, tornas-te-ias um ser passivo, e para que o não fosses faltava-te o desplante dos cynicos.

Um vislumbre de lucidez, que amanhecia no espirito de Stelo, fel-o objectar com mansidão:

—Mas, mestre, pelo que lhe ouço, entrariamos no regimen da olygarchia com o principio dos cruzamentos por egualdade de origens!

Albano levantou a cabeça para alvejar os oculos no contradictor, tinha os supercilios erguidos, duas rugas riscavam sua larga testa e, acenando com a cabeça, n'um gesto negativo da dextra em que o index se retesava, contestou:

—Não, não é este, positivamente, o assumpto de que trato. Falo sob a pressão do que a Moral Social, tal qual está organisada, estatue com rigor. Para mim o casamento, como se o faz, perpetúa e multiplica a especie, não fórma a sociedade sob o interesse de harmonia collectiva. Deixemos, porém, este desvio; sigamos o nosso caminho. Nas tuas condições e attendidas, embora á força, as leis sociaes que nos... *deprimem*, conquista-se, primeiramente, o direito de ser util e respeitado. Entendes-me?

Stelo, já calmado, bateu as palpebras sob a rudeza da pergunta, murmurou:

—Perfeitamente, mestre.

—Quero repetir-te, por este circumloquio, que não estavas em condições de casar...

—Mas, estava nas condições de amar—retorquiu Stelo.

Albano Livio sorriu, concordantemente; sentou-se direito na vasta poltrona, curvou os cotovellos nas braceiras, cujas maçanêtas empolgou n'um gesto forte, de affirmação e segurança, e dardejou sobre o rapaz os vidros reluzentes:

—Era unicamente o amor o que querias?...

Se era, tiveste-o. Porque, então, falaste nos esponsaes com um luxo de phrases da *Galanteria Franceza*?... Quem te prohibiu de amar? Ah!... eu te entendo. Oh! se entendo!... Podes amar, o amor é livre, porque é uma funcção physiologica de utilidade humana, mas, desde que o procures em circumstancias especiaes tens de te *ageitar* a essas circumstancias. Essa moça, por sua educação, não te poderia amar, verdadeiramente—te amar—, sem desejar o resultado desse amor que outro não podia ser senão o casamento. Quando ella comprehendeu a impossibilidade dessa união, porque, mais do que tu, soube perscrutar o futuro, pelo menos, deduzil-o do presente, rompeu resoluta, com mão firme, a meada do namoro que se complicava.

—Foi uma deshonestidade—disse Stelo.

—Deshonestidade!—interjectou o mestre e ficou com a palavra suspensa nos labios entreabertos, admirado; mas logo, voltando ao recosto: — Sabes, porventura, o valor

deste termo no caso que me apresentas?... Deshonesta seria ella, um dia senão por obras, sem duvida por pensamentos, porque a funcção amorosa nesses seres não se exime do luxo do viver a que se acostumam. O amor, para elles, é uma volupia; tem exigencias e exaggeros; se lhes desdobra em requintes eguaes aos do trato do corpo, do vestuario e da mesa; não lhes vem directo do instincto sexual, mas se lhes philtra pela imaginação e d'ahi passa para a ordem dos caprichos e prendas da ociosidade dos ricos e bem educados. Assim, a honestidade no amor, nessas delicadas filigranas de nervos, trabalhadas pela arte d'um alto apuro educativo, é um soffrimento, Stelo, é um soffrimento incontado.

Enfastiados das caricias do casamento, e por se em sensibilissimos, ávidos de vida e de gosos, sentindo-se repellidos pela saciedade dos maridos, volvem á busca de outros mysterios e de novas sensações. Dir-se-á que esses espiritos são como os priscos navegadores do Desconhecido; vogam sempre á procura de Eldorados... A existencia que desfructam desvenda-lhes os olhos para os horisontes sem limites, por onde se esboçam seductoras e deslumbrantes miragens.. .

Mas, cada vez que a *honestidade* se lhes antoja, seja sob a forma de uma desillusão, seja sob a de um dever, o supplicio é horrivel. Ah! muito custa conter o desejo desperto pela carne!... Portanto, meu amigo, a *honestidade*, no particular que estamos tratando, assenta entre dois pólos:—um, em que se concentra a estupidez domesticada pela Convenção; outro, que contem o martyrio resultante da Covardia.

—Então, mestre, será impossivel encontrar a mulher pura ?

—A mulher pura, que tu almejas, nesta corrupta sociedade, ainda existe. E' a simples que te não seduzirá mais que um dia, e em especial circumstancia de logar onde; é a bronca que te encherá de nojo, porque a sua triste passividade valérá tanto quanto um animal domado !

Disse Albano Livio e repousou as costas no espaldar da velha poltrona, que parecia firmar-se nos grossos pés para offerecer descanso áquelle formidavel, implacavel homem de analyse. E, outra vez começou a falar, agora com pausa, quasi a meia voz, em monologo :

—E' a campanha de Bebel... E' para onde devemos atirar os alviões... Emancipemos a mulher, antes de tudo... que ella tenha os nossos direitos na communhão social... Tornemol-a responsavel por seu livre arbitrio e por sua liberdade... Eduque-se-lhe o espirito, fortaleça-se lhe o caracter para livral-a da corrupção adstricta á sua actual posição de serva, de inferior, de irresponsavel e de *coisa*...

E. de repente, curvando-se para o moço, apertou-lhe o braço, puxou-o para si, como se lhe communicasse uma verdade absoluta que o aquecia :

—O ser humano só se completa com a união dos dois sexos, é a doutrina de Kant, mas esta união não póde depender de uma forma convencional, interesseira, de resultados negativos como é o *casamento*, que o insuspeito Stuart Mill affirma ser a «unica verdadeira servidão que a lei reconhece.» Ahi tens tu uma aurora que surge para o teu talento. Deve ser esta a tua paixão, o ideal das tuas aspirações de moço—a luta pela reforma social! Emquanto este amor de hoje, este amor que por ahi corre e se mercadeja, não passa d'uma deliciosa sentimentalidade requintada pela luxuria. Admittil-o, por forças que escapam á nossa resistencia, só se lhe dando uma forma commoda. Elle deve occupar logar bem curto e delicado em nosso coração, o mesmo que um lindo soneto occupa em nossa memoria.

Callou-se.

Stelo tinha os olhos parados neste largo rosto trigueiro a que a luz da lampada e a loquacidade punham calores carmineos, fazendo arder o vermelho da sua forte bocca sob a espessura do bigode negro.

Uma vaga, indefinida tranquillidade pairava sobre sua alma soffredora. Todo o seu ser tinha amollecido com uma languorosa sensação d'entorpecimento, de cansaço. Pesavam-lhe as palpebras.

N'uma sala proxima, o tympano d'uma pendula bateu meia-noite.

—Bem—disse Albano, erguendo o corpo derreado—é hora de recolher.

E como o moço tambem se levantára, logo procurando o chapéo, pôz-lhe a mão ao hombro, obrigando-o a desistir da partida.

—Agora, para que recuperes a saúde d'alma, meu pobre rapaz, precisas de mim como um medico, e deste tugurio como um hospital. Se te não prejudica deveres e te não repugna a pobreza, fica.

Gonzaga Duque.

IDADE DE OURO

A' Exma. Sra. D. Amelia de Rezende Martins

ESTA pagina que relembra, na sua doce simplicidade, as bucolicas da Arcadia e, pela disposição das scenas, recorda o mytho do Natal cretense, é uma sorpreza da photographia — a verdade vista através duma... objectiva.



Quem mama não é Jupiter, — ainda que a ama seja Amalthéa — nem são curétos os companheiros.

O campo, sem os myrthos e os therebintos classicos, é a alfombra de um jardim domestico.

Não ha napéas nem satyros occultos nas silvas e os petizes, cujo grupo Phidias não desdenharia para o frontão do templo de alguma divindade rustica, vivem, crescem nesta florida e acolhedora terra campineira, sobre a qual se encurva um ceu tão puro como o que, no dizer de Hesiodo, suavemente vibrava á «voz lyrial e sonóra das deusas.»

E' a hora da refeição de Cecilinha.

As abelhas lá andam pelas flores, as cigarras chirriam ao sol e os canarios cantam nos ramos verdes.

Cecilinha, que ainda não anda, cuja boquinha desabotoou as primeiras palavras: «papá... maman...» faz-se levar pelos irmãos ao retiro em que Amalthéa passa as horas mais cálidas, deitada na relva tenra, entre flores, a acompanhar, com enternecido enlevo, as travessuras do filho, um cabritinho endiabrado que, para ir dum ponto a outro, entende que o caminho mais curto é... pelo ar, aos pinchos.

Amalthéa conhece Cecilinha, estou mesmo em jurar que a adora.

Vendo-a chegar levanta-se e contempla-a com verdadeira ternura nos grandes olhos meigos.

Cecilinha senta-se á sombra do animal pacifico, mira-lhe a teta gulosamente, balbucia e a cabra, que a entende, ageita-se.

Tanto tem ella de tranquilla quanto tem de estouvado o cabritinho. E Nonô, para contel-o, emprega toda a sua força e eu, ás vezes, tenho a illusão de estar admirando uma reducção de lucta formidavel de Hercules com... o touro de Creta, vendo o menino ás voltas com o cabrito.

De pé a irman mais velha, Maria Amelia, meiga como a Chloé da pastoral de Longus, retem a cabra para que a pequenita sugue. E' então ver a inveja gulosa do cabrito...

Cecilinha mama — incham-lhe as bochechas, os olhinhos brilham de puro gozo e o leite, perfumado a flores, escorre-lhe da bocca côr de rosa e perde-se-lhe na pelle branca do gordo peitinho nú.

Em torno as abelhas zumbem, as borboletas vôam, saltam os gafanhotos e é pelas arvores um tão afinado concerto que a pequenita, por vezes, deixa a teta e fica a ouvir os passarinhos e tartareia, como a cantar com elles.

Farta, repelle a teta ainda apojada... E', então, a vez do cabritinho que, de joelhos, investe ás marradas, com gana indigna de um cabrito de educação. E Cecilinha ri com a boquinha côr de rosa esmaltada de leite — quem a não conhece julga-a já senhora de todos os dentinhos...

Não raro deita-se, rebolando-se e, junto d'ella, deitam-se os irmãos.

Começa então o arvoredo a ninal-os — a brisa passa, os ramos agitam-se de leve, com suave murmurio. Calam-se as cigarras e os passarinhos e os tres adormecem entre flores...



E sonham... Com que sonharão os que ainda não conhecem a vida? com o sonho em que vivem, certamente.

Campinas — IV — 1904.

Coelho Netto.

Da Academia Brasileira



OLHOS TRISTES

Olhos tristes! vós sois como dois sóes num poente:
Cançados de luzir, cançados de girar;
Olhos de quem andou na vida alegremente
Para soffrer depois, para depois chorar...

Andam nelles agora, a vagar lentamente,
Como velas de náus sobre as aguas do mar,
As vossas illusões num rosario silente...
Olhos tristes, vós sois dois monges a rezar.

Sinto, ao vos ver assim, tão cheios de humildade,
Marinheiros cantando a canção da saudade,
Num côro de tristeza e de infinitos ais...

Olhos tristes! eu sei vossa historia sombria
E sei quanto chorais, cheios de nostalgia,
O sonho que passou e que não volta mais...

Luiz Edmundo.

NOSSOS CONCURSOS

Diligenciando corresponder por todos os modos ao generoso auxilio que o publico tem dispensado a esta Revista, creamos hoje uma nova secção, destinada, acreditamos, a despertar grande interesse aos numerosos leitores de *Kósmos*.

Successivamente e de accordo com o seu caracter, serão abertos nestas paginas concursos os mais variados, para os quaes desde já chamamos a attenção dos leitores.

Inauguramos a serie estabelecendo as condições para o

1.º-CONCURSO DE BELLEZA INFANTIL

1.ª—Poderão concorrer, enviando suas photographias, todas as MENINAS de 2 a 8 annos de edade, residentes em qualquer ponto do Brasil.

2.ª—As photographias terão o formato nunca inferior ao cartão-album, não devendo representar outras pessoas que não as concurrentes.

3.ª—Todas photographias terão no verso o nome das concurrentes, sua residencia, um pseudonymo que será reservado, e o nome do photographo.

4.ª—As photographias serão enviadas á Redação de *Kósmos* até 31 de Agosto de 1904, em envolucro fechado e com a indicação: «Concurso de belleza infantil».

5.ª—Encerrado o prazo para o recebimento das photographias, serão estas classificadas e entregues á Commissão julgadora composta de membros do nosso meio artistico e litterario—cujos nomes serão publicados posteriormente.

6.ª—Terminado o julgamento, cujo resultado será publicado conjunctamente com a reproducção das photographias das creanças premiadas, ficam aquellas á disposição das pessoas que as reclamarem com o pseudonymo indicado nas mesmas.

7.ª—*Kósmos* estabelece para este concurso 10 premios: 1 primeiro, 3 segundos, e 6 terceiros.

A menina classificada em primeiro logar receberá alem de um riquissimo brinde, 1 apolice remida de 1:000$000 da acreditada Companhia de seguros de vida A EQUITATIVA, pagavel quando a segurada completar 18 annos de idade.

Os demais premios constão de bellissimos brindes, cuja acquisição foi confiada á firma Lacarrière, Lafaille & C.ª de Paris.

8.ª—Todas as concurrentes classificadas terão seu retrato nas paginas de *Kósmos*, indicando o nome, idade, e bem assim o nome do photographo ou amador. autor da photographia.

9.ª—A redacção só responde pelas photographias entregues pessoalmente á rua da Alfandega n. 24.

COMMENTARIOS

O manifesto Assis Brazil — A Mensagem

MAL pensava eu, ao commentar, sob o meu criterio de observador já sem ardencias e sem enganos, a feição do nosso revisionismo, que tão cedo me viesse um dos seus mais altos paladinos reforçar os reparos com um ponderoso documento. Não fui eu quem encommendou, para dar vigor aos meus commentarios, o manifesto do Sr. Assis Brazil ; acredito piamente que ninguem, nem mesmo os revisionistas, me imputará tal aleive, nem supporá o illustre republicano suggestionavel, para qualquer effeito, por um politico que já não forma e que a maioria dos novos nem sequer conhece. Mas o facto é que elle, o manifesto, me veio a calhar.

O Sr. Assis Brazil teve na propaganda republicana logar distincto ; seu talento e seu caracter destacaram-n'o entre os batalhadores da nova fé ; quando sahiu da academia para o Rio Grande do Sul levava plumas de general. Lá, na organisação partidaria, feita sob a direcção firme de Julio de Castilhos, e ainda na Constituinte Federal, aonde o mandou o seu Estado na pleiade brilhante dos seus deputados, quiçá a mais brilhante do Congresso naquella época, o valoroso politico teve parte notavel.

Com o evolver dos factos politicos, não tardaram, entretanto, em dissentir, no Rio Grande, Castilhos e elle, apezar de estreitados, alem da communidade de crenças, por uma ligação intima. Na pratica, o liberalismo democratico do publicista da *Republica Federal* chocou-se com a organisação rigida do eminente modelador do Rio Grande actual.

Mas ao fundo da divergencia de doutrina, havia um facto humano, que por involuntario não era menos poderoso: a estatura politica do Sr. Assis Brazil era bastante avantajada já para que se deixasse dominar pela chefia absoluta de Castilhos. Defrontavam-se ahi, em um terreno que não podia ser partilhado, não sómente dois principios, mas duas forças capazes, conscientes ambas do seu valor e ciosas da propria influencia, abroquelada uma na sua concepção positiva do estado, armada a outra de uma democracia, que lhe era, ao demais, no momento, bandeira para a ruptura, signo para a reunião de todos os dissidentes. A collisão era fatal ; deu-se.

Separaram-se. E em torno do Sr. Assis Brazil congregaram-se os que se haviam apartado de Castilhos. S. Ex. era entre os republicanos dissidentes o chefe mais autorisado ; e, traçado o caminho pelas circumstancias, o antigo propagandista deu combate energico á situação do seu Estado, clamando contra a forma constitucional, que julgou oppressora das liberdades republicanas, clamando contra as praticas de governo, que affirmou violadoras da propria segurança individual, fazendo sentir, mesmo ausente do paiz, a influencia do batalhador. S. Ex. foi um revisionista franco e combativo, dentro do seu Estado e fóra delle.

A morte de Julio de Castilhos veio abrir um claro enorme na politica rio-grandense, ao mesmo tempo que as negociações do Acre punham em relevo a individualidade do Sr. Assis Brazil. Agitaram-se os federalistas, sob a esperança de uma remodelação politica no seu Estado, de um abrandamento da rigidez partidaria, não faltando áquella a suggestão de uma interferencia federal. Não sei si esta houve ; sei que os factos exteriores permaneceram e que apenas o Sr. Assis Brazil, terminado o litigio, resolveu naturalmente ir repousar um pouco no seu Estado natal.

Os seus antigos chefiados, porem, viram nessa ida o inicio de uma nova e decisiva campanha contra o castilhismo, avigorada pelo prestigio do chefe e favorecida pela falta do campeão contrario ; annunciou-se um manifesto.

Este veio realmente. Mas o manifesto não trouxe o esperado grito de guerra, a chamada ao combate. Elle expressa em longo discurso um pensamento que se resume em curta traducção.—O Sr. Assis Brazil acha, como eu, que nem tudo está perdido neste paiz, que nem tudo carece de absoluta reversão ; conserva as suas idéas, aliás custosas de esquecer em tão rapido tempo, mas pensa que a revisão não é um problema de solução urgente, que não se pode julgar uma forma que ainda não foi devidamente executada...

Sob a impressão do vacuo feito pelo desapparecimento de Castilhos, o Rio Grande transfigurou-se-lhe diante dos olhos: ainda lá está a constituição combatida, persiste lá, com o Sr. Borges de Medeiros, a mesma orientação de governo ; mas o illustre republicano acha, visivelmente, que a situação se adoçou sobremodo.

A queda do robusto antagonista inspirou-o diversamente dos seus antigos correligionarios. O lutador do *Presidencialismo* viu, em seguro golpe de vista, que no espaço vasio podiam caber bem elle e as suas doutrinas e pensou, de certo, como eu, que não vale a pena subverter formulas quando a questão é de homens... Dirigir é modificar, governar é rever ; e S. Ex. começou revendo os seus proprios principios.

Zangaram-se alguns dos seus, sem razão ; si alguem a teve, fui eu... Pensaria de modo diverso qualquer outro, em identica situação ?

O manifesto Assis Brazil foi uma nota forte neste periodo de *Commentarios*, mas não foi o unico facto interessante.

Tivemos, com a volta da primavera, a das andorinhas parlamentares. «Primavera falsa e convencional, de inexperiente plumitivo», dirão, de certo, relembrando a cinca geographica da vetusta figura; mas não serei eu quem vá ás mãos por isso. No fundo, a figura não violenta ninguem : primavera e parlamento accommodam-se perfeitamente no caso e acobertam-se bem, salvando a minha velha rhetorica de trinta annos, um ao outro. Não cuidemos, pois, de cousas minimas...

Com o Congresso tivemos, porem, um facto positivo—a *Mensagem* do Sr. Presidente da Republica, que nos dá sciencia de duas excellentes cousas: primeiro, que nos afastamos mais um pouco do abysmo classico, contemporaneo da nossa primavera de Maio, em que a toda hora está a se precipitar o paiz; segundo, que o Congresso terá este anno mais uma sessão de patriotico labor, votando, após o preciso debate, todas as medidas que a actividade mental do poder executivo lhe suggere, a elle executivo.

Não foi, aliás, grande sorpresa nem uma das duas. Não sou, já o disse de outra feita, dos que não veem no presente nada de bom e veem tudo de mau e á guisa de caminheiros que, perdida a noção da percurso, alongam os olhos para traz, onde a perspectiva distante reduz, constringe e alisa os detalhes, e enxergam a volta longinqua da estrada avivada no solo como uma sim les fita vermelha, acham que o caminho agora é insupportavel e que o trecho passado não tinha nem pedras nem buracos. Ao contrario, do meu retiro de medicina sertaneja, onde encantoei-me desde que sahi do *brouhaha* politiqueiro da minha terra, vejo as cousas como um burguez singelo, desligado de lutas, que, si não é de todo Pangloss, não dá de modo algum para o genero Cassandra; e penso que, *bon gré*, *mal gré*, vamos andando, mercê de Deus, o nosso caminho.

Quanto ao Congresso, é sabido já o zelo esforçado com que trabalha, todas as vezes que o governo se põe em actividade. Não se lh'o pode accusar de vadio; si em algumas legislaturas nada fez, foi porque o executivo dormiu sobre os interesses publicos.

E a prova tivemos na sessão passada, incontestavelmente operosa: não houve medida governamental que não fosse votada, interesse que não fosse attendido; o Congresso votou tudo, inclusive as autorisações em branco. Só não votou o codigo civil e a reforma eleitoral e deixou incompleta (é o adjectivo presidencial) a lei sobre impostos interestaduaes.

Mas serão votados, espero em Deus. A Mensagem presidencial neste ponto é solicita; e depois de declarar que foi muito proficuo o esforço do Congresso, «secundando as vistas do governo e habilitando-o com as leis e autorisações necessarias para bem gerir os negocios publicos», faz reparos sobre o que faltou. «Não podeis estranhar—diz—minha insistencia pela solução de assumptos de tanta importancia». Está visto que o Congresso não extranhará: votará, isto sim.

A sessão será proficua, portanto. Além do que faltou, ha medidas novas de que o governo carece, na ordem juridica, na ordem economica, na ordem militar, e que fazem parte do seu vasto programma. Ha trabalho, em verdade.

Dessas sobreleva-se o empenho pelo apparelhamento da defesa nacional, com o credito solicitado para reconstituição do material fluctuante da armada. Este será, parece-me, de 250 mil contos em seis exercicios, e já um jornal fallou em uma nova contribuição para isso.

Não clamo contra o imposto, cujo valor, ratinhado quasi sempre ao interesse collectivo, deixamos sem sentir, não raro, entre um vermouth e um chopp; o essencial é que delle nos venha verdadeiramente uma armada. Não basta a esquadra, é preciso, antes de tudo, o marinheiro.

Si ser marinheiro é ser intemerato, abnegado, sobrio, capaz de heroismos, de sacrificios e de privações, nós o temos; o Brazil disporá de milhões. Mas a guerra é hoje, mais do que nunca, uma arte, complicada e delicadissima. O combatente do mar, do grumete ao commandante, é o mechanico, familiarisado coom todas as molas que constituem o navio moderno, desde a helice impulsora até os apparelhos de tiro, fazendo-as moverem-se sem um desvio nem uma hesitação, firme e seguramente, sob a acção de uma vontade consciente e forte, na occasião decisiva; é o batedor de mares, que conhece aguas e costas como o vaqueano seus campos e sangas, e para quem não ha abertas, nem esconderijos, nem sorpresas.

Não basta ser soldado e ser bravo; é preciso ser artilheiro infallivel, machinista eximio, navegador impeccavel, tirando dos incidentes de terras e aguas a vantagem militar, sciente de que a victoria hoje é de quem tem a mão mais destra, o olhar mais prompto, o golpe mais seguro. E' a licção de Cuba e do Mar Amarello.

Não nos voltemos para a Europa, quer para o exemplo, quer para a desculpa: em cousas de guerra ella tem aprendido bastante ultimamente em casas alheias... Desenvolvamos as nossas proprias qualidades militares, afeiçoando-as á terra que hão de defender, eis tudo. E' ainda a lição dos Estados-Unidos e do Japão.

Por ora temos heróes, não temos marinheiros. Que nol-os dê o governo: nada mais pedimos do que isso...

Itaipú, Maio de 1904.

Sancho Alves.



CHRISTO E A ADULTERA

DE RODOLPHO BERNARDELLI

Com o Congresso [illegible], porém, um facto positivo — a *Mensagem* do Sr. Presidente da Republica, que nos dá sciencia de duas excellentes cousas: primeiro, que nos afastamos mais um ponto do abysmo classico, contemporaneo da nossa primavera de Maio, em que a toda hora está a se precipitar o paiz; segundo, que o Congresso terá este anno mais uma sessão de [illegible] labor, votando, após o preciso debate, todas as medidas que a actividade mental do poder executivo [illegible] e elle executivo.

Não foi, aliás, grande sorpresa nem uma das duas. Não sou, já o disse [illegible], dos que não veem no presente nada de nunca [illegible] de mau e á guisa de caminheiros que, perdida a noção do percurso, alongam os olhos para traz, onde a perspectiva distante reduz, constringe e alisa os detalhes, e enxergam a volta longinqua da estrada avivada no solo como uma vim les fita vermelha, acham que o caminho agora é insupportavel e que o trecho passado não tinha nem pedras nem buracos. Ao contrario, do meu retiro de medicina sertaneja, onde encantoei-me desde que sahi do [illegible] politiqueiro da minha terra, vejo as cousas como um burguez singelo, desligado de lutas, que, si não é de todo Pangloss, não dá de modo algum para o genero Cassandra; e penso que, *bon gré, mal gré*, vamos andando, mercê de Deus, o nosso caminho.

Quanto ao Congresso, é sabido já o zelo esforçado com que trabalha, todas as vezes que o governo se põe em actividade. Não se lhe o pode accusar de vadio; si em algumas legislaturas nada fez, foi porque o executivo dormiu sobre os interesses publicos.

E a prova tivemos na sessão passada, incontestavelmente operosa: não houve medida governamental que não fosse votada, interesse que não fosse attendido; o Congresso votou tudo, inclusive as autorisações em branco. Só não votou o codigo civil e a reforma eleitoral e deixou incompleta (é o adjectivo presidencial) a lei sobre impostos interestaduaes.

Mas serão votados, espero em Deus. A Mensagem presidencial neste ponto é solicita; e depois de declarar que foi muito proficuo o esforço do Congresso, «secundando as vistas do governo e habilitando-o com as leis e autorisações necessarias para bem gerir os negocios publicos», faz reparos sobre o que faltou. «Não podeis estranhar — diz — minha insistencia pela solução de assumptos de tanta importancia». Está visto que o Congresso não extranhará: votará, isto sim.

A sessão será promessa, portanto. Além do que faltou, ha medidas novas de que o governo carece, na ordem juridica, na ordem economica, na ordem militar, e que fazem parte do seu vasto programma. Ha trabalho, em verdade.

Dessas sobrelevam-se o empenho pelo apparelhamento da defesa nacional, com o credito solicitado para reconstituição do material fluctuante da armada: Este será, parece-me, de 250 mil contos em seis exercicios, e já um jornal fallou em uma nova contribuição para isso.

Não clamo contra o imposto, cujo valor, ratinhado quasi sempre ao interesse collectivo, deixamos sem sentir, não raro, entre um vermouth e um chopp; o essencial é que delle nos venha verdadeiramente uma armada. Não basta a esquadra, é preciso, antes de tudo, o marinheiro.

Si ser marinheiro é ser intemerato, abnegado, sobrio, capaz de heroismos, de sacrificios e de privações, nós o temos; o Brazil dispõe de milhões. Mas a guerra é hoje, mais do que nunca, uma arte, complicada e delicadissima. O combatente do mar, do grumete ao commandante, é o mechanico, familiarisado coom todas as molas que constituem o navio moderno, desde a helice impulsora até os apparelhos de tiro, fazendo-as moverem-se sem um desvio nem uma hesitação, firme e seguramente, sob a acção de uma vontade consciente e forte, na occasião decisiva; é o batedor de mares, que conhece aguas e costas como o vaqueano seus campos e sangas, e para quem não ha abertas, nem esconderijos, nem sorpresas.

Não basta ser soldado e ser bravo; é preciso ser artilheiro infallivel, machinista eximio, navegador impeccavel, tirando dos incidentes de terras e aguas a vantagem militar, sciente de que a victoria hoje é de quem tem a mão mais destra, o olhar mais prompto, o golpe mais seguro. E' a licção de Cuba e do Mar Amarello.

Não nos voltemos para a Europa, quer para o exemplo, quer para a desculpa: em cousas de guerra ella tem aprendido bastante ultimamente em casas alheias... Desenvolvamos as nossas proprias qualidades militares, afeiçoando-as á terra que hão de defender, eis tudo. E' ainda a lição dos Estados-Unidos e do Japão.

Por ora temos heróes, não temos marinheiros. Que nol-os dê o governo: nada mais pedimos do que isso...

Itaipú, Maio de 190[illegible].

Sancho Alves.



CHRISTO E A ADULTERA

DE RODOLPHO BERNARDELLI

DIVINA COMEDIA

CANTO VI

DO

PURGATORIO

AS ALMAS PEDEM A DANTE ORAÇÕES QUE LHES ABREVIEM O TEMPO DA EXPIAÇÃO. AVISTA-SE COM SORDELLO. IMPRECAÇÕES CONTRA A ITALIA E CONTRA FLORENÇA EM ESPECIAL.

1. Quando o jogo da *zara* é terminado,
Na amargura, o que perde, só ficando,
Os bons lances ensaia contristado.

2. A turba o vencedor acompanhando
Qual vai diante ou qual por traz o prende,
Ao lado qual se está recommendando.

3. A este e áquelle sem deter-se attende ;
O que lhe alcança a mão parte-se a pressa ;
De importunos desta arte se defende.

4. Cerca-se assim a multidão espessa,
Ora a uns, ora a outros me volvendo,
De cada qual me livro por promessa.

5. O Aretino aqui'stava: golpe horrendo,
De Ghin Tacco por máo, cortou-lhe a vida ;
E o que na fuga se afogou, correndo.

6. Aqui rogou-me, em supplica sentida,
Frederico Navello e esse Pisano
Por quem Marzucco acção fez tão subida.

7. Vi o Conde Orso ; e aquelle, que o seu damno
Mortal, pelo odio e inveja, recebera,
Como dizia, e não por feito insano.

8. Alludo a Pedro Brosse. A que ora impera,
Do Brabante, se apresse a ter cautela,
Senão, da grei maldicta a estancia a espera.

9. Qando emfim pude me esquivar áquella
Turba, que preces sofrega pedia
Para a entrada apressar na mansão bella.

10. «Em texto expresso»—eu disse— «ó douto Guia,
Do teu livro affirmaste que a vontade
Do ceu por orações não se movia.

11. «Mas pede-as essa grei com anciedade:
Seria acaso van essa esperança?
Ou comprender não pude essa verdade?

12. —«Seu sentido a tua mente»—disse—«alcança ;
Por van essa esperança não fallece ;
Quanto é certa a razão nol-o affiança.

13. «A Justiça do ceu não desfallece,
Porque flamma de amor num só momento
O devedor redime, que padece.

14. «Lá onde expuz aquelle pensamento
Não podia oração solver peccado,
Pois distante de Deus estava o intento.

15. «Porém neste problema sublimado
A' mente por quem ha summa sciencia
Te será puro lume revelado.

16. «Por quem? Por Beatriz. A continencia
Feliz, ridente lhe verás ao viso
Quando houveres subido da eminencia.»—

17. Tornei:—«Andar mais presto ora é preciso ;
Como de antes, não sinto mór fadiga,
E da montanha a sombra já diviso.»—

18. «Como podermos, é mister prosiga
O passo, em quanto o dia não se finda ;
Mas te engana o desejo que te instiga.

19. «Antes do cimo aguardarás a vinda
D'esse astro occulto agora pela encosta ;
Não refranges os raios seus ainda.

20. «Aquella sombra vê, de parte posta,
Que, em soledade, attenta nos esguarda:
A vereda dirá melhor disposta.»

21. Chegamo-nos. O' nobre alma lombarda,
Como estavas altiva e desdenhosa,
Dos olhos no meneio grave e tarda !

22. Ella em nós encarou silenciosa,
Mas deixava-nos vir, nos observando,
Qual leão no repouso, magestosa.

23. Virgilio apropinquou-se, lhe rogando
Nos mostrasse a mais commoda subida.
Respondeu-lhe, sómente perguntando

24. Qual fora a patria nossa e a nossa vida.
A falar o meu Guia começava—
«Em Mantua...» quando a sombra, commovida,

25. A elle se enviou d'onde se achava,
«Sordello sou—dizendo—«em Mantua amada
Nasci tambem.»—E amplexo os estreitava.

26. Ah ! serva Italia da afflicção morada !
Nau sem piloto em pego tormentoso !
Rainha outr'ora, em lupanar tornada !

27. Esse espirito nobre e deleitoso
Nome escutando só da doce terra,
Logo o patricio acolhe carinhoso:

28. Os vivos raivam no teu solo em guerra;
Se encarniça um no outro ferozmente
Os que um só muro, uma só cava encerra.

29. Busca, ó misera Italia, diligente
No maritimo teu, busca em teu seio:
Onde acha paz a tua infausta gente?

30. Justiniano em vão te ageitar veio
A brida; a sella fica abandonada:
Maior vergonha te ha causado o freio.

31. Ah! Curia! Aos teus deveres dedicada
Deixar te cumpre a Cesar todo o mando,
Como a lei quer por Christo decretada!

32. Vê como, aos maus instinctos se entregando,
Ira-se a fera por faltar-lhe espora,
Depois que inhabil mão 'stá governando.

33. Alberto de Germania! Attenta agora
Que se ha tornado indomita e bravia;
Cavalgado a deveras ter outr'ora!

34. Do ceu justo castigo deveria
Os teus ferir,—tão novo e tão sabido,
Que espante o successor da monarchia!

35. Tu e o teu genitor heis consentido,
Distantes, por cobiça, em terra estranha,
Que do Imperio o jardim'steja esquecido.

36. Vê, descuidoso, na afflicção tamanha
Cappelletti e Montecchi entristecidos,
Monaldi e Filippeschi alvo de sanha.

37. Vem, cruel, ver fieis teus opprimidos:
De tanto opprobrio seu toma vingança.
Vê como em Santafior estão regidos.

38. Vem ver tua Roma! De carpir não cança!
Viuva e só a todo o instante clama:
«Vem, Cesar! Vem! Não mates minha esp'rança!

39. Vem ver como a si proprio o povo se ama!
E se por nós piedade não te move,
Mova-te o zelo pela tua fama!

40. Se me é dado dizer,—Supremo Jove,
Dos homens por amor sacrificado,
Mal tanto a nos olhar não te commove?

41. Ou tens ao nosso mal apparelhado,
Lá dos conselhos teus no abysmo immenso,
Algum bem, ao saber nosso vedado?

42. As cidades de Italia um tropel denso
De tyrannos subjuga e qual Marcello
Se acclama o faccioso, á patria infenso.

43. Has de, Florença minha, haver por bello
Este episodio, a ti não referente,
Mercé do povo teu, de outros modelo.

44. Muitos, justiça tendo em peito e mente,
Por desfechar seu ar o ensejo aguardam:
Teu povo a tem nos labios permanente.

45. Muitos de encargos publicos se guardam;
Mas teu povo solicito se off'rece,
Gritando: — «Prompto estou! em dar-m'os tardam!»—

46. Exulta! A causa o mundo bem conhece:
Tens prudencia, tens paz, possues riqueza.
Falo a verdade, e o effeito transparece.

47. Athenas, Sparta, que a tão summa alteza
Por leis e instituições se sublimaram,
Sem governo viveram na incerteza,

48. Se, Florença, comtigo se comparam,
Que em Novembro tens visto revogadas
Leis subtís que em Oitubro se forjaram.

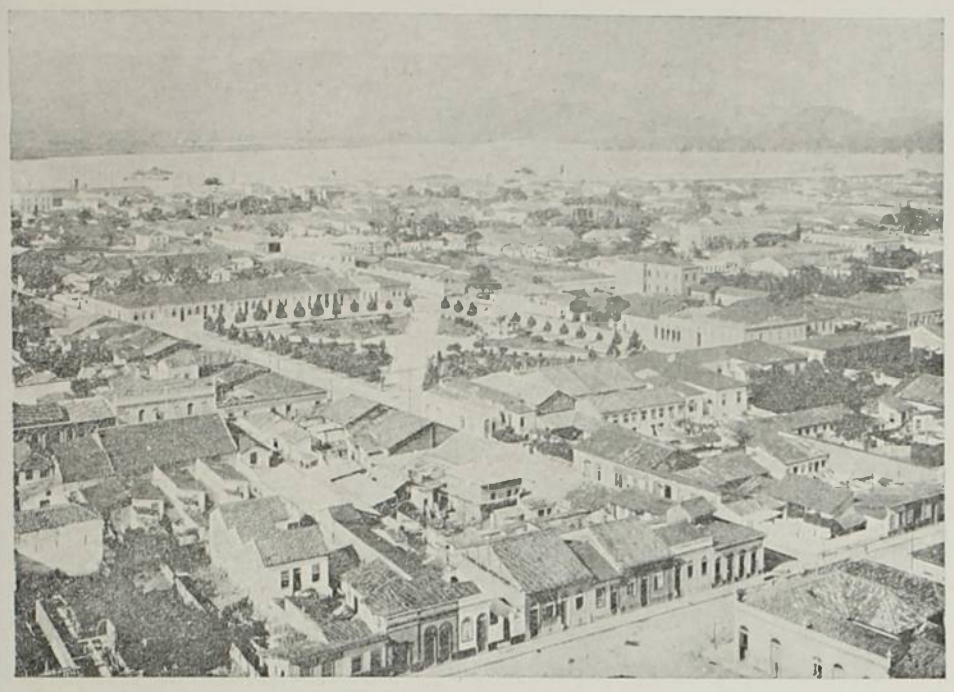
49. Quantas vezes hão sido transformadas,
Em breve tempo, lei, moeda, usança?
Quantas indole e forma renovadas?

50. Se vês ao claro e tens viva lembrança,
Ao enfermo has de achar que és similhante,
Que, no leito jazendo, não descansa;
Em vão se agita, a dor vai por diante.

J. P. Xavier Pinheiro.

(Inedito).

AGUAS DA CIDADE DE SANTOS



TRECHO DA CIDADE DE SANTOS

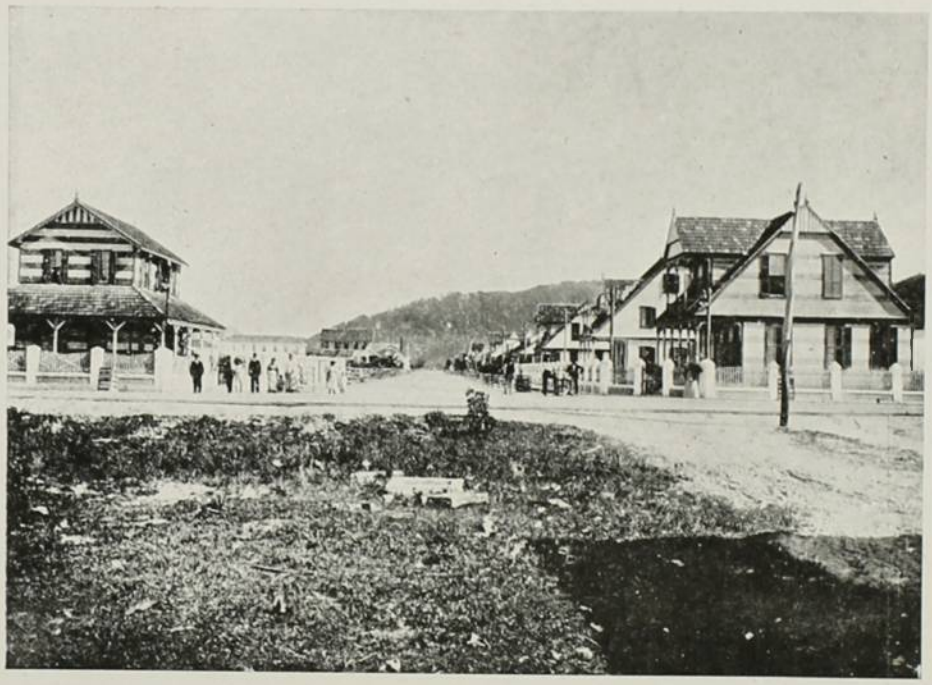
A cidade de Santos é actualmente de todas as do Brazil, á beira-mar situadas, a que mais se avantaja em melhoramentos materiaes de primeira ordem. Entre estes salienta-se o seu porto, que, muito abrigado contra os ventos maritimos e francamente accessivel aos maiores navios, já é dotado de mais de 2000 metros de caes profundos e bem apparelhados para a carga e descarga de mercadorias, sendo que sómente dentro de alguns annos deparará com um rival no porto do Rio de Janeiro.

Não tem tambem similares em outros pontos da costa brazileira as limpidas e pittorescas praias de banhos dos arredores providos de confortaveis estabelecimentos de hospedagem e de recreio, como a do arrabalde da Barra até «José Menino» e mais além a encantadora villa balnearia do Guarujá.

Notavel se tornou aliás a melhoria das condições de salubridade da cidade, devida não sómente ás proprias obras do porto, fazendo desapparecer as antigas infectas praias, sobre as quaes se projectavam construcções de madeira pessimamente conservadas e mal servindo ao movimento das mercadorias, como tambem aos trabalhos de aperfeiçoamento e ampliação que desde 1896 pouco a pouco se vão realizando na rêde de esgotos, e ao efficaz apparelhamento do serviço sanitario em fórma de hospitaes de isolamento e desinfectorios.

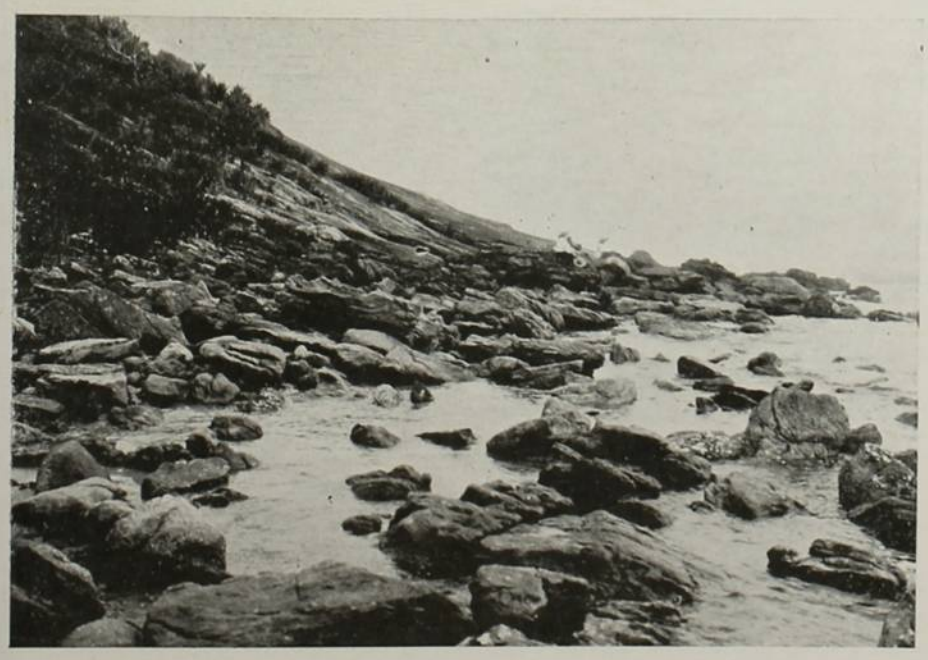
Para o extraordinario resultado já alcançado sob o ponto de vista hygienico é sem duvida factor de grande valía a abundante provisão de agua potavel com alta pres são e de inexcedivel pureza; e neste particular póde presentemente a cidade de Santos ser considerada como tendo a primazia no Brazil.

De facto em virtude do contracto, que foi celebrado em 1897, com o Estado de São Paulo,—tendo sido elaborado pela Commissão do Saneamento cuja direcção coube então immerecidamente ao autor da presente noticia—a Companhia City of Santos Improvements, encarregada do serviço das aguas, que dantes dispunha de dous encanamentos adductores

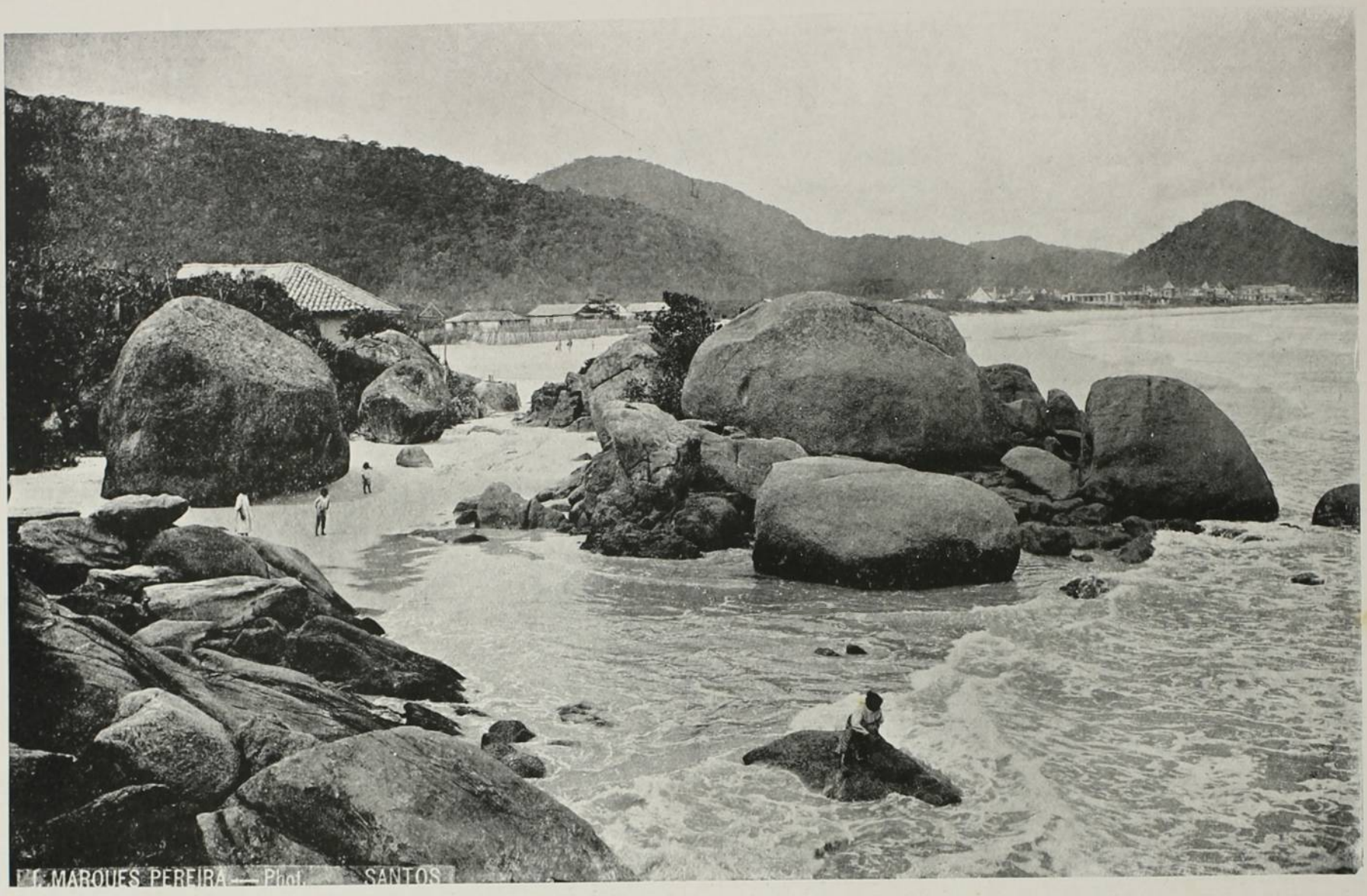


SANTOS—GUARUJÁ—RUA CENTRAL

de 0,^{m}30 e de 0,^{m}25, capazes de fornecer á cidade no maximo a quantidade de 5.000.000 litros em 24 horas, ampliou o serviço, de maneira a abastecel-a com mais 18.000.000; assim é que avaliada em cerca de 35.000 habitantes a população, que goza desse beneficio, o supprimento poderia ser feito actualmente á razão de mais de 650 litros diarios por cabeça; tão avultado volume d'agua não é comtudo distribuido na realidade, sendo que em 1901 a maxima quantidade fornecida durante 24 horas ás 4946 derivações prediaes então existentes, foi de 12.620.000 litros, o que daria em média cerca de 360 por habitante, ou mais de 2.500 para cada casa; tal quantidade é superior a aquella a que a Companhia é obrigada pelo seu contracto. Tem ella aliás por uma das clausulas deste, de fornecer diariamente 1.200.000 litros aos tanques de lavagem automatica dos esgotos e



GUARUJÁ



GUARUJÁ

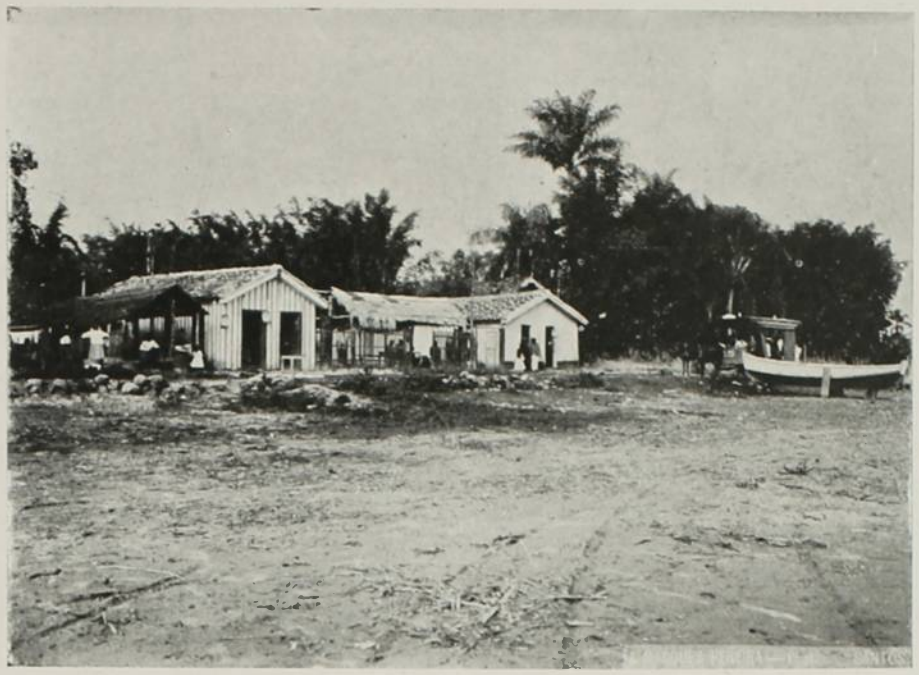


GUARUJÁ

mais 600.000 aos chafarizes; e outra clausula proveu para que fosse reformada a rêde de distribuição, de maneira a eliminar as canalizações de diametro inferior a 0,m10, salvas as derivações para os predios.

O supprimento d'agua provém dos copiosos e perennes mananciaes da alterosa serra do Mar, ou de Paranapiacaba, como ahi se denomina, a qual á distancia de 15 a 20 kilometros de litoral, se levanta bruscamente a mais de 800 metros de altitude sobre o nivel do mar, nos pontos mais baixos da cumiada; nessas alturas acha-se uma das regiões mais pluviosas do Brazil, sendo que ahi observou-se a maior queda annual de chuva entre nós registada.

Nascidos das alcantiladas abas, cobertas de mattas da referida serra vem os dous pequenos rios Cubatão e Mogy, com o curso de 30 e 18 kilometros respectivamente, desembocar conjuntamente no fundo do vasto estuario, que encerra a ilha, em que é situada a cidade de Santos, tendo antes corrido, em sentido contrario, por valles quasi parallelos ao litoral, entre a serra principal e os altos espigões ou contrafortes do mesmo nome que os referidos rios. Avolumam-se

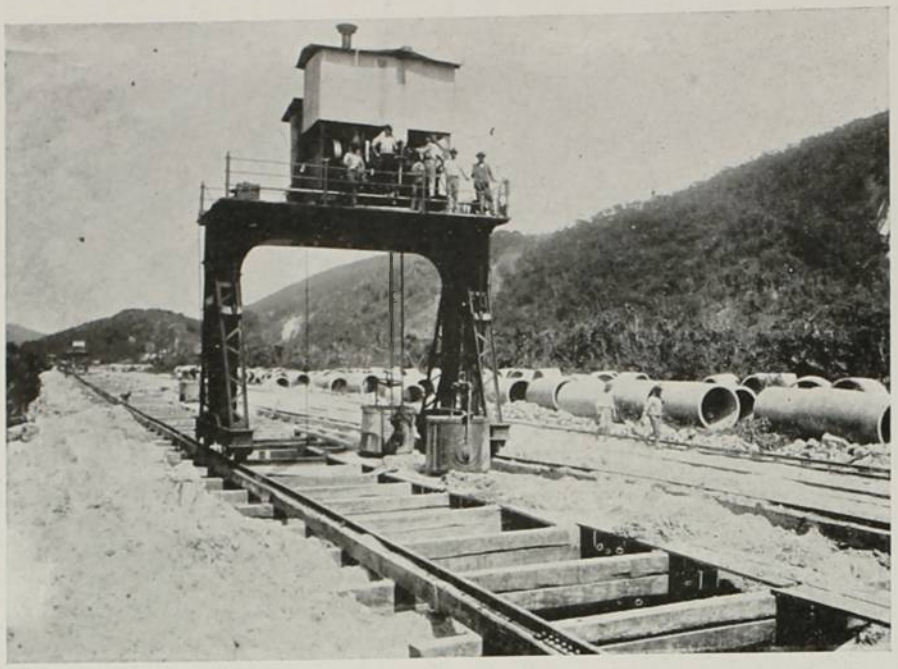


SANTOS—PONTA DA PRAIA, PONTO DE BONDES

estes, sobretudo o Cubatão, com as aguas de numerosas nascentes e de riachos que se despenham de grande altura, nomeadamente o rio das Pedras, cuja altissima cascata avista-se da cidade em alva faixa, destacando-se sobre o verde sombrio das florestas.



PONTE SOBRE O RIO CUBATÃO



CONSTRUCÇÃO DO NOVO COLLECTOR DE ESGOTOS



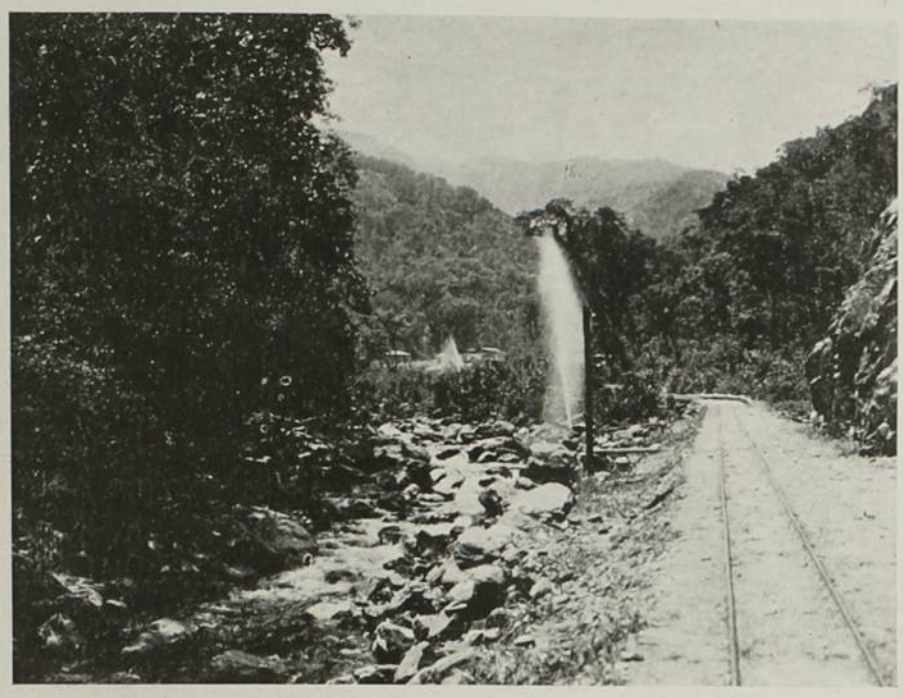
ANOMALIA CURIOSA. CARREGADORES COM 240 KG.



RESERVATORIO DE ACCUMULAÇÃO

Emquanto pelo valle do Mogy acima a São Paulo Railway desenvolve os seus dois systemas de planos inclinados, um antigo e outro de recente construcção, certamente os mais notaveis specimens de tracção funicular, que a engenharia engendrou ; é das vertentes do Cubatão que a cidade de Santos se abastece

d'agua com superabundancia, e em futuro proximo colherá com profusão a potencia hydraulica necessaria para, convertida em energia electrica, mover os

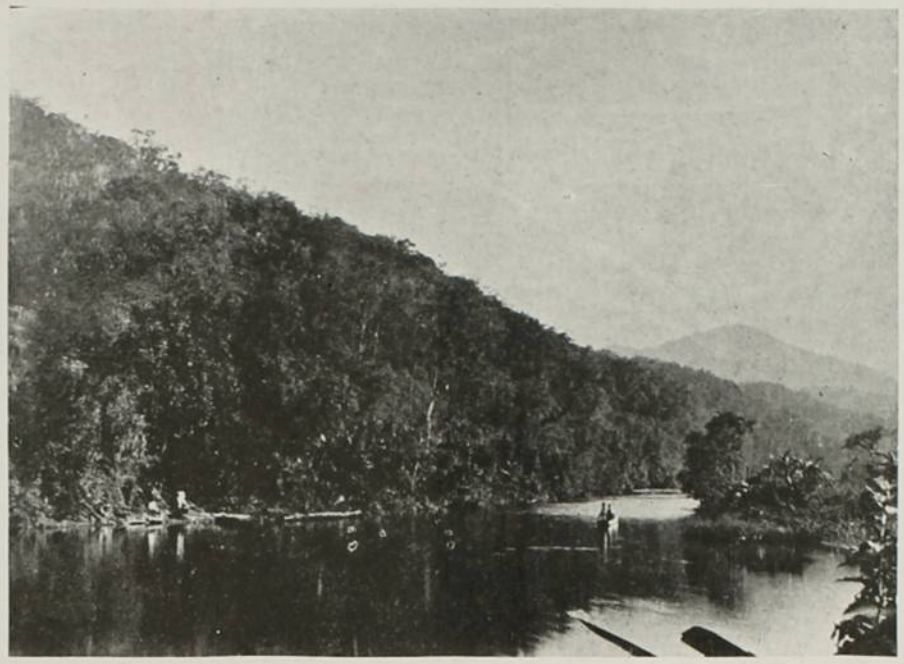


RIO DOS PILÕES

bondes, que sobre extensas linhas de carrís percorrem a cidade e seus arrabaldes, accionar as innumeras machinas e apparelhos que a Companhia Docas de Santos installou sobre os caes, nas officinas e nos armazens, e trafegar, talvez, as linhas ferreas de bitola larga da mesma Companhia, cuja extensão total já se elevava a 12.800 metros em 1902.

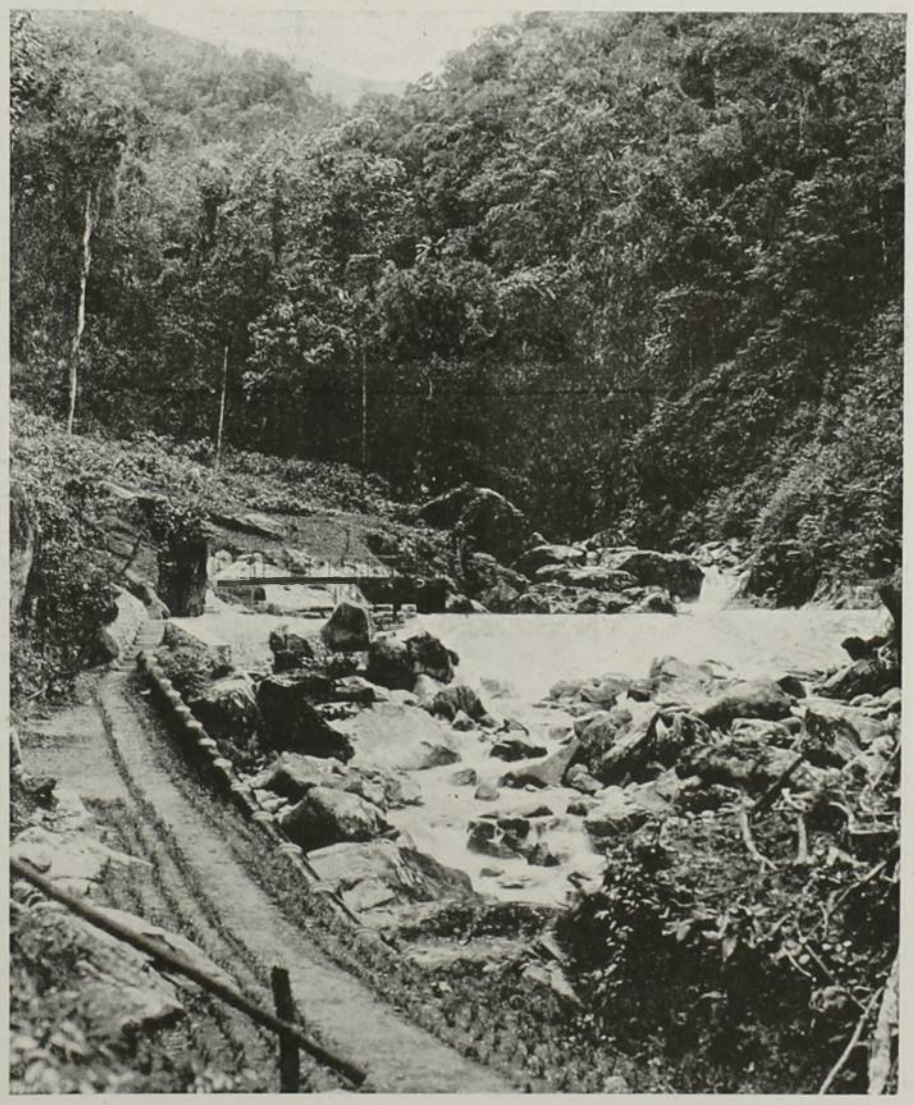
Para o novo abastecimento d'agua haviam sido analizadas as aguas do rio Cubatão e de alguns dos torrentosos riachos que nelle se lançam, e procedera-se á medição das respectivas descargas em extrema estiagem, donde resultou a preferencia dada ao rio Pilões, com alguns dos seus affluentes, por satisfazerem cabalmente a todos os requisitos exigidos. As aguas captadas em pequenas reprezas são recolhidasa uma bacia de accumulação e decantação com dois compartimentos e da capacidade de 1400 metros cubicos, donde parte a linha adductora composta de tubos 0,^{m}50 de diametro, com uma differença de nivel de 58 metros com relação ao reservatorio de distribuição, sito na cidade, e o desenvolvimento total de 19448 metros.

A começar do reservatorio o encanamento mestre



RIO CUBATÃO

percorre a velha estrada de rodagem do Cubatão, ao lado da São Paulo Railway, aproveitando os pilares da ponte sobre o Casqueiro, braço de mar que separa da terra firme a ilha, onde é sita a cidade, e nokilometro 11 abandona a estrada, atravessando uma planicie, cortada de cambôas e plantada de bananeiras, em demanda dos morros que fecham o aprazivel valle do rio Cubatão; este corre encaxoeirado sobre um alveo de seixos rolados, desenrolando-se pelas suas margens varzeas fertilissimas e em parte cultivadas, que as cheias fluviaes não attingem senão excepcionalmente. A Companhia City of Santos Improvements para mais facilmente effectuar o assentamento dos tubos da linha adductora, construiu previamente a partir da estação de Cubatão da São Paulo Railway uma pequena ferro-via, a qual transpõe sobre numerosos pontilhões com vigas de ferro, cambôas e ribeirões, e sobre uma ponte metallica de dois lanços de 18,5 metros o rio principal, e acompanha o traçado da linha adductora pelo valle deste



REPREZA

e do rio dos Pilões acima, até onde as condições de declividade do terreno permittem a tracção ordinaria por locomotivas.

A' semelhança da Estrada de Ferro do Rio de Ouro no Rio de Janeiro e do Tramway da Cantareira na capital Paulista, a via-ferrea presta-se perfeitamente ao diminuto trafego de passageiros e mercadorias, e por certo contribuirá para o desenvolvimento material dessas paragens ás quaes não faltam attractivos para tornarem-se um arrabalde frequentado da cidade de Santos.

Graças ao *Kósmos* foi possivel representar pela imagem alguns aspectos d'aquelle mimoso recanto e de alguns trabalhos nelle realizados, com a fidelidade e o brilho, que a palavra descriptiva raramente comporta.

Alfredo Lisboa.



FALQUEJADORES—QUADRO A OLEO DE BENEDICTO CALIXTO

FIGURA NO PAVILHÃO BRASILEIRO DA EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ

TRES SONETOS INEDITOS

SONETO

Era uma fada tão suave e pura
Que ao vel-a o coração me estremecia;
E minh'alma exhalar-se parecia
Em arroubos de meiguice e de ternura.

Era um typo de etherea formosura,
Que as imagens do céo reproduzia;
Era um anjo no exilio que dormia
Insensivel a tanta desventura.

Cego de amor contei-lhe minhas dores,
Dediquei-lhe minh'alma estremecida,
E sagrei-lhe meus unicos amores.

Ouviu-me a historia—não ficou sentida;
Viu-me em torturas—não mudou de côres;
Era uma estatua estupida e sem vida!

S Paulo—1848.

F. Octaviano.

SONETO

Tem nas faces de neve a côr do pejo
E nos langues olhos a do céo pintada;
E' nuvem d'oiro a trança desatada
Cobrindo o seio sofrego desejo.

Em seus labios de rosa era um só beijo
Demais p'ra ser-me a vida evaporada;
Pois só com um seu sorriso d'enleiada
Quasi morta de amor minh'alma vejo.

Não tem anjo do céo como as tem ella,
Tão lindas formas, tanta graça e encanto,
Nem a terra possue virgem mais bella!

Nem lá nem cá tambem já se amou tanto
Como eu te amei, casta e gentil donzella,
Que um anjo foras a não ser meu pranto!

S. Paulo—1848.

Silveira de Souza.

(Conselheiro).

SONETO

Era um anjo ou serafim cuja magia
D'enlevo todo o ser me arrebatava;
Era o ente ideal com que sonhava
Cuja imagem o peito me prendia.

Era o sonho continuo—si dormia;
Era a forma que eu via—si velava;
Era tudo que ao mundo me ligava
Só quem por mim na dor intercedia!

Cégo na adoração, mystico enleio,
Em que a alma se partia docemente,
Tentei ao seio meu unir seu seio

Não quiz—e repelliu-me friamente,
Quebrou tanto mysterio sem receio,
Era apenas mulher e tão sómente!

S. Paulo—1848.

Silveira da Motta.

(Cons. José Ignacio Silveira da Motta).

Estes sonetos têm sua historia: originaram-se de uma discussão havida entre seus autores, influenciados, como todos os seus collegas da Faculdade de Direito de S. Paulo, pelas idéas byronianas.

Foi em uma noite de inverno de 1848, não podemos precisar bem o mez, que, em uma das republicas de então, travou-se acalorada discussão sobre a fidelidade da mulher entre os autores dos sonetos: Francisco Octaviano, Silveira da Motta e Silveira de Souza e mais Pinto Junior,

A essa discussão, que foi um brilhante torneio de espirito, assistiram entre outros José Bonifacio, o moço, José de Alencar, Aguiar de Andrade, Almeida Areas, Justinio, Araujo Brusque, Alves de Azambuja, Oliveira Bello, Bernardo Gavião, Alvares de Azevedo, Leonel de Alencar, os irmãos Mendonça, Joaquim F. de Faria e outros.

Como fecho da brilhante pugna Francisco Octaviano recitou o soneto, recebido, como todas as suas producções com applauso unanime. Ainda não estavam extinctos os applausos quando Silveira da Motta dirigindo-se a Octaviano disse:

—O teu soneto é um cartel de desafio! Amanhã farei tambem o meu soneto.

No dia seguinte reuniram-se todos para ouvirem o soneto de Silveira da Motta, que tambem foi recebido com agrado e nessa occasião Silveira de Souza exclamou:

—E porque eu não farei tambem um soneto?

Com effeito, após alguns dias de desapparecimento, em que não foi visto nem na Faculdade nem em nenhuma republica—(naquelles tempos ainda não se conheciam as casas de chopps)—convocou os collegas e leu-lhes o soneto.

Foi nomeada uma commissão para classificar os sonetos; porém essa commissão nunca desempenhou-se do encargo,

Eis a origem dos tres sonetos.

O venerando conselheiro Olegario, presidente do Supremo Tribunal Federal, evocando suas reminiscencias, poderá confirmar esse éco daquella época aurea da Paulicéa.

UM "PASTEL"

DE certo o Sr. prefeito do Districto Federal terá passado varias vezes pela antiga rua Leopoldina; não ha muito mesmo o distincto administrador transitou por alli, de caminho para a Escola de Bellas Artes, onde ia tomar parte no julgamento das fachadas em concurso para a Avenida Central. S. Ex. não attentou, naturalmente, nas placas que marcam as esquinas das ruas, como não attentaram os predecessores de S. Ex.; e si o tivesse feito, nem por isso lhe causaria maior impressão o nome gravado nas letras da placa indicadora.—*Barbosa de Alvarenga*... Que tem de extraordinario? E' um nome desconhecido. Mas si de outra cousa não estão cheias, com poucas excepções, as ruas do Rio de Janeiro!

E o Sr. prefeito, si porventura reparou na placa, passou adiante. Ah! si o incansavel reformador fosse a dar expressão aos nomes que se immortalisam nas esquinas da cidade, gastaria mais tempo e energia do que para converter em avenidas todas as ruas tortas desta heroica S. Sebastião!

Entretanto, essa placa representa um caso especial. E' um "pastel", como dizemos em linguagem typographica, um "gato" official que está a pedir a correcção da operosa autoridade, cuja funcção particular tem sido a de revisor de erros e aleijões administrativos.

Quando veio a Republica, a primeira intendencia municipal cuidou de corrigir em parte a nomenclatura dos logradouros publicos, especialmente a daquelles em que se sentia mais fortemente o resaibo monarchico, substituindo as velhas denominações por outras que, eternisando os humildes que soffreram e succumbiram por um ideal civico, representassem a paga da divida contrahida com os seus precursores pela democracia victoriosa.

Entre esses logradouros estava a rua *Leopoldina*. Era este o nome de uma princeza, nada mais; de uma senhora que tivera pelos acasos da maternidade privilegios e grandezas, e que na vida nacional passara despercebida e inexpressivamente entre um nascimento feliz e a expatriação voluntaria ao lado de um consorte allemão. A intendencia republicana entendeu de sobrepor a esse nome imperial alguma cousa que fosse mais caracteristicamente povo, um nome que exprimisse de perto as suas lutas e o seu heroismo, que symbolisasse melhor a mulher brazileira, na sua nobre, abnegada e enternecida dedicação. E o nome dado foi o de *Barbara de Alvarenga*.

Barbara de Alvarenga fôra a mais bella figura feminina da tragedia da Inconfidencia Mineira. Não da belleza physica. Não possuira a formosura carnal de Dorothéa de Seixas, a *Marilia de Dirceu*, como não tivera tambem a frivolidade galante que chumbou mais tarde ás chronicas mexeriqueiras da côrte do governador da capitania o nome da apaixonada de Gonzaga. Esposa de um Inconfidente, o illustre Alvarenga, Barbara resumiu o typo da mulher identificada com o esposo pela paixão e por uma alta noção de dever, fundida de corpo e alma nos seus destinos, soffrendo os seus martyrios e irradiando nos seus jubilos. Barbara acompanhou todos os transes e sobresaltos da Conjuração, vibrando duplamente pelo amor e pelo patriotismo, e, quando veio a traição e a derrocada fatal, seguiu seu marido na desventura.

As fibrilhas delicadissimas daquelle organismo sensivel tinham, porém, vibrado intensamente de mais para que elle se não alterasse: Barbara perdeu a razão. Entenebreceu-lhe o espirito a mesma sombra pesada que cahira sobre a patria.

Foi o nome dessa mulher—encarnação a mais viva dos altos dotes moraes da mulher brazileira—que a Republica mandou inscrever no logar do da duqueza de Saxe. Mas um copista qualquer, ao transladar para o trabalho ao gravador as designações novas, —ou porque fosse confusa a garatuja original, ou porque lhe causasse duvidas aquelle nome de mulher ignorada e que, ao demais, nem era proprietaria dos terrenos da rua—truncou-o, "empastellou-o" para—*Barbosa de Alvarenga*. Neste, ao menos, havia melhor a presumpção de capitalista.

E a placa foi feita com o "pastel", e foi pregada, e o "gato" passou a figurar officialmente nas esquinas da rua. A má sina que desfigurara a intelligencia á generosa mineira desfigurava-lhe ainda, cem annos depois, a primeira e singela homenagem que lhe prestava a Republica.

E o "pastel" ficou. Houve já quem na imprensa chamasse o zelo dos competentes para aquelle indesculpavel aleijão, mas debalde. A placa ainda lá está, ha trese annos.

Ao actual prefeito está, de certo, reservado corrigir aquelle "pastel", triste documento, não já de desapego civico, mas de extranho descuido administrativo. A S. Ex. cabe, honrando a Inconfidencia—cujo magno heróe não teve ainda um monumento na capital da patria entresonhada—integrar na sua modesta consagração o nome daquella que viveu de dedicar-se e enlouqueceu de amar.

1904—21 de Abril.

Lindolpho Azevedo.



ESCOLA MILITAR — RIO DE JANEIRO

VIDA LITERARIA

A ORTHOGRAPHIA PORTUGUEZA

EMQUANTO a anarchia orthographica da lingua portugueza não for corrigida e substituida por um regular systema de escripta por todos praticado a questão orthographica será para os que escrevem sempre momentosa e opportuna. E' uma trivialidade que cada dia se escreve mais do que se escrevia, e tambem que o habito de escrever se não restringe hoje a um numero limitado de pessoas, geralmente cultas, como ha seculos succedia, sinão, em cada nação civilizada, é da maioria da população. Esse mesmo escól que dantes escrevia, minoria pequenissima em meio da maioria inculta, nunca verdadeiramente tomou muito a peito a orthographia ; ou escrevia como falava ou ouvia, ou, num proposito de erudição, reagia contra a corrente e as tendencias naturaes da lingua, e fantasiava uma graphia, a que se chamaria de etymologica, quando na maior parte não o era. Este facto deu-se em todas as linguas novi-latinas ao menos.

E foram estas duas contrarias tendencias que levaram os cultos a escreverem, como o Padre Antonio Vieira por exemplo, *sey, direy, aver-se, he, mayor, hum*, etc. Mas quando o costume de escrever se faz geral, quando nas nações os illetrados tendem a ser minoria—e em algumas já o são—e os letrados a maioria, e a nossa principal preocupação é a cultura das massas analphabetas, tal anarchia não pode decididamente continuar, e ha até um dever superior para as classes chamadas dirigentes ou governantes de facilitar o advento das classes somenos á cultura alphabetica geral, facultando-lhe as condições de o conseguirem. Uma dessas é um regimen racional, systematico, de escrever, e, portanto, de ler. Póde-se, pois, dizer que a questão orthographica na lingua portugueza, passou do dominio da theoria, da grammatica, do lexico, da philologia, em summa, para o da pratica, para o das acções sociaes. Si todo o homem, qualquer que seja a sua condição na sociedade, ha de saber ler e escrever, deve-o saber bem, e poder aprendel-o com facilidade e possuir esta sciencia sem difficuldade.

E' esta, sem duvida, a principal inspiração dos que por toda a parte se têm posto á frente dos movimentos em pról dos systemas chamados de simplificação orthographica, e talvez seja essa inspiração que provoca ao seu generoso proposito os embaraços, as hostilidades, que lhes movem os velhos adversarios de todo o progresso que desattenda aos seus preconceitos, grammaticos, esthétas, literatos, em nome de razões ridiculas, futeis, e—ai dos grammaticos!—até erradas.

Pois bem, esta questão, da simplificação orthographica do portuguez, volta novamente á discussão, e não, desta vez, amparada por um revolucionario sem philologia, por um literato foragido aos fanatismos da funcção, ou por um simples amador sem estudos, sinão por um dos mais sabedores e autorizados philologos dos cinco ou seis de que se honra Portugal, e cujos trabalhos, já numerosos e meritorios, não são daquelles que permittem duvida sobre o saber e as capacidades dos seus autores. Com os Srs. Adolpho Coelho, Leite de Vasconcellos Abreu, A. Cortesão, para não falar sinão dos que de leitura conheço, o Sr. Gonçalves Vianna, o escriptor a quem me refiro, é, sem duvida, hoje, um dos mais seguros sabedores da philologia portugueza.

Acaba elle de publicar um livro da mais alta importancia para a questão orthographica no portuguez; chama-se, *Ortografia nacional*, e traz o sub-titulo, *Simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas*. O Sr. Vianna começa logo, como vê o leitor, praticando o seu systema, e todo o seu livro é nelle escripto, sem que entretanto, pode o leitor verificar por si mesmo, isso torne de modo algum a leitura menos facil, ou incommoda.

Desde maio de 1900 que o Sr. Gonçalves Vianna lêra á Academia Real das Sciencias de Lisboa um questionario orthographico por elle formulado e que, por deliberação daquella Sociedade, foi impresso e distribuido entre os seus socios, afim de que respondessem ás questões ali apresentadas, nas quaes se compendiavam todas, ou quasi todas, as duvidas e divergencias, já sobre preceitos orthographicos, já sobre a sua applicação, e meios de uniformizar os varios systemas até agora propostos ou seguidos por escriptores portuguezes. Uma commissão da Academia foi tambem nomeada para recolher as respostas e, depois de as estudar, pronunciar-se sobre ellas, manifestando-se sobre a reforma a adoptar.

Aquelle questionario é a base fundamental do livro do Sr. Vianna.

Podia-se até aqui arguir aos reformadores da nossa orthographia de que os seus planos careciam de systema, ou não eram, ao menos, bastante consistentes. No do Sr. Vianna ha as duas cousas, um systema e esse consistente, tanto pelo menos quanto se pode exigir de uma reforma orthographica, que por sua propria natureza não pode attingir a um rigor geometrico. Segundo o Sr. Gonçalves Vianna a nova orthographia portugueza — ou antes nacional, como elle prefere chamar-lhe, limitando-a ao dominio da lingua na nação portugueza — deve, em primeiro lugar, assentar na pronunciação geral, correcta, do paiz, isto é, "deve ter por fundamento representar todas, ou as principaes pronunciações legitimas, sem figurar exclusivamente nenhuma", e mais, "que a escripta deve expressar com rigor os accidentes communs a todo o dominio portuguez, desattendendo-se os especiaes que não tenham fundamento historico dentro da propria lingua. "Depois "no estudo conscienccioso da evolução do idioma patrio, para que tambem não haja descontinuidade manifesta na sua escrita, com respeito ás diversas épocas em que podemos classificar as alterações que foi soffrendo até o seu estado actual, e bem assim ao seu desenvolvimento presumivel futuro". E' um rigoroso processo philologico, completo, allumiado por acurados estudos da phonetica e da morphologia dos vocabulos portuguezes, que o Sr. Gonçalves Vianna realiza no seu livro.

A evolução ultima da orthographia portugueza, cujo termo decisivo me parece ser a reforma offerecida pelo Sr. Gonçalves Vianna, evidentemente denuncia uma tendencia favoravel á simplificação e systematização da nossa anarchica orthographia. A ambas essas correntes cedem, mais ou menos, escriptores e philologos como os que citei, e ainda grammaticos, como Epiphanio Dias e Ribeiro de Vasconcellos, lexicographos como Candido de Figueiredo e Cortesão, e eruditos e criticos, como D. Carolina Michaelis de Vasconcellos. Cada vez se sente mais que Portugal acabará por seguir o exemplo da Italia e de Espanha, e simplificará, como aquelles povos fizeram, a sua orthographia.

E o Brazil?

Comquanto se tivesse occupado principalmente, especialmente da orthographia do portuguez de Portugal, o Sr. Gonçalves Vianna não esqueceu totalmente o Brazil, e em mais de um passo ao nosso falar allude, para o tomar em consideração e, até, para lhe fazer concessões afim de não favorecer a separação linguistica.

Eu penso que é de todo o ponto importante manter essa união, tão estreita quanto for possivel, sem embargo das transformações e modificações que já soffreu e ainda virá a soffrer a lingua portugueza no Brazil. Por isso desde a primeira vez que me occupei da questão de orthographica *(Estudos de Literatura Brazileira*, 3ª série*)* empenhei-me para que essa questão fosse resolvida de mutuo accordo entre o Brazil e Portugal. Nenhuma vaidade patriotica me offusca o juizo quando julgo na ordem natural das cousas que a lingua portugueza de 50 milhões de homens, de uma nação rica e poderosa, como será forçosamente o Brazil dentro de um ou dous seculos, pesarão mais politica e socialmente que os 8 ou 10 milhões a que poderá attingir a nação mãi, e que portanto serão esses os principaes representantes da lingua que falam. Si a União iberica si vier, como creio, a realizar, a lingua portugueza de Portugal passará a ter apenas a importancia secundaria da catalan ou da gallega, e a do Brazil ser-lhe-á então a herdeira universal. Em qualquer destas hypotheses, predominará a lingua portugueza do Brazil, e não é sinão por amor della, que é a nossa lingua materna tambem, que a devemos desejar conservada na sua pureza, compativel com a sua propria evolução.

Não creio que, na sua generalidade, a reforma orthographica proposta pelo Sr. Gonçalves Vianna possa escandalizar-nos a nós brazileiros, e ainda menos offender o nosso sentimento orthographico. Não haverá aqui quem não queira escrever *lira* sem y, por que se lhe vae a illusão visual da forma do instrumento, ou quejanda tolice, que aliás é de Sully-Phrudomme. Entre os meus amigos literarios, e, o que mais é, philologos, achei partidarios da reforma. Ha nella, porem, meia duzia de pontos que, estou certo, repugnariam aos brazileiros aceitar. Por exemplo, o Sr. Vianna, como muitos outros cultos portuguezes, escreve *quere*, a 3ª pessoa do indicativo presente do verbo *querer*. Ninguem no Brazil os imitaria, por que nós não dizemos *quere* mas *quer* claramente os que falam bem, e *qué* os que falam mal. E' o mesmo caso do *tenho* e *venho* que os grammaticos portuguezes mandam pronunciar *tanho* e *vanho*, o

que lá é muito certo, mas que aqui já não é. Isto não é um artigo de critica, senão de noticia de um livro excellente, propondo uma cousa excellente. Os meus reparos, portanto, irão um pouco ao acaso da memoria.

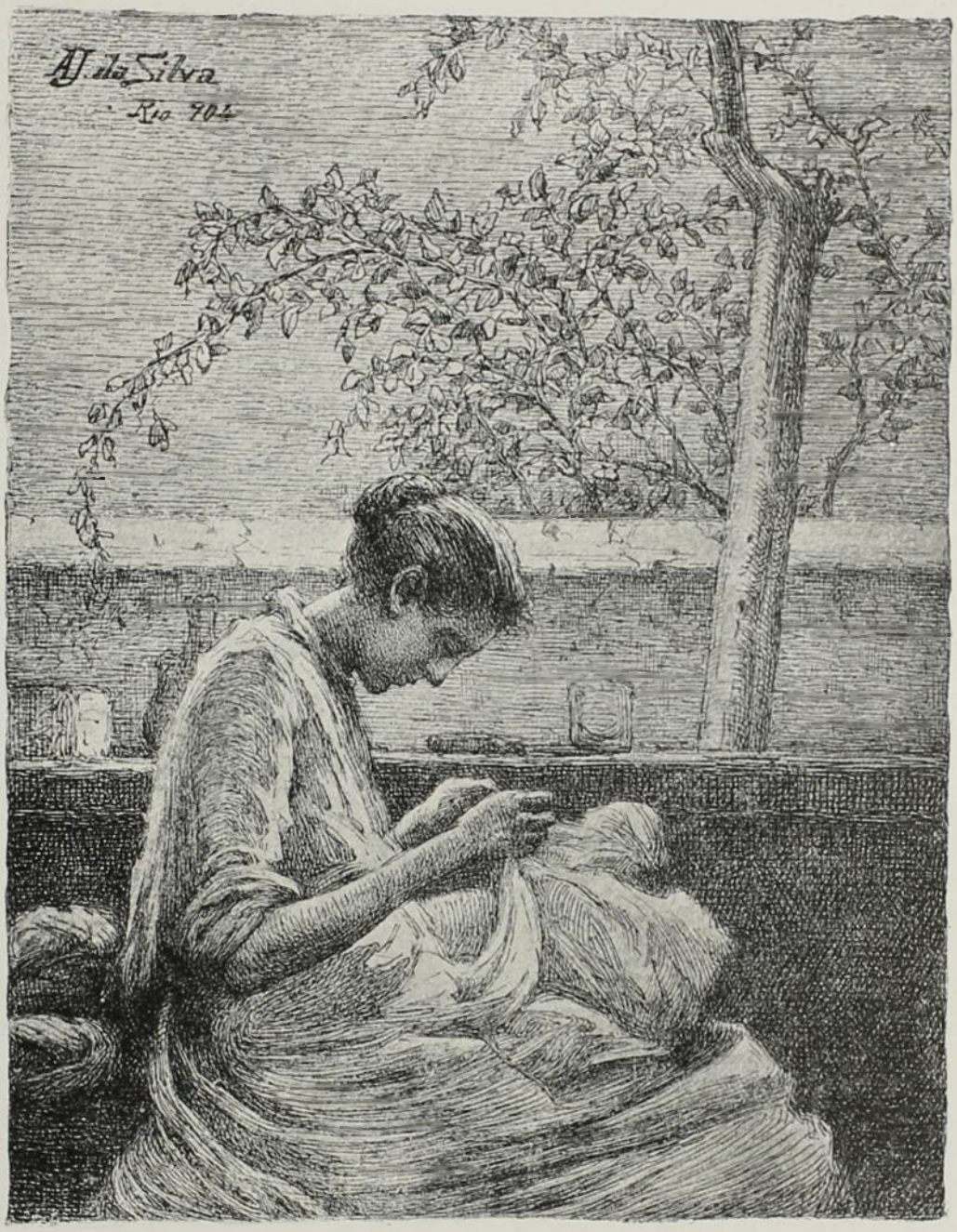
Outra cousa difficilima de nos fazer escrever é *preguntar* por *perguntar*, como nós dizemos. E neste caso as razões do Sr. Vianna me não calaram no espirito. Em regra geral, os melhores escriptores portuguezes desde os quinhentistas escreveram *perguntar*, e ainda hoje é como a grande maioria delles diz e escreve. A etymologia? Eu sei que o Sr. Vianna dá ainda relativa e sensata importancia á etymologia, mas, dado o facto geral da escripta *perguntar*, ella aqui me parece descabida, tanto mais que outro philologo portuguez, o Sr. A. Cortesão, muito justamente presado do Sr. Vianna, acha provavel que o verdadeiro étymo seja *percontare*. Mas, seja qual for a duvida a etymologia não bastará para resolvermo-nos pela forma *perguntar*, a pratica dos escriptores portuguezes do seculo dos 500 para cá, e o uso absolutamente geral de 15 milhões, no minimo, de brazileiros, e de muitos centenares de mil tambem de portuguezes ? Outra difficuldade para nós é *ç*, em certas palavras como *açucar*, e, principalmente *çapato*. Nem nos parece a nós da nossa lingua; e eu duvido, não é a primeira vez que o digo, que o adoptassemos. Nem comprehendo siquer a razão da insistencia por esta graphia dos Srs. Vianna, C. de Figueiredo, Cortesão e outros linguistas portuguezes. Que vantagem ha em introduzir esta notação nova, como o *ç* de *çapato?* Haverá uma differença, que absolutamente não logro perceber, na pronuncia de *sapato* e *çapato*, *assucar* e *açucar ?* Tambem não sei si nós, ainda com a melhor vontade de seguir a nova orthographia, poderiamos escrever *menistro*, *devedir*, *repremir* ou *vereficar*, como quizera o r. Vianna. A nossa pronuncia neste caso oppõe-se inteiramente. Quer tambem elle que digamos e escrevamos *dezasseis*, *dezassete*, com a particula de união *a* e dobrando o *s*. Ainda conheci no Brazil, em minha meninice, velhos que, á portugueza, pronunciavam *dezaseis*, *dezanove*, etc., mas hoje creio, salvo nos sertões, difficil ha de ser encontrar quem assim diga, e menos escreva. O uso geral, de doutos e indoutos, é *dezeseis*, *dezenove*, *dezesete*. Seria possivel que mudassemos ? Mas dos *Subsidios para um diccionario* do Sr. A. Cortesão vejo que tambem em Portugal, (o que eu aliás por experiencia sabia) se diz igualmente assim, *dezenove*, por exemplo. E o étymo que lhe dá este lexicographo é *decem et novem*, apoiado em Darmesteter e Meyer Lübke, com exemplos latinos que o justificam, para todos estes cardinaes, e tambem numerosos exemplos portuguezes, desde o seculo XIII.

Mais um ou outro exemplo que eu achasse para aduzir de factos que difficilmente terão a nossa adhesão á reforma do Sr. Gonçalves Vianna, nada diminuirão no merecimento e valor do seu trabalho; como não nos tornarão mais difficil essa adhesão, creio. E' natural, e de desejar, que escriptores mais autorizados do que eu, alguns dos nossos philologos discutam as opiniões do Sr. Gonçalves Vianna, nas suas applicações ao Brazil, e assim lhe forneçam ensejo de apreciar mais completamente a questão por este lado, de todo o interesse, não só para nós, mas para a lingua portugueza. Cumpre então não esquecer a parte da accentuação graphica em que haverá forçosamente divergencias.

O livro do Sr. Gonçalves Vianna, sobre me ter ensinado muita cousa, fortificou-me na já antiga convicção de que: "E' mester — assim escreve elle — formular-se ortografia portuguesa com os elementos tradicionais da sua escrita, e não com farrapos da escrita alheia; considerando-se legítima só aquelas feições que se revelam e principiaram a desenvolver-se, quando a língua começou a escrever-se para ser lida por todos, e não unicamente por sabios ou literatos".

J. Verissimo.

Da Academia Brasileira.



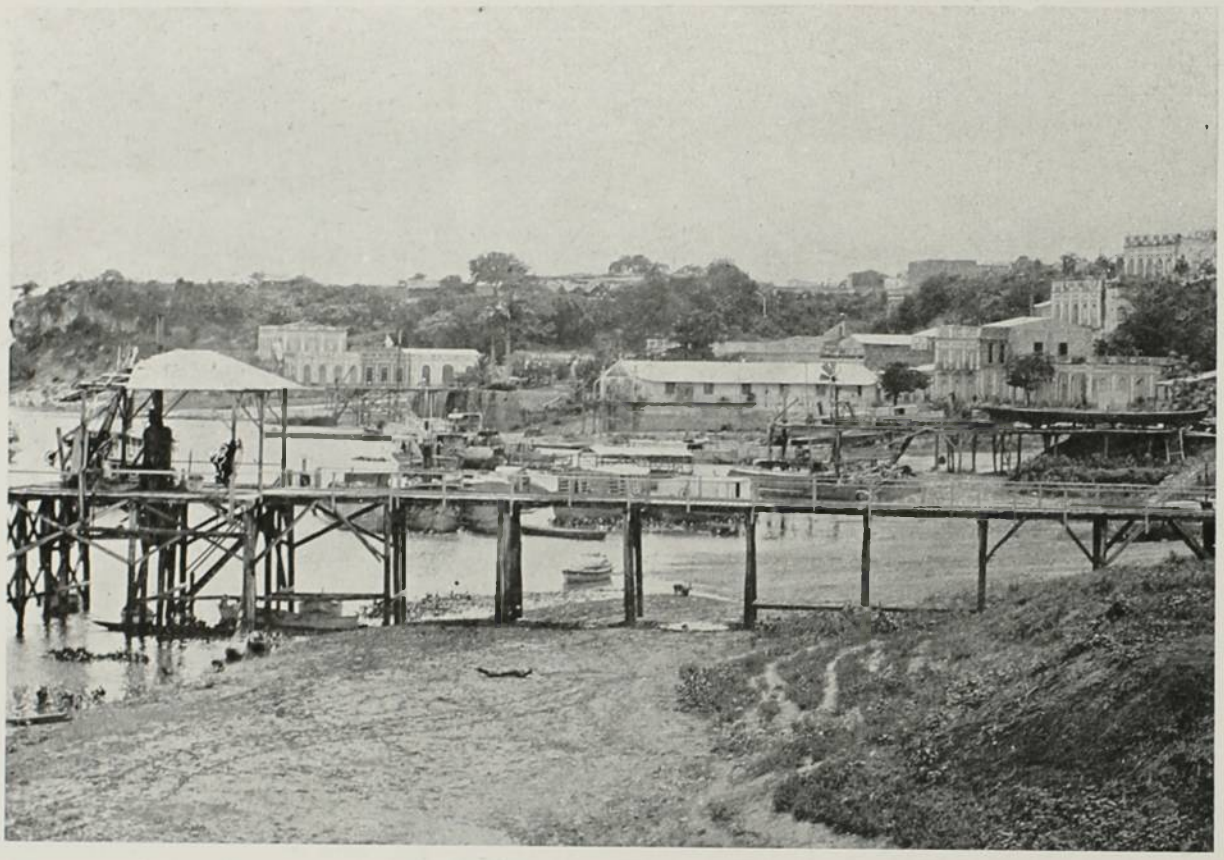
FEITO ESPECIALMENTE PARA KÓSMOS

MATTO GROSSO

III

ASSUMPÇÃO nada apresenta de notavel, depois que se percorreu as capitaes situadas no estuario do rio da Prata, a graciosa Rosario de Santa Fé e, por ultimo, Corrientes. Comtudo, a terra das *tejedoras inhanduti* progride regularmente; vê-se alguns bellos edificios, particulares e publicos, que naquellas cidades figurariam sem estranheza.

Não é subsidio de pequeno valor para o juizo de viajante o caracter architectonico das construcções humanas. Si



PONTE DA ALFANDEGA EM CORUMBÁ

pela influencia mesologica offerecem determinada feição, conforme as situações occupadas no planeta, lhes imprime o poder do homem caracteristicos que evidenciam precisamente sua cultura, seus sentimentos, sua vitalidade social em summa.

Exactamente quando as civilisações antigas attingiram ao apogeu, se multiplicaram no mundo grego e romano as obras sumptuosas que attestavam a pujança do genio, entretinham as faculdades estheticas dos povos e os inspiravam para a realisação de grandes ideiaes.

Ainda no mundo moderno é pelo modo porque um povo vive que se avalia dos seus recursos, do seu valor intrinseco, da excellencia de suas aspirações. Bem hajam, pois, os homens eminentes que dest'arte se empenham no progresso moral de sua patria enchendo-a de monumentos e preciosidades taes a sublimarem no povo o amor, o enthusiasmo e o orgulho pelo solo em que se virilisa a nacionalidade...

Não se pode exigir que a capital do Paraguay se compare com as principaes cidades da Republica Argentina, si se attende á devastação porque passou o paiz. Não fôra essa crise tremenda, produzida pela loucura inconcebivel do seu ultimo e verdadeiro tyranno, qual seria de Assumpção o gráo actual de prosperidade, e em geral d'esse valente povo que a lenda fizera irmanado, no mesmo tronco indigena, ao povo brazileiro?

Deram-lhe os jesuitas profundo acatamento á ordem e á autoridade. As tropas de Belgrano, vencidas em Cerro Porteño e rechassadas até Taquari, haviam atirado ao solo a semente da liberdade. A sombria e poderosa capacidade de Francia constituira a nacionalidade com tanta autonomia, que nem Bolivar, o libertador, conseguira alterar a orientação original, preservadora da anarchia.

E emquanto as revoluções trabalhavam as provincias do Rio da Prata até a batalha de Pavon, que permittiu a Mitre a abertura de novos horisontes á nação argentina, Carlos Lopez melhorava e desenvolvia a obra do seu antecessor, a qual já era immensa e maior se tornaria si depois continuassem a se expandir em prudente paz armada as energias sociaes.

Mas veio a guerra fatal e temerosa, que tudo subverteu; e si não exterminou inteiramente uma raça, anniquilou quasi toda a geração masculina, propulsor essencial de todo progresso, de modo que são raros os exemplares da edade madura e ainda mais raros os velhos. Por isso cortejei com certa veneração, ao vel-o passar pela rua, um dos poucos sobreviventes da guerra, o general Caballero.

Que é enorme a desproporção entre os dous sexos verifica o forasteiro percorrendo, por exemplo, o *mercado*, repleto de mulheres de todas as idades n'uma azáfama terrivel de negocios, a entrarem, a sahirem, a torvelinharem por todos os cantos, como si aquillo fosse uma verdadeira colmeia. Isso, porem, pela manhã, que das onze ás duas se suspende as differentes manifestações da vida exterior, porque se vai dormir á sesta, não tanto por exigencias da temperatura, mas por habito.

Não obstante o mal terrivel e inevitavel que fizemos, os brazileiros são carinhosamente tratados, sobretudo os mattogrossenses que mantém relações frequentes e continuas na Republica. Semanalmente, no maximo, de quinze em quinze dias, vapores argentinos, orientaes e paraguayos, já não fallando dos nacionaes, ancoram no porto de Corumbá, com escala forçada por Assumpção.

E quando passa por ahi algum general que vai assumir o commando do 7º districto, recebe logo a bordo por intermedio de um ajudante de ordens, a gentil visita do Presidente da Republica, e o convite para descer á terra. Então são lhe prestadas homenagens, a que se associam os representantes do Brazil, entre os quaes avulta o eximio pianista Itiberé da Cunha, fidalgo consummado nas maneiras e no talento.

Tudo concorre, pois, para que se tenha pelo povo paraguayo a mais viva sympathia e se o deixe com saudades quando, continuando-se a jornada, se lança os ultimos olhares pela Recoleta e pelo Mangrulho, onde subsiste o

cemiterio dos brazileiros, e se perde de vista ao longe, pela barranca, as ultimas casas de Assumpção.

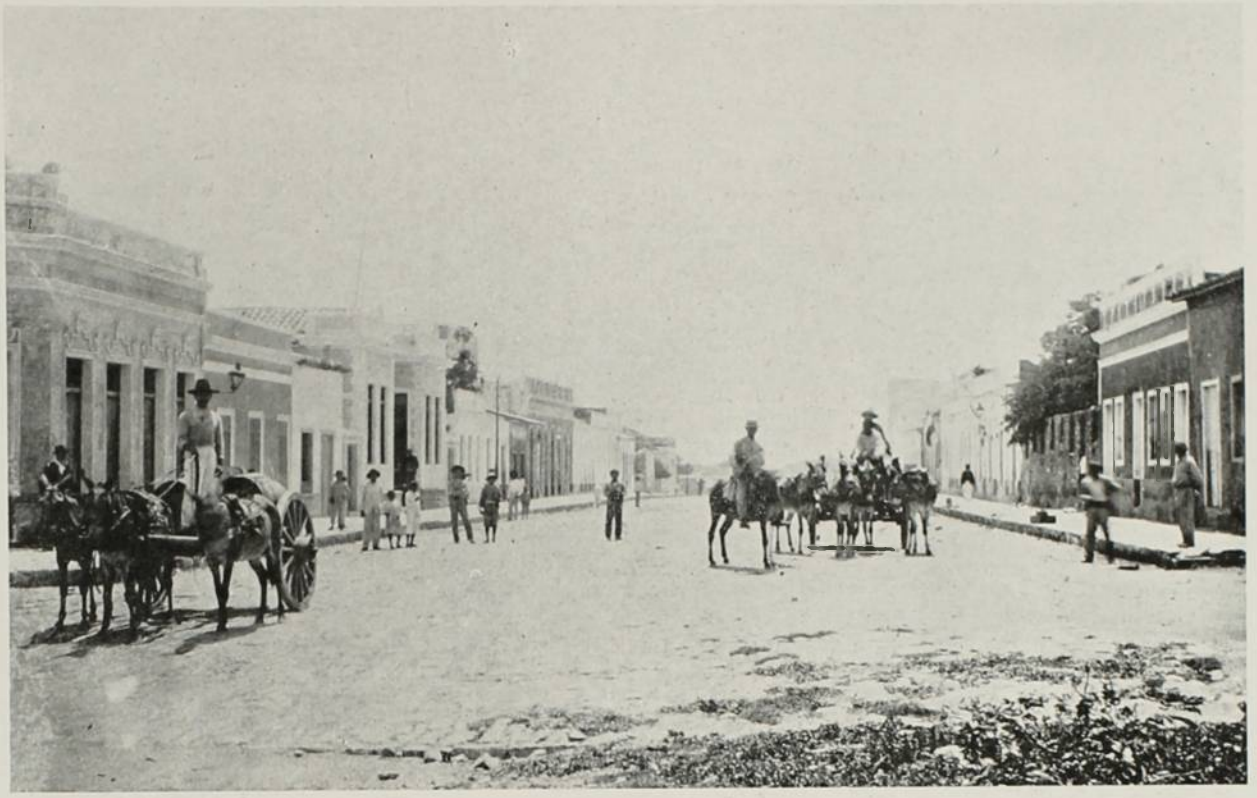
E volta-se de novo a conviver com a natureza no coração da America do Sul, subindo-se esse bellissimo rio, um dos de melhor navegação do mundo, no dizer de Réclus. De vez em quando descem enormes camalotes, que os *repiquetes* desgarraram das margens—encantadoras ilhas fluctuantes á mercê da corrente, cheias de flores e de arbustos, em cujos ramos voltejam as borboletas e os passaros.

A margem occidental, constituida pela planura verdejante e sem fim do grão Chaco, com suas selvas de carandás ou de quebracho, prende pouco a attenção. Não assim, porem, a accidentada margem opposta, onde são frequentes as ondulações do terreno, incontestavelmente numerosas as bellezas naturaes e não raro se descobre um ou outro pequeno povoado.

Não é tão acabrunhadoramente constante o panorama, como em certos trechos do rio Paraná, sempre de augusta magestade. A menor largura do Paraguay, permittindo maior approximação das respectivas margens, proporciona diversões variadas: aqui bandos de jacarés a se aquecerem ao sol; alli manadas de capivaras a se sumirem nas agoas; alem cervos e emas a dispararem pelos campos, nuvens alvissimas de garças que ondulam pelos ares, ou casaes solitarios de tuyuyús pachorrentamente pousados sobre as arvores...

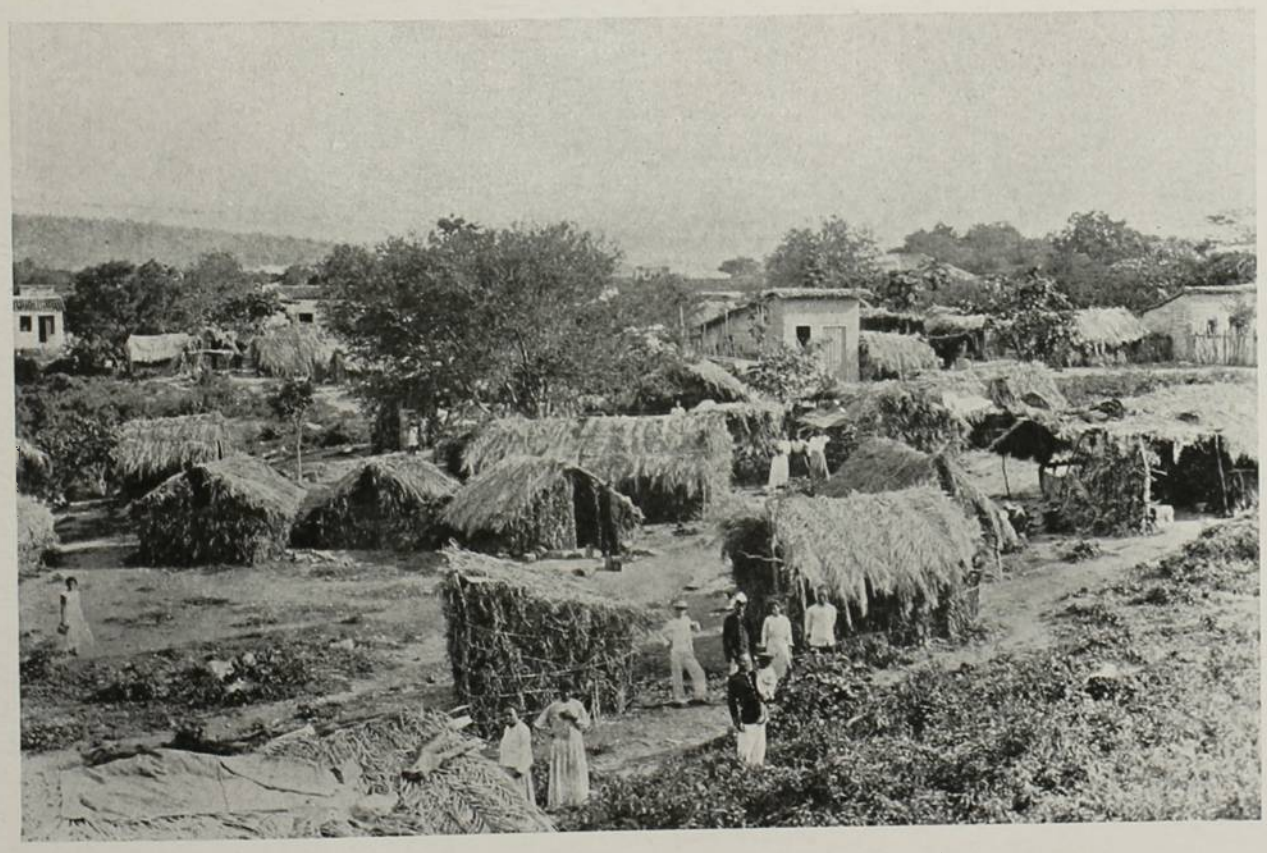
O ultimo porto de escala na Republica é a Villa Conceição, cidade mais importante depois da capital. Apezar, porem, de ser o mais activo centro do *partido*, pequeno movimento possue e nenhum interesse desperta. Mais se tem pela fóz do Aquidaban, umas vinte milhas acima, e, depois, pela colonia Risso, onde se abate não pequena quantidade de gado brazileiro, talvez d'aquella esplendida raça de Miranda, de que falou Bourgade.

Paulatinamente se avoluma a alegria nos corações com a visinhança do territorio nacional lá pordetraz da cordilheira das Quinze Pontas. Por fim pára o vapor em frente ao Apa, de cuja margem direita, alagadiça e baixa, parte uma chalana tripolada por soldados, em que vem o guarda da Alfandega de Corumbá. Um longo mez para ir-se do Brazil ao Brazil n'essa peregrinação pelo estrangeiro!



RUA 13 DE JUNHO — CORUMBÁ

Recomeça o vapor a sua marcha e logo se vislumbra ao longe as Sete Pontas, eminencias mais notaveis até então encontradas no lado do Chaco. Pouco depois se ancora na primeira povoação futurosa de Matto Grosso, Porto Murtinho, que ha poucos annos era uma simples *fazenda*, pertencente ao bom e jovial Boaventura, empregado do Lloyd Brazileiro.



ACAMPAMENTO DO 21 DE INFANTERIA — CORUMBÁ

São evidentes e rapidos os progressos d'esse ponto, se os notando mesmo com assombro em pequenos intervallos, depois que para ahi se mudou a companhia Matte Laranjeira. Está fadado, pois, a ser um centro de valor, maxime quando chegar a linha telegraphica, muito embora não consiga jamais deixar em plano inferior a cidade de Corumbá.

Pena é que a sua situação não tivesse ficado um pouco acima do Fecho dos Morros, posição excepcional n'essa immensa e vastissima fronteira e que mais tarde ou mais cedo será convenientemente fortificada por ser a verdadeira chave da navegação do rio Paraguay, como tal considerada desde os tempos coloniaes.

Já Luiz de Albuquerque, convencido d'essa verdade que escapara a Rollim, mandara ahi fazer em 1775 alguma cousa que mais tarde poderia ser outra lendaria Humaytá.

Infelizmente, ou porque não se quizesse navegar mais aguas abaixo, ou porque houvesse confusão com outro apparente Fecho dos Morros, que se encontra muitas legoas acima, lançou-se no estreito de S. Francisco Xavier as bases do presidio de Nova Coimbra.

Ainda em meiados do seculo passado foi por causa de uma tão importante posição estrategica que protelou-se a solução da questão de limites, desejando cada nação constituisse parte integrante do seu territorio. E propoz o Paraguay a neutralidade d'essa faixa, não se podendo occupal-a militarmente emquanto não se chegasse ao termo do litigio, no que desattendeu o governo imperial.

Em 1847 ordenou este á presidencia de Matto Grosso mandasse levantar um forte em Fecho dos Morros. *Tres annos depois*, sem estarmos apparelhados para a guerra, leviamente mandou-se para ahi *um pequeno destacamento*, que deveria *construir* um quartel e algumas lunetas ou redentes, destacamento em seguida desalojado por forças numerosas. Tal foi o primeiro elemento na determinação da guerra do Paraguay.

Constituiu depois o Apa uma fracção do nosso limite meridional; e aquella posição admiravel, que parecia tão vivamente ambicionada, como se houvesse o proposito firme de ser aproveitada para a defesa de Matto Grosso, cahiu no nosso habitual abandono, sendo por fim retirada a miseravel e infeliz guarnição, de que ainda nos deu noticia João Severiano na *Viagem ao redor do Brasil*.

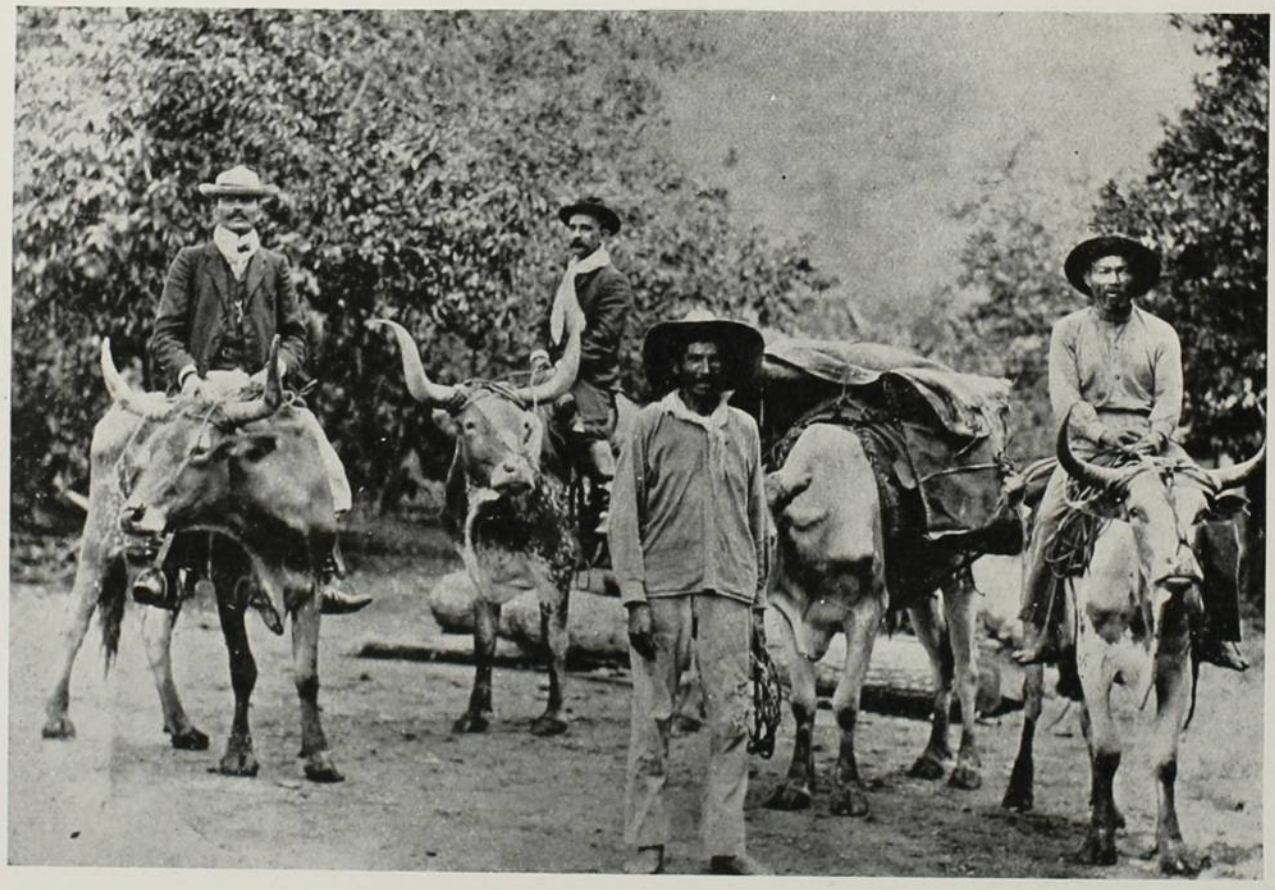
Entretanto, foi do alto do Pão de Assucar, cume sobranceiro do Fecho dos Morros, que Page em 1853, esquecendo por instantes os intuitos scientificos da missão *Water Witch*, embevecendo-se na contemplação do valle colossal que chega até as praias do Atlantico, com os olhos voltados para os povos da America hespanhola, traçou-lhes aquelle memoravel programma de que só nós nos mantivemos desapercebidos.

Praza aos céos nos acordemos d'esse longo lethargo e, de accordo com as nossas condições, nos preparemos rigorosamente para a guerra como unico meio, effectivo e real, de garantia e respeito á força do direito e ás expansões fecundissimas da paz. Isso é tanto mais necessario quanto maior fôr a riqueza nacional a defender e mais viva a consciencia da responsabilidade em manter a integridade e a honra da Nação.

Não fiquemos adstrictos á resistencia gloriosa, mas inutil, do heroe cuyabano que lá d'aquella colonia de Dourados, que o pensamento descobre na extrema do horisonte, poude apenas—sublime de grandeza moral no cumprimento do civico dever—mandar á posteridade o seguinte cartão:

Sei que vou morrer; sirva o meu sangue, e o dos meus companheiros, de protesto contra a invasão do solo de minha patria!

Avila Franca.



COSTUMES DE MATTO GROSSO

SYMPHONIA

Contentus paucis lectoribus

Hor.

I

Pedras preciosas! para louvar-vos
Embora em verso que ás vezes pecca,
Eu vos engasto nas claras rimas
Deste volume dactyliothéca!

Eu sei que tendes almas humanas,
Ora de escravas, ora de reis,
Sois inconstantes como as pessoas,
Como as pessoas envelheceis...

Sei ler em vossas pupillas frias
Cousas sisudas, phrases sem nexo...
O velho Plinio vos dava astucia,
Santo Epiphanio vos dava sexo...

Luzis nos dedos febris e finos
Da bella dama dos olhos pretos...
Sois a desdita de muita gente,
De muita gente sois amuletos...

Tendes virtudes inexplicaveis:
Daes voz aos mudos, firmeza aos côxos,
Com vossos raios medicinaes,
Vermelhos, verdes, azues e roxos...

Seguis estradas por varios rumos
Agora alegres, logo sombrios...
Sois para os poucos que vos entendem
Almas ardentes em corpos frios...

Conforme o sabio Jehúda Mosca,
De vós as doze que brilham mais,
São consagradas aos doze mezes
E aos doze signos Zodiacaes...

II

Clara turqueza do deus Apollo
És dos ginetes a idolatria...
Agua-marinha do deus Neptuno
Curas a propria melancolia...

Rubi vermelho de Visapúr,
Teu brilho é sangue que a vista anima...
Teu curto nome phosphorescente
É purpurino como uma rima!

Alvo diamante, biblica estrella,
És a lanterna da tribu Izácar...
Limpida perola imponderavel
Nasces em berços de roseo nacar...

Verde heliotropio de um verde vivo,
Porque é que mudas a côr do sol?
Porque é que tombas, qual debil peixe,
Coral dos lagos, no curvo anzol?

Pedra da Lua que tens em torno
Uma grinalda de lactea luz...
Deves ser santa, tu que pareces
A santa fronte do deus Jesus!

Louro crysólito opalescente,
És mais dourado do que ouro em pó...
Pedra berylo, de ignota origem,
Sobre teu peito dormio Jacob!

Olho-de-gato, voluvel iris,
És qual pupilla que te dilatas,
És como a fluida pupilla electrica
Dos trovadores de quatro patas...

Saphyra-asteria que tens o berço
Na antiga Persia de norte a sul...
Como se fôras um firmamento
Derrama estrellas teo corpo azul...

Verde esmeralda do Mar Vermelho,
Joia illusoria das amizades,
Quem te contempla vê lagos dentro
Cheios de lyrios e de Nayádes...

Pedras preciosas! para louvar-vos,
Embora em verso que ás vezes pecca,
Eu vos engasto nas claras rimas
Deste volume dactyliothéca...

Luiz Guimarães (filho).

(Das *Pedras Preciosas.*)

Montevidéo — MDCCCCIV.

MANHÃS DE CAMPINAS

ANDAVA suppondo ingenuamente que ninguem era mais madrugador que eu. Engano, puro erro.

No BOND que tomo, regressando do meu passeio matinal, a pé, esbarro com uma familia ingleza muito ruidosa e muito expansiva. Pae, mãe, uma MISS e dous BOYS. Já os encontrei falando e falando continuaram com esse desprezo pelo proximo, que tanto caracterisa os filhos da loura Albion. E, todavia, esta gente não é propriamente NATIVE, da ilha; constituem o que os filhos da soberba Londres chamam deprimentemente CONTINENTAL ENGLISHMEN.

Nasceram na Europa, em Hamburgo ou em Madrid talvez, mas são filhos de paes inglezes e por isso inglezes se conservam até a medulla dos ossos. Elle, o chefe da pequena tribu, é um homem alentado, louro, exageradamente vermelho, creado a ROAST-BEEF com muito FAT, muito JOINT e muito WISKY AND SODA. A mulher é magra, esgalgada, secca e sardenta. Em compensação, o primeiro producto deste casal disparatado, a MISS, é elegante e linda, de olhos negros e cabellos de ouro, de pelle fina e rosea, de formas esculpturaes, podendo e devendo passar no HURLINGHAM-CLUB, ou em qualquer outro circulo elegante da Inglaterra, por uma PROFISSIONAL BEAUTY.

Talhada para o FLIRT, ella tem um modo especial de falar, fechando suavemente as palpebras e sorrindo docemente, que puxa, que arrasta para os seus lindos braços enluvados com PEAU DE SUÈDE até acima do cotovello. Deve ter vinte annos solidos, porque a sua carne é rija, feita de arminho e purpura, sem uma só das sardas, que dão á physionomia materna o aspecto de uma escumadeira oblonga. Quando sorri, os seus dentes, alvos como o marfim novo, surgem implantados em gengivas vermelhas como cerejas. E' graciosa e veste com suprema elegancia uma TOILETTE matinal muito simples: vestido de JERSEY azul, corpinho da mesma fazenda enfeitado com um papo de seda japoneza sarapintada de pequeninos leques e de minusculas cegonhas. Chapeu de palha castanho-escuro com rosas vermelhas na frente e myosotis dos lados. Sem véu; recebe o ar vivo da manhã em plena face. Entre os seios, sobre o azul forte do JERSEY, desabrocha uma camelia branca.

Os dous BOYS, um, de doze, outro, de quatorze annos presumiveis, têm o aspecto de pequenos potros em liberdade. Papagueiam muito, mudam constantemente de logar, levantam-se, apontam estendendo o braço, ás vezes os dous braços, quando avistam alguma cousa que os surprehende ou encanta. Ambos louros. O mais novo, de um louro quasi vermelho, é mosqueado de sardas, como a mãe. O outro, de um louro fulvo, como a irmã, tem a epiderme macia e branca, mãos e pernas bem feitas. Ambos gordinhos e bem vestidos, de blusa e bonet escossezes, calça curta e meia negra até o joelho. Exclamam a miudo: BEAUTIFUL! MAGNIFICENT!

Voltemos á velha. Não posso dizer como ia vestida, porque uma enorme capa de cazemira em xadrez vermelho-pardo, dessas que occultam todas as formas e ás vezes todos os pensamentos, cobre-lhe o corpo anguloso, desde o pescoço até aos pés. Mas, adivinho que, debaixo daquella capa espaventosa, ha uma blusa amarella descendo sobre uma saia verde. Na cabeça, um chapeu oval de pelle de lontra, enfeitado com uma penna de gavião. Tambem não traz véu, porque ella gosta de expôr ao sol e aos olhares dos FOREIGNER as suas sardas e os seus dentes muito salientes, que não lhe cabem na bocca e investem por entre os labios seccos contra o proximo. Cheira fortemente a PEAR'S SOAP.

Todavia, desse corpo desengonçado e feio sahe uma voz doce e harmoniosa, como a da filha gentil. Ella diz SIM, sorvendo carinhosamente as letras da palavra, alongando-a num Y...E....SS... sibilado e melodioso, como já havia notado, em algumas das suas patricias, um grande publicista portuguez, quando esteve na Inglaterra. E, quando fala com os filhos e com o marido, toda ella é blandicia, toda ella é amor. Faz bem á alma e delicia a orelha ouvil-a dizer Y...E...SS... Mas, é preciso que não se olhe para o seu rosto duro e magro, onde os sorrisos não moram e os olhos quasi se não movem nas orbitas.

Bem; mas eu ainda não disse ao leitor onde encontrei esta familia ingleza. Foi em frente á Estação da Paulista, naquelle logar em que os baleiros investem sobre os transeuntes com os taboleiros cheios de cartuchos e de papeis multicores. Foi ahi, na volta de um passeio a pé, em regresso para o Guanabara. E dahi viemos juntos para o mesmo bairro.

Durante o trajecto pela cidade, noto que elles olham muito para as lojas e para as igrejas, fazendo exclamações de pasmo em presença das palmeiras imperiaes que avistam.

Não admira; tambem Linneu, o sabio, quando viu a primeira palmeira imperial, cahiu de joelhos e exclamou: PRINCEPS VEGETABILIUM.

Talvez ande pela alma desta familia um pouco da alma contemplativa do grande naturalista suéco, porque exclamações identicas eu ouço, quando elles avistam a mangueira copada ou o guaparuvú elegante, de caule roliço coberto de cicatrizes.

—BEAUTIFUL! VERY BEAUTIFUL!...

O vegetal os attrahe. Talvez fossem vegetarianos, inimigos da carne... si não fossem inglezes. Ao chegar ao Gazometro, depois qua o BOND corre pela rua D. Libania, que é o prolongamento da do Dr. Quirino, os olhos avidos deste pequeno povo em folia não cessam de investigar tudo e para todos os lados. E, emquanto os olhos veem, os labios commentam.

GLORIOUS DAY! exclama a velha, olhando para o céo azul e limpo.

—Mary, repara como é lindo este horisonte onde as collinas ondulam cobertas de cafezaes.

E, com o seu dedo grosso e cerdoso, o velho aponta para além do Lyceu de Nossa Senhora Auxiliadora.

Fico então sabendo que a loura e deliciosa MISS se chama Mary. Mary! eis ahi um nome que assenta bem nessa rapariga elegante e viçosa.

Mas, os BOYS tambem olham e tambem commentam. Já elles haviam chamado a attenção da mãe para a torre da Matriz Nova, que descobriram virando-se para traz.

—THE NEW CHURCH! E ainda um MAGNIFICENT! pronunciado por ambos ao mesmo tempo.

Ao passar em frente á fonte, que fica no começo da rua Santa Cruz, um SHOCKING! sahe violento dos labios da velha, porque uma negra lavava proximo, semi-núa, expondo ao sol da manhã os seios abundantes e as pernas escuras e grossas. E volta o rosto, a pudibunda MISTRESS, e busca desviar a attenção dos BOYS, cujos olhos giram para aquelle lado.

Caminhamos agora para o lado do Iustituto Agronomico, tão lindo, tão util e tão apertado no escasso terreno em

que está assente. O BOND vai vagaroso e toda a tribu sorve com delicia o ar puro e fresco da manhã. Bodes e cabras passeiam tranquillamente dos lados e na frente do vehiculo. Gallinhas ciscam por alli no chão desnudado e poeirento. Do lado da linha Mogyana, vem descendo, de vagar, um cavalleiro de PONCHE ás costas. Já o BOND vira para a Avenida Barão de Itapura e os olhos da tribu caem sobre o formoso parque do collegio «Progresso Campineiro». Muitos OHS! admirativos, muitos BEAUTIFUL, que cessam logo, quasi de repente, porque uma nuvem opaca de poeira fina e abafadiça investe temerosa contra o BOND.

E' a boiada, a implacavel boiada, que vem do alto do Guanabara e marcha acceleradamente para a cidade. A nuvem de pó invade tudo, tudo tisna e estraga. O verde rutilante das folhas empallidece, as flores desbotam, perdem o viço e o aroma, ficando feias, com o aspecto de cousas velhas.

A boiada, em trote largo, já passa de um e de outro lade do BOND, que tem de parar para deixal-a seguir. Ouvem-se espirros e todos levam o lenço ao nariz. Mary, a linda Mary tosse violentamente. A mãe está indignada, os BOYS riem e o velho, silencioso, dá costas ao pó, espalmando a mão sobre a bocca e as ventas.

Dous minutos, talvez mais, leva a boiada a passar. Um rancho de meninas, que vem sahindo do collegio, volta para traz espavorido. Afinal, a calamidade passa e o BOND põe-se de novo a caminho.

HORRIBLE! exclama o bretão, limpando as mãos e o rosto com o lenço.

Todos, Mary inclusive, sacodem o pó das vestes, dando suspiros de allivio. O BOND segue agora em marcha accelerada. Subito, o velho inglez faz um gesto, ouve-se uma campainha e o carro pára. A tribu ingleza desce e eu, como estou proximo da minha casa, desço tambem. Então, o velho indaga si uma chacara, que tem papeis nas vidraças da casa, está para alugar. A pergunta é-me dirigida em uma lingua, que é a mistura do inglez com o hespanhol e o portuguez. Mary sorri, em quanto eu dou a resposta affirmativa. A mãe de Mary não sorri, mas mostra-me os seus dentes ameaçadores o mais amavelmente que póde. Quero ser muito gentil e presto-me a dar IMFORMATIONS e a chamar o casal de negros, que guarda a chacara, onde entro com a tribu. Mil exclamações, desde a entrada, perante o arvoredo que é denso e luxuriante. Depois, novas exclamações alegres dentro da casa, que tem bons aposentos, um excellente banheiro e muita luz entrando por todos os lados. Perante o preço do aluguel indicado pela negra caseira, aluguel relativamente modico, Mary, que é pratica, sorri ainda contente. Todos estão satisfeitos. Evidentemente, vou ter vizinhos novos.

Mas, eis que o ar se tolda de novo e a luz vai fugindo aos poucos da casa. E' uma nova boiada que passa em tropel. O pó, em nuvem densa, invade a habitação por todos os lados e penetra na sala em que estamos. Já ninguem ri e o desespero pinta-se nos olhos de Mary, do pae, da mãe e dos irmãos.

Quando passa a praga e o ar se limpa de novo, o velho diz-me:

—Ora veja o senhor: tinham-me dito que o Guanabara era o bairro mais salubre de Campinas. Tem agua, tem gaz, tem exgotos, tem casas e chacaras com todo o conforto, tem o BOND na porta e tem um ar puro recebido em primeira mão. Mas tudo isso fica estragado, inutilisado, perdido, com esta poeira implacavel, que se levanta do solo cada vez que passa um vehiculo, um simples cavalleiro ou a terrivel boiada. Como viver-se aqui, emquanto não calçarem as ruas, ou ao menos não as irrigarem, escolhendo outro caminho para a passagem da boiada? Do mais lindo e salubre, que era, passa a ser o menos habitavel dos bairros de Campinas por causa deste flagello constante da poeira. De que serve esta linda chacara, com todo o seu conforto e com o esplendido arvoredo que possue? Como habital-a, si é impossivel impedir que o pó a habite tambem? Pretendia ficar aqui, mas já mudei de tenção. Vou procurar outro arrabalde.

E, dando a voz de commando, tomou o caminho da porta, seguido da mulher e dos filhos. No portão da chacara um dos BOYS indagou:

—O que viemos fazer aqui, pae?

MAKE MONEY, respondeu rapidamente a velha, alongando os seus dentes esguios.

Lembrei-me então do conselho daquella mãe escosseza ao filho, que embarca para o estrangeiro, citado por Oliveira Martins no seu magnifico estudo sobre a INGLATERRA DE HOJE:

—MAKE MONEY, MY SON: HONESTLY IF YOU CAN... BUT, MAKE MONEY! (Ganha dinheiro, meu filho; honradamente, se poderes... mas, em summa, ganha dinheiro!)

E despedi-me da tribu, cheio de pezar, lembrando-me que tinha perdido esses bons vizinhos e o encanto do perfil airoso de Mary, só por causa da poeira, da horrorosa poeira, que vai despovoando o Guanabara e convertendo-o, do paraiso que era, num deserto maldito, inhabitavel.

Campinas, 1 de Maio de 1903.

GARCIA REDONDO.

Da Academia Brasileira.

O DOUTOR CONCEIÇÃO

(EXCERPTO DE ROMANCE)

LUCAS da Conceição alugara uma casinha paredes meias, onde accommodara o filho Pedro, quasi doutor, para que estivesse este em plena liberdade, podesse receber com decencia os amigos e clientes, que já começavam a consultal-o, attrahidos pela fama do talentoso estudante e pelas curas admiraveis, principalmente a do Corrêa, taberneiro da esquina, ferido no ventre pela faca de um desordeiro assassino. Se o não soccorresse o doutorando teria morrido com as tripas de fóra.

O gabinete de trabalho era um primor, claro, ventilado, cheio de quadros de anatomia, com uma bella estante atochada de livros, com uma secretaria de canella e junto da janella, que dava para a área, uma meza cheia de frascos, de caixas com preparados de histologia, alongados tubos de vidro arrolhados com algodão, sobresaindo desse apparato scientifico um microscopio—tudo limpo irreprehensivelmente arrumado, graças aos cuidados de Rosaria, unica pessoa de familia, autorisada a entrar naquelle ninho de paz e de trabalho, desde que Pedro sorprehendera Lydia, a irmã mais moça, em flagrante delicto de bisbilhotice curiosa, folheando um grande volume de therapeutica, illustrado com escabrosas gravuras demasiado realistas.

Nesse dia Rosaria adornara a secretaria de Pedro com flores trazidas pela Claudina, com muito segredo para que ficasse ignorada essa affectuosa homenagem.

Fortunata não approvava a intimidade do filho com a formosa rapariga, mais por esta do que por elle, um rapaz solteiro, livre, desimpedido, a quem não prejudicariam as consequencias de um namoro de visinhos, camaradas desde a infancia, como fóra d' Amelia, a filha do ingrato compadre Manoel Dias. O seu legitimo orgulho de mãi, apaixonada pelo filho, apetecia para elle todas as vantagens, todas as grandezas, todos os meios de destaque na sociedade. E quando chegasse o melindroso momento de escolher uma companheira, deveria obedecer ao intuito de subir sempre, de aperfeiçoar, de melhorar a raça, tivesse ella embora de sacrificar o maternal carinho, de transigir com os preconceitos, esquivando-se, occultando-se com o marido e os filhos para deixarem Pedro livre, estabelecida uma solução de continuidade com o passado, onde ficavam as raizes de sua origem humilde, aggravada pelo phantasma da mãi, que fôra escrava de gente muito rica, mucama de moças elegantes e por isso muito versada em maneiras de opulencia.

Pedro herdara della essa instinctiva inclinação para o esplendor, para a notoriedade que, com os dotes de tenacidade, robustez physica e moral semelhantes aos do pae, o assignalaram com brilho no tirocinio academico, empregando o processo, raro na sua edade, de modesto retrahimento, sem impetos de escalada, como quem tem absoluta segurança de attingir á méta almejada. A sua individualidade se revelou pouco a pouco, como um fóco de luz, em ampliações progressivas e poderosas. Despresado, ou mal percebido, ao principio, pela prevenção ou corrente da fatalidade da côr, elle conseguiu, depois, ser notado, attrahir a consideração dos mestres, a estima dos collegas subjugados pelas deslumbrantes irradiações intellectuaes do *genial moleque*, como lhe chamavam por troça.

Nessa lucta victoriosa, que teria por apotheose o titulo de doutor, dentro de alguns mezes, se lhe enrijara o coração, como fatigado pela continua funcção de esforço athletico. O excesso de actividade cerebral lhe entorpecera os centros da vida affectiva. Por isso se lhe notavam certa frieza aspera no trato intimo da familia, austeridade de costumes destoante da florescencia da mocidade vigorosa.

A mãi o idolatrava com o fetichismo das mãis triumphantes com as conquistas dos filhos, conquistas além dos mais avantajados sonhos ambiciosos. Elle, porém, concedia-lhe o respeito e attenções indispensaveis á permanencia das relações impostas pela natureza, accentuando sempre o traço de superioridade que os separava—ella, mulher humilde e boa, nascida no mais baixo plano, na zona escura da escravidão, que era o suburbio da sociedade, educada na convivencia de senhores ricos e cultos, acrysolada no esforço para attenuar as táras de sua monstruosa origem, e conservando o tom de humildade, de submissão, o stygma tradicional da raça soffredora; elle torturado pela fatalidade de sua ascendencia maldita, comprimido no cilicio da pelle negra, obstaculo formidavel ás aspirações que, presentia, se não limitariam ao vasto campo da sciencia, franqueado a todas as castas, aos obreiros de todas as procedencias.

Pedro estava preso pelas raizes ao meio em que nascera, como arvore viçosa condemnada a crescer, a florescer, deslumbrando com a copiosa folhagem, com o matiz de suas flores, com o aspecto tentador dos seus fructos, pendentes dos galhos gigantescos, mas obrigada á immobilidade no sólo pantanoso que ella tenta em vão disfarçar sob a sua sombra immensa com as pompas da ramaria luxuriosa. Resistiria, contorcida em convulsões titanicas, á sanha dos vendavaes; e, quando tombasse, decrepita, ou fulminada, em pleno vigor, pelo fogo do ceu, ficaria sempre na terra a semente fatal, eternisando-lhe a ignominia em successiva florescencia de rebentos novos e pujantes.

Ella, a doce mãe, a carinhosa Fortunata era a terra; elle o ipé frondoso.

E, sob maneiras que tinham a frieza macia de uma luva, sob o sorriso resignado que lhe enflorava os labios polpudos e roxos, latejava a fermentação continua de uma revolta intima contra os seres queridos, contra o pae, que o deslocara da condição natural, contra os irmãos, contra Claudina, que o enlaçava, que o inebriava com os encantos de mulher formosa, como liana persistente e forte, enroscando-se, com voluptuosa caricia dominadora ao tronco aspero dos colossos da floresta.

No todo de amarguras, sedimentado no fundo do coração de Pedro, ao alvorecer da virilidade promissora, fluctuava, como phantasma de um sonho absurdo, como um nenuphar de petalas candidas, perdido na treva da infancia, denunciado pelo perfume da saudade immorredoura, a imagem da virgem loura, de Aurelia, a menina branca, que era a estrella de um porvir impossivel, decepção animada de fulgurações fascinantes, a marcar impassivel, no horisonte remoto, a róta daquella existencia predestinada á lucta desigual com o destino.

Domingos Olympio.



Em flagrante

THEATROS

COMO não pudesse, ou não quizesse, entrar em accordo com o Banco da Republica, para a acquisição do theatro S. Pedro de Alcantara, resolveu a Prefeitura construir o Theatro Municipal, e nesse intuito adquiriu um magnifico terreno na projectada Avenida.

O autor destas linhas, que ha tantos annos se bate pelo advento do theatro nacional, estaria contente, não obstante o pezar que lhe causou o não aproveitamento do S. Pedro, se não se tratasse de uma sala de opera, cuja vastidão, digam o que disserem, não se compadece com a declamação dramatica.

A publicação do edital, chamando concurrencia para a construcção do theatro, foi mais uma desillusão, e a maior, que recebi na campanha em que me tenho empenhado contra a indifferença, a má vontade, o sophisma, a inercia, a injustiça e o pessimismo de tanta gente.

O Rio de Janeiro ficará dotado com um bello theatro para as temporadas lyricas; por esse lado, a Prefeitura prestará um grande serviço, porque, realmente, a cidade ha muito tempo reclama um theatro de canto compativel com a sua civilisação, e com o gosto, aliás mal dirigido, que aqui se vae desenvolvendo pela boa musica; entretanto, não foi para abrigar companhias de opera, nem artistas estrangeiros, que se creou o Theatro Municipal; o legislador não teve absolutamente em vista outra coisa que não fosse proteger a nossa arte dramatica, e não será num theatro daquelles que poderão fazel-o; antes pelo contrario...

Para adquirir o S. Pedro e adaptal-o ás necessidades de um theatro moderno, não seriam necessarios os tres mil contos (dando por barato) que vae custar o projectado monumento: bastava o mysterioso caixote que desappareceu da Estrada de Ferro: com aquelles oitocentos contos se faria a festa, ou, quando fosse de todo impossivel negociar com o Banco da Republica, com elles se construiria um theatro de comedia, pequeno, elegante, confortavel, para mil pessoas, onde os artistas não fossem obrigados a forçar a voz nem os espectadores a apurar o ouvido, e se pudesse eslabelecer directa e rapida communicação entre o palco e a platéa.

Não creio, não posso crer que as intenções do Dr. Francisco Pereira Passos não sejam as melhores; mas não ha duvida que o Theatro Municipal, com aquelles doze a quatorze metros de bocca de scena, com aquella altura, com aquelle palco separado da platéa pelo grande espaço tomado por uma orchestra invisivel, é a prova mais irrecusavel de que na Prefeitura não se cogitou em proteger a arte dramatica, restabelecendo a corrente interrompida da nossa producção theatral.

O que neste assumpto, mais me desgosta é, francamente o confesso, mostrar-me em desaccordo com o illustre Prefeito, que tanto admiro e venero pelas excepcionaes qualidades reveladas nesse e noutros cargos difficeis e de grande responsabilidade, e de quem eu tanto esperava para a solução definitiva da questão do Theatro Municipal.

Como está no meu temperamento não desanimar em circumstancia alguma, tenho ainda toda a esperança de não ir para o outro mundo sem ver realisado o meu sonho... Realisado como? Não sei Não sei, mas não desanimo.

Tivemos ultimamente em scena duas peças nacionaes: *Tiradentes ou o martyr da liberdade*, drama em 1 prologo e 5 actos, de Moreira de Vasconcellos, e as *Obras do Porto*, comedia em 3 actos de G. Tojeiro e Victorino de Oliveira, —um morto e dous estreantes.

O famoso alferes da Inconfidencia não encontrou ainda o seu dramaturgo. Este será—quem sabe? —Affonso Arinos, o illustre escriptor mineiro, que se está ensaiando na litteratura dramatica, e me deu o prazer da leitura dos dois primeiros actos do *Contractador de diamantes*, drama em que resalta, com vigoroso contorno, a grande figura de Felisberto Caldeira.

Não tenho o direito de ser indiscreto, assoalhando as minhas impressões, que aliás foram as melhores, sobre um trabalho que se acha apenas em meio; posso, entretanto, indicar Affonso Arinos, pelo seu profundo conhecimento da historia e dos costumes da pittoresca Minas do seculo XVIII, como o dramaturgo mais apto para levar ao palco Tiradentes com toda a verdade e todo o interesse dramatico.

Moreira de Vasconcellos tinha muita habilidade, mas inventou um Tiradentes de convenção, extraordinariamente rhetorico, e, Deus lhe perdoe, complicou o enredo, fazendo o visconde de Barbacena namorado de Marilia e a viscondessa de Gonzaga, o que é levar muito longe a liberdade e a fantasia do autor dramatico. Entretanto, a peça é um melodrama bem feito, armando ao enthusiasmo da platéa e fazendo vibrar intensamente a nota patriotica.

As *Obras do Porto* filiam-se ao genero francez do *vaudeville*, em que tudo se exige menos verosimilhança e bom senso: por esse lado estão livres de culpa e pena os autores, que aliás revelaram, a par de uma grande inexperiencia, muito engenho e alguma graça e observação.

A peça foi exhibida em más condições, e apenas uma vez. Os autores foram sacrificados ao que em gyria theatral se chama um *tiro*.

A revista *Cá e Lá*, que já festejou a sua 50ª representação, continúa a attrahir ao Recreio consecutivas enchentes, e parece disposta a conservar-se no cartaz ainda por muito tempo.

Tito Martins e Bandeira de Gouveia carregaram um pouco de mais a mão na pimenta, mas o publico pouco se

importa com isso. A peça faz rir e está bem posta em scena; é o que elle quer.



PEIXOTO

Ferreira de Souza e Helena Cavalier, dous artistas dramaticos desviados momentaneamente, pelas circumstancias, do logar que lhes compete, no theatro, conduzem a revista, na sua qualidade de compadres, com toda a *verve* exigida pelo genero.

Cinira Polonio, que tem o encanto da carioca e o *chic* da parisiense, agrada muito numa successão estonteante de personagens e *toilettes*, cada qual mais elegante e mais rica.

Os demais artistas empurram galhardamente a peça para o centenario, convindo, entretanto, destacar Olympio Nogueira, actor brasileiro de talento, herdeiro legitimo da graça de Xisto Bahia.

A *Mimi Bilontra* não encontrou na rua do Lavradio a fortuna que lhe sorriu outr'ora na praça Tiradentes.

Entretanto conservára o seu principal encanto, isto é, o Peixoto representou, como na primitiva, o papel de Choufleury, um dos melhores da sua opulenta galeria de typos.

A *Passagem do Mar Vermelho*, producção de um dramaturgo amador, o Sr. Fonseca Moreira, abastado capitalista, serviu de pretexto á empreza do Apollo para uma brilhante apresentação da nova pleiade dos nossos scenographos, todos brasileiros, todos dignos de animação e applauso.

A peça foi posta em scena com todo o luxo de que era digna a obra de um capitalista; a scenographia, as vestimentas, os accessorios, os machinismos, a musica, os bailados, as evoluções, os effeitos de luz, etc., constituem um magnifico espectaculo, que não enfada nem cança.

Pela parte que me toca, declaro que me diverti, vendo e ouvindo a *Passagem do Mar Vermelho*, como ha muito tempo não me divertia em theatro.

Ha ali situações de um comico irresistivel; esta, por exemplo, em que o auctor resolve com muita graça a difficuldade terrivel de tirar uma figura de scena, escolho em que muitas vezes naufragam os melhores engenhos:

Estão em scena Satanaz e Uriel.

Satanaz interrompe o dialogo, e pergunta a Uriel:

—Mas, afinal, que fazemos nós aqui?

—Isso mesmo perguntava eu a mim mesmo, responde o outro. Vamos embora!

E saem magestosamente.



OLYMPIO NOGUEIRA

Arthur Azevedo.

Da Academia Brasileira



A COMITIVA A BORDO DO MUQUY

DE VICTORIA A DIAMANTINA

... Um rapido arrastar de correntes suspendendo a ancora, um silvo de machina, e partimos. O *Muquy* deslisou suavemente, insensivelmente, sobre as aguas quietas, empalhetadas de sol, da bahia, e a formosa paizagem do Rio, a cidade, as ilhas proximas, as serras recortadas ao longe, o tumulto maritimo de lanchas festivas e de pesados batelões de trabalho, começou tudo a desfilar como um cosmorama enorme que uma força extranha movesse diante de nós.

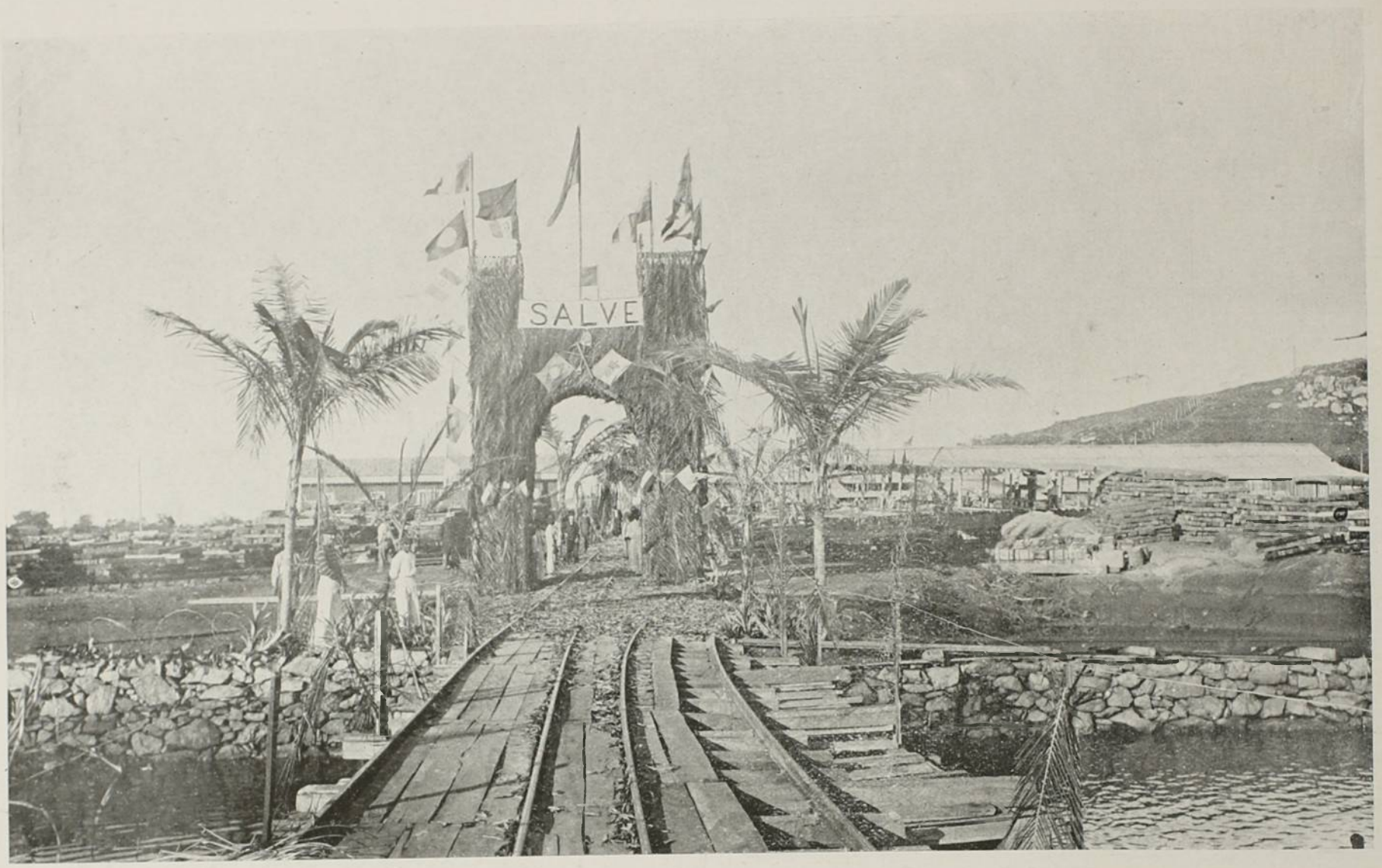
Villegagnon passou, com a guarnição a postos e a fanfarra na muralha, vibrando a ultima saudação ao ministro que ia a bordo; passou Lage, agachada nos seus rochedos como um atirador na espreita; passaram Santa Cruz, S. João, Imbuhy... Quando o primeiro estremecimento do *Muquy* affirmou que nos moviamos de facto, estavamos no mar alto. O Rio de Janeiro apparecia distante, com os seus morros bizarros e a guarda avançada de ilhas pittorescas, e aos nossos olhos desenrolava-se agora a visão admiravel das costas brasileiras elevando-se em montanhas de curioso relevo, alongando-se em largas e alvissimas praias, onde o mar, sem coleras nem impaciencias, parece espreguiçar-se sommolentamente e dormir...

Fomos assim até Cabo Frio, balouçados cariciosamente pelo navio, que parecia ter commosco cuidados de conductor delicado para com viajantes inexperientes e receiosos. A's attenções da directoria da *Victoria á Minas* juntavam-se ás do *Muquy*, compenetrado das suas funcções de portador de uma comitiva inaugural e desejoso de não compromettter com solavancos menos cortezes as impressões de uma bella festa; e o mar, por sua vez, entrava de companhia nesse designio e alisava-se o mais serenamente possivel para que o navio lhe resvalasse sem sobresaltos no dorso...

Até Cabo Frio. Ahi houve uma pequena amostra de mar, do mar de verdade, possante e movediço, que não pode estar todo o tempo a se adoçar em idylios. Era preciso mesmo que tivessemos uma noção real do oceano, viajantes iniciados que eramos na maior parte, e o oceano aproveitou a presença da hirta e aspera rocha do Cabo Frio para mostrar a uma comitiva alegre o que era a eterna luta, que se prolonga em toda a natureza, da agua marrando contra a pedra.

As consequencias dessa luta soffremol-as, como todos os que se acham em visinhança de gentes barulhentas...

Itapemirim, Guarapary, Benevente. A's 4 horas enfrentavamos Victoria. Tirámos as primeiras photographias a bordo.



ESTAÇÃO PROVISORIA DO PORTO VELHO

Mas foi breve, felizmente. O tempo, apenas, de abrandar alguns que pompeiavam de fortes e de diminuir, ao jantar, que se seguiu pouco depois da passagem do cabo, o invejavel appetite e a animada concorrencia com que a comitiva affirmara alegremente ao almoço a sua satisfação de convidados gratos e o seu orgulho de vencedores de mar manso... Os que resistiram foram para a tolda ainda sentir, com o afastamento do aspero e importuno promontorio, a entrada de novo na doce paz do nosso primeiro mar de viagem; os outros, recolhidos a beliche, dormiram. Quem dorme não sente: dizem que houve nova e mais dura prova na passagem, de madrugada, pelos baixios de S. Thomé; eu não sei, dormi.

Quando rompeu o dia, lavado por copiosa chuva que cahira de noite, o mar estendia-se outra vez calmo e caricioso, illuminado com as mesmas palhetas de ouro que ao sahirmos do Rio, e a mesma linha de serras recortadas e de praias largas e brancas acompanhava o navio, ao longe, como um guia alviçareiro que nos garante, a toda hora, a espera acolhedora.

Viajámos assim o resto do dia, com o mesmo sol, o mesmo mar, a mesma alegria. Passámos Itabapoana,

Victoria dá a impressão, a quem lhe entra o porto pela primeira vez, de que enfrenta um Rio de Janeiro reduzido em diminuição photographica. E' a miniatura das mesmas ilhas, semeadas desde a entrada até o fundo da bahia, que se abre em leque com o mesmo arco suave da Guanabara, tendo a fechal-a o perfil das mesmas montanhas, a curva graciosa da mesma praia exterior. O olhar sorprendido descobre successivamente os pontos que deixou, dezenas de milhas ao sul, no Rio de Janeiro: lá estão, em pequenina reproducção, Cotunduba, Pae e Mãe, a praia de Fóra, o Pão de Assucar, o morro de Santa Cruz, as serras da Tijuca e da Gavea e, ao fundo, os pittorescos refugios de saudosos convescotes. Parece-nos que a natureza, para a construcção da formosa Guanabara, construiu antes uma *maquette*, que fixou depois adiante, no Espirito Santo.

Vê-se que não é bem a terra carioca pelos dois altos morros em que branquejam, dominando o mar, o pharol e o convento da Penha, construcção a que se prendem lendas piedosas e onde a mão do jesuita deixou um cunho inapagavel.

Entrando a barra, á esquerda, no continente, estendendo-se de pouco adiante do Penedo—o Pão de

Assucar da Victoria — e apoiando-se na montanha em cujo alto se erige o velho mosteiro, apparece Villa Velha, a primeira povoação lançada no Espirito Santo pelo colonisador primitivo e sua capital em tempos recuados, antes que as aggressões violentas dos indios fizessem mudar a séde da capitania para a ilha, onde se ergueu a villa de N. S. da Victoria. Villa Velha — que guarda o seu nome tradicional, mau grado o baptismo official em "cidade do Espirito Santo" — é hoje para a Victoria o mesmo que S. Domingos para a Capital — uma residencia aprazivel, um ponto de recreio; mas da sua ancianidade guardou uma feição typica nas construcções e nas usanças, conservando prendas antigas que a pratica industrial moderna tem esquecido, de que se destacam as excellentes rendas feitas pelas familias de Villa Velha e que são um apanagio do logar.

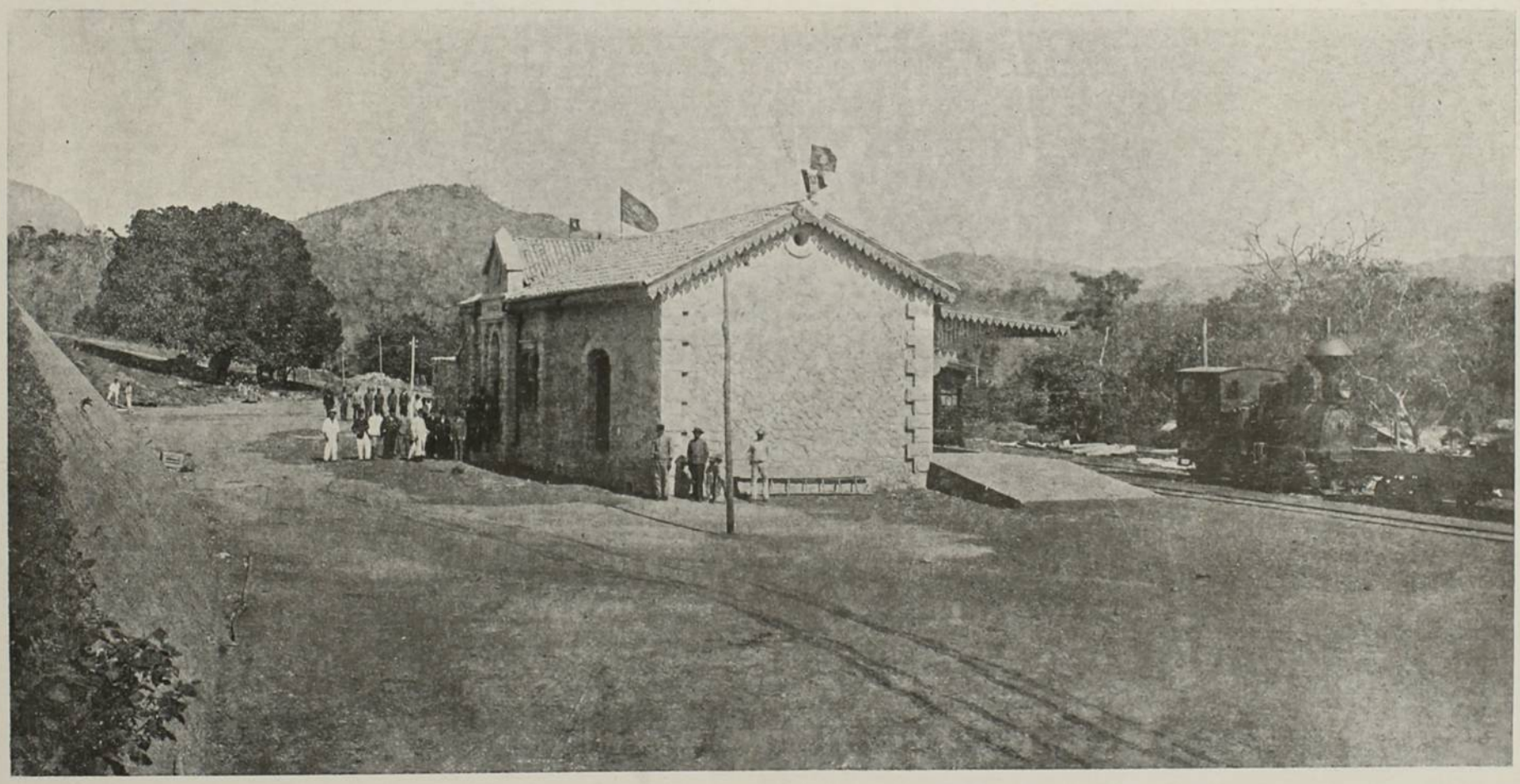
A direita, para lá do fortim de S. Pedro, espraia-se pela orla do mar Capichaba, povoação de pescadores, a cujo nome os filhos da Victoria devem o seu appellido caracteristico. Já se nos depara perto a casaria de Victoria. O *Muquy* caminha mais algumas braças e a capital do Estado se nos apresenta de face, alongando-se entre a verde montanha que lhe serve de fundo e o mar verde de que parece surgir. Salve !

de *rowers* que coalham as aguas, floridas aquellas de perfis femininos, flammantes estas de camisetas alacres, remos ao alto, em continencia... Chove.

O *União* atraca, entretanto, ao *Muquy*; trocam-se saudações, votos de boa-viagem, congratulações pelo emprehendimento que se affirma, e em seguida passamos para o *União*, que parte, entre as mesmas acclamações da chegada, para a ponte da *Victoria a Minas*. Far-se-á a inauguração a 13 de Maio. A data reivindicadora vae alforriar tambem economicamente o Espirito Santo e uma parte de Minas da rotina que lhes peiava a expansão industrial. Seguimos.

A estação inicial da estrada de ferro da Victoria a Diamantina fica no continente, mais ao fundo da enseada, no logar denominado Porto Velho. De futuro, a estação será em frente á Victoria, no Porto das Argollas, onde se acha a estação da *Sul-Espirito-Santo*, ficando commum ás duas estradas o mesmo ponto de partida. E' um traço de terreno sómente que as separa, estando assentada nesse trecho a primeira obra de arte da *Victoria a Minas*, a ponte sobre o canal do Marinho.

O canal do Marinho é ainda um sulco da passagem do jesuita no Brasil, assignalada por obras superiores á cultura e ao descortino dos seus contemporaneos: con-



ESTAÇÃO DE CARIACICA

Mas não ha tempo de detalhar a paizagem: o *União*, em que vem o presidente do Estado ao encontro do ministro da Viação e da comitiva, approxima-se, em meio o sibilar festivo dos vapores, as acclamações e musicas enthusiasticas, o agitar de lenços e de chapéus, abrindo caminho por entre as lanchas e embarcações

struiu-o elle, na extensão approximada de doze kilometros, para ligar o curso do Jucú, que se lança no mar alto, e por onde desciam os productos das fazendas da Companhia no interior, com a bahia da Victoria.

A estrada de ferro lançou sobre esse canal um viaducto, interessante pelos recursos de que a engenharia se

serviu para vencer as diîficuldades de um fundo de vasa, sem apoio nem resistencia. A ponte assenta sobre pilares, constituidos por cylindros ôcos de tijollo sobre um marco e gume cortante de ferro, que iam penetrando pelo proprio peso á proporção que uma pá mechanica excavava-lhes o interior e retirava a vasa que subia; afundaram-se assim dez metros, até á rocha, e uma vez ahi, e enchidos de concreto, estabeleceu-se-lhes no topo macissos de alvenaria de pedra e cantaria sobre os quaes repousa a superstructura metallica da ponte com o peso de 36.000 k.

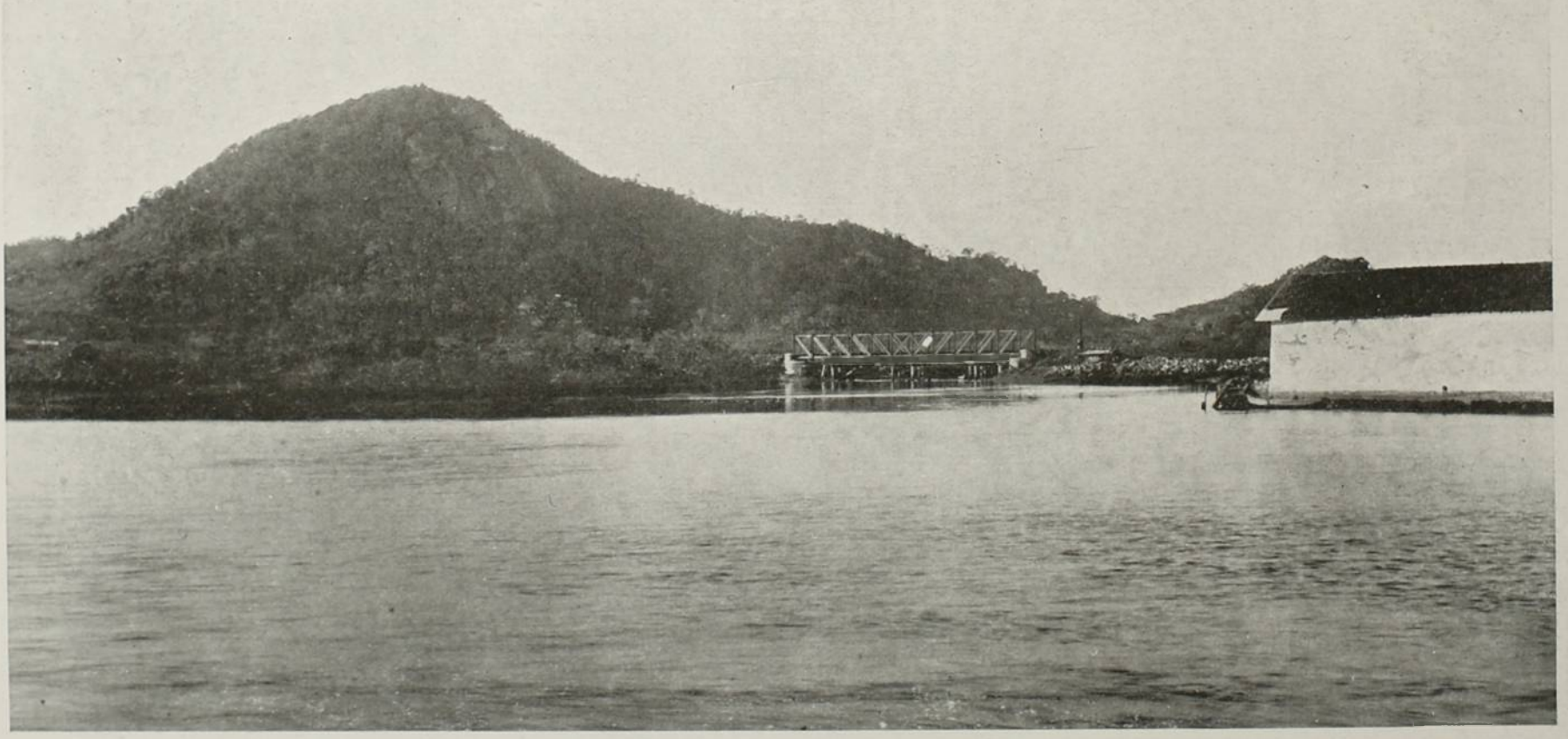
O aterro é supportado por enrocamentos e cylindros de pedra secca e por um muro de alvenaria de cimento assentado sobre quatro trilhos, que repousam sobre os cylindros atraz das vigas de ferro. O viaducto foi completado em cinco mezes.

Havia ainda um aterro a fazer sobre o mangue, desse ponto até proximo da estação da *Sul-Espirito Santo*, na extensão de setecentos metros, para ligar Porto Velho ao Porto das Argollas; e este foi feito, atravessando a locomotiva de aterro sobre andaimes provisorios de vigas de madeira, repousando estes sobre trilhos atravessados em fogueiras de dormentes. Vencidas as difficuldades technicas, a estrada esbarrou em um terreno a desapropriar e num proprietario de reclamos, tentativas e lutas, se tornava afinal em compensadora realidade.

Havia cincoenta e sete annos que Christiano Ottoni tivera, primeiro de todos, a idéa de unir o nordeste de Minas á Victoria por uma estrada de ferro, e vinte e oito que o engenheiro Hermillo Alves completara os primeiros estudos para uma linha que, ligando a Victoria a Natividade, fosse o escoadouro facil da farta producção dos valles do rio Doce e do Manhuassú, entravada, amesquinhada pela dependencia de uma uma navegação fluvial penosa, tarda e atrophiadora.

O trem official partiu, era já noite. Chovia sempre; e dentro do carro, janellas descidas, apinhados comitiva e povo do logar, tinhamos apenas a impressão de uma desfilada atravez da sombra, por sitios que não sabiamos bem o que eram, para uma festa que estava, antes de tudo, dentro do nosso coração. De quando em quando gyrandolas riscavam o ar e «vivas» chegavam-nos aos ouvidos, das gentes dos campos saudando a conquista nova. Paramos rapidamente em Cariacica para receber saudações e as autoridades da villa e ao fim de outra corrida chegamos afinal em Alfredo Maia. Eram 7 e 45 da noite.

Uma enorme multidão tumultuava, premia-se na estação á espera do trem, a tantos annos esperado; e

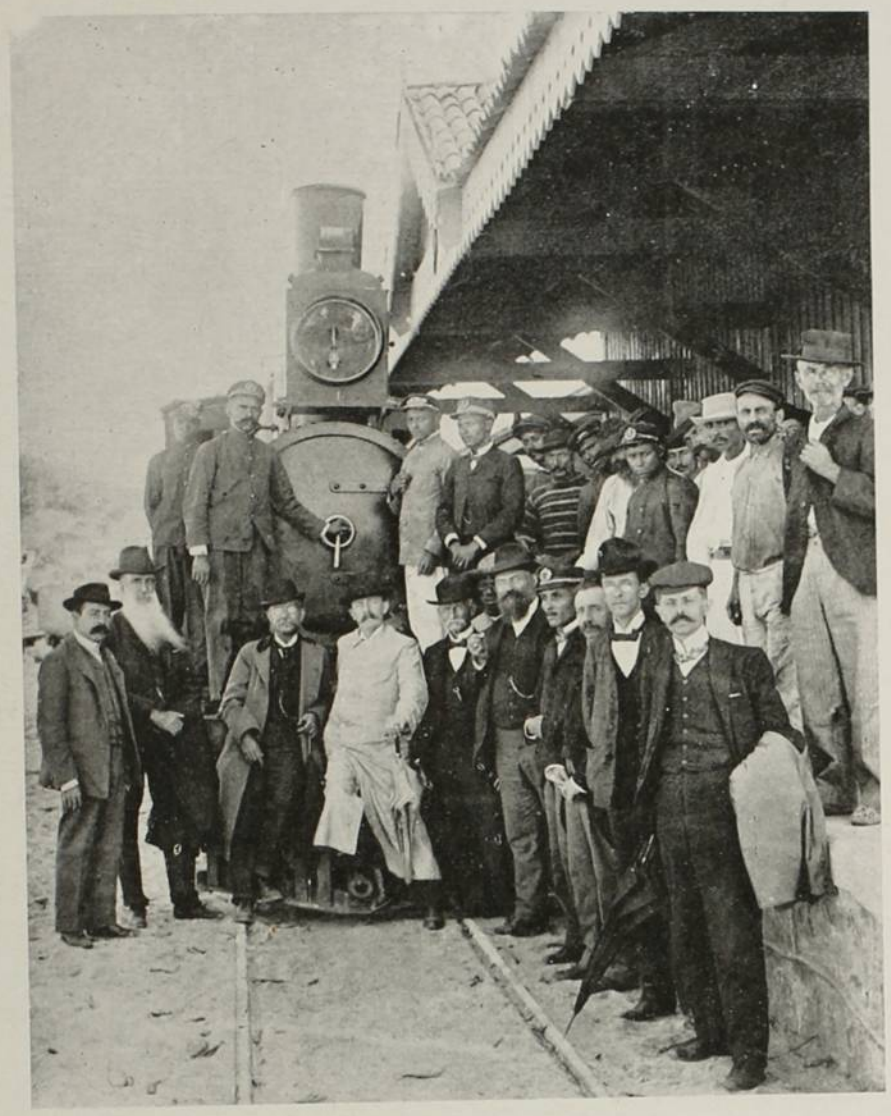


PONTE SOBRE O CANAL DO MARINHO

má vontade: a locomotiva não poude passar; a inauguração não poude ser feita em Argollas.

Foi de Porto Velho que partimos, já escurecendo, para abrir ao trafego essa ferro-via promissora, a tanto e tão desejosamente reclamada por duas zonas opulentas e que depois de tamanhas indecisões e foi com extraordinaria e sincera emoção que aquelle povo, ancioso por essa linha ferrea que lhe abria horizontes mais amplos, irrompeu em acclamações quando assomaram á plataforma do carro as figuras sympathicas do dr. Lauro Muller e do dr. Muniz Freire, seguidos dos engenheiros da estrada e dos representan-

tes das diversas actividades nacionaes. Houve um fremito na massa.



DIRECTORES DA ESTRADA E JORNALISTAS EM PORTO VELHO

Drs. P. Nolasco — Arthur Alvim — João Teixeira Soares — T. Land — Felippe Carpenter — E. Schnoorr — Agente e auxiliar de Porto Velho — Representante do *Kósmos* — Representante da *Noticia*.

A estrada de ferro Victoria a Diamantina representava o termino victorioso de uma longa campanha em que fracassaram as mais intelligentes vontades e as melhores energias de governo. O ideal, perseguido havia tanto e não alcançado nunca, alli o tinham, graças á tenacidade de um grupo de profissionaes e de capitalistas e á boa vontade do Congresso Nacional e de dois ministros: de um destes lá estava o nome perpetuado — «Alfredo Maia»; o outro, recebiam-n'o com flores e palmas.

Feita a inauguração, assignada a acta respectiva, após a magnifica collação offerecida pela *Victoria a Minas*, abafado o rumor das derradeiras saudações, regressamos a Porto Velho. A *Dorizon* e a *P. Herelle* — nome de dois industriaes amigos, que a Companhia dera ás suas primeiras locomotivas — tiravam-nos rapidamente atravez dos campos que a ferro-via fecundava; e nos carros, agora cheios de vivas e novas impressões, commentava-se o alcance do emprehendimento, enalteciam-se os homens que o levaram por diante, citavam-se os seus collaboradores — Teixeira Soares, o eminente constructor da *Paranaguá a Corytiba*, tão valoroso quanto modesto, Pedro Nolasco, o incansavel, Maylaski e Legru, os organisadores do capital, João Neiva, um braço forte no Congresso, Augusto Ferreira, Arthur Alvim, Rocha Dias, Schnorr, Sá Carvalho.

Quando chegámos a Victoria a cidade e o mar pontilhavam-se de luzes e o pharol do *Muquy*, flammejando em meio da enseada, era como uma chamada ao repouso. 9 1/2 da noite. Depois de breve passagem pelo telegrapho, recolhemo-nos a bordo.

No dia immediato, excursão pela *Sul-Espirito-Santo* e banquete em palacio; domingo voltariamos para o Rio, emquanto o ministro seguia por terra, com um sequito pequeno, para estudar a ligação desejada entre a terminal daquella estrada e a *Leopoldina*, em Cachoeiro do Itapemirim. Aproveitamos a manhã da partida, eu, Oliveira Gomes, Chapelin e o engenheiro Nolasco, para ver, na linha nova, os sitios que a noite não deixara descortinar.

Comprehendemos então, mais nitidamente do que nunca, o valor dessa estrada. A locomotiva conduz-nos por entre terras uberrimas; campos de verdura ridente e de feição bizarra, entorrôados, de espaço a espaço, de monticulos redondos recobertos de relva, á semelhança de seios, como si a terra, enseivada e prodiga, se entumecesse por toda a parte de mammas dadivosas; mattas cheias de sombra e flor, onde o ipê e o pau d'arco guardam sob a garridice do florescimento a rijeza util do madeiro. Mas, por toda a parte, o trabalho confortador: os campos, saturados pelas marés, que se infiltram leguas a dentro nas terras baixas, povoam-se de gado nedio e limpo, que dispara, ao silvo do trem; as mattas se enchem de cafezaes viçosos, plantados á sombra e vermelhos de fructo maduro; e de momento a momento, em clareiras e varzeas, se amiudam as casas de colonos, ora o pouso abastado, de telha e tijollo, branquejando na paizagem, ora o rancho de sapê, cuidadosamente tratado, de tecto conico como os pavilhões rusticos de jardim.

Assim até Cariacica. A estação aqui se encosta garridamente a uma suave collina, no alto da qual a villa enxameia, com o seu casario alegre e numeroso, como uma colmeia laboriosa. Não ha tempo de correr a villa. Seguimos.

E' a mesma a perspectiva até «Alfredo Maia»: campos e mattos cheios de seiva e flor, terras e casas cheias de trabalho e fructo. Em «Alfredo Maia», como em Cariacica, a villa fica num alto; é S. José do Queimado. Vê-se do caminho apenas a torre da matriz.

O Santa Maria passa rente á estação. Por elle deriva uma riqueza, todo o café que foge á descida penosa pelo Rio Doce e vae por aquelle rio até Victoria. Este café virá um dia pela estrada, como o que desce ainda hoje pelo rio Doce e o que deriva pelo Timbuhy e pelo Piraquê para Nova Almeida e Santa Cruz.

A exportação da bacia do rio Doce, só no Espirito Santo, sobe a um milhão de arrobas de café; e ha ainda 40.000 pés de cacau em Porto Mascarenhas e cereaes em todas as antigas colonias, desde Pau Gigante até Collatina, e mais dois milhões de arrobas de café na zona mineira. E' o futuro de uma estrada.

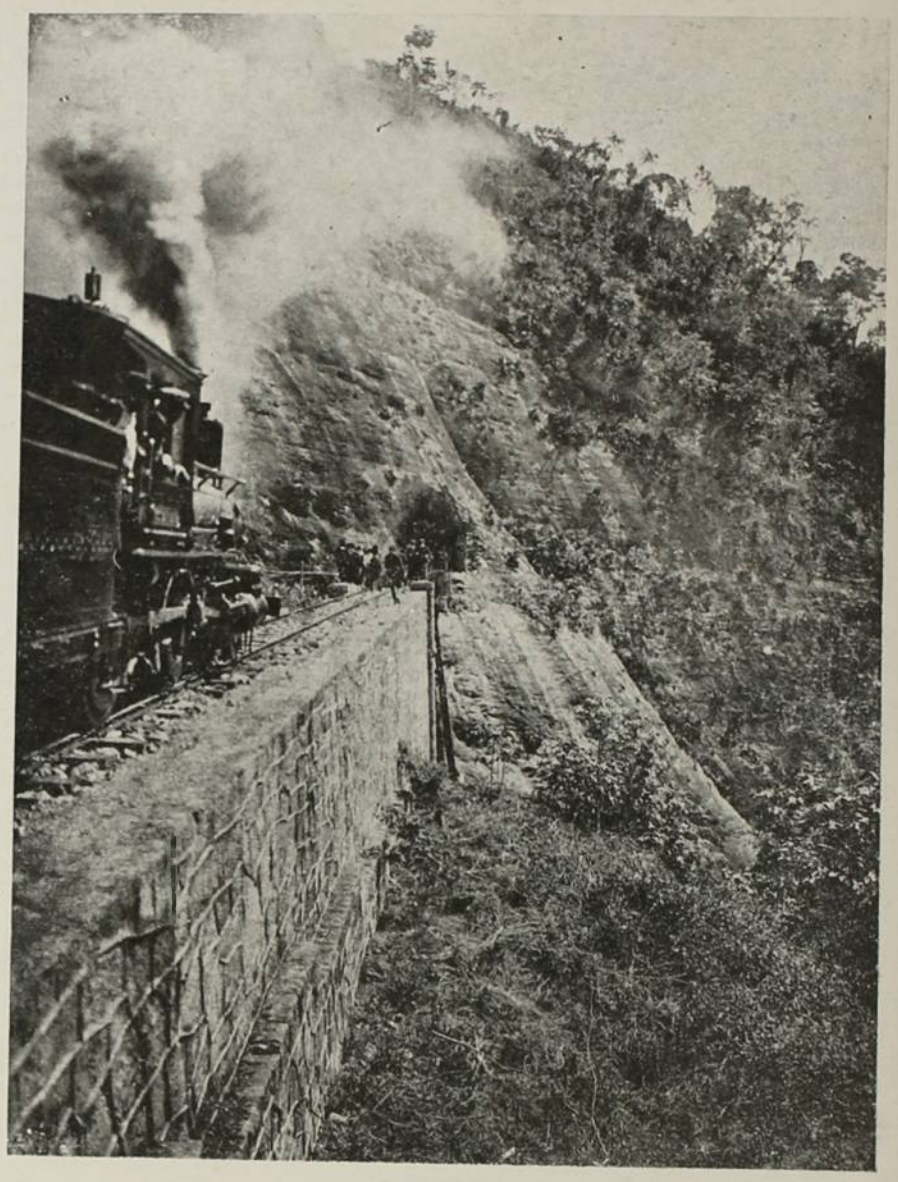
O trem só attinge, por ora, «Alfredo Maia»: voltámos, e duas horas depois o *Muquy*, sob o mando habil do capitão Jeronymo Gonçalves, zarpava comnosco para o Rio de Janeiro.

Já o convento da Penha se não divisava no horizonte e eu seguia mentalmente o trilho da *Victoria a Diamantina* pelos sertões opulentos que vae rasgar. Senti-lhe a marcha ascencional até Natividade, libertando as populações ribeirinhas do rio Doce da tyrannia de uma arteria fluvial empedrada de cachoeiras no curso superior e fechada na barra por bancos de areia, após a illusão de extenso trecho navegavel; senti-a penetrar em Minas. E vi descerem por ella, até Victoria, os thesouros mineiros, do Manhuassú até Diamantina: a farta producção cafeeira, as madeiras de valor, as pelles e plumas raras, o crystal abundante e purissimo, o ouro fino, a pedra preciosa; via-a formar industrias e cidades ao longo do seu leito...

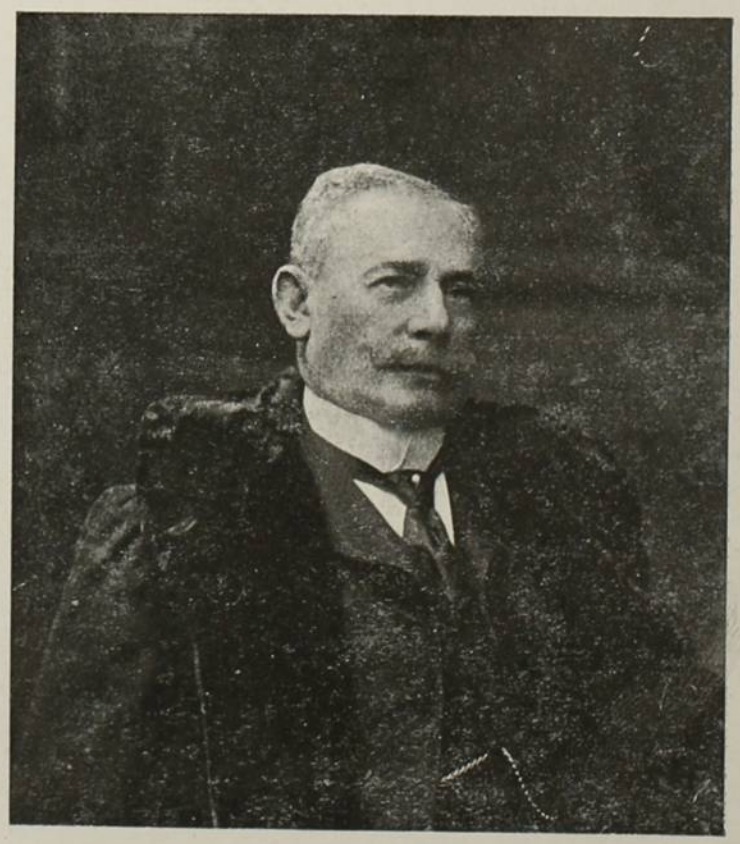
Quando o *Muquy* entrou a Guanabara um grande transatlantico sahia. Dentro, na bahia clara, lanchas e botes alviçareiros cruzavam-se e pesados navios de commercio coalhavam o mar. E eu lembrei-me da graciosa miniatura do norte e de affectos que deixara lá — Cleto Nunes, Bernardo Horta e tantos — e pensei em que Victoria terá tambem um dia, mercê dessa estrada, o mesmo tumultuar de embarcações pojadas de gente e carga, transportando a vida e o progresso... — *L. A.*



M. HECTOR LEGRU, NO SEU BELLO HIATE "SUZON"



TUNNEL E VIADUCTO NA «SUL-ESPIRITO SANTO»



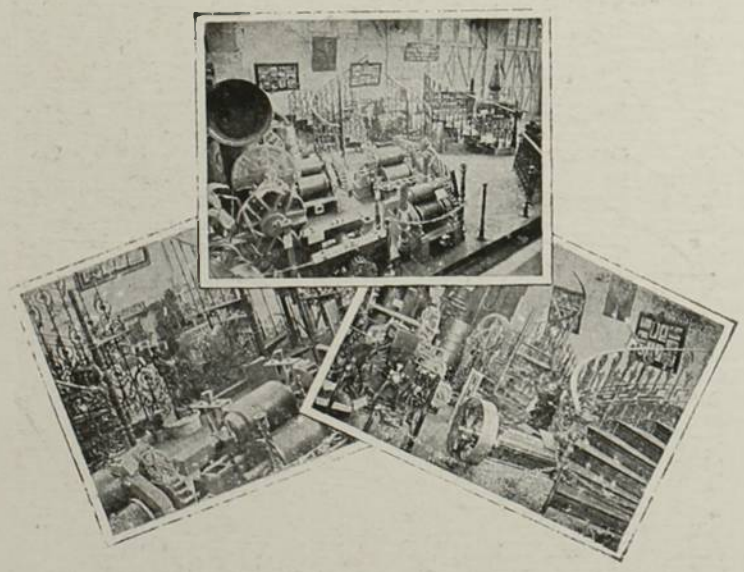
L. MAYLASKI, VISCONDE DE SAPUCAHY



FUNDIÇÃO INDIGENA

A MAIS ANTIGA DO BRAZIL

Premiada em varias Exposições Nacionaes e Estrangeiras



FARINHA CARVALHO & C.

* * * * * * FABRICANTES * * * * * * *

DE MACHINAS PARA LAVOURA E INDUSTRIA

* * * CONSTRUCÇÕES METALICAS * * *

GRADES, VARANDAS, COLUMNAS ETC. ETC.

CALDEIRAS, RESERVATORIOS, PONTES ETC.

PORTAS DE AÇO ONDULADO SILENCIOSAS.

120, a 126, Rua da Imperatriz, 120 a 126

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA E PAPELARIA

J. SCHMIDT

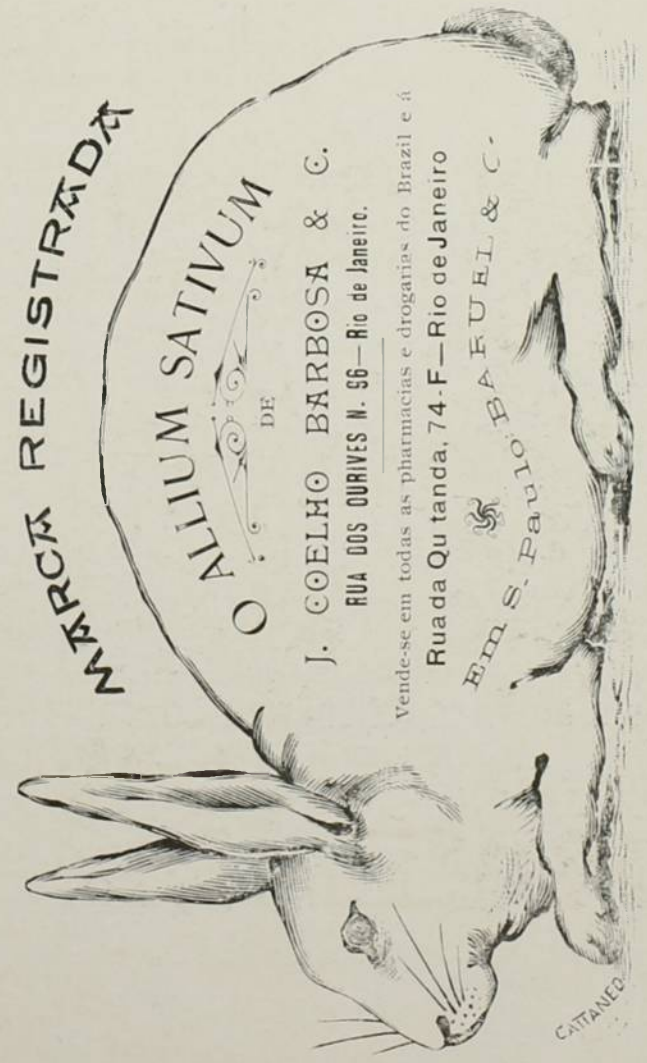
IMPRESSÕES ARTISTICAS, TRABALHOS COMMERCIAES, CATALOGOS ILLUSTRADOS, CARTÕES POSTAES COM VISTAS, ETC.

N. 24—Rua da Alfandega—N. 24

RIO DE JANEIRO

DUBONNET

O MELHOR APERITIVO



PREVENÇÃO AO PUBLICO

Do ALLIUM SATIVUM antigo e conhecido na homeopathia, porém pouco ou raramente usado, J. COELHO BARBOZA preparou ha cinco annos de uma forma especial um especifico para curar a influenza e constipações de um a tres dias. Apparecendo agora vendedores do ALLIUM, prevenimos ao publico que, se quizer ter a certeza de levar para casa um remedio especialmente preparado para estas molestias deverá exigir o que traz um COELHO pintado.



Empreza Maritima Brazileira

32—RUA DA ALFANDEGA—32

(2.º ANDAR)

* * * Endereço Telegraphico—ZAMARA * * *

Proprietaria do maior Vapor que navega com a Bandeira Brazileira

SÃO LUIZ

de 5000 toneladas de carga, navegação para os portos do Norte, do Sul e Rio da Prata.

A EQUITATIVA

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida

TERRESTRES E MARITIMOS

Sub-directoria do Sul

AGENCIAS:

S. Paulo—Largo da Sé n. 1. E. Gambaró, Superintendente
Porto Alegre—Rua dos Andradas n. 395. O. Bernardi, idem
Curytiba—Rua 15 de Novembro n. 11. Fernandes Loureiro & C. Representantes
Rio Grande—Rua do Riachuelo. Corrêa Leite & C. Idem.

Acceita-se agentes quer para o ramo vida, quer para o ramo terrestre ou maritimo.

Eugenio Borges
SUB-DIRECTOR.

Rua da Candelaria N. 7 — Rio de Janeiro

Anno I N. 6 JUNHO - 1904 Rs. 2$000

KOSMOS

SUMMARIO

Chronica	*Gil.*
Nossos concursos	
As ondas electricas invisiveis	*Dr. F. Bhering.*
Commentarios	*Sancho Alves.*
Typos da roça (Camarada)	*Azevedo Junior.*
Ensaios de chronica militar	*B.*
Exposição de S. Luiz	*C. de Mar e Guerra J. Carlos de Carvalho.*
Operarios do velho e do novo mundo	*Demetrio Toledo.*
O Valle Azul	*Oliveira Gomes.*
Portico das Canções do Norte	*Theodoro Rodrigues.*
A proposito de um concerto	*Luiz Paes Leme.*
Influencia das ideas politicas sobre o methodo de ensino	*Coronel Espirito Santo.*
O Chafariz do Lagarto	*Dr. Vieira Fazenda.*
Antonio Parreiras na sua actual exposição	*Gonzaga Duque.*
Theatros	*Arthur Azevedo.*
Castigo (conto)	*Cyro Costa.*

A Equitativa dos E. U. do Brazil

SEGURO DE VIDA E RESIDENCIA

Adquirir simultaneamente um capital e uma propriedade; legar aos seus um peculio e um tecto proprio!

Eis o ideal que acaba de realisar a Directoria da Equitativa, incansavel em proporcionar beneficios aos seus segurados.

Já não era bastante constituir economias para a velhice, receber, em vida, capitaes por sorteio e deixar aos herdeiros um peculio; era preciso que o mutuario da Equitativa tivesse o seu lar, a sua casa propria!

As sociedades de seguro de vida, como entendem os Directores da Equitativa, tem um fim altamente philantropico e de real utilidade publica. Quando só se cogita em jogos, incompativeis com a previdencia e contrarios á economia, principal fonte de riqueza em todos os povos, entendeu a Equitativa prestar inestimavel serviço aos seus segurados, proporcionando-lhes um meio de se tornarem proprietarios e capitalistas, sem sacrificios, mediante o emprestimo ideal, de juros modicos e prazo longo.

E, como se poderá fazer tudo isso?

Com pouco mais, o mesmo ou, talvez, menos do que se paga pelo aluguel da casa!

Com uma nesga da terra e uma ou mais apolices sorteaveis, na classe de pagamentos limitados ou dotaes, tornar-se-ha possivel edificar uma casa nova ou reconstruir um predio velho ou condemnado...

O emprestimo será feito pelos prazos de 1 a 20 annos e a amortização, com juros modicos, recebida em prestações mensaes, trimestraes, semestraes ou annuaes, durante todo esse prazo, com a faculdade ao mutuario de antecipar esses pagamentos como e quando o entender.

Sempre que uma ou mais das apolices forem sorteadas, será o respectivo producto levado em conta da hypotheca, de modo a reduzir as prestações ou o prazo do emprestimo, bem como a extinguir por completo o pagamento dos juros sobre a quantia amortizada.

Em caso de fallecimento do segurado, será parte do seguro applicada ao pagamento do emprestimo e o saldo entregue aos herdeiros, que ficarão assim com peculio e casa propria!

Em caso de sobrevivencia ao prazo do contracto terá o mutuario constituido para si um capital e adquirido uma propriedade quasi que insensivelmente!

Um exemplo:

Um individuo manda edificar um predio por Rs. 15.000$000 e faz o competente seguro por 15 annos.

Com o pagamento mensal de Rs. 269$500, no fim de 15 annos, se antes não fallecer, será o dono do predio e receberá o producto de seu seguro.

No decurso de 15 annos as suas apolices concorrerão a sorteio 30 vezes e de cada vez que for sorteada uma apolice, lhe serão creditados Rs. 5.000$000.

Com taes elementos poderá rapidamente diminuir, á sua opção, ou as prestações ou o prazo do contracto ou mesmo extinguir de prompto o seu debito.

Se antes fallecer legará aos seus herdeiros o predio e o saldo do seguro.

Outro exemplo:

Um individuo que mandar edificar um predio por Rs. 10.000$000 e fizer o competente seguro por 20 annos se tornará immediatamente proprietario e mediante o pagamento mensal de Rs. 159$500, no fim de 20 annos, se antes não fallecer, o seu predio ficará completamente exonerado, recebendo então, alem d'isso o producto do seguro.

No decurso de 20 annos as suas apolices concorrerão a sorteio 40 vezes e em cada sorteio lhe serão creditados tantas vezes Rs. 5.000$000, quantas as apolices sorteadas n'esse sorteio.

Com taes elementos poderá diminuir, á sua opção, ou as prestações ou o prazo do contracto, ou mesmo extinguir de prompto o seu debito.

Se antes fallecer, legará aos seus herdeiros o predio e o saldo do seguro.

Ora, francamente, ponha cada um o caso em si; calcule quanto tem gasto em alugueis desde que se entende.

Bem poucos deixarão de chegar á conclusão de que se, em vez de pagar esses alugueis, os tivessem desde então applicado ao pagamento de prestações mensaes para um seguro de vida e residencia na Equitativa, serião hoje capitalistas e proprietarios!

Mas nunca é tarde para a pratica de um acto de previdencia, sobretudo quando com elle se faz um excellente negocio.

Quantas vezes um proprietario, dispondo de modestos recursos, é obrigado pelas autoridades a reconstruir, no todo ou em parte, o seu predio, vendo-se assim forçado a d'elle dispor com prejuizo, ou a contrahir oneroso emprestimo á prazo curto, correndo o risco de sacrificar no fim d'este a sua propriedade para pagar o emprestimo, quando não é victima de vexatorias e dispendiosas demandas.

Outros casos ha em que se deixa de adquirir um predio com receio de contrahir uma hypotheca, podendo sobrevir o fallecimento do devedor antes de pago o emprestimo.

Esta hypothese faz com que occorram logo aos espiritos criteriosos, os embaraços e contrariedades que occasionará á familia sobrevivente.

Esse receio, com o seguro de vida e residencia não pode existir, pois quem instituir seguro e adquirir um predio em um dia e n'esse mesmo dia fallecer, pode ter a certeza absoluta de que, pelo menos, DEIXARÁ Á FAMILIA UMA PROPRIEDADE LIVRE E DESEMBARAÇADA DE QUALQUER ONUS, pois 24 HORAS DEPOIS DA APRESENTAÇÃO DAS PROVAS DE MORTE esta Sociedade se obriga a passar escriptura de plena e geral quitação do emprestimo contrahido.

Esta maravilhosa combinação é tão simples, pratica e evidente que dispensa maiores commentarios e explicações; entretanto, serão prestados com maximo prazer e solicitude todos os esclarecimentos que se desejarem, na séde da Equitativa, á rua da Candelaria n. 7.

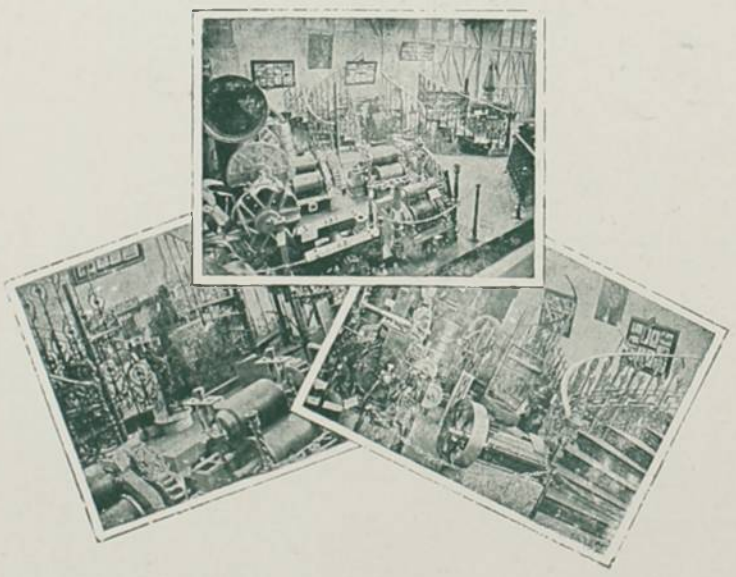
ESTE SEGURO SÓ É ACCEITO PARA A CAPITAL FEDERAL



FUNDIÇÃO INDIGENA

A MAIS ANTIGA DO BRAZIL

Premiada em varias Exposições Nacionaes e Estrangeiras



FARINHA CARVALHO & C.

* * * * * * FABRICANTES * * * * * *

DE MACHINAS PARA LAVOURA E INDUSTRIA

* * * CONSTRUCÇÕES METALICAS * * *

GRADES, VARANDAS, COLUMNAS ETC. ETC.

CALDEIRAS, RESERVATORIOS, PONTES ETC.

PORTAS DE AÇO ONDULADO SILENCIOSAS.

120, a 126, Rua da Imperatriz, 120 a 126

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA E PAPELARIA

J. SCHMIDT

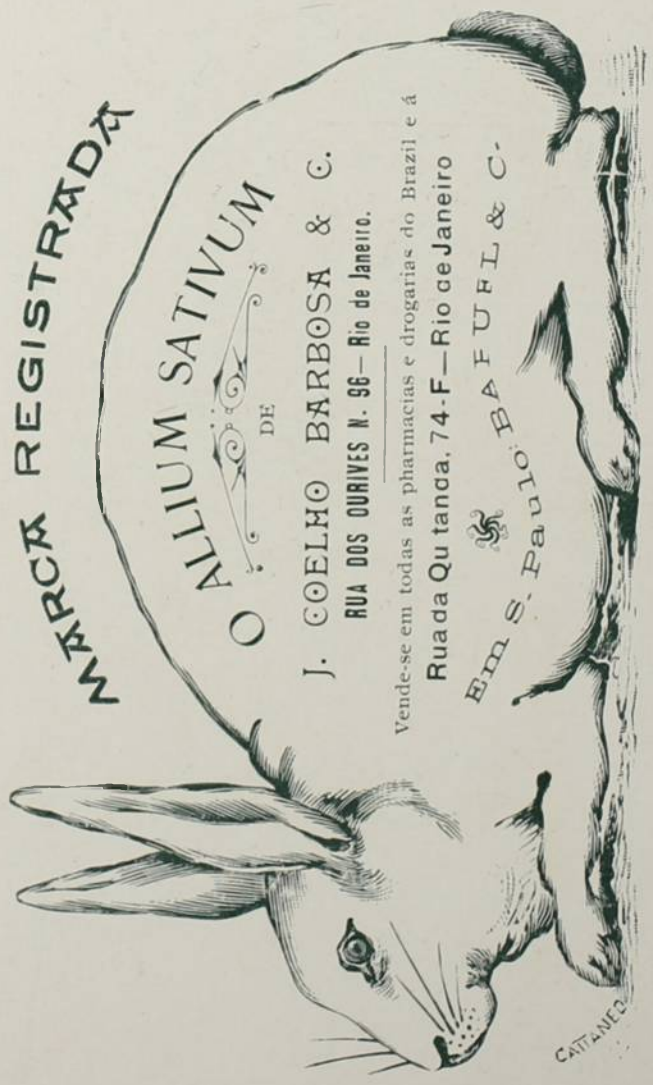
IMPRESSÕES ARTISTICAS, TRABALHOS COMMERCIAES, CATALOGOS ILLUSTRADOS, CARTÕES POSTAES COM VISTAS, ETC.

N. 24—Rua da Alfandega—N. 24

RIO DE JANEIRO

DUBONNET

O MELHOR APERITIVO



PREVENÇÃO AO PUBLICO

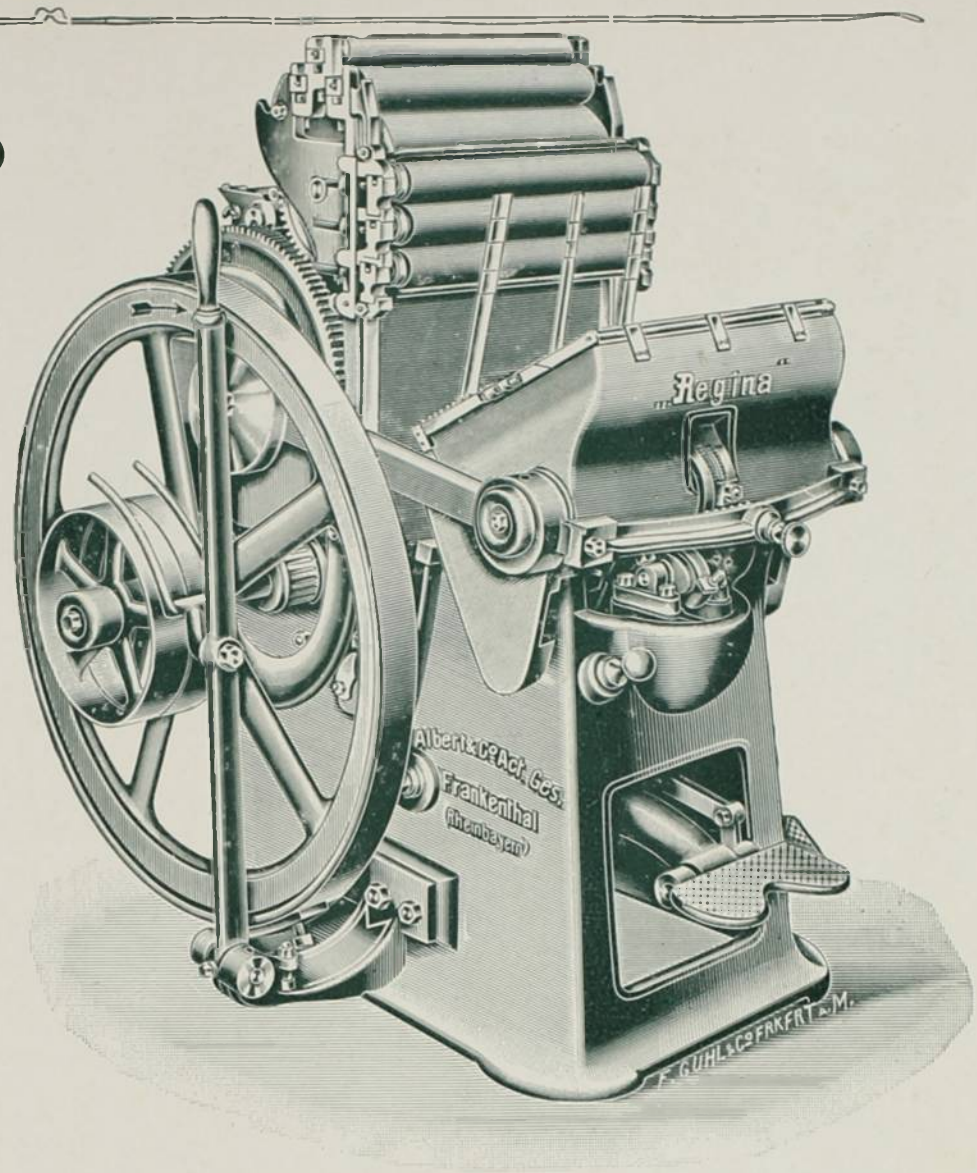
Do ALLIUM SATIVUM antigo e conhecido na homœopathia, porém pouco ou raramente usado, J. COELHO BARBOZA preparou ha cinco annos de uma forma especial um especifico para curar a influenza e constipações de um a tres dias Apparecendo agora vendedores do ALLIUM, prevenimos ao publico que, se quizer ter a certeza de levar para casa um remedio especialmente preparado para estas molestias, deverá exigir o que traz um COELHO pintado.

ARTES GRAPHICAS

Caixa do Correio 994 — Telephone N. 1106

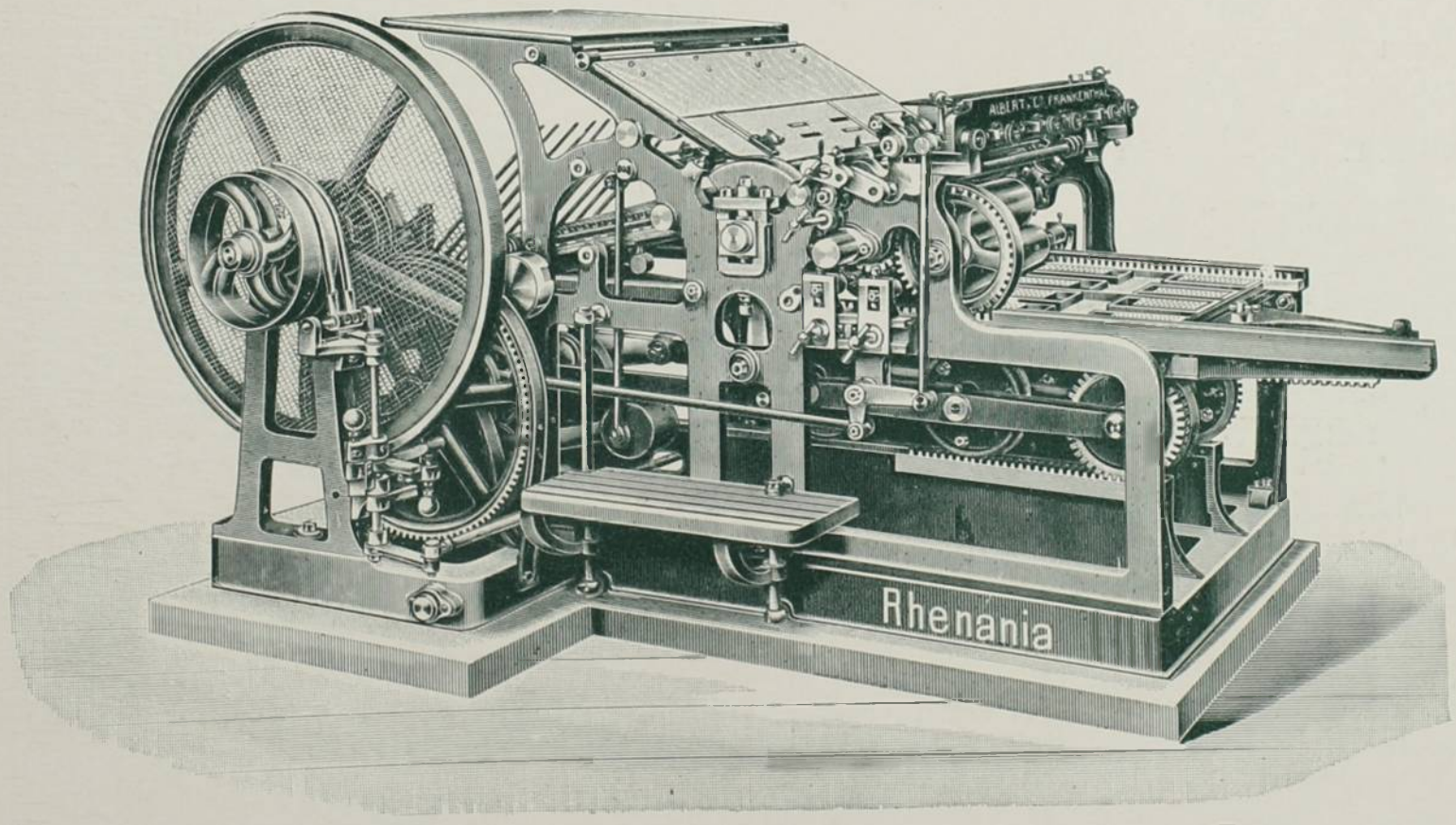
TEMOS SEMPRE EM DEPOSITO:

Tintas Typographicas, Lithographicas,
Vernizes, Grande Variedade de Typos,
Massa para Rolos, Arames para Cozer,
Zinco, Cobre e Madeira para Gravuras.



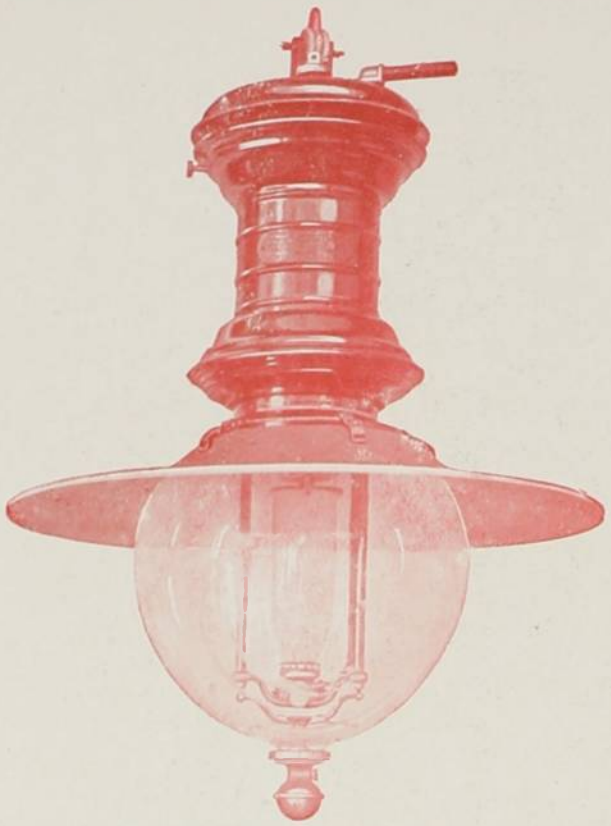
MATERIAL PARA STEREOTYPIA, MACHINAS
PARA IMPRESSÃO ETC.

UTENSILIOS PARA COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO



Augusto Niklaus & C.

RUA DA QUITANDA N. 54 — RIO DE JANEIRO



REPRESENTANTES
DAS SEGUINTES FIRMAS:

GENERAL ELECTRIC CO.
APPARELHOS ELECTRICOS PARA FORÇA E LUZ

PELTON WATER WHEEL CO.
RODAS DE AGUAS, TURBINAS, &

Mc. INTOSH SEYMOUR & CO.
MACHINAS A VAPOR

BABCOCK & WILCOX CO.
CALDEIRAS A VAPOR

THE PECKHAM MANUFACTURING CO.
TRUCKS PARA CARROS E VAGÕES

THE CHLORIDE ELECTRICAL STORAGE COMPANY LTD.
ACCUMULADORES ELECTRICOS

A. L. IDE & SONS
MACHINAS A VAPOR "IDEAL"

CHICAGO PNEUMATIC TOOL COMPANY
MACHINAS E FERRAMENTAS DE AR COMPRIMIDO

CLEVELAND TWIST DRILL CO.
BROCAS AMERICANAS

L. S. STARRETT CO.
FERRAMENTAS FINAS

CINCINNATI TOOL CO.
FERRAMENTAS

FAY & EGAN CO.
MACHINAS DE TRABALHAR EM MADEIRA

GLOBE WERNECKE CO.
MOBILIA DE ESCRIPTORIO

LOZIER MOTOR CO.
MOTORES E LANCHAS DE GAZOLINA

WORTHINGTON PUMPING ENGINE CO.
BOMBAS A VAPOR

MIETZ & WEISS
MOTORES A GAZ E KEROZENE

HAMMOND TYPEWRITER CO.
MACHINAS DE ESCREVER

VICTOR TALKING MACHINE CO.
GRAMOPHONES E ACCESSORIOS

EASTMAN KODAK COMPANY
APPARELHOS PHOTOGRAPHICOS

IMPORTADORES DE
MACHINAS PARA OFFICINAS E APPARELHOS ELECTRICOS DE TODAS AS QUALIDADES

GUINLE & Co

SUCCESSORES DE ASCHOFF & GUINLE

Engenheiros Mechanicos Hydraulicos e Electricistas

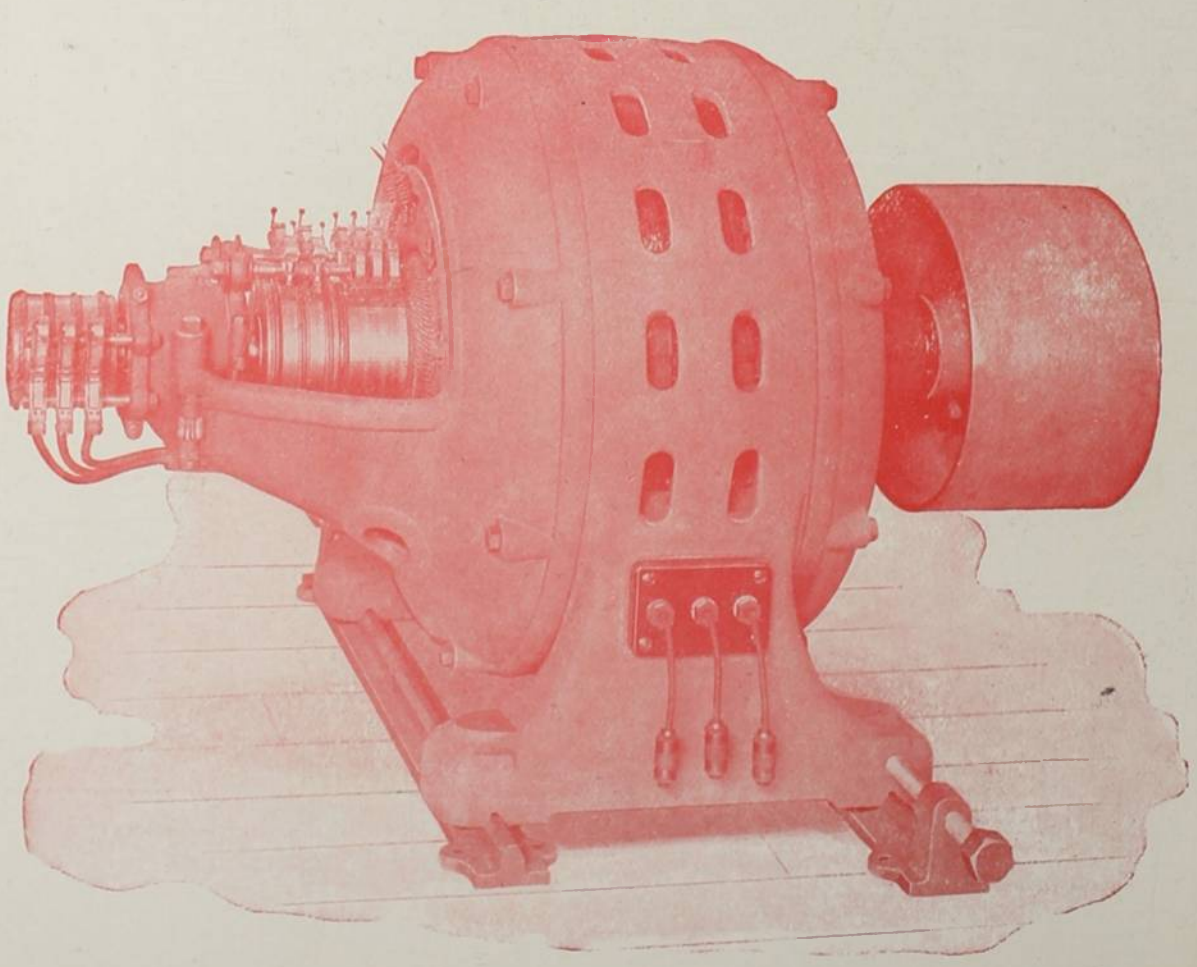
Importadores de Machinas e Manufacturas Norte-Americanas

55 ~ Rua do Ouvidor ~ 55

RIO DE JANEIRO — BRAZIL

RUA DIREITA N. 7, S. PAULO

OFFICINAS E DEPOSITO: RUA NOVA DO OUVIDOR, 13







ILHA DE PAQUETÁ - BAHIA DO RIO DE JANEIRO

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director
MARIO BEHRING

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . . 20$000 EXTERIOR. . . . . 22$000
NUMERO AVULSO. . . . . 2$000

Editor-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ANNO 1 | JUNHO 1904 | N. 6

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

Tendo-se esgotado as edições dos numeros 1 a 4 d'esta Revista, só poderemos receber assignaturas, d'ora em diante, para o 2º semestre do corrente anno.

Interior Rs. 11$000 Exterior Rs. 12$000

A importancia das assignaturas deve ser remettida em carta registrada ou vale postal a J. Schmidt, rua da Alfandega 24 —Rio de Janeiro—

KÓSMOS encontra-se á venda nas seguintes livrarias:

Capital Federal—Laemmert & C.ª, Garnier, Alves & C.ª, A. Moura, Briguiet & C.ª, S. Gradim.
Petropolis—Casa Olive.
S. Paulo—Casa Mófreita, Casa Garraux, Laemmert & C.ª, Livraria da S. Paulo Railway.
Santos—Magalhães & C.ª, Bazar Paris.
Campinas—Casa Livro Azul.
Mogy-Mirim—Casa Cardona.
Bello Horizonte—A. Joviano & C.ª
Ouro Preto—Castro & Costa.
Uberaba—Leschaud & C.ª
S. João d'El Rey—Armando B. Cunha.
Juiz de Fóra—Feliciano da Silveira Bulcão
Bahia—Livraria Dous Mundos
Victoria (E. Santo)—Nelson Costa & C.ª
Fortaleza (Ceará)—Libro-Papelaria Bivar.
S. Luiz (Maranhão)—Luiz Magalhães & C.ª
Belém (Pará)—J. B. dos Santos.
Manáos (Amazonas)—Lino Aguiar & C.ª
Natal (Rio Grande do Norte)—Renaud & C.ª
Florianopolis (Santa Catharina)—Paschoal Simone.
Pelotas (R. G. do Sul)—Pintos & C.ª, —Francisco Meira, Echenique Irmão & C.ª
Rio Grande » —Pintos & C.ª—Echenique Irmão & C.ª
Porto Alegre » —Pintos & C.ª »
Parahyba (Parahyba)—Antonio Penna & C.ª
Coritiba (Paraná)—Annibal Rocha & C.ª

São nossos agentes:—Em Santos—Snr. Antenor da Rocha Leite. Em Campinas—Snr. A. B. de Castro Mendes Em Mogy-Mirim—Snr. Francisco Cardona. Em S. José do Rio Pardo, Mocóca e Casa Branca—Snr. Dr. Francisco Escobar. Em Jahú—Snr. Major Alfredo Augusto Leitão. Rio Claro—Snr. João Pires de Oliveira Dias. S. Carlos de Pinhal—Snr. Carlos de Carvalho. Cataguazes—Snr. Julio Guimarães. Sul de Minas—Snr. Urbano Rabello. Petropolis—J. R. Escragnolle. Taubaté—Snr. Braz Curtu.

São nossos representantes:—Estado de S. Paulo—Snr. Antonio Ferreira Neves Junior. Estado do Paraná.—Snr. Dario Velloso. Estado de Pernambuco—Snr. Carlos Burle. Estado do Pará—Snr. Fernando de Figueiredo Motta. Estado do Maranhão—Snr. Antonio Gonçalves Moreira Nina. Estado do Amazonas—Coronel Domingos Andrade.

Toda correspondencia deve ser remettida á RUA DA ALFANDEGA, 24—Rio de Janeiro

CAIXA POSTAL 1085

CHRONICA

PELA primeira vez no Rio de Janeiro tivemos, na formosa e lendaria Paquetá, a festa das arvores.

S. Paulo iniciara, ha muito tempo já, essa enternecedora cerimonia em que o amor, na missão fecunda, gera ainda uma vez o futuro proveitoso, fazendo do carinho cultual a segurança das próvidas colheitas do dia seguinte. Foi mister aqui o impulso forte dado á vida da cidade pelo extraordinario velho que lhe dirige os destinos, para que da remodelação do Rio de Janeiro, do rejuvenescimento de tronco carcomido que esponta por toda parte em rebentos verdes, surgisse, com o culto das cousas bellas que a natureza e arte doaram ao homem, a festa das arvores. Bemdito seja o que se lembrou de vestir a homenagem ao Prefeito por essa forma encantadora!

A arvore foi a primeira amiga do homem; conservou-se a sua mais fiel companheira. Ainda o homem primitivo não construira a primeira habitação e não accendera o fogo em que cozeria o primeiro bocado, e já a arvore lhe dava a sombra dos ramos para o repouso das horas de sol e o nutria com o fructo saboroso; suspendeu-lhe mais tarde, nos braços robustos, o leito rustico e deixou que lhe arrancasse das frondes e dos flancos a lenha da lareira; e quando o homem, apurando em civilisação, requintou em exigencias, ella lhe foi dando tudo que elle carecia — o tecto e o esteio da habitação, a quilha e o mastro do navio, a lança e o dardo do combate, a taboa da mobilia, o madeiro do idolo, a fibra do vestido, e lhe entregou todos os segredos que guardava no cerne, no cortex, nas folhas, uteis ou venenosos, para a industria confortadora ou para o odio malfazejo, e lhe cobriu de flor e aroma as galas e vaidades.

Os povos antigos guardaram pela arvore uma veneração, mixto de respeito e de reconhecimento; e á sombra sagrada das florestas erigiram cultos, vincularam nacionalidades, consagraram o amor, o heroismo e a fé. O homem moderno, enfebrecido por conquistas e ideias novas, desamou a arvore, desconheceu-lhe os serviços, denegriu-lhe a belleza, e por toda parte a perseguiu ingratamente, atacando-a, não por se apossar apenas de seus thesouros, mas porque lhe enchia ella nos campos o logar preciso ao cereal e á forragem e nas cidades tomava espaço immerecido ao tijollo dos muros e á pedra das calçadas...

Foi sómente quando a natureza protestou contra a violencia, e que appareceu a aridez com a pobreza das aguas e a peste com o envenenamento do ar, que a reacção regeneradora se fez; foi somente ahi que o homem mediu o desastre da derrubada ingrata, que lhe desabava ameaçadoramente sobre a cabeça. Veio então o replantio nos campos, a arborisação nas cidades, e finalmente — dominando a indifferença de uns com o culto dos outros — essa risonha e suggestiva festa das arvores.

Nós tivemos tambem no Brazil a mesma loucura malfazeja. A natureza era farta e a arvore, enseivada por uma terra rica, vicejava frondente, enchendo prainos e serras de sombra e verdura. E a derrubada fez-se brutalmente: de começo, por aproveitar o pau precioso, sem piedade nem receio pela planta, que era abundante; depois, para abrir espaço ás lavouras, varrendo mattas inteiras, entregando ao fogaréu crepitante e sem freios o que o machado abatia devagar de mais... A «queimada» foi no Brazil durante tres seculos uma instituição nacional.

No Rio de Janeiro a arvore, que não tinha, no centro, fóros de cidade, foi expulsa dos arrabaldes pela cubiça constructora; e as soberbas mangueiras e os angelins frondosos das chacaras de antanho desappareceram para dar logar ás «avenidas» sem ar nem sombra e aos predios de jardim minusculo e janellas lateraes que se espiam mutuamente, de perto, á guisa de olhos bisbilhoteiros... Nós fizemos, por outra forma, a mesma guerra á arvore: escaparam os morros, mas a esses mesmo houve, até bem pouco, mãos que levavam o incendio, sem a desculpa, ao menos, da bem intencionada estupidez.

Para combater os effeitos dessa tendencia destruidora, refazer os estragos da rotina de seculos, affirmar uma orientação nova e um novo amor, em contraste com o prejuizo desamoroso que se manteve até agora, não sei de pratica mais poderosa do que essa que S. Paulo exerce, já vão bons annos, no seu estado e que hoje moradores de Paquetá lembraram-se, com tanta felicidade, de reproduzir aqui.

Não é o simples plantio de certo numero de arvores que fará a regeneração; é a suggestão do acto, é a forma cultual que empolga e affirma dedicações proveitosas. E' necessario amar para dedicar-se e se de-

dicar para vencer; e a maneira de obter esse amor é, na creança, antes de tudo, a cerimonia que a toma pelos olhos e pelo sentimento, que a prende pelo affecto e pelos brios, que lhe enraiza o ser áquelle rebento de arvore — que é *seu*, dependente agora do seu esforço, vivendo do seu cuidado, attestando o seu zelo. O que na creança começa, ás vezes, amor-proprio passa depois a ser paixão, e o culto consagrado áquelle fetiche alastra-se insensivelmente pelas outras arvores, por toda a natureza, cuja face util e bella lhe apparece com um prestigio desconhecido...

Quando, transformado o menino em moço, o fetichismo se dilue, a arvore está tambem transformada e forte. Outras gerações infantis terão vindo e outras arvores terão sido plantadas; mas no homem de amanhã fica uma impressão que se não apaga mais, de intelligente apego á natureza, de doce e fecundo pantheismo. E a mesma impressão terá dominado toda uma vasta zona humana, alargando-se em circulos successivos, desde os paes, ligados ás affeições dos filhos, até os simples espiritos honestos, influenciados pela acção de uma bella ideia e de um bello espectaculo. E' o segredo das religiões.

Essa renovação moral, que custosamente levariam por diante uma lei forte e um administrador pertinaz, conseguil-o-ha docemente, creio, a festa das arvores.

Nesse ponto não podia ser mais feliz a homenagem: ao administrador que teve a rara energia para modificar usos e vesos inamoldaveis do Rio e encher de flores jardins abertos — em uma cidade em que a educação de rua ia da facecia ás senhoras na "grande arteria", á garatuja equivoca nas paredes — nenhum preito, de certo, mais agradavel do que esse. O Sr. Dr. Passos iniciará uma outra era de risonhas promessas e dessa espontarão, com uma nova vida, os rebentos novos de velhos troncos desapparecidos, reflorirão, desdobrados em vigorosos descendentes, os soberbos typos tropicaes, ancestraes magnificos da selva brazileira, que hontem tombaram na derrubada e no incendio...

Por uma coincidencia curiosa, ao tempo que se annunciava a suggestiva cerimonia de Paquetá, alguem lembrava a creação de um orphelinato para os filhos dos bombeiros mortos no cumprimento do dever.

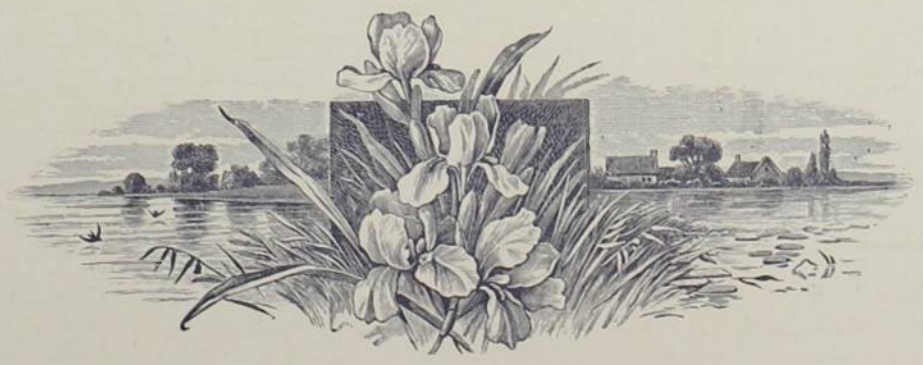
A ideia não carece de incitamento; admira apenas que já não tivesse occorrido ha mais tempo. Ha dezenas de annos que nos levamos a orgulhar dos bombeiros e a nos revermos nos seus feitos, vibrando a cada victoria ou a cada desastre; mas, entretanto, nem o enthusiasmo nem a dor nos fizeram pensar que esses admiraveis servidores têm filhos e esposas e mães e que para esses a morte do bombeiro é a perda do chefe, morte que os condemna a doloroso desamparo, de que não os tira a minguada pensão com que fingem honestamente viver...

Quando esse subsidio bastasse ás necessidades materiaes, outra haveria mais premente que se não suppre com elle e a que o Estado e a Sociedade têm obrigação de prover: é o soccorro moral necessario a uma mulher e algumas creanças que nada podem tirar do meio humilde e sem recursos em que a sorte os jogou.

Seria uma bella cousa si esse orphelinato sahisse da "festa das arvores". A approximação é sensivel entre uma e outro: este é tambem um plantio amoroso, feito com rebentos humanos para a renovação de heróes. São esgalhos de typos soberbos da nossa natureza derribados pela desamorosa indifferença, calcinados no fogo violento que mão ignorante ou criminosa accendeu: é preciso que, ao menos, a arvoreta tenha o viveiro próvido e o carinho cauteloso, para que se não perca, como tantas, na terra safara, onde o renovo se amesquinha e fenece...

O Estado não daria um asylo: teria uma sementeira. Seria isto a reacção cultural, o zelo compensador do descuido da vespera, a festa das arvores da patria; e do plantio feito veriamos reviver em breve o angelim derribado, o jacarandá perdido na queimada, enrijando no tronco fino da arvoreta que cresce e que, emquanto não chega a util madeiro, viça em alegre verdura e se arreia agradecidamente de flor...

GIL.



NOSSOS CONCURSOS

Diligenciando corresponder por todos os modos ao generoso auxilio que o publico tem dispensado a esta Revista, creamos hoje uma nova secção, destinada, acreditamos, a despertar grande interesse aos numerosos leitores de *Kósmos*.

Successivamente e de accordo com o seu caracter, serão abertos nestas paginas concursos os mais variados, para os quaes desde já chamamos a attenção dos leitores.

Inauguramos a serie estabelecendo as condições para o

1.º-CONCURSO DE BELLEZA INFANTIL

1.ª—Poderão concorrer, enviando suas photographias, todas as MENINAS de 2 a 8 annos de edade. residentes em qualquer ponto do Brasil.

2.ª—As photographias terão o formato nunca inferior ao cartão-album, não devendo representar outras pessoas que não as concurrentes.

3.ª—Todas photographias terão no verso o nome das concurrentes, sua residencia, um pseudonymo que será reservado, e o nome do photographo.

4.ª—As photographias serão enviadas á Redação de *Kósmos* até 31 de Agosto de 1904, em envolucro fechado e com a indicação: «Concurso de belleza infantil».

5.ª—Encerrado o prazo para o recebimento das photographias, serão estas classificadas e entregues á Commissão julgadora composta de membros do nosso meio artistico e litterario—cujos nomes serão publicados posteriormente

6.ª—Terminado o julgamento, cujo resultado será publicado conjunctamente com a reproducção das photographias das creanças premiadas, ficam aquellas á disposição das pessoas que as reclamarem com o pseudonymo indicado nas mesmas.

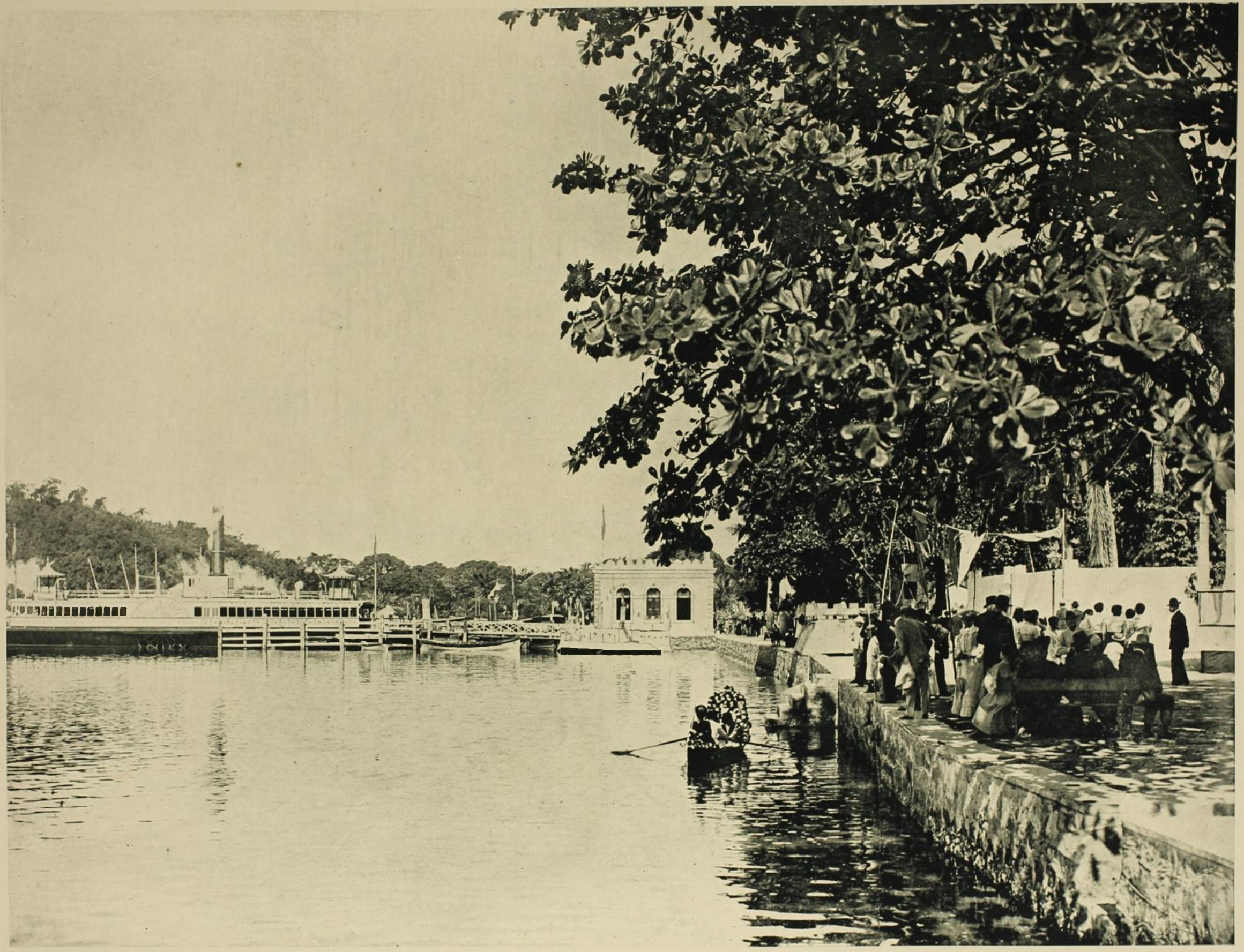
7.ª—*Kósmos* estabelece para este concurso 10 premios: 1 primeiro, 3 segundos, e 6 terceiros.

A menina classificada em primeiro logar receberá alem de um riquissimo brinde, 1 apolice remida de 1:000$000 da acreditada Companhia de seguros de vida A EQUITATIVA, pagavel quando a segurada completar 18 annos de idade.

Os demais premios constão de bellissimos brindes, cuja acquisição foi confiada á firma Lacarrière, Lafaille & C.ª de Paris.

8.ª—Todas as concurrentes classificadas terão seu retrato nas paginas de *Kósmos*, indicando o nome, idade, e bem assim o nome do photographo ou amador. autor da photographia.

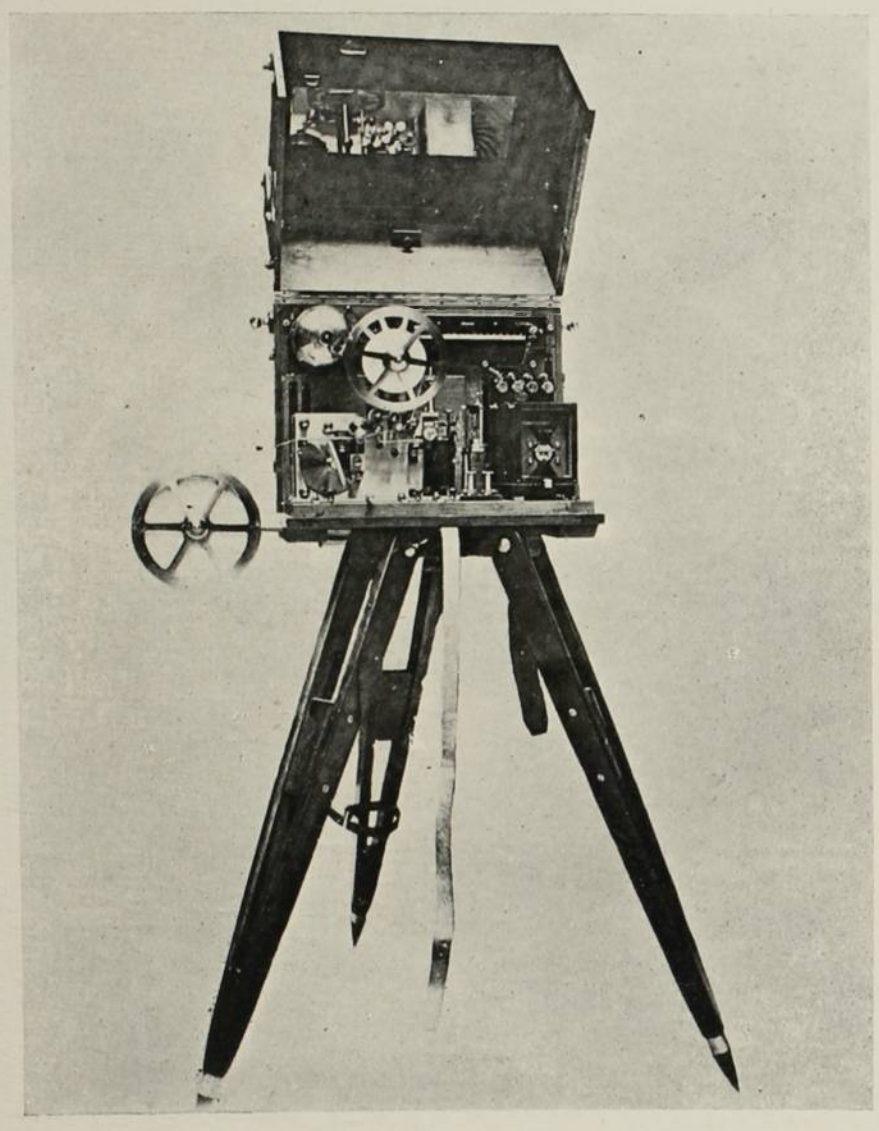
9.ª—A redacção só responde pelas photographias entregues pessoalmente á rua da Alfandega n. 24.



PAQUETÁ

AS ONDAS ELECTRICAS INVISIVEIS

SEU APROVEITAMENTO EM TELEGRAPHIA

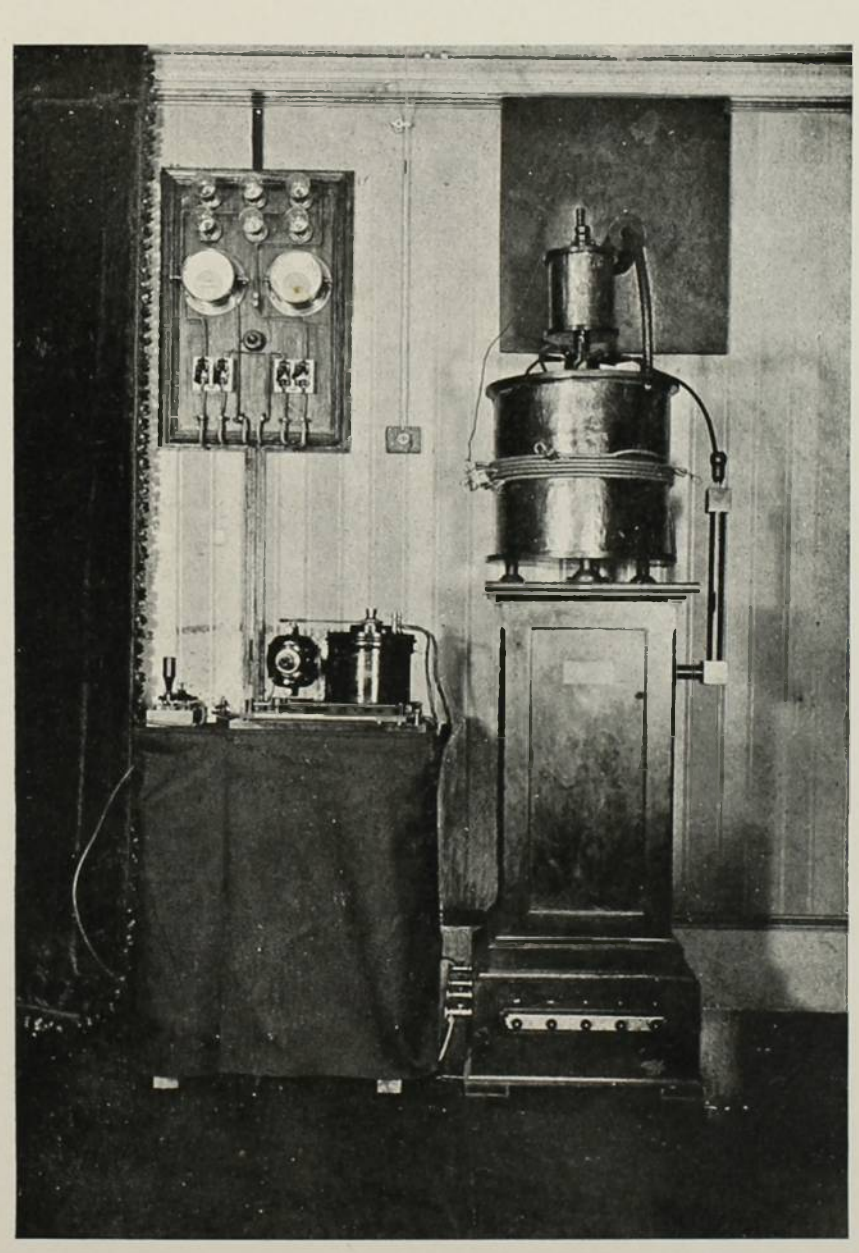


POSTO RECEPTOR PORTATIL

UM dos grandes physicos e mathematicos que honram a Inglaterra, MAXWELL, concebeu diversas hypotheses sobre o fluido universal, essa substancia incomparavelmente mais tenue que o envoltorio aéreo do nosso planeta, por uns denominada ether, por outros materia cosmica, a qual enche o espaço. Recorrendo ás theorias as mais transcendentes da sciencia mathematica, o illustre professor estabeleceu que as ondas luminosas que vemos e as ondas electricas que não vemos são vibrações ethereas que apenas se differenciam pelo comprimento e pela duração. O comprimento das ondas luminosas, visiveis, não excede a minimas fracções de millionesimos de millimetro; o comprimento das ondas electricas, invisiveis, póde oscillar entre limites muito mais amplos, de um milimetro ou menos a milhões de kilometros. Quanto á duração, as ondas visiveis pódem reproduzir-se de quatro a sete mil bilhões de vezes por segundo, ao passo que as ondas invisiveis são de frequencia limitada, de cem mil a um bilhão de vezes por segundo.

Um quarto de seculo depois desta notavel producção scientifica, o illustre physico allemão HERTZ submetteu as ousadas concepções de MAXWELL á comprovação pelos factos e conseguiu dar-lhes a mais decisiva e brilhante demonstração experimental, verificando que tambem as grandes ondas se propagam em linha recta, se reflectem, se refractam, se interferem. Outros experimentadores, entre elles o notavel professor italiano RIGHI, verificáram ainda, posteriormente, que as ondas electricas para as quaes a nossa retina é cega, se diffractam, apresentam os phenomenos da dupla refracção, da reflexão total, etc.; por tal fórma completaram a demonstração de que a differença unica entre as ondulações luminosas e as hertzianas reside no comprimento e na duração.

Innumeras experiencias comprovam hoje que, variando o comprimento das ondas electricas em escala conveniente, se obtêm manifestações physicas muito diversas, taes como: modificações de resistencia ohmica de limalhas metallicas, de inercia (hysteresis) magnetica do ferro doce, da temperatura dos corpos, das côres desde o vermelho vivo até o violeta escuro, effeitos photographicos, phosphorescentes, fluorescentes, etc. A telegraphia aproveita as ondas luminosas e as electricas para se libertar dos conductores metallicos, quer nos continentes, quer, sobretudo, nos oceanos, caso este em que o custo dos cabos, do seu lançamento e conservação é muito



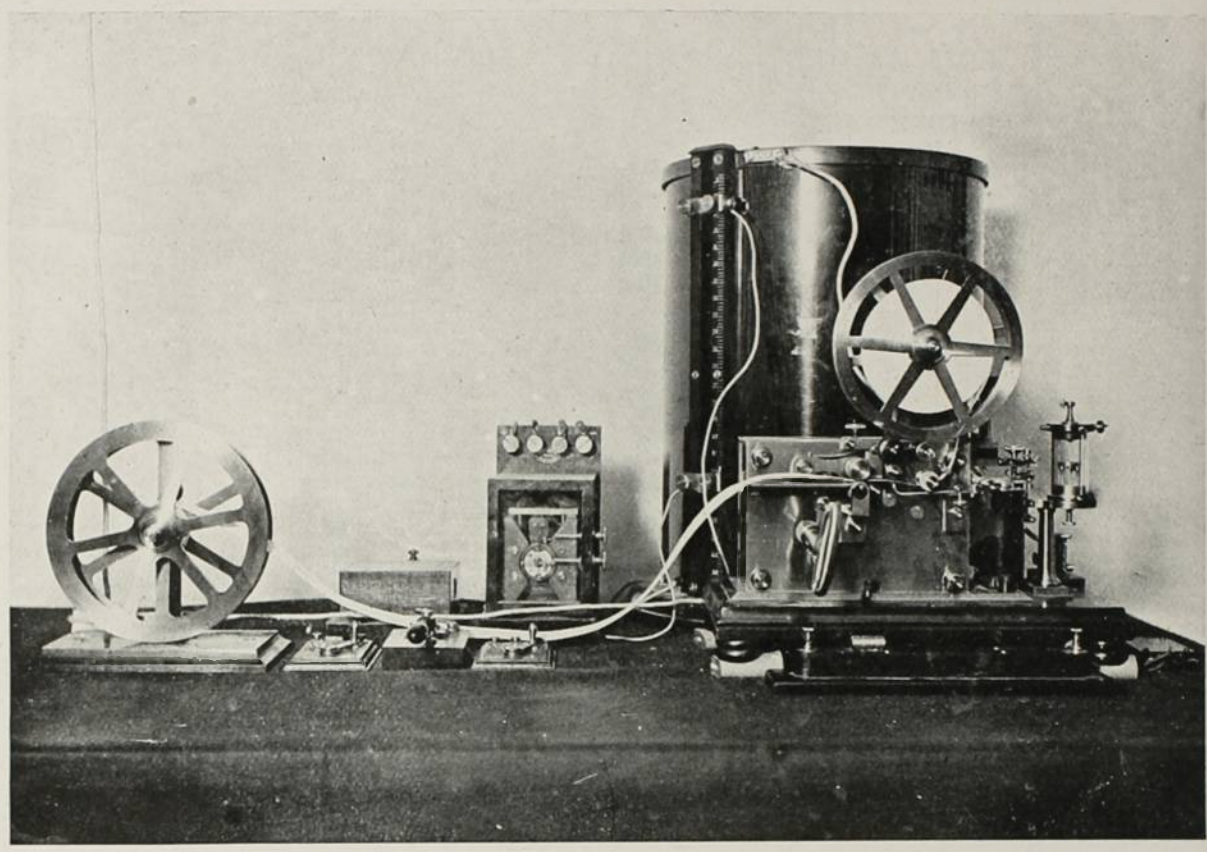
POSTO TRANSMISSOR

elevado. Num caso tem-se a telegraphia optica, a mais antiga, por ondas curtas e menos flexiveis; no outro caso tem-se a telegraphia hertziana, de nossos dias, por ondas longas e mais flexiveis. Ambas, por consequencia, baseiam-se na propagação de ondas ethereas.

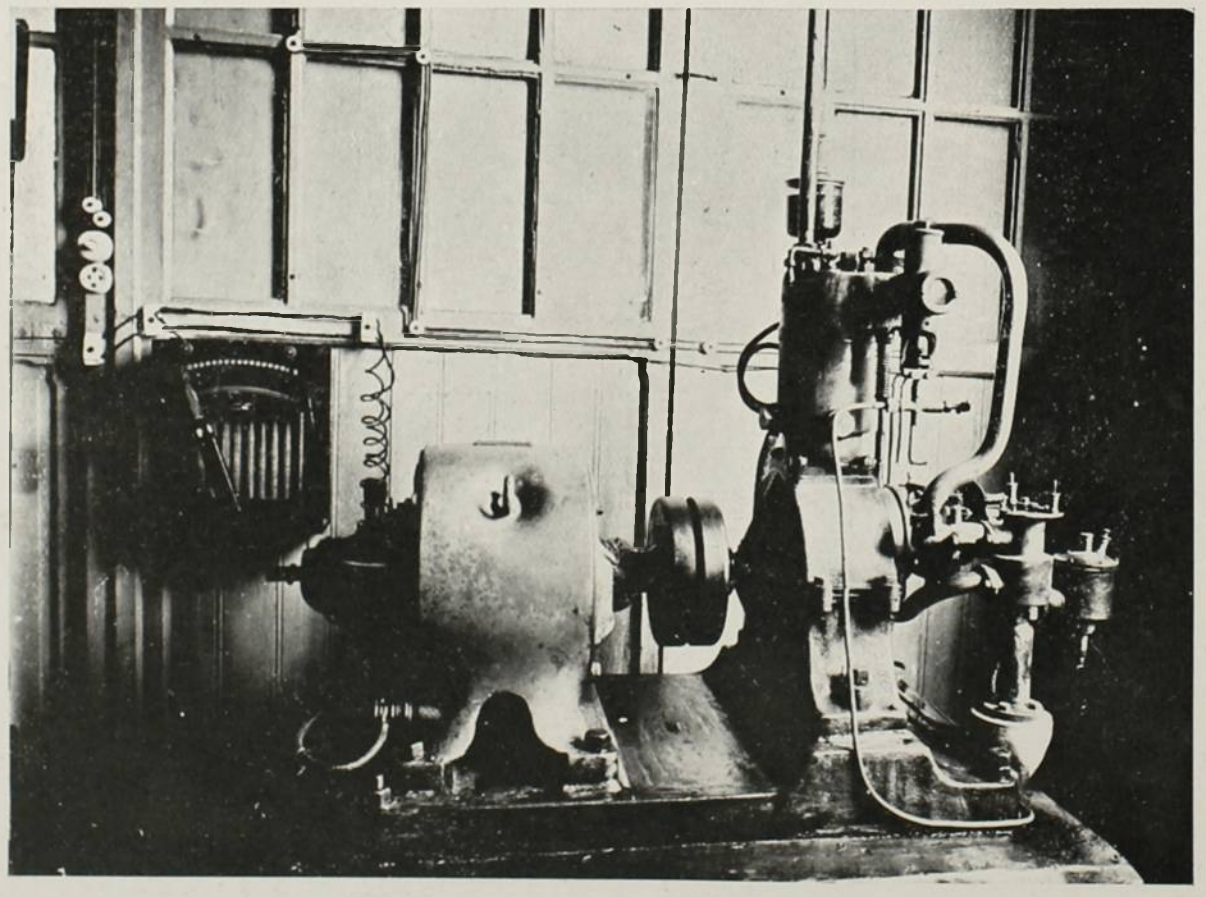
Para que a transmissão de signaes se possa fazer pelas ondas luminosas é indispensavel que no ponto de chegada a nossa retina possa recolher os raios de luz; e esta condição torna muito limitado o alcance da telegraphia optica e explica os impedimentos frequentes n'esse genero de communicações á distancia. As ondas luminosas propagam-se em linha recta e se extinguem quando encontram em sua marcha um obstaculo, produzindo as sombras. Por serem muito curtas, não têm flexibilidade, são de escassa diffracção, não se amoldam aos accidentes do terreno, á curvatura da terra, etc.

Para que a transmissão de signaes se possa fazer pelas ondas invisiveis, é necessario que no ponto de chegada haja um orgão, uma retina artificial, sensivel á acção d'ellas e que nos revele a sua passagem por esse ponto em sua vertiginosa propagação.

As ondas hertzianas tambem se propagam em linha recta, porém não se extinguem quando em sua marcha encontram obstaculos; sendo muito maiores que as ondas luminosas, a sua diffracção é muito notavel, as *sombras* produzidas são muito limitadas; contornam por isso os accidentes terrestres, atravessam grandes massas d'agua; a curvatura do nosso globo não limita o seu movimento e, portanto, não restringe o alcance da telegraphia hertziana.



POSTO RECEPTOR



POSTO DO CABO DE LA HOGUE SALA DOS ACCUMULADORES

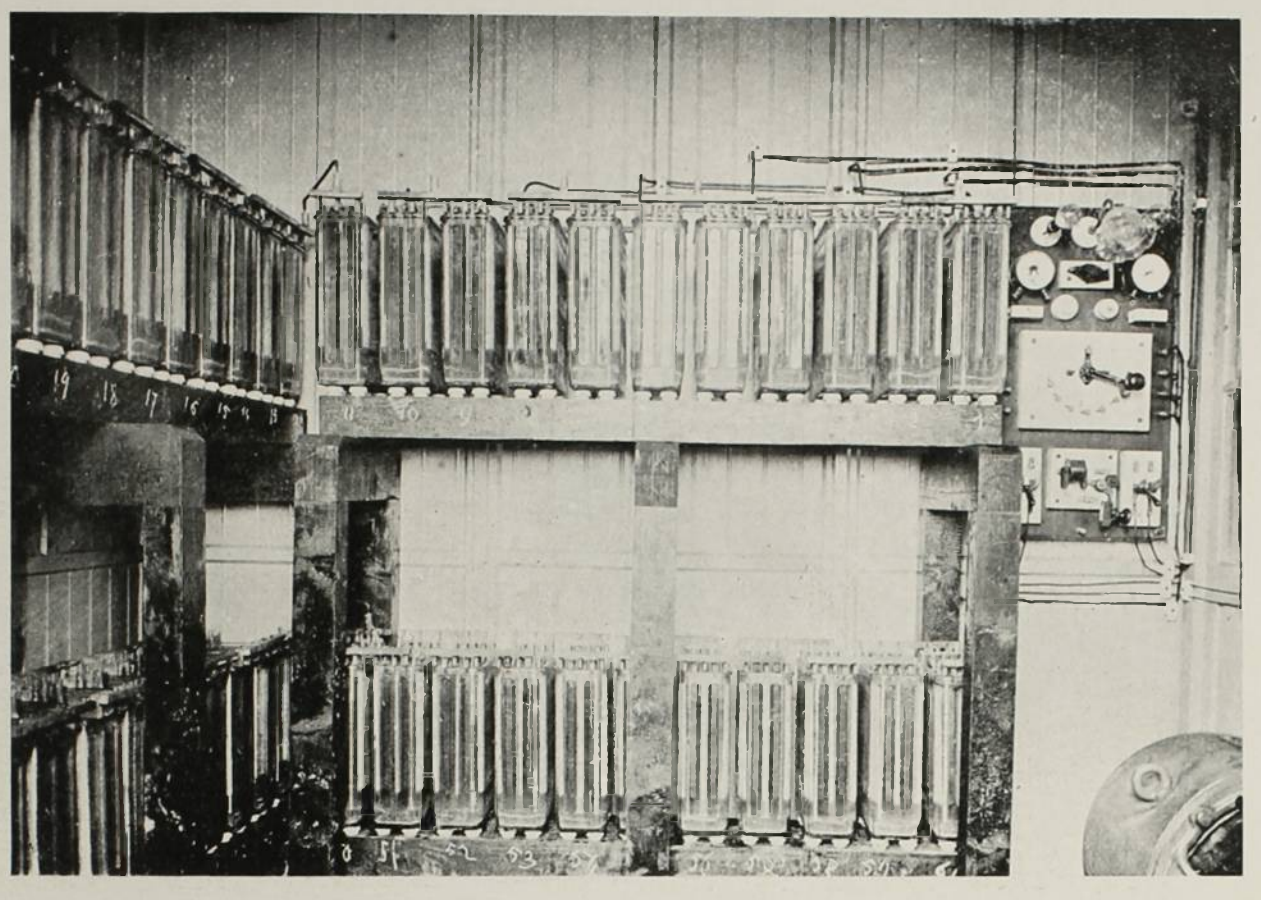
A descoberta do orgão revelador, da retina artificial, que deve accusar a passagem das ondas invisiveis, para as quaes a nossa retina é cega, é devida ao illustre clinico francez o Dr. E. Branly.

Esse orgão é um apparelho que póde ser á vontade conductor ou isolante: conductor sob a influencia da irradiação electrica de uma faisca, torna-se em seguida isolante sob a acção de um pequeno choque.

Por meio d'este apparelho se pódem em geral produzir á distancia e sem fio conductor todos os effeitos da corrente electrica, taes como illuminações, explosões, governo de motores electricos, etc. A applicação mas recente e mais conhecida é a telegraphia sem conductor visivel, em que se substituem os metaes pelo fluido invisivel—o ether.

Todos sabem que a Terra trabalha constantemente sob a acção do Sol: a sua actividade physico-chimica é immensa e admiravel. A atmosphera que a envolve é o theatro de frequentes descargas, de tempestades electricas, em que as unidades de pressão se contam por altissimos numeros. Esses raios, essas faiscas, esses relampagos que todos vemos, mais ou menos proximos ou afastados do ponto em que se acha o radio-con-

ductor, dão logar á formação de ondas de comprimentos diversos, cuja presença é igualmente accusada. D'ahi per-



POSTO DO CABO DE LE HOGUE SALA DOS ACCUMULADORES

turbações sérias quando se trata de qualquer das applicações citadas, telegraphicas e outras.

Muitas vezes, sob os tropicos, como é o nosso caso, o radio-conductor torna-se como que phantastico: obedece á acção de ondas de procedencia longinqua, e, embora se consiga limitar a sua sensibilidade á acção de ondas de determinados comprimentos, continuará a revelar que d'entre os relampagos que se destacam no horizonte ou fóra d'elle alguns produzem vagas ethereas que cabem nos limites pouco firmes para que elle fôra regulado.

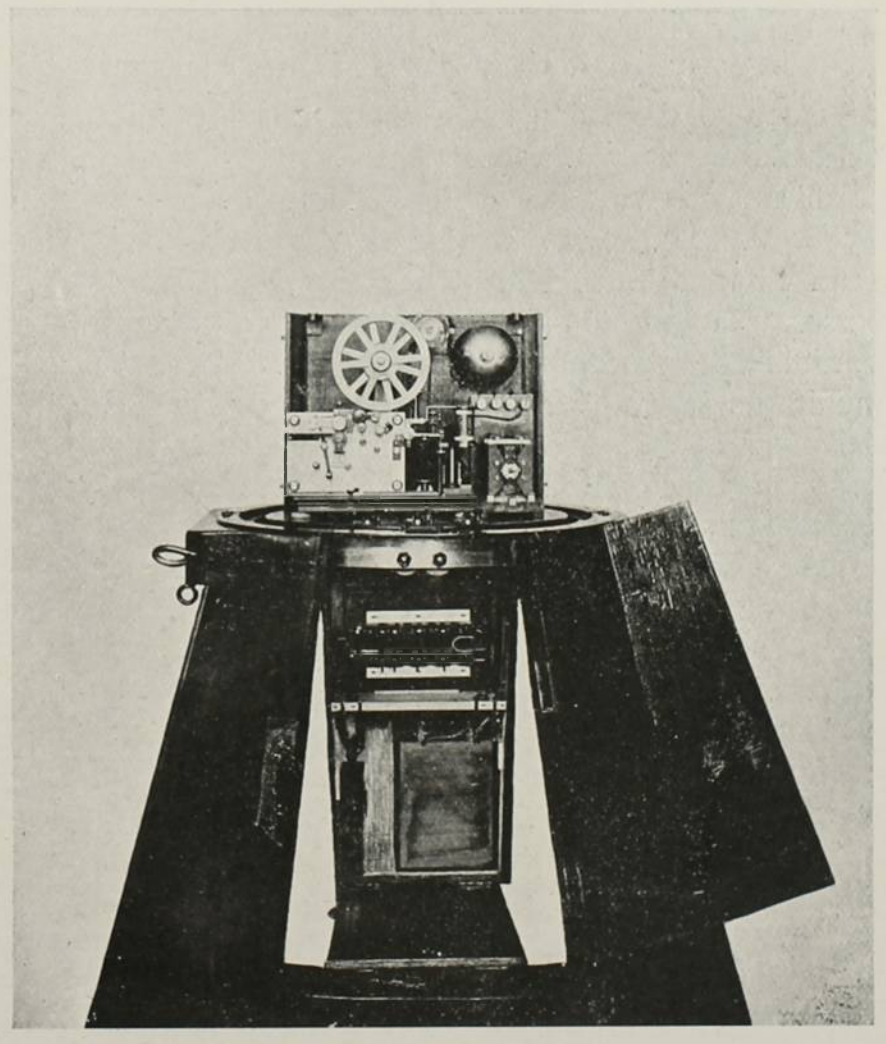
Como é de prever, não são as ondas electricas emittidas pelo operador que produzem o trabalho que se tem em vista realizar á distancia; a pressão de taes vagas apenas permitte ou impede a passagem da corrente local que deve executal-o. Apezar do genio de Marconi, de suas collossaes experiencias, dos notaveis ensaios de De Forest e de Branly, ainda não tem sido possivel conseguir que as «retinas artificiaes» ou «olhos electricos» accusem sómente a presença das vagas ethereas que lhes são exclusivamente destinadas. D'ahi a impossibilidade do sigillo e da multicommunicação telegraphica que se nota em todos os systemas de telegraphia hertziana ou marconiana existentes actualmente. Até hoje não ha remedio completo e verdadeiramente efficaz para taes imperfeições.

Na telegraphia optica a producção das vibrações luminosas é facil e bem assim a projecção dos raios de luz á distancia. Basta, para isso, uma grande objectiva de emissão ou mesmo um espelho concavo. Para a producção das ondas electricas lentas, porém, é preciso recorrer ás faiscas ou scentelhas devidas a descargas electricas, em certas condições especiaes previstas pela theoria de LORD KELVIN. O engenho admiravel de RHUMKORFF, a sua famosa bobina, é a base de taes experiencias, que deram logar á descoberta do physico germanico HERTZ relativa á formação das vagas ethereas lentas.

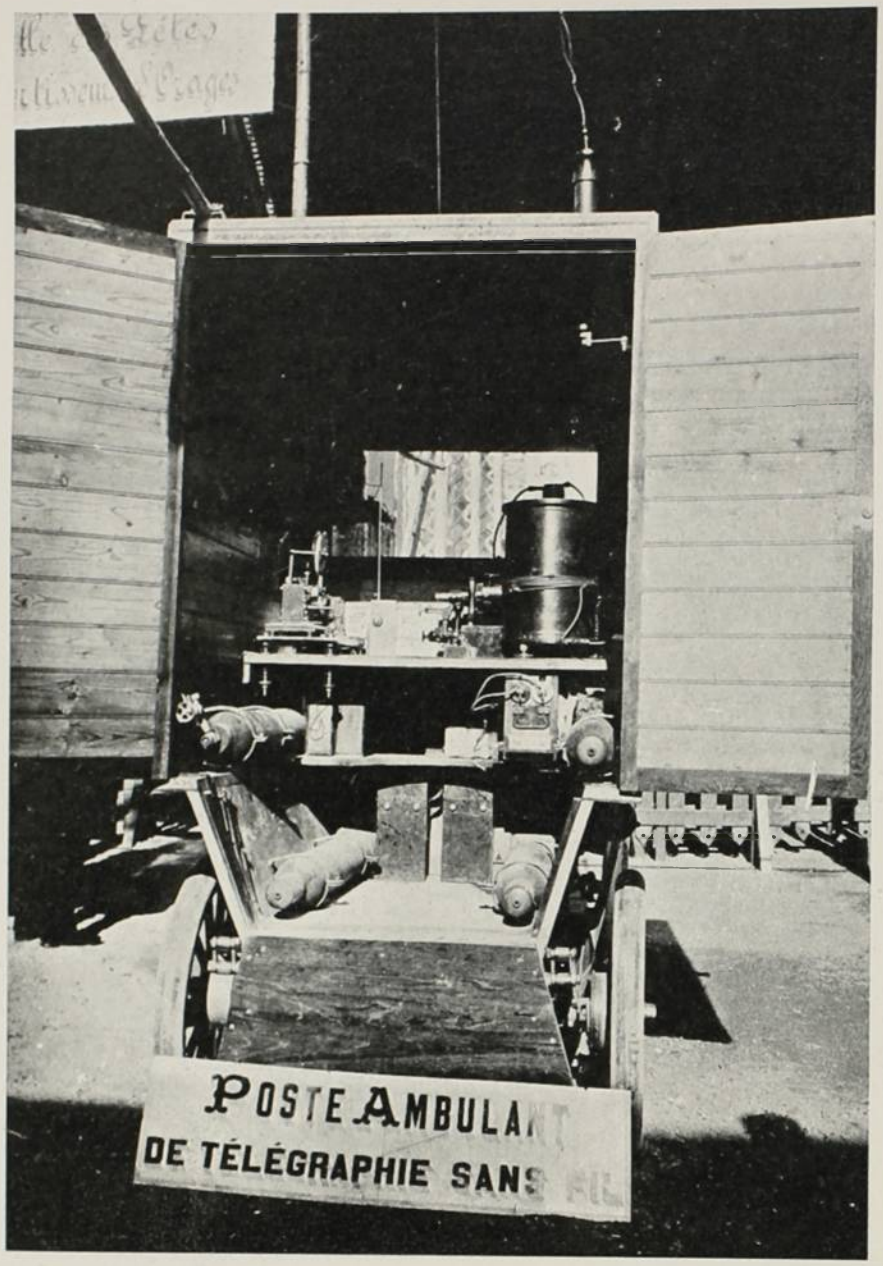
Em homenagem ao notavel experimentador, denominaram-se ondas hertzianas aos movimentos vibratorios que os oscilladores analogos aos d'elle produzem no meio fluido universal.

Como são as descargas electricas que produzem os movimentos vibratorios do ether a que nos estamos referindo, claro fica que experiencias deveriam ser feitas quanto ao modo de apanhar as ondas produzidas pelos raios ou descargas atmospherica e pelos recursos artificiaes da physica; e tambem deveriam ter sido feitos ensaios sobre o modo de lançar as ondas hertzianas no espaço, directamente ou por meio de conductores ou guias até certa altura.

Para o exame d'esta face da questão contribuiu o professor POPOFF, de Cronstadt, mostrando a necessidade



POSTO RECEPTOR MARITIMO SUSPENSÃO CARDOU



POSTO DE CAMPO, SOBRE AUTOMOVEL — (VISTA DE INTERIOR)

do emprego de conductores proximamente verticaes, de determinada altura, arranjados de certa fórma: taes são as antennas ou os concentradores de ondas.

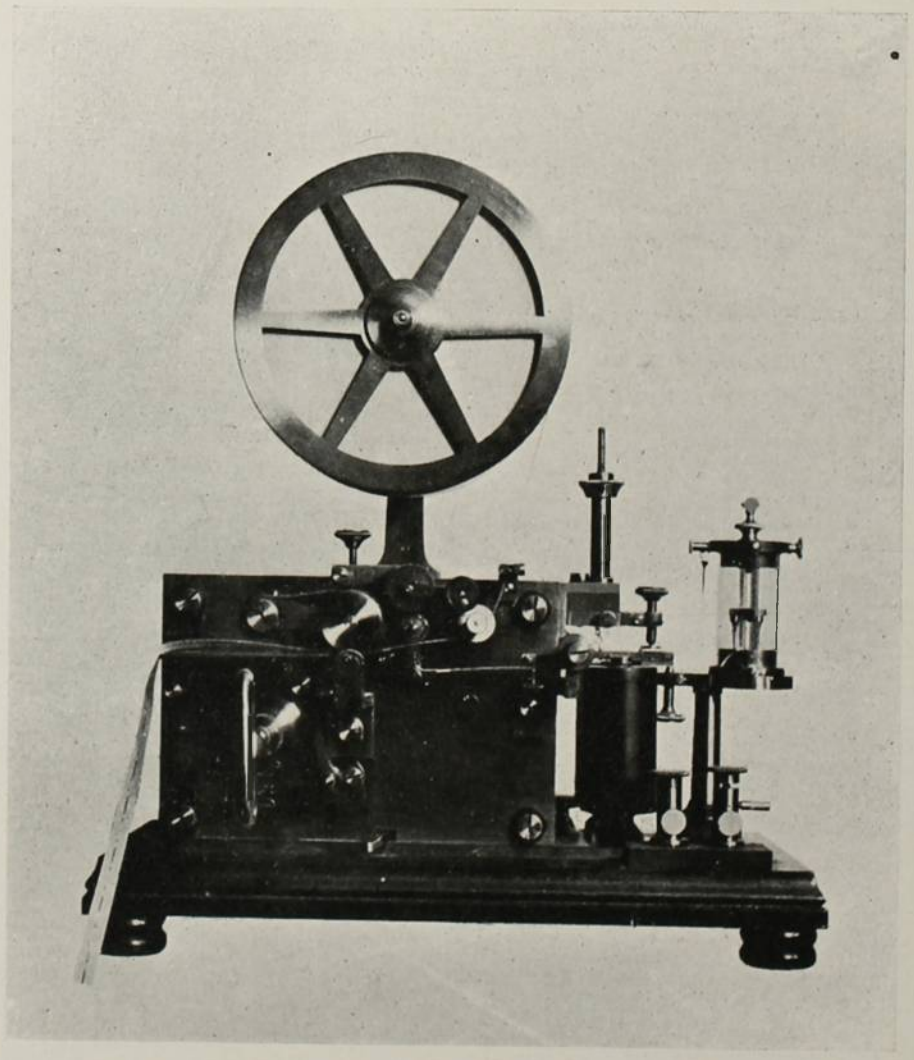
G. MARCONI, o jovem e famoso experimentador italiano, dispondo de elementos preparados por seus precursores, augmentou-lhes o valor e lhes melhorou a sensibilidade, procurando enfrentar o problema da communicação telegraphica sem fio. Foi certamente elle quem galgou o alto do edificio, quem accendeu o facho que com tão bella luz illuminou as descobertas dos scientistas MAXWELL e HERTZ.

Marconi tem tido bons collaboradores no trabalho difficil da regularização do trafego hertziano e da syntonização: taes são DE FOREST, SLABY, BRAUN, LODGE, FERRIÉ, etc.

O problema da syntonia consiste: primeiro, em obter a communicação entre duas estações de modo que uma terceira situada nos raios de acção das duas primeiras nada possa receber; segundo, em conseguir que uma estação receba sem confusão e separadamente telegrammas transmittidos ao mesmo tempo por diversas outras; terceiro, em fazer com que uma estação transmitta telegrammas a diversas outras sem que outros postos telegraphicos perturbem as communicações. Grandes e ousados esforços têm feito MARCONI e DE FOREST, principalmente, para resolver este problema; muito, porém, resta ainda a fazer, para que com os recursos da telegraphia sem fio se possa fazer serviço satisfactorio, para que o novo meio de communicação possa ser incorporado á telegraphia usual.

Seria um optimismo inutil querer occultar os defeitos actuaes da telegraphia electrica por ondas hertzianas. Falta-lhe ainda a segurança das communicacões, principalmente além de certos limites de distancia, que se pódem fixar em 150 kilometros sobre agua. A delicadeza dos apparelhos exige continuas reparações, que precisam ser feitas por mãos habeis e experimentadas. As estações receptoras ficam ainda sujeitas a frequentes perturbações atmosphericas que não se pódem ainda eliminar e que dão logar a incertezas e inexactidões. Durante o dia as communicações a maiores distancias se enfraquecem e mesmo cessam; e então se recorre, como unico expediente, ao augmento da energia de transmissão, pois que o augmento de sensibilidade dos receptores é menos efficaz. Faltam ainda, como vimos, á telegraphia recente, a syntonia e a multicommunicação.

Na Conferencia radio-telegraphica preparatoria que ha pouco se realizou em Berlim, os conferencistas referiram-se á instrucção do pessoal, como sendo facto de importancia capital no emprego de um apparelho qualquer. Na telegraphia sem fio a differença de experiencia do pessoal faz variar o rendimento dos apparelhos entre limites muito amplos e póde mesmo tornar nullas as communicações.

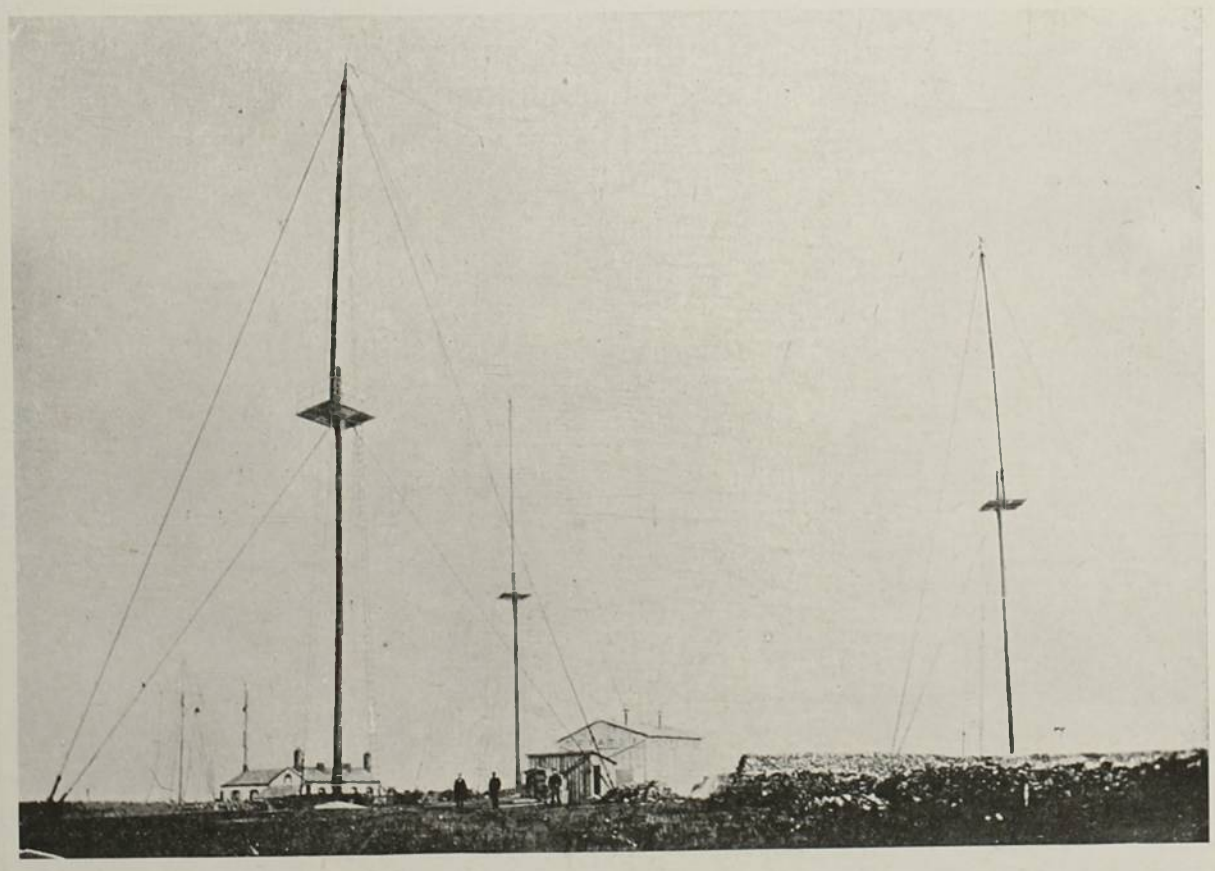


RECEPTOR-REGISTRADOR BRANLY-POPP

Em Londres existe uma escola civil de telegraphia, onde ha um curso especial de apparelhos Marconi; em Paris e em Berlim os cursos são por ora limitados ao elemento militar.

A manipulação de objectos delicados, sujeitos a desarranjos e a estragos, accumuladores, bobinas de inducção, dynamos, motores, etc. exige conhecimentos theoricos e sobretudo praticos de electricidade e de mecanica. Seria, portanto, preciso iniciar entre nós, com mais liberalidade, o ensino technico, de modo a preparar chefes de estações telegraphicas capazes de tirar dos apparelhos o melhor proveito possivel.

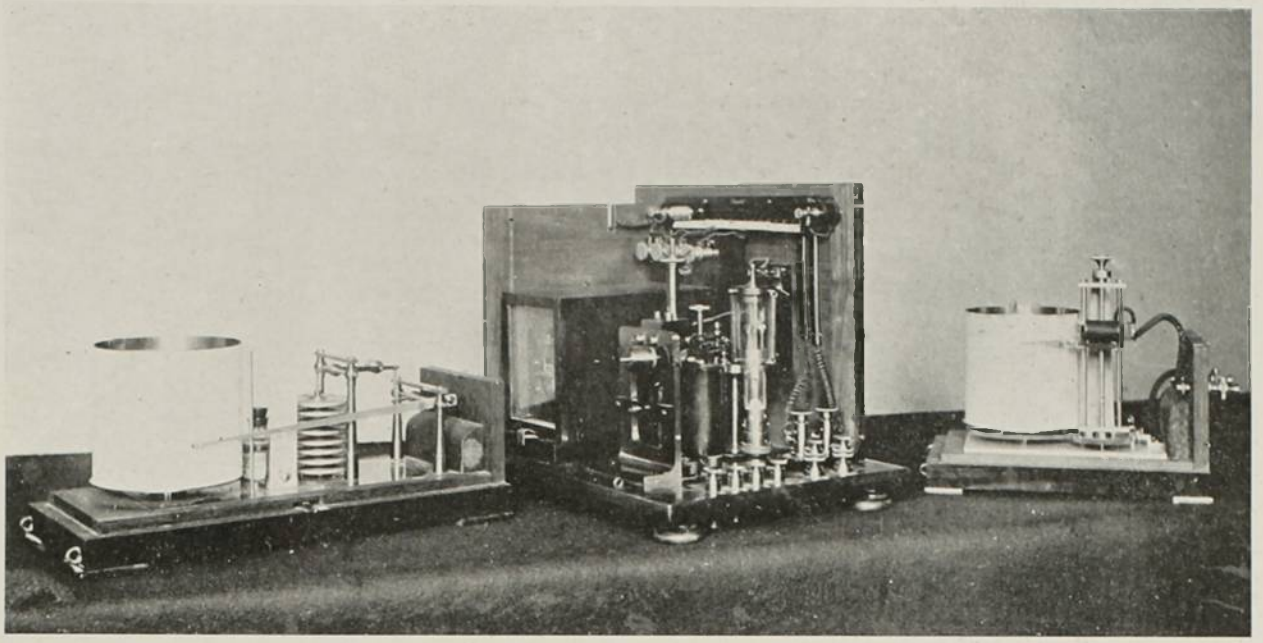
Muitos viram na telegraphia sem fio um meio de baratear as taxas dos cabogrammas, ainda muito altas, attento o elevado custo dos cabos, do seu lançamento, do seu custeio; mas isto, pelo menos por emquanto, me parece uma verdadeira utopia. Para que a substituição desse meio de transmissão se podesse operar, de fórma a conseguir promptidão maior no estabelecimento de communicações electricas e barateamento das taxas, seria necessario que novas descobertas viessem trazer outros recursos, outros elementos, de cuja estructura não podemos ainda fazer a menor idéa.



VISTA DO POSTO DO CABO DE LA HOGUE (PROXIMO A CHERBOURG)

A sciencia e a experimentação podem, entretanto, em sua marcha constante e segura para a simplificação dos apparelhos e mecanismos, armar o telegraphista de dispositivos mais perfeitos, mais praticos que as complexas rodagens actuaes.

O facto é que theoricamente o problema marconiano pede solução. A propagação das vagas ethereas mensageiras ainda se acha em rudimentares estudos; ignora-se ainda a explicação exacta do que se passa nas antennas e reveladores; os effeitos dos raios e das variações bruscas do campo terrestre ainda não pódem ser combatidos com vantagem; com effeito, não se póde nem se deve augmentar a energia de transmissão além de certos limites. Além d'isto não é racional que se queira resolver o problema da normalização do trafego telegraphico hertziano pelas força bruta. A propria necessidade de baratear as taxa dos hertzogrammas viria crear difficuldades ao augmento da potencia electrica.



APPARELHO AVISADOR DE TEMPESTADE, COM REGISTRADOR E BAROMETRO

A nosso vêr a telegraphia sem fio não póde rivalizar com a telegraphia por conductores; a creação da rêde invisivel universal não será possivel. A telegraphia etherea será, entretanto, preciosa auxiliar da telegraphia metallica,

O resultado das experiencias não tem, infelizmente, correspondido aos desejos e aos esforços de MARCONI e de DE FOREST. Com effeito, as communicações radiographicas actuaes sobre agua. mesmo dentro do raio de 100 milhas, são consideradas ainda recursos excepcionaes, embora satisfactorios. Todas têm para o trabalho telegraphico capacidade bem inferior á dos recursos ordinarios por conductores metallicos.

DR. F. BHERING.

DA ESCOLA POLYTECHNICA DE S. PAULO.

COMMENTARIOS

Um caso parlamentar — Constituição e breviarios

PÓDE-SE commentar alguma cousa de alegre ou triste nesta terra que não venha logo á baila um caso parlamentar ? Parece decidido que não. O parlamento foi, neste assumpto, em todos os tempos e paizes, a fonte inexgotavel; e aqui, nestes Brazis, onde a ardencia imaginativa e o fogo patriotico requintaram o genero, o parlamento, no Imperio ou na Republica, deu sempre ao commentario, mordaz ou bonacheirão, um inestimavel elemento.

A chronica parlamentar de outras éras é, neste ponto, um repositorio de primeira ordem. A contemporanea, porem, não lhe fica a dever nada; e pelo aperfeiçoamento natural das cousas, que se apuram e refinam com o avançar do progresso e da civilisação, o parlamento, que outr'ora andou fazendo jus a merecidas continencias, hoje tem dias e traças de se lhe tirar, verdadeiramente, o chapeu.

O caso Varella é typico. Não tanto pelo rumor escandaloso das invectivas do convencido regenerador dos costumes politicos nacionaes, que essas se atenuaram razoavelmente depois das *amendes honorables* não menos convencidas, feitas, no anno passado, a proposito de determinadas informações dadas por amigos precipitados; mas pela curiosa questão de immunidades, consequente a umas tantas liberdades postas em pratica pelo deputado, em nome da soberania popular, em relação a um preso e a uma elevada autoridade.

Na forma dos nossos habitos, sobre aquellas cousas tortas levantou-se uma questão de direito; e a Camara e a imprensa e a opinião em geral empenharam-se, dias e dias, preoccupadamente em apurar si a investidura parlamentar estende as immunidades até as transgressões da ordem publica e da cortezia privada e si é ou não real o principio de que o deputado póde, como representante do povo soberano, praticar uns tantos actos que ao soberano outorgante da representação nem leis permittem nem autoridade tolera.

E de facto, si o povo, em carne e osso e massa, entendesse, tomando a historia muito ao pé da letra, intervir por mãos suas em cousas que julgasse de justiça e benemerencia nacional, correria o risco de travar conhecimento com os sabres e cavallos da policia, si não fosse preciso trunfo maior, e de dar as excellentes corridas que deu em 1895 quando commetteu a irreverencia de gritar *morras* a Albion, na questão da Trindade, e no anno passado, na de S. Bento, quando entendeu de intimar aos veneraveis freires adventicios um mandado de despejo mais expedito e energico do que o de manutenção concedido pelo juizo federal. De onde me parece que o parlamento, affirmando sempre assentar a propria construcção sobre a pedra basica da representação popular, apresenta, com as amplas immunidades de que se revestiu, a anomalia de um representantante que tem regalias excepcionaes que fallecem ao representado, a exquisitice de um procurador que faz, em nome do proprietario, o que este em pessoa não póde fazer. Ha ahi, é evidente, alguma cousa de mais.

Fosse em meus tempos de representação e não diria eu isto, puxaria, como qualquer outro, a braza para meu lado, que a gente não sabe o que póde acontecer amanhã; mas agora, que não cogito de algo senão da clinica da villa, acho muito curioso esse mytho politico que se não antepõe ao executivo e se sobrepõe á lei e que eu não direi «mentira convencional» porque me não presumo absolutamente Nordau.

Mas o caso Varela teve desdobramento e desfecho original.

Por via sempre das immunidades feridas, travaram-se illustres representantes da patria e um delles, dizem, em vigoroso discurso, lanhou a outro em phrase que cortava, atravez da allusão mal velada e polida, como uma lamina finissima. O golpeado não respondeu; o ardor dos gilvazes traduziu-se em um abraço. Mas no dia immediato o felicitante amistoso transmudou-se; e, cheio de brios espicaçados, desandou da tribuna sobre o primeiro formidavel catilinaria, formulando accusações e amiudando invectivas.

A sorpresa foi grande e maior ainda a do atacado que voltou, no dia seguinte, a repontar o ataque e a varrer as accusações. Fel-o com energia; mas, quando se augurava a treplica vehemente, o outro apenas veio declarar que a sua attitude anterior motivara-a a coima de *covardia* que o antagonista, haviam dito, lhe atirara, e que, desde que este declarava, como declarou, que não dissera tal, elle se julgava dispensado de manter e comprovar as accusações feitas, porque eram «condicionaes», enunciadas sob a pressão de um desabafo e pertinentes apenas emquanto a necessidade perdurou.

O incidente Varela fechou assim com chave de ouro. O principio da immunidade parlamentar fixou-se nitidamente: de começo, com a soberania incondicional, que não soffre direitos, nem da lei; ao final, com o libello condicional, que não obriga a deveres, nem da coherencia. Envelhecido o «incondicionalismo», a vida politica não lhe podia achar substituto melhor do que esse vocabulo que lhe serve de avesso.

Fóra do caso parlamentar, que veio atenuar a impaciencia dos que se queixam a toda hora da esterilidade dos Congressos, houve a questão, um pouco mais seria, do projecto de ensino religioso nos internatos municipaes.

Foi obra não sei bem de que intendente que, convencido de que não ha nada que tanto ajude a vida de um homem como a palavra divina, fez passar no Conselho, com a ajuda de outros intendentes tementes a Deus, um projecto mandando ensinar o cathecismo aos rapazes e raparigas que o Districto Federal procura apparelhar para a luta da vida.

Como se vê, é um ponto de vista pessoal, a que tem direito todo representante da soberania publica que acredita mais na eternidade da Madre Egreja do que na da Constituição. Mas nem todos pensaram assim e a imprensa sobretudo, tendo embora a attenção de convencer ao sentimento christão das massas de que a Egreja não carece d'esse subsidio official para florescer e imperar, clamou contra o facto, attentatorio dos principios constitucionaes, aggressão escancarada dos melindres de uma dama a quem a gente póde faltar ao respeito, mas de modo que não dê que fallar...

O clamor foi forte e o projecto foi vetado; e, a menos que o Senado não se possúa do mesmo ardor pela Fé que o Conselho Municipal, o balão está em terra, por agora, e as professoras dispensadas de explicar aos alumnos a historia da serpente no Paraizo e das cabras malhadas de Jacob.

Realmente, era uma inversão da ordem natural, que, emquanto o Seminario do arcebispado, equiparado ao Gymnasio, prepara bachareis, as escolas profissionaes da Prefeitura, de cathecismo em punho, preparassem meninos de côro. Mas o facto capital é que os honrados intendentes nada mais fizeram do que engrossar a procissão que ha muito desfila atravez da vida official da Republica e que o clamor levantado, si foi necessario, nem por isso deixou de ser parcial.

Estado e Egreja andam agora nesta boa terra como dois divorciados que nunca se olharam tão ternos como depois que romperam o casamento, compensando em solicitudes e affagos o que fora em máos tratos noutros tempos. Parece que até nas relações do sagrado com o profano ha o melhor sabor do fructo prohibido; e o poder civil e a batina catholica andam de muito, sem que ninguem se arrepie disso, em um *flirt* tão sensivel que não é de admirar que se unam solemnemente de novo. O projecto do Conselho foi um passo andado, mas é preciso dizer que não foi sinão o seguimento de outros.

Ora, o governo de Alagoas interveio officialmente para a creação da diocese d'aquelle Estado, formando para isso, como condição exigida, com os dinheiros publicos um patrimonio ao bispado; e o actual governo da Republica não desdenhou de intervir o seu tanto, officiosa, sinão officialmente, em casos de disciplina monastica, para a investidura dos frades de Beuron no patrimonio de S. Bento, investidura que o illustre conquistador do Amapá e das Missões apressou-se solicitamente em communicar por via diplomatica ao snr. delegado apostolico. Não houve por isso o clamor publico.

Não ha muito o Sr. arcebispo do Rio de Janeiro benzia solemnemente, com assistencia e acquiescencia do governo, o inicio da Avenida Central, fazendo intervir officialmente no successo da obra, de envolta com a engenharia civil, o hyssope ecclesiastico. Não sabemos si o illustre ministro da Viação ligou, tanto como o Exm. Sr. Dr. Rodrigues Alves, maior valor á benção diocesana do que teve a excommunhão, diocesana tambem, no caso da rua Senador Dantas; mas o facto é que no docel inaugural, sob o qual sentou-se o presidente da Republica, as duas grandes figuras do dia, aos lados do chefe do Estado, foram o ministro que enfrentou o commettimento e o Sr. arcebispo. Ninguem reclamou.

Ha mez e pouco um numeroso prestito catholico fazia a trasladação de uma imagem de uma egreja da cidade para outra de S. Christovão, embarcando soberbamente — como nunca foi feito no regimen do padroado — em uma praça de guerra da armada e desembarcando em outra do exercito, deixando proximo dos pontos de partida e de chegada dois embarcadouros excellentes e publicos. Ninguem nada disse, nem mesmo os dois ministros militares. E nem é de extranhar que não tenham dito, porquanto em um hospital modelo, construido de pouco, figura uma capella, capella que já fez incendiar. com a chamma de um cirio do culto, uma ala do edificio. Houve protestos? Não: houve a reconstrucção da ala — e da capella.

E por fim, para não alongar a serie interminavel, o mesmo illustre Prefeito que vetou o projecto do Conselho e que tem, como qualquer mortal, os seus cochilos — já fez expor, em dia determinado, á veneração publica um velho S. Sebastião existente na escadaria da Prefeitura, e até então discretamente velado, convertendo sem querer um lance de escada em oratorio officioso, diante do qual, dizem, jovens senhoras, ao passar, genuflexaram. Quem fallou de tal? Não o sei.

Diante disto, não se póde jogar a primeira pedra ao Conselho: elle seguiu a procissão, nada mais. Ao contrario, devemos lhe agradecer o favor de ter evitado, com o alarma provocado, que amanhã, nesse andar, nos pedissem, para os effeitos ofiiciaes, a profissão de fé com o imposto de consumo e o bilhete de confissão com o attestado de vaccina...

Itaipú, Junho de 1904.

Sancho Alves.

TYPOS DA ROÇA

I

CAMARADA

MESTIÇO, espadaúdo, barbicas, grosseira camisa desabotoada, deixando vêr o *breve* no peito, calças arregaçadas, chaspelito de palha, trançado pelos presos da cadeia, cinta de couro segurando a faca de cabo de prata,—elle é o camarada, prompto p'ra "um tudo".

No eito, ninguem o vence na enxada; quando o sol está tinindo, saca da camisa. grita um "eh! tá!", e rompe firme na labuta. O córte faisca á luz, caindo certo no chão, desbravando o hervaçal, que se emmaranha entre o arruamento dos cafeeiros.

Em tempos de eleição, enfia uma fatiota mais "tal qual", e bate a chapa de *seu* patrão, ali no duro, sem indagar do nome do candidato. Si ha *ruge-ruge*, elle *assumpta* logo, disposto para entrar no *tem-de-pá*, e puxar da garrucha, nesses dias sua parceira inseparavel, lascando fogo, bonito, que o "caboclo desce sereno mesmo na fumaça da polvora". Perto delle, "ninguem ronca, é baixo !". Não tem medo de gente... Não vê! Caminhou p'ra elle, de má tenção,—acha onde *encostá*.

Entretanto, uma cousa infunde-lhe terror: é o *recrute*.

Si, no arraial, ouve falar que o governo precisa de gente para encher os claros do batalhão policial, o *camarada*, arisco, mette o pé na estrada, e toma um sumiço de mezes.

Farda não é com elle... Cruz! credo! Nem *bate-páu* deseja ser, como vê tantos dos seus patricios, de cinturão e bayoneta, grotescos soldados sem fardamento.

Trabalha ao déo. Não aguenta patrão por muito tempo: á menor resinga, arruma a trouxa e toca o rasgado. Vae servir a outro.

De vez em vez ataca-o a preguiça. Dá então para bohemio, escorando as portas das vendolas a beira-caminho, tomando o seu gole, jogando o truco com os companheiros, ou então, sentado no balcão, pitando grosso cigarro, esguichando cusparadas, fica a banzar, calado, quieto, balançando as pernas, a olhar quem passa lá fóra, ao sol, que doura a paizagem.

Esta "porqueira" de vida vale lá canceiras!

Tem um *rabicho*: é uma mulata faceira. muito dada e risonha, que mora na entrada do arraial. O seu "quero bem", o seu "quindim".... ai! Nossa Senhora! aquelles olhos negros, buliçosos, travessos, são de "escangotear uma creatura".

Violeiro dos *mutirões* e dos batuques, o *camarada* sabe fazer chorar o *pinho* e "botar verso", num dengue de voz, que é um arraso. Nesses "divertimentos", se a sua "rôxa" está, toda na pimponagem de saia engommada, flor ao cabello, o *camarada* quasi morre de prazer, e nenhum outro *quebra* no batucado como elle...

Pela quaresma, vae, respeitoso, á "desobriga" com seu padre-vigario, bom homem, louvado Deus! sem imposturias com os pobres. Na egreja, sem luxo, sem ricas alfaias, com os altares decorados de flores do campo, ouvindo o trillo das andorinhas esvoaçando, aos bandos, na nave, o *camarada* resa, devoto, as mãos postas, ao padroeiro do logarejo, um santo grosseiramente feito, de grandes barbas arruivadas.

Quando a estiagem aperta, esturricando a terra e a "planta", no numeroso grupo, que sáe pelas ruas, entoando o terço para "vir chuva", toma parte o *camarada* que sabe o mal que o sol *brabo* anda a causar ás roças, e por essas estradas ha um "poeirão" de suffocar a gente!

Olha, como que aterrado, para a limpidez do céu, rútilo de luz.

Dia vem em que o mestiço pega a morrinhar, num aborrecimento de tristura, perrengando "ahi duma banda", todo encorujado, lenço á cabeça, sentindo que a "magra" vem vindo, e elle tem de "bater a pacuéra".

Recolhe-se á Santa Casa, desde que não lhe "deram arrumação as beberagens do "charlata", e... coitado! minguando, penando na tremedeira da febre,—afinal "entesa o pito" sem talvez...

No cemiterio, numa cova aberta a trouxe-mouxe, fica o seu corpo a apodrecer, coberto de relvas, emquanto a tradicção conjura-lhe a memoria, para dizer delle que era "bom na regra", e "maludo" quando alguem lhe fazia "giriza".

A "rôxa" lembra-se delle, mas... a gente não pode viver "sem outra costella". Demais, não faltam *camaradas* que lhe matem saudades do "seu defuncto", a quem Deus fale n'alma, coitado!"

NEMO. *(Azevedo Junior)*.

Juiz de Fóra—1904.



TRECHO DO PARQUE DA PRAÇA DA REPUBLICA - RIO DE JANEIRO

ENSAIO DE CHRONICA MILITAR

JÁ não ha entre nós, habitantes d'esta capital, quem se assuste com o boato, nas varias modalidades porque se manifesta, geralmente, porem, carrancudo e ameaçador.

A força de abusar da credulidade publica ninguem mais lhe dando credito, poz em pratica nova tentativa, fazendo-se arlequim.

Tomaram-n'o d'esta vez a serio, pois houve quem acreditasse que seguiam caminho do Amazonas aquelles celebres canhões Whitworth, de calibre dos, que a custo se encontram ainda nos museus militares.

O resultado da tentativa foi tão satisfactorio, que o illustrado Chefe da Direcção de Artilheria sentiu necessidade de ir a imprensa, publicando no *Jornal do Commercio* de 30 de Maio ultimo, a declaração formal de se não referir áquella repartição a auctoridade technica, a que se fizera allusão em artigo do mesmo jornal de 25, sob a epigraphe «Armamento de artilheria de campanha.»

Não era, não podia ser aquella repartição, (cujos destinos em boa hora foaam confiados ao illustrado General) quem se lembrou de semelhante anachronismo.

Como mudam os tempos! Ainda a 16 de Novembro de 1902, a nossa situação politica e militar era considerada em condições de podermos esperar, *sem impaciencia nem encenação armada*, a ultima palavra da industria no tocante á acquisição de canhões de tiro rapido para o nosso Exercito.

A' 25 de Junho de 1904, a acquisição de 4 baterias de seis d'esses canhões, (nos diriamos de preferencia 6 baterias de 4), tornou-se uma medida urgente, inadiavel, imposta pela nossa situação politica: é o que vemos lendo o *Jornal do Commercio* das duas datas.

Felizmente, antes da ultima citada, a Commissão de experiencias de artilheria já se havia manifestado de modo que, si a alta administração da guerra se resolvesse a adquirir material de potencial balistico por ella indicado, contentaria mesmo aos mais pessimistas, exceptuando bem entendido os apaixonados por uma mobilidade incompativel com as exigencias que se impõem a todo material de artilheria de campanha no momento actual.

Aquelle bem elaborado communicado do illustre general, dispensa-nos de levar por diante o trabalho que vinhamos fazendo pelas paginas da *Kósmos*, para a classificação a que iamos chegar, dos varios typos de canhões de tiro rapido aqui experimentados, em que occuparia lugar de honra o producto de Essen, sem que deixasse de ser honrosa a posição conquistada pelo bem acabado producto de S. Chamond, apresentado por mão de mestre, pelo distincto engenheiro e provecto artilheiro Tenente Morize, do Exercito francez.

Certamente este distincto profissional e o seu correcto adversario, a quem coube a primazia nos nossos polygonos de tiro, concordarão mais com as nossas ideias sobre o assumpto que com as de illustrado escriptor militar, que parece ter feito boa acquisição de pombos correios para soltal-os, de bordo do Orissa, com destino o *O Paiz*, no mez de Maio cadente.

—

Mais uma vez com justo orgulho, a nossa Marinha de Guerra commemorou a gloriosa data de 11 de Junho.

Têm razão os nossos Marinheiros: não conhecemos combate naval que se lhe possa comparar em iniciativa e valor, pois o que de poucos annos o precedeu, a 8 de Março de 1862, na bahia de Hampton-Roads, de uma unidade tactica contra uma esquadra inteira, constituiu igualmente o primeiro feito de armas em que tomava parte um navio couraçado, tornando-se ainda mais saliente a superioridade d'este por ser dotado de poderoso esporão.

E' verdade que a historia regista o combate de 17 de Setembro de 1894, em frente á foz do rio Yalú, em que um navio mercante, jà sem leme, seriamente avariado pela artilheria inimiga, atirou-se corajosamente contra dois couraçados, que lhe abriram caminho, julgando ser aquelle navio armado de esporão.

Em Riachuelo, porem, o inimigo longe de fugir procurava na abordagem o esforço supremo.

O Amazonas navio de madeira como o Saikio, tinha a desvantagem de ser de rodas, elemento de propulsão abadonado desde 1845 para os navios de guerra; e como ariete apenas a admiravel resistencia de sua roda de prôa.

Se o Saikio conseguiu com um rasgo temerario escapar de anniquilamento certo, o Amazonas cobriu de louros uma das paginas de nossa historia.

Paginas que registam semelhantes feitos ninguem as poderá rasgar; e só terá a lucrar o nosso Brazil si forem lidas nas nossas Escolas primarias, mostrando os professores a seus discipulos, que os brasileiros que ali se bateram tinham coração como todos os seus patricios, e por cima alguma cousa mais, que algumas vezes nos faz bastante falta,—muito patriotismo.

B.

EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ

I



GRUPO REPRESENTANDO A PESCA

INICIAMOS hoje a serie de artigos que nos compromettemos a escrever para esta Revista, dando conta do que de mais importante se fôr passando na *World's Fair* de S. Luiz; acompanhados de vistas representando variados aspectos da Exposição, poderão os leitores de *Kósmos* ter a impressão exacta do que será este grandioso certamen internacional, inaugurado officialmente em 30 de Abril.

Ainda não estão de todo concluidas as obras; o máo tempo que reinou durante todo o mez de Abril, as grèves de operarios, a sua escassez mesmo, muito as atrazaram.

Nesse particular o Brazil não foi de todo infeliz; o nosso pavilhão, que continúa a attrahir a attenção geral, não lhe poupando os jornaes e publicações avulsas as referencias as mais elogiosas, acha-se con-

cluido; está illuminado por 1.134 lampadas electricas distribuidas em lustres de 60, 18, 12 e 4 luzes, mobiliado e decorado com muita arte, gosto e distincção.

Acham-se tambem installadas sete secções. que se acham distribuidas pelos commissarios, na seguinte ordem:

Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires — Minas, Metallurgia e Economia Social.

Dr. José Americo dos Santos — Bellas Artes, Transportes na parte referente á Viação terrestre e em *Artes liberaes* o que disser respeito á Engenharia.

Dr. Graça Couto — Artes Liberaes.

Dr. Costa Couto — Machinas e Electricidade.

Dr. Ferreira Ramos — Agricultura e horticultura.

Dr. Baptista da Motta — Educação e educação physica.

Dr. Alves de Lima — Anthropologia.

Capitão-Tenente Altino Correia — Transportes, na parte relativa á viação maritima e fluvial.

Capitão de Mar e Guerra José Carlos de Carvalho — Manufacturas, Florestas, Caça e Pesca.

—

D'estas secções ficaram installadas para o dia da inauguração:

Bellas Artes e Electricidade, directamente organizadas pelo coronel Souza Aguiar, na ausencia dos commissarios respectivos.

Anthropologia — organisada pelo engenheiro Dr. Rocha Dias, auxiliar da commissão.

Florestas, Caça e Pesca, organizada pelo Capitão de Mar e Guerra José Carlos de Carvalho; e Minas e Metallurgia, organizada pelo Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires.

A secção de Bellas Artes expõe a bella collecção de quadros de Aurelio de Figueiredo, quadros de Weingartner e F. Schlater, alem de outros.



PAVILHÃO DO ESTADO DE CONNECTICUT

A secção de Florestas Caça e Pesca representa para o Brazil um verdadeiro triumpho.

A nossa collecção de madeiras só tem rival na apresentada pelo Estado da California, causando as nossas amostras verdadeiro pasmo aos interessados, que de metro em punho, tomam as dimensões dos *cedros* do Rio Grande do Sul, dos *pinheiros* e *imbuyás* do Paraná, experimentando com o canivete a rigidez do cerne e a coloração viva dos exemplares da flora brazileira.

Os herbarios de Minas Geraes e os da região serrana do Rio Grande do Sul, causam muito boa impressão, bem como os trabalhos em mosaico feitos com as nossas madeiras pelos Srs. Christiano F. Oruber e Filhos, de Porto Alegre, os cipós-florões do Paraná, e um escudo da Republica feito no Arsenal de Marinha do Pará, em que entraram 102 qualidades de madeiras.

A secção de Minas e Metallurgia, a cargo do Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, tem se tornado um centro de curiosidade e attracção dos entendidos e especialistas.

Distribuidas por mão competentissima, as amostras das nossas riquezas ali patenteam-se, attrahindo logo a attenção do visitante, tendo os entendidos a maior facilidade em detalhar o seu exame pela disposição artistica e pratica das mesmas.



CHALET DO CAFÉ AO LADO DA **FESTIVAL HALL** (AINDA POR ACABAR)

Tanta admiração e interesse causaram as secções em que expomos as nossas riquezas vegetaes e mineraes qua a Commissão Superior da Exposição, no programma official das festas da inauguração, julgou, fallando geralmente do valor dos diversos departamentos, dever chamar para ellas a attenção com as seguintes palavras :

"Brazil's entire of woods, and the major part of its valuable mineral collection to be show at the Fair, are

to be presented to some American university at the close of the Exposition.»

O Brazil foi classificado no grupo das grandes nações que concorreram á Exposição, na seguinte ordem: Inglaterra, Allemanha, França, Italia, Belgica, Austria, Brazil, Japão, Suecia e Canadá; no segundo grupo, a India, Mexico, Hollanda, Argentina, Cuba, Sião, Nicaragua, China, Ceylão e outras.

A Inglaterra fez edificar no centro de um jardim chato e tristonho, a reproducção exacta e completa do *Kensington Palace*, onde nasceu a Rainha Victoria.

A Italia fez surgir em plena America, uma pittoresca villa da Lombardia, cheia de coloridos quentes e adoraveis, proprios do genio da belleza e arte do seu povo.

A Belgica reproduziu a *Town Hall* de Antuerpia, de estructura pesada, fechada por uma cupola abatida, encimada pela corôa real, na altura de 126 pés.

A Austria, reuniu em um só edificio de dimensões regulares em forma de T, ladeado de jardins,tudo quanto poude idéar e compor com distincção, o espi-



PALACIO DA ELECTRICIDADE

INDIOS ADMIRANDO A CIVILIZAÇÃO

Esse palacio é uma preciosa recordação da velha Inglaterra, conservada até hoje com extremado amor e veneração.

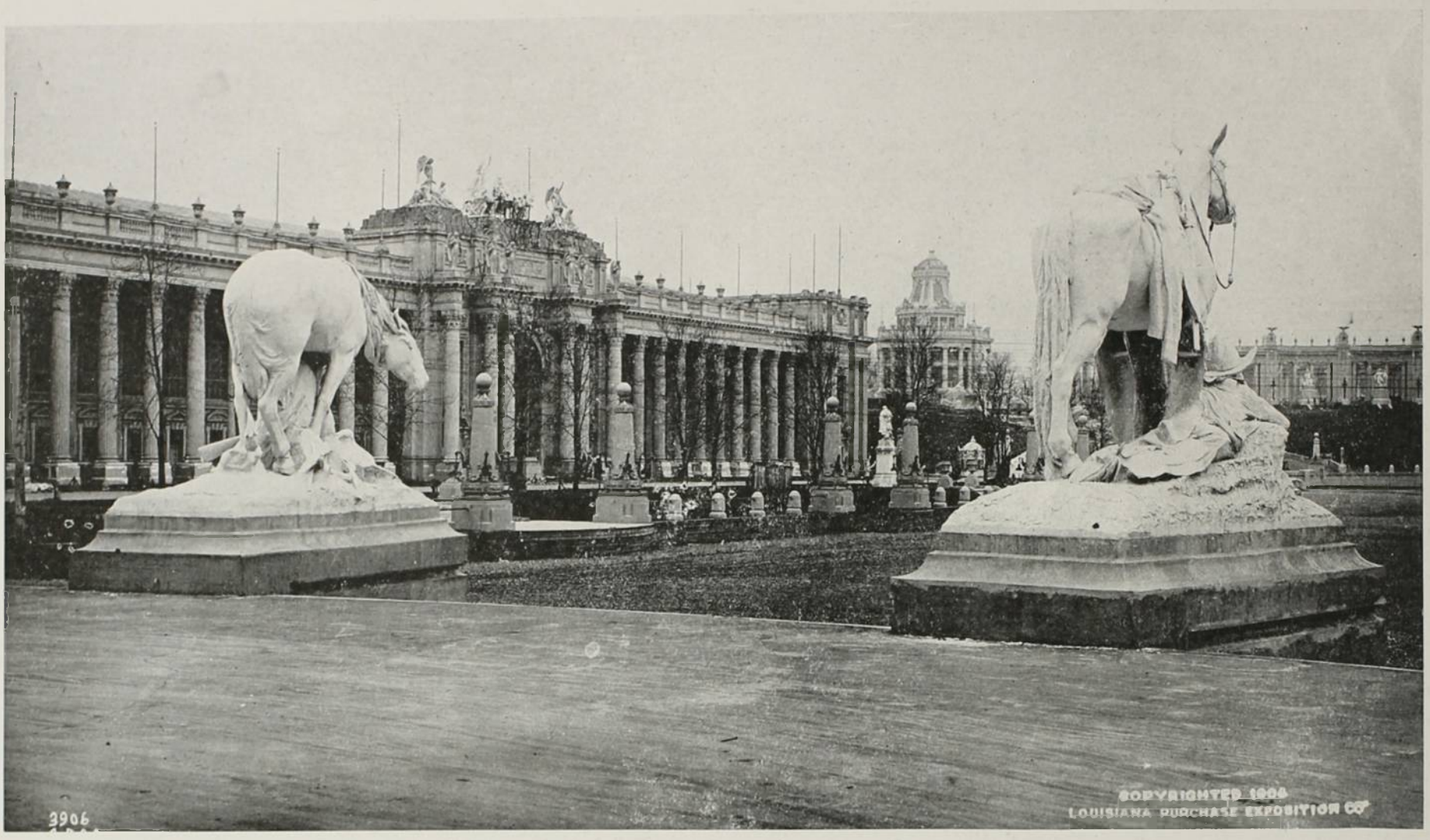
A Allemanha levantou sobre uma parte elevada do terreno da Exposição o historico *Charlottenburg Castle* com todas as suas curiosas dependencias, caracteristicas e tradiccionaes da construcção, severidade e gosto puramente germanicos.

A França apresentou o grande *Trianon* de Versailles, com os seus encantadores e originaes jardins, estatuas e jogos de aguas illuminados e multicores.

rito educado da belleza e aristocracia da graça da *arte nova* viennense.

O Brazil, conseguiu por sua vez arvorar a sua bandeira a 132 pés de altura, em um grandioso edificio, hoje admirado por todos e classificado—*a perola do diadema dos pavilhões estrangeiros*, na phrase justa e para nós muito honrosa de toda a imprensa de S. Louis.

Eis o artigo que a respeito publicou o *S. Louis Republic* de 10 de Abril:



PALACIO DA EDUCAÇÃO

A PEROLA NO DIADEMA DOS EDIFICIOS ESTRANGEIROS — «E' a perola no diadema dos edificios estrangeiros»: assim se expressou um architecto fitando o pavilhão do Governo do Brazil na Exposição; não sendo contestado, com estas palavras, fechou o assumpto. E' realmente considerado o mais bello dos edificios construidos pelos paizes estrangeiros.

«Ninguem desejará ir a uma festa da qual regresse descontente.» Nesta phrase o Coronel Francisco N. de Souza Aguiar, Presidente da Commissão Brazileira, synthetisou os motivos por que o seu Governo e elle procuraram patentear nesta obra um dos mais delicados exemplos de architectura da Exposição.

O Coronel Aguiar é engenheiro do Exercito brazileiro, onde conta 35 annos de serviços. Foi quem projectou e construio o edificio do Brazil na Exposição de Chicago em 1893 e em seu paiz tem executado obras notaveis, especialmente no Rio de Janeiro.

«Os engenheiros militares brazileiros precizam conhecer tão bem o que diz respeito á construcção e á architectura como aos outros ramos da engenharia, disse o commissario, referindo-se ao actual edificio. Isto nos foi ensinado e guardamos bem as lições.»

«Para construir o pavilhão em S. Luiz recebi apenas uma ordem: queremos um edificio que nos honre; ao mesmo tempo bello e apropriado ao fim. Desejamos que se destaque, isto é, que se afaste do estylo commum dos edificios para Exposições.»

«Tendo presente estas idéas, comecei a trabalhar no projecto. Procurei fazer um edificio util, recommendavel e de architectura differente da geralmente seguida: esforcei-me para conseguil-o.»

«Sinto-me feliz ouvindo que fui bem succedido. E' sempre motivo de satisfação ver o nosso trabalho apreciado, qualquer que elle seja. Dizem muitos que o pavilhão se distinguirá entre as construcções dos varios paizes. Obtendo magnifico local, tirei delle a vantagem possivel.»

O meu Governo reconhece a Exposição da Luiziana como a maior do mundo e com natural empenho desejaria conseguir que o seu edificio fosse um dos mais bellos, particularmente entre os dos paizes sul-americanos.»

Comprehendeis que esta construcção representará de algum modo a nossa prosperidade e desenvolvimento, nosso justo orgulho, correspondendo tambem á gentileza de nos ter sido concedida situação proeminente na área reservada aos paizes estrangeiros.»

O Coronel Aguiar não cingio-se a regras estabelecidas ao projectar e construir essa *perola no diadema dos edificios estrangeiros*. No conjunto, o estylo architetonico lembra o renascimento francez. Na organização do seu trabalho influiram differentes elementos:—evolução das proprias idéas, apreciação das linhas geraes da Exposição, estudo topographico do terreno e do grupo de edificios mais proximos. A execução representa o que ha de mais adiantado na arte de construir e já tem despertado muito a attenção; sem duvida ha de ser um ponto de attracção para os visitantes interessados em trabalhos de architectura e construcção.

Quem vem de Skiner Road para Clinton vê surgir diante de si alvo e brilhante edificio, rodeado de graciosas columnas corynthias; encima-o a gigantesca abobada. O effeito é de fazer estacar, arrancando espontanea admiração. Suas fórmas personificam a graça. Parando no caminho e observando-o, em vão procura-se uma simples falha, um

ponto onde a vista sinta a aspereza de uma linha, onde uma curva, uma janella, qualquer decoração, emfim, desagrade:—procura-se debalde. Em construcção elle representa um poema.

Approximando mais, de novo pára-se para contemplar em cheio a belleza do edificio brazileiro. Elle apparece, então, imponente, bello, com as columnas lisas sem as caneluras em geral usadas, despido de apparatosos ornatos; sómente as armas do Brazil a meia altura e uma cinta proxima á base. Ellas elevam-se até o telhado occulto por ornamentação singela. Percebe-se a arte em todo o edificio; na simplicidade de sua grandeza, na symetria de suas dimensões, nas columnas, nas abobadas lateraes e no zimborio, 135 pés acima do terreno.

Uma das *loggias,* a de leste, faz frente ao terreno principal; tem 44 metros de diametro e 80 de altura, rodeada de columnas da mesma ordem e balaustrada, Do centro do tecto pende grande lustre de luzes incandecentes e de cada um de 12 paineis, outros de menores dimensões. Para o norte e sul abrem-se amplas janellas circulares, separadas por decorações bellissimas, apenas formosas grinaldas aqui e além, escudos com as armas do paiz.

Nessa *loggia,* fronteira ao jardim, será servido o café durante o periodo da Exposição, o qual, convem saber-se, foi offerecido pelos plantadores brazileiros. No Brazil usa-se torral-o muito mais do que fazemos nós outros; torram o grão até o amago. Sendo esse producto um dos principaes do paiz, ao qual pertence 4/5 partes da producção universal, elle representará papel importante nas exhibições e ha de impressionar os visitantes do edificio

O pavilhão tem dous e meio andares, dupla entrada pelo norte e sul e as *loggias* lateraes. A principal escada dá para Clinton Road; é de granitoide e mede 20 pés de largura. De cada lado, enorme leão de madeira estucada, meio erguido, mostra a altaneira cabeça lançada para a frente. Este detalhe, por si só, attrahe e dá vida á construcção. Não exprimem algo de especial, como a aguia em um edificio americano.

A estatuaria não preoccupou o constructor, pois excepto as oito figuras heroicas em volta da abobada, outras não existem.

Vista de relance, a entrada principal logo impressiona pela sua belleza; é preciso, entretanto, demorado e cuidadoso exame para se descobrir o encanto. Estará nas columnas corynthias, na ampla escadaria que dá facil accesso ao primeiro pavimento? Estará na posição dos leões na larga porta rematada por uma bandeira circular de vidros coloridos?

A resposta affirmativa a estas e outras perguntas seria uma verdade e um erro, porque não sómente nos detalhes, mas no conjunto, reside toda a belleza.

Com effeito, o edificio lembra uma pintura em que nenhuma das partes póde ser desprezada. Em qualquer quadro não é só uma figura, uma simples arvore, a posição de um typo, o fundo, alguma cousa especial, mas o conjunto que nos impressiona; é exactamente o que se dá no caso do pavilhão.

As armas do Brazil desempenham papel importante na ornamentação; encontra-se o emblema da Republica por toda a parte: sobre as portas, sobre as janellas, embellezando as columnas, com vantagem posto ao longo da cornija, dando realce a tudo. Parece que se faltasse no ponto em que realmente está, tudo seria monotono; alli posto, realça a symetria e dá vida e elegancia á construcção.

Nos 21 escudos em que se lêm os nomes dos Estados do Brazil e da Capital Federal, lá está elle contribuindo para a perfeição geral. Parece ser idéa do Coronel, ao inscrever aquelles nomes, tornal-os conhecidos dos milhares de pessoas que visitem o edificio: além de decorativo, instructivo.

A parte mais notavel de toda a construcção é sem duvida a immensa abobada central. E' de aço, ao passo que é de madeira estucada o resto do edificio, como todas as outras Construcções da Exposição. Mede 57 pés de diametro e tem a fórma octogonal. Da base ao vertice vão 135 pés e á extremidade do mastro da bandeira 160. Em cada face uma vigia circular com vidros coloridos. De resto, a ornamentação, é simples, suggestiva embora pela elegancia das linhas.

A cupola, desenho original do Coronel Aguiar recorda o Capitolio Nacional em Washington e alguns outros afamados exemplos de architectura. Desperta particularmente a attenção. E' impressiva. Parado ante o edificio, ella parece-nos mais alta do que realmente é; comtudo, suas linhas foram tão artisticamente lançadas que está perfeitamente harmonisada com o todo.

O edificio tem 260 pés de comprimento por 140 de largura. No primeiro andar ficará a sala principal para a exposição de alguns productos do Brazil. Por qualquer lado que nella se entre, nota-se logo que columnas doricas succedem agora ás corynthias. Um ligeiro sombreado, cores amortecidas, em vez de branco brilhante exterior, cobrem essas 30 columnas como as outras perfeitamente lisas; os proprios emblemas desappareceram e na parte superior apenas se destacam as cornijas que as ligam ao tecto.

Nas extremidades leste e oeste deste grande salão, largas portas dão entrada ás *loggias*. O serviço do café para o publico será feito na primeira, reservada a segunda a descanço e recreio dos visitantes. Motivou essa preferencia a posição relativa aos palacios da Exposição e á Grande Cascata, e ainda, o que é mais importante, porque á tarde, hora de maior affluencia, a sombra projecta-se desse lado. Em ambas, ha confortaveis assentos e jardim em redor.

Esta intelligente disposição permittirá apreciar-se um magnifico quadro, deleitando a vista e alegrando o coração. «Queremos que nossas visitas sintam-se perfeitamente em casa», disse o commissario com um sorriso, «que descancem apreciando o café; a verdura da gramma, o jardim lá fóra, darão a illusão de uma temperatura amena.»

No tecto do salão de exhibições existem numerosos paineis e delle pendem muitos lustros de luz incandescente. O soalho é de granitoide; não haverá neste pavimento installações custosas apenas, provavelmente aqui e alli, tinas com palmeiras e outras plantas tropicaes para realçar os objectos expostos. Informações que interessem a negocios e outras explicações uteis, ahi serão ministradas pelos brazileiros encarregados dessa parte.

O café, é offerecido ahi ao exame publico, em grandes vasos e tubos de vidro. As differentes phases do seu preparo até ao grão encontrado commummente no commercio serão ali apresentados á apreciação dos que se interessam por este producto.

Dupla e espaçosa escada dará accesso do salão ao segundo andar. Este pavimento sem duvida alguma terá grande interesse para o visitante por se destinar exclusivamente ás recepções. Oito fieiras de columnas doricas, quatro em cada uma, correspondendo ás do primeiro andar, se destacarão no meio de uma multidão de vasos com flores, avencas e palmeiras. Os commissarios serão solicitos em attender ahi áquelles que os procurem.

O tecto é igual ao do outro pavimento em ornamentação e effeito, mas no centro projecta-se o vão da abo-

bada cuja decoração interna abrange as esculpturas da friza e os vidros coloridos das janellas.

Aos lados do salão duas sacadas permittem apreciar as *loggias*. Por todo elle sofás e cadeiras para conforto e onde, diz o commissario, os visitantes poderão descansar, tomando informações sobre o Brazil.

Nesta parte do edificio estão os compartimentos reservados aos escriptorios dos membros da commissão e seus empregados. Para dar accesso ao meio andar (*mezzanino*), onde ha um outro escriptorio, existe uma escada artistica de ferro forjado que se eleva até a grande abobada. A sala de recepções parece que será a mais luxuosa do edificio brazileiro, para ser digna naturalmente do grande numero de visitantes estrangeiros.

Disse-nos um dos commissarios que, relativamente, nós pouco conhecemos do Brazil e que terá agora opportunidade de ministrar-nos muitas informações durante esta longa convivencia, visto o natural interesse que revelamos pelo seu paiz.

Ao lado do salão principal ha quatro salas especialmente destinadas a senhoras e cavalheiros. Ahi lhes serão dispensadas, as maiores attenções sobretudo áquellas; é empenho e desejo da commissão que o seu pavilhão seja o preferido pelos visitantes.

A madeira empregada nas divisões internas e nas esquadrias é o cypreste; as janellas do primeiro e segundo pavimentos são as vulgarmente chamadas circulares, isto é, são curvadas na parte superior como as de algumas igrejas e edificios publicos entre nós. A sua pintura interna e a pintura do tecto harmonisam-se com a das columnas doricas, e têm o mesmo matiz.

A' noite, o edificio illumina-se por 1.500 lampadas incandescentes, a grande abobada, as cornijas, as *loggias*, a entrada principal, tudo, explendendo de longe.

O custo total da obra é de 135 mil dollars, mais ou menos, devendo ficar concluida em poucos dias.

Os pintores dão agora as ultimas tintas na parte exterior, trabalho apenas para uma semana. Para a pintura interna bastam dez dias, no pé em que já se acha.

A arrumação dos objectos a expôr e a installação dos moveis principiarão em breve e o coronel Aguiar, disse-nos, espera ter tudo completo antes da abertura da Exposição.

Certo hão de contribuir para dar muita vida ao edificio os numerosos mastros distribuidos ao longo da cornija, nos quaes fluctuarão as bandeiras brazileira e americana. No topo do grande mastro da imponente abobada central, o pavilhão brazileiro, bordado em seda, será visivel de qualquer ponto da Exposição.

A inteira belleza e a elegancia deste edificio não pódem ainda ser bem comprehendidas. Quando se retirarem as construcções provisorias, na proxima semana, quando o jardim estiver acabado, a grama crescida, tudo, emfim, exactamente como vai ficar, então o Pavilhão Brazileiro ha de mostrar-se como na realidade é.»

José Carlos de Carvalho.

Operarios do Velho e do Novo Mundo

A questão operaria é, sem duvida, uma das que mais preoccupam actualmente politicos, philosophos, publicistas e philantropos do mundo inteiro. Ha decerto paizes, como o nosso, em que o problema proletario ainda não existe sinão na idéa de alguns agitadores mais ou menos confessos e apontados, que buscam apenas tirar dos movimentos que suscitam, vantagens partidarias ou pessoaes. E' preciso vêr as grandes agglomerações humanas, os grandes centros trabalhadores, para fazer uma idéa das difficuldades e miserias por que passa o proletario, difficuldades e miserias que deram origem e nascença ao problema. Na propria Europa, entretanto, ha paizes previlegiados e seria absurdo ou ignorancia dizer que a questão atravessa uma phase igualmente aguda na Italia, na Inglaterra, na Hespanha e na Allemanha de uma parte e na França, Suissa, Portugal, Belgica, etc, de outra, onde a barateza da vida, a abundancia do trabalho ou o elevado preço dos salarios constituem, por assim dizer, um conta-peso ás fadigas do trabalhador, que não póde, sem flagrante injustiça, querer igualar suas penas ás de operarios de outras nacionalidades.

Não obstante, em França e na Belgica, dá-se, em maiores porporções, o mesmo phenomeno que começa a produzir-se em certos paizes da America do Sul e com particularidade no Brazil e na Republica Argentina: o operario, sendo relativamente feliz, acredita-se desgraçado a força de lhe dizerem que o é, pretendendo por vezes, a poder de grèves, as mais absurdas reivindicações.

Longe de mim o affirmar que os labores da vida não devam ter para todos os homens uma certa dóse de compensações e de commodidades; mas, um abysmo enorme existe entre isto e o achar justo tudo quanto os especuladores politicos metteram na cabeça do rebanho operario com o rótulo de «Reivindicações sociaes».

Ainda ha pouco em França um deputado socialista (aliás expulso do partido), o barão de Millerand, tentou, num *coup d'audace*, derribar o gabinete Combes, desempenhando litteralmente o papel de agitador que só obedece a interesses pessoaes ou de um grupo, no maximo. Como alavanca em sua obra de destruição governamental, o deputado francez serviu-se d'este argumento: O ministerio Combes não tem mais direito de existir, porque estando ha anno e meio no poder, deixou-se absorver pela politica anti-clerical, nada fazendo pelo operario na questão das «retraites ouvrières».

Ora, o barão de Millerand, com uma pasmosa falta de memoria, esquecia-se, assim argumentando, que elle

proprio, socialista ainda não expulso do partido nessa epocha, havia feito parte durante mais de dois annos do gabinete Waldeck-Rousseau, que precedera ao gabinete Combes e que, durante todo esse longo peeriodo, a questão das aposentadorias operarias permaneceu em completo esquecimento. Foi o proprio *leader* socialista, o sr. Jaurès, quem se encarregou de dizer-lh'o, num tom mais do que energico, em plena Camara e a tentativa de *chantage* operaria premeditada pelo barão de Millerand desabou ao sopro do chefe socialista, como um simples castello de cartas.

Isto para mostrar que na Europa os especuladores politicos, vivendo da exploração do proletariado, tambem pullulam.

* * *

Outro argumento com que tal genero de agitadores procuram acoroçoar os operarios em suas gréves e desordens é o parallelo que estabelecem entre a vida do trabalhador nos Estados-Uuidos e na Europa. Convém reconhecel-o: este argumento é mais serio e até certo ponto justificado. Incontestavelmente o proletario norte-americano, *enquanto é valido para o trabalho*, gosa de uma certa somma de regalias e commodidades que o operario europeu desconhece quasi totalmente.

O Novo-Mundo apresenta-se aos olhos dos europeus, visto através do prisma por que os agitadores o pintam como a terra, da promissão para o proletario. Um estudo, ultimamente publicado pelo sr. Henry Bargy, dá uma idéa imparcial da vida do trabalhador em algumas localidades da America do Norte. Evidentemente o que conta o escriptor não é o que se passa uniforme e regularmente em toda a grande republica; mas, ainda assim, a coisa é por demais interessante, curiosa e instructiva para não ser assignalada.

* * *

Imagine-se que nos Estados-Unidos (em certas localidades, repito) o operario divide seu tempo em dois capitulos, si me á permittida a expressão: «vida privada» e «vida collectiva».

Os trabalhadores norte-americanos vestem-se como a burguezia e muitos mesmos possuem em casa uma mobilia confortavel, uma tal ou qual apparencia de luxo, não sendo raros até os que dispõem de um salão em que, entre outros moveis, figura tambem um piano... as mais das vezes mecanico. Esse conforto da «vida privada» é quasi por inteiro desconhecido do operario europeu e as suas condições economicas só se explicam pelos elevados salarios que ganham os bons trabalhadores na America do Norte. As sociedades cooperativas, de auxilio mutuo, etc., devem igualmente ser classificadas no capitulo da «vida privada», *porque pertencem todas a uma iniciativa particular e não governamental*, como se poderia pensar.

Na organisação da «vida collectiva» os norte-americanos deram á existencia em commum, nas officinas, aperfeiçoamentos, de facto, dignos de ser imitados. Os operarios, ao lado de seus modestos lares, fizeram da propria officina um segundo domicilio em ponto grande e chamaram-n'o «officina-club». E' um centro de convivencia *modern-style*, com salas de leitura, jogos, banhos, etc. A officina-club, pois, representa para a classe trabalhadora o mesmo que o *cèrcle* representa para as pessoas das altas camadas sociaes.

Desde os começos de taes innovações os predios em que funccionavam certas officinas foram completamente reformados e adaptados ao genero de industria a que deviam servir, recebendo ao mesmo tempo todos os melhoramentos, ornamentações e conforto que iam ser necessarios. Actualmente os muros são revestidos, tanto na parte externa como na interna, de azulejo ou de tijollos envernizados, de maneira a facilitar a lavagem escrupulosa que todos os dias é feita, por meio de grandes jactos de agua. Cada operario possue na fabrica uma especie de gabinete fechado a chave, onde deposita a roupa de passeio e veste a de trabalho. Um desses modernos trabalhadores nunca deixa a officina senão vestido á burgueza; as operarias trajam igualmente com esmero e é-lhes absolutamente defeso o sahir á rua sem chapéo. Apenas um traje menos cuidado é admittido, o traje de cyclista, porque muitos dos trabalhadores preferem a bicycleta como meio de locomoção, por motivos de economia ou de prazer. Ainda assim o costume cyclista em nada os differe dos burguezes. Em quasi todas as fabricas ha um empregado especial destinado á guarda e aos concertos dos velocipedes, que, á hora da sahida, devem estar promptos e limpos.

Em muitos *ateliers* o genero de trabalho exige, como é natural, maior ou menor limpeza. O pessoal no inverno, dispõe de vinte minutos para um banho quente e, nos mezes de calor, de quarenta para dois banhos frios. Nas salas de trabalho ha grandes lavatorios munidos de agua quente e de espelhos. Uma fabrica de Boston adoptou até o emprego do sabão em pó, afim de evitar que o mesmo pão de sabão seja utilisado por varias pessoas. Segundo o genero de trabalho é mais ou menos aceiado, ha nos *ateliers* mais ou menos limpeza, hygiene e elegancia.

Numa fundição de Brooklyn o solo é de ferro, para evitar a poeira; um aspirador retira os gazes contidos na fabrica e um ventilador renova-lhe constantemente o ar; os operarios dispõem de banhos e nunca revestem as roupas em que o suor tenha seccado. Depois de terminado o trabalho lavam seus trajes de *atelier* em agua corrente e pura, depositam-n'os em seguida em prensas especiaes para esgotal-los e estendel-os e, no dia immemediato, encontram-n'os enxutos e frescos.

* * *

Para impedir as perdas de tempo, ha fabricas que fornecem, a propria custa, uma ligeira collação, antes de começar o trabalho, e o almoço, ao meio-dia. O derradeiro andar, transformado em uma só e vasta peça, serve de refeitorio commum, largamente ventilado e propositalmente coberto de vidro afim de que o sól o invada. A collação da manhã juntamente com o almoço custam á fabrica a somma minima de 200 rèis de nossa moeda, por pessoa; a economia de tempo e, por conseguinte, o accrescimo de trabalho compensam largamente tal despeza.

Uma fabrica de quincalharia, de Cleveland, fornece as duas refeições a quatrocentos operarios que possue. A refeição da manhã é gratuita, e a de meio-dia é vendida pelo preço do custo. Essa officina não dispõe de refeitorio especial; porém, nas proprias salas de trabalho, junto á banca de cada operario, ha uma taboa que, por meio de dobradiças, como em certos vagões de estrada de ferro, transforma-se em mesa que após a refeição desapparece. Tudo é servido em pratos de papel afim de evitar lavagens e perdas de tempo. Um *sandwich* custa 80 rs., um picado de carne 80 rs., 80 rs. uma ração de

queijo com bolacha, 100 rs. um prato de feijões com toucinho e pão, 200 rs. um prato de carne com pão, 100 rs. qualquer sobre-mesa, 180 uma sopa de ostras, 80, e 100 rs. todas as outras sopas. Para que não haja restos o *maitre-d'hotel* e seus ajudantes recebem as encommendas dos pratos duas horas antes do almoço. Por tal processo as quantidades são determinadas e medidas préviamente.

Ha manufacturas luxuosas em que ao lado do refeitorio existe uma bibliotheca com numerosos volumes e junto a esta uma sala de fumar com grandes mezas cobertas de jornaes, revistas e jogos.

Salvaguarda-se a moral e evita-se tanto quanto possivel o contacto dos dois sexos, em certos *ateliers*, fazendo entrar as mulheres uma meia hora depois dos homens. Não são raras as officinas que dispõem de ascensores e tapetes rolantes, para impedir a fadiga; ha-as em que os tamboretes de trabalho são munidos de encosto, existem-n'as que possuem pharmacia e sala de repouso. Algumas dispõem de sala de gymnastica e uma fabrica de Chicago possue mesmo um carro para passeiar pelo parque as operarias indispostas.

Em certas manufacturas as distracções e divertimentos são numerosos. Assim é que, na fabrica de espartilhos Ferris Irmãos, ha gabinete de leitura, jogos, pianos e sala de dansa, de que os trabalhadores se servem durante uma hora de recreio, após o almoço. Outras existem que dispõem de grandes jardins e salões cimentados com cavallinhos de madeira, balanços, patins, etc.

* * *

A noite o operario, uma vez fóra da officina, vai ao club que tende a tornar-se um annexo da fabrica. Um dos mais interessantes de taes gremios é, sem duvida alguma, o de Bridgeport que funciona num grande prédio construido junto ao mar e que é conhecido sob o nome de «Instituto da praia» Nesse estabelecimento modelo existem salas de recepção e de musica, bilbiliotheca com 4.000 volumes, theatro dispondo de 500 lugares e sala para conferencias e concertos.

Os conferencistas só podem tratar, porém, de assumptos praticos e extranhos á politica. Uma serie de vinte e cinco a trinta conferencias custa a cada assistente 12$000 aproximadamente. Certas sessões são de facto curiosas e interessantes, porque a direcção do club auxilia os oradores, que quasi só se occupam de historia, de arte, de hygiene e de descobertas ou viagens, por meio de projecções de lanterna magica que constituem, por assim dizer, verdadeiros exemplos vivos.

Nas salas propriamenie de divertimento, tanto as apostas como os jógos de azar são prohibidos; é igualmente prohibida a venda de bebidas alcoolicas.

O Instituto da praia dispõe além disto de cinco escolas maternaes.

* * *

Entretanto, os industriaes, que são os verdadeiros auctores de toda essa mudança e conforto na vida operaria, principiam a acreditar que, para se conseguir inteiramente o bom humor e a perfeita saúde dos trabalhadores, as distracções e o repouso quotidianos não bastam ainda: começa-se, portanto, a propagar o costume das férias periodicas e collectivas. Em um grande estabelecimento de New-York, todos os sabbados, fréta-se um vapor que conduz a uma pequena e pittoresca cidade da costa oitenta jovens operarias para ahi passarem o domingo em grandes e alegres excursões.

Em muitas manufacturas dá-se já aos trabalhadores uma semana de férias por anno e uma dellas mesmo, que utilisa-se de grande numero de crianças, envia-as, por grupos, todos os annos ao campo, onde os minusculos obreiros gozam da vida em plena natureza durante quinze dias.

Como os clubs e as associações operarias, a officina norte-americana tende a tornar-se o que um de seus escriptores especialistas mais notaveis, o sr. Tolman, quer que ella seja: «quando o trabalhador transportou seus utensilios de casa para a fabrica, o quadro de sua vida mudou completamente; a partir de então a officina transformou-se em «*home* industrial» do operario.»

* * *

Não obstante, uma reflexão seja-me permittida. Apezar de todas as vantagens, distracções e confortos que apresenta a «vida collectiva» do proletario norte-americano, deve o europeu invejal-a? Ninguem ignora que na America do Norte tambem ha gréves e por vezes tão serias quanto as da Europa. O trabalhador nos Estados-Unidos instrue-se, passa a vida agraddavelmente, concordo; mas é pelo patrão tratado como uma especie de menino de collegio, vive sob sua tutella e dependencia, sem liberdade, nem direitos. De que lhe serve a moderna officina-club si nada disso lhe pertence?

Os *ateliers* das Estados Unidos parecem-se muito com essas prisões douradas em que se encerram os passarinhos. Lá dentro os operarios são felizes até um certo ponto. Modos de encarar a felicidade! Seus irmãos do velho mundo desconhecem-n'a sob tal aspecto, mas conhecem-n'a sob um outro: o da liberdade e independencia.

Quando uma officina fornece a seus trabalhadores duas refeições diarias não é por altruismo, mas por calculo. Com uma despesa minima, realiza uma sensivel economia de tempo e conseguintemente augmentam os fructos produzidos durante o tempo conquistado. Quando dá divertimentos e distracções, cultiva o bom humor de seus empregados: prepara-os habilmente para o trabalho.

—Mas, tudo na vida é convenção, dir-se-á: não é feliz quem deve sel-o, porém quem cuida que o é. O trabalhador norte americano, portanto, é plenamente feliz, porque como tal se considera.

—Sim! Tem a illusão da felicidade emquanto é valido, emquanto sua machina humana é boa productora... Porém, depois, quando a velhice e a enfermidade chegam, que coisa resta da antiga officina-club, da bella existencia de outr'ora?

O passaro já não canta. Abrem-se-lhe de par em par as portas da doirada gaiola que o deteve quando suas canções melifluas deleitavam os ouvidos do despotico senhor. Agora que perde as pennas multicores e que os sons apagam-se-lhe na enrouquecida garganta, expulsam-n'o para que não morra sem rever a liberdade.

DEMETRIO DE TOLEDO.

Paris.

O VALLE AZUL

DAS sombras e trevas por onde um dia te perdeste para soffrer e blasphemar, regando com lagrimas inuteis as emmurchecidas flôres dos teus devastados ideaes; dos tragicos tormentos e clamores d'essa aspera selva dantesca em que gritaste a tua amargura, surges agora e penetras, com pressuroso passo, numa clara, cantante e feiticeira região que é o valle azul das esperanças victoriosas, paiz do amor e da luz, terra promettida e alfim alcançada.

Para ella te conduzo, oh! alma soluçante e inquieta; para ella, em azas potentes e doiradas, em largos e altos surtos, te venho trazendo, coração!

Porque no fundo da nossa mais rude amargura, no intenso negrume da nossa mais dolorosa hora ainda conservámos um reflexo de crença, um vago crepusculo de fé e nutrimos com já escassos incensos um delgado fio de fumo azul que ainda era uma cultual offerenda á vida, emfim alcançamos a região feliz na terra dulcida e fecunda em que florescem todos os balsamos e todos os preciosos arômas pacificadores se expandem em rejuvenescimentos e purificações.

Aqui, nesta linha abandonada em que o paiz da magua acaba, a nossa ultima lagrima ficará sangrando e a sumir-se na terra sequiosa e ficarão com ella as pungentes lembranças dos nossos soffrimentos e os amortecidos échos das nossas queixas e dos nossos anathemas, brados estereis e amargos que fizeram amargos e estereis os nossos labios.

A' dôr e á desesperança consagrámos os dias ardentes de emoções moças, de inexperientes ambições, de ephemeros ideaes e subitaneos desejos. Foi a pyra de funebre solemnidade em que arderam lacrimantes oleos, holocausto em que sacrificámos os nossos primeiros anhélos e as nossas primeiras venturas e de que voltamos, como a sahir de um templo negro e em ruinas para esta patria suave, para esta luz meridiana, para estas harmonias do amor que pacifica e da alegria que fortalece.

Agora serenos, meigos e bons, de olhos enamorados de tanto encanto, num enamoramento que resurge de antigo sonho, outr'ora apagado e nesta hora reacceso, vamos cantar, emocionalmente cantar, todas estas maravilhas, bellezas immortaes desta amiga terra, os seus alcantis de turqueza, os seus avelludados montes sempre floridos, os seus prados luxuriantes, as suas doces e alegres cidades com palacios magestaticos e cathedraes solemnes e ruas cheias dos mil rumores harmoniosos de uma vida poderosa e bella.

Neste valle do amor todas as flôres vivem e todas são eternas e magnificentes. Só uma não viceja, porque o seu verde pallido e o seu vago aroma suspirante e triste seriam de um exotismo desharmonico e macabro. E' a flôr da esperança.

Esperar é lançar ao futuro um pungido appello, quando já toda a luta destroçou energias que só nessa confiança do porvir se retemperam para novamente agirem. Mas aqui já toda a supplica está satisfeita, mal nasce nos mais intimos e obscuros desejos, esses mudos e assustados desejos que são como as violetas—entre os mais pomposos se escondem, humildes e pequeninos, ardendo occultamente como delicadas flôres da ambição a perfumarem a vida.

Procura tu no mais recondito do teu ser um raro e difficil desejo, uma cousa ainda não lembrada de que te pareça o mundo desprevenido, e a tua rebuscada ambição acharás realisada.

Tu que trazes tanta sêde e tanta anciedade já te detens indesejoso e indeciso, diante destas paizagens emocionaes em cujos fructos maravilhosos presentes o sabor de uma vida desconhecida e nova, de candidas volupias, de extases supremos, de eternos canticos excelsos que sobem das almas redimidas das suas quédas e dos seus transviamentos. Entre flôres e ininterruptas harmonias hão de os teus gosos mais gratos e mais puros celebrar-se em rituaes sacratissimos. E nesses gosos, nesses radiantes triumphos, has de ser como um rei sumptuoso e magnanimo, um sultão resplandecente, sem tyranias e sem odios, amando as mil e uma chimeras do enluarado serralho do sonho com o rico e caprichoso idealismo de um oriental, creador de miragens e deslumbramentos.

D'este céu, ardente d'oiro, a luz jorra sobre a terra abençoada e amadurece as seáras loiras e fartas que se estendem e fulgem sob o voejo alacre das aves que cortam o ar em palpitantes idyllios e bôdas.

Todo um prolongado e infinito rumor fremente e musical de azas que se procuram, de labios que se beijam, de ancias que se encontram, canta deliradamente por esta luz inalteravel de paraizo reconquistado que abre os seus mil bosques de sonho, as suas florestas inebriantes e os seus fartos pomares á avidez das almas fortes e mansas, heroicas pelo só heroismo do amor e meigas e claras e serenas como os nocturnos esplendores dos firmamentos.

A luz tem a insinuante suavidade de oleos sagrados que ardem e se diffundem em ondulantes espiraes. A verdura d'estes relvados, mais molle e cariciosa que velludos, mansamente se estende para mais brando tornar o piso e mais suaves as jornadas suaves. Sob as ramagens, sob os tectos verdes e frescos dos bosque os fructos amadurecem e cheiram com fortes arômas e entre as sombras um fio d'agua que róla, branco e frio como o gume d'uma espada, ou uma fonte que salta d'uma negra lage musgosa têm um angelisante murmurio de canção bemdicta, de suavissimo *in-excelsis* que dessedenta, affaga e consola.

Uma pomba, uma ave ligeira, que baixam e do regato se abeiram e bebem, parece que bebem aquella harmonia suave e no rumor das azas que ellas apoz desatam, para o azul e para a luz, como que sobe e canta, mais claro e vibrante, o rumor das aguas. Os arômas, de tão varias flôres e fructos, casam-se a esses canticos alados e a essas colleantes musicas e das almas, como de estradivarios ardorosamente tangidos, outros canticos ainda sobem, na elevação das graças e dos jubilos. São volupias astraes os perfumes, são hymnos de exaltação e triumpho os canticos das almas, das aves e das aguas.

Cada olhar tem a irradiação d'uma aurora que desperta e sóbe a illuminar a terra, os céus e os espaços; em cada bocca esvoaça um beijo, maná para as almas desertas, fogo que nutre o amor e a vida nas suas labaredas doiradas, e em cada folha, em cada flôr, em cada, aza, em cada sombra, em cada sussurro, em cada seio em cada coração um sopro divino se agita e infunde a sua eterna belleza e harmonia. Todos os perdidos primores d'um eden perdido aqui e agora de novo encontras e conquistas.

O ardor das tuas lagrimas esfriou e apagou-se como um brazido de incendios mortos; as tuas angustias fica-

ram na treva das horas más; morreu numa noite de amarguras finaes a voz sem echo das tuas lamentações e d'essas antigas doloras que soluçaste e gemeste, sob o peso d'uma ferrea cruz de infortunios, nem a cyprestal lembrança sequer guardarás. As ruinas collossaes de um antigo mundo, céus e sóes que os cataclismos afundaram, e essa ingenua paixão primeira, essa maguadissima endoença, tudo passou. Outro mundo, outros sóes e outros céus se erguem nesse levante de esperanças que os teus olhos, pelo nevoeiro das lagrimas e das tristezas, sempre contemplaram com indizivel anciedade e confiança, ainda vendo em torno colherem-se, em finas dobras de mortalhas, as luciolantes flammulas das alegrias.

Voltam os risos aos teus labios pallidos, voltam aos teus olhares os brilhos das noites constelladas e dos dias fulgurantes e uma doce atmosphera de paz, amor e conforto te envolve nas suas caricias divinas.

Olhos bemdictos que chorastes, labios bemdictos que soluçastes, brilhae e cantae os eternos primores do valle dos risos, canto occulto da terra, oasis longinquo para onde se vem, como vós viestes, por travessias crueis, debaixo de candentes soalheiras, sobre o residuo arenoso dos desertos, soffrendo a sêde de fogo das maguas e dos dissabores, para colher a flôr celeste da Felicidade.

(D'*A Terra Feliz*).

OLIVEIRA GOMES.

PORTICO

DAS "CANÇÕES DO NORTE"

Mau, mas meu.

RAUL POMPEIA.

Poeta e sonhador, pelas trilhas da Vida
fui, a pedir ao sonho e á minha dôr guarida.
Tinha no coração a mocidade ardente
e na peleja entrei arrebatadamente,
sentindo-me feliz e tendo a alma de um forte,
rindo-me da amargura e desprezando a morte.
Ouvia em cada ramo um vibrante gorgeio,
dentro de cada ninho um delicado anceio;
havia pelo mundo a eterna primavera,
de cada azul do céo voava uma chimera.
Quem é moço, e tem fé, de sonhar não se cança,
de uma illusão que vae nasce-lhe uma esperança.
A' noite é um pallio aberto o immenso firmamento;
não sabe quanto dóe um profundo lamento,
um grito a rebentar do coração humano,
que adormece um carinho e acorda um desengano.
Poeta e sonhador! Nas minhas mãos brilhava
de combatente audaz uma doirada clava.
Tinha a febre do amor, a nevrose do goso
e de tal forma então me suppuz venturoso,
me deixei dominar pelo azul da existencia,
que não pensei siquer que a rosa perde a essencia,
perde as folhas; que vae a plumagem dos ninhos
e com ella se vão cantando os passarinhos,
quando a ramaria desfaz-se apodrecida
e cáe a arvore emfim no deserto, sem vida.

*

Segui como quem vae para ardente peleja,
como quem tudo tem e quem tudo deseja,
sentindo o coração avassallar o peito,
ardoroso e feliz, feliz e insatisfeito.
Tinha a ancia do amor, mas d'esse amor lascivo;
tinha os labios a arder, todo o incessante e vivo
desejo de viver, esse desejo louco,
porque a vida é a dor, que nos vae, pouco a pouco,
e mentirosamente anniquilando, até
que um dia e muito tarde e, já desfeita a fé,
tomba-se pela estrada, abandonado e exangue,
vendo que se esvae a ultima gotta de sangue,
olhando atraz de nós e vendo, á luz dos olhos,
todo um passado, emfim, transformado em escolhos.
Nós amamos a dor, porque amamos a vida,
e a vida é a propria dor que anda em nós difundida.
Poeta e sonhador—fui pela azul estrada
dos sonhos, a cantar essa eterna ballada

do amor—um instante só de sublime loucura,
um beijo, uma illusão, uma queixa, uma jura,
quando não seja um crime, um cancro ennegrecido
que nos vae devorando até o final gemido.
Amei, pendi a cabeça em velludinos seios,
senti-lhes todo o olor, os frementes anceios,
a pallidez da opala, a brancura da neve,
o delirio febril que nunca se descreve,
a volupia mortal dessas carnes morenas,
a caricia de amor de frageis mãos pequenas,
feitas para afagar anemonas e rosas
e estrellas debulhar em noites luminosas.
Amar! que vale amar? Ir pelo azul cantando,
vir pela magoa atroz, sem crenças mais, chorando,
e a desejar no emtanto o mesmo desengano,
o mesmo desespero, o mesmo embate insano,
porque é preciso amar para viver, um dia
ao menos ter um sonho e ter uma utopia.
Amei. Fôra tão grande o meu amor, tão forte,
que eu tinha força até para, das mãos da morte,
para ao poder fatal da sua dura lei,
arrebatar febril a mulher que eu amei.
D'esse ardoroso affecto hoje que resta ainda?
Essa desillusão terrivel, que não finda,
o amargor que me, vae ferindo lentamente,
apezar de eu tentar, numa luta fremente,
arrebatal-o d'alma, agora transformada
numa tumba, onde está tão fria e amortalhada
minha, que não vem mais, derradeira illusão,
essa que fez nascer dentro em meu coração
um roseiral em flor, em que a mão do destino
cruel já se tornou o misero assassino
dos meus sonhos ideaes, o agreste ceifador
de quanto houve de bom do meu primeiro amor.

*

Acreditei então que tudo se extinguiu:
achei o mar calado, o coração vasio,
tão monotono o céu, a natureza morta
e eu mesmo inutil ser que a vida não comporta,
um ser que não tem mais direitos á existencia,
minha alma, como a flor que já perdeu a essencia.
«Não terei mais amor por esta vida a fóra,
misero quem soluça e maldito quem chora».
E no emtanto chorei, numa viva anciedade:
é que dentro de mim o espinho da saudade
viceja, ao receber a dorida orvalhada
de uma recordação d'essa mulher amada.
E' que dentro de mim, sem que o sinta, inda existe
alguma coisa em que uma ventura consiste.

Mas silencio de vez á dor que me tortura
fechemos d'este peito a funda sepultura.

Meus sonhos, meu amor, já os dissipei, ó Santa,
ó minha Mãe, que tens tanta bondade, tanta
misericordia! Tu, que assim, sincera e calma,
quando eu parti, me déste os beijos de tua alma,
como um amparo de Deus, para lutar no mundo
e uma consolação num gemido profundo.
E agora que eu voltei d'essa ingloria jornada,
a descer, a descer a sombria esplanada
do desespero humano, arrastando as algemas
que o destino offerece aos que escrevem poemas,
aos que sabem amar, porque sabem soffrer
e que illudem a dor, cantando até morrer;
agora és sempre tu, sonho da Providencia,
toda cheia de amor, de risos, de clemencia,
d'esse amor que padece e o tempo não consome
és tu, piedosa Mãe, que amparas o meu nome
e repartes commigo a vida que te resta,
e me dás o vigor que em mim se manifesta;
fazes-me vencedor de escolhos e barrancos,
arrimado ao trophéo dos teus cabellos brancos.
Se nada, pois, houver de grande e duradoiro
neste livro, bem sei que vencerá o desdoiro
da humana perversão, basta ter nelle escripto
o mais perfeito verso: o teu nome bemdito.

*

Poeta e sonhador, nestas paginas tento
escrever o que sinto: o prazer e o tormento.

Manáos—4—904

THEODORO RODRIGUES.



A PROPOSITO DE UM CONCERTO

DESTE paiz, que é ainda todo embryão, as artes parecem ter grandes elementos para mais tarde constituirem uma soberba flóra; apezar de que, para viverem hoje, os compositores se façam professores de piano e os poetas amanuenses de secretaria. Não se sabe mesmo ao certo se os poetas são amanuenses ou se são os amanuenses que são poetas.

Todo o estado embryonario, longe de ser simples, dá idéa de cháos. A obra d'arte deixa de ser como queria Taine a expressão do meio ambiente, para obedecer a umas tantas leis biologicas de formação, onde o elemento estrangeiro entra e entrará como factor importante, emquanto no paiz não se estabelecer uma homogeneidade de tendencias artisticas, que caracterise fortemente a producção nacional e lhe dê um cunho proprio e uma vida sua. E' facil provar que, emquanto tal não se der, nunca a arte no Brazil poderá produzir o que os francezes chamam um *chef-d'œuvre*. Essa palavra não tem traducção em portuguez. O *chef-d'œuvre* é mais do que uma obra prima, é a resultante dos esforços collectivos de uma escola literaria ou artistica.

Elle nunca apparece isolado, independente de outras obras similares; e, só quando elle apparece, impressionando fortemente as massas, agindo sobre os costumes, concretizando as aspirações ambientes, attingindo emfim o ideal dos artistas contemporaneos, é que uma escola de arte se póde considerar como tendo exercido a sua verdadeira funcção social.

Com effeito, a obra de arte não é um producto individual; e mesmo quando um artista só falla de si e das suas impressões, ella depende de todos, pois o proprio cerebro creador é funcção do meio em que vive. Ha observações, ha aspirações que palpitam latentes em todas as almas, sem que se tenham formulado ainda numa phrase concisa e persuasiva. Beaudelaire contando a sublime satisfação de compor, falla dos seus passeios solitarios,

Heurtant parfois des vers depuis longtemps rêvés!

E' com os sonhos, com as aspirações ambientes que o artista compõe. E é preciso ás vezes toda a magia da palavra declamada pelo orador e pelo apostolo, toda a emoção da palavra escripta pelo poeta e pelo philosopho, para fazer triumphar uma simples idéa de bom senso.

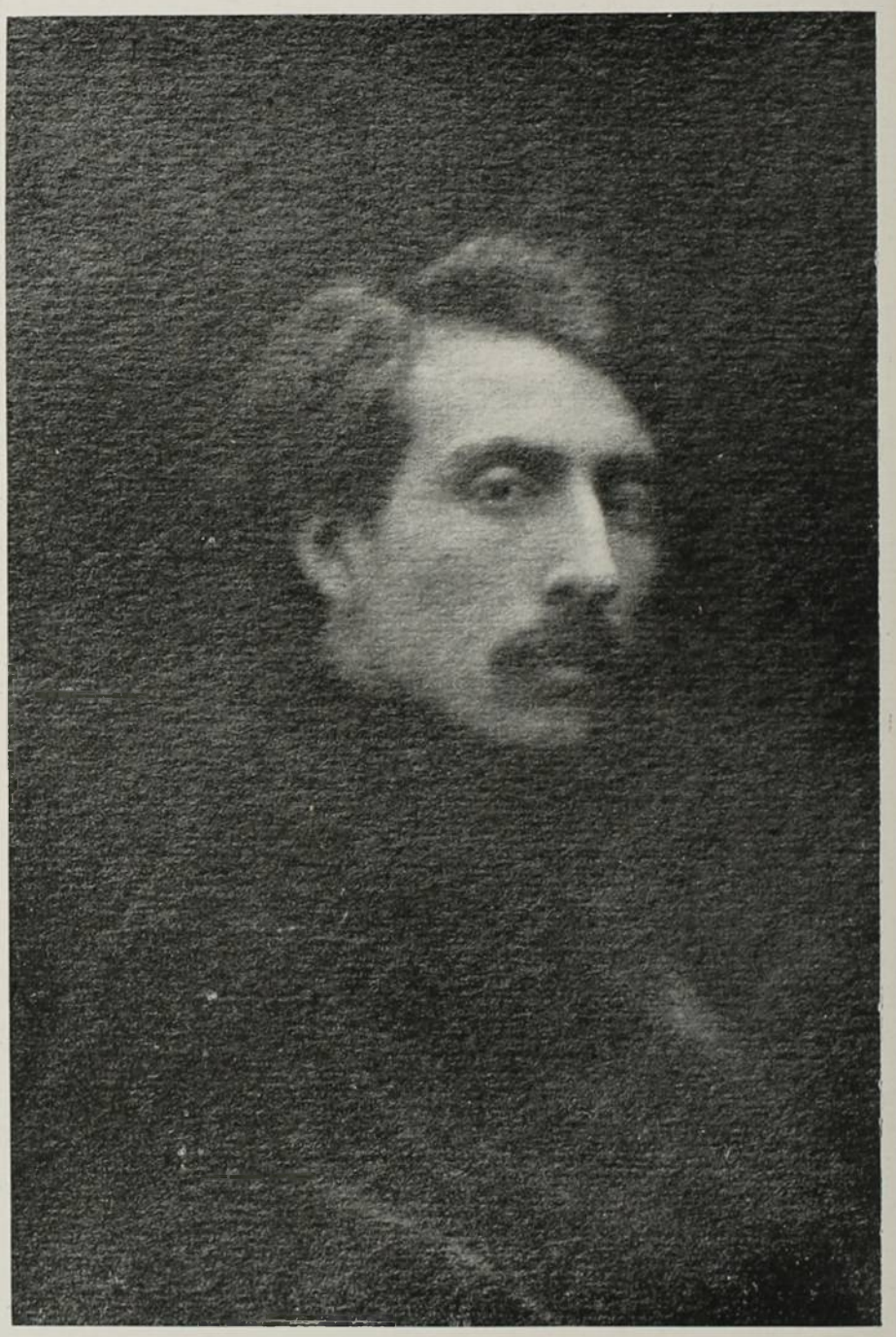
E a arte toda se resume nessa funcção delicada, subtil de exprimir, compilar, quintessenciar as emoções e o pensamento humanos.

Ora, no Brazil nós nos preoccupamos pouco com as aspirações artisticas do nosso meio, o que equivale a não termos aspirações proprias, pois todo o desejo que não é cultivado se extingue.

Nós aprendemos a sentir não na vida real, não nas obras dos nossos antepassados, mas nas obras estrangeiras. Qual o artista, entre nós, que antes de ter amado não tinha já lido a traducção de um romance de amor?

Qual o artista, entre nós, que antes de ter aprendido a contemplar a natureza não fôra iniciado nas bellezas convencionaes das lithographias e dos chromos importados? Qual o artista, entre nós, que antes de ter descoberto o encanto das harmonias e dos rythmos, não se extasiara ouvindo as *tenutas* caricaturaes de um saltimbanco italiano no barracão da Guarda Velha?

Não fallaremos da architectura, porque, si não se deve fallar, nem daquillo que já não existe, nem daquillo que nunca existiu, muito menos nos devemos referir áquillo que nem sequer tem vontade de existir.



ERNESTO SCHELLING

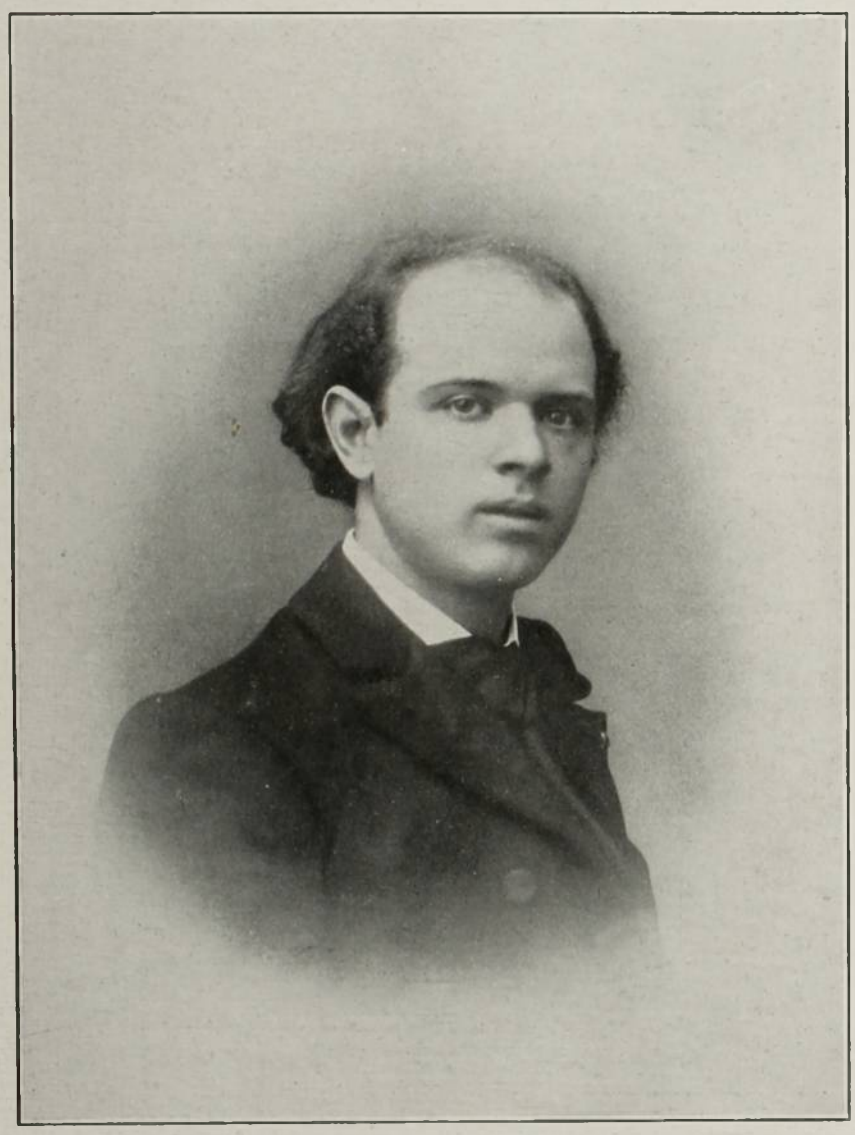
Cada artista brazileiro vive filiado a uma escola estrangeira differente, procurando exprimir não as idéas que sente latentes no meio real em que vive, mas idéas poucas vezes inéditas do meio artificial que elle se cria pela leitura dos seus collegas estrangeiros. Ora, é evidente que filiado a uma escola estrangeira, um brazileiro nunca poderá produzir um *chef-d'œuvre*, que é a obra que corresponde mais exactamente ás aspirações momentaneas do meio em que ella é produzida. Para produzil-a é preciso conhecer inteiramente essas aspirações, fazer mesmo parte integrante do meio.

Castro Alves era um grande poeta, mas não poude imprimir um cunho decisivo á poesia brazileira, porque em grande parte da sua obra só descobriu emoção, risos, lagrimas, coleras, aspirações sociaes, nos livros de Victor Hugo.

O mesmo se poderia dizer de Alvares de Azevedo em relação a Byron.

Para a França, Castro Alves não tem interesse nenhum, apezar de divinisar Napoleão e reclamar contra todas as iniquidades que Hugo fustigou com seus alexandrinos combativos. Para nós, que interesse, que funcção social, têm esses versos, sonoros, mas escriptos por um poeta que não parecia ver, amar, sentir, senão dentro de uma atmosphera ficticia creada pelas leituras estrangeiras?

Leopoldo Miguez, o pranteado compositor, viveu sempre numa atmosphera wagneriana, na ignorancia absolu-



PABLO CASALS

ta de todas as aspirações musicaes da nossa raça de contemplativos e de nervosos; e, francamente, preferimos ouvir *Parsifal* a ouvir *Saldunes*, como preferimos a *Ode à la Colonne* de Victor Hugo ás *Duas Ilhas* de Castro Alves.

O defeito de orientação d'esses dois grandes espiritos é tanto mais grave, quanto ambos deixaram provas do muito que podiam fazer em favor da patria; Castro Alves com a sua campanha abolicionista, que correspondia perfeitamente a uma aspiração nacional, Leopoldo Miguez com a partitura do «Pelo Amor», unica obra talvez em que elle tenha sido elle mesmo!

Felizmente, nesses ultimos annos, a nossa actividade intellectual tem sido bastante intensa para preoccupar os artistas com a nossa vida intima.

O movimento teve o seu inicio na literatura.

Joaquim Nabuco, no seu discurso que inaugurou a Academia Brazileira, lastimava a ausencia fatal da tradição numa corporação que acabava de se fundar, mas esqueceu-se de dizer que a tradição é o unico meio que temos de assegurar a continuidade do esforço de geração em geração, e que uma obra de um certo vulto só pode ser feita por algumas gerações successivas.

Machado de Assis, Domicio da Gama, Graça Aranha com o seu bello livro — *Chanaan* — Coelho Netto com suas ultimas obras, e outros muitos têm introduzido uma certa eurythmia na literatura brazileira, uma certa harmonia de tendencias que ainda não se desenhou completamente, mas que já prenuncia uma éra gloriosa.

E podemos dizer como Antoine, na sua conferencia tão discutida; *tout cela n'est que le fumier où poussera le chef-d'œuvre*.

Na musica encontramos um desenvolvimento parallelo, e por occasião da visita que nos acabam de fazer tres grandes *virtuosi* europeus, esse desenvovimento recebeu uma consagração brilhante, que infelizmente o nosso publico não soube apreciar.

Schelling, Bauer e Casals no concerto realizado no theatro Lyrico, inserindo no programma composições nacionaes, e altamente affirmando que o faziam, não por condescendente gentileza, mas por julgal-as verdadeiramente dignas, vieram attestar a existencia da arte musical no Brazil. Infelizmente o programma não era bastante vasto para que todos os auctores nacionaes pudessem figurar, e tivemos verdadeira tristeza em não ter visto o nome de Francisco Braga ao lado dos de Oswald, Nepomuceno e Delgado de Carvalho.

Na organisação d'esse concerto deram-se dois episodios muito caracteristicos e que vamos citar em apoio das theorias acima expostas.

O maestro Delgado de Carvalho tinha apresentado aos organizadores do concerto uma *Suite* para instrumentos de corda, mas escripta em estylo antigo, obra de reconstituição historica, e por conseguinte artificial. Apezar de ser bellissima e de forma impeccavel, essa obra foi recusada pelos organisadores, que pediram ao maestro uma producção que o definisse mais completamente, que fosse uma obra sincera, inspirada pelo meio em que elle vive, que tivesse um cunho pessoal e nacional. E Delgado de Carvalho apresentou então a partitura da *Lais*, que, si não tem nenhum caracter nacional, pois essa homogeneidade de tendencias infelizmente ainda não está feita no Brazil, tem pelo menos um caracter altamente pessoal, e é de uma inspiração tão sincera, de uma factura tão original que enthusiasmou os nossos distinctos hospedes.

Delgado de Carvalho é um temperamento nervoso até o excesso, altamente impressionavel, amante dos rythmos que inquietam, das dissonancias que se succedem e se dissolvem no ouvido com um sabor de cousas novas. E como bom brazileiro que é, não deixa de superpôr a essas harmonias, que exasperam os sentidos, a melodia contemplativa que enlanguece e acalma. Os seus rythmos são tão inesperados, tão elegantes que Casals chegou a comparar o auctor de *Lais*, ao genial auctor da *Carmen*.

Lais é uma adaptação musical feita sobre o drama de Itiberê da Cunha, um patricio que escreve versos francezes com a mesma sinceridade que um francez, porque viveu na Europa mais de metade da sua existencia e lá foi embalado na tempestade de idéas e de paixões que engendrou a escola a que elle se afiliou.

O segundo episodio a que nos referimos, foi a apresentação aos organisadores do concerto, de um poema symphonico de Leopoldo Miguez: a *Parisina*, creio eu

—que foi recusado como não definindo absolutamente a personalidade do auctor.

Qualquer compositor de algum talento, conhecendo bem a parte material da sua arte, e tendo estudado a fundo a obra do Ricardo Wagner, seria capaz de escrever a *Parisina*.

E com razão, a esse poema symphonico foi preferida a «Cavalgata das Walkyrias», onde o eminente pianista Bauer poude fazer sobresahir as suas qualidades inestimaveis, de sobriedade e de fidelidade ao pensamento do auctor, mesmo nos trechos vertiginosos e delirantes. Conhecemos poucos *virtuosi* que tanto se preoccupem e que tantas homenagens prestem ao pensamento creador. Bauer executa como um sacerdote officía. Para elle, modificar ou phantasiar uma só das intenções de auctor, seria tão grave quanto a alteração cabalistica de um rito.



HAROLD BAUER

Quando elle officía Beethoven, faz-se pequenino como diante de um Deus. Esse grande artista interessou-se pela producção nacional como um poeta pela aurora que nasce num céu novo; e na noite de 10 de Junho mostrava-se indignado contra o publico que se conservou frio, indifferente, diante da brilhante consagração que recebiam tres auctores nacionaes.

Alberto Nepomuceno foi o mais applaudido, mas os applausos dirigiam-se a Schelling e não á sua pessoa; e entretanto o autor da *Suite Brazileira*, das *Canções*, o artista que emprehendeu e interpretou todo o lyrismo contemplativo, expontaneo, dos nossos motivos populares, será considerado pela posteridade como o Gonçalves Dias da musica. Talvez seja em torno delle que se estabeleça a corrente de tendencias homogeneas que deva levar a musica brazileira á immortalidade.

As suas valsas humoristicas são dignas de Strauss e prestavam-se admiravelmente a ser interpretadas pelo discipulo de Paderewsky. A mania das rivalidades tem querido, no Rio de Janeiro, cotejar os meritos respectivos de Schelling e de Bauer, apezar de serem esses dous artistas, quantidades heterogeneas, impossiveis de comparar. Já fizemos o elogio de Bauer, e vamos fazer o de Schelling, mas em termos inteiramente diversos.

Schelling poderia dizer como Musset:

Je suis venu trop tard dans un siècle trop vieux.

Quando o vimos pela primeira vez de sobrecasaca preta e engravatado á *La Vallière*, tivemos a impressão de já tel-o visto num quadro do *Luxembourg* á direita do qual se lê a assignatura—*Gavarni*—e o titulo—Artiste—1830.

Schelling é um contemporaneo de Chopin, um nervoso de apparencias calmas, um romantico no bom sentido, no grande sentido da palavra. Elle interpreta Chopin, como Chopin interpretava a dôr, como Musset interpreta o amor!

Nenhum dos nossos *virtuosi* de hoje, educados numa escola differente, na adoração de outros Deuses, nos póde revelar, como elle, a expressão do *chef-d'œuvre* de uma escola morta, cuja alma ressuscitou nesse pianista perfeito!

Quando elle executou as valsas humoristicas, porque não se lembrou tambem o publico, que atraz do delicioso temperamento, do vertiginoso mecanismo de Schelling fulgurava creadoramente o talento de Alberto Nepomuceno?

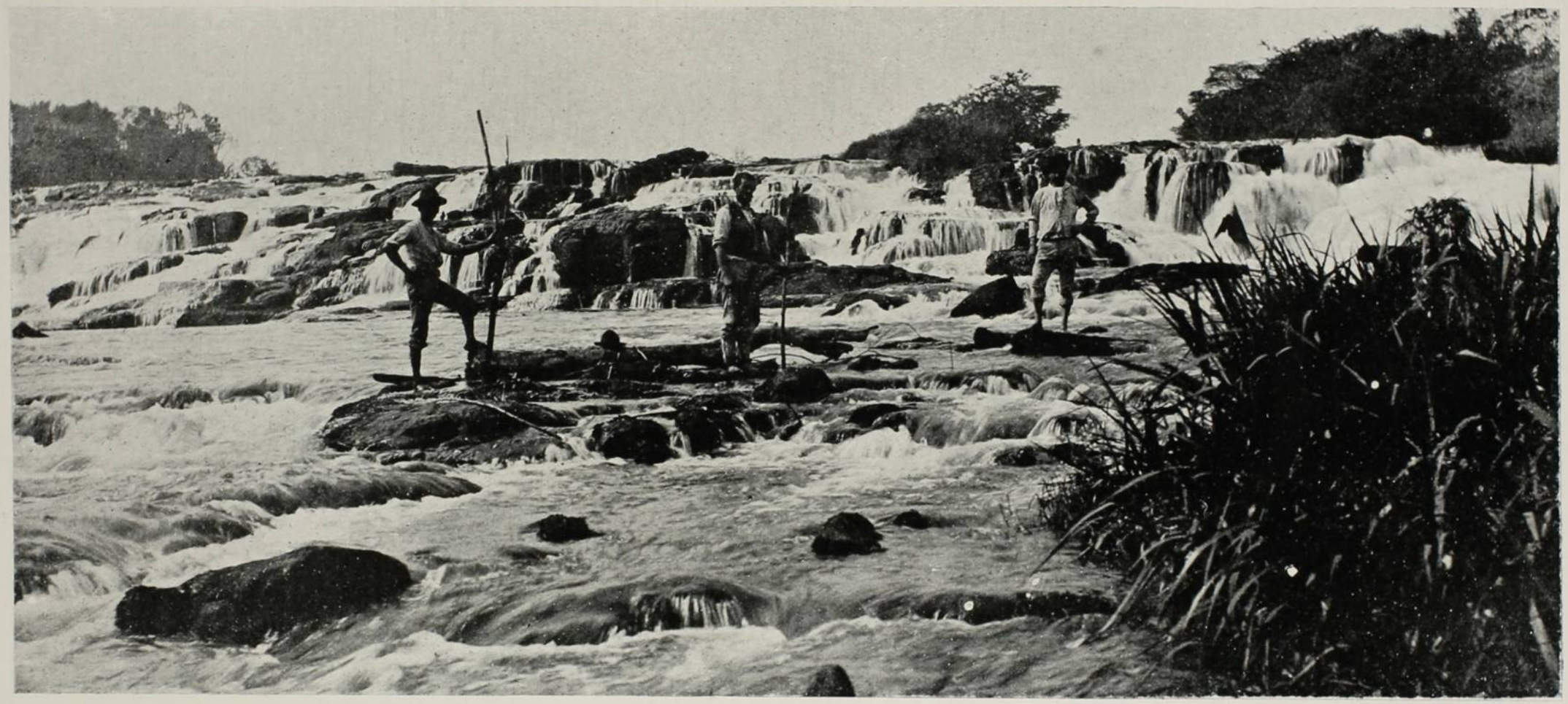
Nessa mesma noite foram ainda consagrados, a virtuosidade de Arthur Napoleão, que aliás não precisava mais de consagrações, e o genio tão caracteristico, tão inquietante do maestro Henrique Oswald.

Quando Pablo Casals, o inexcedivel violoncellista que é talvez ainda maior regente, dirigiu as peças de Henrique Oswald, não pudemos deixar de approximar mentalmente esses dous artistas, ambos pequenos, ambos calvos, ambos geniaes.

O publico mostrou-se indifferente ás composições de Oswald, uma das quaes premiada pelos mais abalisados artistas europeus; e ninguem percebeu que aquelle festival tinha uma significação qualquer em relação á producção musical no Brazil.

Esse mesmo publico, que applaudiu freneticamente a primeira representação de *Saldunes*, que vibra de enthusiasmo cada vez que se repete o *Guarany*, obras manifestamente estrangeiras, ignora que nessa noite manifestaram-se tres individualidades artisticas brazileiras, perfeitamente despidas de qualquer preoccupação imitadora, francamente sinceras e promissoras de fartas messes no campo da arte.

LUIZ PAES LEME.



SALTO DE PIRACICABA — S. PAULO

PHOTO MARC FERREZ

INFLUENCIA DAS IDEIAS POLITICAS

SOBRE O METHODO DE ENSINO

I

SE estabelece actualmente, acerca do methodo em geral, tantas distincções, que, ao envez de tornar facil a sua comprehensão, se a difficulta com os embaraços oriundos de concepções discordantes, das multiplas subdivisões e distincções pouco justificadas, desnecessarias e mesmo nocivas ao seu conceito. Assim é que se faz a distincção erronea entre methodo objectivo e subjectivo; que se ennumera como distinctos os methodos inductivo e deductivo, analyptico e syntetico, tornando assim bem difficil a formação do conceito salutar da unidade do methodo, correspondente á unidade da sciencia, que elle é destinado a elaborar.

Segundo pensamos, a concepção do methodo scientifico é muito mais simples do que a consideram geralmente; ao par da modificação, que elle experimenta em parte ao adaptar-se ás diversas sciencias especiaes, se manifesta a inalterabilidade e unidade, que lhe são inherentes, como instrumento unico, destinado a observar e deduzir as leis dos phenomenos geraes da natureza unica. Assim temos o methodo scientifico composto de duas partes: os processos de inducção e os de deducção; os primeiros estudam nos differentes factos particulares as propriedades communs, que servem de base á formação de principios, tanto mais geraes quanto maior é o numero de phenomenos por elles abrangidos; os segundos estudam nos principios estabelecidos os elementos contidos. Os primeiros precisam observar os phenomenos naturaes, para que se torne possivel a inducção; os segundos, porem, precisam principalmente ter em vista os preceitos da logica, para que attinjam a maxima exactidão as illações possiveis. Os primeiros variam com os phenomenos a observar; ao passo que os segundos são, uniformes e geraes qualquer que seja a ordem de phenomenos, aos quaes se refiram os principios destinados a lhe servir de base. Em todo o caso, os dois processos do methodo não podem existir isoladamente; elles se completam mutuamente como duas partes essenciaes de um todo unico.

II

Em taes condições, não existe uma differença fundamental entre o methodo de estudo e o de ensino, desde que ensinar nada mais é do que transmittir a outrem o que se aprendeu; indicar o caminho mais facil para attingir ao conhecimento da verdade; iniciar nos processos mais simples e, ao mesmo tempo, mais fecundos para investigar a natureza e as suas leis; e finalmente proporcionar os meios de evitar, emquanto possivel, os embaraços resultantes de uma direcção menos propria á marcha natural da investigação scientifica.

A principal differença entre o methodo de estudo e o de ensino consiste em que este suppõe o conhecimento previo dos meios mais directos e mais simples para investigar o objecto da sciencia, de modo a obter resultados mais fecundos. Elle é, por assim dizer, o roteiro consagrado pela experiencia; se destina a evitar a perda e a dispersão das energias do entendimento, a encaminhal-as na direcção das leis que regem os phenomenos a observar, e a evidenciar com a maxima nitidez a sucessão natural destes.

III

Entretanto, semelhante marcha aconselhada pela experiencia, como preferivel para facilitar a transmissão dos conhecimentos adquiridos, é uma resultante da applicação especial da actividade humana a assumptos de ordem especulativa; e, como sabemos, o exercicio da actividade individual experimenta influencia profunda e produz resultados diversos, conforme o estado de liberdade que caracterisa o individuo.

Para demonstrar essa proposição, alludiremos a duas phases perfeitamente distinctas, que caracterisam o sentimento de liberdade: a primeira é a seu estado inicial; a segunda é o de seu pleno desenvolvimento. Na primeira o individuo, não comprehendendo ainda os effeitos bedeficos do regimem livre, se sujeita, procura e mesmo solicita a intervenção e a protecção constante de terceiros; na segunda, elle, comprehendendo as vantagens resultantes do esforço proprio, prefere empenhal-o com maior intensidade, e mesmo com sacrificio, para vencer os obstaculos que difficultam a acquisição do objectivo almejado. Na primeira o individuo se limita a executar e desenvolver passivamente a iniciativa de outrem, annuls lando assim a propria, e perdendo as occasiões propiciade desenvolvel-a; na segunda, pelo contrario, elle confia principalmente na propria iniciativa, de cujas vantagens cada vez mais se compenetra, fortalecendo assim o sentimente do valor proprio e acrisolando ainda mais o amor á liberdade individual.

Assim, pois, no regimen da tutela, da sujeição, da escravidão emfim, a actividade individual se destina a obedecer ás suggestões e a executar a vontade de terceira pessoa; ao passo que no regimen da autonomia, da independencia e da liberdade, ella se destina a obedecer á iniciativa propria e a realisar da melhor forma a vontade do agente.

Por consequencia, aquelles que estão habituados ao systema da obediencia incondicional e da sujeição, por isso que estão dominados pelas idéas do velho regimen, se acham inclinados a adaptar-se ao papel secundario de imitadores e reproductores da criação de outrem; entretanto, os que estão habituados ao systema da iniciativa propria, da autonomia e da liberdade, achando-se fortalecidos pelo espirito democratico, desenvolvem todos os esforços para dar ás suas producções o cunho de sua propria individualidade, utilisando-se apenas das producções de outrem quando, mediante um exame conscienciosso, houverem reconhecido a sua utilidade.

IV

Applicando ao methodo de ensino as considerações expendidas acima, diremos que as pessoas, dominadas pela influencia enervadora do velho regimen, por isso mesmo que não conhecem os effeitos beneficos da iniciativa propria, por isso que receberam passivamente os conhecimentos adquiridos, e estão habituadas a augmentar o seu cabedal scientifico apenas adoptando as idéas emittidas pelos pensadores de competencia e auctoridade geralmente acceitas, desde que forem incumbidas de transmittir a outrem a instrucção recebida, darão naturalmente ao seu methodo de ensino o cunho caracteristico de sua individualidade; procurarão inocular meticulosamente todas as idéas e theorias mais necessarias, segun-

do o seu juizo, ao conhecimento da sciencia, que lhes cumpre doutrinar; a sua preoccupação exclusiva consistirá em expor o cabedal scientifico, na persuasão de que o aproveitamento consiste principalmente na acquisição dos conhecimentos applicaveis posteriormente. Entretanto, aquelles, que estão animados pelo impulso regenerador do regimen da liberdade e conhecem, por isso mesmo, as vantagens inestimaveis dos esforços apparelhados pelos individuos, tendo em vista os obstaculos a vencer, procurarão principalmente ampliar a capacidade intellectual do educando, desenvolvendo os processos applicaveis ás principaes questões das diversas theorias da sciencia.

E' assim que, no primeiro systema o ensino consiste em fazer estudar as diversas theorias e inocular os variados conhecimentos a ellas relativos; quando no segundo elle deve consistir em fazer applicar o methodo scientifico na explanação das diversas theorias e solução das principaes questões.

No primeiro, como que se pretende conduzir, pela mão, o discipulo, afim de fazel-o percorrer as dependencias da sciencia até em seus pequenos detalhes; porque se desconfia da efficacia dos esforços sem auxilio de um guia autorisado e experiente; no segundo, porem, se deve indicar os pontos cardeaes da sciencia, os principios geraes que lhe servem de base, como se conseguiu induzil-os, como combinal-os para obter as principaes deducções, etc; emfim, se emprehende habilitar o discipulo a applicar o methodo scientifico aos elementos geraes da sciencia, de modo a obter os principaes delineamentos das diversas theorias; isso, porque se reconhece a vantagem suprema, que se obtem, ensinando a vencer com o esforço proprio os obstaculos que nos tolhem o passo.

Em summa, no primeiro systema se procura ensinar a sciencia em si; ao passo que no segundo se deve ter em vista principalmente ensinar a estudal-a.

ESPIRITO SANTO.

O CHAFARIZ DO LAGARTO

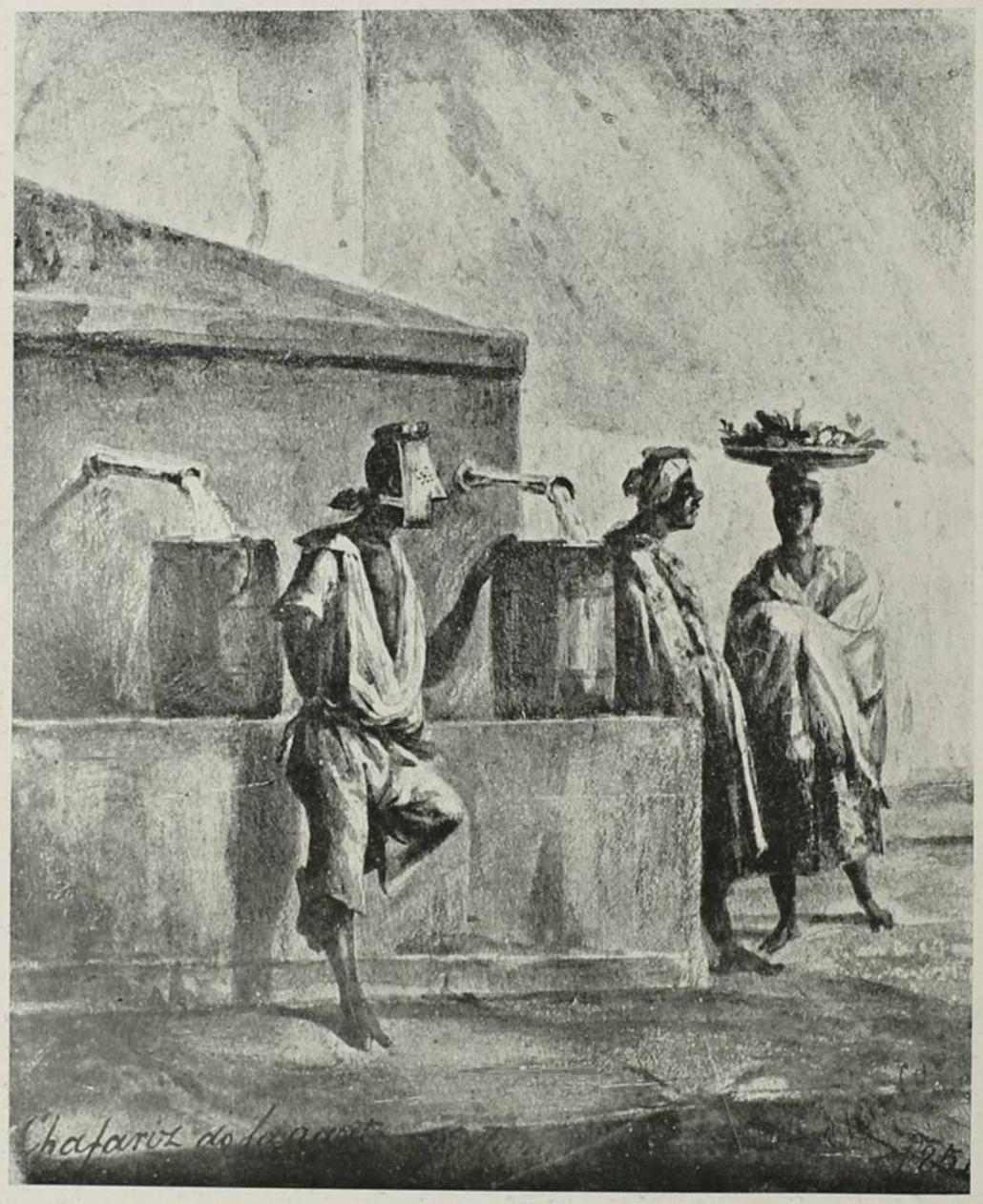
A fonte publica, representada em parte pela estampa, não é propriamente, como diz a legenda, o antigo chafariz do Lagarto. Este foi levantado pelo Senado da Camara, em 1786, no Vice-Reinado de Luiz de Vasconcellos, no local do antigo caminho do *Engenho Pequeno*, pouco acima da Lagoa de Capueirussú ou da Sentinella, nas proximidades da Cruz do Amaral. D'esse chafariz ha uma boa reproducção no 1º volume do *Archivo Municipal*, de 1894, dirigido pelo Dr. Mello Moraes Filho. O que temos á vista está situado um pouco mais aquem do primeiro, e teve origem mais moderna. Logo depois da chegada da familia real, o Intendente Geral da Policia, o infatigavel conselheiro Paulo Fernandes Vianna, julgou necessario, para o abastecimento da cidade, canalisar até o Campo de Sant'Anna as aguas do rio Andarahy ou Maracanã. Antes, porem, de levar a effeito este vasto projecto, fez construir, encanando as aguas do rio Comprido, perto da casa de Pedro Dias uma fonte com feitio de torre, muito solida e de cantaria, diz o Padre Luiz Gonçalves dos Santos, formando dous corpos e correndo sobre a cimalha do primeiro, por tres lados, uma varanda de ferro. Havia na base um tanque com tres bicas. D'ahi seguio o aqueducto para o Campo de Sant'Anna, sendo alli inaugurada ontra fonte no dia 13 de Maio de 1809. Em 24 de Junho de 1818, concluidas as obras de encanamento do Maracanã, depois de longos annos de trabalho, foi entregue ao povo o definitivo chafariz, demolido em 1873.

Essa ultima fonte era tambem conhecida pelo nome de chafariz das *lavadeiras*.

A proposito devo lembrar o seguinte facto.

Em noites de luar certos estudantes, moradores á rua do Senhor dos Passos, envoltos em amplos lençóes iam banhar-se nos tanques do chafariz do Campo. Sorprehendidos em algazarra, pela policia, abandonando armas e bagagens, deram ás de Villa Diogo completamente nús. Um delles, que occupa hoje alta posição social, graças ás compridas pernas, mais veloz que uma cegonha, galgou o Campo de Sant'Anna em poucos minutos, com grandes esconjuros dos transeuntes, que viam no fugitivo nú, *um lobishomem ou alma penada*.

Realizava, pois, Fernandes Vianna os projectos do infeliz Tiradentes, que por tal intento passou por maniaco, valendo-lhe isso até uma vaia dada no theatro de Manoel Luiz, conforme depoz José Joaquim da Rocha. Este não deve ser confundido com o capitão-mór de igual nome, um dos coripheos da Independencia, residente á rua da Ajuda, na casa hoje historica em via de demolição, nem com o notavel artista mineiro, patriarcha da arte da pintura na Bahia.



O que deve porem ferir a attenção do observador é o grupo de escravos, constituido por duas pretas e um preto. A primeira d'ellas, quitandeira, cançada de apregoar a sua mercadoria, parou para dar tréla aos dous *malungos*.

A segunda presta toda attenção, deixando correr á revelia a agua que cahe no barril. O terceiro, tomando parte na palestra, imita tambem o procedimento da segunda. Deve causar curiosidade a mascara que este tem afivelada á cara. As mascaras usadas pelos escravos, eram de folha de Flandres, de diversos feitios, como se vê na obra de Debret. Os senhores utilisavam-se d'este meio para que os escravos, empregados em varios serviços, não se emtregassem á embriaguez o que não obstava a que alguns pretos ladinos burlassem a vigilancia dos senhores continuando a entregar-se aos prazeres de Baccho.

Isso aconteceu com o celebre João Vermelho, escravo de um imaginario, bebedo de profissão e perito esculptor. Prohibido de sahir á rua, continuava sempre o João em constante carraspana. Naquelle tempo era commum a venda ou antes troca de imagens pelas ruas e d'esse mister estava encarregado outro escravo da officina. Havia porem um Santo Antonio, obra do João Vermelho, que ia no taboleiro e nunca tinha sahida. Sorpreso por esse facto, o imaginario busca examinar o santinho e descobre ser a cabeça postiça, e o corpo ôco, cheio de aguardente. E' que a imagem do grande thaumaturgo servia de garrafa e por contrabando era todos os dias trazida pelo parceiro de João Vermelho.

Bom é lembrar, e é de nossos tempos: pelo muro em forma de rampa que separa os dous chafarizes, corriam milagrosamente moedas de vintem, com grande gaudio da molecagem.

Afinal descobrio-se a tramoia e foi preso o *dadivoso espirito*, que na cadea teve de se arrepender da brincadeira.

Dr. Vieira Fazenda.



PONTE DO INFERNO - **PAINEIRAS** - RIO DE JANEIRO

ANTONIO PARREIRAS

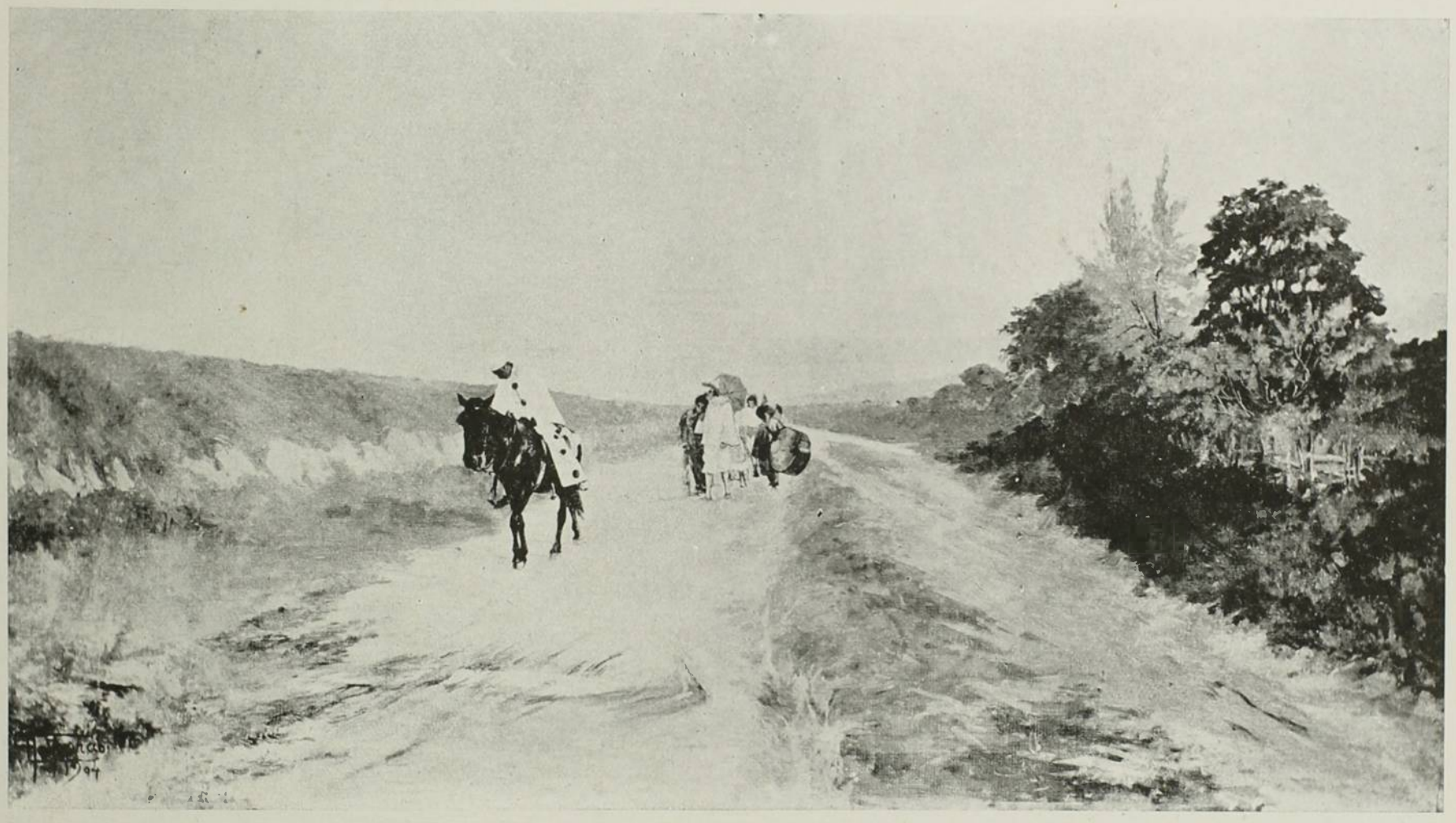
NA SUA ACTUAL EXPOSIÇÃO

PARA os que têm acompanhado Antonio Parreiras no cotejo de suas exposições, esta, de agora, vem confirmar o que se diz delle: é um trabalhador.

Dizer trabalhador não é restringir o termo á sua precisa significação, dando ao artista o merito relativo da perseverança e da producção material; é mais, é por esta dignificadora palavra louvar-lhe a fecundidade e o adiantamento, porque Antonio Parreiras á profacil communicação, uma certa clareza expressivista, que vae directamente á emotividade do amador e o mantem em goso contemplativo.

Já, portanto, se o deve considerar um victorioso, porque, em arte, simplificar é se approximar do entendimento commum e, assim, despertar com mais facilidade, por maior presteza, a emoção desejada. E, certo, foi esta causa, originada na maneira de ser e de sentir do proprio artista, que o fez preoccupar-se com a existencia da figura na paizagem, cuja completação produz resultados positivos.

E' o que sentimos diante desse impressionante *Carnaval na Roça*, a que se não podem esquivar os olhares do espectador. A paizagem alli tem uma feliz



CARNAVAL NA ROÇA

porção que organisa suas exposições, raramente muito distanciadas umas de outras, prova o aproveitamento de seus esforços.

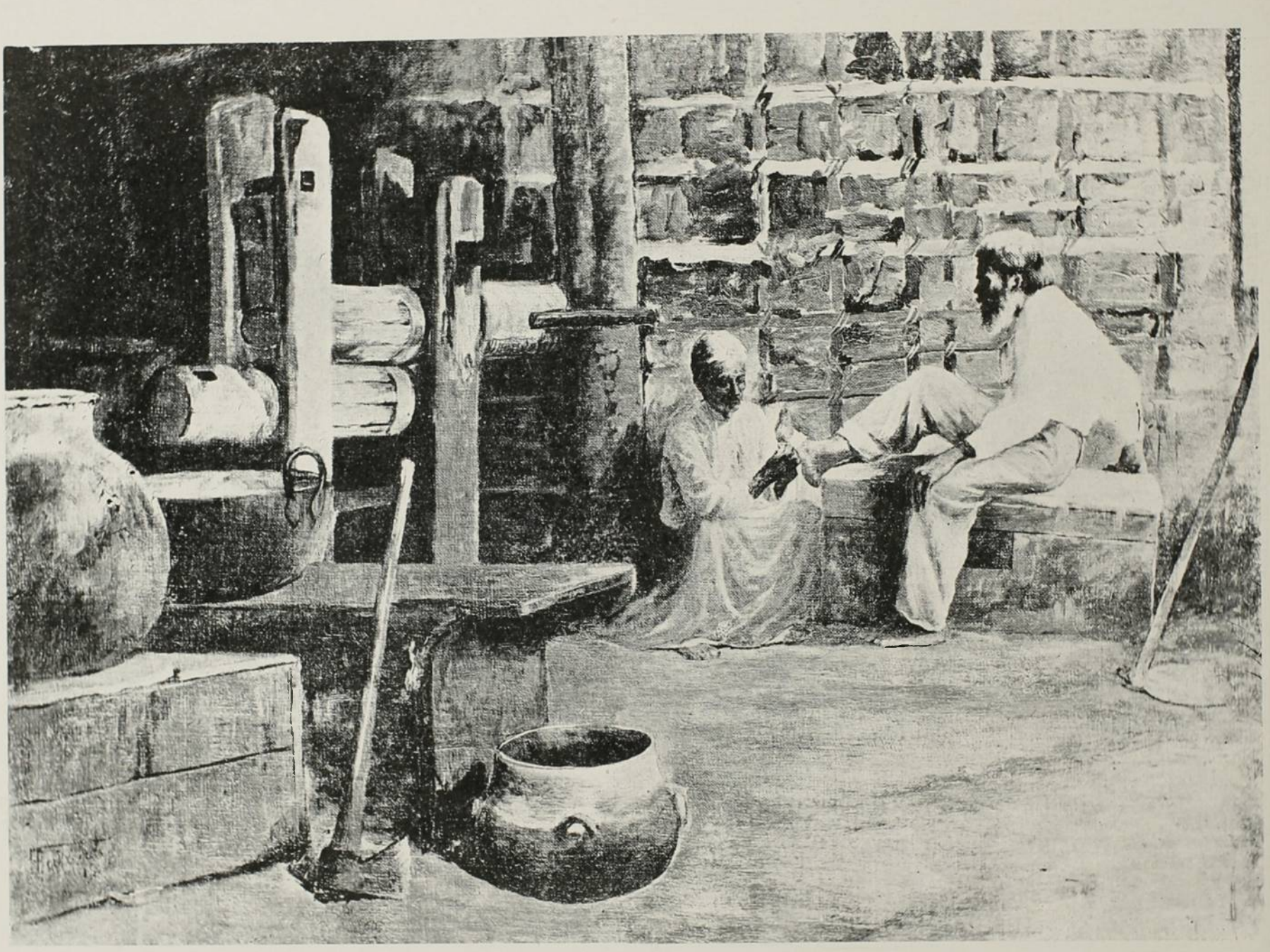
Do que elle foi, no inicio da sua carreira, ficou o que devia ficar, e esse bem merece ser estimado porque é a sua propria natureza, direi melhor — a sua individualidade, que exigiria as delongas de um estudo se o objectivo deste artigo não se limitasse ao commento impressionista das ultimas obras reunidas. A sua palheta de hoje possue um brilho consideravel e a mais delicada gamma da suavidade, e o eixo sensivel da sua visualidade apprehende com segurança a *synthese* do motivo, que só um intelligente e continuo estudo póde offerecer de maneira tão satisfatoria. Dessas duas qualidades conquistadas, resulta para a sua arte uma expressão matinal, e todo o seu ambiente retreme no frescor da luz primeira, que amacia em nuanças de perola o horisonte remoto; mas, se faltasse o grupo, que lhe serve de assumpto, o seu interesse diminuiria sensivelmente.

O artista, porem, sem luctar com a expressão da paizagem, cujo *aspecto* a sua grande pratica reteve, e sem se cançar com o acabamento das figuras, o que seria somenos ao modo de representar o assumpto, conseguiu um conjuncto harmonico de innegavel valor e perfeitamente de accordo com a nomeada que o distingue entre os pintores contemporaneos.

Ao primeiro lance de vista estão apanhados a scena e o scenario. Entende-se : a madrugada derrea-se á luz crescente do sol ; ainda ha nevoas no horisonte, a ra-

maria está humida de orvalho. Pela larga, escalavrada estrada, fendida em trilhos por brutas rodas chiantes dos carroções que pesados bois arrastam, escavada e endurecida pelo choutar das tropas jornadeiras, manqueja um grupo esfalfado de foliões, que o Entrudo vestiu de vistosos pannos de affeites. A sucia, arrancada d'uma folia qualquer, volta aos téctos; um cambaleia os passos ao peso oscillante da mulher que se lhe arrima ao hombro; outro, extenuado de tanjer o couro ao bombo barulhento, mal vence o caminho que se lhe

po de uma minucia admiravelmente reproduzida, com a *Ovelha Ferida* e a que traz por titulo *Morte do Pastor*. Ambos os quadros têm por scenarios paizagens pintadas com a largueza e segurança que o caracterisam, a observação exacta do conjuncto que o recommenda, e em ambos o desenho das figuras é outra prova da dedicação ao estudo. A *Morte do Pastor*, em particular, transmitte um doloroso sentimento de perda, que o cadaver do valido carneiro inculca e a que a zagala serrana attende, desolada.



O ESPINHO

escapa ao piso; e á frente delles, um esturdio *pierrot* escanchado em tardo cavallo osseo, lá vem aos bolé-os e guinadas, perdidos os estribos e a consciencia.... E' um episodio alegre do viver da roça, que a lindeza da paizagem clara mais dá valor e aviva.

Como quadro de costumes ou pintura anecdotica (assim a denominavam noutros tempos) tem o merito de ser obra feita por mão adextrada. Esse genero vae se tornando uma feição de Antonio Parreiras. Em exposição anterior nos apresentou uma enorme téla no mesmo genero, e n'actual, em quadros dos maiores nella expostos, ainda uma scena de costumes do cam-

O artista venceu, nesse quadro, uma difficuldade d'expressão resultante do contraste do accessorio, que é uma viçosa paizagem tropical, sob a luz franca do dia. Não obstante, o effeito dolente do assumpto se diffunde, e a exuberancia da mata, o verde primaveral da relva, a claridade da hora, parecem augmentar, por sua serena indifferença, o pezar mudo da rapariga roceira.

E da paizagem essa predilecção vae se distendendo, os seus quadros de interiores vão se tornando amiudados. *O Espinho*, reproduzido nesta revista, pertence a este genero. Mas, se são os quadros de

genero e os episodios em paizagem a feição da sua actual maneira de comprehender a arte, se elles lhe resultaram do apuramento do seu instincto esthetico, em plena madureza, e irão marcar o estado definitivo da sua individualidade, é preciso não esquecer que o paizagista, cuja celebridade foi adquirida com a paizagem, ainda se emociona diante dos trechos e recantos da Natureza, onde palpita, no agrupamento de suas linhas e na côr de suas arvores como na de suas pedras e terras, a belleza de um effeito de luz, a poesia de uma dada hora. E esse é o artista do *Parque abandonado* e do *Brejal*, em que está externada a habilidade de seus pinceis e, tambem, essa já referida e apreciavel qualidade de surprender a paizagem no seu *aspecto* synthetico ou seja na simplificação do seu conjuncto.

Junho de 1904.

GONZAGA DUQUE.

THEATROS

O carioca, plumitivo discreto e resignado, que leva a maior parte das noites sem saber aonde ir, e se entrega ao innocente prazer de jogar a bisca em familia, tem tido ultimamente um verdadeiro fartão de theatro.

O movimento começou no Lyrico, onde a verdadeira Loïe Fuller (digo «a verdadeira,» porque ha um bom par de annos já cá esteve outra com o mesmo nome) deu alguns espectaculos, exhibindo as famosas dansas que a celebrisaram, e são, na realidade, interessantissimas.

Chamo áquillo dansas porque toda a gente assim diz, mas a verdade é que a arte coreographica entra ali como Pilatos no Credo. São quadros vivos, ou plasticos, o que quizerem, que nenhum interesse despertariam si não fossem os effeitos da luz electrica, projectada de combinação com alguns vidros de côr.

O espectaculo tem alguma coisa de mysterioso e phantastico, muito de regalar o espirito e arregalar os olhos; as almas um tanto inclinadas ao devaneio e á poesia acham um encanto profundo e penetrante naquella successão de côres que se confundem e se desfazem suavemente umas nas outras, e naquelle fogo fingido, cujas labaredas envolvem, acariciam e beijam uma sombra de mulher.

Uma sombra, sim, uma visão, uma fórma vaga e indecisa; nenhum espectador do Lyrico ficou sabendo ao certo si Loïe Fuller é feia ou bonita, nem que edade pouco mais ou menos terá. Isto não quer dizer que as espectadoras não a achassem velha e feia.

Em consciencia digo que o trabalho apresentado, com menos reclamos, pela outra Füller, a tal que nos visitou ha tempos, não me pareceu muito inferior ao da verdadeira: os effeitos eram os mesmos, sem tirar nem pôr; mas convem, para ser justo, lembrar, que esta é a inventora daquelles artificios, e a outra usurpou descaradamente a sua invenção e, o que mais é, o seu nome.

O grande caso é que o genero Fuller corre mundo ha muitos annos e é coisa tão vista que já não chama a attenção de ninguem; a famosa artista deve se ter admirado da curiosidade que as suas dansas acabam de provocar aqui.

—Loïe Fuller veio figurando no elenco de uma companhia de variedades, da qual faziam parte alguns meninos prodigios, uma boneca de carne e osso, um *clown*, uma *divette* do Parisiana, Mlle. Dieterle, e outros phenomenos artisticos, entre os quaes um actor do Odéon, Mr. Paul Frank.

Por mais extraordinaria que pareça ver arranchado a pelotiqueiros e acrobatas um artista do Segundo Theatro Francez, instituto de litteratura e arte, subvencionado pela nação, o facto é verdadeiro: entre duas palhaçadas, Mr. Paul Frank exhibia-se numa comedia ou numa pantomima.

Tive o desgosto de ouvir, perdida no palco formidavel do Lyrico, representada em *matinée*, para espectadores cuja maioria eram crianças, a deliciosa comedia odeonesca de Theodore de Banville, *Le baiser*.

Os formosos alexandrinos do mestre resoavam na sala entre suspiros e bocejos daquella gente que ali não estava para ouvir versos francezes, senão para ver a Loïe Fuller, e eu, no fundo de um camarote, philosophava intimamente sobre a physiologia das *tournées*. Parecia-me que Mr. Paul Frank interrompia de vez em quando a representação para soprar-me ao ouvido: — *Ne dites rien à Mr. Paul Ginisty. C'est une escapade que je fais; il ne me la pardonnerait jámais.*

Descance Mr. Paul Frank: não serei eu o mexeriqueiro.

—Mlle. Dieterle é realmente uma artista muito interessante; mas a primeira figura d'essa companhia hybrida era inquestionavelmente o *clown* Litte Pickle, o mais engraçado, o mais hilariante que até hoje me desopilou o diaphragma.

A companhia portugueza de operetas e revistas do theatro Carlos Alberto, do Porto, conta no seu elenco alguns artistas de merecimento. Além de Mattos, Colás e Medina de Souza, nossos velhos conhecidos, que foram muito bem recebidos pelas platéas portuguezas, trouxe um bom comico, o actor Azevedo, e, pelo lado feminino, é uma das melhores que nos têm vindo de Portugal: Crisilda, actriz nova e bonita, Maria Pinto, Elvira Roque, e outras, formam um grupo muito aceitavel. Accrescentarei que os córos são magnificos, a enscenação cuidada, e a orchestra irreprehensivelmente dirigida pela batuta do maestro Roque, um bom artista que já tinha aqui estado, trazido por Souza Bastos.

O repertorio é que não se tem mostrado até hoje na altura de taes elementos, embora se deva ao emprezario este elogio de que a sua companhia é a que se tem mostrado até agora a mais nacional de quantas aqui têm vindo, pois, boas ou más, só exhibe peças portuguezas, e isso lhe dá, não ha duvida, uma feição muito sympathica.

Uma dellas, a *Reforma do Diabo* (as outras duas intitulam-se o *Grão Duque* e *Travessuras de Cupido*) é escripta por Luiz Galhardo, jornalista espirituoso e de talento, comediographo que tem brilhado em obras mais consideraveis; nesta só teve a preoccupação do espectaculo.

O *Grão Duque* é uma imitação enfadonha, quer como libretto, quer como partitura, de meia duzia de operetas francezas, e *Travessuras de Cupido* (desta ouvi apenas os dois primeiros actos) é uma peça burlesca, no genero das farças de Gervasio Lobato, mas sem o dialogo incomparavel do auctor do *Burro do Sr. Alcaide*. Entretanto, o publico riu.

A companhia necessariamente não conta apenas com o que até agora tem dado, e nos rezerva interessantes sorpresas. Não lhe faltam elementos para um successo estrondoso desde que ponha em scena uma boa peça.

Assisti, no São José, á estréa da companhia franceza, com a *Viniche*, que bem poderia ter sido substituida por qualquer coisa mais nova. Um quarto de seculo faz do



melhor *vaudeville* um macrobio; não ha genero de theatro cujas formulas tenham variado tanto nestes ultimos annos.

Ha na companhia alguns bons artistas: Alice Bonheur, uma *étoile* do Varietés, de Paris, de quem damos um retrato,—Eveline Dherbeuil, actriz de comedia, digna dos mais sinceros applausos,—De Kercy, a melhor das *duégnes* que têm vindo ao Rio de Janeiro,—Dambrine, que faz lembrar Depuis como Alice Bonheur faz lembrar Judic (é este o maior elogio que lhes podemos fazer),—e Deschamps, actor de muita experiencia, mas o seu tanto exagerado, um desses «páos para toda obra» que abundam nos theatros e nas agencias theatraes de Paris.

A companhia, que tem a habilidade de representar operetas sem córos, como *L'auberge do Tohu-Bohu* e *La vie parisienne*, não trouxe comsigo scenarios nem accessorios, e todos sabem que nesse genero de espectaculos a enscenação entra por muito no successo. Em compensação, deu-nos uma comedia de Alfred Capus, *Les maris de Léontine*, que satisfez plenamente, não só pela graça e originalidade da peça, como pela interpretação dos papeis. E' pena que Eveline Dherbeuil não represente em Paris o papel de Léontine.

Confesso que não fui ver o transformista Aldo, que tem, aliás, attrahido grandes enchentes ao Lyrico. Dizem-no rival ou imitador do celebre Leopoldo Fregoli e, por isso mesmo que sou apaixonado pelo theatro, tenho o máo gosto de achar o celebre Leopoldo Fregoli, simplesmente insupportavel, Os meus nervos não toleram os homens que se vestem de mulher e falam ou cantam com voz feminina, truanice que me parece offender a dignidade do meu sexo. Felizmente para os Aldos e Fregoli, estou em minoria, e o publico do Rio de Janeiro faz o que fazem todos os publicos: adora-os. Que bom proveito lhes faça.

Entretanto, esse mesmo publico deixou quasi ás moscas os primeiros concertos de Schelling, Bauer e Casals, tres artistas extraordinarios, os dous primeiros pianistas, o ultimo violoncellista, que nos deram a honra e o prazer da sua visita.

Para que não passasse completamente despercebida a passagem, no Rio de Janeiro, desses tres artistas excepcionaes, foi preciso atordoar as massas com o zabumbar do reclamo; foi preciso que Arthur Napoleão se reunisse a elles num concerto extraordinario, prodigioso, como ainda não houve nenhum outro, como outro não haverá, talvez, nesta cidade.

Se entre nós houvesse realmente gosto pela musica, não seria preciso tanto para despertar a attenção do nosso dilettantismo.

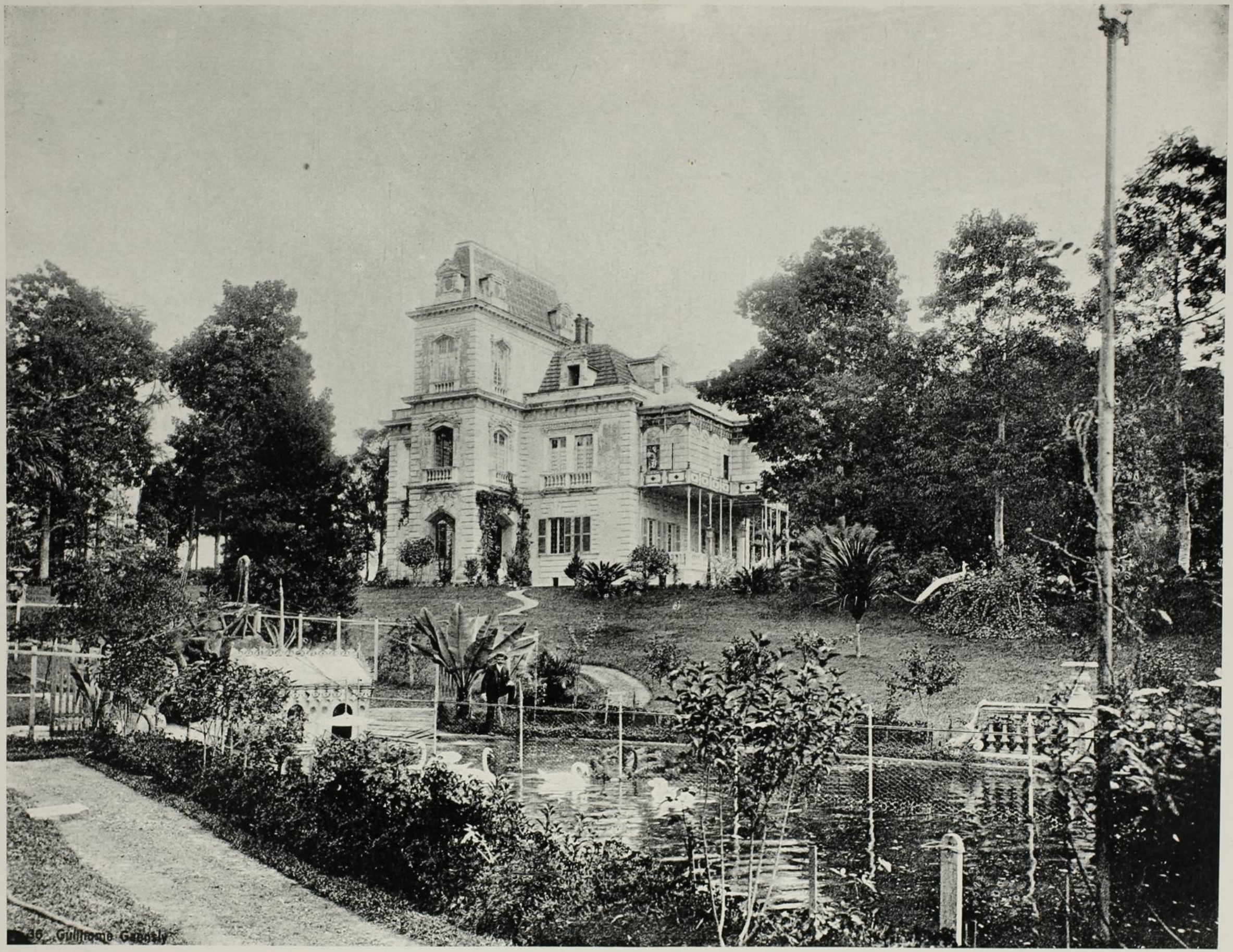
E' que a nossa educação musical foi sempre mal dirigida, benza-a Deus... D'antes, imaginava o governo que a sua acção, nesse sentido, deveria limitar-se a fazer com que o publico ouvisse cantores caros a preços reduzidos, e dava-se ao luxo de mandar buscar o Tamberlick, a Stoltz e outras summidades lyricas do seculo passado.

O resultado foi habituar-se o carioca, desde então, em se tratando de musica, a fazer questão unicamente dos cantores, sem se importar ou pouco se importando com o resto. Deem-lhe boas vozes, e elle está nas suas sete quintas! Para prova ahi têm que ultimamente obrigava o tenor Caruzo a cantar o *La donna è mobile* quatro e cinco vezes a seguir, na mesma noite, e voltava desdenhosamente as costas á *Iris*, de Mascagni, porque esta opera, um primor da harmonia e de orchestração, não fornecia aos cantores ensejo de vociferar.

No Rio de Janeiro a manifestação absoluta e suprema da arte musical é o canto; para o resto não ha salvação possivel. O auctor da opera fica em plano inferior ao do tenor e da prima-dona.

Na data em que escrevo esta ligeira chronica (15 de Junho) estão em viagem para o Rio o Janeiro a companhia lyrica italiana, contractada pelo emprezario Miloni, uma grande companhia ingleza de opera-comica e baile, e uma campanhia dramatica portugueza, organisada em Lisboa por Eduardo Victorino. Fala-se na probabilidade de vir ao Rio de Janeiro o grande actor italiano Ermete Zaconi, que está sendo delirantemente applaudido em Buenos Aires, e ensaia-se no Recreio uma peça brasileira, a *Fonte Castalia*, que se aventura, coitadinha! no meio de todos esses chamarizes e novidades.

ARTHUR AZEVEDO.



PHOT. GUILHERME GAENSLY

PALACETE D. VERIDIANA PRADO–S. PAULO

CASTIGO!

O Visconde de Mattoso, viuvo, era um fidalgo de alta estirpe, physionomia franca, nobre e leal, onde os traços dos annos como que constituiam insignias da dignidade triumphante, da virtude austera transmittida e fielmente conservada, da honra impolluta, de que era o sacerdote, por cuja bocca se escutava ainda, apezar dos annos, bem timbrada e forte, pontifical e solemne, a voz do passado.

Methodico, economico, trabalhador em excesso, tendo desenvolvido a actividade sob o influxo da mocidade pujante, conseguira ser considerado, na velhice, como uma das mais solidas fortunas do seu tempo.

Inesperadamente, porém, numa deliciosa tarde de verão, o bom do Visconde, ao acabar o jantar, sentindo annuvear-se-lhe a vista, como numa repentina cegueira, cahira para traz, tartamudeando as palavras, o corpo sacodido por convulsões, com uma hemiplegia que o inutilizou para a vida e o levou para a morte.

Seu filho unico, José Joaquim Mattoso (mais commummente conhecido por Joca Mattoso) herdára-lhe a grande fortuna sem contratempo de justiça e importunação de credores, sendo, hoje, senhor absoluto do cofre á cuja porta, em vida, o Visconde tanta vez ficara immerso em scisma, até que a procura ou a conferencia d'algum titulo o obrigasse a abril-o vagarosamente, pesadamente, com azeitado rodar de gonzos, para de novo deixar palpitando, em seu fundo, ao lado da papelada amarellecida, em que se entreviam brazões esculpidos nas chagas vivas dos lacres, o brilho fino e aristocratico das libras.

Joca Mattoso, homem já maduro, forte, intelligente e vivo, muito embora descendesse de tão illustre varão, todavia, não possuia, como aquelle, essa nobreza captivante caracterisada pelo apuro da linhagem, pela soberbia do gesto, pela desenvoltura esbelta da raça.

Baixo, atarracado, o pescoço curto e grosso deixava, em evidencia, sob o queixo, duas pregas molles de adiposidade que se espapaçava sobre a gomma dura e lustrosa do collarinho.

Desconhecer Joca Mattoso, mesmo de *ouvir fallar*, é, no interior, o maior dos attentados á actividade pessoal e á honradez de quem, como elle, merecera, em boa hora, a commenda da Rosa, e fôra o mais influente cabo politico da redondeza.

E, para constatar, talvez, o valor real da sua personalidade, raro é o morador de Pedreiras que não aponte, toda a vez que se lhe depare occasião, como marcos milliarios dos seus feitos e virtudes, a nomeação do Quimzinho para o tabellionato do logar e o donativo de uma imagem de Nossa Senhora das Dôres, em substituição á que existira na Matriz, e que, havia muito, se resentia do *fura-bolo* da mão direita.

Joca era pae de duas filhas: Clarinda, de dezoito annos, morena rosto oval onde os olhos pretos, buliçosos e brejeiros, brilhavam; Alzira, de dezeseis, loura, muito pallida, de compleição franzina como um lirio, o olhar quebrado num enlanguecimento azul, scismador e romantico.

Tinha, como esposa, uma santa senhora, educada nos bons tempos d'antanho, sisudos e graves, em que o namorico das missas não gosava ainda do fôro de instituição firmada, e onde, não raro, a rebeldia do pudor se agastava, anojada, dos encantamentos do adulterio.

E, com uma nevoa saudosa nos olhos tristes, a boa senhora se recordava então da mocidade que passara feliz, e que já ia longe, havia um lustro quasi, num esbatimento de lembrança remota, de esperança perdida. Caminhando para os quarenta, soffrendo horrivelmente de suffocações e faltas d'ar, tendo já cumprido a sua missão na terra, só lhe restavam (e encolhia resignadamente os hombros) «a morte e a santa paz de Deus.»

Joca Mattoso, logo após o fallecimento do Visconde, fôra com a familia para uma das suas propriedades, a «Bella Vista», situada sobre o contraforte de montanhas que se erguem para o céo lustroso e azul, ensombrada bucolicamente pela ramaria da folhagem verde, a ouvir, na calma dos sertões, num espreguiçar aquoso e sonoro, ribeiros a cantar...

O casarão da fazenda, acachapado e vetusto, abre os olhos pelas amplas janellas de gradil enguirlandadas de rosas e madresilvas silvestres, e espia, a subir e a descer collinas, o cafezal escuro e copado.

Jacente á officina das machinas, esparrama-se o alcatroado negrume dos terreiros de café, onde em azafama, mourejam pretos e raparigas sob o rhytmo triste de uma cantilena nostalgica.

Quem caminha ao longo dos carreadores, que vão ter á serra, experimenta logo, em meio ás variegadas especies de arvoredos que se enramam, de cipós que se entrelaçam, de parasitas polychromas que se abrem — essa indefinivel sensação de receio e mysterio que empolga o sentimento e absorve a razão, quando o homem, afastado dos homens, querendo gosar, a pleno, entrega á natureza virgem o ingenuo espiritualismo da alma, embebida de presentimentos, orvalhada de sonhos...

Contrastando a exhuberancia d'essas terras, a vista abrange, d'escorço, para outra banda, desoladas planicies sem cultivo, onde, como arte d'acaso, vegetam, espinhosos e mirrados, piteiras e gravatás, na inclemencia da esterilidade a que lh'os affizeram as ardentias do sol e a falta das charruas.

E, no abandono atrophico de tudo isso, ao longe, onde já mal abarca a retina, levantam-se, alvas e tenues, sob o pardejar da tarde, em esfuminho, nuvens de pó d'uma caieira, resumbrando tristezas d'ossuario...

A vida rural, expandia-se, em tempo de colheita, no chiar alegre dos carros de bois que sulcavam as estradas, na onda crescente dos colonos que seguiam p'ra roça cantando, e, finalmente, nos apitos finos e estridentes das machinas, proclamando a epopéa do Trabalho na solidão do espaço, luminoso e calmo.

Emquanto Clarinda, após o almoço percorria a cavallo, a colonia, o cafezal, acompanhando o pae na ventura de fazendeiro abastado, Alzira, muito loura e muito pallida, entretinha o tempo a bordar juncto á «mãesinha» que, na *chaise-longue* do terraço, sentindo-se de repente suffocada, pedia, com os olhos supplices, o afflar de um leque, que a filha amorosa agitava ás pressas, apprehensiva e nervosa, implorando ao mesmo tempo a Deus se apiedasse d'ella, tirando-a d'aquelle desespero que quasi a enlouquecia.

«Deus me proteja, Minha Nossa Senhora!» evocava, cheia de crença e fé, vendo-se ali, em meio de criados que mais serviam para atrapalhal-a, sem o pae e a irmã, a soffrer, a chorar...

Momentos depois, mais socegada: «Que allivio! Como mãesinha me assustou, Jesus!» e beijava-lhe a testa recompondo-lhe, carinhosamente, com a ponta dos dedos finos, o cabello que cahira sobre os olhos, emquanto a boa senhora, mais calma, lhe dizia num murmurio, consolando-a: que não fôra nada, que não se assustasse, que já estava boa...

Depois, com um suspiro, Alzira começava novamente a bordar, até que o tropel dos animaes em que vinham Joca e Clarinda lhes annunciasse a approximação do jantar.

E por entre os beijos com que os recebia, contava-lhes os minutos de afflicção porque passara, a chorar, entonteada, sem cabeça para nada, ali, por assim dizer só-

sinha, no atropelo d'uma gente que não proferia cousa com cousa, vendo-se até na emergencia de arrombar o armario, á procura da agua de flor para a mãezinha, que, de um minuto para outro, parecia morrer...; que...

Uma sineta badalou nos fundos do casarão, e Joca, inesperadamente, atalhou o papaguear da filha:

—«Bem, vamos jantar»—e encaminhou-se pelo corredor, silencioso, retinindo as rosetas das esporas.

Sobre a mesa, num jarrão de porcellana, flores do campo bocejavam num espreguiçamento perfumado, emquanto, do caprichoso lavor do embutido, chins em exhibições equilibristas, lhes respiravam o aroma exotico, escancarando as boccas num amarello sorriso d'opio...

A' esquerda da cabeceira a que se assentara Joca, Alzira assistia ao jantar, presa de melancholia indefinivel, em que toda se abandonava, indifferente, ao que era do mundo, ao que os seus olhos viam, entrevendo, apenas, na pureza d'aquelle extase, nimbada pelo martyrio e pela dor, a imagem suavissima da que lhe dera o ser.

A indifferença com que o pae a ouvira, aquelle *vamos jantar*, secco, brusco, com que cortara, de chôfre, as suas expansões de filha extremosa,—tudo aquillo lhe empolgara por tal fórma o coração, que, do azul das pupillas, duas lagrymas rolaram, silenciosas, pela face.

Que lhe fizera? Como explicar tal indifferentismo?

A que attribuir aquelle pouco caso resvalado ao desprezo? e outras e outras perguntas, a todo o momento, assaltavam-lhe o espirito, confundindo-lhe as idéas, perturbando-lhe a imaginação, enchendo-lhe a alma de apprehensões dolorosas, que abrolhavam na timidez dos suspiros.

Ou seja porque, pelo grande numero de gerações superpostas, se achem sempre, reunidas no homem, indistinctas e vagas, as almas imperfeitas, confusas, rudimentares de todos os seres que lhe foram anteriores na escala zoologica, ou seja porque os instinctos animaes constituem legado que conservamos latentes em nós até que se manifestem e exteriorizem, como querem alguns, —emfim, fosse lá porque fosse—, o certo é que, Joca Mattoso, já não era positivamente o mesmo homem.

Não—não era.

Desde que recebera de um amigo intimo, uma carta em que se lhe pedia hospedagem para uma orphan, á qual conselhos medicos prescreveram sadios ares de campo, Joca (como que despertando no intimo a recordação de algum sonho feliz, que a acção do tempo não conseguira de todo extinguir), *vira*, do terraço, ao recompor, mentalmente, a leitura de tal papel, sob a quietação estrellada da noite, fluctuando no ar, um vulto de mulher, com uma sensação de relevo quasi tangivel, encaminhando-se para elle a sorrir...

—Sim, não fôra sonho, porque a *vira* accordado; suggestão não fôra, pois bem a sentira junto delle, com elle, nelle...

Dias após, chegava a «Bella Vista», abatida por palustre rebelde, a pupilla que a velha amizade de trint'annos de Romualdo de Castro recommendara a Joca, que, em sua falta, lhe seria «um pae carinhoso e bom.»

Mathilde (assim se chamava) apezar de doente, os labios gretados pela impertinencia da febre, conservava ainda, nos movimentos do andar, esse dengue faceiro de mulher ardente e arisca.

De constituição esbelta, *fausse-maigre*, morena, d'olhos pretos, o cabello castanho escuro, levemente ondeado, com ligeira pubescencia de pecego a sombrear-lhe a bocca carnuda,—transpiraria, d'ahi a algum tempo, como era de esperar, mocidade e alegria, ligeireza e graça.

A meiguice com que a natureza a dotara a fizera amiga das meninas, principalmente da Clarinda, em quem encontrara semelhanças de genio; quanto á Alzira, tristonha sempre, (gracejava) «era mollenga de mais para ella.»

Um dia, Joca, ao sahir para a roça, chamou, como de costume, pela filha que, sentindo-se indisposta a acompanhal-o, pediu sua substituição á Mathilde, animando-a com a idéa de que tal passeio só a poderia alegrar e fazer bem. E Mathilde foi.

Depois de caminharem algum tempo, juntos, conversando, Joca, ao abrir uma porteira, deixara-a fechar (não sei se distrahida ou desastradamente) com estardalhaço tal, que o cavallo em que ia a moça, apezar de manso, espantando-se, perfilou as orelhas, e, em vertiginosa carreira, sumiu-se rente com o chão.

A cavalleira, apanhada de surpresa, tombara na curva do caminho, sobre a terra fôfa d'um aterro, e, ahi, meio desfallecida, muito pallida, a encontrou Joca, extremamente apprehensivo, a perguntar-lhe, ancioso, si sentia dor, si se machucara muito, implorando-lhe, com a voz tremula, qual criança arrependida d'uma travessura, o seu perdão.

E, assim, junto d'elle, Mathilde, mais animada, tinha ainda a respiração oppressa, offegante, volvendo, de quando em quando, os olhos humidos, para os de Joca, humedecidos tambem, naquella inesperada commoção que os unira ali, sob a tranquillidade azul do céo, sob a sombra rumorosa das arvores...

D'ahi por diante,o espirito de Joca, como que cedendo ao impulsionismo de uma obsessão, á insistencia de uma fatalidade empolgante, reproduzia, com isochromatica minucia, aquella visão que elle *vira*, á noite, do terraço, e, agora, transubstanciada, identificada, confundida naquella Mathilde, naquella mulher perfeita, que a sua mal contida ancia já havia estreitado ao peito, que o despertar tardio da alma já se lhe annunciara feliz.

Desde então, um pensamento unico o absorveu por completo: sentir-se amado por ella, pertencer-lhe de corpo e alma, gozar, infinitamente, a doçura infinita de sua voz, gorgeando, como passaro, as syllabas do nome,—viver, emfim, no seu amor.

E porque não tental-o?

«Que lhe restava do casamento? As filhas? Essas, hoje, eram mulheres feitas, para as quaes não seriam *novidades* as contingencias do mundo, as alternativas da vida.»

«—Que muito era que assim pensasse?

«Não existe na vida senão uma theoria verdadeiramente philosophica: é a que nos ensina a desprezar, de vez, os preconceitos absurdos de uma sociedade falsa e hypocrita.»

«Até aqui (pesa-me confessal-o) só tenho experimentado as sensações que despertam os interesses de momento; refiz, a bem dizer, o corpo, no egoismo transcendental de usura esteril; não faço a minima idéa (e isso por que jámais senti) do que possa ser essa permuta intima de affectos da amizade em confidencia; desconheço, inteiramente, a caridade desinteressada que aplaca a dor dos pobres e nos impelle a quanto ha de bom e generoso.»

«Tenho sido, pois, um inutil, ou antes, (para que não dizel-o?) um degenerado talvez...;»—concluira Joca, trincando, nervoso, a ponta de um charuto.

E tinha razão.

Lembrava-se de haver lido, algures, que a vida não era egual para todos os mortaes, ainda mesmo que se admittise uma egual duração de existencia, e isso por se lh'a não poder medir pela duração do individuo. Assim, por exemplo, quando se lhe dizia que o preto tal morrera com cento e tantos annos, tal affirmativa presuppunha, necessariamente, evidentemente, a idéa de que elle tivesse tido todo esse longo espaço de tempo para viver; mas não se seguia d'ahi que, no seu entender, tal preto *vivesse*, *realmente*; no sentido rigoroso do termo.

E raciocinava: «Si é verdade que vivemos pela quantidade e qualidade das impressões recebidas, um homem que receba, num dia, cincoenta impressões differentes, no fim desse mesmo dia terá vivido a metade do que haja recebido cem, e, conseguintemente, o dobro do que só houver contado vinte e cinco.

Desse modo chegara, com immenso pezar, á conclusão de haver sómente vivido, durante os quarenta e cinco annos que carregava sobre os hombros, o tempo por demais curto em que estivera com a Mathilde, desfallecida, sobre a terra fôfa do aterro:—cinco a dez minutos, quando muito!

Em materia de viver (dizia, convicto, a cofiar a barba grisalha) «era um recemnascido.»

«Fora pouco, porventura, o tempo em que andara agarrado ás saias de uma mulher, que nem ao menos o deixava dormir, noites e noites, a fio, com o guinchar impertinente dos accessos d'asthma?!

«Fôra pouco?» Parecia-lhe que não.

«Para que, pois,—elle, que já se sentia outro homem, com predisposições mais activas, rejuvenescendo para a eterna felicidade, havia de permanecer ainda, naquella monotonia sem treguas, sem expansões que o illudissem e perspectivas que o encantassem, até que lhe viesse pedir contas a morte?

«Seria absurdo!»

«Adoptaria o epicurismo pratico da Roma antiga: a vertigem do goso, procurando por todos os meios esquecer a morte.»

«Não pensemos senão no dia de hoje, já que não nos é dado advinhar o d'amanhã.»

Com o correr dos tempos, Mathilde que, a principio, afastara, com horror, a idéa de se haver impressionado por um homem casado, era dominada agora pela loucura do seu amor a Joca.

Quando se lembrava de, para ali ter ido, doente, e encontrado carinhos de filha,—ella, (pobre coitada!) que não morrera no frio de uma sargeta de rua, por lh'a haver soccorrido a piedade de Romualdo; quando lhe acudia ao espirito a lembrança daquelle «Deus te acompanhe, minha filha» proferido, na hora da partida, por aquelle bom velhinho, seu protector; quando recompunha, na imaginação, o aspecto risonho da villa natal, com a cal dos seus muros e o vermelho queimado das telhas, onde poisavam, á tardinha, alvuras de pombos... tudo isso a fugir-lhe rapidamente dos olhos, na velocidade da locomotiva a arfar, a vencer distancia; e agora, em «Bella Vista», ser forçada a calcar humilhantemente, miseravelmente, no intimo, a loucura d'aquelle affecto vil,—ah! quando se lembrava de tudo isso, rebentava-lhe dos olhos o pranto amargo do soffrer desgraçado, redimindo, na dor, a inconsciencia da culpa.

«Melhor fôra morrer!

«Porque soffrer tanto? Porque?

De repente, impellida por inabalavel e energica resolução: Fugirei. Sim, fugiria para sempre suffocando mas não esquecendo nunca o seu amor...; leval-o-ia n'alma, virgem como aquelle céo que via, lá longe, limpido, azul...

Ao pesar sobre o vasto casarão um silencio de morte, Mathilde, vestiu-se ás pressas, e, pé ante pé, e, sem que a presentissem, sahiu devagarinho, abriu a porta do alpendre, e, sósinha, encontrou-se na escuridão da noite profunda.

Tudo eram trevas.

Uma ou outra estrella scintillava. Cães miravam á distancia. Das mattas proximas descia, sobre a natureza defuncta, o responso das aguas... Nada mais. Mathilde, subjugada pelo medo, pensou em retroceder; depois, corajosa e resoluta, desceu as escadas, saltou a porteira, e, galgando a estrada, poz-se a caminho. No fim de duas horas começou a fadiga a quebrantar-lhe os membros. Tonta, parecia-lhe tudo andar de redor; sentou-se: estava no alto do morro que contornava a fazenda.

Lá em baixo, envolvido em fôfo sendal de neblinas, ficara o casarão da «Bella Vista», acachapado e vetusto, abrindo os olhos pelas amplas janellas, e espiando, a subir e a descer collinas, o cafezal escuro e copado. Proseguiu. Caminhou, caminhou, até que, extenuada, cahiu como morta. Venceu-a intenso somno. Veiu a madrugada, e, com ella, o despertar da natureza, imponente e selvagem, triumphando no esplendor da flora tropical, na orchestração das cachoeiras espumantes...

Mathilde sonhara; Joca ao perdel-a, procurava-a como louco. Vira-o depois junto d'ella, sugando-lhe os labios avidos de beijos...

Accordou, sobresaltada, como afugentando algum phantasma que trazia atraz si. Ah! Fôra sonho!—respirou consolada Estava agora longe d'elle para sempre, no seio carinhoso da floresta virgem.

Já o sol apontava alviçareiro e bom. O orvalho escorria, frio, da folhagem molle. Azas assustadas, afflavam, altas, nos ramos. Periquitos aos pares, ao presentirem-lhe os passos, abalavam, tagarelando, da copa amarella d'uma paineira em flor...

Já agora avistava roçados d'outras terras, cannaviaes abrindo, no escuro das clareiras, grandes manchas de um verde secco e claro. Dentro em pouco, deu, de rosto, com uma casinha de sapê sob a sombra de uma figueira brava. Approximou-se. No terreiro, varrido de vespera, uma velhinha, de cocoras, agitava, nas mãos tremulas, uma grande cuia com milho e *quirera*, chamando com um *quit, quit, quit*, gallinhas que se alvoroçavam, d'azas abertas.

A velhinha ao vel-a, abriu a bocca num sorriso idiota de gengivas escarnadas; em seguida, com brilho sinistro nos olhos fundos, o corpo enrolado em frangalhos, bamboleando sobre pernas tropegas, praguejou a cuspir:—«Sae diabo!» «T'esconjuro!» «Deixa creação comê.» «Sae, praga do inferno!» «Sae!»

Mathilde, apavorada, correu como louca, voltando-se de momento a momento, para a choça, d'onde lhe parecia chegar ainda aos ouvidos o «Sae!» «Sae diabo!» «T'esconjuro!»

Perseguida sempre pela visão macabra da velha, estacou de repente, numa encruzilhada, ao ouvir a cadencia sentida de uma trova sertaneja, cortando o ar fino e luminoso da manhã:

No coração guardo as penas.
As dores do meu soffrer
Quem dera, meu Deus, quem dera!
Juntinho d'ella morrer!...

Uma tropa passava sob a vigilancia de campeiros que, de pampilhos aos hombros, calças arregaçadas até os joelhos, traziam o inseparavel facão pendido da cintura e enfiado na vagem de couro crú da bainha. De quando em quando bradavam: «Encosta, «mulata»! «Chega p'ra diante «Estrella»! fustigando uma ou outra besta chucra, desgarrada do lote, guiado na frente pela madrinha que, num trote sêcco, preguiçoso, saccolejava, como chocalho, os sincerros do pescoço; atraz, num apertão, vinha resfolegando a passo, a burrada coberta da poeira vermelha dos caminhos...

Aos gritos de «djup!» «djup!» a marcha apressava-se, e, no impeto da carreira, lá ia o bolo aos empurrões,

as broacas rangendo o «*nhac-nhac*» monotono de encontro ás cangalhas...

Mathilde alegrara-se com a idéa de seguil-os.

Envergonhada, animou-se a fazer uma pergunta:

—Ahn? (Não tinha ouvido).

—Para onde ia a tropa? repetiu mais alto.

—Pr'os «Coqueiros.»

—Pro mode o quê vossuncê progunta?

Mathilde viu-se embaraçada na resposta. Cedendo, porém, á curiosidade inquieta do olhar do caipira, contou-lhe uma historia muito comprida, na qual entrava o arrependimento de haver fugido da casa dos paes, e agora, ali, abandonada, sem saber como voltar, sem ao menos conhecer os caminhos..

«Vossuncê a mode que tá chorando. Tudo se arranja, Nházinha. P'ra que banda sua famia veve? Jacutinga? Riachão? Grota Funda? P'ra que banda? Diga, sinhá, diga sem medo. Tudo se arranja com a Graça de Deus (e ergueu da cabeça, com respeito, o chapelão de palha).

—Ah! Era tão longe a villa em que nascera? Tão longe ficava dos nomes que ouvira! Tão longe!— e abafando um soluço: Nem eu mesma sei, camarada.

—Mas diga, Nházinha; não se avexe; faça de conta que eu sou seu pae. Oia aqui: aquella criança taluda que vossuncê tá vendo pitando, ali debaixo daquelle ingá, é filho d'este caboclo que tá aqui. P'ra edade de vossuncè aposto que só falta um *tiquinho assim* (e mostrava a ponta da unha). «Pois então, Nházinha, já vê que não paga a pena vossuncê se avexá; que custa vossuncê dizê logo tudo franco?»

Mathilde, como que medindo bem o sacrificio que, por sua causa, iria fazer o caipira, proferiu o nome baixinho, enxugando uma lagryma: Palmeiras.

O caboclo, pensativo, alisando com a *franqueira* uma palha para cigarro: «Ha-de ser pelo que Deus quizer!» «Eu levo vossuncê.» E' um estirão! sinhá-dona, E' um estirão!...

«Mas tenho fé que com a ajuda de Deus, nois cheguemo lá nestes dois a tres dias.»

Havia vinte annos que *navegava* por aquelle sertão de Christo afóra com a tropa do Capitão Indalecio, a negociar em aguardente.

—E quem sabe lá, sinhá dona, se vossuncê sem querê não vae me ajudá no negocio?

A idéa do lucro proximo sorriu-lhe nos dentes pôdres.

A voz irrompeu de novo, fresca e clara, triste e saudosa, no silencio do sertão:

Não fujas de mim criança
Porque morrerei de dor
Quem espera sempre alcança
A luz brilhante do amor.

Elô! Elô!... E a tropa partiu.

Tres dias e tres noites passou Mathilde entre os tropeiros, ora dormindo nos pousos, sob o descante choroso das violas, ora descançando á beira das aguadas, a reflectirem, na superficie espelhante, o vôo alvo das garças...

—«Até que emfim»!

Era o grito da alma que se libertava; era o desafogar de uma dôr até então incomprehendida; era o anceio torturante do coração que lhe parecera infindo, como aquelle amor vibrando-lhe no peito o hymno triumphal do illusionismo eterno, — agora dulcificado pela saudosa e carissima lembrança do nome que evocara: Palmeiras!

Além, debuxando-se na fimbria do occaso, escortinava-se, em nitidez de relevo, sob os reverberos do céo, qual improvisada surpresa de diorama, a casaria alvejante do povoado adormecido á luz, numa quietação de modorra, o fumo das chaminés ascendendo em torcicollos para o silencio lucido das alturas interminas,—para o Epodo pathetico da Meditação e da Morte!...

Joca Mattoso, naquella mesma noite em que fugira Mathilde, conservara-se acordado, passeando, nervoso, o olhar inquieto, pelas paredes do quarto. A's vezes, como impellido por uma força extranha, superior a si mesmo, agrilhoando-lhe a vontade impotente e inerme, sorria, embevecido, na contemplação da imagem ideal que creara; outras, como si lhe regesse o espirito a lei do pendulo, exigindo que, á cada oscillação, corresponda immediatamente uma outra em sentido contrario, movido pela fascinação d'aquella mesma imagem, eil-o, agora, debordando appetites sensuaes, a estralejar os dentes, a phosphorejar os olhos, sob a obsessão canalha que se lhe transfiltrara em erotismo.

E a *besta* rugia-lhe então nas carnes, mordendo-lhe o corpo, chupando-lhe o sangue. Na consciencia d'aquelle estado, na enervancia d'aquelle delirio, amortalhado no camisolão branco que lhe escorria até aos pés, já antegosava a animalidade sobreexcitada enroscando a hera da lascivia no corpo nú da Mathilde perfeita.

Eram duas horas. Silencio absoluto.

A pouco e pouco, como somnambulo, se ergueu do leito.

Bamboleavam-lhe as pernas; a lingua aspera e secca grudara-se-lhe á bocca. A visão perseguia-o ainda. Seguiu-a. Viu-se, de repente, no terraço. Ao longo da parede, na terceira janella, (como de costume aberta) era o quarto d'ella.

Receiando que, o mais leve ruido pudesse despertar alguem, resolvera esgueirar-se até lá, pelo lado de fóra, servindo-se, para isso, da faixa saliente de tijolo, da largura de um palmo, que emmoldurava o casarão em derredor.

E, assim, na noite profunda, deslisou, devagarinho, collado á parede, o phantasma do seu vulto. Dir-se-ia uma alma d'além tumulo, peregrinando, pelo mundo o mysterio insondavel da noite eternal!

Repentinamente porém, em meio do arriscado percurso, fendendo-se a argamassa de cimento, fugiu-lhe, sob os pés, o tijolo, e, com um baque surdo, tombou de bruços, pesadamente, da altura de seis metros, sobre a ponta de um moirão aguçada como chuço, que se lhe enterrou pelo ventre a dentro até ás costas.

O desgraçado deu um gemido rouco, estrebuchando.

O pau, á cuja extremidade se balouçava o corpo, tinha, logo abaixo do rombo que lhe puzera á mostra os intestinos, um grande nó de embira, impedindo-o, assim, de escorregar, atravessado, até ao chão.

E ali ficou o cadaver, horrivel, os olhos saltando das orbitas, o rosto livido coberto pelo sangue que escorria pela arcada do peito, empastando-lhe o cabello.

De vez em vez, como que acenando um adeus, agitava-se, na treva, o camisolão phantastico, e, no negror apavorante da noite, era qual estranho passaro de lenda a voar, a voar...

Ali ficara Joca, naquella postura dolorosa e ao mesmo tempo ridicula e indecente, oscillando como uma balança cujas conchas pesavam: de um lado— miragens fementidas do mundo traiçoeiro;— do outro, paixões febricitantes do gôso perverso, aferidas, todos, pela santa redempção da Justiça de Deus!

Ali ficaria, talvez, decomposto e hediondo, bonacheirão e caricato Judas, até que raiasse a luz da alvorada, serena e doce, como Alleluia do céo...

Rio—1904.

CYRO COSTA.

FILTROS MALLIÉ

(SYSTEMA PASTEUR)

Esterilisação *absoluta* pela porcelana de amianto

Superiores a todos os outros até hoje conhecidos



A maior facilidade para installação *** e limpeza! Simplicidade *** e elegancia! Numerosos premios *** em todas as exposições ***

UNICOS AGENTES PARA

* * * todo o Brazil: * * *

A. ABREU & C.IA

102, Rua da Quitanda, 102

(Sobrado).

RIO DE JANEIRO

Catalogos e prospectos á disposição do publico.

PHOTOGRAPHIA

Bastos Dias

52 - RUA GONÇALVES DIAS - 52

Deposito de material photographico

Laboratorio á disposição dos Srs. Amadores.

CATALOGO GRATIS

Especialidades em augmentos de platinotipia e gelatina bromure.

SONETOS BRASILEIROS

COLLECTANEA ORGANIZADA POR

LAUDELINO FREIRE

Contendo 360 autores e 218 retratos

Livro originalissimo e unico no genero

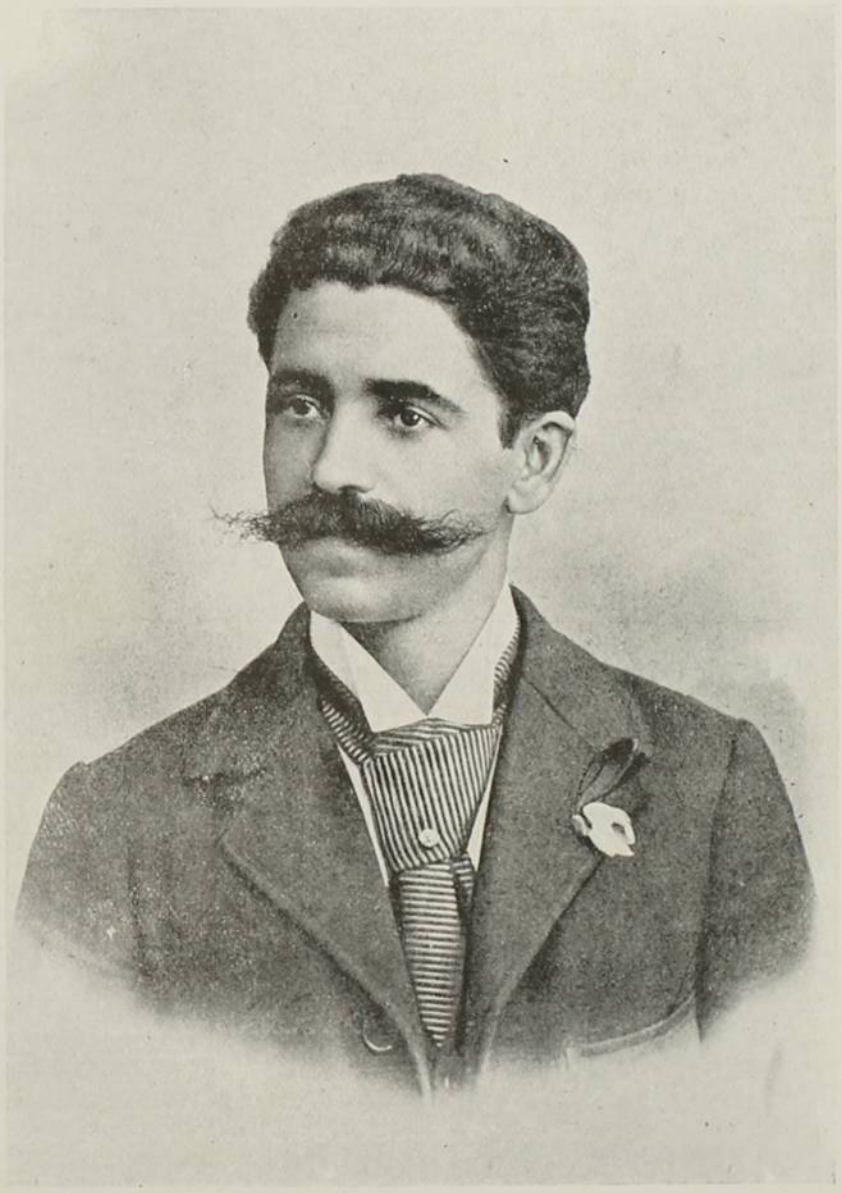
* * * * * * RETRATOS RARISSIMOS * * * * * *

Á VENDA POR 5$000

NA

38 - RUA DA QUITANDA - 38

M. Orosco & Comp.



* * * SOU O GARCIA, O GRAVADOR DO KÓSMOS, * * *

TODAS AS GRAVURAS SÃO FEITAS POR MIM. CONHEÇO

* * * * * * * TODOS OS PROCESSOS, * * * * * * *

È, POREM MINHA ESPECIALIDADE A PHOTOGRAVURA.



Empreza Maritima Brazileira

32—RUA DA ALFANDEGA—32

(2.º ANDAR)

* * * Endereço Telegraphico — ZAMARA * * *

Proprietaria do maior Vapor que navega com a Bandeira Brazileira

SÃO LUIZ

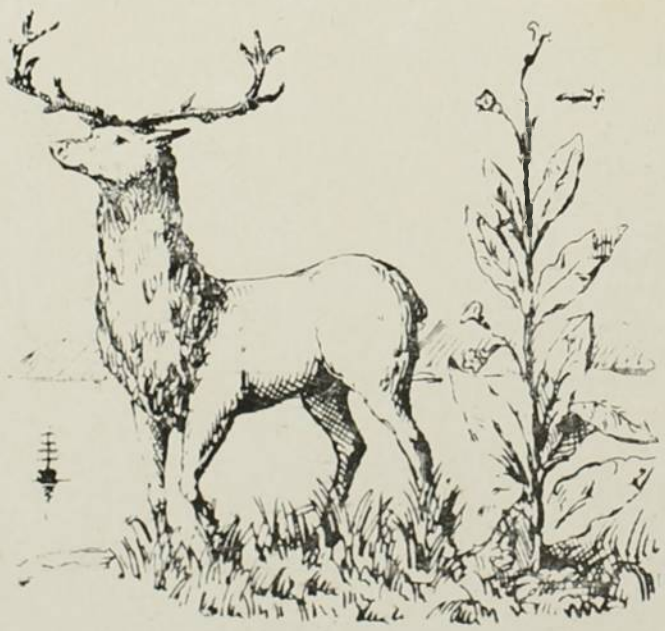
de 5000 toneladas de carga, navegação para os portos do Norte, do Sul e Rio da Prata.

GRANDE MANUFACTURA

DE

FUMOS E CIGARROS

MARCA VEADO



IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

DE TODOS OS ARTIGOS PRECISOS PARA

Fabricas ou Depositos de Fumos e Cigarros

Unicos Proprietarios dos Papeis para Cigarros

LAURITA E CODDOR

CARLOS ALBERTO & FILHOS

Photographos

PROVISORIAMENTE

102 - Rua do Ouvidor - 102

RIO DE JANEIRO

Augusto Niklaus & C.

DEPOSITARIOS DAS TINTAS DE IMPRESSÃO DE

Berger & Wirth

54 - RUA DA QUITANDA - 54

RIO DE JANEIRO

Anno I N. 7 JULHO-1904 Rs. 2$000

KOSMOS

SUMMARIO

Chronica	*Gil.*
Exposição de S. Luiz	*C. de Mar e Guerra J. Carlos de Carvalho.*
O assassinato medico	*Dr. Adolpho Possolo.*
Vida Literaria	*J. Verissimo.*
Typos da Roça (Seu Major)	*Azevedo Junior.*
Nossos concursos	
Noite de insomnia (soneto)	*Emilio de Menezes.*
Penna de Pato	*Valdomiro Silveira.*
Os trinta cofres de Malim-Tsou	*Alcides Flavio.*
O Museu Nacional	*Dr. Domingos Sergio de Carvalho.*
A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré	*Dr. Alfredo Lisbôa.*
Theatros	*Arthur Azevedo.*
Os aquarellistas	*Gonzaga Duque.*

A Equitativa

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida

TERRESTRES E MARITIMOS

Sinistros Pagos:

Rs. 2.500:000$000

Reservas e Fundos de Garantia:

Rs. 4.000:000$000

A UNICA dentre as Companhias de seguros terrestres e maritimos quer nacionaes, quer estrangeiras, que não se submetteu ás imposições do inconstitucional decreto n.º 4.270, de 10 de dezembro de 1901.

A UNICA dentre as companhias de seguros terrestres e maritimos que, apezar da imposição do governo federal, não cessou de effectuar suas operações de seguro á plena luz do dia conscia de seus direitos.

A UNICA dentre as companhias de seguros terrestres e maritimos que manteve illeso o principio de direito e justiça garantido pela Constituição da Republica.

A UNICA dentre as companhias de seguros terrestres e maritimos que, reagindo contra a prepotencia e o arbitrio, intentou acção de nullidade contra o inconstitucional decreto n.º 4270 de 10 dezembro de 1901, e venceu. (Decreto n.º 5232 de 4 de Junho de 1904).

A UNICA que ciosa dos brios nacionaes e sem olhar sacrificios soube defender os interesses de seus segurados obtendo afinal completo triumpho do seu direito, reconhecido pelos poderes Judiciario, Legislativo e Executivo.

A UNICA sociedade de seguros que opera quer em seguros de vida, quer em seguros terrestres e maritimos.

A UNICA sociedade de seguros de vida que sorteia SEMESTRALMENTE suas apolices EM DINHEIRO sem, affectar o contracto do seguro.

Prospectos e informações em sua séde

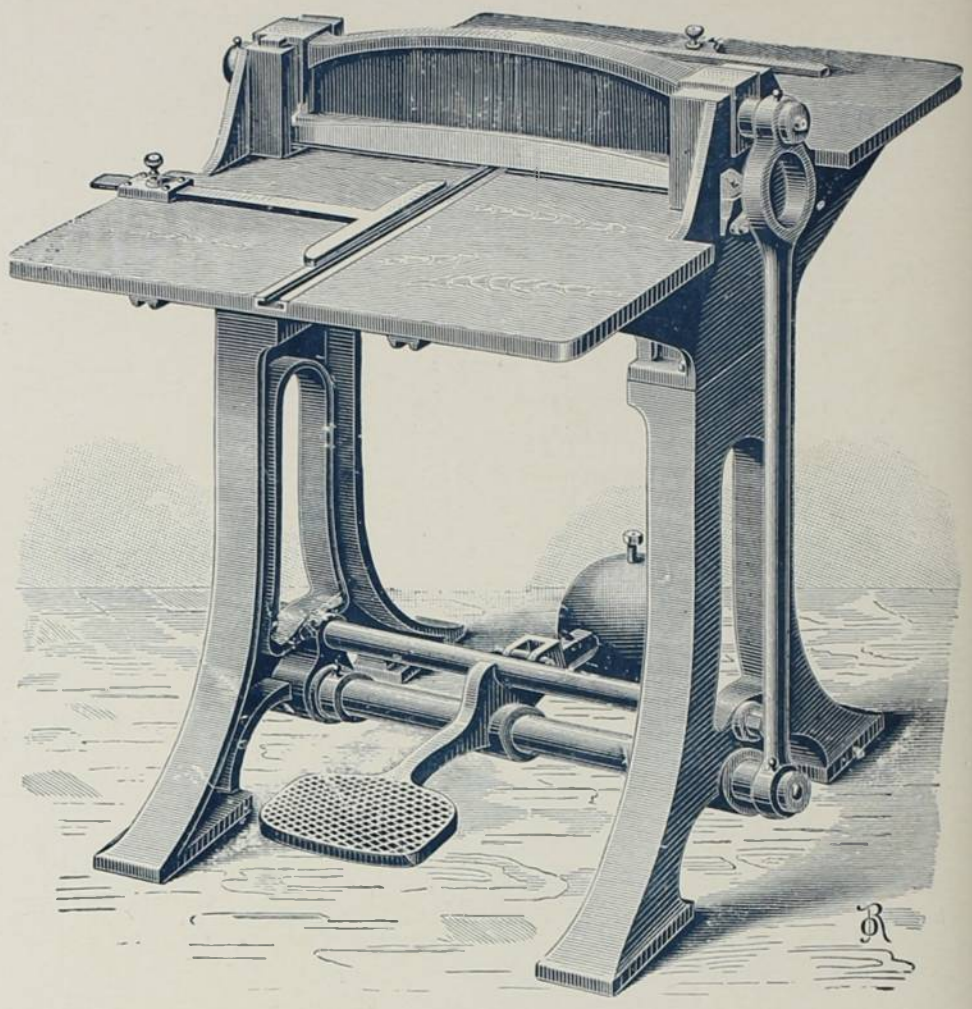
7 - RUA DA CANDELARIA - 7

RIO DE JANEIRO

E em suas succursaes e agencias em todos os Estados da União

ARTES GRAPHICAS

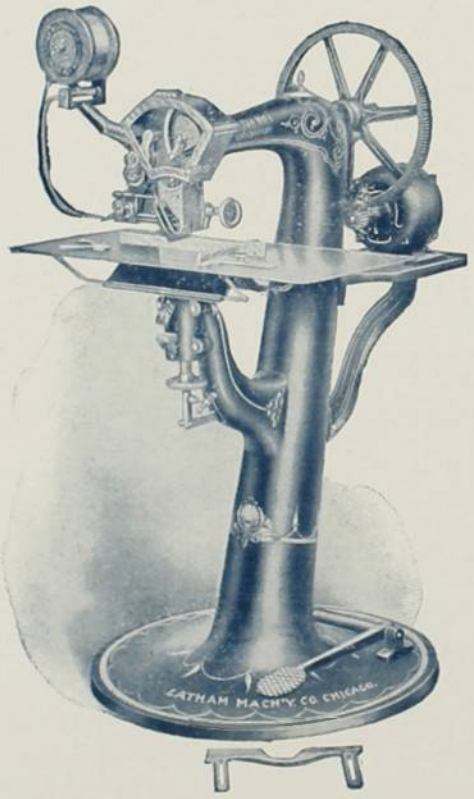
Caixa do Correio 994 — Telephone N. 1106



TEMOS SEMPRE EM DEPOSITO:

Tintas Typographicas, Lithographicas,
Vernizes, Grande Variedade de Typos,
Massa para Rolos, Arames para Cozer,
Zinco, Cobre e Madeira para Gravuras.

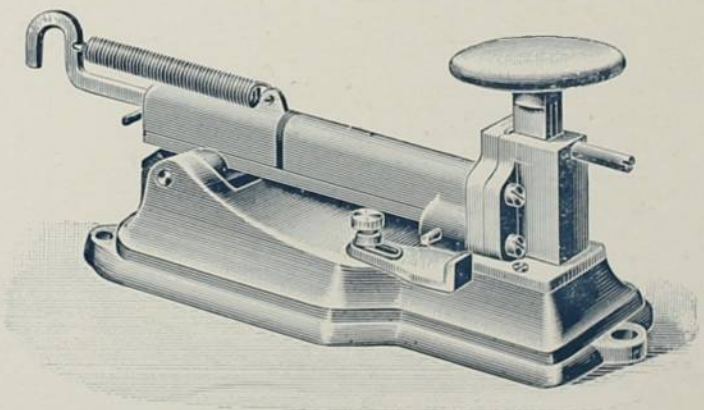
UTENSILLOS PARA COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO



MATERIAL PARA STEREOTEPIA

MACHINAS

PARA IMPRESSÃO ETC.



Augusto Niklaus & C.

RUA DA QUITANDA N. 54 — RIO DE JANEIRO

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director
MARIO BEHRING

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . . 20$000 EXTERIOR. . . . . 22$000
NUMERO AVULSO. . . . . 2$000

Editor-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ANNO 1 | JULHO 1904 | N. 7

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

Só receberemos assignaturas, d'ora em diante, para o 2º semestre do corrente anno.

Interior Rs. 11$000 Exterior Rs. 12$000

A importancia das assignaturas e toda correspondencia commercial devem ser remettidas a J. Schmidt, caixa postal, n. 1085—Rio de Janeiro.

KÓSMOS encontra-se á venda nas seguintes livrarias:

Capital Federal—Laemmert & C.ª, Garnier, Alves & C.ª, A. Moura, Briguiet & C.ª, S. Gradim.
S. Paulo—Casa Garraux, Laemmert & C.ª
Santos—Magalhães & C.ª, Bazar Paris.
Campinas—Casa Livro Azul.
Mogy-Mirim—Casa Cardona.
Bello Horizonte—A. Joviano & C.ª
Ouro Preto—Castro & Costa.
Uberaba—Leschaud & C.ª
S. João d'El Rey—Armando B. Cunha.
Juiz de Fóra—Feliciano da Silveira Bulcão
Bahia—Livraria Dous Mundos
Victoria (E. Santo)—Nelson Costa & C.ª
Fortaleza (Ceará)—Libro-Papelaria Bivar.
S. Luiz (Maranhão)—Luiz Magalhães & C.ª
Belém (Pará)—J. B. dos Santos.
Manáos (Amazonas)—Lino Aguiar & C.ª
Natal (Rio Grande do Norte)—Renaud & C.ª
Florianopolis (Santa Catharina)—Paschoal Simone.
Pelotas (R. G. do Sul)—Pintos & C.ª, —Francisco Meira, Echenique Irmão & C.ª
Rio Grande » —Pintos & C.ª—Echenique Irmão & C.ª
Porto Alegre » —Pintos & C.ª »
Parahyba (Parahyba)—Antonio Penna & C.ª
Coritiba (Paraná)—Annibal Rocha & C.ª

São nossos agentes:—Em Santos—Snr. Antenor da Rocha Leite. Em Campinas—Snr. A. B. de Castro Mendes Em Mogy-Mirim—Snr. Francisco Cardona. Em S. José do Rio Pardo, Mocóca e Casa Branca—Snr. Dr. Francisco Escobar. Em Jahú—Snr. Major Alfredo Augusto Leitão. Rio Claro—Snr. João Pires de Oliveira Dias. S. Carlos de Pinhal—Snr. Carlos de Carvalho. Cataguazes—Snr. Julio Guimarães. Sul de Minas—Snr. Urbano Rabello. Petropolis—J. R. Escragnolle. Taubaté—Snr. Braz Curtu.

São nossos representantes:—Estado de S. Paulo—Snr. Antonio Ferreira Neves Junior. Estado do Paraná.—Snr. Dario Velloso. Estado de Pernambuco—Snr. Carlos Burle. Estado do Pará—Snr. Fernando de Figueiredo Motta. Estado do Maranhão—Snr. Antonio Gonçalves Moreira Nina. Estado do Amazonas—Coronel Domingos Andrade. Estado da Bahia—Snr. Viceute Ferreira Lins do Amaral.

Attendendo aos multiplos e constantes pedidos que nos tem sido dirigidos de varios pontos do paiz, resolvemos fazer uma nova edição do 1.º numero de Kósmos, relativo ao mez de Janeiro, devendo ficar prompta no decorrer do proximo mez de Agosto.

Desde já acceitaremos as encommendas que forem acompanhadas do seu custo — em vale postal ou ordem —

Preço . . . 5$000



ILHA D'AGUA - RIO DE JANEIRO

CHRONICA

Foi de certo um sonhador o que arremessou ao espaço o primeiro balão de fogo. Esse fino arcabouço, cheio de ar e de chamma, que se aventura para o azul, atravez de correntes inquietas, oscillando e fremindo a cada sopro, mas subindo e flammejando sempre, palpitante na atrevida fragilidade, orgulhoso na clara irradiação, é a corporisação do Sonho... Atirou-o para o alto a aspiração de romper um momento, ao menos, a fatalidade que ligou o homem á planura da terra, o anhelo de elevar acima do ultimo remigio da aza um farrapo de ideia e vontade humanas, de incorporar ao fulgor do firmamento um pouco da labareda que crepita cá em baixo!

O mysticismo popular prendeu o globo de fogo aventureiro á lithurgia da multidão, pol-o ao serviço da sua doce e vaga religiosidade, fel-o a expressão ardente do culto dos thaumaturgos tradicionaes. Elle possuia a flamma da fé, o surto ascencional da oração e no bojo luminoso, palpitante e fragil resumia todo esse amplo e ancioso querer, aquecido pelo amor e pela crença, que sobe, cheio de claridade e receio, para o céu, nas noites consagradas pela tradição: e o balão se elevou como forma viva da crença irradiante, do sonho apaixonado, da ancia desejosa...

Nessas noites de perturbadora magia em que os ritos populares glorificam os santos padroeiros com a festa do fogo e da luz, o balão domina, se erige, ascende, brilha no ether, enxameia no espaço, confunde-se com a poeira scintillante das constellações, e já da terra se nos afigura tambem, pobre astro de papel inflammado! uma pequena estrella a fulgir! Já se não distingue bem, junto ás espheras vermelhas, o que é clarão da labareda que sobe e rubor da estrella que se libra... Mas uma chamma se estende de subito lá em cima, alarga-se, agita-se batida pelo vento, amplia-se de novo, e uma das estrellas desaba, riscando sanguineamente o ar...

O sonho terminou a ascenção ás estrellas, o balão abateu: trapo, chamma, sopro desfeitos, nada mais.

Ai! quantos sonhos subiram e brilharam assim! quantos desenganos cahiram como aquelle, consumidos na propria labareda que os impellira para o alto!

Junho, o mez dos balões de fogo, foi-nos o mez das desillusões; e emquanto as noites enchiam o espaço de pontos vermelhos, astros movediços, estrellas erradias que apenas viviam o fulgor de um minuto, os dias nos encheram a alma e os olhos do tumultuar incendiado de illusões e esperanças que brilhavam como astros e já se consumiam como

farrapos em fogo, num entrecruzar dolorosamente fantastico de surtos e de quedas, de sonhos e de mystificações... Que formoso e illuminado balão que foi esse sonho arbitral! A ancia de subir acima da chateza humana, de romper, um momento, ao menos, o elo que nos chumbou á ferocidade e ao egoismo, de converter o interesse em justiça, a cupidez em fraternidade, a labareda em constellação, fez-nos atirar para a serena região do sonho e das estrellas essa luminosa e fragil utopia... E ella subiu uma vez, erigiu-se gloriosamente no praino irradiante, por tempo que a nós nos parecia a eternidade, confundiu-se por instantes com os outros globos de fogo que o bom Deus andou a semear pela noite! Mas de repente o trapo incendiou-se, o fulgor transfundiu-se em cinza, o sonho abateu...

O laudo das Guyanas era para nós a prova decisiva da generosa aspiração que o Brazil proclamara como dogma fundamental da sua nacionalidade. As duas provas das Missões e do Amapá, si tinham sido brilhantes, não eram decisivas; as condições do pleito, a situação especial dos arbitros, a ausencia de qualquer interesse ou ligação em um caso, a intangivel insuspeição do juiz e outro — essa inquebrantavel legenda de rigidez e pureza que reveste ainda hoje a pequena Suissa e que lhe dá a feição, em meio do tumultuoso egoismo continental, de um breve e bello conto moral, enxertado por engano do grampador em um livro macabro de luxuria e de sangue — tudo isso emprestava á causa uma confiança que excluia a experimentação da arbitragem em si. O que fazia a prova do principio — a estabilidade da sentença, a certeza da imparcialidade do julgador — não esteve em jogo naquelle momento. Era um litigio sem outro sobresalto que não o que desperta a luta entre dois contendores possantes, em uma causa que nos repercute no coração: o talento, a cultura e a dedicação poderosas de Rio Branco não tiveram diante de si a duvida do arbitro; o valor do eminente advogado do Brazil exalçou-se o bastante reduzindo sómente a habilidade do adversario.

A prova de resistencia, teve-a agora o Arbitramento. A contingencia da successão dos arbitros, a necessidade de bater a portas differentes, pedindo a outrem, por amor da justiça, a mercê de uma sentença, nos levaram ao juiz de agora. A Suissa não se prolongava por toda a terra e a fé no sentenciador tinha de ser partilhada pela fé que elle inspirava ao contrario: a serenidade da arbitragem caracterisava-se pela confiança divergente nos arbitros... Como faz o povo com os medicos, cada qual só tinha fé na justiça do seu. E andámos a peregrinar de escolha em escolha, até que foi combinado — ainda entreolhando-se os antagonistas por sorprender no outro um traço fugidio de alegria suspeita — quem faria decisivamente de Salomão...

E de Salomão, ai! de nós! foi a sentença! julgamento de Salomão inexoravel e de olhos obliquos, que fere e retalha de verdade, a espiar no gesto da progenitora falsa si a espada vae bem no ponto desejado... Todo o extraordinario trabalho de Joaquim Nabuco, o brilho inconfundivel da defesa que do liso direito do Brazil fez o glorioso campeão

da liberdade dos escravos, não tiveram o poder que teve no julgador lendario uma exclamação sincera: o arbitro não achou bastante convencedoras as allegações de nenhum e partiu ao meio a contenda—e as nossas terras, deixando á expansão britannica a faixa maior, a faixa ampla sobre os rios cubiçados, sobre cujas aguas agora alonga o leopardo sinuoso os olhos de ouro, perquirindo o modo de descer para o Amazonas...

O que havia de fundamental na prova da arbitragem era saber até onde o ideal se humanisava na pratica, o quanto a justiça do sonho se encarnava na lisura dos homens: e nós fizemos, a nossa custa, essa rude e dolorosa experiencia. A arbitragem continua a ser uma bella e generosa aspiração, eis tudo. O claro ideal que já suppunhamos incorporado ás estrellas, ardeu na propria chamma e cahiu, brilhando ainda, como os balões da noite de S. Pedro; e, como estes, teve a saudar-lhe alvoroçadamente a queda, a modo de gyrandolas, as manifestações da esquadra ingleza nas aguas do Adriatico e, para que lhe não faltasse nada, o assobio officioso e faceto do Sr. Orville Derby...

Foi esse o balão unico que se despenhou?... Não é bem uma illusão desfeita, um ideal tombado, o debate, que se prolonga e complica, sobre o monumento ao marechal Floriano?...

Essa vigorosa figura de lutador, que encheu todo um periodo de vida nacional, teve inimigos acirrados e dedicações extremas, foi combatido e deu combate, affirmou principios e contrariou interesses; mas em toda a phase de luta, como nos tempos exacerbados que se lhe seguiram, nunca houve alguem, amigo ou antagonista, apaixonado ou justo, que não soubesse o que ella foi e o logar que teve em dado momento historico do seu paiz. Encarnava um facto e os que combatiam este, combatiam o homem; não se enganavam, porem, os que batalharam contra o marechal Floriano e os que lhe fizeram em torno a resistencia, sobre a ideia que o rigido soldado corporificou.

E eis que, passando os annos, desfeita a crosta aspera com que os dias rudes lhe desfiguravam o vulto, attenuados, pela approximação dos combatentes da vespera, os desvios de visão e de analyse, vêm, os que mais de perto o cercaram, affirmar, em brusca controversia, que ainda não sabem o que foi essa inilludivel figura, que desconhecem o momento em que surgiu e a acção que exerceu, tanto vale o desconhecer a forma exacta por que hão de eternisal-a na estatua.

E já dos ardentes discipulos do soldado-estadista — por cuja gloria desfilaram, annos seguidos, prestitos dominadores de multidão e de pompa — não falta quem ache aggressiva a symbolisação do facto que lhe deu razão de ser á affirmação historica e lh'a daria amanhã ao bronze commemorativo.

E' uma illusão que se desloca, um balão que desce devagar! Fulge ainda intensamente no espaço, libra no alto ainda o amplo bojo radioso, mas sente-se que deixou de subir, porque se desprendem os balõesinhos que lhe foram atados e que descem, revoluteando, quando a ascenção terminou.

Felizmente nem todas as quedas impressionam do mesmo modo: no sonho, como no individuo, ha o grotesco. E a historia dos famosos andarilhos que iam a S. Luiz a pé, com escala pela ingenuidade dos faceis de enthusiasmo e de bolsa, foi a nota comica dos desenganos de Junho.

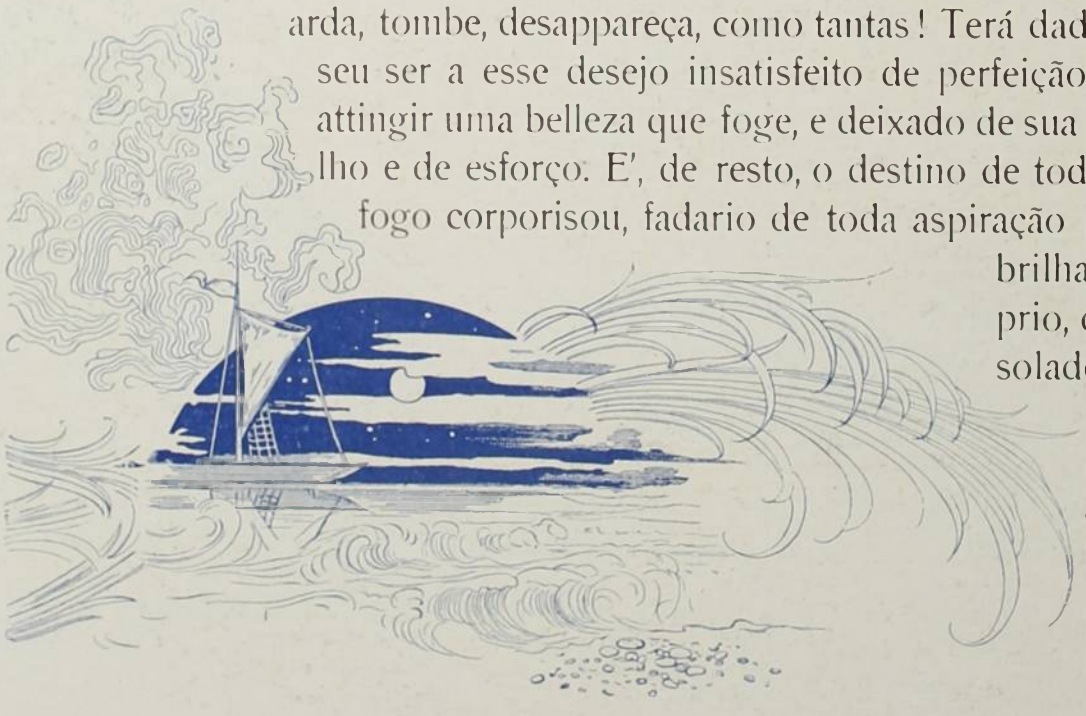
Os bravos caminheiros não se deram ao trabalho de ir mais longe, de buscar um ponto onde pudessem desapparecer fora de olhos indiscretos, dando á mystificação da jornada heroica o prestigio do desapparecimento mysterioso: alli mesmo, a dois passos, em Uberaba, puzeram termo á jornada — e á comedia, fazendo culpado disso, como forasteiros que se prezam, um delegado de policia que entendeu que as lutas romanas não faziam parte do programma da Exposição, nem da caminhada... Puzeram termo e voltaram atraz, protestando contra a autoridade que lhes prohibiu a exhibição theatral; mas não voltou o cobre ás algibeiras despojadas, nem protestaram as simples e envergonhadas victimas do logro...

Foi um balão furado, nada mais. Mas esse não foi alto nem se despenhou das estrellas; cabeceou garotamente contra o primeiro beiral de telhado e despencou, desarvorado, na rua. A desillusão só foi dolorosa pelo ridiculo, para os que dão ainda dinheiro para que alheios andem a pé e caem ainda em contos do vigario...

Mas nem tudo foi desengano em Junho, graças a Deus! Ha sempre para cada sonho que fracassa um outro que se eleva; ao balão que arde e desapparece succede o balão que ascende serena e ousadamente, até arder no fogo que o exalçou e ser, por sua vez, substituido por outra chamma ascendente; e nunca se despovôa a vida de aspirações e de desejos, como se não despovoaram do enxame de fogo, nessas noites que passaram, a curva colmeia do firmamento...

Será vituperio fallar de *Kósmos*? Acredito que não; não ha louvor proprio onde apenas se registra uma alegre esperança... *Kósmos* entrou no setimo mez, e, ao que me parece, não tem, mais do que nunca, disposição de morrer. O sonho de janeiro faz a sua ascenção, sem quedas e sem sobresaltos: na serie de desenganos ha, em todo caso, entre outras, esta aspiração que flammeja e que sobe, para onde sobem todas as aspirações.

Dia virá, quem sabe? que esta fragil construcção de papel, cheia de sopro e chamma, arda, tombe, desappareça, como tantas! Terá dado, porem, uma parte do seu ser a esse desejo insatisfeito de perfeição, ao anhelo universal de attingir uma belleza que foge, e deixado de sua queda um traço de trabalho e de esforço. E', de resto, o destino de todo sonho, que o balão de fogo corporisou, fadario de toda aspiração para o alto: arder, subir, brilhar, queimar-se em si proprio, desapparecer, com a consoladora illusão de que levou ao clarão do firmamento um farrapo de labareda da terra e, que por breve instante, ao menos, se confundiu com as estrellas...



GIL.



SILVESTRE - RIO DE JANEIRO

EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ

II



ENTRADA DO SALÃO PRINCIPAL DO PAVILHÃO DO BRAZIL

No dia 24 de Maio foi officialmente inaugurado o pavilhão do Brasil na Exposição de S. Luiz, revestindo-se o acto da maior solemnidade.

O edificio, profusamente adornado, abriu as suas portas a tudo quanto de bom e distincto se acha actualmente na cidade americana. Todos se assombravam diante dos primores da construcção interna do nosso pavilhão, trocando exclamações enthusiasticas ante o apuro e bom gosto das ornamentações e alfaias.

No centro do salão superior, de que damos uma gravura, ostentava-se a estatua que representa a *Festa*, no meio de uma ottomana de forma octogonal, forrada de marroquim verde-escuro.

Esta admiravel estatua foi feita de um bloco de marmore de Carrara pelo insigne escultor R. Bartoletti, sendo um dos maiores primores artisticos da actual exposição.

Representa uma perfeitissima mulher, tamanho natural, quasi nua, iniciando, graciosa e leve, os passos de um bailado. Levanta com a mão direita uma taça, e na esquerda empunha o saltitante pandeiro, que faz soar na curva primorosa da coxa.

A cabeça inclina-se ligeiramente para a esquerda; os cabellos presos ao alto, deixam admirar as linhas puras do pe-coço e da espadua. O olhar voluptuoso e doce, côa-se por entre as palpebras semi-cerradas, como que a apagar-lhes o fogo.

O grande salão é inteiramente forrado com um tapete de côr verde, (côr que reveste tambem suavemente os seus florões) e illuminado suavemente pela luz coada atravez de vidros de côres da claraboia.

sentada por todos os Estados do Brazil productores e exportadores desse producto; do outro lado e no respectivo torreão, o botequim, a grande mesa da ceia e o serviço volante, servido em pequenas mezas espalhadas por toda parte.

No dia da inauguração foram servidos aos convidados café de S. Paulo com assucar de Pernambuco, e charutos do Rio Grande e Bahia.

Com as ultimas remessas de productos brasileiros,



SALÃO PRINCIPAL DO PAVILHÃO DO BRAZIL

Flores em quantidade, rosas em festões, as primeiras rosas da primavera, alegram a vista dos visitantes.

Annexas ao salão das recepções ha duas dependencias que attrahem geralmente a attenção — o gabinete de *toilette* das senhoras e o gabinete dos commissarios, ambos bellamente ornados, aquelle com garridice e graça, este com sobria severidade, unindo á distincção a elegancia.

No primeiro pavimento e no vestibulo foram installados: de um lado a exposição especial de café, reprehouve necessidade de grandes modificações na arrumação das differentes secções, de modo que só em meiados deste mez se poderá considerar definitiva a installação.

A secção de caça, pesca e florestas continúa a occupar a attenção publica, sobre ella se manifestando constantemente quer as folhas diarias, quer as publicações periodicas e revistas especiaes.

The Globe Democrat, na chronica da Exposição, sob a epigraphe: *O Brazil expõe madeiras*, diz:

«O Brazil faz uma notavel exposição de madeiras no palacio de Florestas, Pesca e Caça.

Contém ella cêrca de 1.000 variedades de madeiras daquelle paiz, todas catalogadas e bem preparadas, as quaes mais tarde serão dadas ás universidades americanas.

A luxuriante bacia do rio Amazonas está representada pelas *Chinconeas*, *Amonaccas*, *Bombaceas*, *Meliaceas* e muitas outras plantas de valor medicinal e industrial; as regiões central e meridional do paiz por bellos cedros de todas as côres e portes. Os Estados de Santa Catharina, Paraná e Rio Grande do Sul, além da madeira, estão representados por admiraveis tampos de mesas, executados em artisticos mosaicos.

Grandes collecções botanicas e uma enorme quantidade de cascas, raizes e folhas usadas para fins industriaes e medicinaes completam a collecção brazileira.»

Por sua vez *The St. Louis Star*, de hontem, fazendo a critica da exposição na parte relativa ao departamento de Florestas, Pesca e Caça, diz:

«As maiores florestas do mundo são as do Brazil.

O Brazil fez uma notavel exposição de madeiras no Palacio de Florestas, Pesca e Caça.

Como nos informou o Commodoro José Carlos de Carvalho, Commissario brazileiro incumbido deste departamento, muitas das colleções expostas finda a exposição, serão offerecidas ás universidades e museus americanos.

Agassiz, Humboldt, Saint-Hilaire e outros sabios já declaram que as florestas brazileiras são as maiores e as mais ricas do mundo. Esta asseveração está agora confirmada pelo que se vê no Palacio de Floresta, Pesca e Caça.

A luxuriante flóra do rio Amazonas, está representada pelas Chinconeas, Bombaceas, Amonaceas e muitos arbustos de grande valor medicinal; as regiões do centro do paiz e do sul, por lindos cedros, pinheiros e imbuyas de diversas côres; o Rio Grande do Sul e Santa Catharina ainda apresentam algumas bonitas mesas de mozaicos artisticos.



CENTRO DO SALÃO PRINCIPAL DO PAVILHÃO DO BRAZIL

Grandes colleções botanicas dos Estados de Minas Geraes e do Rio Grande do Sul e uma enorme quantidade de cascas, raizes, favas e plantas usadas na industria do cortume e tinturaria e na medicina completam as ricas colleções do Brazil.»

E, de facto, pela primeira vez o Brazil em uma exposição universal mostra, convenientemente preparada, a sua

riqueza florestal, embora já na exposição de Vienna tivesse exposto um collosal pinheiro do Paraná.

Aqui foi tudo apresentado com brutalidade e abundancia, o que permittio attrahir desde logo a attenção dos entendidos e dos industriaes e até mesmo a admiração dos visitantes indifferentes a este genero de exhibições.

No centro da secção brazileira levanta-se uma columna de seis metros de altura composta de uma tora de imbuya de 2m,40 de diametro, 0,50 de altura e faceada e oolida em varios logares para mostrar a belleza do cerne e o colorido da madeira; sobre esta tora levanta-se uma outra de pinho branco de 2m,20 de diametro e 1m,60 de alto, que por sua vez sustenta uma tora de cedro rosado do Rio Grande de 1m,50 de diametro e 0m,30 de altura. Nesta outra apoia-se então o resto da columna, formado de pedaços de madeiras e outras de diversas qualidades cortados em fórma de cubos de 0m,30, tendo uma das faces toscas, aplainadas e envernizadas, de modo a dar differentes impressões do lenho. E' tudo encimado por um lindo nó de pinho das Missões rio-grandenses, da collecção Azambuja.

Toda essa columna assenta sobre um throno de madeira forrado de damasco rubi e guarnecido de uma *grega* feita de pedacinhos de madeira da rica collecção do Estado de Alagôas.

Nas quatro faces do throno sobre tres degráos, foram collocados vinte e quatro frascos grandes com cascas, folhas e raizes moidas usadas nos Estados do Sul para curtir couros. Ornamentando a face principal da columna está o quadro representando as armas da Republica, feito no Arsenal de Marinha do Pará com 102 qualidades de madeiras differentes do valle do Amazonas.



ANTE-SALA DO GABINETE DAS SENHORAS

Pranchas de raizes de peroba, imbuya, cedro e vinhatico envernizadas, deixando ver a exquisita belleza do desenho das madeiras, completam, em fórma de grandes escudos, a decoração do monumento representando o Brazil florestal.

Nos quatro cantos da área da secção brazileira, representando os Estados que concorreram á exposição, levantam-se outros tantos grupos de amostras de madeiras, apoiados sobre toras de cedro, pinho e imbuya trazidos do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catharina, alem de outros grupos menores formados pelas amostras remettidas de Minas Geraes, Matto Grosso e Pará.

Em quatro grandes vitrinas octogonaes e seis em fórma de estantes, com 36 folhas cada uma, estão collocados os objectos de pesca remettidos pela Intendencia Municipal do Rio de Janeiro e Capitania do Porto de Paranaguá, as ricas collecções de passaros e peixes da Sra. Jacobs e Carlos Ritter, de Pelotas; os herbarios da Escola de Minas de Ouro Preto e da região sertaneja do Rio Grande do Sul, do Dr. João Dutra, de S. Leopoldo.

A armação que guarnece a área da secção brazileira foi toda feita de páo tosco, obedecendo ás linhas capri-

St. Louis Daily Globe Democrat publica o seguinte artigo em sua edição de 24 de Maio:

«O edificio do Brazil, que vae ser hoje inaugurado, é um dos mais bellos da Exposição e tambem do mundo. Bastaria que as mesmas idéas seguidas no projecto e na construcção desse edificio, quanto á ordem, proporções, harmonia e sobretudo apropriações, fossem tomadas como norma na vida de qualquer paiz para desenvol-



VISTA DO SALÃO PRINCIPAL DO PAVILHÃO DO BRAZIL

chosas e artisticamente combinadas da formação de um grande pavilhão descoberto.

Ricos e artisticos tampos de mesas de mosaicos de madeira, feitos no Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catharina, montados em fórma de escudos, guarnecem os intervallos dos imponentes grupos de madeiras de lei e taboado de grandes dimensões e largura, que indicam por sua vez a variedade de côres e a rigidez da contextura».

Ainda sobre o pavilhão brasileiro, e sob a rubrica: «O Brasil e os latino-americanos no seculo XX», o

vel-o, e tornal-o grande em tudo quanto o espirito do seu povo possa conceber e as mãos humanas executar.

Perante o mundo na Exposição que, aliás, deve ser visitada principalmente pelos que desconhecem o progresso de outros povos, a possibilidade e probabilidade daquelle desenvolvimento e grandeza se patenteiam em relação ao Brazil no seculo XX. Melhor diriamos para o Brazil e para todos os paizes da America-latina.

Si ainda alguem mantem illusões sobre a capacidade dos povos latinos da America, que lhes estude a historia no correr do seculo findo, afim de desvanecel-as. Mais facilmente, porém, em um só dia, percorrendo todos os de-

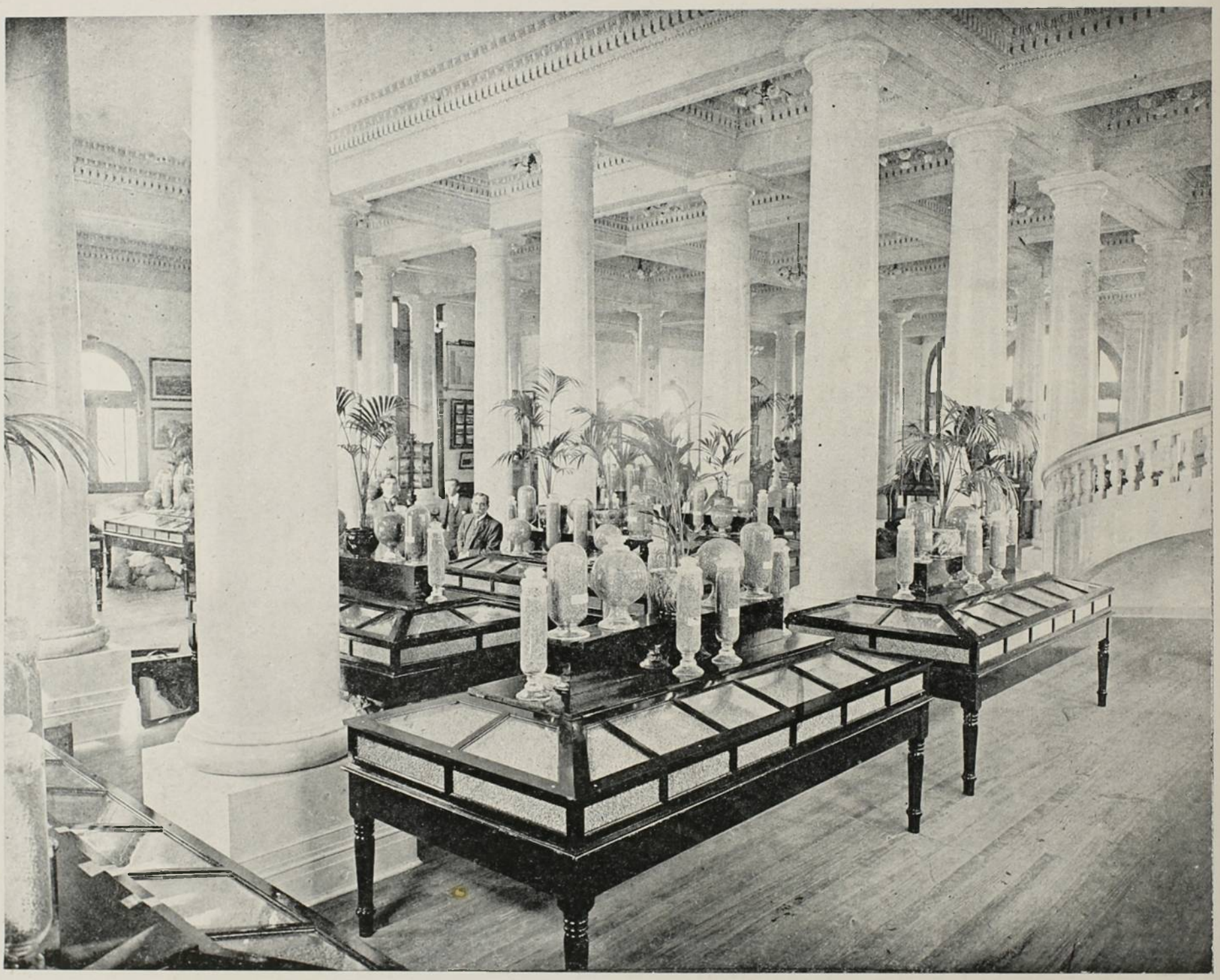
partamentos em que se representam em S. Luiz, adquirirá a convicção do quanto o seu espirito e o seu trabalho serão capazes de fazer na primeira metade deste seculo. Ali revelam-se inventores, mecanicos, artistas, esculptores, poetas, tão grandes como os que o mesmo seculo possa produzir. Quanto a estadistas e generaes nada expõem que permitta suppôr que os terão notaveis.

A historia do Brazil no seculo XIX já está escripta e póde ser estudada por quem quizer conhecer o seu estado de civilização.

cedeu talvez o de uma eleição primaria no Estado do Missouri ou a redemarcação da sêde de um municipio no Estado de Kansas.

Os que attentamente observaram os acontecimentos do seculo XIX viram na intercorrencia dos factos surgir os resultados com tanta rapidez e tão pequeno dispendio, que mal tiveram tempo de por elles se interessar devidamente.

Os brazileiros tambem se desvencilharam da escravidão de um modo muito semelhante. Sobre tal assumpto,



SALÃO NO PRIMEIRO PAVIMENTO DO PAVILHÃO DO BRAZIL

De seu estudo não poderá para nós resultar de qualquer modo ou por qualquer motivo, uma situação inferior; podemos mesmo tomar a propria historia da compra da Luiziana para termo de comparação com a do Brazil, durante o seculo que nos está ajudando a commemorar.

Nesse periodo levamos, pelas condições especiaes, notavel vantagem sobre o Brazil, não tendo que desembaraçar-nos de um throno. Na emergencia, porém, procedeu esse paiz de um modo definitivo, e tão rapida e pacificamente, que o custo em vidas e dinheiro não extretanto, melhor será calarmos até o terceiro quartel do seculo corrente.

Si a civilização é a arte de conseguir os meios precisos para a existencia e o progresso com o menor sacrificio possivel de vidas, tempo e energia, não devemos nos envergonhar dos resultados que alcançamos no começo do ultimo seculo em qualquer das margens do Mississipi.

Todavia, o preço de quasi todos os Estados á margem do mesmo rio é maior que o de todo o territorio ao longo do Amazonas, das nascentes á foz.

O que os brazileiros e outros latino-americanos fizeram antes do começo do seculo XIX não foi certamente se esforçarem para reduzir os seus indios á condição de «um interessante objecto de exposição anthropologica». As vidas poupadas no correr do seculo passado com a catechese dos indios, conforme mostram agora em S. Luiz, é facto tão importante, que não nos detemos em sua apreciação. O visitante que examinar o retrato do Presidente Benito Juarez, na secção mexicana, deve notar a sua côr, a proeminencia das maçãs do rosto, para depois então ir ver os curiosissimos e raros especimens que nós, americanos, apresentamos para estudo dos anthropologistas. A engrenagem sobre a qual se desenvolveram os latino-americanos no seculo XIX não foi por certo das mais aperfeiçoadas, mas funccionou de um modo incomprehensivel para nós, quando comparamos com os seus os nossos proprios resultados.

Destes factos não deve provir juizo menos favoravel a nós. Si disto não estivessemos intimamente convencidos, teriamos sido mais cautelosos e mais patriotas, não nos arriscando ao confronto da nossa civilização com a do Brazil e dos latino-americanos. Exactamente porque nos orgulhamos de nosso passado, apezar do que a respeito tenham dito ou ainda venham a dizer, estamos em condições de sentir tambem justo orgulho pelos nossos visinhos, especialmente o Brazil, o Mexico e outros paizes da America latina.

E' bem visivel para todos que queiram comprehendel-o, que o seculo XX lhes pertence por direito de nascença.

O ideal americano como surgio no primeiro anno do seculo XIX foi mantido nas duas Americas até o presente. Esse ideal tem hoje horizonte mais vasto do que podia ser então imaginado. O hemispherio americano ha de mostrar ao mundo no seculo actual que poderá attingir o apogeu da civilização, seja nos seus ideaes, seja nos resultados praticos.»

José Carlos de Carvalho.

Junho — 1904.

O ASSASSINATO MEDICO

É este o titulo dum livro escripto pelo Dr. Guermonprez, de Lille, a proposito d'uma discussão havida, em Outubro do anno passado, na *New-York Stade Medical Association*.

A essa sociedade foi apresentada por um de seus membros uma questão, encerrando materia verdadeiramente assombrosa para a classe medica.

Esse doutor novayorkino propoz que se désse ao medico o direito de abreviar os dias dos individuos tuberculosos em terceiro periodo, dos cancerosos cujo tumor reincidisse, dos paralyticos em consequencia de fractura da columna vertebral, emfim, de todos os individuos portadores de molestias incuraveis! E essa questão foi largamente discutida no seio dessa associação medica de New-York e approvada por trezentos de seus membros presentes!

Schocking!

E' digno de estudo e de meditação o assumpto, cuja gravidade nos obriga a analysal-o com muita attenção sob suas diversas faces, dando sobre elle a nossa opinião, não abalisada, é certo, mas desassombrada, pois é ponto sobre o qual a hesitação só póde traduzir covardia..

Vamos encaral-o, portanto, sob seus varios aspectos, isto é, pela hygiene, pela caridade, pela sciencia, pela moral medica e, finalmente, pela lei.

A — Ante a hygiene, o direito de supprimir este ou aquelle individuo irremediavelmente perdido, condemnado a soffrimento para os quaes a medicina ainda não conhece remedio efficaz, atacado por molestia que constitue, por sua transmissibilidade, um perigo para aquelles entre os quaes elle arrasta sua vida penosa, parece razoavel.

Sim! Si o individuo A. é um tuberculoso em terceiro periodo da molestia, vivendo no seio da familia, compromettendo pelo contagio a saude dos entes caros, pedindo muitas e muitas vezes, — já pelos soffrimentos que o acabrunham, já pelas despezas inuteis que elle sabe fazer a familia com prejuizo do futuro bem estar della, já emfim porque reconheça ser um perigo immediato para os seus, — que o matem, que lhe abreviem a cruel expiação de todos os instantes, salvando os seus do contagio e da miseria, porque não acceitar para este a deliberação a respeito tomada pela sociedade medica novayorkina? Pois não deve a hygiene agazalhar essa medida suppressora de verdadeiros fócos de molestias, contagiosas por excellencia?

Não pensamos assim. Para nós, esse fóco deve ser removido para um local isolado, fóra do meio domestico e entregue aos cuidados da propria hygiene, cujo dever é tornal-o innocuo para quem seja forçado a tal convivencia, visto como cumpre não esquecer que esse fóco perigoso é um individuo da nossa especie, cuja vida não nos pertence.

Si tem a hygiene o direito de defender a vida d'uma população ameaçada em sua saude pela visinhança d'um fóco de molestia transmissivel, tem ella o dever de proporcionar ao individuo atacado desse morbo todo o conforto possivel, todas as garantias d'um tratamento adequado, capaz de alliviar seus soffrimentos. O doente não é culpado de o ser; tem direito, como os sãos, á mesma protecção das medidas sanitarias.

A hygiene, portanto, não póde acceitar a resolução tomada pelos trezentos medicos de New-York, sem cahir de seu brilhante pedestal de glorias contemporaneas, quebrado o seu prestigio com o pavoroso espectaculo da morte forçada de numerosos desgraçados, merecedores dos seus desvelos e do seu carinho.

Não! A hygiene se revolta contra a infeliz deliberação da *New-York Stade Medical Association!*

B — Ver o soffrimento d'um individuo acabrunhado por molestia incuravel, desesperado, pedindo a morte como um descanso, como a terminação de dores acerbas, é doloroso e cruel.

Parece que seria a manifestação suprema da caridade attender aos seus gritos de desespero, acolher suas supplicas de precito, matal-o, terminando assim rapidamente uma agonia fadada a longo curso, vencendo de degráo em degráo a sua trajectoria de dor.

Assim pensou, diz um escriptor jesuita, o padre Anchieta quando, substituindo o carrasco commovido, atirou-se aos hombros do calvinista João de Bolés, suspenso á corda da forca, cujo laço, por defeito do nó, não lhe apertava sufficientemente o pescoço, retardando-lhe a morte, por essa fórma. Assim se pratica com os muares inutilisados para o trabalho por qualquer accidente ou molestia—um tiro supprime-lhes a vida improductiva.

Oh! Caridade! Como te sophismam mettidos na batina de um frade ou no revolver dum mercador egoista!

Não! A caridade impõe como dever alliviar os soffrimentos de outrem, mas não quer que esse allivio vá até o supremo esforço de arrancar-lhe a vida!

A medicina contemporanea póde exercer largamente essa caridade, pois tem a morphina para as dores, tem o oxygeno para as dyspnéas, tem os raios X e a luz azul para os cancros, terá, talvez em breve, o radio para os tumores malignos de qualquer especie.

Não! A caridade se revolta tambem contra a doutrina approvada pela sociedade medica norte-americana. E' caridade alliviar soffrimentos; não é caridade—matar!

C—A sciencia, essa montanha cujo cume ascende diariamente a muitos mil metros de altura, esse colosso que a cada hora, a cada minuto, aggrega novas conquistas a sua estructura; essa obra monumental de homens em cujos corações só se pódem aninhar sentimentos generosos, pois são desinteressados, oh! a sciencia igualmente se revolta contra as ideias vencedoras na sociedade medica da grande cidade americana.

E' desprestigial-a, desdenhar de suas investigações, descrer de suas conquistas, matar um individuo por ter sido accommettido de molestia incuravel.

Ha molestia incuravel?

Quantas molestias até a bem poucos annos eram consideradas incuraveis e hoje são perfeitamente curaveis?

Não o era a dyphteria antes que Roux descobrisse o serum? Não o eram os tumores abdominaes antes de descobertas a anesthesia geral e a asepsia?

Quem poderá, portanto, affirmar que amanhã não terá a sciencia conquistado um remedio para a tuberculose, para o cancro, ou para qualquer dessas molestias inscriptas no livro negro da sinistra sociedade medica americana?

E não seria ferir a sciencia nas suas mais bellas aspirações de perfeição, roubar-lhes hoje aquelles que algumas horas, ou alguns dias mais tarde, aproveitariam talvez suas conquistas, ganhas muitas vezes com o sacrificio de vidas e sempre com o dispendio de preciosas e grandes energias vitaes?

Não! A sciencia igualmente se revolta indignada contra a deliberação tomada pela associação medica de New-York!

D—A moral medica não póde acceitar o «accordão»—dos medicos norte-americanos. Ella se oppõe a essa concessão dada a uma classe especialmente responsavel pela vida de seus semelhantes. A medicina foi creada para curar e não para matar. O medico impotente para curar certa enfermidade deixa de ser medico junto ao doente que a traz; não é mais profissional a beira desse leito de dores, pois que sua presença como medico é inutil.

Irrisorio o direito, conferido ao medico, de matar. E si o medico tivesse commettido um erro de diagnostico? Si, solicitada a morte pelo enfermo, num momento mais critico de suas angustias, o pobre martyr vendo quasi realisado pelo medico o seu pedido ditado sómente pela allucinação do soffrimento, se arrependesse de o ter exteriorado e invectivasse o seu matador, quando já este não podesse voltar atraz?

Quanto desceria do seu papel de philosopho, de supremo confessor de tantas desgraças, de tantas miserias que lhe são desvendadas no exercicio de sua profissão, o medico que se entregasse á ingloria tarefa de matar os incuraveis!

Em vez de consolar a familia afflicta, atormentada pelo soffrimento do enfermo, triste irrisão! augmentar-lhe-ia a dor, supprimindo esse enfermo! E como seria antipathico o seu papel de assassino calmo, consciente, procurando cercar, num requinte de vaidade profissional, de todo o conforto a morte de seu cliente! Seria o medico despir a béca da sciencia, para envergar a blusa do carrasco.

Não! A moral medica não póde acceitar a doutrina norte-americana! Ella tambem se revolta contra essa deliberação absurda, deshumana, tão contraria aos principios essenciaes da profissão medica, tão opposta aos fins da verdadeira medicina!

E—A lei! Oh! a lei é feita segundo as necessidades de cada povo. E, pois, já que a sociedade medica norte-americana approvou o estabelecimento da pena de morte imposta aos doentes incuraveis, certamente modificará o codigo penal norte-americano!

Mas então haja coherencia. Criem um juizado especial, uma especie de tribunal de justiça medica, perante o qual comparecerão o medico assistente como promotor, um medico legista como defensor e como réo o pobre doente, accusado do grande crime de ser um *incuravel!* Ouvida a accusação, feita pelo assistente, isto é, narrada a marcha da molestia, os precedentes e mais peças precisas para confirmação do diagnostico, declarando o doente incurso no artigo tantos—pena de morte, o medico legista produzirá a defesa, isto é, apresentará suas objecções á exposição do promotor, depois, claro está, do interrogatorio do doente, e então o jury, formado por medicos e advogados, dará a sentença ao desgraçado enfermo!

Seria extremamente ridiculo, si não fosse immensamente tragico!

Oh! o direito de matar entregue a homens que, embora medicos, são homens, com todos os defeitos de visão, de logica e de paixões! Conceder a uma certa e determinada classe o direito de morte sobre seus semelhantes!

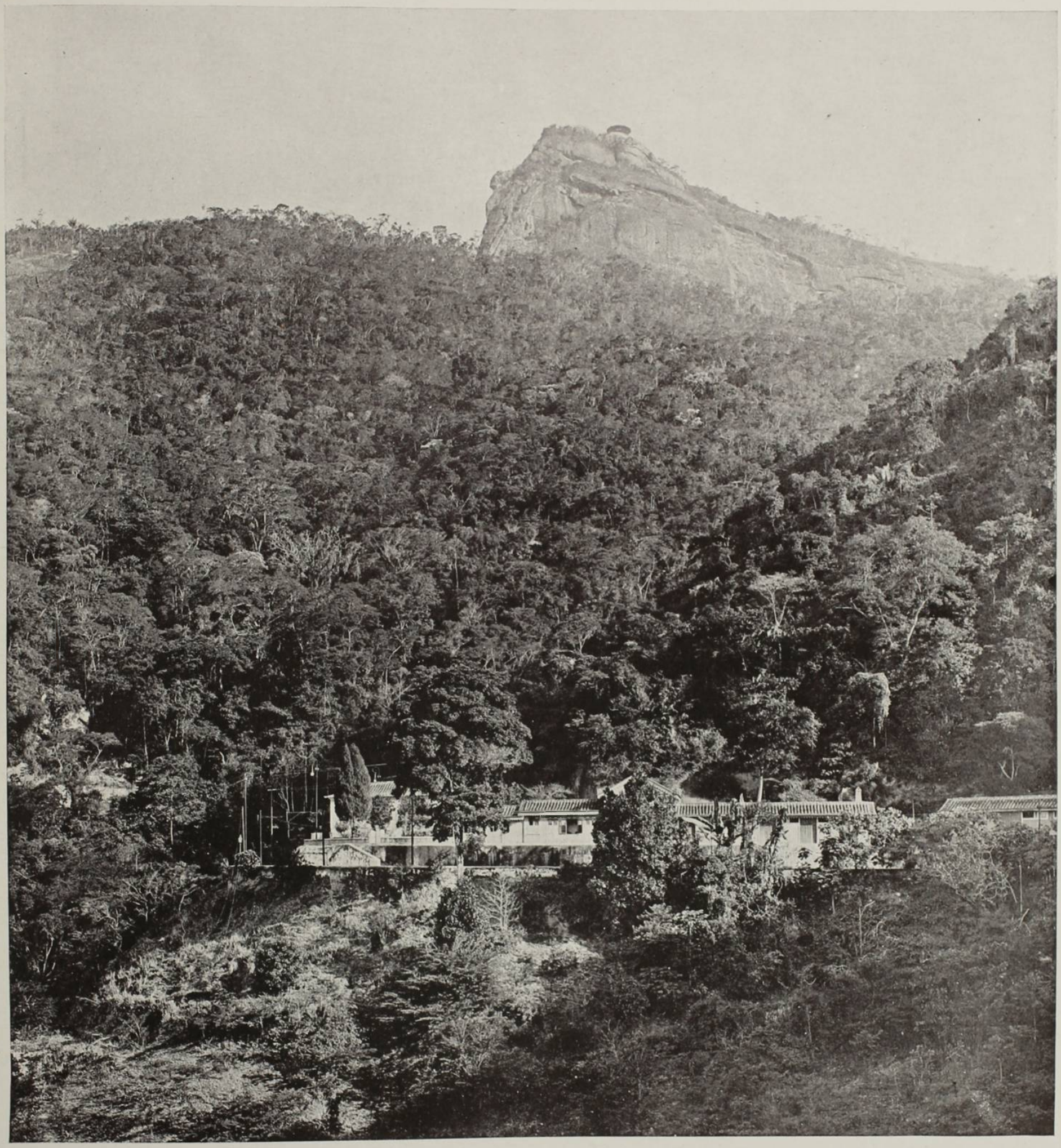
Não! não! e não! A lei não póde acceitar as conclusões da sociedade medica norte-americana,

Estou bem certo que a revolta da hygiene, a da caridade, a da sciencia, a da moral medica e a da lei, serão barreiras sufficientes para impedir a pratica de tão funesta doutrina.

Em paiz algum civilisado será acceito tal modo de pensar e no grande paiz da America, dessa America, berço de todas as ideias generosas e humanitarias, onde a natureza convida ao altruismo e á caridade os proprios iniciadores de tão desastrada doutrina, voltarão atraz, alijando de sua responsabilidade esse ataque á dignidade da profissão medica, esse ultrage ao exercicio de uma sciencia, á cuja bandeira só se devem e pódem acolher idéas suaves e doces, repassadas de amor e de carinho.

Pariz, 25 de Maio de 1904.

Dr. Adolpho Possolo.



SILVESTRE E CORCOVADO - RIO DE JANEIRO

VIDA LITERARIA

ALGUNS LIVROS NOVOS

EM um realmente brilhante discurso da Academia, repetiu uma vez o Sr. Medeiros e Albuquerque, com a veia que lhe é habitual, e que lhe renovava o thema, a velha condemnação á morte da poesia, por outros já tantas vezes decretada. Até hoje os acontecimentos não confirmaram, nem parece se disponham a a confirmar, esta sentença. Nunca em tempo algum a producção poetica foi mais copiosa, nem mais variada, e a poesia, para quem está para morrer, mostra uma extraordinaria vida. Alguns lh'a acharão mesmo demasiada, e a quereriam menos fecunda e prodiga.

Não quero duvidar da sinceridade da opinião do Sr. Medeiros e Albuquerque, votando á morte proxima a mais bella e perfeita das formas artisticas da commoção humana, mas não posso deixar de sorrir, sceptico, vendo-o republicar em um livro novo, os seus versos antigos e ajuntar-lhes seus versos modernos. (*Poesias*, edição definitiva, 1885-1901, H. Garnier, 1904).

Esses versos são indubitavelmente de um poeta, mas de um poeta cuja qualidade ou faculdade predominante não é propriamente a poesia e em que a commoção poetica fosse, não direi diminuida, mas modificada por um scepticismo inato e por faculdades criticas espontaneas. Seria elle bem moço, um adolescente, quando escreveu *Verdade*, o soneto que abre as *Canções da Decadencia*, versos de 1885-1887. Póde-se, é certo, ver nesses a influencia de Anthero de Quental, que o Sr. Medeiros parece ter lido muito. Do estudo, porém, do temperamento do Sr. Medeiros resalta que a poesia do grande poeta portuguez achava-se em perfeita concordancia com aquelle, menos o que em Anthero havia de melancolia profunda e de pensamento feito directamente na meditação dos pensadores allemães e na propria ponderação das cousas e dos homens. Um bom lyrico, correcto como um parnasiano, embora sem a exquisita virtuosidade dos melhores destes, sem emoção bastantemente sentida ou com ella attenuada por um feitio sceptico do espirito, com mais intelligencia que sentimento, tal me parece uma boa definição do Sr. Medeiros como poeta.

E' da mesma época de *Verdade* este outro soneto *Deus*, do mesmo tom que, ainda nos poemas puramente sentimentaes, será dominante na sua poesia:

Eu não sei quem és. Sei que minh'alma,
nos céos librando o largo vôo ancioso,
jamais encontra do teu céo a calma,
—sombra illusoria de mentido goso.

E, si minh'aza mais e mais se espalma,
remontando no pego luminoso,
Os mundos vejo que ninguem acalma
do Universo no giro portentoso.

Mas, si te busco, ó deus potente e forte,
élo que enlaças a existencia á morte,
fonte sublime que creaste tudo.

Vejo a Materia as amplidões enchendo,
vejo a Força seu seio revolvendo,
E só o céo, p'ra confessar-te, mudo.

E neste tom, não ironico, mas revoltado, blasphemo, sceptico, principalmente canta, ganhando com isso uma distincção na poesia brazileira sua contemporanea, sendo nella o poeta pouco ouvido, é certo, sem grande nome como tal, acaso porque, como poeta, elle proprio se deu pouca importancia, se desdenhou—que com mais convicção e constancia exprimiu, ou simplesmente disse, a descrença do sobrenatural, a revolta contra os ensinamentos tradicionaes da fé e o materialismo philosophico. Mas eu creio que havia nesta sua manifestação uma dupla artificialidade, que talvez tornou o seu papel de poeta menos consideravel, mais secundario do que por ventura merecia ser. Uma era do seu proprio sentimento, de segunda mão, sem a profundeza do de Quental, ou do de uma Accermann, e. portanto, sem uma eminente força de expressão. Outra, a superficialidade, si posso dizer arsim, do meio, ou, talvez melhor, a falta de correlação e sympathia entre o poeta e o seu publico. Este, por demais habituado a um lyrismo puramente amoroso e subjectivo, a um sentimentalismo facil, e frequentemente lamuriento, mas que o toca e elle compreende, não lhe percebia nem as idéas, que até lhe repugnavam, dos seus versos nem a natureza objectiva de grande numero dos seus poemas. Como cantor do amor o Sr. Medeiros fica realmente em segundo plano—grande defeito em toda a sorte de lyrismo, especialmente para um povo cuja lyrica tradicional desde os trovadores, pais da sua poesia, é, sob esse aspecto, uma das mais ricas e formosas. O que de sceptico, de ironico, de frio ha na indole, nas feições espirituaes do Sr. Medeiros, tira á parte sentimental do seu lyrismo os dons de commoção e effusão profundas, que lhe dariam o relevo e o interesse que lhe faltam. Não é esse o seu campo de poesia; onde a sua veia poetica (para usar um velho, mas bom termo,) se distingue é nos poemas objectivos, de pura emoção espiritual, de traducção ou expressão de suas idéas ou de suas sensações intellectuaes. E este feitio do seu talento poetico mais evidente é nos *Ultimos versos*, o que, a meu ver, serviria de contraprova ao meu juizo, pois creio que com a madureza se accentua e define a feição preeminente de um espirito. Já disse, penso, o bastante para não poder contestar ao Sr. Medeiros e Albuquerque a dom da

poesia e o nome de poeta, ambos plenamente comprovados. Mas não creio incorrer na pécha, ou siquer insinuação de incoherencia, asseverando que a poesia não é a sua faculdade principal, sinão a prosa. E são os dons de prosador brilhante, versatil, original, imprevisto, espirituoso, ligeiro, que dão á sua poesia a differença que ella acaso possa ter na poesia brazileira contemporanea.

A' prosa pertence tambem, mas absolutamente, o Sr. Oliveira Lima. Mas como é um bom temperamento literario, com o talento correlativo, poude, sem diminuir-se, deixar o campo especial dos seus estudos, a historia nacional, e o estudo dos povos curiosos, e penetrar o da poesia, escrevendo uma obra de theatro: *Secretario d'El-Rey* (H. Garnier). E' certo, como já lhe notaram, que, fazendo-o, não se afastou grandemente dos seus estudos predilectos, pois a sua peça, conforme indeterminadamente lhe chamou, é, segundo elle mesmo a qualificou «historica» e historica «nacional». Nós podemos chamar-lhe uma comedia. Na época em que se passa, 1738, era Escrivão de puridade e Secretario do Rei de Portugal o brazileiro —não lhe chamo illustre para o não confundir com os milhões de illustres de hoje— Alexandre de Gusmão, centro e alma da peça. Ha alguns annos eu não duvidaria acoimal-a de pouco dramatica, quero dizer de ter pouca acção. Hoje tal accusação não teria mais lugar de ser. Uma acção intensa e movimentada não é mais necessaria á excellencia de uma peça, maxime de uma peça que se não endereça especialmente ao palco. E, aliás, não falta á do Sr. Oliveira Lima a indispensavel para que obras como a sua mereçam ser consideradas com razão obras de theatro, boa literatura dramatica e até aptas para a scena. Penso que, alem do seu valor literario, o *Secretario d'El-Rey*, feito um ou outro córte nas falas e dialogos, talvez demasiado longos para o proscenio, está no caso de affrontal-o sem receio. O seu enredo não só teria a vida e o interesse indispensaveis para isso, mas um raro sainete na historia do ministro apaixonado ceder á razão, e ceder com espirito, no caso dos amores de sua amada com um rival, moço, guapo, cavalheiro, e seu inimigo.

Alexandre de Gusmão é, si não me engana o imperfeito conhecimento que delle tenho, um dos não muito numerosos typos brazileiros que acaso merecem ou pedem uma monographia. Emquanto não nol-a dá, o Sr. Oliveira Lima começou a vulgarizar-lhe a imagem nesta obra d'arte, donde ella resalta sympathica e interessante. Si historicamente bem verdadeira, não sei, mas certamente com traços e gestos que nos dão a impressão de que o é. Creio que numa obra de imaginação isto basta, mesmo quando essa obra se diz historica. A representação do meio e da época, me parecem, sem embargo de um ou outro anachronismo de linguagem e talvez de usos, geralmente exacta. Na dos personagens, a do rei D. João V acha-se talvez um tanto favoravelmente exagerada, mas, aceita a peça no seu conjunto e sem preoccupações de rigorosa critica historica, sem prejuizo sensivel para a obra. A impressão geral é a da verosimilhança daquella anecdota, tão bem aproveitada pelo autor. Falei em anachronismos; não o serão, na segunda metade do seculo XIII, em Portugal, «pinga» por bebida alcoolica; «chut!» por chiton! caluda! etc.? Mas estes senões, si o são, não desmerecem o valor literario desta comedia, como a concebeu e a lavrou o autor. O Sr. Oliveira Lima, porem, não só não é um poeta mas, o que lhe censuro, não tem pela forma da arte literaria o apreço que ella exige. Creio ter-lhe até surpreendido em certo menospreso, ou pelo menos desattenção ou indifferença, por ella. Ella não é, em todo o caso, uma das suas preoccupações de escriptor. Ora numa obra d'arte, de poesia, como esta, essa preoccupação era indispensavel, e si alguma cousa lhe atenúa o merito, é esse desinteresse da arte literaria, de poesia, no grande sentido desta palavra, aliás menos visivel no *Secretario d'El-Rey* que nos seus outros interessantes livros, que tambem a dispensavam mais.

Iguaes falhas, mas talvez em gráu maior, julgo haver descoberto na obra estimavel com que acaba de estrear no nosso romance o Sr. Curvello de Mendonça, *Regeneração*. (H. Garnier). E' um romance pelo seu autor qualificado de «social».

Mais de uma vez nos meus rascunhos criticos tive ensejo de notar quanto a nossa literatura ficava inconscientemente alheia aos movimentos sociaes que se passavam no mundo, e ás correntes de idéas que os suscitavam. Ainda quando um ou outro poeta, como Castro Alves, ou algum seu imitador somenos, repetia aqui os tropos de Victor Hugo ou versejava as idéas de Pelletan, de Michelet ou Quinet, ou tambem, mas em menor quantidade de Proudhon, era principalmente o aspecto politico que viam no pensamento desses homens e que principalmente os interessavam e commoviam. Mas ao que é a propria essencia da questão social ficavam estranhos, não a percebendo siquer. Todos se presumiam e diziam republicanos, na crença ingenua de que a republica, para elles palavra magica que bastava á solução do problema de cuja complexidade e difficuldade não desconfiavam siquer, não fosse na pratica perfeitamente compativel com todos os males da organização social, cuja injustiça os revoltava. Havia apenas nelles, com o gosto imponderado das novidades e a imitação literaria, os instinctos revolucionarios, tão nossos, e tão fracos, que jamais sairam da van palavra e do verso mais ou menos retumbante. Porque estas manifestações não passaram da poesia, que aliás não deixou de si, nessa corrente, grande memoria. Em prosa, na ficção de qualquer especie, não me lembra houvesse deixado

alguma. E no emtanto nessa mesma época já a literatura de toda a Europa, mestra e inspiradora da nossa, estava cheia de preoccupações sociaes, e traduzia com força e belleza as dores, os sentimentos e aspirações populares. Todo Tolstoi está nos *Miseraveis* de Victor Hugo.

Não me arreceio de dizer que foi o Sr. Graça Aranha, no seu forte e bello livro *Chanaan*, que de uma maneira consciente, e com um raro poder de creação e de evocação, trouxe, para as nossas letras as preoccupações sociaes do momento. E com tal superioridade que, a despeito da sua imaginação lyrica, do seu grande poder de idealização, de sua intensa e sincera emoção humana, o seu livro fica no fundo, e nos principaes episodios, uma obra de raro e distincto realismo, no qual o caracter, a vida, a paizagem brazileira se reflectem com extraordinaria verdade e relevo,

Pertence á mesma tendencia de espirito e intenções de *Chanaan* a *Regeneração* do Sr. Curvello de Mendonça. Tem, para uma estréa, qualidades, sinão já distinctas, notaveis. E' um livro sincero, de leitura agradavel, muitas vezes com o delicioso encanto da simplicidade. E' duvidoso, porem, para mim ao menos, que tenha o da verdade, como a encontro por exemplo em outros livros da mesma corrente, como nos de Tolstoi, ainda quando elle idealiza. Direi que é demasiadamente um livro de escola e de propaganda, o que o prejudica, a meu ver, como obra d'arte. Sincero sob o aspecto do sentimento e das convicções do autor, é talvez um tanto artificial sob o aspecto da representação de nossa vida, e no seu entrecho. Tal foi ao menos a impressão que me deixou.

Quero crer que o leitor já conheça o romance do Sr. Mendonça. Não lhe farei, pois, o relatorio delle. A acção aliás é nenhuma, o que não noto como um demerito pois é corrente na ficção moderna. Faltam-lhe, porem, episodios que ponham nelle mais vida e movimento, o que me parece mais de reparar. Antonio, o heróe do livro é no nosso meio, uma pura criação sem realidade, um typo de imaginação em que o autor encarna as suas concepções de socialismo libertario ou de anarchista. Esse «homem rude, amante da natureza e do campo, inimigo das vaidades pomposas das grandes cidades» era ledor de Kropotkine, de Tolstoi, de Ruskin e até de Carlyle, que aliás não tinha nada de socialista, antes pelo contrario. Grande numero de paginas do romance são cheias das pregações de Antonio, num estylo que busca imitar o das pregações evangelicas, e que acabam por fatigar pela sua abundancia e pelo que têm de postiço. A figura de Antonio, pregador popular catholico, cathequista religioso dos sertões, como tantos temos tido, e de que o Conselheiro podia ser o prototypo, seria grandemente verdadeira, a de um Antonio tolstoista no meio rural brazileiro, plenamente fetichista no seu disfarce catholico, é um facto que offende, acho eu, o sentimento do real. Aliás todo o livro, parece-me já o ter dito, com as qualidades estimaveis que tem e outras que revela, carece desse sentimento, a ponto de, passando-se no nosso interior, não conseguir dar-nos delle, e da sua gente, uma impressão sufficiente. E' escripto num tom, as vezes encantador, de romantismo e de idillio, com a velha e boa sentimentalidade dos romanticos. Não impede isso, porem, que lhe sintamos a intenção demasiado manifesta de proselytismo, o erro, digamos a palavra, de transformar doutrinas sociaes, aspirações humanas, utopias philosophicas em realidade. Mais racional e esthetico seria, pela representação da realidade, mostrar-nos a necessidade da regeneração social, segundo a preconisam os autores do anarchismo, e insinual-a, do que nos dar como realizados e operando aquelles ideaes. Assim, qualquer que seja o seu merito, e o não occultei, o romance do Sr. Curvello de Mendonça entra na classe dos romances ideaes, propheticos, que imaginam a vida fóra do tempo e do espaço, em épocas muito futuras. Confesso que não tenho por essa especie de livros o menor gosto.

Pareceu-me um romance bem real o *Roman Brésilien* do Sr. Delpech. Só por ser uma descrição da nossa vida, feita com boa observação e sympathia, a elle me refiro, porque, embora escripto por um francez que aqui vive a nossa vida ha annos, é um romance francez, talvez o unico pelo qual os francezes de França possam fazer uma idéa exacta do Brazil e da sua sociedade. Comquanto um pouco *touffu*, é, com um ou outro senão, um livro bem feito e agradavel.

J. Verissimo.

Da Academia Brazileira.

TYPOS DA ROÇA

II

SEU MAJOR

CORPULENTO, grandes barbas brancas, um tanto encardidas pelo fumo do cigarro, sempre enjorcado no terno de brim mineiro, camisa de chita sem gomma, botas de couro branco, o «aba larga» enterrado até ás orelhas—assim conhece a cidade *seu* major, manda-chuva respeitado.

E' compadre de meio mundo. Roceiros taludos tomam-lhe a «bença», e elle responde no vozeirão: «P'ra sempre». Fazendeiro, possue um nunca acabar de terras: no tempo da escravidão, a sua negrada destacava-se pelo trato. «Barriga cheia e serviço ás deveras», dizia *seu* major, que accrescentava: «Calaceou, toma couro.»

No imperio, era chefe conservador. A chimangada «cavucava ali no duro, cabalando», mas, qual! *seu* major ganhava sem *quistã*. Um povão votava com elle, que se entendia com os «doutoresinhos da Côrte», candidatos á deputação. Emquanto quiz, foi presidente da Camara, e fez vereança sua. Depois, «ingirizou» e deu a outro o cargo. Nada, porém, se resolvia, sem elle ser ouvido.

Rebentou o 15. *Seu* major achou o facto «uma esturdeza». Gostava do «velho», deixassem a criatura de Deus morrer na sua terra delle, mas fazerem tudo assim de sopetão...—discordou, embora o 13 de maio—uma *ladroage* como nunca se viu—o tivesse prejudicado. Perdeu *tacho* que até parecia obra do capêta.

Matutou e deliberou não ser mais nada em politica. Não entendia novidades; estava já velho para isso. Amigos, porém, instaram com elle, e *seu* major tornou á lucta, bem que sem o enthusiasmo antigo. No intimo, é monarchista, e, para não passar por luxento, acompanha a toada, a despeito de a considerar «aburcida.» Pelas festas, vem para a cidade, onde tem casa—um sobradão mesmo no largo da matriz. A «dona» *viageia* no *trol* com as mucamas, suas crias; o major *pilordeia* no tordilho, «que é sosinho» p'ra caminhar.

Sem filhos, educa os afilhados: um delles está em Mariana, estudando para padre.

Quando na cidade, não perde missa com a «dona», senhora devota, que vive a dar dinheiros para a igreja. O major, nessas occasiões, mette-se em paletot preto, ostenta no collete branco, muito anilado, grossa corrente de ouro, com berloques, e «tortura» os pés numas botinas reseccadas; calças—isso não tem talvez—de brim, e o «aba larga» é substituido por um «manilha».

Distraie a «besteira» da vida na cidade indo parolar pelos negocios, conversando com os roceiros que chegam, perguntando-lhes pela «obrigação», pela planta que fizeram, quantos carros de milho colhem, que tal o feijão das aguas; e, ás vezes, chupita o seu copo de cerveja que o negociante, lisonjeado com a visita, offerece.

Vae á casa do compadre-vigario, seu parceiro velho do *lasca* em outros tempos, seu companheiro de politica.

—Que tempinho gostorento, hein, compadre? observa o major, evocando saudades.

E ambos, olhos fitos no passado, relembram scenas de cabala, resurgem feições conhecidas, de ha muito immersas na grande noite.

Chuchurrêam o café no pires, e parece-lhes que vivem ainda esses dias... Isso é que era quadra «applaudida», pondera o major, cortando o fumo, a olhar demoradamente, para o trecho de céu de um lindo azul, riscado, ás vezes, pelo vôo de andorinhas.

Nunca perrengou; é peitudo p'ra ter saude. Come a qualquer hora, e é puxador no feijão com bastante cumarí.

Bebe o seu golo de restillo, mas não fica *hervado*.

Popular na sua terra, onde tem, enterrado, o *imbigo*, o manda-chuva é major desde o imperio. E' *ourudo*; uns dizem-n'o possuir seus trezentos contécos, outros falam que muito mais. Perto delle, ninguem chora miseria, e é corrente que tem, espalhado por esse mundo, um bandão de dinheiro. Ha tanto *cadoz*, e tão pouca gente que é «boa dita!»

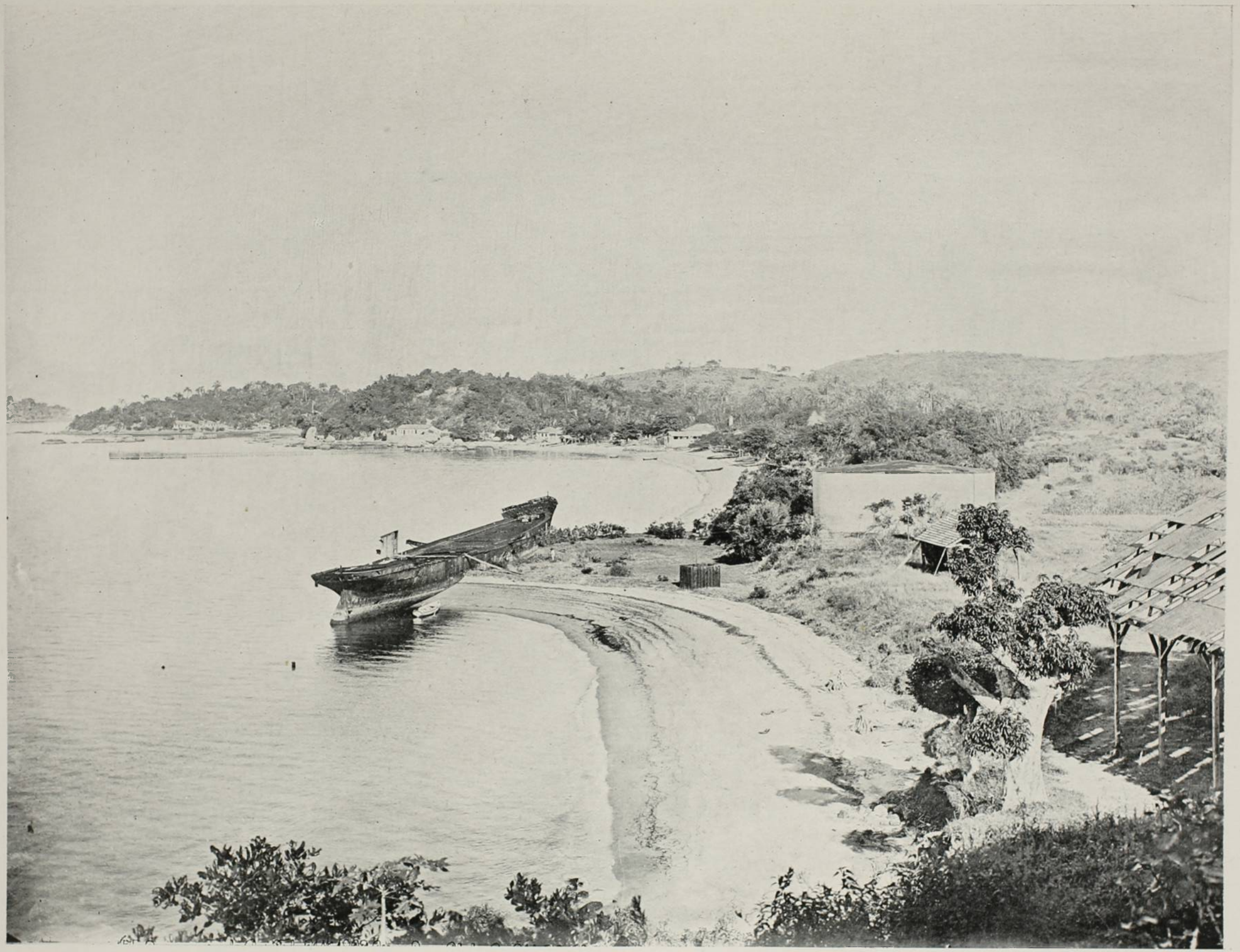
Moço, fez suas *estripulias*, e o Bastião, o má lingua da terra, affiança que o major andou de «cabeça inchada» pela Elisa, agora uma velhota chupada, «movidinha» que causa dó, mas, áquelle tempo, uma rapariga de «pegar p'ra sair», com um par de olhos... chi! não havia esse malungo que se não derretesse. Era bôa na conta!

Pelas eleições, *seu* major, só para satisfazer aos amigos, ajunta o povo miudo para o voto. Enthusiasmo—não tem. *A'dio!* no tempo do «velho» isso sim. Chimango—não fazia roça na terra delle.

E, forte, os olhos bem vivos ainda, o major, «couro nagua» para supportar os janeiros, é o idolo da cidade vetusta, calma, á sombra dos seus pomares, entre collinas trilhadas pelos lenheiros.

Juiz de Fóra, 1904.

AZEVEDO JUNIOR.



PRAIA DA RIBEIRA - ILHA DO GOVERNADOR - RIO DE JANEIRO

NOSSOS CONCURSOS

Diligenciando corresponder por todos os modos ao generoso auxilio que o publico tem dispensado a esta Revista, creamos hoje uma nova secção, destinada, acreditamos, a despertar grande interesse aos numerosos leitores de *Kósmos*.

Successivamente e de accordo com o seu caracter, serão abertos nestas paginas concursos os mais variados, para os quaes desde já chamamos a attenção dos leitores.

Inauguramos a serie estabelecendo as condições para o

1.º-CONCURSO DE BELLEZA INFANTIL

1.ª—Poderão concorrer, enviando suas photographias, todas as MENINAS de 2 a 8 annos de edade residentes em qualquer ponto do Brasil.

2.ª—As photographias terão o formato nunca inferior ao cartão-album, não devendo representar outras pessoas que não as concurrentes.

3.ª—Todas photographias terão no verso o nome das concurrentes, sua residencia, um pseudonymo que será reservado, e o nome do photographo.

4.ª—As photographias serão enviadas á Redação de *Kósmos* até 31 de Agosto de 1904, em envolucro fechado e com a indicação: «Concurso de belleza infantil».

5.ª—Encerrado o prazo para o recebimento das photographias, serão estas classificadas e entregues á Commissão julgadora composta de membros do nosso meio artistico e litterario—cujos nomes serão publicados posteriormente

6.ª—Terminado o julgamento, cujo resultado será publicado conjunctamente com a reproducção das photographias das creanças premiadas, ficam aquellas á disposição das pessoas que as reclamarem com o pseudonymo indicado nas mesmas.

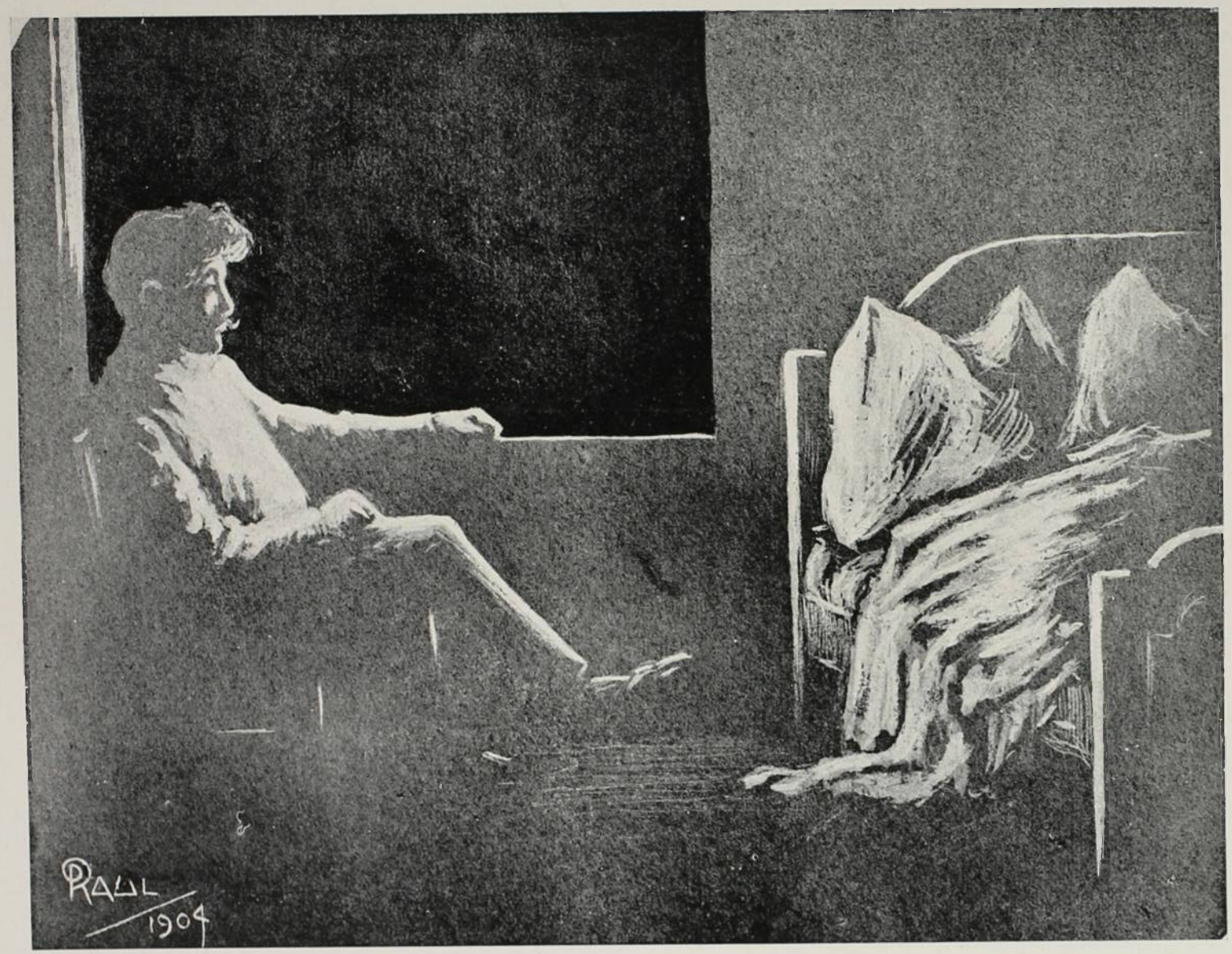
7.ª—*Kósmos* estabelece para este concurso 10 premios: 1 primeiro, 3 segundos, e 6 terceiros.

A menina classificada em primeiro logar receberá alem de um riquissimo brinde, 1 apolice remida de 1:000$000 da acreditada Companhia de seguros de vida A EQUITATIVA, pagavel quando a segurada completar 18 annos de idade.

Os demais premios constão de bellissimos brindes, cuja acquisição foi confiada á firma Lacarrière, Lafaille & C.ª de Paris.

8.ª—Todas as concurrentes classificadas terão seu retrato nas paginas de *Kósmos*, indicando o nome, idade, e bem assim o nome do photographo ou amador. autor da photographia.

9.ª—A redacção só responde pelas photographias entregues pessoalmente á rua da Alfandega n. 24.



NOITE DE INSOMNIA

Este leito que é o meu, que é o teu, que é o nosso leito,
Onde este grande amor floriu, sincero e justo,
E unimos ambos nós o peito contra o peito,
Ambos cheios de anhelo e ambos cheios de susto...

Este leito que ahi está revolto assim, desfeito,
E onde, humilde, beijei teus pés, as mãos, o busto,
Na ausencia de teu corpo a que elle estava affeito,
Mudou-se para mim num leito de Procusto.

Louco e só, desvairado! a noite vai sem termo
E, estendendo lá fóra as sombras auguraes,
Envolve a natureza e penetra o meu ermo!...

E mal julgas talvez, quando acaso, te vaes,
Quanto me punge e córta o coração enfermo,
Es'e horrivel temor de que não voltes mais!...

Emilio de Menezes.

PENNA DE PATO

JOAQUIM Pires andou, de senzala em senzala, acordando a gente para a primeira carpa do café novo. Notava-se, apenas, um programma indistincto de dia no arroxear do céo para as bandas do levante. O mais era uma claridade alvoroçada de lua, a que a neblina dos frios dava um tom accentuado de phantastico. E desde que vivia adjudicado áquella sorte escura de feitor de escravos, Joaquim Pires nunca se sentiu tão alegre e tão cheio de vida.

A negrada batera mal e mal a cúia de café solteiro que a bondade do senhor lhe permittia a essa hora: e caminhava já na direitura do espigão, depois de haver tomado a bençam a quem mandava abrir todo aquelle mundo de terras, quando o feitor, fazendo uma grande curva, foi ter ao gallinheiro. Houve gallos que protestaram, a gritos descompassados, contra a invasão matinal antes do milho; angolinhas que rasgaram vôos curtos, mas rumorosos: e os patos, que ainda se abandavam num aconchego em que a solidariedade se mostrava pelo uniforme distender e recolher dos pescoços, rouquejaram em breve fuga, possuidos de susto.

Contra os patos se dirigia Joaquim Pires: ia escolher algumas pennas para, nas horas mais remansadas do serviço, preparar com o cuidado de sempre e escrever as suas poesias — ai delle e dellas! — inevitavelmente carregadas de amor e de solecismos. Algum, de quem mais se avisinhára o perseguidor, ensaiava o exercicio das azas, que o desuso tornara perras e só se agitavam desmanchadamente; as femeas, porem, alavam de modo franco, erguiam-se, rompiam a talagarça da neblina: e vendo-as partir, atemorisadas á toa, Joaquim Pires abria nos labios um sorriso que se diria docemente ironico.

De um que se descadeirava no ausentar-se a toda a pressa, mal ageitado e zonzo, falou o feitor em chacota:

— Uiai! Pois você, brôco ansim, tambem tem medo de perder as pennas? Você 'tá como gente sem vergonha: já não tem o que perder!

Realmente, aquelle estava brôco. Acontece a muitos, em pleno tempo da geada, cairem-lhe as pennas das azas: e os côtos apparecem então, recobertos de pennugem fina, com a similhança repulsiva de membros meio amputados, onde assenta o branco do algodão dos curativos.

Feita, afinal, a sua escolha, Joaquim Pires alcançou a crioulada. Assignalou talhões para esta e aquella turma; marcou logar para as crias de peito, mandou forral-o de pannos e de cueiros de baeta, postou-lhe molequinhos á roda —, epoz-se a caminhar a largos passos entre as voadeiras e carurús, pensativo e recolhido em si.

Vinha apontando o sol, fresco e duma brancura metalica, no momento em que as primeiras enxadadas soaram no meio da hervagem humida. A gente era sacudida: era daquella que canta do clarear ao escurecer, tem a canella delgada e os hombros largos: gente quasi toda dos cafundós da Bahia, arrematada, num vallongo, pelo senhor velho, a poder de dinheiro e coragem. E foi pouco depois que o trabalho principiou, que um bando de nhandaias, antemanhã descido ao cafezal, onde comia as fructas do carurú, grazinou bulhentamente, crepitando as azas na violenta arrancada de um vôo abrupto.

Como a neblina se rarefazia e o sol esforçava um pouco, Joaquim Pires olhou-as: viu-as gyrar algum tempo no alto do cafezal, descer á beira da matta, fazer menção de pousar nas macahúbas, dobrar a mata, sumir. Entrepensou nos seus antigos sonhos, que foram assim espavoridos logo na madrugada da vida, e não puderam mais voltar. Mas não fez mais que entre-pensar, não chegou a estabelecer uma perfeita comparação: era poeta a prazos certos e em horas precisas; dilatou, para depois de areados os carreadouros, a deliciosa viagem da sua imaginação.

Percorria as turmas, uma a uma: o serviço ia bem. Afastava-se. Tirridéos, quasi encarangados ainda, salvavam-se a custo do imminente perigo em que se viam com a ida esbulhadora daquelle manguarão ao socego dos seus dormitorios enfolhados. Preás, que a tiritar se mantinham embolados ao longo dos tufos de angola, encompridavam-se instantaneamente, dando saltos e apagando-se nas touceiras mais crespas. E até um catingueiro, que se dava calor espojando-se junto á raizama de um pé de olho-de-cabra, todo se poz pavido e, tendo reparado por instante no adventicio tão despoliciado que ia turbar o somno e interromper a gymnastica dos mais, desappareceu a subitos.

Quando, porem, se fizeram horas de almoço, já o sol faiscava á maneira do brazido de uma forja: cegava. Foram-se acercando dos eitos as tias-velhas, portadoras de pratos e baciinhas de folha e caldeiradas de fejão-mulatinho e angú de fubá. Os que trabalhavam levantaram mão das enxadas: e com pouco, á sombra das guariróbas e dos coqueiros, um grande reboliço se foi armando e crescendo, até que amainou e se substituiu pelo apressado e silencioso mastigar de dezenas de queixos. As crias, em torno, arremedavam insensivelmente aquelle esmoer de comida singela: por derradeiro uma negrona retardataria os congregou numa chusma, e foi-os levando de pós si para junto de uma grande gamella, a que todos elles se atiraram — perdoe-nos Deus! — com a fome e a furia de um bando de cachorrinhos pévas.

Joaquim Pires, com ser nada mais que feitor, tinha, porque era branco, a sua boia melhor. E veiu-lhe logo: ũa marmita de cinco repartimentos, de um dos quaes surgia, como em grande gala, a carne loura, e cheia de seducções, de um coranchim de capão gordo. Tendo feito pela vida, poz elle tudo em ordem, na choça onde já se achava, saccou de um canivete afiadissimo, tomou uma das pennas de pato, mirou-a com agrado, quasi com ternura, pol-a, pela rama, entre os dedos da mão esquerda: e com o pollegar firmou-a mais ainda. Olhou, contra a claridade, o aço do canivete: reluzia vivamente. Então, de um só golpe, vibrado rijo, traçou ligeira curva, da parte mais branca para a mais escura, do reverso para o verso e, collocando a penna sobre um cepo, deu-lhe na extremidade um só talho, muito recto, e depois partiu a extremidade em duas, com um pique serenamente feito.

A penna estava preparada. Joaquim Pires, como tinha o estomago ajuizado e os bahianos haviam de novo pegado no serviço, cuidou em compôr as suas amadas tro-

vas. Despendurou, de um escondrijo no sapé da choça, o vidro de tinta de graúna e uma latinha em que se homisiavam as meias-folhas de papel sonegadas ás cartas já respondidas do patrão, e inclinou-se para o cepo. Fosse que a rustica mesa lhe acudisse, com aggressão de gravetos ou de lascas inesperadas, ás solicitações urgentes da inspiração que assomava, ou que achasse ainda algum desprimor no concerto da penna, o facto é que Joaquim Pires violentou a inspiração, reergueu todo o corpo, contemplou a vastidão da paizagem, distrahido como quem a vê, recostado a almofadas, de um carro de trem-de-ferro.

Não, não era opposição que a mesa lhe fizesse, nem carencia de nada, o que assim o absorvia: é que aos ouvidos lhe vinham toadas muito doces, de umas modas que certas aggregadinhas cantavam logo alli perto, num arrozal, ao pé de certo corrego, numa certa bibóca mysteriosa, que era o mais lindo recanto, para elle, da fazenda:

... Você era quem dizia,
ai, lai! ai, lai!
que até n'agua se enforcava,
ai, lai! ai, lai!
Que triste vida de purga,
Miserave sorte magra!

Joaquim Pires enlevava-se. Como que ouvira já, muito longe no passado, cantiga similhante. Pensou depois o contrario: que não, que nunca tomara conhecimento de quadra assim arrevezada, mas que, dita em vozes tão claras e meigas, lhe parecia coisa de ninar creança. Pensou depois: que uma cantiga, escutada em dia especial da vida, como que se apresenta muito familiar e estimada, que nem outra que se repete todos os dias, a cada hora, nos momentos de descuido. E pensou depois: que todos ellas se parecem, essas cantigas que a gente apanha no ar, em dia especial da vida, nos momentos de descuido, porque ellas são a saudade, e a saudade é sempre uma só, venha alegre, venha triste...

Uma aragem passou, pouco menos de fria. As vozes calaram-se. E Joaquim Pires ouviu então, no seu recolhimento, o resvalar da agua desinquieta e palreira do corrego, pelas folhas dos inhames, no virar de uma queda. A agua opprimida e angustiada entre barrancos juntos, espraiava-se ao chegar ao brejo: e ahi, de mansa que vinha, rompia a trapejar travessamente, como si quizesse contar a todos, de uma só vez, os profundos segredos que trouxera da matta.

Era, pelo menos, o que Joaquim Pires meditava. E quiz trasladal-o a verso. Ia fazel-o — pobre da aguinha fagueira do morro! —, sinão quando as aggregadas cantaram, agora em mais regosijada toada, uma moda antiga de catêrêtê:

... Casou-se o maracanã
c'a filha do pitanguã...

A Joaquim Pires iam-lhe chegando sómente farrapos da moda, quasi desfeitos e confundidos com o rumorejar do ribeirinho. Ouvidos poucos versos, afundou-se inteiramente no passado. Os sons eram de muito distante dalli, mal percebidos, dir-se-iam gaguejados entre arquejos de choro. Foi num catêrêtê que um dia, depois de muitos dares e tomares, a Clotilde, aquella barbaridade de moça, de cabello côr de boneca de milho novo e de carinha côr de leite de novilha de primeira cria, lhe falou, duma vez para sempre, que o dito por não dito e o casamento não ia por deante. E o folgazão da viola estava cantando aquella moda.

Joaquim Pires ficou triste. Tambem, como lhe quizera, á má da Clotilde! Andar a trancos e barrancos por amor de tal amor, fazer papeis que um rapaz de tento não costuma fazer, perder dias de trabalho para ir vel-a, ás missas ou ás resas, e por ultimo perde!-a, como quem perde sem mais nem menos uma rica moeda de ouro dentro da agua funda, moeda que nunca mais ha de topar, — coisa era, de certo, de muito entristecer! A vista vagueou-lhe da cumiada de sapé aos arredores da choça, por onde umas duas duzias de pixoxós avoejavam de instante a instante, entremeiadas de patativas e de cabeças-de-fogo. Voltou quasi á realidade da vida.

Faltou-lhe só o quasi para voltar, porque as aggregadinhas cantavam de novo, enternecidamente:

Seu lenço 'tá rescendendo
Cheiro de patichulim,
ai! ai!
meu bem!
Pois si eu não fosse pobre,
eu tambem andava ansim,
ai! ai!
meu bem!

O resto da moda perdia-se na meia-sombra do sonho de Joaquim Pires, tal qual, no gradativo fechar da noite, tudo o que se escuta quando se vai caminhando. Afigurava-se-lhe ter já sentido de tal maneira, um dia, uma vez, um minuto siquer. E, de feito, sem bem saber como, da memoria se lhe foi approximando um vulto de morena redondinha, de pega-caboclo na testa e riso perenne á flor do rosto, que lhe quiz e lhe quiz muito. Era a Vanica: linda e entregue! Elle, entretanto, como não casou com ella (porque? porque não quiz...), tambem não peccou: e o peccado estava-lhe ao alcance da mão! Si é certo que, quando um não quer, dois não brigam, o contrario tambem é sempre certo, para a briga e para o amor.

Não peccou. Sem bem saber como, a recordação da Vaníca vinha-lhe agora conjugada com outra. Fazia-se Joaquim Pires, naquelle tempo, a longas correrias pelos cerrados, em busca de ananazes silvestres e de ninhos e de jaós. Um dia, num grosso embromado, a que fôra convidado pela noticia do vento, deparou-se-lhe a tentação de um marolo corpudo e cheiroso. Era difficultosa a subida á arvore, Joaquim Pires não quiz aventurar-se. O companheiro, comtudo, espinhando-se nos craguatás e nos ananazes, marinhou pelo tronco resolutamente, ganhou o galho do araticum, foi-o tomar entre as mãos, quando o araticum, de maduro, se desprendeu: uma das mãos dextra e agil, poude ainda segural-o, mas quasi todo se desfez e caiu entre as ramas hostis. O rapaz do alto do galho, em pé, victorioso apezar de tudo, gritou para o Joaquim Pires:

— Então, Joaquim? A metade eu perdi, mas veja bem que a outra já 'tá no morredor!

Joaquim Pires dizia agora entre si que o marolo inteiro seria melhor, mas uma parte delle não deixava de ter o mesmo sabor que as outras, — e a Vaníca... Mas dava, neste ponto, um saccão á lembrança, fazia-a parar e aquietar, e em seguida, muito ao de leve, pegava a recordar a edade de flores em que tudo aquillo passara: vinte annos! Tudo aquillo então era de uma graça e de um encanto singular, ao passo que hoje vinha tocado de

melancolia e amargura, feito a labareda final de uma fogueira de São João—fulgor e fumaça. Ia nos quarenta e cinco, e estava absolutamente só.

Sem bem saber como, levou a mão direita aos cantos dos olhos: sentiu o empergaminhar-se da epiderme nos regos dos pés-de-gallinha. Levou a mão esquerda á direita, com o indicador e o pollegar tomou-lhe uma pouca de pelle, ergueu-a, e olhou: a pelle, tirada de seu logar, custou a descer vagarosa e preguiçosa. Attentou então, enviezando os olhos, na barba rala: dentre a negrura daquella noite escassa alguma geada já surdia...

Quiz escrever qualquer coisa. Curvou-se para a mesa agreste. Embebeu a penna, demoradamente, na tinta de graúna, retirou-a do vidro, esperou. Nem uma cantoria mais, tudo quiéto, e a inspiração não vinha. Garatujou phrases desconnexas, regras incoherentes, versos sem trova e sem côr. Afadigou-se. Reparou na penna, levantou-lhe que ella era a culpada de não repontarem mais bem os versos. Achou que a voz das aggregadas lhe fazia falta. Mas como, com pouco, se fizesse novamente ouvir na fineza do ar lavado:

Quando eu fui passar na ponte,
A ponte toda tremia:
ai! que é della a prima Cota,
filha da Cota Maria?

Joaquim Pires arrancando um fundo suspiro, um suspiro de rosca, murmurou sumidamente:

—Ah! si eu tivesse uma penna de ganso!

VALDOMIRO SILVEIRA.

S. Paulo, 1904.

OS TRINTA COFRES DE MALIM-TSOU

Em o pino da gloria e da gloria invejado,
—a alma entreaberta em flor das volupias á brisa,—
em seu leito de bronze e marfim cinzelado
Sua Alteza Imperial Malim-Tsou agonisa.

Toda a côrte solemne, extatica o circumda.
Eil-os,—sabios e heróes, os servos e a nobreza,—
em silencio fitando essa luz moribunda,
luz vital, que se esvae para o alem da incerteza.

Todos presos estão ao monotono ruido
que no peito do moço em soluço estertora...
Todos cheios de vida e vassallos agora
de um inerte organismo a viver num gemido.

Malim-Tsou grande foi. No amor e no combate
era o eleito do céu, na victoria e no gozo...
Que lembranças terão do guerreiro assombroso
os heróes que guiou seu pendão escarlate!

Mas tambem ha na Terra uns sacrarios de aromas,
—corpos com face de anjo e coração de lava,—
que hão de os olhos cobrir de liquidas redomas,
orphãos dessa paixão, que é rainha e é escrava.

E, no emtanto, eil-o alli. Nem os braços levanta,
nem o olhar incendeia aquella face bronca.
Onde o ardor juvenil? onde a energia, e tanta?!...
Malim-Tsou é agora um cadaver que ronca.

Ficam junto a seu leito os seus cofres, os trinta
cofres, de que se fala em todo o vasto Imperio
com palavras de pasmo e phrases de mysterio,
tão deslumbrado o povo essas riquezas pinta.

Dos escrinios um só em o xarão da estante
resplandece. E' pequeno, é de um palmo de aresta
e os outros mais contem. Quanta belleza nesta
joia de prata fosca e saphyra brilhante!

E os outros?! A arte, o engenho, a oriental opulencia
tudo alli se concentra e as grandezas resume.
Que reliquia feliz, que encantado perfume
Malim-Tsou escondeu em tal magnificencia?!

Mas... no leito Imperial o Principe estremece.
Senta-se. O rosto exprime uma angustia infinita.
E tremendo e tremendo os cofres indigita.
«Tudo que amei!» exclama. E cahe, e desfallece.

*
* *

«Tudo que amei!» essa phrase
no limiar da sepultura
lança em meditação os lettrados da Côrte.
Cada qual interpreta, encontra nova base
áquella exclamação, que em intima tortura
Malim-Tsou proferiu no momento da morte.

Talvez cabellos de amante,
talvez despojos de guerra
são occultos ali, nos escrinios lendarios.
E se empenham na busca os lettrados, e adiante
vão os cofres abrindo e estendendo por terra,
—apavorado o olhar ante aquelles sanctuarios.—

A cornucopia de gemmas,
as mais perfeitas e raras,
foi alli derramada e se fundiram logo.
Ora, o cinzel deslumbra a desenhar os themas
favoritos do artista, ou vêm-se as pedras caras,
esmeraldas, rubis de um rutilante fogo.

Olham os sabios attentos
as graciosas fantazias
esculpidas no jaspe, ou no marfim custoso,
e commentam... A um canto, os olhos somnolentos,
apoiados á barba as suas mãos esguias,
scima um Budha, e a scimar persiste silencioso.

Ora contemplam num vermelho alacar
torvo dragão flammivoo em relevmo,
circumdado de folhas como trevo,
feitas de nivea incrustação de nacar.

Sobre um solo coberto de papoulas,
(em um onix) um mandarim sentado,
—a larga bocca aberta lado a lado,—
ergue ao ar duas concavas caçoulas.

N'uma agatha se encontra esguio Kiosque
multiplas settas para o ceu voltando,
e tres mirradas arvores mostrando
no fundo, á esquerda, o começar de um bosque.

Eis um bando de grous cortando em arco
o espaço feito de oriental turqueza,
e malachite por diamante accêsa
indica o espelho liquido de um charco.

Num camapheu: Num alto de collina
postos em fila, tres chinezes gordos,
acaçapados, cachaçudos, côrdos,
olham um papagaio que se empina.

Sobre a serena estagnação de um lago
ilhas fluctuam de florente loto.
Pousada no ar, uma cegonha ignoto
som parece escutar extranho e vago.

A arte e a riqueza se unem em perfeito
conjuncto, e o puro sentimento fala.
Eis uma flôr de petalas de opala
e um cacho de uvas de granadas feito.

E outras, mais outras do vetusto engenho,
—sem que a unidade esthetica lhes falte,—
ficções em bronze, em ouro, em liso esmalte,
sobre marfim ou perfumoso lenho.

E o cobre branco e o sandalo exhalante
fulgem de extraordinaria pedraria.
Que sceptro real que não invejaria
esse artistico erario deslumbrante?

Tão absortos comtemplam-n'o os lettrados,
mas já chegam ao cofre derradeiro.
Grande emoção. Elle é de jaspe inteiro
com pequenos topazios sobre os lados.

Quem n'o abrirá? Decide-se: o mais velho.
E o mais velho lettrado o cofre toma.
Tacteia, move-o, quer sentir-lhe o aroma,
e abre a tampa que brilha como espelho.

Abre, e por mais que busque, alise, raspe
e vire o cofre, nada cahe de dentro,
e só vê nas paredes ou no centro
a superficie immacula do jaspe.

*
* *

Começa o grande litigio
nesse erudito conclave
por explicar-se o facto e a phrase principesca.
Este, ao moço attribue a paixão em fastigio
do luxo, outro lembrou segredo, occulta chave;
aquelle, outra versão ainda mais romanesca.

De novo os escrinios todos
são vistos com tal minucia,
que a duvida acabou para a inteira assembléa.
—Foi um delirio—,diz-se.... E com serenos modos,
usando no dizer de refinada argucia,
vae-se ao Rei transmittir aquella grande idéa.

Mas não se move o cortejo
sem que um dos sabios lembrasse
a figura em mudez do Budha scismativo.
Pedem-lhe a parecer. Elle accede ao desejo
sem um ponto mover da somnolenta face,
numa voz de metal, de um vibrar intensivo:

«Que procurais não sei, cabeças tontas,
nos trinta cofres desse amado alumno.
Seu pensamento é simples. Simples e uno,
e traz comsigo as conclusões já promptas.

«Tudo o que amei» nos disse, e nos mostrava
os seus cofres riquissimos e bellos,
e a vossa mão, quebrando-lhes os sellos,
nada naquelles cofres encontrava.

Eis a verdade. Que guardar podéra
Malim-Tsou nos escrinios sumptuosos?
Guarda-se o amor? guardam-se humanos gozos?
De anno em anno se guarda a primavera?

E' tudo o nada na avidez insana.....
Com que licção, com que philosophia
Malim-Tsou em seus cofres escondia
todo o vasio da illusão humana!?...

27—VII—1900.

ALCIDES FLAVIO.

O MUSEU NACIONAL

DOS estabelecimentos scientificos instituidos no Brazil, ao tempo do regimen colonial, é, porventura, o Museu um dos que melhor definem o modo criterioso como se houve a Metropole na escolha de alguns dos homens publicos a quem delegou funcções de governo no mais vasto e futuroso dos seus dominios territoriaes.

O Vice-Rei Luiz de Vasconcellos filiava-se por altos dotes de espirito, pelas excellencias de um caracter varonil, edificado nos principios mais austeros, á nobre estirpe dos illustres varões portuguezes que mais se esforçaram por dirigir os destinos do Brazil, consoante ás normas de uma politica larga, previdente e bem orientada. Solicito em prover as exigencias dos diversos departamentos da administração, servido pelo vigor de uma vontade soberana, a se desdobrar em commettimentos audaciosos, não havia questão de interesse geral que o não encontrasse de animo deliberado a amparal-a com o seu apoio, a prestigial-a com a sua auctoridade.



EDIFICIO DO MUSEU NACIONAL

Assim, ás primeiras solicitações do Ministro Martinho de Mello e Castro, acquiesceu, sem reluctancia, á idéa de crear nesta cidade, que tanto lhe deve, um Museu de historia natural, antevendo, no seu amplo descortino, as vantagens do estudo das innumeraveis riquezas que já faziam deste paiz thezouro assás cobiçado.

Sabia e fecunda inspiração, a que, certamente, não fôra estranho o desejo de obstar á dispersão de preciosos specimens, que, em grandes levas, iam enriquecendo os Museus estrangeiros, mercê dos notaveis naturalistas attrahidos ao Brazil pela fama de uma natureza opulenta, a lhes offerecer abundante messe.

Em realidade, aportaram ao nosso territorio, em differentes épocas, Margraff, Pison, Principe de Wied Neuwied, Spix, Martius, Pahl, Eschewege, Warnagen, Saint Hilaire e outros dos mais eminentes investigadores contemporaneos, sendo de notar que as sciencias naturaes contavam tambem numerosos cultores no paiz e, dentre elles, releva salientar Alexandre Rodrigues Ferreira, Frei Conceição Velloso, Frei Leandro do Sacramento, José Bonifacio, Arruda Camara, Frei José da Costa Azevedo, Caldeira, Frei Custodio Alves Serrão, etc.

Era no anno de 1770—O insigne Vice-Rei, methodico e progressista, planeou sem delonga construir edificio apropriado á nova instituição, precisamente no lugar onde se levanta o Thezouro Nacional, e, por não protrahir a execução da feliz iniciativa, accommodou, em caracter provisorio, o novel Museu numa pequena casa, sita entre a antiga capella da Lampadosa e a «Lagoa do Panella», sobre a qual está construida a Egreja do Sacramento.

«A Casa dos passaros», como lhe chamavam os contemporaneos, não servia ao simples mister de mostruario de nossas riquezas mineralogicas, de specimens da fauna e da flóra do Brazil. Francisco Xavier Cardoso Caldeira, o «Xavier dos Passaros», conforme o cognominaram, nomeado a exercer as funcções de director, longe de se restringir, como naturalista que era, a reunir e colleccionar o rico material que a nossa natureza lhe prodigalisava, era tambem professor, instruia alguns alumnos nas praticas de taxidermia, dava-lhes lições de historia natural, conseguindo, dest'arte, constituir um pequeno nucleo de profissionaes.

Não tardou se perturbasse a vida relativamente prospera do nascente instituto scientifico. A successão de Luiz de Vasconcellos pelo conde de Rezende, a morte de Xavier dos Passaros precipitaram seu desapparecimento e, extincto elle, foi aproveitada a casa em que funccionara para officina de lapidaria.

A esse tempo, já se havia installado no Brazil a familia real, em sequencia dos graves acontecimentos occorridos na Metropole, por effeito da invasão franceza, e ascendera ao alto posto de ministro do Reino o habil politico e integro estadista Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal, que, por altas virtudes privadas e pelas faculdades superiores de seu espirito de eleição, soubera insinuar-se na confiança de D. João VI, desde que este o conhecera como juiz de fóra em Villa-Viçosa, séde do ducado de Bragança.

De sua influencia como ministro e commensal do Rei, emanou, entre outras resoluções que tornaram tão fecundo o governo de D. João VI, em geral, erroneamente apreciado, o decreto de 10 de Junho de 1818, que estabeleceu

o Museu Real, com a justificativa de *propagar os conhecimentos e estudo das sciencias naturaes* no *Reino do Brazil*.

No citado decreto é apenas passivel de censura o dispositivo que auctorisou a compra das casas de propriedade do Barão de Ubá, sitas ao Campo de Sant'Anna e hoje occupadas pelo Palacio da Justiça, para installação do Museu, porque cabia ao governo fazer construir edificio que reunisse as condições indispensaveis aos fins do estabelecimento.

Entretanto, o Ministro do Reino, revelou a mais sensata orientação na escolha do funccionario para dirigir o Museu, indo ao encontro do reputado naturalista maranhense Frei José da Costa Azevedo, notavel franciscano, que, então, professava a cadeira de mineralogia na Academia Militar e a quem deu, a par de outros competentes auxiliares, João de Deos Mattos, discipulo de Francisco Xavier Cardoso Caldeira.



SALA FREIRE ALLEMÃO

Actos subsequentes do governo de D. João VI, sem duvida suggeridos por Villa Nova Portugal, evidenciam, o quanto se interessava o poder publico no desenvolvimento do Museu, assumindo excepcional importancia o decreto de 11 de Maio de 1819 que lhe annexou o Jardim Botanico, estabelecido na fazenda da Lagôa Rodrigo de Freitas.

O advento de nossa independencia politica fortaleceu essa corrente de sympathia, ao influxo de José Bonifacio de Andrade e Silva, o sabio mineralogista, cuja acção irradiou-se até os naturalistas estrangeiros em excursão pelo Brazil, concitando-os a enriquecer o Museu com as duplicatas de suas fartas collectas, em troca de auxilios e franquias com que o governo lhes facilitava o accesso ao interior do paiz.

As dadivas de D. João VI e de Pedro I, cabendo especial menção, relativamente ao ultimo, a rica collecção de antiguidades egypcias, as remessas avultadas dos naturalistas estrangeiros, as offertas constantes, procedentes de diversos pontos do paiz e os resultados das excursões do pessoal affecto ao estabelecimento augmentaram



consideravelmente suas collecções; de modo que, em 1825, iniciava-se o regimen de permuta com as instituições similares da Europa, a começar pelo Museu de Berlim.

A portaria de 24 de Outubro de 1821 facultou ao publico a visita ao Museu, que, progressivamente, lhe foi merecendo maior attenção, a ponto de despertar numerosas adhesões o appello que lhe fôra feito por Costa Azevedo, a favor da construcção de um predio onde installar o novo estabelecimento de modo mais consentaneo com as funcções que era chamado a exercer em nosso meio scientifico.

A generosidade do favor popular e a insistencia do eminente naturalista na defesa de seus nobres intuitos não poderam vencer a pertinacia do governo, que permittio fossem utilisados nas obras do quartel general e do Arsenal de Marinha os materiaes de construcção offerecidos com aquelle proposito, máo grado as reclamações de Costa Azevedo ao Visconde de Cayrú, inspector geral dos estabelecimentos de ensino.

Fallecido Costa Azevedo foi nomeado para o substituir o Dr. João da Silveira Caldeira, notavel chimico e mineralogista, que, com rara proficiencia e dotado de qualidades excepcionaes como homem de trabalho, não só enriqueceu extraordinariamente o Museu, graças ao apoio que lhe prestou o ministro do Imperio, Estevão Ribeiro de Rezende, depois Marquez de Valença, senão que o transformou em centro consultivo de alto valor scientifico para o governo.

Nomeado, em 1827, provedor da Casa da Moeda, o infortunado Caldeira, cujo, fim tragico tanto consternou os que lhe admiravam a actividade e o saber, foi substituido pelo maranhense Frei Custodio Alves Serrão, lente de physica e chimica na Escola Militar. De seu esforço a bem servir as funcções que lhe foram confiadas, de sua dedicação inegualavel são testemunhos preciosos os trabalhos que realizou, como fossem analyses chimicas de diversos productos, ensaios metallurgicos, projectos agricolas, substanciosos pareceres sobre tentativas de mineração, e descobertas de minas e outras investigações que tanto o enalteceram como homem de sciencia.

Ambicionara Alves Serrão dar ao Museu organisação pratica, que, distribuindo convenientemente os respectivos serviços, especialisando-os, de accordo com a natureza de cada materia, tornasse mais efficiente o esforço dos que alli collaboravam no desenvolvimento dos diversos ramos de sciencia. Alcançou-o, finalmente, á custa de incessantes reclamações, sendo promulgado, com a assignatura de Candido José de Araujo Vianna, ministro do Imperio, o Regulamento de 3 de Fevereiro de 1842, que dividio o Museu nas seguintes secções: 1ª — anatomia comparada e zoologia, 2ª — botanica, agricultura e artes mecanicas; 3ª — mineralogia, geologia e sciencias physicas; 4ª — numismatica, artes liberaes, archeologia, usos, costumes das nações antigas e modernas.

A fadiga resultante da perseverança com que se entregara abnegadamente aos seus labores obrigou Frei Custodio a se afastar do seu posto, no qual foi succedido pelo Dr. Frederico Cesar Burlamaqui, seu antigo discipulo e lente de mineralogia e geologia da Escola Militar. Não poderia o governo deparar espirito mais qualificado para investir de tão alta missão, como attestaram, em breve tempo, os admiraveis trabalhos realizados pelo notavel naturalista, expressos em estudos proficientes sobre assumptos mineralogicos e geologicos, em pesquizas de grande valor scientifico, praticadas em seu laboratorio, para onde, frequentemente, convergiam importantes consultas, quer do governo, quer de particulares, confiantes nos conhecimentos technicos do sabio investigador.



SALA ANDRADA (JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA)

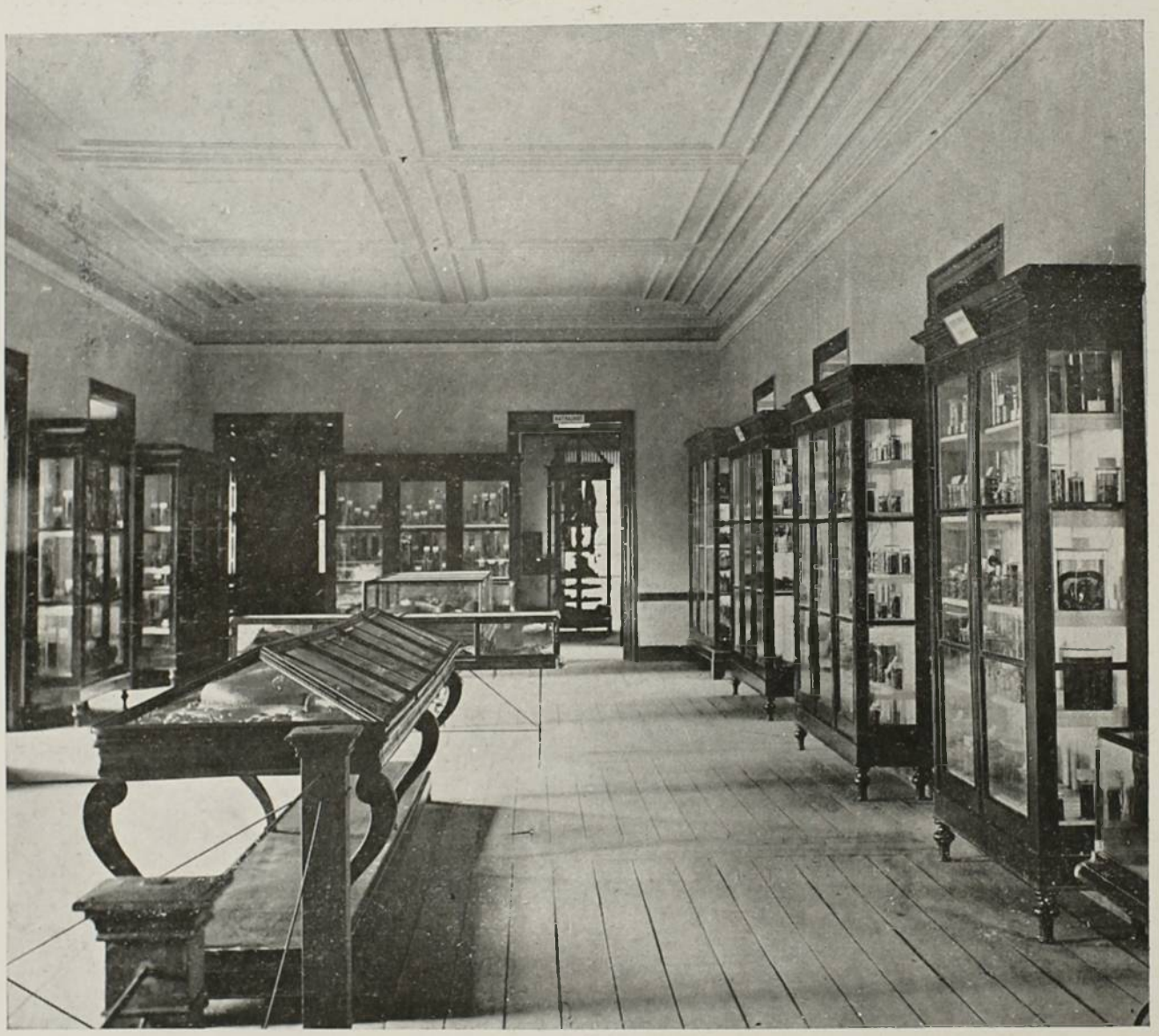
A's suas instantes reclamações, deve-se o aviso de 11 de Julho de 1863, creando a bibliotheca do Museu, que, gradualmente, se tem ampliado, constituindo, na actualidade, riquissimo repositorio de obras e revistas scientificas sobre as especialidades das diversas secções.

Fallecendo, em 1856, o Dr. Burlamaqui, foi nomeado director do Museu o insigne botanico Dr. Freire Allemão, que, já quebrantado de saude, deixou logo depois, esta Capital, sendo substituido, interinamente, pelo Dr. Ladisláo Netto, então director da secção de botanica, provido mais tarde na effectividade do cargo.

No decurso de sua fecunda administração, foi augmentada de 8.000$000 para 32.000$000 a verba orçamentaria destinada ao Museu, foi creado o «Archivo do Museu», valiosa revista, geralmente conhecida e bem reputada nos centros scientificos nacionaes e estrangeiros, instituiram-se as conferencias publicas, deu-se execução a idéa de uma Exposição anthropologica, fundou-se o laboratorio de physiologia, onde realizou trabalhos magistraes o illustrado Dr. Couty e ultimou os seus estudos sobre o veneno ophidico o Dr. João Baptista de Lacerda, fez-se acquisição do meteorito Bendegó, transportado da Bahia, em 1888, sob os auspicios do Barão do Guahy.

Cumpre-nos tambem registar como facto auspicioso o aproveitamento nos serviços do Museu dos illustres naturalistas Fritz Müller, Carlos Schreiner, Schwacke, Hartt, mais tarde director da commissão geologica, von Ihering, distincto professor da Universidade de Iena e hoje director do Museu de S. Paulo e Domingos S. Ferreira Penna, assim como, em época posterior, os distinctos homens de sciencia, Drs. Gœldi e Orville Derby, sendo que este, apezar de afastado, ha alguns annos, do Museu, tem continuado a collaborar, com a sua alta competencia, na revista mantida pelo estabelecimento.

Por iniciativa do ministro da agricultura Dr. Thomaz Coelho, foi o Museu reformado, em 1868, seguindo-se a essa reforma a de 8 de Maio de 1890 e a de 11 de Fevereiro de 1899, suppressiva dos cargos de naturalistas e sob cujo regimen ficaram assim distribuidas as secções: 1.ª—zoologia; 2ª—botanica; 3ª—mineralogia, geologia e paleontologia; 4ª—anthropologia, ethnologia e archeologia.



SALA AGASSIZ

Apezar do decreto de 24 de Novembro de 1890, que mandou desapropriar os predios contiguos ao Museu, para construcção de um edificio adequado á sua definitiva installação, foi elle transferido para o palacio da Quinta da Boa Vista, em 1892, sendo então, nomeado director interino o Dr. Amaro Ferreira das Neves Armond, a quem succedeu o inolvidavel e sabio brazileiro Dr. Domingos Freire, substituido, depois de curta administração, pelo actual director Dr. João Baptista de Lacerda. Analysado em seu conjuncto, o Museu Nacional representa, na situação em que ora se encontra, larga e fecunda evolução, accentuada nos ultimos annos, no ponto de vista do augmento de suas collecções e relativamente ao arranjo e distribuição das mesmas, sempre melhorados na medida das modificações parciaes, por que vae passando o antigo palacio.

Acto injustificavel o que auctorisou a trasladação do Museu para aquelle proprio nacional, distanciado do centro mais populoso da cidade e destituido de condições que o recommmendassem aos fins a que o destinaram. Alterações têm sido feitas no sentido de corrigir o desacerto dessa deliberação, sendo que, no momento, realizam-se amplas modificações em grande parte do edificio, por iniciativa do actual Ministro da ustiça; mas, considerando os antecedentes da questão, é obvio que a providencia contida no decreto de 24 de Novembro de 1890, com ser de toda a efficacia para o Museu, consultaria melhor os interesses do Estado.

Por sua organisação, pela natureza das investigações que lhe são peculiares, o Museu Nacional, a exemplo de seus congeneres, não constitue um emporio de raridades, um centro meramente especulativo e muito menos uma *casa de bichos empalhados*, como o qualificou um representante do paiz no regimen decahido. Suas numerosas e ricas collecções, distribuidas mediante a observancia de principios scientificos, constituem vasto repositorio de nossas riquezas naturaes, cuja importancia se póde aferir pelas applicações praticas de que gozam, em grande parte, nas multiplas manifestações da actividade industrial.

A alta significação das instituições desse genero está consagrada no apreço que merecem em todo o mundo culto, mórmente entre as nações anglo-saxonias, cujo tino pratico, derivante, não de qualidades innatas, de caracteres de raça, senão de uma educação adequada ás conquistas do trabalho e á concorrencia vital, lhes dá inquestionavel preponderancia no seio da sociedade moderna.

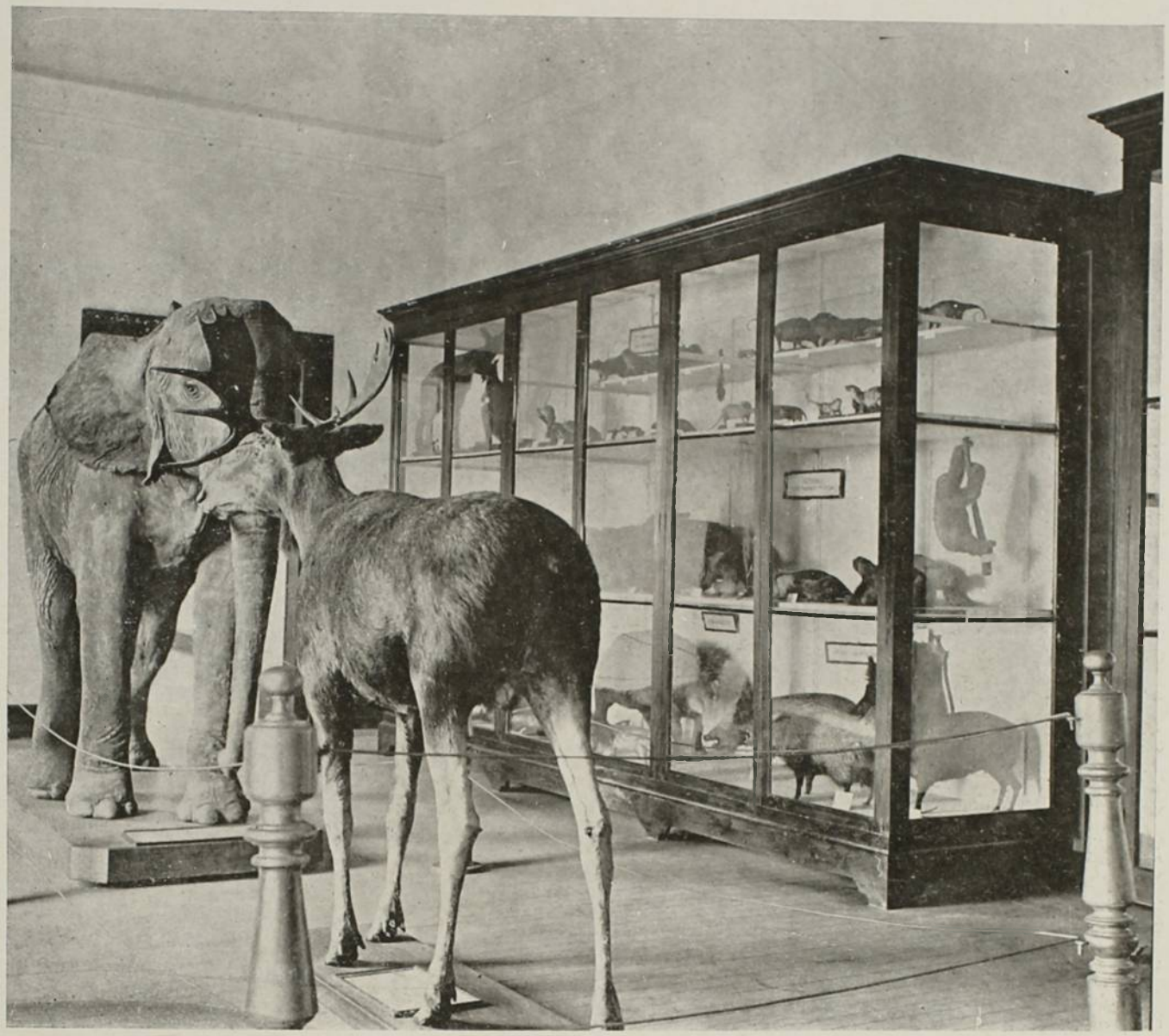
Desde o British Museum, *cidade das artes e da sciencia*, como lhe chamou Alphonse Esquiros, até os seus ricos Museus coloniaes, a Inglaterra se mostra soli-

cita em promover a divulgação e o progresso desses institutos scientificos, o que se faz extensivo aos Estados Unidos da America, onde esses estabelecimentos, por seus estudos especiaes, largamente diffundidos, assumem importancia excepcional.

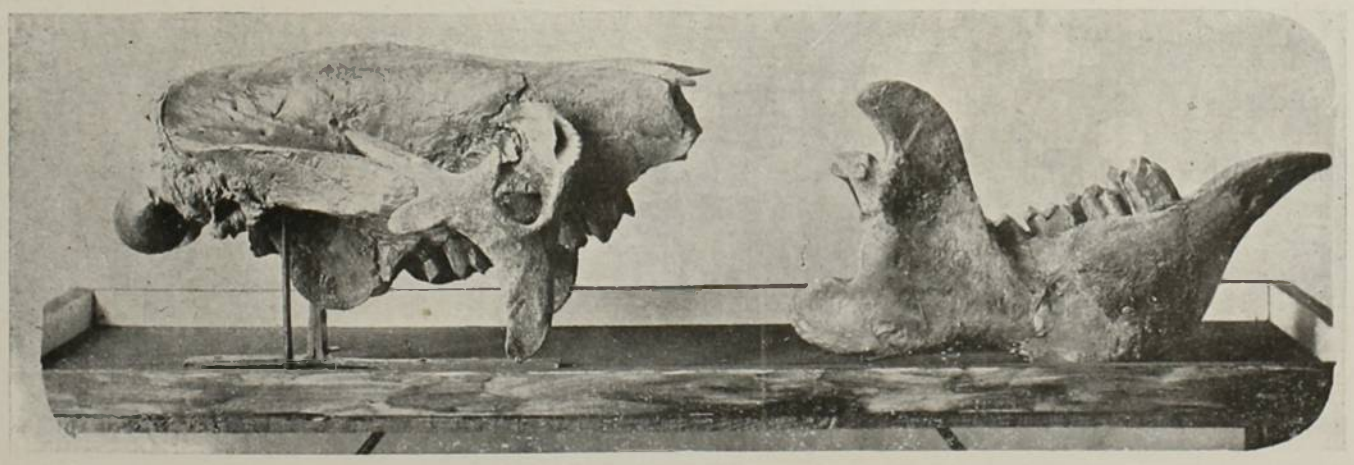
As seducções do imperialismo, que deriva para a esphera da sociologia e da politica internacional as doutrinas biologicas de Darwin e de Haeckel, erigindo-as em ameaça á vida e á estabilidade das pretensas raças inferiores, a expansão vertiginosa das faculdades productoras do paiz não excluem os norte-americanos da preoccupação de estudar de modo inexcedivel suas riquezas naturaes, a formação geologica de seu territorio, a origem dos povos que primitivamente o habitaram, e as tribus sobreviventes.

Seria demasiado optimismo assignalar como completa a obra scientifica do Museu, no longo periodo de sua existencia quasi secular, mas é forçoso aceital-a como a mais compativel com a deficiencia de seus recursos, em face de exiguas dotações orçamentarias que difficultam o desenvolvimento de alguns dos serviços a seu cargo, a renovação de seu material e mantem os profissionaes que o servem em situação de inferioridade ao de qualquer das repartições administrativas da Republica.

Entretanto, si o confrontarmos com seus similares da Argentina e do Uruguay reconheceremos a superioridade que lhe cabe, sob todos os aspectos, excedendo-o apenas



SALA SPIX



MAXILLA DO MEGATHERIUM

na secção paleontologica o Museu de la Plata, em consequencia dos trabalhos custosos e pacientes de Ameghino, que poderiam ser imitados com identicas vantagens no Brazil, si nos não faltassem os meios materiaes indispensaveis para proseguirmos nas explorações encetadas por Lund, no Estado de Minas, e por Carlos Schreiner nas cavernas de Jacobina, na Bahia.

Nem a indole desta revista, nem o espaço em que devemos confinar nossas observações nos permitte descrever, ainda que succintamente, as secções em que se subdivide o Museu ou reproduzir as salas e galerias comprehendidas nos tres pavimentos do antigo palacio imperial.

As difficuldades que muitas dessas dependencias offerecem tambem á execução de boas reproducções photographicas nos restringem a exhibir da secção de botanica apenas a sala Freire Allemão, onde se acham distribuidos excellentes e numerosos exemplares de diversas plantas de nossa flora, da de mineralogia o meteorito Bedengó, e a sala José Bonifacio que reune ricas collecções de mineraes e de rochas brazileiras e da de anthropologia, a sala Simão de Vasconcellos, consagrada ao grande chronista do seculo XVII e da qual constam preciosos artefactos indigenas das tribus do Mundurucús, Araras, Uaupés etc.

A secção de zoologia, occupando, em grande parte, salas em que a luz melhor se distribue, facilitou a obtenção de maior numero de gravuras, que dão a medida do alto valor de suas collecções. De uma dellas se destacam grandes mammiferos, entre os quaes estão á vista um exemplar de Alce (*Alces palmatus* Klein), especie de cervideo, outr'ora muito commum em Allemanha e em França, hoje apenas encontrado no norte da Europa e na America Septentrional, e outro do elephante africano (*Elephas africanus* Blumb). Na sala a que nos referimos, encontram-se, ao lado de cetaceos, desdentados, marsupios, perissodactylos, artiodactylos bunodontes e solenodontes, um raro marsupio, a toupeira australiana (*Notoryctes typhlops* Stirl), o damon da Syria (*Hyrax syriacus* Schreb.), que, segundo alguns auctores, é provavelmente o Saphan do Antigo Testamento e as duas especiaes de monotremos: *Echidna hystrix* Cuv. e *Ornithorhynchus paradoxus* Blumb, typos extremos da classe dos mammiferos e que têm tantos caracteres communs com as aves.

Na grande sala de peixes e reptis está exposta ao publico parte da collecção ichthyologica, na qual merece ser apontado o exemplar do pirarucú. (*Arapaima gigas*, Cuv.), peixe de grandes proporções, vulgarisado no Amazonas como succedaneo do bacalháo. Entre os ophidios, são dignos de menção a giboia, (*Boa constrictor* L.), sucury, (*Eunectus murinus* Dum) e na serie das cobras venenosas o cascavel, (*Crotalus horridus* L.), o surucucú, a jararaca, (*Bothrups biporus*, *atrox*, *jararaca*), etc. Os saurios: lagartos, cameleões; hydrosaurios: jacarés e chelonios completam a interessante sala do nosso Museu.

A maxilla do megatherium, representa o resultado do trabalho perseverante e da proficiencia do mallogrado naturalista, o inolvidavel sabio Carlos Schreiner, que conseguiu extrahil-a das cavernas de Jacobina, até agora inexploradas, e attesta á evidencia o preparo technico do habil preparador do Museu, Sr. Eduardo de Siqueira, que, nesse exemplar, como nos diversos da collecção orthithologica, revela toda sua competencia de taxidermista.

Das riquezas do Museu, apenas esboçamos simples e perfunctoria descripção, cujas deficiencias affectam, máo grado a responsabilidade profissional de quem a subscreve, suas riquezas archeologicas, abrangendo desde os specimens do periodo paleolithico e neolithico até os variados productos da ceramica, a mais bella e perduravel creação da arte prehistorica.



SALA SIMÃO DE VASCONCELLOS

SERGIO DE CARVALHO.

Professor da Secção de anthropologia, archeologia e ethnographia.



JARDIM BOTANICO - RIO DE JANEIRO

Projecto da Estrada de Ferro Mamoré-Madeira e Regiao circumvizinha

24 23 22 21

9 10 11

Rio Jurua

Rio Juruá

Rio Aquiri

Antimary

Rio Antimary

Porto do Acre

Rio Iquiry

Rio Iquirytan

Rio Abuna

Rio Negro

10° 20'

Rio Rio

Rio Orton

Rio Madre de Dios

Rio

Rio Beni

Bom Retiro

Florida

Orton

Riberalta

Rio Mala

Rio Guaporé

Rio Itenez

Rio Mamoré

Rio Guaporé

Rio Alto Madeira

Rio Madeira

Rio Beni

Rio Mamoré

Rio Guaporé

Rio Alto Guaporé

Rio Alto Paraguay

Rio Alto Paraná

Rio Alto Madeira

Rio Alto Madeira

Rio Alto Madeira

A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré

O memoravel Tratado celebrado em Petropolis aos 17 de Novembro de 1903, dirimindo para sempre a irritante questão das fronteiras entre o Brazil e a Bolivia de um modo equitativo e altamente honroso para os dois paizes, veio com a estipulação contida em seu art. VII reviver o antigo projecto de uma via-ferrea tendo por objectivo ligar o curso inferior do rio Madeira, no ponto em que cessa de ser francamente navegavel com aguas baixas por vapores calando 2 metros, ao seu curso superior, ou rio Mamoré, onde, ao termo de um longo trecho obstruido por caxoeiras e corredeiras, recomeça o rio desimpedido e susceptivel de ser navegado, sobre extensissimo percurso fluvial.

Ao resurgir a idéa desta via de rapida communicação, antiga e sempre vivaz aspiração dos habitantes da vasta região amazonica da Bolivia, e desde o principio perfilhada pelo Brazil no interesse de unir, relacionando-os, distantes agrupamentos dos seus naturaes, completamente segregados entre si, e assim approximar virtualmente as immensas chapadas do Matto-Grosso das infinitas planicies alagadiças da bacia do rio-mar, veio ella por sua vez recordar os ingentes mas baldados esforços já por vezes consumidos na sua realização, os enormes gastos de capitaes desperdiçados sem proveito, e o lamentavel e inutil sacrificio de innumeras victimas das temerosas endemias, que periodicamente assolam a inhospita região banhada pelo Madeira propriamente dito.

O curso encaxoeirado deste caudaloso rio vae desde Santo Antonio, na altitude de 76,m8 acima do nivel do mar e a 1033 kilometros da confluencia com o Amazonas e 2583 da capital do Pará, até o Guajará-Mirim, na extensão de 424 kilometros e com uma quéda total de 97,m6. Ahi existem 22 caxoeiras e corredeiras, entre as quaes destacam-se os dois saltos principaes, o do Theotonio, o mais grandioso, e o do Girão, onde o rio estreita-se consideravelmente; durante as cheias alguns dos rapidos desapparecem e outros peioram para a navegação usual nessas paragens; e para se fazer idéa das difficuldades que é necessario superar para se viajar rio acima, basta referir que a ascensão desta parte do rio exige actualmente de 40 a 60 dias, sendo 10 a 12 para transpor os trechos livres e os restantes para galgar as caxoeiras, sendo que em algumas dellas, nomeadamente as mencionadas, a passagem só se póde effectuar *varando* as embarcações por terra.

Os affluentes da margem esquerda do rio encaxoeirado, são geralmente mais volumosos, que os da outra margem, sobrepujando nesta o Beni, que alguns consideram até como o verdadeiro Alto-Madeira, porquanto contribue com cerca das 2/3 partes do enorme caudal do rio, que é de 6874 metros cubicos por segundo em aguas médias após a confluencia do Beni com o Mamoré. Os tributarios da margem direita descem de um



2 3 1

1—DR. CARLOS ALBERTO MORSING, 2—DR. JOAQUIM HUET BACELLAR, 3—DR. J. J. DA CRUZ CAMARÃO. E MAIS MEMBROS AUXILIARES DA COMMISSÃO

extenso chapadão, que o rio contorna de perto, dando uma grande volta, de modo que o trajecto mais curto entre os pontos extremos já assignalados, é apenas de 285 kilometros, sendo todo elle em territorio brazileiro.

Acima das caxoeiras do rio Madeira expande-se sobre uma superficie de cerca de 1.000.000 de kilometros quadrados a região banhada pela collossal rêde hydrografica que por ellas escôa suas aguas; abrange esta immensa bacia por um lado uma parte consideravel da Bolivia, penetrando no planalto central dos Andes, pelos affluentes do Beni até á sua capital La Paz e pelas ultimas vertentes do Mamoré-Guapay até Cochabamba, de mais internando-se no Perú pelo Madre de Dios, principal affluente do Beni; e por outro lado encerra a bacia secundaria do rio Guaporé, o qual em longo curso desimpedido, forma as divisas entre o Brazil e a Bolivia, internando-se mais ao Sul pelo Estado de Matto-Grosso.

Segundo narram diversos exploradores, o Mamoré é francamente navegavel por vapores de fundo chato a partir de Guajará-Mirim sobre 600 kilometros de curso até Exaltacion, e o rio irmão, o Guaporé, desde a foz até Porto do Registro na extensão de 1328 kilometros; accrescendo a isto pelo menos 2000 kilometros mais, de facil navegação, dos seus principaes tributarios; e se não fôra a grande caxoeira de Boa Esperança, que obstrue o Beni a 30 kilometros de sua embocadura no Madeira, mais 1400 kilometros de curso accresceriam ao systema fluvial navegavel, sendo aliás provavel poder-se ligar por agua o Beni com o Mamoré por meio de obras relativamente pequenas, aproveitando a interposição de algumas lagôas e os *igarapés* que as communicam com os rios principaes.

É natural pois que por vezes occorresse a idéa de canalizar-se o trecho encaxoeirado do rio Madeira, tornando-se assim ininterrupta a navegação a vapor, com o desenvolvimento total de quasi 5000 kilometros, desde as boccas do Amazonas até ás proximidades da cidade de Matto-Grosso, banhada pelas aguas do Alto-Guaporé; e abrindo-se ao commercio o vasto territorio amazonense, pertencente á Bolivia. O caracter demorado dos trabalhos de canalização através das caxoeiras e as difficuldades inherentes á execução de obras especiaes em algumas dellas, principalmente nos saltos do Theotonio, do Giráo e do Paredão, os quaes exigiriam a abertura de canaes lateraes, munidos de eclusas, fizeram logo a principio propender a preferencia para a construcção de uma via-ferrea, que de facto antolhava-se relativamente facil, economica e de prompta realização.

* * *

Foi em 1867 que originou-se o plano de abrir um caminho que communicasse a Bolivia com o Brazil pelo valle do Madeira, estando já então bem encaminhadas as negociações para o tratado de limites, navegação e commercio que no anno seguinte foi ratificado. O governo boliviano commettia nessa época ao coronel norte-americano Church o encargo de organizar uma empreza para tal fim, a qual constituiu-se em Nova-York com o nome *The National Bolivian Navigation Co.*; pensava-se geralmente então na abertura de canaes através do rio encaxoeirado; o coronel Church, porem, mais avisado alcançara que no seu contracto fosse inserida a clausula de poder construir uma via-ferrea, desde que se tornassem por demais difficeis e dispendiosos os melhoramentos do rio; e como no caso de verificar-se a impraticabilidade deste alvitre, a configuração e accidentes do terreno indicassem a construcção da estrada sobre a margem direita, e portanto em territorio do Brazil, tornava-se para isso indispensavel o consenso desta nação.

Entretanto o governo brazileiro havia incumbido os engenheiros Keller de explorarem o rio Madeira, apresentando elles um bem elaborado relatorio em 1870; e baseado nestes estudos pelo decreto n. 4509 do mesmo anno, concedeu ao mencionado Sr. Church, o privilegio exclusivo durante 50 annos para a construcção e gozo de uma ferro-via entre os pontos extremos do rio encaxoeirado, podendo ramificar-se até um ponto fronteiro á embocadura do Beni.

De posse da concessão brazileira aquelle activo e empreendedor industrial tratou de reunir a Companhia *Madeira and Mamoré Railway* que incorporara em 1871 á *National Bolivian Navigation*, e ajustou em seguida a construcção da estrada de ferro com a companhia ingleza *Public Works Construction*. A esta empreza devem-se os primeiros trabalhos regulares de exploração, tendo para isto enviado ao logar uma commissão de engenheiros, dirigida pelo Sr. L. C. Rosse, trabalhos estes em grande parte aproveitados nas subsequentes campanhas. O custo da estrada primitivamente avaliado em 437.789 £, foi elevado a 600.000, capital que serviu de base ao contracto definitivo para a construcção. Começados em Julho de 1872 foram os trabalhos de exploração levados avante com grande energia e coragem; em consequencia, porem, de difficuldades pecuniarias motivadas por desintelligencia entre os incorporadores e as mencionadas companhias, teve a empreza constructora de suspender os trabalhos quasi um anno depois de iniciados, protestando perante os tribunaes inglezes, pedindo a annulação do seu contracto e reclamando indemnisação pelos prejuizos soffridos.

Em quanto proseguia o litigio judiciario os governos interessados não se mostraram indifferentes á realização do magno commettimento, e provada a insufficiencia do capital destinado ás obras, e então em deposito no Banco da Inglaterra, o governo brazileiro concedeu em 1877 garantia de 7 % de juros durante 30 annos á *Madeira and Mamoré Railway* sobre o maximo de 400.000 £, não devendo, porem, a garantia tornar-se effectiva senão depois de empregada nas obras a importancia dos fundos disponiveis em Londres; esta valiosa concessão foi posteriormente ratificada pelo poder legislativo nos termos em que fora feita.

Sem esperar que se liquidasse o já demorado pleito judiciario, o coronel Church, sempre afoito e empreendedor, firmou contracto com os constructores P. e T. Collins para a execução das obras á razão de 5.900 £ por milha ingleza ou sejam 3666 £ por kilometro para uma determinada quantidade de trabalho, sendo elevado este preço na justa medida, caso fosse excedida a importancia das obras previstas. Em principio de 1878 estes esforçados e habeis empreiteiros, com os recursos proprios de que dispunham, deram prompto andamento aos trabalhos, conseguindo em pouco mais de um anno locar a linha em mais de 100 kilometros, preparar o leito em mais de 20 e levar a locomotiva até o sexto kilometro a partir de Santo Antonio, não obstante os sérios e multiplos contratempos que os assaltaram, como o naufragio de um vapor que vinha dos Estados Unidos transportando trabalhadores e carregando trilhos, a inutilização de lanchas a vapor conduzidas a grande custo pelos caxoeiros acima, e no correr dos trabalhos as febres, que dizimavam o pessoal, sendo que, tendo chegado a ter 1500 homens no serviço, em uma média diaria de 300 empre-

gados falleceram 60; e sobretudo a negligencia da Companhia em satisfazer aos pagamentos que lhe eram devidos pelos trabalhos realizados, circumstancia esta que por fim os obrigou a abandonar o serviço, pedindo á Presidencia do Amazonas que tomasse conta de todo o acervo de materiaes e de utensilios que abandonavam. Dissolvida e liquidada a *Madeira and Mamoré Railway*, o governo do Brazil por decreto de 10 de Setembro de 1881 declarou caduca a concessão primitiva, cujo prazo para a conclusão já havia sido prorogado em 1876.

Tão transcendente se apresentava entretanto a necessidade de estabelecer uma inter-communicação viavel e de estreitar as relações commerciaes entre a immensa região do Alto-Madeira, separada do mundo civilizado, de um lado pelo altaneiro massiço dos Andes e de outros pelos insuperaveis obstaculos oppostos á navegação pelas quédas dos rios, que, apezar do descalabro de emprezas respeitaveis e dignas de melhor sorte, não se desvanecera por completo o proposito de tentar novamente a realização de grande empreendimento. No seio do parlamento brazileiro, com effeito, agitara-se a questão e não tardou muito, que por lei orçamentaria fosse consignada uma verba especial para os estudos da estrada de ferro Madeira-Mamoré.



DESTROÇOS DA PONTE SOBRE O 2º IGARAPÉ, PERTO DE S. ANTONIO

Foi ao mesmo tempo incumbido de proceder á organização do projecto definitivo o habil e experimentado engenheiro Carlos Alberto Morsing, de saudosa memoria, recebendo instrucções minuciosas em 25 de Novembro de 1882, pelos quaes devia começar por um estudo preliminar para a determinação do melhor traçado da via ferrea, podendo tomar conhecimento dos estudos e trabalhos já effectuados e verificar o que podessem ter de aproveitavel. A commissão de engenheiros então organizada para esse fim chegou aos 19 de Março de 1883 em Santo Antonio e logo procedeu á installação do escriptorio central e ás operações do campo para o traçado da linha. Nessa localidade e nas suas proximidades encontrou armazens e uma serraria em ruinas, bastante damnificadas, uma locomotiva, machinas fixas e material telegrafico; pilhas de trilhos ainda em bom estado; ferramenta de toda a especie, correame e carvão de pedra; pilhas de dormentes apodrecidos e, em longo percurso pelo matto a dentro, a cada passo, vestigios da extincta actividade.

Começava a quadra calamitosa das febres e bem depressa o pessoal resentia os seus effeitos

deleterios, voltando aos poucos ao ponto de partida enfermo e impossibilitado de continuar o trabalho; assim mesmo conseguiu a commissão em 4 mezes verificar o traçado até o kilometro 106 nas vizinhanças da caxoeira do Caldeirão do Inferno, regressando a Santo Antonio a ultima turma dirigida pelo engenheiro Abel de Mattos, em Agosto, com a saude fortemente abalada. Durante a rude campanha haviam sido victimados pelas doenças tres engenheiros, um offfcial e mais 15 homens, entre soldados e operarios, d'entre um pessoal que nunca excedeu de 70 homens. Nestas tristes condições Carlos Morsing tomou a resolução de retirar de Santo Antonio a commissão, sendo licenciada a maior parte dos que restavam, e apenas mantendo-se em Manáos o pessoal indispensavel á organização do projecto e do orçamento da parte da linha já verificada.

No auge de um geral desanimo acontecêra, antes de partir de Santo Antonio, a commissão encontrar as plantas originaes dos estudos feitos pelos engenheiros da *Public Works*, até Guajará-Mirim, cuja authenticidade ficou plenamente comprovada; facto este que, como é facil imaginar-se produzio grande alvoroço e contentamento, porquanto previa-se que concorreria para approximar o almejado desenlace, com desempenho cabal, da aspera missão de que estava encarregada.

Coincidiu o regresso a Manáos, da commissão, com a volta de seu chefe, que fôra ao Rio de Janeiro expôr de viva voz ao Governo as sérias difficuldades que empeciam o regular andamento dos trabalhos e propôr as medidas necessarias para vencel-as; vinha elle acompanhado de um reforço de pessoal, composto de sete engenheiros e auxiliares.

Para completar os estudos já encetados de um trecho de linha, que partindo de Santo Antonio chegasse a um local a juzante, mais accessivel á navegação usual e mais apropriado a servir de ancoradouro, foi incumbido o engenheiro J. H. Bacellar, que constatou as vantagens do sitio, denominado Ponto Velho a 7 kilometros abaixo de Santo Antonio; a voltando a Manáos foi empregar a sua actividade em completar o projecto e orçamento de toda a linha, utilizando-se do trabalho executado pelos engenheiros da *Public Works*.

Faltava entretanto nessas antigas plantas um trecho comprehendido entre os pontos fronteiros ás caxoeiras do Caldeirão do Inferno e do Giráo; era pois forçoso pôr-se em campo para executar os respectivos trabalhos de exploração; delles foi com effeito encarregado o engenheiro J. J. da Cruz Camarão, o qual, partindo em 7 de Novembro de 1883 de Manáos e quasi um mez depois de Santo Antonio, conseguio em 11 dias transpôr as caxoeiras com dois batelões carregados de generos até o ponto inicial do seu trabalho, isto em quadra impropria á navegação costumeira; e dentro de um mez corrêra uma linha de 17700 metros, ligando-a ao estaqueamento que achou dos antigos trabalhos de exploração.

Feita assim a juncção das secções estudadas sobre o terreno entre Ponto Velho e Guajará-Mirim, foram levados a termo os trabalhos proprios de escriptorio. A extensão total da linha foi determinada em 361,5 kilometros; reconhecendo entretanto o chefe da commissão que uma revisão do traçado, no sentido de jogar a linha mais para o chapadão a dentro, poderia dar em resultado um encurtamento de cerca de 20 kilometros, sem afastar-se de um ponto fronteiro á embocadura do rio Beni, que julgava ponto obrigado do traçado, evitando-se dest'arte um ramal, que, a não ser adoptada a directriz estudada, se tornaria necessario. Cerca da terça parte sómente da referida extensão é em curvas, sendo o raio minimo empregado de 191m18; na travessia do chapadão, cortando a grande volta que o rio Madeira descreve entre as caxoeiras dos Tres Irmãos e do Ribeirão é notavel um alinhamento recto de mais de 39 kilometros: os declives são brandos, não excedendo de 0,01626; são insignificantes as obras d'arte, com excepção de uma ponte sobre o rio Jacy-Paraná com tres vãos de 45 metros, outra no Ribeirão com tres vãos de 30, e uma terceira de um só lanço de 45 na passagem do Mutum-Paraná; o movimento de terra não attinge 5 metros cubicos por metro linear da estrada, sendo o custo desta orçado em..... 45:600$000 por kilometro; ou, tendo em vista o estado do cambio da época, em cerca de 3800 £; isto é, pouco mais que o preço que serviu de base ao contracto do empreiteiros Collins.

Julgou o Sr. Morsing assim concluida a sua missão, o que communicou ao governo, por ter reunido os elementos necessarios para qualquer contracto que tivesse por objecto a construcção da estrada; não se conformou, porem, com tal alvitre o governo, apezar de uma commissão nomeada por elle e composta dos engenheiros conselheiro Sobragy, Monteiro de Barros e Francisco Bicalho julgar os estudos sufficientes para os fins, que se tinha em vista. Insistindo o Sr. Morsing pela sua exoneração, foi-lhe esta concedida aos 22 de Março de 1884; mas pouco depois appellou para o juizo do Club de Engenharia, sendo que a commissão, composta dos Srs. Herculano Penna, André Rebouças, Mello Barreto, Mayrink, Silva Coutinho, F. P. Passos, Aarão Reis e Carlos de Niemeyer, designada para pronunciar-se, apresentou em sessão de 16 de Julho do Conselho Director da dita Associação, o seu parecer tambem favoravel aos trabalhos da commissão Morsing, após minucioso exame dos planos e mais documentos offerecidos pelo seu chefe: «um dos nossos mais habeis e experimentados engenheiros sobre questões de estradas de ferro». Em summa dizia este parecer o seguinte:

«Os trabalhos feitos por esta commissão não são definitivos, e nem como tal foram apresentados; mas apenas estudos preliminares offerecendo elementos para o calculo approximado do custo da estrada e base sufficiente para a deliberação que o governo tivesse de tomar sobre a execução da obra», e concluindo: «que os trabalhos apresentados ao Club de Engenharia pelo referido ex-chefe, offerecem, como estudos preliminares, subido valor technico e satisfazem o fim para que foram organizados.»

* * *

O governo no entanto perseverou na resolução que havia tomado de serem completados os trabalhos de campo na parte do traçado da *Public Works*, adoptado por Morsing, a começar da caxoeira do Giráo; e em Abril de 1884 nomeou para dirigir a segunda campanha da commissão ao Sr. Julio Pinkas, que fôra 1º engenheiro, e o immediato do precedente chefe.

Tendo-se reunido novo pessoal, pois que dos que acompanharam Morsing apenas o engenheiro Candido de Abreu tornou a prestar os seus assignalados serviços, e tendo-se bem apercebido de viveres e de medicamentos e dispondo de embarcações e de outro material necessario para a penosa jornada, aportou a commissão a Santo Antonio aos 17 de Maio, e seguindo aos poucos achou-se congregada em meados de Junho nas proximidades da caxoeira do Caldeirão do Inferno, para dahi proseguir, dividida em quatro turmas, para differentes pontos situados á margem do rio encaxoeirado, entre o Giráo, onde

terminava a parte do traçado já verificada na extenção de 122 kilometros, e Guajará-Mirim, no extremo sul da estrada projectada. Instruido pela dura experiencia já adquirida, o Sr. Pinkas planeou effectuar as operações do campo proprias a uma nova exploração, de vez e no mais curto prazo possivel, escalando as turmas de engenheiro pelo trajecto a percorrer; é assim que durante o mez de Julho encetaram ellas quasi simultaneamente os seus trabalhos e segundo relatou o novo chefe da commissão os concluiram nos breves periodos de 46 a 73 dias, perfazendo ao todo quasi 216 kilometros de linha de exploração. Em meados de Outubro chegava por fim a commissão de volta dos seus trabalhos, tendo logo a principio emfermado sómente alguns homens, que não continuaram no serviço, sendo que outros mais animosos se restabeleceram, em quanto a commissão soffria a perda de um engenheiro e de dous trabalhadores, que succumbiram.

Chegando em Dezembro ao Rio de Janeiro o Sr. Pinkas emprehendeu desde logo os trabalhos de gabinete, com pessoal reduzido, organizando as plantas e os orçamentos completos da estrada de ferro, e apresentou em Junho de 1885 o seu relatorio, minucioso, interessante e habilissimo trabalho que foi impresso.

Pelo projecto Pinkas o desenvolvimento da via-ferrea ficou sendo de 329,6 kilometros, reduzindo-se tambem o movimento de terra a uma média de 3,75 metros cubicos por metro linear de estrada, por ter o seu autor adoptado curvatura mais forte, descendo ao raio minimo de 160 metros, e gradientes mais inclinados, attingindo o maximo de 0,^{m}025 por metro, e ter, alem disto, reduzido a largura da plataforma nos aterros e nos córtes a 3^{m} e 4^{m} respectivamente. O custo total da estrada foi por elle orçado em 8.736:716$6h0, quantia esta que corresponde á de 26:507$000 por kilometro, ou sejam 2209 £, ao cambio de 20^{d} por 1$000 que então vigorava; semelhante resultado é incomparavelmente inferior a quanto se Soderia esperar tendo em vista os antecedentes.



CACHOEIRA DE S. ANTONIO

Em seu relatorio o Sr. Pinkas nega os meritos dos antigos trabalhos, executados pelos engenheiros da *Public Works Contracts Corporation*, e duvida de authenticidade das plantas encontradas pela commissão durante a primeira campanha; demais, injustamente menoscaba á administração do seu predecessor, seu antigo chefe, fazendo até insinuações que muito o melindraram como de razão, e o obrigaram a vir protestar perante o governo. Accedendo ao requerimento feito pelo Sr. Morsing o Ministro da Agricultura conselheiro Antonio da Silva Prado

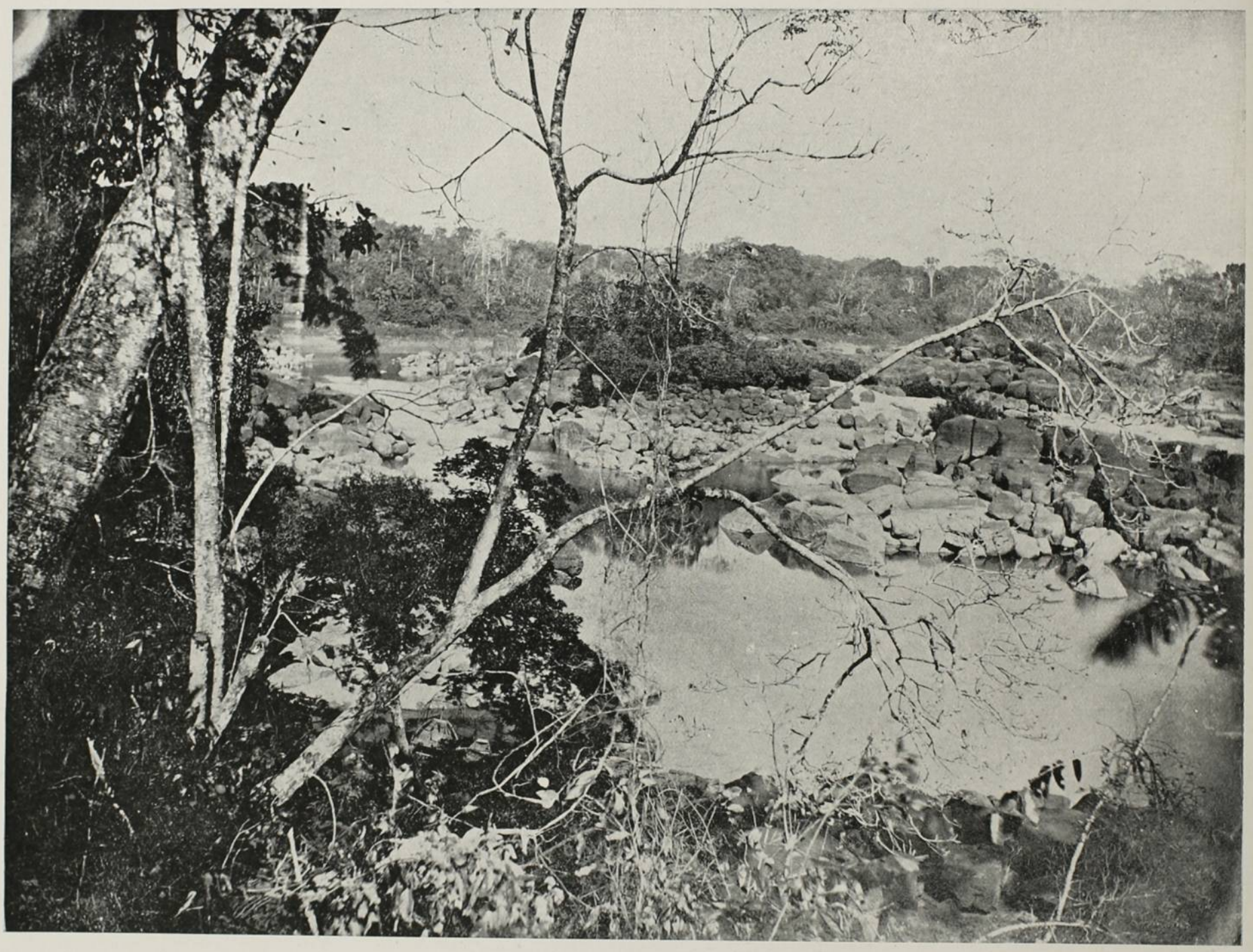
encarregou aos 19 de Outubro de 1885 uma commissão composta dos engenheiros J. Teixeira Soares, J. Rademaker Grunewald e I. W. da Gama Cockrane de informar sobre os seguintes pontos:

«1º) divergencias que houve entre os engenheiros Morsing e Pinkas quanto ao mais conveniente meio de levar-se a effeito o estudo sobre a estrada de ferro Madeira-Mamoré;

2º) valor, quer absoluto, quer relativo dos estudos que os referidos engenheiros apresentaram ao governo; si correspondem aos sacrificios e despeza que exigiram, se satisfazem aos intuitos da lei que os outorgou, e se algum desses estudos póde ser considerado definitivo;

3º) que fundamento tinham as accusações a que allude o requerimento em que o engenheiro Morsing reclama contra proposições do relatorio publicado, que considera offensivas da sua dignidade.»

A commissão deu conta de sua ingrata incumbencia em 21 de Agosto de 1886, apresentando o seu relatorio, acompanhado dos documentos em que baseava todos os seus assertos. O Sr. Pinkas tendo requerido vista deste trabalho, apresentou a sua refutação, a qual foi publicada juntamente com o parecer em folheto, que no entretanto não foi distribuido. De novo sendo convidada a mesma commissão para externar-se e tomar a refutação na consideração que entendesse conveniente, veio ella dar conta do resultado dos seus estudos e exame em 18 de Maio de 1887 (segundo acha-se publicado no *Diario Official* de 28 de Julho do mesmo anno) resultado este que confirma plenamente o primeiro exame feito. Seria fastidioso para os leitores desta revista reproduzir mesmo resumidamente esta longa e minuciosa exposição, mas lança ella tanta luz sobre o effectivo valor dos trabalhos realizados nas duas campanhas da commissão de estudos da estrada de ferro Madeira-Mamoré, que muito convem aqui assignalar ao menos as suas principaes conclusões.



CACHOEIRA DE S. ANTONIO

O Sr. Pinkas, confirmando o que em seu relatorio expuzera, sustenta que a planta da *Public Works* adoptada por Morsing não tem valor algum pratico, entretanto resulta do consciencioso exame feito que na realidade pouco differe da organisada por aquelle engenheiro, sendo que com ligeira modificação no rumo geral das tres secções, de que se compõe o traçado, e com o encurtamento de alguns alinhamentos rectos, a primeira póde ser convertida na segunda; e verificando-se entre outras coincidencias, que desde o salto do Giráo até á

caxoeira do Páo Grande em uma extensão de mais de 160 kilometros a planta Pinkas accusa as mesmas distancias entre os diversos pontos intermediarios, figurados na da *Public Works*, a despeito de ter sido corrida a linha do primeiro *directamente, cortando as voltas do rio*, e a do segundo *obtida em canôa*, segundo affirma o malevolo successor e antigo collaborador de Morsing.

Assim é provavel que as operações de campo da 2ª campanha, tão rapidamente executadas, se limitassem á verificação de uma linha, já anteriormente estudada, e parecendo aliás bem plausiveis as accusações por outrem feitas quanto ao effectivo serviço prestado pela turma que chegou a Guajará-Mirim. Dahi infere-se que nem os trabalhos de Morsing nem os apresentados por Pinkas podem ser considerados como definitivos, apezar de serem os deste ultimo mais completos, cumprindo reconhecer que o primeiro jamais os offereceu como taes, e conclue-se que as despezas da 2ª campanha poderiam ser evitadas sem inconveniente sério.

Relativamente ao orçamento apresentado no relatorio, apezar de organisado com grande minucia e baseado sobre preços mais altos que os das outras vias-ferreas, que pela mesma época estavam sendo construidas á custa do erario publico, é elle extremamente modesto, devendo de facto ser-lhe accrescida uma verba extraordinaria de eventuaes impossivel de determinar-se a priori, considerando que se trata de «uma estrada de ferro construida em região completamente afastada dos centros povoados, carecendo de toda a especie de recursos, onde as condições climatericas e de salubridade são taes que não permittem a uma organisação robusta affrontal-a impunemente por mais de tres mezes na melhor estação»; uma estrada emfim para a qual o proprio Sr. Pinkas lembrou o alvitre de serem suspensos os trabalhos de construcção durante cinco mezes em cada anno, ficando portanto o custo definitivo, onerado pelos prejuizos consequentes a interrupções do serviço periodicos e prolongados.

* * *

Na verdade, examinando com attenção a composição dos preços do referido orçamento e o quadro comparativo dos de outras estradas, inserto no relatorio do Sr. Pinkas, vê-se que alguns ha que quasi egualam os de serviços congeneres executados em outras regiões do Brazil, onde as condições da vida são incomparavelmente mais suaves e a mão d'obra muito mais barata.

Nas actuaes circumstancias economicas e financeiras do paiz é de presumir-se que o custo da estrada de ferro Madeira-Mamoré não poderá ser inferior á seguinte estimativa, podendo entretanto ascender a quantia muito superior:

1º Trabalhos preliminares	800:000$000
2º Terraplenagem 1500000 m.³ a 3$000	
100000 m.³ a 11$000	5.600:000$000
3º Obras d'arte	1.300:000$000
4º Vía permanente e material rodante	6.900:000$000
5º Estações e paradas; telegrapho	1.200:000$000
	15.800:000$000
Despezas eventuaes e beneficio dos empreiteiros	3.160:000$000
Administração, serviço sanitario, despezas extraordinarias provenientes das interrupções do serviço	3.000:000$000
Total	21.960:000$000

Ou por kilometro em média 61:700$000 ou 3085 £; admittindo de antemão que o movimento de terra por metro linear de estrada se eleve a um algarismo intermediario entre os calculos dos dois chefes da commissão de estudos, e que o comprimento total seja provisoriamente computado em 355 kilometros, até que pela revisão do traçado feito na occasião da vindoura construcção, se verifique por um lado se a via-ferrea deve iniciar-se em Santo Antonio ou no local, situado um pouco a juzante, denominado Ponto Velho, e por outro lado se aquella extensão poderá soffrer a reducção, á qual ambos se referem, avaliada entre 10 a 20 kilometros.

Presuppõe-se alem disto na estimativa feita, que a estrada seja construida segundo as normas geralmente seguidas no Brazil para as vias-ferreas da bitola de um metro entre trilhos; introduzindo-se nella, porem, todas as economias realizaveis na mão d'obra pelo emprego, quanto possivel, de agentes mecanicos em substituição ás forças animadas e de processos de construcção, que permittam minorar a estadia do homem junto á obra.

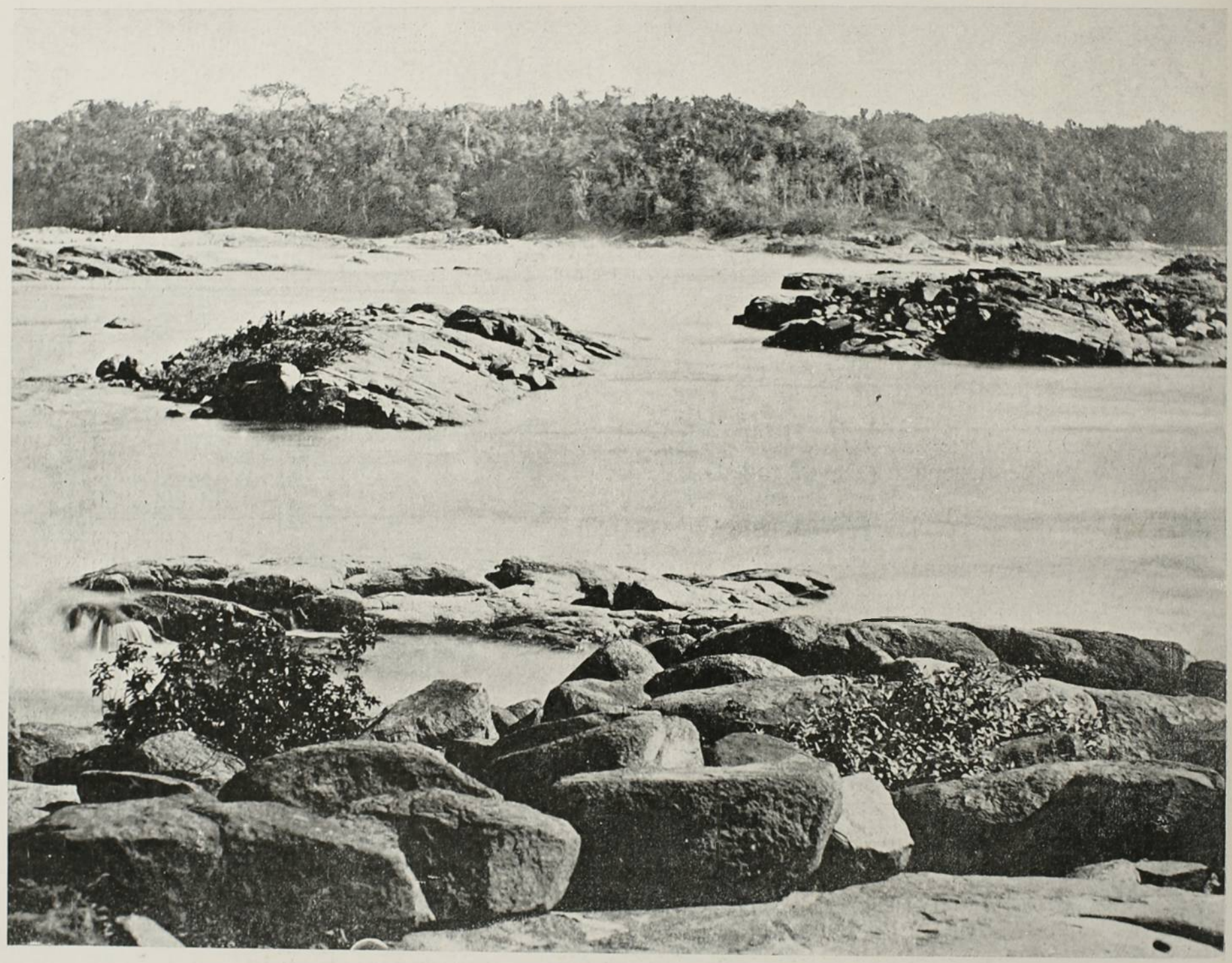
A extensão total de 355 kilometros attribuida á estrada, se bem que satisfaça ao fim de estabelecer uma communicação facil e rapida entre os cursos desimpedidos do rio Madeira e as regiões ribeirinhas, separadas pelas caxoeiras, não bastará comtudo para preencher os altos destinos a que está fadada, servindo aos immensos territorios bolivianos e peruanos, banhados pelos rios Beni e Madre de Dios, se não vier juntar-se-lhe um ramal, que, partindo de um ponto conveniente da linha principal, atravesse o rio Madeira em alguma das caxoeiras, proximas á confluencia do Beni, e se desenvolva pelo valle deste rio até salvar o grande salto da Boa Esperança. Para a realisação deste ramal, cujo percurso não excederá provavelmente de 45 a 50 kilometros, pela maior parte situada em terras bolivianas, deverá contribuir a nação visinha, como é de justiça e de facto lhe cumpre, para satisfazer aos intuitos, que dictaram a indemnização por parte do Brazil, assim iniciando o desempenho dos altos compromissos tomados por ella, e que decorrem do Tratado de Petropolis.

Quando então surgiu de novo o designio de construir-se a estrada de ferro Madeira-Mamoré, tomando uma feição peremptoria, foi ella objecto de longa discussão no seio do Congresso Nacional, em sessões de sociedades scientificas e pela imprensa, sendo a questão tratada sob os diversos aspectos pelos quaes se apresentava.

Sob o ponto de vista politico encareceu-se, como era de esperar, o fim elevado e as largas vistas do Tratado,

iniciando uma nova éra de confraternidade entre os paizes ribeirinhos do vasto mar interior, a que se assemelha o rio Amazonas. Quanto ás condições estrategicas e de defeza territorial do Matto Grosso, manifestou-se geralmente a opinião no sentido de que a dita ferro-via não satisfaria cabalmente o seu alto destino sem que outra viesse ligar directamente á costa do Brazil o centro e o Sul daquelle vastissimo estado.

Pelo lado economico, quanto á receita que o trafego poderá produzir, uns, encarando o escasso movimento commercial que durante largo periodo o entreterá, dando quanto possivel os córtes e os aterros; tambem o extremo opposto appareceu na téla da discussão, apontando-se a conveniencia de adoptar a bitola normal da Europa e da America do Norte. Unanime foi comtudo o accordo quanto ao custo definitivo da estrada, o qual muito excederá o orçamento apresentado no relatorio do engenheiro Pinkas, quaesquer que sejam as condições technicas adoptadas. Relativamente á escolha do systema de tracção alguns propugnaram enthusiasticamente pela utilisação da colossal potencia hydraulica, que emana das quedas do rio Madeira, para a conversão em energia ele-



SALTO DO THEOTONIO — RIO MADEIRA

deficit, opinavam pelo emprego minimo de capitaes; outros, exagerando o alcance da estrada, considerando-a omo o futuro escoadouro das riquezas contidas no planalto central dos Andes, queriam para ella os caracteres de uma ferro-via primaria.

Quanto ao ponto de vista technico as ideas ainda mais divergiram, apezar de serem emittidas pelos mais competentes e illustrados profissionaes; segundo a minoria, as condições technicas da linha deveriam ser quasi as de um tramway de curvas apertadas e rampas fortes, acompanhando o relevo do terreno de maneira a evitar

ctrica; outros, porem, mais praticos, mostraram que a installação regular e completa de tracção electrica sobre toda a extensão da linha projectada não custaria menos de 13.500 a 16.000 contos de réis, ou seja só para isto cerca de 50:000$000 por kilometro.

A Directoria do Club de Engenharia, resumindo as opiniões que prevaleceram durante a brilhante discussão havida em uma série de sessões, e prestando a devida venia a algumas das ideas expendidas, propoz a segutnte moção, que foi acceita unanimamente e sob vivos applausos; com ella termino as presentes desalinhadas notas:

«O Club de Engenharia, congratulando-se com o illustre Chefe da Nação e com o eminente Barão do Rio Branco, pela celebração do Tratado de Petropolis, que constitue mais uma victoria em prol da fraternidade sul americana, manifesta o seu intenso jubilo por ver nelle incluido o compromisso da construcção da estrada de ferro Madeira e Mamoré, traçado indiscutivelmente preferivel para as communicações do Nordeste da Bolivia com o rio Amazonas, e que simultaneamente muito contribuirá para o desenvolvimento do Norte do Estado de Matto-Grosso.

O Club de Engenharia é de parecer que na Estrada de Ferro Madeira e Mamoré seja adoptada a bitola de um metro e que, no caso de ser empregada a tracção a vapor, as condições technicas admittidas sejão as constantes dos regulamentos em vigor.

O Club de Engenharia lembra, todavia, a possibilidade de ser applicada para a tracção a energia electrica proveniente da transformação da potencia hydraulica das cachoeiras do Madeira, cabendo ao engenheiro incumbido da construcção da estrada de ferro, pelo detido exame das circumstancias locaes, propôr ao Governo o systema de tracção que mais vantagens possa offerecer.

O Club de Engenharia, reconhecendo a alta competencia dos engenheiros que têm orçado a despeza a fazer com a construcção da Estrada de Ferro Madeira e Mamoré, computando-a em cerca de cincoenta contos de réis por kilometro, julga, comtudo, do seu dever chamar a attenção do Governo para as multiplas eventualidades, impossiveis de prever e que poderão elevar talvez ao dôbro o resultado daquelles calculos.

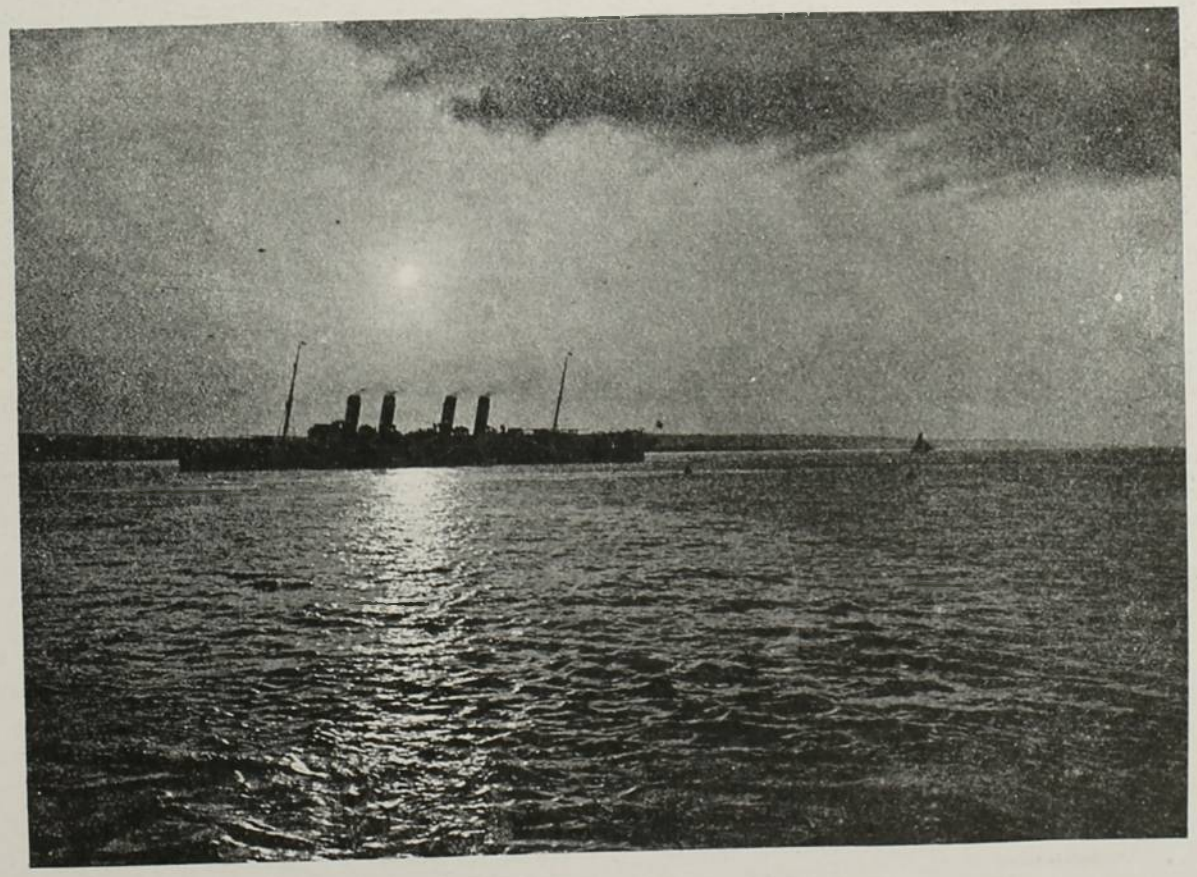
O Club de Engenharia, tendo em vista os insucessos anteriores, considera, para se levar a bom termo a construcção da Estrada de Ferro Madeira e Mamoré, indispensaveis: recursos amplos a continuos, medidas hygienicas previdentes e completas e autonomia e rapidez na execução.

Finalmente o Club de Engenharia pede venia para solicitar do Governo a construcção de uma estrada de ferro que, ligada á rêde Paulista ou Paranaense, se dirija á Bahia Negra, de fórma a encaminhar para o Brazil o movimento commercial do Sueste da Bolivia e de parte do Paraguay e que na hypothese de aggressão exterior garanta as nossas communicações com o sul do Estado de Matto Grosso.

Com esta estrada de ferro e com a do Madeira e Mamoré ficarão emfim satisfeitas as inadiaveis exigencias da viação ferrea internacional sul americana em suas relações com a viação ferrea do Brazil».

ALFREDO LISBOA.

PHOTO CLUB — EXPOSIÇÃO 1904



OSCAR TEFFÉ

THEATROS

LYRICO — A companhia de opera-comica ingleza não deu o que promettia. Toda a gente esperava, pelo menos, deslumbramentos de enscenação; nem isso tivemos: os scenarios eram velhos e desbotados, as vestimentas não se recommendavam pelo bom gosto nem pela riqueza. Os córos não eram máos, mas o regente da orchestra mal sabia fazer uso da batuta. Quanto ao baile, o melhor é não dizer nada; reduzia-se a quatro raparigas, que davam cabriolas de circo. Entretanto, havia alguns artistas, e, entre elles, um excellente comico... á moda ingleza.

As operas-comicas representadas eram muito mal feitas como peças de theatro, mas em geral a musica era bonita. A representação do 1º acto de cada uma dellas durava invariavelmente duas horas, concorrendo para isso o desagradavel systema que tinham os artistas de repetir todos os numeros de musica, mesmo quando o publico não lhes pedia *bis*. Ouvi dizer que o faziam por desencargo de consciencia: como os bilhetes eram caros, havia nessas rações dobradas uma especie de indemnisação ao publico.

— No momento em que escrevo estas linhas, os cariocas preparam-se para assistir ao primeiro dos espectaculos de Clara Della Guardia, e, pelos modos, o theatro ficará completamente cheio. Ha dous motivos para isso: o primeiro é a propria Della Guardia, uma das artistas estrangeiras que o nosso publico mais aprecia, e o segundo é *La figlia de Iorio*, o drama pastoral de D'Annunzio, que tão gabado tem sido, e é, ao que parece, o maior successo até hoje obtido no theatro pelo eminente romancista e poeta.

☼

S. JOSÉ — Eduardo Victorino, que já no anno passado nos mostrou a sua competencia como emprezario, organisou em Lisboa, com elementos colhidos e escolhidos, póde-se dizer, em todos os theatros daquella capital, uma companhia dramatica muito acceitavel, que está dando espectaculos com grande acceitação do publico.

Não se póde dizer que a estreia fosse precisamente um triumpho, não pela peça, que era bem boa, mas pela singular deliberação, que tomaram os artistas, não sei porque, de representar em segredo o *Segredo de Polichinello*. Póde-se dizer que a peça não foi ouvida.

Felizmente a *Zázá* foi representada menos confidencialmente, e o publico applaudiu. Angela Pinto encarregou-se, como ha dous annos, do papel da protagonista.

A peça de Pierre Breton foi substituida, ao cabo de uma duzia de representações, pela *Cruz da esmola*, de Eduardo Shwalback, um dos melhores engenhos dramaticos do Portugal de hoje, talento extraordinario, mas desigual, que produz ao mesmo tempo *Santa Umbelina* e o *João das Velhas*, os *Intimos* e *Agulhas e Alfinetes*.

Na *Cruz da Esmola* estão patentes as grandes qualidades do sympathico escriptor; a peça é ao mesmo tempo um quadro de costumes e um lancinante poema da pobreza, digno de algumas paginas dos *Parentes pobres*, do divino Balzac.

A *Cruz da Esmola* foi um triumpho para Maria Falcão, actriz ainda nova, que considero uma das grandes esperanças do theatro portuguez, desde que a vi nos *Velhos*, de D. João da Camara. Todos os outros papeis foram, entretanto, bem desempenhados, e a peça promette uma boa série de representações.

☼

APOLLO — Continúa a dar espectaculos neste theatro a companhia do Principe Alberto, do Porto.

Depois do *Diabo louro*, que passou despercebido, tivemos ali o *Monoculo do Averno*, magica parecida com todas as magicas, mas posta em scena com grande luxo de enscenação, e, por fim, uma revista, *Por cima e por baixo*, que faz rir, e está egualmente enscenada com muito gosto, e profusamente ornada de musica facil e graciosa. O compadre dessa revista é o nosso velho Mattos, que faz coisas do arco da velha.

☼

RECREIO — Tambem foi aqui representada uma peça nova: a *Fonte Castalia*, sobre a qual não me compete falar, porque é minha.

☼

CLUB FLUMINENSE — Inaugurou-se no mez passado, no campo de São Christovam, o Club Fluminense, que nasceu das cinzas do Élite-Club, e possue um theatrinho bonito, commodo, espaçoso, bem decorado, formando um ambiente delicioso de elegancia e de arte.

A peça escolhida para essa bella festa inaugural foi a comedia em 3 actos, o *O 116*, original de Baptista Coelho, trabalho escripto sem grandes pretenções, mas que nem por isso deixa de ser a revelação de um auctor dramatico brasileiro, e a nossa penuria de auctores dramaticos é tal, que seria um crime não animar um moço tão bem apercebido para as perigosas lutas do palco.

O merito principal da nova comedia consiste na observação exacta dos nossos costumes, no desenho dos typos, que nada tem de excessivo ou caricatural, e no engenho com que as scenas estão articuladas umas ás outras. Isso não impede, aliás, que a comedia tenha muita graça, e nos apresente uma figura original de bohemio, um *pince sans rire* que sem o parecer, é uma especie de demonstração physiologica da nossa época de scepticismo e de *blague*.

O fio da comedia é tenuissimo; não passa de um pretexto para a exhibição de typos: um negociante dinheiroso e brutal, que começou a vida puxando um carrinho de mão e ha de ser sempre «burro sem rabo»; uma das nossas boas donas de casa, convencida de que na economia domestica e no carinho materno consiste toda a virtude da mãe de familia; um priminho bilontra e namorador, ignorante e pretencioso, vasio de bons sentimentos e de juizo; um cacete que enfastia as pessoas, a quem vae visitar, com as suas eternas queixas contra os creados; quatro mocinhas mal educadas, que só pensam em frioleiras e namorados. Com taes elementos, genuinamente cariocas, e mais o bohemio, que se diverte á custa desse pessoal, e um creado portuguez, e um moleque brasileiro, que só entra em scena para trazer um pandeló «que sinhá velha mandou», e é uma admiravel *silhouette*, compoz Baptista Coelho uma comedia ouvida de principio a fim com o mesmo prazer que produz a representação do *Noviço*, do *Demonio familiar* ou do *Fantasma branco*.

Não creio que o comediographo encontrasse num theatro publico um naipe de actrizes que reproduzissem tão ao vivo as suas senhoritas como as distinctas amadoras do Club Fluminense. O espectador tem a illusão da realidade. A comedia estava, aliás, muito bem ensaiada. Não houve minudencia que escapasse ao ensaiador, o meu amigo Frederico Costa, um guarda-livros que nasceu para o theatro, e interpretou com muita intelligencia o papel do tal «burro sem rabo».

✳

THEATRO MUNICIPAL JOÃO CAETANO—Graças aos esforços do Dr. Paulo Alves, digno prefeito de Nictheroy, está de novo funccionando o velho theatro de Santa Thereza, edificado por João Caetano na capital visinha. A solemnidade da inauguração realisou-se á 15 do corrente, com uma conferencia de Salvador de Mendonça, um discurso do prefeito, e uma representação de amadores; dois dias depois era o primeiro espectaculo publico, subindo á scena a comedia *Quasi*, representada por um grupo de bons artistas expressamente formado para esse fim, e entre os quaes se acham Balbina Maia, Cinira e Peixoto.

Não satisfeito com salvar o velho theatro, guarda de tantas e tão saudosas recordações artisticas, o Dr. Paulo Alves acaba de fundar ali uma escola de arte dramatica.

«O prefeito de Nictheroy, disse eu noutro logar, é hoje, do Brazil, o maior amigo do theatro, e o mais sincero, o mais enthusiasta, o mais independente. E' o homem que eu, levantando mãos supplices, pedia ao céo em beneficio da mais bella das artes; é o homem que procurei durante muito tempo, não com a lanterna ironica de Diogenes, mas com a convicção de que elle existia, perdido no anonymato da multidão; é o homem que um momento, até a publicação do edital para a construcção de uma Opera na Avenida, suppuz ter encontrado no benemerito Dr. Pereira Passos; é o homem que nos faltava! Eil-o! Contemplae-o! *Ecce homo!*»

ARTHUR AZEVEDO.

Da Academia Brasileira

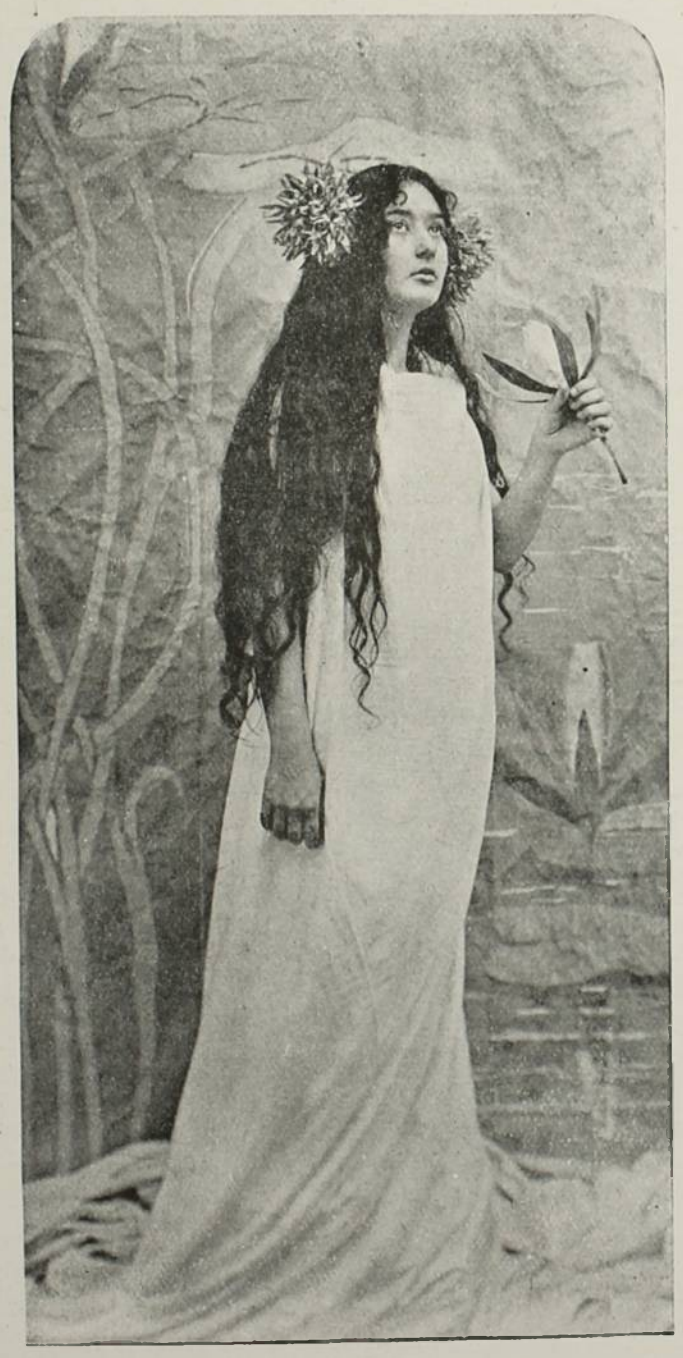


PHOTO CLUB — EXPOSIÇÃO 1904

ESQUECER — SYLVIO BEVILAQUA



DINORAH — BARROSO NETTO

PHOTO CLUB

EXPOSIÇÃO 1904



CASEBRES

GUERRA DUVAL.



RIO ACIMA (BOIS)

BARROSO NETTO

OS AQUARELLISTAS

A segunda exposição d'*Associação de Aquarellistas* aberta em 15 de Junho decorrido, e por quinze dias consentida aos que têm pela Arte um doce cuidade restante dos muitos cuidados da vida, não foi superior á inicial nem, verdadeiramente, lhe foi inferior. Affirmou uma persistencia louvavel. E isso, num meio caracterisado por frequente versatilidade, já deve entrar em boa conta.

D'esse certamen d'arte, que se effectuou em duas pequenas salas de biombos quasi a tocarem o tecto, e forradas dum panno suavemente amarellado, decidiu-se, com unanimidade de vozes, que a todos deveria caber pelo menos uma folicula da corôa de louros, mas não se deixou escorrer a opportunidade das referencias á aquarella, quer na sua importancia de processo pinturesco, quer no que diz sobre a escolha de assumptos. Não nos lembramos bem, se a proposito, a sapiencia patricia citou auctores celebrisados em abono de seus juizos e fez alarde de esdruxulas comparações, que é do seu vêzo e ao que se lhe deve accrescentar a triste moda de taxar por nephelibatismo o que lhe não chega ao dominio da perspicacia compromettida com tal obcessão.

Em verdade, não sabemos no que possa a aquarella desmerecer com essa apontada falta de consistencia, d'onde se infere pouco vigor expressivo; porque ella é o que é, e naturalmente os assumptos que por meio della se procura representar estão de accordo com os seus elementos materiaes. Si se lhe nota a impossibilidade do empastamento velludoso do *pastél* e os varios, magnificos recursos da pintura a oleo, por seu lado devemos reconhecer-lhe uma expontaneidade, uma frescura, ou como accrescenta Hysmans — *un piment d'éclat*, que falha naquelles processos ou raramente elles dão.

Tambem esse caso da escolha do assumpto não nos parece de melhor aviso e cabimento, consideradas como devem ser, a leveza e gracilidade do processo. A demais, interpretação de um assumpto não augmenta nem diminue as qualidades dum artista, dentro dos limites da sua aptidão e de seus intentos. Se os beijaveis dedos longos duma menina dulçorosa pintam flores, não será por fazer o mesmo que um van Huysum ou, menos afastado de nosso tempo, um Giocomelli se delustrem da gloria de seus nomes nem o menosprezo recaia sobre o merito de suas pintnras.. O que se deve exigir é que a reprodução sahida das mãos do artista inculque a sua origem, não se confundindo com o commum e o réles e, neste ponto, Emilio Zola estava com a razão quando no seu famoso *Salon* de 1866, mais escripto por um litterato combatente que por critico de arte, dizia: *Peignez des roses, mais peignez-les vivantes...*

Posto de lado este insolito preambulo, necessario á maneira pela qual vimos e admittimos essa exposição volvamos á corrente do assumpto principal.

A exposição teve cincoenta e nove quadros de doze artistas, alphabeticamente catalogados a tinta azul sobre larga tira de papel branco, com um aligeirado frontespicio do professor Amoedo.

Logo á primeira mirada, ficamos diante do extraordinario Schylok, do professor Henrique Bernardelli. E' uma cabecinha admiravelmente expressiva, e admiravelmente aquarellada, que nos dá a surpreza dum encontro, atraves uma lente de redução com o terrivel onzenario shakspeareano. A alma embotada do *arrancador de carne*, desse diabo sordido que não sente a desgraça alheia e só tem ouvidos para o tinir da moeda corrente, está inteira naquelles olhinhos ladinhos, que brilham, como os luzios dos hematophagos nocturnos, na carquilha tanada que lhe veste a ossamenta da face. Tráe-lhe o gesto esconso, d'esquivança e pincho, um pensamento máo, e no emmaranho dos escassos cabellos, no desleixo da barba, no desasseio das vestes, tem-se o flagrante da usura que o aquece e lhe põe na ossea sinistra o affinco de uma garra, empolgando o saquitel das libras.

E, por contraste, o professor H. Bernardelli nos apresenta outra cabeça de velho; mas, essa, é de um monge ou peregrino, intitula-se *Extasis* e é toda embevecimento e bondade. Esses olhos tambem brilham, mas, a chamma que os illumina, vem duma alma que tem fé; a sua velhice austera não repugna nem aterrorisa, attráe e consola... não lhe tremem as mãos em contracções perversas, espalmam-se no amplo peito, largas e bemfazejas, calmando os éstos do coração que sempre amou piedosamente e sempre misericordiosamente pulsou... E entre aquelle máo e esse bom, não sabemos para o qual penderia a nossa escolha, porque ambos têm o milagre da vida, sob a pincelada segura do mestre.

A' esse contraste de extremos, que se impõe com toda a intensidade da sua expressão, o professor Amoedo oppõe a serena viveza duma senhorita elegante, que nos olha, absorta e vagamente, com o mysterioso negrume de suas pupillas. Tem no *Catálogo* o titulo *Dolce far niente*. E' nada mais que um corpo a meio, de rapariga morena deliciosamente moça. Lia e o romance, a paginas tantas, recordou-lhe uns bigodes louros, uma bocca tumida que falava bem e claro com a claridade de um sorriso... fechou o livro entre dedos, esqueceu-o no regaço, a cabecinha pendeu-se-lhe para o recosto da baloiçadora de faia, e ficou-se a scismar nessa dulcissima recordação, que durará o espaço dum bocejo, até que, voltando ao romance, seus olhos encontrem a revista de modas que lhe está ao alcance da mão, sobre uma mesa, e então as paginas de Bourget serão esquecidas pelos figurinos da *Femina*...

E' accentuada a predilecção do professor Amoedo pelo modernismo e pela feminilidade elegante na aquarella. Dir-se-á que, comprehendendo o valor dessa pintura, elle lhe dá o assumpto correspondente á sua importancia technica e á sua utilisação mundana de presente preciosa ás senhoras de alto viver. Na primeira exposição, a de 903, foram dous outros quadros que apresentou neste genero; na ultima, alem do *Dolce far niente*, teve mais um, a *Adormecida*, cujo assumpto é uma moça que, em vestuario de baile, adormece sobre o coxim de um divan. E quer nesses, quer naquelles, o accessorio mereceu-lhe os finos cuidados que tanto nos interessaram.

Com os que citamos, na exposição d'este anno, ainda expoz mais outro sob o titulo *Mignon*, que é, propriamente, um estudo de cabeça adolescente em que se sente um vago de enfermidade e apprehensão.

Em todos, porem, a sua maneira de aquarellar não se confunde com a de outros, é original. Esse mestre, não *mancha*, termina as suas aquarellas com o mesmo esmero que dispensa ás suas valiosas tabletas a oleo; mas, isso, lhe dá ao trabalho um certo encanto, resultante de uma

delicadeza em que o toque não se accusa em placas, e sim se diffunde, se combina suavemente sem maneirismo. Por esta qualidade consegue carnações brilhantemente frescas, duma verdade tocante como reproducção da epiderme tratada e aromatica de seus modelos e que ali vimos no torneado, macio, claro braço direito e no delicioso pescoço da *Adormecida*.

Alguem objectará que, por tal processo, se lhe escapa o caracter da aquarella, mas, se não entra nisso uma convenção, é censura em que incorrem reputados mestres francezes e belgas. E, contra tal objecção, devemos attender a que a aquarella só perde a sua maneira de ser, quando secundada pela *gouache* ou ajudada por outros materiaes differentes dos que a compõem. Quanto ao processo de empregal-a é uma questão á parte, que respeita á idiosyncrasia do artista, pelo mesmo motivo que a sua maneira de pintar a oleo tende ao empastellamento ou cáe na diluição das tintas.

Não está neste caso o Sr. Bruno Freidler, que concorreu com cinco paizagens e é conceituado nesse genero. O sr. Tredler possue a arte de manchar, tem a justeza, a precisão do golpe de pincel dos antigos especialistas em aquarella, e, em grande parte, essa certeza e proceder vieram-lhe dos seus estudos de scenographia em Berlim.

Das aquarellas expostas, que são todas boas como technica, impressionou-nos de chofre o *Effeito de Sol*. E' uma paizagem violenta, um interior de floresta, em que domina essas quasi *escharas* de tintas (se me consentem assim dizer) ao modo de Alfred Parsons, cujo nome nos accóde pela semelhança não só do toque como pela crueza dos rôxos-avermelhados que, geralmente, formam a sua tonalidade.

A firmeza do Sr. Treidler, a sua preferencia pela *mancha*, por vezes, destróem o determinação da hora e lhe emprestam um certo quê de não acabado. É, no entanto, o seu modo de ser e attendido, neste particular, a fama que o cerca se mantem inteiriça.

Ao seu lado deve ficar o sr. Elyseu Visconti pela certeza da pincelada. O grande artista da *Dança das Oreadas* aquarella com um vigor sem bruteza e os seus cinco quadros expostos foram admiraveis pela observação, pela maneira e pela côr. O *Portão da Corôa*—arqueadas, pesadas taboas pintadas de verde, encaixadas num immenso muro arruinado—tem a nota communicativa da sua ruina numa exacta manchazinha de petiza miseravel, que alli estacou indecisa e só... E' um caminho poeirènto, de um lado o longo muro esboroado do portão, cujo termo, ao longe está marcado por um combustor de gaz... e alem o espaço azul, o céo e o mar... E tudo isso numa luz de manhã sem mormaço, limpida e meiga.

Os seus demais quadros, *Portão do antigo Seminario*, *Casa do Governo*, *Morro do Páo da Bandeira* (assumptos tomados ao morro do Castello) e *Moreninha*, contêm excellentes qualidades de um artista senhor dos seus pinceis e para quem os processos de fixar a imagem não encerram segredos.

A *Moreninha*, cabeça pouco menor do que o natural, faz-nos lembrar a maestria de seus quadros á oleo e tem essa exquisita, emocionante singeleza que transuda de suas figuras de adolescentes com um exhalo suavissimo de castidade.

Fiuza Guimarães entrou nessa exposição com duas paizagens e tres estudos de cabeças, bem manchadas, sobre todas a de frade que, suppomos, já figurou na do anno passado. Fiuza é um artista moderno, conciencioso nos trabalhos e modesto na sua profissão. Tem-se muito a esperar do seu talento, e o que apresentou em aquarellas, apenas, mui pallidamente, indica a seriedade de seus estudos.

De Heitor Malagutti, esse bravo *condottiere* da Arte Nova, a que dedica todo o seu grande talento de poeta e ama com o bandoleirismo dos typos romanticos de Müger, encontramos duas pequenas paizagens, tiradas do actual aterro da Praia Formosa, verdadeiras impressões de um poeta do pincel, e uma pequenina cabeça de mulher, muito pallida, sob o véo negro da negra capota, que lhe dá o tom melancolico de uma viuva antes de o ser ou, talvez, viuva realmente de uma doce illusão.

João Baptista da Costa com duas paizagens expõe tambem tres quadros de flores, um dos quaes *Rosas*, em vaso de faiança côr de oca, é feito com uma graça toda fresca d'agua em borrifos uma leveza, e harmonia impressionantes. O brilhante colorista da nossa paizagem, que tomou um dos primeiros logares entre os pintores de hoje, tem na aquarella alguma cousa do brio da sua palhêta; mais o amamos, porem, nos seus quadros a oleo, nesses lindos flsgrantes da nossa natureza que elle nos entrega á visão com o esplendor de suas côres e a emoção da sua alma.

E assim tambem preferimos vêr o sr. Modesto Brocos, apezar desse *Debaixo do Alpendre*, que está sob o n. 14 do catalogo. E' um *ar livre* bem reproduzido, onde uma figurinha de mulher patricia, em vestes caseiras, borda pannos.

Deante da parcimonia dos demais expositores o sr. Aurelio de Figueiredo foi um nababo. Apresenta nove quadros, entre paizagens, flores, um interior da *Casa dos Contos* em Ouro Preto, e uma composição *Ao sahir do Luar*. O colorido do Sr. Aurelio não perde na aquarella a intensidade que tem com o oleo, e entre as suas flores ha umas rosiclaras, em vaso de vidro azul, que se recommendam pela tonalidade mádida do ramilhete e pela perfeita reproducção do crystal do vaso.

Em numero tambem se lhe approximou Raphael Frederico.

Desse artista são dignas de apontamento duas paizagens. Uma representando um trecho de terra inculta, sem duvida proximidades de praia; quasi ao centro do quadro destaca-se um grupo de cajueiros com suas galhadas retorcidas e cobertas de folhas amarellentas, desse amarello quente e variegado, com laivos de vermelho, que caracterisa a arvore. Sobre isso a perspectiva aerea é bem conseguida. Outro quadrinho seu, por nós notado, foi o *Canal da Ponte Nova*, em que ha recommendaveis qualidades no genero.

A par desses artistas apparecem-nos um novo expositor, o Sr. Araripe de Macedo que apresentou diversos trabalhos e uma pequenina inieressante vista da Ponta do Cajú.

Não terminaremos estas linhas sem mencionar o sr. Insley Pacheco. A edade não lhe esmoreceu o amor pelas cousas de arte e elle o prova cabalmente com quatro *gouaches* miniaturadas, cuja fantasia e suavidade de tons fazem o deleite da maioria des nossos amadores.

Julho de 1904.

GONZAGA DUQUE.



Empreza Maritima Brazileira

32—Rua da Alfandega—32

(2.º ANDAR)

* * * Endereço Telegraphico—ZAMARA * * *

Proprietaria do maior Vapor que navega com a Bandeira Brazileira

SÃO LUIZ

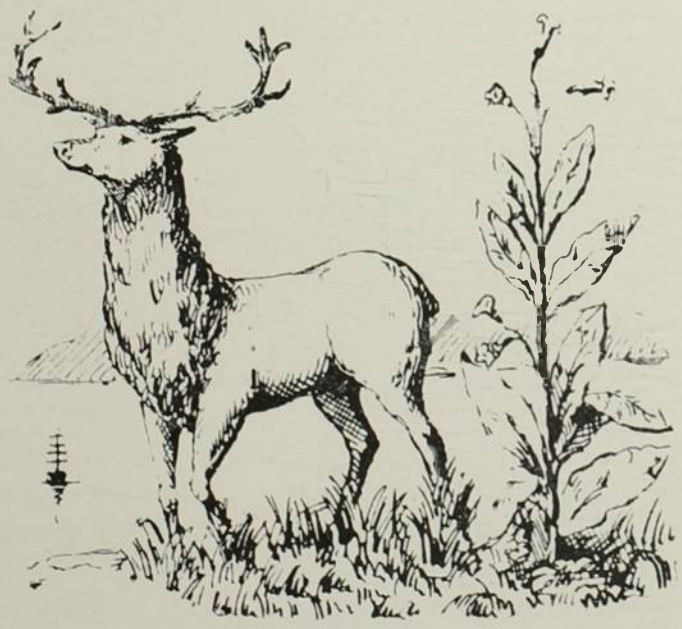
de 5000 toneladas de carga, navegação para os portos do Norte, do Sul e Rio da Prata.

GRANDE MANUFACTURA

DE

FUMOS E CIGARROS

MARCA VEADO



IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

DE TODOS OS ARTIGOS PRECISOS PARA

Fabricas ou Depositos de Fumos e Cigarros

Unicos Proprietarios dos Papeis para Cigarros

LAURITA E CONDOR

FILTROS MALLIE

(SYSTEMA PASTEUR)

Esterilisação *absoluta* pela porcelana de amianto

Superiores a todos os outros até hoje conhecidos



A maior facilidade para installação * * * e limpeza! Simplicidade * * * e elegancia! Numerosos premios * * * em todas as exposições * * *

UNICOS AGENTES PARA

* * * todo o Brazil: * * *

A. Abreu & C.ia

102, Rua da Quitanda, 102

(Sobrado).

RIO DE JANEIRO

Catalogos e prospectos á disposição do publico.

PHOTOGRAPHIA

Bastos Dias

52 - Rua Gonçalves Dias - 52

Deposito de material photographico
Laboratorio á disposição dos Srs. Amadores.

CATALOGO GRATIS

Especialidade em augmentos de platinotipia e gelatina bromure

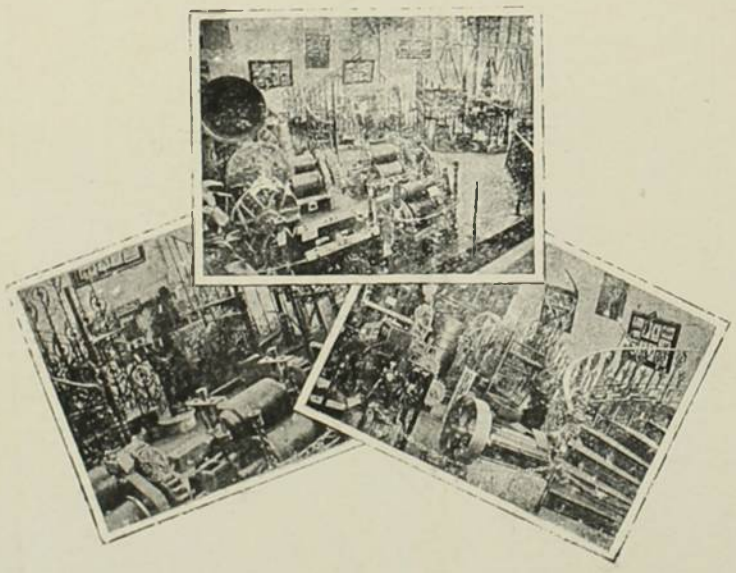
DUBONNET

O MELHOR APERITIVO

FUNDIÇÃO INDIGENA

A MAIS ANTIGA DO BRAZIL

Premiada em varias Exposições Nacionaes e Estrangeiras



FARINHA CARVALHO & C.

FABRICANTES

DE MACHINAS PARA LAVOURA E INDUSTRIA
CONSTRUCÇÕES METALICAS
GRADES, VARANDAS, COLUMNAS ETC. ETC.
CALDEIRAS, RESERVATORIOS, PONTES ETC.

PORTAS DE AÇO ONDULADO SILENCIOSAS

120, a 126, Rua da Imperatriz, 120 a 126

RIO DE JANEIRO

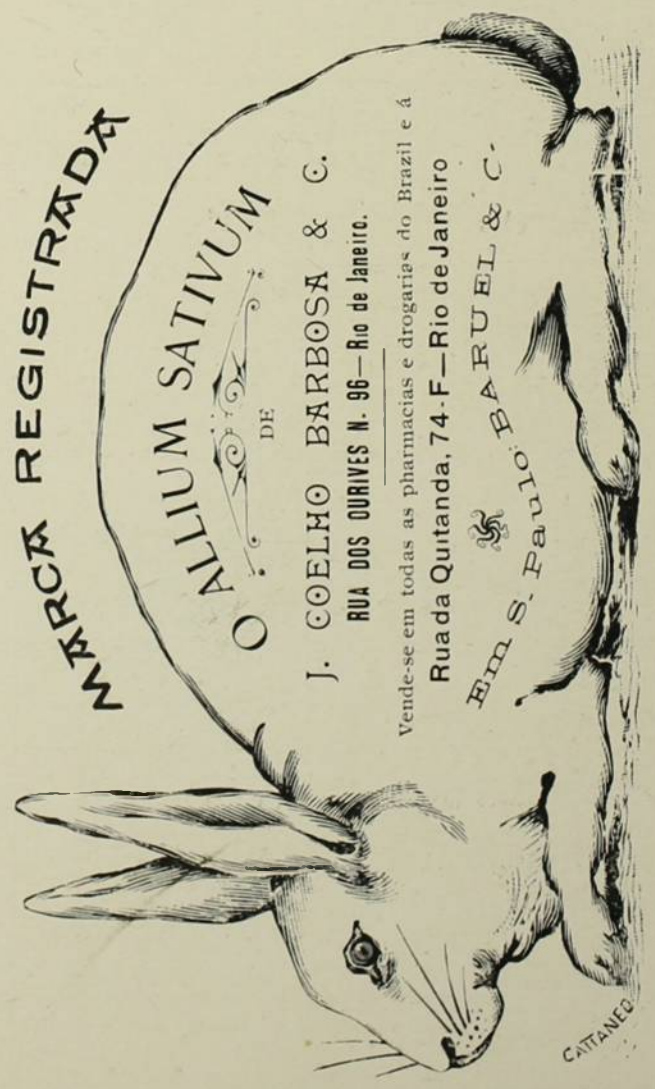
Carlos Alberto & Filhos

PHOTOGRAPHOS

PROVISORIAMENTE

102, Rua do Ouvidor, 102

RIO DE JANEIRO



PREVENÇÃO AO PUBLICO

Do ALLIUM SATIVUM antigo e conhecido na homœopathia, porém pouco ou raramente usado, J. COELHO BARBOZA preparou ha cinco annos de uma forma especial um especifico para curar a influenza e constipações de um a tres dias. Apparecendo agora vendedores do ALLIUM, prevenimos ao publico que, se quizer ter a certeza de levar para casa um remedio especialmente preparado para estas molestias, deverá exigir o que traz um COELHO pintado.

J. SCHMIDT

PAPELARIA
TYPOGRAPHIA
ENCADERNAÇÃO

Officina de photogravura montada com os mais modernos apparelhos recebidos ultimamente da Europa e America, sob a direcção do habil gravador

J. Garcia

24, RUA DA ALFANDEGA, 24

Caixa Postal 1085

RIO DE JANEIRO

Anno I N. 8 AGOSTO-1904 Rs. 2$000

KOSMOS

SUMMARIO

Chronica	*Gil*
As bellas artes nos colonos pretos do Brazil	*Dr. Nina Rodrigues*
Oceanographia	*T.te Galvão Areias*
A religião e a medicina	*Reis Carvalho*
Mais um aquarellista	*Gonzaga Duque*
Commentarios	*Sancho Alves*
O Aleijadinho	*Gustavo Penna*
Cake-Walk	*Lima Campos*
Ghilda	*Daltro Santos*
Foot-ball	*Full-back*
Vultos Japonezes	*Dr. Oliveira Lima*
Luta romana	*Lindolpho Azevedo*
Estylos em architectura	*Dr. A. Lima Campos*

A Equitativa

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida

TERRESTRES E MARITIMOS

Apolices Sorteaveis em Dinheiro em Vida do Segurado

Os sorteios d'esta classe de

apolices teem lugar em 15 de Abril e 15 de Outubro de cada anno.

A Equitativa tem sorteado, desde a instituição d'esta

classe de seguro, apolices no valor de Rs. 127:000$000 pagos em dinheiro.

A apolice de sorteio EM DINHEIRO, de

exclusiva invenção de A Equitativa, é a ultima palavra em Seguro de Vida.

TODOS OS SORTEIOS SÃO PUBLICOS

O proximo sorteio terá lugar a 15 de Outubro p. f.

TABELLAS E PROSPECTOS EM SUA SÉDE

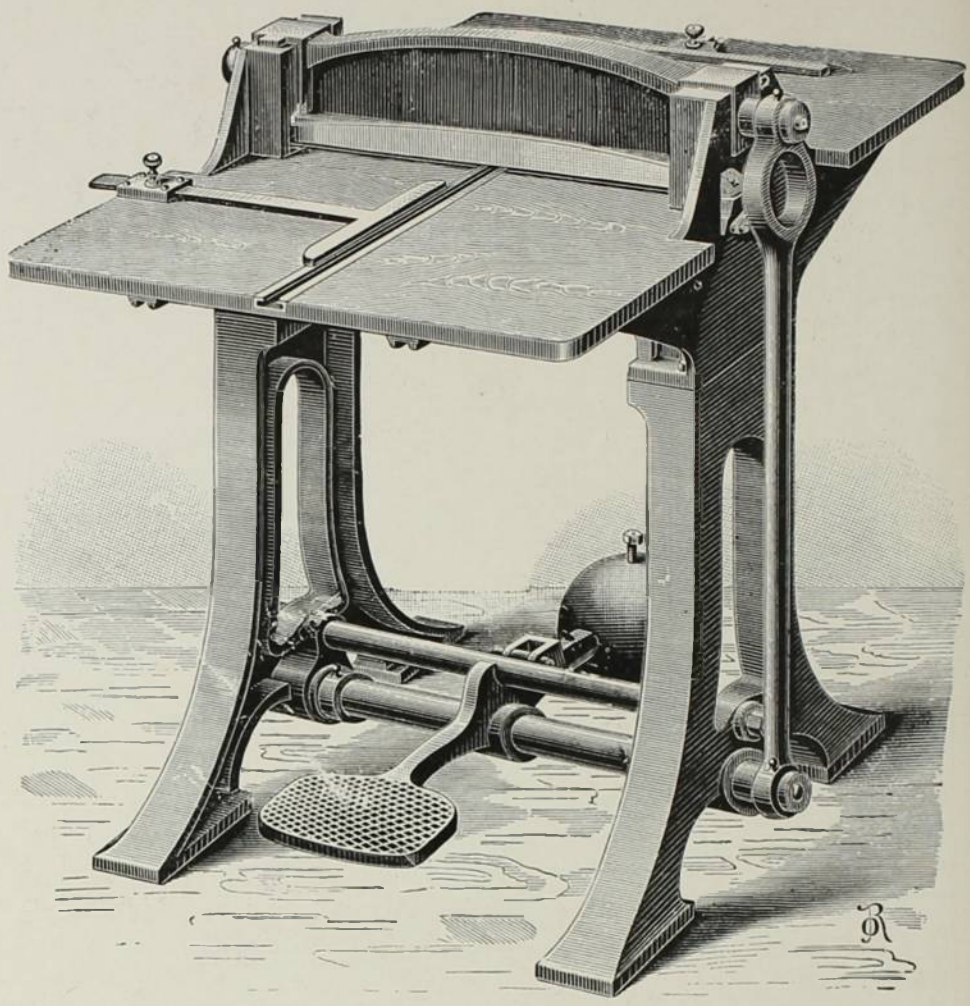
7 - RUA DA CANDELARIA - 7

RIO DE JANEIRO

E em suas agencias e filiaes em todos os Estados da União

ARTES GRAPHICAS

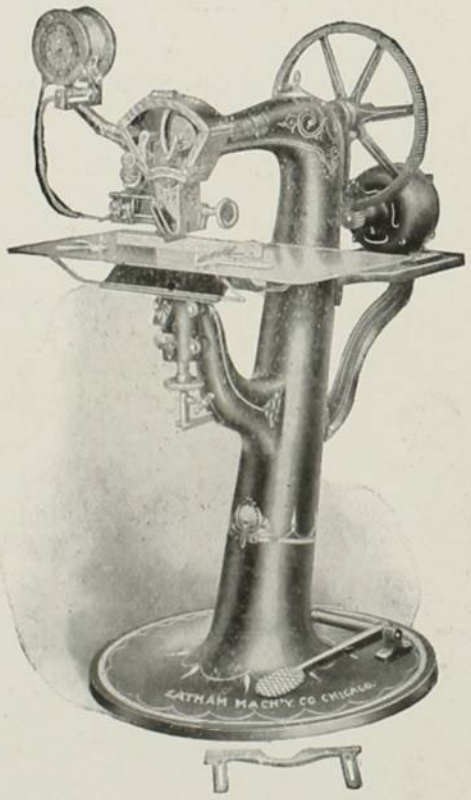
Caixa do Correio 994 — Telephone N. 1106



TEMOS SEMPRE EM DEPOSITO:

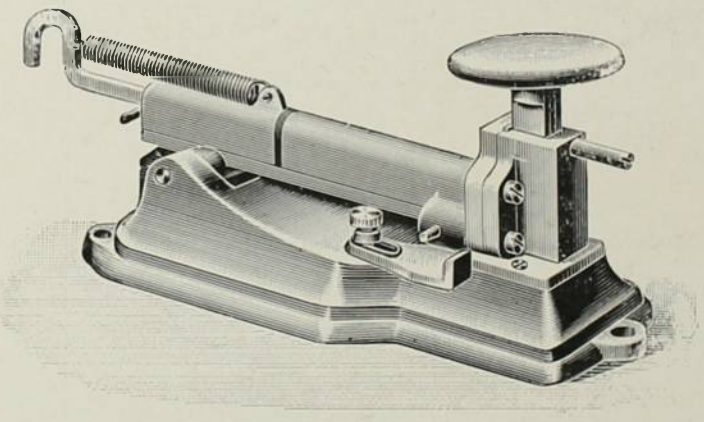
Tintas Typographicas, Lithographicas,
Vernizes, Grande Variedade de Typos,
Massa para Rolos, Arames para Cozer,
Zinco, Cobre e Madeira para Gravuras.

UTENSILIOS PARA COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO



MATERIAL PARA STEREOTYPIA

MACHINAS PARA IMPRESSÃO ETC.

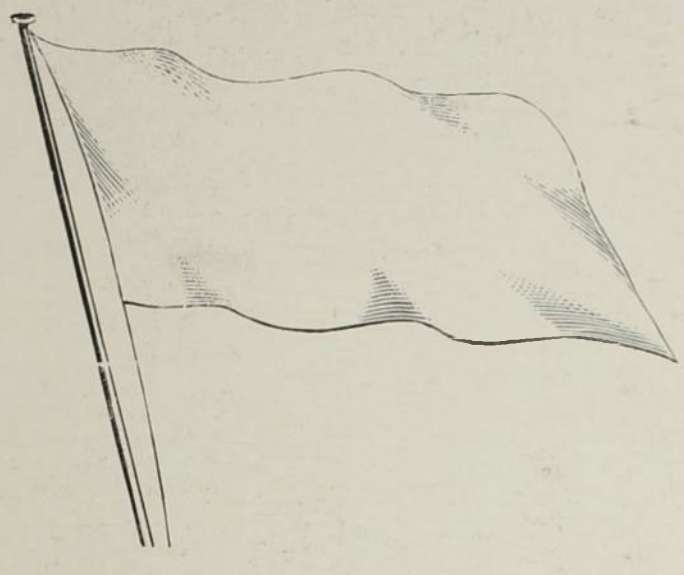


Depositarios das Tintas de Impressão de

BERGER & WIRTH

Augusto Niklaus & C.

RUA DA QUITANDA N. 54 — RIO DE JANEIRO



Empreza Maritima Brazileira

32—Rua da Alfandega—32

(2.º ANDAR)

* * * Endereço Telegraphico—ZAMARA * * * *

Proprietaria do maior Vapor que navega com a Bandeira Brazileira

SÃO LUIZ

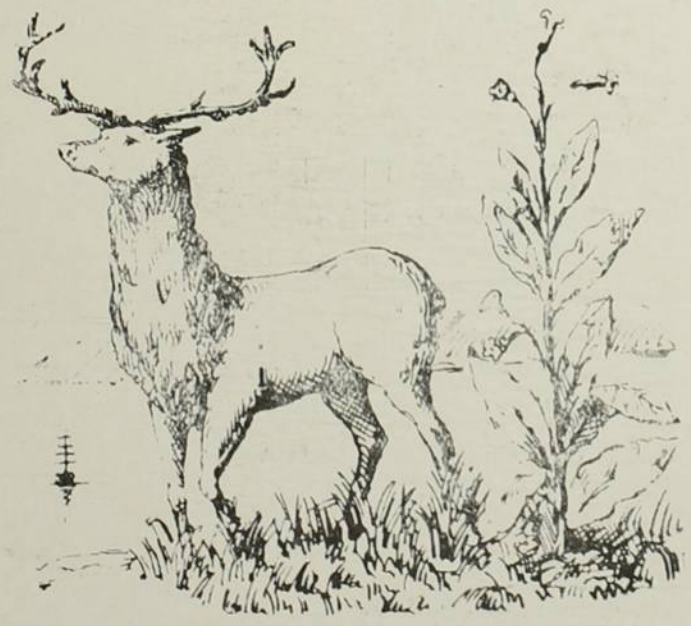
de 5000 toneladas de carga, navegação para os portos do Norte, do Sul e Rio da Prata.

GRANDE MANUFACTURA

DE

FUMOS E CIGARROS

MARCA VEADO



IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

DE TODOS OS ARTIGOS PRECISOS PARA

Fabricas ou Depositos de Fumos e Cigarros

Unicos Proprietarios dos Papeis para Cigarros

LAURITA E CODDOR

FILTROS CHAMBERLAND

(SYSTEMA PASTEUR)

Esterilisação *absoluta* pela porcelana de amianto

Superiores a todos os outros até hoje conhecidos



A maior facilidade para installação * * * e limpeza! Simplicidade * * * e elegancia! Numerosos premios * * * em todas as exposições * * *

UNICOS AGENTES PARA

* * * todo o Brazil: * * *

A. ABREU & C.IA

102, Rua da Quitanda, 102

(Sobrado).

RIO DE JANEIRO

Catalogos e prospectos á disposição do publico.

PHOTOGRAPHIA

Bastos Dias

52 · RUA GONÇALVES DIAS · 52

Deposito de material photographico
Laboratorio á disposição dos Srs. Amadores.

CATALOGO GRATIS

Especialidade em augmentos de platinotipia e gelatina bromure

Carlos Alberto & Filhos

PHOTOGRAPHOS

PROVISORIAMENTE

102, Rua do Ouvidor, 102

RIO DE JANEIRO

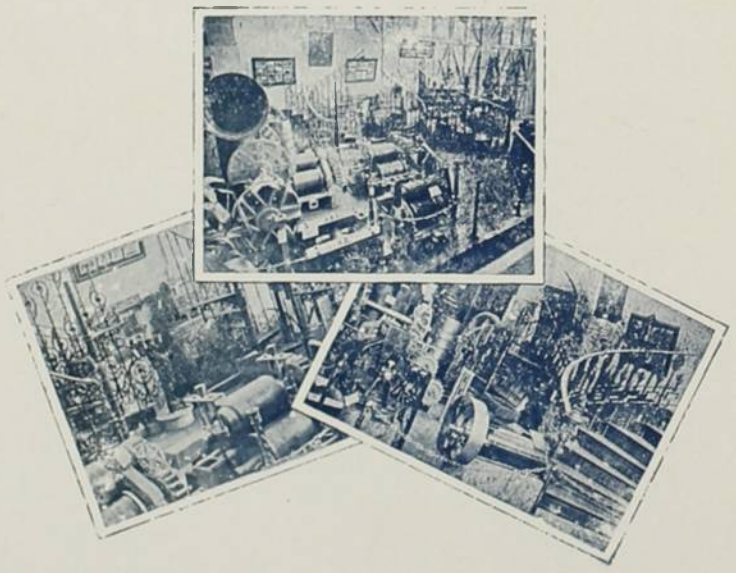
DUBONNET

O MELHOR APERITIVO

FUNDIÇÃO INDIGENA

A MAIS ANTIGA DO BRAZIL

Premiada em varias Exposições Nacionaes e Estrangeiras



FARINHA CARVALHO & C.

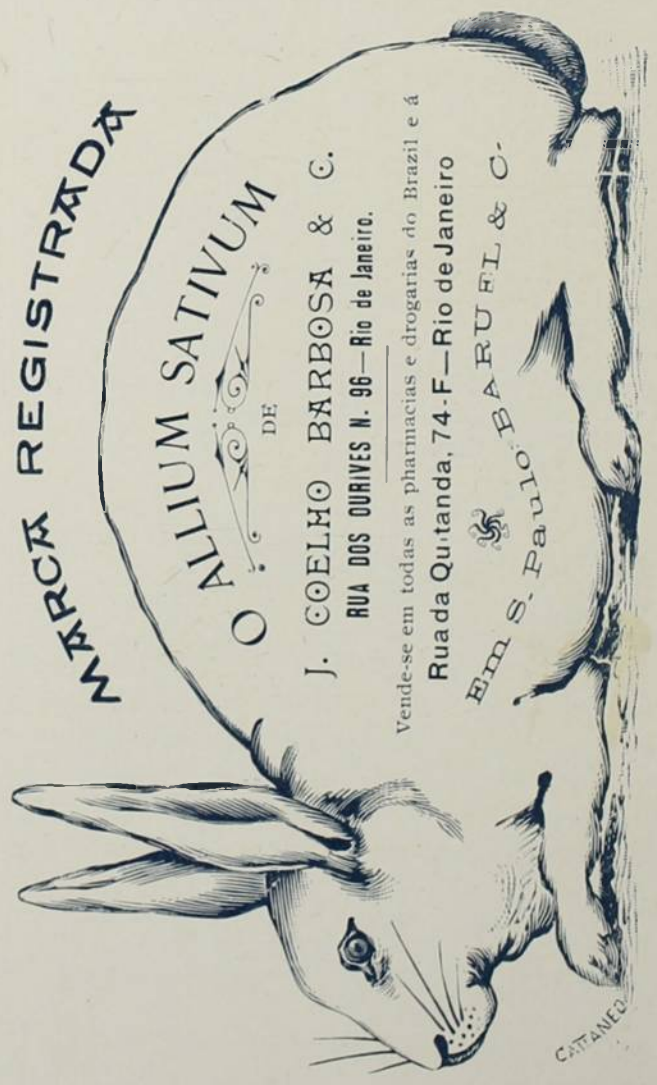
FABRICANTES

DE MACHINAS PARA LAVOURA E INDUSTRIA
CONSTRUCÇÕES METALICAS
GRADES, VARANDAS, COLUMNAS ETC. ETC.
CALDEIRAS, RESERVATORIOS, PONTES ETC.

PORTAS DE AÇO ONDULADO SILENCIOSAS

120, a 126, Rua da Imperatriz, 120 a 126

RIO DE JANEIRO



PREVENÇÃO AO PUBLICO

Do ALLIUM SATIVUM antigo e conhecido na homœopathia, porém pouco ou raramente usado, J. COELHO BARBOZA preparou ha cinco annos de uma forma especial um especifico para curar a influenza e constipações de um a tres dias. Apparecendo agora vendedores do ALLIUM, prevenimos ao publico que, se quizer ter a certeza de levar para casa um remedio especialmente preparado para estas molestias, deverá exigir o que traz um CO . L.O pintado.

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director
MARIO BEHRING

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . . 20$000 EXTERIOR. . . . . 22$000
NUMERO AVULSO. . . . . 2$000

Editor-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ANNO I — AGOSTO 1904 — N. 8

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

Só receberemos assignaturas, d'ora em diante, para o 2º semestre do corrente anno.

Interior Rs. 11$000 Exterior Rs. 12$000

A importancia das assignaturas e toda correspondencia commercial devem ser remettidas a J. Schmidt, caixa postal, n. 1085—Rio de Janeiro.

KÓSMOS encontra-se á venda nas seguintes livrarias:

Capital Federal—Laemmert & C.ª, Garnier, Alves & C.ª, A. Moura, Briguiet & C.ª, S. Gradim.
S. Paulo—Casa Garraux, Laemmert & C.ª
Santos—Magalhães & C.ª, Bazar Paris.
Campinas—Casa Livro Azul.
Mogy-Mirim—Casa Cardona.
Bello Horizonte—A. Joviano & C.ª
Ouro Preto—Antonio da Costa.
Uberaba—Leschaud & C.ª
S. João d'El Rey—Armando B. Cunha.
Juiz de Fóra—Feliciano da Silveira Bulcão
Bahia—Livraria Dous Mundos
Victoria (E. Santo)—Nelson Costa & C.ª
Fortaleza (Ceará)—Libro-Papelaria Bivar.
S. Luiz (Maranhão)—Luiz Magalhães & C.ª
Belém (Pará)—J. B. dos Santos.
Manáos (Amazonas)—Lino Aguiar & C.ª
Natal (Rio Grande do Norte)—Renaud & C.ª
Florianopolis (Santa Catharina)—Paschoal Simone.
Pelotas (R. G. do Sul)—Pintos & C.ª, —Francisco Meira, Echenique Irmão & C.ª
Rio Grande » —Pintos & C.ª—Echenique Irmão & C.ª
Porto Alegre » —Pintos & C.ª »
Parahyba (Parahyba)—Antonio Penna & C.ª
Coritiba (Paraná)—Annibal Rocha & C.ª

São nossos agentes:—Em Santos—Snr. Antenor da Rocha Leite. Em Campinas—Snr. A. B. de Castro Mendes Em Mogy-Mirim—Snr. Francisco Cardona. Em S. José do Rio Pardo, Mocóca e Casa Branca—Snr. Dr. Francisco Escobar. Em Jahú—Snr. Major Alfredo Augusto Leitão. Rio Claro—Snr. João Pires de Oliveira Dias. S. Carlos de Pinhal—Snr. Carlos de Carvalho. Cataguazes—Snr. Julio Guimarães. Sul de Minas—Snr. Urbano Rabello. Petropolis—J. R. Escragnolle. Taubaté—Snr. Braz Curtu.

São nossos representantes:—Estado de S. Paulo—Snr. Antonio Ferreira Neves Junior. Estado do Paraná.—Snr. Dario Velloso. Estado de Pernambuco—Snr. Carlos Burle. Estado do Pará—Snr. Fernando de Figueiredo Motta. Estado do Maranhão—Snr. Antonio Gonçalves Moreira Nina. Estado do Amazonas—Coronel Domingos Andrade. Estado da Bahia—Snr. Vicente Ferreira Lins do Amaral.

CHRONICA

Por entre o tumulto atordoador destes dias passou, despercebida, indifferente quasi, a noticia da morte de Kruger. Já ia longe a dolorida tragedia do Transvaal; outras paixões solicitaram o sentimento da multidão, nteresses diversos, novas alviçareiras prenderam a versatil curiosidade dos homens: e o velho heroe, o roble formidavel abateu para sempre sem que abalasse a ninguem o rumor da sua queda, abafado pelo violento fragor da luta russo-japoneza...

A emoção nova dominou a paixão desfeita; e da passada idolatria pelo legendario *boer*, da torturada anciedade com que lhe acompanharam a extraordinaria peregrinação atravez do heroismo e do martyrio, ficou para a hora derradeira o necessario apenas para a noticia de imprensa, para a lagrima de tinta concedida generosamente aos que conquistam com a morte a benemerencia e o louvor...

Na alma da multidão o nome de Paulo Kruger, repetido agora em um annuncio de morte, repercutiu apagadamente como o dobre de um sino que deixámos distante, em caminho, em uma terra que ha muito nos fugiu dos olhos e breve nos fugirá da memoria. Era um afastado já, um esquecido quasi. A vibração de outr'ora, que envolvera o universo inteiro em um poderoso fremito de sympathia, desfez-se, como o sonho afrikander, com o facto consummado; a occupação ingleza quebrou a corrente, qual a de um fio electrico cortado pelo primeiro sapador; e para muita gente agora a evocação do nome do velho e angustiado patriota, que se extinguia em silencio no seu retiro dos Alpes, foi como a resurreição de um morto, a reincarnação de uma sombra, havia muito desterrada no paiz de onde não se volta e onde tudo se esquece.

Foi uma sorpresa, que passou, por isso mesmo, rapida... A multidão voltou prestes ás suas novidades e aos seus interesses, olhos e pensamento presos no facto do dia, nos combates do Extremo Oriente, no automovel de Sua Santidade, nas discussões da vaccina, nas demolições da Avenida... A impressão da morte de Kruger durou menos que a sua prolongada agonia.

Não foi isto sómente no Rio de Janeiro, no Brasil apenas, acredito. E' a mesma a versatilidade humana em toda parte, por toda a crosta accidentada da terra; e pela larga face do planeta, nas cidades e campos onde outr'ora o nome de Kruger palpitava como uma flammula de guerra, como o guião de uma cruzada pela Justiça contra a Iniquidade, a noticia do anniquilamento final do Vencido não teve, de certo, o poder de arrancar a toda gente, entre um gesto de sorpresa e uma expressão de piedade, mais do que o voto compassivo de paz que se consagra aos martyrios que tiveram termo....

As vibrações supremas passaram, com as indignações frementes e as apaixonadas affirmações de fé e amor da alma universal pela causa defendida por Kruger, que pareciam —ellas sós— oppor um possante obstaculo ao rodar das carretas inglezas, eriçar de entraves a escalada dos *kopjes*, tecer de hostili-

dades e de sobresaltos a marcha do invasor numeroso, infundir nos corações e nos braços dos *boers*, abandonados á sympathia platonica de todos, mais sangue, mais força, mais energia para a resistencia!

A occupação de facto, o direito da posse, a utilisação do mais forte estenderam sobre tudo isso a bandeira vermelha como um convite ao repouso e ao esquecimento: e a alma universal repousou e esqueceu...

Só não esqueceram os *boers*. A imagem do velho paiz, da nacionalidade fundada sobre as terras ganhas, palmo por palmo, ao cafre bellicoso, se lhes gravou nos restos de alma, no farrapo de individualidade que lhes ficou depois do sacrificio e com que enxugaram ainda, no momento ultimo, á doce patria morta, o suor da agonia; e o desapparecimento do heróe que resumiu toda a existencia da lendaria região africana, que a creou combatendo a barbaria negra e com ella cahiu resistindo á iniquidade branca, vale para o *boer* como um signal de reunir, como um dever de cerrar, de unir, de fortalecer por impenetravel solidariedade as fileiras da rôta mas persistente cruzada, a que falta a palavra e o exemplo do chefe.

Elle sonha ainda com a resurreição do Transvaal e do Orange, como o polaco não descreu da reincarnação da Polonia. Continúa *afrikander*; e a resistencia do paiz vencido fal-a hoje pela guarda das tradições e da linguagem materna, como hontem fel-a, em desesperada bravura, pela defeza dos valles e das serras onde domina agora a bandeira do invasor.

Ha pouco, em Burgersdorp, morto já o grande *boer*, na transladação dos restos dos transvaalianos cahidos pelo seu paiz, Botha, rememorando a luta pela independencia e o mallogrado esforço, concitava os que sobreviveram á patria a conservarem, quaesquer que fossem as influencias estranhas, a sua lingua e a sua religião. E' d'ahi que se deve esperar o milagre: é a resistencia pelo genio da raça, impenetravel á acção dissolvente de usos e de fallas extranhas; é a redempção pela fé e pela linguagem. O tempo completará a reacção salvadora.

Esse cadaver de Polonia, pisado, macerado, retalhado tres vezes, tendo para cada retalho uma sentinella e uma pesada cadeia, ainda sangra, ainda palpita hoje, como os corpos dos martyres santificados de que nos fallam as legendas do christianismo; ainda ha nesse corpo dividido estremecimentos de vida; sente-se que se não extinguiu nelle por completo o principio immortal que religa as carnes golpeadas e opera as resurreições. E esse milagre fal-o a linguagem natal guardada atravez do retalhamento e do captiveiro, resistente a todas as influencias exteriores, insurgida contra o cossaco no pedaço russo e contra o teuto no pedaço allemão, linguagem em cujo bojo incorruptivel vivem a religião, os usos, as legendas, o amor da terra morta e de cujo amago fecundo espontam de continuo, como renovos em velha derrubada, a feição persistente da nacionalidade, a revivescencia do paiz esmagado, o phantasma do resurgimento polaco, que é neste instante mesmo o pesadelo do pangermanismo do *Kaiser*.

Guardar o genio nacional é guardar a propria independencia; é manter com a unidade da raça, pelo ciume das tradições, a força que se utilisará na hora necessaria. O Japão, de cuja evolução admiravel fallam a todo instante os escriptores occidentaes, diz eloquentemente da conservação amorosa do genio da raça, mau grado a adopção de exterioridades alheias, necessarias á affirmação mesma, mais forte e poderosa, do valor nacional.

Do espirito occidental, de que diziam largamente embebido o Japão moderno, o que elle assimilou, em verdade, foi a civilisação militar; foi a capacidade de aggressão, em que se avantajara a cultura do occidente, e de que elle se apossou intelligentemente, augmentando-a com as qualidades naturaes, desejoso de quebrar a inferioridade que o subalternisara ás violencias armadas do europeu, de bem viva e relembrada memoria nas derradeiras demonstrações navaes. Adquiriu: não se assimilou.

Por baixo do trajo ou do uniforme londrino ou pariziense da vida official japoneza está o amarello com as suas tradições, os seus usos, o seu culto, o amor da sua raça e do seu passado, o orgulho consciente de uma civilisação florescente já em alevantada moral religiosa e em admiravel cultura artistica quando o occidente mal tacteava na barbaria e no erro. O antigo nippão, que o europeu suppoz amoldado ao seu genio, persiste por detraz do canhão de tiro rapido feito, por modelo seu, nas forjas de Essen; persiste por detraz dessa civilisação que lhe veio pela necessidade da força, e da qual teve successivamente a humilhaçao, o ensinamento e a desforra.

E' esse o segredo das victorias assombrosas que enchem o oriente de fragor e o occidente de espanto. Foi a cultura occidental quem entregou ao nippão o poder militar que atira para o norte, de repulsa em repulsa, o espantalho cossaco; mas a força que impelle o soldado equipado á européa é a alma japoneza, enrijando-lhe os musculos, estuando-lhe nos olhos incendiados, arremettendo-o irresistivelmente para o contrario, em quem lhe aponta — não o adversario convencional forjado pela intriga diplomatica — mas o inimigo real, atravessado no caminho da sua raça, de mãos violentas estendidas para os povos de sua origem, ameaçando apagar com uma esponja embebida em sangue os usos, as tradições, a supremacia, o genio do seu paiz.

Esse milagre da religião e da linguagem, do amor e da fé, do culto da nacionalidade, que operou a sorprehendente reacção japoneza e mantem perennemente a esperança polaca, terá, quem sabe! o condão de fazer um dia a resurreição do Transvaal!. Não será obra de um momento, não o será para os nossos olhos talvez; mas não ha milagres vedados ás tradições que sobrevivem ás revoluções politicas, nem construcções soberbas que se não desfaçam. Kruger passou; mas não passou com elle a eterna lei mysteriosa que refunde os povos e transforma os imperios.



GIL.

ALTO DA BÔA VISTA - TIJUCA - RIO DE JANEIRO

KÓSMOS

AS BELLAS-ARTES

NOS

COLONOS PRETOS DO BRAZIL

A ESCULPTURA

Era uma injustiça, mas era antes de tudo um erro.

E por isso, reivindicando os direitos da verdade, a observação desapaixonada dos factos havia de, infallivel, um dia rehabilitar os negros, dos exaggeros d'essa condemnação tão summaria quanto infundada.

Em verdade, nas levas de escravos que, por quatro longos seculos, o trafico negreiro, de continuo, vomitou nas plagas americanas, vinham, de facto, innumeros re-



FIG. I—GRUPO DE OITO FIGURAS DO CULTO GÊGE-NAGÔ

(NA NUMERAÇÃO ADOPTADA NO TEXTO, AS FIGURAS OU PEÇAS SÃO CONTADAS DA ESQUERDA PARA A DIREITA)

O natural menosprezo que votam aos escravisados as classes dominadoras constituio sempre, e por toda a parte, perenne ameaça de falseamento para os propositos mais decididos de uma estimativa imparcial das qualidades e virtudes dos povos submettidos.

E foi por não ter cerrado ouvidos ás suggestões desses preconceitos que escriptores patrios conseguiram dar proporções de uma crença geral á de que os escravos negros, que com os Portuguezes e os Indios colonisaram o Brazil, pertenciam todos aos povos africanos mais estupidos e boçaes.

presentantes dos povos africanos mais avançados em cultura e civilização.

As manifestações da sua capacidade artistica na pintura e na esculptura,—as mais intellectuaes das Bellas-Artes,—melhor o attestarão agora do que o poderam fazer a musica e a dansa.

Pouco sabemos da pintura negra que, mesmo em Africa, não parece ter ido além de toscos desenhos, utilisados na ornamentação dos seus edificios, palacios, egrejas ou *pegis*.

Todavia, assim rudimentar, este esboço d'arte permittio a creação, no Dahomey, de uma escriptura ideogra-

phica analoga, sinão identica, aos hieroglyphos. Seria uma lingua sagrada de cuja escriptura á Europa foram ter exemplares na reproducção dos frisos com que alli se decoravam os palacios reaes: lingua privativa, no seu conhecimento e uso, dos sacerdotes de Ifá, os depositarios das tradições nacionaes em povos dos mais conhecidos da Costa dos Escravos.

Mas na esculptura é que, com mais segurança e apuro, se revela a capacidade artistica dos negros. O seu cultivo e apreço, entre os escravos que vieram colonisar o Brazil, tanto se comprovam em presumpções inductivas como no testemunho de factos e documentos.

Estão ainda bem vivas na memoria dos contemporaneos as peripecias das luctas com que, nos nossos dias,

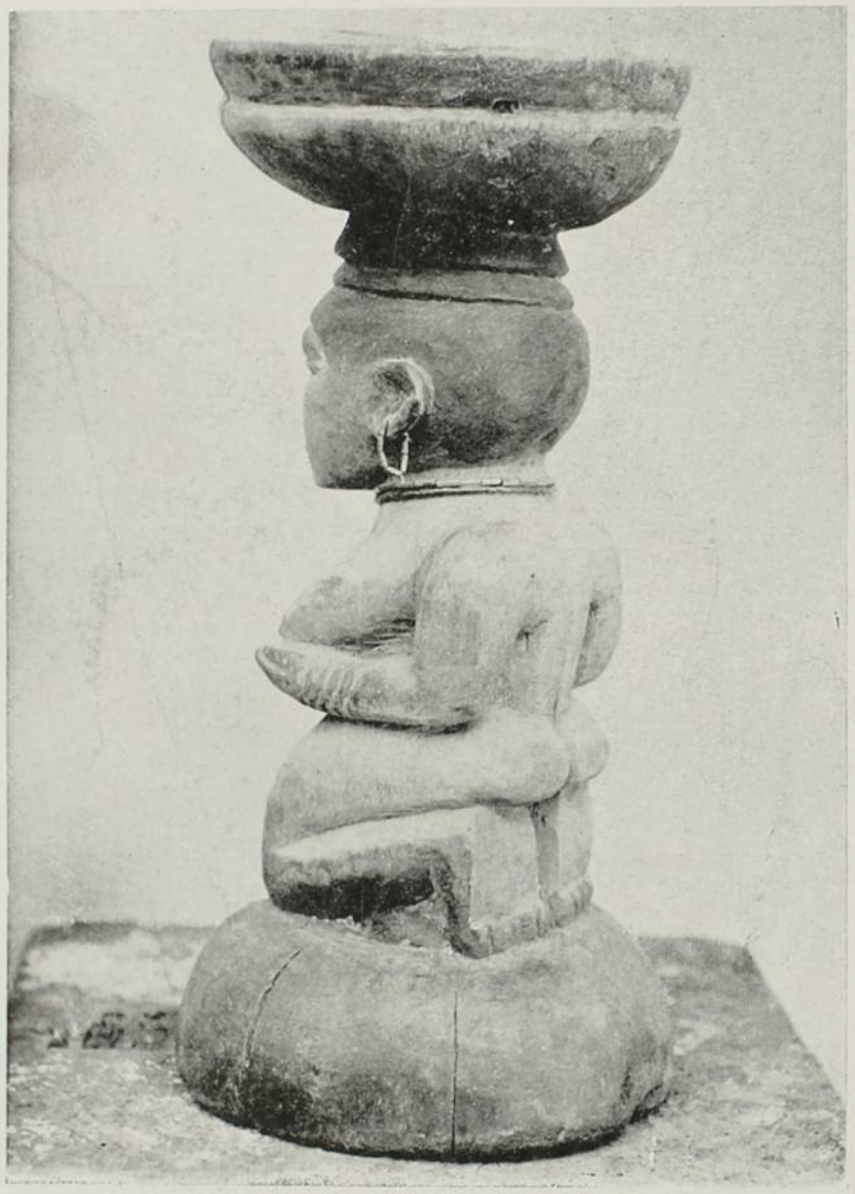


FIG. II — THRONO OU BANCO ESCULPIDO DO CULTO DE YÊMANJÁ

as pretenções conquistadoras da França, completando pelas armas as extorsões iniciadas pelas intrigas das casas commerciaes do golfo de Guiné, acabaram destruindo em 1890, o poderio de seu alliado o rei Bêhanzin, do Dahomey, por fim vencido e exilado no Tahiti. Ao apoderar-se de Caná e Abomey, capital do reino africano, que Bêhanzin entregára ás chammas antes de abandonar, o general Dodds poude salvar do incendio curiosos specimens da esculptura negra, que, por elle, foram enviados ao Museu ethnographico do Trocadéro. Compunham essas reliquias tres estatuas dos ultimos reis dahomanos, duas portas do palacio real, e um throno regio. As estatuas, talhadas numa peça inteiriça de madeira muito dura, representam os reis em tamanho natural e sob as formas dos seus protectores totemicos: Guêsô, com as pennas de um gallo; Guêlêlê, sob a forma de um homem-crocodillo; Bêhanzin, de um homem-leão. As portas do palacio, á guisa de esculptura, traziam colladas pequenas peças de madeira, representando os attributos reaes, attributos das divindades dahomanas, armas e animaes diversos. Os baixo-relevos copiados, alem de reproducções analogas, continham inscripções hieroglyphicas. O throno ou cadeira regia reproduzia, tambem esculpida numa peça inteiriça de madeira, scenas da vida dos reis. Estes especimens da arte negra tem sido objecto de curiosos estudos.

Pois bem, o povo africano cuja aptidão artistica se revela nessas producções, pertence a uma familia da Costa dos Escravos, os Gêges, de que, no espaço de dous seculos, recebemos no Brazil, numero elevadissimo de escravos. São factos estes por nós demonstrados á luz de documentos irrecusaveis. Os negros Ardras que, já no periodo das guerras hollandezas do seculo XVII, se fizeram notados em Pernambuco, provinham do antigo reino d'Ardra, de lingua gêge, como os dahomanos, que mais tarde o destruiram, annexando-o ao de Dahomey sob o nome de Hallada. Mas, afóra os Ardras, recebemos no Brazil, escravos gêges do proprio Dahomey, de Whydah, o São João d'Ajuda dos portuguezes, dos Mahys, dos Pôpôs, etc.

Mas é este ainda o dominio das presumpções que não pode valer a documentação directa do asserto.

Os sentimentos, as crenças religiosas fazem para os Negros, como para as outras raças, as despezas das manifestações primitivas da cultura artistica. Os deuses, o culto são ainda os themas, os motivos mais valiosos, as fontes de inspiração por excellencia dos rudos artistas negros: aos de ordem religiosa se seguem ou se aggregam motivos retirados das habituaes occupações nobres da guerra e da caça.

Reunimos, no grupo da fig. n.º 1 peças diversas do culto gêge-yorubano dos *orichás* ou *vôdus*, tomadas ás praticas d'essa religião, sobrevenientes nos nossos negros.

Mandam as regras de uma bôa critica desprezemos as imperfeições, o tosco da execução, dando o devido desconto á falta de escolas organisadas, da correcção de mestres habeis e experimentados, de instrumentos adequados, em resumo, da segurança e destreza manuaes, como da educação precisa na reproducção do natural.

Mas, feito o desconto, nesses toscos productos, já é a arte que se revela e desponta na concepção da idéa a executar como na expressão conferida á idéa dominante dos motivos.

Não é facil, sem longos desenvolvimentos, dar uma idéa exacta da significação cultual d'estas peças. Não são idolos como se poderia acreditar á primeira vista, como o suppõe o vulgo, como o tem affirmado scientistas e missionarios que se deixam guiar pelas apparencias e exterioridades. Os negros da Costa dos Escravos, sejam os de lingua, Yorubana ou nagô, sejam os de lingua gêge, tshi ou gá, não são idolatras. Entraram em uma phase muito curiosa do animismo em que as suas divindades já partilham as qualidades anthropomorphicas das divindades polytheistas, mas ainda conservam as formas exteriores do fetichismo primitivo. Changô, por exemplo, o deus do trovão, é certamente um homem-deus encantado, mas que para se revelar aos mortaes frequentemente reveste ainda a forma fetichista do meteoritho, ou pedra de raio. E é a esta pedra, convenientemente preparada para nella residir o *orichá* que se dirige o culto, é ella que recebe os sacrificios, a quem se dão os alimentos.

Pois bem, as peças esculpidas da fig. I não são uma representação directa dos *orichás* e sim dos sacerdotes delles possuidos e revelando na attitude e nos gestos as qualidades privativas das divindades que os possuem. Em todo o caso isso não passa de uma representação. E assim como a pedra do raio, sem estar preparada pelo feiticeiro, digamos, em linguagem catholica, benta ou benzida, não tem direito á adoração, assim não reclamam, nem recebem culto os suppostos idolos. São emblemas, enfeites, peças de uso ou utilidade pratica; cadeiras, thronos uns, altares outros.

No grupo da fig. I, a excepção da peça 4ª, que é de bronze, todas as outras são de madeira. As peças de bronze são todas vindas d'Africa, e nem sempre tão imperfeitas como a d'este grupo. Os attributos phallicos do *orichá* Echú não permittem darmos aqui a photographia de duas peças de bronze que se acham em meu poder e pertenceram ao bastão ou sceptro de um regulo ou potentado africano.

Das peças de madeira, vindas d'Africa ou no Brazil fabricadas, umas são grosseiras e pouco significativas como as de ns. 1 e 7. Outras, porem, conseguem exprimir com clareza, e por vezes com grande intensidade, a intenção, a concepção de esculptor.

A de n. 3 (fig. I) representa um sacerdote ou filho de santo dansando, provavelmente possuido do *orichá*. E' com precisão a attitude dos braços com que, num curto movimento cadenciado d'estes, os dançarinos, dispostos em fila, uns atraz dos outros, acompanham o rythmo da musica barbara do batucagé, batendo compasso nos flancom os cotovellos. O esculptor, não conseguindo dar aos membros inferiores a disposição da marcha, limitou-se a figurar a attitude meio agachada de um dos passos da dança.

A peça n. 5 (fig. I) de 69 centimetros de altura, que se completa na fig. II, constitue um throno ou banco destinado ao sacerdote ou feiticeiro quando possuido do *orichá* Yômanjá. No longo movimento das mãos abertas, para conter e levantar os volumosos e turgidos seios da *orichá* que, para offerecel-os, está de joelhos, o artista expressou com felicidade e vigor a concepção da uberdade, de fundo chtoniano ou maternal, que se attribue a Yômanjá, divindade muito proxima, nos seu attributos da *orichá* Odudua.

As peças 2 e 8 da fig I. em melhor evidencia na fig. III, representam dous sacerdotes, um homem e uma mulher, possuidos do Changô. São peças muito conhecidas na Bahia sob o nome de figuras ou *ochês* de Changô.

Aqui a concepção artistica do esculptor negro póde com vantagem supportar confronto com a concepção similar de uma pintura branca do seculo V da era christã, tambem de motivo religioso, que figura nos trabalhos iconographicos de Paul Richer e Charcot sobre o demoniaco na arte e representa, como os *ôchês* de Changô dos Negros, uma phase do mesmo pensamento ou crença religiosa. A gravura christã mostra o demonio sahindo da cabeça de um energumeno sob a injuncção de Jesus Christo. O *ochê* tambem reproduz uma scena de possessão; um sacerdote ou feiticeiro africano em cuja cabeça penetrou Changô. Apenas Changô reveste, não a forma humana que tem o demonio da pintura christã, mas a sua forma fetichista de meteoritho ou pedra do raio.

Como expressão symbolica, os dous productos d'arte se equivalem e bem retratam a identidade esssencial do pensamento humano nas differentes especies ou raças. Mas não devemos ir por deante na analyse do documento que reservamos para estudo medico-psychologico de proporções mais amplas.

A peça n. 6 da fig. I tambem representa uma sacerdotisa ou filha de santo, possuida do *orichá* Ochum. Nas festividades, esta peça serve de altar ás pedras fetiches da deusa.

No quadro, vão ainda figuradas algumas insignias sacerdotaes: a cauda de vacca do *bábáláu*, a ventarola de cawries do *Ochum*, as armas de *Changô*.

Mas, neste grupo, não é só na concepção do esculptor que se revela o cunho artistico das peças, ainda elle

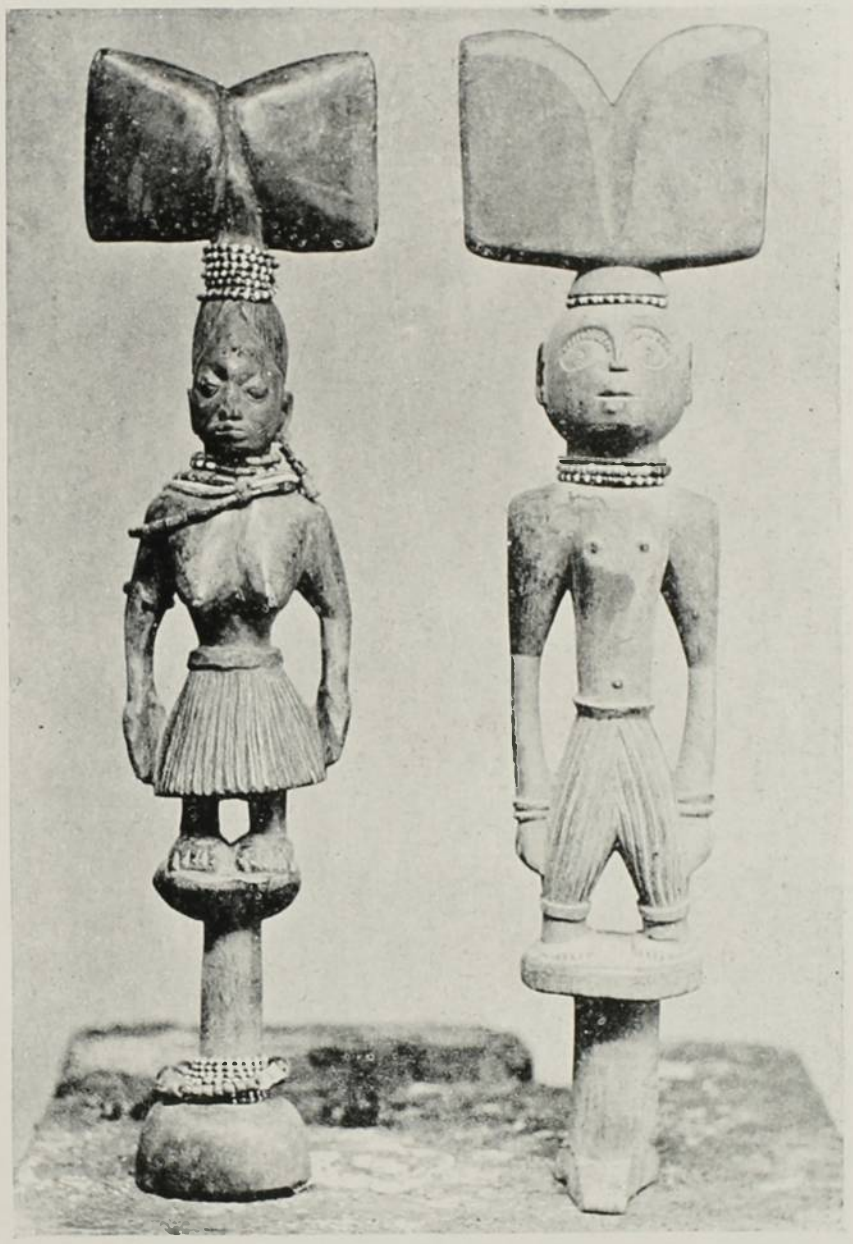


FIG. III — OCHÊR DE CHANGO

se descobre na reproducção dos modelos em que estão em evidencia boas qualidades de observação.

Em algumas, foram bem figurados os caracteres ethnicos dos negros. O nariz chato do ethiope, os olhos á flor da cara, os labios grossos e pendentes estão reproduzidos fielmente nas peças 2, 3, 5, 7 e 8 (fig. I). A desproporção entre o comprimento dos braços e o das pernas, peculiar á raça negra, é levada, pela impericia do artista, quasi ao extremo da caricatura nas peças 2ª e 8ª.

Excepção a esta regra faz a 6ª peça da fig. I, melhor reproduzida na fig. V. Este é sem duvida um producto artistico mestiço. As tatuagens ou gilvazes ethnicos do rosto, como a côr preta, não conseguem mascarar os

attributos da raça branca, no nariz afilado ou lopthorrhinio, na bocca pequena, labios de grossura não exaggerada, nas proporções do talhe. Não fossem, como outros de menor monta, os defeitos dos braços desproporcionados ás formas anatomicas correctas, esta peça estaria quasi perfeita. Em todo o caso, é bem trabalhada nas dobras da saia, nas proporções e relevos dos seios e do tronco, na expressão da physionomia.

Apenas difficil decidir si o mestiçamento é aqui do producto reproduzido ou da concepção do artista. A associação dos caracteres das duas raças, que entre nós tão largamente se fundem, recebeu uma realisação phantasista na imaginação do artista negro; ou limitou-se este a co-

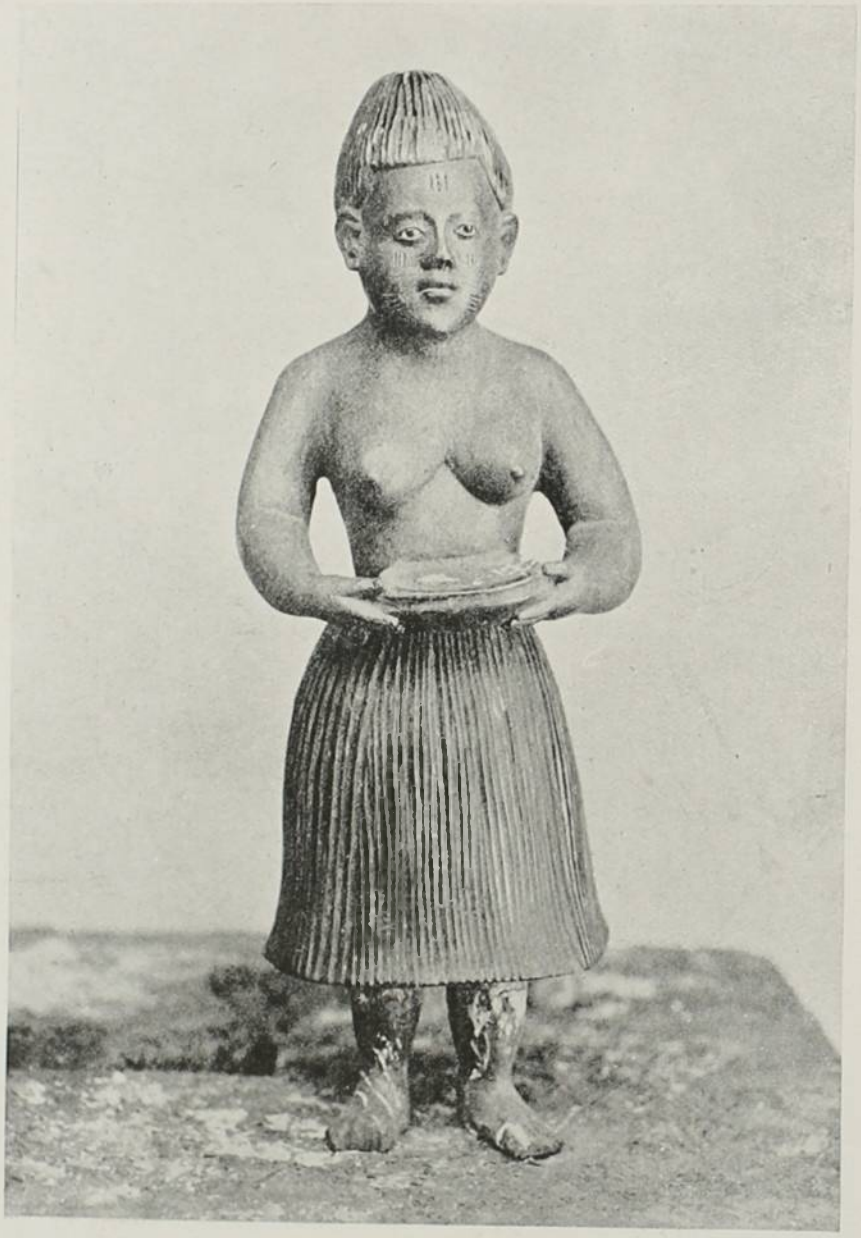


FIG. V — PEÇA DO CULTO DE OCHUM

piar a realidade, em specimens offerecidos pela natureza?

Egualmente possiveis as duas procedencias. Que os caracteres da raça branca, em cujo seio aqui vivem os negros e sob cuja direcção e ascendente se forma e se educa na America o espirito dos esculptores pretos, possam, modificando-os, ter exercido decidida influencia nos seus ideaes e concepções da belleza feminina, nada mais natural. Antes seria este um caso banal e simples da influencia social, de suggestão ou imitação inconsciente, que, de regra, exercem as classes superiores ou dirigentes sobre as classes inferiores ou dirigidas.

Mas, da copia do natural, na observação dos nossos negros mestiços de retorno á raça negra, ou dos mestiços africanos de raça chamita ou semita, tambem podia ter vindo a peça, esculpida, ao que me dizem, por um negro brazileiro por muito tempo residente na Costa d'Africa. De facto, os Fulahs ou Fulbi, povo chamita ou de raça branca mas de pelle quasi preta, cruzando-se com os negros do Sudão, deram origem a productos mestiços em que muitas vezes se encontram caracteres brancos bem accentuados. E não só no Sudão. Nas proximidades do lago Tchad, como nos bantús orientaes da Africa Meridional, o cruzamento com os arabes deu productos escuros em que os caracteres brancos se revelam distinctos.

Ou do cruzamento operado no Brazil com sangue europeu, ou do cruzamento chamita ou semita, vindo d'Africa, verdade é que se encontra na Bahia a associação de côr preta, por vezes bem retinta, a caracteres physionomicos peculiares á raça branca.

Mas, num ou noutro caso, seja exteriorisando as suas novas concepções da belleza feminina, seja copiando da natureza a associação de caracteres anthropologicos fundidos no mestiço, é ainda a arte que, infante embora, já se revela no poder da imaginação ou na capacidade de observar.

E esta capacidade de se deixar impressionar pelas scenas que os cercam, tem, na esculptura negra do Brazil, exemplares de maior valia do que os exhibidos nos especimens estudados.

Neste ponto, o cofre sagrado reproduzido nas figuras VI e VII vale o throno de Behanzin, do Museu do Trocadéro. E com razão Delafosse (1) considerou a peça do Museu parisiense, de valor para a historia ethnographica da arte.

Como se poderá ver em *La Nature*, o throno de Behanzin representa scenas da vida real dahomana. Dos dous planos por que se distribuem as scenas representadas, no superior o rei occupa o centro, sentado debaixo do regio chapéo de sol e cercado de suas dez mulheres, sendo que das mais proximas cada qual empunha um dos distinctivos da magestade negra, o cachimbo, a bolsa do tabaco, o escarrador, etc. Sobre as cabeças destas dez figuras descansa o assento do throno

Na ordem inferior, estão figurados dous grupos de prisioneiros, conduzidos por dous soldados dahomanos e, em cada um dos grupos, presos os escravos á mesma gargalheira de madeira.

Pois bem, o cofre das figuras VI e VII, vasa uma scena de pesca, em analoga reproducção esculptural. A peça foi encontrada nas praias de banho da Calçada do Bomfim, nesta cidade, envolta em alva toalha de linho, o que quer dizer que tendo fallecido o pai ou mãe de terreiro, sacerdote ou director de *Candomblé*, a quem pertencia, foi ella lançada ao mar com os outros objectos do seu *Pegi*, por não haver quem o quizesse substituir na direcção de culto. E' ella destinada pelo Sr. J. Messeder ao Instituto Historico da Bahia.

A peça representa um cofre cilindrico de 28 centimetros de altura sobre 21 de diametro, composto de duas partes distinctas, o cofre propriamente dito e o seu supporte, grupo de esculptura representando uma scena de pesca. A peça — cofre e supporte —, é inteiriça, talhada num só bloco de madeira; salvo a tampa que é presa ao cofre por uma articulação simples, de charneira girando sobre um prego, que serve de eixo. O cofre tem a forma de

(1) Maurice Delafosse: *Le trone de Behanzin et les portes des palais d'Abomé au Musée ethnographique du Trocadero.—La Nature.* 21 de Abril de 1894, p. 326.

dous pratos juxtapostos, cobrindo um ao outro. O de baixo, mais fundo, mais escavado, termina por uma orla ou borda em que estão gravados traços simples, formando desenhos. A tampa, menos escavada, tambem apresenta nas bordas e na face superior diversos desenhos a traços. Duas faixas antero-posteriores pintadas de branco, sobre



FIG. VI — COFRE DE YÊMANJÁ (FACE ANTERIOR)

que cahem de cada lado duas faixas identicas, repartem a superficie da tampa em uma larga secção central e tres pequenas secções de cada lado, — todas pintadas de azul. Traços lineares em zig-zag dividem a secção central em pequenos quadros mais ou menos regulares.

Pelas bordas ou circumferencia, o cofre descansa sobre as cabeças de quatro figuras, collocadas em cima de um crocodilo; pelo centro ou fundo elle descansa sobre a extremidade da cauda do crocodilo que uma das figuras levanta e sustenta.

Das figuras, uma representa um homem, de raça branca, de olhos azues e dentes enormes. Traz chapéo de castor preto, de forma européa, e sapatos da mesma côr: veste calças e palitot brancos. Montado sobre o crocodilo ou jacaré, empunha, da mão direita, uma espada cravada no flanco do reptil, e, da esquerda, a extremidade de um grosso cabo que forma, na extremidade opposta, um laço passado no pescoço do crocodilo. Adeante e atraz do branco, acham-se duas negras. Ambas, descalças, trazem por vestes uma tanga de panno branco, cahindo de debaixo dos seios aos joelhos, atacada por uma faixa branca e vermelha, deixando ver os cabellos nas malhas dos cruzamentos. Seios erectos, de volumosos mamilhos pintados de preto. Tatuagens identicas; tres gilvazes verticaes na fronte, tres verticaes sobre tres horizontaes em cada face. Côr amarella e não preta, olhos brancos de pupilas negras, nariz chato, bocca larga, labios grossos e pendentes. A mulher da frente, em pé por dentro do arco formado pelo crocodilo e, logo atraz do laço, segura e levanta com a mão direita a pata esquerda do reptil que, forçado por esse movimento, fica com a cabeça deitada de lado; com a mão esquerda, segura e levanta a cauda do animal, sobre cuja extremidade descansa o fundo do cofre.

A mulher, que está atraz do branco, sentada sobre o crocodilo, sustenta com a mão direita seu joelho da perna direita, que ella deixa cahir fóra do animal, pisando o sólo d'esse lado; tem a perna esquerda estendida sobre o dorso do jacaré e com a mão esquerda segura o braço direito do branco.

Por ultimo, um negro, enfiado em curto *camisú* branco, sem mangas, com um pequeno barrete egualmente branco no alto da cabeça, sustenta com as duas mãos o cabo de um forte remo, com que mantem, de encontro ao reptil, uma pequena canôa. Este negro, de nariz chato e grossos labios, é pintado de vermelho escuro e não tem tatuagens como as mulheres. De pernas muito curtas e mal feitas, elle está em pé sobre o crocodilo.

O animal, enroscado sobre si mesmo, forma um circulo, tendo a cabeça deitada de lado, por causa da pata

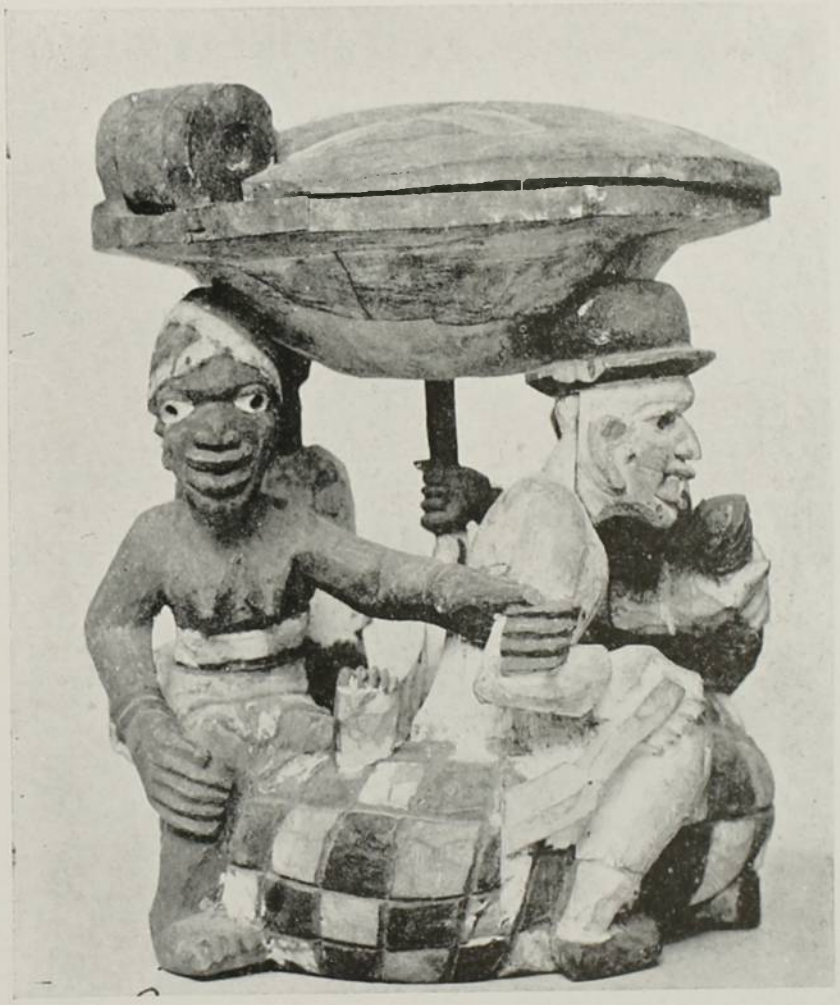


FIG. VII — COFRE DE YÊMANJÁ (FACE POSTERIOR)

levantada pela primeira mulher. A pelle não é figurada em escamas, mas dividida em pequenos quadrados brancos e pretos alternados.

Certamente, no grupo esculpido, se percebe de modo claro a representação de uma scena de pesca em que se festeja a morte de um crocodilo por um branco. A pequena canôa com o seu tripolante preto, a expressão de alegria com que o grupo cavalga o reptil, a situação de

honra concedida ao branco, que laçou o animal e empunha a arma ainda cravada no crocodilo, tudo concorre a demonstral-o.

Mas não é facil descobrir a allegoria que nesta peça quiz celebrar o esculptor negro. Dous pontos tornam embaraçosa a interpretação. Em primeiro logar, o crocodilo é um animal sagrado para muitos povos africanos, chegando mesmo a ser adorado em alguns pontos. Não se percebe bem como, nestas condições, possa servir ao culto uma peça em que se celebra a morte ou caça do reptil.

Depois, nos desenhos e representações dos Negros, os Brancos teem sempre o papel do leão da fabula. Cabe-lhes invariavelmente a má figura. O sceptro de Behanzin representava um crocodilo partindo um homem branco ao meio nas vigorosas mandibulas. Comprehende-se mal, portanto, uma esculptura africana destinada a celebrar qualquer façanha de um homem branco.

Somos, pois, obrigados a interpretar a peça como reproduzindo o feito de algum branco alliado ou protector. O mulato fluminense, Felix Souza, o primeiro *cháchá* de Ajuda, foi declarado officialmente pelo rei Guêsô, «o primeiro dos Brancos». Pelo que toca ao crocodilo, devemos suppôr se trate de algum sacrificio ordenado pela deusa *orichá* a cujo culto servia a peça.

E' de notar que nos povos gêges, tem descahido muito da sua antiga importancia o culto do crocodilo, *elô* ou *jalodeh*. Considerado divindade malfazeja, elle é antes temido do que adorado e se torna comprehensivel assim a alegria produzida pela sua pesca.

*
* *

Taes os productos da esculptura negra.

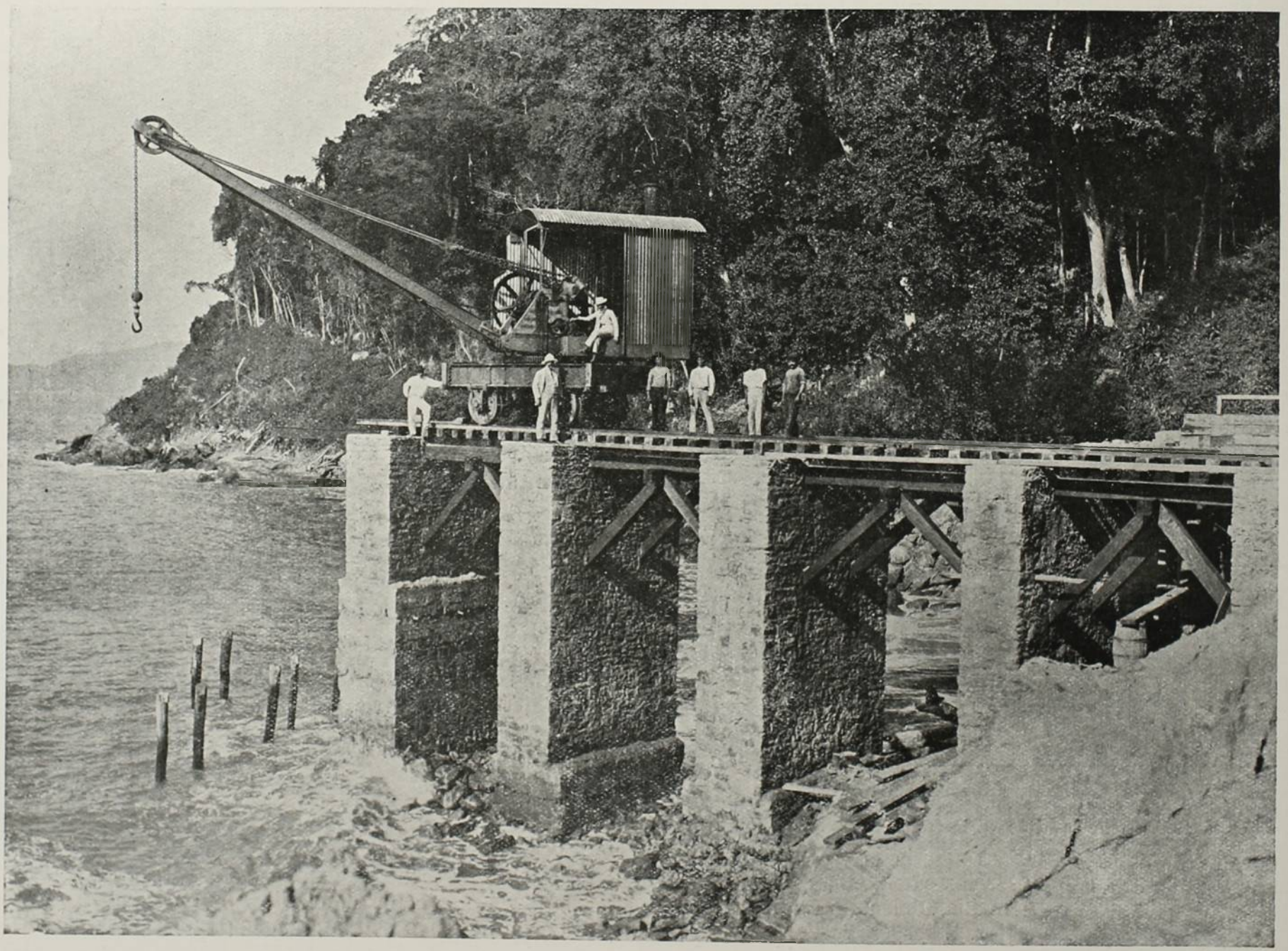
Não passaria pelo espirito de homem mediocremente instruido a idéa de applicar á determinação do seu valor as exigencias e regras artisticas por que se aferem productos da arte nos povos civilisados.

Os fructos da arte negra não poderiam pretender mais do que documentar, em peças de real valor ethnographico, uma phase do desenvolvimento da cultura artistica. E medidas por este padrão revelam uma phase relativamente avançada da evolução do espirito humano. E' já a esculptura em toda a sua evolução, mesmo na sua feição decorativa, do baixo-relevo á estatuaria. As vestes são ainda grosseiras porque, as idéas não teem a precisa nitidez, os sentimentos e a concepção estão ainda pouco definidos; mas no fundo já se encontra a gemma que reclama polimento e lapidação.

Com outros recursos, em outro meio, muito podem dar de si. E então perderá as proporções da estranheza esse monumento de obras de talha que erigio o preto mestiço no altar-mór da Matriz de Campinas.

DR. NINA RODRIGUES.
Da Faculdade de Medicina da Bahia

Bahia, 1904.



PHOT. DO MAJOR VILLEROY

COMMISSÃO DE DEFEZA DE SANTOS — PONTE DA PRAINHA

DAS LEITURAS

SOBRE OCEANOGRAPHIA

I

É nosso fim, desvendar aos leitores o resultado das principaes descobertas feitas por homens illustres que, com tanta dedicação e perseverança, estudaram a geographia physica do mar e a sua meteorologia, pondo em evidencia as forças reguladoras do mais indivisivel e profundo de todos os amalgamas.

Lendo Maury, se é tomado de admiração pela constancia das relações intimas, entre os phenomenos observados na superficie dos mares e os que se passam nas camadas inferiores da atmosphera; o contacto intimo, do ar e da agua, determina communicações reciprocas e ininterruptas de suas acções.

O mar compõe-se de tudo, pois que é o recipiente universal; fecunda e transforma; espalha e depois ajunta; amontôa e depois esparge: devora e depois cria. E' solido nos bancos de gelo, liquido nas vagas, fluido nas emanações deliciosas que nos dão as brisas.

Diz V. Hugo: «O oceano como materia é massa, como força, abstracção; uma só de suas gottas é elle todo.»

Cada vez, que nos approximamos do mar, parece que a profundeza de seu silencio nos falla com indifferença: «tu passas, e eu continuarei a grande vida equilibrada pelas energias incommensuraveis de minhas forças panicas, que tornam possiveis todos os cataclismas.»

E quando atravessamos esta maravilhosa manifestação das harmonias da natureza, nossa alma enche-se, conforme o bello pensamento de Kant, do mesmo respeito e da mesma admiração que, ao contemplarmos as sublimes leis moraes que presidem ao progresso da humanidade.

Sim, é ao contemplarmos o oceano sem limites que sentimos augmentar, com a noção do infinito, o sentimento de nossa propria fraqueza.

O oceano, não é como as montanhas, um accidente na snperficie da terra; é um mundo magestoso que, apenas, começamos a conhecer, e isto á custa de innumeros sacrificios.

Mas, que importa, o immolar quotidiano de tantas vidas humanas que, tentaram, sobranceiras, penetrar os mysterios, perscrutar os profundos arcanos d'essas aguas tenebrosas, se prosegue, cada vez com mais perseverança e maior firmeza, a obra colossal da sua conquista!?

A vista humana, sondando esta noite avara e terrivel, permittiu á sciencia presentir as leis que nella imperam e, bem assim, o incomparavel papel dos mares no equilibrio universal.

O oceano não repousa; faz, desfaz e refaz a viração do mar, resultante transluzente e pura da transformação mutua dos dois oceanos—aquoso e aereo.

Diz Michelet: «viver em terra é um repouso; viver no mar é um combate, combate vivificante para quem o supporta.»

Herschell, observando diversas nebulosas, com poderosos telescopios, chegou a concluir, que os estados successivos, por que vão passando esses amontoados de materia difusa, são devidos á uma concentração progressiva, resultante das acções da gravitação universal.

La Place, estudando a causa da formação dos mundos, applicou, ao nosso systema planetario, as conclusões a que o grande Herschell tinha chegado sobre a condensação das nebulosas, e terminou por admittir que o Sol e os corpos que circulam, em torno delle, formavam uma immensa nebulosidade, animada d'um movimento de rotação em torno d'uma linha passando por seu centro.

E, até hoje, uma série de factos e as meticulosas observações dos mais atilados geologos, só têm vindo corroborar a bella e imaginosa theoria do grande astronomo.

Devido a um resfriamento progressivo, porções, cada vez maiores, da materia nebulosa condensaram-se em seu centro, resultando d'essa precipitação, o augmento da velocidade com que girava a nebulosa inteira.

Nossa nebulosa, restriando-se, continuamente, fez desprender diversos anneis de materia cosmica que continuaram a girar, em torno de seu centro commum; a massa central, a que se reduziu a nebulosa, é o nosso Sol; os anneis concentricos condensados, uns após outros, deram origem aos planetas.

Nesta hypothese, a Terra deve ter sido, primitivamente, uma massa liquida affectando a fórma d'um espheroide achatado no sentido de seu eixo de rotação, rodeada d'uma atmosphera, resto da nebulosa que lhe deu origem e onde, a massa de materias em fusão nasceu da combinação chimica dos elementos primitivos.

A crosta solida, que ia resultando, deformou-se insensivelmente, devido á diminuição progressiva do volume liquido interior, em virtude do abaixamento continuo de sua temperatura; ao mesmo tempo, contendo a atmosphera uma grande quantidade de vapor d'agua, este devia, ao condensar-se, lançar enormes massas d'agua sobre a crosta solida, que nessa época geologica, não passava d'uma delgadissima pellicula, comparada á massa fluida e incandescente interior. Actualmente, a espessura dessa camada pouco excede de 160 kilometros; isto é, a 80ª parte do diametro terrestre. Assim, é natural admittir que, no momento da precipitação das aguas, a ebullição interna reagiu sobre a fraca epiderme da Terra, e produziu depressões enormes, entumescencias colossaes, fendas extraordinarias, emfim, irregularidades formidaveis para a pequenez dos seres, que d'ellas deviam participar.

Durante o reino do fogo, isto é, o periodo bruto da existencia da Terra, as materias mineraes em fusão originaram vulcões submarinos, verdadeiras valvulas de segurança da immensa caldeira, os quaes estabeleceram as correntes maritimas e atmospshericas. A' imaginação apresenta-se, voluntariamente, a estranha scena do oceano, sem limites, fervendo sobre um leito vulcanico, reflectindo-se sobre suas vagas impetuosas a côr rubra d'um céo ardente, velado por espessa e quente bruma; e pullulando, numa agitação indescriptivel, esperando que rompesse o grande dia, milhares de seres invisiveis ensaiavam a vida, subindo á tona, arrastados em corôas scintillantes, impulsionados pela extraordinaria lei, que preside ao progresso dos seres—a tendencia universal para a luz, isto é, para uma existencia melhor.

O reino da agua, assignala o 2º periodo da existencia da Terra (periodo da vida) pois que é muito natural admittir que as aguas, logo que puderam se precipitar, sem experimentar nova decomposição, cobriram totalmente a superficie da Terra.

Durante este periodo, a diminuição da temperatura e as leis da gravidade modificaram a composição das aguas do oceano, tornando-o o que é hoje. A primeira causa

determinou a absorpção de diversos gazes atmosphericos, os quaes ficaram em contacto com outros corpos, resultando d'isto, depositarem-se em fórma de crystaes. Em consequencia da outra causa, as materias insoluveis e pesadas, taes como os saes de cal e ferro, a argila etc., foram arrastadas para o fundo dos mares.

Entre a pyrosphera, cuja irradiação se fazia sentir atravez da minuscula pellicula solida, e o Sol, ou melhor a atmosphera ardente que a Terra ainda possuia, estava collocado o oceano primitivo; com tal lentidão se operava o resfriamento de suas aguas, que nem de meio gráo variou a temperatura do globo, desde os tempos historicos.

Actualmente, a quasi totalidade do nosso calor, vem-nos, não do fogo central, mas do Sol.

Nos tempos primitivos, a Terra fez desabrochar, por seu calor proprio, os primeiros seres, cujos germens se abrigavam nas profundezas do mar. As ondas povoaram-se de infusorios e de vermes microscopicos. Estrellas do mar, actinias rajadas, cyclostomos dourados, tudo vive e se move, lá, onde a ausencia da luz solar devia excluir a vida.

Os rios, formados pela queda das chuvas, forneceram, ao oceano as aguas, que o Sol lhe roubava pela evaporação.

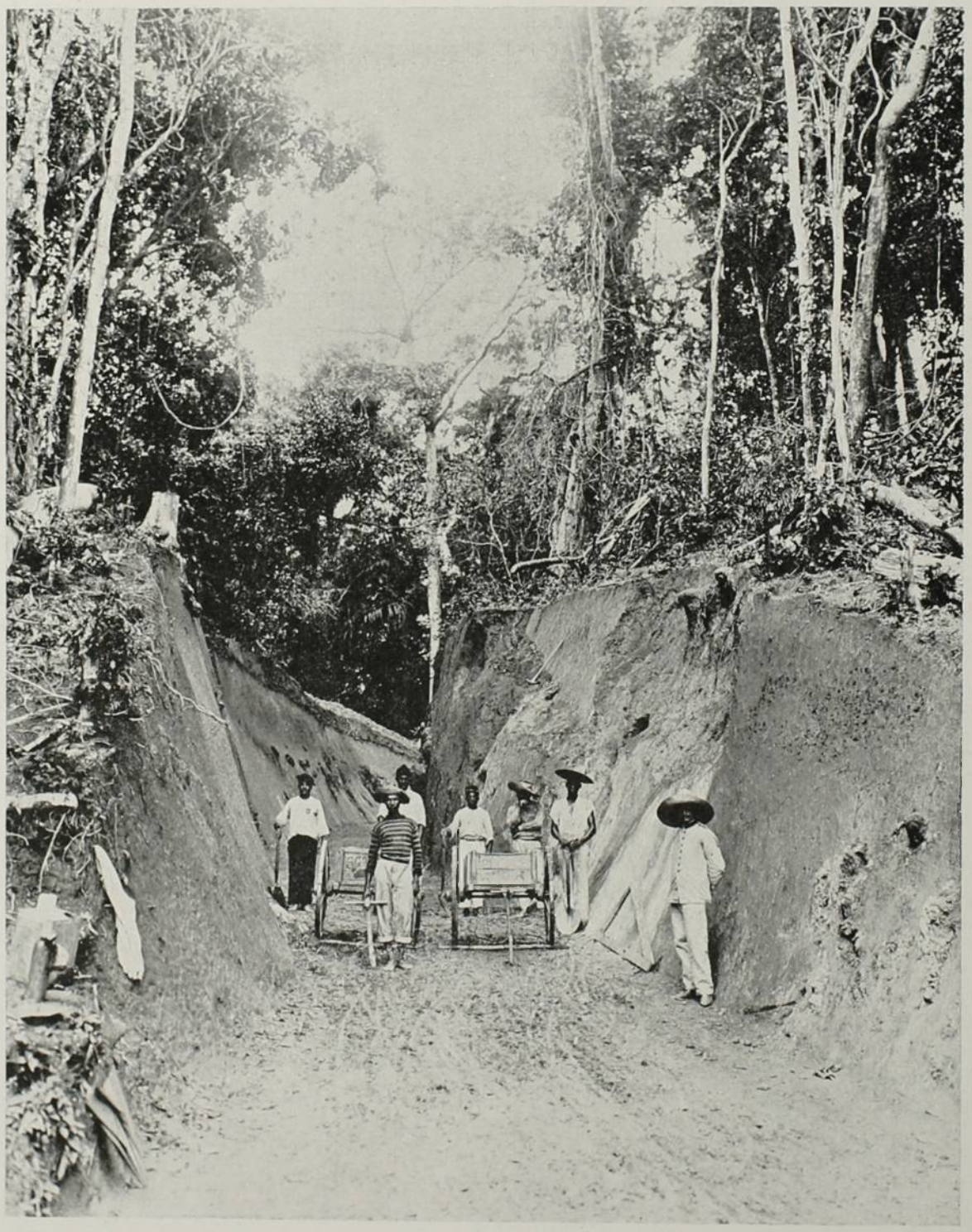
Assim é que, como diz Maugin, a ordem e a vida numa palavra, nasceram do grande chaos primitivo.

E o que era esse chaos, senão a materia, experimentando, em virtude das leis eternas que a regem, as transformacões necessarias, que nos deram este maravilhoso conjuncto de coisas harmonicas, chamado—o Mundo—e que os gregos denominaram—Kosmos—.

«O chaos foi o esboço do Kosmos».

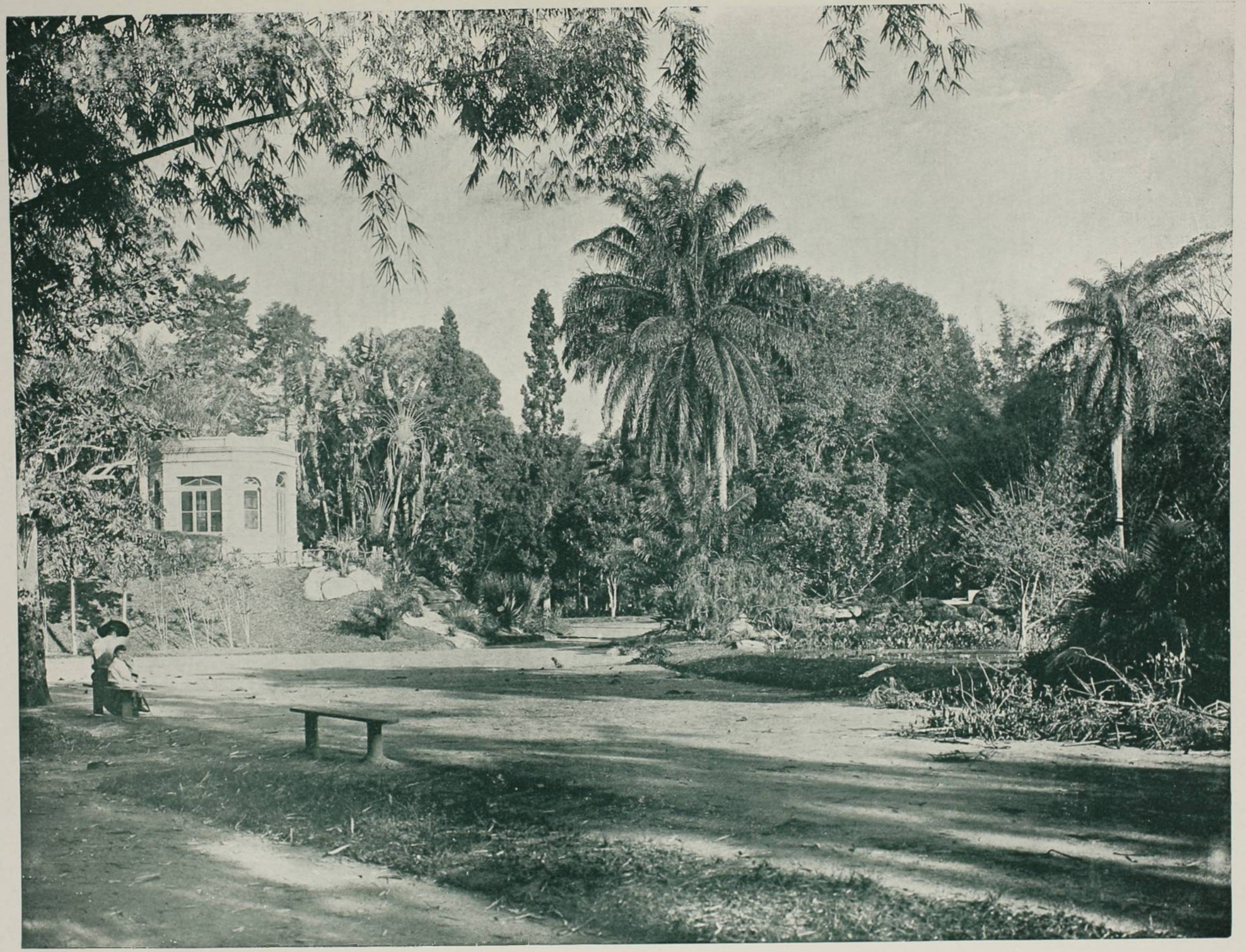
(Continúa).

G. Areias.



PHOT. DO MAJOR VILLEROY

COMMISSÃO DE DEFEZA DE SANTOS—ESTRADA DO FÓRTE DE ITAIPÚ—CÓRTE N. 5



JARDIM BOTANICO - RIO DE JANEIRO

A RELIGIÃO E A MEDICINA

> La santé consiste, autant que le bonheur, dans l'unité considerée corporellement ou cérébralement.
>
> Vu l'intime connexité de nos deux existences, physique et morale, les perturbations de l'une ne doivent jamais être traitées independamment de l'autre, même parmi les animaux supérieurs et surtout chez l'homme.
>
> En augmentant ce consensus, la civilisation exige donc que l'office médical soit de plus en plus fondu dans le service sacerdotal, au lieu de consacrer leur séparation croissante, qui convient seulement à la transition occidentale.
>
> AUGUSTE COMTE — *Système de Politique Positive* t. IV, pag. 281.

NA accepção vulgar, o vocabulo *Religião* significa uma doutrina sobrenatural, mais ou menos metaphysica e theologica. Geralmente quem diz religioso diz theologico. Tal tem sido sempre o modo de comprehender esse termo pelos philosophos anteriores a Augusto Comte e pelo proprio auctor da *Philosophia Positiva*, antes da sua completa regeneração intellectual e moral, que só o levou a explicar a significação real e verdadeira da palavra nas paginas admiraveis do mais genial de todos os livros, o *Systema de Politica Positiva*.

Confundir Religião com Theologia é incontestavelmente um erro deploravel; é adulterar o mais completo dos termos da linguagem humana; pois, conforme tal confusão, elle deixa de comprehender varias construcções, varias doutrinas de caracter verdadeiramente religioso, como a synthese do grande pensador chinez, a doutrina de Confucio.

E' outro e bem diverso o sentido dessa palavra admiravel, cuja constituição morphologica exprime litteralmente o seu verdadeiro significado. Religião origina-se de religar, isto é, ligar duas vezes; e realmente toda a religião tem por fim ligar interiormente as varias partes de nossa alma, ao mesmo tempo affectiva, intellectual e activa, e ligar cada um de nós ao conjuncto dos nossos semelhantes. Regular cada individuo e confraternisar todos os individuos, eis o objectivo real e verdadeiro da Religião, qualquer que seja a crença que a distinga. Esse duplo religamento póde estabelecer-se segundo uma revelação theologica como fez S. Paulo, instituindo o Catholicismo; ou pela adoração espontanea de um fetiche real, como o Céo dos lettrados chinezes que serviu de base á grandiosa systematisação de Confucio; ou ainda deduzido das leis scientificas, illuminadas pelo Amor e reveladoras do mais elevado e sublime dos sêres conhecidos, qual é a Humanidade, como instituiu o genio universal do maior dos pensadores, Augusto Comte.

Em todas essas tres grandes construcções, tão distinctas sob varios aspectos, ha um elemento commum fundamental: a regulamentação do individuo e o religamento collectivo. Os crentes de cada uma dessas doutrinas obedecem livremente a um conjuncto de nórmas que os dirigem pessoalmente e os confraternisam na existencia social; apenas cada um se distingue pelos modos differentes por que consegue esse duplo resultado.

Os proselytos de Confucio inspiram-se na synthese fetichica, os de S. Paulo na philosophia theologica e os de Augusto Comte na sciencia positiva; todos, porém, são religiosos no sentido real e philosophico do termo.

As diversas fórmas religiosas que se observam hoje simultaneamente em varias porções do planeta humano, manifestaram-se successivamente na série dos tempos.

O Fetichismo, o Theologismo e o Positivismo representam os tres estados successivos da evolução religiosa da nossa especie, ou melhor da evolução total da Humanidade.

Todas essas syntheses constituem phases successivas da Religião, que, partindo do estado fetichico mais rudimentar e commum a todos os individuos e a todos os povos, attinge emfim á phase definitiva caracterisada pelo Positivismo, em que a Humanidade, senhora de si mesma, liberta-se afinal dos seus tutores provisorios, fetiches, deuses e Deus, para tornar-se a sua propria e eterna providencia.

A Religião é uma e unica; é a Religião da Humanidade. Todas as outras são estados transitorios da synthese definitiva, soluções provisorias do mesmo problema, segundo os logares e as épocas.

Na verdade; todas as creações religiosas são creações da Humanidade. São orgãos eminentes do verdadeiro Ser Supremo que, atravez das chimeras theologicas e metaphysicas, instituiram no passado as doutrinas que prepararam o advento final da religião definitiva.

Quando S. Paulo pregava o Catholicismo em nome do Crucificado e Mahomet espalhava a doutrina do Islam inspirado pelo anjo Gabriel, ambos formulavam construcções puramente humanas, apenas veladas pelas phantasias theologicas, que os levavam a attribuir a uma influencia sobrenatural o que era o resultado da evolução da Humanidade, condensada no cerebro eminente de cada um delles.

A visão de Damasco e as apparições de Meca foram allucinações extraordinarias de grandes almas preoccupadas com a regeneração humana e arroubadas pelo mais ardente altruismo.

Em todas as épocas e em todos os logares a Humanidade foi sempre a deusa protectora do homem, representada pelos fetiches e deuses que ella propria creára, até attingir a sua completa virilidade e continuar por si a direcção dos negocios terrestres, que outr'ora e sempre dirigiu atravez desses representantes divinos, chimericos e provisorios, embora uteis e necessarios.

Nesta phase final da evolução humana, cada homem e todos os homens attingem ao estado de plena unidade individual e collectiva, o que quer dizer que ha convergencia pessoal de todos os nossos sentimentos, idéas e actos, e harmonia social de taes convergencias, ou melhor que o individuo e a especie se tornam sympathicos, syntheticos e synergicos, isto é, plenamente religiosos.

Estado de unidade e estado religioso são phrases synonimas. E é para esta situação definitiva que a Humanidade caminha desde a mais antiga idade. Augusto Comte resumiu tão magestosa evolução na lei admiravel e profunda que condensa a philosophia da historia:

L'homme devient de plus en plus religieux, o homem se torna cada vez mais religioso.

A Religião, tal como a concebemos, conforme os ensinamentos irrefutaveis do mestre dos mestres, é a creação principal ou antes a creação unica da nossa especie,

De facto, abrangendo o triplice aspecto da nossa natureza, ella abraça todas as questões: moraes, intellectuaes ou praticas. A arte, a sciencia, a philosophia, a politica, a industria, o culto, a vida privada, a vida publica, todas as instituições, todos os assumptos relativos ao mundo e ao homem, tudo se subordina á construcção suprema.

Assim todos os problemas são casos especiaes do problema religioso; e a solução dos primeiros depende da solução do ultimo.

Este dominio universal da religião é facil de comprehender-se, não só pela apreciação geral que acabamos de expôr mas ainda meditando especialmente no estudo de um caso qualquer que nos é dado tratar.

Tal meditação leva-nos a concluir que um assumpto qualquer susceptivel de um juizo positivo ou é relativo ao mundo ou ao homem, concerne a phenomenos que se passam fóra de nós ou a attributos que se manifestam dentro de nós. Para estudal-o convenientemente, é preciso não só conhecer as leis do mundo, como tambem as que nos dirigem: é preciso, pois, conhecermos a ordem universal, a fé scientifica.

Por outro lado, essa fé não póde ser assimilada sem disposições affectivas favoraveis ao seu conhecimento: para saber é preciso amar primeiro.

A poesia antes da sciencia já presentia esse admiravel aphorismo, na epopéa mystica do Amor, quando o frade-poeta escreveu as palavras celebres da *Imitação: Omnis ratio et naturalis investigatio fidem sequi debet non praecedere nec infringere.* Toda razão e investigação natural deve seguir a fé (a *crença* que se *ama*), não precedel-a nem inflingil-a.

E o moralista moderno condensou numa phrase concisa e profunda, o mesmo principio que a sciencia regenerada pelo genio de Augusto Comte veio demonstrar depois:

Les grandes pensées viennent du cœur, os grandes pensamentos vêm do coração.

Assim a inspiração affectiva deve preceder á apreciação intellectual; o amor ao estudo que nos preoccupa, preceder á sciencia desse estudo.

Por ultimo devemos ter em vista a utilidade, o objectivo pratico da questão, de modo que conheçamos o valor real que a sua solução encerra e possamos assignalar o progresso que esta determina.

Temos assim de exercitar as nossas faculdades praticas e apreciar o problema com relação aos aperfeiçoamentos industriaes, politicos ou moraes, subordinando todos ao ultimo, ao aperfeiçoamento moral, que abrange e domina todos os outros.

A questão fica assim apreciada quanto ao regimen, depois de ter sido estudada no ponto de vista do culto e do dogma. Tem ella por esse modo, abraçado ao mesmo tempo todas as partes constitutivas de uma religião qualquer: o culto, o dogma e o regimen.

Toda questão é, pois, sempre uma questão fundamentalmente religiosa ou, como dissemos, um caso particular do problema religioso.

E' escusado, portanto, é inutil querer resolver as grandes questões que agitam os tempos modernos encarando-as sob o ponto de vista especial e local, individual e temporario.

As soluções particulares, as syntheses parciaes, são sempre incompletas e falhas, á vista da solidariedade de todos os assumptos, que exige a consideração simultanea de todos os casos, e portanto uma solução universal, uma solução religiosa, a unica a triumphar definitivamente.

Como diz o pensador universal, referindo-se á instituição final da numeração septenaria: «Convem, entretanto, contar com a *pouca consistencia das construcções puramente parciaes, sempre incapazes de resistir á systematisação universal...*» (AUGUSTO COMTE. — *Synthese Subjectiva*, t. I, pag. 127).

A historia demonstra exhuberantemente a verdade desta affirmação. Só o Catholicismo, por exemplo, pôde dominar as doutrinas parciaes que surgiram no seio do polytheismo decadente e resolver o problema da regeneração social, segundo as necessidades da época, porque era uma construcção universal, uma synthese religiosa. Resolvendo o problema religioso, que se impunha então, de accordo com os meios de que dispunha no momento, o Apostolo dos Gentios resolveu implicitamente todos os que dependiam do problema fundamental, isto é, todas as grandes questões sociaes que agitavam a sociedade occidental durante a anarchia causada pela decadencia do polytheismo greco-romano.

Hoje, como dantes, a resolução de um problema, especialmente de um problema social, depende da Religião. Só uma synthese universal é competente para resolver e decidir sobre um assumpto em que todas as faculdades da alma e em que todas as almas se acham empenhadas, sem saberem ao certo como se governem nem como se harmonisem, de modo a realisarem a felicidade de todos, fim eterno da existencia humana, assignalado systematicamente, ha vinte e tres seculos, pelo genio maravilhoso de Aristoteles.

Entre as grandes questões sociaes do momento avulta a questão medica, o problema da extincção da molestia.

Extinguir a molestia, constitue, com a eliminação da guerra e da miseria o triplice alvo continuo de todos os corações animados pelo amor da humanidade, por esse *amor que move o sol e os outros astros*, como diz o verso celebre do cantor de Beatriz.

Para a maior parte dos espiritos, mesmo dos que possuem os estudos medicos assimilados nas varias academias do Occidente, tal affirmação produz em geral um sentimento de espanto. Embrenhados numa cultura especialista e dispersiva, o coração mais ou menos atrophiado pela aridez que tal cultura produz, desprovidos em geral dos conhecimentos syntheticos, encyclopedicos, indispensaveis ao estudo de qualquer disciplina, com especialidade aos que entendem com o organismo do homem, do homem que é o resumo do mundo, muitos medicos, talvez a maior parte delles, julgam que a medicina nada tem com a Religião, que o exercicio medico é independente da funcção sacerdotal.

Tal concepção dos espiritos mais cultos reflecte-se no seio da massa illetrada, de modo que em cada familia se observa muitas vezes esta incoherencia flagrante: emquanto o medico intervem perante o enfermo empregando para combater-lhe a molestia os meios mais ou menos empiricos de que dispõe, o padre, chamado para tratar da alma, aconselha em nome da fé theologica promessas, rezas, penitencias e outros meios moraes de que o medico zomba e em que o doente crê.

Essa posição divergente entre o padre e o medico é uma das propriedades mais caracteristicas da anarchia social reinante.

Em vez das suas funcções se harmonisarem para um fim commum, tornam-se rivaes e inimigas. Dahi a mais deploravel situação para o doente. Emquanto o ministro das suas crenças lhe conforta a alma, que é o cerebro na accepção scientifica, evocando os recursos da Fé, o ministro da sciencia, mas da sciencia materialista que é a dominante na maioria dos espiritos cultivados, critica dessa mesma Fé, e então dá-se uma verdadeira luta entre

a vida corporal e o centro cerebral; o moral e o physico são tratados diversamente; e o primeiro, sob a influencia contraria dos conselhos sacerdotaes e das prescripções medicas, exalta-se, abate-se, duvida, desespera, e breve, reagindo sobre os orgãos corporaes, aggrava o mal e muitas vezes apressa a morte.

Por outro lado a medicina, tal como se acha actualmente, invadida pela pretendida sciencia dos microbios, desconhece inteiramente a noção positiva de molestia.

O principio de Broussais mostrando que o estado morbido se reduz ao estado hygido, ambos apenas differenciados pelo gráo de intensidade dos phenomenos correspondentes, principio que Augusto Comte generalisou tornando-o a lei da modificabilidade, verificavel em todos os attributos da existencia material, vital, social e moral, parece ter sido abandonado pelas doutrinas correntes em que a diversidade clinica dos symptomas converge a admittir a pluralidade real das molestias, muitas das quaes são consideradas como oriundas da acção pathogenica especifica de um germen determinado.

O concurso das funcções, a solidariedade dos orgãos, essa individuação tão caracteristica que distingue o mais complicado dos organismos conhecidos e que o grande Hyppocrates já tinha reconhecido, ha vinte e cinco seculos, parece tambem cada vez mais desconhecida pelos medicos modernos, estabelecendo uma distincção absoluta entre as varias perturbações do organismo.

Que a molestia é uma só, como a saúde que a define como seu antonymo, ninguem deixará de se convencer lendo o seguinte trecho de uma carta de Augusto Comte ao Dr. Audiffrent:

«Por uma contradicção decisiva, a linguagem indica por toda a parte a irracionalidade geral das concepções pathologicas.

«Embora a molestia seja universalmente definida por contraste com a saúde, a primeira palavra torna-se ordinariamente plural, emquanto a segunda fica sempre singular. Isso significa que as pretendidas molestias classicamente distinguidas se reduzem essencialmente a simples symptomas.

«*Não pode existir fundamentalmente sinão uma unica molestia, que consiste em não estar bom.*

«Ora, já que a saúde reside na unidade, a molestia resulta sempre de uma alteração da unidade, por excesso ou defeito de uma das funcções em harmonia.

«A desordem pode provir do exterior ou do interior, quando os limites normaes de variação se acham excedidos, num sentido qualquer pela acção prolongada quer do meio, quer do organismo.

«A medida que a especie se torna mais civilisada, é sobretudo o segundo caso que prevalece.

«Nos occidentaes actuaes, mesmo masculinos, a molestia deve ser habitualmente attribuida ao centro cerebral, que domina melhor o conjuncto do organismo e além disso funcciona mais.

«As alterações emanadas do meio não adquirem ordinariamente gravidade sinão conforme sua reacção indirecta sobre o cerebro pelos nervos e os vasos.

«Mas enganam-se habitualmente sobre a verdadeira séde da molestia, porque os symptomas affectam raras vezes as funcções cerebraes, salvo os casos de grande perigo. Elles consistem quasi sempre nas alterações que o cerebro perturbado determina nos outros orgãos» (Augusto Comte — *Cartas a diversos*, 1850-1857, t. I, 221-222).

Da leitura e meditação desses profundos conceitos conclue-se ainda que a influencia do meio cosmico não é a mais preponderante nas manifestações morbidas; o meio social é o factor que concorre com mais contingente.

Não são o frio, o calor, os microbios e outros agentes exteriores que mais influem sobre o nosso organismo perturbando-lhe as funcções, mas as influencias da vida social, as reacções moraes que, agindo sobre o nosso cerebro, o torna apto a actuar morbidamente sobre os orgãos corporaes, fazendo explodir os symptomas que constituem as varias molestias conhecidas.

Embora não sejamos medico, temos lido observações diversas que confirmam tal proposição, e mesmo já observamos um caso bem caracteristico em uma villa de um Estado do Norte.

Ahi estava em tratamento um moço que soffria de tuberculose pulmonar do primeiro gráo, conforme o diagnostico de varios facultativos que o examinaram.

Esse moço tendo experimentado algumas melhoras como a apyrexia completa, a diminuição da tosse, o reapparecimento do appetite, emprehendeu um passeio a cavallo a uma distancia da villa, cerca de uma legua.

Durante a viagem sobreveio um aguaceiro que o apanhou, e ao voltar á casa foi surprehendido por uma forte indisposição gastrica, proveniente de grande porção de leite que havia bebido.

Não obstante porém, essas duas influencias, os phenomenos tuberculosos não se aggravaram, pelo menos apparentemente; ao contrario, o doente continuou a melhorar.

No entretanto muitos dias depois, entre elle e um creado levantando-se uma pequena rixa que o exaltou bastante, eis que recahe no primitivo estado: a febre volta, a tosse augmenta e o appetite desapparece.

Assim o que a influencia meteorologica e a perturbação vegetativa não produziram, a impressão moral, o estado de exaltação do cerebro bastaram para gerar immediatamente.

Esta influencia do moral sobre o physico cremos não ser de todo contestada, mas só é convenientemente apreciada no Positivismo que, restabelecendo o laço religioso, estuda e modifica o homem, considerando-o como um membro da Humanidade, ligado pelo cerebro não só aos contemporaneos mas tambem aos antepassados e aos successores de modo a soffrer todas as reacções que tal ligação implica, atravez do nosso principal apparelho que desde então se deve definir sociologicamente com Augusto Comte: *a dupla placenta permanente que liga o Homem á Humanidade.*

Sem desprezar as influencias cosmicas que na maior parte dos casos o homem soffre sem poder modificar, a synthese universal demonstra a preponderancia da influencia social da trindade chronologica: a Prioridade, o Publico e a Posteridade.

Sendo assim, as perturbações sociaes tornam-se a fonte perenne das que accommettem os individuos, a molestia especial de cada um apenas um symptoma da molestia geral de todos.

Para curar o individuo é preciso curar a especie.

Para restabelecer a unidade em cada cerebro, isto é, a saúde, convem restabelecel-a na sociedade que sobre elle poderosamente influe. Só o restabelecimento dessa dupla unidade conseguirá a extincção da molestia, permittindo um regimen de plena felicidade.

As molestias que hoje pullulam no Occidente são o resultado fatal da dissolução do regimen catholico-feudal.

Dada a ruptura da unidade religiosa conseguida por esse regimen, desacreditadas as crenças catholicas, o cerebro occidental, que a civilisação medieva fez mais delicado, mais melindroso do que nunca, tornou-se apto a adquirir perturbações de toda a ordem.

Assim é que as chamadas molestias nervosas, quasi desconhecidas na antiguidade, se multiplicaram de dia para dia; o homem moderno é em geral um nevropatha e reflecte por uma nevrose especial a nevrose universal de que o Occidente inteiro está atacado.

Curar a molestia occidental afim de restabelecer a saúde dos occidentaes, é o grande problema da medicina moderna. Mas como essa dupla cura consiste justamente em conseguir a unidade individual e collectiva, a questão medica fica reduzida á questão religiosa, o exercicio medico a um officio sacerdotal, como já o foi reconhecido pelos pensadores syntheticos das theocracias e pela sabedoria popular quando espontaneamente proclama a medicina como um sacerdocio e chama o medico sacerdote.

Fazer cessar a divergencia irracional e immoral entre o medico do corpo e o da alma, fundindo-os no typo sacerdotal, o pensador synthetico, orgão de uma doutrina universal, livremente acceita, religiosa mas scientifica, typo venerado não só pelo *saber* como pela *virtude*, eis para onde devem convergir os esforços de todos os que se preoccupam com o futuro da nossa especie e trabalham na medida de suas forças para eliminar o mais obstinado dos flagellos que nos perseguem—a molestia.

Felizmente o Occidente já possue um grupo, muito pequeno, é verdade, mas convencido e dedicado, de medicos inspirados nas novas doutrinas e que se não cansam de espalhar a boa nova.

Entre elles occupa o primeiro logar um dos discipulos queridos do Mestre, medico notavel, distincto biologista, geralmente desconhecido no meio academico: é o Dr. Georges Audiffrent.

Este profundo pensador assimilou e desenvolveu as doutrinas medicas de Augusto Comte em dois tratados magistraes: um physiologico—*O cerebro e a innervação* o outro pathologico—*As molestias do cerebro*. Em taes livros não se sabe que mais admirar, si a grandeza do mestre ou a fidelidade do discipulo.

E' de um destes tratados, que desejavamos fossem lidos e meditados pelos medicos competentes, que destacamos uma pagina final para de alguma sorte amparar com o prestigio de uma notabilidade medica, as opiniões que ahi ficam e que acceitamos levado por demonstrações tão certas como as que nos convenceram do movimento da terra, e apezar dos juizos quasquer que emitirem os doutores da sciencia academica, cuja maior parte «decide em sociologia sem saber arithmetica» e em que a virtude nem sempre corresponde ao saber.

«Conservar o homem são, moral, intelligente e activo, diz o eminente medico, tal é o resultado para o qual deve tender futuramente a medicina; aspirando deste modo a voltar á arte sacerdotal de que fez parte em outros tempos, e de que para o futuro se torna inseparavel. A questão que consiste em manter a unidade individual é fundamentalmente identica á que tem em vista a disciplina social.

«Toda agitação prolongada do meio social arrasta forçosamente á ruptura da unidade pessoal e, reciprocamente, a molestia, sobretudo quando reveste a fórma epidemica, é o indicio da desordem collectiva.

«A saúde e a felicidade só pertencem as épocas de fé e a historia mostra-nos a molestia assolando a Humanidade nos tempos em que a insufficiencia da fé deixa a sociedade sem direcção e sem ponderação. Para ter saúde é preciso poder *crêr e amar*. Assim, vemos nossa geração, dominada pelo scepticismo e pela indifferença, assolada incessantemente por males de todas as especies, cujo numero e intensidade medem de algum modo a extensão da anarchia social e da perturbação das consciencias.

«A theoria medica que acabamos de expôr, ao mesmo tempo que nos mostra a gravidade e a generalidade do mal, de que o Occidente inteiro se acha atacado, deixa comtudo todos os caminhos abertos á esperança,

«E' certo, com effeito, que si a molestia é social em sua origem, o restabelecimento da harmonia social, compromettida desde muito tempo, será seguido de uma prompta volta á saude, sobretudo quando uma boa hygiene publica e privada nos tiver expurgado de todos os vicios hereditarios proprios á nossa geração, os quaes constituem outras tantas predisposições á molestia.

«A instituição de uma harmonia definitiva entre todos os elementos sociaes e a de um estado de plena unidade para o individuo não pódem para o futuro parecer chimericas a ninguem.

«Por mais utopica que pareça uma tal esperança, nem por isso deixa de ser das que podemos hoje conceber e cuja realisação, por mais longinqua que a supponham, é plenamente admissivel. Approximando-nos desse termo final de todos os esforços humanos, veremos desapparecerem progressivamente os tres grandes flagellos que se julgaram sempre inseparaveis da humanidade: a guerra, a miseria e a molestia. Não ha cidadão que já não veja o Occidente pacificado, vivendo sob a mesma communhão; nenhum espirito elevado que se recuse a admittir que a miseria possa ser conjurada por uma melhor repartição dos productos da industria humana e pela extensão da fraternidade social; emfim, quando se tiver mais judiciosamente estudado a natureza humana, ver-se-á de certo que a molestia não é mais inseparavel della do que a guerra e a miseria. Na maturidade humana, todo membro da grande familia attingirá naturalmente o termo de sua carreira, que uma melhor harmonia entre o corpo e o cerebro poderá talvez estender além de todas as nossas previsões.

«A Humanidade terá assim triumphado da propria morte. As extincções prematuras são com effeito as que deixam após si as mais pungentes dôres. A morte de um cidadão que chega ao termo da vida, depois de ter dignamente cumprido todos os deveres que lhe designam os destinos, é um acontecimento longamente previsto, ao qual todos e elle proprio estão preparados. Realisada sem soffrimentos, uma similhante extincção equivale a uma verdadeira transformação. E' a passagem da existencia objectiva á existencia subjectiva. Todos os que bem viveram podem esperar que continuem a viver na lembrança dos que viverão depois delles. Reunidos ao conjuncto dos antepassados, no tumulo que lhes é consagrado, não cessarão de velar ainda pela felicidade dos que amaram; nossas disposições fetichicas, que só depende de nós entreter, farão muitas vezes renascer-lhes os restos venerados, e numa melancolica alegria permittirão associal-os a todos os actos de uma existencia, outr'ora entretida e aformoseada por elles».

(G. AUDIFFRENT. — *Des maladies du cerveau et de l'innervation, d'aprés Auguste Comte,* — pag. 91-93)

Nestas paginas do grande medico positivista, inspiradas pela palavra augusta do Mestre, estão assignalados o objecto e o fim da medicina, considerada conforme o seu caracter essencial, o mais elevado e o mais digno, unico verdadeiro, o caracter religioso.

Por ellas e por tudo o que explanamos nesta ligeira dissertação, vê-se que entre a Medicina e a Religião ha o mais intimo dos laços, de modo que a regeneração da primeira depende da instituição definitiva da segunda.

E' debalde que se procura em nome de doutrinas sophisticas, apparentemente scientificas, resolver o problema medico em meio da anarchia religiosa. Não é descobrindo microbios, inventando vaccinas e sôros que a molestia desapparecerá da face da Terra. Seria mesmo ridiculo admittir taes opiniões si outros motivos não existissem para regeital-as. Na verdade que deploravel futuro se descortina no horisonte da medicina contemporanea, quando se pensa que cada um de nossos descendentes deverá vaccinar-se contra o numero cada vez maior das molestias microbianas?!...

O que vale é que o bom senso popular repelle essas aberrações que só conseguem dominar sustentadas pelo prestigio material dos governos que desconhecem por completo o dogma republicano da separação entre a força temporal e o poder espiritual.

Não é procurando extinguir animaes infinitamente pequenos, muitos dos quaes escapam á apreciação do mais poderoso microscopio, e agindo quasi exclusivamente sobre os agentes cosmicos, que o homem conseguirá libertar-se da molestia. Esta, como mostrámos, tendo, como a saúde, sua origem no apparelho cerebral, não póde ser extincta sem que o cerebro se modifique; é preciso, pois, modificar mais o homem do que actuar sobre o meio physico que o rodeia.

Desde que restabeleçamos a unidade religiosa, cada individuo será um baluarte poderoso contra os ataques do meio, resistindo com vantagem a todas as fatalidades cosmicas que contra elle reajam.

Então a molestia terá desapparecido, embora os microbios continuem a existir, bem como todas as outras influencias physicas, apenas modificadas pelos meios diversos que a sabedoria da Humanidade tem instituido.

A Religião e a Medicina estão assim em plena harmonia e juntas caminham trabalhando pela regeneração humana.

Tal é a concepção original e profunda de Augusto Comte, cuja morte prematura não permittiu que em seu *Tratado de Moral* fundisse inteira e systematicamente a Medicina na Religião, reduzindo a funcção medica á funcção sacerdotal. Entretanto, no que deixou escripto encontram-se os necessarios elementos para acceitar, cheio de convicção e firmeza, as novas e admiraveis doutrinas.

Os leitores interessados nestes assumptos devem ler e meditar, sem prevenções estultas, as grandes concepções do incomparavel philosopho, a quem, como dissemos alhures, mais do que a Aristoteles cabe o verso de Dante sobre o pensador de Stagyra: *il maestro di color che sanno*, o mestre daquelles que sabem.

REIS CARVALHO.
(Oscar d'Alva)

MAIS UM AQUARELLISTA

QUANDO, ha um anno, o aquarellista Arthur Ferreira, sahindo do exclusivismo em que se refugiára, fazia primeira prova publica de seus trabalhos ao fechar das portas d'*Associação dos Aquarellistas*, houve em torno d'elle uma celeuma provocada por incondicionalismo de acclamação e violencias de ataque, como si se tratasse de aguatintas de Forain ou de Nittis, d'uma refulgente revolta d'arte ou d'alguma revelação genial arrancada á obscuridade dos desprotegidos.

Este anno, porem, a sua exposição, que é superior á primeira, não escandeceu enthusiastas nem excitou contrarios. Ali esteve socegada na pequenina galeria da casa Rembrandt, visitada por curiosos, entre os quaes senhoras que assestavam aos quadros, num arrebicado gesto de elegancia nobre, as lentes de suas *marquises* de tartaruga, como a procurar applicações ao setim de suas almofadas solemnes, e alguns atarefados rotundos que iam notar as molduras preconisadas pelo interesse commercial dos noticiarios desastrados.

Fomos até lá tambem, por nossa vez, levados pelo dever, pela doudice do amor á arte e por convite: tres condições serias, como se comprehende. Das tres, no emtanto, ha duas que são graves, porque dão este resultado que o leitor tem deante dos olhos, sem duvida menos perigoso do que se tivesse a mécha inflammada de uma machina infernal.

Ora, pelo dever e pelo convite, presume-se bem claramente que é para dizermos o que pensamos d'esses quadros; mas não sabemos em que possa aproveitar ao operoso aquarellista a nossa humilde opinião, quando, para demonstrar o seu merito, fazemos reproduzir nesta revista duas das muitas paizagens expostas. Acreditamos, pois, que melhor será dizer de vez a impressão que tivemos da totalidade da sua obra, desde que isso aproveita ao conhecimento da maneira que o julgam, embora não se possa aferir da opinião competente pelo modo de pensar de um só e máo escriptor.

Neste caso, sentimos que o seu trabalho se apresenta sob dous aspectos geraes — a ausencia da *mancha* e um acabamento paciente do conjuncto.

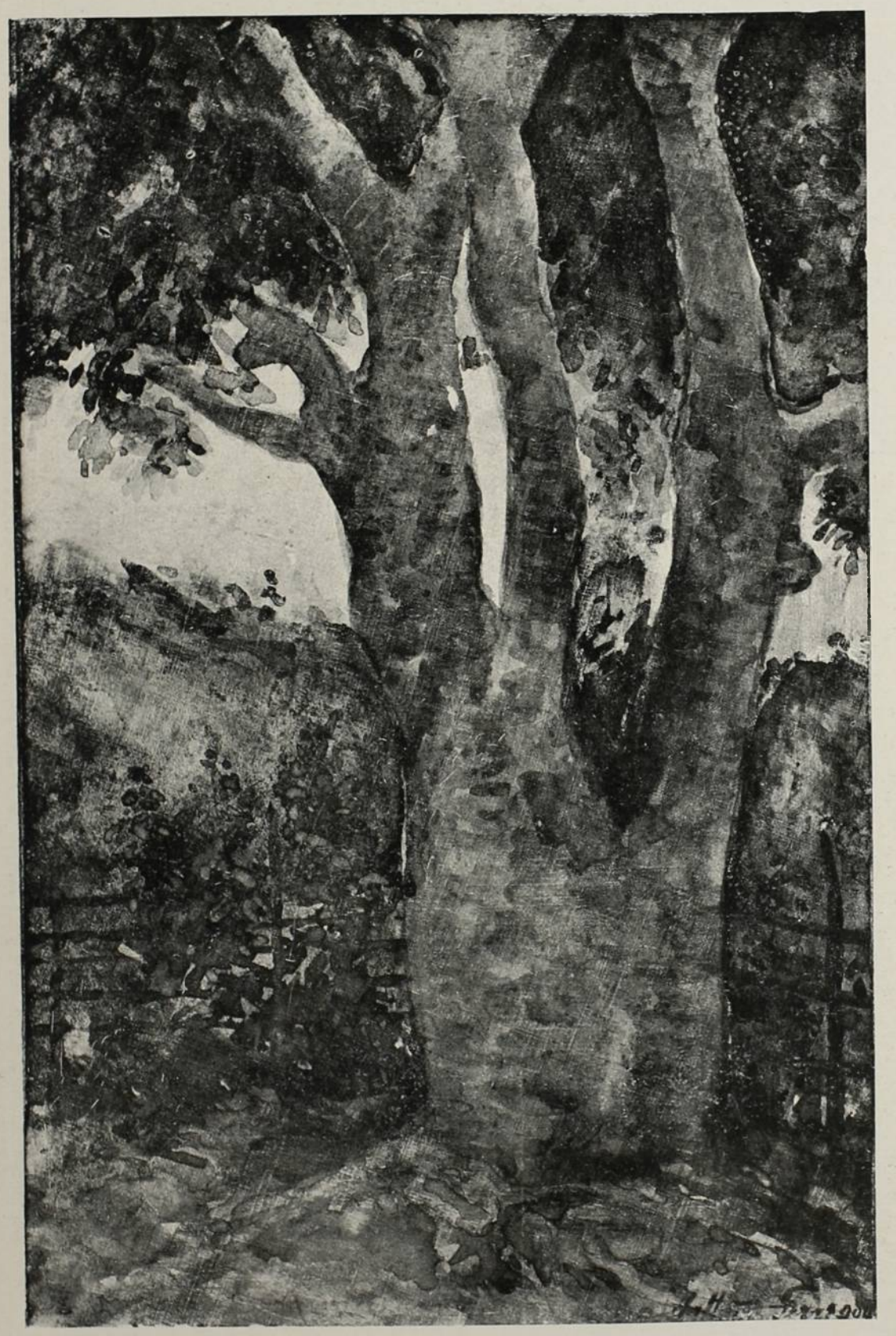
Da ausencia da *mancha*, que contraria o processo classico d'aquarella, resulta uma falta de vigor



d'*entrain* como dizem os francezes e que é aqui de grande precisão, nas massas coloridas e por este motivo as suas paizagens, principalmente, têm uma certa feminilidade, um quê, um *modo macio*, que prejudica a densidade dos volumes.

Contrapõe-se, porem, a essa fálha, o paciente acabamento do conjuncto que lhe dá grandes vantagens no processo, notavelmente nos estudos de flores.

D'essa opposição temos prova melhor numa cabeça de rapariga, coifada por uma mantilha azul celeste. A falta de vigor da *mancha* não dá, ao primeiro golpe de observação, o modelado do rosto; têm-se a impressão de uma coisa fôfa, sem consistencia, em que a mantilha se confunde com o volume dos cabellos e estes com a densidade da carne. E' como o reflexo de



um ente, não é precisamente o rosto d'alguem. Uma vez, porem, attendida essa cabeça, a epiderme do rosto realça-se num frescor de mocidade e o modelado se revela suavemente, num avultamento vagaroso e exacto; ha leveza nos cabellos, um quer que seja de abandono na reproducção accidental do detalhe da mantilha, alguma cousa de mulheril, de graça ingenua, em toda a composição. E', portanto, pelo trabalho de *acabamento*, pelo toque e retoque pacientes, sem prejudicar o tom, sem confundir as aguadas, que o effeito apparece. E nesse modo de fazer, nesse processo de *acabar*, a mão do artista tem a segurança da pratica e a delicadeza d'uma habilidade.

Na paizagem esse processo accentua-se mais visivelmente, não do modo assignalado na cabeça a que nos referimos, mas como particular caracteristico da sua arte, da feição do seu trabalhar.

Não se infira do annotado que a obra de Arthur Ferreira se torne apoucada de qualidades artisticas; é um processo e, como dissemos, elle o executa em consciencia e saber. Basta attender-se á reproducção das paizagens que acompanham estas linhas, e lembrarmo-nos d'aquelle pequenino, minusculo estudo de mangueira frondosa que figurou na exposição, para nos convencer de que, por essa maneira, a interpretação da natureza e a transmissão dos assumptos não soffrem na sua expressão.

Já uma vez dissemos, ao tratar d'*Associação dos Aquarellistas*, que a pintura a agua foi modificada nos seus processos primitivos.

A interpretação pela aquarella está de accordo com o temperamento e a esthesia de cada artista, como está outro qualquer genero de pintura, e só perde a sua importancia especial quando collaborada por materiaes differentes aos da sua propria composição chimica.

Aliás os processos mixtos, de que abusou Rafaelli nos ultimos tempos da imposição do impressionismo, são hoje aceitos por grande numero de artistas, os quaes procuram exprimir com mais originalidade e mais empolgantemente suas impressões.

Comprehende-se que seus processos resvalam, algumas vezes, da probidade para o *puff*, da seriedade para o carnavalismo e, commumente, não passam de um recurso d'escandalo para destaque dos desequilibrados ambiciosos de nomeada a todo o preço.

Mas, si assim é, porque assim estamos informados todos os dias, devemos admittir a possibilidade de uma verdadeira e forte manifestação de arte dentro d'essa arlequinada pinturesca, como é de admittir-se que, de uma sarabanda de clowns, saia

um raro acrobata symbolico ou um extraordinario comico, e da borrasca feiral de cabotinos irrompa um actor da estatatura intellectual dos mais celebres. E, não ha muitos annos, assistimos um acontecimento analogo, a industria corriqueira do annuncio tornar-se em fulgorosa obra d'arte pelo genio creador de Cheret, que arrebatou para sua fileira de desenhadores de cartazes os mais notaveis artistas das terras da civilisação occidental!

Portanto, condemnar a um artista por se afastar dos meios classicos da sua arte, é um caturrismo que quasi sempre attinge ao absurdo. A propria pintura a oleo está incalculavelmente distanciada dos recursos da Renascença e até do Romantismo, que eram excellentes e, materialmente, têm resistido mais ao tempo que todas as complicadas combinações chimicas da nossa época.

Volvamos, porem, e com opportunidade, ao nosso assumpto.

Abstrahindo-se d'essa particularidade téchnica, que, restricta a cada artista, constitue o seu *estylo*, a obra de arte de A. Ferreira, considerada no circulo da sua especialidade e de sua origem, inculca-se por sincera. Ella não se abalança á realisação excedente ás suas forças, parece mesmo não forçar os cabedaes de que resulta. E d'isso resalta uma concordancia manifesta entre o que é e o seu auctor, cuja indole tende para os aspectos melancolicos e solitarios da paizagem, as manhãs brumosas nas marinhas, os recantos ramalhudos dos valles, de suave sombra virgiliana e discretos como uma camara de amor, os trechos serenos dos caminhos, os panoramas desertos d'onde não se evola a baforada negra das fabricas, nem se accusam os muros dos arsenaes, os tectos acaçapados dos estaleiros, a bruta existencia da humanidade.

A sua natureza é serena, toda clara; devia ter vindo á luz sob a influencia planetaria de Venus; tem o louro cabello dos nascidos sob esse astro e d'elles a epiderme macia e rosea, a predilecção pelas joias... Ama, assim acreditamos, o ar quieto d' um bosque onde cantem passaros como se fossem as frondes que cantassem, e se abram as flores como se fossem beijos dispersos pelos prados... Por isso, a sua arte é esta que ali está—orchideas que se encurvam voluptuosas, quentes de desejos sem gritos; rosas e margaridas, dhalias e papoulas em profusão; pôres-de-sol que derramam adeuses, escondidas casinhas na ramaria das cercas, onde se escondem noivos... todo esse sensualismo, todo esse perfume e, sobre tanto goso, ainda o goso do mysterio sob a gaze rosea da felicidade!...

Agosto de 1904.

GONZAGA DUQUE.





TYP. J. SCHMIDT.

A MULHER OU O VASO?

COMMENTARIOS

Immunisações e immunidades

NÃO serei eu quem negue a louvavel actividade que tem desenvolvido o nosso estimavel governo, mau grado os augurios que muita gente fazia, levada por boatos e lendas de modorras tradicionaes; a minha bocca, nem a minha penna, nunca fugiram da verdade, seja dito em fé do Senhor. E a verdade é que o governo, contrariando as linguas maldizentes, trabalha quanto póde e, ás vezes, mais do que deve. Neste ponto, faz como as donas de casa excessivamente diligentes—quando não tem o que fazer, inventa.

Parece-me que o caso da vaccina obrigatoria, que tanto tem esbofado e agitado as gentes d'esta terra, filia-se a este desejo de inventar trabalho, quando elle não apparece; este e o caso das universidades. E' preciso lembrar, entretanto, que nas casas de familia dá-se innumeras vezes o facto de se inventar o que fazer, não porque não haja serviço necessario, mas porque a governante não atina com elle: d'ahi vem que a dona da casa desarruma e arruma as quinquilharias da sala de visitas, vira de alto a baixo as estantes e os papeis do marido, azocrina a cozinheira por via de uns textos de panella que não servem mais e deixa que no proprio quarto, por baixo da cama, se junte mais pó do que nas ruas cortadas pelas demolições da avenida e no tecto da despensa as teias de aranha tomem expontaneamente o logar que cabe por lei aos mosquiteiros do Sr. Dr. Oswaldo Cruz. Pelas regiões governamentaes tambem se dá d'isto, de longe em longe...

Entre as *menagères*, é preciso não esquecer, este prurido accentua--se quando entre as relações do casal ha algumas pessoas que passam por ter a casa bem cuidada: não ha senhora que soffra o se dizer bem do zelo intelligente de outra.

Ora, o governo tem trabalhado, tanto quanto se lhe offerece a occasião e a necessidade. O Sr. Rio Branco faz tratados e desfaz litigios; o Sr. Noronha cuida de reorganisar a armada; o Sr. Argollo mobilisa forças; o Sr. Müller rasga avenidas, constróe portos e estuda jazidas de hulha, juntando no mesmo ensejo a propaganda das bellezas da Tijuca e adjacencias por sabios americanos a tres contos de réis por mez e pico; o Sr. Passos remodela a cidade e os costumes cariocas. Só o Sr. Bulhões parece não ter feito nada, mas é engano: S. Ex. tem feito no governo o trabalho espirituosamente symbolisado, ha annos, por um senador do imperio, da junta do couce, honrando ao mesmo tempo a industria caracteristica do seu estado e a prudencia sertaneja, que manda ter tento nas ladeiras cuja descida, symbolica ou de verdade, tanto tem de facil quanto de perigosa.

Está claro que o Sr. Seabra precisava fazer tambem alguma cousa. Não que o illustre secretario do interior tenha sido um inactivo; ao contrario. Mas é que, em serviços de ministros, mórmente aquelles de que as folhas fallam, é mister que succeda o mesmo que aos doces que se dá ás crianças: que o pedaço de um não dure mais que o do outro.

Ora, a manutenção dos frades, a guarda civil, a reforma da hygiene, a mobilisação das *sotnias* de desinfectadores, já tinham sido feitas, passaram, o doce acabou; emquanto que o Perú, o projecto Pitta, as obras do porto, a avenida e o Sr. White continuam...

Era preciso uma outra cousa. E vae dahi o Sr. Seabra inventa a universidade, que—na phrase imaginosa de conspicuo deputado bahiano—é uma avenida intellectual, e inventa a vaccina obrigatoria que, si não é uma avenida prophylatica, aberta na população para dar desaguadouro á sciencia official do Sr. Cruz, póde-se dizer, como *simile*, que pertence ao genero das desapropriações compulsorias, em que o nosso corpo é desapropriado do seu dono para utilisação dos vaccinistas de lanceta facil e clinica difficil.

Neste ponto, deve-se dizer que os Srs. Passos e Lauro Müller têm andado mais correctamente: as desapropriações, principalmente na Avenida Central, têm sido sempre feitas de accordo com os proprietarios. E deve-se confessar que ha um fóco de infecção muito mais latente em um predio velho e arruinado do que em um corpo novo e sadio.

O povo a modo que comprehendeu bem essas cousas e vem d'ahi que se não mostra disposto a acceitar de bom animo essa prophylaxia de infallibilidade contestada e contestavel, cuja suprema virtude está, parece, nos processos com que a propagam, um tanto similhantes ao «crê ou morre» dos propagandistas primitivos do Khoran. Os protestos apparecem e, ao que se afigura, a infallibilidade da lei na execução será igual á da vaccina na efficacia.

Por minha parte, não combato a vaccina, como não combato o quinino, o tartaro emetico, o chloroformio; tenho applicado uma e outros e entre a gente que se me confia, na clinica do villarejo, para a cura e para o conselho; não raro emprego e recommendo a vaccina, quando condições especiaes do individuo não a contraindicam, como recommendo e emprego, nos casos precisos, os saes de quinino, o tartaro e o chloroformio, desde que, por causas particulares, elles não venham a produzir effeito ao avesso d'aquelle que eu, ou qualquer medico, desejaria.

D'ahi á obrigatoriedade a distancia é enorme; e isto pela razão simples de que não ha, em boa-fé, quem possa decretar uma acção medica automaticamente uniforme quando os casos não são biologicamente semelhantes.

E' assim para a vaccina, como para tudo mais. Toda gente sabe que o quinino é preconisado universalmente para as pyrexias e o vomitivo, por sua vez, é remedio quasi caseiro para determinados embaraços internos; e, no emtanto, casos ha em que o medico abre mão do quinino, sob pena de mais graves accidentes, pela intolerancia organica do doente, como não serei eu que receite uma dada porção de tartaro a um individuo tarado por uma lesão arterial. Na questão da vaccina os accidentes não serão tão immediatos nem tão precisos, mas não deixam de ser por isso menos reaes.

Organismos ha sabidamente intolerantes para a vaccina, como organismos ha perfeitamente immunes para a variola, em condições admiraveis de equilibrio, que a vaccinação não fará, em verdade, senão destruir. Esses fornecem os exemplos dos vaccinados em que a vaccina, repetidamente feita, não «pega» nunca, como diz o povo; dos vaccinados que, apezar de o serem, contrahem a variola; de outros que a contrahem justamente por isso; e, finalmente, dos vaccinados, por felicidade raros, que, por incidencia de uma vaccinação descuidada em um organismo especialmente indisposto, dão ao commentario publico e ás retaliações profissionaes casos como o da pobre Leocadia, sepultados em boa hora com um pedido de exhumação que ficou em vontade e uma ameaça de demissão que não sahiu da gaveta. Neste assumpto, o meu illustre mestre senador Barata Ribeiro poz precisa e irrespondivelmente os pontos nos ii.

E' isto um ataque á vaccina em si? Não. E' apenas uma resistencia á obrigatoriedade. No dia em que a sciencia impuzer á biologia casos uniformes póde decretar ao povo leis automaticas; antes d'isso não póde, do mesmo modo que não decreta o emprego compulsorio do vomitivo e do chloroformio, matando com o primeiro o portador de aneurisma a quem fosse curar de uma perturbação gastrica, asphyxiando com o segundo o cardiaco, por poupal-o á dor de uma dilatação de abcesso.

Está visto o perigo de se fazer sciencia por decreto.

Principio controverso, effeito variavel, não é sciencia, é duvida, e impol-os não é lei, é violencia; violencia tanto maior quanto decreta uma sciencia do estado sobreposta a outras que tem convicções e responsabilidades incontrastaveis e que protestam, pela palavra de medicos como Barata Ribeiro e J. Murtinho, contra a infallibilidade do principio, applicado violentamente em nome da salvação collectiva.

Ha nisto, parece-me, lamentavel confusão da sciencia official, já o notou o meu illustre confrade Nuno de Andrade, sobre prophylaxia publica e prophylaxia particular, entregando á intervenção d'aquella o que pertence privativamente a esta.

«Ninguem sustentará (escrevia ainda ha pouco o eminente professor) que um homem são, pela circumstancia de não ser vaccinado, constitúa *um perigo para a incolumidade alheia*, que d'elle precise defender-se; e si a prophylaxia publica, no exercicio da sua funcção social, póde e deve *isolar o varioloso* para que não contamine os sãos, não póde *obrigar* o são a vaccinar-se para que não adoeça».

E livre-nos Deus que assim fosse, porque, do geito que vão as leis e os serums, estariamos todos transformados em breve obrigatoriamente em succursaes ambulantes do laboratorio de Manguinhos!

Felizmente, isto não é lei infallivel. Lei infallivel, por exemplo, é a da gravitação: todo corpo a que faltam certas condições de equilibrio cahe—e para baixo. E' isto que parecem ignorar o illustre Sr. Dr. Seabra e o não menos illustre Sr. Dr. Oswaldo Cruz.

Não vejo razão, entretanto, para que o povo se exaspere nem se subleve. Si, apezar dos protestos e representações, passar a lei na camara, ha um recurso supremo: façam-se todos frades e padres—regulares, congreganistas, seculares, mendicantes, não importa—não faltarão seminarios e mosteiros para recebel-os.

Os padres serão forçosamente isentos da vaccinação obrigatoria. O caminho está feito para isso. Fez-se o serviço obrigatorio militar e isentou-se o padre; o Sr. Eloy Chaves inventou um imposto de capitação, mas isentou o padre: é natural que o isentem da immunisação vaccinica... Elles já são immunes, por immunidades privativas. Façam-se, pois, clerigos todos os cidadãos tementes á vaccina. E', no fundo uma applicação do principio hannemanniano: oppor um signo ao seu homonymo, e escapar, graças aos braços da cruz, das mãos do outro...

Itaipú, Agosto 1904.

SANCHO ALVES.

O ALEIJADINHO

Si neste paiz, donde o patriotismo parece desertar, se erguesse um dia o panthéon, destinado a glorificar na morte aquelles que em vida enobreceram a nossa terra, o cenotaphio de Antonio Francisco Lisboa, o *Aleijadinho*, iria occupar nesse templo augusto um lugar de honra, igual ao de Miguel Angelo no Panthéon de Italia, em Florença.

O esculptor mineiro, morto ha 90 annos, tinha a misanthropia rispida de Beethoven, o temperamento assomado de Leonardo da Vinci. Poderia dizer-se que aquellas mãos deformadas e engrunhidas pela doença, tendo alguns dedos cortados a golpes de formão em momento de desespero indomito, de dores crudelissimas, haviam tomado aos poucos a fórma aggressiva da garra do leão.

«Era pardo escuro, relata Rodrigo Bretas no *Correio Official de Minas*, em 1858. Tinha a voz forte, a falla arrebatada, o genio agastado; a estatura era baixa, o corpo cheio e mal configurado, o rosto e a cabeça redondos, e esta volumosa, o cabello preto e annelado, o da barba cerrado e basto, a testa larga, o nariz regular, beiços grossos, orelhas grandes, o pescoço curto.

«Sabia ler e escrever e não consta que houvesse frequentado alguma outra aula alem da de primeiras letras, embora alguem julgue provavel que tenha frequentado a de latim.

«De 1777 começaram as molestias a atacal-o fortemente. Pretendem uns que elle soffrera o mal epidemico que, sob o nome de *Zamparina*, pouco antes havia grassado nesta provincia, e cujos residuos, quando o doente não succumbia, eram quasi infalliveis deformidades e paralysias, e outros que nelle se havia complicado o humor gallico com o escorbutico.

«O certo é que Antonio Francisco perdeu todos os dedos dos pés, do que resultou não poder andar senão de joelhos; os das mãos atrophiaram-se e curvaram, e mesmo chegaram a cahir, restando-lhe sómente, e ainda quasi sem movimento, os polegares e os indices.

«As fortissimas dores que de continuo soffria nos dedos e a acrimonia do seu humor colerico o levaram por vezes ao excesso de cortal-os elle proprio, servindo-se do formão com que trabalhava!

«As palpebras inflammaram-se e permanecendo neste estado, offereciam á vista sua parte interior, perdeu quasi todos os dentes, a bocca entortou-se, como succede frequentemente ao estuporado, o queixo e o labio inferior abateram-se um pouco; assim o olhar do infeliz adquiriu certa expressão sinistra e de ferocidade, que chegava mesmo a assustar a quem quer que o encarasse inopinadamente.

«Esta circumstancia e a tortura da bocca o tornavam de um aspecto asqueroso e medonho.»

Para o *Aleijadinho*, o louvor era tomado como ironia e escarneo. A fito de esquivar-se á vista de todos, ia de madrugada para o serviço, a cavallo, trajando um amplo capote com que occultava o semblante, e sómente regressava á casa depois da noite fechada.

Ainda mesmo quando trabalhava no interior das igrejas, costumava occultar-se dentro de um toldo. Si algum curioso,—fosse obscuro popular, ou um general como D. Bernardo de Lorena, muito alto e poderoso governador,—ia vel-o trabalhar, acompanhando por alguns instantes o esculpir da estatua, que emergia lentamente do bloco de pedra, o escopro do *Aleijadinho* fazia esfarinhar violentamente tamanha chuva de lascas, que o importuno não se demorava, saraivado por aquella chuva de pedriscos e de pó.

E foi na solidão e no mésto silencio das sachristias desses nossos templos, profusamente recamados de oiro como as igrejas do oriente, naquella atmosphera impregnada de mysticismo, que o esculptor mineiro fazia surgirem da pedra bruta as notaveis concepções do seu genio, ora a estatua, que seria de outro merito si fosse talhada no marmore de Carrara, ora esses lavores finos, as folhagens, os rendilhados e as laçarias que se pódem chamar a ourivesaria de granito.

O *Aleijadinho* viveu numa época e num meio inteiramente hostil á arte, quando o governo portuguez havia prohibido o uso do cinzel, «para se não delapidarem os quintos de Sua Magestade». Nenhum dos elementos de educação artistica, de desenvolvimento do gosto, de illustração, vulgarisados depois pela imprensa, pela photographia, pela gravura e pela modelagem existia. Apenas algumas estampas de detestavel impressão e de risivel ingenuidade, intercaladas nos alfarrabios contando a vida e os milagres do santo.

Imagine-se o que nos poderia legar o artista mineiro si vivesse em nossos tempos, e lhe fosse dado contemplar o mosteiro dos Jeronymos, enorme flor de pedra, a cathedral de S. Marcos em Veneza, o *duomo* de Milão, as maravilhas de Roma, as sumptuosidades do Louvre!

Poucos trabalhos tenho visto do *Aleijadinho*, dos que opulentam muitos templos da parte mais antiga de Minas.

Cobertos já da patina formada pelo tempo, naquelle ambiente de vetustez e de melancolico abandono que têm as nossas velhas igrejas quasi todas, esses trabalhos apresentam nas linhas geraes a magestade harmonica que é a mais nobre qualidade da esculptura.

Não têm, é inquestionavel, a graça feminil e a eloquencia das estatuas do Canóva, que se poderia denominar o Lamartine do marmore. Não são creações perfeitas e que, como o *Moysés* e o grupo da *Pietá*, de Miguel Angelo, se possam considerar obras primas de cinzel. Mas, innegavelmente, denotam a inspiração de um artista genial esses variados trabalhos de esculptura, cavados no granito bruto por mãos de um aleijado, sem nenhuma educação artistica, mal pago, e que viveu num periodo tão ingrato para a arte.

O *Aleijadinho* foi tambem architecto e ainda nesse ponto encontro-lhe alguns traços de semelhança com o arrojado creador do zimborio da basilica de S. Pedro e da galeria *Dei Lanzi*, de Florença. Dizer que um homem semelha a outro é coisa muito diversa do que consideral-o igual,—seja dito a puridade—.

Em meio do estylo severo e pesado das construcções religiosas no seculo ultimo passado, nota-se nas que foram delineadas por elle uma tendencia para audaciosas innovações, imprimindo-lhes mais elegancia no traço e mais harmonia no conjuncto.

Em torno do sombrio burilador da pedra a fama cresceu com a lenda.

Ainda hoje ha quem o supponha um ente mysterioso, que encerrava-se, invisivel durante mezes, entregue dia e noite ao trabalho, sem um ruido de martello, até que a muda officina, aberta um dia, mostrava a obra acabada. O esculptor desapparecera mysteriosamente, sem receber sequer o preço do seu trabalho.

Antonio Lisboa, o *Aleijadinho*, hade permanecer na historia de Minas emquanto houver uma pedra em que elle esculpio um trabalho de genio com as suas mãos de martyr.

A pagina desta brilhante revista em que Arthur Azevedo tratou desse esculptor animou-me a trazer tambem para aqui este rapido estudo, feito ha tempos num jornal provinciano.

Sei que brevemente será erguida aqui na magnifica praça da Liberdade a herma de Bernardo Guimarães, e tenho motivos para crer que nessa *Puerta del Sol* da futura Madrid brasileira outros monumentos hão de rememorar os grandes mineiros do seculo XIX.

Não seria então motivo de reparo si ao lado de Theophilo Ottoni, com o perfil inspirado e energico de Gambetta, de Andrade Neves, o Murat brasileiro, de Aureliano Lessa, o nosso A. de Musset, de Bernardo de Vasconcellos, de Paraná, com o seu largo semblante austero, de Bernardo Mascarenhas, o creador da industria textil em Minas, do general Carneiro, de Christiano e outros, fosse levantado um dia tambem o busto do sombrio artista, atormentado genio, impetuoso com os grandes e que procurava esquecer os supplicios do espirito e os tormentos do corpo no trabalho torturado de arrancar ao bloco de cantaria as admiraveis creações de sua inspiração.

Emergindo da avelludada relva a columna branca, encimada pelo busto do artista, na paz e no aconchego das arvores amigas, aquelle singelo monumento seria o mais nobre tributo de piedade ao martyr e de admiração ao genio.

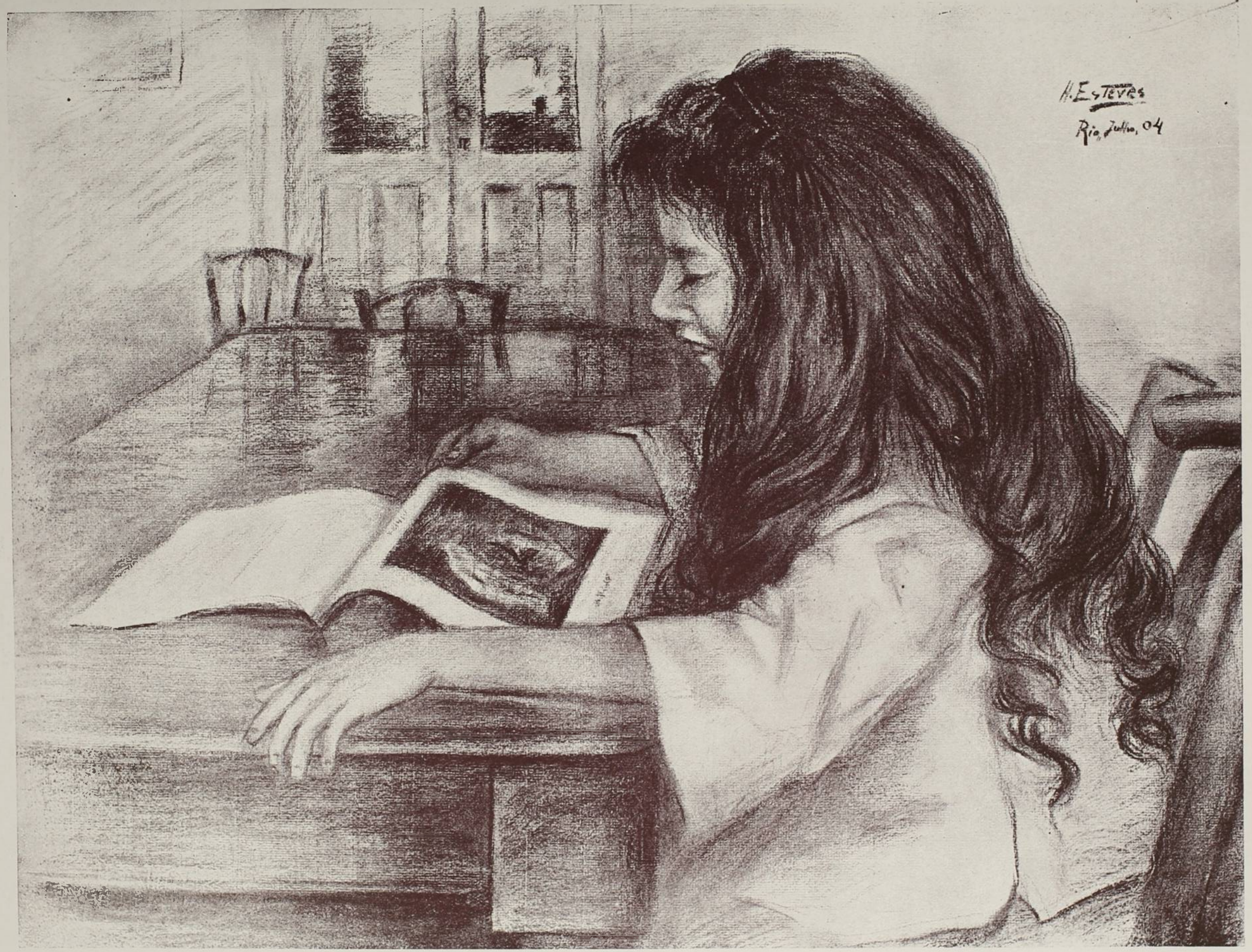
GUSTAVO PENNA.

Bello Horizonte, Junho, 1904.



PHOT. DO MAJOR VILLEROY

COMMISSÃO DE DEFEZA DE SANTOS—ESTRADA DO FÓRTE DE ITAIPÚ—MURO DE SUSTENTAÇÃO N. 4



UMA PAGINA INTERESSANTE

CAKE-WALK

O *cake-walk* é a caricatura movimentada da Dança, que um Gavarni, um Gill ou um Forain coreographico traçasse, a linhas vivas, mesclando québros mórbidos de *jongo* africano com sapateios céleres de *sólo* escossez, volteios voluptuosos de *jota* aragonêza e desarticulações de *can-can*.

O *cake-walk* é a siranda negra da Luisiania, é a arlequinada ethiope de todo o sul do Paiz do Dollar: do Alabama, da Georgia, da Carolina, do Arkansas.

Nasceu na vida torturada dos eitos, na vida taciturna das *senzallas*—esses monasterios da escravidão... Era, a principio, o *sabbat* dos captivos, como um desabafo ao martyrio, como um esquecimento da dôr, boleado no terreiro quadrangular das *fazendas*, ao clarão vermelho das fogueiras, pelo frio e pelo negrôr das noites festivas, sob um céo tambem negro enxameado de estrellas.

Veio, porém, o branco cruzado e tomou-o ao mestiço; deu-lhe esthesia aos meneios, deu a graça bretã aos passos, cancanisou-lhe a musica, modernisou-lhe os movimentos, as *figuras*—e a marcha delirante começou: o *cake-walk* investiu dos eitos, fez o trajecto dos campos, causou o delirio das capitaes provincianas e das pequenas cidades; caminhou através o Far-West, vadeou os grandes rios centraes: o *Mississipi*, o *Ohio*, o *Mackensie*, o *Tennessee* e penetrou no norte; transpoz, a um lado, as Appalaches e assenhoreou-se de Washington, de Philadelphia, de New-York, de Bóston e, ao outro lado, galgou as Rochosas, desceu o *Oregon*, alcançou São Francisco e foi o encanto do cosmopolitismo de toda a California—e pelo Pacifico e pelo Atlantico, a bordo dos *steamers* e nos velleiros mercantes, fez a travessia das aguas altas, derramou-se no mundo, para o oriente, para o occidente, para o norte, para o sul, a insinuar-se na lascivia amarella, na sensualidade latina e na hypocrita luxuria germanica e scandinava. E é hoje o *cake-walk* triumphal que todos vemos, batido nos tablados estreitos dos cafés-concerto, deante platéas estrangeiras de sangue quente, pelas mulheres de clara pelle ingleza, de dentes certos e de olhos pardos que *Uncle Sum* exporta e que as capitaes acolhem.

Logo aos primeiros arrancos bruscos da orchestra, um calefrio forte e sambante de volupia, de sensação empolgante, perpassa pela medulla da platéa, acicata as vontades, esfusía nos sentidos e afandanga os desejos.

Espalha-se um murmurio de desordenação, vindo dos nervos despertados e trepidando a sala; os olhos accendem brilhos trefegos e seccos; permutam-se olhares de intelligencia e de accordo, rasgam-se meios risos cúpidos em todas as boccas e a nevrose torna-se a senhora absoluta de todo aquelle dominio, a soberana nymphomana de toda aquella gente... Os corpos mexem-se nos logares, como que dançam tambem; alguns assistentes batem nervosamente as bengalas e, por vezes, escapam-se gritos de espectadores esparsos, como guinchos simiescos de faúnos que tivessem invadido o recinto, a correrem, com as pisadas seccas dos seus cascos de bóde, sobre o marroquim vermelho das balaustradas e a cabriolarem oscillantes no ar, pendentes por um só braço dos arabescos metallicos das guarnições, a devassarem, de alto, como chimpanzés luxuriosos, os decótes triangulares das mulheres, a receberem nas narinas dilatadas o exhalo todo, aphrodisiaco e tépido, subido do estúo dos seios, evolado do oftêgo dos collos...

E o murmurio não céssa, o murmurio persiste, avoluma-se num crescendo de volupia, de delirio e de hysteria.

Ha pessôas de pé e ha mulheres, com olhares langues, olhando homens...

Os gritos repercutem; as ponteiras e os tacões rufam bulhentos o soálho.

Dir-se-ha que Terpsichore—ella mesmo—vai irromper no tablado, inteiramente núa, sambando pinchos de ventre e rebôlos de quadrís.

A orchestra bate, então, insistente, bate fórte o tan-tan africano, como atabaques de eito. O proprio instrumental tem tonalidades de um erotismo capro! E a sala toda é já um vozerio tremendo!...

E' o *cake-walk!* E' o *cake-walk!*...

A um dado momento os pares investem, surtem dos bastidores—da direita uns e, da esquerda, outros.

Entram em fila, figura após figura os sexos intercallados, as mãos dadas por sobre os hombros e, a cada passo de avanço, as cabeças se inclinam—do par á frente para sob a face do de trás—do par átrás para sobre a face do da frente—já á direita, sobre um hombro, sobre o outro e, a cada confronto rithmico dos rostos, os olhos, rapidos, se fitam, em *flirts* fugaces, com expressões momentaneas de convite, emquanto os labios sorriem.

A meio do palco os dois grupos se encontram, em turmas oppostas, voltam frente á platéa, estendem em linha, acenam ao ar flammulas coloridas em hastes delgadas e longas, de que logo se desembaraçam, a orchestra ataca, violenta, em carga brutal, a partitura ligeira e o *cake-walk* começa.

São diversas as partes coreographicas do bailado macábro: ora em impetos de avanço, a passos largos e altos, desde a paizagem scenographada no panno do fundo até as gambiarras da ribalta; ora em ponta-pés ao espaço e o tronco derreado atrás, em attitude de quéda—emquanto os braços, curvos e erguidos, agitam continuamente, ácima dos hombros, as mãos pendidas e molles, como o bater das grandes azas abertas de uma ave pernalta.

Em seguida, a quadrilha, em que os *en-avant* se fazem, em que os pares se cruzam, com os braços destendidos em recta, medindo, abertos, a extensão de uma braça e os corpos avançam em movimentos contrarios—já a frente para a *caixa*, já para a sala.

Vêm, depois, os sapateios, fórtes, rapidos, allucinados, batidos, em que as sólas palmilham continuas o taboado do palco, como os *canêllos* nos sambas e o *repicar* nos *batuques*, aos arranhos asperos dos *récos* e aos rufos dos *cuités*.

E, finalmente, as posições em desfilo, as atittudes acurvadas e em successão, em que verilhas e nadegas quasi se tocam, lembrando um passar de homens e mulheres da labuta, dobrados ao peso de fardos, numa reticencia de cordão de formigas, por um mesmo carreiro estreito de campo ou por uma ruella de cidade.

E ao som d'aquella musica, a um tempo selvagem e cancanista, em que passam, por vezes, sombras largas de terras d'Africa e, por vezes, scintilla a malicia lantejoulada e picante das cançonetas, a sala atrôa e applaude, delira e acclama, os pés batem, as boccas estrugem e os desejos se agitam!...

E' o *cake-walk*! E' o *cake-walk*!...

Salve! *Old Uncle Sam*—Senhor dos *trusts*, Pai dos syndicatos e Soberano do Dóllar!

Bum!

Julho—1904.

LIMA CAMPOS.

GHILDA

Episodio historico-dramatico da epocha do Renascimento
em 1 acto, em verso

A' inolvidavel memoria de MANOEL VICTORINO, em cujo artigo *Viver de flores*, publicado no *Correio da Manhã* de 24 de Novembro de 1901, foi o autor buscar asumpto d'este pequenino ensaio.

DRAMATIS PERSONÆ:

ANDRE' SCHIAVONE, pintor, 38 annos.
GHILDA, 28 annos.
MARTELLI, marceneiro, 48 annos.
RUZZANTE, mestre d'obras, 43 annos.
DEOLCO, ricaço libertino, 35 annos.
SILVIO, 8 annos.

ACÇÃO EM VENEZA EM 1560.

ACTO UNICO

Interior de um lar de pobre: terceiro andar.

No fundo, porta de entrada, com escada que se não vê, descendo para a esquerda. A' direita, porta para o interior: á esquerda, duas janellas para a rua.

No primeiro plano, um pouco á direita, um cavallete com a respectiva tela. Objectos de pintura.

A' esquerda, no fundo, entre a porta e o angulo, uma meza, com varios objectos adequados, tres cofres pintados, algumas estampas na parede, bem como tres telas, uma das quaes é o retrato de Silvio.

Uma meza grosseira ao centro, um pouco para a esquerda: dois bancos e uma cadeira. Um armario tosco e sem vidros entre a porta do fundo e o angulo direito.

Na parede da direita, como em um nicho, uma imagem esculpida da Virgem-Mãi.

SCENA PRIMEIRA

ANDRÉ SCHIAVONE e GHILDA

Aquelle sentado em um tamborete em frente á tela.

Quando começa a scena, Ghilda desce da janella do segundo plano, como quem continúa uma conversa.

GHILDA

E' preciso esperar, meu amigo...

ANDRE' virando-se para ella

Esperar?!
Mas si eu não posso mais!... Queres que ande a implorar
Que me comprem á força os trabalhos que faço?
Pois não vês que manejo o pincel sem cansaço
E que, entretanto, estais, tu e os filhinhos meus,
A soffrer!

GHILDA

Não, não soffro...

ANDRE'

Oh! Não digas, por Deus!
Bôa és de mais, ès quasi santa, és tudo quanto
Me consegue trazer á vida um doce encanto
Em meio da miseria!

Volta-se para a tela

GHILDA

Escuta, André. Deus vela
Sobre nós. E' preciso esperar... Essa tela,
Essa *Visitação* que pintaste...

ANDRE'

Acreditas
Que nos dê de comer?

GHILDA

Porque não? São bemdictas
Todas as obras sans, todas as obras puras.
Deus não pode negar ás suas creaturas
A esperança no bem. Não desanimes. Pensa
Na multidão que agora a nave augusta e immensa
Enche do templo. Escuta o repique dos sinos...
Porque estás a pintar, não vês os peregrinos,
A multidão que vai, fervorosa e contricta,
Contemplar o teu quadro, A multidão palpita
E, alegre, se comprime entre as portas do templo.
Bem sinto nisso tudo, André, um grande exemplo
Que te mostra o porvir... Teu futuro é glorioso!

ANDRE' desanimado

O futuro?...

GHILDA

O futuro. Então?

ANDRE'

Bem desditoso
Nos tem sido o presente. Emfim...

noutro tom

Mas quem te disse
Essas cousas?

GHILDA

Gherardo.

ANDRE'

Oh! Certo é creancice:
Um pequenote...

Vai se voltar á tela, mas pára, escutando-a

GHILDA

Eu sei; mas elle viu. Ha pouco
Chegou. Vinha a correr, já fatigado e rouco
De brincar, de gritar com os meninos... Contou-me
Que toda a gente louva e repete o teu nome
A' sahida do templo.

ANDRE' erguendo-se

E' verdade?

GHILDA

E' verdade!

ANDRE'

A justiça, afinal?! Será certo?

GHILDA

A bondade
De Deus...

Pára, senta se, afflicta, sem ar, abanando-se com a mão.

André! André!

ANDRE' num grande susto

Que é que tens?

corre para ella

GHILDA (voz fraca, suave, pausadamente)

Quasi nada...
Uma afflicção... Faltou-me o ar..

ANDRE' meigo, debruçando-se sobre ella.

Estás cansada
De falar, meu amor... Falaste tanto!.. E agora?
'Stás melhor?... Já passou?...

enternecido:

Minha Ghilda!

GHILDA

Demora
Junto a mim. Já passou... porém fica a meu lado...
Aqui... bem junto a mim...

Sentam-se no banco, junto á meza, encostados.

Amorosa:

Meu bom André!

ANDRE' á parte soffrendo.

Que fado!
Que tortura, meu Deus, que tortura! E hei de tel-a
Assim, nesta miseria! eu! que por merecel-a,
Por merecel-a mais, tanto me esfórço!?

GHILDA ardorosa e meiga.

Escuta
Tens agora a victoria após a insana lucta!
Ah! Vais ver, meu amor, quanta felicidade
Havemos de gosar! comprarás na cidade
Umas roupinhas... Quero ver os pequeninos
Vestidinhos de branco... Oh! Que bom!

Tangem os sinos. Interrompendo se e escutando

Ouve os sinos:
Já vai em meio a festa... (alacre)
E pensar que Veneza,
Desde a plebe da rua á mais alta nobreza,
Toda Veneza está repetindo o teu nome!

ANDRE' a parte, angustioso

Oh! meu Deus! E entretanto aqui todos têm fome!

GHILDA

Tu verás quanta cousa eu farei; como tudo
Ha de permanecer alegre aqui!...

ANDRE' meigo e triste

Comtudo,
Minha Ghilda, é melhor te calares... Repara
Que estiveste, ainda ha pouco, doente.

GHILDA em transporte

Oh! Tudo sára!
Todo o meu mal se esvai á luz da nova aurora!

ANDRE'

Mesmo assim, meu amor...

GHILDA resoluta

Já nada tenho.

ANDRE'

Embora...

GHILDA passando-lhe o braço ao pescoço.

Oh! não! meu filho, oh! não! Deixa que eu fale! Esqueces
Quantas vezes me prostro, em fervorosas preces,
Invocando a Madona? E quantas vezes tenho
Pedido em teu favor seu bemfazejo empenho?

Afastando o rosto, com as mãos nos hombros de André, sentados ambos

Deixa que eu fale, André!... Não prohibas!

ANDRE' dominado e animando-se

Pois fala,
Fala Ghilda! Eu te escuto. A tua voz eguala
As caricias do céu. Teu halito aviventa
Tantas recordações em minha alma sedenta!...

GHILDA meiga e feliz

Que é que te lembra? dize.

ANDRE'

O dia em que nos vimos,
A manhã de Dezembro em que, p'ra sempre, unimos
As almas, ao fulgor de um sentimento eterno.

GHILDA pensativa

Bem me lembro. Fazia um frio atróz....

ANDRE' animando-se mais

O inverno
Chegava. Eu ia só... (Tanta saudade n'alma!)
Ia só, a pensar em minha mãi, na calma
Do meu lar tão feliz, dos brinquedos de outr'ora...
Era quasi deserta a ponte áquella hora.
Sobre o canal tranquillo a neblina estendia
Um clarissimo véu. Foi então, quando eu ia
Descendo o Rialto, que te vi. Em torno a nós
Ninguem. Quiz te falar: temi faltasse a voz...
Puz meus olhos nos teus. Parei. Toda uma extranha
Força me fez parar... Que tristeza tamanha
Em teu rosto! Eu te olhei mais carinhosamente:
—«Que é que a senhora tem?»—(lembras?) timidamente
Indaguei. «Porque chora? Eis-me aqui. Si quizer
Meu auxilio... um auxilio de irmão... Pode crer
Que é sincero...»

GHILDA dulcissima

Isso mesmo! isso mesmo! E eu te disse?...

ANDRE' erguendo-se: junto della.

Tu ficastes a me olhar, como alguem que sentisse
Muita luz, ao sahir de um quarto escuro. Os olhos,
Onde eu via, extasiado, os limpidos refolhos
Do teu bom coração, as lagrimas banhavam.
Ergueste-los aos meus, que, mudos, contemplavam
Teu rosto. E me contaste então, como morrêra
Tua mãi, que era tudo o que tu tinhas; que era
Tua vida e teu bem: como teu pai fugira,
Esquecido de ti, numa náu que partira
P'ros combates do mar, soldado mercenario:
Como te achavas só, no mundo injusto e vário

enternecido

Só, sem ninguem por ti...

GHILDA commovida

Dize o resto

ANDRE'

Oh! martyrio
Do amor! Naquelle instante, Ghilda, o meu delirio,
Minha emoção e meus desejos me fizeram
Sonhar com a Gloria e vel-a perto. Pareceram
Tão faceis os lauréis e as riquezas no mundo!
Todo o meu grande amor, verdadeiro e profundo,
Seria teu, só teu que o merecias tanto!...

enthusiasmado

Que vida e que prazer, que delicia e que encanto
Dar-te tudo, feliz, dar-te a riqueza e o amor!

mais calmo, mais triste.

Foi então que te disse o constante labor
Dos meus dias de pobre: os cofres que pintava
Por misera quantia, as telas que aprontava
Para as vender depois, por um preço mesquinho.
Mas que esperava em mim: com cuidado e carinho

Venceria afinal. Os quadros, pouco a pouco,
Surgiriam. Talvez chegasse á gloria...»

(acerbo)

... o louco!

Sei é que, conversando, ambos nos entendemos.
Presos á mesma luz nos affectos supremos,
Aceitaste, a sorrir, meu offerecimento:
Nosso amor nos unia... E no mesmo momento,
Juntos, felizes, sós, penetrámos o lar,
Este mesmo... Este nosso...

com um suspiro.

onde chega a faltar

Tantas vezes o pão...

GHILDA confiante

Deus é grande!

noutro tom

E depois?

ANDRE'

Depois... (Pára subito)

Não! E' melhor calarmo-nos os dois!
Não convém recordar essas cousas agora...
Só se devem lembrar as privações de outr'ora
Quando o presente é bom. Ghilda, o presente é máu.

GHILDA simples

Máu, porque?

ANDRE' com espanto

Máu, porque!? Não vês que o ultimo gráu
Já attingimos os dois da miseria?... Não vês
Nossos filhos á mingua?!

GHILDA reprehensiva

E tu, André, não crês
Na Madona?

ANDRE'

A Madona?...

GHILDA temerosa

Esqueceste-la?

ANDRE'

Oh! não!
Continúo a exoral-a, embora o faça em vão:
Ella é que nos esquece...

GHILDA reprehendendo

André!

SCENA SEGUNDA

OS MESMOS E MARTELLI, entrando

MARTELLI (á porta)

Dão-me licença?
Posso entrar?

ANDRE' virando-se

E' Martelli. A casa é sua.

MARTELLI emquanto leva a um canto o chapeu e a bengala:

E' immensa
Esta escada, Schiavone! Até dá-me a fraqueza
Ao subil-a. Você deve estar, com certeza
Bem contente...?

ANDRE' simples

Porque?

MARTELLI a Ghilda

Como vai a senhora?
E os pequeninos? Bem?

a André, com exagerado espanto, apertando-lhe a mão

Porque?! Você ignora?!
Ghilda, escute! elle ignora! Então não sabem? Certo
Brincam ambos commigo... Ambos aqui tão perto
Dos festejos...

risonho

Então? Lembram-se agora?

ANDRE' comprehendendo

Eu sei,
Martelli.

MARTELLI joco-sério

Ah! Sabe?

ANDRE'

Sei.

GHILDA

Eu mesma lhe acabei
De dizer o que vai por ahi...

ANDRE' simples

Mas, apenas
Sei por alto.

MARTELLI

Ah! Pois bem; espie as ruas, plenas
De povo... Ali! Chegue á janella e diga após
Si conhece o motivo... Os dois aqui, tão sós,
Lembram — deixem dizer — toda uma velha historia
De avarentos... gosando o egoismo da victoria.

ANDRE' quasi indifferente

Que victoria?

MARTELLI sempre joco-sério

A! não sabe? ah! não sabe? Eu lh'a digo
E nada peço em paga ao meu dilecto amigo:
Os Senhores da Cruz...

ANDRE'

Os padres?

MARTELLI

Justamente.
... Expuzeram no templo, hoje, solennemente,
Uma tela...

ANDRE'

Já sei.

MARTELLI

Folgo muito! ...Uma tela
Que entre todas que ha lá, sem duvida, é a mais bella.

GHILDA animando André

«A mais bella», diz bem. Jamais hei de esquecer
O trabalho que deu. Só mesmo este prazer
De vel-a inaugurada agora entre festejos
Póde te compensar do esforço.

MARTELLI

Os meus desejos
Só querem que o pintor uma paga tivesse
Digna de um tal primor.

GHILDA

Elle bem que a merece.

MARTELLI já sério e amigo

Bem que a merece, sim.

a André.

Você não imagina
Toda a uncção, todo o amor que a multidão domina
Em frente áquelle quadro! A egreja está repleta!

Já terminou a missa e, emtanto, ardente e inquieta,
Toda gente quer ver, dulcissima e singela,
Junto a si, sob a luz que você pôz na tela,
A Madona immortal d'olhos bons e impollutos.
Veronéso ficou mais de vinte minutos
Contemplando-a.

GHILDA alacrissima

Meu Deus!

ANDRE' interessado

Veroneso?... E que disse?

MARTELLI sério sempre

Nada. Porém no olhar tinha tanta meiguice
Que mostrava a impressão pelos olhos. Parece...

GHILDA pondo as mãos

Louvado seja Deus!

MARTELLI

...Póde ser que eu tivesse
Ouvido mal... Julgo que ouvi dizer, porém,
Que o doge...

GHILDA com felicissimo espanto

O doge!!

ANDRE' á dominado

O doge?

MARTELLI

...em breve irá tambem
Ver na Egreja da Cruz o quadro da Madona.

a André

Então?

GHILDA

Que bom!

ANDRE' indeciso

Talvez...

MARTELLI rude, mas amigo

Que é que você tenciona
Fazer?

ANDRE'

Martelli, eu creio...

MARTELLI forte

Então? Que mais deseja?
Quer que o povo, afinal, abandonando a egreja,
Venha aqui procural-o? Schiavone, você
Lá devia se achar!

GHILDA

Por certo.

ANDRE' pleno desanimo

Para que?

MARTELLI

Inda o pergunta?

GHILDA

André...

ANDRE' amargo e com impeto

Minha Ghilda, Martelli,
Debalde a multidão, que o amor ao fausto impelle,
Me veria entre si. Toda a nobreza em vão
Ouviria dizer que essa *Visitação*
Foi pintada por mim:—«Não póde ser, por certo!
Esse pobre... esse humilde!...» Até talvez deserto
Ficasse o proprio templo! Até talvez mudasse
O parecer de toda aquella gente, em face
Do miserrimo auctor. Toda a fátua nobreza
Esqueceria logo a louvada belleza
Do quadro... Podem crer: o genio não se encobre
Sob o panno plebeu de uma blusa de pobre.

MARTELLI

Quero crer que você não tem razão.

ANDRE' animado

O genio
Requer para brilhar todo um claro proscenio
Onde o luxo, a riqueza, a ostentação e as galas
Possam se revelar; onde o rumor das falas
Seja abafado ao toque e á voz dos cytharedos;
Onde estoire a alegria e os lubricos folguedos
Imperem...

MARTELLI

Mas, escute!

ANDRE' exaltando-se

... onde o oiro e as obras d'arte
Se derramem por tudo e o fausto em toda parte
Affirme o alto poder do dinheiro. Martelli,
E' preciso provar que aos talentos excelle
A força da riqueza? E' preciso provar?

GHILDA

Mas, André...

ANDRE'

Oh! Por Deus! Não procures negar,
Minha filha, o que eu disse!

MARTELLI

Schiavone, mais calma!
E' preciso esquecer resentimentos d'alma
E ponderar que ao pobre algum dia a riqueza
Ha de vir, quando a gloria vier, perfeita e illêsa.
Você não vê Ticiano?

ANDRE' energico

E' diverso! Ticiano
Gosou da protecção de mais de um soberano:
Do Duque de Ferrara, Affonso, esse atrevido
Animador das Bellas Artes; protegido
De Carlos Quinto, o rei, seu amigo, encontrou
Largo campo á expansão do seu genio e firmou
Seu pedestal de gloria; após, Paulo Terceiro
Fel-o chegar a Roma e um logar sobranceiro
Conseguiu, afinal, entre os grandes pintores.
Que eu saiba, não soffreu privações, dissabores...
Mereceu todo o bem, alcançou toda a gloria;
Nada lhe foi hostil; de victoria em victoria,
Subiu, enriqueceu...

MARTELLI procurando contel-o

Bem sei; tudo isso é exacto.

ANDRE'

Gosou da admiração de Francisco Donato
E do Duque de Mantua. E emfim...

MARTELLI, jocoso

Porém Ticiano
Não se escondia em casa.

ANDRE'

...Emfim, qual soberano
Imperador, possúe um palacio, onde os reis
E os principes, de quando em quando, aos dois e aos tres,
Se apresentam!

GHILDA

Porém já tão velho...

ANDRE' com calor

Que importa?

A riqueza elle a fez desde moço! Bem morta
A mocidade está, mas o genio perdura,
Como vive um rosal sobre uma sepultura.
E que pompa o circumda! Os marmores branquejam
D'alto a baixo! E' um primor o palacio! Vicejam
Sobre os degráos da escada exoticos arbustos
E os largos capitéis, imponentes e augustos,
Affirmam para sempre as galas e a belleza
Da architectura. Emfim, toda a extrema grandeza
Ali mora: grandeza em que o oiro sobresai
Entre productos mil de Cypango e Cathay.

MARTELLI **persuasivo**

Mas emfim, meu amigo, é força confessar
Que é necessario agir. Não convém prolongar
Esta palestra. O tempo passa, as horas correm.
Você deve mostrar que as incertezas morrem
A' luz clara e nutriz da victoria alcançada.
E' o futuro que chega. Essa tela admirada
Ha de firmar seu nome. E agora é persistir,
E' trabalhar, que em breve a riqueza ha de vir
Confirmar a razão dessas cousas que digo.
Alem disso, o Ticiano é seu amigo.

ANDRE' **energico**

Amigo,
Não senhor! Não esqueço o que lhe devo, quando,
Entre artistas meu nome humillimo indicando,
Com franca sympathia e evidente insistencia,
Me deu ensejo de mostrar, em concorrencia
Com Salviati e Battista Franco e Le Fratina
E Paulo Veronéso e Zellotti, a divina
Força que me avigóra o pincel temerario.
Em São Marcos lá estão — no proprio sanctuario
Da Escola Veneziana! — os frescos que pintei.
Mas depois... nunca mais Ticiano procurei,
Pois teria de entrar de novo os penetraes
Do palacio... E esta véste é grosseira de mais
Para que não me humilhe...

MARTELLI **para reter-lhe a palavra**

O que é certo é que a gloria
E com ella a riqueza, após essa victoria,
Hão de vir procural-o, indubitavelmente.

GHILDA

Assim seja!

MARTELLI **respondendo-lhe**

Ha de sel-o: o voto é o mais ardente!
E para começar de novo a vida, basta
O valor d'esse quadro, onde a chamma alta e vasta
Da inspiração deixou tanta côr, tanta luz.
directamente
Qual o preço pedido á Irmandade da Cruz
Por você, meu amigo?

ANDRE' **já calmo**

Eu não fiz preço.

MARTELLI

Não?!

ANDRE'

Mais nobre pareceu deixal-o á discreção
Dos Padres.

MARTELLI **reprovando**

Máu!

ANDRE'

Porque?

GHILDA **temerosa**

Fez mal?

MARTELLI **com malicia**

Não digo tanto;
Mas seria melhor... — Nem causaria espanto —
Que houvesse um preço, emfim, combinado entre as partes

ANDRE' **procurando lhe o pensamento**

Mas você pensa então...?

MARTELLI **sentencioso**

Meu amigo, outras artes
Florescem neste mundo, além da verdadeira,
Cada qual mais experta e mais interesseira...

ANDRE'

Mas os Padres...

MARTELLI **ironico**

Eu sei: bonissimas pessoas!
Umas cousas, porém, que não são muito boas
Já me disseram delles...

ANDRE'

Sim?

MARTELLI **animando o**

Mas não lhe importe
Esse facto. E' preciso ir procural-os, forte
E firme, como quem sabe o valor que tem
Seu trabalho. E, afinal, julgo que pódem bem
Lhe entregar pela tela uns duzentos ducados.

GHILDA **com espanto alegre**

Duzentos?!

MARTELLI

E' pedir.

ANDRE' **calmo**

Não pedirei.

MARTELLI

Sagrados
Escrupulos d'artista! Elles hão de lh'os dar
Sem que você lh'os peça... Emfim...

GHILDA **interrompendo-o, rapida**

Oiço chorar.
Dão licença? E' meu Paulo que acordou.
Sae pela porta da direita

SCENA TERCEIRA

ANDRE' SCHIAVONE E MARTELLI

MARTELLI **depois de acompanhal a com o olhar, a André, sentado:**

Parece
Bem abatida. Acho-a tão pallida!... Padece
Ainda do mesmo mal? Não vai melhor agora?

ANDRE' **(chamado á sua angustia)**

Ai! de mim! meu amigo; a minima melhora
Não tem tido. E, por certo, o mal persiste, intenso,
Perseverante e atróz.
tristissimo
Ai! Muitas vezes penso
Num presagio sinistro e tetrico, que expande
Em mim toda uma dôr immensamente grande!...
(desanimado, com a voz alterada)
Ella vai mal, Martelli! Ella, que é o meu thesoiro!
Que com seu riso bom no proprio nascedoiro
As lagrimas me abafa! Ella, por quem a gloria
E os louros e o prazer da vida transitoria

Esqueço! Ella vai mal... Ha pouco, uma afflicção
Transmudou-lhe as feições. Forte palpitação
Lhe agitou bruscamente o corpo inteiro... Emtanto,
Felizmente passou... Foi rapido.

(noutra voz)

Tão santo
Seu coração, tão bom! Tanta virtude n'alma!
Não quizera p'ra mim de outra victoria a palma
Senão a que eu possúo em tel-a minha...

(em transporte)

Oh! Certo,
Deus é bom! Deus fará que esse mal encoberto
Desappareça em breve!

MARTELLI

E o medico que diz?

ANDRE' sem animo

Nada de positivo. A verdade não quiz,
Certo, explicar. Deixou, porém, recommendado
A ultima vez que a viu, que o maximo cuidado
Tivesse, e lhe evitasse emoções e temores...

mais triste e descrente

Cada vez que ella tem uma afflicção, as côres
Lhe fogem das feições. Ficam frias, tão frias
As mãos! Parecem gelo!... Ai! Vão passando os dias
E eu não sei que fazer! Coitadinha... E' uma falta
De ar constante, um soffrer que em terrores me assalta
O coração, cheio de lagrimas, que escondo.
Nos dias em que está melhorsinha, suppondo
Que nada lhe faz mal, fala e brinca e se anima
E enche a casa de riso...

Contricto, com lagrimas reprêzas

O' meu Deus! Lá de cima
Protege-a! Sê piedoso! Ella é tão bôa...

SCENA QUARTA

OS MESMOS E, POUCO DEPOIS, GHILDA

MARTELLI que ouviu os passos, avisando-o, rapido

Escute:
Eil-a que vem!

ANDRE' assustado

Teria ouvido?

MARTELLI disfarçando, num tom emphatico de quem continúa uma conversa

Embora eu lucte,
Hei de emfim conseguir o que quero.

Ghilda apparece á porta, com o filhinho ao collo.

Entretanto,
Appareça por lá. Não imagina quanto
Trabalho tenho agora...

GHILDA ao filhinho,

Amorsinho... amorsinho...

ANDRE' a Martelli

Meus parabens então.

GHILDA

Olha o papai, filhinho...

MARTELLI a André

Quatro cofres! Vá lá!... São todos seus... Si acaso
Você os quer pintar...

ANDRE'

Porque não?

MARTELLI

Dou-lhe o prazo
De oito dias.

Ghilda deixa a porta, caminhando para André, que até então fingiu, com Martelli, não tel-a visto.

ANDRE'

Pois sim.

GHILDA junto de André

Vá, meu filhinho: um beijo
No papai.

ANDRE' beijando-o, meigo,

Meu amor!

GHILDA ao filho, adoravel

Diga: Eu tambem desejo
Dar-te os meus parabens, meu paisinho...

ANDRE' ao filho

Obrigado.

abraçando-a

E a ti tambem, meu doce encanto, anjo adorado.

(beija-a)

GHILDA

Agora, meu Paulinho, outro beijo...

ANDRE'

Martelli,
Esse é seu.

MARTELLI risonho, caminhando para Ghilda

Vamos lá...

olhando a criança, gazalhada no collo materno. Ghilda, em pé, com uma dulcissima expressão na physionomia.

Que formoso! E que pelle
Tão rosada elle tem! (beija a criança)
Deus que o proteja!

noutra voz, forte e animador

Agora
E' tratar de ir falar aos padres, sem demora;
Receber o devido, o preço...

ANDRE' quasi alegre

Eu vou. (a Ghilda)
Depressa
Voltarei, meu amor... sim?

GHILDA feliz

Vai.

MARTELLI

Mas não se esqueça
De mostrar que você sabe da sensação
Que causou sobre o povo essa *Visitação*.
E que seja feliz, meu amigo.

GHILDA

O senhor
Não vai com elle?

MARTELLI franco

Não; porquanto, si lá fôr,
Elle tem a perder: os padres me detestam...
Iremos juntos só até o Rialto. Restam
Poucos passos além para chegar á igreja.

ANDRE' meigo e triste, a Ghilda

E ficas só...

GHILDA

Que tem?

ANDRE' indeciso

E' que talvez eu seja,
Sem querer, obrigado a demorar-me...

GHILDA escondendo o soffrimento

Embora...
Não faz mal. Eu te espero... e nada tenho... agora
Sinto-me até tão bem!...

ANDRE' insistente

Mas, si acaso tiveres
Qualquer mal, meu amor, chama Gherardo... Queres
Que avise Clara?

GHILDA

Não.

ANDRE'

Sempre é bom.

GHILDA

Mas si eu digo
Que nada tenho, André... Vai com Deus.

MARTELLI que esteve a ver os cofres e estampas emquanto esperava.

Meu amigo,
Você está retardando a partida.

(a Ghilda, despedindo-se)

Apresento
Meus cumprimentos.

(a André)

Bom! Vamos ou não? Tão lento,
Tão vagaroso, quando a paga util e justa
Os padres têm em mão para lh'a darem!... Custa
Menos o merecel-a, André, do que buscal-a?

ANDRE' disfarçando a magua

Prompto, amigo.

MARTELLI

Ora, emfim!... Vamos ter grande gala!

Vai caminho da porta do fundo

Só desejo que seja uma riqueza o preço.

André passa o braço em torno da cintura de Ghilda que continúa com o filho ao collo. Seguem assim, juntos, unidos, emquanto André, respondendo á phrase final do outro, vai falando, meigo:

ANDRE'

O preço! O' minha filha, o preço és tu! Esqueço
Tudo, tudo por ti! Meu thesoiro: eil-o aqui!

Já chegam ao fundo. Martelli já desappareceu na escada. André, entre beijos, em continuação á ultima phrase!

És tu... és tu... és tu... Tudo esqueço por ti!...

Ghilda fica a olhal-o do alto da escada: passa a manga da véste sobre os olhos. E désce, dentro da sua magua e dos seus pensamentos.

SCENA QUINTA

GHILDA, SÓ

Toda a scena é dita vagarosamente, como o resultado de pensamentos e indagações interiores.

GHILDA, presa á ultima phrase de André

Por mim... Tão bom! tão carinhoso! Quem me déra
Tel-o junto de mim menos triste!... Eu quizera
Vel-o a rir, vel-o a rir a toda hora... E, emtanto,
Uma vez já lhe vi nos olhos bons o pranto...
E pensar que é por mim! que é só por minha causa
Que elle soffre e se esforça e trabalha sem pausa!
Punge-lhe um mal atróz... Eu sei que é um grande mal
A pobreza... Porém não julgo natural
Que as lagrimas André as derramasse apenas
Por ser pobre... Demais, são maguas tão pequenas
As da pobreza, quando o amor, excelso e puro,
Une dois corações: quando vão, sem futuro,
Esquecendo o passado, as maguas desprezando,
Dentro d'essa pobreza o oiro do amor juntando...

Olha o filho em seus braços, carinhoso, falando-lhe com a meiguice das mães.

Que é que tens? E' mamãi?... Tão lindo o meu filhinho!
Que é do papai? que é do papai?

Voltando aos seus pensamentos.

O meu carinho
E' tão pequeno, então, que o não desperta? certo,
O nosso affecto vive á luz do Sol, aberto,
Duradoiro e feliz. Mas então, que motivo
Fel-o chorar, a André, tão forte e tão altivo?
Si eu soubesse...

Põe o filho sobre a meza do centro: cerca-o com dois travesseiros, accommoda-lhe os pannos em torno, e beija-o.

Afinal, creio que não comprehendo!
Por ser pobre, talvez... Foi por me ver soffrendo
A pobreza...

ardorosa

Soffrendo a pobreza! Quem ha de
Affirmar que é soffrer essa felicidade
De amar, com o ser inteiro, o ser completo, a chamma
Toda do coração, todo o sangue!? Ah! Quem ama,
Só quem ama, por certo, é capaz de entender
Essa felicidade! O dinheiro, o prazer
Nem sempre traz. Depois... Ora, depois! Não sei
Si existe sobre o facto alguma extranha lei...
Sei é que para amar bastam dois corações.

com um suspiro de emoção e fadiga, sentando-se

Meu pobre André... tão bom!... Vou falar-lhe. As razões
Hei de, emfim, lhe pedir dessa tristeza escura...

(Fim da scena V)

DALTRO SANTOS.

— Continúa —



VARZEA DO MESQUITA - TIJUCA - RIO DE JANEIRO

NOSSOS CONCURSOS

Diligenciando corresponder por todos os modos ao generoso auxilio que o publico tem dispensado a esta Revista, creamos hoje uma nova secção, destinada, acreditamos, a despertar grande interesse aos numerosos leitores de *Kósmos*.

Successivamente e de accordo com o seu caracter, serão abertos nestas paginas concursos os mais variados, para os quaes desde já chamamos a attenção dos leitores.

Inauguramos a serie estabelecendo as condições para o

1.º-CONCURSO DE BELLEZA INFANTIL

1.ª—Poderão concorrer, enviando suas photographias, todas as MENINAS de 2 a 8 annos de edade residentes em qualquer ponto do Brasil.

2.ª—As photographias terão o formato nunca inferior ao cartão-album, não devendo representar outras pessoas que não as concurrentes.

3.ª—Todas photographias terão no verso o nome das concurrentes, sua residencia, um pseudonymo que será reservado, e o nome do photographo.

4.ª—As photographias serão enviadas á Redação de *Kósmos* até 31 de Agosto de 1904, em envolucro fechado e com a indicação: «Concurso de belleza infantil».

5.ª—Encerrado o prazo para o recebimento das photographias, serão estas classificadas e entregues á Commissão julgadora composta de membros do nosso meio artistico e litterario—cujos nomes serão publicados posteriormente

6.ª—Terminado o julgamento, cujo resultado será publicado conjunctamente com a reproducção das photographias das creanças premiadas, ficam aquellas á disposição das pessoas que as reclamarem com o pseudonymo indicado nas mesmas.

7.ª—*Kósmos* estabelece para este concurso 10 premios: 1 primeiro, 3 segundos, e 6 terceiros.

A menina classificada em primeiro logar receberá alem de um riquissimo brinde, 1 apolice remida de 1:000$000 da acreditada Companhia de seguros de vida A EQUITATIVA, pagavel quando a segurada completar 18 annos de idade.

Os demais premios constão de bellissimos brindes, cuja acquisição foi confiada á firma Lacarrière, Lafaille & C.ª de Paris.

8.ª—Todas as concurrentes classificadas terão seu retrato nas paginas de *Kósmos*, indicando o nome, idade, e bem assim o nome do photographo ou amador. autor da photographia.

9.ª—A redacção só responde pelas photographias entregues pessoalmente á rua da Alfandega n. 24.



SPORT

FOOT-BALL

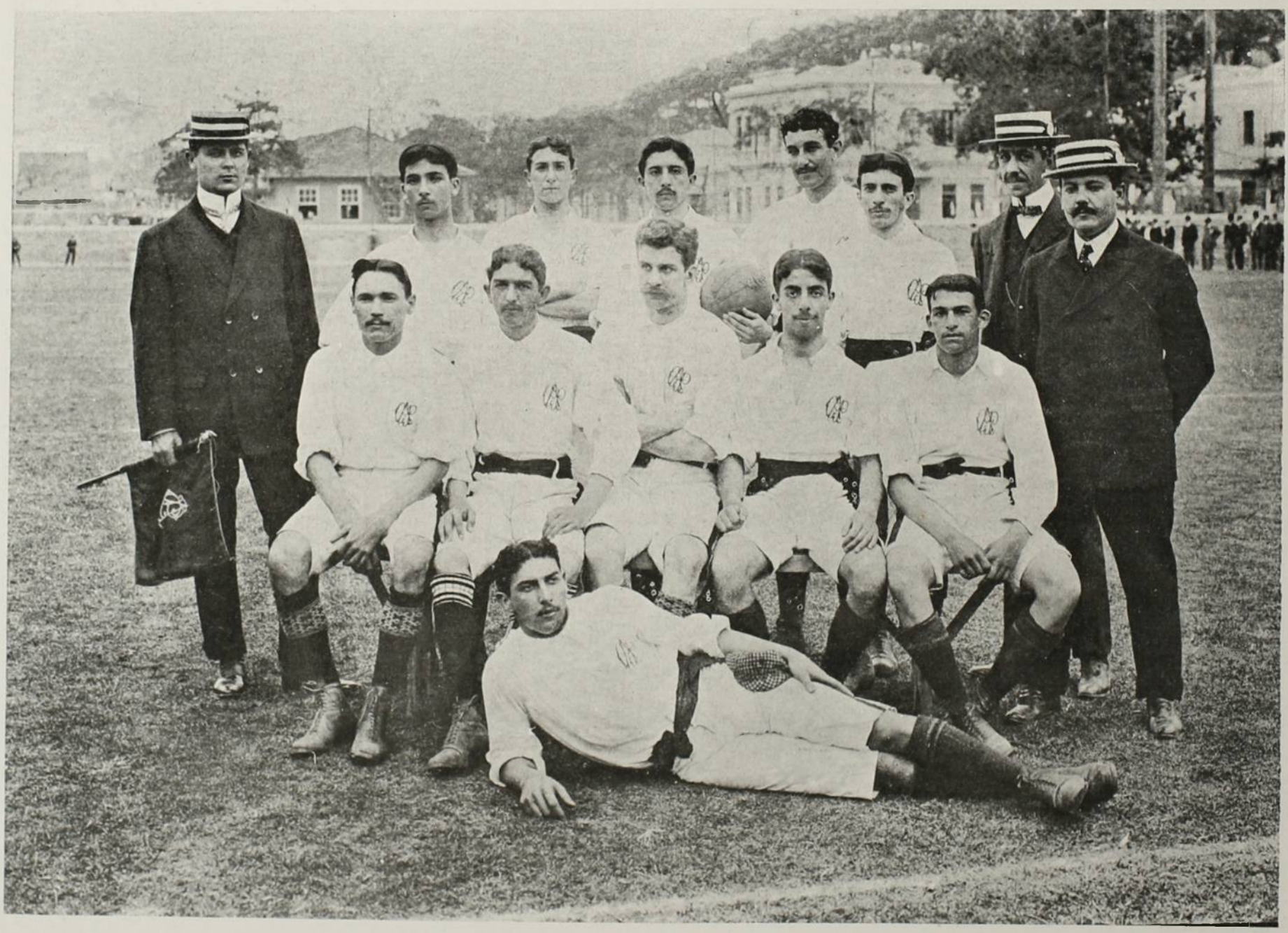
O *foot-ball* está na ordem do dia. Multiplicam-se os clubs, aqui, em S. Paulo, no Rio de Janeiro, em Minas, e o ponta-pé inglez, traduzido para o brazileiro, tem neste momento as honras do *sport*, attrahindo, dia a dia, novos e enthusiasticos proselytos e causando entre a mocidade sadia a nobre emulação da destreza e da força.

ctoria que já não é, para elles, do gremio, mas da propria terra. Foi assim que os *teams* de Santos foram a S. Paulo medir-se com os *teams* da velha Piratininga e que, por duas vezes, os representantes do *foot-ball* carioca foram tambem á Paulicéa affirmar em *goals* magnificos, em luta com famosos *foot-ballers* paulistanos, a rijeza destra das pernas fluminenses.

De S. Paulo, por sua vez, já veio aqui, no anno atrazado, o *team* do *Sport Club Internacional* medir-se com o *Fluminense Foot Ball Club* e este anno coube ao *Club Athletico Paulistano* a honra de representar o *sport* paulista em luta com o da Capital Federal. O encontro, que se realisou nos dias 14 e 15 deste mez, foi a nota destacada do *sport* carioca nos trinta dias que passaram.

Que o fez com honra, provam-n'o á exhuberancia as duas victorias que conquistou nos dois *matches* jogados: 3 a 0 no 1º, 2 a 0 no 2º.

Foram dois *matches* lindos, ambos jogados no campo



CLUB ATHLETICO PAULISTANO

Os *teams* disputam a victoria, de club para club, de cidade para cidade; e não raro os melhores jogadores de *foot-ball* vão de um a outro ponto disputar uma victoria que já não é, para elles, do gremio, mas da propria terra. Foi assim que os *teams* de Santos foram a S. Paulo medir-se com os *teams* da velha Piratininga e que, por duas vezes, os representantes do *foot-ball* carioca foram tambem á Paulicéa affirmar em *goals* magnificos, em luta com famosos *foot-ballers* paulistanos, a rijeza destra das pernas fluminenses.

De S. Paulo, por sua vez, já veio aqui, no anno atrazado, o *team* do *Sport Club Internacional* medir-se com o *Fluminense Foot Ball Club* e este anno coube ao *Club Athletico Paulistano* a honra de representar o *sport* paulista em luta com o da Capital Federal. O encontro, que se realisou nos dias 14 e 15 deste mez, foi a nota destacada do *sport* carioca nos trinta dias que passaram.

Que o fez com honra, provam-n'o á exhuberancia as duas victorias que conquistou nos dois *matches* jogados: 3 a 0 no 1º, 2 a 0 no 2º.

Foram dois *matches* lindos, ambos jogados no campo do *Fluminense*, que para esse fim achava-se garridamente enfeitado, e, o que mais vale, repleto de lindas *sportswomen*.

No primeiro *match*, é innegavel que se salientou a grande superioridade do *team* paulista.

O pessoal carioca, ainda sob a impressão das victorias que alcançára o anno passado em S. Paulo, não contava absolutamente encontrar os seus adversarios tão fortes; foi tomado, desde o inicio do jogo, de evidente surpreza, surpreza que, depois de algum tempo, traduziu-se em verdadeiro desanimo.

Cumpre exceptuar, porem, a linha de *full-backs*, que brigou com energia e tenacidade, até o ultimo momento parando *rushes* sobre *rushes*, evitando assim derrota muito maior.

Em desculpa tambem da linha de ataque, é de justiça registrar que tendo-se machucado logo no começo do 2º half—C. Robinson—F. Walter e Felix, os mais, não podiam fazer mesmo grande cousa.

combinação, fazendo passes lindos, tanto os *forwards* entre si, como estes com os *half-backs*.

Não se póde, porém, deixar de destacar o *center-forward* Friese, e o *insid-right* Sampaio, que jogaram admiravelmente.

Aquelle jogador (capitão do *Sport Club da Germania*), que já tivemos occasião de apreciar diversas vezes em S. Paulo, nos *matches* da Liga, é o typo do verdadeiro *foot-baller* (e do verdadeiro *sportsman*, seja dito entre parenthesis): era quem distribuia o jogo, com uma precisão mathematica, quem fazia os *rushes* (e que *rushes!*), quem defendia os *corners*, quem pegava a bóla em todos os *throws*. Era um pavôr! Depois, mantinha constantemente a linha de ataque num *entrain*, num enthusiasmo, que são tudo neste jogo: jogando um pouco bruto, ás vezes, fazendo alguns *fouls*, mas involuntarios, tanto que era o primeiro a reconhe-



FLUMINENSE FOOT-BALL CLUB

Da rapaziada paulista jogaram todos muitissimo bem, mostrando grande exercicio, e muita *sciencia*, que era só o que lhes faltara o anno passado. Jogaram com muita

cel-os, *apologizing*, quando o *referee* castigava-o com o tradicional *free-kick*.

Tambem é de justiça salientar os dois *goal-keepers*.



O Sr. Cruiky, o *goal-keeper* do *Fluminense*, correcto como sempre e cavalheiresco, atacado constantemente, durante os dois jogos, defendeu seu *goal* com brilhantismo, e a não ser o caiporismo, no primeiro dia, de um máu socco que fez a bola bater contra um seu proprio *full-back* e voltar marcando um *goal* contra si, o que num aperto não se póde chamar uma falta, pode-se dizer, que só deixou entrar bolas inteiramente indefensaveis.

O *goal-keeper* do *Paulistano*, o sympathico *Tutu*, posto que pouco tivesse a fazer no primeiro dia, no segundo defendeu algumas bolas bellissimas, quer com os *kiks*, quer com os celebres *munhecaços*.

Os tres *goals* do primeiro dia, foram marcados successivamente por Friese, Mesquita e um que cahiu do céu (por descuido).

Os do segundo dia, por Friese e Prado.

Serviram de *referees*, no primeiro dia Mr. Turner, no segundo, Mr. Brooking, correctissimos

O torneio foi interessante; e pode-se esperar de futuro provas cada vez mais brilhantes, accentuando-se, como se accentua, o zelo das glorias de *sport* entre os *teams* das duas capitaes.

Teremos Oxford contra Cambridge,—S. Paulo contra o Rio de Janeiro—e desta emulação virá, com os louros dos gremios, o proveito de uma geração mais forte, mais destra e mais sadia.

FULL-BACK.



VULTOS JAPONEZES

TODOS os principes da casa imperial japoneza seguem, como os seus congeneres europeus, a carreira das armas; nem podia occorrer diversamente num paiz como o Japão, em que o valor guerreiro constitue a medulla da estructura nacional. O principe Fushimi, o primeiro dos principes de sangue depois do herdeiro da corôa, já fizera suas provas na anterior campanha contra a China. E' uma das mais altas patentes do exercito, no qual subiu posto por posto, e presentemente commanda uma das divisões em operações na peninsula de Liantung. Dizer d'elle que é bravo, seria uma redundancia: é principe de sangue, official de carreira e japonez. E', porém, mais do que bravo, é competente na sua profissão. Seu palacio em Tokio, raramente aberto a festas, é um dos mais formosos edificios de architectura européa da capital. Só falla o japonez.



PRINCIPE FUSHIMI



BARÃO KOMURA

O barão Komura, ministro dos negocios estrangeiros do gabinete Katsura, no poder ha mais de trez annos, é um dos mais notaveis homens publicos do Japão contemporaneo. Nenhum impressiona tanto como elle pela vivacidade da sua conversa, extensão das suas informações e intelligencia da sua visão politica. Tendo completado seus estudos em Harvard, nos Estados Unidos, não se tornou cosmopolita no sentido de deixar afrouxar-se a fibra patriotica; antes ficou mais arraigadamente japonez, após haver adquirido o armamento mental da raça européa. Ministro em Washington e em seguida na China, desempenhou papel conspicuo no conselho dos representantes diplomaticos que, depois da tomada de Pekim, decidiram dos acontecimentos. A China deve-lhe mais que a nenhum outro a contemporisação com que foi tratada, em tudo menos no valor das indemnizações exigidas. Relativamente moço, instruido, habil, resoluto, de uma absoluta coragem moral e ao mesmo tempo de um tacto consummado, tem apenas contra si o não possuir uma saude vigorosa. Sómente a sua força de vontade reage contra o seu physico debil. O Japão neste momento mais do que difficil, decisivo da sua historia, não podia ter á frente das suas relações exteriores um diplomata mais perito, um estadista mais competente.



PRINCIPE KWACHO

O principe Kwacho é marinheiro, como os principes Orisugawa e Yamashina, e num dos ultimos tremendos combates navaes foi gravemente ferido na região do coração por um estilhaço de obuz. Praticou em tempo na marinha germanica e falla fluentemente o allemão. Muito novo, muito dedicado ao serviço, como todos os seus collegas de classe, dizem que muito perito, a sua vida em Tokio, ao repousar-se entre duas viagens ou duas commissões, é de uma simplicidade espartana em uma modesta casa japoneza. Os soldos no Japão são muito modicos e não menos modica é a lista civil da familia imperial. O principe Kwacho recebe por este segundo motivo apenas vinte contos de nossa moeda.



PRINCEZA KWACHO

A princeza Kwacho, sua mulher, que, vestida á européa para uma cerimonia da côrte, nos sorri nesse retrato com o eterno sorriso japonez, é filha do ultimo xogum Keiki, hoje principe Tokugawa, e representa o laço de união entre a dynastia sagrada do Mikado e a dynastia secular dos generalissimos descendentes do grande Ieyasu, deposta da cathegoria e da effectividade do poder pela revolução de 1868, que restaurou a auctoridade imperial. As princezas japonezas não teem historia, nem dellas se contam historias: apparecem-nos em raras occasiões de funcções do Estado, sorriem e mergulham de novo na intimidade impenetravel dos seus lares, onde os maridos são soberanos.

O. L.

LUTA ROMANA

PETRUCELLI della Gattina, o famoso revolucionario das *Memorias de Judas*, dá-nos em paginas admiraveis de intensidade e colorido a visão perturbadora da luta romana, como a sentiam e praticavam os cidadãos da *urbs* eterna.

Era a representação psychologica de um povo que fizera pela luta e pela força, de uma civilisação que se desenvolvera no sangue e na violencia. A affirmação victoriosa do mais possante, do que possuia o musculo mais resistente e o movimento mais astuto, viera desde a fundação da cidade e da raça, com a morte lendaria de Remo, com a apropriação insidiosa das sabinas, com o desapparecimento mysterioso de Romulo, e ficara com as necessidades guerreiras e as tendencias conquistadoras da ambição romana. Não havia fracos, como não havia compassivos; era preciso ser forte e ser impiedoso, para que o lutador só pudesse confiar em si mesmo e esperar sómente a salvação da victoria.

Havia nisto a educação de um povo em que o espirito ambicioso do mando se accentuava sem contrastes e que, atravez da admiravel cultura juridica que o exalçou, não conhecia outra lei, de facto, senão a do dominio; e o clamor das multidões sanguisedentas, pedindo no circo a morte do vencido, troando como um echo de barbaria em meio da explendente civilisação romana, era menos a expressão de almas endurecidas por um longo tirocinio de violencias, do que a expansão de uma vontade absorvente que não conhecia outro direito senão o da força, outra utilidade senão ella, e para a qual o lutador derribado renunciava, com a subalternisação ao mais forte, á necessidade de viver.

Foi esse principio barbaro que formou e aguerriu as legiões irresistiveis que alastraram pelo universo a dominação de Roma, quando não se entrechocavam dentro da metropole em golpes audaciosos e assaltos brutos ao poder. A fraqueza era uma inutilidade e a piedade um estorvo; e a multidão se insurgia contra Cesar quando perdoava, porque era isso um acoroçoamento á lassidão.

O culto da força existiu em toda a antiguidade; povos rudimentares e povos de desenvolvida cultura o praticaram: mas entre uns e outros o caracter da educação physica accentuou-se pela feição da raça e pelo espirito da respectiva civilisação. Entre o gymnasio grego e o circo romano, entre os jogos olympicos e a luta de gladiadores, ha a differença existente entre a arte hellenica e a conquista latina. Em uma a preoccupação do homem forte derivava, antes de tudo, do sentimento da belleza; na outra, do pensamento da aggressão.

Porisso o culto da força na Hellade, que produziu os torsos magnificos e as formosas cabeças que a esculptura grega eternisou nas estatuas dos seus deuses, traduzia-se nos jogos por uma emulação generosa, valendo a victoria—no disco, na velocidade, na carreira dos brandões accesos, na justa dos carros arrebatados por fogosas quadrigas—pela affirmação de uma virilidade orgulhosa na sua destreza, na sua resistencia e na sua formosura; emquanto que na cidade-imperio se expressava nas lutas pela ancia de subjugar, valendo, na insidia dos golpes, nos movimentos colleantes dos antagonistas membrudos, nos recursos de jugulação do contrario, pela representação de um organismo social empolgante e avido, cujas destreza, resistencia e formosura estavam em dominar.

Com a evolução dos tempos a luta romana passou, como passou o dominio latino que lhe dera origem e razão de ser. A idade que se lhe seguio trazia ainda o vigor expontaneo, a possança inexgotada dos conquistadores barbaros, para que precisasse da educação systematisada do physico em que se esmerara a civilisação greco-romana; o christianismo deu-lhe o golpe de morte, anathematisando, em nome da moral nova, a ferocidade ensanguentada dos amphitheatros e a esthetica desenvolta dos gymnasios. A cultura da força passou, com a cultura da piedade e do pudor; e embora a violencia continuasse a eternisar a força, nas guerras e nas iniquidades que a evangelisação dos apostolos e o sacrificio dos martyres nunca poderam sopitar, ella desappareceu como culto, como forma artistica, como manifestação orgulhosa de agilidade e de belleza. Ficou a brutalidade apenas.

A descoberta da polvora, submettendo a força humana á força mechanica, accentuou essa decadencia; a evolução industrial, com o maravilhoso desenvolvimento da machina até os nossos dias, tornou inutil por completo a formação desses formidaveis athletas que eram o orgulho das idades remotas. O homem adelgaçou o arcabouço á medida que desenvolveu o cerebro; apurou os nervos á custa dos musculos; degenerou, progredindo.

A civilisação contemporanea, feita de fibrilhas excitadas e de molas de machina, procura reviver agora o antigo culto da força, buscando retardar pela educação do physico o abastardamento muscular do homem moderno, o deperecimento esthetico da raça. A' palavra dos philosophos e pedagogos juntou-se o exemplo de uma geração enthusiasmada pela visão de velhos tempos gloriosos, e a preoccupação do exercicio, o incitamento ao esforço, a paixão da destreza e da força enchem hoje as cidades de todo genero de *sport*, de multiplicadas manifestações de adestramento e de vigor. O remo, a natação, a gymnastica, o cyclismo apaixonaram toda gente. O *rower*, como o pedalador, é o dominador do dia.

Foi em um meio predisposto por tal forma, atravessado por essa vibração salutar, comquanto exaggerada ás vezes, que appareceu ha pouco a luta romana. A industria das diversões trouxe-a para o *hall* dos cafés-concertos, para o tablado dos «parques» *oú l'on s'amuse*, e não custou muito que essa revivescencia empolgasse a mul-

tidão. No Rio, a luta romana dominou em absoluto, por completo, sem restricções. Pons, Raoul, Anglio, Dumont, Romanoff foram a obsessão do momento; cercou-os a admiração de uma cidade; acclamou-os, cada noite, o enthusiasmo de milhares de boccas.

As exigencias da epocha adoçaram sem duvida a primitiva violencia da luta; já não ha gladiadores mortos nem vencedores implacaveis; na falta da clemencia de Cesar, o povo já não pede em altos brados o anniquilamento do vencido: ao contrario, protesta quando o golpe se lhe afigura insidioso e brutal. Mas é a mesma feição da força, attenuada na ferocidade, que predomina e, modificado embora no termino funesto, o caracter romano da luta transparece nas fintas, nos amplexos colleantes, na sondagem sinuosa dos pontos sensiveis em que a pressão subjugará o antagonista, na arrogancia brutal do triumpho, estarrecido o adversario no solo, sob os pulsos inflexiveis do victorioso, de espaduas pregadas humilhadamente ao chão.

Applaudiram-n'a por isso mesmo. A psychologia do delirio que despertou nas gentes de agora a resurreição desse espectaculo está na suggestão que exerce sobre o homem a visão de um facto que elle não imitará jamais. E' o heroico, mas o heroico impraticavel para elle, inutil para a sua geração: é a sensação de uma epocha morta.

Esses collossaes cavalheiros que atravessaram a Europa e atravessam a America exhibindo a sua estatura, os seus musculos e a sua arte de lutar não são, não serão nunca os factores de uma remodelação physica da humanidade, nem modificarão jamais o curso da evolução social. Ficarão, como a luta que reproduzem, factos extranhos ao seu meio, alheios á sua civilisação, inaproveitaveis na grande força assimiladora do seu tempo.

Toda ideia, nova ou remoçada, tem, ainda que o não pareça a todos, uma condição pratica, necessaria á sua assimilação. Da paixão do *sport* veio a utilidade social de uma geração mais forte, de accordo com as necessidades da luta contemporanea: o remo e a natação deram de novo ao homem, com a robustez do corpo, a intrepidez e a audacia; o cyclismo apurou-lhe as qualidades de resistencia, dilatou-lhe os pulmões em um folego maior, adestrou-lhe a capacidade de equilibrio; a caça o afeiçoou com a aspereza das mattas, com a rudeza das intemperies, com o esforço das caminhadas, emprestou-lhe a segurança do piso e do golpe de vista, fel-o soldado; todos os exercicios, adaptados intelligentemente ás exigencias do meio, dão ao homem uma capacidade maior de utilidade ao seu tempo.

Mas a luta romana permanece inutil, porque não serve a necessidade alguma da epocha em que resurgiu. O processo de educação physica que fornece dá mais do que é preciso e não dá o necessario; o robustecimento das gerações de hoje faz-se por forma mais agradavel e mais brilhante que não o espectaculo de dois gigantes semi-núS, açambarcados furiosamente um no outro, suarentos, arquejantes, de musculos contorsos e faces congestionadas, no anhelo supremo de collar ao chão os hombros do contrario...

A civilisação moderna, que pede homens fortes, não carece do athleta. A machina inutilisou-o: a industria o dispensa, a guerra lhe é inimiga. Das pesadas moles que a construcção e a guerra antigas moviam, e que pediam o esforço irreductivel, o musculo possante, nada ficou para a vida contemporanea: a luta e o trabalho se transformaram. A industria é a electricidade movendo um mundo com um botão e um fio, a guerra é o leve fusil de repetição e o canhão aligeirado de tiro rapido dizimando exercitos á distancia. Ao operario basta a força mediocre para deslocar uma alavanca obediente; ao soldado, a energia nervosa para sopesar uma carabina leve nas cargas dissimuladas nos accidentes de terreno, quando já não é possivel o combate por detraz das trincheiras...

O athleta, o gigante, é o alvo facil na guerra e o trambolho desmarcado na officina; toda aquella massa de musculos soberbos e arrogantes não vale para a industria o esforço de uma mola de aço e derribal-a-ha na luta um projectil minusculo. Nem poderoso, nem util.

O exercicio que a luta romana revive não se assimilará, pois, por uma applicação proveitosa. Fica o homem, admirado como uma aberração physica, perseguido como um caso curioso de teratologia historica.

De sob a nossa pequenez franzina — homens de nervo e cerebro sómente — olhamos esses athletas com o vago sentimento de inferioridade humana que nos despertam aquelles arcabouços alterosos e dominadores, applaudimol-os como a resurreição de uma epocha que a imaginação entrevia atravez das lendas e das chronicas... Mas, quando, terminada a luta e desfeito o rumor das acclamações delirantes, despem-se os lutadores da fascinação do tablado e atravessam o povo envergados burguezmente nas roupas de agora, pensamos então na inutilidade desses famosos Briareus, deslocados nos costumes contemporaneos, mal acommodando nos *bonds* o vulto copioso, e cuja força não resistiria, em nossa terra, á faina ao sol que o sertanejo esguio supporta, nem ao impulso elastico, talvez, do primeiro capoeira...

LINDOLPHO AZEVEDO.

ESTYLOS EM ARCHITECTURA

I

«A arte é uma representação ideal do que existe destinada a cultivar o instincto de perfeição».

(AUGUSTO COMTE—*Philosophia Positiva.*)

«A arte é uma actividade que permitte ao homem agir sobre seus semelhantes por meio de certos signaes exteriores».

(COMTE LEON TOLSTOI *Que é a arte?*)

OS abrigos primitivos da humanidade—a *caverna*, a *tenda* e a *cabana*—constituem o *alpha* dos tres estylos basicos: o *egypcio*, o *oriental* e o *grego*.

Durante o periodo nomade, a humanidade concentrada no Egypto, inicia os primeiros passos atravez da civilisação; em seguida, atravessando o Oriente, em progressivo desenvolvimento, invade o norte da Grecia, onde descança, em periodo de plena florescencia.

Conseguintemente, na phase inicial, o homem ainda selvagem e naturalmente misanthropo, procurou, levado pelo proprio instincto de conservação, abrigo ermo e seguro nos *antros* sombrios; d'ahi a caverna.

Mais tarde, porem, a tendencia manifesta para a luz, obrigou a humanidade a abandonar as baixadas escuras em procura dos *valles*, construindo moradas leves e ligeiras, francamente abertas; d'ahi a tenda.

O desejo natural e expontaneo do melhorar e progredir, originou o immediato desenvolvimento do raio de acção visual, em procura de horisonte mais amplo, extenso e rasgado. Foram assim conquistados os *planaltos*, e ahi a humanidade, não mais agachada porem de pé, construiu habitações altas, symetricas e folgadas; d'ahi a cabana.

Em resumo, as construcções primordiaes—caverna, tenda e cabana—constituem os degráos da escala ascendente da humanidade, a partir dos antros nas baixadas da terra, passando pelos valles, até alcançar o planalto em procura do espaço.

A humanidade desde a origem, presa a terra e envolvida com ella pelo espaço, cogita cada vez mais no melhoramento incessante da habitação e do meio, beneficiando e glorificando essa mãe carinhosa que nos alimenta e nos agasalha.

S. Paulo, na *Epistola aos Galathas*, referindo-se á evolução theologica, patenteia—na trilogia que estabelece a transição entre os periodos fetichista, polytheista e monotheista—essa tendencia manifesta dos povos para a adoração e dignificação; astro radiante fecundo, berço e tumulo da humanidade, que em troca do muito que nos dá, nada pede e pouco aufere.

Assim, primitivamente, a adoração aos astros e idolos, em seguida aos Deuses e ao Deus uno, puramente divina; representa o espaço.

Logo após o Deus Nazareno, humano e divino, na lenda sublime da tragedia do Golgotha; constitue o traço de união entre o espaço e a terra.

Finalmente, essa meiga e suave Virgem Maria—*Mater Dolorosa*—, bellamente humana, sustentaculo poderoso do catholicismo; representa a terra.

***

Qual foi o berço da humanidade? A especie humana, de accordo com os antecedentes historicos, inclusive as tradições biblicas, teve por berço o centro da Asia, provavelmente a Armenia, e dahi desceu em procura das planicies da Mesopotamia, magestoso delta situado entre o Tigre e o Euphrates. Nesta ultima localidade permaneceram durante 150 annos, as raças primitivas semitica, chamitica e japhetica ou arya ou indo-europea, descendentes dos tres pretensos filhos de Noé: Sem, Cham e Japhet.

Transpondo o estreito de Bab-el-Mandeb ou o isthmo de Suez, os povos asiaticos penetraram em territorio africano, onde construiram Memphis, formosa cidade do Egypto, situada na margem esquerda do Nilo.

Proseguindo a invasão, alcançaram a Nubia, ao sul do Egypto, e ahi fundaram Khartum, sua capital.

Creado o idioma egypcio, originario das linguas semiticas ou syro-arabicas, a humanidade depois de assignalar sua fecunda passagem, attestada por grande numero de monumentos egypcios, irradiou para todos os pontos do globo.

A acção do meio e do clima, modificando o typo primitivo, já alterado pela hereditariedade, caracterisou distinctamente as raças.

Os antigos egypcios (semiticos, assyrios, hebreus, phenicios etc.) fundaram no valle do Nilo um centro de civilisação que bem cedo se illustrou.

Menes, o primeiro soberano egypcio (pharaó), fundador da cidade de Memphis nas margens do Nilo, circumdou-a de diques para defendel-a das innundações do rio. Essas obras gigantescas, foram, por assim dizer, as primeiras construcções hydraulicas da humanidade. Memphis tornou-se em pouco tempo o fóco da civilisação, das sciencias e das artes egypcias.

A partir de então até alcançar a sexta dynastia de Papi I, o Egypto caminhou consecutivamente em progressivo desenvolvimento e grandeza.

O typo especial das construcções, caracterisado pelo grandioso e gigantesco dos monumentos, definiu a feição do estylo egypcio.

As pyramides, entre ellas a de Kheops na planicie de Gizeh perto de Memphis, são colossaes; tendo esta ultima 145 metros de altura.

Os monolithos, desde os obeliscos até as esphinges, são outros tantos monumentos extraordinarios e de maravilhoso trabalho nos minimos detalhes, considerados os elementos de que dispunham naquelle tempo, época da pedra.

Esses monolithos cobertos de hyeroglyphos e figuras, constituiam parte integrante dos templos.

Citaremos entre outros os templos de Hyksos e Edfu; sendo este ultimo ladeado por uma avenida de esphinges, terminada por dois obeliscos.

Entre os obeliscos destaca-se o de *Luksor* ou agulha de Cleopatra, actualmente na praça da Concordia em Paris.

O templo de Karnac, em ruinas actualmente, occupava uma grande area central, circumdada por uma serie de templos menores, communicando entre si por largas avenidas ladeadas por esphinges colossaes. D'essa obra grandiosa restam apenas vestigios, attestados por doze espessas columnas com 23 metros de altura e cento e vinte e duas outras menores.

As ruinas de Karnac são as mais celebres e imponentes de todo o Egypto.

A architectura egypcia impressiona o espectador principalmente pelo gigantesco de proporções e grandioso da concepção; é pois. inquestionavelmente, uma manifestação intensa de arte

Tolstoi, referindo-se aos sentimentos que o artista transmitte aos outros homens, diz:

«Toda a obra de arte provoca o contagio artistico, estabelece uma harmonia de impressão entre o artista e o publico. A arte actua como a palavra, que, transmittindo o pensamento, serve de traço de união entre os homens.» (1)

Esse contagio artistico, de que falla Tolstoi, o espectador sente ao contemplar um monumento de architectura egypcia

O notovel romancista russo, incontestavelmente um purista em arte, não possue comtudo os conhecimentos precisos e indispensaveis da natureza humana, capazes de libertal-o do prejuizo das condepções ideaes.

Tolstoi deixa patente a audacia desses conhecimentos na definição de arte, por demais lata e sobremaneira ampla; pois abrange o máo e o bom, desde os maiores aleijões até as obras primas.

O contagio artistico, base da definição, deixa claramente perceber a nobreza d'alma e os sentimentos altruistas de Tolstoi. São esses impulsos predominantes que tornam assaz sympathico o popular romancista russo.

Elle comprehendendo e elevando bem alto a arte e zelando pela pureza de seus destinos; assume a responsabilidade da revolta contra o dominio da fancaria, do pedantismo academico, da immoralidade e da mediocridade enfatuada.

Denunciando o falso e dignificando o verdadeiro; Tolstoi expulsa os vendilhões do templo e guarda as portas do pantheon da arte contra as investidas dos nullos.

Esses sentimentos puristas e esse amor pela verdade, approximam bastante o romancista russo de Augusto Comte.

Si a definição de Tolstoi, como vimos, diz muito mas não diz tudo, pois o contagio artistico abrange e não distingue o real e o ficticio; o mesmo não se dá com Augusto Comte que em poucas palavras resumiu toda a grandeza e verdade da theoria esthetica.

O genial autor da philosophia positiva, emancipador das preoccupãções divinas, encara a arte como ella é e como será sempre—o encanto da vida, agindo fortemente nos mais elevados sentimentos altruistas da alma humana, com a contemplação do ideal da verdade.

A theoria esthetica de Augusto Comte, digamol-o francamente, provocando a admiração dos seus mais ferrenhos inimigos, dsvenda a pujança do masculo talento do extraordinario philosopho.

O trabalho artistico de Tolstoi, embora viciado pela concepção monotheica—tentando amparar a decadencia da fé theologica—desvenda o purismo de sentimentos encerrados num coração de verdadeiro artista.

Ao terminar a primeira parte d'este despretencioso trabalho, seja-nos dermittido affirma:

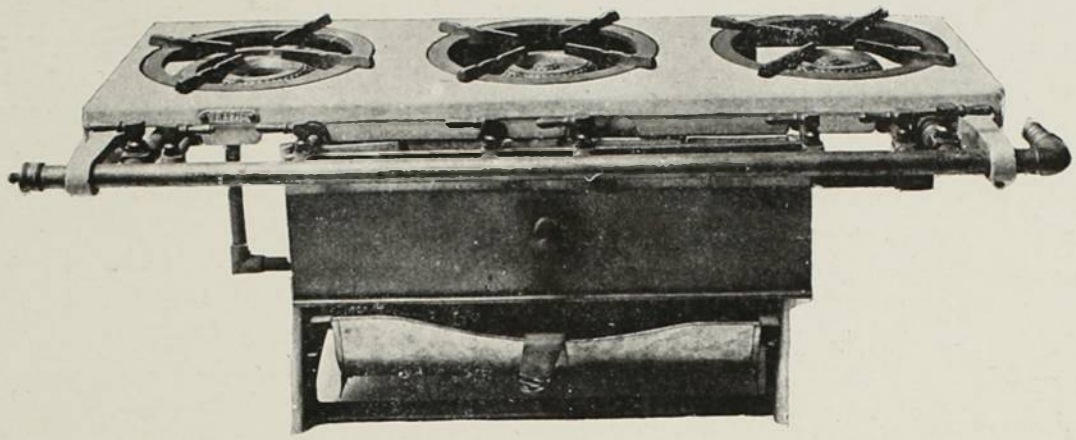
Si é certo que o estylo egypcio impressiona e fascina o espectador pelo gigantesco das proporções e grandioso da concepção; a theoria positiva da natureza humana de Auguste Comte e o estudo critico do romancista russo, impressionam e fascinam, a quem os lê, pelo gigantesco e grandioso respectivamente considerados.

(1) *Que é a arte?*—pg. 84.

A. Lima Campos.

COSINHAR A GAZ

PROMPTIDÃO, ASSEIO E ECONOMIA



Maior asseio sem fumaça **COKE** Maior asseio sem fumaça

Para cosinha 30$, na Rua da Alfandega n. 74 e Rua Senador Euzebio n. 232

Para uso Industrial, na Rua Senador Euzebio n. 232

DIAS UTEIS DAS 10 ÁS 11 1/2 HORAS DA MANHÃ

Grande abatimento conforme a quantidade

A Sociedade Anonyma do Gaz do Rio de Janeiro

Convida as pessoas que desejarem convencer-se das grandes vantagens que offerece o gaz para uso domestico ou industrial a visitar a sua EXPOSIÇÃO, installada á rua da Alfandega n. 74, onde encontrarão os typos mais aperfeiçoados e pelos preços os mais modicos: fogareiros de um fóco, para substituir o espirito de vinho, fogareiros com 2, 3, 4 e 6 torneiras, verdadeiros fogões privilegiados "BRAZIL", de 3 fócos e assador, ditos "CARIOCA", de 2 fócos com assador, fogões com 3 e 5 fócos, assador e forno grande, aquecedores de agua para toilette ou lavagem de pratos, ferros de engommar etc., e bem assim

GRANDE VARIEDADE DE APPARELHOS PARA ILLUMINAÇÃO DAS CASAS

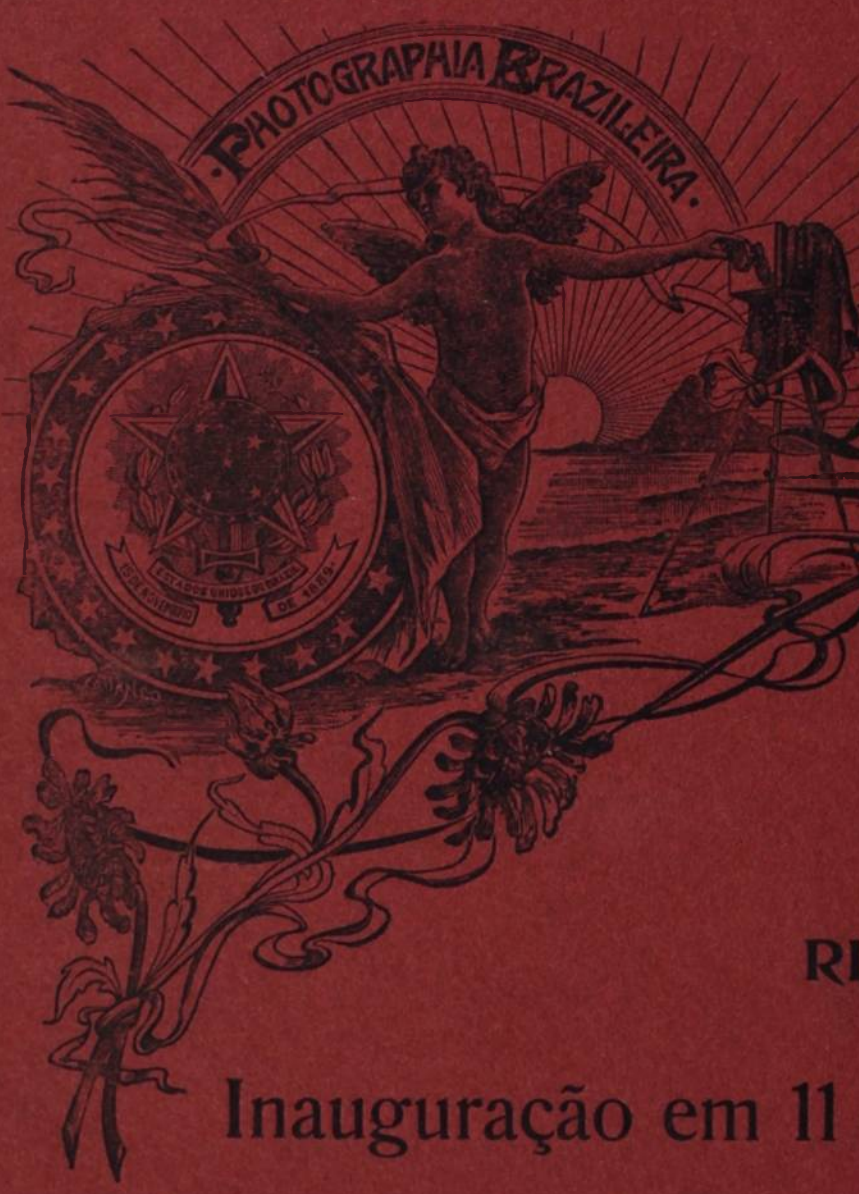
Escriptorio: Rua da Alfandega n. 74

GRANDE HOTEL WHITE



ALTO DA TIJUCA

RIO DE JANEIRO



NOVOS PROCESSOS

L. Musso & Cia

Rua Uruguayana 10

RIO DE JANEIRO

Inauguração em 11 de Setembro de 1904

Anno I N. 9 Rs. 2$000

Setembro 1904

SUMMARIO

Chronica ..... *Gil.*

Pulcherrima rerum ..... *J. C. M. Carvalho.*

O Salão de 1904 ..... *Gonzaga Duque.*

O mez no theatro ..... *João do Rio.*

A morte de Juracy ..... *Th. Rodrigues.*

Musica de amor ..... *Paulo Barreto.*

Primizie ..... *Abdon Milanez.*

Ghilda ..... *Daltro Santos.*

Exposição de S. Luiz (Gravuras) ...

Estylos em Architectura ..... *Dr. Lima Campos.*

Um erro de Laffite ..... *F. Souza Lima.*

Typos da roça (Maludo) ..... *Azevedo Junior.*

O Salão de 1904 (Notas impressionistas) *Raul.*

CASTRO

A Equitativa

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida

TERRESTRES E MARITIMOS

Apolices Sorteaveis em Dinheiro em Vida do Segurado

Os sorteios d'esta classe de

apolices teem lugar em 15 de Abril e 15 de Outubro de cada anno.

A Equitativa tem sorteado, desde a instituição d'esta

classe de seguro, apolices no valor de Rs. 127:000$000 pagos em dinheiro.

A apolice de sorteio EM DINHEIRO, de

exclusiva invenção de A Equitativa, é a ultima palavra em Seguro de Vida.

TODOS OS SORTEIOS SÃO PUBLICOS

O proximo sorteio terá lugar a 15 de Outubro p. f.

TABELLAS E PROSPECTOS EM SUA SÉDE

7 - RUA DA CANDELARIA - 7

RIO DE JANEIRO

E em suas agencias e filiaes em todos os Estados da União

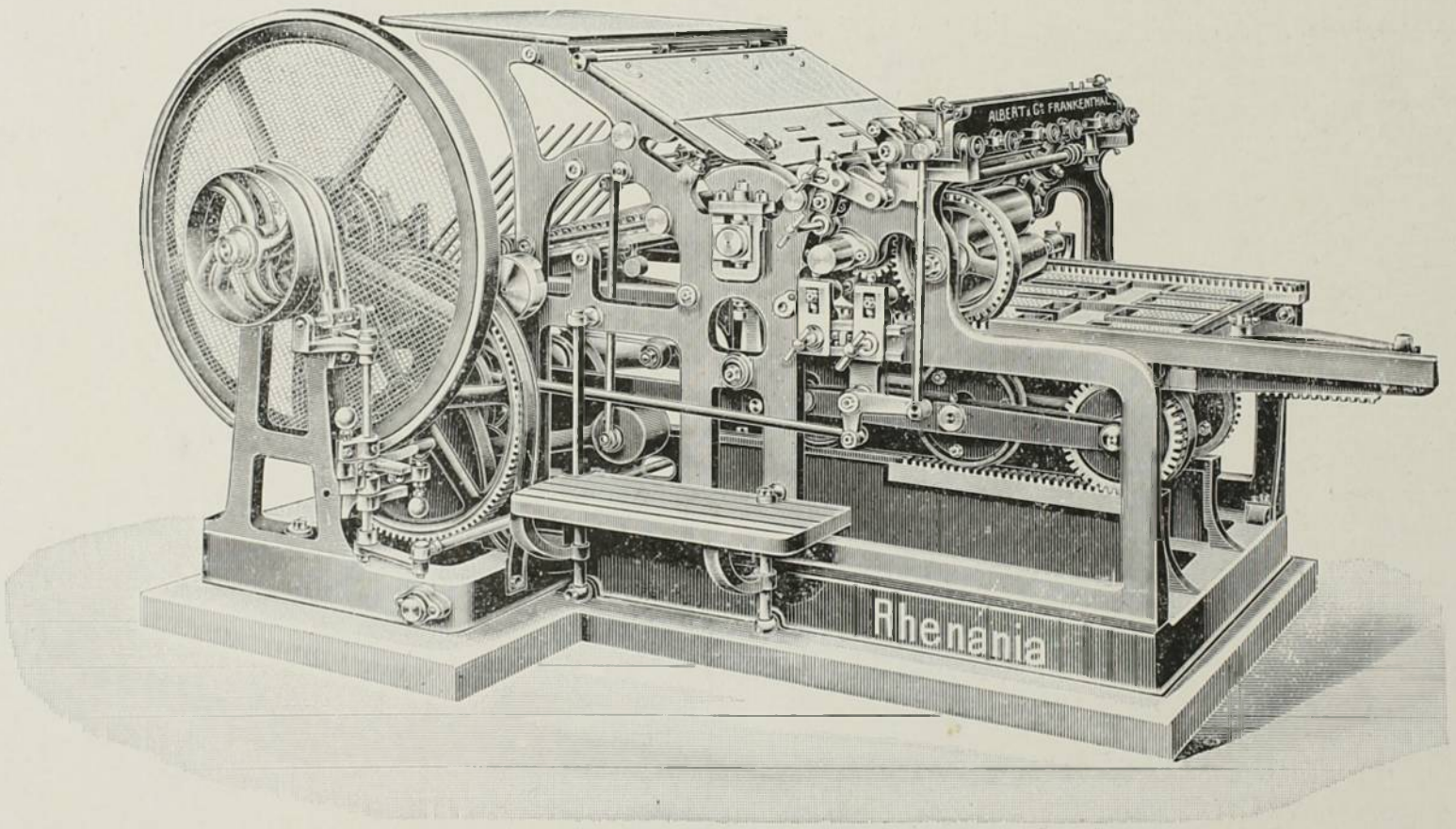
ARTES GRAPHICAS

CAIXA DO CORREIO 994 — TELEPHONE N. 1106

Temos sempre em deposito:

Tintas Typographicas, Lithographicas, Vernizes, Grande Variedade de Typos, Massa para Rolos, Arames para Coser, Zinco, Cobre e Madeiras para Gravuras.

MATERIAL PARA STEREOTYPIA, MACHINAS PARA IMPRESSÃO, ETC.



UTENSILIOS PARA COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Depositarios das Tintas de Impressão **Berger & Wirth**

Augusto Niklaus & Co.

RUA DA QUITANDA N. 54 — RIO DE JANEIRO

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director
MARIO BEHRING

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . . 20$000 EXTERIOR. . . . . 22$000
NUMERO AVULSO. . . . . 2$000

Editor-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ANNO I — SETEMBRO 1904 — N. 9

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

Só receberemos assignaturas, d'ora em diante, para o 2º semestre do corrente anno.

Interior Rs. 11$000 Exterior Rs. 12$000

A importancia das assignaturas e toda a correspondencia commercial devem ser remettidas a J. Schmidt, caixa postal, n. 1085—Rio de Janeiro.

KÓSMOS encontra-se á venda nas seguintes livrarias:

Capital Federal—Laemmert & C.ª, Garnier, Alves & C.ª, A. Moura, Briguiet & C.ª, S. Gradim.
S. Paulo—Casa Garraux, Laemmert & C.ª, Chiaffarelli & C.ª
Santos—Magalhães & C.ª, Bazar Paris.
Mogy-Mirim—Casa Cardona.
Bello Horizonte—A. Joviano & C.ª
Ouro Preto—Antonio da Costa.
Uberaba—Leschaud & C.ª
S. João d'El Rey—Armando B. Cunha.
Juiz de Fóra—Feliciano da Silveira Bulcão
Bahia—Livraria Dous Mundos
Victoria (E. Santo)—Nelson Costa & C.ª
Fortaleza (Ceará)—Libro-Papelaria Bivar.
S. Luiz (Maranhão)—Luiz Magalhães & C.ª
Belém (Pará)—J. B. dos Santos.
Manáos (Amazonas)—Lino Aguiar & C.ª
Florianopolis (Santa Catharina)—Paschoal Simone.
Pelotas (R. G. do Sul)—Pintos & C.ª, — Francisco Meira, Echenique Irmãos & C.ª
Rio Grande » —Pintos & C.ª—Echenique Irmãos & C.ª
Porto Alegre » —Pintos & C.ª »
Parahyba (Parahyba)—Antonio Penna & C.ª
Coritiba (Paraná) — Annibal Rocha & C.ª

São nossos agentes: — Em Santos—Snr. Antenor da Rocha Leite. Em Mogy-Mirim — Snr. Francisco Cardona. Em S. José do Rio Pardo, Mocóca e Casa Branca—Snr. Dr. Francisco Escobar. Em Jahú—Snr. Major Alfredo Augusto Leitão. Rio Claro — Snr. João Pires de Oliveira Dias. S. Carlos de Pinhal — Snr. Carlos de Carvalho. Cataguazes — Snr. Julio Guimarães. Sul de Minas — Snr. Urbano Rabello. Petropolis — J. R. Escragnolle. Taubaté — Snr. Braz Curtu.

São nossos representantes: — Estado de S. Paulo—Snr. Antonio Ferreira Neves Junior. Estado do Paraná.—Snr. Dario Velloso. Estado de Pernambuco—Snr. Carlos Burle. Estado do Pará — Snr. Fernando de Figueiredo Motta. Estado do Maranhão — Snr. Antonio Gonçalves Moreira Nina. Estado do Amazonas — Coronel Domingos Andrade. Estado da Bahia — Snr. Vicente Ferreira Lins do Amaral.

Temos recebido constantes reclamações dos nossos assignantes de varios Estados, com especialidade dos de S. Paulo e Bahia, sobre a entrega dos exemplares desta Revista. Sendo o nosso serviço de expedição feito com todo o cuidado, só podemos attribuir essas faltas á Repartição dos Correios, correndo por sua conta todos os extravios que se têm dado; não é injusta a nossa supposição porque, mesmo exemplares registrados com destino á Bahia teriam ficado até hoje na Agencia daquella cidade si não tivessemos enviado ao destinatario os recibos do registro; e pacotes amarrados e encapados, chegaram áquelle destino violados, e com falta de exemplares. Aqui fica feita esta declaração para que os nossos assignantes não nos responsabilisem por culpas alheias.

CHRONICA



"Setembro enche este ceu de sol brilhante", já o disse um poeta contemporaneo. A primavera, que a ficção litteraria, por amor de legendas peregrinas, desterrara em Maio, reivindica este mez, sob os tropicos, os seus direitos naturaes e enche a cidade de sol, de alegria e de flores, accende por toda parte o enthusiasmo fecundo, a ardente delicia de viver, rebenta do brando descambar do indeciso inverno carioca "toda em laços e pampanos e festas"...

E de festas foi todo Setembro, ainda que não tivesse sido todo elle rigorosamente de sol; mas a alegria tomou o logar de que a luz primaveral, dias seguidos, desertara e ella sósinha foi radiação, calor, seiva, movimento, fecundidade. O Rio de Janeiro viveu uma vida intensa em Setembro: victorias, esperanças, consagrações...

De Agosto tiveramos entremeiadamente ledices, maguas e ironias, porisso que era da condição d'esses dias misturar azues luminosos e ceus melancolicos, riscados por vezes de um relampago zombeteiro. Foi uma successão de clarões e de sombras, de cousas alegres e de impressões dolorosas, atravessada, como um acerado sarcasmo, pela historia dos ratos da Saude Publica. A pulhice comica entremetteu-se no desfilar dos factos do mez, a modo de um garotito desrespeitoso e insinuante que interrompe, a fazer gaifonas, uma narrativa séria; e o episodio dos ratos, que vale ao mesmo tempo por uma pagina de costumes e por uma satyra politica, fundiu-se na vida de Agosto, acompanhou-lhe, relampagueando, o desenrolar dos dias, dominou com o seu traço de zombaria chispante factos e commentarios, ideaes e desenganos, as expansões de fé e as sorpresas pungentes...

Do mez derradeiro é o traço que permanece; é talvez o que se avivará de futuro, caracteristicamente original, quando um rebuscador paciente, revolvendo praticas e analysando costumes, estudar a feição do Rio de Janeiro neste começo de seculo.

Quando, daqui a cincoenta annos, remodelada por completo a velha S. Sebastião, rasgada em todos os sentidos de amplas avenidas cheias de predios claros e sadios, tiver desapparecido o ultimo rato nos escombros da ultima ruinaria abatida e o fumigador da Hygiene avultar no passado como o bengalão lendario do Vidigal no inicio do seculo findo, esse Vieira Fazenda do porvir deliciará as gentes do seu tempo contando-lhes que em 1904 o damninho roedor foi um objecto de lucrativo commercio na capital da Republica e como se organisaram syndicatos para a compra e a venda do desprezivel animalculo e como o Estado, em nome da salvação publica, se fez o entreposto monopolista dos murideos, estabelecendo uma pauta official para elles, taxando-os pela dimensão e pelo peso, valorisando-os respectivamente pelas tabellas da paga maxima e do preço reduzido.

Aos olhos curiosos de então, o sapiente antiquario fará desfilar o espectaculo dos ratoeiros, de buzina á bocca e a lata collectora ao lado, percorrendo as ruas cheias de bulicio e de reconstrucções, por entre os *vestons* caros e as

saias donairosamente arregaçadas da sociedade elegante, a annunciar pelas portas das casas, com um toque particular e suggestivo, a presença do intermediario em grosso á industria envergonhada e intima dos caçadores a varejo; descreverá a complicada machina administrativa gerada pelo rato, e as legiões muricidas, cuja soldada valia pelo numero conquistado de cabeças a premio—agora de simples roedores, felizmente, e o aspecto das fornalhas ardentes e dos funccionarios severos, recebendo os corpos dos transmissores de peste como eram recebidos d'antanho os dos transmissores de heresia, anathematisados e perseguidos uns e outros como factores de perdição social; e mostrará como o rato, excluido da lista do «bicho»—o traço dominante da civilisação indigena neste tempo—desforrou-se empolgando homens e cousas, collando-se á vida da Capital nos mais despercebidos detalhes, dominando, sem o parecer, actos e opiniões, governos e proletarios, intervindo no orçamento publico e na economia privada e, por entre o tumulto das actividades da epocha, dando discretamente de sua carne escassa—sem os horrores tragicos de Paris—o que comer a muita gente.

E para mais accentuar a influencia, nos costumes do momento, do infimo animalejo—cuja existencia será talvez para o Rio do futuro uma vaga tradição—o insistente investigador dirá a importancia que as justiças do Estado ligavam aos crimes referentes ao celebrado roedor e a severidade com que os puniam; e contará a attentos leitores que em Agosto de 1904, no Rio de Janeiro—neste Rio onde o clamor foi sempre a lentidão dos que prendem e a bondade dos que julgam, e no qual o *habeas-corpus* se afeiçoara a uma *bonbonière* automatica e o jury se fez instituição de caridade—a policia moveu-se celere um dia, a justiça afiou o melhor dos seus gladios e um cidadão, que vendia ratos como toda gente, foi preso, processado e fulminado em tres dias por ter—na intenção, provavelmente, de estender a outras terras os beneficios da desratisação—vendido como legitimos cariocas roedores fluminenses, uns, e outros que aqui chegavam a bordo dos *steamers* tal qual como os *pick-pockets* e os rufiões que Buenos Aires exporta para cá... Os ratos, porem, não desembarcavam livremente; iam outros buscal-os.

Dirá ainda mais cousas, de certo, o pesquizador de 1954; e essas farão o interesse de uma geração de rebuscadores, curiosos de estudar a psychose social de uma epocha em que o rato obsedou a cidade e foi para muita gente—homens de imprensa, de industria, de sciencia e de governo,—um assumpto, um ganha-pão, uma prophylaxia e uma politica...

De Agosto foi esta a nota mais sensivel, o sulco incisivo. O engraçado episodio do syndicato rateiro e o tragicomico desfecho, avivando o traço novo que o trafico dos roedores imprimiu á feição carioca, marcaram indelevelmente o mez: o resto perdeu-se na vulgaridade dos factos.

A festa da Gloria, a romaria tradicional ao outeiro pittoresco que era a reliquia amoravel dos antepassados, essa mesma passou esbatida, sem relevo e sem vibração, como passam as tradições todas, absorvidas, apagadas, esquecidas pela nossa indifferente lassidão e o nosso ingrato desapego; passou como passam as festas que não têm por si sinão a fé simples e a expansão pura, como passam os cultos que não trazem atraz da Cruz o guião de guerra do partidarismo compungido... Hoje que a acção militante da Egreja se activa e que a propaganda religiosa no Brasil se embebeu de praticas e disciplinas forasteiras, a festa da Gloria não tem

mais o fausto e o favor de outras eras. Para a collina onde branqueja a ermida venerada de nossos avós não se dirigem as peregrinagens soberbas, faiscantes de dignidades e de luzes, rumorosa do clamor de mil boccas, colleando pelas ruas, como na *Lourdes*, o corpo formidavel... A Gloria teve o seu tempo, o tempo em que a crença não carecia de congregações nem o culto se inçara de invocações alheias á indole da lingua e ás tradições da raça; e agora, no recolhimento do seu altar illuminado e florido, onde uma mancheia ainda de crentes simples vae levar as preces e as promessas, a imagem da Virgem, ella propria, como que volta olhos para o passado, uns olhos absortos e scismadores onde vaga uma funda e dorida nostalgia...

Fóra disto, só tivemos uma impressão forte em Agosto, forte e subita, mas pungente: a morte de Martins Junior. O golpe foi rude, e tão doloroso que reavivar aqui a fina silhuêta do querido morto seria espalhar a tristeza por esta pagina desejosa de celebrar a primavera e a vida...

Agosto, como se vê, tirante a serie trivial das cousas em que a alegria é condição da vida e da saude, quando não foi ironia, foi pallidez e dor: descambar de inverno em que não ha tanto frio que impeça laivos de azul, nem calor bastante para que não deixe pairar a melancolia...

Setembro trouxe outra feição: varreu maguas, ridiculos e indecisões. Todo elle foi primavera, mesmo quando o ceu se obstinou na humidade e na sombra, contrapondo a este a irradiação das almas cheias de sol e florescendo formosamente em victorias, em garridices, em iniciativas felizes. Da *kermesse* da N. S. Auxiliadora á batalha de flores, a cidade, sob o influxo perturbador deste espontar primaveril, desabrochou, faceira, «toda em laços e pampanos e festas...»

Foi o mez da graça e da arte. A Exposição da Escola abriu a estação elegante, com a affirmação de consagrados talentos e apresentação de outros novos que espontam viçosamente; e logo se lhe seguiu a encantadora reunião do Parque Fluminense onde um grupo de senhoras exercitou mais uma vez a doutrina, que vêm de longe ensinando, de que a bondade é irmã da gentileza, que a caridade tem na pratica, como nos seus symbolos, uma forma esthetica e que alegria pode estar junta ao soffrimento, quando ella vale por uma restea de sol que aquece miserias e sanêa perdições.

A *garden-party* da Maternidade obedeceu ao mesmo principio e consagrou uma homenagem delicadissima. Si, como creem os espiritualistas, os mortos veem do alto o formigar humano que ficou sobre a crosta do planeta, irrequieto e fremente, á espera que lhe chegue a hora da partida, a grande alma de Ferreira de Araujo devia expandir-se, satisfeita, com a festa a que ligaram o seu nome. Elle era um artista intelligente e seu espirito devia comprazer-se á visão dessa festa de arte, intelligentemente feita; mais do que isso, porem, exalça a lembrança dos que continuaram no posto que elle commandou victorioso o movel a que ella obedeceu, o pensamento generoso que lhe deu razão de ser—essa maternidade de que a organização social faz, por vezes, uma macula e que é sempre um divino soffrimento, maternidade que une—ella só—a pequenez humana á magnitude celeste, igualando na mesma dor e na mesma grandeza a proletaria desamparada em cujo pró pedia-se um soccorro e a Virgem Excelsa cujo explendor naquelle mesmo dia se glorificava. Si a alma do grande jornalista carecesse de oblações, esta seria a sua verdadeira missa...

Setembro passou todo em festas...

Destas, porem, a mais significativa, foi a solemnidade que em vão se

tentou amesquinhar pela zombaria e má vontade — a inauguração do eixo da grande avenida que a vontade forte de um ministro e a actividade excepcional de um engenheiro rasgaram atravez do preconceito e do casario arruinados que enchiam, em grande parte, a capital da Republica.

Houve um jornalista que lembrou, em uma facecia leve, que se denominasse de futuro Avenida Sete de Setembro, a Avenida Central, em memoria do dia em que fora inaugurada a sua directriz, e que á rua que tem agora aquelle nome se desse o de «rua do Eixo». Não sei bem si traçando essa zombaria o escriptor quiz accentuar sob o disfarce de uma forma ironica um pensamento sincero; e não affirmarei que em verdade não merecesse a consagração de uma placa esse rasgão que representa, mais do que uma proeza da engenharia, uma victoria contra a rotina, isto em uma cidade em que as ruas se condecoram abundantemente com os appellidos immorredouros de commendadores inoffensivos e cabos de eleições. Mas o que se pode affirmar é que nenhum nome realmente se impõe de futuro á Avenida Central como o de «Sete de Setembro».

Não ha nisto a simples coincidencia da inauguração, marcada, de certo, pelo desejo de commemorar com um facto brilhante a data maxima do nossa nacionalidade. Ha a psychologia do commettimento ligada estreitamente á razão de ser social da data festejada.

A insubordinação imperial de 1822 não nos trouxe, com a scisão das duas monarchias, a independencia completa. Continuámos presos á mesma influencia e, o que é mais, aos mesmos usos e aos mesmos preconceitos. O espirito colonial permaneceu na resistencia ás novidades uteis, ás iniciativas fortes, ao progresso effectivo; fomos, durante dezenas de annos, mais do que entravados, reaccionarios. Olavo Bilac personificou admiravelmente no homem da casa de banhos, demolida na Avenida Passos, esse espirito de estupidez e de odio.

E' destes ultimos tempos que data realmente a nossa alforria social; são esses melhoramentos ousados, essa remodelação moral e material que affirmam agora, de facto, a nossa personalidade de povo intelligente e capaz.

A Avenida é o traço mais vivo, mais vigoroso dessa phase nova. Ella rompeu definitivamente o laço que nos prendia á rotina, aos prejuizos aos habitos, aos moldes estheticos de 1822. O grito do Ypiranga só agora teve a sua affirmação pratica; o 7 de Setembro não deve ter outra consagração que não a avenida: esse deve ser o seu nome.

Nesta obra de alforria abençoada releva-se a vontade forte do illustre prefeito que fechou a estação de Setembro com a batalha das flores. E' inutil repisar louvores a essa festa que vale por uma pagina de educação popular e um acto intelligente de hygiene publica. Si, conforme a doutrina comteana, toda saude deriva do cerebro, e os grandes flagellos morbidos nada mais são que o soffrimento desse orgão desequilibrado por effeitos moraes, deve ser uma medicina poderosa que dá aos olhos um bello espectaculo e ao cerebro uma sadia expansão.

E' de resto o saneamento pelo ar, pela arvore, pela belleza, que restituirá ao Rio aquella fama antiga de fonte de saude que o cortiço e a casmurrice fizeram perder. E' esta a melhor das prophylaxias; e graças aos dois grandes hygienistas que se chamam Lauro Müller e Pereira Passos, a velha S. Sebastião será em annos proximos a mais deliciosa das capitaes, quando o ultimo rato fugir de sob a ultima ruinaria derrubada e o derradeiro mosquito desapparecer sob a derradeira braçada de flores...

GIL.



ESQUIVA

FEITO ESPECIALMENTE PARA KOSMOS

PULCHERRIMA RERUM

O temps futurs! Vision sublime!
V. Hugo «Châtiments»

I

ESBORÔA-SE a casaria velha da cidade; o martello, a trolha, a alavanca, bloco a bloco, pedra a pedra, atiram ao solo humido e lamacento cumieiras, cimalhas, cornijas, paredes, e dos alicerces centenarios, como de alveolos carcomidos, arrancam-se as grandes lages ennegrecidas e gastas pela acção do tempo. Escancara-se ás vistas profanas o interior dos lares desertos, e, envolta na poeira que sobrepaira aos escombros e que o vento dispersa, parece evolar-se para o céo a alma das cousas passadas, de que se extinguem os ultimos vestigios. Erguem-se, como si fossem caveiras, as fachadas nuas, derrocados os corpos de edificios a que pertenciam, e através das janellas sem portas—orbitas sem olhos—descortina-se o amontoamento informe de caibros, tijollos, barro e pedras toscas, arcabouço desfeito, esqueleto desarticulado da velha *Urbs*, que o alvião revolve, e sobre que passa, indifferente e apressada, a turba de operarios arquejando suarentos.

De dia para dia, quasi que de hora em hora, o aspecto dos trechos demolidos se modifica profundamente; e a cada transformação que se opera, corresponde uma impressão nova; o que era, ha pouco, um casarão grosseiro e acaçapado, assume de improviso a apparencia de um castello a meio desmoronado, com suas setteiras empoeiradas, torreões a se desfazerem, e, ante os portões arrancados, simulacros de pontes levadiças, arranjadas ao capricho do acaso com traves, barrotes e taboas atiradas a esmo. O artista invisivel e mysterioso que preside á construcção ephemera das ruinas, faz de um sótão um minarete, de um telhado ponteagudo o lanternim de um monumento funerario, e, no desregramento da sua imaginação delirante de phantasma, escava aqui uma crypta sombria, ergue acolá frontarias de igrejas, baluartes, arcadas, cupolas, porticos, mausoléos, tudo isso aereo, oscillante, sem base, ameaçando subverter-se ao mais fraco impulso. Por tráz de um quarteirão arrasado, surge imprevista uma encosta de collina, um socavão barrento, sobre o qual pende velho casebre, encarquilhado e trôpego, meio occulto por uma touceira de arbustos enfesados, como que vexado de ver assim expostas subitamente, á plena luz do dia, a sua miseria e a sua nudez.

Nas horas de calor intenso, quando é mais viva a irradiação do sol a pino, e das arestas dos pilares, soleiras e portaes de granito jorram fagulhas; o madeiramento desconjunctado estala; as altas paredes desabam com estrondo levantando nuvens de poeira dourada, sobre que a reverberação das claraboias arremessa feixes de luz vibrante e offuscadora; ao clamor dos operarios em chusma, ora fugindo a um desastre imminente, ora acudindo a companheiros feridos; quando é maior a vozeria, mais tumultuoso o movimento de vagões, carroças, caminhões, vagonetes, acarretando os materiaes desmantellados, rodando sobre o chão desigual e atravancado de destroços, com um ruido bellico e atordoador de carretas de guerra, a impressão que se experimenta é a de que a cidade está sendo assolada por alguma hoste invasora, que obuzes e granadas procedem a uma obra de devastação systematica, e oblitera-se por momentos a noção de que do meio dessas ruinas surgirá em breve uma creação nova, alguma cousa que á nossa imaginação se apresenta grandiosa e bella, primeiro painel da futura cidade, destinado a sacudir a modorra dos espiritos, e a despertar nas almas entorpecidas a alegria de viver.

Mas, a effervescencia fatigante das horas rudes de trabalho vai se acalmando; á agitação, ao atropello, aos ruidos varios e rumores desencontrados do dia, succedem a quietação e o silencio da noite; á luz violenta do sol abrazador, o clarão sereno e apaziguador do plenilunio.

A quem percorre então a area das demolições, o horizonte visual limitando-se pelo effeito da tenue claridade, aos trechos derrocados, afigura-se que a destruição se estendeu a toda a cidade, e, ás horas mortas da madrugada, quando nas ruas de mais movimento as ultimas lojas se fecharam ha muito, os ultimos transeuntes retardatarios desappareceram, os ultimos echos de vida se extinguiram, e o silencio é completo, pareceria haver sido transportado ao meio de uma vasta necropole, que convulsões do solo e doidos cyclones arrazaram. Os lanços, ainda de pé, das paredes brancas, os altos feixes de ripas e caibros, os andaimes vacillantes, o entablamento desmantellado das casas a meio desfeitas, as columnas de granito e as enormes lages que juncam o solo, semelham lividas mortalhas, floresta devastada de arvores funerarias bracejando phantasticamente, desfolhadas e resequidas, monumentos destruidos e dispersos por sobre os quaes susurram lugubremente as viração nocturnas, e o luar estende o seu velario de prata!

Quando a noite é sombria, a treva espessa, e no firmamento desolado nem as estrellas brilham, o aspecto das ruinas confrange o coração e aterra o espirito; receia-se involuntariamente que toda aquella destruição seja uma cousa difinitiva e irremediavel, que se tenha diante dos olhos uma cidade morta, cujo cadaver colossal está sendo velado por grupos esparsos de vultos—homens, talvez, talvez espectros, ou executores, surgidos de além-tumulo, de algum castigo providencial—que, em torno de fogaréos accesos de espaço a espaço, como si fossem cyrios ardendo em volta de uma eça gigantesca, movem-se mysteriosamente em circulos de luz viva, a que o clarão dos brazeiros dá uns tons rubros de sangue.

Pelas brechas das muralhas, pelos largos intervallos onde houve janellas e portas, por sobre o travejamento desordenado dos materiaes de construcção accumulando-se irregularmente aqui e acolá, por trás das pilastras e grandes arcos de cantaria, ao longo das paredes fendidas e ameaçando ruir, pelo cimo das cumieiras destelhadas, sombras errantes perpassão, deslisão-se, esgueiram-se, parecendo regular os seus movimentos phantasticos pelas oscillações caprichosas das chammas que o vento incessantemente agita. Dir-se-ia que as almas das gerações

AVENIDA CENTRAL



ENTRE GENERAL CAMARA E SANTA LUZIA

Inauguração em 7 de Setembro de 1904



ENTRE GENERAL CAMARA E PRAINHA

mortas, sob a apparencia de espectros que desertam as sepulturas, acodem a contemplar a devastação que vai pelos seus antigos lares, a assistir á destruição, ao anniquilamento completo dos ultimos restos do que ainda lhes podia lembrar a sua passagem pela terra, a resentir, si é que espectros sentem, a ultima impressão, a recordação final do que por ahi amaram, odiaram, soffrêram e gozaram.

Quebrando o silencio da noite, ouve-se de subito abater com estrepito alguma alta parede desaprumada, ou ruir com fragor algum grande marachão de pedras que rolam pela aba de um outeiro; ao mesmo tempo, á luz afastada das fogueiras, vê-se passarem ao longe vultos de desmarcada estatura, sombras de heroes empunhando sombras de lanças, talvêz as de Estacio, Mem e Salvador Correia, que houvessem resurgido dos tumulos para virem collaborar na obra do engrandecimento e aformoseamento da cidade que fundaram, cujo futuro mal podiam entrever, e cujos intimos fundamentos se abeberaram do sangue generoso da forte raça que lhe deu o ser.

Mas, um resplendor de luz vivissima espanca bruscamente as trevas densas, um ruido vibrante e alacre de tympanos afugenta os phantasmas sombrios, é o comboio electrico que passa, carreando para o mar os escombros e projectando sobre o cháos das ruinas a irradiação violenta dos seus grandes focos luminosos, numa fulguração de vida e renascimento.

Por uma coincidencia notavel, que offerece um contraste eloquente, e é, ao mesmo tempo, uma intimação imperiosa para o proseguimento da obra patriotica que sa está emprehendendo, a extremidade inicial da ampla estrada que ahi vae sendo aberta na direcção do sol nascente, como si a alma contricta da Cidade, emergindo da sombra e do marasmo, do languor da inercia e da acção deprimente do vicio, procurasse o estimulo e a redempção na luz de uma nova aurora, fixa-se no centro desse tenebroso bairro do Vallongo, tão cheio de recordações sinistras, em cujas viellas cenosas e bêcos tortuosos parece ainda ouvir-se o echo amortecido dos gemidos e soluços de uma raça torturada.

Agachado a um canto, ahi está o Aljube, môcho pousado na base do outeiro, olhos piscos para a nova luz que o envolve, symbolisando só por si toda uma epoca de oppressão e obscurantismo, e subsistindo apenas para fazer sentir que só agora, talvez, nos é dado encerrar o periodo colonial da nossa historia. Em torno das suas paredes limosas e humidas e por todo aquelle vetusto largo da Prainha vagueia á noite o espectro deformado de Ratcliff, curvando-se sobre os montes de barro e caliça, revolvendo as pedras e as taboas, como á procura da cabeça que as vagas do mar tragaram.

O Vallongo e o Aljube! O escravo e o grilhão! Nomes que fazem a treva no espirito e esmagam a consciencia com a evocação do quadro hediondo em que a Lei, estylete do crime, se representa rasgando as veias de todo um povo innocente e martyrisado, para que uma outra raça, na ferocidade do seu egoismo, como uma legião de vampiros, se nutrisse de sangue humano! Phase luctuosa da vida nacional, em boa hora para sempre extincta, em que nas praias e sertões dessa mysteriosa e predestinada terra africana, através do Oceano a rugir de colera, por sobre as esteiras de lagrimas que com as quilhas malditas traçavam os brigues negreiros, corvos sinistros do mar, se desenvolveu a espantosa tragedia do trafico e da escravidão.

II

A faina das demolições e reconstrucções estende-se a varios pontos da Cidade; no empenho patriotico com que se está procurando engrandecê-la e orna-la, ha alguma cousa que deve commover profundamente, não tanto pelo que se vê, como pelo que não é inverosinil prever. Dezenas, muitas dezenas de annos serão precisas, para que a obra que agora começa chegue a termo; o que se está fazendo é um primeiro impulso, um exemplo energicamente persuasivo que terá fatalmente de ser acceito e seguido, tão evidentes são as suas vantagens immediatamente apreciaveis. As ruas amplas e extensas, as largas praças ajardinadas, os altos e formosos edificios, as multiplas diversões de simples prazer ou de gozo intellectual que acompanham necessariamente essas transformações do meio em que vive a população, hão-de modificar os seus habitos, influir sobre o seu caracter, activar a sua iniciativa, despertar-lhe o gosto do bello, o culto do ideal, o amor que se traduz por actos, não o amor platonico e rhetorico, da terra natal. Esse é o primeiro e mais util resultado do emprehendimento que homens energicos e de ampla visão das cousas, tomaram a peito.

Outros virão após elles proseguir na obra encetada; outros ainda a desenvolverão mais tarde; e ás gerações que se succederem, caberá a tarefa de transmittir umas ás outras, cada vez mais bello, mais alto e grandioso, o monumento de que actualmente mal se póde imaginar a imponencia e magestade futuras.

Não é de crer que grande influencia exerça nos seus gloriosos destinos, a edificação da nova capital no planalto interior, si chegar a ter realidade o que manda a constituição. Ella nasceu no seculo do descobrimento; viu o seu berço glorificado pelo esforço de heroes que o fizeram fluctuar no sangue de inimigos que a queriam victimar no alvorecer da vida; cresceu com o organismo colossal de que é a cabeça; dos mesmos males soffreu; da mesma robustez participa; terá, assim, sempre a seu favor a superioridade da longa existencia, das tradições tão intimamente vinculadas a toda a historia nacional, das raizes profundas com que se consolidou no coração do povo pelas suas glorias e infortunios, os grandes nomes que nella fulgiram, os exemplos de civismo que deu a todo o paiz.

A Providencia mesmo a está indicando para ser a synthese, o symbolo de uma grande nacionalidade; não foi em vão, certamente, que deu ao magestoso golpho em que ella se contempla, o exacto contorno de todo o Brasil; essa bahia sem igual — a cousa mais bella que os oceanos formaram — ficou sendo, assim, por consagração divina, a sua pia baptismal.

Para este solo brasileiro tão prodigiosamente fecundo, onde em cada grão de terra pullulam mil germens de vida, afugentados do velho continente, extenuado e exanime, pela oppressão da miseria e pelas condições sociaes de dia para dia mais penosas e esmagadoras, accorreram pressurosas as populações extranhas, na ancia de garantirem o bem-estar que lhes falta, gratas á terra hospitaleira, Chanaan dos desherdados, que retribue todo o esforço com a prodigalidade transbordante de mãe carinhosa cujos thezouros nunca se esgotam.

Por toda esta vasta extensão de terras incultas em que, ainda hoje, imperam o selvagem e as feras, milhões de homens, com os braços vigorosos fazendo vibrar a foice e o machado, ou guiando a charrúa, entoarão no

seio das florestas virgens ou pelas planicies sem fim do grande sertão interior, os hymnos do trabalho; pelas margens e estuarios dos grandes rios surgirão cidades, que virão a ser grandes emporios, centros de civilisação e alta cultura.

Dos contrafortes dos Andes ao Atlantico, do *El-Dorado* amazonico ás savanas do sul, uma população de centenas de mllhões de almas, movendo-se folgadamente neste immenso territorio fadado a ser o refugio, a salvação talvez, da velha Europa depauperada, desentranhando do sub-solo os thezouros das minas occultas, ou cavando os sulcos profundos em que a terra ubere desabroche em flores e fructos e searas sem fim, fará desta região abençoada o emporio das riquezas e o celleiro do mundo.

Uma raça unica, a forte, raça do futuro, feita da fusão lenta e progressiva do sangue seleccionado das raças actuaes, os musculos robustecidos pela seiva potente destas virgens terras da America, o cerebro avigorado e o coração engrandecido por esta natureza edenica, fonte perenne de energia, inspiração e poesia, ainda não sentidas pela anemia das almas, dará ao mundo o espectaculo soberbo de uma civilisação propria, de uma cultura original, em que dos antecedentes da civilisação occidental, uns serão eliminados; outros entrarão modificados, corrigidos ou interpretados á luz de um ideial da Verdade, que os olhos fatigados, os espiritos enfraquecidos, as almas doentes da geração actual são incapazes de perceber. Olhos fatigados pelo estreito horizonte que insistentemente perscrutam, espiritos enfraquecidos pela duvida que tortura e ensandece, ou pela negação que entenebrece e mata, almas abatidas e gastas que a descrença e o desanimo vão lentamente fanando; porque os dogmas da sua fé são as affirmações da sciencia humana, e a sciencia é contradictoria e incompleta; ella descreve a apparencia dos phenomenos, a grande realidade lhe escapa; as cousas têm um sentido occulto e maravilhoso que a razão do homem, entregue a si mesma, não pode desvendar; a natureza é sobrenatural.

Para ter a visão radiante do Absoluto, penetrar na mente divina, palpitar de commoção sobrehumana na contemplação deslumbrante da gloria de Deus, que é o esplendor da Verdade, é preciso dispôr, não da mesquinha e pretenciosa sciencia dos sabios, mas da inexcedivel elevação moral, da incomparavel virtude dos santos. Assim se explicam os raptos, os extasis em que as suas almas sublimes se enlevam, as acções miraculosas que lhes são attribuidas, e que não são outra cousa sinão o exercicio, a applicação dessa Sciencia Perfeita com que, por meio delles, Deus se tem revelado ao homem.

Um vasto cyclo da vida da humanidade está a encerrar-se; o grande seculo em que entramos, seculo de reacções violentas que o quebrantamento da fé, o declinio do sentimento religioso, o obscurecimento da ideia de Deus nas almas, fazem necessarias, inicia a era final.

A anciedade que faz offegarem todos os corações, é disso um symptoma evidente; sente-se a urgencia de uma solução definitiva, de um clarão da Verdade, que illumine os espiritos, e ponha termo a esse estado de duvida que os tortura. A sciencia se revelou para isso impotente; ao preceito divino do amor do proximo ella substituiu o dogma infernal do *struggle for life*; e os resultados, os tristes resultados desse criterio immoral e dissolvente, ahi estão se fazendo sentir na decomposição do organismo social.

Mas as nuvens se agglomeram; a primitiva tormenta purificadora já desabou.

Nesse céo do Oriente donde pela primeira vez se irradiou sobre o mundo a luz da verdadeira civilisação, vibram os raios, o trovão ribomba; sobre essa terra da Asia, que das alturas do Pamir e do Himalaya viu correrem para o Occidente as primeiras torrentes d'aguas fecundantes, um sacrificio de expiação se celebra, o sangue espadana, hecatombes humanas succumbem. Duas raças se empolgam num duello fascinante de morte, suppondo obedecer ao proprio impulso, movidos por uma intenção de dominio, de supremacia, mas desempenhando, na realidade, uma tarefa grandiosa de regeneração e reconstrucção social.

Em torno dos gigantes que luctam, a Aguia moscovita, agitando fremente aos primeiros golpes as suas azas colossaes — a immensa planicie européa de um lado, do outro a immensa planicie asiatica, presas ás vertebras titanicas dos Uraes — e o Leviathan japonez, arremessando ás nuvens as ondas revoltas dos mares orientaes, e varrendo com a cauda formidavel penhascos e montanhas, a Europa estupefacta treme de anciedade. E' que ella sente, vaga e indefinidamente talvez, que são os seus proprios destinos que alli se resolvem. Por todos os lados transborda sobre o continente asiatico a civilisação do Occidente. Russia, Inglaterra, França, Allemanha, Estados-Unidos, o envolvem e penetram; e quando naquelle solo profundamente revolvido pela charrua a que a Providencia jungiu os dois leões que ora se dilaceram entre rugidos, proliferar a nova semente, o Occidente que ahi a plantou verá com assombro surgir uma outra arvore da Vida, a cuja sombra se abrigará confiante e de cujos fructos virá a regeneração.

. . . . . .

Na era nova que desponta, oh abençoada terra brasileira, que destinos serão os teus sinão os que te annunciam os bellos fastos da tua historia, a indole carinhosa, o espirito alado de teus filhos? Tiveste sempre o culto do Direito, da Verdade, da Justiça; para mantê-lo derramaste, não uma, mas muitas vezes, o teu sangue no proprio solo e na terra estrangeira.

A tua espada se desembainhou, limpida de espontaneidade e desinteresse, para abater a tyrannia e salvar a honra de povos irmãos que te foram ingratos, porque te invejavam; esqueceste a ingratidão, perdoaste a calumnia, soubeste ser sempre generosa e magnanima. Nunca o forte insolente e brutal te amedrontou ou fez tremer; foste sempre altiva e digna.

Coroaste de flores o escravo redimido, e, sentando-o á meza entre os teus outros filhos, déste-lhe a consagração da tua benção; não procedêram assim as outras nações, as soberbas nações do mundo, que só quizeram ver o stigma do opprobrio nos vergões do açoute com que ellas mesmas o victimaram.

O magestoso edificio da tua nacionalidade, que, calma e silenciosamente vais erguendo sobre essa immensa superficie da terra com que a Providencia te aquinhoou, não terá nos seus alicerces, para enfraquecê-los, a carne e o sangue dos outros povos; contrahiste essa obrigação para comtigo mesma, quando aboliste o direito de conquista, e a incluiste entre os canones da tua Lei; por isso elle será eterno.

E Tu, Cidade bem amada, corôa desse monumento, como te vejo surgir radiante e bella dentre as nevoas douradas de um horizonte longinquo, no meio de projecções de luz cambiante, num clarão resplandecente de aureola! Ante os meus olhos deslumbrados passam como

numa visão de Isaias, pyramides do Egypto, templos de Thebas, palacios de Persepolis, Parthenons, Colyseus, a mole portentosa dessa lendaria Babel—o templo das sete espheras do mundo—e, sob a cupola desse firmamento em que, a constellação symbolica do Cruzeiro preside aos teus destinos e traça o teu horoscopo, o gigante que, desde seculos immemoriaes, repousa sobre os cabeços das tuas montanhas, ergue-se magestoso e forte, e te aponta á contemplação extatica do Universo!

Tu serás a desejada das gentes, a invejada das nações, a mais bella das cousas creadas; e derramarás sobre as gerações por vir aquellas ondas de luz com que ainda hoje fulguram em nosso espirito Troia, Memphis, Ninive, Babylonia, maravilhas da antiga Idade, a cidade Santa de Jerusalém, e Tu, Roma immortal, que, depois de haveres avassallado o mundo no arremesso oceanico das tuas legiões, espargindo sobre as terras barbaras as sementes da civilisação, arvoras, ha mais de dezenove seculos, sobre as margens sagradas do Tibre, o labaro rutilante da Fé a fronte augusta envolta no nimbo glorioso que sobre Ti dardejam os sete candelabros apocalypticos flammejando para o Céo, no alto das tuas sete collinas, como um altar erguido pela Humanidade ao Verbo Divino!

Agosto—1904.

J. C. de Mariz Carvalho.

O SALÃO DE 1904

É difficil fazer-se uma classificação dos trabalhos do actual Salão, e a não ser por uma demasiada boa vontade ou um snobismo perdoavel, por inoffensivo, talvez escorrido em moldes galantes de um viver menos rude que o costumario, poder-se-ia dividir os expositores em grupos d'escolas e determinar-lhes, com visos de acerto, as tendencias esthéticas.

Mas, se as notas, por ventura justas, de um rabiscador de chronicas, habitualmente desageitadas e pretenciosas, obtiverem attenção de alguem e da sua emissão se derivar conceito, direi que, nesta exposição como nos anteriores Salões, só encontro pintores de figuras e paizagistas, porque na maneira de interpretar os assumptos e de os fixar a egualdade é quasi completa, com desconto das habilidades.

D'ahi, pois, um limitado modo de vêr, que se restringe ao merito individual de cada expositor, e que se irá desdobrando na ordem estabelecida pelo registro das impressões.

Começarei pelo professor Amoêdo. O escriptor illustre das «Notas de Arte» do *Jornal do Commercio*, o sr. Carlos dos Santos, já notou que esse artista, de um tempo a esta parte, preoccupa-se mais com o processo material de pintar que com os themas de pintura. E' uma observação exacta, mas, por se lhe conhecer este fôro, não se lhe deve carregar na censura, porquanto o rebuscamento do grande artista, que é dos que mais honram a nossa pobre Arte, tem um alcance de alta valia deante da rapida perecibilidade ou transformação dos materiaes modernos. O nosso pinacotheco conserva quadros que, contando poucos annos de existencia, mudaram de côr, entre esses alguns do professor Amoêdo, os quaes, se não perderam todo o seu brilhante colorido, soffreram consideraveis modificações nos tons.

Com esse notado rebuscar terá o illustre mestre acertado? Não sabemos, nem elle proprio o affirmará. Verdade é que a pintura a ovo, que ora nos apresenta, essa captivante, essa bellissima *Captiva* que nos surprende e nos immobilisa em contemplação, parece assegurar um vantajoso substitutivo do oleo. A volupia da epiderme, a nuança quasi imperceptivel dos tons da sombra para a luz,a delicadeza da coloração quente d'esse corpo moço de mestiça, que ali temos, desnudado da cabeça á cinta, e que a posição frouxa do descanço assentado mais difficulta a verdade do modelado, o artista venceu admiravelmente por um processo que illude, que reproduz de modo incomparavel.

A maciez dos seios turgidos, tão fina, tão nitida que desafia o tacto, a anatomia dos hombros, o flacido peso do ventre e a perfeição da cabeça em que reluzem toques claros de sol, sendo marcas dos pinceis do mestre, parecem ganhar por essa tinta uma vida mais intensa, a que o brilho dos vermelhos do fundo e do panno do regaço realçam com o vigor dos celebres vermelhos flamengos.

Tal processo, feito por quem tanto sabe, é incontestavelmente magnifico, mas, quanto á sua durabilidade, só o tempo a poderá provar. O que é exacto é que a procura do processo nos offereceu a opportunidade de admirar uma obra inestimavel, cuja diminuta dimensão mais delicada, mais deliciosa, mais bella torna a figura pela perfeição do acabamento, desde os valores, o desenho anatomico da forma, a verdade da côr, até a expressão da cabeça, onde ha um quer que seja de indifferença e orgulho, de passividade e ousadia.

Mas, não se limitou o professor Amoêdo á pintura a ovo, rebuscou a restauração da *encaustica*, por seus dous processos—a pincel e a ferro. E d'esses dous modos expõe a *Oração*, que é do primeiro e uma cabeça-retrato, do segundo.

A *Oração*, que reproduzimos com estas linhas, é um busto de rapariga elegante em contraste com a claridade d'uma vidraça a que se encosta.

Não tem a posição commum das rogadoras, é uma original postura que se coaduna com o titulo pela expressão do rosto.

Opposto á claridade da janella, todo o seu busto está n'uma penumbra em que se estabelece a finura dos

tons macios, em verde brando, de suas vestes á moda. A cabeça, que se lhe inclina á esquerda, sobre as mãos enclavinhadas ao de leve, lindas mãos aristocratas que algo recordam a *Marcha Religiosa* de Edmundo Hanracourt—a cabeça, tem uma dulcissima expressão de prece, de religião elegante e alliviadora, em que o balbucio da *Ave, Rainha!* se exhala d'uma bocca perfumada a Tsen-Tsen... E de luz, como uma caricia ou um soccorro que lhe chega, apenas um beijo sobre o contorno oval da face, sobre a pálpita narina esquerda e no semicirculo da trunfa dos cabellos, contornando-a, como um halo, em revés

Esse processo, porém, se nos apresenta muito *secco*. Não possue o aveludamento do pastel nem a tonalidade pastosa da pintura a ovo. Os vermelhos, sobre tudo, ganham com elle uma resistencia aspera de argila resequida, como se nota na cabeça-retrato. Na *Oração*, seja pelo recurso do meio tom e pela ausencia de vermelhos francos, seja pelo recurso dos pinceis, essa dureza não se accusa tão insistente.

O oleo, e tembem o ovo, dão resultados mais seguros, reproduzem melhor a realidade. De mais, o oleo é um processo que attingiu a maxima vulgarisação, é o material commum, que se maneja desde as primeiras pinceladas.

E é por isso que os cinco retratos apresentados pelo professor H. Bernardelli não fazem o amador vacillar, impressionam-o logo ao relance dos olhos. O do pianista Arthur Napoleão e o do pintor Modesto Broccos, apezar de me não ser possivel garantir a exacta semelhança com os originaes, teem todas as qualidades das obras completas. O primeiro, sobre a excellencia da pintura, é um rico trabalho audacioso pela massa negra, formada pelo piano e pela roupa do retratado, donde se destaca a cabeça viva, extraordinariamente animada do velho magico do teclado. A expressão do seu olhar deve ser aquella, porque toda a realidade vive naquella pupilla do seu caracteristico perfil. E o mesmo póde se dizer de todos os outros, d'esses maravilhosos transportes do real para a téla, que são a prova do soberano dominio da palhêta em que as tintas se transmudam em sangue, em epiderme, em ossamenta, em alma, com que o artista recompõe na imagem o que vê e o que quer.

Não obstante consideral-o um mestre, e prezal-o com toda a admiração que o seu talento me desperta, não posso calar a estranheza, que me alfinetou, de sentir o bello retrato de Mme. O. L. fóra do *ambiente*, como se o accessorio paizagenado, que o cerca, não lhe tivesse servido de local.

Na paizagem e mesmo, diremos, nesta exposição, a par dos dous mestres da pintura brasileira, quem mais attráe os olhos do visitante e lhe põe exclamativas encomiasticas no cerebro é João Baptista, o já conceituado pintor da nossa natureza, com seus oito trabalhos e, especialmente, com o seu grande quadro—*Fim de Jornada*.



PROFESSOR R. AMOÊDO—ORAÇÃO



JOÃO BAPTISTA

FIM DE JORNADA

MEDALHA DE OURO

A caracterisação da nossa paizagem, a que elle nos acostumou, e que seus pinceis dia a dia vão conseguindo fixar da maneira mais impressionante, esse inconfundivel, por ser hybrido, sentimento de força e de melancolia que resumbra da natureza por elle interpretada, e ao de mais o brio, a luminosidade de suas tintas, fundem-se nesse quadro, e d'elle fazem uma bella obra de verdade e de arte. E'-lhe assumpto a primeira hora do crepusculo vesper, momento em que o dia começa a se diluir, brandamente, n'aguatinta violeta da noite para o negrume ciciante das deshoras. Do céo, de azul esmorecido, cáem os ultimos lampejos do sol, que illuminam, obliquamente, em rasgões d'estertores, arvores, acclives verdejantes de terreno, afastados fôfos de capoeira, algodoamentos nublosos do horisonte que, á luz d'emvez, se tingem de roseo quente e lilaz intenso. Jorrando em transversal, d'alto para baixo, a escambante luz deixa em tenue penumbra rôxa o extenso primeiro plano do quadro, onde rasga o verde da rama rasteira o filão chato e largo da estrada. E lentamente, com o fixado movimento tardo das fadigas, passa a carrada chiante dos bois, a que o allivio do peso faz apenas ringir no esboroar dos socalcos e nos solavancos dos pedregulhos. O *candieiro*, de varapau no hombro, vae norteando as duas *juntas* ruminantes, e o carreiro, moído das estafas, descança no lastro da carrada, que venceu d'um salto e onde se pojou sobre o rebordo, do qual lhe pendem as pernas quasi núas, cruzadas, em abandono caracteristico. Sobre o sulco das rodas, vem descendo a gente do trabalho, a velha negra, de samburá ás costas e, ao seu lado, a netinha mulata que começa a lhe ajudar na lavoira, a filha, o genro, toda a familia que luta pelo sustento, arrancando á terra o preciso á vida... E no fim da estrada a porteira fechou-se. O dia é findo. Do telhado emerge das frondes d'um recanto evola-se o fumo subtil da lareira, o descanço chegou e já ao fundo, para alem dos marcos da morada, o capoeirão florente de *quaresmas* e ipês, se densa em mysterios de quebradas, aromatisando com o suor acre de suas resinas e o transudo aphrodisiaco de suas folhagens toda a varzea em silencio...

Essa magnifica paizagem tem o poder emocionante da hora e prende o olhar de quem a nota, fixando-se-lhe na camara optica, e lhe dando o interesse da natureza por um descer de tarde, sob a incomparavel poesia dos campos que a alma recebe com um largo, um immenso hausto de consolo e pureza.

Sobre este merito ella reproduz bem appproximadamente o caracter da paizagem fluminense—a roça—que não é o bravio sertão nem a matta-virgem, mas um meio termo entre o villarejo e a floresta, intermedio á cultura de uma civilisação meã e á rusticidade fecunda da natureza livre, onde o homem é o que ali está representado naquellas figurinhas, gente simples de trabalho, produzindo a lavoira como as arvores do pomar produzem os fructos e como essas, quasi identicas a ellas, vivendo da Terra, amando-a, tomando-lhe a côr, e bem notadamente tambem os aspectos, e sendo, em verdade, seu producto tão legitimo como os seus vegetaes!

Esta conseguida qualidade, já notavel, de reter na téla a feição da nossa pittoresca paizagem (a do Rio, São Paulo e Minas) está constatada em todos os demais quadros de João Baptista reunidos na exposição de hoje, e dentre elles destaco o de n. 19 (Copacabana) e de n. 15 (Manguinhos) que são bellos.

*
* *

Como sempre, a paizagem está largamente representada e tem, no actual Salão, o primeiro lugar pela qualidade.

O conceituado sr. Bruno Treidler expõe uma *Manhã de Sol* que não faz esquecer as suas aquarellas, ao contrario, augmenta-lhes o merito porque, nesse indicado quadro, o perito manejador das *manchas* perdeu a precisão dos *valores*. O sr. Jorge de Mendonça, um novo, alcançou uma das menções honrosas com a sua *Pedra do Mirante*, realmente digna disso pelo vigor da pincelada e pela observação da côr. Com uma boa impressão intitulada *Pela tarde* apresenta-se o sr. Augusto de Freitas, e o sr. Evencio Nunes nos offerece aos olhos uma bem desenhada paizagem de n. 76, porem mal attendida, como pintura, no primeiro plano e uma *Lavadeira* que, pelas dimensões do regador, deve ter dilatada freguezia e rijo pulso para a lucta romana, não obstante o cuidado que o probo artista dispensou á figura e a alguns detalhes do quadro, que me parece demasiado minucioso. Essas observações, porem, não desmerecem seus dotes de artista consciencioso e bom colorista.

Do sr. Dall'Ara vi uma apparatosa brigada de côres, em parada, com pretenção a paizagem; o que contrasta com a sobriedade da palhêta do sr. Luiz Ribeiro, que é um attento trabalhador. O sr. Araujo Fróes teria conseguido um bom quadro com o *Caminho da egreja* se não fosse amaneirado, e o sr. Eduardo Bevilacqua, que está se fazendo um forte artista, tambem impressionaria melhor se não ennegrecesse tanto as suas paizagens,

Entre os expositores apparecem o sr. Honorio Esteves com um interessante estudo da *Estrada da Jurujuba*, e um consideravel grupo de senhoras ou senhoritas.

As senhoras... (Como eu implico com esta palavra, neste particular! E' fôfa, tola, convencional. Tem alguma cousa de pieguice e muito do ranço da burguezia aristocratisada. Porque não dizer mulheres, que é uma palavra dignificadora ?...) As senhoras—vá lá, repetirei—que se exhibem na paizagem e outros assumptos a oleo, devem ter desvanecido seus mestres, porque, sinceramente, merecem elogios.

A sra. Eulalia do Nascimento (discipula de A. Parreiras) tem um recommendavel estudo de interior de egreja, em que a prespectiva planimetrica foi vencida com grande habilidade, attenta, como deve ser, a monotonia d'esse interior todo branco, sem uma violencia de côr; e se não fosse um exquisito, desengonçado ou esparramado genuflexorio, que um máo instante lhe fez collocar ao centro da nave, teria obtido um magnifico estudo. Ainda assim é bom. Compensam essa pequena infelicidade seus quadros—*A Ponte*, *Na roça* e a paizagem de n. 75, que são muito bem estudados. A sra. Irene Ribeiro (discipula de R. Amoêdo) trocando a paizagem pelas fructas e pelas figuras, expõe um agradavel retrato de Mme. L. L. e a sra. Nina Santoro (discipula de M. Broccos e R. Amoêdo) tambem um bom retrato. Da sra. Angelina de Figueiredo (professor A. Parreiras) ha um attendido estudo com o titulo *Nossa casa*, e, com dous trabalhos, apresenta-se a sra. Marietta de Figueiredo (professor A. Parreiras) sendo um delles, o *Portão de nossa casa*, cuidadosamente estudado, mas infelizmeute prejudicado pelo desazo de uma tinta neutra, creio que sombra de Cassel, que alforra o primeiro plano, á esquerda, tornando-o desagradavel e falso.

*
* *

Eliseu Visconti, que é um dos mestres da nossa pintura, por falta de tempo ou pela molestia que o levou á

Europa, concorre com poucos trabalhos e de restricta importancia. Em pintura a oleo apenas dous estudos de cabeças, feitos com a delicadeza de sempre e com aquella frescura de ambiente a que nos acostumou nos seus *ar-livres*.

O sr. Teixeira da Rocha expõe duas paizagens, a de n. 202—*paizagem com figuras* (Villa Isabel) e a de n. 201, *paizagem com cabras*—segundo a singular denominação do catalogo. Prefiro a primeira pela luz, pelo ar e pela côr. A segunda é um tanto compacta, como pintura, posto que bem desenhada.

Na maneira d'esse artista encontro excesso de detalhes que, não raro, lhe dá aos quadros um quer que seja de pontilhamento, de *mouchisme*, como dizia o infeliz symbolista Aurier. As suas paizagens, essas que estão no Salão, e outras que elle tem exposto, apresentam-se muito *cortadas*, muito *crystalisadas*—direi—se o termo póde ser bem apprehendido na sua acepção. O que nelle



J. BAPTISTA—ESTRADA DA ESTAÇÃO (MANGUINHOS)

mais se recommenda em primeiro logar é a côr, pelo que respeita á pintura, e depois a fidelidade detalhista pelo que tóca ao desenho.

Essas duas qualidades melhor são aproveitadas nos seus quadros de genero, como esse de n. 199 (interior com figuras—(*sic*) cuja composição é bem feita, o que nem sempre se nota nos nosssos pintores de costumes. O grupo de quatro figuras, de que se compõe o quadro—uma moça mãe tendo ao regaço o filhinho novo, e rodeada de dous adolescentes—é *arranjado* com habilidade, consegue interessar pela expressão de curiosidade que inculca, porquanto se forma para escogitar, atravez uma larga vidraça, qualquer scena que se passa fóra. Com esses quadros o sr. Rocha expõe tambem um painél ou, como explica o catalogo—*paneau* decorativo—sob o titulo *Inspirado*, em que ha felicidade d'expressão. E' um busto de menino em perfil, que ergue a dextra armada d'um pincel para fixar uma imagem na téla. O conjuncto pela côr, e pelo accessorio, é agradavel, corresponde ao intento do trabalho.

O professor Modesto Broccos, em pintura a oleo, só expõe um quadro intitulado *Scena Domestica*, pintado com o saber que todos lhe reconhecem, mas despido de interesse esthético. Póde ser que lhe não faltem admiradores, e até enthusiastas!... eu, por mim, é que lhe não baterei as palmas nem aos que o copiarem, pois, sobre achar fria, desageitada e banal essa *Scena Domestica*, não comprehendo o deleite que á esthesia de um artista poderá dar semelhante collocação de figuras, a que falta visivelmente naturalidade, e fálha a composição do assumpto.

Essa maneira foi usada por Almeida Junior, que havia perdido as excellentes qualidades téchnicas da estréa para se transformar num pintor *pastoso*, amaneirado e duro. Obeteve, porem, successo e não pequeno. Chegou a fazer discipulos. Mas, considerada a nossa incultura esthética e essa intermittente pretenção de fundamentar uma arte nacional com a pintura de costumes, o exemplo poderia ser acolhido, e attenuado pelo apuro educativo dos novos artistas.

Agora quem lhe segue a traça, sem se preoccupar com a correição do principal defeito, é o professor Broccos e na *Scena Domestica* tem mais uma infeliz tentativa, como já teve nos *Filhos de Cham*, não obstante seus reconhecidos meritos de pintor e desenhista.

Tambem com um quadro de genero evidencia-se no Salão o sr. Rodolpho Chambelland. Esse não é professor nem é ainda um artista livre dos conselhos de mestres, mas a sua *Noite de espectaculo* possue composição e, sobre ser um esforço téchnico de effeito a duas luzes artificiaes, tem o encanto do assumpto eurythmico. Descontadas algumas pequeninas precipitações de neophito, entre as quaes o exaggero illuminado das portas ao fundo do quadro e o *enluaramento* da luz electrica que lhe escapou em parte, são tantas as suas boas qualidades que bem merece a importancia obtida.

O seu desenho, que se vae accusando d'uma firme elegancia, sobre tudo no que respeita á composição, dá-nos nitidas e movimentadas figuras que a palhêta completa. Ha nesse quadro effeitos muito bem reproduzidos, como o da lanterna do *coupé* sobre as costas do cocheiro e nas ancas dos cavallos, e em tudo um capricho, um asseio de pincel que o recommendam para o futuro, posto que, desde já, se lhe possa predizer uma certa tendencia para o *chic*, como esse assumpto indica e como ainda se observa no bom retrato a pastel exposto sob o n. 48.

O sr. Lucilio de Albuquerque, que ha de ser outro artista de amanhã, expõe dous pasteis e dous quadros a oleo, sendo d'esses um bonito retrato de senhora, tratado com largueza no busto e louvavel minucia na cabeça.

O sr. João Macedo (premio de viagem, 1900) entre algumas paizagens observadas com cuidado expõe uma *Porangaba*, inspirada em Juvenal Galeno, cujos versos estão transcriptos no catalogo.

E' um fundo de paizagem e no centro do quadro, deitada sobre a relva, uma cabocla de face pendida ao chão, em attitude acabrunhada.

Ha alguns annos que os nossos pintores não se lembravam dos caboclos, vicio implantado pelo indianismo de Gonçalves Dias e Alencar.

Escriptores d'outra geração, que se occuparam de bellas artes, nomeadamente Aluizio Azevedo e Urbano Duarte, fizeram-lhe troça; e já me não recordo quem foi que disse ou escreveu que o caboclo, em pintura, era como o sabiá na poesia, sujava o assumpto.

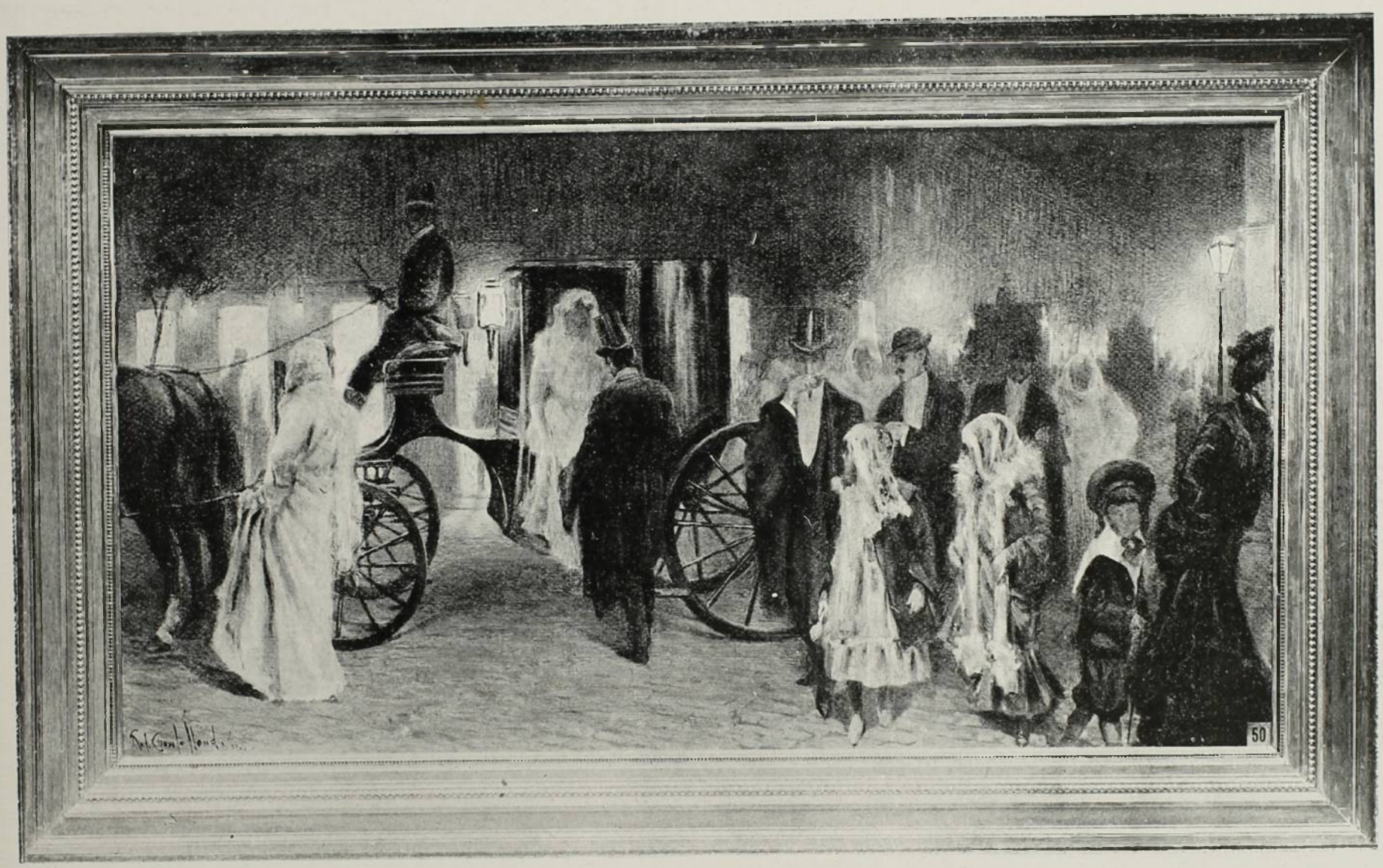
Não serei dos mais adversos ao caboclo como assumpto pinturesco, não o considero menos esthético que o *caipira*; ao contrario, por sua nudez póde ser boa *academia*, desde que não falte talento ao artista para saber collocal-o no quadro. Mas, o que devemos exigir, é que o caboclo seja realmente caboclo e não se pareça com os selvagens dos romances nacionaes, que aprenderam rhetorica em artinha de padre-mestre. Ora, todos os pintores que têm tomado por thema esse bicho humano, que é o caboclo, não se dão ao trabalho de o reproduzir talqualmente elle é; fazem-no de cera da terra ou de barro cosido, argamassam-no consoante suas proprias habilidades de artista e seus recursos imaginativos. E d'ahi uma caboclada pelintra, rebolante ou escanifrada, que nos desafia a ponta dos botins.

O sr. Macedo incidio no mesmo typo, cahio no mesmo erro, e nem siquer nos fala á alma pela melancolia do quadro como o velho sr. Medeiros com a *Iracema*, que o pinacotheco conserva. Se o sr. Macedo é moço cordato, e bem intencionado, pedimos-lhe o obsequio de se deixar de caboclos, machos ou femeas, porque da sua arte, sr. Macedo, esperamos cousa mais meritoria.

Raramente os que produzem muito são os que melhor trabalham, e é o caso do sr. J. Fernandes Machado (premio de viagem, 1901). O sr. Machado apresenta uma grande quantidade de quadros, sendo um delles de grandes palmos — *Christo curando um paralytico*.

A pintura do sr. Machado me parece apressada, falha de emoção e por demais commum. Da numerosa obra exposta apenas destacarei a *Primavera* (*Bois de Vincennes*) e o de n. 129 (*Repouso e estudo*) que nos deixam alguma impressão.

E' de lamentar-se que, este anno, dous originaes artistas como são Heitor Malagutti e Helios Seelinger estejam tão mal representados! A Malaguti faltou a resignação de se subtrahir ao certamen artistico, ao Seelinger uma boa amisade que o aconselhasse.



R. CHAMBELLAND — NOITE DE ESPECTACULO — MEDALHA DE PRATA

*
* *

AQUARELLAS — A' parte os professores H. Bernardelli, Broccos e Treidler, que expõem trabalhos já conhecidos na ultima exposição dos *Aquarellistas*, notei duas finissimas aquarellas do Elyseu Visconti, *Leitura* e *Paizagem*.

A primeira é um delicado estudo de cabeças adolescentes que attendem a um livro, a segunda uma boa manhã de sol entre nevoas, feita com o asseio de colorido e a funda emoção que caracterisa esse grande, forte, original artista.

As senhoritas Cunha Vasco (Anna e Maria) não perderam a opportunidade de exhibirem seus conscienciosos

trabalhos de estudiosas paizagistas, onde as recommendaveis qualidades do professor Treidler vão sendo, progressivamente, assimiladas por duas naturezas dotadas d'alto instincto esthético. E não lhes teço elogios por urbanidade ou deferencia ás prerogativas do sexo, pois não conheço taes prerogativas em letradas, literatas e artistas, alem da minha razão se oppôr a todo o transe aos salamaleks da cortezia quando o dever me reclama a opinião.

O sr. Luiz de Freitas é tambem expositor de aquarellas, e são de suas mãos trabalhadoras o *Jogo da Marra* e o *Escrivão Publico* que nada perderiam se tivessem mais um pouco de vigor.

* * *

Esculptura—E' pobre, é pauperrima, mais que isso—é desalentadora a esculptura no Salão d'este anno.

O professor R. Bernardelli apresenta num pequenino bronze o retrato do Dr. G., de que nada se póde dizer, attendendo-se á extraordinaria téchnica do artista, que é inexcedivel nesse genero, e á nenhuma qualidade de composição do trabalho.

O sr. Amadeu Zani (de S. Paulo) expõe dous pequenos bustos, retratos do Dr. Prudente de Moraes e do senador M. B., e um baixo relevo em bronze, todos tratados cuidadosamente.

E Corrêa Lima, o emocionante esculptor da *Mater Dolorosa*, o vigoroso artista do *Velho Pagé*, do *Prisioneiro* e do *Caim*, tres pequenos e admiraveis bronzes, apenas nos apresenta um gesso sob o titulo—*Menino*—que só poderia recommendar o nome de um principiante.

E' desalentadora a esculptura, neste Salão!

Setembro de 1904.

Gonzaga Duque.

O MEZ NO THEATRO

O mez ultimo foi para o theatro o fim da *season*, da estação em que chegam as companhias estrangeiras e o carioca, de luva de pellica e peitilho reluzente, applaude as notabilidades de além-mar com a illusão de que ainda ha arte dramatica no Rio, é assediado por innumeraveis cartões de beneficio, e paga tudo achando o inverno um regalo superior.

Os emprezarios haviam annunciado pelos jornaes a *tournée* de artistas celebres e, á ultima hora, tudo mais ou menos gorado, a *season*, que se predizia magnifica, quasi falhou. Zaccone, decididamente aterrorisado com a serodia propaganda dos argentinos contra a endemia da febre amarella, não quiz vir senão por um contracto fabuloso que era quasi o preço da sua preciosa vida; o grande Novelli, ora em Buenos-Aires é quasi certo não vir, e Coquelin e Rèjane, a principio annunciados não passaram de um *bluff*. O inverno teve a rapida apparição de Loïe Fuller e da impressionante Dièterle numa companhia em que estavam deslocadas, o transformista Aldo, antigo creado do Fregoli, um concerto de Sains-Saëns, concerto do sr. Lavalle com o concurso de Sains-Saëns, como dizia o programma—o rapido vôo de algumas aves de arribação com rotulos francezes e inglezes, as companhias portuguezas e a lyrica.

Estas tres ultimas fizeram propriamente a temporada, associando-se de qualquer fórma á nossa arte.

A companhia Eduardo Victorino trouxe um elenco de primeira ordem, do qual faziam parte Angela Pinto, Maria Falcão, Ignacio Peixoto, Luiz Pinto e um repertorio muito moderno e muito fino.

A precipitação na montagem das peças nem sempre permittia um desempenho exemplar. Não era porém possivel ser de outro modo. A platéa não supporta mais de oito dias um drama litterario no cartaz.

Glissez, mortels, n'appuyez pas...

O unico successo estrepitoso d'essa excellente companhia foi o descarado *vaudeville* do Palais Royal *As Pilulas de Hercules*, magnificamente traduzido por Arthur Azevedo e proclamado pela *réclame* dos jornaes como o mais eminente rival da cantharida.

A empreza do Apollo que exhibira no palco d'esse theatro um interessante repertorio portuguez de operetas, magicas compridas e compridissimas revistas, acabou por montar uma peça brasileira, a *Loteria do Amor*, que Coelho Netto e Abdon Milanez tinham ha annos na gaveta.

Os emprezarios mostraram com isso ter muito mais espirito que as companhias nacionaes. Como é impossivel negar a Coelho Netto o fulgor do seu talento na chronica, no conto e no romance, ficou resolvido negarem-lhe geito para o theatro.

O poderoso drama lyrico *Saldunes*, a amarga philosophia do *Pelo Amor*, a *pochade* do *Relicario* não conseguiram fazel-o dominar a má vontade do publico, e se não fossem os amadores teimosamente resolvidos a nos dar, de vez em quando *Os Raios X*, ninguem se lembraria do autor do *Sertão* como autor dramatico. A *Loteria do Amor* com a sua louca phantasia, feita de ironia drolatica e de dialogos chispantes de malicia veiu dar mais uma vez razão á quadra celebre:

Trop de prevention ôte le jugement
On se prend de rigueur pour certains personages
Mais notre prejugé tôt ou tard se dement,
Et la verité perce à travers les nuages.

Se não fosse a verdade que seria de Pilatus ou de qualquer de nós?

Caso fosse possivel tentar um resurgimento da nossa litteratura dramatica, Coelho Netto seria dos seus mais valorosos esteios. Mas não é possivel. Chegamos a um ponto tal de descalabro por parte dos actores, de descrença por parte do publico e de cretinice carrança dos emprezarios que não ha auxilio nem esforços capazes da resurreição almejada. Nem o proprio Christo, com a voz que levantou Lazaro, poderia impedir a epidemia de revistas, nem o proprio dedo de Deus, segundo informações exactas, um grande dedo, conseguiria endireitar a velha barraca que, já agora com a moda, alguns artistas dignos, assediados por *serra-filas* de todo o jaez, chamam a nossa avenida dramatica.

Dos trez mezes em que tanto se esforçaram as emprezas portuguezas, tem grande parte de successo e lucro a companhia lyrica.

O Lyrico é a nossa coqueluche esthetica. Ha no Rio cavalheiros que se julgariam deshonrados ao entrar num theatrinho da rua do Espirito-Santo e que passam nove mezes ouvindo as *grivoiseries* do Casino a espera das sopranos italianas. Seja por que preço for, as primeiras recitas são sempre de abarrotar! A companhia Milone fez uma proveitosa temporada, defendida como foi por Zenatello, Bonini, Burzio, Colamarini e pelo notavel maestro Armani. Como o commum de taes emprezas, além d'esses artistas, a companhia tinha a ensenação deficiente, os coros falhos, a orchestra fraca e um repertorio avelhado. E' sempre assim. Esta cidade de musicographos está atrazadissima no movimento musical. Os emprezarios não se arriscam a trazer novidades, estream invariavelmente com a *Gioconda*, *Aida*, *Trovador*, *Ballo in Maschera*, reeditam as tres acclamadas operas de Puccini, a *Cavalleria*, os *Palhaços* e ficam por ahi. O grosso do *stock* lyrico resume estas operas e o *Guarany*, em recita de gala, no dia 7 de Setembro. Um verdadeiro pavor apodera-se das emprezas quando se fala de trabalhos novos.

—Hein? Não é possivel! Uma opera nova? e arrasando o publico com um gesto de furia:

—Ainda este anno o *Trovador* foi cantado no Scala de Milão! Ainda o inverno passado, a *Traviata* obteve no Convent-Garden não sei quantas récitas.

Não se lembram elles que essas operas fazem parte dos grandes repertorios ao lado das ultimas producções e são cantadas por artistas de grande monta, com um conjuncto extraordinario, como a prova dos meritos inegualaveis de certas vozes admiraveis.

Isso não impede que os criticos—o conquistador, o pedante, o severo e o historia de elencos, como os classificava Camarate—emfiem a casaca e vão criticar, com toda a furia, o *cielo e mare*, a *donna é mobile* e a tristeza das prima-donas no duetto da *Bohemia*.



D. ELVIRA FONTES

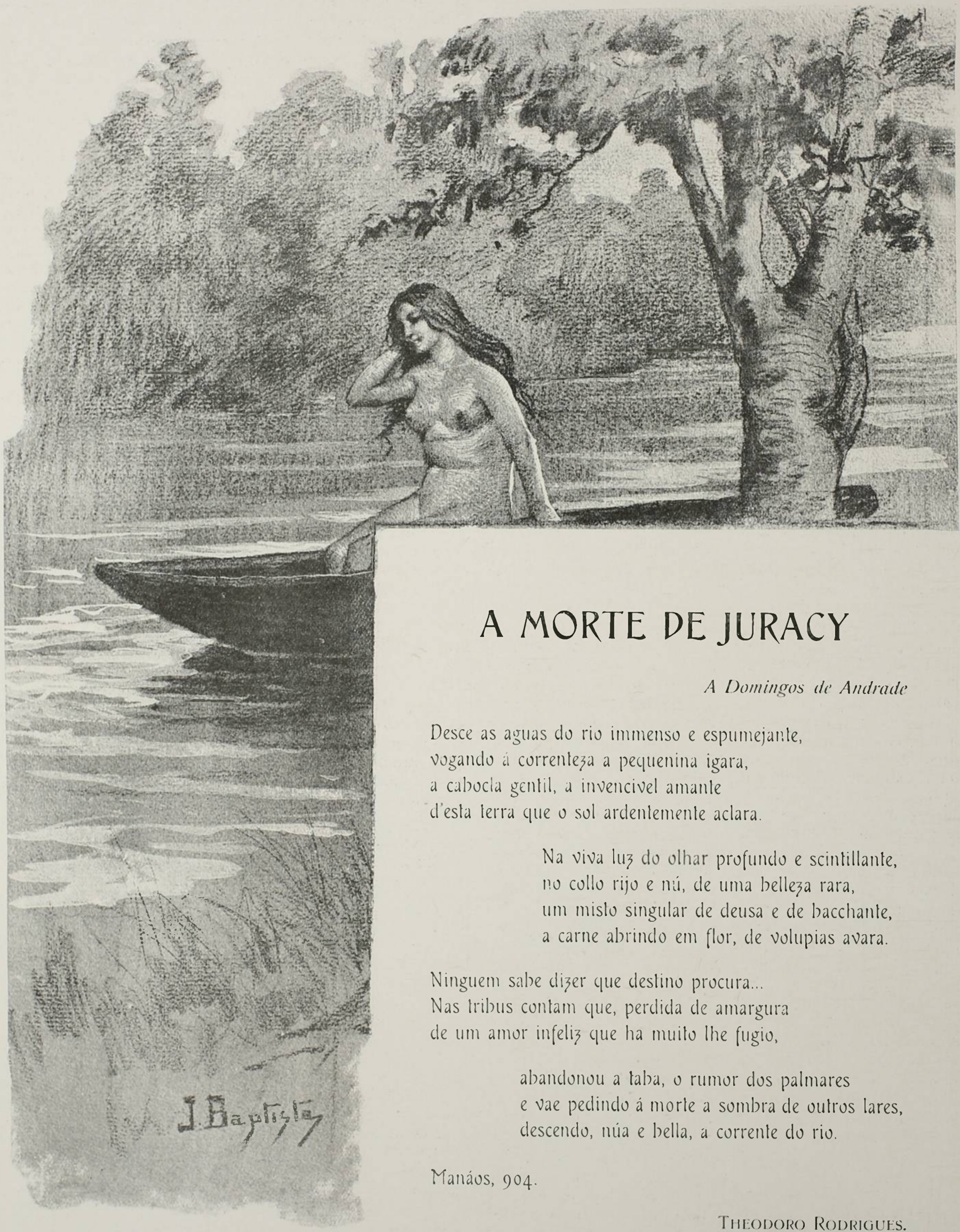
A companhia Milone só nos deu durante a temporada uma coisa nova, a adaptação scenica do oratorio de Berlioz: *Damnação de Fausto*, que foi o anno passado um acontecimento em Paris, cantado por Emma Calvé e Alvarez. Uns criticos acharam muito boa, outros muito má a interpretação da obra genial; o publico applaudiu contente por que afinal lhe davam o inédito e talvez, quem sabe? como uma recompensa a Milone que o fizera ouvir, ao lado de Zenatello, na partitura de Carlos Gomes, uma cantora quasi da nossa terra, a sra. Elvira Fontes, cuja formosura embevece, cuja voz tem a perfumada caricia das rosas. (*)

O *Guarany* é uma opera predestinada. Só por si fez a a reputação do Brasil musical, só por si deu a conhecer a muita gente a existencia de uma terra chamada Brasil. Talvez Carlos Gomes tenha na sua obra copiosa e inspirada paginas mais trabalhadas· a protophonia do *Guarany* porém, quasi o nosso hymno, fez o que até hoje nem os diplomatas fazem nem o governo quer fazer—a propaganda do Brasil civilisado, culto e artista.

A essa gloria a afortunada opera junta aqui a de ser quasi sempre estréa de cantores nacionaes. Passado este inverno tão cheio de calor, de *flirts* e de vestidos bonitos, ha mais uma para o seu farto tropheu:—ter proporcionado ao publico a suave delicia de ouvir o lindo duetto de amor cantado pelo egregio Zenatello e pela sra. Elvira Fontes, que pela primeira vez mostrava cheia de enleio á platéa enthusiasmada o claro fio da sua voz, onde se aninham as melodias mais raras.

JOÃO DO RIO.

(*) O retrato que publicamos foi-nos gentilmente cedido pelos Srs. L. Musso & C. proprietarios da Photographia Brazileira recentemente inaugurada.



A MORTE DE JURACY

A Domingos de Andrade

Desce as aguas do rio immenso e espumejante,
vogando á correnteza a pequenina igara,
a cabocla gentil, a invencivel amante
d'esta terra que o sol ardentemente aclara.

Na viva luz do olhar profundo e scintillante,
no collo rijo e nú, de uma belleza rara,
um misto singular de deusa e de bacchante,
a carne abrindo em flor, de volupias avara.

Ninguem sabe dizer que destino procura...
Nas tribus contam que, perdida de amargura
de um amor infeliz que ha muito lhe fugio,

abandonou a taba, o rumor dos palmares
e vae pedindo á morte a sombra de outros lares,
descendo, núa e bella, a corrente do rio.

Manáos, 904.

THEODORO RODRIGUES.

MUSICA DE AMOR

SÓS estavamos na sala malva, a sala das recepções intimas, das conversas leves em torno da meza do chá. Mme. de Souza, linda no seu *tea-gowre* côr de pecego, posava entre a trefega Mme. Werneck e a sisuda viscondessa de Santa Maria, e nós, eu e o barão Belfort, já tinhamos exgotado o ataque á musica italiana quando Mme. Werneck deu conta da sua ultima descoberta:

—O barão está triste.

—Pois se venho de acompanhar um enterro.

—Triste por isso? O barão, o homem sem emoções, triste porque acaba de fazer a coisa mais banal desta vida entre pessoas de sociedade!

—Não é propriamente por isso. Estou triste porque vi enterrar a ultima mocinha romantica d'este agudo começo de seculo. Se lhes contasse a historia da pobre Carlota Páes ficavam para ahi todos a chorar, e antes de tudo, nesta hora agradavel nunca me perdoariam ter envermelhecido os lindos olhos de Mme. Werneck.

—Mas pelo que vejo a sua historia tem a propriedade do diluvio! fez asperamente a viscondessa.

—Conte-nos isso barão, disse Mme. Werneck, com a sua historia contemporanea do diluvio faremos decididamente collecção de antiguidades sisudas.

Houve um approximar de cadeiras. O barão bebeu um gole de chá.

—Não conheceram a Carlota Páes? Pois a pobre Carlota Páes, coitada! já com um começo de tisica e um perfil romantico, dava mesmo pena, á noite, no parapeito da janella, muito branca, como desmaiada. Ninguem lhe sabia da vida, e vendo-a assim, á janella d'aquella velha casa, todos a deploravam. Quando a Carlota atravessava a brutalidade do bairro pobre, com a apagada dôr dos humildes aristocratas, trazia no rosto um tal desgosto que era por quantos a conheciam um só lastimar. Tambem só sahia para acompanhar a mãe, uma senhora escalavrada e roida como um vaso antigo, para acompanhar com o seu passo de visão a pobre velha carregada de pesadas costuras. Fôra assim desde nascida! Olhava os pobres e os parentes como se guardasse n'alma a recordação de um mundo melhor, alheiava-se d'elles, e quando a viam recolher ao sobrado em ruina, já todos tinham a certeza de vel-a apparecer á janella, muito loira.

Que faria ella, assim, por longas horas, alheia á rua, olhando o céo, como um personagem de romance? Coitada! Era o unico meio de esquecer a miseria da casa, a miseria que embota a alma e engrossa as delicadezas. Carlota ficava ali, numas attitudes serenas de passaro triste, com o olhar cravado no infinito, e toda a sua vida de sensitiva quebrada pela incomprehensão dos outros, mucilaginava uma dolorosa expectativa. Parecia um typo de lenda, a espera da fada que a fosse salvar do bairro escuro e d'aquella pobre senhora sempre a trabalhar e sempre de preto.

Como estão a ver era uma menina romantica, e que romantismo minhas senhoras! Até eu cheguei a admiral-a. Tossia mais, estava diaphana, parecia uma nympha virada em anjo da saudade,—porque, de certo, quem lhe visse o olhar e os irresolutos gestos, julgal-a-ia perdida de um paraiso artificial. Não lhe pude saber a origem d'esse esquesito feitio, e certa vez que lhe levara bonbons e lhe falei em paixão, ella teve um gesto tal que me esfriou a alma. Tambem, como sumida da realidade, nunca ninguem a tinha visto á janella, baixar o seu severo perfil ás vulgaridades do namoro. Esperava, nada via, e com a sua anciedade, assim ficava até tarde, muito branca e muito loira, olhando o céo.

Uma vez, no mez de Junho, a Carlota estava a chorar, nem sabia bem porque, deante da algida luz do luar, quando na casa junto, o harpejo brusco e sonoro de um piano sobresaltou-a. Do outro lado lentas espiraes melodicas espraiavam-se, envolviam-na. Era, num turbilhão continuo de notas, de expressões subitaneas e diversas, a expressão persistente, torturante do desejo que não se termina e se preludeia, do amor cuja volupia jamais alcança o paroxismo. Ella ficou presa, estarrecida. Quem seria? Nunca ouvira aquillo, nunca sentira os nervos tocados d'aquelle brusco quebranto, d'aquelle epidermico encanto do som, exprimindo o inexprimivel. Os sons, como caricias de rosas, iam a pouco e pouco desfibrando-a, envolvendo-lhe a alma, machucando-a. Toda ella palpitava agora com uma tremura de folha ao vento. Teria chegado a felicidade, o impalpavel prazer até então vedado? Aconchegou-se mais ao chaile, com um arrepio de goso que lhe subia pelos braços e lentamente se irradiava pela nuca.

Do outro lado a musica, velada, num resumo de mil emoções, esboçava paizagens subtis e esfumadas, desfiava risos perlados, cavava-se em soturnas maguas, e como se a vida extrahumana fosse um só gemido d'amor, toda ella espiralava tormentosos queixumes, endeixas dolorosas, perdidos soluços de paixão. Para os grandes sensuaes só ha um goso integral que exprima a ancia de acabar e a fraqueza humana—o som, a vibração de uma corda na lamentavel evocação de vidas que se não realisam.

Para que o sentir da pobre creança fosse mais intenso, no espaço as estrellas palpitavam e a luz do luar lustrando as casas com o seu misericordioso brilho, entrava pela janella num retangulo de oiro que parecia milagre. Oh! nunca a doce Carlota se sentira tão emocionada, ella que sempre vivera na expectativa do além!

Essa noite passou-a á janella até muito depois do piano calar, ouvindo-lhe o ultimo som perdido na cinza avelhada do luar, e desde então andava o dia á escuta e toda a noite passara, em que o occulto pianista tocava, presa ao parapeito, entre a luz dos astros e os sons mysteriosos. Nós já riamos da paixão.

—Então a Carlota?

—Ai! meu senhor, continua a viver dos sons, está de todo virada!

E quando eu lhe levava alguma coisa.

—Então a sra. dona Carlota sempre com os sons?

Ella pendia na cadeira, sussurrando:

—E' tão bom!

Aquelles sons como um rosario sem fim que se desfiasse iniciavam-na numa religião de amor desencarnado, e quando qualquer difficuldade emperrava do outro lado a mão do tocador, a Carlota sentia uma agonia como se hesitasse em comprehender todo o alcance peccaminoso da phrase.

Vinha-lhe ás vezes a curiosidade de saber quem era esse tocador. Passava os dias á espreita; a casa ao lado,

uma pensão não lhe deixava advinhar entre as muitas pessoas que entravam o artista estranho da noite. Perguntou á mãe se a informavam e a velha senhora respondeu que não sabia, que não era possivel saber.

Bruscamente, então, perdeu esse desejo. Conhecel-o para que? Bastava a delicia de ouvil-o, bastava a inconsutil paixão que a rojava a seus pés! E perdia totalmente as noites, essas noites de Agosto trahidoramente frias em que a luz brilha mais, ha mais perfume no ar e as brumas ao longe parecem sudarios consoladores. Era um enebriamento até o romper d'alva. No fim, quasi se arrastando, ia para o peitoril como para uma tortura e do outro lado a musica inquisidora amortalhava-a desabridamente no delirante tropel do amor.

Ah! o gozo do raro! Os seus nervos sensiveis chegavam ao pranto, ao soluço, ao sorriso como hypnotisados. Cada nota já lhe exprimia um sentimento, os trechos repetidos pelo artista ella os seguia, advinhando accordes, advinhando sons como se fizesse o exame da sua alma de amorosa e de cada vez mais maravilhada ficava, bebendo a pleno trago, o delirio, a morte, o extase da musica encantada. De certo ninguem, ninguem no mundo amava, sentia-se ainda com esse sagrado e impalpavel amor. Encostava-se ao parapeito, esperava e era sempre com um susto que de repente ouvia abrir-se uma escala como acordando o piano, e as duas vibrações de bordão, dois accordes de contra baixo, pezados e sonoros. Depois um som subia, outro respondia, o aviario se encadeava num trinado. Muita vez o pianista que fundia a alma com as notas, tocava varias arias simples, com um ar velho como se os seculos todos chorassem a vida, d'outras eram trechos modernos trançando no ar uma flora bizarra de nervosos accordes e era então uma revoada de dores, ais sem fim, queixas em harpejos arquejados, rugidos rubros de ciume em que o piano parecia abalado e a musica estrebuchava...

Nos ultimos dias a coitada ardia em febre, plenamente fóra do mundo, gozando com um gozo feroz de agonisante o amor incorporeo emquanto ao lado noites em fóra as mãos invisiveis soluçavam a magua e a tristeza.

Ora, hontem, quando eu subia a escada ingreme da sua velha casa, D. Anna, appareceu-me desgrenhada.

—Venha, acuda, a Carlota morre...

—Como foi isso?

—Sei lá! Passou toda a noite á janella, o musico não tocou, a chuva, hemoptises, sangue...

Na sala de visitas, a pobre Carlota, coitada! estava caida numa cadeira de braços, entre as bacias, as botijas, os pannos, a lugubre confusão que precede o eterno descanço. Fez um esforço, estendeu a mão.

—Estou á espera da musica...

Deixei-a, despreguei-me pelas escadas. Era preciso que a musica lhe levasse o supremo consolo. Entrei pela casa ao lado.

—O pianista? perguntei ao encarregado.

—O maluco? No 1º andar, á direita, quarto n. 5.

Subi, bati com força no quarto, empurrei a porta desesperado, encontrei um velho homem magro e adunco.

—E' o sr., o pianista?

—Sou.

—Ha aqui ao lado uma creança que agonisa. Vinha pedir...

—Para não tocar hoje. Vá com Deus.

—Não, venho pedir que toque. Não é possivel explicações. Essa menina vive ha um mez de ouvil-o. Está morrendo, pede-lhe que toque.

O homem passou as mãos pelos cabellos.

—Escute, é uma loira, muito loira? Meu Deus! Pobre pequenina! Então ella me ouvia? Vá, eu toco, vou tocar, vá.

Depois agarrou-me o braço.

—Mas escute, não lhe diga como eu sou. Eu sou feio, perdia o encanto!

Quando outra vez entrei na sala, a Carlota morria. Como a querer beijal-a, o luar entrava pelas janellas um golphão de oiro, a ella com as mãos de magnolia cruzadas sobre o peito, tinha na face a tortura da agonia.

Mas, subitamente, teve um estremeção. Ao lado como uma ronda de astros que se despregassem do infinito o piano explodia uma indisivel revolta. Um tropel de sons reboou, entrechocou-se, deslisou, rasgando o ar, do mundo ás estrellas, com uma dor infinita. Depois, pareceu parar, tremulou brevemente como se o paraiso abrisse e os archanjos cantassem, e emquanto Carlota sorria, os accordes como um choro de rosas envolveram-na, beijaram-na. E ella morreu, docemente, sem uma contracção, ouvindo a musica do amor...

Houve um longo silencio na sala malva, onde ha conversas tão alegres á hora suave do chá. O barão limpou o monoculo:

—Ora aqui está porque eu estou triste!

—Coisas da sua phantasia macabra, fez a severa viscondessa de Santa Maria.

—Para entristecer a gente, accrescentou Mme. de Souza, linda e sentimental.

E de novo, emquanto Mme. Werneck fazia um grande esforço para não chorar, todos nós com afinco e erudição atacámos a musica italiana.

PAULO BARRETO.



MAESTRO ABDON MILANEZ

PRIMIZIE

OPERA IN UN ATTO

PREGHIERA

Versi di *HEITOR MALLAGUTTI*

Musica de *ABDON MILANEZ*

BIANCA

Oh quale ango - scia m'in - va - de! *qual terrore m'assa - le*

Piano

f *p* *f agitato*

ANDANTE

Il cuor ho gon fio di pian - to. *Gran Dio m'a-*

ANDANTE

mf *p* *rall . . . . pp*

- ju - ta sempre a te ri - vol - to *Ebbi il pen - sie - ro é l'anima il cor mio*

p con passione

Deh! — che giammai l'esser mio sia tol - to al - la vir - tu - - - dë e l'amor tu - - o.

f *mf* *affrett.*

PIÙ MOSSO

Gran Di - - - o!

Fa che al mal-

PIÙ MOSSO

A TEMPO

dim. . .

p SOSTENUTO

- vag - - gio nel - la fu - ria re - - a ab - ba - - gli il lu - me del tuo

spir - - to ó Di - o! E muo - ia in sen la crimino - sa i - de - a

p mf cresc. f

E non l'ac - cie - ca lo fa - tal de - si - o! lo fa - tal de - si - o!

ff p ppp ff

CONCURSO DE BELLEZA INFANTIL

NO PROXIMO N.º (10) PUBLICAREMOS O RESULTADO D'ESTE CONCURSO, E BEM ASSIM AS PHOTOGRAPHIAS DAS CREANÇAS PREMIADAS.



AÇUDE — TIJUCA — RIO DE JANEIRO

GHILDA

— Continuação —

SCENA SEXTA

GHILDA E SILVIO entrando apressado

SILVIO

Mamãisinha!...

GHILDA

Meu Silvio!

SILVIO

Eu quero pão...

GHILDA perturbada, apontando o armario

Procura

Ali, meu filho... Ali... Deve ter...

a parte

Que má hora!

Não temos nada, nada...

ao filho

Achaste?

SILVIO

Não senhora.

GHILDA a parte

Quando filhos se tem como a pobreza é triste!

animando-o e disfarçando

Papai traz, meu amor. Papai não tarda... Viste
Quanta gente ha na rua? Espia.

SILVIO chegando á janella

Ih! Quanto povo!

E' procissão, não é?

GHILDA

Não, filho. E' um quadro novo
Que a Irmandade da Cruz expoz á multidão.
Queres vel-o?

SILVIO

Oh! que bom! Quero sim!

GHILDA

Pois então
Vai brincar. Amanhã papai te leva...

SILVIO que ficou á janella, olhando a rua, de repente, gritando para fóra.

Alberto!
Olha Alberto, mamãi... Tão bonito!...

GHILDA sentada e cansada

Estás certo
De que é elle?

SILVIO

Elle sim. Mas não escuta a gente...
E leva tanto doce!

gritando

Alberto!

virando-se para Ghilda

Tão contente
Que elle vai! O' mamãi, vem vel-o!... E de bengala!

gritando mais forte

Alberto!

GHILDA triste, erguendo-se

Meu amor, queres que a tua fala
Chegue até lá? Bem vês que elle não póde ouvir.

SILVIO

Ah! Si eu fossse com elle!...

GHILDA

Irás te divertir
Amanhã. Tu tambem terás bengala e doces.

SILVIO correndo para ella

Oh! que bom, mamãisinha!

GHILDA animando o

Então? Nem que não fosses
Um menino tão bom e tão bonito...

beija o

Vai,
Vai brincar.

(Silvio sai pela direita)

com intenção á fome da criança, dolorosa

Vai dormir...
Coitadinho! Seu pai
Que nos traga com que mitigar a miseria.

Pausa pensativa: fraca e pallida, vai até a mesa e contempla o filhinho.

Dorme. Deus é piedoso. Essa emergencia séria
Ha de ter fim. E então seremos venturosos.
Porque não? Dentro em pouco, André, dos Religiosos
O preço ha de ganhar do seu trabalho. E então
Novamente terei p'ra meus filhos o pão.

Senta-se e abana-se, o olhar parado, cansada. Ergue-se em seguida e vai, soffrendo, até o nicho, em frente ao qual se ajoelha, contricta.

Mãe do céu, bemfazeja mãe dos peccadores,
Tem piedade de nós; abranda os dissabores
Que a pobreza nos traz; conserva-nos a vida!
Dá-nos forças, emfim, nesta lucta renhida!
Eu preciso viver, Mãe Santissima! Tem
Piedade dos meus filhos, peço-te!

SCENA SETIMA

GHILDA E RUZZANTE

RUZZANTE, espiando do limiar

Ninguem?

Vendo Ghilda:

Ah! Perdão...

GHILDA, erguendo-se

Póde entrar.

RUZZANTE

Eu não contava achal-a
A rezar...

GHILDA

Entretanto, a préce é a alma que fala
A Deus, e ha de existir emquanto em nós houver
Coração para amar e dores p'ra soffrer.

RUZZANTE (Apertam-se as mãos)

Dores não! A alegria entrou no vosso lar
Esta manhã, p'ra sempre, Ghilda. Oh! De pensar
Nesta consagração, sinto-me tão feliz!
Meu amigo onde está? Nem ao menos me quiz
Avisar que era hoje o decisivo dia?
Que é feito d'elle, emfim? Ainda se esconderia

Na modestia?

GHILDA, sorrindo

Já foi...

RUZZANTE, alegre

Já foi ao templo?!

GHILDA

A geito
Fizemol-o sahir ha pouco... ainda sujeito
A um desanimo hostil. Martelli, que aqui estava
E o seguiu, animoso, emprestou-lhe essa brava,
Essa firme confiança, essa certeza forte
Dos que enfrentam, sem mêdo, um almejado norte.
Já lá devem se achar. Ha mais de meia hora
Deixaram-me.

RUZZANTE, satisfeito

Afinal!

GHILDA

A volta espero agora.
E rezava por elle, e rezava...

RUZZANTE, expansivo

Afinal!
Eil-o, emfim, vencedor, meu bom amigo! O mal
Nem sempre ha de imperar, e a justiça e a victoria
Cedo ou tarde hão de dar aos sinceros a gloria.

(Plena alegria)

Mas que alegre manhã! que céu azul! Custou
Mas venceu! Eu quizera abraçal-o! Eu lhe vou
Levar meus parabens onde acaso o encontrar.
Quero vel-o a sorrir, vel-o a se recordar
Do passado, a revêr os tempos de menino,
Quando os dois, muito cedo, ao clarão matutino,
Erravamos no cáes, a ver, entre as falúas,
Marinheiros vergando as costas semi-nuas
No serviço brutal da descarga. E depois
Os projectos de gloria! o nosso affecto! os dois
Juntos sempre, a sonhar, as máguas dividindo,
E o pão... que era bem pouco...

com um grande suspiro

Oh! Saudades!... Que lindo
Que era o céu multicor, de manhã, quando o Sol
'Stava quasi a nascer! Que tintas no arrebol!
E em nós quanta esperança e quanto affecto!

GHILDA, presa á sua voz

E andaram
Sempre juntos assim muitos annos?

RUZZANTE

Duraram
As nossas relações mais intimas, ao certo
Até quarenta e dois. André andava perto
Dos vinte; eu tinha já meus vinte e quatro annos:
E ambos muita esperança e varios desenganos...
Pedro Lando era doge e era essa circumstancia
Motivo de prazer para nós. Desde a infancia
Nunca tinhamos visto a mudança de um doge
(Que esses tempos d'antanho eram diversos de hoje...)
André Gritti, demais, já estava velho, após
Quinze annos quasi de reinado. E, para nós,
Pedro Lando traria auxilio poderoso
A's Artes. Foi engano, afinal... Pezaroso,
Separei-me de André, nesse tempo. Eu tivera
Um logar de aprendiz numa empreza que déra
A' Veneza de então varios melhoramentos.
Empreguei com prazer todos os meus momentos
Em estudar, em praticar entre architectos
E venci. Deus é bom!

GHILDA, com fervor

Deus é bom!

RUZZANTE

Meus affectos
Permanecem, porém, sinceros como outr'ora,
E entre elles sobresai, na alegria de agora,
Essa velha amizade ao bom André...

GHILDA, toda meiga

Que as almas
Foram feitas por Deus p'ra trocarem as palmas
Da amizade e do bem... e eu nunca hei de esquecer,
Ruzzante, o que tem feito por André.

RUZZANTE, excusando-se

Dever,
Só dever. E afinal é bem pouco p'ra quem
Mais o tem por irmão que por amigo. O bem
Que de todos merece a honradez; e a alegria
Que nos causa o talento occulto á luz do dia
Sob o manto revél da modestia, por certo
Ha muito o seu logar marcaram no concerto
Dos pintores de nome em Veneza.

(alegre e decisivo)

Vou vel-o!
Quero, amigo e feliz, nos braços recebel-o
E apertal-o e sentil-o!

GHILDA, animada, feliz

Oh! Que ventura! Eu penso
Que hoje a face de André não mais o véu immenso
Da tristeza ha de vir encerral-o na dor!

RUZZANTE, forte

Não, por certo!

(noutro tom)

Porém, o artistico primor
Que hoje lhe dá p'ra sempre a popularidade,
Será terceiro ou quarto ou sexto entre os com que ha de
O seu nome legar ás gerações futuras.
André de ha muito é vencedor. As desventuras,
O desanimo, a lucta, o pezar — acredite! —
Elle só os soffreu pela dôr sem limite
De ver o seu esforço ignorado ou esquecido.
Eil-o que ha de nos vir agora outro marido,
Outro homem, outro amigo, outro pai, outro artista,
A alma aberta ao fulgor d'essa ultima conquista,
Certo do seu valor, feliz e bem disposto,
Sem o velho pezar que lhe ensombrava o rosto.

GHILDA, felicissima, em transporte

Fale assim! Fale assim, Ruzzante!

RUZZANTE

Oh! Quem lhe viu
Os quadros principaes! Quem — como eu — conseguiu
A collaboração do seu pincel! E quem
As pinturas muraes contemplou, que elle tem
Feito com tanto arrojo e originalidade!
Quem se quedou em frente á meiga suavidade
Da *Assumpção* e quem viu os *Quatro Evangelistas*,
Esse ha de amal-o, ha de estimal-o: que os artistas
Dos homens devem ter toda a veneração.

GHILDA, já triste

Entretanto até hoje, a custo, André o pão
Tem tido...

RUZZANTE

Mas agora o seu nome em Veneza
Alcançou de uma vez louvores e a certeza
Da popularidade.

GHILDA

Oh! Queira-o Deus!

RUZZANTE

Agora
As telas que elle fez vão ser citadas, fóra
As estampas, os cofres, caixas, arabescos,
Decorações e mais: os caprichosos frescos
Com que tem decorado os palacios.

GHILDA interessada

Ruzzante,
E são muitos?

RUZZANTE

Oh! não! Poucos. Mas é brilhante
Esse pouco. E ainda mais: alguns, tenho certeza,
Pelo arrôjo da fórma e esplendida belleza,
São primores! E posso alguns lembrar: os Zeni,
O palacio dos Zeni... Eu o construi. Ruddeni
Póde testemunhar, pela impressão que teve,
A riqueza e o vigor do trabalho.

GHILDA simples

Não deve
Espantal-o a pergunta... Eu nada sei... Mas diga:
Quem é Ruddeni?

RUZZANTE

E' um architecto.

GHILDA

Ah! bem. Prosiga.

RUZZANTE

Architecto, porém, dos melhores. Já tem,
Modesto e vencedor, sem receiar ninguem,
Com Palladio e Cattaneo, os mestres immortaes,
Trabalhado.

GHILDA

Ah!

RUZZANTE

Pois bem; vou lhe dizer o mais:
Quando o nome de André de mim Ruddeni ouviu,
—«Oh! não! (disse-me) oh! não! Ruzzante, onde se viu»
«Entregar-se a um pintor sem fama e sem louvores»
«Essa decoração, quando ha tantos pintores?»
«Quando ha Zelloti, ha Tintoreto, ha Veronéso»
«E ha Le Fratina?»

GHILDA, esperando

Então...?

RUZZANTE

...dei-lhe a resposta! E illeso
O valor confirmei de André. E consegui
Victoria. E que victoria! A perfeição ali
Foi attingida!

GHILDA em duvida

Mas, Ruzzante, eu não me lembro
De ver sahir André, p'ra tal fim...

RUZZANTE

Em Setembro
De mil quinhentos e...

(lembrando-se)

cincoenta e um. Ha nove
Annos, portanto, foi.

GHILDA, voltando ao passado

Nesse tempo... (Oh! commove
Tanto a gente a lembrar males de outr'ora)... eu era
Uma pobre infeliz... Deus ainda não me dera
A ventura de ver André.

RUZZANTE

Pois eu julgava
Que nesse tempo os dois...

GHILDA rapida

Não, senhor. Só faltava
Para a minha alegria o espaço de tres mezes:
Foi em Dezembro...

RUZZANTE

Ah! bem.

GHILDA meiga, lembrando

...no inverno...

RUZZANTE

Ah! sim.

GHILDA

A's vezes
De lembrar-me...

chorando, com voz alterada

Oh! meu Deus!...

RUZZANTE, subito

Que tem?

GHILDA, anciando e em pranto

chego a chorar...
E' que as lagrimas são um consolo ao pezar...

RUZZANTE animoso, diafarçando-a

Mas deixe d'isso, Ghilda. O dia é alegre!

GHILDA entre dois soluços, abanando-se

Eu sei...

RUZZANTE cuidadoso

Sente-se mal?

GHILDA em pranto ainda

Oh! não! Desculpe...

RUZZANTE

Eu não falei
Nessas cousas senão para animal-a. E emtanto...

Vendo que continúa o chôro, fazendo-a sentar; paternal:

Sente-se aqui. Não chore. André não tarda... O pranto
Desfaria o prazer com que elle ha de chegar.

GHILDA enxugando os olhos e abanando-se

Perdôe-me... O pranto é nada... O mal é a falta de ar...
Mas, emfim...

RUZZANTE, com medo

Não passou?

GHILDA

...já estou acostumada.
Bate-me o coração com tal vigor que a cada
Pancada eu me disponho a morrer...

RUZZANTE, sem saber o que faça

Por quem é,
Socegue! E' a commoção d'este dia...

GHILDA, mais calma

E' que André
Tem soffrido por mim tanto, tanto!

RUZZANTE, implorando

Não fale!

animador

Fique calma! Isso passa... Então? Vamos: exhale
De seus labios, de novo, a luz bemdicta e opima
Do sorriso! E imagine o ardor de que se anima
Neste momento o coração de André. Por certo
Elle está já de volta e não tarda e bem perto
Talvez já venha.

GHILDA, calma e doce

André tão bom!

RUZZANTE

Vamos, desfaça
Esse pezar. Já está melhor, não é?

GHILDA, sorrindo

Com a graça
De Deus, posso dizer, já estou bôa... E parece
Poderei receber André, qual si o tivesse
Esperado a sorrir, sem sombra de tristeza

RUZZANTE

Isso sim!

GHILDA, pedindo

Mas, então...

RUZZANTE

Que quer?

GHILDA

...tenho certeza
De que vai me falar noutras pinturas...

RUZZANTE rude e carinhoso

Não!
Ao afflicto não quero augmentar a afflicção:
Commove-se e... afinal põe-se a chorar...

GHILDA

Prometto!

RUZZANTE firme

Não senhora.

GHILDA súpplice

Oh! Ruzzante, eu lh'o peço... Está quieto
Meu coração... Respiro bem... 'Stou bôa, emfim...
E demais...

RUZZANTE transigindo

E demais?...

GHILDA

...eu preciso – ai de mim! –
Saber quaes são de André as telas principaes.

RUZZANTE, vencido

Não sabe?

GHILDA, vexada

Algumas só...

RUZZANTE

No Carmo, alem do mais,
Pintou *São Paulo* e *Santo Elias Carmelita*
E o *Christo no dezerto*, uma tela exquisita
De um vigor sem egual, pela combinação
Das côres.

GHILDA

Não sabia.

RUZZANTE

Eu lhe explico: é que então...
(Foi em quarenta e nove...) ...a senhora...

GHILDA comprehendendo

Ah! Já sei:
Meu André...

RUZZANTE

Seu André não era... seu... Comprei
Nas mãos de um mercador, por preço diminuto,
Christo Morto, um primor que ha de ser, indestructo,
Contemplado por mais de vinte gerações.

GHILDA

Não conheço tambem.

RUZZANTE

Pelas mesmas razões:
Foi em quarenta e cinco.

proseguindo

E, comquanto imitasse
André ora Ticiano, ora Giorgione, a face
D'aquelle Christo tem uma verdade tal
Que se chega a palpar a figura real.

GHILDA lembrando, interessada

E um quadro grande... o *Filho prodigo*, Ruzzante?

RUZZANTE

Ah! Já sei.

GHILDA, alacre

Esse eu vi. André fel-o durante
Dez dias, sem parar, sem descansar.

RUZZANTE

Um bello
Trabalho!

GHILDA

E onde é que está, póde acaso dizel-o?

RUZZANTE

Vi-o em São Salvador, em casa de Collalti

GHILDA

O conde?!

RUZZANTE

O conde, sim. Embora lhe não falte
Alguma pretensão, posso affirmal-o, o conde
Tem uma alma de artista. As galerias onde
Elle guarda – avarento ante um thesoiro – as telas
Dos mestres principaes de Veneza, tão bellas
Tão adornadas são, que a vista se reparte
Entre o luxo, o conforto e os esplendores da Arte.
Ha lá mais de um salão decorados a fresco
Por André.

GHILDA

Por André?

RUZZANTE

Ora é um quadro grutesco
Onde um sátyro vai, empós as nympas, rindo.
Ora um trecho feliz da historia sacra, ou um lindo
Episodio de amor.

GHILDA, feliz

Todos d'elle?

RUZZANTE

E outros mais!
Ha um que póde ser das pinturas muraes
Que elle fez, a primeira e a mais louvavel...

GHILDA

E'?

RUZZANTE

Uma Venus dormindo entre flores, ao pé
Do mar, de onde surgiu na espuma branca

GHILDA sorrindo e comprehendendo:

E Venus

Que feição ella tem?

RUZZANTE, sério

A sua.

GHILDA

A minha?!

RUZZANTE

Ao menos

Outra cousa não viu minha vista. O seu rosto
E' exacto: a mesma face, o mesmo riso...

vendo o sorriso de Ghilda

Aposto

Que sabia?...

GHILDA singela

Sabia.

RUZZANTE

André lh'o disse?

GHILDA

Disse.

animando-se

E recordo-me bem! Ah! Si o senhor o visse
Quando—dia por dia—elle, ao chegar, narrava
Os progressos do quadro!

subito mudando a vóz, perturbada

Emfim... só me faltava
Uma cousa saber... Sei agora. E lhe peço
Diga a verdade inteira: Essa Venus...

pudica

(Confesso
O meu temor)... é Venus mesma?...

rapido, perturbando se ainda

Oh! não! Eu quero
Outra cousa dizer... Espere um pouco.

RUZZANTE

Espero.

GHILDA receiando a nudez de Venus

Essa Venus, assim junto ao mar...

quasi num grito, tremula,

O' Ruzzante
André pintou-a...?

RUZZANTE que comprehendeu

...toda envolta em odorante
Véste: rosas e rosas sobre o corpo inteiro,
Do qual se vê sómente o rosto...

GHILDA anciosa

O rosto...

RUZZANTE galanteador

...e um cheiro
De rosas sai.

GHILDA simples

De rosas?

RUZZANTE

Sim: rosas do bem,
Da pureza e pudor do modelo.

GHILDA

Não tem
Nem mesmo acaso um pé fóra das flores?...

RUZZANTE amedrontando-a

Sim:
Os pés... um braço inteiro... o pescoço... e... porfim...
...Nada mais! Flores só!

GHILDA aparte, grata

Oh! Dá-me o teu perdão!
Eu bem sabia, André.

RUZZANTE que apanhou o chapéo

Vou-me agora.

GHILDA

Ainda não!

pedindo

Outras pinturas...

RUZZANTE

Ghilda, outra vez.

GHILDA

Então ouça:
Essa Venus... de André...

RUZZANTE paternal

Formosissima e moça...

GHILDA concluindo

Pois que é Venus...

continuando

Não sabe? André m'o disse: Apenas
Foi um ensaio.

RUZZANTE

Sim?

GHILDA

Nessas manhãs serenas
De fartura... talvez, que hemos de ter, eu penso,
Como André prometteu, que o goso extranho e immenso
Terei de vel-o, emfim, começar a pintura.
No quadro novo não serei Venus, a impura;
Serei eu mesma, aqui, a alma feliz surgindo
Inteira em meu olhar, como si um bem infindo
Descesse sobre mim, num crepusculo doce...

RUZZANTE rindo, meigo

Que vaidade, meu Deus, que vaidade!

GHILDA convicta

Enganou-se!
Não é vaidade, não! E' a ventura, é a alegria,
E' a farta luz do amor que a alma toda inebria,
Pelo bem de saber que André—que é a minha vida.—
Ali deixou ficar entre rosas... perdida
Entre rosas, aquella que elle adora!

Respira a custo, anciando, os labios descerrados.

RUZZANTE

Bello!
Que eloquencia!

GHILDA abanando-se

Ai de mim! Posso eu mesma dizel-o:
Eloquencia que mata...

RUZZANTE já medroso

Ai! máu!

GHILDA disfarçando

Fiquei cansada...
Só isso... nada mais...
Lembre outras telas.

RUZZANTE

Nada!
Acabou-se! Outro dia.

GHILDA súpplice, menos agitada

As que estão com Ruzzini,
Tão amigo de André...?

RUZZANTE

Não, senhora. Domine
A pressa. Temos tempo.

GHILDA já rindo, procurando ven cel-o

Ao menos a batalha
De Carlos V e Barbarossa...?

RUZZANTE

Embora valha
O seu desejo a lei, não posso contental-a...
Outra vez.

GHILDA ardilosa,

Que fazer?...

subito

Mas nem ao menos fala
Uma palavra só sobre São Marcos?

RUZZANTE

Não!
Não me esteja a tentar!

GHILDA

O concurso...

RUZZANTE

A razão
E' simples. Dou-lh'a aqui: é a obra-prima de André.

GHILDA

Por isso mesmo!

RUZZANTE

Não! Apaixono-me até
Só de me recordar que o premio, elle o devia
Entre todos os mais receber. Bem sabia
Ticiano o seu valor quando o propoz

GHILDA já triste, séria

Embora
O olvidasse em seguida...

RUZZANTE

Oh! não! Sabe a senhora
O caracter de André. Veronéso venceu.
Desde então nunca mais com outros concorreu.
Trabalha só.

GHILDA

Bem sei.

RUZZANTE

Não teme nem receia
Qualquer pintor. E vai, livre de toda peia,
E vence.

alegre, prompto para sahir

E já venceu! Vou buscal-o!

GHILDA

E' melhor
Recebel-o e abraçal-o aqui.

RUZZANTE

Não. Si eu não fôr
Ficarei triste.

GHILDA (aperto de mãos)

Vá. Traga-o já.

RUZZANTE já no limiar, descendo

Oh! que dia!

GHILDA do alto

E obrigada!

RUZZANTE fóra

De que?

GHILDA

Da amavel companhia.

SCENA OITAVA

GHILDA SÓ

Dedicado que elle é! Que bom amigo!

Pára sobre a face do filho : en ernecida

Sonha.
Com quem... p'ra ter assim a face tão risonha?
Com os anjos?... com a mamãi?...

com um suspiro

Meu filhinho!

apprehensiva

Ah! Pudesse
Um coração de mãi, que a bondade enternece
Dos filhos conhecer o futuro! Meu Deus!
Que sorte elle terá? E Silvio? Oh! filhos meus,
Pedaços do meu ser, minha alma bipartida,
A Madona do Céu que vos proteja a vida!

Forçando a angustia da fome ; com enthusiasmo, quasi feliz

Mas é preciso rir! Devo rir, que o momento
Chegou que marca o fim do nosso soffrimento.
Esperei... mas André venceu! Eil-o acclamado
Por toda a multidão; o seu nome citado
De bocca em bocca!

feliz

Oh! Sim! Bem felizes!

sonhando e soffrendo

Nem sei
Como os braços em torno d'elle passarei
Para sentil-o meu, só meu! Como virão
Seus olhos para mim cheios de luz... mas não
Sem lagrymas: que o bem, por ser bem, tambem traz
O pranto da alegria...
Oh! Bem felizes!

enxugando os olhos

Mas
E' preciso esperal-o entre risos.

Dirige-se á meza ; toma o fi- lho ao collo. Triste, soffrendo.

Não fosse
Essa fraqueza atroz... Dóe-me tanto!....

sahindo pela direita

Tão doce
Seria o meu viver sem este mal!..

SCENA NONA

DEOLCO só : da porta vendo-a desapparecer

Seu mal!...
A pobreza! bem sei... Vou tentar. Um rival
E' cousa bem commum, quando a mulher nos veio
Por effeito do acaso, um encontro apenas, cheio
De pedidos de amor por carencia de pão...

cauteloso, entrando mais o palco

Tão bonita! Ah! Não sei como hei de esta paixão
Mostrar-lhe, a ver si a tenho e si a beijo... Oh! Beijal-a!!
Nunca o desejo foi tão forte em mim! Si a fala
Lhe pudesse mostrar que a quero inteira e a quero

Minha, de todo minha! exposto ao desespero
Embora, o pobretão do pintor! Si a riqueza
A tentasse e a trouxesse aos meus braços, bem preza!
Leval-a, junto a mim, p'ra o meu delirio, como
Um thesoiro roubado! E guardal-a num assomo
De volupia! E sentil-a e apertal-a e escondel-a
Em meu corpo!...

A voz de Ghilda, dulcissima, nos bastidores

Papai não tarda.

DEOLCO recuando até a porta para esconder-se

Eil-a! Vou vel-a!

a voz de Ghilda

Um beijo p'a mamãi... outro, filhinho... Então?

SCENA DECIMA

GHILDA e DEOLCO

GHILDA entrando, sem o filho, limpando os olhos. Mais pallida, mais fraca, mais doente: com signaes constantes de dyspnéa.

Que fome que elle tem!

DEOLCO entrando

Peço licença.

GHILDA virando-se

Ah!

Simples, estende-lhe a mão. Elle vai instinctivamente levando-a aos labios. Ghilda a retira bruscamente, com uma energia na voz:

Não!

DEOLCO baixo, em supplica

Ghilda, por que?... que tem?...

GHILDA forte

Que deseja o senhor?

DEOLCO

O seu bem.

GHILDA

O meu bem?!

DEOLCO franco

Escute-me. E' o amor
Que aqui me traz. Adoro-a, Ghilda.

GHILDA assustada, mas reagindo

Mas perdão...
Certo o senhor esquece o respeito...

DEOLCO brutal

Oh! Pois não?
Esqueço tudo...

GHILDA tremula

Mas...

DEOLCO

Sei que a vejo!

GHILDA mais corajosa

O senhor
Com que direito vem...

DEOLCO

Com o direito do amor.
Amo-a, Ghilda, já o disse... Ha muito...

GHILDA resoluta

Mas esquece
Que sou casada e honrada?

DEOLCO

Esqueço tudo!

GHILDA

Vê-se,
Na phrase que me diz, que é brutal. Não respeita
Uma senhora!

DEOLCO

Adoro-a! E por tenção já feita
Ha muito tempo, espero a victoria alcançar.

GHILDA já medrosa, mas reagindo com calma

Perdôo-lhe porque não me conhece... O lar
Da gente honesta e sã devêra merecer
Mais respeito. O senhor se engana...

DEOLCO

Póde ser...
Mas por que não me ouvir?

GHILDA aparte, mais temerosa, soffrendo

E estou só...

DEOLCO

Eu detesto
O meio termo. Eu amo-a, Ghilda. O amor, honesto,
Bem sei, não é. Porém é amor. Amor insano
Feito só de desejo... E' brutal, mas é humano...

Subito, refinadamente torpe, com um passo para ella

Eu quizera o teu beijo, o teu corpo, o teu cheiro...

GHILDA recuando, pallida, quasi num grito

Senhor!

DEOLCO acovardado, mas torpe sempre

Não quero mais. Sonhei... passou... Primeiro
Foram noites sem fim, de anceio longo... E após,
Quando vi que a cercava esta pobreza atroz,
Pensei: Levo o meu oiro...

GHILDA com indignação

E o deixava!?

DEOLCO

Isso não!
Vinha buscal-a só, por meio d'elle...

(Ghilda soffre, dolorosamente muda)

E então,
Juntos, longe d'aqui, num recanto escondido
Em Murano, eu lhe déra um ninho reflorido
Onde o goso e a exclusão teriamos do amor.

GHILDA crispando as mãos, immovel

Oh! Meu Deus!

DEOLCO covarde

Não se afflija.

GHILDA invocando

André...

DEOLCO mais perverso

Ora, o pintor
De que lhe serve aqui? Nada traz. Na miseria
Tem-na deixado sempre. E' nulla a sua féria.
Eu lhe daria tudo: o conforto e o prazer
Em joias, em dinheiro, em barras d'oiro...

estupido e immundo

Quer?

Brilham lhe os olhos, á Ghilda. Elle covarde sempre :

Mas não tenha temor! Nada lhe faço. Apenas
Entendi de subir para, em palavras plenas
De verdade e de amor, mostrar-lhe o meu desejo.
Demais, ha muito espero o procurado ensejo
Para dizer-lhe tudo. E eil-o por que aqui estou.
O que agora lhe falo o olhar já lhe falou
Mais de uma vez...

GHILDA fremente, rugindo

Oh! não! E' mentira!

DEOLCO mais covarde, menos brutal

Por ora
Me cinjo a lhe affirmar que é verdade. A senhora
Não terá reparado. Eu lh'o digo, porém.

Ghilda continúa immovei, encostada á meza, pallida, anciando, num supremo gesto de raiva, de odio infindo. Toda ella é indignação, contida nas palavras, mas clarissima na expressão dos grandes olhos esgazeados.

Desde que a vi uma vez aqui mesmo, o meu bem
Surgiu claro, encarnado em seu corpo de neve.
Tudo seria seu, tudo o que tenho!

mellifluo

E em breve,
Quando eu visse, afinal, sobre o meu coração,
Palpitante ao calor dos meus desejos...

GHILDA já cega, tresloucada, erguendo a cadeira nas mãos finas e magras, um grito supremo, avançando :

Cão!

DEOLCO perturbado, recuando

Escute...

GHILDA avançando, fóra de si

Cão!

DEOLCO recuando, sempre

Ao menos...

GHILDA sacudindo a cadeira contra elle

Cão!

DEOLCO quasi á porta do fundo

Senhora!

GHILDA numa suprema força

Sáia!
Sáia, sáia d'aqui! Alma vil! Sáia! Saia!
Immundo!

DEOLCO á porta

Eu lhe podia...

GHILDA forte, tresloucada

Immundo e infame

DEOLCO no limiar, recuando

Attenda!

GHILDA na porta brandindo a cadeira

Desça, desça!

(Fecha a porta, agitadissima)

extenuada

Oh! meu Deus!

DEOLCO de fóra, descendo

Sim, mas não se arrependa
Depois, do que me diz neste instante!...

GHILDA nervosa, desvairada

Maldito!

com gritos evocadores,

Deus do céu!... Minha mãi!... Meus filhos!... Que infinito
Momento de terror! E si elle me matasse,
O cão?!...

Supplice, mudando a voz, fatigadissima e pondo as mãos

Virgem do céu! Volve a limpida face
E o olhar piedoso e bom! Dá-me forças!

Senta-se, respirando a custo com a cabeça nas mãos. Chora. Depois de pausa, num grande susto, com terror :

Deus meu!
Eil-o outra vez!

Ouvem-se passos :
aguçando o ouvido, erguendo-se em panico :

Escuto os passos!...
Resolveu
Subir... Vem me matar!...

horrorisada, quasi gritando

Matar, não! Quer-me viva!!
Vem se vingar de mim. Vem humilhar a altiva!

desvairada

E não tarda, meu Deus!

num cumulo de medo

Não tarda!

UMA VOZ de fóra

Ghilda!

GHILDA encolhendo-se no primeiro plano á direita, apertando as temporas

Eu grito!

A VOZ

Ghilda!

GHILDA reconhecendo a voz

André?...

A VOZ

Ghilda!

GHILDA alto, correndo, tropega, para a porta

E' André?

A VOZ DE ANDRE'

Abre a porta!

GHILDA

Bemdito
Seja Deus!

Abrindo a porta e recebendo André ; cahindo-lhe nos braços.

SCENA UNDECIMA

GHILDA, ANDRE' e MARTELLI

André traz dois grandes ramilhetes

GHILDA

Meu André, meu filho, então?

ANDRE' olhando-a com espanto

Que tens?!

GHILDA cahindo em si, disfarçando

Eu? Nada,.. Eu te esperava...

cambaleia por vezes ; dando forças á fraqueza :

Até que emfim tu vens!

Que demora!

Aperta a mão a Martelli que a olha com espanto
Interessada, a André, alheiado:

Mas dize... os Padres... Dize, emfim!

ANDRE' jogando sobre a mesa os ramilhetes

Os Padres...

MARTELLI passeiando á esquerda, entre dentes, fechando os punhos

Os ladrões...

ANDRE' dirigindo-se ao cavallete, o olhar infixo, o gesto indeciso

...deram-me flores...

GHILDA exhausta sentando-se, voz fraca

Sim;

E que mais?

ANDRE' olhando a tela

Flores só...

MARTELLI apontando-as á meza

Estas flores

GHILDA quasi sem voz

Só flores?!

ANDRE' (tira a tela e põe outra em branco)

A Irmandade não tem com que pagar pintores...

MARTELLI passeiando, alto, dentes cerrados

Ladrões!

GHILDA

Porém... mais nada, André?...

ANDRE' rude e vago, no tamborete

Mais nada. Agora

Vamos recomeçar nossa vida de outr'ora...

Volta-se para ella emquanto prepara as tintas, alheiado

Foi um sonho... passou...

MARTELLI num gesto

Ladrões!

Ghilda põe-se muito branca, a desfolhar as rosas, reclinada, levando á bocca as petalas num gesto dolorosissimo

ANDRE', de repente, num grito

E eu tenho fome!

para Ghilda

E tu?!

GHILDA mastigando as petalas, anciando

Eu?... Não!...

com angustia

Mas Silvio tem...

MARTELLI que comprehendeu, batendo no hombro de André, quasi em suppplica

Dize-me! em nome

D'este affecto, Schiavone! Aqui dentro...

ANDRE' acerbo, desabafando

...Ha tres dias

Falta-nos tudo!

GHILDA

André...

ANDRE' com a energia da tortura

Tudo, tudo!

a Ghilda

Querias

Que eu negasse?

GHILDA quasi examine.

Isso não...

André olha-a e não vê a realidade. Ella continúa, vagarosamente, levando á bocca as flores.

MARTELLI junto a André, dando-lhe dinheiro

Aqui tem, meu amigo.

GHILDA

Por mim... bastam-me as flores...

ANDRE' traçando um esboço, animado

Sim! Porque comtigo,
Com tua alma lyrial, ellas se juntam, para
Refazer em teu ser a essencia augusta e rara
Da bondade e do amor.

Volta-se para ella: ella sorri. Elle continúa trabalhando: ella arqueja.

Ghilda dilecta, eu quero
Esboçar a visão do extremo desespero
Aqui, pondo em teu ser toda a extrema belleza!

GHILDA o olhar perdido num sorriso, quasi sem voz, sonhando

O retrato...

ANDRE'

E's p'ra sempre a bemdita riqueza
Do meu lar, onde vive a miseria do pão...

Martelli continua a olhal-a com um olhar de susto. André esboça. Ella esvai-se pouco a pouco.

E a Arte, que te vai pôr, como immortal visão
De uma alma nobre e santa, aqui na tinta honesta
D'esta tela immortal; a Arte ao pincel me empresta
Todo o seu esplendôr, que o tempo não consome,
P'ra pintar o esplendor da miseria e da fome!

GHILDA immovel, exanime

André...

MARTELLI alto, correndo para ella

André!

a Ghilda

Que tem?

ANDRE' continuando a pintar, alheio á agonia

Espera.

GHILDA

André...

MARTELLI gritando, junto d'ella

André!

ANDRE' (Vira-se subito. Num salto:)

Oh! Meu Deus!

GHILDA immovel, o olhar perdido, com um ramilhete no regaço.

Meu amor...

ANDRE'

Martelli, por quem é,

Um medico!

ajoelhado junto d'ella, esfregando-lhe os pulsos, desvairado, fitando-a

Meu Deus! Ghilda! Ghilda!

MARTELLI sahindo ás pressas

Já vou.

GHILDA agonisando : pausadamente :

Meu amor... Meu André... Meus filhos...

ANDRE' num grito lancinante

Ghilda!

GHILDA

Estou

Perdida... André...

ANDRE' louco, gritando para a porta

Martelli!

chamando o corpo frio, de joelhos, os braços no regaço d'ella e a face em lagrimas :

Ghilda! O' meu amor!

Meu amor!

Beijando-lhe as mãos, de rijo, subindo com os beijos pela véste,

Meu amor...

pelos braços, pelo pescoço, pela face branca e pura

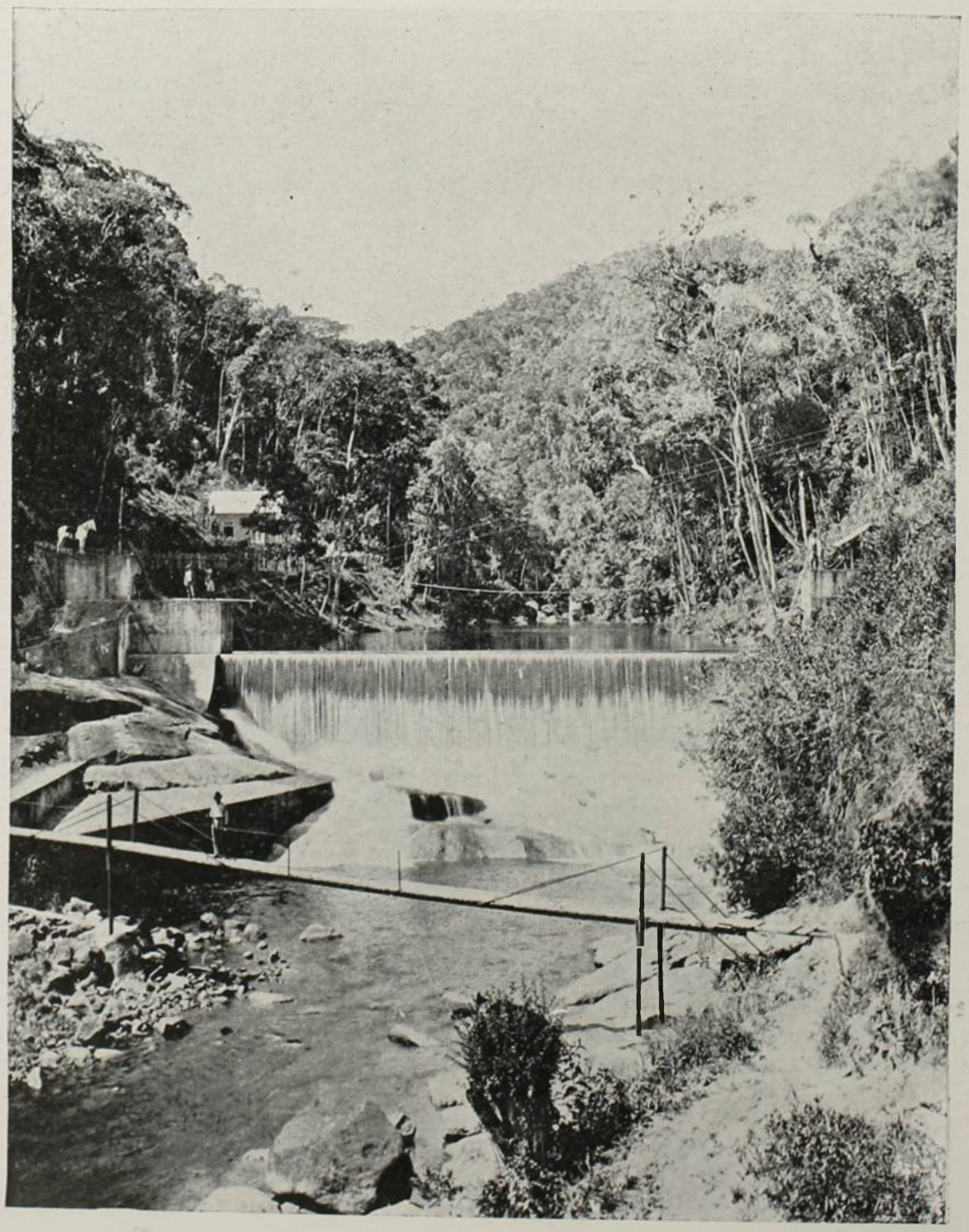
Meu amor...

e depondo, numa angustia negra, o ultimo beijo á bocca :

Meu amor...

O velario désce lentamente

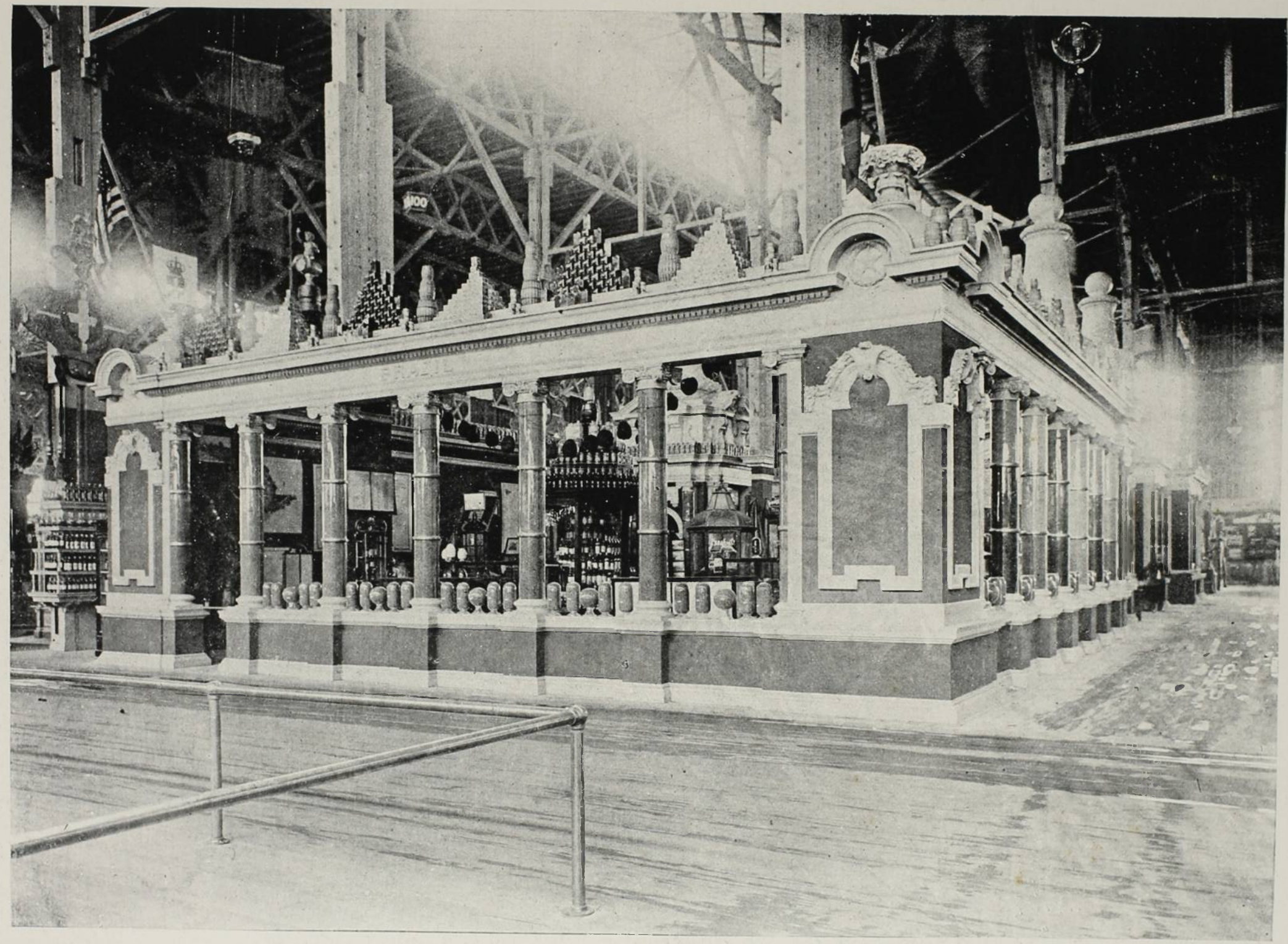
DALTRO SANTOS.



EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ



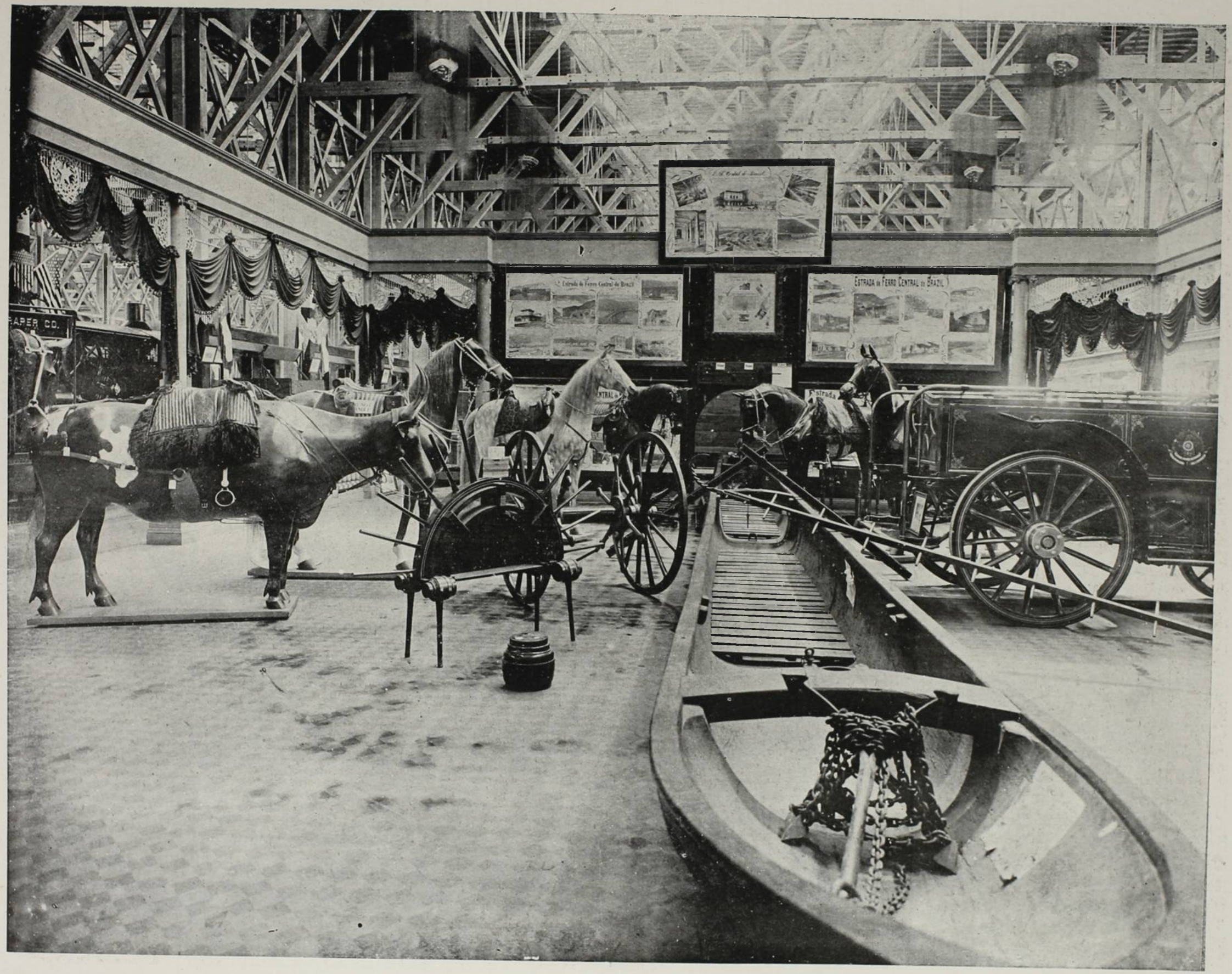
SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE VARIAS INDUSTRIAS



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE AGRICULTURA



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE FLORESTA, PEIXE E CAÇA



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE TRANSPORTE



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE ARTES LIBERAES



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE TRANSPORTES

ESTYLOS EM ARCHITECTURA

II

ESTYLO ORIENTAL

«..O duplo *sentimento do verdadeiro* (aptidão scientifica) *e do bom* (aptidão artistica), não se póde tornar nitidamente pronunciado sem que o *sentimento do bello* (aptidão esthetica), que não é, em qualquer genero, sinão o *instincto de perfeição rapidamente apreciado* deva tambem surgir por toda a parte...».

(Augusto Comte—Systema de Philosophia Positiva—tomo IV, pag. 878).

A humanidade cançada de habitar as cavernas das montanhas e as grutas ribeirinhas, emigrou em grande parte para os valles, disseminando-se pelas planicies; d'ahi surgiram os povos procedentes dos primitivos caçadores e ichthyophagos.

A vida rustica, sujeita a longas e constantes perigrinações de campo em campo, modificando grandemente os usos e costumes, impoz á população pastoril outro formato de abrigos, mais de accordo com a natureza da nova profissão, menos misanthropa e mais alegre.

Em consequencia, os povos pastores construiram moradas leves e ligeiras, de facil remoção e transporte; e assim surgiu a tenda. Essa habitação simples, sustentada apenas por espeques de madeira cravados no sólo, ampla e folgada, abrigava sob os tectos, cobertos de couros resequidos, casaes e familias.

A tenda pastoril, originando o typo do estylo oriental, base da architectura sino-japoneza, foi, por assim dizer, a primeira construcção levantada pelos chinezes, e grande numero das actuaes construcções do extremo-oriente acompanham de perto esse genero de construcção. Com effeito, os pilares de madeira, lizos e despidos de bases e capiteis, que supportam os tectos dos edificios chinezes, representam as estacas primitivas; os tectos polygonaes, apoiados nesses pilares e compostos de diversas faces, forrados interiormente com pelles e estofos de phantazia, acompanham a forma curvo-convexa das tendas; a cobertura de telhas miudas semi-circulares ou quadrangulares, terminada em pontas recurvas munidas de ganchos sustentando campainhas, lembram as pelles superpostas dos tectos primitivos; emfim, do conjuncto d'essas construcções destacam-se as formas e caracteres das habitações dos pastores.

As casas e os palacios chinezes assemelham-se, extraordinariamente, a um grande numero de tendas reunidas, e os proprios templos, denominados *pagodes*, e bem assim as *torres*, são outras tantas tendas superpostas.

Disse algures um viajante do oriente—As cidadellas e as grandes cidades chinezas, inclusive Pekim, assemelham-se a grandes campos, onde a agglomeração das construcções lembram as moradas portateis das populações pastoris.

***

As construcções ligeiras e elegantes do extremo oriente, são caracteristicas da raça amarella, e como que traduzem a delicadeza artistica e o apurado gosto d'esses povos, extraordinariamente originaes.

A arte ali é typica no conjuncto e nos menores detalhes ; assombra as vezes, maravilha quasi sempre.

Os chinezes e japonezes são notaveis pela extrema ligeireza e formas caprichosas dos trabalhos, quer na industria, quer nas artes; desde a architectura até a pintura, desde os trabalhos de lacca, charão e marfim, até os bordados e tecidos de seda e palha.

Essa delicadeza paciente, manifestada em todos os actos da vida publica e particular, avulta dignamente no respeito, veneração e amor dispensados principalmente ás mulheres, originarios do celebre ditado chinez, universalmente conhecido :—*na mulher não se toca nem com uma flor*—.

A mulher japoneza, principalmente, é senhora absoluta do lar, manda, governa e reina; fóra d'elle, é cercada de todas ds attenções e carinhos, sendo caracteristica a exigencia imposta aos viuvos e viuvas que pretendem contrahir novamente o casamento.

No extremo oriente, contrariamente á maior parte dos paizes occidentaes, o sentimento do bello, de que falla Augusto Comte quando trata da manifestação esthetica, surge expontaneo; infelizmente, porem, o sentimento do bom, apenas pronunciado no lar domestico, é assaz prejudicado pelos preconceitos e ambições d'esses povos.

O sentimento do verdadeiro, por seu turno, é ali insignificante, até mesmo nas proprias manifestações artisticas, contrariadas pela propensão dos orientaes para o genero fantasista-imaginoso.

Em materia de religião o fetichismo exerce pronunciado predominio entre os povos asiaticos, e, como todos os crentes divinos, elles são em geral fanaticos, cheios de vicios e abusões.

O deus Boudha por elles adorado com fervor extraordinario, tem, segundo as escripturas orientaes, maior acção e poder que o deus catholico; porquanto, ao passo que este consubstancia tres pessoas, aquelle encarna sete, existindo por isso deuses com sete cabeças e quatorze braços.

Os templos dedicados a Boudha são magestosos e imponentes, primando interiormente pelo aceio do conjuncto, ordens dos arranjamentos, symetria das ornamentações e, sobretudo, pelo luxo e riqueza das decorações alacremente destacadas, pela vivacidade intensa das cores claras e superabundancia dos rendilhados.

Todo esse conjuncto, maravilhoso e feerico, cresce de vulto por occasião das solemnes e espectaculosas cerimonias do culto, celebradas no meio do maior silencio, e ouvidas com o respeito e extremada devoção, que o fanatismo excessivo e a crença cega pela divindade, impõe e exige.

A pobreza da aptidão scientifica, attestada nas manifestações exteriores, é em parte compensada pelos sentimentos altruistas do bom e do bello, manifestados de modo expontaneo na vida intima d'esses povos.

Os chinezes e japonezes adoram as flores e os perfumes; existindo jardins onde é defeso, e até um crime, arrancar uma petala siquer.

O *chrysanthemo*, o *iris*, toda a sorte de *iriades* e o *lyrio*, são cultivados com carinho e cuidados especiaes; a *flôr do lotus*, considerada sagrada, é respeitada e adorada com o fervor intenso das cousas sobrenaturaes.

A mulher, rodeada de mimos, cuidados e delicadezas, tem no lar domestico um altar, onde o respeito é extremado e a limpeza excessiva.

Ha casas forradas com esteiras côr de leite, e onde é defeso penetrar calçado, em obediencia ás exigencias rigorosas de aceio e conservação.

O respeito e amor pelos velhos, manifestados, embora de modo menos intenso, entre os sentimentos affectivos da raça amarella, predominam acentuadamente no Japão.

Assim a veneração pelos avós, tratados com acatamento e consideração, e o carinho e ternura dispensados ás creanças, principalmente as do sexo feminino, são attestados vehementes dos sentimentos innatos nos corações Japonezes.

Esse mesmo povo sincero e bom, dotado de tão bellos e alevantados sentimentos altruistas, essa raça de artistas, amante das flores e das mulheres; aninha, no entanto, no mesmo coração generoso e meigo, ambições militares de conquista e de dominio, manifestadas nas guerras da China e da Russia, e nas atrocidades intestinas dos boxers e dos tonguzes.

***

A raça amarella possue incontestavelmente o segredo da arte, que denuncia uma actividade incrivel nesse povo de aspecto indolente e doentio; actividade que Tolstoi admitte nos homens como uma forma intensa de manifestação artistica.

As obras de arte pacientemente trabalhadas e maravilhosas nas minucias dos detalhes, as curiosas e variegadas construcções typicas da architectura sino-japoneza e originarias do gracioso estylo oriental, são outras tantas confirmações da actividade artistico industrial d'esses representantes da raça mongolica.

Os constructores quer chinezes quer japonezes, sacrificam sempre a solidez dos edificios em pról das proporções esbeltas, e elegancia do conjuncto.

Dentre as construcções singelas do estylo oriental, destacam-se, comtudo, algumas de aspecto grandioso, e formato pyramidal, compostas de varios pavimentos, semelhantes a um grande pombal.

Os *taas*, templos chinezes com o formato de torres polygonaes, são exemplos frisantes d'essas construcções dispostas em diversos andares, constituindo casas destacadas e superpostas pelos tectos.

O mais notavel *taa*, é o de Nankim, conhecido pelo nome de *torre de porcellana*, e considerado uma das maravilhas do mundo.

Os numeros mysticos dos andares são sempre impares nos *taas*; por essa razão a torre de porcellana compõe-se de nove andares, correspondentes ao numero das incarnações de Wischnou. Mede essa torre trinta metros de diametro na base e cento e sete metros de altura, comprehendendo a agulha extrema com vinte e sete metros. As muralhas interiores da torre são revestidas de tijolos ou ladrilhos brancos polidos, tendo em relevo a effigie de Boudha, ricamente dourada.

Alem da torre de porcellana ha um outro *pagode*, vasto e grandioso denominado *Sou-tcheou-fou* medindo na base noventa e tres metros de circumferencia e contendo nove andares.

As *portas de honra* são outros tantos monumentos chinezes dignos de nota, construidos com o formato de arcos de triumpho e erigidos á memoria dos imperadores, lettrados, mandarins e de todos aquelles que prestaram serviços relevantes ao paiz, sem distincção de sexo e de classe.

E' extraordinaria, como se vê, a tendencia dos povos orientaes para o nivelamento das classes e gerarchias sociaes, sendo comtudo de admirar este pendor naquelles paizes de regimen monarchico absoluto. Comtudo, nelles, mais do que nos povos occidentaes, a incorporação do proletariado na sociedade moderna encontra adeptos e adhesistas, mórmente nas classes altas.

O estylo oriental no Japão é identico ao chinez, mais delicado, porem, nas minucias dos detalhes e no artistico do conjuncto; assim a arte japoneza prima, sobretudo, pelo mimo da confecção attestada em seus bronzes, *foukuzás*, jarros e jarrões de porcellana, trabalhos de lacca, charão e marfim; alem de maravilhosas e encantadoras bellezas de execução em pinturas, frócos e bordados, sedas, *fuziumas*, *kakemonos* e uma infinita variedade de minusculos e graciosos bibelots; e essas mil cousas, e esses mil nadas, trabalhos de paciencia e perspicacia artistica, dignos d'essas regiões banhadas pelos mares de coral.

O Japão possue pagodes budhicos explendidos e entre elles destaca-se pela grandeza, vastidão e belleza, o denominado *Fo-ko-zi* em Myako, contendo uma estatua colossal de Budha.

Existe tambem um outro pagode em Osaka, elegante edificio cujos andares superpostos pelas coberturas, formando degráos exteriores em todo o contorno, são decorados com finas esculpturas. Este edificio elevado no centro de magnifico e espaçoso jardim, é cercado de muros largos e espessos, contendo cavidades semelhantes as cellas dos conventos, e destinadas a alojamentos dos padres.

Estatuas colossaes de divindades encontram-se commummente no Japão em varias localidades, ao ar livre.

A estatua de Kamakoura, considerada a obra mais completa do genero japonez, no duplo ponto de vista da arte e do sentimento religioso, e dedicado a Budha, representa o deus, sob o nome de *Dobutzu*, em proporções colossaes, sentado e de pernas cruzadas; attitude caracteristica de meditação de quasi todas as divindades da religião budhista e do culto de Sinto.

No ponto de vista architectonico, o Japão se assemelha a China, devido ao predominio do mesmo estylo oriental; comtudo, em sua caracteristica, os architectos japonezes empregam o *dragão* na ornamentação dos templos e palacios.

Entre as construcções singelas, destaca-se no estylo japonez, os kiosques e mirantes, empregados em parques e jardins; e essa outra face do estylo oriental é caracterisada pelos tectos chatos em curvaturas affastadas; principalmente nas habitações privadas.

Em religião o japonez é budhista, existindo comtudo, alguns adeptos do culto de *Sinto* e do catholicismo.

Na China o povo em sua maioria segue o budhismo; contando-se ainda alguns adeptos do culto de *Táo-se*, religião dos espiritos, outros do mahometismo; alem da religião de Confucio, professada pela corte e pelos lettrados.

O estado da mentalidade chineza systematisada por Confucio, define o *fetichismo*; isto é a forma do estado theologico-ficticio, caracterisada pelo ascendente da concepção das *vontades* como *causa* de tudo, e que consiste em admittir que taes vontades são o attributo dos seres naturaes.

O estudo da marcha progressiva do desenvolvimento religioso, principalmente no Japão, depende do conhecimento da evolução de Augusto Comte sobre os tres estados mentaes; sendo difficil, porem, resumir essas concepções de modo satisfactorio, dentro dos moldes d'este modesto trabalho, nos limitamos unicamente a affirmar que os tres methodos denominados respectivamente

theologico, methaphysico e positivo, e que o espirito humano segue em todos os seus raciocinios, se substituem de accordo com a cathegoria dos phenomenos constatados: primeiro por *vontades* em seguida por *entidades cegas* e finalmente pelas *leis naturaes de semelhança e de successão.*

O estado mental do Japão é theologico – metaphysico, como attestam sua religião, usos e costumes; e, por outro lado, a progressão pratica militar conquistadora e militar defensiva (guerra com a China e com a Russia) d'esse paiz, vem confirmar francamente a marcha intellectual correspondente.

Os sentimentos domesticos e civicos, porem, na China, e mais ainda no Japão, cheios de altruismo e abnegação, se approximam bastante dos ensinamentos de Augusto Comte, com relação a essa religião da verdade e do amor, do progresso e da ordem, protectora dos fracos e dos opprimidos, da mulher e do proletario: creadora de um futuro exclusivamente industrial e pacifico, em beneficio da humanidade; baseado nas lições do passado e nos ensinamentos do presente.

***

Com o deslumbramento de uma aurora boreal, surgiu, incensado pelo nardo e pela myrrha, o estylo oriental, delicado e leve, cheio de graça e encanto, admiravel nos detalhes dos rendilhados e fantasista nas curvaturas das ornamentações.

E essa immensa região oriental, terra das perolas e do chá, do opio e da porcellana, dos jardins perfumados e dos kiosques de marfim; abriga a raça amarella, descendente dos pastores, meiga no trato, fanatica em religião, intransigente em principios e pura nos seus ideaes; povo extraordinario e incomprehensivel, cheio de audacia e arrojos, em completo antagonismo com a indole e com o meio, artista e guerreiro, dotado de fortes messes de sentimentos sãos e capaz das maiores atrocidades e vinganças.

O conjuncto das manifestações egoistas, em detrimento dos sentimentos altruistas, contribue não só para aggravar cada vez mais a desmoralisação masculina, como tambem para augmentar essa corrente de sympathias e adhesões dos corações femininos, em pról do sacerdocio theologico, como unico refugio e salvaguarda da moral.

Um dia porem, qnando o prestigio affectivo da mulher e as aspirações do proletariado á reorganisação social, unirem-se para a victoria final do espirito positivo; as manifestações industriaes dos povos asiaticos, sobrepujando os sentimentos guerreiros, augmentarão o explendor e o brilho do estylo oriental, no interior d'esses deslumbrantes *pagodes* e *taas.*

A. Lima Campos.

UM ERRO DE LAFFITE

Dando as vantagens de que gosa o systema de numeração septimal sobre o decimal, Laffite, em seu «Calculo Arithmetico», affirma que a conversão das fracções ordinarias em septimaes dá *sempre um quociente periodico simples*, o que não se verifica adoptando-se o systema decimal em que a conversão das fracções ordinarias em decimaes dá quocientes finito e infinito, sendo este ultimo ora periodico simples, ora composto.

Em primeiro logar não comprehendemos semelhante vantagem; muito ao contrario, consideramos mais vantajso poder obter, em alguns casos, quocientes *finitos* do que sempre *infinitos*. Sim; quando temos uma fracção decimal finita consideramos um valor *exacto* da geratriz, ao passo que quando encontramos uma septimal periodica, quer seja simples ou composta, temos *apenas uma approximação.*

Quanto ao facto de não dar periodica composta, e tão sómente periodica simples, ainda permitta-nos a audacia, estamos em desaccordo com o sabio Laffite, mesmo porque contra factos não ha argumentos suasorios e estamos promptos a mostrar fracções ordinarias, que, convertidas em septimaes, dão periodicas compostas.

Alem disto, bem ponderado o principio que nos diz, tratando-se do systema decimal, que uma fracção ordinaria irreductivel, cujo denominador contiver os factores primos 2 e 5 combinados com outros dá, convertida em decimal, uma dizima periodica composta, leva-nos ao seu congenere adoptando-se o systema septimal, o qual será o seguinte: toda fracção ordinaria irreductivel, cujo denominador contiver o numero *septe* combinado com outros dá, convertida em septimal, uma periodica composta.

Assim, sendo, as fracções $\frac{3}{20}$, $\frac{4}{50}$ etc. suppostas escriptas no systema de base *septe*, convertidas em septimaes devem dar periodicas compostas, o que effectivamente é verdade, pois, $\frac{3}{20} = 0{,}1333\ldots$ e $\frac{4}{50} = 0{,}054125412\ldots$

Antes de fazermos ponto final devemos mencionar que o grande Leibnitz, o primeiro que suscitou a questão dos diversos systemas de numeração, propondo o binario como sendo o mais vantajoso e, portanto o que devia ser universalmente acceito, não allegou o facto do numero dous ser primo, mas tão somente se conservar de cór dous caracteres e de transformar a multiplicação e a divisão dos numeros inteiros em addição e subtracção.

Tal proposta, como sabemos, não foi acceita, pois, mais que todo o allegado, pezou o grave inconveniente de serem todos os numeros representados por dous unicos algarismos o que alem de exigir uma grande extensão para os escrever nos sujeitaria a inevitaveis erros pela necessidade de continuas repetições.

F. Souza Lima.
Da Escola Normal de Nictheroy.

TYPOS DA ROÇA

III

MALUDO

CABOCLO mal encarado, olhando p'ra gente sempre esconfiado, mesmo como quem anda de má tenção, este sujeito, retaco, já marcado por varias chumbadas, é o maludo do logarejo.

Tendepá é com elle; parece que tem parte com o capêta, attentando as creaturas, puxando quistã por um nada; «trem» ruim acabado o maludo.

Cruz! Ave-Maria! resmungam os caboclos, quando o veem passar, na «pello de rato» viageira, vindo do rancho, na beira do ribeirão, onde elle fez um pary, e roça num pedaço de chão pegado com as terras de *seu* capitão, manda-chuva d'essas redondezas, onde a fama do maludo é de fazer respeito.

Quem quizer *serviço* bem feito é tratar com elle, bom na conta p'ra uma tocaia. Nas mãos do capanga, a «companheira» berra fogo na certeza, e o apontado á vindicta vae p'ro barro ali no duro. Pezam-lhe na cacunda diversas mortes, e não assumpta muito para afincar a faca no sangrador do «parceiro». Ingirizou, sangrou num *átimo*, sugigando o «individuo» sem talvez.

Após, abre o pala, sumindo um par de tempos.

Já gemeu no páu duas vezes, mas merereca não póde com elle. Quem inticar, não tem arrumação: elle arruma de uma vezada, porque desaforo não leva para casa. Quando? *ádio!*

Pelo entreaberto da grosseira camisa, vê-se-lhe ao peito o *breve* ensebado, porque o maludo é devoto, sabendo tirar um terço, e corre que é turuna p'ra cortar um máu olhado.

Creatura de poucas falas, vive no seu quieto, cuidando de prover de um tudo o rancho onde mora com a dona, o seu chodó de quando era mais novo, agora o seu bem bom na velhice que vem chegando. Os cabellos já estão pintando, que nem pello de preguiça.

Que, porem, não lhe façam geriza: não é atôa que arrasta mala, e de homem não tem medo.

A gente vive é mesmo p'ra morrer, e o maludo, desde que estendeu um no pó da estrada, não esteve mais p'ra ouvir papeatas.

Gosta do gole, mas, durão, não é com pouca pinga que elle fica escornado. Quando elle entra na venda de «seu Antonho», que fica mesmo p'ras bandas de sua casa, os freguezes calam-se, cumprimentando-o receiosos; só «seu Antonho», mais parola, é que conversa com o maludo, mal encarado, olhar atravessado, todo um ar de contador de grongas, sabendo-se temido d'aquella «porqueira» de gente.

Escoltas têm-lhe ido ao encalço. E' baixo soldado pegar o rasto delle que, protegido, é avisado, e amoita por essas bibocas que ninguem o acha.

De uma feita, quando os missionarios estiveram no povoado, e até levantaram no largo o cruzeiro, o maludo bateu p'ra desobriga, promettendo mudar de vida. Qual! não levou dias e por causa de uma jogada no truque, teve um bate-barbas com o Chico carreiro, sujeito tambem pegador, e não foi nada: o ferro allumiou nos ares, o Chico ficou estirado a ponto de o julgarem «defuncto fresco». Andou na embira, e o maludo triscou, ligeiramente ferido, agil que se portou na lucta, fugindo com o corpo apezar de grosso de carnes.

O vigario já disse que o maludo ha de acabar numa ponta de faca ou numa carga boa de garrucha.

O caboclo soube disso, sorriu e, picando o fumo, observou:

— Póde ser, mas só si fôr á *treição*.

Não raro, passa um bandão de tempo sem apparecer; todavia, quem transita pela estrada vê o maludo, chapéu de couro, ora labutando na roça, cantarolando trovas, ora no pary, e a sua canoinha corta, maneira, o ribeirão.

O povoado chega a esquecel-o; quando, um dia, de sopetão, tem-se noticia de que o maludo acabou com mais um pobre de Deus, e, no local, mãos piedosas erguem uma cruz tosca, assignalando ao caminheiro o crime que fica impune, porque o maludo, capanga dos «grandes», gosa de protecção.

Caboclo máu este sertanejo retaco, de olhar duro, poucas falas, cuja alma — dizem as velhas — já pertence ao *maldito*, temido criminoso no logarejo, onde os leques dos buritysaes farfalham ás aragens dos chapadões.

AZEVEDO JUNIOR.

Juiz de Fóra, 1904.



— Sabe com que se parece a saleta ?
— Não.
— Com um cemiterio da roça quando não ha defunto para enterrar.
— ! ! ! ! !
— Bem. Dê-me agora algumas notas impressionistas.
— Ahi vão ellas :



Fiuza mostrou ser symbolista com esta collega. Ninguem melhor interpretou na tela a velha comparação do pescoço de cysne. . .



De Amoedo. Influencia da pintura encaustica no crescimento das mãos. Bello systema para quem não tiver mãos a medir. . .



Este outro, de Machado, deve symbolisar o espanto petrificado de um conhecido conselheiro ao vêr que um simples cabrito supporta inalteravel o peso de uma matrona.



De Machado—Influencia dos cogumelos brancos sobre o penteado de arame e os paletots de palitos...

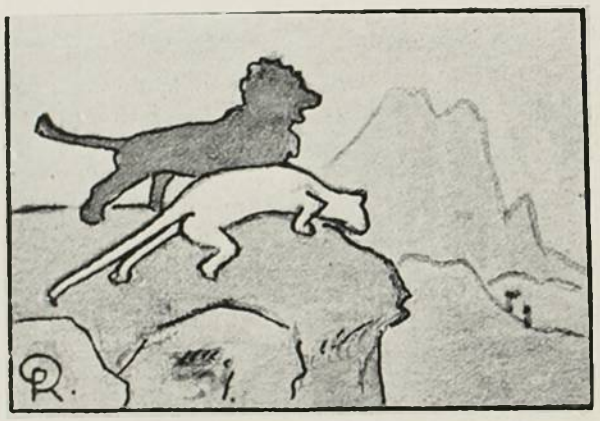


—Este quadro do Snr. Machado deve representar um *dominó* suspenso diante de dous nús e 5555 pedacinhos de papel de côr...

—Engano seu, é a tentação de Santo Antonio.



Pintura a ovo para que a arte não gema. Symbolysou Amoedo, com toda a perfeição, o seio da representação nacional...



Angelo Agostini está viciado! Resultado da influencia do meio. Quiz favorecer os visitantes com dous palpites para o jogo prohibido...



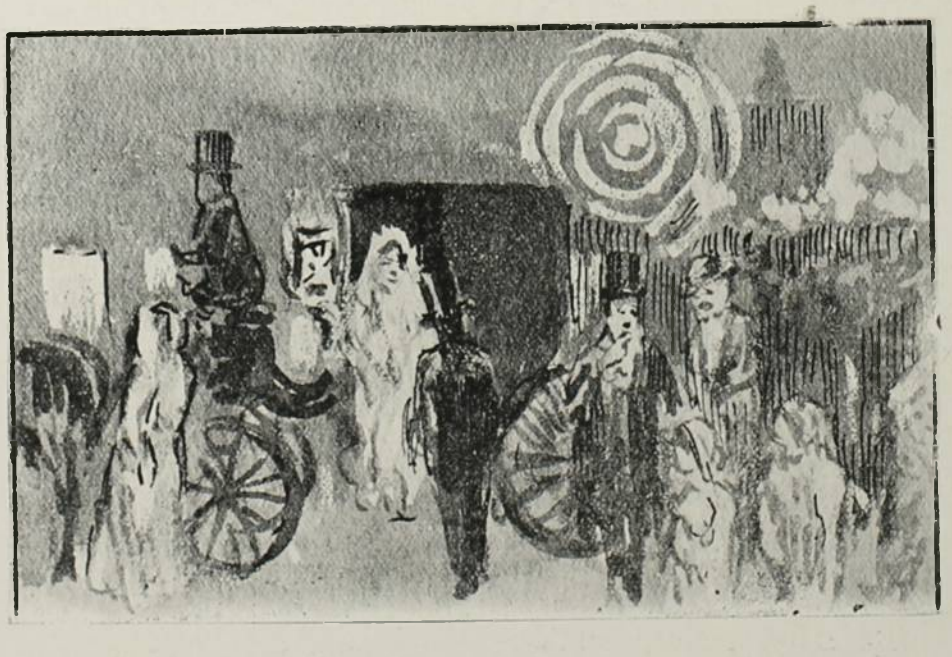
H. Bernardelli — O comilão. Devorando os dedos, raivoso, por não poder dar conta de um presunto d'aquelle tamanho...



Bevilaqua—Soberbo trabalho—O Dr. Ruy Barbosa, aos 15 annos de idade, lendo pela 1ª vez um codigo civil.



Petit é incorrigivel! Tentando pintar o retrato do visconde do Rio Branco disfarçado no visconde de Ouro Preto, fez enganado, o busto do conde de Figueiredo...



E' bonito este, de Chambelland, representando uma noite de S. João antes da postura municipal — Não escapou a classica rodinha de fogo...



Tela de Helios Seelinger —Recreativo quebra-cabeças —Premio ao primeiro decifrador: a collecção de telas expostas pelo mesmo autor. Ninguem dicifrará.

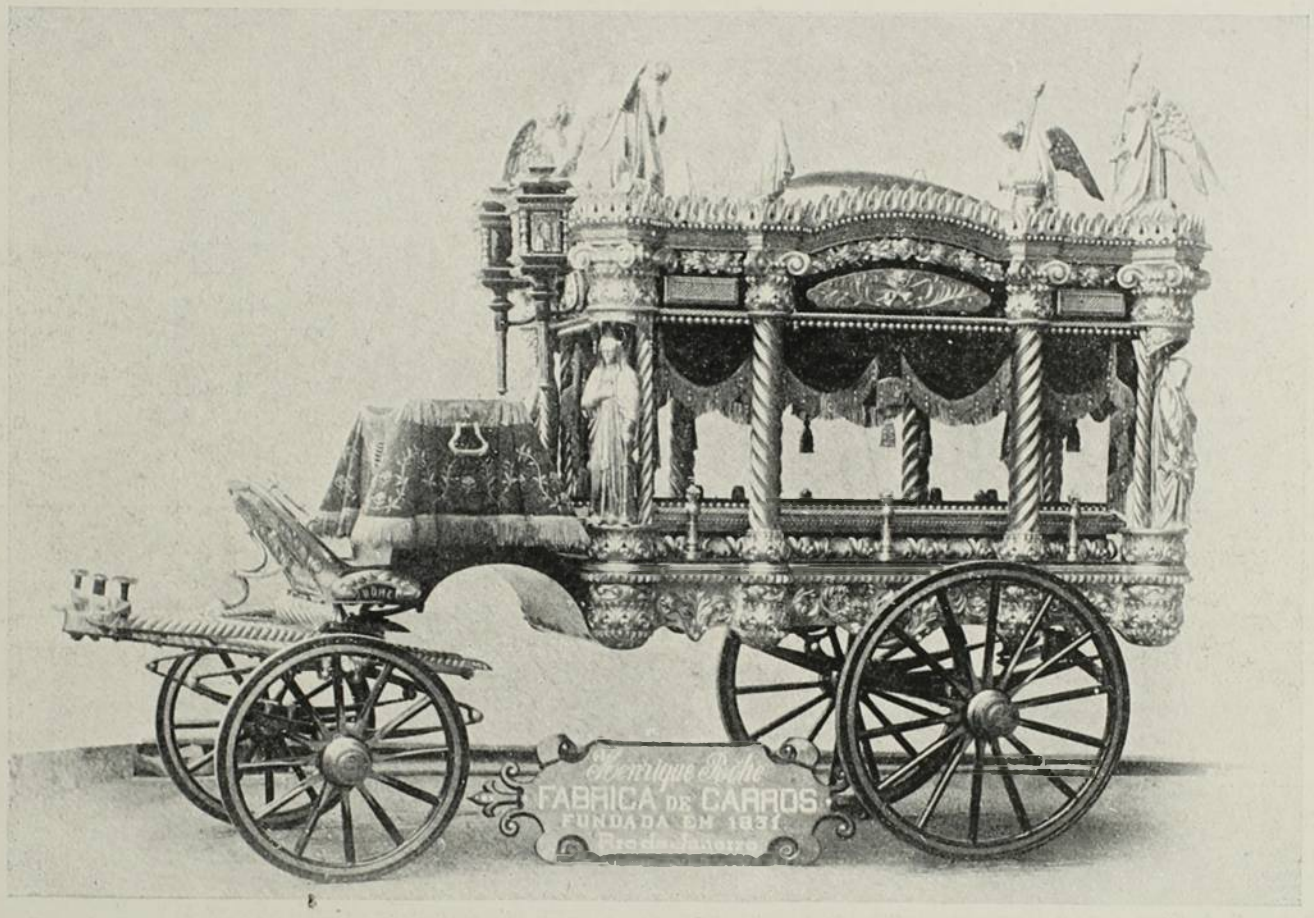
HENRIQUE RÖHE

Fabricante de Carros e Arreios de todas as qualidades

CASA FUNDADA EM 1831 POR J. L. G. RÖHE

233 — Rua Frei Caneca — 233

Aviso importante: os carros fabricados nesta officina rivalisam com os das primeiras fabricas no estrangeiro, em gosto, acabamento, material e surdez na sua rodagem, a durabilidade é maior e o preço menor.



"O que escreve a Deutsche Fahrzeug-Technik T. Golde Prussia"

O fabricante de carros HENRIQUE RÖHE, estabelecido no Rio de Janeiro, Brazil, deu-nos o prazer de enviar uma serie de photographias tão interessante de bellos carros construidos nas suas officinas, que afim de apreciarem-n'as os nossos leitores, não queremos deixar de reproduzil-as aqui de vez em quando.

Apezar de não ser muito facil encommendar-se frequentemente um carro tão ricamente confeccionado, — mormente entre nós, na Allemanha, — tal carro pode todavia dar bem boas idéas a um constructor. D'ahi podemos tambem concluir o luxo com que as classes mais ricas na America ornam os carros funebres, não sendo absolutamente de admirar que ahi carros d'este genero attinjam o preço de 45:000$000.

O carro funebre cujo desenho apresentamos, é inteiramente construido nas officinas do Snr. Henrique Röhe e serve de excellente exemplo do grande merecimento de sua fabrica.

Herr Wagenfabrikant HENRIQUE RÖHE, in Rio de Janeiro, Brasilien, hat uns in liebenswürdiger Weise eine Reihe sehr interessanter Photographien von schonen, in seinem Werke gebauten Wagen übersandt und wir wollen nicht versäumen, unsern Lesern einige dieser Abbildungen hin und wieder hier wiederzugeben. Wenn auch wohl kaum zu erwarten ist, dass ein so reich ausgestatteter Wagen, wie nach unserer obenstehenden Abbildung, öfter bestellt wird — besonders nicht bei uns in Deutschland — so gibt dieser Leichenwagen doch eine Reihe interessanter Motive und Ideen für den Wagenbauer. Man kann sich aber im besonderen eine Vorstellung machen, mit wie grossem Luxus die reicheren Klassen in Amerika ihre Leichenwagen ausschmücken. Preise bis zu 50.000 Mark für diese Art Leichenwagen sind in Amerika durchaus keine Seltenheiten. Der Leichenwagen, welchen unser nebenstehendes Bild zeigt, ist vollständig in den Werkstätten des Herrn H. Röhe angefertigt und gibt einen glänzenden Beweis von der grossen Leistungsfähigkeit dieser Fabrik.



FILTROS MALLIÉ

(SYSTEMA PASTEUR)

Esterilisação *absoluta* pela porcelana de amianto

Superiores a todos os outros até hoje conhecidos

A maior facilidade para installação * * e limpeza ! Simplicidade e * * elegancia ! Numerosos premios em * * * * todas as exposições * * * *

UNICOS AGENTES PARA

* * * todo o Brazil : * * *

A. ABREU & C.IA

102, Rua da Quitanda, 102

(Sobrado).

RIO DE JANEIRO

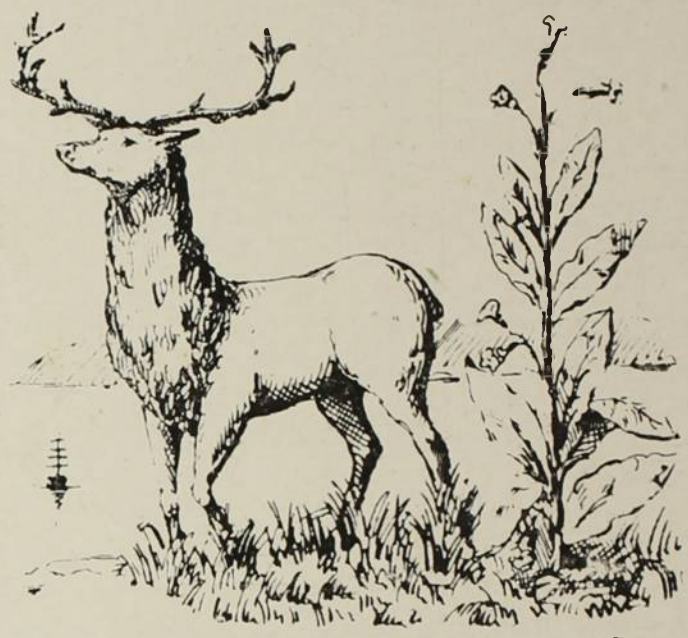
Catalogos
e prospectos á disposição do publico.

GRANDE MANUFACTURA

DE

FUMOS E CIGARROS

MARCA VEADO



IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

DE TODOS OS ARTIGOS PRECISOS PARA

Fabricas ou Depositos de Fumos e Cigarros

Unicos Proprietarios dos Papeis para Cigarros

LACRITA E CONDOR

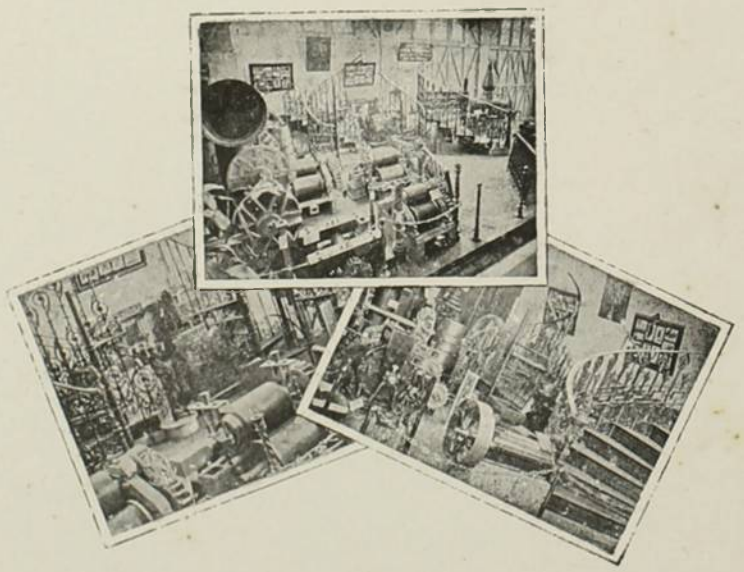
DUBONNET

O MELHOR APERITIVO

FUNDIÇÃO INDIGENA

A MAIS ANTIGA DO BRAZIL

Premiada em varias Exposições Nacionaes e Estrangeiras



FARINHA CARVALHO & C.

* * * * * * FABRICANTES * * * * * *

DE MACHINAS PARA LAVOURA E INDUSTRIA

* * * CONSTRUCÇÕES METALICAS * * *

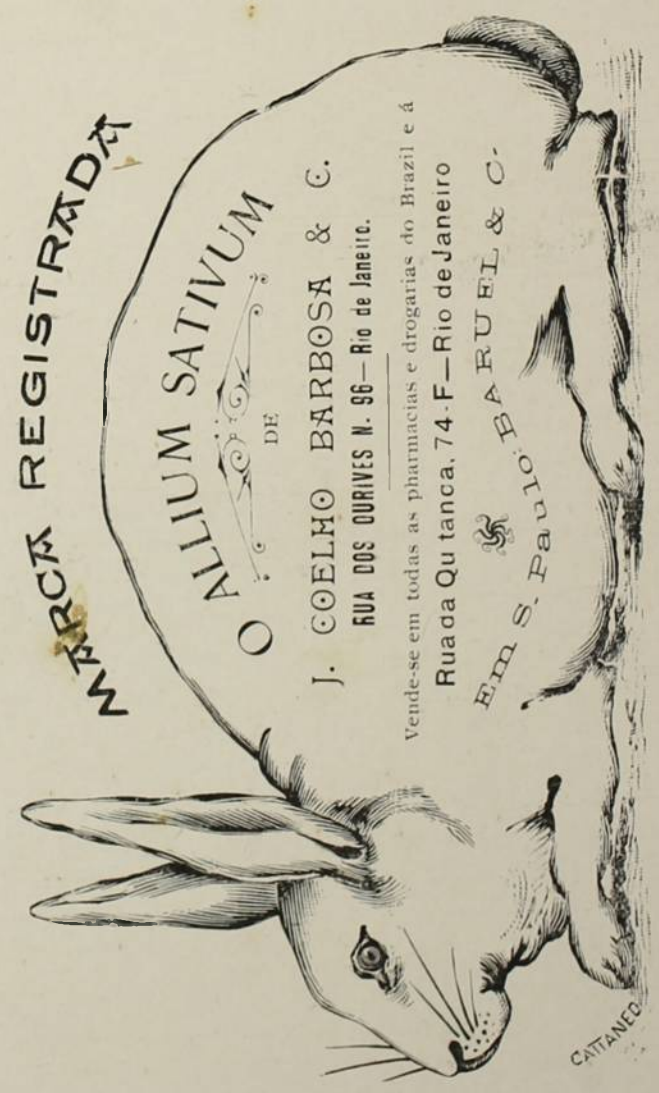
GRADES, VARANDAS, COLUMNAS ETC. ETC.

CALDEIRAS, RESERVATORIOS, PONTES ETC.

PORTAS DE AÇO ONDULADO SILENCIOSAS

120, a 126, Rua da Imperatriz, 120 a 126

RIO DE JANEIRO



PREVENÇÃO AO PUBLICO

Do ALLIUM SATIVUM antigo e conhecido na homœopathia, porém pouco ou raramente usado, J. COELHO BARBOZA preparou ha cinco annos de uma forma especial um especifico para curar a influenza e constipações de um a tres dias. Appareceudo agora v ndedores do ALLIUM, prevenimos ao publico que, se quizer ter a certeza de levar para casa um remedio especialmente preparado para estas molestias deverá exigir o que traz um COELHO pintado.

OFFICINA TYPOGRAPHICA DE

J. SCHMIDT

IMPRESSÕES ARTISTICAS, TRABALHOS

COMMERCIAES, CATALOGOS ILLUSTRADOS,

CARTÕES POSTAES COM VISTAS ETC.

24, RUA DA ALFANDEGA, 24

* * * * * RIO DE JANEIRO * * * * *

Anno I N. 10 OUTUBRO - 1904 Rs. 2$000

Kosmos

SUMMARIO

Chronica ..... *Gil.*

Uma injustiça da Historia *Mario Behring.*

Uma palheta que vive .... *Gonzaga Duque.*

Typos da roça ..... *Azevedo Junior.*

Concurso de Belleza Infantil .....

Oceanographia ..... *Tenente Galvão Areias.*

Saul ..... *D. Raphaelina de Barros.*

Construcções Navaes indigenas .. *Antonio Alves Camara.*
Capitão de Mar e Guerra

General Osorio ..... *Dr. Fernando Osorio.*

Exposição de S. Luiz (Gravuras)

Fantasia ..... *Oscar Lopes.*

Russia e Japão ..... *Dr. Oliveira Lima.*

Viagem Maravilhosa ..... *Xavier Marques.*

A Equitativa

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida, Terrestres e Maritimos

APOLICES COM SORTEIO EM DINHEIRO EM VIDA DO SEGURADO

Sorteio de 15 de Outubro de 1904

6.070	DOMINGOS PAPI	THEOPHILO OTTONI, MINAS
10.363	ALFREDO BARROS.	FLORESTA, PERNAMBUCO
7.590	JOÃO NUNES LEITE	MACEIÓ, ALAGOAS
S.654	OCTAVIO CASTRO E SILVA	RIO PURÚS, AMAZONAS
12.765	DR. ALFREDO BORGES MONTEIRO	CAPITAL FEDERAL
13.233	JOSÉ DE OLIVEIRA FILHO	JANUARIA, MINAS
4.814	ANTENOR GUIMARÃES.	VICTORIA, E. SANTO
10.364	MANOEL RODRIGUES NINO	FLORESTA, PERNAMBUCO
12.775	DAMAZIO OLIVEIRA (TEN. CORONEL)	CAPITAL FEDERAL
10.388	D. MARIA RODRIGUES DA SILVA	CABROBÓ, PERNAMBUCO
6.084	OSCAR NIEMEYER SOARES.	CAPITAL FEDERAL
10.365	MANOEL RODRIGUES NINO	FLORESTA, PERNAMBUCO
6.156	CAP. TEN., JOÃO AUGUSTO DOS SANTOS PORTO	CAPITAL FEDERAL
10.366	LUIZ RODRIGUES DE MELLO	FLORESTA, PERNAMBUCO

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1904.

Illm. Srs. Directores da Equitativa.

Permittam VV. SS. que por esta forma lhes manifeste os meus agradecimentos pela pontualidade com que fui embolsado da quantia de cinco contos de réis (5:000$000), importancia de minha apolice n. 6084, contemplada no sorteio a que hoje procedeu essa importante sociedade.

Tal pontualidade é peculiar á Equitativa e só a mim mesmo tenho que louvar pela acertada escolha do meu seguro, pois que embora tenha agora recebido a sua importancia, fica o mesmo em pleno vigor para os demais effeitos e, portanto, com direito aos sorteios subsequentes.

Aproveitando o ensejo, subscrevo-me com a maior estima e consideração, de VV. SS. Cr° e Obr°—*Oscar de Niemeyer Soares.*

Rua da Alfandega n. 6.

APOLICE N. 12.765

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1904.

Illms. Srs. Directores da companhia de seguros de vida Equitativa.—Tenho a satisfação de apresentar-vos os meus sinceros agradecimentos pela promptidão e presteza com que se dignaram hoje mesmo pagar-me a quantia de cinco contos de réis (5:000$000), valor de minha apolice de seguro de vida, premiada no sorteio de hoje, e que foi por mim effectuado, graças á pertinacia e perseverança do seu digno e operoso agente, o Sr. Antonio Lima dos Reis, seguro este realizado ha menos de seis mezes.

Com os prostestos de minha estima e consideração, subscrevo-me de VV. SS., Att° Ven. Cr°—*Alfredo Borges Monteiro.*

N. B.—Foi para mim uma agradavel sorpreza ter conhecimento de que continúa em vigor o meu seguro, não obstante ter sido hoje sorteiado—*Alfredo B. Monteiro.*

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1904.

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1904.

Srs. Directores da Equitativa.

Amigos e Senhores.—Contemplada a minha apolice sob n. 12.755, no sorteio a que esta acreditada sociedade procedeu hoje e embolsado, immediatamente da quantia correspondente ou seja de 5:000$000, agradeço a promptidão do pagamento effectuado.

Esta classe de apolices, na qual tive a felicidade de effectuar o meu seguro, realiza o que se póde desejar em seguros sobre a vida.

Receber o capital segurado em dinheiro e manter o seguro paro as eventualidades da vida, sem accrescimo maior de premios é realmente o «suprasummo».

Não posso senão preconizar esta classe de seguro e a seriedade com que são effectuados os sorteios.

Queiram aceitar, Srs. Directores, com os meus sinceros agradecimentos a expressão da minha estima e consideração.—Tenente-Coronel *Damazio Oliveira.*

Rua de S. Francisco Xavier n. 117.

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1904.— Illms. Srs. Directores da Sociedade de Seguros de vida «A Equitativa».—Agradeço a presteza com que me foi pago a premio de 5:000$000, que coube á minha apolice n. 6.156, sorteada hoje, o que muito abona a conceituada Sociedade sob a vossa direcção e da qual faço parte como mutuario devido aos esforços e inspiração do vosso activo agente o Sr. Alexandre Gasparoni.

Subscrevo-me com toda a consideração, amigo attento e obrigado, *João Augusto dos Santos Porto.*

A apolice de sorteio em dinheiro, de exclusiva invenção d'A *Equitativa*, é a ultima palavra em seguro de vida.

Todos os sorteios são publicos e são dirigidos pelos representantes da imprensa, e teem lugar em 15 de Abril e 15 de Outubro de cada anno.

Até hoje A EQUITATIVA tem sorteado 41 apolices na importancia total de Rs. 177:000$000, *pago em dinheiro á vista*, sem prejuizo dos contractos que continuam em vigor.

Caixa do Correio N. 398 — Endereço Telegr. *Equitas*

Rua da Candelaria N. 7 — Rio de Janeiro

PEDIR TABELLAS E PROSPECTOS NA SÉDE, E COM TODOS OS AGENTES D'A EQUITATIVA

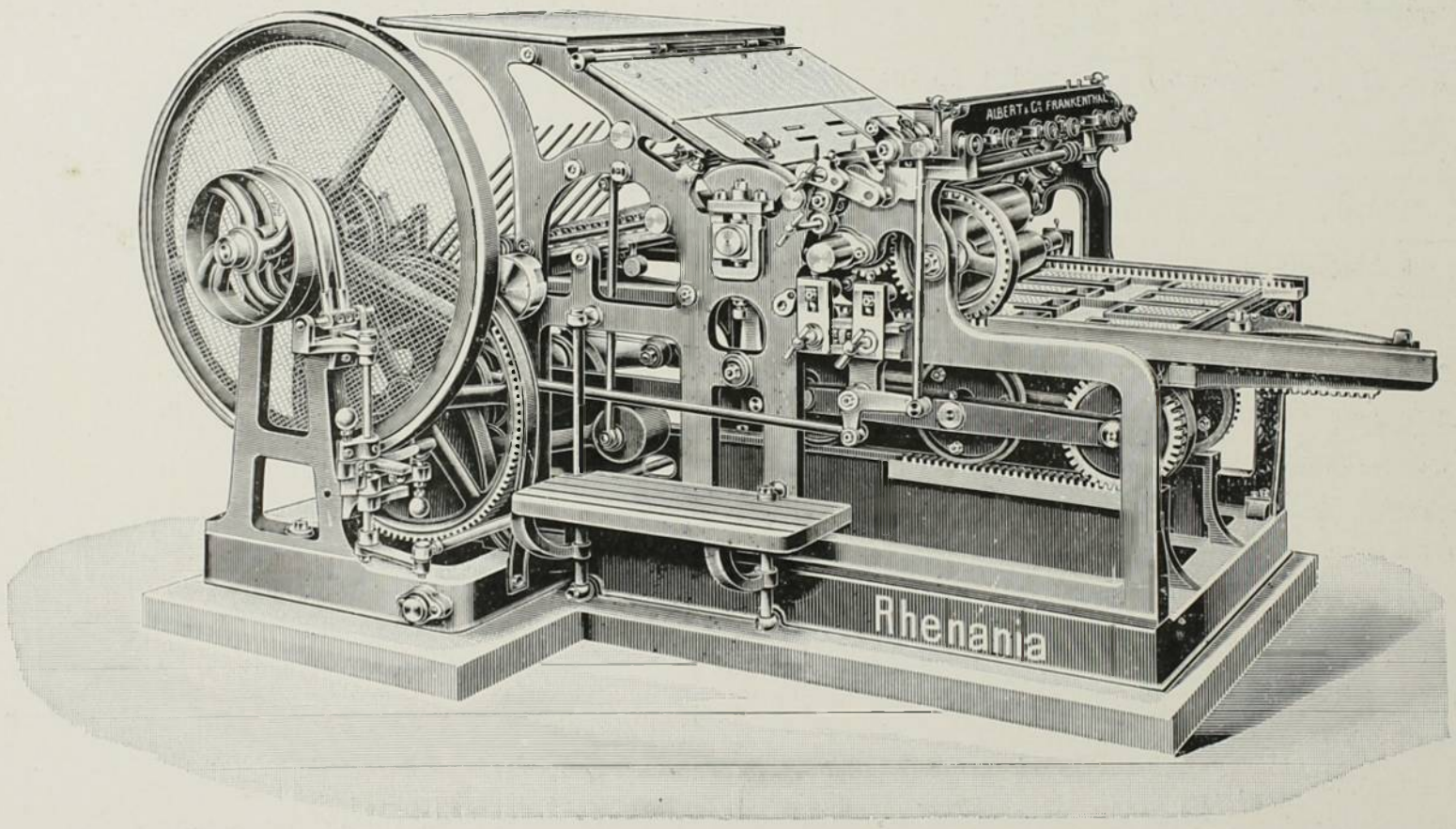
ARTES GRAPHICAS

CAIXA DO CORREIO 994 — TELEPHONE N. 1106

Temos sempre em deposito:

Tintas Typographicas, Lithographicas, Vernizes, Grande Variedade de Typos,
Massa para Rolos, Arames para Coser, Zinco, Cobre e Madeiras para Gravuras

MATERIAL PARA STEREOTYPIA, MACHINAS PARA IMPRESSÃO, ETC.



UTENSILIOS PARA COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Depositarios das Tintas de Impressão BERGER & WIRTH

Augusto Niklaus & Co.

RUA DA QUITANDA N. 54 — RIO DE JANEIRO

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director
MARIO BEHRING

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . . 20$000 EXTERIOR. . . . . 22$000
NUMERO AVULSO. . . . . 2$000

Editor-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ANNO I — OUTUBRO 1904 — N. 10

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

Só receberemos assignaturas, d'ora em diante, para o 2º semestre do corrente anno.

Interior Rs. 11$000 Exterior Rs. 12$000

A importancia das assignaturas e toda a correspondencia commercial devem ser remettidas a J. Schmidt, caixa postal, n. 1085 — Rio de Janeiro.

KÓSMOS encontra-se á venda nas seguintes livrarias:

Capital Federal—Laemmert & C.ª, Garnier, Alves & C.ª, A. Moura, Briguiet & C.ª, S. Gradim.
S. Paulo—Casa Garraux, Laemmert & C.ª, Chiaffarelli & C.ª
Santos—Magalhães & C.ª, Bazar Paris.
Mogy-Mirim—Casa Cardona.
Bello Horizonte—A. Joviano & C.ª
Ouro Preto—Antonio da Costa.
Uberaba—Leschaud & C.ª
S. João d'El Rey—Armando B. Cunha.
Juiz de Fóra—Feliciano da Silveira Bulcão
Bahia—Livraria Dous Mundos
Victoria (E. Santo)—Nelson Costa & C.ª
Fortaleza (Ceará)—Libro-Papelaria Bivar.
S. Luiz (Maranhão)—Luiz Magalhães & C.ª
Belém (Pará)—J. B. dos Santos.
Manáos (Amazonas)—Lino Aguiar & C.ª
Florianopolis (Santa Catharina)—Paschoal Simone.
Pelotas (R. G. do Sul)—Pintos & C.ª, — Francisco Meira, Echenique Irmãos & C.ª
Rio Grande » —Pintos & C.ª—Echenique Irmãos & C.ª
Porto Alegre » —Pintos & C.ª »
Parahyba (Parahyba)—Antonio Penna & C.ª
Coritiba (Paraná) — Annibal Rocha & C.ª

São nossos agentes: — Em Santos—Snr. Antenor da Rocha Leite. Em Mogy-Mirim — Snr. Francisco Cardona. Em S. José do Rio Pardo, Mocóca e Casa Branca—Snr. Dr. Francisco Escobar. Em Jahú—Snr. Major Alfredo Augusto Leitão. Rio Claro — Snr. João Pires de Oliveira Dias. S. Carlos de Pinhal — Snr. Carlos de Carvalho. Cataguazes — Snr. Julio Guimarães. Sul de Minas — Snr. Urbano Rabello. Petropolis — J. R. Escragnolle. Taubaté — Snr. Braz Curtu.

São nossos representantes: — Estado de S. Paulo—Snr. Antonio Ferreira Neves Junior. Estado do Paraná.—Snr. Dario Velloso. Estado de Pernambuco—Snr. Carlos Burle. Estado do Pará — Snr. Fernando de Figueiredo Motta. Estado do Maranhão — Snr. Antonio Gonçalves Moreira Nina. Estado do Amazonas — Coronel Domingos Andrade. Estado da Bahia — Snr. Vicente Ferreira Lins do Amaral.

Tivemos necessidade, em o numero passado de «Kósmos», de nos referir a irregularidades do serviço postal que prejudicavam interesses legitimos da nossa revista. É justo que registremos a providencia assim como externamos a queixa. Devemos, por isso, agradecer a solicitude com que o snr. director geral dos correios deu prompto cuidado á nossa, providenciando para que ella cessasse e augmentando o serviço prestado com as gentilezas que nos dispensou. Fomos felizes em se achar á testa de tão importante serviço publico um funccionario que lhe comprehende as responsabilidades e allia ao cumprimento do dever, delicadezas de cavalheiro.



FLORESTA DA TIJUCA—RIO DE JANEIRO

CHRONICA



... Longos dias se passaram na desesperançada perigrinação sobre as aguas sem termo. De Palos, das aldeias nataes que ficaram lá longe, em um horisonte que a imaginação mal esboçava atravez dos dias e noites percorridos, vinha a recordação aos marujos como a de necropoles longinquas em que a casaria branquejava como tumulos caiados onde, avessamente á crença ensinada, lhes ficara a alma presa e dos quaes desertaram os corpos para andarem agora, vasios de animo e de fé, a vagar por esse mar escarninho e infindavel, somnambulisados por um sonho, deixando, por amor do mundo novo que fugia sempre, a velha terra em que não repousariam mais.

Do maravilhoso paiz promettido tinham apenas a maravilha de céus diversos dos que deixaram para traz, o fulgor de sóes e stellarios extranhos só entrevistos agora que singravam, sem esperança nem repouso, vastidões mentirosas: e todo o faiscante ouro dos tropicos, fartamente entornado do alto sobre os navegadores, a visão de céus bizarros promettendo ignotos thesouros que se lhes não antolham nunca, augmentam o cruciante bruxedo da viagem sem fim, em que sonhadores e aventureiros parecem empolgados por uma força inexoravel, punidos do desvario e da ambição pelo fadario de cortar eternamente ondas eternas, ora sob o latego rude e explendente do sol, ora sob a scintillação enfeitiçada das estrellas. A obcessão do genovez arrastava a perdição para todos.

A revolta estallava... Subito qualquer cousa se desenha ao longe como uma promessa; avultam perspectivas risonhas, accentua-se bem no horisonte uma linha verde que não é o verde enganador e movediço das ondas: é Guanahani — e mercê do rumor alviçareiro, para logo gestos e pareceres se transmudam, a alma ausente busca os corpos reanimados, o termino feliz desfaz a rebeldia e a duvida, a conquista exalça o triumphador. Em meio do jubiloso alvoroço da gente, de envolta com as acclamações ao Sonhador victorioso, eleva-se ao claro céu o clamor agradecido de uma porçao de almas onde a fé e a esperança novamente verdescem, como os palmares que já se divisam distante. Era a primeira sagração do novo mundo.

Mas não tarda que outra expansão, que sentimento mais vivo transborde: e, amarradas já as caravellas no remanso do paiz descoberto, suspensa a faina de bordo, entregues homens e velas ao repouso da conquista, a indole nacional retoma o seu logar, o primitivo genio popular domina o marinheiro, e a sagração definitiva do Descobrimento se faz pela alegria ruidosa, em trovas e sapateios do paiz natal. Viver é folgar.

De toda parte apparecem os pandeiros e as frautas, surgem de escusos recantos as guitarras e atabaques, despertam as charamellas emmudecidas; e pelo resto do dia e pela noite adiante, ao derradeiro explendor do poente e sob o encantamento das constellações palpitantes, a alma reconfortada da maruja exhala em dansas e cantares a doce alegria de volver á vida depois de torturada com céus e mares embruxados, casando a reminiscencia de terras e costumes distantes á perturbadora magia da região que se lhes desvenda de perto, cheia de aroma, de brilho e de feitiço, onde os *cocuyos* lucilam na sombra como estrellas, e os fructos exquisitos aguçam olhos e paladar, e as lianas floridas, enleiadas aos troncos fortes em colleiamentos cariciosos de mulher, avivam a saudade das raparigas que ficaram do outro lado do oceano fremindo de receio e de amor... Foi isto o que nos transmittiram do descobrimento da America as tradições e as chronicas. Nenhuma falla si Colombo partilhou da expansão dos seus homens, si o illuminado devassador de mares se deixou prender nos descantes e bailados com que a alma peninsular sellou a incorporação do continente virgem á civilisação do velho mundo; mas é facil pensar que o audacioso Genovez, absorvido no seu sonho, não tivesse coração nem vontade para outra alegria sinão a de vencer.

Triumphara afinal. Sobre a má vontade de cortezãos e de clerigos, sobre a villania de uns e a superstição de outros a sua aspiração se elevava, emergindo, a fulgurar, d'aquellas aguas que foram para elle o mais torturante dos martyrios. Agora revia-se na sua gloria e do paiz que lhe dera a mão e a bandeira para a empreza; e, devassando com o olhar illuminado mares e tempos, Colombo assistia na metropole ás pompas triumphaes que lhe seriam, ao Descobridor, o final da existencia, e descortinava em seculos por vir o evolver glorioso da terra que arrancara ao desconhecido e onde a benção divina explendia duplamente na prodigalidade dos dons e no milagre do descobrimento. Só, na camara de bordo, olhos a vagarem por um futuro magnifico, o Genovez gosava de vencer — emquanto os seus capitães espiavam rapidamente a terra e a marinhagem fruia, em dansas e cantares, a inegua-

lavel ventura de dilatar a alma depois da luta e da amargura, a clara alegria de viver uma hora sem maguas nem ambições nem cuidados...

Colombo regressou á metropole. Cruzou mais de uma vez a amplidão do Atlantico, portador de alviçaras a primeira, de mando e de honras a segunda, de ignominia e de ferros a terceira. Bem cedo aprendeu que a ingratidão e a insidia eram tão communs no homem quanto a brutalidade e a estupidez. Roubaram-lhe o esforço, o nome, a liberdade e o repouso; do Descobrimento ficou-lhe apenas para a desalentada velhice a torturada lembrança das noites entre mar e céu, entre angustia e desejo; e mergulhando o olhar no futuro, elle poderia ver que no mundo virgem, na terra moça, cujos destinos se não separam do homem que as possue — os mesmos vicios germinaram com a fecundação civilisadora e que por toda parte e em todo sempre a cubiça, o dolo e a violencia irromperam, desde a ferocidade avida de Cortez e Pizarro até a mystificação armada dos libertadores de Porto Rico e Panamá...

Si a reminiscencia das trovas e volteios dos seus marujos lhe veio á memoria, certo o grande sonhador deveria pensar que com elles estava a sabedoria verdadeira, a justa philosophia do viver, e que não ha felicidade mais segura do que a que paga um esforço com um dia de expontanea ledice, com uma hora de descuidada expansão...

Quatro seculos depois da gloriosa empreza, neste trecho do mundo colombiano, sob a dupla irradiação da primavera e do progresso, o nome e feito do Descobridor passaram em silencio, despercebidos quasi, sem um traço de enthusiasmo, de admiração e de reconhecimento, mettidos em um feriado que o criterio official relegou para as pequenas galas, avivados de umas bandeiras inexpressivas para o povo, tanto se acostumou elle a vel-as hasteadas sem saber porque... A data magna de Outubro passou sem brilho e sem côr.



IGREJA DE N. S. DA PENHA — ROMARIA EM 8 DE OUTUBRO DE 1904

Quem fez Outubro foi a festa da Penha. Foi a farandula bizarra, mixto de contricção ingenua e de tumultuosa arlequinada, que de longos annos, se derrama pelos caminhos de mar e de terra até o arraial pittoresco onde se erigem a penha e a imagem milagrosas, quem deu vida, côr, originalidade a este mez. O genio popular sagra ainda hoje estes dias illuminados de Outubro e o encanto perturbador desta natureza da America do mesmo modo que os tripolantes da *Pinta* e da *Santa Maria* sagraram, ha quatrocentos annos, terra e sol dos tropicos, unindo na mesma expansão agradecida piedade e alegria, como duas necessidades que, na alma dos simples, se não separam nunca ; e graças a elle é que vive intensamente na vida do Rio de Janeiro o mez bem fadado que desvendou aos olhos deslumbrados de Europa as maravilhas ignoradas, e arrasta neste hemispherio, explendida de luz e de vida, a vibrante farandula da primavera.

Ha nessa curiosa romaria, que a revolução dos costumes cariocas não teve força de extinguir ainda, um traço atavico da primeira prece e do primeiro descante na primeira Antilha descoberta. O *ex-voto* e a guitarra do desafogado trilhador de aguas caminharam até este recanto da America, perpetuaram-se até hoje, amparados pela indole da raça, identificados com a multidão de agora pela expressão da mesma anciedade e do mesmo desafogo. Dentro de cada folião da Penha ha um velho navegador, que singrou tambem durante mezes infindaveis, empolgado pelo desejo e pelo temor, batido de contratempos e dissabores, torturado pela superstição e pela duvida, este mar promettedor, revolto e mentiroso que é a Vida : e a epocha da romaria marca para elle o termo de uma viagem de esperanças e soffrimentos, a conquista de um paiz longamente almejado, a cuja sombra estão a vida e o repouso, e onde elle deixa finalmente transbordar a gratidão de ter chegado, a alegria de ter vencido mais uma tormenta e de poder retemperar alma e corpo, para recomeçar de novo a travessia—elle que não sonha glorias nem dominios—entre uma trova de amor e um copo de vinho...

Como a quatrocentos annos, a crença tomou o primeiro logar na expansão. As lendas geradas em torno da imagem tradicional emprestaram-lhe á glorificação e prestigio do milagre, e este arrasta para o sopé da penha escalvada o formigueiro humano que ascende a penosa escadaria, que fere contrictamente os joelhos nos degraus abertos na pedra aspera, que enche de *ex-votos*, de cirios, de flores e de dinheiro os altares e as salvas da egreja afortunada ; mas, satisfeitos os compromissos da fé, os romeiros actuaes, tal qual os marinheiros de antanho, se convencem de que o melhor modo de ser grato á bondade divina é honrar a creação, é festejar a vida e a natureza, que lhes sorri na paisagem clara e no claro céu d'aquelle dia...

A romaria se transforma. E na rumorosa onda humana que marulha e se espraia em derredor da rocha que a silhuêta branca da egreja domina—reconhecidos devotos da manhãzinha, foliões arlequinescos das 9 horas, desenvoltos barulhentos da tarde, burguezes graves, cantadores nostalgicos, capadocios desabusados, gentes de todas as raças e idades e pareceres—enchendo o campo, as bodegas, as ruas, de comesainas, de bebedores e de bulicio, ha a mesma alegria expontanea e sincera de viver, alegria que se extende dos ranchos que merendam sob o fresco parasol das mangueiras ao reinol sarapintado de roscas e de veneras de papel que regressa á tarde, desequilibrado e ruidoso, sacudido pelo chouto do burro promovido, em honra da Santa, do varal á sella...

De todas as festas tradicionaes do Rio foi a da Penha que persistiu e ficou, emquanto as outras se desfazem e desapparecem. Empolgou o mestiço, que lhe era extranho, venceu preconceitos de classes esquivas, dominou como uma festa amplamente popular; e de anno a anno cresceu, alastrou-se por todo Outubro, impoz-se como o seu traço caracteristico e exclusivo, graças ao divino milagre do transbordamento sincero...

Ha quem não perdoe ainda á festa da Penha o seu jubilo ruidoso, quem a desdenhe como um laivo grosseiro no polimento da civilisação carioca. Mas é preciso pensar—não acceitando mesmo que seja isso a resistencia do genio da raça, não admittindo nella o traço atavico da ledice dos descobridores—que essa romaria é uma affirmação de fé ingenua e de alegria expontanea : e não é para desdenhar, em uma cidade de *blasés*, onde as festas elegantes pompeiam mas não vibram e o nome de Colombo se dilue no sonho e no esquecimento, uma manifestação tão poderosa, como essa, da alma e do caracter popular—crença affirmada em votos torturantes, alegria franca e ruidosamente voltada para a vida...

GIL.



VISTA TOMADA DA TORRE DA EGREJA DE N. S. DA PENHA

UMA INJUSTIÇA DA HISTORIA

Ao preclaro mestre, Dr. Vieira Fazenda.

CORRIA o anno de 1711, segundo do governo de Francisco de Castro Moraes.

Amanhecera tristonho o dia 12 de Setembro, na cidade do Rio de Janeiro; densa neblina cobria os morros e a bahia, de terra mal podendo observar-se a poucos metros o que ia pelo mar, cujas vagas encapelladas, impellidas por forte brisa de Noroeste, rebentavam nas praias com estrondo, desfazendo-se em turbilhões de espuma.

Em 29 do mez anterior, chegara um patacho de Lisboa, trazendo ao governador aviso de que em portos de França preparava-se uma expedição, que sob o commando de um dos mais habeis e intrepidos marinheiros da época, visava atacar o Rio de Janeiro.

Fôra em 1710 a expedição infructuosa de du Clerc; e ainda na Cadeia e casa da Moeda, agrilhoados, gemiam os vencidos.

Quanto ao seu capitão, d'elle restava a memoria tão sómente; mais, uma tumba na Igreja da Candelaria e o seguinte attestado singelo e significativo:

«Em dezoito de Março, as sete p.a as oito horas da noite de mil e sete centos e onze annos mattarão o general dos francezes q.' entrarão a tomar esta terra, o qual matarão dous rabuçados q.' lhe entrarão pella porta dentro estando na cama, e dous ficarão guardando a porta na escada e tinha sentinellas pera q.' não paciasse, e não lhe ualerão, e chamouse joão fran.co q.' era o nome da pia, e o nome de guerra era Moçu de Cré, está enterrado na Capella de Sam Pedro da Igreja de Nossa Senhora da Candelaria porq.' moraua na rua q.' se chama da Candelaria da Crus pera o Campo, em hũas cazas q.' forão de joão de Azevedo etc. o Cura o P.e Ber.meu da França.»

Diz Varnhagen, que os embuçados o chamaram em altas vozes de difamador de familias honestas.

Não é de admirar esse desforço por parte de algum pae ou marido zeloso do recato da filha ou mulher; a familia brasileira de então, requintára o habito portuguez, reminiscencia da occupação arabe, de converter o lar em estreita prisão da qual, para a mulher, só se descerravam as portas, quando, da casa paterna passava para a outra que lhe preparára o esposo. (*)

Não fôra du Clerc o primeiro a tentar um ataque ao Rio de Janeiro.

Portugal, ligado á Inglaterra e á Hollanda, em opposição ás pretenções de Luiz XIV ao throno de Hespanha, como o mais fraco dos alliados e o mais rico em colonias do ultramar, vira as aguas brasileiras infestarem-se de corsarios, que grande damno causavam ao seu commercio, não tendo sido dos menos audazes o mallogrado du Clerc, que em 1708 aprezára nas costas de Pernambuco 3 navios da frota do Brasil, como o confessou quando prisioneiro.

Em 1695, já des Gennes assolára a ilha Grande, o mesmo não fazendo ao Rio de Janeiro por não ter forças sufficientes.

(*) Duclerc having been at one time lodged in the Jesuit's college and afterwards in tort S. Sebastian, obtained permission to take a house where about six months after his surrender, he was found dead one morning, having been murdered during the night. This assassination assuredly was not an act of popular fury; it could only have been the work of private vengeance, and jealousy, in all likehood was the cause.

«Southey» — History of Brazil.

Recebendo, pois, o aviso da Côrte, o governador ordenára grandes preparativos para a resistencia, construindo trincheiras e distribuindo gente pelas fortalezas.

Achava-se ainda no porto o sargento-mór de batalhas, Gaspar da Costa Athayde — o Maquinez — que trouxera na sua frota, de Lisboa, as munições e armamento insistentemente requisitados pelo governador. Dispondo de 4 náos e 2 fragatas, gente de guerra exercitada, o celebrado marinheiro cujos feitos eram relembrados com ufania por seus compatriotas, grande auxilio representava para a defeza da praça. Assim, desde que em 2 de Setembro, veio de Cabo Frio um aviso do sargento-mór Moura Côrte Real, de que nas alturas das ilhas Sant'Anna fôra avistada uma frota de 16 velas — o Maquinez — aprestando seus navios, começou a cruzar a barra para apoiar a defeza das fortalezas de S. Cruz e S. João e forte da Praia Vermelha.

O governador, por seu lado, destacou para as diversas fortalezas do Rio parte das forças de que dispunha, indo «para Santa Cruz 1 Companhia paga, 2 Companhias de Ordenanças com seus Capitães, 15 artilheiros com seus officiaes, ao todo 240 homens; para S. João, 2 Companhias com seus Capitães, 20 artilheiros e seus officiaes; para Villagalhão 1 Alferes de Infanteria com 20 Soldados, 2 Companhias de Ordenanças, 1 de Pretos e 1 de Pardos; para o forte de Santiago, 10 Soldados e 1 Sargento de Infanteria, 1 Companhia de Ordenanças; para S. Sebastião 1 Companhia de Infanteria, 1 de Ordenanças dos Mercadores e 6 Artilheiros, ao todo 150 homens; para S. Luzia, 1 Companhia de Ordenanças e 2 Artilheiros; para S. Januario, 1 Companhia de Ordenanças e 2 Artilheiros.»

A defeza da Marinha foi confiada ao coronel Balthazar de Abreu Cardoso, que a guarneceu com o seu Regimento e Ordenanças e mais um Regimento de Ordenanças sob o commando do coronel Chrispim da Cunha.

Do lado do campo, a defeza foi entregue aos Terços pagos do mestre de campo Francisco Xavier de Castro Moraes, (filho de Gregorio de Castro Moraes, irmão do governador, e o heroe da resistencia a Duclerc, morto no ataque feito ao corpo da guarda na rua Direita), 60 Soldados dos Terços do mestre de campo João de Paiva Souto Maior (estando os outros destacados nas fortalezas), e ao Terço da Nobreza e Privilegiados, sob o commando do coronel Manoel Correia Vasques. Em frente á Casa da Moeda, formaram os Moedeiros; S. Bento era guarnecido pelo Regimento da Armada e Junta, o Morro da Conceição por uma Companhia do Regimento da Armada e outra do mestre de campo Francisco Ribeiro.

A guarnição total era de 2270 Soldados, aos quaes deviam juntar-se mais 400 homens da frota. 1600 defendiam a cidade, estando os mais nos navios e fortalezas.

*

A cidade do Rio de Janeiro, por essa epoca, estendia-se mais ou menos um quarto de legoa de sul a norte por 300 braças do oriente ao poente.

Muitas casas havia, exparsas porem, beirando o mar, até a lagoa Rodrigo de Freitas, e innumeras chacaras e engenhos para o interior.

Colonia riquissima, de que a Corôa usufruia pingues rendimentos, grande era a cubiça dos corsarios que frequentavam as aguas brasileiras, por investil-a.

O mallogro de des Gennes e du Clerc, fez despertar no espirito do intrepido malouino René de Duguay Trouin o desejo de tentar uma expedição a esta cidade.

Em suas memorias, depois de referir o desastre de du Clerc e as torturas que soffriam os prisioneiros francezes, accrescenta: «*toutes ces circonstances joingtes à l'espoir d'un butin immense, et surtout à l'honneur qu'on pouvait acquérir dans une entreprise aussi difficile, me firent naistre l'envie d'aller porter la gloire des armes du Roy dans ces climats esloignés et d'aller punir l'inhumanité des Portugais par la destruction de cette colonie florisante*».

Para esse fim conseguiu formar uma esquadra, em parte com os navios reaes, em parte com os fornecidos por varios armadores, que animados com a esperança dos lucros que se esperavam da expedição, lhe adiantaram 1.200.000 fr. em aprestos de guerra. Partiu de Brest em 3 de Junho para escapar a uma esquadra ingleza de vigilancia, ancorando a 6 do mesmo mez em La Rochelle. A 9 seguiu de novo, deixando um dos seus navios, que se lhe foi reunir a 12 de Julho em S. Vicente. D'ahi velejou a esquadra completa. Compunha-se ella das náos de linha: *le Lys*, capitanea, 74 peças, 672 homens; *le Magnanime*, commandante Courserac, 74 peças, 658 homens; *Brillant*, commandante Goyon, 66 peças, 532 homens; *Achille*, commandante de Beauve, 66 peças, 545 homens; *le Glorieux*, commandante de la Jaille, 66 peças, 528 homens; *le Fidèle*, commandante de la Moinerie Miniac, 60 peças, 488 homens; *le Mars*, commandante de la Cètte Danican, 56 peças, 541 homens; fragatas: *Argonaute*, commandante du Bois de la Mothe, 44 peças, 287 homens; *l'Aigle*, commandante de la Mare Décan, 40 peças, 239 homens; *le Chancelier*, commandante Durocher-Danican, 40 peças, 15 homens; *Amazone*, commandante des Chesnais-le-Fer, 36 peças, 288 homens; *Bellone*, commandante de Querguelin, 36 peças e 2 morteiros, 228 homens; *la Glorieuse*, commandante de la Perche, 30 peças, 37 homens; *Astrée*, commandante de Rogon, 22 peças, 151 homens; *Concorde*, commandante de Pradel-Daniel, 20 peças, 94 homens; 2 barcos armados em galeota *La Françoise* e *Le Patient*, cada um com dous morteiros; ao todo, 17 navios, com 730 peças de artilheria, 6 morteiros e 5301 homens, pouco mais ou menos.

Com favoravel viagem até as costas brasileiras, a 27 de Agosto achava-se toda a esquadra nas alturas da Bahia. (*) Reuniu Duguay Trouin na capitanea, conselho de officiaes, consultando-os sobre a conveniencia de um ataque áquella cidade, sendo resolvido que dada a escassez de agua a bordo de todos os navios pela prolongada travessia, velejassem directamente para o Rio.

Em 11 de Setembro chegava a esquadra, á noute, na altura do Rio, e para aproveitar o vento favoravel e a maré, de enchente ao romper d'alva, Duguay Trouin não poude dar ordens especiaes, nem formar um plano geral de ataque; por meio de signaes fez tomar a vanguarda a Courserac conhecedor da bahia, com a sua náo, seguindo-se-lhe os navios de Goyon e de Beauve, indo em quarto logar a capitanea e os demais, após, em linha de fila.

*

Ao tempo em que se aproximava a esquadra inimiga, era em terra profunda a tranquillidade.

Da barra, que por espaço de tres dias infructiferamente cruzára, recolhera Gaspar da Costa Athayde com os seus navios ao ancoradouro de S. Bento, e a tripulação pressurosa, buscara a terra.

(*) Prova inconcussa de que o 1º aviso ido de Cabo Frio era uma pura phantasia. A esquadra franceza em 27 de Agosto achando-se proxima á Bahia, não podia a 2 de Setembro ser avistada em Cabo Frio.

Das fortalezas desembarcára a maior parte da guarnição, vindo os artilheiros montar as peças de grande calibre, de que se faziam ainda os reparos, em S. Sebastião.

A brisa soprando violentamente do alto mar, ia aos poucos esfarrapando a neblina que lentamente ganhava os pincaros dos morros.

Subito, estrugiu um tiro de canhão; outro seguiu-se-lhe logo, depois o trovejar ininterrupto de dezenas de peças que echoava sinistramente na cidade como um ruidoso aviso de destruição e de morte.

Precipite, a população galgou os morros e ganhou a Marinha a contemplar o espectaculo, ao passo que apanhadas as tropas de surpreza, confusas trocavam-se as primeiras vozes de commando.

Gaspar da Costa Athayde, com a marinhagem algum tanto reduzida, fez levantar ferros aos seus navios, para cortar o passo ás náos inimigas; mas o vento, ao sabor do qual vogavam os francezes, era-lhe contrario; a maré, por seu lado, impellia para terra os seus navios. Fizera o governador immediatamente embarcar 300 soldados e artilheiros para auxiliar a guarnição das fortalezas da barra, mas o mesmo contratempo estava reservado ás embarcações de transporte.

Surgiu o sol emfim, libertos seus raios do denso nevoeiro que os occultava, mostrando aos Portuguezes consternados, dentro da bahia, a maior parte dos navios atacantes; outros, dobrando o Pão d'Assucar e enfiando o canal, ao atravessar entre os fortes envoltos em fumo de onde surgiam innumeros relampagos, saudavam-n'os despejando as duas bandas de sua artilheria.

No tope dos mastros, alva, ostentava-se a bandeira de França, semeada de flores de lys, tremulando orgulhosa em mudo desafio.

Na perturbação que de todos se apossou nesse momento e, vendo impossivel qualquer tentativa de sua parte, o Maquinez fez impellir para a terra os seus navios, encalhando-os.

A náo *Barroquinha* que mais que as outras se tinha adiantado, foi encalhar na ponta da Ilha das Cobras; as embarcações que demandavam a barra levando a guarnição das fortalezas, embaraçadas com a maré e o vento contrario, abicaram a Villegaignon que com esse reforço redobrou de actividade, fazendo um fogo infernal ao inimigo, que teve perda confessada, no passo, de 300 homens.

Repentinamente soou formidavel detonação; uma columna immensa de fogo e fumo levantou-se da pequena ilha; depois... calaram-se as baterias, e a frota inimiga tranquillamente buscou ancoradouro por traz da Ilha das Cobras, a tiro de peça da cidade.

Explodira o paiol das munições da fortaleza; 30 soldados foram pelos ares, 60 ficaram mais ou menos gravemente feridos.

Da officialidade morreram um capitão de artilheria, os capitães de infanteria Manoel Ferreira Estrella e João Pinto de Castro Moraes, este ultimo ficando por tal fórma esphacelado — *que nem morto, nem cousa sua appareceo* — e o Alferes Lourenço Freyre, moço pardo e barbeiro, como diz o registro do Pe Bertholameu da França; ficaram feridos gravemente o capitão Francisco de Moraes e Castro e o alferes Antonio Francisco.

Essa serie de revezes trouxe grande desanimo á população e mesmo á guarnição da cidade.

Du Clerc no anno anterior não conseguira forçar a barra, e tivera de desembarcar em Guaratiba, de onde

por invios caminhos buscara a cidade, em cujas ruas fôra rechassado e obrigado a capitular, cercado por forças superiores.

Agora, era o inimigo dentro da bahia e toda a cidade exposta aos tiros da artilheria de uma esquadra imponente, accrescendo a circumstancia de estar inutilisada a fortaleza que maior defeza lhe dava, e sem prestimo os navios que tanta confiança inspiravam.

O governador, activando por todos os modos a defeza, subiu a S. Bento que tinha forte guarnição e alguma artilheria. Encontrava-se lá Gaspar da Costa Athayde, que após o encalhe das náos reunira a sua marinhagem, com ella formando um corpo para auxiliar a guarnição. Eram bem homens de combate aquelles; a rude vida do mar affirmara-lhe as energias, ao mesmo tempo que lhes robustecia os organismos. Vendo-os, teve Francisco de Castro Moraes uma inspiração. Deante d'elle, do mar, emergia, coroada de verdura, a poucas centenas de metros da cidade, a Ilha das Cobras; imprestavel para defender a cidade com as suas pessimas condições de ataque, seria no entanto, si cahisse em mãos do inimigo, e fosse por elle convenientemente artilhada, a sua perdição. Já isso considerando, Francisco de Castro Moraes, quando em 1700 viera para o Rio de Janeiro como mestre de campo, encarregado das fortificações, fizera planejar pelos engenheiros Gregorio Gomes e Felippe Carneiro um forte que não chegou a ser construido.

Voltando-se para Gaspar de Athayde, ordenou-lhe dispuzesse 300 dos seus homens, que sob o commando dos capitães Luiz de Andrade, Pedro Ribeiro, e João de Brum deviam ir reforçar a guarnição da ilha com toda a urgencia, e objectando-lhe o sargento-mór (que commandava o porto) não ter para isso embarcações, indicou-lhe atracadas a S. Bento, 1 barca, 1 lancha e 1 saveiro, insistindo pela prompta remessa das tropas.

Confiando no tino, experiencia e zelo do Maquinez— desceu Castro Moraes mais tranquillisado para a cidade, indo visitar os pontos fortificados e a Marinha, examinando ao mesmo tempo o estado de espirito da guarnição.

A noute começou, regularmente calma; pela madrugada uma fuzilaria continua ouviu-se para os lados do mar, voltando depois tudo ao silencio.

Domingo, 13 de Setembro, logo pela manhã, subiu o governador a S. Bento afim de determinar a remessa de viveres para a ilha das Cobras, antes que o inimigo dominasse o porto. Chegando ao alto e olhando para o mar, o primeiro objecto que feriu-lhe a attenção foi a bandeira inimiga tremulando na ilha.

Sombrio desalento invadiu-lhe a alma então; voltando-se para o sargento-mór, impassivel, a dous passos, perguntou-lhe o governador porque não cumprira as suas determinações, retorquindo-lhe bruscamente Gaspar de Athayde que por falta de meios de transporte.

Olhando para o mar, viu Castro Moraes no logar da vespera as mesmas embarcações, inuteis agora. Attentando então mais no sargento-mór, reparou o governador no abatimento de suas feições, no brilho incerto do olhar, no desalinho do seu vestuario.

Enlouquecera o infeliz Maquinez! (*)

Nunca mais recobrou completamente a razão, perdida ao primeiro revez que soffrera, aniquilada a esquadra confiada ao seu commando.

(*) Southey, Rocha Pitta, Varnhagen.

Neste mesmo momento de bordo de *Barroquinha* elevava-se uma nuvem de fumo; soldados inimigos buscavam apagar o incendio da náo portugueza, e em pouco o conseguiam, apoderando-se do armamento, munições e mantimentos que em abundancia estavam a seu bordo.

Olhando para outro lado viu o governador chammas impetuosas irrompendo da Capitanea, *Prazeres* e *S. Boaventura*, sabendo com doloroso espanto ter sido isto feito por ordem do sargento mór.

Nada se poude aproveitar das náos destruidas, nem lhes valeram apressados soccorros; tudo foi consumido pelas chammas em breve prazo.

Desceu para a cidade o governador, não revelando no semblante o que lhe ia n'alma. Prestes, ordens energicas foram expedidas a todas as baterias para que fizessem fogo incessante sobre a ilha das Cobras, afim de impedir que o inimigo a artilhasse, tendo a guarnição da ilha, apezar da surpreza do ataque nocturno, tido tempo para encravar as peças, antes de abandonal-a. Baldado esforço! Os francezes, sob o commando do intrepido Goyon, depois de salvarem as peças da *Barroquinha*, carregaram-n'as para as eminencias, trouxeram de bordo 4 morteiros e peças de grosso calibre, e em breve as baterias de terra eram vigorosamente correspondidas.

O effeito d'esses desastres successivos no animo da população da cidade foi immenso; a breve trecho, gente aos magotes, reunindo o que de mais precioso possuia, retirava-se para os campos, em busca de logar seguro, onde estivesse a salvo das balas que começavam a chover sobre a cidade.

Francisco de Castro Moraes não confiava no povo. Em virtude do imposto lançado sobre os pretos que iam para as Minas, houvera no Rio de Janeiro grande murmuração; algumas vozes se fizeram mesmo ouvir mais alto, dizendo «que não tardariam os francezes a voltar para tomarem vingança da derrota de du Clerc, e que o governador com elles não contasse como no anno anterior, em que a força do combate tinha sido sustentada pela plebe e estudantes; que caso isso se desse, elles não se defenderiam»; em carta escripta depois d'esses acontecimentos dizia elle: «*já o anno passado se o Inimigo cá viesse com maior poder a gente da terra havia de fugir o que digo pela experiencia de ver a muita gente que o anno passado me fugio vendo o inimigo e sem ouvirem hua pessoa.... esta terra se compoem de duas castas de gente, da Nobreza e dos moradores de fora, que como tem pouco que perder na Cid.e em se vendo em qualquer aperto se vão metter com as familias no Matto e desemparão até as casas de campo e Fazendas como vi nesta occasião, não tendo logar aonde se de por seguros, os Moradores que são na maior parte homens commissarios p.' q.' todos tem fazendas dos homens de Portugal, andam com o cuidado de porem em p.te segura o seu preciozo e em tendo seguro, fazem como os mais, dizendo que tudo perderão e darem aos homens de Portugal a conta p.' ajustada ficando-se com a fazenda alheia, e por isso Deus nos mandou este castigo... esta he a gente com que se ha de defender não só esta terra, mas todo Brazil.*»

As tropas estavam chefiadas por cabos de guerra nos quaes tinha elle grande confiança. Mas, a serie de revezes d'esses dous primeiros dias, tinha abalado profundamente o animo dos soldados e disso tendo elle communicação, buscou por todas as formas encorajal-os com o seu exemplo e actividade infatigavel, percorrendo varias vezes os pontos guarnecidos.

No dia 14 continuou o duello de artilheria entre os fortes e a ilha das Cobras, começando a funccionar os morteiros que atiraram bombas sobre elles e a cidade.

Aqui e ali declararam-se incendios, distrahindo as tropas para abafal-os. A' noute, o inimigo percorreu a bahia em lanchas, simulando diversos ataques, ao passo que saltava em terra na praia do Vallongo.

A força de desembarque dizpoz-se em 3 brigadas. A da vanguarda, commandada por Goyon, avançou sobre as eminencias de S. Diogo, acampando do lado da cidade; a do centro, sob o commando de de Beauve, e formando a guarda de Duguay Trouin e seu Estado maior, estabeleceu-se na parte mais alta do morro; a 3ª brigada que commandava Courserac, tão bravo em terra quanto intrepido no mar, formava a retaguarda, e ficou do lado da praia, afim de guardar as remesas de viveres e munições que desembarcassem e defender a retirada si se fizesse necessaria.

Tinham as tres brigadas um effectivo de 2.200 soldados, 700 marinheiros e 300 officiaes e voluntarios, ao todo 3.200 homens; desembarcaram ao mesmo tempo cerca de 500 praças atacadas de escorbuto, que em breves dias se reuniram ás tropas. A brigada do centro trazia dous morteiros e dous trabucos. (*)

Quarta-Feira, 16 de Setembro ordenou o chefe francez um reconhecimento pelos arredores, até as proximidades da cidade. As forças destacadas para esse fim da 1ª brigada, foram atacadas na *Bica dos marinheiros* (*) por 150 homens commandados por Bento do Amaral Coutinho, retirando-se com poucas perdas.

Em 17 de Setembro, intentou Bento do Amaral desalojar o inimigo de S. Diogo, mas achando-se com forças insufficientes para tentar a expedição, mandou pedir reforços ao governador, que para tal fim destacou 900 homens. Na manhã de Sexta-Feira, 18, á frente d'essas forças levou Bento do Amaral o ataque a uma força da 1ª brigada que sob o commando de mr. de Pontlo de Coëtlogon, ajudante de campo de Goyon se emboscára em uma chácara nas immediações do morro e dispersou-a. Acudindo reforços da 2ª brigada, os portuguezes retiraram-se tiroteiando sempre, causando 30 baixas ao inimigo, estando entre os feridos o commandante da força.

Por occasião d'essa refréga rumores correram de traição; os francezes haviam sido prevenidos, não podendo por isso Bento do Amaral conseguir o seu plano.

Ordenou o governador, aos ouvidos do qual chegaram esses rumores, que o Juiz de Fóra do Rio de Janeiro, Dr. Luiz Fortes de Bustamante e Sá abrisse devassa para descobrir os culpados, não tendo seguimento essa devassa pela precipitação dos acontecimentos.

Querendo aproveitar habilmente o enthusiasmo d'esses 900 homens, projectou o governador envial-os á Ilha das Cobras para d'ella desalojar os inimigos, o que não poude levar a effeito pela impossibilidade absoluta de encontrar embarcações em numero sufficiente para que o transporte fosse feito de uma só vez, visto que os proprietarios dos barcos mercantes, que faziam a pequena navegação costeira, haviam-n'os encalhado e desarmado, levando para terra dentro os seus apparelhos.

Em 19 de Setembro, Duguay-Trouin enviou ao governador um parlamentario portador da seguinte intimação:

(*) Duguay Trouin—Memorias.

(*) Vide. «Kósmos» n. 2, de Fevereiro. Artigo do Dr. Vieira Fazenda.

Mr.

"*Le Roy mon maistre voulant tirer raison de la cruauté exercée envers ses officiers et ses troupes que vous fistes prisonniers l'année passée, et Sa Majesté estant informée qu' après avoir fait massacrer les chirurgiens, ausquels vous aviez permis de descendre à terre pour penser les blessées, vous avez encore laissé périr de faim et de misère ce qui restoit de ses soldats, les retenant en captivité contre le cartel d'eschange passé entre les deux couronnes de France et de Portugal, elle m'a ordonné d'employer ses vaisseaux et ses troupes pour vous contraindre a vous remettre à sa discretion, a me rendre tous les prisonniers fransois, e à faire paier a tous les habitans de cette colonie une contribution sufisante pour les punir de leur inhumanité, et dedommager Sa Majesté de la dépense d'un armement aussi considérable. Je n'ai point voulu vous sommer de vous rendre tant que je ne me sois vu en estat de vous forcer, et de réduire vostre ville et vostre païs en cendre, si vous ne vous rendès à la discrétion du Roy, qui m'a commandé d'espargner ceux qui se soumétront de bonne grâce et qui se repentiront de l'avoir offensé dans la personne de ses officiers et de ses troupes. Cependant j'aprends que l'on a fait asasiner Mr. du Clere qui les commandoit : je n'ai point encore voulu user de représailles sur les Portugais qui sont tombés en mon pouvoir, l'intention de Sa Majesté n'estant pas de faire guerre d'une manière indigne d'un Roy très crestien : je veux croire mesme que vous avès trop d' honneur pour avoir participé a cet honteux masacre. Mais ce n'est pas assès : Elle veut que vous m'en nommiés les auteurs, pour en faire un chastiment exemplaire. En sorte que si vous différès d'obéir a sa volonté, tous vos canons, vos baricades, et vostre nombreuse multitude n'empescheront pas que je n'exécute ses ordres, et que je ne porte le fer et le feu dans toute l'etendue de ce païs. J'âtends vostre résponse; faites la moy prompte et décisive, autrement vous conoistrès que si jusques icy je vous ai espargné, c'estoit pour m'espargner a moy-mesme l'horreur d'enveloper les inocens avec les coupables. Je suis etc.*

DUGUAY TROUIN."

A essa intimação, respondeu o governador no dia seguinte, digna e altivamente com a seguinte carta:

"*Vi Snr. os motivos que vos trouxeram de França aqui. Segui no tratamento dos prisioneiros Francezes os estylos da guerra, e aquelles nunca faltou o pão de munição e outros soccorros; posto que o não mereciam pelo modo com que aiaçaram este paiz de Elrey meu Senhor, e mesmo sem faculdade de Elrey Christianissimo, exercendo unicamente a pirateria: com tudo poupei a vida a seiscentos homens, como o poderiam certificar os mesmos prisioneiros, a quem salvei do fuzor da espada. Em nada tenho faltado ao que elles careciam, tratando-os segundo as intenções de Elrey meu Senhor. Quanto á morte de Mr. Duclerc dei-lhe, a pedido seu, a melhor casa deste paiz, onde foi morto. Não pude descobrir quem foi o matador por mais diligencias que se fizeram, tanto da minha parte como da justiça; e vos asseguro que se for encontrado o assassino ha de ser punido como merece. E' para verdade ter-se tudo passado como vos exponho. Emquanto a entregar-vos a cidade pelas ameaças que me fazeis, havendo-me ella sido confiada por Elrey meu Senhor, não tenho outra resposta a dar-vos senão que a hei de defender até a ultima gota de meu sangue. Espero que o Deus dos exercitos não me abandonará em uma causa tão justa, como é a da defensa desta praça, de que pretendeis senhorear-vos com tão frivolos pretextos, e tão extemporaneamente. Sou etc.*"

*

Já a esse tempo uma bateria de 11 peças de grosso calibre tinha sido estabelecida pelos francezes na ilha do Pinna, occupada após debil resistencia que lhes poude offerecer João Martins com 7 companheiros, de bordo de um patacho alli ancorado.

As náos de linha *Mars* e *Brillant*, (*) vieram fundear no poço de S. Bento. Recebendo a resposta de Francisco de Castro Moraes, ordenou o chefe francez que recomeçasse o fogo.

O effeito foi terrivel. Perto de 100 peças de artilheria e 6 morteiros bombardearam incessantemente as baterias de terra e as trincheiras, que só lhes podiam oppor o fogo de 8 peças em S. Bento, 5 em S. Sebastião e 1 na praia da Misericordia, accrescendo a terrivel circumstancia de haver falta de balas para as peças de calibre *10*, começando os artilheiros para não cessar o fogo, a empregar projectis de calibre *8*; em S. Bento, duas peças haviam sido inutilisadas pelo fogo do inimigo.

(*) «Duguay Trouin» Memorias.

Os postos tornavam-se insustentaveis, aos poucos sendo abandonados pelos officiaes e soldados, que em breve começaram a deserção para fóra da cidade, iniciando-a o Terço da Nobreza e privilegiados.

Immenso panico apoderou-se do povo ao ver a retirada d'essas tropas; aos magotes, sem attender a cousa alguma, fugiam as familias, tudo abandonando.

No domingo, 20 de Setembro, continuou o exodo.

A's 8 horas da manhã convocou o governador uma Junta de Officiaes e expondo-lhes a situação da praça e as suas condições, consultou-os sobre os meios a empregar. Tomou a palavra o sargento mór de batalhas Gaspar de Athayde e disse ser o seu voto que juntas todas as tropas disponiveis em um corpo, se fizesse uma sortida, indo atacar o inimigo no seu campo.

O mestre de campo João de Paiva Souto Maior aconselhou a retirada para fóra da cidade, até que soccorridas as tropas por novos contingentes que deviam chegar das Minas, se pudesse atacar e recuperar a cidade.

O mestre de campo Francisco Xavier de Castro Moraes, adoptou esse parecer, fazendo considerações sobre as difficuldades que apresentava o ataque ao acampamento inimigo, em numero muito superior ás forças de que dispunha a praça.

O sargento mór Martinho Correa votou para que se aguardasse nas trincheiras o ataque do inimigo, até cessar toda possibilidade de resistencia, tratando-se então da capitulação.

O sargento mór Pedro de Azambuja Ribeiro, reconheceu a impossibilidade de occorrer á defeza com os meios existentes, convindo formar as tropas em um só corpo para acudir ás partes mais expostas.

O sargento mór engenheiro Mello e Castro, constatando a impossibilidade de defender a cidade por mais tempo, votou pela retirada.

O governador e o tenente general Antonio de Carvalho Lucena, votaram pela resistencia até a ultima extremidade, *até a perda de vida*.

A' vista do resultado da Junta, o governador mandou publicar um *Bando* ás 5 horas da tarde, prohibindo a retirada da cidade a qualquer pessoa, *de qualquer qualidade ou condição que fosse*.

A's 7 horas da noute houve nova Junta de Officiaes, dando estes nessa occasião seus votos por escripto, servindo de secretario o Padre Manoel Borges de Madureira, por ter o escrivão João de Oliveira fugido para fóra da cidade.

O coronel Balthazar de Abreu disse «estar a gente sob seu commando acovardada, não lhe parecendo que podesse fazer grande resistencia ás investidas do inimigo. Votava portanto pela retirada pela terra dentro, em ponto de onde pudessem impedir a vinda de viveres para a praça, reduzindo-a pela fome.»

O mestre de campo Francisco Xavier de Castro Moraes, disse «que os soldados da guarnição, atemorisados, desertavam em massa, não podendo ter mãos nelles os officiaes nem por bem nem por mal. Votava e com elle os officiaes do seu terço (*) pela retirada para o campo.»

O Juiz de Fóra Dr. Luiz Fortes de Bustamante e Sá, começou mostrando a sua incompetencia no assumpto, mas louvando-se nos pareceres dos officiaes que já haviam dado seu voto, «estava de accordo com a opinião do coronel Balthazar de Abreu, accrescentando porém que deviam ser expedidas ordens aos cabos das fortalezas da barra, inexpugnaveis pelas suas condições de defeza, ao inimigo, para que se sustentassem até que com os recursos recebidos do interior fosse possivel atacar e retomar a cidade, cabendo-lhes então impedir a sahida da esquadra franceza.»

O governador deu o seguinte voto:

«Na Junta q'. fizemos pela menhãa foi o meu parecer q'. nos não diviamos retirar emq.to tivessemos vida, porem agora vendo a rezão q'. todos Vm.ces me dão, e o q'. he mais he a desconfiança q'. tenho de q'. a gente nos â de dezemparar atendendo ás m.tas couzas percizas de q'. estamos faltos e principalm.e as ballas de des de q'. são as peças das nossas batarias, q'. ja por serem poucas, ou nenhumas, se peleja com ellas m.to pouco e com ballas de menos calibre, q'. so temos 3 peças em S. Seb.am com ballas bastantes he o meu voto q'. tenhamos mão na gente ou por bem ou por mal, e q'. amenhãa mandamos um Bolatim ao inim.o offerecendo-lhe os seus prizionr.os e com a resposta veremos o q'. nos pede e q.do nos convenha o faremos não nos convindo o q'. nos pedirem nunca serei de parecer q'. largaremos a Cid.e sem pr.o se tirar o q'. for perciozo, saluo em q'. a perciza nececid.e nos obrigar, q'. sem embargos q'. a gente esteje abalada p.a dezertar poderá ser q'. com o bando q'. agora mandei botar com pena de Morte p.a q'. ninguem largue o posto onde estiver, poderá ser q'. com este temor mudão de tenção q.to alguem a tenhão de fugir, este he so o meo parecer q'. me parece deuemos seguir. Rio de Janeiro, 20 de Set.bro de 1711. Francisco de Castro Moraes.»

Terminada a junta, ordenou o governador que fossem todos os officiaes guarnecer seus postos. A noute cahira escura e tormentosa. De tarde fizera Duguay-Trouin apontar as peças para as baterias de terra e pontos entrincheirados. Logo que escureceu de todo e no auge da tormenta, em meio dos relampagos e trovões, rompeu formidavel o canhoneio. Foi tal o terror entre as tropas que desmoralisaram-se de vez. Duguay-Trouin diz em suas memorias: *Tous les habitans crurent que nous allions donner l'assaut au milieu mesme de la nuit, et tout y estoit en confusion.*

Balthazar de Abreu e Chrispim da Cunha, commandantes das forças que guarneciam a marinha, vendo-se quasi abandonados pelas suas tropas, reuniram as que lhes restavam e retiraram-se, desamparando seus postos, para fóra da cidade; informado d'essa fuga não acreditou o governador, enviando áquelle ponto o Tenente General Antonio de Lucena e o Ajudante Manoel de Macedo, que o encontraram deserto.

Ordenou então o governador que viesse á sua presença Gaspar da Costa Athayde com o seu corpo de gente da Armada, afim de impedir a fuga do resto da tropa. Ao chegar, porem, o Maquinez e logo que soube da deserção da gente da marinha, voltou-se para o governador perguntando: *Para onde vamos? O que fazemos aqui?*

Forçado então pelas circumstancias, resolveu Francisco de Castro Moraes a retirada, ordenando ao sargento-mór que tomasse a vanguarda indo acampar no Barro Vermelho, onde se organisaria a resistencia, impedindo ao mesmo tempo que o inimigo talasse os campos em busca de provisões, até que chegassem soccorros das Minas.

As pessoas do povo que em virtude do *Bando* publicado á tarde, haviam ficado na cidade, presenceando a

(*) Martim Correa de Sá. André de Freytas Ribeiro, Julião Barbalho Bezerra, Felippe Gonçalves da Cunha e Bernardo Francisco de Menezes.

retirada das tropas, apressadamente, tudo abandonando, buscaram a salvação na fuga. A chuva cahindo em torrentes e os caminhos lamacentos impediam a rapidez dos movimentos; Gaspar da Costa desconhecendo o interior do paiz, extraviou-se, indo parar ao Engenho Novo dos Padres da Companhia de Jesus, ahi acampando com parte da sua gente, desertando a outra parte, que continuou a internar-se.

Emquanto isso se passava no campo, na cidade abandonada outros factos succediam. Bem poucas eram as pessoas que se tinham deixado ficar, preferindo cahir em poder do inimigo, a expor-se aos perigos da retirada por uma noute tão tempestuosa. Entre essas estava o Juiz de Fóra do Rio de Janeiro, Luiz Fortes de Bustamante e Sá.

Os prisioneiros francezes, desde o anno anterior encerrados na Cadeia e Casa da Moeda, vendo fugir a guarnição da cidade, arrombaram as portas das prisões, e espalhando-se desordenadamente pela cidade, começaram a saquear os ricos armazens pejados de mercadorias. A scena era sinistramente allumiada pelo incendio das casas do Mestre de Campo João de Paiva Souto Maior, não se sabe por quem ateiado.

Um ajudante de campo de du Clerc, livre com os seus companheiros, partiu a correr para o acampamento francez, avisando Duguay Trouin d'esses acontecimentos.

Em suas memorias o almirante francez narra o facto como se segue:

Sur ces entrefaites Le Sieur de la Salle, aide de camp de feu Mr. du Clerc, s'estant eschappé des enemis, vint se rendre à nous pour me donner avis que la populase et les milices, effraiées du grand feu de toutes nos bateries et persuadés que nous allions donner l'assaut pendant la nuit, en avoient esté tellement frappées de terreur, qu'ils avoient commensé dès ce temps là d'abandonner la ville avec une confusion estonnante, et que cette terreur s'estant communiquée aus troupes reglées, elles avoient esté entrainées par le torrent; mais qu'en se retirant elles avoient mis le feu à leurs magasins les plus riches et laissé des mines sous les forts des Jesuites et des Benédictins, a dessein de faire périr au moins une partie de nos troupes...

Atemorisado, não com isso, mas com a noticia de que os prisioneiros saqueavam a cidade, fez immediatamente Duguay-Trouin avançar as suas tropas e em 22 occupou a cidade, tomando logo as principaes eminencias, ficando Courserac no Castello, no Collegio dos Jesuitas, Goyon em S. Bento, e de Beauve com a sua brigada para os lados de Catumby, afim de evitar qualquer surpreza do governador.

O general francez tomou aposentos no palacio do bispo. Ordens severissimas haviam sido dadas para que cessasse o saque que se estava fazendo, prohibindo Duguay sob pena de morte que os seus soldados nelle tomassem parte; mas as patrulhas que haviam sido distribuidas para fazer cessar as depredações, foram as primeiras a misturar-se com os assaltantes, e em pouco um quadro de indescriptivel desordem se desenrolava nas ruas da cidade.

O proprio Duguay-Trouin nos confessa isso em suas memorias: *en sorte que le lendemain matin, les trois quarts des maisons ou des magasins se trouvèrent enfoncées, les vivres et les meubles espars au milieu des rues; tout enfin se trouva dans une confusion affreuse. Je fis casser la teste à la pluspart de ceux qui se trouvèrent dans le cas du ban publié.*

Cependant les chastiments reiterés n'estant pas capables d'arrester cette fureur je pris le parti pour cauver quelque chose, de faire travailler tous lec jours la meilleure partie des troupes à porter ce qu'on put ramasser d'effecto dans des magazins que jestablis en differens endroits où Mr. Ricouart plasa des ecrivains du Roy, de confiance.

Logo que regularisou d'esse modo o *saque*, tratou Duguay-Trouin de se apoderar das fortalezas de Villegaignon e da Barra, o que fez sem custo.

No dia 24 enviou ao sargento-mór Miguel Alves Pereira que commandava Santa Cruz, uma intimação para render-se, ameaçando-o de bombardeio caso resistisse; logo que chegou essa intimação, a guarnição em massa desertou, (*) ficando sómente o commandante, o capitão Rodrigues Frade e dous artilheiros, que arriaram a bandeira chamando o inimigo com um tiro de canhão.

Em S. João mais vergonhosa scena deu-se ainda. Reuniu o commandante, sargento-dór Antonio Gomes de Azevedo, logo que soube da occupação da cidade, uma Junta de Guerra, deliberando os officiaes resistir a todo transe, em vista da abundante existencia de viveres e munições. Logo que terminou a Junta, o commandante embarcou-se para terra com a sua familia e alguns soldados, o que sendo presenceado pela guarnição, por sua vez abandonou a fortaleza de que logo se apossaram os francezes.

*

Teve o governador sciencia do abandono de S. João quando se achava no Engenho Velho dos Jesuitas.

Abandonado pelos soldados, montára a cavallo a percorrer os caminhos, tentando com ameaças e pedidos fazer voltar os desertores.

Dirigindo-se a Gaspar da Costa que com a gente da Armada ainda se conservava no Engenho Novo, buscou ahi organisar o nucleo de resistencia, e para esse fim ordenou-lhe juntasse aos delle os seus soldados afim de aguardarem os soccorros das Minas; mas Gaspar retorquiu-lhe que o Rio de Janeiro estava perdido de vez, e que ia passar á Ilha Grande e de lá seguiria para a Bahia logo que encontrasse embarcações para fazel-o. Não houve rogos, ameaças nem promessas que de tal intento o demovessem e logo, collocando-se á frente dos seus, abandonou por sua vez o governador, que pouco mais de 100 soldados acompanhavam.

Com essa pequena força retirou-se Castro Moraes para o Iguassú, afim de impedir a passagem das tropas para as Minas, ao passo que o seu fiel Souto Maior percorria as estradas a reunir os fugitivos. Nada descurando, ainda nos mais amargurados transes, fez conduzir todas as munições de que dispunha para a casa do Padre Bento Correia, afim de fornecer as tropas que Antonio de Albuquerque devia trazer das Minas, prevenido como estava por um proprio que em 30 de Agosto lhe enviára ao receber de Lisboa o aviso da expedição que se preparava.

No dia 23 de Setembro soube o governador que o sargento mór de batalhas, sem duvida arrependido do procedimento que tivera, havia regressado do caminho da Ilha Grande, acampando no Engenho Novo dos Jesuitas.

Para lá dirigiu-se e logo ao chegar sabendo que a fortaleza de S. João achava-se abandonada, mandou guarnecel-a por uma companhia do Terço Velho e uma de artilheria, que não puderam executar essa ordem por

(*) Talvez fossem esses desertores os atacantes de uma embarcação franceza que fazia aguada do outro lado da bahia ataque de que se queixou Duguay Trouin ao Governador em carta de 23 de Outubro.

terem já os francezes d'ella se assenhoreado bem como de Santa Cruz.

Ao Engenho Novo, veio ter com o governador, nesse dia, o Juiz de Fora Luiz Fortes de Bustamante e Sá trazendo noticias do que se passára na cidade abandonada.

Duguay-Trouin logo que se viu senhor das fortalezas, e terminado o saque, enviou ao governador uma intimação para que resgatasse a cidade sob pena de destruil-a inteiramente, arrasar as fortalezas e entupir a barra com os navios aprezados. E para que essa ameaça não parecesse vã, enviou 300 soldados a talar os campos meia legoa em torno da cidade, queimando casas e plantações. Bento do Amaral, a frente de pouco mais de 20 homens, tentou oppor-se ao designio dos inimigos, e investiu-os denodadamente, sendo morto pelas tropas de Mr. de Brugnon que levaram seu cavallo e suas armas, como trophéus a Duguay Trouin

A intimação chegou ás mãos do governador em 30 de Setembro. Achavam-se com elle então, varias pessoas que na cidade occupavam alta posição, bem como o Juiz de Fora e os officiaes que se lhe tinham conservado fieis. Mandou procurar os Officiaes da Camara, mas como se achassem elles foragidos, chamou a João Ayres Aguirre e Manoel Pimenta Tello, que haviam sido vereadores no anno anterior e formou com elles e as mais pessoas uma junta á qual deu conhecimento da intimação recebida, sendo todos de opinião que se desse de resgate pela soberania da terra *até dous milhões de cruzados*.

Havendo Duguay Trouin enviado dous dos seus officiaes como refens, a Junta elegeu para que fossem tratar com o inimigo o resgate, o Juiz de Fóra e o mestre de campo Souto Maior, que logo seguiram para a cidade.

Pedia o general francez, allegando os pingues lucros que a coroa portugueza auferia d'esta colonia, 2 milhões pelo resgate da praça e fortalezas, offerecendo-lhe os emissarios do governador, mostrando o estado miseravel o que tinham ficado reduzidos os moradores, 500.000 cruzados.

A intenção manifesta dos negociadores era contemporisar até que chegasse Albuquerque, das Minas; assim foi que querendo Duguay-Trouin exceptuar os Jesuitas do resgate, para com elles tratar á parte (*) elles recusaram-se a consentir nisso chegando a romper as negociações.

Soube porem Duguay-Trouin por alguns negros transfugas do campo do governador, em que cifravam-se suas esperanças, e escreveu-lhe a 4 de Outubro uma carta accusando os negociadores portuguezes de astuciosos e fingidos, em contraposição á sua sinceridade e boa-fé. Em outra carta (sem data) intima-o a mandar tirar dos hospitaes e conventos os feridos portuguezes que lá se achavam para não ficarem sepultados nas ruinas da cidade, e dando-lhe o prazo de 6 dias para resolver sobre as condições exigidas para o resgate. O governador elevára a 600.000 cruzados a sua offerta. Em 10 de Outubro, quando expirava o prazo dado e vendo que o governador não se abalava, resolveu Duguay-Trouin coagil-o a isso; para esse fim, poz-se á frente de 2500 soldados, aos quaes se juntaram os de du Clerc, e marchou para o Engenho Velho, escrevendo-lhe do caminho uma carta em que exigia um milhão de cruzados. Chegando á vista do acampamento do portuguez, destacou 2 alas para que o flanqueassem e atacou-o pela frente. Tinha Castro Moraes para oppor áquellas forças 284 soldados unicamente. Assim, fez ver a Duguay-Trouin que já lhe offerecera quanto podia dar, necessitando mesmo de algum prazo para satisfazer esse pagamento. O mais que podia offerecer era juntar do seu bolsinho 10 mil cruzados, 100 caixas de assucar e 200 bois para sustento das tropas. Estipulou-se d'esse modo o resgate da cidade do Rio de Janeiro, resgate declarado vantajoso pelo Senado da Camara em carta a Albuquerque, pelo Bispo dado como habil e por bom preço e pelos historiadores capitulado como um crime do governador, pusilanime, inepto e quiçá, traidor.

Levou Duguay-Trouin depois de assignado por Francisco de Castro Moraes o tratado, (*) 12 dos seus principaes officiaes como refens.

No dia seguinte, chegou por fim, mas tardiamente, Albuquerque á frente de 6.000 soldados das Minas.

Teria elle tido tenções de atacar os francezes?

Nada se pode affirmar.

O sargento-mór dos Pretos que se achava preso á ordem do Juiz de Fóra no acampamento do governador, tendo sido posto em liberdade por intercessão de Gaspar de Athayde, fugiu para o campo francez e avisou Duguay-Trouin da chegada de Albuquerque, dizendo-lhe que se preparasse, pois os portuguezes não respeitariam o tratado e o viriam atacar na cidade.

Duguay-Trouin tomou immediatamente as necessarias precauções, collocando patrulhas dobradas em todos os pontos fracos da cidade, e escrevendo em 19 de Outubro uma carta ao governador em que lhe dizia ter sabido da chegada de Albuquerque «cujo valor elle muito apreciava, mas tanto não temia que si elle o intentasse atacar, poupar-lhe-ia metade do caminho; que enviara para bordo dos seus navios os refens, cujas cabeças responderiam pelo cumprimento do estipulado.»

Souto Maior em 20 do mesmo mez, dirigiu-se em carta ao governador participando a mesma cousa.

Escreveu então o governador a Albuquerque, explicando-lhe como se vira forçado pelas circumstancias a estipular o resgate da cidade, dando refens do cumprimento de sua palavra e pedindo-lhe que não puzesse em perigo a vida d'aquelles que estavam no campo inimigo. O Bispo, em carta tambem escripta a Albuquerque, instou com elle para que não rompesse o pactuado; e ao contrario, usasse de sua influencia junto ao Ouvidor Geral para que fizesse entrega do dinheiro existente nos cofres reaes, requisitado por Francisco de Castro Moraes para pagamento do resgate.

Attendendo a esses rogos, ou não querendo arriscar-se a um combate de sorte duvidosa, Albuquerque fez entrega au governador dos cofres que lhe confiára o Ouvidor Geral, e graças a elles em 3 de Novembro poude o governador effectuar o ultimo pagamento. Varios particulares concorreram para completar a somma necessaria effectuando-se a conferencia do numerario, segundo Mello Moraes (*) na casa n. 136 da rua da Quitanda, esquina da rua General Camara, onde hoje existe uma pharmacia.

Conforme uma lista que temos á vista assim foi feito o emprestimo: (*)

(*) O procedimento dos Jesuitas por occasião da invasão de Duguay-Trouin, foi altamente suspeito. Grandes proprietarios na cidade, preferiam resgatar-se com o inimigo a entrar depois no rateio feito entre os moradores para indemnizar á corôa do preço do resgate.

Foram tão sympathisados pelos francezes, que Duguay-Trouin em suas memorias diz: J'avois fait ramaser avec très grand soin tous les vases sacrés, l'argenterie et les ornements des églises, que j'avois fait mettre dans plusieurs grands cofres. Avant de partir, je confiai ce depôt aus perès jésuites, comme aus seuls ecclesiastiques qui dans ce pais là m'aient paru vivre moralement bien, les chargeant de les remettre à l'evesque du lieu. Ces habiles politiques n'avoient pas peu contribué a sauver cette colonie florisante, en portant le gouverneur a rachetter la ville; sans quoy je l'aurois rasée de fonds en comble, et cette perte auroit esté irreparable pour le Rov et n'auroit esté d'aucune utilité pour mon armement.

O que é certo, apesar das palavras de Duguay-Trouin é terem varias igrejas perdido até os paramentos de culto, que nunca mais lhes foram restituidos.

(*) O original existe no Archivo Publico.

(*) Carta escripta a I. Belfort em 9 de Janeiro de 1867.

(*) Copia textual.

Fazenda Real	67:697$340
Casa da Moeda	110:077$600
Bulla da Cruzada	3:484$060
Cofre dos Orfaons	9:733$220
« « Defuntos e Auzentes	6:372$880
Francisco de Castro Moraes	10:387$820
Lourenço Antonio Vianna	6:724$320
Francisco Seixas da Fonseca	10:616$440
Rodrigo de Freitas	1.186$980
Braz Fernandes Rola	6:062$020
Paulo Pinto	3:031$040
Francisco Antonio da Rocha	1:326$000
Christovão Reis	1:643$200
Antonio Francisco Lustosa	855$600
Thomé Teixeira de Carvalho	785$600
	244:884$720

Recebida a ultima prestação, entregou Duguay-Trouin a cidade, conservando unicamente as fortalezas da barra, Villegaignon e Ilha das Cobras, que no dia da partida, 13 de Novembro, abandonou.

Nesse dia, mandou elle incendiar a *Barroquinha*, unica náo que restava da frota portugueza; o esbulho da cidade, produziu segundo diversos historiadores, de 25 a 30 milhões de cruzados; Duguay em suas memorias, diz que apezar da perda dos vasos *le Magnanime* e *le Fidèle*, sossobrados na altura dos Açores, ainda tiveram os armadores um lucro de 92 por cento.

*

Logo que Albuquerque chegou das Minas, com as tropas de soccorro, viu-se cercado por grande numero d'aquelles que na occasião do perigo haviam sido os primeiros a desertar dos seus postos, e que com as mais lisongeiras falas, exaltavam-lhe o valor militar, buscando deprimir o governador ao qual culpavam de todo o succedido.

Este, imprudentemente, havia jurado que ao assumir novamente o seu cargo, depois de restabelecida a ordem, severamente castigaria a todos os culpados pela perda da cidade.

Ora, raras pessoas poderiam dizer-se isemptas de tal culpa. Iniciara a deserção o Terço da Nobreza e privilegiados; seguiram-se-lhe as autoridades civis, o Senado da Camara fazendo-o com açodamento tal, que para entabolar negociações com os francezes para o resgate da cidade tivera o governador não encontrando os Officiaes de chamar dous ex-vereadores para os substituir.

Alem disso, os desertores em seu caminho para o sertão, haviam commettido extraordinarias depredações, saqueando chacaras e engenhos de modo tal que após a retirada do inimigo os lavradores não tinham «uma só cabeça de gado nos Engenhos.»

Por sua vez os Jesuitas, burlados em seu plano de fugirem ao rateio a que ficariam sujeitos todos os proprietarios de immoveis na cidade, para pagamento do emprestimo feito á Fazenda real, juntaram as suas vozes ás dos demais inimigos do governador, esquecendo-se todos de que era esse o mesmo homem a quem no anno anterior haviam «*feito mil poesias, comedias e outras cavalherias*—quando vencido e preso Duclerc. (*)

Tanto é certo que só são heróes os generaes vencedores.

O Senado da Camara foi o primeiro a manifestar-se; após ter escripto anteriormente a Albuquerque, approvando o resgate, em 8 de Novembro dirigiu-lhe outra carta, em que pedia-lhe assumisse o governo, prendesse Castro Moraes e lhe sequestrasse todos os bens para indemnização á Fazenda Real do preço do resgate.

Em 17 de Novembro, nova carta, reeditando as accusações de cobardia e traição e insistindo pela detenção e sequestro.

Em outra carta, esta dirigida a El-Rey, expõe longamente os acontecimentos, d'elles fazendo responsaveis, ao governador, Juiz de Fóra, Souto Maior e Francisco Xavier, os mais devotados dos seus amigos, aquelles justamente que não o haviam abandonado, quando, tomados de terror os que agora contra elles investiam, deram o exemplo de cobardia, fugindo na maior desordem para pontos ignorados, só apparecendo na cauda de Albuquerque, á sombra das armas dos soldados das Minas. Albuquerque não foi insensivel a taes louvaminhas; na incerteza ainda de como apreciaria a Côrte o seu procedimento, a carta que escreveu a El-Rei a respeito dos acontecimentos, exalta o seu proprio merito, a presteza com que marchara das margens do Parahyba, onde recebera o aviso do perigo que corria a cidade, por escabrosissimos caminhos, quasi impraticaveis pelas intemperies, descarregando a culpa sobre os que apontava a a camarilha que o cercava.

Em 24 de Junho de 1713, chegou ao Rio o novo governador nomeado, Francisco de Tavora, cujo primeiro acto foi prender os accusados, entregando-os aos juizes pela Côrte nomeados.

A devassa durou até 17 de Dezembro de 1716. (*)

Foram condemnados:

Francisco de Castro Moraes, Luiz Fortes de Bustamante e Sá, Francisco Xavier de Castro Moraes, Martim Corrrea de Sá, Manoel Simões de Carvalho, Francisco Rodrigues Frade, Diogo Barbosa Leitão, Antonio Soares de Azevedo, Pedro Azambuja Ribeiro, Francisco Pereira Leal e outros, a varias penas, sendo o Sargento-Mór Antonio Soares de Azevedo executado em effigie, por achar-se foragido. (*)

Só se fizeram effectivas as penalidades em Castro Moraes, condemnados os seus bens ao sequestro, o que foi executado não só no Brasil, mas ainda nos poucos que possuia na praça de Chaves, em Portugal, e a degredo perpetuo a sua pessoa para a India.

Ainda em 1723, informa-nos o Dr. Felisbello Freire, achava-se elle preso na fortaleza de Santa Cruz, seguindo esse anno para o Reino, dahi em diante d'elle não se encontando vestigios.

E assim se consummou essa grande injustiça da historia.

Não bastava o tributo de sangue pago por seu irmão Gregorio de Castro Moraes em 1710, e seus sobrinhos Francisco de Moraes Castro e João Pinto de Castro Moraes; era necessario uma victima que sobrecarregasse com as culpas da Côrte que não cuidara em fortificar as suas possessões do ultramar, expondo-as quasi indefezas ás depredações inimigas; e com as dos cobardes que ao primeiro rebate de perigo abandonaram os postos confiados á sua guarda; toda a vergonha d'aquella pusilanimidade manifestada pelos soldados, nobreza e povo, recahiu sobre o velho servidor do Estado, o ex-governador de Pernambuco, o intemerato defensor do Rio contra du Clerc.

E a sua memoria foi, pela historia injusta, jungida ao pelourinho da infamia, de onde, á luz de documentos authenticos, hoje, ha-de arrancal-a e em uma posthuma justificação envolvel-a na aureola de um longo e iniquo martyrio.

Rio—Setembro—1904.

MARIO BEHRING.

(*) Narração do Assalto que os Francezes fizerão ao Rio de Janeiro, governados por Duclerc, e a victoria que alcançou o Governador da Cidade Francisco de Castro e Moraes, no anno de 1710—Msc. da Bibliotheca Nacional.

(*) Msc. da Bibliotheca Nacional.

(*) Sentença proferida contra o Reu Antonio Soares de Azevedo... etc. Msc. da Bibliotheca Nacional.



A PESCA

UMA PALHÊTA QUE VIVE

(JOÃO BAPTISTA DA COSTA)

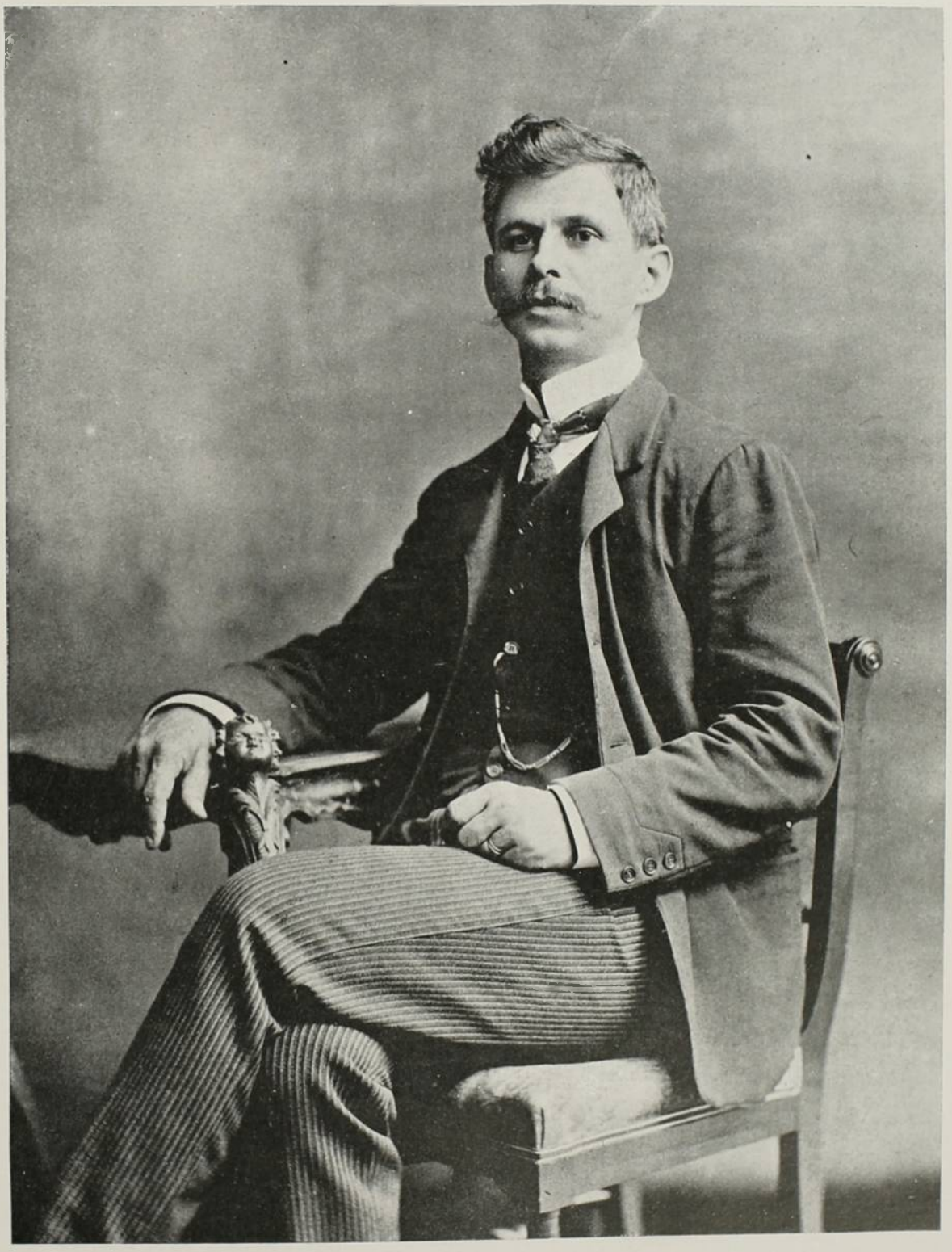
A determinação typica dos artistas pelos caracteres physicos ou physignomonicos está invalidada pelas contraprovas.

Lucien Arreat num excellente livro, que já não é novo, intitulado *Psychologie du Peintre*, demonstra a insufficiencia documental do processo para segurança do resultado.

Mas, o que parece fóra de duvida, pelo menos aceitavel, por frequencia das coincidencias, é que as tendencias esthéticas do artista se manifestem por traços exteriores ou por feições particulares.

Quem investiga os caracteristicos physicos e lhes conhece a significação, os que lêem as linhas estructuraes do semblante e as taras chirognomonicas, encontram uma similitude entre a producção e o productor que se impõe á impressionabilidade e ao attendimento do analysta.

Nos paizagistas, singularmente, essa caracterisação é apreciavel, constata-se de modo tão frequente que chega a ser digno de nota. Não sei se isso resulta da expontaneidade da paizagem que, agindo sobre a faculdade emotiva mais amiudadamente que os assumptos de figuras e sendo mais trabalho de sentir e externar que o de idealisar e exprimir, dá ao artista um typo caracteristico ou se provém do meio em que elle exerce sua arte. O que é, porém, verdade é que essa identificação existe ou parece existir.



Attenda-se a fórma das mãos, o schema da visagem de cada um delles, compare-se essas particularidades com a contextura de suas obras, a maneira porque são pintadas, a escolha predilecta dos motivos, a emoção que traduzem, e ter-se-á, como num espelho a imagem do seu auctor. E não precisaremos buscar, á distancia, exemplo que nos baste. Tomemol-o nesse mesmo Baptista da Costa.

Elle tem o queixo anguloso dos fortes, a testa curta e quadrada dos obstinados. No seu typo ha alguma cousa de rustico, de não artificialisado. A indicativa da sua corporatura é a de um camponio que estudou latim no Seminario, e a sua dextra, que lhe é mão dos pinceis, possue a dureza ossea das mãos activas e as nodosidades assignaladoras do pensamento. Isto pelo que respeita ao arcabouço. Ponha-se-lhe, agora, neste feitio solido d'homem singello, uma timidez de maneiras que se avisinha da esquerdice, e se lhe comprehende a doçura nostalgica dos olhos escuros, onde se lhe percebe a alma dolente de só e resignado, hu-

milde e boa, mas d'essa incomparavel bondade christã que envolve seres e cousas no mesmo affago e no mesmo perdão.

Bem se lhe notando a feição dos trabalhos ella participa da sua solidez, da sua singelleza e da sua bondade.

São tres condições importantes numa obra de arte, que as condensa em firmeza d'execução, em sinceridade expressiva e poder communicativo. A obra assim feita é vivida, é intensa e duradoura.

Estudadas essas tres componentes da sua obra, cada qual de per si, encontra-se, pelo que respeita á solidez—a sua maneira firme de pincelar, a densidade de suas tintas e a exactidão dos valores.

Baptista da Costa chegou a esse resultado á custa de tenacidade, conquistou a sua téchnica lentamente. Acompanhei-o, ha alguns annos, atravez da sua obra, vi-o aturdido com a multiplicidade dos detalhes do *natural*, estonteado com a confusão dos valores no *ar livre*. Luctava, então, por simplificar o que via, ora tentando pela côr o que lhe falhava no desenho, ora substituindo por *massas* o que a habilidade não conseguia na reproducção do fôfo e tufado das fórmas. E' uma lucta desesperada, que só bem n'a sabe quem já se encontrou de palhêta e pinceis em frente á natureza!

Para que um pintor chegue a "justeza do toque" a ponto de não perder, com a idéa de acertar, o effeito geral do assumpto, é preciso um continuo, aturado, por vezes exhaustivo exercicio. E' por isso que os tres grandes mestres da paizagem, Huet, Rousseau e Corot (esse tambem João Baptista, Jean Baptiste Camille Corot) affirmaram, com o exemplo, a necessidade de viver no campo, de estar vigilante ás modificações rapidas dos effeitos, de observar constantemente o aspecto da vegetação sob a direcção da luz, de estudar conscienciosamente a forma propria, caracteristica, indicativa de cada arvore, que é o *caracter das cousas* de que falla Ruskin.

Lento e persistentemente Baptista da Costa entrou na posse d'esse segredo. De exposição em exposição o seu valor avultava. O desenho tornava-se-lhe familiar, o lapis obtinha sob o impulso de seus dedos vigores e delicadezas; os pinceis docilisavam-se ao movimento do pulso.

E não havia imagem que elle não retivesse com facilidade. Veio-lhe, por esse tempo, o amor á paizagem de contorno, as *vistas*, corcovas de montanhas, extensões de valles, restingas de praias...

Datam d'essa época as suas exposições parciaes, mais assiduas. Uma infeliz viagem á Europa fechou-lhe este periodo. Parece que as duas horriveis punhaladas, que a desventura lhe vibrou no coração, influiram muito na sua arte. A partir d'esse máu tempo a sua emotividade sensibilisou-se, levou-o a observar mais cuidadosamente a Natureza, a procurar nella o que pungia na sua alma. E pouco a pouco seus pinceis foram dizendo nas telas o que os campos, os montes, as rochas, lhe transmittiam á esthesia.

Para tanto não se lhe negava a palhêta, que é fertil em vivos tons tropicaes. Ah! os seus verdes são bellos; estendem-se em todas as nuanças, desdobram-se orchestralmente em toda variedade da sua gamma. Da composição dos verdes participam largamente os amarellos, com que joga habilmente. O amarello é uma tinta que domina a nossa paizagem, mistura-se em quasi todos os meios tons luminosos, expande-se, victoriosa, nos claros rasgados pelo sol. Onde ha luz ha amarello. E' a diluição do sol. Ha frondes que, no mais intenso azul cobalto do céo, são irritantemente amarellas. E é todo o chromatismo da fusão, desde o jaldo offuscante até o óca soturno, desde o vitellino que estrelleja a ramaria florente dos capoeirões até o açafroado, dos cajueiros, o barrento—agua dos sapês, o pardo-sepia dos velhos coqueiraes...

Tambem claros e intensos saem da sua palhêta os vermelhos e os azues, que se combinam em gradações subtis, e lhe dão os recursos imitadores da immensa tinturaria da Natureza.

Senhor da palhêta, que lhe pende do pollegar sinistro sobre o braço em curva, como senhor do lapis com que traceja o espaço a encher, e marca os pontos a salientar, a sua obra sae expontanea como se lhe modulam na bocca as expansões sinceras dos seus sentimentos.

Nenhuma preoccupação de agrado o move nem o aconselha. Elle pinta o que sente, externa o que o commove, reproduz o que o impressiona, indifferente á opinião do publico. D'ahi o deserto de muitas de suas paizagens, quando, bom pintor de figuras como é, as poderia animar, emprestando-lhes a graça commum dos fazedores de genero que embasbacam os roliços burguezes transformados em amadores.

Prefere o artista cahir nos desdens convencionaes da critica facciosa, que alardêa sabença sem affirmar criterio, e no desagrado do farto amador libra-esterlina, do que ceder a sinceridade da sua emoção ás

exigencias snobicas da chatice peravilha e pedante, que faz a craveira sensacional d'uma época.

A sua obra, porém, impõe-se aos que têm o necessario cultivo de arte, aos dotados de instinctos esthéticos, e aos delicados de gosto. Ella é verdadeira e sã, não se orna de pretenções, que são affeites, nem procura illudir por artificios. Tem como a natureza do seu auctor, a sinceridade da singeleza, a força de si propria, o commedimento dos seus processos de expressão, que se deriva da timidez, da modestia de quem a produziu. Por isso representa o que deve representar, sem espalhafatos de colorido, sem *épatantes* golpes d'espatula nem espéta nervos com borrões d'empastelamentos.

Honesta, vence pela verdade; sincera, conquista por seu proprio valor. Se não incorrer em coima, por inopportuna, a comparativa dos merecimentos, eu direi que a considero, com o desconto de proporções, como a obra de Theodore Rousseau. Não fará revoluções, não agitará uma época, mas tem, sobre as que conseguem os faceis triumphos da moda, o merito das que atravessam gerações, e ficam em qualquer tempo admiradas e bem queridas.

E isso, porque a obra de Baptista daCosta não encerra, unicamente, as qualidades materiaes das pinturas bem feitas; ella communica-se, attrae a retina e vae á alma de quem a olha.

As suas paizagens, animadas ou vazias, mostram-nos mais alguma cousa do que a reproducção approximada da Natureza em dados momentos e diversos pontos, exprimem uma emoção, traduzida de um modo que é particularmente do seu auctor, commovem-nos tambem, obrigam-nos a participar dos seus encantos, do seu aspecto claro e todo dourado de sol, da sensação fresca de suas manhãs, da soalheira de seus areiaes d'agrestidade de seus rochedos, da tristeza de seus pôres-de-sol. A sua arte arrasta-nos ao seu scenario, prende-nos no seu ambiente, leva-nos a participar da emoção de seus typos, seja nas horas dolorosas d'aquella scena de quarto onde uma creança morre, seja sob o céo vespertino d'esse *Fim de Jornada*, que é, contrariando frageis opiniões oppostas, uma obra vigorosa e emotiva.

E' que esse poder emana da intensidade com que é feita, communica-se pela sinceridade que a anima e que a sobreleva nesse meio estonteado de pinturas para *cabarets* e de estampas illustrativas para monographias psychiatras.

Ella affirma-se fortemente pela seriedade de seus processos, permanece integra dentro da vacillação das correntes esthéticas, porque não é producto ephemero dos dictames de um capricho, e ha de atravessar as edades serena e fortecomo seu auctor tem atravessado a vida, a despeito da desventura e dos insuccessos, e ficará bem collocada, bem digna, entre as obras realçadas dos pinacothecos do futuro.

GONZAGA DUQUE.

TYPOS DA ROÇA

IV

ENRABICHADO

PORQUE anda agora *seu* Maneca jururú dessa moda? Elle que era tão brincão, sempre alegre e pandego, vive agora só na suruba, assim tão esturdio! *Sá* Marica, velhota que especula a vida de todo o mundo, banzou sobre o caso e veio a saber que o Manéca está num chodó damnado pela Sinhá, filha do major Silva, fazendeiro ourudo e possuidor de um disparate de terras, todas de ponta de dedo.

Manéca não tem de seu nem um cobre, mas é moço trabalhador, bôa dita nos negocios, e não consta que elle fosse nenhum perdido, suciando com as «raparigas». Que Sinhá tinha cambão pelo Manéca, *sá* Maria soube assim uns longes, umas falas por alto, mas *rabicho* de cortar,.. isso não, mesmo porque o dr. promotor, mocinho na puba, parece que está *chumbado* pela menina.

Isso é que dóe na alma do Manéca, que virou sorumbatico, só na suspiração, e já, em noites de luar, não entra mais nas costaneiras, violão em punho, cantando modinhas. Pouco apparece, e o Quim, falador que *sapéca* seu boccado, andou lambarando que o Manéca, desatinado com o chodó, pegou a tomar *puas* de cair na rua.

E rindo, mostrando as gengivas sem dentes, ajuntou:

—Coitado! tem *rezão*, porque a Sinhá é bonita que dóe, e tem *tacho*. Rabicho é o diabo!

Sá Marica contou tambem que o Manéca foi conversar com o feiticeiro da varge, um caboclo sabido de coisas de cangerê, p'ra elle dar uma *volta* no major que, numa imposturia de graudagem, disse a respeito dos desejos do moço:

E' muito p'ra elle!

Quando Manéca viu que mão limpa na sua cuité, o *rabicho* apertou fundo, e elle caiu nessa esturdeza de vida, que todos reparam. Está ficando como graveto, com um amarellão de quem apanhou a febre brava das beiras do rio na baixa das aguas, o olhar assim espantado como cousa que visse sombração.

Elle está ali, considerou o Quim, está hectico e vae p'ras minhocas.

Não ha nada, concluiu o *sapecador*, como a gente já estar assim do meio dia p'ra tarde. Cambão não entra, e *rabicho*... nem vêz!

Quando vão contar ao Maneca esses ditos do Quim, o «enrabichado» resmunga: «*Capadô! aburcido!*» e fica a olhar a tôa para o ar, onde a visão de Sinhá, na pimponagem de dezoito annos, surge tão catita que é de um christão morrer!

Nunca pensou que rabo de saia atrapalhasse tanto a vida de «uma gente». Ouvia falar em «enrabichado» de «cabeça inchada», mas não fazia ideia do que era. Por Deus do céu! é de escangotear uma criatura, que fica sem ter parada, a modo que perseguida do tinhoso. Diaba bonita que é a Sinhá!

E o Maneca suspira, conhecendo que aquillo não tem arrumação. O melhor é elle metter o pé na estrada e ninguem ha de saber o rumo que levou.

Maldita hora em que foi «dançar baile» na casa do major, pela festa da «noite do Nascimento». Pegou o *rabicho* ahi; não houve quem não reparasse o chodó em que elle ficou. «Só serenando», o Maneca viu-se «applaudido» e notaram muitos que Sinhá «fazia bem seu crochet» com elle.

Rapaz houve que chegou a dizer do Maneca que não perdia o «brodio», e, no dia seguinte, em todo o povoado não se falava senão no «rabicho» do moço com a filha do Silva.

Triste cambão! Vive agora o enrabichado penando no chodó, banzeiro, suruba, quasi deitando as compridas», quando o luar claro que nem de dia envolve o casario na sua luz dormente, e a costaneira, na rua, desfia os doces versos das modinhas ao som do violão e da flauta, numa toada tão triste!...

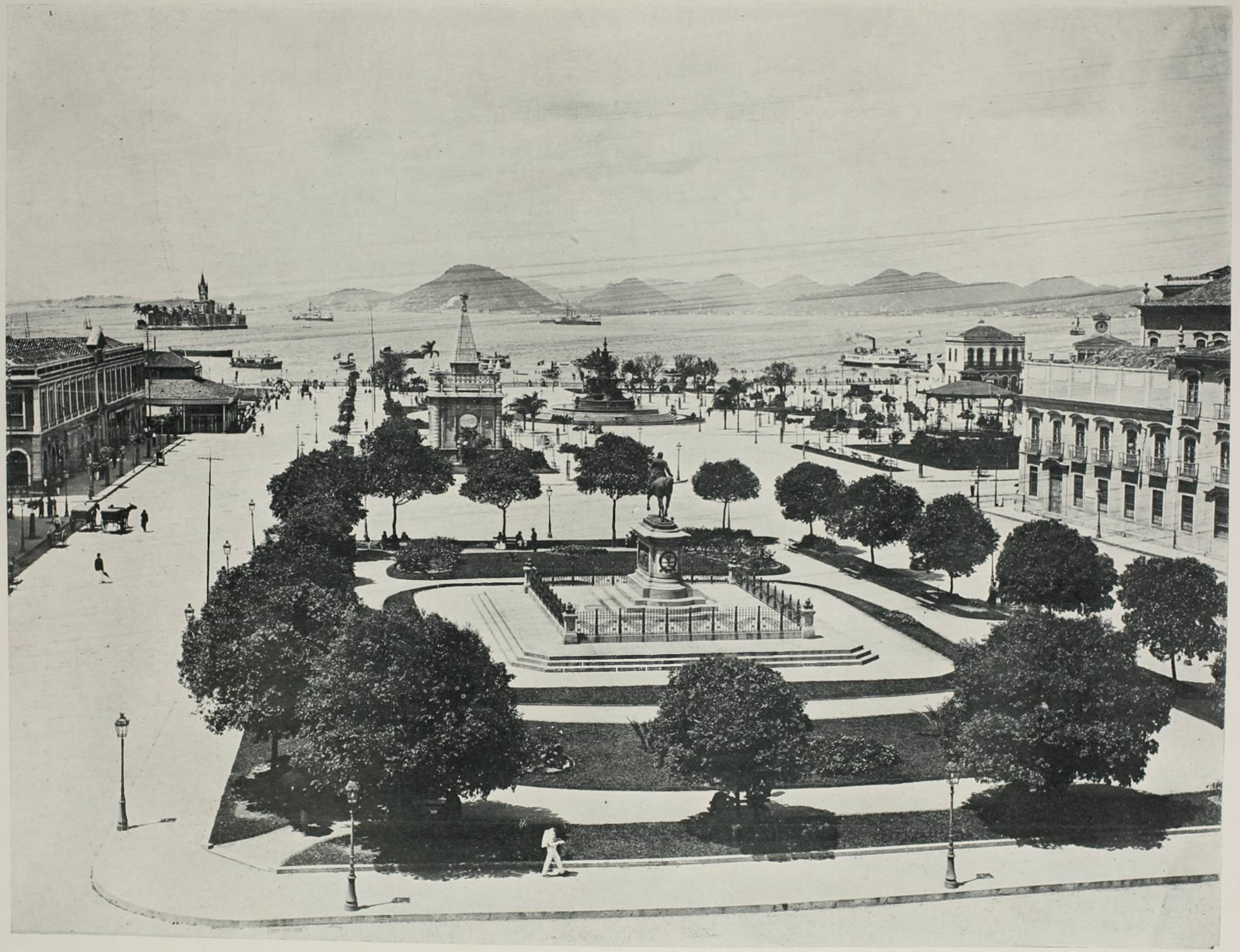
Quem havia de dizer que o Maneca, o pandego de outros tempos, ficaria assim sorumbatico, esturdio, mofino dessa moda, pobre «enrabichado» pela diaba da Sinhá, sacudida ás deveras nos seus dezoito annos, tentação das creaturas!

E o moço arranca do fundo do peito um suspiro doido que até parece que «está fazendo termo».

Chodó damnado!

AZEVEDO JUNIOR.

Juiz de Fóra, 1904.



KÓSMOS

MELHORAMENTOS DO RIO DE JANEIRO

PRAÇA 15 DE NOVEMBRO

CONCURSO DE BELLEZA INFANTIL

Em nossas paginas figuram hoje os retratos das creanças que de accordo com as condições estabelecidas por occasião da abertura do nosso primeiro concurso, foram classificadas nos dez primeiros logares.

A commissão julgadora foi constituida pelos srs. Gonzaga Duque, João Baptista da Costa, J. C. de Mariz Carvalho e Benevenuto Berna.

Das 327 photographias que nos foram enviadas de varios Estados, muitas foram logo desclassificadas por não obedecerem ás condições do concurso.

Os premios podem ser reclamados nesta Redacção até 30 de Novembro.



1º PREMIO

EVA SCHNOOR - 2 ANNOS DE IDADE

G. SARRACINO — PHOTOGRAPHO — S. PAULO



2.º PREMIO

DEVANAGUY LAKMY SILVA — CAPITAL



2.º PREMIO

ISAURA JUNQUEIRA DE OLIVEIRA — POÇOS DE CALDAS



2.º PREMIO

MARIA PIRES DE ALBUQUERQUE — PETROPOLIS



3.º PREMIO

LUCIA LOPES DE ALMEIDA — RIO DE JANEIRO

3.os PREMIOS



MARIA AMELIA DE REZENDE MARTINS
CAMPINAS



DULCE DE AZEVEDO
S. PAULO



Sylvia Moreira
Rio de Janeiro



MARIA DE LOURDES
RIO DE JANEIRO



LAURA DE ANDRADE PINTO
RIO DE JANEIRO

DAS LEITURAS

SOBRE OCEANOGRAPHIA

II

O nosso planeta, como todos os organismos, progride do cháos para a ordem.

As grandes perturbações atmosphericas e oceanicas só pódem pertencer ao seu periodo embryonario.

Em virtude de resfriamentos successivos, o nucleo incandescente foi se resguardando sob uma crôsta solida, determinando o estabelecimento d'uma temperatura conveniente á combinação dos elementos.

O 1º acto d'esta nova phase foi a precipitação das aguas ou a formação dos mares.

O hydrogeneo e o oxygeneo existentes, em abundancia prodigiosa, na natureza, combinaram-se em vapor d'agua; desde que a temperatura da atmosphera desceu a menos de 100º c., este vapor condensou-se, transformando-se em agua. Chuvas torrenciaes precipitaram-se sobre a crôsta ardente, vaporisando-se e activando assim o seu resfriamento; encontrando uma atmosphera pesada, esses vapores deviam ter-se elevado atravez desse ambiente, para ahi se condensarem, novamente cair, até que camadas liquidas lograssem augmentar de extensão e de profundidade, cobrindo emfim uma grande parte, senão a totalidade da superficie do globo. Assim nasceu o oceano; começa o reino da agua.

Ora, nesta epoca geologica as revoluções interiores da massa fluida e incandescente, reagiram com extraordinaria energia sobre a fraca epiderme terraquea e ahi produziram depressões colossaes. Assim vê-se que a formação das camadas exteriores do nosso globo, isto é, das ROCHAS na accepção lata que lhe dá a Geologia, achava-se entregue á acção alternativa do fogo e da agua. Estes dois agentes primordiaes foram personificados sob os nomes de deuses mythologicos.

O fogo, é Vulcano, ou melhor Plutão, o deus dos infernos, o deus subterraneo.

A agua, é Neptuno, deus dos mares e soberano dos rios.

Por tal motivo, rochas PLUTONIANAS são as que formam os terrenos de crystallisação, cuja origem é exclusivamente ignea; rochas NEPTUNIANAS são as que formam os terrenos sedimentosos, depositados em camadas horisontaes pelas aguas do mar.

As rochas METAMORPHICAS formam os terrenos de transição, os quaes marcam a passagem do periodo plutoniano para o neptuniano. Sobre a superficie d'estas diversas camadas e acima dos granitos e schistos argilosos, as aguas depositaram as materias calcareas nas quaes se encontram os destroços fosseis das primeiras plantas marinhas—as algas e os fucoides—e dos primeiros animaes marinhos—os infusorios e os zoophitos—.

Sob o periodo siluriano originaram-se os continentes. A separação das terras e dos mares é devida a uma serie de revoluções, algumas subitas, terriveis e circumscriptas, outras lentas e quasi insensiveis produzidas pelas materias em fusão sob a superficie terrestre, e tendo todas por fim a submersão e emersão successivas das diversas partes do globo. Este phenomeno reproduziu-se até haver equilibrio entre a tensão interior e a pressão exterior. Surgiram então, definitivamente, enormes ilhas destacadas, as quaes nos periodos seguintes se agruparam de maneira a formar grandes continentes, e nestes, numerosos lagos e golphos profundamente recortados. A fórma d'estes continentes e a extensão da terra firme variavam então segundo as revoluções e os phenomenos de cada epoca geologica, conforme o indicam as cartas construidas pelos povos mais adiantados da antiguidade.

E foi somente após a grande commoção da qual resultaram as cadeias dos Pyrinêos, Apeninos e Karpathos, que os continentes appareceram sob uma fórma pouco differente da que têm hoje.

A composição dos terrenos, a posição das camadas, a natureza dos ossamentos fosseis que encerram, nos fazem conhecer as epocas dos diversos abalos e, por conseguinte, as variações successivas na extensão das terras e dos mares.

Os depositos sedimentosos, por sua natureza e a regularidade de suas camadas, parecem pertencer aos periodos de tranquillidade que separavam as grandes revoluções do globo, e durante os quaes se accumulavam no fundo dos mares os destroços dos seres organisados que os povoavam. Pertencendo todos estes seres a creações progressivas, era natural que após cada um d'esses cataclysmas, organismos novos e mais perfeitos, tanto do reino vegetal como do reino animal, viessem povoar e embellezar a terra. Taes abalos tornavam-se mais geraes e mais profundos, á medida que a crôsta do globo augmentava de espessura. O estudo dos depositos diluvianos mostra, com effeito, que os terrenos submersos pela invasão dos mares são tanto mais vastos quanto mais proxima estava a epoca geologica em que surgio o homem.

Entretanto, quer acceitemos a emersão e submersão das terras como devida á precessão dos equinoxios segundo a theoria de J. Adhemar, quer motivadas por diluvios excepcionaes e successivos, quer devidas ás possantes oscillações do oceano que acompanham os tremores de terra, não estamos senão em condições de apresentar, como transitorio, o periodo de repouso de que gozamos. Nada, de facto, nos garante que os cataclysmas, que tantas vezes alteraram profundamente a superficie de nosso planeta não se reproduzirão no decorrer dos seculos.

Todavia, dá-se na historia do globo, como mui justamente observa M. Le Hon, «um facto notavel,—o surto do homem—chamado talvez para modificar as leis creadoras da natureza.»

Certamente, a Humanidade, advertida, pela sciencia, das catastrophes que ameaçam as gerações futuras, ha de procurar prevenir suas explosões, ou pelo menos, attenuar-lhes a violencia.

Guiados por um conhecimento mais exacto das leis que presidem á organisação progressiva, ao lento desenvolvimento de nosso planeta; senhores das forças mais activas e poderosas da natureza, conquistadas pela sciencia e regularisadas pela cultura integral do solo, não nos será dado poder dirigir estas forças para um fim digno da grandeza da Humanidade, cuja acção collectiva e dominadora deve, cada vez mais, substituir a protecção providencial dos primeiros tempos?!...

Apegados, firmemente, a esta grandiosa esperança, devemos procurar, como sensatamente diz Margollé, «descortinar o nosso Destino afim de que nos seja permittido, já que a Terra ha de experimentar novos cataclysmas, transmittir aos nossos herdeiros o thesouro das verdades moraes e scientificas que são o fructo precioso de

nossos perseverantes esforços, e o signal o mais brilhante, a prova a mais certa de nossa unidade no futuro».

E talvez, por ter sido o fructo d'um desses cataclysmas, é que o oceano, ainda hoje, como sempre, luta com as terras, tentando reconquistar sua universalidade perdida.

Sim, si é verdade que sob vagas revôltas, têm emergido ilhas alterosas, as quaes parece terem celebrado um pacto com os alluviões, as areias e a vasa, afim de obrigarem as aguas do Oceano a recuar; não é menos certo que sob mansas ondas têm desapparecido, aluindo-se, porções consideraveis de terra. Perseverante e pertinaz, o mar tem minado as costas, invadido os continentes e até sepultado montanhas.

A Australia, por exemplo, viu o oceano, roubar-lhe as terras de Van-Diemen ao Sul e da Nova Guiné ao Norte, actualmente, separadas do continente por apertadissimos estreitos.

Percorrendo o Mappa-Mundi, acham-se sobre os dois hemispherios, traços manifestos de rupturas bruscas ou lentas realisadas entre porções do continente: o estreito de Gibraltar, o passo de Calais, resultaram de phenomenos desse genero.

E para tal fim o oceano se aproveita não só da acção erosiva das vagas, que incansaveis batem e impetuosas arrebentam sobre as praias, como das formidaveis enxurradas fluviaes, que laceram as terras com furia indomita e que tão sensiveis se tornam quando se observa a formação dos DELTAS.

Actualmente, segundo Rigaud, a superficie da terra firme está para a do elemento liquido como a relação $\frac{10}{27}$. O oceano cobre quasi todo o hemispherio austral e a maior parte do boreal.

O oceano, já o dissemos, não é um accidente na superficie da Terra: é um mundo dotado d'uma existencia propria, séde d'uma creação á parte e no seio do qual milhares de seres vivem d'uma vida, que differe completamente da nossa.

Sem elle, nosso planeta seria, assim como nosso satellite, um corpo frio e rigido, um astro morto por suppressão completa de toda humidade.

Demais, a noção que temos de vida, incompatibilisa-a com o reino do fogo. Foi preciso pois, para que a vida apparecesse sobre o globo, que sua superficie, solidificada e resfriada, se tornasse o leito do oceano; e depois da emersão das terras, foi necessario, para que estas se tornassem aptas a gerar e nutrir os sêres, que o mar as cobrisse por diversas vezes, ahi depositando essa vasa fecunda — o limo —.

Como se vê, ha bem graves e justos motivos para respeitarmos affectuosamenie o oceano.

Segundo as analyses, as aguas do oceano são consideradas como uma agua mineral, encerrando em média, para mil grammas do salso elemento:

25^{grs},10	de chloreto de sodio (sal marinho)
5,78	de sulfato de magnesia
3,50	de chloreto de magnesia
0,23	de acido carbonico
0,20	de carbonato de calcio e magnesia
0,15	de sulfato de calcio,

e traços de potassa, ammoniaco, enxofre, iodo, bromo, cobre, chumbo, prata e oxydo de ferro. Estas analyses despresam entretanto o MUCUS, essa materia gelatinosa, que torna verdadeiramente organica a agua do oceano; a essa viscosidade é devido o inicio da vida animal neste immenso berço, que nutre uma multidão prodigiosa de peixes. Este licor nutritivo e luzido é devido á divisibilidade infinita dos corpos mortos de dagysas e medusas; da mesma fórma a phosphorescencia da agua do mar é produzida pela quantidade prodigiosa de molluscos que animam todos os mares.

Em seu bello livro «La plante et sa vie» o sabio professor allemão Dr. J. Schleiden assim se exprime: «se mergulharmos nossos olhares no liquido crystal do oceano, veremos realisadas as mais maravilhosas apparições dos contos feericos de nossa infancia — sarças fantasticas, onde desabrocham flores vivas; bosques espessos de meandrinas e d'astréas desdobrando-se em forma de taças contrastam com as madrepóras de elegante estructura com ramificações variadas. Por toda parte brilham as mais vivas côres; o glauco alterna com o pardo e o amarello; purpureas tintas passam d'um vivo encarnado para o azul-ferrete. Semelhantes a gigantescas flores de cactus brilhantes e das mais ardentes côres, as anemonas marinhas ornam as anfructuosidades dos rochedos com suas corôas de tentaculos, ou se estendem pelo interior como um taboleiro de rainunculos variados. Em torno dos bosques de coral brincam os colibrís do oceano, pequenos peixes scintillantes, ora d'um brilho metallico rubro ou azulado, ora d'um verde dourado ou do mais deslumbrante reflexo argenteo.

«Leves como os espiritos do abysmo, fluctuam as campanulas brancas ou azuladas das medusas, atravez deste mundo encantado.

«E toda esta vida maravilhosa nos apparece em meio das mais rapidas alternativas de luz e sombra, produzidas pelo mais fraco sopro da brisa, pela mais leve ondulação, que encrespe a superficie do oceano. Quando as sombras da noite descem nas profundezas, este jardim radioso se illumina de esplendores novos. Medusas e crustaceos microscopicos, semelhantes á pyrilampos, scintillam nas trevas. De cada canto irradia uma luz phosphorescente manifestando-se agora sob o mais deslumbrante verde, depois amarello ou arroxeado.

«A vegetação, a mais luxuriante dos paizes tropicaes não póde desenvolver uma maior riqueza de formas, e fica certamente, bem longe dos jardins magnificos do oceano. Tudo o que é bello, maravilhoso ou extraordinario nas grandes classes dos peixes e dos echimodermes, medusas, polypos e molluscos de conchas, pullula nas aguas tepidas e limpidas do oceano.»

Nenhum livro fará melhor comprehender os religiosos ensinamentos da Natureza do que este quadro vivo que nol'a representa em sua belleza sempre variavel, em sua inexgotavel e maravilhosa fecundidade, em sua universal providencia.

Maury, compenetrado de taes verdades, dizia que: «um marinheiro collocado no meio do oceano, experimenta, contemplando-o, sentimentos analogos aos do astronomo quando observa os astros e interroga a noite e as profundezas dos céos.» O telescopio penetrou os mysteriosos abysmos do firmamento e a sonda alcançou os arcanos do mar, provando que o fundo do oceano está em estado de repouso notavel, muito embora o grande Maury houvesse affirmado que «o profundo sulco, traçado na superficie terrestre e coberto pelas aguas azues do oceano, deveria ficar, para sempre, longe dos olhares curiosos, magnifico e ignorado».

O estudo aprofundado dos mares, isto é, a revelação de todos os seus mysterios, o conhecimento de todos os segredos de seus abysmos é tão indispensavel ao homem

do mar, como o estudo da sua meteorologia, e isto, em virtude da intima ligação entre os phenomenos do mar e os da atmosphera. De facto, as correntes, em virtude da temperatura das aguas que transportam, aquecem ou resfriam as camadas de ar contra as quaes attrictam ao passar, e determinam certos movimentos aereos indispensaveis ao restabelecimento de seu rigoroso equilibrio thermico. Tambem, dos esforços que fazem para alcançar o almejado equilibrio originam-se as suaves ondulações, as vagas, as ondas, ou os vagalhões tempestuosos.

Sim, a tempestade no ar corresponde á procella no mar.

Procuremos pois conhecer as forças que regem os movimentos regulares da atmosphera e do oceano e que são as causas das violentas perturbações de que somos ainda testemunhas, afim de aproveital-as ou affrontal-as com a necessaria prudencia e toda a coragem.

Só então, o navegador, esclarecido pela sciencia, traçará, «com segurança», seu rumo sobre o vasto oceano, cuja mysteriosa e terrivel immensidade enchia de terror o coração intrepido dos companheiros de Colombo.

G. Areias.

(Continúa).

"SAUL"

A José Fonseca de Barros

JÁ no poente começava o sol de descambar, lento e aureo, deixando pós si, sobre o azul limpido d'aquelle céo oriental, larga mancha de amethisto, rubi e opala, quando, aterrorado, Issacar viu Sunam pouco a pouco cercar-se do extenso exercito philisteu que ali, em seus valles, ao sopé do Hermon pousava as tendas.

Entre os rudes guerreiros, entretanto, nenhum só tremia; sabiam todos que o agigantado, invencivel e agora possesso Saul, acampado em Gelboé, já não tinha para animal-o na peleja a voz troante do energumeno Samuel, nem para de si conjurar o máu espirito as melodias suaves do Kinnor de David, e, confiados mais d'isso que dos oraculos de Dalgon e Baaltis, esses homens possantes, barbudos e semi-núS, deixavam-se embalar por aquella hora suggestiva em nostalgicos sonhos.

Reviam em mente as villas onde cresceram, amavam e eram amados, como que sentiam ainda o conchego dos corações que lá ficaram palpitantes de temor e de saudade.

Em Gelboé já não se dava o mesmo, a inquietação era grande. Israel nunca tinha visto tantos philistinos, e, se a vista se lhe pasmava ante tão formidavel exercito, mór ainda lhe era o espanto ouvindo dos esculcas o valor, a calma, a confiança na victoria que os animava. Sob a tenda real, Saul que em vão consultara sacerdotes e prophetas, e em vão, por meio dos sonhos procurara entrever o successo d'essa batalha, agora, envolto no éphod, aterrorisado e supplice, implorava do Senhor um aviso. Elohim porem conservou-se mudo, e Saul, desesperado, possesso, labios tremulos e bavacentos, lacerando o éphod gritou pelos servos:

—Que me busquem uma serva de Python; Elohim virou-me a face. De Baal serei attendido.—

De Israel, por ordem do proprio Saul e sob pena de morte, magos e sybillas se tinham exilado.

Apenas, em Endor, uma, menos temerosa, se deixara ficar e, Saul trocando as vestes reaes por um traje rustico, acompanhado por dois validos, se partiu caminho de Endor.

Já ia em meio a noite quando chegaram ao termo da jornada. Quasi occulta por palmares e amiris, percebia-se, a entrada de uma caverna, rude abrigo de Python e mysteriosa vivenda de sua interprete. Ás tres pancadas, feridas de manso no lenho estreito que lhe servia de porta, respondeu um sibilo penetrante, cortando lugubremente o silencio de entorno. Após uma delonga, mal soffrida pelo rei, arredou-se o lenho da entrada dando sahida a nuvens de fumo odoroso evolado de aurea caçoula, pousada sobre uma tripode ao centro da gruta.

Em volta á tripode uma serpente, subtil e mansa colleava sem um ruido, traçando pelo movimento contornos animados de caracteres cabalisticos. Saul de pé, estatelado á entrada, por tres vezes atirou ao silencio a ritual evocação a Python. A chamma da caçoula então avivou-se expellindo faúlas que estrellejaram no fundo sombrio da gruta; o sibilo já ouvido, de novo, por tres vezes, se fez ouvir, e a serpente, subito, perdendo a flexuosidade cresceu para o ar, erecta como a haste de uma lança que se tivesse fincado no solo e com os olhos rubros e vitreos, como granate polida, fixou o livido semblante de Saul.

Python respondia á evocação.

Sem que se pudesse dizer de onde e como surgira, uma mulher se entrepoz a tripode e a entrada da gruta.

Alta e esguia, cabellos derramados pelos hombros, mal segurava o manto que lhe escorregava corpo a baixo. De pé e immovel, manto agora por terra, seios nús, desnudadas as nadegas, esperou que lhe fallassem. Era a pythonisa; e quando o rei lhe pediu o espectro de Samuel, teve um convulso tremor julgando-se perdida. Reconhecera Saul e cuidou que lhe tinham armado uma cilada. Mas ja não havia recuar. Antes que fizesse um movimento a serpente a enlaçou, e como se foram braços viris que a estreitassem num abraço de amor, ella voluptuosamente deixou-se arrastar, e, tombando sobre o manto que lhe caira das mãos, entregou-se, languida e lasciva aos affagos de Python que ondulante, expedindo das escamas offuscantes effluvios de pedrarias mil, se não cançava; ia de seio em seio, enrolava-se nas pernas roliças, acariciava o ventre polido e as nadegas eburneas. Ella, no paroxismo talvez de um gozo exotico ou satanico, fazia ouvir gemidos que mais pareciam uivos. E o reptil continuava; subia, descia, e, lentamente, de bocca hiante onde tremulava a lingua aciculada, subia, subia ainda mais fazendo-a desapparecer entre os labios descorados da pythonisa. Nesse instante ella cerrou as palpebras, não mais gemeu, e, tão visivel flacidez percorreu aquelles corpos de mulher e reptil que parecia terem exhalado o ultimo alento. Consummava-se o supremo mysterio. O espirito de Python se concretisava com a alma da pythonisa. Não era um *avatar*, era mais que isso, era a fusão de duas almas diabolicas em um só corpo, era o hymen satanico das duas maiores forças— a vontade humana e o poder extra-humano.—

Subito, a serpente rolou por terra e a pythonisa num rapido movimento collocou-se de joelhos com os braços abertos. Então como se um grande vento soprasse de cima, a chamma da caçoula se bipartiu, e, as duas partes, acompanhando, a principio, a direcção dos braços abertos, pouco a pouco cresciam, subiam, e, em amplexa curvatura formaram um halo resplandecente e iriado. Envolto por aquella claridade, como que sahindo da propria chamma da caçoula o austero e bravio Samuel surgiu e num indignado declamar se dirigiu a Saul:

—Porque me perturbas arrancando-me ao repouso dos Eleitos? Que poder posso eu ter contra o mando do Senhor? Bem sabes que em Galgalá te fizeste sacrilego e que em vão, esperando te redimir, esquartejei Agag com as minhas proprias mãos. Elohim te não perdoou, e, eu sei de mim quantas lagrimas derramei por ti. Saul! rei dyscolo, a tua hora é chegada, a tua morte está no gume da tua propria espada, e comtigo perecerão os teus filhos mais amados. Tres alvoradas apenas, e tua corôa será levada á casa de Judá que em breve reunirá ao seu o reino de Israel. Tuas armas, em tropheu serão recolhidas ao templo de Astaroth e o teu corpo, pendurado ao muro de Bethsem por longas horas oscilará a mercê dos ventos e saciará a fome aos abutres té que, durante a noite, os habitantes de Jabes o venham arrancar d'ali para sepultal-o em seus bosques.—

Um grito de angustia e terror saiu do peito oppresso de Saul.

A pythonisa levantou-se.

Começára o despontar da primeira alvorada. Um diluculo rosado e festivo aclarando o horizonte escoava a claridade indecisa pela estreita entrada da gruta, e, como que diluidos nessa luz, a luz da caçoula e o espectro aos poucos desappareceram.

Após um longo desmaio, Saul, tendo voltado a si, a rogos da pythonisa e dos validos, quebrou com um bocado de novilho e pães azimos o jejum que ha tres dias guardava. Foi o seu ultimo brodio.

Na tarde d'esse mesmo dia, após ter se encharcado Gelboé com o sangue israelita, Saul, abandonado pelo restante do seu exercito que espavorido fugia, cercado dos corpos dos seus filhos dilectos, rodeado pelos setteiros inimigos, já mal ferido, para não cahir vivo em poder dos incircumcisos, deixou-se tombar sobre a sua propria espada, que o atravessou de lado a lado. Seu corpo apanhado pelos philisteus, por essa segunda alvorada, balançava ao vento pendurado ao muro de Bethsem.

No dia immediato David, em Siceleg, recebia das mãos de um amalecita a corôa de Saul.

Tres alvoradas haviam passado. Estava applacada a colera do Senhor.

RAPHAELINA DE BARROS.

Construcções Navaes Indigenas do Brasil

POR varias formas e modos se manifesta a intelligencia e habilidade dos povos, que passaram da vida vegetativa á vida de sociedade constituida debaixo de certas regras.

Estas regras se transformaram em leis, que pouco a pouco foram elles melhorando segundo suas condições e necessidades.

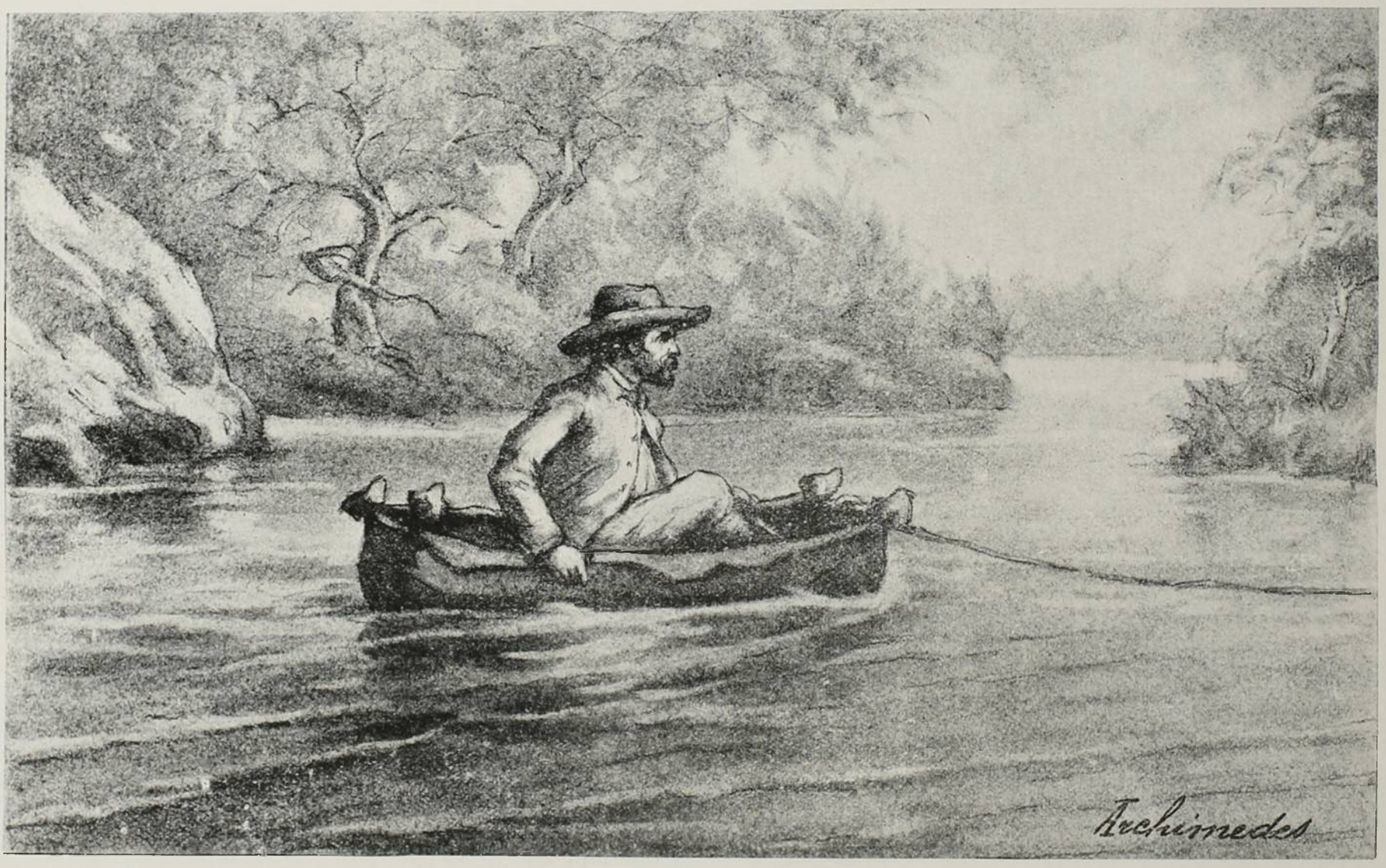
Por motivos supervenientes, as artes e as industrias se foram modificando, e melhorando em marcha proporcional a ellas relativas.

Considera-se a construcção naval e a navegação uma das obras mais perfeitas e uteis da humanidade, quer como correspondentes á necessidade de communicações e conveniencias do commercio, quer quanto ás vantagens no ataque e defesa das nações em luctas, luctas estas que deveriam não existir, e entretanto existem, e hão de existir apezar do progresso do mundo civilisado, e só justificaveis em ultimo recurso em defesa de direitos e poderes, e de integridade territorial em opposição ao desejo e aos esforços expansionistas das grandes potencias levadas pela necessidade de allivio ao excesso ás vezes das populações respectivas, complicadas na sua economia geral e interna.

O Brasil, que conta poucos annos de existencia comparativamente com as antigas nações, se bem que haja provas de haver sido conhecido, ou povoado muito anteriormente á chegada dos europeus, desapparecidas essas primeiras populações talvez por cataclysmas universaes, ou transformadas de qualquer modo, crendo-se, ou não nessa versão, o Brasil, dissemos, possuia na época do seu descobrimento povos differentes em costumes e linguagem, os quaes em contacto com seus descobridores, ou novos povoadores, formaram uma nação, que por sua extensão, sua riqueza natural, e seu clima temperado e excepcional, está fadada para ser em futuro mais ou menos proximo, talvez, a mais populosa e rica nação do mundo.

Qualquer descripção, ou nota sobre esse assumpto, deve ser motivo de curiosidade, senão de estudo, que entre nós tem sido pouco cuidado, e não se encontram de certa forma vestigios e *specima*, que se prestem a investigações em nossos museus, quer de marinha, quer publicos.

Relembrar as obras de nossos aborigenes e seus feitos nunca póde ser assumpto de somenos importancia e interesse para os, que amam a sua patria, e desejam conhecer-lhe a origem, e isso é que pretendemos fazer da forma a mais succinta possivel neste ligeiro artigo.



PELOTA

Descripções feitas por exploradores, ou viajantes estrangeiros, são em maioria, ou quasi em geral phantasticas, e apenas curiosas para os estranhos ao lugar e aos factos, ou aos ignorantes desejosos de impressões, quaesquer que ellas sejam.

Na importante obra de M. Páris sobre construcções navaes extra européas, publicada ha annos, foram devidamente estudados os typos particulares das ilhas da Oceania, China e India, e apenas seu autor vagamente tratou, quanto ao Brasil, dos do Rio de Janeiro, onde esteve, e da jangada de Pernambuco, e os classificou de não originaes, declarando que as canôas nada tinham de importante e que interessassem aos viajores.

Disse tambem que as *faluas* eram um exemplar moderno, e do mundo civilisado, e que, sobre terem o nome de origem hespanhola, assemelhavam-se ás *lanchas* maltezas de Sfax.

Resultou d'isso que annos depois o almirante Páris, seu pae, escrevesse ao nosso querido e nunca esquecido Imperador, seu consocio da Academia de Sciencias da França, pedindo notas e desenhos detalhados das nossas originaes embarcações, especialmente dos *barcos* da Bahia, que assim classificou *de si belles lignes et d'une mâture si bizzarre* para completar a referida obra, e reedital-a.

—

A construcção das jangadas feitas de paus leves, ligados de qualquer forma para consolidação e fluctuação, e de canôas, resultado de grandes madeiros appropriados, cavadas pelo fogo, ou por machados de qualquer origem, ou por elles aperfeiçoadas, não pode constituir uma novidade do povo do Brasil; pois a historia naval cita esse emprehendimento em quasi todos os povos como a origem da navegação, e parece ser innata nas populações, que viveram a beira d'agua doce, ou salgada.

Mas quanto á variedade e tamanho se reconhece entre esses dous typos primitivos muita diversidade inherente ás circumstancias do logar e serviços a que foram destinadas, e eventualidades dos ventos e do mar; e se destacam as *canôas do alto* da Bahia, que supportam tres mastros e tres velas com quasi o triplo da devida superficie velica, cujo effeito é destruido por corajosos marujos, que compensam essa differença com o seu peso, tesos á borda em posição inclinada e ás vezes quasi horisontal, seguros a cabos, a que chamam *brandaes*, como verdadeiros acrobatas, e se encolhem rapidamente quando a refrega do vento passa, as quaes podem em mar chão, e com vento ao largo andar mais de 10 milhas por hora.

Ainda quanto ao velame das jangadas, desde as pequenas de pesca junto á costa norte do porto da Bahia com uma vela qnadrangular, e outra triangular á pôpa, até o *paquete* de Pernambuco, e mesmo á grande do Ceará, com segurança e certo confortavel relativo a passageiros apressados em tempo, em que não havia navegação a vapor, que passam dias e noites no mar na pesca, perdendo a terra de vista, e sem bussola a não ser o conhecimento da direcção dos astros e dos ventos reinantes, ha grande variedade, não só quanto á construcção, mas tambem quanto ás manobras, nomenclatura, e habitos de seus tripulantes.

Algumas já viajaram transportando passageiros em casos de necessidade, e ainda despachos commerciaes, antes da installação do telegrapho, pelos diversos trechos da costa, e até Maranhão, sem comtudo poderem voltar por causa das correntes e ventos contrarios.

—

A *pelota* e a *ubá* parece-nos que não tem relação alguma com esses exemplares.

Uma e outra foram construidas com pelles, a primeira de boi, e a segunda com a casca de arvores especiaes.

As pelotas, que nos rios do Estado da Bahia têm a denominação de *banguês*, são formadas de couro de boi, e armadas com varas em quadrilateros, ou amarradas nas extremidades em forma elliptica, com esqueleto interior e inferior tambem de varas, e transportam viveres e uma pessôa atravessando rios sem se molharem, rebocadas por um bom nadadôr, aladas da margem opposta por uma corda de couro, de embira, ou outras, ou encostadas a um cavallo nadando.

A *ubá*, ou *ubang* é feita de casca de certas arvores especiaes, casca que é arrancada quando a arvore em pé, ou depois de derrubada.

Depois, approveitando-se as verdes, amarravam as extremidades com cipós, de maneira a dar-lhe a forma de uma canôa, e abriam escorando com varas de madeiras fortes e resistentes, e quando resecadas á sombra, ou ao sol, ficavam com a configuração precisa e firme. Estas ubás têm grande duração.

Tambem alguns fizeram esse serviço com fogo lento semelhantemente ao que hoje se faz em estufas para amolgar e dar forma precisa a taboas de forro de escaleres, e até de construcções maiores.

Foram usadas em quasi todos os rios do Brasil, onde os indigenas encontravam arvores apropriadas, e ainda o são em rios do Amazonas, e de Matto Grosso.

Alguns as carregavam, e escondiam depois de suas excursões, outros as mergulhavam em lugar de remanso para não serem vistas, e depois as buscavam mergulhando.

A costa do Brasil, tão longa e tão diversa, tem por isso delimitações e distincções claras quanto aos typos de embarcações de seus naturaes.

A jangada funcciona desde a costa sul da Bahia até a do Ceará. A canôa, mais, ou menos, differente de formato e de velame em todo o Brasil, quer na costa do mar, quer no interior de seus innumeros rios e portos.

Variadissimos são os typos indigenas, e pode-se dizer que da costa sul até a do Ceará figuram embarcações de pôpa e prôa; mas d'ahi para o norte nota-se as de duas pôpas, isto é, com as duas extremidades cortadas de forma a não se perceber bem, á primeira vista, qual a da frente e qual a do fundo.

Ha tambem uma circumstancia digna de nota: ellas se assemelham nesta particularidade ás chalanas do rio Paraguay, algumas que são, ou que vêm do Estado de Matto Grosso.

O casco, ou o fundo, é feito de uma só peça de madeira encurvada, a que pregam taboas para augmental-a em altura e capacidade relativa, ligadas a cavernas, e topejando com os chapuzes, que representam prôa e pôpa.

Barcos mineiros, ou *botes mineiros*, são embarcações, que navegam nos rios Araguaya e Tocantins dos Estados de Goyaz e Pará.

Muito longas e rasas, e cobertas com uma alta tolda de palha forte, que abriga a tripulação e a carga, são remadas a pá por grande numero de homens. Quando se fatigam as amarram á margem do rio, e quando não podem vencer as corredeiras, ou as cachoeiras, carregam a carga para parte superior, e tambem a embarcação, para continuarem a viagem, como antigamente se fazia com os galeões.

Duram muito tempo essas viagens de ida e volta, e ás vezes seis mezes. Tem ligeira semelhança quanto á cobertura aos *Patilé* do Ganges de Bengala.

—As barcas do Rio São Francisco, particularmente as do baixo, fortes e de carga, um tanto semelhantes aos saveiros do Rio, que são chamados tambem alvarengas; mas sem cobertura, viajam de Penedo a Piranhas por entre *caldeirões*, que são a avançada encachoeirada. Tem um mastro um pouco avante do centro com duas velas triangulares, e com retrancas, que as abrem quando navegam para cima com o vento, que sempre lhes é favoravel, e parecem-se com borboletas brancas, que vôam.

Na descida são auxiliadas pela forte correnteza e impulsionadas por dous remos para direcção e auxilio atravez das pedras, quasi todas mergulhadas, e trazem um galho de arvore frondosa na pôpa, não como uma bandeira, mas como uma directriz do eixo do rio, e que substitue a acção da pequena vela latina, que a garoupeira e outras embarcações empregam para conservarem a direcção do vento, ou andarem *a bobuia*, como chamam.

—As *barcaças*, augmentação das *canôas de embono*, são constituidas semelhantemente ás embarcações do extremo norte sobre a base de um casco, em geral, e de duas peças de madeira curva, como secção longitudinal, tiradas de uma grande canôa, serrada ao meio, a que chamam *encollamentos*, ligadas á parte, que forma a quilha por meio de cavernas, no que já hoje está um pouco modificado esse processo em vista da necessidade, ou falta desse material, e pelo progresso que introduziram na construcção.

Navegam desde o porto da Bahia até o Rio Grande do Norte.

Usam as pequenas dous mastros, e as grandes tres com velas quadrangulares, como as latinas dos actuaes navios.

São muito rasas, de fundo de prato, e usam taboa de bolina como as canôas, e tambem de grandes madeiros leves presos ás bordas para augmentarem a sua estabilidade.

As grandes, porem, actualmente já se parecem com os hiates quanto á mastreação e velame.

—A baleeira, embarcação esguia, de bocca aberta, que se occupa na pesca da baleia na costa da Bahia desde Caravellas até alem de Itapuan no inverno, peior época de tempo e de mar, que fórça esses cetaceos a procurarem a costa para se abrigarem e parirem, ás vezes até dentro da bahia de Todos os Santos, tem uma particularidade—a collocação do mastro á ré, do meio da embarcação e muito inclinado para ré, e é a unica que tem a *carlinga* movel, permittindo assim com a pericia e coragem de seus tripulantes acompanhar a marcha da baleia em todas as direcções, perseguil-a arpôal-a, feril-a, arriar rapidamente o mastro em sua carreira vertiginosa e depois de matal-a, amarral-a, levantal-o de novo, e conduzil-a ao lado até o lugar, em que tem de ser desmanchada, e reduzida a oleo, e approveitados os seus restos.

Essa pesca já foi feita antigamente até na costa de Santa Catharina com embarcações differentes, que ainda conservam o nome; mas que apenas se applicam em muito pequena cabotagem.

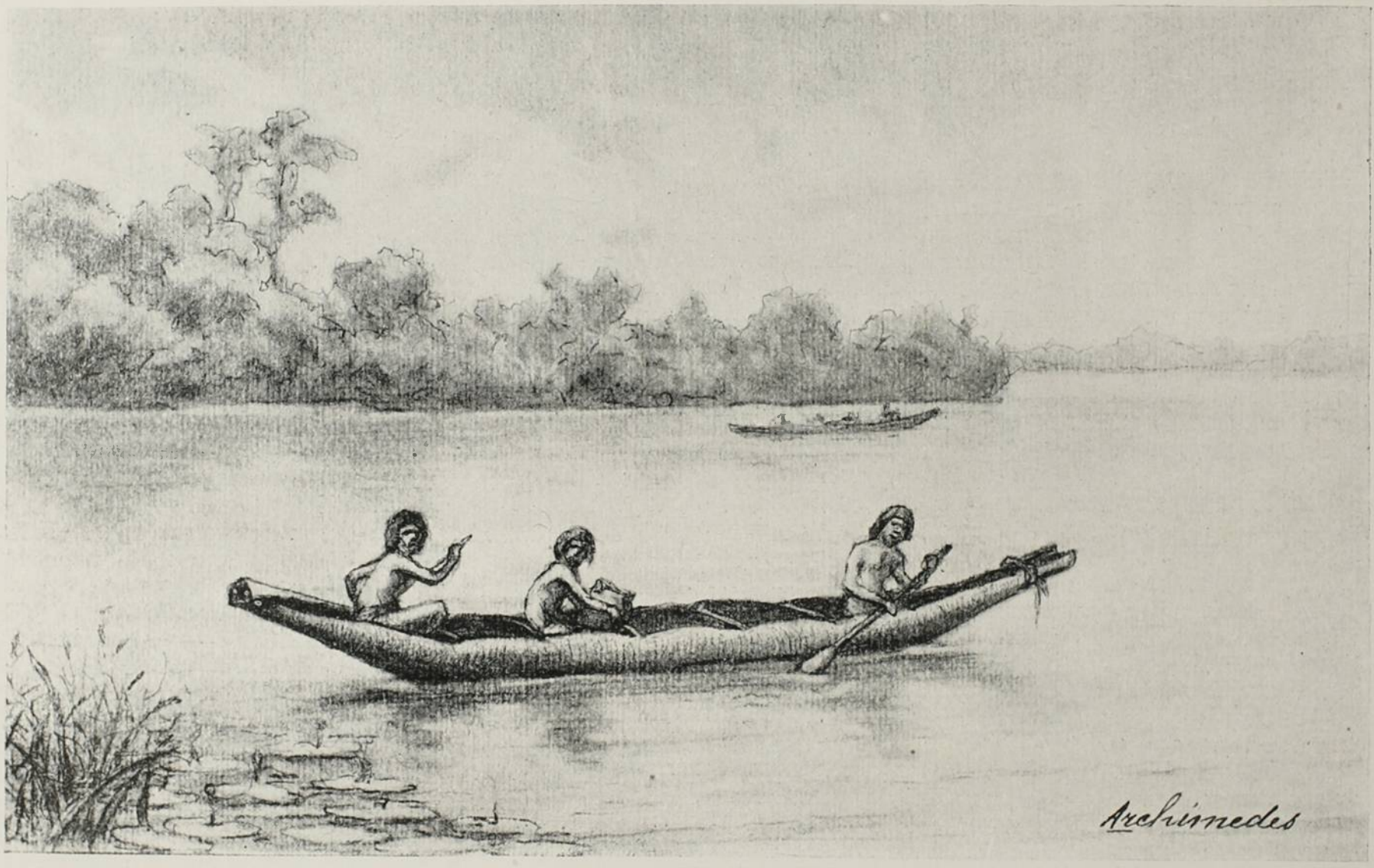
—Não se deve deixar de apresentar outro typo curioso, o dos *barcos*, que supportam grande mastreação e especialmente para navegarem no rio Viamão no Estado do Rio Grande do Sul, e de viagem de Porto Alegre para cima, e talvez para baixo; mas sem comtudo poderem affrontar a Lagôa dos Patos.

Não parece ser absolutamente indigena senão no facto de não terem ovens, brandaes, e outros cabos de sustentaculo de sua mastreação e velame, cujo unico mastro com mastaréo parece, em parte, ser o de um navio *redondo*, com o fim particular de receberem no alto o vento, que sopra por cima das barrancas, e as impulsiona, e sem o que a vara trabalhada por seus tripolantes tem de ser o motor, em vista de sua capacidade.

Mesmo assim constitue um typo especial, cuja origem deve ser estudada.

De todos esses typos, porem, sobresahem por sua curiosidade os das lanchas e barcos da Bahia, que navegam no interior do porto, e em parte de sua costa.

Elles têm mastreação superior e superficie velica a que devem supportar o seu porte e capacidade, e são quasi rasos em seu fundo.



UBÁ

Tem dous, ou tres mastros, sendo que o de prôa sustenta uma vela de forma quadrangular, e os outros trapesoidaes. Esse de prôa é vertical, e está junto ao segundo, que é inclinado.

Os ventos do porto da Bahia soprando pelas encostas, ou quebradas das collinas, muitas vezes mudam rapidamente sua direcção até de 45 gráos, e vêm mais fortes, de sorte que é necessaria enorme vigilancia do homem do leme para as embarcações não virarem.

Ellas, porem, são mastreadas com uma madeira especial, a *beriba*, dessas das que vergam, mas não quebram, forte e flexivel.

Quando o vento as sorprehende mais forte e em outra direcção, a mastreação verga muito, e a superficie velica diminue, e assim consequentemente a sua acção, e elles seguem, mais ou menos, o seu caminho.

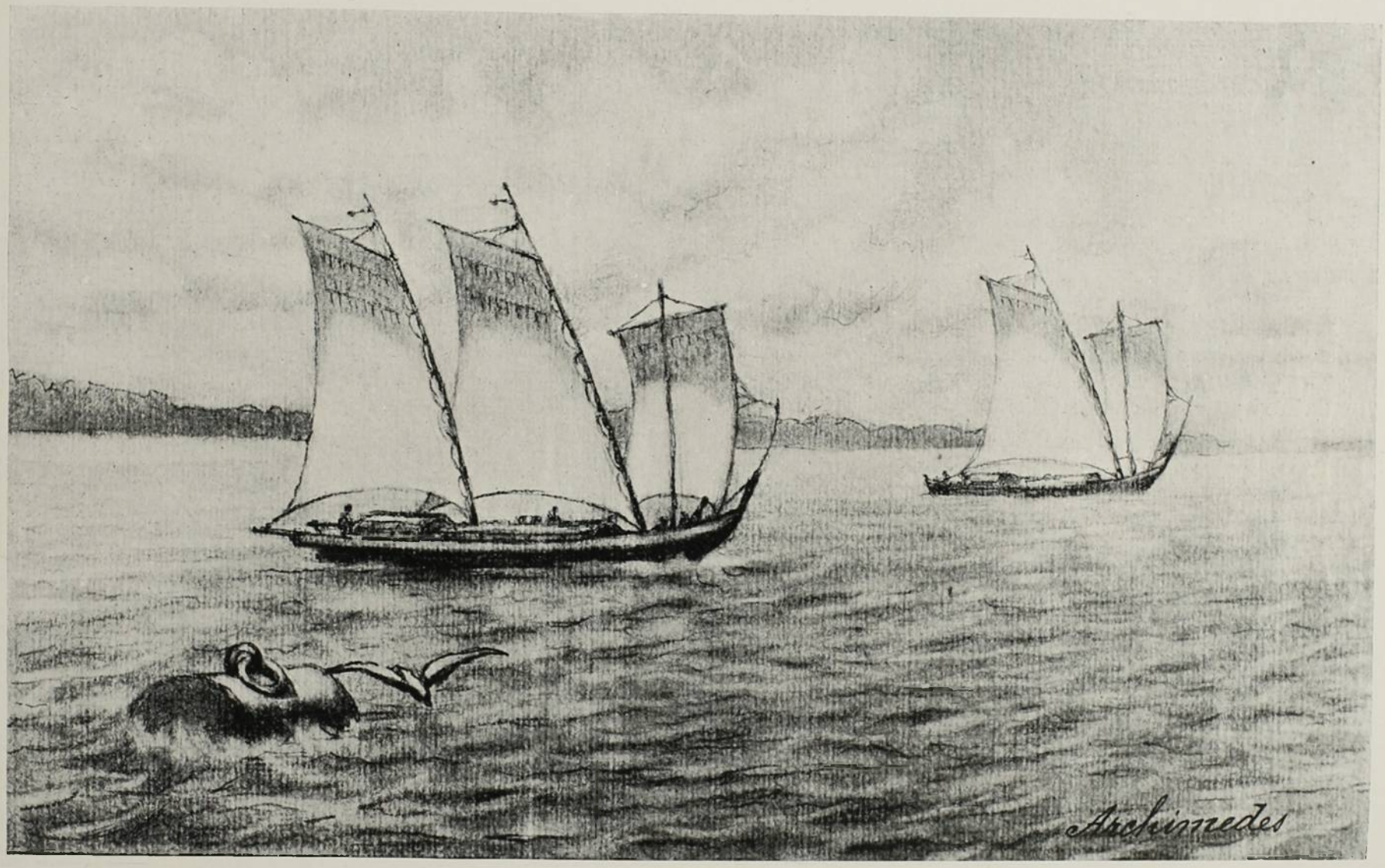
todo fechado, e que funcciona em geral entre o Rio de Janeiro e Bahia na pesca de garoupas, e que se demora no mar ás vezes cerca de um mez, principalmente nos parceis dos Abrolhos para completar o seu carregamento de peixe salgado.

Ha alguma variedade em sua forma, e mastreação e velame conforme construidas no Rio, Victoria, ou Bahia.

Usam em geral de um mastro grande quasi á prôa com uma vela quadrangular, que quando é latina toma a denominação de *Perné*, um gurupés, e um mastro menor á pôpa com velas triangulares, sendo que estas são chamadas de *burriquete*.

A conformação da prôa é muito grossa, e a da pôpa fina, assemelhando-se a certos peixes.

Quando pescam trazem só o *burriquete* para conservar a posição proxima á direcção do vento, e, quando



BARCO DA BAHIA

Pode-se, pois, chamar de automatico esse systema de mastreação.

—

A quantas lendas, folklore, e a quantos factos notaveis de nossa historia estão ligadas essas embarcações indigenas em geral, e até em fastos de nossa independencia, em que figuraram, alem de outros em grandes luctas, que foram commandadas pelo celebre João das Bottas (Francisco de Oliveira) no *Pedro I*, e tambem pelo fallecido e respeitavel Almirante Barão de Angra, em luctas com o General Madeira, e outras, em que foram denominadas canhoneiras, e armadas com um pequeno canhão á prôa?

Quanto ao aperfeiçoamento em arte e grandeza deve figurar nesta ligeira descripção mais do que o barco descripto ligeiramente a garoupeira, que é quasi um navio

falha o peixe, navegam com todo o panno adiante para se collocarem em lugar mais piscoso.

Não será isso até certo ponto um simile do processo das de pescaria do bacalhau nos bancos da Terra Nova?

Os limites d'este artigo não permittem sequer esboçar os traços caracteristicos, a nomenclatura, e os factos de nossa patria, que a elles estão ligados; mas com o pouco, que deixamos escripto, nosso fim foi recordar os feitos e provas de intelligencia e de habilidade dos possuidores e dos primeiros povoadores d'este colosso para um estudo de nossa historia nesse particular, um tanto esquecida e transformada, adulterada em geral por estranhos, que visitaram, estudaram e estudam os nossos habitos e costumes.

ANTONIO ALVES CAMARA.

TRAÇOS GERAES E CARACTERISTICOS

DO

GENERAL OSORIO

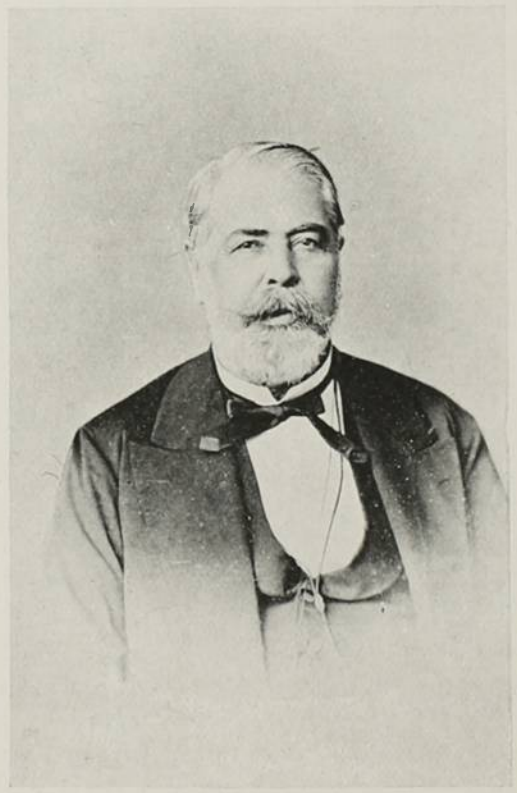
ERA o General Osorio de estatura um pouco acima da mediana, incorporado, de organisação vigorosa.

Tinha os hombros largos, garboso o porte, túmido o peito. Dir-se-hia conserval-o em perenne desafio aos embates dos inimigos da Patria.

Caminhava de fronte erguida, pisava com firmeza. Seus movimentos eram rapidos. O olhar prescrutador. O ouvido atilado.

Apezar de tão avançada idade, seus cabellos não estavam ainda completamente brancos. Finissimos e corredios fizeram notar, no tempo da sua mocidade, pela côr perfeitamente negra e brilhante que tinham.

Seu rosto era sem rugas. A cútis, alva e delicada. As faces, rosadas. Os olhos, castanhos escuros, vivos, expressivos de placidez e bondade. A fronte, alta e vasta. A physionomia aberta, desannuviada, serena, reveladora de respeitosa affabilidade. Inspirava confiança. Usava a barba, que era espêssa, escanhoada nas faces, desbastada aos lados e, nos ultimos, tempos, mais prolongada ao queixo, mal encobrindo sobre este ponto, duas cicatrizes que lhe ficaram, resultantes do ferimento causado por uma bala que, atravessando o rosto, partiu-lhe e enfraqueceu a maxilla inferior. Em consequencia de tal ferimento notava-se-lhe no labio ligeira depressão que, visivelmente, o retrato reproduz. (*)



Pela debilitação da maxilla, ficou impossibilitado de mastigar, não podendo mais servir-se senão de iguarias brandas. Comtudo, alimentava-se fartamente. Salgava e apimentava descommunalmente a comida.

Admirado da grande quantidade de pimentas, de que viu-o utilisar-se, ponderou-lhe, em um jantar, um seu compatriota bahiano:

— «General, V. Ex. parece filho da minha terra!»

— «Não sou da Bahia, responde elle — sim do Rio Grande do Sul. Da Bahia, sou amigo. Amo-a pelos seus bravos soldados de infantaria; pelas suas glorias civis e militares; emfim, pela gratidão que lhe devo, e... pelas suas pimentas.»

E isto dizendo, derramou algumas mais no prato.

O vinho, lhe não fazia falta. Rara vez tomava á sobremesa um calix de Porto. O *mate-chimarrão* era a sua bebida predilecta.

Só fumava charutos, mas com excesso. Aquiriu o habito de fumar depois de Major.

Conhecia todos os jogos. Nenhum d'elles o fascinava. Em boa roda de amigos entretinha-se, alguma vez, rarissima, e por ligeiro passatempo, com o *voltarete*.

Aprazivel era vel-o na intimidade do lar, para si convertido, pela esposa cuidadosa e meiga, em ninho de carícias e dedicações. Ahi todos o adoravam; e elle, que sabia-se fazer amado e obedecido, que tinha para a esposa a affabilidade constante, para os filhos o continuado carinho, para os famulos o bom tratamento, ao volver de suas campanhas militares encontrava nesse abençoado ninho o socego e a felicidade.

Summamente affeiçoado ás creanças e ás flores, nas primeiras acatava a esperança da familia e da patria. Queria vel-as bem dirigidas. Nas segundas, procurava distracções. Quando lhe permittia descanso a sua vida andeja de soldado, tratava logo de formar o seu pequeno jardim, que pessoalmente cuidava.

Não podia ser desoccupado nem tolerava o vadio. Era de uma actividade rara e de uma incansabilidade assombrosa.

Tinha por habito levantar-se cedo. Seu somno era levissimo. Erguendo-se do leito procurava o banho frio e depois barbeava-se a si proprio.

Ordinariamente vestia á paisana e rigorosamente de preto. Na estação calmosa o seu trajo caseiro era um *completo* de brim pardo.

Primava pela modestia.

Inimigo do luxo e da ostentação, do apparato, da etiqueta e de todas as formalidades encommodas, penalisava-se de ver alguem perdendo o tempo com essas banalidades, e reflectindo sobre o individuo vaidoso, impostor, jactanciosamente preoccupado com a pompa do vestuario e mil outras exterioridades superfluas, costumava applicar-lhe murmurando esta phrase assás significativa e esmagadora: *tolice, deixa a gente.*

Não trazia em si custosos adornos. Ao seu proprio relogio de algibeira prendia por um trancelim preto, de seda. Nem preciosos ornamentos enfeitavam sua morada. Dentro d'ella tudo era simplicidade. Ali penetrava o pobre com a sua humildade e sentia-se bem, sem constrangimento algum. Se penetrava o rico soberbo, não achava assumpto para divertir a soberbia, porque não divisava objectos sumptuosos para comparar com os que possuisse.

Uma cama estreita, ao fundo do quarto, tendo á cabeceira o bidete sobrecarregado de jornaes, sempre modernos; a um lado, simples lavatorio e dous cabides de parêde, sendo um para roupa e outro para dependurar suas armas de caça e de guerra, excepto a lança que era encostada a um canto; mais adeante um cavallete de madeira sustentando os arreios de sua montaria, e depois, uma estante singela guardando o seu archivo; do outro lado, duas canastras de campanha, algumas cadeiras e uma meza qualquer sobre a qual estavam livros de arte militar, de politica e de historia, e os necessarios utensilios para escripta; tal era o seu aposento reservado que, ao mesmo tempo que lhe servia de dormitorio depois que enviuvou, era o seu gabinete; tal o modo porque invariavelmente o tinha arranjado no lar da familia, não consentindo que se lhe fizesse a minima alteração, ou n'elle se deslocasse o mais insignificante objecto. Especialmente muito zelava e recommendava o seu archivo.

O visitante que pela primeira vez o procurasse para conhecel-o, se fosse pensando encontrar no Marquez um

(*) A photographia que reproduzimos, foi a ultima tirada pelo General Osorio, mezes antes de fallecer, no estabelecimento do conceituado artista Snr. Insley Pacheco.

fidalgo altivo de sua nobreza, gostoso de fallar no seu titulo ou sempre disposto a lembrar suas proprias façanhas militares, soffreria enorme desengano: porque Osorio nunca fallava de si, nunca tratava de engrandecer seus feitos. Contava episodios de guerra, descrevia batalhas que déra, por maneira tão modesta, que o ouvinte desprevenido julgaria que elle não estivera presente a ellas, nem que lhe pertencera um só dos louros da victoria.

Accessivel a todos que o buscavam a nenhum tratava com desconsideração.

Possuindo caracter jovial, communicativo, expansivo, facilmente fazia relações pessoaes; e, affavel sem affectação, sem difficuldade conquistava admiradores e amigos. Não era d'esses espiritos doentios, misanthropos ou egoistas que fogem á sociedade, que tiram d'ella todos os proventos e a aborrecem. Não; elle a queria com todos os seus defeitos e virtudes, tristezas e alegrias.

Seu coração era um fóco de amor a projectar irradiações constantes no seio da familia, na intimidade dos amigos ou ao serviço da Patria.

A natureza dotou-o de alegre humor. Varias são as anedoctas chistosas que d'elle se contam, muitas das quaes constam dos capitulos seguintes. Entretanto, póde-se-se desde já referir estas:

Estava á mesa do almoço quando, ouvindo bater á porta da rua, mandou ver quem era.

O criado annunciou-lhe uma visita de cerimonia.

—«Qual cerimonia! manda entrar para aqui.»

O criado foi, e voltou logo, com um desconhecido que se apresentava de casaca, gravata branca e luvas. Ao vel-o assomar, disse-lhe Osorio, antes que elle pronunciasse palavra:

—«Chegou á boa hora, amigo!... Aqui tem uma cadeira... sente-se... perto de mim... tire as luvas...»

—«Perdão, Marquez, não almóço.»

—«Que diz! oh! faça economia noutra cousa!...»

—«Perdão, ia dizer que almoçava mais tarde...»

—«Então! deixa de comer para comer! Não caia nessa. Coma...»

E passou-lhe o prato. Sorriu-se o desconhecido; sentou-se; acceitou o primeiro, e depois os seguintes pratos, ovindo sempre as amabilidades de Osorio que não lhe déra tempo de declarar quem era e ao que vinha, senão depois do almoço.

Era o Barão de N... que simplesmente fôra cumprimental-o, de passagem pela cidade de Pelotas; que depois... despediu-se para volver á tarde para jantar; mas já sem trajo cerimonioso; e que no dia seguinte, antes de deixar a cidade, tornou a ir almoçar com o General, de quem se apartara afinal, encantado de tanta franqueza.

Outra: alguns herdeiros ambiciosos, oppunham-se ao casamento de uma parenta viuva e rica, com um joven, por quem se apaixonara. Não tendo elles conseguido dissuadil-a do casamento, lembraram-se de solicitar a intervenção do General que, pelas suas relações de amizade, e seus conselhos, poderia talvez impedil-o.

Mandaram então um emissario á sua presença.

O General ouviu-o attenciosamente, a afinal perguntou-lhe:

—«Onde estará a esta hora a viuva?»

O emissario respondeu: «Agora mesmo seguiu para a Igreja com o noivo!»

—«E' boa! exclamou o General; que querem então que eu faça? Não vêm que é tarde? Sabe o que mais, accrescentou elle, vá dizer a quem o mandou cá, que o tiro partiu e não se póde agarrar a bala.»

Por outra occasião, em um baile que lhe fôra offerecido, conservava-se sentado, tendo a sua perna enferma estendida sobre um movel proximo, quando, ao signal de uma quadrilha, uma espirituosa dama de sua familiaridade dirige-se a elle e pergunta-lhe com certa ironia:

—«General! V. Ex. não dança *lanceiros?*»

—«Como não, minha senhora! se fui Commandante de um Regimento d'elles!»—contestou Osorio levantando-se e offerecendo-lhe o braço. A dama, que não esperava essa resposta, teve de abandonar o cavalheiro, seu par e enamorado, para corresponder a tal gentileza.

O General tinha comprehendido o desapontamento da dama e baixinho, a sorrir, ponderou-lhe:

—E' assim, na guerra, minha senhora, quando mal pensamos nos sáe o tiro pela culatra.»—

Uma vez, um dos soldados do seu Regimento suspeitando que o Capitão requestava a companheira, foi procural-o á barraca para queixar-se e pedir alguma providencia.

Com effeito, fez a sua exposição. O Coronel Osorio que a tinha ouvido em silencio, ergue-se, e, tirando a faca da cava do collete, apresentou-a ao soldado dizendo: «*tome, cape o capitão.*»

O queixoso recuou um passo sobresaltado por essa inesperada providencia, e, mostrando-se verdadeiramente confuso, foi tirado afinal do seu embaraço pelo Coronel que approximando-se, bateu-lhe suavemente ao hombro e disse:—«Vá, camarada, vá; é da virtude da tua companheira que deves esperar a providencia que desejas.»—

—O artista dramatico Nunes, a quem Osorio apreciava, tendo annunciado beneficio com um drama militar em que representava o papel de General, foi perguntar-lhe se lhe poderia emprestar alguma farda estragada que já não usasse.

—«Não empresto não senhor, dou-lh'a»—respondeu Osorio, e dirigindo-se ao cabide, retirou uma nova que alli estava; embrulhou-a, e entregou-a ao artista dizendo:—«Leve-a você mesmo; quem é pobre não tem luxo.»

Nunes agradecendo, despediu-se, mas, ao chegar á porta, ouviu estas palavras de Osorio:

—«Cuidado, General. não me vá deshonrar a farda!»

No Rio de Janeiro, convidado para jantar em casa de um amigo encontrou entre os convivas o Barão de Cotegipe, estadista brasileiro, cuja sagacidade, finura e pertinacia na consecução de seus fins eram bem conhecidas. O Barão entretinha a róda com os seus costumados gracejos, que eram retribuidos pelos circumstantes. Adversario politico de Osorio, fez-lhe um brinde encomiastico e geitoso que foi muito applaudido.

Osorio, depois que os applausos cessaram, disse:

—«Senhores! por minha vez, brindo ao Sr. Barão de Camaquam.»

Entenderam os ouvintes que se déra um equivoco no titulo e o corrigiram, porém Osorio, como si não tivesse ouvido a correcção, repetio:

—«Sr. Barão de Camaquam, viva!—e tocou o copo do Sr. de Cotegipe.»

—«Camaquam! Marquez, não comprehendo!»

—«Eu me explico: Camaquam é um rio da minha provincia que dá muitas voltas.»

Um dos mais salientes membros do Gabinete 5 de Janeiro de 1878, de que Osorio fez parte, sempre que se tinha de resolver em despacho imperial assumptos de occasião ou emittir opinião decisiva sobre negocios do Estado, procurava meios de retirar-se do recinto, voltando sómente depois de vencidas as difficuldades do momento.

Reproduzindo-se este facto muitas vezes, Sua Magestade o Imperador sorria-se com ar de malicia assim que o Ministro se levantava, e numa d'essas occasiões, trocando o Imperador olhares com Osorio, este, sem mais preambulo, disse com a maior seriedade:

—«Na guerra do Paraguay eu tive uma bêsta tão experta, que disparava sempre que ouvia tocar a ensilhar.»—

Nas suas palavras, Osorio não se entretinha com frivolidades. Conversando tinha a voz extremamente branda e a palavra delicada; stentorea e energica ordenando manobras militares.

Fallava lentamente como si á reflexão estivesse sujeitando cada uma das suas expressões.

Possuia uma grande qualidade—a de conhecer os homens. Raramente enganou-se no juizo que d'elles formou.

Ás vezes prophetisava sobre os homens e cousas. Admirado d'esta sua evidencia, perguntou-lhe um dia um amigo:

—«General, como é que V. Ex. advinha?»

—«Não advinho,—respondeu elle,—tiro apenas consequencias. O mundo é um theatro antigo onde se representam poucas novidades e muitas peças já conhecidas.»

Por habito, dizia sempre a verdade núa e crua, embora desagradasse; e, assim procedendo, tinha o genio facil de irritar, sendo contrariado. Irritando-se era de amedrontar; mas, depressa serenava.

Ao receber em Corrientes, como commandante do 3º corpo do Exercito Brasileiro que marchava contra o Paraguay a visita de um importante personagem, nesse mesmo acto, dous soldados, sendo um seu bagageiro, o outro seu cosinheiro, agarram-se em lucta corporea, até que, por alguns foram apartados. Extraordinariamente contrariado Osorio deixou de corrigir immediatamente os delinquentes fazendo que não os vira, por ter de attender á visita; mas logo que esta retirou-se, mandou chamar os luctadores, reprehendeu-os energicamente e ordenou que lhes fosse applicado sevéro castigo.

Sahindo os soldados da sua presença, tremulos, volveu-se d'ahi a instantes para um dos officiaes do seu Estado Maior, e disse:

—«Afinal de contas, são aquelles infelizes uns pobres diabos. Olhe; faça-os voltar, e ao chegarem, peça-me deante d'elles para que eu os perdôe por esta vez. Heide reluctar, mas você insistirá e eu acabarei por ceder. Com o susto que houverem experimentado, e em quanto se lembrarem da *escapada* difficil que tiveram, não cahirão noutra.»

Dito e feito. Desde então não houve no Exercito dous homens que mais harmonicos e amigos fossem.

—O Visconde de X... visitando-o, dirigiu a conversação para a politica, e como se recordasse de que era Osorio titular tambem, pensou que lhe seria agradavel censurando as tendencias democraticas do povo brasileiro. Neste sentido fez largas e fastidiosas considerações, acabando por dizer:—«Nós fidalgos não podemos admittir tendencias taes, attentatorias aos nossos fóros, e que procuram nivelar-nos com a plébe.»

Emquanto o Visconde declamava, Osorio sorria.

Por fim continuou aquelle:

—«Taes tendencias têm ainda em vista a destruição das instituições monarchicas. Ora, eu que pertenci ás antigas milicias, que afoutamente tenho defendido o throno com enormes sacrificios, para a gloria do Brasil, não as posso tolerar; e o que lamento, Sr. Marquez, é ver V. Ex. ligado ao partido liberal, onde encontra amparo a demagogia!»

—«Ora Visconde—atalhou Osorio, não podendo conter a impaciencia,—que de asneiras está você ahi a dizer! Não seja pedante! Cuida que por ter um titulo é differente dos outros homens? Quem era você antes de possuir um viscondado? Um plebeu, como eu; nada mais. Onde e quando nas milicias defendeu você o throno? Eu sirvo ao paiz ha mais de 50 annos com a espada na mão, e nunca vi-o a meu lado! onde fez sacrificios? Responda. O partido a que pertenço...»—

Aqui o Visconde interrompeu-o e disse:—«Por favor, Marquez, attenda-me; retiro minhas palavras. Não vale a pena incommodar-se.»—

—«Tem razão. Não vale a pena.»—E assim dizendo mudou de assumpto.

Tanto quanto indignava-se vendo praticar um acto de prepotencia ou de injustiça, enthusiasmava-se diante da noticia ou da realisação de qualquer feito demonstrativo de grandeza d'alma.

Sempre disposto a servir os amigos, entretanto, não os attendia quando se apresentavam com exigencias desarrazoadas. Repellia-as positivamente.

D'ahi, muitos que se não conformavam com a repulsa o taxaram de brusco e intractavel.

Um d'elles, sabendo que o Governo do Brasil providenciava a remonta dos corpos de cavallaria do Sul, que pagava por alto preço os cavallos que estivessem nas condições estipuladas, e que nomeara commissões militares, estacionadas em certos pontos da fronteira do Rio Grande do Sul, para os examinar e receber, reuniu sem cuidado uma grande porção d'elles, na sua maior parte imprestaveis, e foi pedir ao General Osorio cartas de recommendação para uma das commissões, persuadido de que por esse meio faria o seu bom negocio.

O General respondeu:

—«Homem! Você é entendido da materia e não desconhece as exigencias do governo. Si os seus cavallos são bons, para que quer recommendações?»

—«Para evitar alguma injustiça.»

—«Está bem; pois então, escreva você mesmo o que vou dictar.»

E dictou o seguinte:

«Illms. Srs.

—«O portador vae conduzindo uma cavalhada que pretende vender ao Estado, mediante o prévio exame da commissão de que são VV. SS. dignissimos membros. A primeira condição para a boa cavallaria, é a velocidade e esta depende da excellencia dos cavallos; portanto escusado seria lembrar duas cousas: a primeira, que os animaes imprestaveis que levar o portador, devem ser refugados; a segunda que VV. SS. devem ser rigorosos no cumprimenlo das ordens do governo. Esta carta só tem por fim pedir que VV. SS. despachem com brevidade o portador.»—

—«Não, General, disse o amigo largando a penna, esta carta não é a que eu queria...»

—«Pois dê-m'a—bradou-lhe Osorio—e tomando-a de cima da mesa, rompeu-a e arremessou ao chão os pedaços, dizendo:—«O que queria então de mim? Uma indignidade! Que eu me empenhasse, sem duvida, para que se lhe enchessem os bolços de dinheiro, defraudando-se os cofres publicos. Oh! que patriota! Que idéa faz você da honra alheia? Se não a tem, respeite a dos outros.»

O amigo curvou a fronte; supplicou depois desculpas para a leviandade que acabava de commetter, e retirou-se.

Quando elle sahiu, o General voltou-se para mim e disse:

—«Vês, meu filho, o que é um amigo pezado?»

Eis um rasgo dos seus sentimentos humanitarios:

Era uma manhã de inverno. O vento *minuano* soprando rijamente convidava o habitante do Sul ao recolhimento e ao abrigo. Osorio, vestindo um sobretudo que momentos antes havia comprado, passeava de um ao outro lado da sala de sua casa de moradia, em Jaguarão, quando repentinamente ouviu bater á porta, e foi abril-a. Era um mendigo que pedia esmola.

Apenas velhos trapos o cobriam. Tremulo, enregelado, com a voz supplice e enternecedora, inspirava piedade.

—«Ó homem! pois você tem coragem de andar na rua com um dia d'estes? perguntou-lhe Osorio, afastando o corpo á lufada do *minuano* que penetrava pela porta.

—«Meu senhor... a fome... a nudez...»—respondeu o mendigo enxugando uma lagrima com o dorso da mão direita, emquanto com a mão esquerda sustentava uma saccóla remendada e suja.

—«Entre, que faz frio, quero fechar á porta» (o mendigo entrou).—Já comeu? Tem fome?—e sem esperar resposta Osorio mandou trazer-lhe alguma comida, que elle devorou, depois do que, dirigiu-se á porta para sahir, manifestando o seu agradecimento.

—«Espere, homem; onde vae você nú? Tome.» E dizendo isto Osorio despio o sobretudo, vestiu-o no mendigo que beijou-lhe a mão e partiu.

Pouco tempo era passado quando bateram de novo.

Um criado veiu participar a Osorio que quem batia era o mesmo pobre que voltava para entregar uma carteira com dinheiro que achara no bolso do sobretudo, dizendo que não lhe fôra dada.

—«Vá-se com Deus, homem, não me aborreça» gritou Osorio lá de dentro. E mandou fechar a porta.

O mendigo conduziu tambem a carteira.

Durante a organisação do 1º corpo do exercito que combateu no Paraguay, chegou á sua presença um *voluntario da Patria* com muitas cartas de recommendação de pessoas do Rio de Janeiro. Nesse dia Osorio estava atarefadissimo. Recebeu as cartas, leu-as, depois, vendo que o portador recommendado era bastante joven, perfeitamente imberbe e de corpo franzino, disse-lhe:—«Muito bem, meu menino. Já as cartas aqui estão. E a mamadeira? Trouxe-a? Os meus amigos da Côrte pensam que estou aqui para desmamar creanças.»—

O joven corou, porém, sem vacillar, respondeu: «Não trouxe mamadeira, mas trouxe esta espada, Sr. General, para ter a honra de combater ás ordens de V. Ex.»

—«Bravo!—exclamou Osorio—aperte-me a mão.»

Pouco tempo depois o promovia por actos de bravura.

Em campanha (como na paz) era accessivel a qualquer hora, do dia ou da noite. Á todos attendia, desde o soldado até ao general. Estivesse comendo ou occupado com algum serviço, ou dormindo, se era procurado, queria que o chamassem. Quantas vezes, da cama em que recentemente se havia recostado para descançar, ouvindo a ordenança despedir alguem que lhe vinha fallar, não a surprehendeu com este grito:—«Mande entrar. Quem é?» —Quantas outras da sua mesa de refeição não disse ao recem-chegado:—Antes de tudo, sente-se e vá comendo e vá fallando, que não temos tempo a perder!»—

No combate, como fóra d'elle, tinha o General Osorio a resolução prompta. As difficuldades do momento, os incidentes inesperados não o perturbavam, e ás vezes, quando diante do inimigo mais arduo era o momento, mais rapida e brilhante tinha a inspiração. O General brasileiro Carlos Rezin, disse de Osorio o mesmo que Napoleão, de Massena:—«O ruido do canhão esclarecia-lhe as idéas.»—

Sabia ser energico, mas extremamente energico, quando era necessario que o fosse. Na organisação do referido primeiro corpo houve occasiões em que foi atormentado por petições de muitos dos seus commandados, que allegando doença para não supportar os rigores da organisação, obtinham da commiseração de alguns medicos, attestados, com os quaes instruiam seus pedidos de dispensa do serviço. Em geral, taes attestados prescreviam para o restabelecimento dos *enfermos*—ares do Brasil. Ao principio Osorio deferiu essas petições; mas um dia achou que era demais, e preveniu-se contra ellas.

Uma noite voltava cançado á barraca e sem despir-se atirava-se ao leito para repousar (em campanha dormia vestido) quando ouviu a voz do Ajudante-General:

—«Dá licença?»

—«Entre—respondeu—Que ha de novo?»

—«Trago aqui uns requerimentos para V. Ex. despachar.»

—«Que são?»

—«Individuos que pedem excusa do serviço...»

—«*Ares do Brasil*; já sei; dê-m'os—disse Osorio sentando-se. Agarrou o maço de papeis, por grosso que era dividiu-o em dous, e o rompeu inteiro, exclamando:—«Estão despachados.» E deitou-se.

No dia seguinte, mandou chamar o medico Manoel José de Oliveira, e perguntou-lhe—«se queria salvar o Exercito.»

—«Não entendo, Sr. General.»

—«Pois vae entender já. Temos entre nós uns tantos sujeitos que se declaram doentes para não servirem. Quero que você escolha dois collegas de sua confiança para procederem a exame rigoroso em todos aquelles que allegarem doença; e quero que informe a verdade.»

—«Prompto, General.»

Preparou-se a commissão medica e começou a funccionar. Aos doentes *verdadeiros*, Osorio despachou favoravelmente; aos *fingidos* mandou-os para a guarda chamada—da frente.

Em marcha teve necessidade de uma pequena ponte sobre um arroio para passar as tropas, e mandou construil-a com a recommendação de urgencia. Depois, julgando estar ella prompta, voltou ao lugar, nada encontrando feito senão apenas algumas taboas e pranchões cerrados, e extraordinario apparato para uma grande obra. Irritou-se, e dirigindo-se ao encarregado, disse:

—«Bem se vê que a experiencia é uma sciencia que não se aprende nos livros! Pensa o senhor que vim ao territorio inimigo para construir monumentos! Capitão Machado?—(gritou para um velho official rio-grandense, encarregado das carretas de transporte; homem pratico) —«quero passar a gente, bagagem, tudo, sem demora. Olá, senhor scientifico, ponha-se ás ordens d'este homem, faça o que elle mandar.»

O Capitão Machado amarrou as taboas á barris e fez balsas; para guial-as estendeu *laços* compridos ou emendados atravéz do arroio, presos a estacas collocadas em ambas as margens, tendo mandado homens nadadores prendel-os aos lados oppostos: Nessas balsas conduzidas á força de pulsos humanos agarrando e puchando os laços, operou-se o transporte, em muitas viagens faceis, sendo que os cavallos e outros animaes passaram a nado, e tambem a nado as carretas depois de descarregadas, levando barris amarrados em torno, para que não afundassem.

—Uma vez atravessando um rio, á frente de tropas, em face do inimigo, achou-se sem as munições que mandara por um official postar á margem do desembarque em que pisou combatendo. Nada havia que justificasse a falta do official que por um acto de cobardia desembarcou depois de rechassado o inimigo. Apresentando-se em seguida ao General Osorio, disse-lhe este, que o havia mandado chamar:—«Não o faço fuzilar já, porque sei que tem familia numerosa que não é culpada do seu procedimento.»

Sobre Osorio escreveu o Visconde de Ouro Preto:

Discutia-se na Camara, a que pertenciamos, questão referente ao Ministerio da Marinha. Vi-me obrigado a intervir de momento no debate e fil-o como Deus me ajudou, soccorrendo-me dos ligeiros conhecimentos adquiridos quando me foi confiada aquella repartição. Ao terminar, o General Osorio, provavelmente por ser a primeira vez que eu occupava a tribuna no Senado, disse-me, batendo-me no hombro:

—«Camarada, quero-o para meu *serra-fila*.»

—«Com muito gosto, mas não comprehendo bem.»

—«Defenda-me a rectaguarda nas discussões da minha pasta.»

—«Prompto, retorqui,—e confesso que com muito orgulho, mas com a condição de que me ensinará as licções.»

Poucos dias depois trabalhava eu em meu gabinete, quando senti alguem que para elle se encaminhava. Sem esperar que m'o communicassem, convidei em voz alta:

—«Queira entrar, Sr. Marquez; conheci-o pelo passo firme e marcial;—queira entrar e dizer-me o que deseja d'esta sua casa e do seu humilde criado.

—«Conselhos,—respondeu.»

E sentando-se, expoz-me em franca e longa conversação alguns assumptos que pretendia resolver.

—D'ahi em diante fez-me sempre a fineza de me inteirar das minuciosidades de todas as questões mais importantes do Ministerio da Guerra, algumas vezes antes mesmo de levantal-as em conferencia de Ministros. Nunca tive ensejo de secundal-o, encantado da sua calma e superioridade, e applaudindo sempre o perfeito conhecimento, o elevado criterio com que sustentava as suas opiniões, ou explicava seus actos, não raro fazendo emmudecer o adversario com uma contestação immediata e feliz, com uma só phrase ou palavra espirituosa, caustica ou afiada a golpear, qual gume de sabre.

Eis como originou-se a nossa intimidade, não interrompida até o dia de sua morte, poucas horas antes da qual, com a mais serena tranquillidade, respondeu a alguem que o inquiriu como ia:

—«Aguas abaixo... para a eternidade!»

—

Era o General Osorio um dos homens de engenho mais agudo e réplica mais prompta que tenho conhecido.

Em agradabilissima palestra que entretinhamos sobre os acontecimentos da guerra do Paraguay, referiu-me o seguinte:—houve occasião em que ao Exercito argentino faltou o gado; o General Mitre que particularmente correspondia-se com o Marquez em tom familiar e gracejador, escreveu-lhe um bilhete nestes termos:

—«Meu caro General e amigo, empreste-me *tantos* bois, senão vou tomal-os á viva força, tanta é a necessidade.»

Respondeu Osorio:

—«Querido General e amigo, para poupar-me ao pezar de destroçal-o, mandar-lhe-hei os bois que precisa.»

Nas solemnidades, algumas vezes fastidiosas, a que eramos obrigados a assistir por dever do cargo, o General distrahia-se e amenisava o tédio aos collegas, improvisando quadrinhas, cuja metrificação não garanto fosse correcta, mas chistosissimas. O Imperador conhecia-lhe a *verve* e, ás vezes, como que propositalmente, o provocava para aprecial-o.

Referirei dous incidentes que, entre outros, romperam a monotona gravidade dos despachos em S. Christovão.

Tratava-se da escolha entre dois officiaes do Exercito para uma commissão. Sua Magestade, que perfeitamente conhecia a fé de officio de todos e até dos sargentos (tive occasião de verifical-o em promoções para alferes no tempo da guerra) propendia para um d'elles, cujos serviços e meritos enumerava.

—«Tem V. Magestade toda a razão, observou o Ministro da Guerra,—é official de muito merecimento e serviços; só lhe conheço um defeito.

—«Qual é?

—«Costuma *empinar o cotovello*.

—«Como?»

O General com toda a seriedade, sem proferir palavra, fez um gesto de quem leva á bocca uma botija e a despeja.

O Imperador riu-se e assignou o decreto de nomeação do concurrente, que o Ministro levára prompto e lhe apresentou.

—Doutra feita, o collega que sentava-se á esquerda do General, á mesa do despacho, suppondo servir-se do arieiro, derramou sobre os papeis grande porção de tinta, que inutilisou alguns do Ministerio da Guerra, alli ao lado.

—«Caramba, camarada! não se póde acampar junto de si!»

Os seguintes episodios completam os presentes traços caracteristicos de Osorio, considerado como soldado; como soldado que se despedia calmo da familia que idolatrava, mas não podia deixar seus companheiros de campanha sem ter olhos cheios de lagrimas.

O Dr. Pio Angelo da Silva perguntou-lhe:

—«Com que contava V. Ex. quando apenas com 12 homens pisou o territorio paraguayo, no dia da passagem do *Passo da Patria?*

Osorio, sorrindo, respondeu:

—«Com o medo do inimigo.»

—Marchando tropas brasileiras sob o seu commando, no Paraguay, parallelamente marchavam outras do inimigo. Um official, julgando prestar-lhe grande serviço, esporeou o cavallo, approximou-se d'elle e observou-lhe apontando:—«General, alli vae uma força.»

—«Pois meu caro, aqui vae outra», respondeu elle com toda a calma.

—No reconhecimento de Humaytá, seu cavallo é ferido. Osorio fica a pé, a poucos passos da fortaleza. Por entre um chuveiro de balas um soldado approxima-se e diz-lhe:—«General, retire-se; póde ser ferido.»

—«Não te afflijas, camarada, as balas não fazem caso de mim.»

—Uma occasião lhe perguntaram:

—«Que impressão sente V. Ex. ao entrar em batalha?» Respondeu:—Ao avistar o inimigo—*enthusiasmo*; ao primeiro choque—*medo*; ao derrotal-o—*pena*.

DR. FERNANDO OSORIO

Ext. da Vida do General Osorio, obra de que só foi publicado o 1 volume.

EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ



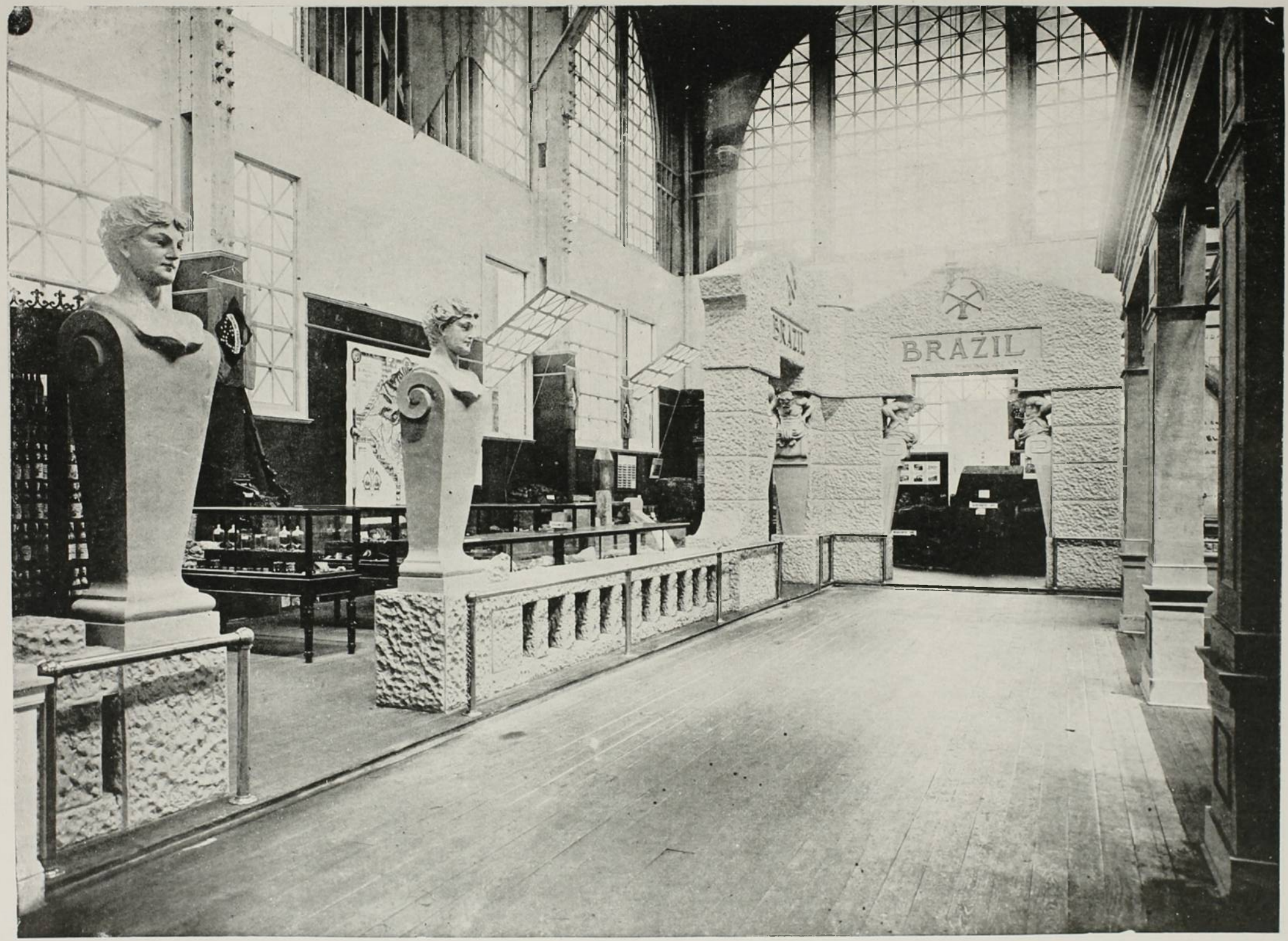
PAVILHÃO BRAZILEIRO — EXPOSIÇÃO DE CAFÉ — 1º ANDAR



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE ANTHROPOLOGIA



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE AGRICULTURA



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE MINAS E METALLURGIA

FANTASIA

Só, defronte do Mar que se derrama pelas
Fitas de oiro da praia, e aos milhares conduz
Barra fóra, em conquista, altas prôas e mastros,
Assisto o plenilunio e as esparsas estrellas
Scintillando e jorrando amplos mantos de luz,
Para o esplendor sem par da apotheose dos astros.

Ó mysterio! ó silencio! ó tristeza do Mar!
Ó sonho! ó solidão das noites de luar!...

Meu delirio começa: — a Terra adormecida
Todas as emoções que ha na volupia sente...
Ella é amante da Noite... Apertada em seus braços,
Lubrica e sensual, cerra os olhos á vida...
A Noite a beija e abraça, apaixonada e ardente.
E esses beijos de fogo, e esses longos abraços
Vêm da consummação dos desejos fecundos,
Fundindo turbilhões e turbilhões de mundos...

Cada estrella que brilha é um beijo no ar parado!
Para sempre guardando o opulento fulgor
D'esse extranho hymeneo de gigantes amando...
Como fructificou o amor illimitado,
Que o ether foi despertar com o glorioso rumor
Da vasta procissão dos astros palpitando!

(Minha ambição que mais augmenta e pede mais
E' fumaça oscillando em brancas espiraes...)

Se podessemos ser, eu e tu, Noite e Terra,
Tão grande a multidão seria de meus beijos
Que, em breve, dando corpo a meu sonho de gozo,
A este sonho que toda a fantasia encerra,
Ouvida a prece e visto o ardor de meus desejos,
O céo se tornaria um jardim luminoso,
Deslumbrante, immortal, e a Noite ficaria
Mais clara do que o Sol, mais bella do que o Dia!
E essa doida paixão, insana e desvairada,
Pelo espaço assombrado havia de estender
Tantas constellações e tantas maravilhas
Quantas vezes, querida, a bocca perfumada
Tu me désses, trazendo outro beijo a colher...
E os oceanos rugindo, e as montanhas e as ilhas
Anciariam, debalde, esperando o arrebol
No Levante, e o tropel da quadriga do Sol...

Entre os mundos, fruindo a maxima ventura,
Guardando avaramente o meu maior thesoiro,
Em bemdita embriaguez e em extase bemdito,
Eu iria semeando e espalhando na altura
As estradas de luz, feitas de prata e de oiro,
— Nosso eterno signal pelo espaço infinito...

(E á medida que, além, sóbe, limpida a Lua,
Minha alma, a delirar, perto d'ella fluctúa...)

Sonha um pouco este sonho, ó minha amada sonha
E vê que o meu amor é sobre-natural...
Vem um instante sonhar... Dolorosa ironia!
Como desço depressa á existencia tristonha,
Após toda a illusão da jornada nupcial,
Após a insensatez de minha fantasia!...

Ó mysterio! ó silencio! ó tristeza do Mar!
Ó sonho! ó solidão das noites de luar!...

Oscar Lopes.

Rio — Março de 1903.

RUSSIA E JAPÃO

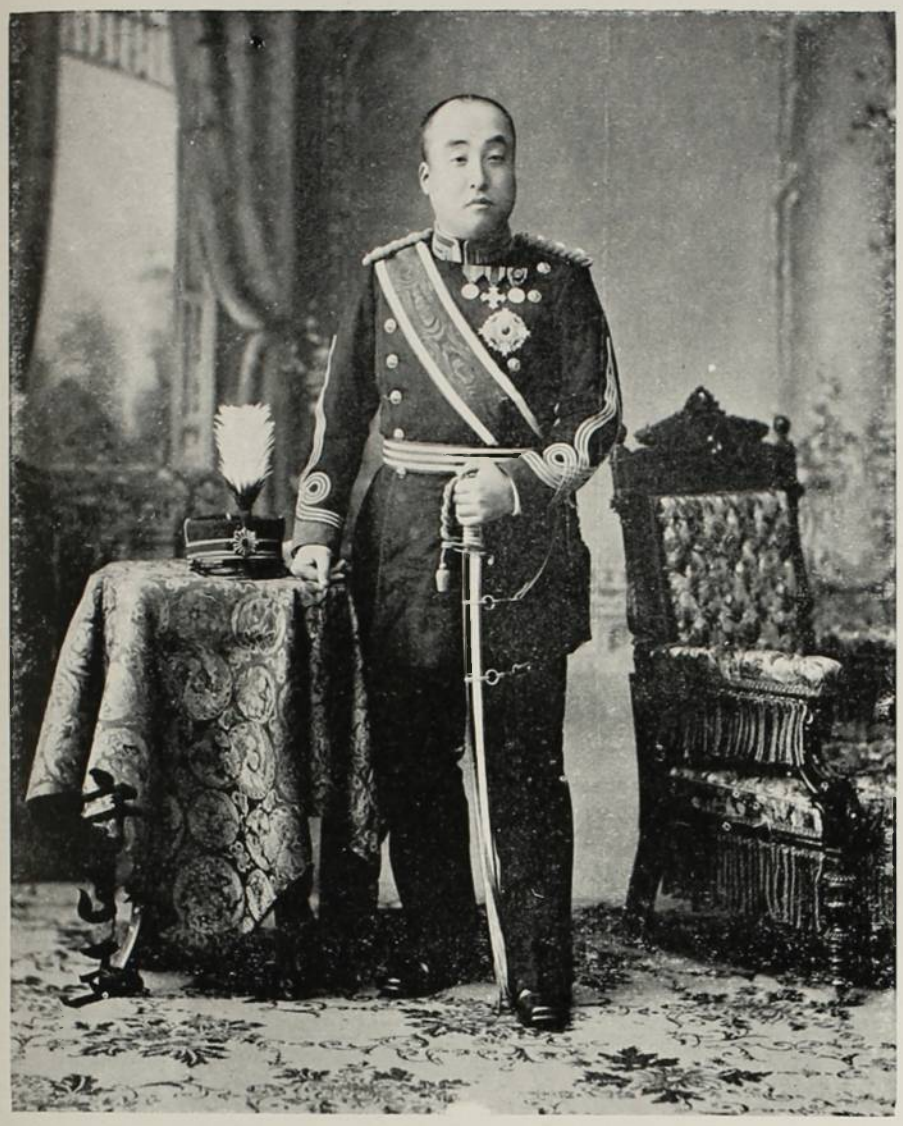


GRÃO-DUQUE BORIS

O grão-duque Boris da Russia, do mesmo modo que seu irmão Cyrillo — filhos ambos do grão-duque Vladimiro e portanto primos do imperador Nicolau — viajou no Japão tempos antes da guerra em que está tomando parte activa, sendo festivamente acolhido por aquelles contra quem tem hoje de combater. Muito tratavel, muito sympathico, muito amigo de divertir-se, tendo-se por isso tornado thema e preza dos *reporters* americanos quando, de regresso do Extremo Oriente á Europa, frequentou a sociedade dos millionarios pretenciosos de Newport e a dos millionarios despretenciosos do Oeste, acha-se agora partilhando, sem murmurar, com os demais soldados do Czar das agruras de uma lucta das mais crueis e sangrentas da historia. As recepções diplomaticas de Tokio, nas quaes exhibia o seu vistoso fardamento de hussar, e os jantares de *geishas* de Shimbashi, que o jovial principe tanto apreciou no Japão, foram substituidos pelas frugaes rações de campanha e pelos canhoneios atroadores que ceifam as vidas aos milhares. Seria quasi uma injuria ao seu nascimento e gerarchia insistir em que o grão-duque Boris toma parte nos combates em redor de Porto Arthur com a mesma despreoccupação com que se sentava sobre o *tatami* do restaurante japonez, para receber das mãos de dedos afilados da *geisha* que o servia, a taça de *saké* morno em que ella primeiro molhara os labios carminados.



GEISHA DE SHIMBASHI



PRINCIPE NASHIMOTO



PRINCEZA NASHIMOTO



PRINCIPE KUNI



PRINCEZA KUNI

O principe Nashimoto, capitão do exercito japonez, que se achava em S^{t}. Cyr, completando os seus estudos militares, foi chamado para servir na actual campanha, onde recebeu o seu baptismo de fogo de parceria com o principe Kuni, igualmente capitão, cujo nome foi mencionado numa das recentes pelejas. A circumstancia de ter sido até certo tempo da sua vida destinado ao sacerdocio, não parece haver despojado o principe Nashimoto do valor guerreiro de que teem dado sobejas provas os demais principes da casa imperial.

A linda princeza Nashimoto, que em vestes japonezas faz lembrar uma boneca de Kyoto e traja as vestes européas com mais desembaraço do que qualquer das outras, nasceu em Roma quando seu pai, o marquez Nabeshima, um dos mais ricos dos antigos *daimios* ou senhores feudaes do Japão, alli exercia as funcções de ministro. Sua mãi, a marqueza Nabeshima, ainda hoje uma formosa senhora, deixou reputação de belleza na Italia, como a deixou em Vienna a condessa Toda, esposa do vice-grão-mestre de cerimonias da côrte, igualmente antigo senhor feudal.

Os palacios do marquez Nabeshima e do conde Toda contam-se entre as melhores residencias de Tokio, tendo ambos uma luxuosa parte de architectura européa para as recepções de estrangeiros, e outra parte japoneza para o singelo viver diario. As funcções que hoje exercem esses *daimios* são puramente honorificas. Os seus lugares na diplomacia japoneza foram tomados por elementos mais progressivos e mais em contacto com a actividade moderna, depois que o Japão entrou a ter aspirações a grande potencia e a desempenhar um papel conspicuo nos acontecimentos do mundo.

OLIVEIRA LIMA.



CONDE TODA



CONDESSA TODA

Viagem Maravilhosa

QUANDO me aproximei do navio enorme e negro que nos esperava, suppuz que ia desapparecer, como o propheta, no ventre de uma baleia. O monstro gargarejava em surdina, com os flancos aboleados, o beque maliciosamente esconso e dous grossos boeiros a pino, por onde não tardou esfolegar, desenrolando espiras de fumo. Isso acabou de precisar a minha primeira e comica impressão: iamos ser tragados e digeridos — eu, minha cara Deolinda, metade de mim mesmo, e minha adorada Flor, rebento de nós ambos.

Lá dentro vi-me depressa rodeado e acotovelado por uma turba-multa que girava em todos os sentidos, esgarçando-se aqui para adensar-se acolá, rolando de vante a ré, de baixo acima, numa tonteira de actividade contagiosa que á força de excitações me desmantelava os nervos.

O animal desconforme urrava a intervallos e continuando a ruminar os bolos humanos expellia insipido cheiro de agua quente, cortado de exhalações hemeticas de oleos lubrificantes. No meio da multidão viajeira, desconhecida, heterogenea, empolgou-me sem demora um nojo mortal. Esses meus companheiros, cruzando-se, gesticulando e palrando, figuravam-se-me ora duendes, ora titeres movidos a cordel, de voz e gestos emprestados. Todos elles cheiravam mal, como se de facto não passassem de bonecos de cebo aquecidos pela irradiação das fornalhas.

Comecei a evital-os com aversão que degenerava ás vezes em puro horror. Tanto fugi que afinal me achei sosinho, perdido de mulher e filha, encantoado num beliche sem luz, que olhava para o mar por um olho de vidro fôsco. Inexplicavel indifferença! Ahi fiquei descuidoso, confuso, traspassado pelo zumbir alarmante dos passageiros, sem tentar ao menos abrir aquella portinhola para me refrescar e enviar o adeus dos meus olhos aos montes da boa terra de que me ia separar. Quanto tempo permaneci nesse refugio, que pensamentos me visitaram a cabeça, o que se fazia em torno de mim, eis o que nunca mais pude conseguir da memoria.

Inopinadamente ouço uma voz que me sobresalta, arrancando-me áquella crise de estupidez e misantropia:

— Aqui, Octavio?...

Voltei-me: Era Deolinda a falar-me da nossa bagagem e de varias outras cousas sem nexo nem opportunidade.

— Que sei eu de tudo isso? Avie-se por lá da melhor maneira, respondi-lhes ainda embotado, alheio de todas as circumstancias, e do meu proprio destino.

E o movimento do vapor a sacolejar os intestinos de ferro, e outros descompassados ruidos, creio que o assalto das ondas ao costado do navio e o silvar do vento pelas suas obras mortas, tudo isso embrulhando o vozear ininteligivel e como que longinquo da gentalha de bordo, entrou de novo a azoar-me e a dispersar as idéas obscuras que a muito custo germinavam na espessura do meu atropelado cerebro.

Sahi do beliche a passos automaticos, sem dar pela ausencia de Flor. Mas quando ia perguntar por ella, avistei-a noutro compartimento, este menos escuro, com cadeiras de panno e camilhas dispostas como prateleiras. Flor, de trajos mudados, toda de alvo, com um livro aberto sobre o regaço, estirava-se indolentemente numa preguiceira de lona, e lia, impertubavel, tão tranquilla que me fez duvidar se estavamos na camara estreita e sem conforto de um barco, se não nos achavamos apenas em alguma saleta do nosso massiço e inviolavel domicilio da rua de S. Pedro, Atirei-me á camilha e passei longo tempo em silencio, emquanto as duas senhoras, refestela-das, se compraziam numa interessante conversa que me pareceu o mais completo jogo de disparates, a não ser que eu é que andasse disparatado da realidade. Emfim, concentrando a attenção, logrei com algum esforço decifrar nas suas palavras o sentido da nossa enigmatica viagem.

— Has de gostar immensamente, dizia Deolinda; é a cidade do luxo, da moda, dos prazeres finos, de tudo o que brilha e faz a gente amar sempre, sempre a vida e achal-a curta, por mais annos que viva. Eu por meu gosto nunca teria deixado a querida terra do sul...

Ainda lá não cheguei e já penso com aborrecimento na volta para este degredo, esta tristonha masmorra em que teu pai se encarcerou comnosco. Ah! terra de encanto, terra de primor, aquella!...

Minha Flor, que era uma perfeita belleza tropical, morena, de cabellos retintos, ondeados e luminosos, ficava absorta, presa na teia de sonhos, de fios de ouro, que se lhe ia estendendo em volta do espirito. Seus olhos grandes, mornos, divinamente creoulos, fitavam-se como os de Santa Thereza na visão de um céo aberto; e Deolinda, continuando, fazia gestos hyperbolicos, a inculcar as grandezas da excelsa cidade onde tivera o berço e de onde viera, mocinha e pallida, cahir-me nos braços enternecidos de esposo.

— Bem, disse commigo, é para o Sul que vamos, em busca da grande cidade austral, a Meca sagrada para onde tantas vezes volvi o espirito crente, aspirando á salvação. Mas não é singular que eu tivesse perdido a tal ponto o sentido da orientação e que agora mesmo esteja ignorando o fim que me leva ao sul? Decididamente sou o joguete d'essas bellas creaturas...

Nisso estava, quando ouço bulicio á porta do camarote que só então reparei achar-se aberta. Vi uma extranha collecção de sombras, cujas cabeças se entrechocavam avidas, supponho que das mulheres, que talvez lhes parecessem bom pasto para lubricos desejos. Eram exactamente aquellas mascaras exoticas, de traços indefinidos, cuja visão tanto me perturbara ao embarcar. Um rosto, no primeiro plano, engatilhava contra a minha Flor os olhos profundos, semelhantes a duas boccas de pistola; por traz d'esse tocavam-se com esgares e sorrisos demoniacos, as outras mascaras, numerosas, do mesmo modo dilatadas por uma curiosidade muito mais que atrevida. Affrontei-me e gritei-lhes:

— Que perderam aqui?

Recuaram de pancada, sem dizer palavra. Mas d'ahi a pouco, eil-os novamente, com os mesmos gestos e olhares faiscantes de cobiça. Dirigi-me a Deolinda extranhando-lhe a impassibilidade deante de tal profanação, e levantando-me, bati a porta ás caras dos insolentes. Elles não voltaram mais.

Senti-me, depois disso, displicente e amodorrado. Pelo oculo da camara ainda espiei o céo e o oceano. Não fa-

zia sol, não chovia; não era nem dia nem noite. O horizonte empastado parecia o cemiterio de todos os astros. Ouvia o ralhar dos machinismos e o vago zumbir da colmêa de bordo. Pensei em tempestades, em naufragio, em morte sobre as ondas, e ondas de maus presagios me envolveram o coração. O somno e o enjôo assaltaram-me, disputando minha pobre cabeça cheia dos echos de tantos incidentes e pensamentos. Cerrei e abri muitas vezes os olhos a certificar-me da presença das fieis companheiras. Ellas falavam sempre da cidade maravilhosa, emquanto arrepiado de suspeitas eu receava já d'essa feiticeira cidade do sul e sentia-me como que aggredido pela sua malignidade radiante.

Fui-me afogando na modorra, com o cerebro a pullular de larvas de idéas, de imagens dissolventes. Numa especie de tela de fundo, alumiada por um crepusculo, esbatia-se além a paizagem da magnifica metropole.

Finalmente dexei de ouvir a fala das senhoras, todos os rumores se amalgamavam num só e longo murmurio, que engendrava a illusão do silencio; e a propria cidade longinqua esvaiu-se nos fumos do espaço como um pôr de lua minguante.

II

Despertei sobre as aguas austraes, defronte de uma cidade marmorea, esparsa entre morros que me pareceram columnas do firmamento, tão elevados eram elles ou tão baixas andavam as nuvens. A perspectiva empolgou-me com tal prestigio que me fez abstrahir da companhia e de quantos passos ainda devia dar antes de calcar o solo. Deslembrara-me de tudo para sómente enlevar-me nas curvas gigantescas d'aquelles membros da cidade, solemnemente modelados e sombrios; porque (e aqui está outro mysterio) as formas que tanto me impressionavam pelo arrojo das linhas e corpulencia do relevo eram quasi inclassificaveis na gamma das côres conhecidas. Só me lembra ter visto cousa analoga em sonho e pelos vidros de um estereoscopio. Até hoje foi baldado o meu esforço para restituir a essa terra o seu colorido real, o tom verosimil que naturalmente lhe deviam communicar as aguas, o céo, a flora, as veias e o pigmento da sua pelle.

Eis approximada e vagamente o que percebi: montanhas de crôsta a modo calcinada, com enormes tachas de lichen secco, mais semelhantes a escamações de um corpo leproso; nas planuras, em baixo, e nas assomadas, não o arvoredo verde e resplandecente do meu viçoso Norte, mas uma vegetação de aspecto fossil revelada pela desaggregação de camadas telluricas. Certos morros pulavam no espinhaço da serrania com apparencia de tumores gangrenados; outros surgiam nodosos corôados de florestas caducas, o que me punha logo em face de legitimas mumias selvagens—as mumias dos tamoyos que habitaram aquella região—agachadas no somno eterno sob as plumas dos seus kanitares. Aqui e alli filas de altissimas palmeiras, cujas hastes dir-se-iam de chumbo e cujas palmas de algodão. Havia sitios alacandorados que me remontavam a fantasia ás torres, aos terraplenos e jardins pensis de uma Khorsabad que me tinham descripto não sei que livros de lenda. Flocos cinereos e violaceos fluctuavam pelas frondes das arvores, á imitação de cachos de flores... Mas que absurda inflorescencia! E assim absurda, errada, incongruente era toda a paizagem, sem excluir o golfo immenso e liso de aguas foscas, onde abrolhavam recifes que desconfiei serem ilhas e fortalezas, cujas massas indistinctas no horizonte sempre baço formavam como empastamentos de um painel a carvão, obra ou antes capricho de um lapis em todos os sentidos monstruoso.

Em breve presenti que iamos saltar em baixo de tormenta e bategas. A soberba metropole fechava cada vez mais o rosto, no proposito bem visivel de ostentar-me antes a sua força que a sua belleza. Felizmente não soffri os penosos incidentes do desembarque sobre agua, porque o navio, sem que eu désse pelas manobras, tinha varado o remanso de uma grande doca e atracado ao caes monumental, que era a cintura de pedra da cidade. A plebe de bordo sahia de enxurrada, libertando-se ás carreiras do amplo calabouço fluctuante.

Achei-me outra vez sósinho e horrorisado no seio de um chaos.

—Deolinda! Flor!... exclamei, e em boa hora, que ellas acudiram promptamente e lepidas foram entrando com desembaraço pelos atrios da vasta matriz.

A esse tempo já a tempestade ullulava pelo céo. Ouvi com agonia e calafrios a vibração das florestas negras em torno e pelas culminancias da terra; e comparei-as a harpas fantasticas, a que o Pampeiro, num furor de inspiração, ia arrancando aquellas harmonias phenomenaes.

O aspecto da metropole era todavia placido, immovel, nos seus traços babylonicos e nas suas feições rigidas de marmore. A casaria alinhava-se desmedidamente alta, branca e fria, semelhando castellos construidos a blócos de gelo. Alguns d'esses palacios, cravados na encosta dos montes ou resaltando entre arestas de rochas, me davam até a illusão de avalanches que vinham a desabar sobre a planicie e os transeuntes. E como direi o assombro que estes me causavam, no seu esfervilhar e galopar pelas escancaradas avenidas, que mais eram estradas campestres do que ruas, e sob as ramadas fuliginosas de exquisitas arvores, umas agrupadas em parques, outras enfileiradas e pautadas em alamedas interminas, todas cobrindo a mais tumultuosa expansão de vida, vida insana, hysterica, convulsionaria, antes batalha que vida!...

Atordoado, estaquei no meio da avenida principal, consultando Deolinda:

—Está muito mudado isto, não?

—Nada mais natural... ha tanto tempo! respondeu-me ella, sem parar e dirigindo-se logo para os baixos de uma fachada gothica, onde formigavam homens e mulheres, creaturas vigorosas, claras e transparentes como a pedra da architectura.

No portico do palacio (creio que era um hotel) tornei a estacar indeciso e commovido. Antes disso quiz ler a taboleta, e apezar dos caracteres garrafaes nunca pude entender-lhe a escriptura. Visei as lojas contiguas e fronteiras: sempre os mesmos hieroglyphos a escarnecer da minha ignorancia. Puz-me a examinar os individuos nos seus gestos e passos cadenciados, nas suas formas correctas, na energia e vibratilidade das faces que reproduziam muito d'aquellas mascaras de bordo... As beldades estendiam-me os raios dos olhos, olhos felinos, linguas de luz, lambendo a minha tez trigueira e o azeviche das minhas barbas, com a semceremonia com que se alisa o pêllo de um formoso garanhão. O mesmo faziam os seus homens de jaspe, admirados da grenha lustrosa e do typo moreno de Flor. Não sei que suspeitas libertinas revoltaram a austeridade de minha alma honesta. Deolinda, extranhando-me a attitude, puxou-me pelo braço:

—Estás dando escandalo com essas maneiras...

—Seja, disse eu; mas não me agrada esta vertigem nem esta gente, que não me tem ares de familia. Não

vejo aqui um rosto que me pegue confiança... Em que terra estamos! Foi aqui mesmo que nasceste, ou somos victimas de algum equivoco, ou porventura erramos o porto e desembarcamos em paiz estrangeiro?!

Ella calou-se e foi entrando despachadamente, de braço dado com a filha. Acompanhei-as sem vontade, mas pouco demorámos no interior do formigueiro branco, de cujas particularidades não me resta siquer reminiscencia. Ignoro igualmente o que lá dentro fizemos, se comi, se bebi quem nos serviu e o que nos disseram. Se falámos não foi ao certo com homens d'aquella casta, pois das suas gargantas e das boccas, aliás bem talhadas, não sahia uma syllaba que me fosse familiar nem palavra que me representasse uma idéa.

Achei-me de novo na rua, sem destino, mero guarda-costas á curiosidade de minha familia, a quem, por contraste ironico, tudo aquillo maravilhava e divertia. Perlongamos vias e atravessamos rocios sombreados. Passo a passo, a cada encontro que faziamos, nos largos passeios retumbantes do alarido de falas estranhas; sob as arvores bastas, onde folgavam creanças louras de olhos gazeos; defronte dos mostradores que enfeitiçavam Deolinda e a filha, e aonde acudiam as elegantes damas da terra, para as remirar de preferencia a todos os objectos preciosos; com as carruagens que levavam sobre rodas surdas senhoritas de faces caiadas semelhantes a masquetas de gesso; com os mercadores, os operarios, os proprios mariolas de pés e braços núis que labutavam com fragor e rithmo de perfeitos engenhos, — em todos e em tudo eu via confirmações do erro que havia denunciado a minha esposa. Esta, porém, confundiu-me de chôfre, mostrando-me ao longe um cimo indistinguivel:

— Eis alli, Octavio, a corcova do monte em cujas cercanias nasci.

— Tens certeza disso? E' mesmo a authentica, a velha montanha, a tua montanha natal?

Ella zombou da minha incredulidade e apontando a pyramide cyclopica de outro morro, accrescentou em tom jovial:

— Costumas dizer que toda cidade tem uma cara e physionomia peculiar. Pois bem, em nenhuma outra, neste grande mundo, verás um nariz igual áquelle...

Longe de applaudir-lhe o dito, senti-me esmagado pelo peso que teria o proprio morro. Mas não tive remedio senão render-me á evidencia. Recompuz os incidentes que tão illogicos até alli se me figuraram, e achei o sentido dos varios enigmas em que me andara enleiando.

— Foi aqui a santa Ilion... murmurei, com o peito alanceado. E segui ou, melhor dizendo, deixei-me conduzir até o meio de uma praça, onde eu sabia por tradição haver venerandas reliquias de metal e pedra, memorias de patricios gloriosos. Relanceei as alturas e os longes, e descobri apenas sumptuosos terraços, balcões rendilhados, cimalhas e flechas, renques de estatuetas decorativas, torres e rotundas, e vi — oh! dor suprema! — bandeiras que me pareceram sudarios, sem o mais leve matiz das cores suggestivas nem traço dos symbolos que eu adorava com os mais altos fervores da minha religiosidade civica... O proprio Jesus não provou no horto igual tristeza. Meu coração chorava como um salgueiro.

Então como passasse por uma horda dos altivos meridionaes, veiu-me a reacção dos brios torturados e sem cuidar nos perigos do meu arrojo, interpellei-os com vehemencia:

— Onde estão, senhores, os monumentos, as estatuas erigidas aqui aos nossos maiores, vates e guerreiros, imperadores e estadistas? Que é feito do marmore e do bronze sagrado em que transfundiramos com tanto amor e tanto orgulho o nosso reconhecimento aos heróes e grandes da patria?... Oh! barbaros, iconoclastas! Não vos tremeram as mãos sacrilegas, quando empunhastes o camartello para essa obra de demolição vandalica?... Sois uns intrusos, bem vejo, a não ser que renegasseis a alma, da mesma sorte que mudastes de feição e pelle... Malditos sejaes, hunos brancos! Malditos sejam os covardes e os traidores!...

Disse e esperei ao menos um gesto em que se penitenciassem dos nefandos crimes. Nada, senão a dura impassibilidade que eu já não podia attribuir á estupidez da casta. Tomaram-me talvez por algum louco, e eu mesmo reconheci depressa a minha insensatez nessa pretenção de communicar-lhes sentimentos em phrases de uma lingua para elles desconhecida ou morta, sem mais valor porventura que a algazarra das tribus selvagens, que o grito instinctivo dos animaes. Cahindo em mim, cheguei a reprehender-me em silencio. «Incorrigivel Octavio, queres pois resuscitar os deuses de quem nem mais memoria existe?» Mas não sei que parte obstinada do meu ser protestou immediatamente, e em voz alta:

«Juliano! eu?... Julianos são elles, que abjuraram a divindade unica e verdadeira que merecia culto debaixo d'este céo e sobre estas profundas aras...»

Amargurado, corrido, ia afastar-me, quando vi um dos meridionaes dirigir-se para nós, a olhar-me com insolita consideração. Vinha lento, pacifico e insinuante, como se receasse o esbravejar de um bicho irascivel; vislumbrei-lhe até pequenos mas vivos indicios de sympathia. Cedendo um pouco das minhas prevenções, dispuz-me a adivinhar-lhe o pensamento, já que nos não podiamos entender.

De perto examinei-lhe o rosto regular coberto por uns cabellos rajados, lardeados de louro e castanho, cabellos a modo hybridos, que nuns fios contrastavam, ao passo que noutros transigiam com o brilho negro dos meus. Ainda entrevi (talvez fosse illusão) não sei que linhas longinquas e que raias obscuras na carne pallida, um tanto espectral das suas faces. Essa cabeça transvioume o espirito e o fez fluctuar um momento em scismas extravagantes...

Depois de mirar-me, de afagar-me bem o pêllo com os grandes olhos amansadores, o excentrico meridional voltou-se de salto para minha Flor, deitando-lhe os braços e as mãos de creme, cujos dedos se moviam nervosos, perigosamente esmaltados de perolas e pedrarias... Pasmei. Elle procurava attrahil-a com os tentaculos fulgurantes, emquanto os olhos, accesos, reluziam como dois diamantes bem faceados. — Era um laço ou um modo de ser amavel com os forasteiros? Flor recuava, mas frouxamente, com a vista amortecida, presa pelos dous candentes fócos. Ainda perplexo, olhei para minha esposa. Ella quedava complacentemente. Interpuz-me; o seductor sorriu-me com toda a candidez de um sorriso innocente e emperlado, e abrindo de novo os braços emittiu uns sons doces, aflautados, como a nenhum d'elles até alli ouviramos.

— Que bello demonio! disse eu para Deolinda; mas toca a fugir, antes que elle chegue ao cabo dos seus intentos.

— Sempre desconfiado, respondeu-me ella, com a maior tranquillidade.

Julguei-me trahido e fiz, nessa occasião, mau juizo de todas as mulheres. O peor é que os amavios não cessavam; o movimento colleante dos braços desenhava planos licenciosos; o vulto e o corpo do magico transpiravam sensualidade. Lembrei-me das beldades á porta do hotel e da sua lascivia petulante. Não havia mais negar a taes creaturas um programma de seducção, consciente ou não, mas bem definido. E como viessem chegando os companheiros do terrivel sodomita, agarrei ambas as mulheres e arrastei-as com violencia, não sei para onde, para longe d'aquelle inferno de apostasia e luxuria, contra o qual implorei ao céo cataractas de fogo e de enxofre.

III

Agora o meu unico desejo era descobrir um bairro pobre e escuro, para descanço do espirito e garantia das minhas frageis companheiras. Todas as grandes cidades têm a sua Suburra: eu preferia tentar a convivencia com os miseraveis, com os proprios ladrões e assassinos, a supportar o contacto dos refinados e insidiosos patricios da metropole.

Segui ao acaso, allucinadamente, a farejar recanto ou vil congosta onde me escondesse com os thesouros de virtudes de que era guarda responsavel, avaro e feroz.

Palmilhei vias extensas, atravessei praças e parques, saltei barreiras, andei mais que um camello, soffrego de libertar-me nas solidões caladas do deserto. Os morros tetricos, com as cumieiras esbatidas na mortecôr do horizonte, eram as unicas balisas que me orientavam. Porque, raciocinava eu, se ha aqui uma ralé incivilisada ou refractaria ás leis e aos costumes d'esses intrusos, por certo não terá escolhido outro asylo senão o baluarte natural das montanhas, refugio classico dos povos vencidos.

Não me enganava. Depois de estafadora marcha tive a visão crepuscular de um lago adormecido entre sombras montanhescas. Olhei ao redor: tudo silencio e ermo. A agua, lagôa ou mar, branqueava atravez da garganta da serra; massas arboreas, de tristonhas casuarinas, pendiam do recosto dos morros sobre o sulco do destiladeiro. Não me detive mais emquanto não alcancei a bocca do sombrio gargalo.

Chegado a esse ponto, faltou-me coragem para proseguir. Dei voz de alto! ás senhoras, e puz-me a escutar e a espionar o abysmo. Absolutamente nada me parecia alli compativel com a existencia de seres humanos, de homens, de qualquer condição, fossem elles selvagens, degradados, reprobos, banidos voluntarios da culta cidade. Entretanto hesitava, com o olfacto aguçado por certo almiscar, emanação que trahia o rei dos animaes... E pensei:—se a natureza, que tudo cria e aperfeiçôa, houvesse esquecido nesta vagina de terra alguns exemplares inacabados da primitiva especie, esse esboço do homem que me diziam jazer em estado mineral no recesso dos museus subterraneos?... Por esse curso meu pensamento desenfreou-se, delirou até o auge de offerecer-me aos olhos imagens abstrusas de creações verdadeiramente caducas, envoltas em tão espesso anachronismo que me rechassaram de todo para fóra de mim e do meu tempo, a edades anteriores á historia. Fui então impressionado por varias formas desprendidas da nebulosa que atufava o desfiladeiro, umas representando moradas lacustres e artefactos de pedra; outras esguias e angulosas, perfilando monolithos, ao lado de toscas taboas quadradas, cuja designação precisa me escapava. Grandes placas tenebrosas applicadas de espaço em espaço, ás almas dos morros, denunciavam cavernas. Que estranhos animaes iriam sahir d'alli? Provavelmente os fantasmas prehistoricos, de cujos banquetes ainda eu vislumbrava restos em mais de um comoro, ao feitio dos famosos sambaquis tão diligentemente explorados por sabios menos felizes do que eu que não era nem meio sabio.

Não podiam ser mais interessantes os meus achados, comquanto não andasse de humor nem de proposito para semelhantes emprezas. Que importa ao foragido que se embrenha o valor scientifico da flora ou fauna do seu homizio? Assim reflectia, e eis que um lume phosphorescente, claridade dubia de fogos-fatuos, se escôa como um raio de lampada furta-fogo, por grande parte da garganta, e destroça, e dissolve toda aquella imaginaria prehistoria com os seus monumentos neolithicos, deixando-me, á sombra, deante de moitas vulgares, ruinas de cercas e cabanas, ossadas alvadias, grutas e rebordos de pedreiras, e em linha sinuosa um corrego morto de aguas glutinosas, derivado como um sangradouro do lago longinquo. Dei o primeiro passo e interrompi o segundo, porque vi assomar á fauce da principal caverna o focinho de horripilante animal, que instantaneamente surgiu de pé, a agitar as antennas e a sacudir o pó de argila que lhe enfarinhava todo o corpo. Seria devéras um salteador? Momentos depois, outro pinchava do solo razo, como um sapo do fundo de uma cisterna, ensopado de lodo pegadiço que o tornava espelhante. Puzeram-se ambos á escuta, e eu ancioso a observal-os. Por fim, despenha-se da escarpa da montanha terceiro monstrengo: juntam-se os tres, voltam-se em todas as direcções, saltam para o meio da scena e ahi demoram a trocar signaes de intelligencia.

Tive então a vez de verificar mais um absurdo das minhas primeiras impressões. Os habitantes de tão infame suburbio eram homens, nem brancos nem negros, nem louros nem ruivos; homens trigueiros, de cabellos pretos, bem semelhantes a mim e aos da minha estirpe.

Em que estado, porém, santo Deus!... Nús e hirsutos, a pelle esquarrosa, coriacea sobre as saliencias do esqueleto; nas carquilhas das faces tão profunda decrepitude que não sei como se compadecia com a destreza dos membros descarnados. Os pés se lhes haviam encascado, e pouco differiam de pés de capro. Os olhos avermelhados eram rubis perdidos em desvãos de ruinas. Dir-se-ia que choravam sangue! Sempre em movimento, sobresaltados, orelhas fitas, pareciam recear ciladas, incursões assassinas, matilhas já costumadas a dar-lhes caça.

—Que especie de gente será? perguntei a mim mesmo. Bandidos? selvagens? feiticeiros? leprosos?... Ou simples homisiados, perseguidos, victimas de alguma proscripção iniqua?...

Propenso a esta ultima conjectura, achei-os menos dignos de horror que de compaixão; e involuntariamente me fugiu dos dentes um—psio—forte, e parti ao seu encontro. Deolinda e Flor, vendo-me avançar, correram a mim, protestando e jurando não se aventurarem. Baldados protestos, porque os homens, antes que ellas me alcançassem, haviam desapparecido, sem mudar um passo, pela terra dentro. Creio que elles estavam sobre a tampa de um alçapão!

Tudo isso me causava desconsolo e mal-estar indefiniveis. Sem vontade, sem mais estimulos, retrocedi, guiado pelas senhoras, que d'ahi por deante me tratavam com os cuidados que se dispensam aos loucos, segurando-me pelos braços e por vezes obrigando-me a caminhar á frente d'ellas. Resignei-me.

Voltavamos por infinita pradaria, onde a relva murcha fazia verdadeiras vagas; depois por um campo immenso e despovoado que me deu saudades dos «geraes» sertanejos. As tintas do céo e os aspectos da terra só me acordaram este sentimento do remoto, do passado e acabado... E nisto começam a tanger distantemente fanfarras marciaes, que pouco a pouco amotinam o silencio das vastas planicies. Tudo marcha ao redor e acima de nós, as hervas do campo e as nuvens do espaço. As mulheres esbofam-se, correndo ao encontro da milicia que eu advinhara, curiosas de vida, de espectaculos e magnificencias. Em breve, descortino as altas cimalhas e os torreões de um palacio branco. Já pela estrada de asphalto que corta rectilinea o descampado vêm desfilando as legiões meridionaes: é um sem numero de soldados de uniformes exoticos, armados de longas lanças como os antigos lombardos, e tiros de cavallos robustos, e talhes de espada que commandam, e carroças rapidas onde tripudiam donzellas que applaudem a tropa com o gesto incitativo das louras walkyrias legendarias, todo esse cortejo de cinematographo guarnecido de massas pedestres que se derramam em cachões pelas orlas da estrada de asphalto...

Arrebatados no sequito, chegamos á vista do palacio gothico, de cuja frontaria escorriam bandeiras incolores. A milicia continuava a passar; desvanecia-se a vanguarda ao longe, no pallor vesperal, como uma fuga de espectros; ao soar de profunda musica em surdina, apontavam sob os arcos das ogivas do castello vultos magestaticos, cabeças ruivas, cendradas, louras. Gesticulavam do alto, saudavam, e o povo meridional, cá em baixo, rugia de enthusiasmo.

Tinhamos parado defronte do palacio, e eu falei para Flor e Deolinda:

—E' festa, mas que festa, e porque? E' algum d'aquelles talvez o burgomestre... Qual será o Genserico d'este reino barbaro?

Não sei o que me responderam. Mas á minha pergunta reparei que se mexia muito perto de nós, agachado, com os bugalhos impertinentes sobre minha cara, um velho esqualido e felpudo, côr de rato, tangado por um pedaço de pellico sujo,—exterior que me reproduzio, com espantosa fidelidade, a imagem de um d'aquelles miseraveis bruxos da Suburra. Farejando-me, sem bater as palpebras esborcinadas nem desviar os olhos immobilisados lá ao fundo das cavernas do rosto, saltitava o asqueroso sapo, avançando sempre sobre as patas informes, como se eu fosse a cobra que o estivesse a attrahir. Acabei por desconfiar das suas intenções e gritei, para o conter á distancia:

—Que pretendes?

A esta voz desenroscaram-se-lhe os membros; soergueu o corpo magrissimo de hetico, e veiu cahir de joelhos aos meus pés, gemendo alto:

—Sou um desgraçado, senhor!

Que era um desgraçado estava bem visto, fosse qual fosse a essencia da sua desgraça. Que da bocca, porém, de tão horrenda creatura sahissem taes accentos, taes palavras, na propria lingua que os meus ouvidos em vão espreitaram em toda aquella gritadora metropole, eis a grande, a innenarravel surpreza d'esse momento unico em meu doloroso itinerario. Só de ouvir-lhe a doce musica vocal, a soada nativa d'aquelle amargurado pensamento, dspensei-o de quaesquer explicações, nem de pedir-lh'as tive a idéa. Atirando-me ao monstro, ergui-o jubiloso, e com escandalo de minha familia, apertei-o nos braços demoradamente, ternamente.

—Meu patricio! exclamei repetidas vezes, quasi a beijar-lhe a sordicia perdoavel dos labios.

—Um condemnado, meu bom senhor, eis o que sou...

Recolhi-me um instante, soffreando penas e alegrias.

—E qual é o seu crime?

Então o misero, cercado, animado pelas ondas ciosas do meu olhar, falou, mas não como o illetrado, o rustico, o mazorro que o suppunha:

—O meu crime... ah! é uma historia antiga, e longa, muito longa... Sabereis que neste mundo de terra e por esse vasto Sul abaixo não ha logar para mim nem para os poucos que restam da minha casta. O nosso crime? é esta vida tenaz que nos não abandona, que nos perpetúa nas trevas e cloacas dessa peccadora Ninive. Soltos, errantes, somos mais opprimidos que os encarcerados. Se puderamos sómente apparecer á luz do dia e pisar a *nossa* gleba como aquelles ditosos cavallos que alli vão!... Moramos nos antros subterrraneos, rolando nos esgotos com as dejecções d'esse povo soberbo, sem caridade nem justiça! Vêde estes olhos gastos: enxergam menos que os das toupeiras. Olhae para estes membros mirrados: só o fogo da febre é que os aquece. Comtudo a morte não chega e se já não m'a dei por minhas proprias mãos é que aprendi a respeitar as leis divinas. Alimentamo-nos de sapos e lesmas, apanhados nas tocas aonde nos rejeitaram, sordidos animaes estercorarios... mas d'ahi mesmo nos repellem, e caçam-nos, senhor, como se fôramos ratos contaminados de peste negra... Imaginastes, porventura, um soffrimento igual?...

Eu começava a penetrar o mysterio do desfiladeiro.

—Aqui onde me vêdes, continuou, estou em perigo, a affrontar a decencia, os decretos, o furor d'aquelles nobres carrascos. «E não desejas acabar?» perguntareis. Sim, patricio; nem maior bem desejo eu que a morte redemptora. Jurei, porém,—orgulho d'um miseravel!—não lhes dar a comer estas migalhas da minha carne. Mas ouvi a vossa fala e não resisti. Sois meu irmão, e sois um hospede, bem vejo... Que de outra sorte não passarieis incolume, com estes anjos que vos acompanham...

Comprehendi, ratifiquei anteriores juizos e perguntei:

—Não tendes mulheres e filhos?

—Mulheres... tivemos. Filhos... roubaram-nos uns, os outros pereceram. Ah! se a visseis, a horrivel tragedia de antanho!... as virgens, as mais lindas e puras, nos braços da barbaria, arrebatadas por seducções e violencias, para que não brotasse mais uma vergontea da nossa velha arvore... Os mancebos sequestrados por bandos d'aquellas harpias famulentas que lhes sugavam o amor e logo os deixavam mortos como o insecto que já prolificou... O resto abominado, expellido como fezes, afim de não enxovalhar os arminhos da casta usurpadora. E o que mais doia era o desprezo com que aquelles filhos iam negando e renegando os seus progenitores! Mais de um Tarpeia nos vendeu pelos braceletes de ouro do estrangeiro, e irmãos houve que tão depressa se mesclaram, com elle, resuscitaram Caim, representaram aqui os sete contra Thebas...

—Desconfio que correu sangue por estes campos...

—Em ondas, patricio de minh'alma. Morticinios, hecatombes pavorosas deram fim ao protesto da plebe rebellada que ousou por vezes readquirir os seus direitos. Se lhe não concediam nem o direito de viver!...

—Houve, pelo modo, uma conquista...

—Conquista, sim; mas subtil, amavel, paciente, com enganos e blandicias, como as usam os seductores com as mulheres, até o momento em que, adeantados na intimidade, arremettem e violam o corpo das illudidas... Tambem culpa tiveram, e não pouca, os magnatas da nossa casta. Inçados de ambição, desavindos, egoistas, deixaram a cidade aberta ao flagello insinuante. Andava tudo á matroca: a força desarmada, o povo descrente e sem voto, o senado descomposto, o prefeito absoluto, o erario á rebatinha. Tudo se fazia ao gosto e imitação dos forasteiros,—as leis e os trajos, os livros e os edificios, a opinião e a cozinha, a policia, as festas, o governo domestico. E os imprudentes gozadores cada vez mais roidos de cobiça, a cobiça do ouro, pelo qual vendiam desde os pêllos da barba até os escrupulos que, como sabeis, são as barbas honradas da consciencia. Todos elles traziam os sentidos fechados ás cousas do nosso mundo: nem uma idéa lhes assentava no fundo do cerebro, salvo as que recebiam dos advenas e ostentavam por adorno das cabeças frivolas e vaidosas. Até as palavras se foram depravando, desusando e substituindo pelas vozes do intrujão, ao ponto de mal se entenderem com o povo os nobres desta Babel. Era o tempo em que aquelle se mettia pelos nossos negocios, nossas assembléas, nossos lares e nossos leitos, ensinando-nos, purificando-nos, diziam os loucos... Qual, senhor! Os sabios é que eram loucos!...—Aio-Locucio! deus tutelar, avisaste os tribunos, mas não te deram credito!... Os philosophos foram lapidados e banidos, e nunca mais, Aio-Locucio, nos coube a fortuna de te erigir um altar!... Um dia quando, já madura a seara que os intrusos plantaram, ia começar a safra, ainda houve revoltados que lhes quizeram ter mão, como donos do campo. Escassos já eram elles em comparação com os sujeitos e transfugas; ainda assim foram em numero bastante para alagar com o seu sangue essas planicies roxas que por ahi se estendem. Oh! miseros espoliados! Estaria escripto, senhor? «A nossa herança passou a forasteiros, as nossas casas passaram a extranhos», disse o propheta e cumpriu-se. Agora, só a morte, só a morte me resgatará...

—Não, protestei, com o peito rasgado de dor. Viverás, porque deves viver e assim o quero. Pertences d'ora em diante á minha familia; irás commigo e eu te restituirei a terra de que te despojaram. Partamos, concluí, voltando-me para Deolinda; nem mais um dia nesta horrenda cidade.

Soara o hymno meridional, horrisono estrugir de trombeta, cujas notas barbaras imitavam gritos de gansos e grasnado de corvos. O povo, a tropa, o sequito de carruagens com as walkyrias brancas e louras sumiam-se num chorrilho fantastico, illuminado por astros moribundos.

—Vamos, que esta terra é uma necropole e esta musica me sôa o dobre de finados.

Seguimos pelo immenso ermo, sobre o qual rojavam as sombras dos morros eriçados de florestas fosseis, de cujas ramadas cahiam cinzas. Nesse deserto surgiam-me ás vezes funebres miragens,—oasis de ruinas, pyramides de ossadas, lagos de sangue putrido, nuvens de abutres, e a cada passo que eu dava, subia da gleba um estertor assombroso...

Longo tempo, marchámos sob o terror d'esse silencio commovido.

Ouvi Deolinda dizer:

—E' um triste cemiterio.

E Flor, a meu lado, soluçou.

De subito parámos á vista do mar pallido, coalhado de navios. Em pouco esfervilhava em torno de nós o formigueiro branco. E eu distribui iguaes cuidados á minha familia e ao meu infeliz patricio, temendo sobretudo que o confiscassem, disposto a defender com unhas e dentes esse inapreciavel salvado de uma patria submersa.

Fiz acenos para o mar, pedindo o soccorro dos finos esquifes, todos pintados de negro como as gondolas de Veneza. Ancioso esperava o transporte, quando á nossa frente apparece o membrudo phantasma de um meridional, cujos bigodes fulvos como feixes de arame tremiam sob as pontas diamantinas dos olhos. Gargarejou asperas palavras da sua lingua e deitando as mãos nevadas para Flor, mexia os dedos rugosos de perolas.

Repetia-se a scena mephistophelica, mas d'esta vez com tal audacia, tal brutalidade que me poz logo o sangue em fervura.

Vendo-o abraçar a presa, dei um brado de odio, cerrei os punhos e cahi a fundo sobre o birbante, na certeza de arrancar-lh'a. Fui logo repellido e abafado por dois rijos guantes que me assaltaram a garganta; correram-lhe em volta um laço, collaram-se-lhe estreitamente e começou o supplicio que só saberiam julgar, d'além tumulo, os enforcados.

Perdida a fala, fiquei a estrebuchar na rosca do garrote, com a cabeça no ar, mal segura ao tronco pelo fio do pescoço. Rolando os olhos á procura de mulher e filha, não as vi; do nosso aggregado nem sombra. Fizera-se ao redor um vacuo absoluto, como absoluta foi a noite em que não tardou afogar-me a cegueira.

Já de costas no chão, recebi a joelhada do barbaro sobre a caixa do peito. Principiou então a indescriptivel agonia em que eu ia morrendo, tal qual n'um pesadelo, com a bocca amordaçada, os membros soldados ao leito de pedra, e a consciencia viva contando os segundos da propria anniquilação. Reluctava, todavia, e de instante a instante lá me vinha um arranco para a vida: mas recahia vencido, arquejando, sob o peso do joelho de ferro.

Ia acabar e um ultimo accesso de terror, o terror d'essas agonias lucidas, me deu signal da completa inercia e frialdade tumular...

De repente, uma sensação ineffavel: senti que a alma me fugia, me escorregava do corpo, expremida como um bago de uva, e alava-se, feliz, com uma pontinha de escarneo, deixando a pelle amarrotada nas brutas mãos do algoz. O ar das altas espheras penetrava-me suavemente, e como elle pairei fluido, subtil, intangivel, imponderavel.

Foi a liberdade, ou, mais exactamente, a resurreição.

Abri os olhos e vi a doce luz da manhan que vinha radiando, e tornei a ouvir as vozes claras e tranquillas de Deolinda e minha Flor.

Bahia—1904.

XAVIER MARQUES.



GUILHERMINA ROCHA
ARTISTA DRAMATICA

L. MUSSO & C.
Uruguayana 10 - Rio de Janeiro



FILTROS MALLIÉ

(SYSTEMA PASTEUR)

Esterilisação *absoluta* pela porcelana de amianto

SUPERIORES A TODOS OS OUTROS
ATÉ HOJE CONHECIDOS

A maior facilidade para installação e limpeza! Simplicidade e elegancia! Numerosos premios em todas as exposições.

Unicos Agentes para todo o Brazil:

A. ABREU & C.IA

102, Rua da Quitanda, 102

(Sobrado)

RIO DE JANEIRO

Catalogos e prospectos á disposição do publico

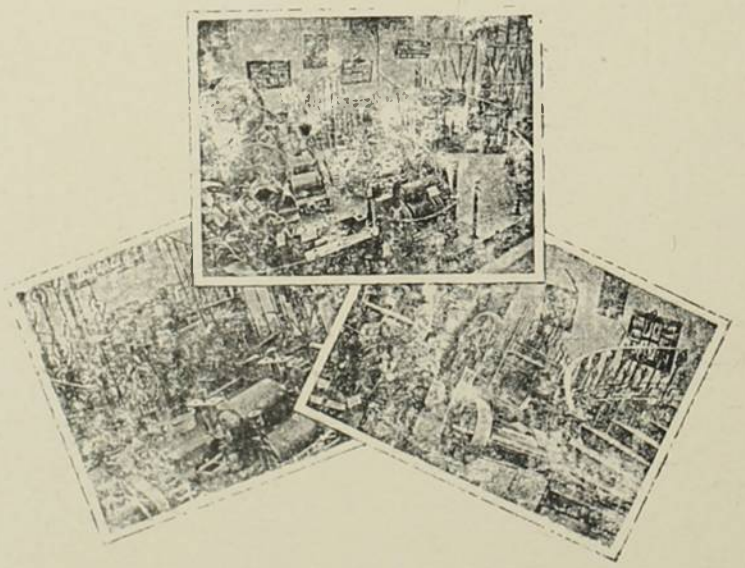
DUBONNET

O MELHOR APERITIVO

FUNDIÇÃO INDIGENA

A MAIS ANTIGA DO BRAZIL

Premiada em varias Exposições Nacionaes e Estrangeiras



FARINHA CARVALHO & C.

FABRICANTES

DE MACHINAS PARA LAVOURA E INDUSTRIA
* * * CONSTRUCÇÕES METALICAS * * *
GRADES, VARANDAS, COLUMNAS ETC. ETC.
CALDEIRAS, RESERVATORIOS, PONTES ETC.

PORTAS DE AÇO ONDULADO SILENCIOSAS

120, a 126, Rua da Imperatriz, 120 a 126

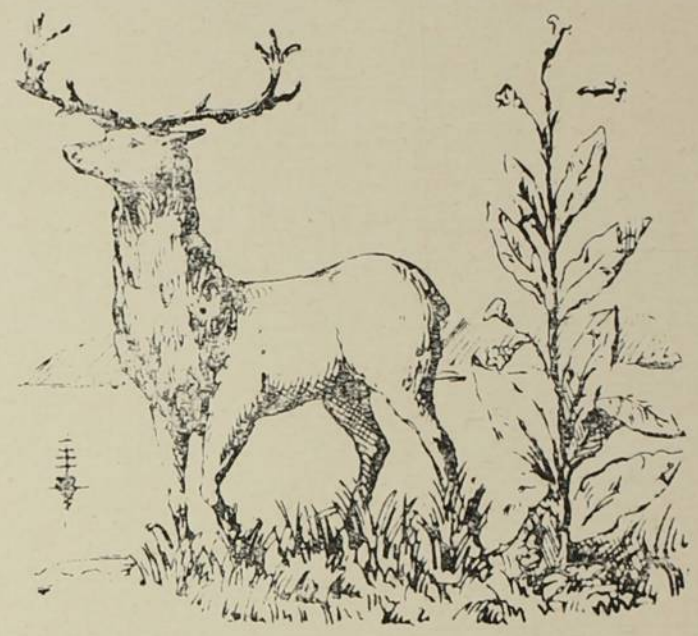
RIO DE JANEIRO

GRANDE MANUFACTURA

DE

FUMOS E CIGARROS

MARCA VEADO



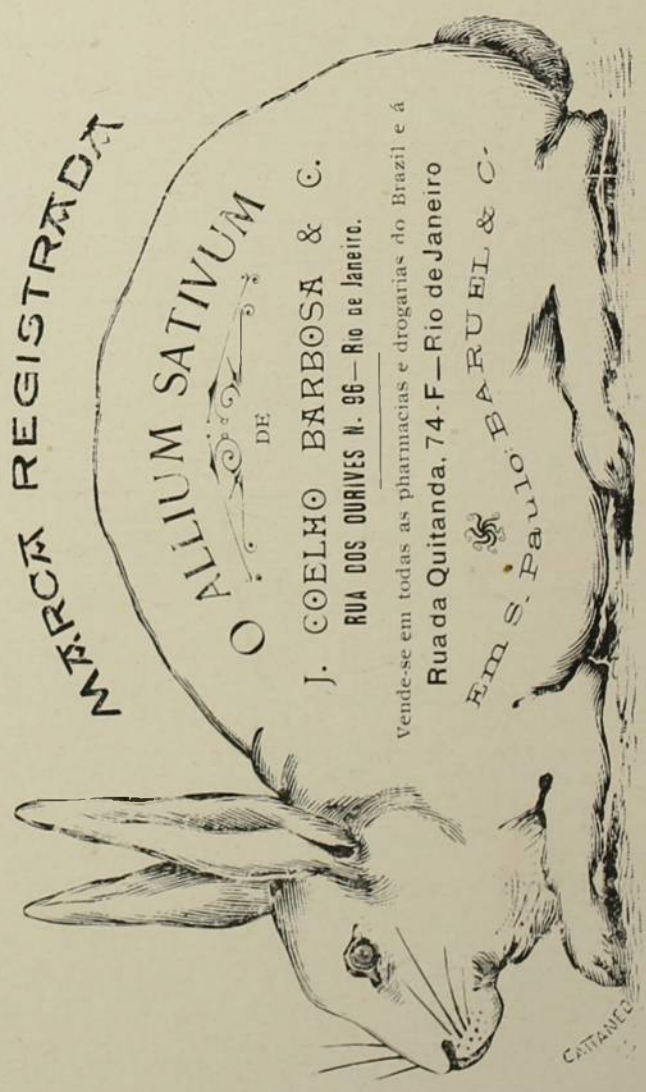
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

DE TODOS OS ARTIGOS PRECISOS PARA

Fabricas ou Depositos de Fumos e Cigarros

Unicos Proprietarios dos Papeis para Cigarros

LAURITA E CONDOR



PREVENÇÃO AO PUBLICO

Do ALLIUM SATIVUM antigo e conhecido na homeopathia, porém pouco ou raramente usado, J. COELHO BARBOZA preparou ha cinco annos de uma forma especial um especifico para curar a influenza e constipações de um a tres dias. Apparecendo agora vendedores do ALLIUM, prevenimos ao publico que, se quizer ter a certeza de levar para casa um remedio especialmente preparado para estas molestias, deverá exigir o que traz um COELHO pintado.

Anno I N. 11

NOVEMBRO - 1904

KOSMOS

SUMMARIO

Chronica	*Olavo Bilac.*
Graça Aranha	*José Verissimo.*
O Ninho (soneto)	*Alberto de Oliveira.*
A Arte	*Eunapio Deiró.*
Os de Hoje	*Gonzaga Duque.*
Ballada	*Oscar Lopes.*
Estylos em Architectura	*Arthur Lima Campos.*
A Tatuagem no Rio	*João do Rio.*
O Hydromel	*Domingos Olympio.*
O Monumento de Gœthe em Roma	*Carlos Magalhães de Azeredo.*
Canto Real	*J. M. Goulart d'Andrade.*
S. José	*Thomaz Lopes.*
Exposição de S. Luiz (Gravuras)	
A Avenida Central	*Alfredo Lisbôa.*
Mina Submarina	
Typos da Roça	*Azevedo Junior.*

Rs. 2$000

A Equitativa

Apolices com sorteio EM DINHEIRO em vida do segurado

Apolices sorteadas em 1902

4719 D. Rosa de Moura Pinheiro . . . . . Aracaty, Ceará
4812 Dr. Estevão José de Siqueira . . . . Victoria, Espirito-Santo
6069 João Julio Tameirão . . . . . T. Ottoni, Minas Geraes
6106 Nagib Saed Lassmar . . . . . Alto Purús, Amazonas
6409 Dr. Anniba Teixeira de Carvalho . Capital Federal
6488 Dr. J. Pedreira do C. Ferraz Junior . . Capital Federal

Apolices sorteadas em 1903

4473 Eliseo Becco . . . . . Fortaleza, Ceará
6364 Alfredo Alves Bentes . . . . . Manáos, Amazonas
6448 D. Emilia Bentes . . . . . Manáos, Amazonas
7070 Adolpho de Almeida Guimarães . . Maceió, Alagôas
7199 Antonio Ferreira de Queiroz . . . . . Espirito-Santo
7260 Carlos Hervad von Schwerin . . . . Porto Aleg. R. G. do Sul
8470 Heinrich Kerner . . . . . Cachoeira, Bahia
8628 Manoel Francisco Santiago . . . . . Alto Purús, Amazonas

Apolices sorteadas em 1904.

11.250 Manoel Ribeiro da Silva Neco . . . Januaria Minas
11.253 João Moreira de Castro. . . . . "
11.232 Antonio Generoso da Silva . . . . "
8.730 Carlos Paiva de Souza Lemos . . . Recife, Pernambuco
10.176 José Alves de Souza . . . . . Capital Federal
7.635 Julio de Araujo Rodrigues. . . . Paraná
8.696 José Bomfim. . . . . Aracajú, Sergipe
10.305 Symphronio Costa Gondim . . . Parahyba do Norte
4.739 Manoel Maria Lobato . . . . . Capital Federal
7.562 Antonio Proost Rodovalho Junior. São Paulo
6.102 Nagib Saed Lassmar . . . . . Amazonas
6.106 * . . . . . "
7.131 Alipio Mendes de Oliveira. . . . Quarahy, R. G. do Sul
6.070 Domingos Papi. . . . . Theophilo Ottoni, Minas
10.363 Alfredo Barros . . . . . Floresta, Pernambuco
7.590 João Nunes Leite . . . . . Maceió, Alagôas
8.654 Octaviano Castro e Silva. . . . Rio Purús, Amazonas
12.765 Dr. Alfredo Borges Monteiro . . . Capital Federal
13.233 José de Oliveira Filho. . . . . Januaria, Minas
4.814 Antenor Guimarães . . . . . Victoria, E. Santo
10.364 Manoel Rodrigues Nino . . . . . Floresta Pernambuco
12.775 Damazio Oliveira (Tte. Coronel). . Capital Federal
10.388 D. Maria Rodrigues da Silva . . . Cabrobó, Pernambuco
6.084 Oscar Niemeyer Soares. . . . . Capital Federal
10.365 Manoel Rodrigues Nino. . . . . Floresta, Pernambuco
6.156 Cap.-Ten. João A. dos Santos Porto Capital Federal
10.366 Luiz Rodrigues de Mello . . . . . Floresta Pernambuco

* Esta apolice foi tambem sorteada no 1º. Sorteio de 1902.

Exclusiva invenção da A EQUITATIVA que já sorteiou 41 apolices no valor de

RS. 177:000$000

Segurae vossa vida nesse plano sem igual !

N. 7, RUA DA CANDELARIA, N. 7

RIO DE JANEIRO

Pedir tabellas e prospectos na sua séde e com todos os agentes da A EQUITATIVA

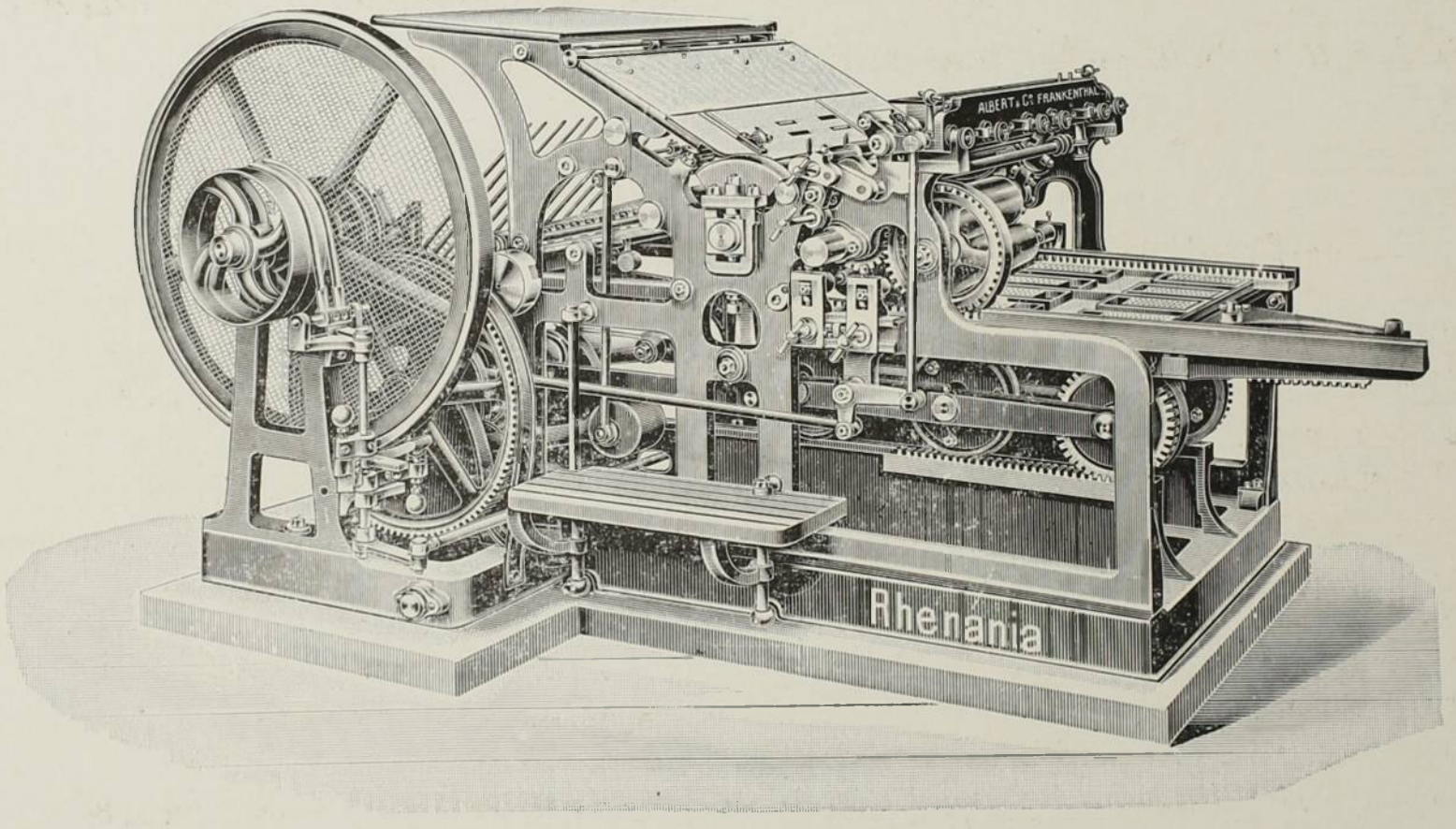
ARTES GRAPHICAS

CAIXA DO CORREIO 994 — TELEPHONE N. 1106

Temos sempre em deposito:

Tintas Typographicas, Lithographicas, Vernizes, Grande Variedade de Typos,
Massa para Rolos, Arames para Coser, Zinco, Cobre e Madeiras para Gravuras

MATERIAL PARA STEREOTYPIA, MACHINAS PARA IMPRESSÃO, ETC.



UTENSILIOS PARA COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Depositarios das Tintas de Impressão BERGER & WIRTH

Augusto Niklaus & Co.

RUA DA QUITANDA N. 54 — RIO DE JANEIRO

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director
MARIO BEHRING

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . . 20$000 EXTERIOR. . . . . 25$000
NUMERO AVULSO. . . . . 2$000

Editor-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ANNO I — NOVEMBRO 1904 — N. 11

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

Recebemos desde já assignaturas para o proximo anno de 1905

A importancia das assignaturas e toda a correspondencia commercial devem ser remettidas a J. Schmidt, caixa postal, n. 1085—Rio de Janeiro.

KÓSMOS encontra-se á venda nas seguintes livrarias :

Capital Federal—Laemmert & C.ª, Garnier, Alves & C.ª, A. Moura, Briguiet & C.ª, S. Gradim.
S. Paulo—Casa Garraux, Laemmert & C.ª, Chiaffarelli & C.ª
Santos—Magalhães & C.ª, Bazar Paris.
Mogy-Mirim—Casa Cardona.
Bello Horizonte—A. Joviano & C.ª
Ouro Preto—Antonio da Costa.
Uberaba—Leschaud & C.ª
S. João d'El Rey—Armando B. Cunha.
Juiz de Fóra—Feliciano da Silveira Bulcão
Bahia—Livraria Dous Mundos
Victoria (E. Santo)—Nelson Costa & C.ª
Fortaleza (Ceará)—Libro-Papelaria Bivar.
S. Luiz (Maranhão)—Luiz Magalhães & C.ª
Belém (Pará)—J. B. dos Santos.
Manáos (Amazonas)—Lino Aguiar & C.ª
Florianopolis (Santa Catharina)—Paschoal Simone.
Campinas—Casa Genoud.
Pelotas (R. G. do Sul)—Pintos & C.ª,—Francisco Meira, Echenique Irmãos & C.ª
Rio Grande » —Pintos & C.ª—Echenique Irmãos & C.ª
Porto Alegre » —Pintos & C.ª »
Parahyba (Parahyba)—Antonio Penna & C.ª
Coritiba (Paraná)—Annibal Rocha & C.ª

São nossos agentes:—Em Santos—Snr. Antenor da Rocha Leite. Em Mogy-Mirim—Snr. Francisco Cardona. Em S. José do Rio Pardo, Mocóca e Casa Branca—Snr. Dr. Francisco Escobar. Em Jahú—Snr. Major Alfredo Augusto Leitão. Rio Claro—Snr. João Pires de Oliveira Dias. S. Carlos de Pinhal—Snr. Carlos de Carvalho. Cataguazes—Snr. Julio Guimarães. Sul de Minas—Snr. Urbano Rabello. Petropolis—J. R. Escragnolle. Taubaté—Snr. Braz Curtu.

São nossos representantes:—Estado de S. Paulo—Snr. Antonio Ferreira Neves Junior. Estado do Paraná.—Snr. Dario Velloso. Estado de Pernambuco—Snr. Carlos Burle. Estado do Pará—Snr. Fernando de Figueiredo Motta. Estado do Maranhão—Snr. Antonio Gonçalves Moreira Nina. Estado do Amazonas—Coronel Domingos Andrade. Estado da Bahia—Snr. Vicente Ferreira Lins do Amaral.

Com o proximo numero, a sahir em Dezembro, terminará Kósmos o seu primeiro anno de vida. E', pois, occasião de agradecer o auxilio generoso e expontaneo dos nossos assignantes, rogando-lhes a sua continuação no proximo anno de 1905. Para que não se reproduzam as queixas de muitas pessôas que não puderam obter os 5 primeiros numeros d'este anno, cuja tiragem exgottou-se inteiramente, desde já declaramos abertas as novas assignaturas.



CHRONICA

Melhor seria, talvez, que nestas columnas só pudessem achar agasalho as cousas da Arte e do Sonho,—alguns versos de amor, algumas paginas de critica, algumas estampas reproduzindo perfis de mulheres, aspectos da Natureza, recantos pittorescos e calmos da cidade e do campo. Assim, *Kósmos* seria um oasis, em que as almas viessem repousar e sorrir um pouco, entre uma conquista e uma decepçao, esquecendo o que a vida tem de rude ou triste.

Mas a Arte não é, como ainda querem alguns sonhadores ingenuos, uma aspiração e um trabalho á parte, sem ligação com as outras preoccupações da existencia. Todas as preoccupações humanas se enfeixam e misturam de modo inseparavel. As torres de ouro e marfim, em que os artistas se fechavam, ruiram desmoronadas. A Arte de hoje é aberta e sujeita a todas as influencias do meio e do tempo: para ser a mais bella representação da vida, ella tem de ouvir e guardar todos os gritos, todas as queixas, todas as lamentações do rebanho humano. Sómente um louco,—ou um egoista monstruoso,—poderá viver e trabalhar comsigo mesmo, trancado a sete chaves dentro do seu sonho, indifferente a quanto se passa, cá fóra, no campo vasto em que as paixões luctam e morrem, em que anceiam as ambições e choram os desesperos, em que se decidem os destinos dos povos e das raças...

A «chronica» de *Kósmos* deve fixar, de mez em mez, o estado moral, a «crise» da existencia carióca. E seria insensato, que, num momento em que toda a cidade soffre, agonisa ou convalesce,—só appareces-sem nestas paginas suspiros de poetas egoistas, devaneios de lyrismo abstracto... Uma revista, que se fundasse, no Brasil, para exclusivamente cuidar de cousas de Arte, seria absurda. A Arte é a cupola que corôa o edificio da civilisação: e só pode ter arte o povo que já é «povo», que já sahiu triumphante de todas as provações em que se apura e define o caracter das nacionalidades.

✳

Justamente, o Rio de Janeiro convalesce agora da sua ultima crise. Não foi propriamente uma doença,—aquillo que tão fundamente abalou a cidade, ha poucos dias: foi uma crise,—crise de idade, crise de desenvolvimento nacional. Um povo não se forma de uma só vez, por milagre: não é com meia duzia de decretos que se civilisa uma agglomeração de homens, dando-lhe cohesão e consciencia.

Essa matula desenfreiada, que andou quebrando arvores e lampeões, vociferando e tumultuando, trocando facadas e tiros de rewolvers,—estava, nesses dias de vesania e brutalidade, exercendo uma funcção natural, e, até certo ponto, providencial. Não ha aqui um paradoxo,—ou uma graçola, que seria de máu gosto: ha uma grande e luminosa verdade. As arruaças d'este mez,—nascidas de uma tolice e prolongadas por varias causas,—vieram mostrar que nós ainda não somos um povo. Amanhã, um especulador politico irá, pelos beccos e travessas em que reside a gente humilde, murmurar que o governo tenciona degollar todos os catholicos, ou fuzilar todos os protestantes, ou desterrar todos os homens altos, ou encarcerar todos os homens baixos. E a gente humilde acceitará, como uma verdade, essa invenção imbecil, como aceitou a invenção da vaccina com sangue de rato pestiferado... E pouco importa que em todas as esquinas se préguem editaes anniquilando a calumnia, e pouco importa que todos os jornaes destrúam a infamia em artigos, em noticias, em annuncios:—a gente que não sabe ler continuará a crer no que lhe disseram,—e a sua revolta brutal e irresponsavel continuará a servir de arma aos especuladores.

No Rio de Janeiro, e em todo o Brasil, os analphabetos são legião. E não ha «povo», onde os analphabetos estão em maioria. Quem não sabe ler, não vê, não raciocina, não vive: não é homem, é um instrumento passivo e triste, que todos os espertos podem manejar sem receio.

A revolta de agora não foi apenas obra dos desordeiros de profissão: foi tambem obra dos ignorantes, explorados criminosamente pelos astutos.

E não sei bem para que servirá dar avenidas, arvores, jardins, palacios a esta cidade,—se não derem aos homens rudes os meios de saber o que é civilisação, o que é hygiene, o que é dignidade humana.

Dir-me-ão que, em todos os paizes da terra, ha rebelliões e motins. Haverá; mas não ha um só paiz civilisado em que a rebellião se manifeste com a gros-

seira brutalidade e a estupida organisação com que se manifestou aqui. Em primeiro logar, os levantes militares só se veem na America do Sul, onde, pela falta de educação civica dos povos, a espada se transformou, de defeza de fronteiras em imposição de governo interno. E, pondo de parte o levante militar (que foi uma das phases apenas da revolta),—em nenhum outro paiz da Europa e da America os arruaceiros descarregariam a sua colera sobre as arvores inoffensivas...

Eu, por mim, odeio todos os actos violentos e todas as manifestações da força bruta: mas, entre uma revolução sangrenta e feroz, e uma revolução apenas ignobil e irracional, sempre preferiria a primeira.

✳

Entretanto, não nos envergonhemos demais com essas cousas. Não se trata de uma doença: trata-se de uma crise natural. Os povos tambem teem as perturbações de dentição e puberdade, que abalam o organismo das crianças e dos adolescentes.

O que urge é comprehender essa crise, e é aproveitar a lição dos factos. Nós não temos unicamente, diante de nós, o problema do saneamento e do povoamento. Com o saneamento apenas,—livrar-nos-emos das epidemias que os mosquitos, os ratos, os microbios transmittem de corpo a corpo,—mas deixaremos, intacta e tremenda, pairando sobre nòs, a ameaça das epidemias moraes, que depauperam o organismo social, e o conduzem á indisciplina, á inconsciencia e á escravidão. Tratando apenas do povoamento, feito ao acaso das levas de immigração, sem fundar uma escola em cada novo nucleo de povoadores,—conseguiremos sómente augmentar e dilatar o imperio da ignorancia e da irresponsabilidade.

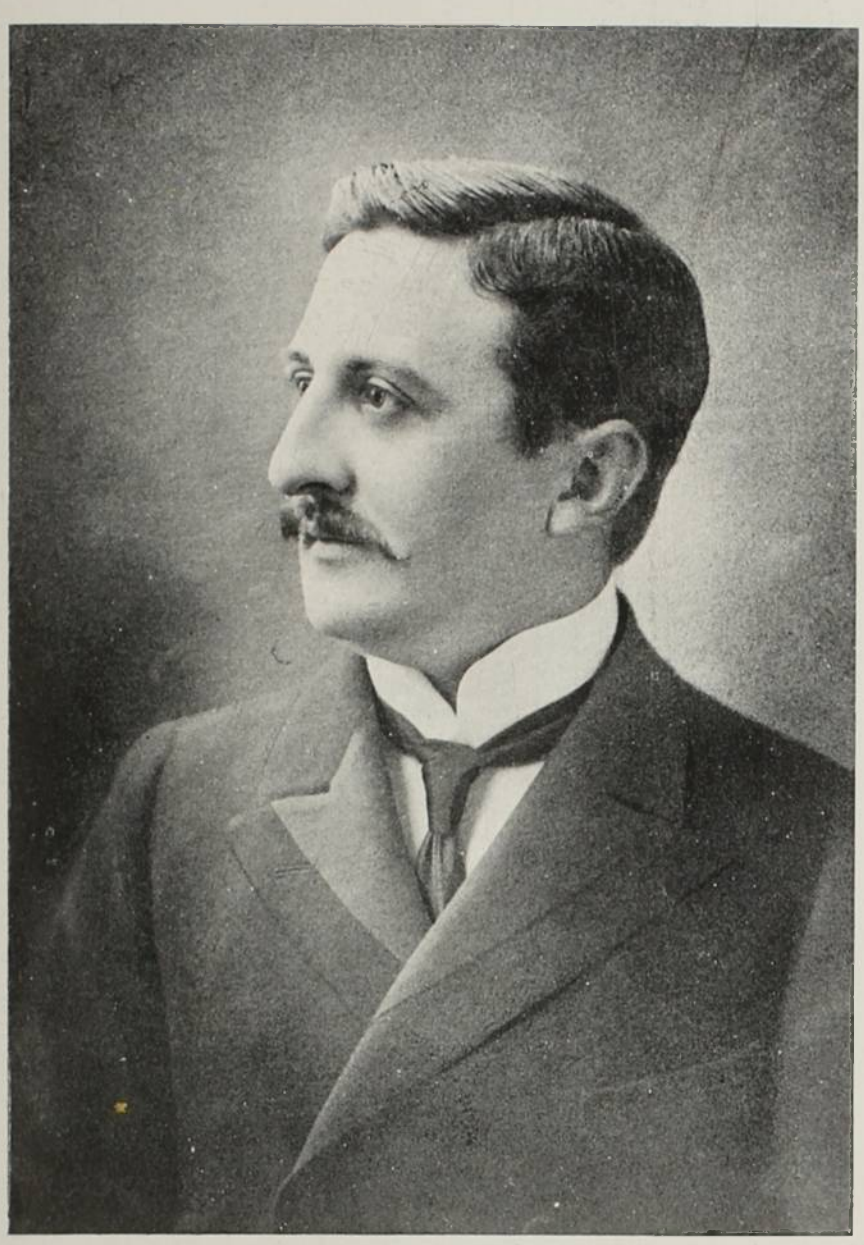
O problema que tem de ser resolvido, juntamente com esses dois, é o da instrucção. E o que dóe, o que desespera, é que toda a gente culta do Brasil tem a consciencia d'isto, e que, ha mais de um seculo, esta verdade, annunciada, proclamada, escripta, em todas as tribunas, em todos os livros, em todos os jornaes, ainda não achou governo que a servisse em terreno pratico.

O Brasil está cheio de Escolas Superiores, de Faculdades e de Gymnasios; ainda ha quem queira plantar no seu seio não sei quantas duzias de Universidades; eleva-se, no Rio de Janeiro, um palacio, para abrigar o pedantismo das Academias, que copiam os estatutos da Academia Franceza; quebram-se lanças em favor da creação de um Theatro Normal; grita-se que não ha, em toda a America, Sciencia como a nossa Sciencia nem Arte como a nossa Arte;—e todos esquecem que, para a civilisação de um povo, pouco importa que nelle se contem alguns milhares de poetas, de pintores e de scientistas, quando a sua maioria, a sua grande massa de milhões e milhões de individuos, é uma turba-multa irresponsavel de analphabetos...

Ah! quando chegará o dia em que possamos ter menos academias e mais escolas primarias,—menos apparencia e mais fundo, menos rhetorica e mais cartas de *abc!*

O. B.

GRAÇA ARANHA



ESTE nome de Aranha encontra-se na historia do Maranhão desde o seculo do descobrimento dessa região, o XVII. Dessa familia de capitães móres, governadores, soldados, funccionarios e magistrados, descende o escriptor que occupa hoje um dos mais distinctos lugares nas letras brazileiras. E della vem não por alguem daquellas categorias, mas por um jornalista que todo o Norte do Brazil conheceu e estimou no segundo periodo da formação do nosso antigo regimen politico até o seu estabelecimento definitivo—do definitivo das cousas humanas. Foi seu pai Themistocles Aranha, o conhecido redactor do *Paiz* do Maranhão, em certo momento da nossa historia o jornal mais bem feito, mais lido e mais considerado do Norte do Brazil, no tempo em que o jornalismo ainda era, sinão um apostolado, uma digna carreira, e não uma nova forma de industria.

De propriedade e sob a direcção de Themistocles Aranha, a quem Joaquim Serra chamará de «jornalista habil, de phrase calma, substanciosa e cortez, o animador generoso dos talentos novos» durou o *Paiz* de 1863 a 1883 sendo desde 1878 diario. Como jornalista de raça, intelligencia e caracter, Themistocles Aranha ficava bem no meio dessa geração que deu ao Maranhão o seu eterno renome intellectual. Foi companheiro e camarada de Odorico Mendes, de João Lisboa, de Gonçalves Dias, de Sotero dos Reis, de Henriques Leal, de Gentil Braga, de Vieira da Silva, de Frederico Correa, e de tantos outros cujo talento era tanto que poude ultrapassar as raias do provincialismo e fazel-os celebridades nacionaes.

Desse homem intelligente, liberal, culto e bom nasceu, com uma dignissima senhora da familia Graça do Ceará, na capital do Maranhão, em 21 de Junho de 1869, José Pereira da Graça Aranha, o futuro autor de *Chanaan*.

Em uma bella pagina deste livro sob um claro disfarce, o filho amantissimo lhe commemorara a memoria querida nestas palavras commovidas: «Meu pai era a propria doçura, e as imagens delle que conservo no fundo da minha pupilla são de um homem feito de sorrisos suaves e inextinguiveis; tinha uma intelligencia subtil, e aerea, mas o pudor da audacia o entorpecia, e por isso todo o seu grande capital de bondade e de amor ficou sepultado no fundo do seu coração, e o mundo o ignorou...»

E diz mais, num trecho capital da sua obra, onde a sua fina intelligencia de escriptor se allia aos seus rarissimos dotes do coração amantissimo, como outro não conheço.

Não, não é daquelles duros cavalleiros dos tempos coloniaes, daquelles despoticos capitães-móres e governadores que procede seu espirito, aquillo a que o seu grande amigo Sr. Joaquim Nabuco chamaria «a sua formação» artistica, e menos o seu vasto e generoso sentimento humano esse cabedal lhe veiu directamente deste timido mas intelligente e bom jornalista de provincia, que «continha e refreiava a sua imaginação e que elle mesmo creava barreiras ao seu espirito», e da mãe, a «mulher forte» de quem elle foi successivamente o amparado e o amparo.

Foi numa atmosphera de intelligencia e amor que lhe correram os primeiros annos, e o trabalho intellectual foi o primeiro que viu. O Maranhão teve a dita e a honra de ser, num certo momento, a terra do Brazil mais povoada de homens de talento e estudo, e de o comprehender e saber apreciar. Essa gloria ella a manteve, conservando com devoção e orgulho a recordação desses tempos gloriosos, quando já elles tinham passado. Muito moço embora—pois apenas conta 36 annos,—o Sr. Graça Aranha cresceu sob a influencia deste culto da sua gloria intellectual, que a sua terra natal era a unica a ter e a ter o direito de tel-a.

Na indagação das suas origens esquecia-me apontar um parentesco que acaso explica o que na doçura da sua indole, na bondade incomparavel do seu coração, ha de revolta, de energia, de capacidade para a lucta, de acção: elle é sobrinho de José Candido de Moraes e Silva, o jornalista revolucionario da época da independencia do Maranhão, o redactor do *Pharol*, com cujo nome o povo o chrismou.

Desse seu parente, personagem famosa nas chronicas da independencia do Brazil septentrional, escreveu Graça Aranha um perfil a Carlyle na *Revista Brazileira*, onde tive a honra de o ter por meu collaborador. Não esqueçamos que foi o mesmo homem, que já então elaborava esse livro de compaixão humana que é o *Chanaan*, livro de amor e de doçura, quem numa carta publica renunciava com indignação continuar a servir, em pingue funcção, a um governo que lhe exigia a pratica de um acto repugnante ao seu sentimento juridico e moral.

Com 13 annos, concluidos os estudos preparatorios na sua terra natal, entrou Graça Aranha para a Academia de Direito do Recife, donde saiu formado em direito com 18. Até 1891 seguiu a magistratura. Neste anno casou e estabeleceu-se no Rio. Quando se aqui fundaram as faculdades livres de direito, foi convidado para professar em ambas ellas, o que fez de 1894 a 1898.

Nunca teve a pressa, a ancia de escrever que em geral caracteriza os nossos moços que se sentem dotados para as letras. Leu muito, estudou muito, cultivou de facto o seu espirito e não o ornou sómente. Reflectiu, pensou, meditou, familiarizou-se especialmente com o que, em todos os tempos e povos, se póde chamar classico. A philosophia e a arte foram as suas predilectas. A preoccupação das cousas sociaes veiu mais tarde. Os seus collegas de academia, os seus amigos, os seus companheiros de estudos faziam grandissimo caso delle, admiravam-no, estimavam-no. Mas elle se recusava á publicidade, que ainda hoje, sei de fundamento, desestima. Até a epoca em que entrou para a collaboração da *Revista Brazileira*, por mim revivida, em 1900, creio que nada escrevera si não um prefacio para o livro *Concepção monistica do universo* do Sr. Fausto Cardoso. E naquella *Revista*, de que foi um dos mais dedicados e efficazes amigos, escassa foi a sua contribuição. Em cinco annos não deu mais talvez que uns quatro artigos. Todos, porem, reveladores de um talento de primor. Um delles, e sob o disfarce de um pseudonymo feminino, que elle me fez acceitar como de uma senhora real, foi o soberbo conto que achou lugar no *Chanaan*, do casal que recolhe uma criança abandonada, della faz a filha que lhe faltava, ama-a como tal e assiste assombrado o descobrimento por ella dos seus paes verdadeiros, uns miseraveis.

Pelo mesmo tempo, escreveu outros tantos artigos sobre assumptos internacionaes num jornal diario que pouco durou. Esses artigos foram, entretanto, justamente apreciados pela singularidade das idéas, audacia dos pensamentos e vigor da expressão. Nelles apontavam as primeiras demonstrações daquella philosophia social que acharia sua fórma em *Chanaan*.

E é toda a sua obra literaria antes deste grande livro, que, si para uns, os que tinham a ventura de conhecer o autor, era apenas uma confirmação do que delle sabiam e esperavam, para outros, a grande maioria, era a revelação extraordinaria de um escriptor de genio, como poude dizer sem favor o Sr. Joaquim Nabuco.

Imaginado, pensado, posso dizer, no Brazil, intimamente vivido no espirito do autor durante quatro ou cinca annos, este livro foi redigido em Londres onde o poeta — póde-se-lhe, sem abuso, chamar assim — se achava como secretario da missão especial para tratar com o governo inglez, da questão de limites do Brazil com a Guyana Ingleza, e publicado em Pariz pela casa Garnier em 1902.

O successo desse romance não é exagerado dizer incomparavel no Brazil, e não foi só de livraria, mas literario. Commoveu e admirou a todos que o leram. A edição primitiva esgotou-se em poucos mezes e no mesmo anno, teve segunda, que tambem se acha esgotada, devendo breve apparecer a terceira.

Chanaan trazia para a literatura brazileira, não sómente, as faceis novidades de fórmas literarias, as contrafeições mais ou menos evidentes dos processos literarios exoticos, como aqui soe por via de regra acontecer, mas verdadeiramente um novo sentimento d'arte, uma nova concepção social e sobretudo uma nova sensação da alliança intima e necessaria entre estes dous factos.

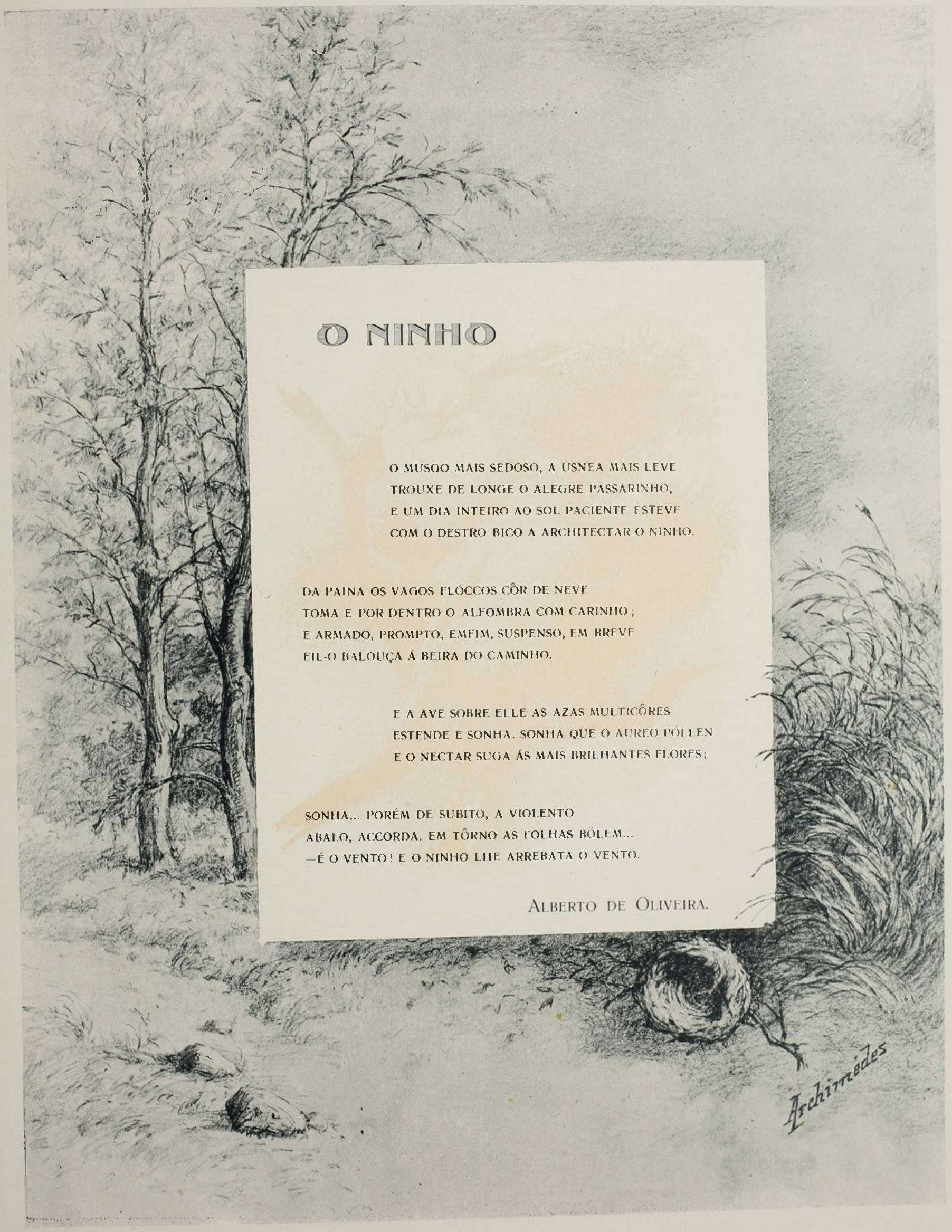
Depois de haver passado mais de cinco annos (1898 a 1904) naquella missão voltou agora ao Brazil o Sr. Graça Aranha. Cremos não ser indiscretos dizendo que assim como elle levou d'aqui na mente o romance que lá escreveu, nos vagares que lhe davam os trabalhos da Missão, assim de lá trouxe o novo livro que será aqui escripto, não duvidamos, digno par de *Chanaan*.

Para o Sr. Graça Aranha a literatura, a Arte, como elle prefere dizer, é uma preoccupação grave, quasi austera. Elle a estudou funda e carinhosamente, em todos os seus aspectos, nestes annos de Europa, chegando a esta conclusão, que, bem entendida, é a Arte a grande regeneradora da vida.

Da contemplação san de suas obras, da meditação e comprehensão das suas producções mais eminentes, quer no dominio da poesia e da musica, quer no dominio da plastica devem sair as emoções regeneradoras do espirito e do coração humano. E na sua esthetica, como já em *Chanaan* se vê, consubstanciam-se intimamente um profundo sentimento de piedade humana e da pura arte isto é, a sensação funda das cousas, da natureza, da vida, das suas formas e aspectos exteriores e tambem da sua significação intima e mysteriosa.

E' na quasi perfeita unidade destes factos que está a superioridade dessa obra; esperamos que crescendo e desenvolvendo-se o engenho do Sr. Graça Aranha se completará na obra verdadeiramente prima que *Chanaan* nos deu o direito de esperar.

V.



O NINHO

O MUSGO MAIS SEDOSO, A USNEA MAIS LEVE
TROUXE DE LONGE O ALEGRE PASSARINHO,
E UM DIA INTEIRO AO SOL PACIENTE ESTEVE
COM O DESTRO BICO A ARCHITECTAR O NINHO.

DA PAINA OS VAGOS FLÓCCOS CÔR DE NEVE
TOMA E POR DENTRO O ALFOMBRA COM CARINHO;
E ARMADO, PROMPTO, EMFIM, SUSPENSO, EM BREVE
EIL-O BALOUÇA Á BEIRA DO CAMINHO.

E A AVE SOBRE ELLE AS AZAS MULTICÔRES
ESTENDE E SONHA. SONHA QUE O AUREO PÓLLEN
E O NECTAR SUGA ÁS MAIS BRILHANTES FLORES;

SONHA... PORÉM DE SUBITO, A VIOLENTO
ABALO, ACCORDA. EM TÔRNO AS FOLHAS BÓLEM...
—É O VENTO! E O NINHO LHE ARREBATA O VENTO.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Archimedes

A ARTE

I

O *Kósmos* apresenta-se como uma—revista artistica, scientifica e litteraria;—o publico, porém, a considera uma revista eminentemente artistica. Basta, para se lhe reconhecer este caracter, attentar na perfeição do trabalho typographico; apreciar a lindeza das gravuras; notar os esmeros da arte, que refulgem nas nitidas e interessantes paginas d'esta publicação, que parece ser a unica d'este modelo entre nós.

Sob tal ponto de vista, fallaremos d'um pouco de esthetica aos leitores, amantes da sciencia, que lança n'alma do paizagista, ou na mente do esculptor, a chamma divina da idéa, que lhes inspira, nos arroubos do enthusiasmo, concepções admiraveis, realisaveis com o pincel, ou com o escopro.

O campo é vasto e já muito roteado, não obstante resta o que respigar com o cuidado de cultor solicito e diligente.

Previno, desde já, aos leitores de que as paginas, que vão ler, não são inteiramente originaes, apenas serão uma d'essas versões, que certos escriptores e criticos reputam—*des paraphrases, ou plutôt ce qu'on designe aujourd'hui sous le nom d'adaptations.*—Todavia é difficil conversar a respeito das artes; a esthetica dos modernos é muito differente da antiga. Novas necessidades, novas aspirações crearam expressões inteiramente estranhas, fórmas inesperadas, onde palpita o sentimento da vida, onde a materia transforma-se num echo d'essa immensa harmonia da natureza, desde os primeiros arreboes e pompas na primeira hora da creação do mundo ao sopro do Omnipotente, ao rapido—*fiat-lux*.

Quantas questões a esthetica moderna suscita no meio das evoluções sociaes!... D'ahi uma série de systemas—realismo, idealismo, impressionismo etc. etc.

Não se pretendeu que a arte não fosse, sinão a copia servil da realidade material e positiva? Não elevou-se a photographia á altura d'uma das artes modernas? Os idealistas não apavoraram-se diante d'esta invasão de barbaros?

Porque,—pergunta um escriptor moderno,—a photographia, outr'ora tão desprezada dos artistas, pelo contrario, hoje como que domina sobre os confins da propria arte? Ora, eis ahi um fecundo assumpto de conversação esthetica para os leitores do *Kósmos*.

Tem-se fallado muito mal dos photographos e da photographia, escreve outro autor, cujas paginas lemos com vivo interesse. E' verdade que a photographia, tal qual a conhecemos, abunda de muitos defeitos, que são a negação d'arte, sem ser absolutamente a nudez, a realidade, affirmação da natureza: não está tão perto da verdade como não está da natureza. Ella exagera a perspectiva a tal ponto, que uma estrada, tomada de frente, fugindo direito para o horisonte, parece-se com uma pyramide; uma meza quadrada, vista da mesma maneira, mostra-se quasi triangular, ou uma das mãos estendida é mais volumosa do que a cabeça da pessoa, a quem a estendemos.

Em verdade, não ha negar,—a photographia traduz com excessivo desaso as côres, as mais necessarias, de sorte tal, que um tecto vermelho torna-se escuro, e o céo azul faz-se branco. Observa o autor que, d'esta guiza, suprime o céo e o Mediterraneo e, desde que altera as côres e formas, não conservando aquillo, que é mais importante, não póde ser considerada capaz de exprimir a realidade. As montanhas de nuvens, enfileiradas no céo, rompem-se, como o papelão dos *para-fogos*: as barcas pintadas de preto, que harmonisavam-se com a onda de azul carregado, ou sombrio, assemelham-se á moscas cahidas dentro d'um vaso de leite. As folhas douradas do outono e os bagos brancos de uvas bem maduras convertem-se em objecto de côr negra, como gottas de tinta preta esparsas por sobre papel. O reflexo do sol tão brilhante se nos afigura o alvor da neve. Uma arvore, vista contra a luz, toma aspecto muito sombrio de tal sorte, que se lhe não póde descriminar a fórma.

De mais, tendo assim desprezado a verdade sobre pontos capitaes, a photographia torna-se d'uma exactidão indiscreta e bisbilhoteira acerca de certas minudencias, que causam escandalo.

O escriptor, á esse proposito, diz—«Como o *Intime des Plaideurs*»—a photographia passa pelo principal da scena esthetica, unico objecto, em que fitam-se olhos e corações e estende-se longamente no tocante a ninharias estranhas ao assumpto. Conta parvamente as pedras, que jazem, semeadas aqui e acolá, por sobre a areia da praia, quando não foi capaz de dar ás agoas da corrente uma idéa bem diversa da côr da cabelleira ruiva, arrastada pelo chão. Rigorosa e estupida, como uma estatistica, prosegue o autor, enumera as folhas das arvores, as cortando rudemente, como si fossem folhas feitas de ferro. Os seus traços nada valem; o luzidio das côres negras, ou brancas extremas e juntas umas ás outras, sem ancenubios de reflexos, sem intervenção de claro-escuro, em fim a monotonia do seu tom, sempre o mesmo por toda parte, sem um accento, sem uma vibração das—*mortalia córda*—onde se surprehenda alguma impaciencia, onde sinta-se passageira alegria; onde descubra-se qualquer desfallecimento... esta lamentavel perfeição, egual em mil provas, nas quaes acha-se tudo, que é mechanico e das quaes tudo, que é humano, parece cabalmente estranho...

Estas criticas são justas e razoaveis; mas quem n'as merece? A photographia, ou os photographos? O sol, ou o laboratorio escuro?

Terão os photographos, de facto, empregado meios para evitar taes erros?

Basta breve exame para verificar-se que, em vez de evital-os, ao contrario procuram reincidir nelles.

Para os photographos a secca definição do traço não é um defeito, antes é, uma boa qualidade: é o que elles chamam—fazer LIMPO—e que consideram um defeito e denominam—*flou*—vocabulo de desdem, que, na *giria*, lança á execração publica—a graciosidade, a indecisão, a frescura, tudo, que os artistas procuram, logo no principio da carreira, como dons preciosos.

Quando, desde 1853, continúa o escriptor, cujas idéas reproduzimos, cujos conceitos expressamos, quando Sir William Newton e mais tarde John Leighton e Buss sustentaram perante as sociedades de photographia de seu paiz—que todos os planos não deviam ser egualmente—limpos—e que certas linhas só apenas deveriam figurar sobre o fundo,—provocaram uma procella de protestos... Sacrificar uma herva, um cabello, um calháo, isso nunca! A orientação dos photographos era então, como ainda hoje,—que, quanto mais uma prova mostra, minucias, tanto mais bella é; e, quando as mostra mais niti-

damente,—ainda melhor, porque attinge o fim: importa que, á vista da photographia d'uma cidade, cada contemplador possa contar, uma por uma, as casas e, em cada casa, distinguir as janellas e dizer: aquella é a minha casa e a cortina está fechada!

Todas as perfeições de diaphragmas, de placas, de reveladores, de papeis tem sido feito para obter-se minudencias ainda as mais imperceptiveis, uma percepção de preto e branco mais accentuada, vestigios subtis, uma documentação mais rigorosa—todas as cousas, que a sciencia exige em suas investigações, mas que a arte repelle. Não ha de que se espantar, vendo coroados os esforços feitos para obter o que é feio!

A mesma tendencia observa-se quanto á exageração da perspectiva.

Muito se tem fallado dos defeitos da *objectiva* e da aberração da *sphericidade*,—mas quando se fallará tambem da aberração dos *operadores?* E' verdade que certos instrumentos deformam as linhas rectas nos cantos da imagem; em tal caso porque escolher aquelles instrumentos? Si notam-se exagerações de perspectiva nas objectivas de grande angulo, porque não escolhem-se as objectivas de pequeno angulo, que não darão este resultado monstruoso? E, si a objectiva é de grande angulo, porque collocal-a tão junto da cousa, que se vae photographar de modo, que as linhas principaes partam debaixo da prova e sejam assim excessivamente augmentadas na parte inferior da imagem, e diminuidas excessivamente á medida, que sóbem e fogem para o horisonte?

Porque?

Simplesmente porque o photographo quer reunir a maior quantidade de cousas possiveis, no espaço do aparelho, afim de ver simultaneamente o que se lhe roja aos pés e o que eleva-se acima da linha do horisonte. Por que em seu desejo de abranger grande somma de minucias e, em sua profunda ignorancia da lei dos sacrificios necessarios, quer alcançar com os olhos o objectivo, já que o não póde fazer com um só olhar. E' assim que nas provas, cuja perspectiva nos incommoda, a photographia vê-se coagida a registrar muitos planos, que não percebia no seu complexo e que nunca teria reunido em sua imagem, não os reunindo na nudez da realidade.

Ahi está o defeito; não vem da objectiva; procede, pelo contrario, de haver mais subjectivo no operador; resulta do seu falso sentimento do bello.

Dai, exclama o critico, dai a este photographo um lapis: elle commetterá, desenhando, os mesmos erros. Dai a um artista a mesma objectiva, o artista não n'os commetterá.

O que tambem não fará é uma paysagem sem céo, como tem praticado todos os *manejadores do collodio*, ou do gelatinabromuro. Acaso deve-se imputar ao apparelho a suppressão da côr local, que é a mais necessaria?

Certamente—quando trata-se d'um céo azul, por que esta côr impressiona mui fortemente a placa de sorte, que não fica, sobre esta placa, alguma cousa para dar um tom á prova e que assim tudo que era azul na natureza, torna-se na imagem—branco. Ha, porém, muitos meios de arremediar este inconveniente.

Ha vidros de diversas côres, que permittem deixar ficar por longo tempo ante a placa as côres, que chegam lentamente, sem deixar atravessar um só raio das côres, que escapam rapidas. Ainda ha o recurso de desenvolver mais, ou menos toda parte do *cliché*. Emfim póde-se, quando servimo-nos do papel—charbon—de gomma bichromatico, reservar, no acto de tiral-o, um tom para todo céo.

Muito antes de fallar-se no papelão, PARA-FOGO-orthochromatico, um inglez—P. Robinson—estendia céos d'um tom muito firme e variegado sobre os tons das paysagens.

Vê-se, pois, que a ausencia do tom do céo, entre os photographos d'outr'ora, não era devida unicamente á imperfeição da photographia, antes á negligencia dos photographos.

Da mesma sorte elles se privavam dos grandes effeitos da luz, effeitos a Turner e a Claude Lorrain, ensinando que é indispensavel sempre voltar as costas ao sol, não por temerem os accidentes, que podessem sobrevir; mas porque pouco se lhes davam a elles com os effeitos a Turner, do que d'um tom justo para o céo. Elles bem pouco importavam-se, porque estes effeitos artisticos de certo não obtêm-se em geral, sinão á custa da minuciosa e scientifica definição das minucias.

Tocadas em cheio pelos raios do sol, as veias d'uma pedra, as ramas d'uma arvore reluzem mais exactamente. E na representação da figura humana, não é um effeito caracteristico e vigoroso, que se póde inteiramente observar, é um clarão egual, pallido e brando. Para os photographos pois, não sómente não é necessario o accento, ao contrario é prejudicial e, si percebem no CLICHÉ, por sobre a mascara humana, um traço vivaz, uma ruga um pouco sublinhada, um relevo, elles apagam tudo isso com summa destreza, afim de que a epiderme arredonde-se á semelhança d'uma pellicula cheia, e que a sombra espalhe-se sobre o oval da face, como sobre o bojo d'um balão.

Tudo isso referia-se tanto aos photographos, quanto á photographia. Eis ahi porque os artistas tinham toda razão de condemnar as provas, que se lhes mettiam pelos olhos;—iam porém um pouco precipitados, asseverando que o processo não poderia dar outras provas. No dia, em que homens de gosto fino e seguro surgiram, deixaram de parte os dogmas photographicos e produziram obras delicadas e harmoniosas.

Já não se acha nenhuma perspectiva exagerada nas scenas do interior dos Srs. Puyo, nem de Demachy; nem minucias inuteis nas paysagens de Bucquet; nem carnes flacidas nas figuras de Mashell, de Kuhn etc.

Onde o céo é azul na natureza, é tal e qual reproduzido na imagem por um tom assaz forte. A mania de fazer inventario, o gosto do arrolamento, hoje condemnado, já inteiramente desappareceu da arte. Hoje os artistas procuram, não as minucias, mas o complexo, o todo; não a accumulação dos factos, mas a simplificação das idéas. Elles têm escolhido—não as horas meridianas, quando tudo se vê, mas as horas crepusculares, quando os objectos apenas desenham-se e deixam-se advinhar. Lembram-se de que é um erro d'arte—o querer definir tudo, pois que diante d'uma cousa definida, nada mais resta á imaginação. O indefinido, pelo contrario, é a senda, por onde se vae ao infinito. Tal valle, tal collina, tal dique, objectos banaes, si lhe virmos todos os contornos, tornam-se, meio encobertos pela bruma, cousa desejavel, porque é menos possuida; curiosa, por menos conhecida..,

O *flou* é justamente para o *limpo*, o que a esperança é para a saciedade. E' o equivalente, n'arte, d'uma das cousas amadas da vida:—esta deliciosa incerteza d'uma alma, onde já penetrou a esperança e ainda não entrou a

seguridade; onde o desejo, que começa a apparecer como realisavel, não deixa de ser avigorado na lucta contra os obices, que o atrapalham; onde tudo promette-se e não dá-se; onde advinha-se e não se confessa; onde as figuras e as paysagens, o céo e a terra—até o proprio amor—apparecem ao impulso de incertas suggestões da alvorada e não sob a torrida, enfadonha e fatigante definição—dos meio-dias...

. . . . . .

Tendo dado aos leitores, como materia de passageira conversação, algumas idéas sobre a arte, não queremos prival-os de acompanhar o autor, cujos conceitos continuaremos a reproduzir, ora fielmente, ora com aquella ampla liberdade, que o velho Horacio—pedia e concedia—*pictoribus atque poetis*.

O nosso autor é um critico, que tomou para assumpto de suas observações estheticas a photographia e os photographos.

Mas, perguntarão, o que tem a esthetica—sciencia do ideal, do bello, que Platão denominou o *esplendor da verdade*, o que tem esta grandiosa disciplina intellectual com a photographia, a menos ideal das artes,—antes pura e simples machina...

Esta pergunta, que alguns farão inconsideradamente, obriga-nos á pedir-lhes que attendam bem ás considerações, que o nosso autor expõe a respeito da machina e do artista: num e noutro comprehende-se a arte. O artista e a arte identificam-se. Um vive do outro; si o artista fôr genial, as creações estheticas serão sublimes; a arte, que as exprimir, estará em correspondencia. O nosso autor mostra como, na machina, scintilla a luz maravilhosa do bello; como o artista communica á machina as commoções, que experimenta ao influxo do—*Deus in nobis, agitante callescimus illo*...

No primeiro artigo apontou os defeitos da photographia e os erros e dogmas dos photographos, os processos viciosos, que produziam obras defeituosos, por exemplo, céo sem côr, ou que faziam do azul branco, do preto ruivo, etc.

O autor sustenta que o artista intervem na obra photographica, e discorre amplamente, demonstrando que essa intervenção é triplice.

Elle pondera:—supprimir certos defeitos da imagem photographica é cousa excellente, mas para que esta imagem seja uma obra d'arte, não basta fazer tal suppressão, embora sobejem boas qualidades, entre ellas a presença do artista, que logo revela-se; já não se vê uma machina, sente-se uma mão. A arte deverá ser aqui—o *homem accrescentado á machina*, como dizia o illustre philosopho Lord Bacon.

Acabamos de ver, porém, que o homem não estava de todo ausente, pois que uma quantidade de defeitos provinha menos da machina, do que de sua vontade e menos ainda de sua vontade,—do que de sua intervenção mal dirigida: tudo isso notamos no artigo precedente. Pensa-se que esta intervenção reduz-se a bem pouco:—escolher o sitio para collocar o apparelho, aconselhar as attitudes, graduar a luz—eis ahi tudo. O que a placa registra, deve ser conservado, e o que não registrou, não deve ser introduzido. Tudo que o photographo póde fazer depois, é derramar mais ou menos acido no revelador. Seu genio ousará substituir o *pyrogallol* pelo ferro, ou o papel *aristotypo* pelo de grãos. O que ha de pessoal neste trabalho? Onde o sentimento, a emoção, o accento, que dá um cunho á obra, uma assignatura e faz reconhecer o operario?

Onde o traço, que dirigido pela mão,—resume, synthetisa, por um vestigio, ou signal, uma expressão, uma attitude, caracterisando uma raça, ou epocha do modo, pelo qual fazia o lapis de Gavarni, ou de Forain? Onde o espirito de composição, que reune na mesma obra documentos tomados em logares differentes? Onde a imaginação que cria o increado, realisa aquillo, que não é real? Onde esta visão personalissima, que faz que Corot, Rousseau e Millet em frente da mesma paizagem, comporiam tres paineis diversos, como as vistas de differentes planetas, entretanto que dez placas, perfeitamente ajustadas no mesmo sitio, darão, nas mãos de dez operadores differentes, dez imagens inteiramente eguaes?

Tudo isto não é estranho a uma photographia, por mais bella que seja, como são auzentes as côres, que, unicas, dão ás cousas relêvo, fórma, distancia e brilho?

Estas objecções são fortes; ainda muito mais o seriam, si tivessem fundamento.

Antes de tudo, póde-se pedir á photographia as qualidades brilhantes e deliciosas da pintura e da architectura, ou da musica?...

Não se póde comparal-as, sinão a duas cousas comparaveis: ao lapis, aguada de tinta da China, á sépia, isto é, a toda imagem em negro e branco, ou em uma só côr graduada no tom mais sombrio—quasi preto—até o mais pallido, quasi alvo.

Ainda se lhe póde permittir ser outra cousa e não se lhe negar o nome d'arte. Si não fosse assim, ter-se-ia de o recusar ás obras de Allongé, ou aos desenhos de Lhermitte, que nenhuma relação têm com o lapis de Ingres. Emfim póde-se admirar no mais alto gráo a probidade de Ingres, a profundeza de Gavarni, a synthese de Forain, a analyse de Caran d'Ache, sem por isso dizer que toda arte de preto e branco mantem-se entre o retrato de *Thomaz Vireloque* e dos desenhos subtis de *Doux Pays*.

De feito, o nosso autor tem razão, porque a questão não versa sómente em saber—si a photographia possue as mesmas qualidades, que os outros processos artisticos, porém si possue alguns, que sejam dignos de serem comparados; si o papel do artista é muito importante para modificar o aspecto d'uma obra; emfim, si intervem muitas vezes para aquinhoar na *producção* e não ter simplesmente parte na *reproducção* e que se tem o talento de accrescentar á belleza do sitio, que a todos pertence—uma idéa, um sentimento exclusivamente seus. Diz o nosso autor que, examinando as operações photographicas, reconhece que o artista intervem em trez momentos differentes.

Primeiro: elle escolhe a natureza do objecto, que se tem de representar; parece simples, mas de certo não é tanto. Na natureza, diz Corot, nunca duas cousas são sempre eguaes e os sectarios do estudo—*après nature*—Bertin e Aligny—consideram haver grande merito—em saber assentar-se melhor do que ninguem. Assim é uma sciencia—o achar o ponto justo d'onde o objecto deve ser visto e considerado e não só o ponto, mas a estação, a hora, o tempo, a razão de ser do motivo.—*Quis, quid, ubi, quibus auxiliis, cur, quomodo, quando.*

Em verdade, o mais bello objecto do mundo poderá ser um mediocre assumpto para um quadro, si não fôr visto sob o angulo apropriado e conveniente—no momento esthetico;—e, por outro lado, que assumptos admiraveis em humilissimas cousas, que nos rodêam—si o coração e os olhos sabem descobril-as?! Uma estrada curva, uma barreira recta, um tecto fumegante, um tronco retor-

cido, uma hastea inclinada, um charco sobre cuja superficie o céo estrellado reflecte-se, tremulo, com suas nuvens, resteas de luz e de sombras... todos esses nadas ás vezes, inspiram os pintores e lhes geram n'alma admiraveis creações estheticas.

Em derredor de nós, a natureza continuamente pinta paineis subitos, rapidos, porém deliciosos.

Releva não n'os crear—elles existem: releva vel-os, surprehendel-os e reproduzil-os. E' uma fortuita felicidade, disse Julio Breton, quando a natureza nos dá a contemplação d'um painel acabado.—E Fred. Walker, o admiravel pintor de *Habour of Refuge*, reflexiona:—que a composição não é sinão a arte de conservar um feliz effeito percebido no acaso.

Não se pense, affirma o autor, cujas idéas reproduzimos, não se cuide que é indispensavel ir alguem galgar a penedia de Etretat, ou voltear o castello de Chillon, ou subir a torre quadrada de S. Honorato nas Ilhas de Lerins, para traçar uma obra-prima. O paiz o mais pictoresco, a quem não sabe descobril-o, não fornece nenhum assumpto, digno do pincel, nas variações perenes dos paizes monotonos.

Saber vêr! Eis ahi um ponto importantissimo, quiçá insupprivel. Mas, ai! quantos artistas, pintores, ou amadores passam pelas paizagens—rente ao bello painél—como os ambiciosos nesta vida, sem vel-o!

E lá se vão embóra, uns e outros carregando a bocêta de tintas em busca de maravilhas longinquas, que as vezes não correspondem ao que esperavam elles, que não souberam vêr os esplendidos desenhos, que os raios crepusculares estendiam em frente de suas moradias!

Tratam-se de figuras? E' a mesma cousa. Si é verdade dizer-se que um problema bem formulado já está meio resolvido, deve-se pensar que ainda é mais—quando uma figura bem talhada está quasi desenhada. O resto é trabalho de destrêza manual e firmêza de vista.

Mas a composição é tarefa melindrosa—de segurança, de intuição d'alma e de iniciativa original. Ora o photographo compõe. Elle dispõe, sinão a imagem, ao menos a realidade. Elle coordena, sinão as linhas, gravadas por sobre a taboa, ao menos as linhas viventes, que lhe perpassam pelos olhos.

Para fazer a SOURCE, o nosso esthetico affirma—não bastar somente saber desenhar, como Ingres: era necessário *compôr*, qual o sabia Ingres. O modelo empregado, de certo, não sabia por si mesmo tomar esta attitude simples, nobre e delicada. O photographo acaso não faz o mesmo?

A attitude entre o photographo e o artista vê-se até nos conselhos, que dão aos que servem de modêlos. Conhece-se o horror habitual dos retratistas pelos panos sem fenda, sem dobras. A primeira photographa, artista da Inglaterra, Mad Cameron, conta em suas—*Memorias*—uma anedocta, que mostra que este horrôr tambem a pungia. Os successos e fama de seus retratos de mulher valeram-lhe, uma feita, a carta seguinte:

—«Miss Lydia Luiza Summerhouse Donkins é pessoa, que possue equipagem e, por conseguinte, pode affirmar á M. Cameron que chegará com *toillette* não amarrotada.

«Si Miss Lydia Luiza Summerhouse Donkins ficar satisfeita com o retrato, Miss Lydia Luiza Summerhouse Donkins tem uma amiga, que egualmente possue equipagem e irá tambem se retratar.

—Resposta de Mad Cameron. Respondo a Miss Lydia Luiza Summerhouse Donkins que Mad Cameron, não sendo photographo de profissão, lamenta muito lhe não poder fazer o retrato, mas que si M. Cameron o podesse fazer preferiria muito mais vêr tal *toillette* bem amarrotada (*Annals of my glass-house*).

Enganam-se aquelles, que acreditam que a composição photographica limita-se ao retrato, ou á uma pequena scena do genero moderno vista á luz da officina. Ha photographias de grandes scenas historicas, de personagens fabulosos e num abrir e fechar de olhos rapido. Tem-se tirado retrato de S. Cecilia, do doutor Fausto em seus laboratorios, de Judith entreabrindo a cortina por onde filtra a luz, de Christo morto, estendido por sobre a pedra. Não dizemos que sejam primores d'arte, esmeros de esthetica, não são todavia obras que se desdenhem.

Admiram-se muito, no palacio Doria, em Roma, dous quadrinhos de Von Hontorst, denominados—*della Notte*—que sobrepujam, de modo algum, em audacia e verdade de effeito—as photographias de Puyo—*Vengeance e La Lampe file*. (*Puyo Notes sur la photographie artistique.*)

Os primeiros ensaios de composição historica, photographados, foram tentados na Inglaterra e convém ler, para convencer-se do enthusiasmo, que inspiraram, as paginas, em que M. Cameron aprouve-se narral-a.

Enganar-se-ia tambem quem pensasse que as grandes scenas da natureza e da Academia, como a *Vision antique*, são prohibidas á photographia.

O que é esta carruagem fechada, que parou á borda d'uma praia deserta, diante d'um horisonte nú, limitado pelo mar, onde allongam-se sombrias ilhotas? Déscem da carruagem estranhas *touristas!* Mulheres, que se diziam desprendidas dos *frescos* das paredes da caza dos *Vettii*, ou sahidas dos estuques das *Thermas de Deocleciano;* após um homem carregando uma caixa, ainda um *gendarme*... etc.

Toda esta gente caminha por cima das hervas crescidas e demora-se em colher flores. O *gendarme* ahi está para proteger a arte das curiosidades indiscretas, ou de zelos intempestivos dos guardas campestres, dos fiscaes etc. Talvez elle não seja absolutamente esthetico. Não figurará no quadro, entretanto a tropa dos figurantes adianta-se.—*l'une emportant son masque, et l'autre son couteau*—debaixo das oliveiras ao longo da praia, entre as plantas saliferas.

Pela primeira vez, d'esde tempos immemoriaes, os *peplums* sahem dos armazens de accessorios e fluctuam ao ar livre. As aguas reaprendem a reflectir as pregas dos mantos e o vento a insinuar-se na cavidade das plantas. Melhor, do que os velhos espelhos de bronzes que se conservam sob as vitrinas dos muzeos, estas praias dirão ás novas *canephoras*, si arranjam graciosamente as suas açafates.

Não é, de feito, anachronico, levando a *figura roupada* em pleno ar; os photographos restauraram a vida antiga; em verdade esta paizagem nos conserva e reproduz o *meio*, onde acotovellavam-se os contemporaneos de Tibullo. Um piano ficaria espavorido de ser tocado por um homem vestido com um *himation*; mas desde que esse homem divaga pela borda do mar e percorre os bosques, nenhum trajo lhe assenta tão bem e harmoniza-se com as linhas da natureza. O quadro reconhece a figura e lhe sorri. Sob a oliveira—*tarde crescens*—no paiz do—*ver assiduum*—ninguem espanta-se mais de vêr que os jogos e festas, esculpidas sobre os relêvos, revivem.

A *Vision antique* vae passar... O subtil photographo escolheu logar e hora, semblantes e roupas: elle sabe e conhece as—*poses*—(*) que quer reproduzir; o grupo, que tenciona formar.

Elle já tem dito a seus modelos como *posarão* e em sua mente o quadro já está feito. Copiará a realidade, quando, a realidade lhe facilitar a sua visão—antes não! —calculou a altura das cabeças sobre a linha do horisonte; a extensão das sombras; o angulo dos raios do sol declinando; a passagem da luz sobre o cotovello e as espaduas; as pregas, que fará o vento, quando levantando-se, fluctuar o véo e toda tunica segundo o rythmo, que se observa na VICTORIA DE SAMOTHRACIA. Vae de um a outro lado do penedo. Vinte vezes a attitude foi tomada; vinte vezes abandonada: porque? Ah! não era assim *Ariane!*

Queria-se abandonar o logar, eis sinão quando, de subito, sem querer, em gesto espontaneo,—o modelo realisou o ideal!... Durante um segundo Ariane tornou-se visivel—contando aos rochêdos os seus infortunios!—Rapido e subito, qual relampago, o photographo registra sobre a placa sensivel tudo que meditou, quiz fazer e preparou desde longo tempo.

(*) «Póses», POSAR—são vocabulos usados por Almeida Garrett nas—Folhas cahidas—Parceque tem carta de naturalisação... Custa muito pouco o baptismo classico dos puristas!..

Ousará alguem dizer que em tudo isso não ha composição, nem intervenção de artista?

Esta intervenção certo não vae além, não perdura; eis a objecção dos criticos.

Ella resume-se na escolha do objecto para paizagem e uma especie de agrupamento quanto ás figuras, como si se puzesse em scena um *tableau vivant*. E quanto outra cousa não fosse—acaso seria um nonada?

Esse desprêzo provoca gargalhada; os criticos parecem uns *simplorios*, que de ordinario não julgam os quadros, as paizagens, e estatuas, sinão sob o ponto de vista da escola do assumpto e da disposição dos personagens e nunca sob o ponto de vista da *factura!*—

O nosso autor prosegue noutras considerações, desenvolve e sustenta uma longa serie de criticas, que pesa-nos não podermos reproduzil-as agora, principalmente a demonstração da triplice intervenção do artista na obra da machina. Viram os leitores que si, por um lado, o nosso critico aponta os defeitos da photographia, por outro assignala e engrandece-lhe os meritos, elevando-a á radiante cathegoria da esthetica pela intervenção do sentimento, da idéa, da alma do artista emfim!

Rio de Janeiro—Novembro de 1904.

EUNAPIO DEIRÓ.

OS DE HOJE (*)

(BENEVENUTO BERNA)

DÃO se lhe vá pedir grandiosidades miguelangelescas, refulgencias de genio na estructura cyclopica de colossos, empolgantes desabrimentos de audacia á Rodin ou a elegante voluptuosidade do feminino de Falguiére e de Pomeroy, porque a sua indole é outra e outra a sua arte.

Benevenuto Berna possue a observação de um naturalista e a paciencia operosa dos toreuticos. Não trabalha a golpes febris, debastando o barro com a violencia dos inspirados; esculpe com a tactibilidade de quem procura o verdadeiro e deseja chegar a um fim seguro. E por essa qualidade foi um vencedor no curso academico. A sua estatua em gesso—*Excelsior*—deu-lhe a medalha de ouro em 1889, o busto de africano, exposto no anno seguinte, consagrou-o. Estava feito o artista.

Não posso falar d'esse tempo sem me recordar de um contemporaneo seu, que foi um grande talento inutilisado.

Chamava-se Emmanuel Lacaille. Lá se vão uns treze annos, contados de relance, que elle desappareceu na bocarra fria d'uma cóva. Era esguio, tendente p'ra loiro e meigo. O rosto, muito branco, descia em oval para o queixo onde se aguçavam os pellos macios da primeira barba, e por este desenho brusco a cabeça accusava-se grande, sob o chapéo napolitano que lhe dava o facies romantico dos bohemios artistas.

Naquella grande cabeça havia idéas grandes, uma confusão de cousas sumptuosas, saber e sonhos, estudos minuciosos de anatomia, amontoados capitulos da Civilisação, leituras predilectas de Augusto Comte, tercetos de Dante e versos de Petrarca, syntheses de operas de Wagner e apontamentos de pathologia. E por esse motivo, aguardando que a mão se lhe ageitasse melhor no manejo dos esboçadores, esperava-se d'elle um d'esses artistas extraordinarios, aos quaes bem cabem os bellos versos de Gautier:

Sous le laurier mystique et le divin rayon,
Tu t'avances traîné par l'eclatant quadrige,
Entre la Rêverie et l'Inspiration...

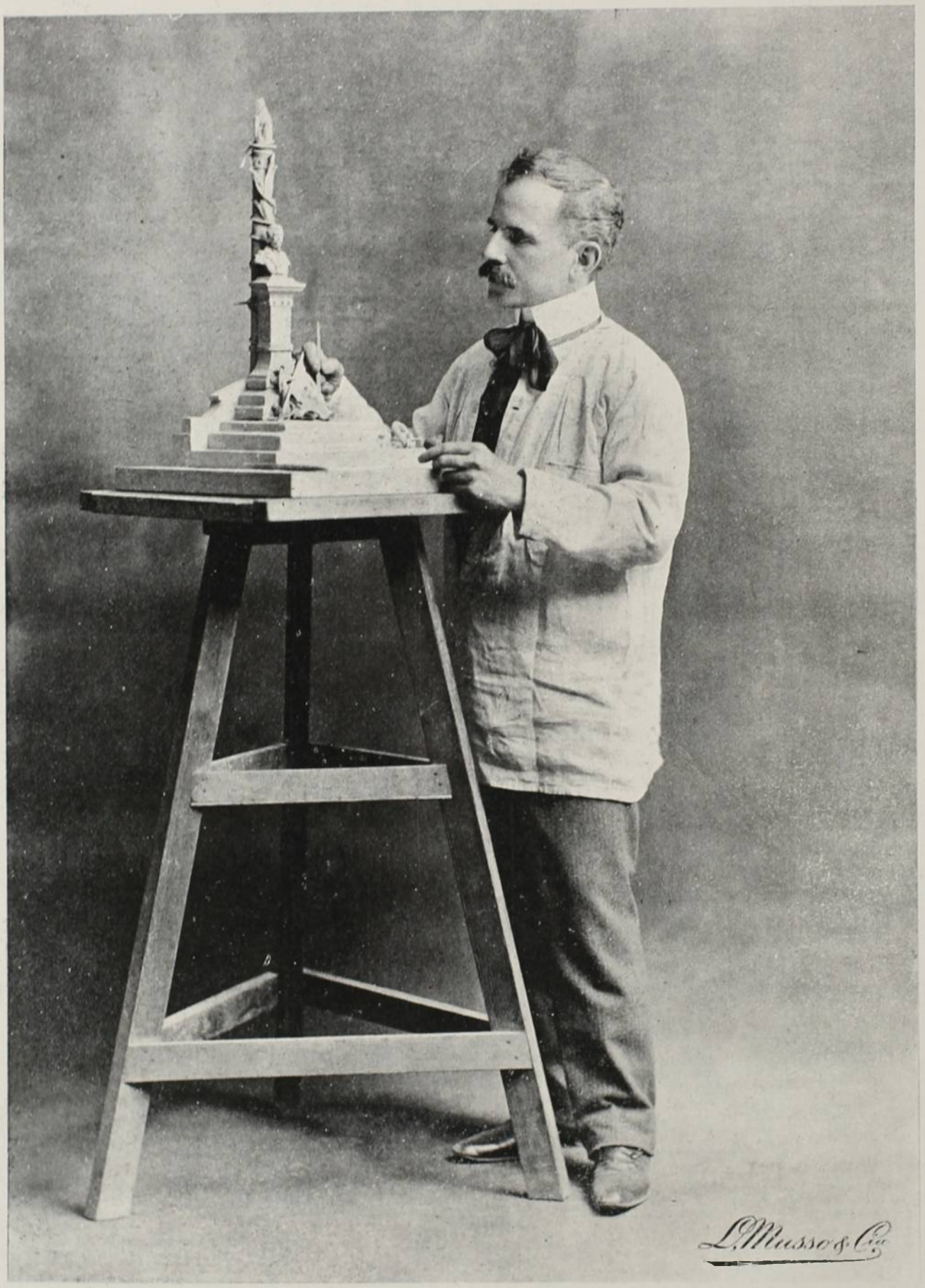
Mas, não sei porque desgraça, quando o meigo Lacaille dobrava um dos annos da mocidade, o desalento o feriu traiçoeiro, e o moço esculptor foi descendo de tédio em tédio, insentidamente, para a morte.

Em quanto Lacaille mergulhava no pessimismo que o anniquilou, seu companheiro Berna, arrostando com a responsabilidade dos successos colhidos, enclausurava-se na officina, consumia proveitosamente as horas em frente do tamborete das *maquettes*.

A sua natureza reflectida e observadora tirou d'esse labor quotidiano a prevista vantagem: em pouco tempo a sua habilidade modeladora conseguiu essa calma segurança que faz do trabalho vindo de suas

(*) *Este titulo é o do segundo tomo de uma obra, que o auctor d'estas linhas prepara. O primeiro, já muito adiantado, tem por titulo*—Os de Hontem.

mãos uma obra acabada, como deve ser a destinada ao povo, a qual não deixa ao entendimento d'elle a suspeita de a ter comprehendido mal. E' notadamente nos bustos-retratos que mais se accusa essa conscienciosa maneira. Todo o seu trabalho guarda uma proporção resaltante e se recommenda por um acabamento uniforme, em que não entra o intento de impressionar por um falso vigor nem o de aturdir pela extravagancia que, ao commum das vezes, é confundida com independencia de fazer.



A tal respeito o professor d'esthetica do Collegio de França, o Sr. Eugenio Guillaume, irritado nos seus principios de bom academico, escrevia na circumspecta *Revista dos Dous Mundos*, referindo-se á exposição d'esculptura em 1882: «Os ensaios de revolta são frequentes e particularmente nos bustos. Vêm-se muitos que se apresentam com aspecto mutilado e parecem destroços de estatuas. Um busto não é absolutamente um fragmento: é uma forma creada pela arte. Tira-se-lhe a dignidade e a razão de ser fazendo-se-o egual a um producto do acaso.»

Pondo-se á margem o convencionalismo que esta opinião possa conter, não é de todo infundada e censura do conspicuo professor d'esthetica.

O insistente desejo de fazer *original*, que se apega á pretenção de certos artistas, com especialidade os medíocres desvairados pela ambição do renome a todo o transe, leva-os a exageros mais ou menos ridiculos pelo injustificavel de seus processos e modos. Ha nisso uma falta de seriedade que, agindo em sentido inverso ao desejado, desmerece o pouco que da obra se poderia aproveitar.

E de facto, não será por ter o thorax lascado de revés ou ponteado d'esquirolas como se á viva força houvesse sido arrancado ao corpo, nem por lhe faltar o sóco, por se lhe abandonar o acabado das roupas ou por se lhe descuidar da massa dos cabellos, que a expressão de um rosto, o desenho de uma cabeça, a anatomia, a epiderme, a intensa verdade d'um busto, sahirão do seu nullo valor para o realce das paradigmas da arte. Grande e poderosa a obra será por si propria, por seu merito incontestavel, seja talhada a golpes e abandonada no seu acabamento, seja feita aos poucos e pacientemente terminada!

A obra de Benevenuto Berna não apresenta esta pretenção. Os seus bustos são verdadeiramente bustos, executados para uma determinada collocação, concluidos com o maior, o mais religioso respeito pela *semelhança* , porque, antes de tudo, elle é um esculptor naturalista como se dizia ha poucos annos passados.

E não retira o barro ou a plastelina para o molde, não abandona os esboçadores, senão depois de satisfeitas todas as exigencias da *comparação*, depois de *sentir* o seu trabalho.

São desta feitura o do marquez de Tamandaré e do almirante Saldanha da Gama, em bronze, que estão no Club Naval ; o do almirante Eduardo Wandenkolk, tambem em bronze, pertencente ao Arsenal de Marinha desta cidade e outros. Serão dessa maneira o de João Caetano, que irá para Nictheroy, e o de Francisco Manoel que deve ser erigido no Passeio Publico por iniciativa do hebdomadario *Tagarella*, e que ainda se acham em barro sobre os tamboretes do *atelier*, á espera dos ultimos retoques que os hão de completar na sua precisa reconstrucção typica, transmittida pela photographia, mas que o esculptor reanimará com o calor de sua mão.

E o que hoje é barro perecivel, amanhã será bronze duradouro, fundido sob a direcção e guia do proprio artista nas officinas do Arsenal de Marinha, como tem feito com todos os seus trabalhos, quando os não corta caprichosamente no marmore, á maneira da *Prece*, que é de uma delicada sentimentalidade.

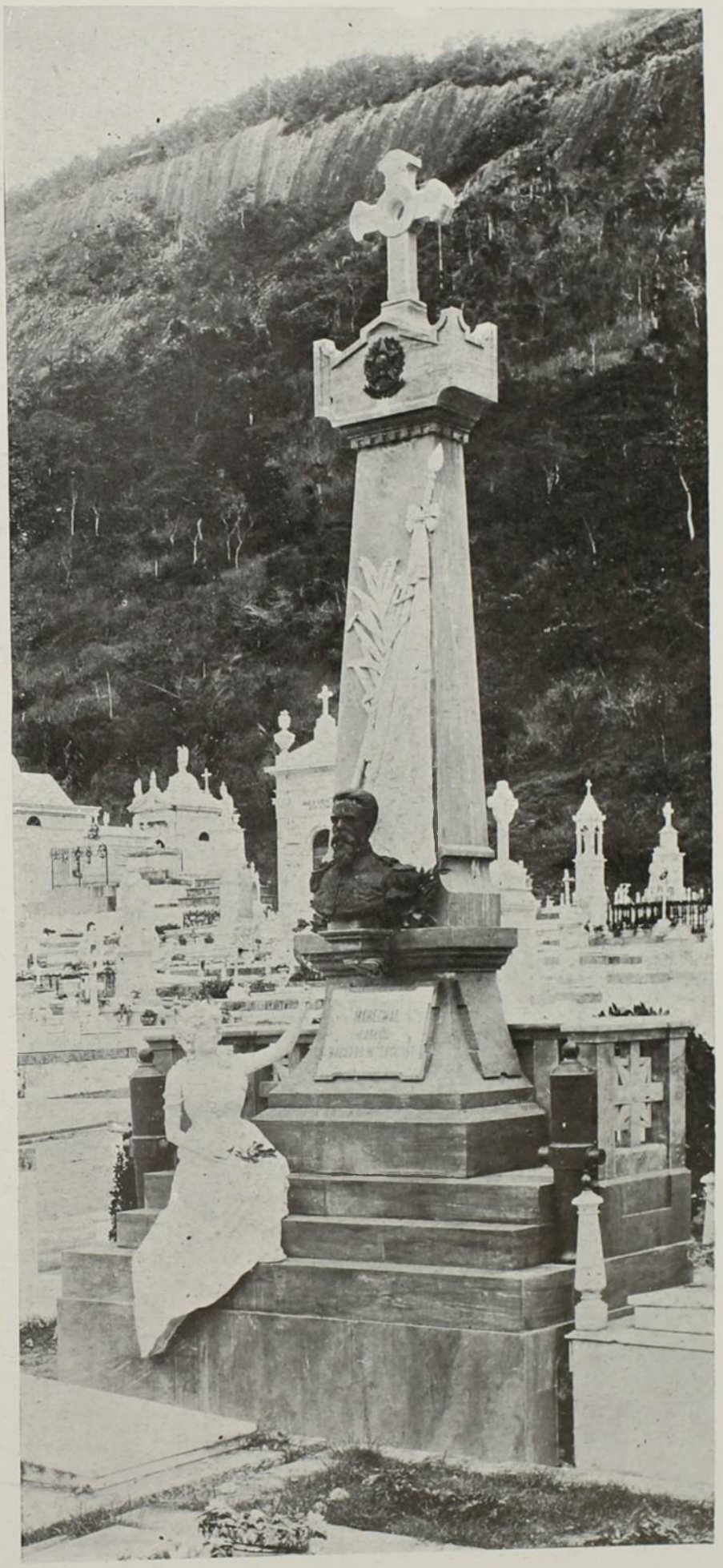
Forçando a estreiteza d'esta arte de copia, Benevenuto Berna procurou o monumento. Para o concurso de uma estatua de Carlos Gomes, aberto pelo Estado de S. Paulo, enviou duas *maquettes*, e já tem erigidos dous mausoléos no cemiterio S. João Baptista, em Botafogo.

Do concurso, em que obteve boa collocação, sei pouco, e este pouco melhor convem ás notas d'uma biographia que ao feitio d'este artigo.

Os dous monumentos funebres, que são de sua auctoria, o do marechal Machado Bittencourt e o do dr. Souza Ribeiro, attestam a sua probidade artistica, provando dedicação ao trabalho e o interesse pôsto no completar a obra que assigna. Ambos obedecem ao classico composito de formas architectonicas e motivos d'esculptura, e o primeiro, sem duvida menos original que o segundo, tem, sobre este, um elance sereno de linhas que lhe dá o quer que seja de elevado á sua idealisação e de grave simplicidade á sua apparencia.

Não insisto em dizer d'elles porque o monumento funebre, em geral, raramente me emociona; é um genero sediço que, podendo contar maravilhosas creações, embaralhou-se nas usanças delineadoras e nos mistiforios decorativos, devido grandemente á incultura esthética dos que o mandam construir, e quando não repete estafados assumptos de allegoria sentimental, cáe numa irritante bugiganga de ornamentação.

Prefiro restringir-me á noticia, que ora tracejo, sobre o moço trabalhador cujo nome epigraphou estas linhas, e que, assim aguardo, um dia verei assignando uma obra destinada ao Futuro.



Novembro de 1904.

GONZAGA DUQUE.

BALLADA

Em vão quero extinguir o meu tormento,
Em vão quero esconder meu grande mal...
Todos os dias, a qualquer momento,
Elle apparece, estupido e brutal!
Gilvaz atroz, o meu! Atroz signal
Este que, em minha face, noite e dia,
Aos outros mostra esta melancolia,
Abre as janellas para minha dor,
Descobre, ao fundo de minha alma fria,
Meu desgraçado, meu funesto amor...

E tanto desejava o esquecimento,
O olvido, a noite negra e glacial,
Onde, occulto, ficasse o soffrimento...
Tanto nas minhas faces, afinal,
Queria ver o aspecto triumphal
De uma grande e saudavel alegria!
Tanto, ser como os outros em queria!...
Mas descubro, tomado de pavor,
Como tenaz, terrivel ironia,
Meu desgraçado, meu funesto amor!

Vivo, por isto, neste abatimento,
Nesta immensa tristeza sem egual,
Vendo o desenvolver, pausado e lento,
D'esta vida tristonha e funeral...
Por isto, amo o silencio sepulchral,
As solidões, as sombras, a apathia,
Onde, nunca, ninguem conseguiria
Surprehender o meu pranto, nem transpor
O logar onde móra e me injuria
Meu desgraçado, meu funesto amor...

OFFERTA :

Alma que, para sempre, estás sombria,
Não queiras apressar minha agonia.
Guarda dentro de ti (triste penhor!)
Máu grado a angustia que te desvaría,
Meu desgraçado, meu funesto amor...

(Das *Medalhas e Legendas*).

OSCAR LOPES.

Abril, 1904.

ESTYLOS EM ARCHITECTURA

III

ESTYLO GREGO

«Entre as diversas aptidões fundamentaes da nossa intelligencia, as «faculdades scientificas e philosophicas» são seguramente, em quasi todos os homens, as menos energicas de todas. Por isso tambem, a influencia immediata dellas sobre a vida real, quer publica, quer privada é de ordinario muito menor do que a das «faculdades estheticas», a seu turno sobrepujadas a este respeito, pelas «faculdades industriaes ou praticas», cuja actividade continua, a um tempo mais facil e mais urgente, deve ser commummente preponderante.»

(Augusto Comte—Systema de Philosophia Positiva—VI volume, pgs. 224-225.)

—

A cabana, morada rustica dos povos agricolas, typo caracteristico das habitações campestres; é o *alpha* do estylo grego.

O homem primitivo, almejando cada vez mais melhorar e progredir, animado dessa ancia crescente de conquista e aperfeiçoamento, abandonou os valles em procura dos planaltos, trocou as baixadas apertadas e estreitas, pela extensão ampla, folgada, indefinida e, ahi, no cimo da terra e começo do espaço, bebendo a largos haustos a luz, abrangendo com o olhar o horizonte illimitado, construiu esse modesto e singelo abrigo, harmonico nos alinhamentos rectos de suas faces e correcto no aprumo da esquadraria—a cabana.

O lavrador primitivo, rude mas não selvagem, originario do Peloponeso, constructor da choupana agreste, foi sem duvida o primeiro architecto.

E d'essa tosca construcção campesina, inicio do sentimento artistico da humanidade, attestado na harmonia das proporções, surgiu, imponente e grandioso, esse estylo admiravel, caracterisado pelo aprumo das linhas, das pilastras e columnas; gloria da velha Attica e deslumbramento d'essa Athenas grandiosa, berço da civilisação, das lettras e das artes.

—

A *columna* é a base do estylo grego, e d'ella se origina o *atrio* e o *vestibulo*.

As columnas gregas são constituidas pelas tres ordens: *dorica* (dorico de Pestum e dorico denticular) *jonica* e *corinthia*.

A ordem dorica surgiu a principio em Pestum, logo depois na Thessalia e posteriormente na Phocida; passando mais tarde, aperfeiçoada e completa, para a Etruria.

O dorico primitivo ou *ordem de Pestum*, guarda algumas reminiscencias de origem egypcia, sendo a columna caracterisada pelo formato tronconico. Grossa e baixa ella eleva-se directamente do chão, como as columnas egypcias, sem base e pedestal, tendo um capitel de formato simples e sobre o qual assenta directamente a archi-trave, vindo em seguida os frizos decorados com triglyphos.

A ordem, apparentando no conjuncto robustez e força, tem linhas severas e elegantes e metopas ricamente lavradas em forma de baixo relevo.

O *dorico denticular* derivativo do precedente, conserva as archi-traves e frisos da primitiva, differindo porém, na columna apoiada em base e pedestal, mais elegante e graciosa; sendo o fuste nesta columna, coberto de canneluras, mais alto e delgado.

O capitel, ornado de uma série de molduras elegantes, affasta-se do typo primitivo, sendo caracterisado pelos denticulos no cornijamento.

A columna jonica caracterisada pelas duas volutas do capitel, foi creação dos jonios.

A raça jonica é uma das quatro do ramo grego primitivo (*Doricos*, *Eolios*, *Jonios* e *Achaicos*), e a que mais pronunciadamente se desenvolveu no ponto de vista artistico.

Os jonios habitavam as immediações do isthmo de Corintho, lingua de terra que separa a Morea da Grecia propriamente dita, e situado entre os golphos de Athenas e Lepanto; d'ahi emigraram na direcção norte do Peloponeso em procura de Achaia, antiga Egelia e de Attica, antiga Ogygia.

O principado de Achaia, constituido pelos ducados de Athenas e de Thebas, tinha por capital Patras centro do movimento intellectual do paiz, e onde, em 146 antes da era Christã, surgiu a columna jonica.

Os jonios adoptaram, como distinctivo caracteristico da columna, duas volutas no capitel, rememorando essa ornamentação a cerimonia dos sacrificos offerecidos em holocausto a Diana em seu templo no Epheso. O animal sacrificado naquella época era o carneiro; as volutas representam os chifres recurvos desse animal.

Leonce Reynault admitte a voluta como originaria do formato dos toucados das athenienses nas festas voluptuosas consagradas a Baccho, Apollo e Diana; outros porém dando ao formato intensões moraes, ligam a espiral das volutas á crença da transmigração das almas e á fórma curva das urnas funerarias das sepulturas, em geral ornadas por columnas jonicas.

Nos circos antigos, onde os divertimentos consistiam em jogos athleticos, as columnas jonicas figuravam nas ornamentações, traduzindo a tendencia da raça jonica, robusta e forte, para a luta e para o prazer; d'ahi a interpretação voluptuosa dada ás volutas e a origem do nome.

O pedestal jonico, mais esbelto que o dorico, compõe-se de seis modulos, tendo a base mais um plintho e o fuste canneluras semi-circulares; e, finalmente, o capitel de formato simples e gracioso é encimado pela ornamentação das volutas.

Os gregos aziaticos adoptavam de preferencia essa columna, como attesta, além de outros, o templo de Diana em Epheso incendiado por Erostrato, reconstruido posteriormente, e mais tarde quasi destruido por completo pelos Godos.

Na Grecia europea o mais notavel exemplo jonico, é o templo da Victoria (*aptera*), construido no seculo de Pericles.

A columna Corinthia, teve origem em Corintho, cidade situada junto ao golpho do mesmo nome e nas proximidades de Attica; sendo attribuida a Collimacho, esculptor de Corintho, a creação do capitel d'essa columna.

O capitel primordial originario do Egypto, ornamentado com folhas de palmeiras daquelle paiz, foi depois substituido por folhas de acantho, herva gigantesca oriunda da cidade de Acantho, no Egypto, e mais tarde transplantada para Corintho.

A origem e conformação do capitel corinthio, de incontestavel belleza e elegancia esthetica, lendaria em toda a Grecia, é assim resumida por Vitruvio:

Tendo fallecido em Corintho uma donzella de extraordinaria formosura, seus paes ornamentaram a singela sepultura com um vaso riquissimo, farto de folhagens e flores perfumosas, e, para impedir que mãos profanas subtrahissem as plantas, collocaram sobre o vaso pesada pedra; a força exhuberante da vegetação conseguiu, porém, ramificar-se exteriormente atravez das fendas e arestas, contornando o vaso de formosas e vicejantes folhas de acantho.

Poucos são os monumentos em Athenas ornados com columnas corinthias, devido á pouca durabilidade dessas construcções delicadas em extremo, e incapazes de resistir aos estragos do tempo.

O monumento choragico de Lysicato de forma circular, terminava em zimborio sustentado por columnas corinthias; esse edificio tambem denominado—*Lanterna de Demosthenes*—era destinado á guarda da tripeça ganha no campeonato de córos dos habitantes de Lysicato.

Modernamente os architectos admittem apenas tres ordens de columnas: a dorica, a jonica e a corinthia. A toscana está cahindo em desuso e a composita raramente se emprega.

A ordem dorica, rigorosamente sem base nem pedestal, tem o fuste em geral apoiado directamente sobre o respaldo das construcções; sua caracteristica é a simplicidade alliada á força e á solidez.

A ordem jonica, consubstanciando os sentimentos de alegria e as manifestações egoistas da vaidade feminina, acompanha quasi sempre as *cariatides* no conjuncto harmonico das ornamentações; sua caracteristica é o prazer.

A applicação d'essa ordem predomina principalmente nos edificios destinados a theatros, casinos, clubs, casas de banhos e em dependencias de habitações luxuosas.

A ordem corinthia resume o sublime nas ornamentações externas e internas; sua caracteristica é a elegancia alliada á riqueza.

O criterio e o escrupulo deverão predominar na escolha e emprego dessa ordem, unicamente destinada ás construcções grandiosas de apurado gosto, e que satisfaçam por completo a todas as condições technicas exigidas em construcções architectonicas.

Convém por isso empregal-a o menos possivel, dispensando-a sempre que a delicadeza do trabalho e o apuro da construcção, não consigam sobrepujar o luxo pretencioso de edificações pedantescas e ridiculas.

A escolha de uma ordem para ornamentação de determinados edificios, é dependente da *adaptação*—e esta por sua vez funcção da altura do pé direito e do intervallo disponivel das fachadas.

O *intercolumnio* é o espaço cheio, intercallado entre os vãos das faces exteriores das paredes, e corresponde aos intervallos.

Em relação á altura as ordens comprehendem tres partes: *entablamento*, *columna* e *pedestal*.

O entablamento decompõe-se em *cornija*, *frizo* e *architrave*; a columna em *capitel*, *fuste* e *base*, e finalmente o pedestal consta de *cornija*, *dado e base*.

O intervallo disponivel das fachadas regula a largura das columnas, sendo esta dependente das dimenções do *modulo*.

O modulo é sempre igual ao raio da columna junto á base, sua divisão é egual a 12 ou 18, conforme a ordem a que pertence.

A adaptação das ordens architectonicas nas construcções, prende-se tambem á superposição de accordo com os pavimentos.

Nas decorações, em regra, deve-se evitar as superposições, adoptando-se sempre que for possivel um unico typo de columnatas; tornando-se porem indispensavel a superposição, neste caso deve-se exigir sempre a collocação das ordens mais fortes como a *toscana* e a *dorica* no pavimento terreo, e nos outros as ordens mais leves e delicadas, como a *jonica*, a *corinthia* e sua variante a *composita*.

As columnas em geral afusão um sexto do modulo junto ao capitel, deve-se por isso nas superposições dar ás ordens superiormente collocadas, largura na base do fuste igual a que a columna inferior apresenta no capitel; e, se a ordem fôr de pilatras, caso em que os fustes não se afusam, a largura da columna superior deverá ser um sexto menor que a inferior.

A columna corinthia tem o pedestal mais elevado que a jonica, a base mais delicada nas molduras, e o fuste, adornado com canneluras, mais alto e elegante.

O capitel corinthio, caracterisado pelas folhas de acantho, é distincto de todas as outras ordens, e comprehende duas filas de folhas de acantho acompanhadas de caulicos donde partem duas volutas pequenas convergentes para o centro e duas maiores voltadas para os extremos; um florão enfeixa o conjuncto, no centro do qual está esculpido um golphim.

Entre as ornamentações imponentes do estylo grego, destacam-se as *cariatides*, que, muitas vezes nesse estylo, substituem as columnas ou são ladeadas por ellas.

As cariatides são figuras representativas das mulheres de Caria, cidade do Peloponeso na Asia menor que conjunctamente com a Coréa e a Lydia, constituem a Jonia.

Tomada a cidade pelos Persas alliados aos Gregos, foi toda a população masculina passada a fio de espada e as mulheres prisioneiras, levadas em captiveiro, foram obrigadas a executar todos os serviços ainda os mais rudes, vestidas com os trajes e adereços de gala.

As cariatides commemoram esta traição e a vingança que della tiraram os Gregos; encontrando-se magnificos modelos dessa ornamentação, no salão de bacharelandos do externato do Gymnasio Nacional.

Os gregos no entanto, dispensavam ás mulheres certas deferencias, patenteadas visivelmente nos actos publicos, entre outros, nas festas dedicadas a Minerva e denominadas *Athenéas*.

Nas marchas triumphaes com que, geralmente, eram precedidas estas festas, as mulheres occupavam a vanguarda dos cortejos, sendo ladeadas por guardas de honra dos filhos do trabalho, representados pelos proletarios.

O templo da Virgem, o mais importante monumento da Acropole, obra de Phidias e denominado commumente *Parthenon*, vasto, elegante e rico; era destinado as festas consagradas á victoria alcançada por Minerva contra Neptuno, representativas do predominio dos sentimentos affectivos sobre os instinctos masculinos.

Os jogos olympicos forneciam outros tantos exemplos, não só d'essa primazia do sexo feminino, como tambem das honras e preitos rendidos ás artes.

Por ultimo, os sacrificios das *Vestaes*, acompanhados das cerimonias do ritual, eram outros tantos attestados vehementes do respeito e do amôr pela mulher.

No *Diccionario das religiões* de Bertrand, encontra-se o seguinte trecho referente ás vestaes:

«As *Vestaes* Sacerdotizas de Vesta, eram virgens e formavam o voto por trinta annos. Não deviam ter o minimo defeito physico; exigia-se pelo contrario que fossem as mais bellas e formosas de corpo... Eram livres da autoridade paterna.

As vestaes que violavam o seu voto eram punidas mais severamente do que as que tinham deixado apagar o fogo sagrado. Numa Pompilio as condemnava a serem apedrejadas; Festus refere uma lei posterior que ordenava que fossem degolladas. Crê-se que Tarquinio Prisco foi o primeiro que estabeleceu o uso de enterral-as vivas.

Essas execuções terriveis não foram tão frequentes como se poderia imaginar, pois essa ordem que durou cerca de onze seculos sómente contou vinte vestaes convencidas de incesto; d'estas, treze foram enterradas vivas e sete pereceram por diversos generos de supplicios, a sua escolha.

As vestaes eram indemnisadas do constrangimento e dos deveres penosos do seu estado, por privilegios gloriosos e honras extraordinarias; assim não só podiam testar em vida dos paes, como tambem possuiam todas as prerogativas de que gozava em Roma uma mulher que tinha dado tres cidadãos ao Estado.

Os bens além de lhes pertencerem em particular, ellas podiam delles dispor por venda ou doação sem intervenção de curador.

O criminoso por ellas encontrado em caminho do supplicio, ficava livre immediatamente.

No reinado de Theodorico essa ordem foi abolida e fechados todos os templos.

A antiga Grecia teve ainda a primazia na substituição completa da polygamia pela monogamia, verdadeira homenagem aos sentimentos moraes do sexo affectivo.

As festas do trabalho, verdadeiras marchas e manifestações civicas, nas quaes os trophéos emblematicos eram representados por apetrechos e instrumentos agricolas, caracterisam assaz as tendencias manifestas desses povos á elevação do proletariado.

Foi com effeito na Grecia antiga que as industrias attingiram extraordinario desenvolvimento, patenteado principalmente no progresso da arte de construir e na architectura; assim, o estudo da gravidade para a estabilidade das construcções, de accôrdo com as leis estabelecidas por Newton, era conhecido na Grecia em applicações praticas: um corpo solto no espaço cae forçosamente em terra em virtude do seu proprio peso; principio primordial da lei de gravidade applicado pelo architecto grego para a determinação dos empuxos verticaes e horisontaes, e dos pontos de equilibrio para o traçado da curva das pressões no estudo da estabilidade.

As resistencias ás pressões verticaes, contra o empuxo ao peso da construcção amparando os pontos de apoio do edificio, eram offerecidas pelas columnas.

As columnas destinadas a principio tão somente á sustentação do edificio, foram mais tarde empregadas conjunctamente para ornato e resistencia; dando-se-lhes formas variadas e elegantes, de accôrdo com as ordens e typos das construcções.

A industria agricola, preferida pelos gregos, tendia a desenvolver o raio de acção de sua influencia proveitosa e benefica; assim, as colheitas do trigo e do linho, com primazia nas culturas, eram festivas e alegremente annunciadas, com todas as honras conferidas a esses productos da alimentação e do vestuario; para isso a deusa Ceres possuia um templo na *Acropole* fronteiro ao de Minerva.

As manufacturas ainda em embryão, manifestavam com tudo inicio promettedor nos tecidos e trançados, originarios das rocas e fuzos de madeira tosca. As tunicas e os mantos das vestiduras talares, attestavam as tendencias d'essa industria promettedora.

—

O estylo grego bellamente representado nas grandiosas edificações da antiga Grecia, desde a Acropole de Athenas até o Parthenon de Phidias, é sumptuoso e nobre, magestoso e severo, erecto em suas fórmas, imponente no conjuncto e symetrico nos detalhes.

Modernamente, além do imponente edificio do Louvre de Pariz, o estylo grego encontra no Rio de Janeiro representação codigna na bella fachada da Academia de Bellas Artes, na do Museu Nacional e na vetusta frontaria da Egreja do Carmo.

Este estylo, porém, surge imponente na simplicidade do conjuncto e na singeleza das linhas, entre as construcções industriaes, nesses edificios despidos de ornamentação, alegres e ligeiros, onde a linha recta se impõe desde as horisontaes das cumieiras, frechaes e eixos transmissores, até as verticaes das columnas, pilares e pararaios. E' nessas moradas das artes e das industrias, que vive e se agita essa classe tão desprezada e esquecida, honrada e boa, trabalhadora e forte; classe emfim do proletariado, que mais tarde ou mais cedo, esmagando essa maioria inconsciente de pedantocratas ignorantes e politiqueiros pretenciosos, ha-de impor-se pelo direito, vencer pela justiça e incorporar-se pela razão no seio da sociedade moderna.

Essas fabricas e essas officinas, essas usinas e laboratorios, monumentos imponentes e severos, destacando-se no espaço pela fumarada das altas chaminés; são outros tantos marcos milliarios d'essa bella estrada social, por onde um dia passará a humanidade satisfeita e feliz, em demanda do ideal da paz e da concordia, confiante e crente no futuro predominio industrial da Terra.

Do interior d'esses estabelecimentos, do *brouah* ensurdecedor d'esses machinismos em movimento, surgem os obreiros da humanidade, trabalhadores da paz, fortes e alegres, puros e correctos como a linha recta do estylo grego.

E' incontestavelmente, porém, d'essa classe trabalhadora e humilde, do seio d'esse operariado rude e pobre, mas intelligente e activo, que surgem espontaneas as mais bellas manifestações altruistas, predominio dos sentimentos puros, innatos nos corações immaculados e caracteres impolutos; e oriundos d'esses ensinamentos sublimes que tem o amor por principio, a ordem por base e o progresso por fim.

ARTHUR LIMA CAMPOS.

A TATUAGEM NO RIO

A tatuagem é hoje na Europa uma questão de moda. Eduardo VII, esse parisiense de Londres, tatuou-se, fez pintar no braço esquerdo uma ancora e um dragão, e a côrte e outras pessoas illustres, que talvez apenas esperassem o exemplo real para seguil-o, acompanharam logo o rei de Inglaterra e Imperador das Indias no divertido exercicio de colorir o corpo. As chronicas citam entre as senhoras lady Randolph Churchill e a celebrada actriz Ellen Terry, que traz no braço um coração em chammas com o nome do querido a arder... Entre os cavalheiros, depois de Eduardo ter no braço o symbolo do imperio dos mares e da voracidade colonial ingleza, não ha nenhum que não possúa esse adorno sub-epidermico. E' a ultima forma da tatuagem a frivolidade mundana. Desde os mais remotos tempos vemol-a a transformar-se, distinctivo honorifico entre uns homens, ferrete de ignominia entre outros, meio de assustar o adversario para os bretões, marca de uma classe para os selvagens das ilhas Marquezas, vestimenta moralisadora para os incolas da Oceania, signal de amor, de desprezo, de odio, barbara tortura do Oriente, baixa usança do Occidente. Na Nova Zelandia é um enfeite; a Inglaterra universalisa o adorno dos selvagens que colhem o *phormium tenax* para lhe augmentar a renda e Eduardo com a ancora e o dragão no braço esquerdo é só por si um problema de psychologia e de atavismo.

A tatuagem no Rio faz-se o mais variado estudo da crendice. Por elle se reconstróe a vida amorosa e social de toda a classe humilde, a classe dos ganhadores, dos viciados, das fufias de porta aberta, cuja alegria e cujas dores se desdobram no estreito espaço das alfurjas e das chombergas, cujas tragedias de amor morrem nos cochicholos sem ar, numa praga que se faz de lagrimas. A tatuagem é a inviolabilidade do corpo e a historia das paixões. Esses riscos nas pelles dos homens e das mulheres dizem as suas aspirações, as suas horas d'ocio e a phantasia da sua arte e a crença na eternidade dos sentimentos—são a exteriorisação da alma de quem os traz.

Ha tres casos de tatuagem no Rio, completamente diversos na sua significação moral: os negros, os turcos com o fundo religioso e o bando das meretrizes, dos rufiões e dos humildes que se marcam por crime ou por ociosidade. Os negros guardam a forma fetiche, além dos golpes sarados com o pó preservativo do máu olhado usam figuras complicadas. Alguns, como o Romão da rua do Hospicio, tem tatuagens feitas ha cerca de vinte annos que se conservam nitidas, apezar da sua côr—com que se confunde a tinta empregada.

Quasi todos os negros tem um crucificado. O feiticeiro Ononenê, morador á rua do Alcantara tem do lado esquerdo do peito as armas de Shangô, e Felizmina de Oxum a figura complicada da santa d'agua doce. Esses negros explicam ingenuamente a razão das tatuagens. Na corôa imperial hesitam, coçam a carapinha e murmuram num arranco de toda a raça, num arranco mil vezes secular de servilismo inconsciente:

—Eh! Eh! Pedro II não era o dono?

E não se photographam com um pavor surdo como se fosse crime usar essas marcas symbolicas.

Os turcos são musulmanos, maronitas, schismaticos, judeus e nestas religiões diversas não ha gente mais cheia de abusões, de receios, de medos. Nas casas da rua da Alfandega, Nuncio e Senhor dos Passos, existem, sob o soalho, feitiçarias estranhas, e a tatuagem forra a pelle dos homens como amuletos. Os maronitas pintam iniciaes, corações, os schismaticos tem verdadeiros *eikones* primitivos nos peitos e nos braços, os outros trazem para o corpo pedaços de paramentos sagrados. E' por exemplo muito commum turcos com as mãos franjadas de azul, cinco franjas nas costas da mão correspondendo aos cinco dedos. Essas cinco franjas são a symbolisação das franjas da *taleth*, vestimenta dos *Khasan*, nas quaes está entraçando a fio d'oiro o grande nome de Ihaveh.

A outra camada é a mais numerosa, é toda a classe baixa do Rio, os vendedores ambulantes, os operarios, os soldados, os criminosos, os rufiões, as meretrizes. Para marcar tanta gente a tatuagem tornou-se uma industria com chefes, sub-chefes e praticantes.

Quasi sempre as primeiras licções vieram das horas de inactividade na cadeia, na penitenciaria e nos quarteis, mas eu contei só na rua Barão de S. Felix, perto do Arsenal de Marinha, e nas ruelas da Saude cerca de trinta marcadores. Ha pequenos de dez, doze annos que sahem de manhã para o trabalho, encontram os carregadores, os doceiros sentados nos portaes.

—Quer marcar? perguntam; e tiram logo do bolso um vidro de tinta e tres agulhas.

Muitos portuguezes cujos braços musculosos guardam coroas da sua terra e o seu nome por extenso, deixaram-se marcar porque não tinham que fazer.

—Que quer V. S.? O pequeno estava a arreliar. Marca moço, marca! E tanto pediu que poz p'ra ahi os risquinhos.

Os pequenos, os outros marcadores ambulantes têm um chefe o Madruga, que só no mez de abril deste anno fez tresentas e dezenove marcações. Madruga é o exemplo da versatilidade e de significação myrionima da tatuagem. Tem estado na cadeia varias vezes por questões e barulhos, vive nas ruas da Conceição e S. Jorge, tem amantes, compõe modinhas satyricas e é poeta. E' d'elle este primor que julga verso:

Venha quanto antes D. Elisa
Emquanto o Chico Passos não atiça
Fogo na cidade...

Homem tão interessante guarda no corpo a synthese dos emblemas das marcações:—um Christo no peito, uma cobra na perna, o signo de salomão, as cinco chagas, a sereia, e no braço esquerdo o campo das proprias conquistas. Esse braço é o prolongamento ideographico do seu monte de Venus, onde a chiromancia vê as batalhas do amor. Quando a mulher lhe desagrada e acaba com a chelpa, Madruga emprega leite de mulher e sal de azedas, fura de novo a pelle, fica com o braço inchado, mas arranca de lá a côr do nome.

Emquanto andou a fornecer-me o seu profundo saber, Madruga teve tres d'essas senhoras, a Jandyra, a Josepha e a Maria. A primeira a figurar debaixo de um coração foi a Jandyra. Um bello dia a Jandyra desapparecia dando lugar a Josepha que triumphava em cima, entre as chammas. Um mez depois a lettra J sumira-se e um M dominava no meio do coração.

Os marcadores têm uma tabella especial, o preço fixo do trabalho. As cinco chagas custam 1$000, uma rosa 2$000, o signo de Salomão o mais commum e o menos comprehendido porque nem um só dos que interroguei o soube explicar, 3$000, as armas da Monarchia e da Republica 6$ a 8$ e ha Christos para todos os preços.

Os tatuadores têm varias maneiras de tatuar; por picadas, por incisão, por queimadura sub-epidermica. As conhecidas entre nós são as incisivas nos negros que trouxeram a tradição da Africa e, principalmente, as por picadas que se fazem com tres agulhas amarradas e embebidas em graxa, tinta, anil ou fuligem, polvora, acompanhando o desenho prèvio. O marcador trabalha como as senhoras bordam.

O dr. Ladisláu Cavalcante, da Bahia e o reporter Ernesto Senna estudaram, o primeiro com os recursos de scientista e o segundo com a sua irrequieta curiosidade, a tatuagem nas prisões. Senna, fazendo um livro sobre as nossas correccionaes teve de dar extenso espaço á tatuagem que na vida da penitenciaria symbolisa a saudade, o amor perdido, as ligações reclusas e nasce naturalmente do ocio; o dr. Ladisláu na sua these tem a *priori* uma theoria, parte de onde devia começar, dando a tatuagem como caracteristica do criminoso. Sob este ponto de vista exclusivo um homem marcado é um ser perigoso, quando a tatuagem é em regra geral um atavismo da especie.

Andei com o Madruga tres longos mezes pelos meios mais primitivos, entre os atrazados moraes e nesses atrazados, a camada que trabalha braçalmente, os carroceiros, os carregadores, os filhos dos carroceiros, deixaram-se tatuar porque era bonito e são no fundo incapazes de ir parar na cadeia por qualquer crime. A outra, a perdida, a maior, o oceano da malandragem e da prostituição é que me proporcionou o ensejo de estudar ao ar livre o que Ernesto Senna e o dr. Ladisláu estudaram na abafada atmosphera das prisões. A tatuagem tem nesse meio a significação do amor, do desprezo, do amuleto, da posse, do preservativo, das idéas patrioticas do individuo, da sua qualidade primordial.

Quasi todos os rufiões e os rufistas do Rio têm na mão direita, entre o polegar e o indicador cinco signaes que significam as chagas. Não ha nenhum que não acredite derrubar o adversario dando-lhe uma bofetada com a mão assim marcada. O marinheiro Joaquim tem um Senhor crucificado no peito e uma cruz negra nas costas. Mandou fazer esse symbolo por esperteza. Quando soffre castigos, os guardiões sentem-se apavorados e sem coragem de soval-o.

—Parece que estão dando em Jesus!

A sereia dá labia, a cobra attracção, o peixe significa ligeireza n'agua, a ancora e a estrella o homem do mar, as armas da Republica ou da Monarchia a sua comprehensão politica. Pelo numero de corôas da monarchia que eu vi, quasi todo esse pessoal é monarchista.

Os lugares preferidos são as costas, as pernas, as coxas, os braços, as mãos. Nos braços estão em geral os nomes das amantes, phases inteiras, como por exemplo esta phrase de um soldado de um batalhão de cavallaria: *viva o marechal de ferro!...*, desenhos sensuaes, corações. O tronco é guardado para as coisas importantes, de saudade, de luxuria ou de religião. Hei de lembrar sempre o Madruga tatuando um funileiro, desejoso de lhe deixar uma estrella no peito.

—No peito não! cuspiu o mulato, no peito eu quero Nossa Senhora!

Mas a vida no seu feroz egoismo é o que mais nitidamente ideographa a tatuagem.

As meretrizes e os criminosos nesse meio de beccos e de facadas têm indeleveis idéas de perversidade e de amor. Um corpo d'esses, nú, é um estudo social. As mulheres mandam marcar corações com o nome dos amantes, brigam, desmancham a tatuagem pelo processo do Madruga, e marcam o mesmo nome no pé, no calcanhar.

—Olha, não venhas com presepadas meu macacúano. Tenho-te aqui, desgraça! e mostram ao malandro, batendo com o chinello o seu nome odiado.

E' a maior das offensas: nome no calcanhar, roçando a poeira, amassado por todo o peso da mulher...

Ha ainda a vaidade imitativa. As barregãs das viellas baratas têm sempre um signalzinho azul na face. E' a pacholice, o *grain de beauté*, a gracinha, principalmente para as mulatas, e as negras fulas que o consideram o seu maior attractivo. Quando envelhecem, as pobres mulheres mandam apagar os signaes—porque querem ir limpas para o outro mundo, e a Florinda, ha pouco fallecida, que rolara quarenta annos nos bordeis de S. Jorge e da Conceição dizia-me dias antes de morrer.

—Ai meu senhor, isto é para os homens! Quando se fica velha arranca-se porque a terra não vê e Deus não perdôa.

Grande parte d'esses homens e d'essas mulheres têm o delirio mais sensual, fazem os nomes queridos em partes melindrosas, marcam os membros delicados com punhaes, lampadas e outros symbolos. Neste caso eu tenho o Antonio Doceiro, um lindo rapazito que foi bombeiro depois de ter rolado pelo mundo e a Annita Páu. Ambos têm desenhos curiosos por todo o corpo e a pobre Annita mostra no calcanhar por extenso o nome do pae de seus filhos e traz em cada seio a inicial dos dois pequenos como numa eterna offerenda—a sua unica offerenda de mãe aos desgraçados perdidos...

Num meio de tão fraca illusão, onde as missangas substituem os *penditifs* d'arte e a vida ruge entre o Desejo e o Crime, depois de muito ver os pobres entes marcados como uma cavalhada,—a cavalhada da Luxuria e do Assassinio, começa a gente a sentir uma concentrada emoção e a imaginar com inveja o prazer humano, o prazer carnal, que elles terão ao sentir um nome e uma figura debaixo da pelle, inalteraveis e para todo o sempre.

Talvez por isso Ellen Terry, a tragica, acompanhando a moda do Rei Eduardo, incrustasse na sua carne de camelia um coração e o nome do amado, para que lhe ouvisse correr o sangue emquanto viva fosse e soubesse mais intimamente dos mysterios do seu grande amor...

JOÃO DO RIO.

O HYDROMEL

DESDE o primeiro vagido até ao ultimo suspiro a vida é um conflicto feroz entre o homem e a natureza. Para os vencedores o premio da victoria é a felicidade — a maior somma de gosos, de tendencias physiologicas, satisfeitos.

Tiburcio Moreira nascera predestinado para vencer. De musculos fortes, governados por nervos bem afinados, crescera dominando até attingir á exhuberante virilidade, são de corpo e alma. Faltava-lhe porém, a suprema conquista — o amor ultimo, na sua fórma definitiva — resolvendo o problema da vida, a fixação dos destinos do homem.

— A escolha da mulher para esposa — dizia-me elle num dos nossos longos serões de meiga intimidade — é operação difficil, complicadissima, quando tentamos precipitar a evolução natural dos processos physiologicos. Conduz-nos ao erro irreparavel ou a resultados incompletos. Melhor que a vontade mais disciplinada em pleno equilibrio de razão e sentimento, agem os instinctos, guiados pelas affinidades electivas, em busca da creatura, que nos deve completar numa integridade superior, perfeita, fecunda, nessa harmonia deliciosa, que concretisa o ideal da existencia.

— Mas... — interrompi eu — tudo isso é platonico. Si não empregas os meios não chegarás aos fins...

— Defronto uma difficuldade preliminar — continuou elle num tom quasi lamentoso. — Tu conheces, inteiramente, as minhas idéas, a minha philosophia, theorias por ventura exoticas, mas radicadas no meu cerebro como cardos em intersticios de rochedos. Ellas provêm de uma tenaz cultura imprimindo á florescencia do meu espirito habitos inquebrantaveis e uma firme orientação, que não poderei desviar. As idéas, como os rios caudalosos, cavam no cerebro sulcos profundos e extravasam assoladoras ante os obstaculos que lhes oppomos. Eu me consagrei ao principio como um poeta, mais tarde como pensador e, definitivamente como fanatico, ao sublime culto da fórma; apaixonei-me pela ineffavel sensação da linha correcta, pela intensidade forte e palpitante da côr e da luz. Este estado d'alma exige que a creatura, destinada ao meu consorcio, seja a personificação das minhas idéas — formosa de corpo, bella de espirito, a perfeição na fórma e na essencia, satisfazendo todos os appetites do meu temperamento de artista, todas as condições do meu ideal de philosopho, sendo um idolo para o meu culto de fetichista...

— Mas a belleza — arrisquei eu — não é somente a fórma, o traço, a insidiosa harmonia de linhas que nada valem sem o realce subjectivo...

— Que devemos perceber — continuou elle cada vez mais animado — pela commoção, por esse choque mysterioso que denuncia o encontro de duas almas impellidas pelas affinidades uma para a outra.

— Estás seduzido por Schopenhauer, meu caro. Nós temos dois prismas de vario colorido: aquelle pelo qual olha a concupiscencia vesga, ferozmente libertina, e aquelle que serve ao coração. Todas as mulheres se nos antolham bellas para o saciamento do desejo ephemero: uma unica, porém, saciará o nosso amor. E essa talvez não seja o typo de perfeição ideal, que a tua phantasia em vão procura... Não se escolhe esposa como quem escolhe um quadro; nem a formosura viva é o que os poetas sonham e os artistas fixam em télas immortaes, obras primas, calcadas, quasi sempre, sobre modelos mercenarios, cuja pericia não póde fingir os tons divinos da castidade, da innocencia. Por isso é que nas Virgens dos grandes mestres transluz certa sensualidade mystica, que não desejaras fosse o traço caracteristico da tua esposa.

Tiburcio agitava impaciente a cabeça num gesto de piedosa ironia.

— Eu não admitto, não comprehendo o amor sem esthetica — affirmou elle num profundo tom convicto.

— Não é possivel amar sem o impulso da impressão da fórma; não se ama um monstro...

— A formosura, meu caro, é ephemera, uma allucinação passageira dos sentidos ou vem depois da maturidade da mulher. Imaginas que encontras o ideal das exigencias da tua esthetica intolerante, denunciado pelo tal choque do encontro das duas almas irmãs. Todo o teu ser estremece num ésto de victoria pela conquista do bem supremo. Mas a natureza, eterna inimiga das nossas theorias, te apparelha surprezas, acerbas decepções, o fiasco dos teus planos, porque ninguem póde prever as transformações que o amor vae produzir na mulher escolhida, vigorosa, encantadora, e, todavia, incompleta. Passada a embriaguez da posse, que é o cadinho do affecto expontaneo, sincero, tua mulher vae adquirindo fórmas mais amplas; as angulosidades da virgem desapparecem sob carnações fortes, que a maternidade tornará exuberantes, inteiramente diversas das tuas preconisadas linhas correctas, meigamente delgadas, dos teus contornos graciosos. Dá-se, ás vezes, que mulheres feias ficam bellas e estas se deformam em monstros adiposos ou num esqueleto medonho. Gorda ou magra, quaesquer que sejam as modificações da chrysalida, depois das revelações do casamento, a verdade é que o amor não as percebe. A mulher amada será eternamente bella aos nossos olhos, onde perdura em fixação inapagavel a poderosa impressão primitiva. Essa evolução do organismo, engendrando decepções e surprezas, explica os naufragios conjugaes. Maridos apaixonados chegam a detestar as esposas deformadas, ou aquellas, cuja belleza se expande com o casamento. Num como noutro caso, o amor não presidiu á escolha, feita sob a pressão de um impulso lascivo. O coração não se engana jamais.

— Pois eu, — observou Tiburcio com emphase — ou encontro o meu typo, ou, para evitar aquellas decepções, me sepulto num enlace de conveniencia.

*
* *

Seis mezes depois nos separamos; mas os nossos affectos, as nossas idéas continuaram alimentados por uma correspondencia regular, que foi o conforto do meu exilio, emquanto vicejaram as debeis flores da saudade. Afinal as cartas de Tiburcio se espaçaram rapidamente até cessarem de todo. Ia-me inquietando isso, quando recebi algumas linhas de explicação do silencio.

«Dentro de dois mezes caso com a Eudoxia de Abreu. Está realisado o meu sonho. Faze o possivel, meu velho, para voltares e testemunhares a minha completa ventura.

Teu do coração

Tiburcio.»

Procurei em vão, nas minhas reminiscencias das rodas amigas, essa... Eudoxia, que me provocava arrepios antipathicos.

— O infeliz — pensava eu — desenganado de achar a fórma impeccavel, vendeu-se miseravelmente.

E aquelle nome horrivel me matracava lugubre dentro da cabeça, como um clamor indignado. Seria, talvez,

alguma menina ingenua, saida do collegio, uma roceira em villegiatura na côrte, uma viuva rica, flor de cemiterio desabrochando em tentadora evidencia da abertura do testamento do defuncto.

* * *

Não annunciei ao Tiburcio a minha volta ao Rio de Janeiro. Cheguei num dia humido e triste. Denso nevoeiro encapuchava as montanhas e uma chuva fina e peneirada cahia sem rumor, enlameando as ruas sombrias, quasi desertas.

A's seis da tarde estava eu na chacara do amigo, que me abriu a porta, mal comprimira o botão electrico.

—Que deliciosa surpreza — exclamou Tiburcio abraçando-me com effusão—Quando chegaste?

—A's duas horas. Fui deixar a bagagem e... aqui me tens...

—Muito obrigado, meu velho. Tu és a joia dos amigos...

E conduziu-me a sala de espera, um ninho de conforto e arte, immerso na penumbra.

—Minha mulher—disse-me elle, indicando um corpo indeciso, esguio e molle recostado no sofá de velludo carmezim.

Avancei hesitando; e, mal os meus olhos curiosos distinguiram a cabeça que emergia das ondas de rendas do amplo roupão de flanella creme, resmunguei horrorisado:

—Tua mulher?!...

Ella se mexeu como uma cobra preguiçosa, estendendo a mão fina e alva qne parecia mão de cadaver; mas, em vez de hirta, gelada, encontrei-a macia e morna. Basta rodilha de cabellos muito lustrosos e negros enquadrava-lhe o rosto oval. Sob a arcada dos supercilios, fortemente traçados fulguravam os olhos amortecidos em voluptuoso cansaço. O nariz fino e comprimido parecia haurir, dyspnetico, um perfume imperceptivel.

—Já lhe queria muito—murmurou ella, retendo a minha mão.

A voz lhe saia da bocca breve e corada, em melodioso tom grave, algo rouco.

Percebi que Tiburcio me observava sorridente, sofrego por surprehender a minha impressão.

—Tiburcio não cessava de falar-me do senhor... Cheguei a ter ciumes... —E' o melhor dos amigos—repliquei para dizer alguma cousa, para furtar-me ao embaraço, em que me enleiara, absorto na contemplação d'aquelle rosto, que lembrava as mysticas e suaves cabeças de Henner. Lamentava com magoa a treda sorte do amigo Tiburcio, o naufragio das theorias do estheta, inimigo de mulheres magras, amarrado para sempre áquelle espectro. Como devera soffrer o pobre homem, tão duramente castigado, se não houvera renunciado ás suas theorias!...

Ao annuncio do jantar, Eudoxia ergueu-se dolorida, com esforço. Não era muito alta, mais excedia á craveira das encantadoras mulherzinhas da nossa raça. Sob as longas prégas do roupão de flanella creme, profusamente ornado de rendas subtis, se advinhavam em vago relevo os seios, os quadris e a ligeira saliencia do ventre fecundado, augmentando-lhe o diametro da cintura de abelha. Moveu-se, andou, deslisou como uma sombra em graciosos movimentos felinos, e offereceu-me o braço com geitos de expontanea meiguice.

Tiburcio registava, sempre sorrindo, o meu estupor ao lado d'aquella creatura morna, feita de arminho, toda macia e malleavel, rescendendo uma essencia subtil e capitosa, que me electrisava.

* * *

Durante o jantar, o appetite do meu estomago torturarado pelo intragavel cardapio da mesa de um vapor nacional, sopitou o meu acanhamento.

Servindo-me com carinho delicadas iguarias de gente sobria, Eudoxia conversou adejando sobre varios assumptos; pediu-me impressões de costumes exoticos, da viagem ao Norte, discordando de mim, ás vezes, reprehendendo-me com fingido amúo, quando eu arriscava algum paradoxo. Ao terminar o jantar eramos como velhos camaradas. Eu já achava o espectro de mulher amenisado com evidentes traços de humanisação, classificando-a um mixto de phantasma e feiticeira, tal era o encanto irresistivel de suas maneiras expontaneas, o effeito magico de sua voz cantante.

—Tenho aqui—pensava eu—uma prova das minhas theorias. A fórma nada vale; mes o Tiburcio sempre affirmou convicto, irreductivel que não bastam attributos moraes para contentar o amor, que é carnivoro.

—Muito bem—exclamou Eudoxia, ouvindo tilintar a campainha.—Vou ter com as minhas amigas. Os senhores ficam fumando. Permitto ao meu maridinho o abuso de um charuto, um só... E' verdade... la-me esquecendo de servir-lhes o hydromel.

Eudoxia despejou em dois minusculos copos cinzelados um licor de topazio diluido; e, fisgando com uma pinça de prata pequenos cubos de crystal, immergiu-os no fulvo liquido, sorrindo quasi sarcastica, como se propinasse um veneno.

* * *

—Então—inqueriu Tiburcio—quando a esposa desappareceu.—Que dizes da minha escolha?...

—Gosto não se discute...—respondi com proposito de o contrariar.

—Vamos, franqueza de amigo... Que te parece a minha adorada Eudoxia?...

—Tem muita graça... maneiras distinctas... elegantissima...

—E... quanto ao physico?...

—Tu eras inimigo feroz das mulheres magras... eras cultor apaixonado da fórma, fetichista da linha, da côr... Ora, é forçoso affirmar que Eudoxia não concretisa o teu ideal...

Indifferente á minha insinuação, Tiburcio continuava a sorrir.

—Olha—tornou elle—esqueces o hydromel. Á tua saude!...

Levei, machinalmente, o copo aos labios e o repelli, violentamente, como se provasse o toxico da feiticeira, que hallucinára o meu desgraçado amigo.

—A primeira impressão é essa—observou Tiburcio.—Bebe mais; sorve-o aos goles, como se deve beber o hydromel.

Para me animar elle esvasiou, lentamente, o seu copo, e ficou num extase de goso saciado. Segui-lhe o exemplo. O licor tinha um sabor amargo, depois se aqueceu como oiro candente sem queimar, transformando-se num elixir delicioso, quando os meus labios tremulos tocaram os pequeninos crystaes quasi derretidos. D'essa exquisita e suavissima sensação arrancou-me Tiburcio exclamando submisso:

—Tinhas razão, meu caro amigo. A mulher amada não é o que os olhos vêm; não é a linha; não é a fórma; é o diamante escondido nas entranhas da terra; é o hydromel, cujo sabor magico está nos purissimos crystaes, ignorados no fundo da taça.

DOMINGOS OLYMPIO.

Rio, 1904.

MATCH ENTRE O CLUB ATHLETICO PAULISTANO E SÃO PAULO ATHLETIC CLUB

TAÇA - 1904



GOAL FEITO PELOS INGLEZES



GOAL FEITO PELO PAULISTANO



AGUAS VIRTUOSAS (LAMBARY) MINAS

O Monumento de Gœthe em Roma

O monumento de Gœthe, inaugurado recentemente em Roma, eleva-se grave e magestoso, na brancura do seu marmore escolhido, entre o arvoredo da historica Villa-Borghese.

E', certamente, muito superior ao de Victor Hugo, cujo modelo em gesso, á espera de marmore definitivo, se inaugurou no jardim da Villa Medicis, onde reside a Academia de França, por occasião da visita do Presidente Loubet á Capital italiana. Com mais razão, sem duvida, que o poderoso poeta da *Lenda dos Seculos*, em cuja obra tão vasta pouca ou nenhuma influencia esthetica da Italia se logra discernir, está eternizado assim o progenitor glorioso de *Fausto* e *Werther*, o intellecto omnimodo e quasi illimitado que sonhou a união da antiguidade com a alma moderna, o genio allemão que considera a data da sua entrada em Roma como a do seu segundo nascimento, e de Roma falou sempre, até as tardes de extrema velhice, como de um novo paraiso terrestre. Breve, espera-se, virá fazer-lhe companhia Shakspeare, esse rival de Deus na creação de um mundo, que da Italia tomou a inspiração para muitos dos seus mais fortes e mais celebres dramas; já que é idéa quasi triumphante a de honrar em Roma, metropole do universo culto, aquelles poucos vultos supremos que nos dominios do espirito humano occupam as mais altas culminancias da poesia.

A Villa-Borghese foi optimamente escolhida para morada do monumento de Gœthe; pela amplitude, pela situação elevada, pela riqueza dos bosques e das fontes, é uma das mais bellas de Roma; o nome que tem a torna uma das mais famosas; e ainda melhor que o nome, a opulenta galeria de quadros e estatuas que nella existe. Gœthe se sentirá muito bem, seguramente, nesse asylo de frescura e sombra tão frequentado por pares amorosos, na visinhança das obras dos artistas antigos e dos seus grandes emulos da Renascença, que elle com tanta penetração, com tanto fervor, soube comprehender e admirar.

O autor do monumento, que foi offerecido á Cidade de Roma pelo Imperador Guilherme II, é o já celebre esculptor allemão Eberlein. O trabalho esplendido embora não isento de defeitos e desegualdades, como em geral se nota nas creações de Eberlein (*) confirma a justiça da sua crescente reputação. Todavia, ao lado de applausos enthusiasticos, tem excitado criticas acerbas e injustas. Entra nisso por muito a facilidade revoltante com que os profanos, os chamados *mundanos* em especial, sentenciam em tom magistral e dogmatico sobre cousas que não entendem e que nem tiveram tempo de examinar, cuidando destruir assim com um breve gesto concepções que consumiram annos de vida e labor. Eu acho que antigamente havia mais lucidez e segurança no criterio esthetico geral; sabia-se apreciar melhor a obra

(*) Sobre Eberlein publiquei um estudo no «Jornal do Commercio» de 22 de Maio d'este anno.

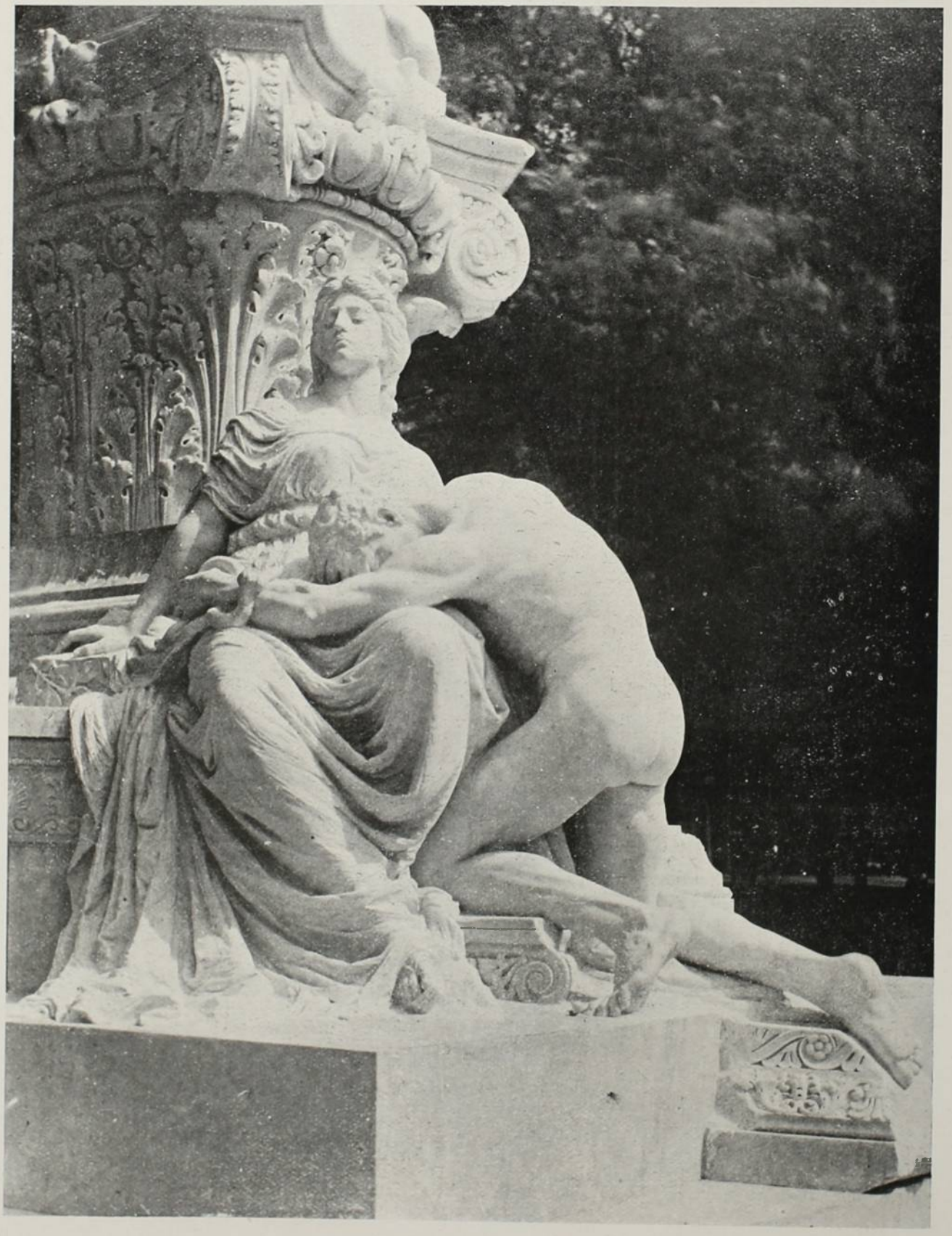


MIGNON E O HARPISTA

de arte, e era mais facil o accôrdo nesse sentido entre a maioria da gente: por que os artistas julgavam segundo a competencia e a experiencia adquiridas, e o povo segundo a natureza. Hoje quasi todos pretendem julgar por theorias precipitadas e mal aprendidas, ou snobismo. A *meia-cultura* moderna acabou com o que havia mais espontaneo e sincero na humanidade! E a maior responsabilidade d'esse desastre cabe aos jornalistas...

Precisamente jornalistas sem preparo sufficiente foram dos que mais sôffregos se metteram a *demolir* o monumento de Gœthe. Alguns artistas *italianos* os ajudaram nesse mister, em parte por que não comprehendem o talento germanico de Eberlein, em parte—parece incrivel! —por mesquinhos ciumes nativistas; aborreceram-se porque o Imperador encarregou do monumento o *seu* esculptor official, em vez de o confiar a um d'este paiz... Esses, porém, deviam ser cautelosos nas suas palavras, sobretudo diante dos estrangeiros: pois bem se lhes poderia responder que, na verdade, para que Roma tivesse um bello monumento *moderno*, foi necessario que um allemão o fizesse!...

Deixando de lado toda a especie de exagerações, procurarei, ajudado pelas photographias que o *Kósmos* reproduz, dar uma impressão serena sobre a nova obra de Eberlein, relevando as qualidades que a distinguem, e as restricções que é justo oppôr-lhe. A linha geral do monumento é bella, robusta e harmoniosa; de qualquer ponto de vista que o espectador se colloque, os contornos attrahem e satisfazem os olhos. Outro dote ainda mais excellente que cumpre louvar é a unidade *moral*, por assim dizer, de todo o conjuncto. O monumento é bem concebido, fortemente ligadas as suas partes, e a mesma seiva de vida corre por todo elle, como por uma arvore de varios e vigorosos galhos. Está ahi, em verdade, um hymno de pedra: Eberlein é poeta de merito, os seus versos são apreciados na Allemanha; é além d'isso, como artista, um homem de pensamento, e revelam-no as suas creações capitaes, ricas de complexo e pujante symbolismo. Um esculptor sem taes qualidades não seria apto para bem executar o monumento de Gœthe.



IFIGENIA E ORESTE

Alguns detalhes de mau gosto, porém, enfraquecem aqui e ali a optima impressão geral. O capitel composito que serve de pedestal é mal escolhido, embora acuradamente trabalhado quanto á technica. D'esse capitel sai, por traz da figura do Poeta, um tronco ou uma lasca de carvalho: porque e para que? Se de ter tomado por pedestal um capitel (podia ser *outro* capitel, comtudo) o artista se justifica, a meu ver com razão, por haver querido representar o Poeta, moço, na edade em que veio a Roma, contemplando de entre fragmentos antigos a Cidade eterna (e de facto, pormenor que poucos talvez notaram, pedaços de cornijas, frisos e columnas jazem ao acaso junto aos diversos grupos de personagens), essa razão historica e realista torna incomprehensivel o carvalho sem folhagem, brotado não se sabe como, em cima de uma pedra lisa. Mas ha outro motivo mais sério para condemnal-o: é ser elle muito feio e desgracioso ali. Censuram alguns na figura do Poeta a

cabeça um pouco pequena demais; é de ver que nisso Eberlein se cingiu á conhecida tradição grega. Censuram-lhe outros a sua expressão de grande serenidade; não sómente, porém, a serenidade é um dos attributos typicos de Gœthe, mas parece-me boa norma esthetica esta—que quando os grupos lateraes de um monumento se distinguem por attitudes fortemente apaixonadas, a da figura central deve, quanto possivel, ser nobremente calma.

Ora, os grupos lateraes aqui estão nesse caso. São todos tres formosissimos. Vêdes *Mignon e o Harpista*. Notareis, talvez, uma certa idealisação. Mas, como Eberlein me explicou, nesta *Mignon* e nesse *Harpista* não quiz elle reproduzir restrictamente, pessoalmente, as duas creações celebres do *Wilhelm Meister*: deu-lhes maior amplitude e maior significação symbolica: em *Mignon* representou a *feminilidade* joven, melancolica e saudosa, no *Harpista* a tristeza da Poesia numa alma ciclica; de facto, *Lothario* aqui tem a classica physionomia de *Homero*. Mas, naquella imagem de menina e moça, tão pura e suave, que a seu lado se levanta, com os olhos perdidos no infinito, não ha uma pungente suggestão de nostalgia, e não parece que lhe vai voar dos labios a immortal canção:

«Conheces o paiz onde o limoeiro cresce...?»

Do outro lado vêdes *Ifigenia e Oreste*. Na primeira, além da notavel belleza plastica da mulher, observa-se o gesto maravilhoso, inexcedivelmente caracteristico da sacerdotisa na tragedia antiga que Euripedes tratara e Gœthe renovou com genio talvez maior. E' essa a dor grega, a dor sagrada, a dor humana diante da Fatalidade inexoravel e divina. No irmão que se lhe dá a conhecer, que esconde a cabeça no seu regaço, como a fugir ás Furias que o perseguem, e ao remorso do horrendo matricido, ha que admirar a energia do movimento e a modelação magnifica de quem longamente tem estudado e amado Miguel Angelo.

Emfim, o terceiro grupo representa *Fausto e Mefistofeles*.

Ambas as figuras são vigorosas e euritmicamente combinadas. A expressão do Demonio ali parece-me porém, exagerada. E' antes a do Diabo das lendas medievaes, ululante e repugnante, que a do Tentador creado por Gœthe, espirituoso, ironico, sceptico, cynico, e, apezar de tudo, muitas vezes quasi sympathico... Além d'isso, por que representou Eberlein o *Fausto* na velhice, quando já lhe puzera tão perto o *Harpista* na mesma edade, tanto que as duas estatuas se parecem e causam uma impressão de monotonia? E porque excluiu do monumento o doce typo tão humano, tão commovente e poetico de *Margarida*, a mais popular das creaturas de Gœthe? Assim, nessa glorificação da obra do grande allemão, falta absolutamente o *Amor*, que nella tem tão larga parte. O monumento ganharia cento por cento se no terceiro grupo vissemos *Margarida e Fausto*, ambos jovens, beijando-se na scena immortal do jardim de Martha, ou despedindo-se angustiosamente na lobrega tristeza do carcere. A omissão dos dois amantes eternamente vivos na memoria das gentes é que constitue a meu ver o mais grave defeito do monumento, defeito insanavel—e imperdoavel, cumpre dizel-o, sobretudo a Eberlein, a um artista que, como já observei, além de esculptor, é poeta de merito e homem de pensamento.

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO.

Roma, 21 de Setembro de 1904.



FAUSTO E MEFISTOFELES

CANTO REAL

Rigida, heril, soberba, numa altura
Inacessivel quasi, ergue o frontal
Para o azulado céo, sua moldura
Unica, para o resplendor astral,
A cidadella em marmore rozado!
Sinistramente fulgem pelo eirado
De esguia e branca torre de marfim
As almenaras, sobre as quaes, por fim
Fluctua, ovante, num deslumbramento,
Longo, escuro, luzente e de setim
O augusto pavilhão largado ao vento!

Chegam conquistadores na planura:
Passa um pennacho de elmo e côr de um brial,
Ora o fulgor de esplendida armadura,
Ora um broquel de ouro polido! Qual
Fero, arrogante em seu arnez dourado,
Qual, cavalgando rapido, estribado,
Com alta lança, e em alto, aureo sellim;
Esse de pique, aquelle de espadim...
Todos olhando com desvairamento
A cidadella em que revôa emfim
O augusto pavilhão largado ao vento!

Um, animado de vontade impura,
Obedece ao espirito do mal;
Outro, só por audaz desenvoltura,
Por um capricho, ou por inveja tal
Que, em se julgando um bem-aventurado,
Fátuo, vem affrontar o duro Fado!
Este o suborno tenta com o sequim,
Esse, emboccando o estridulo clarim,
Deseja impor-se pelo atrevimento...
E indifferente ao estupido motim
O augusto pavilhão largado ao vento!

Impassivel a tudo, luz, fulgura
A cidadella com seu porte real!
Um halo iriado cinge-lhe a estatura
De claridade sobrenatural!
A multidão de um lado e do outro lado
Supplica, pede, e clama iroso brado...
Mas como a vis frechadas um fortim,
Como a Lua aos ladridos de um mastim
Serena e linda pelo firmamento,
Se desdobra, sereno e lindo assim,
O augusto pavilhão largado ao vento!

Por entre a turba que paixão escura
Move, por entre o embate sem igual
Em que, cada Senhor, tão só procura
Derrubar a prosapia do rival,
Um Poeta chega, o olhar alevantado,
D'Alma tirando um canto soluçado,
Lyra ornada de cravo e de jasmim...
Chega e vê acenar-lhe no confim
Do horisonte, com desvanecimento,
Como uma aza de estranho Cherubim,
O augusto pavilhão largado ao vento!

OFFERTA

Noiva, sem ouro ou arma no talim,
Por te vencer de muito longe vim
Só com o do verso melodioso accento...
Minha! E soltas a coma sobre mim:
O augusto pavilhão largado ao vento!

J. M. Goulart d'Andrade.

2—11—904.

São José

(LENDA CHRISTÃ)

(A. R. B.)

I



O velho cura morava na aldeia, e só muito raramente, com mais sacrificio do que esforço, arrastava a sua velhice pachorrenta e a sua discreta virtude até o borborinho da grande cidade tão cheia de fortuna e de miseria, eternamente escabujando no volutábro do vicio. Chamava-se Bernardin, e era um homem de altura mean, quasi gordo, com um ar sadio de campo, olhos pequeninos e claros, cabellos brancos e faces ainda de punicea côr, onde começava a sulcar o valle das rugas.

A sua casa no campo era o certo abrigo dos pobres, porque nunca lamento ou supplica, somno, tristeza ou fome tinham ficado esquecidos á soleira como cães sem dono e sem destino. A amigo ou estranho, era sempre de bom rosto que o velho dava pouso. Era uma singela casa no meio de um tosco jardim onde chorava a múrmura e sonóra queixa de um regato; e esse regato era de certo a unica lamentação que repetidamente passava á sua porta. Na primavéra as flores perfumavam toda a casa; brancas santas e alvos santos de gêsso e de marmore surgiam do oratorio durante os tres mezes da suave estação, como flores nascendo de flores; no inverno, quando o céo era griz e os caminhos eram brancos, á bocca do seu calorifero vinham os pobres aquecer-se do rude frio.

O doce Bernardin, homem simples e bom, sem a enredada sabedoria dos magnos sacerdotes, sem largos vôos de imaginação, pouco se aprofundára em dogmas e conceitos; cumpria fielmente as leis de Jesus com a mesma facilidade innocente com que um fructo sáe de uma flor. Assim, não maldizia porque de ninguem se queixava; era esmolér porque se condoia de quem era pobre e tinha fome; não mentia por ignorar que outra coisa além dos beijos e da verdade podesse poisar em humana bocca,—nem mesmo as abelhas que esvoaçavam em torno dos labios de Platão; não praguejava porque de nada serve a blasphemia; não odiava porque todos o amavam; era casto porque tinha bons pensamentos. Lera pouco durante a longa existencia; sabia que no principio Deus creou o céo e a terra, depois separou a luz e a treva... Não conhecia historias de raças e de conquistas, nem chronicas de guerras religiosas, nem falsidades e manhas d'inimigos. A Inquisição com todos os supplicios e todas as victimas era uma especie de lenda para amedrontar os atheus, assim como o papão era uma fantasia para intimidar as creanças; o Papa era um padre muito santo e muito sabio que morava em Roma; Roma era uma cidade visinha de sua França. Com o latim do Seminario dizia missa, fazia citações ao amigo pharmaceutico, pregava ás vezes no pulpito e ensinava declinações e conjugações: *ancilla—ancillæ*; *fero, fers, tulli, latum, ferre...*

Gostava de passar bem porque dizia que não era santo; e quando sentado á mesa, com a porta aberta para quem tivesse fome e quizesse entrar, tendo dado esmola e distribuido pães (mais pão do que conselhos), orava e acalmava o estomago com o pão que é o corpo, com o vinho que é o sangue de Jesus, muitas vezes pensava:

—Coitadinho de São João que comia gafanhotos!...

Era tranquillo e meigo; qualquer soffrimento lhe causava pena, para toda esturdia encontrava uma desculpa, e para os crimes tinha sempre um perdão.

Certa vez, numa tormentosa noite de inverno, quando lá fóra cahia o gelo e rugia a furia do sudoeste deglandiando as arvores núas, elle deitado, accommodado começava a dormir; de repente escancarou-se a porta e entrou pelo seu quarto um homem todo coberto de sangue e de medo.

—Meu Padre!

—Que é, filho?

E o assassino tremendo como si já estivesse deante da machina sinistra e fatal da guilhotina:

—Matei meu irmão!

O Padre Bernardin olhou-o, mal comprehendendo as suas palavras loucas.

—Teu irmão?

—Sim, meu irmão!

Com uma infinita calma e uma suave ternura, o velho sacerdote accrescentou:

—Que horrivel crime, meu filho! Deus te perdôe!

Persignou-se,—e como tinha somno continuou a dormir.

Toda a aldeia o estimava; havia moças que baptisára e casára; quando sahia, já se apoiando a um tremulo bordão, as mulheres vinham dos casaes á porta, á espera de sua benção, e elle passava sem se apressar e sem se admirar, como si estivesse em casa ou como si a aldeia fosse a continuação de sua casa. E quantas vezes, quando havia lua no céo, as creanças se reuniam á sua porta, e o Padre, ingenuo e bom começava com a sua voz repousada e tranquilla:

—Era uma vez uma camponeza que se chamava Joanna...

II



Foi nos primeiros dias de Fevereiro que uma vez, por uma tarde fria, quasi á hora da noite, um homem pobremente vestido de calça e blusa, com uma especie de gorro de operario, entrou em casa do Padre Bernardin. A classe terminára. Bernardin estava só no seu quarto, quando duas pancadas discretas resoaram á porta. Tão habituado estava o Padre a todas as visitas, que nem de leve se admirou, e calmamente disse:

—Entre!

O homem tão modestamente vestido de marcineiro penetrou no seu quarto.

—Meu Padre, eu sei que vae amanhan á cidade, e lhe venho pedir um favor.

Tanta doçura havia nas palavras do desconhecido, tanta certeza, tão amavel e boa era a sua physionomia, que o velho sacerdote teve a exquisita vontade de lhe beijar as mãos.

—Mas como soube que eu vou amanhan á cidade?

O carpinteiro tirou o gorro, passou a mão pelos cabellos e pela barba castanha, e falou com uma voz persuasiva:

—Não lhe posso dizer ao certo como tive noticia de sua visita amanhan a Paris; mas o que é verdade é que ha mais de quinze dias eu ando á sua busca para lhe pedir a graça a que vim. Sempre, infelizmente tem havido desencontro entre nós; aqui estou, porém; e mesmo que o Padre quizesse adiar a viagem, é tão caridoso o que lhe vou pedir, que certamente accederá á obra de tanta misericordia e caridade!

—Fale, irmão!

—Depois de amanhan é o Carnaval; é a loucura da embriaguez e da orgia. N'um dos centros mais populosos e vergonhosos da cidade móra uma pobre peccadora que ha seis mezes definha, vencida pelo mal terrivel da tuberculose. A casa em que habita é muito mais que suspeita; desde Janeiro até São Sylvestre estrebucha entre as quatro paredes uma horrenda bacchanal; é lá a reunião dos vadios, dos alcaiotes, dos companheiros do vicio, dos sodalicios da orgia. E' a villança da intelligencia e do caracter, a pandega pulha e ignobil de bordel e de taverna! A creatura de que falo muito me interessa; parece-me que no matto, descobri um remedio que si não é cura, é ao menos um alivio ao doloroso mal dos pulmões. Mas me diga, irmão: eu, um pobre carpinteiro posso entrar assim de blusa, sem chamar a attenção numa casa de tanto peccado e tanto luxo? O meu amigo é um sacerdote; e para que não desperte suspeita, quando levar o remedio ouvil-a-á em confissão, pois a creatura, enfermiça ha muito, anda agora a morrer. Bastará que chegue á sua casa ás dez horas da noite, quando os rapazes e as mulheres sahirem em algazarra para o ruido do Carnaval. O seu quarto é no segundo andar, n'um corredor, terceira porta á esquerda. Vá, meu irmão, e fique certo de que faz uma grande obra de caridade. Vá, ella o espera!

E o marcineiro deu a rua e o numero da casa.

Com tanta firmeza elle falára que o Padre não pensou em pôr a menor objecção; apenas com um sorriso que a tristeza severisára, indagou:

—E o remedio que lhe devo dar, onde o encontro?

Quedou-se alguns instantes pensativo com o sobrecenho carregado o desconhecido; parecia que uma grande magua lhe lancinava a alma; por fim, murmurou:

—Irmão, ella já está desenganada pelo medico!

—Sim, mas o seu remedio descoberto no matto?

O carpinteiro meneou a cabeça negativamente.

—E' inutil levar-lhe remedio! Vejo que é tarde! Leve-lhe a extrema-uncção!

Bernardin curioso ainda perguntou si elle a vira ultimamente.

—Não, eu nunca a vi!

Até hora alta da noite os dois homens conversaram; um do outro se agradara na simplicidade que os fazia parecidos; e era tão sympathica a convivencia dos seus espiritos que nem um reparou na madrugada que vinha nascendo no céo...

III



Paris estava no deslumbramento da festa louca. Explodiam por toda parte orchestras de assovios, faiscavam

illuminações, retumbavam clamores de orgia. Já passavam os grupos para os bailes numa ruidosa algazarra a que se sentia o vinho. Era o dominio do regabofe e da troça, da pandega desconjunctada, da pilheria, da chalaça, da chacota, da laracha, do insulto mascarado a que se chama geralmente espirito... Passavam *pierrots*, arlequins, *clowns*, dominós; todo mundo tinha uma physionomia mais ou menos mascarada; tilintavam guizos, sacodiam-se canções lascivas de bordel. Era o Carnaval. Era a intriga elegante para a gente fina, era a pilheria boçal para os rudes; eram os vinhos de Champagne para os ricos e *clubmans*, era a agua-ardente para os pobres e goliardos. Para muitos era a verdade. Vinham os grupos e os carros de todas as ruas e penetravam ruidosos nos *boulevards* festivos. A grande, a gloriosa, a immortal cidade parecia toda entregue á momice e á graçola do entrudo. Onde estava o grande cerebro de Paris produzindo por centenas de edições, em milhares de brochuras a seiva fecunda do seu grande espirito pelas artes e pelas sciencias? Onde os cursos em que se aprendem todos os conhecimentos do saber humano, em que se prevêm todas as hypotheses, em que se investigam todas as causas, e se determinam todos os effeitos? Paris descançava; o Carnaval se estendia sobre a opulenta cidade como um grande polvo que abre os tentaculos...

Cahia a neve; choviam polychromias de *confetti*; e pairava no ar um cheiro de harém, e subia no espaço um perfume de absyntho...

As dez horas da noite, de uma casa da rua des *Petitits Correaux* sahiu um grupo alegre de mascarados e mascaradas; carruagens se approximaram; houve uma grulhada de vozes, uns risos e uns gritinhos nervosos, um ar de coxixo e segredo que ha sempre entre mascaras para que toda gente saiba que elles se conhecem entre si; depois um ajuntamento de curiosos, e os carros partiram. Aquelle trecho da rua ficou por um instante silencioso; nesse momento, um carro modesto parou; desceu o Padre Bernardin acompanhado pelo acolyto, e os dois entraram na casa d'onde haviam partido os mascarados. Defronte, um homem de blusa de operario e que parecia um marcineiro, rondava.

IV



O velho Bernardin sentiu-se contrafeito ao penetrar naquelle corredor, ao subir aquella escada onde pairava um ar de mysterio e de orgia, onde havia pouco roncavam deboches e bebedeiras, onde passaram homens sem fé e mulheres semi-núas, e onde elle entrava agora com Jesus-Christo para dar a extrema-unção a uma moribunda. Mas lembrava-se das palavras do seu visitante: «Ella o espera!» Ella o esperava; mas onde? Todas as salas estavam vasias; por toda parte, em vez de remedios, jaziam garrafas esgotadas de vinhos. Seus pudícos olhos surprehendiam interiores deshonestos de alcovas lascivas... O acolyto lembrou que era no segundo andar, terceira porta á esquerda. Subiram uma nova escada, chegaram ao corredor; mas pairava o mesmo silencio, descançava o mesmo abandono. O velho padre estava receioso; temia que entrasse alguem e o visse conduzindo o Salvador áquella casa de peccado e de vicio! E si voltassem de repente aquellas mulheres e aquelles homens? De certo o desrespeitariam, tontos pela loucura da bebida e do Carnaval. Foi com uma vaga esperança de fugir áquella casa sem fé e sem Deus, que elle disse ao companheiro:

—Parece que nos enganamos! Não ha ninguem na casa!...

Mas este não respondeu: com a mão em concha sobre a orelha, parecia ouvir attentamente.

—Que é que fazes?

—Não está ouvindo um rumor que parece um gemido?

Effectivamente aos ouvidos do Padre chegavam agora uns dolorosos e abafados ais. Encaminharam-se mais para a porta, e bateram de leve; ninguem respondeu; outra vez, com os nós dos dedos, Bernardin de mansinho fel-a resoar; tambem não houve resposta, mas aos dois amigos pareceu que o sussurro cessára. Por fim o rapaz entreabriu a porta, e o Padre entrou sósinho.

V



Longo tempo durou a confissão.

Quando o Padre abeirou-se do leito da enferma, quando ella o viu, não mostrou o menor espanto nem o mais ligeiro sobresalto; apenas nos seus grandes olhos muito fundos e soffredores, fulgiu rápida e fugace uma scentelha de alegria. O velho sacerdote olhou em volta de si. O quarto era pequeno, mas conservava um luxo atrevido e convencional de velludos e de setins; o leito largo, fôfo, sensual era encimado por um baldaquino de seda vermelha como sangue; e á cabeceira, pregado á parede, um grande espelho reflectia o quadro triste de uma doente quasi na agonia. O Padre que vencêra facilmente a vergonha de entrar naquella casa suspeita, escrupulisou deante d'aquelle crystal de serralho, luzente e obsceno, e desviou os castos olhos. Perto da porta um

divan ostentava a sua côr vermelha tambem; havia espalhadas duas ou tres cadeiras largas; o lavatorio estava cheio, transbordando de frascos seccos de essencias e caixas vasias de pó de arroz; ao lado um atril onde descançavam os tres volumes do *Chevalier de Faublas* e uns numeros velhos de «*Sans-Gêne*», «*L'Indiscret*», «*Culotte Rouge*», «*La Dame aux Camélias*», e uma historia de Napoleão I; perto da cama estava a mesinha; havia frascos de remedio,—e uma vela illuminava uma pequena e tosca imagem de S. José. Bernardin, com uma voz tranquilla deu as boas noites é rapariga, e indagou solicito:

—Sente-se melhor? Gemia táo baixinho que mal pude ouvil-a!

Ella fez um esforço cançado e murmurou com tristeza:

—Tinha medo de incommodar os que se divertiam! Já hontem quizeram mandar-me para o hospital! Diziam que eu ia estragar-lhes o entrudo... Não me queriam dar um confessor! Mas eu sempre tive a esperança de não morrer com tanta culpa!

E olhou com um ar devoto para a imagem de São José...

—Pois aqui estou, minha filha, para ouvil-a e perdoal-a!

A pobre creatura ficou com os olhos rasos de lagrymas felizes; e com a voz tremula indagou curiosa:

—Diga-me, meu Padre, conhece-me? Como soube que eu estava doente?

—Um homem que foi á minha casa e me falou do seu estado... Não o conheço; creio que é um carpinteiro.

—Talvez queira fazer o meu caixão...

—Talvez queira salval-a, minha filha!

Ella contou-lhe a sua historia. Era a mesma de sempre, dolorosa e banal; era a seducção estupida de um homem covarde; depois da posse vinha o gualdipério immediato; era a primeira quéda no lôdo e na lama do vicio, o espectro da fome apparecendo, e por fim a rendição completa, o aluguel do seu corpo, a prostituição da sua alma.

O Padre escutava-a em silencio, ancioso pela obra da graça e do perdão; ouviu-lhe ainda todos os feios peccados, e absolveu-a. N'esse momento a vela se apagou. Quando conseguiu de novo acendel-a, reparou com um vago tremor que a estatua de São José tinha cahido, e que a rapariga estava morta...

VI



Muitas horas passára no quarto da moribunda; quando chegou á rua reparou que era hora alta madrugada. Por todos os lados ainda estrugiam gritos alegres de carnaval.

O carro approximou-se; Bernardin deu um derradeiro olhar á triste casa onde ficára abandonado um cadaver, e entrou com o acolyto para a carruagem. Vinham pela rua carros alegres, illuminados a fogos de bengala; era o grupo de mascarados que regressava. Os animaes fustigados partiram, e elle pensou:

—Ahi voltam os doidos para o cemiterio!...

Para traz não tinham ainda ficado dez metros, quando ao aceno de um desconhecido, a caleça parou. Era o marceneiro; e assim disse:

—Muito obrigado, meu Padre, por ter vindo! Coitada, ella morreu!

Foi só; caminhou e desappareceu na sombra. Mas o Padre Bernardin, dando ordem para de novo partir, pensou que havia qualquer coisa de extranho n'aquelle homem tão pobremente vestido de operario; pareceu-lhe que havia uma luz refulgente e tranquilla nos seus olhos; e suppoz um instante que em fim aquelle carpinteiro talvez fosse São José...

THOMAZ LOPES.

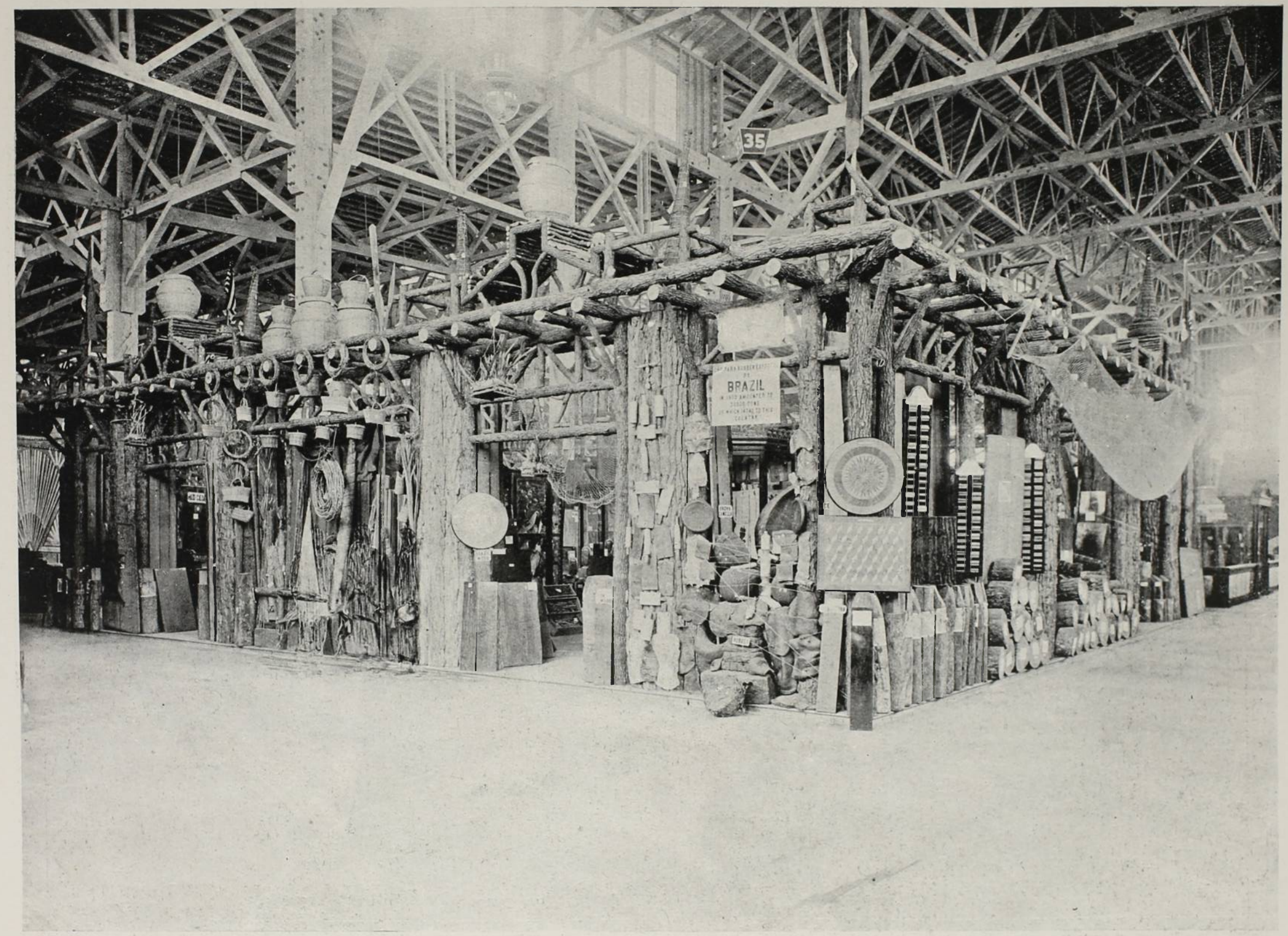
Rio — 1904.

(*Historias da Vida e da Morte.*)

EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE VARIAS INDUSTRIAS



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE FLORESTAS, PEIXE E CAÇA



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE AGRICULTURA



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE FLORESTAS, PEIXE E CAÇA

A AVENIDA CENTRAL

A idéa de romper-se uma ampla arteria através da cidade do Rio de Janeiro surdiu na mente esclarecida e forte do Ministro da Industria, o Dr. Lauro Müller, ao mesmo tempo que da phase de elaboração passava para a realidade o grandioso plano de melhoramentos do porto, obedecendo assim aos elevados e patrioticos intuitos do actual Governo de alliar-lhe trabalhos que viessem aproveitar efficazmente ao saneamento da cidade.

Localizadas as obras do porto, agora tão auspiciosamente iniciadas, ao longo dos exiguos bairros da Saúde e da Gambôa, que uma cinta de collinas graniticas segrega da grande agglomeração cidadan, apenas permittindo communicarem entre si apertadas gargantas, através das quaes desde as primeiras edificações após o periodo colonial se foram estabelecendo, estreitissimas e angulosas, as ruas da Prainha e da Imperatriz, e posteriormente a da America; e participando da mesma acanhada e vetusta feição as vias que a ellas se ligavam,—imprescindivel apparentava-se a solução immediata do arduo problema de melhorar a viação, no sentido de se dar o mais franco e largo accesso por terra aos valiosos e vastos estabelecimentos commerciaes projectados, ao mesmo tempo satisfazendo aos instantes reclamos da hygiene publica.

A abertura de uma larga rua arborizada por entre os quarteirões centraes da cidade constituiu-se de facto, assim como o prolongamento do canal do Mangue até ao mar, parte integrante do programma de melhoramentos a executar-se com o producto do emprestimo de..... 8.500.000 £, lançado em Londres, em virtude de disposição expressa da lei de meios, e de accordo com o relatorio que a illustre commissão de engenheiros, nomeado *ad hoc*, apresentou sobre o magno assumpto, sendo então a execução desses trabalhos contemplada no orçamento geral das obras, com verbas que ascendiam á importancia de quasi oito mil contos de réis.

Passou a grande arteria projectada a ser designada com o nome de «Avenida Central»,—denominação esta por certo provisoria, até definitiva sancção de um nome que mais condiga com o brilho de sua concepção,—para distinguir-se da avenida marginal do novo porto e das que correrão de ambos os lados do canal do Mangue, prolongadas até aos futuros caes.

Achando-se então iniciada pela Prefeitura a realização de um vasto plano de melhoramento da viação e embellezamento da cidade, com o prolongamento da rua do Sacramento, que, já presentemente effectuado, intercepta as ruas longitudinaes da velha cidade até á de Floriano Peixoto, e continuando pela rua Camerino, antiga da Imperatriz, convenientemente alargada, deve alcançar a Praça Municipal, e portanto o local dos novos caes; por outro lado prestando-se a rua da America, em parte excavada no rochedo, apenas para unir a rua de Santo Christo e cercanias com a Cidade Nova, e devendo, porfim, no extremo do projectado caes, ao Norte, ligar-se este com os bairros de Sant'Anna e do Engenho Velho pelas já mencionadas avenidas do Mangue e com a freguezia de São Christovão pelo prolongamento da dilatada rua, que tem este nome, não havia senão o largo da Prainha, no extremo Sul dos logares alcançados pelos melhoramentos do porto para servir de ponto de partida á Avenida Central.

Lavrado o contracto para a execução dessas obras com a firma C. H. Walker & C., e organizada a commissão encarregada de fiscalizal-o, o digno Ministro da Industria commetteu especialmente ao Dr. Paulo de Frontin, um dos mais conspicuos membros da commissão, que elaborára o schema definitivo daquellas obras, o encargo de estudar a melhor directriz da grande avenida projectada, tendo em vista não só o elevado fim que vinha preencher e as condições technicas a que deverá obedecer, como tambem o valor das desapropriações dos predios, cuja demolição se tornava necessaria a ser ella rasgada por entre os antigos quarteirões, com a folga imprescindivel para accommodar convenientemente os novos edificios. Pouco depois foi creada a Commissão Constructora da Avenida Central, sendo o Dr. Paulo de Frontin muito acertada e merecidamente nomeado para dirigil-a.

—

A primeira questão a resolver consistia na determinação da largura da Avenida Central e da feição que a deveria caracterizar. Penetrando através de blocos de compacta edificação e destinada a intensa circulação de vehiculos de todas as classes e ao transito não menos activo de uma multidão de peões, desde logo se inferia que os seus caractéres tinham de assemelhar-se aos dos *boulevards* de Paris, cuja largura total regula ser de 30 metros geralmente, distribuida pela calçada central carreteira e por amplos passeios, ao lado dos predios, cada passeio ornado com um renque de arvores de mediano porte. E' assim não só a incomparavel arteria que se desenrola da Madeleine á Bastilha, vindo substituir os baluartes que envolviam a antiga cidade,—circumstancia esta, donde proveio o nome com o qual ficaram designadas estas bellas ruas arborizadas—; como tambem teem identico caracter a mór parte das novas arterias, que transformaram radicalmente aquella vasta metropole, como por exemplo o Boulevard Sebastopol, que com o de Strasbourg estende-se em linha recta desde o rio Sena até á gare de l'Est, e possue a referida largura, cabendo 14 metros á calçada central e 8 a cada um dos passeios lateraes. Este é, por assim dizer, o typo classico de avenidas, apropriadas ao intenso transito de uma grande cidade, e posteriormente imitado por muitas municipalidades, sendo interessante para nós aqui mencionar entre ellas a de Buenos Ayres, onde se ostenta com largura tambem não excedendo a indicada, a garbosa Avenida de Mayo, formada com grande dispendio de capitaes pelo ampliamento de uma das antigas e uniformes ruas que, cruzando-se com outras em angulo recto, dão logar ao systema em xadrez, tão peculiar ás cidades sul-americanas.

A Avenida Central foi dada a largura de 33 metros, cabendo 7 a cada um dos passeios lateraes, ornados estes por uma fila de arvores, distantes 1,25 metros do meio fio, e sendo toda a parte central destinada á circulação dos vehiculos; mas a largura relativamente consideravel de 19 metros da calçada permittiu dispôr de distancia em distancia refugios circulares ou oblongos, de dous metros no sentido transversal da Avenida, com grande proveito não só para a segurança dos transeuntes pedestres ao cruzar a rua, atravancada de carros, como tambem para a ornamentação por meio de motivos decorativos, como sejam columnas de illuminação ou arvores, arranjo este que, no dizer do architecto Camillo Sitte é talvez a invenção mais grandiosa e mais original na arte moderna

de edificar cidades. Quanto a dar á avenida maior largura que a escolhida convem ter em mente que nas circumstancias que aqui se reunem, cada metro que es lhe accrescesse, importaria na despeza addicional talvez de oito centos contos com as desapropriações principalmente.

Justifica-se demais plenamente, por considerações de outra ordem, a perfeita conveniencia do typo adoptado. Não se tratava, com effeito, no nosso caso de converter em alamedas, antigas fortificações, como aconteceu em muitas cidades européas; em Vienna, por exemplo, onde depois de se demolirem os seculares bastiões, que circundavam a cidade interna, após o enchimento dos vallos e a consecutiva edificação dos *glacis*, immensa explanada, que a separava dos populosos suburbios, estabeleceu-se o Ring, a soberba avenida circular com 57 metros de largo, ladeada em todo o seu percurso dos mais bellos specimens da architectura contemporanea; ou em Antuerpia, que póde justamente orgulhar-se de possuir um dos typos mais aperfeiçoados da moderna viação, a Avenue des Arts, a qual desenvolve-se em forma de meia ellipse sobre cerca de quatro kilometros de extensão, com largura de 60 metros, distribuida por uma calçada central de 16 para o transito dos carros, seguida de duas aléas com duas filas de arvores cada uma e 9 metros de largura, reservadas aos passeantes a pé ou a cavallo, mais duas calçadas para o serviço local dos vehiculos e finalmente os passeios junto aos predios.

Nem tão pouco offereciam-se aqui antigas estradas de rodagem, muito largas e ornadas de altas arvores, ou espaçosos tractos de solo, baldios ou ermos ainda de construcções, velhos jardins, bosques ou propriedades campesinas dos arredores de certas cidades, animadas de forte e progressiva expansão, onde com despeza relativamente diminuta tornou-se exequivel a creação de amplissimas vias, arborizadas ou ajardinadas, como succedeu em Paris com a grandiosa Avenue des Champs Elysées, que, partindo da praça de la Concorde atravessa extensos jardins de recreio e prosegue em linha recta e com a largura de 77 metros até a praça circular de l'Etoile, em que está erigido o monumental arco commemorativo das victorias do primeiro imperador dos Francezes, delle irradiando doze avenidas, entre as quaes a do Bois de Boulogne com a largura excepcional de 142 metros; ou como em Lisboa o exemplo mais recente da Avenida da Liberdade, construida com a largura de 90 metros em logar do velho Passeio Publico e prolongada até as alturas do Valle de Pereiro, mediante grande monta de terraplenagem sobre solo d'antes mal ou pouco edificado. Em Bruxellas a magnifica Avenue Waterloo, de 84 metros, que em mais da metade da largura é occupada de aléas com seis renques de arvores, e como as precedentes pertence ao typo de avenidas de luxo, destinadas antes ao passeio, ao recreio, ao sport, que a um pesado transito de vehiculos de todas as classes e de todos os mistéres.

Longe se estava agora tambem dos raros casos de delinear-se e arruar-se em terreno inculto e de pouco valor, uma nova cidade, como La Plata, na Republica Argentina, construida sobre solo arenoso, em perfeito xadrez, com numerosas praças e amplas avenidas; ou entre nós Bello Horizonte, a formosa capital de Minas Geraes, mais futurosa, mais hygienica e mais pittoresca, assente como está em terreno declivoso e ao sopé de alta montanha, sendo que as suas avenidas teem a largura de 35 metros, (menos a de Affonso Penna, com a de 50, dimensão talvez excessiva), e cortam diagonalmente os quadrados formados pelas ruas de 20 metros, assim corrigindo-se defeitos inherentes ao systema rectangular. Em condições analogas acha-se a nossa futura avenida marginal do porto, pois que ella surgirá do espaço ainda occupado pelo mar, podendo por esta razão ser contemplada, na faixa dos novos cáes com a largura de 40 metros, a qual permitte a collocação de uma aléa central com duas fileiras de arvores; assim como podem ser-lhes equiparadas as alamedas, que beiram o canal do Mangue pelas duas margens, tanto na antigo trecho de 1818 metros, como no seu prolongamento em construcção na extensão de 1516; levantadas, n'um e n'outro, sobre paúes e mangues, aquelle com 80 metros de largura, abrangendo os 12 do canal, e ostentando quatro filas de palmeiras imperiaes, e este, com 90 metros, devendo receber de cada lado do canal, alargado para 20 metros, uma linha de arvores dessa especie, e cada avenida marginal ter mais dois renques de arvores copadas.

—

Na escolha da melhor directriz, partindo a Avenida Central do largo da Prainha, o seu objectivo natural occorria ser um dos largos da Carioca ou da Mãe do Bispo, hoje praça Ferreira Vianna, limitados respectivamente pelos morros de Santo Antonio e do Castello; no primeiro caso cruzaria muita obliquamente as ruas longitudinaes entre as do Hospicio e da Assembléa, e desembocando na Carioca, a grande arteria prolongar-se-ia, tortuosa e mais acanhada, pela rua Treze de Maio, comquanto alargada conforme o projecto que a Prefeitura já levou a bom termo, e em seguida pela rua Chile até ao mar; no segundo caso melhorariam as condições de intercepção com as ruas longitudinaes, mas o traçado geral apresentaria um desvio, confundindo-se a avenida em seu extremo Sul com a referida rua Chile.

No bemfazejo intento de permittir o accesso mais franco das correntes aereas, saneadoras e refrigerantes, e o seu derramamento pelas estreitas ruas da velha cidade, impregnadas por um ambiente estagnante e viciado, preferiu-se lançar com a resolvida amplidão a nova arteria em linha recta, de mar a mar, desda a Prainha até um ponto do litoral intermediario entre a praia de Santa Luzia e o Boqueirão do Passeio Publico. A definitiva direcção lhe foi fixada de modo que a margem occidental tocasse em seus extremos os grandes edificios do Lyceo Literario Portuguez e do Convento de N. S. da Ajuda, nos cantos NE e SE respectivamente, sendo que a margem oriental ficava adstricta por um lado ao córte de uma ponta rochosa do morro de São Bento, sobre a qual fôra em tempo construida uma escadaria para o accesso ao reservatorio d'agua, situado no alto, e por outro lado ao desmonte de uma aba do morro do Castello, coberta de compacta edificação na subida ingreme da ladeira do Seminario.

A solução assim dada ao melhoramento capital da viação urbana no centro commercial é a mais racional de quantas haviam sido aventadas, porque melhor attende ao conjuncto de condições a que se tinha de satisfazer; isto é:

1º — abrir o caminho mais curto e de execução mais facil entre os sitios affectos ás obras do porto e o extenso litoral, que se desenrola entre a praia de Santa Luzia e a de Botafogo, servindo a bairros populosos e ricos, e ao longo do qual era projecto antigo da Prefeitura, construir uma via de communicação exterior, projecto este presentemente remodelado em forma de uma avenida arborizada e ajardinada de inexcedivel belleza.

2º—arredar pelo modo mais singelo e economico possivel, os obstaculos naturaes e os que têm sido com o tempo creados pelo homem, oppostos a uma efficaz e desempedida ventilação;

3º—traçar a nova arteria com a orientação mais vantajosa em relação aos ventos dominantes, ao mesmo tempo não descurando a conveniente insolação a offerecer aos edificios que se forem nella erigindo de um lado e d'outro.

Sendo incontestavel o asserto concernente á primeira condição, cabe aqui lembrar sómente, quanto á segunda, o antigo projecto do arrazamento do morro do Castello, meio radical, por certo, de destruir-se por completo o maior estorvo levantado á acção benefica dos ventos, o qual foi outr'ora objecto de uma concessão federal, hoje encampada pelo Governo; no entanto as colossaes despezas que acarretariam a expropriação dos immoveis e o enorme movimento de terra necessarios, assim como a longa duração dos respectivos trabalhos eram incompativeis com os recursos de que para tal fim agora dispõe o governo, e com a grande rapidez que se queria imprimir á execução.

Em apoio da boa orientação da Avenida Central ligeira referencia é conveniente aqui fazer-se ao regimen local dos ventos; a sua direcção determinada pelos pontos obrigados do traçado, que acima deixámos assignalados, é de 19º15' para Leste, olhando-se para o Sul; approxima-se pois bastante do rumo SSE. Ora resulta das observações anemoscopicas feitas durante longo periodo ser esta precisamente o vento que prevalece e sopra com mais constancia nesta cidade, seguindo-se-lhe de perto o NW e logo após o SE; e se agruparmos os ventos comprehendidos entre S e SE por um lado e os de N a NW por outro lado, cuja linha mediana corresponde com pouca differença á direcção da Avenida, temos que os primeiros podem ser representados na frequencia annual em média com a porcentagem de 42,3 e os ultimos com a de 26,7, e reunindo-os mais das 2/3 partes, portanto, da totalidade annua; este resultado provem da alternancia caracteristica dos ventos daquelles rumos, que diariamente se manifesta com grande regularidade, uns soprando de tarde como viração ou brisa do mar e os outros como terral ou brisa de terra da meia-noite em diante. No decurso do anno varia aquella relação com a declinação do Sol, sendo que de Novembro a Abril, isto é nos mezes mais quentes cresce a proporção dos ventos maritimos, que são os mais puros e refrescantes, ao passo que na outra parte do anno preponderam os que sopram de terra. A viração é geralmente mais intensa que o terral, mas raramente a sua velocidade attinge a 12 metros por segundo; ao rondar diario do vento e por vezes em substituição aos do quadrante de NW apparecem intervallos mais ou menos longos de calmaria, cuja duração total não excede comtudo em média a 12,6 % do anno; a um periodo de calma mais demorado e anormal succede vento mais forte, tempestuoso ás vezes, cujo rumo póde ser qualquer, mas sendo mais commum nestes casos o SW ou o NE. Nas condições assim descriptas, claro é, que a orientação dada á Avenida Central com relação aos ventos reinantes é extremamente favoravel.

Vejamos agora as particularidades da exposição aos raios solares, quanto edificios aos que serão construidos ao longo da avenida, e os seus effeitos sobre a propria via, dada a direcção desta e tendo em consideração a latitude geografica da cidade e o movimento apparente do sol, devido quer á rotação da Terra em volta do eixo, quer á translação desta em sua orbita. Suppondo ser de 18 a 20 metros a altura normal dos edificios e descontando-se o tempo durante o qual, logo após do nascer do Sol ou antes do seu occaso, estão os predios de um lado da via, total ou parcialmente ensombrados pelas fachadas dos fronteiros, acha-se que por occasião do solsticio de Dezembro a insolação dos predios dos dois lados da Avenida durará pouco mais que 5 horas por dia; e desde essa epoca em deante até o equinoxio e em seguida até o solsticio de Junho a insolação dos predios da margem oriental irá gradualmente diminuindo até durar sómente 3 horas, ao passo que a dos predios da margem occidental pouco se modificará, decrescendo apenas a pouco menos de 5 horas por dia. Quanto á propria avenida para resguardar os peões da ardencia dos raios solares, haverá sempre, e principalmente na estação calmosa, alguma sombra projectada pelas construcções, ora de um lado, ora do outro, alem das intermittencias obumbradas pelas arvores.

—

Assentadas a direcção e a largura da Avenida Central e estudada sobre a excellente carta cadastral da cidade a faixa de solo edificado que era preciso occupar e aplainar para dar passagem á grande via e assegurar com a conveniente largueza a reedificação, o Dr. Paulo de Frontin ao assumir em 23 de Novembro do anno passado a direcção geral do Commissão Constructora, concebeu um vasto e bem organizado plano de acção para a realização do grande empreendimento dentro em brevissimo prazo, pondo-o logo em pratica com a denodada energia e lucido discernimento de que é dotado. O plano visava o conjuncto dos varios trabalhos e multiplas cogitações, desde as negociações para a expropriação dos immoveis e para a venda em lotes dos terrenos adquiridos, os trabalhos de demolição dos predios e do desmonte nas abas dos morros e os meios de remoção ininterrupta do entulho e do material excavado de maneira a acompanhar *pari passu* o andamento da derrubada; até o exame não só das condições technicas e dos requisitos hygienicos, a que devem satisfazer as novas construcções, como tambem o estudo dos melhores moldes architectonicos a seguir sem ferir as posturas municipaes vigentes, nem discordar dos predicados de grandiosidade e de belleza que harmonizem com os caracteres da futura via, sendo que tal aspiração deu o feliz ensejo para o brilhante e bem succedido concurso das fachadas. Alem disto importava attender ao trabalho de demarcação dos predios projectados segundo planos approvados pela Commissão, antes mesmo que a faixa da Avenida estivesse de todo desembaraçada da velha casaria; proceder ao exame da melhor concordancia, em planta e em elevação, da Avenida com as ruas existentes, prestando a devida venia ao plano de melhoramentos da viação urbana, organizado pela Prefeitura; e finalmente envidar o estudo das condições de escôamento superficial e da remoção subterranea das aguas de chuva, e as investigações sobre o melhor modo de ligar-se as diversas canalizações de agua potavel, dos esgotos e do gaz corrente com as respectivas rêdes, que funccionam na cidade e são actualmente, pela mór parte, objecto de revisão e de reforma.

—

Em um anno de afanoso e incessante trabalho é bem patente o maravilhoso resultado já alcançado. Nos dous primeiros mezes completam-se os accordos com os proprietarios de quasi todos os predios, na forma de trans-

ferencia da propriedade por valor não excedente dos limites estabelecidos na recente e providencial lei de desapropriação por utilidade publica, ou de simples permuta por algum lote dos terrenos da Avenida, com ou sem indemnização. Começa em 29 de Fevereiro a faina das demolições que se vae alastrando a toda a zona expropriada, á medida que se multiplicam os meios de transporte; a 8 de Março festeja-se solemnemente o lançamento da pedra fundamental do primeiro edificio, em terreno adquirido pelo abastado industrial E. P. Guinle e compreendido entre a Avenida, a rua də São Bento alargada e a rua Acre, antiga Prainha; investe-se em seguida a pedreira do morro de São Bento, e só muito mais tarde, quando as circumstancias permittiam a cessação do transito pela ladeira do Seminario, o corte do morro do Castello. Passam-se seis mezes e novos festejos se realizam, commemorando o anniversario da nossa independencia, achando-se derruidas mais de quinhentos predios e aberta uma ampla brecha entre o Boqueirão do Passeio e o largo da Prainha, pela qual é traçado o eixo da grande via e lançada uma linha de carris de ferro para tracção electrica, com um unico desvio motivado pela conservação dos grandes predios dos importantes commerciantes Hasenclever & C. até que possam elles transferir-se para o bello edificio em construcção na Avenida entre as ruas General Camara e São Pedro.

Importaram todas as despezas até hoje effectuadas com as desapropriações para a abertura da Avenida Central a avultada quantia de 28368 contos de reis, pouco superior, no entanto, á metade da verba affecta a este mistér no orçamento geral das obras de melhoramento aqui emprehendidas pela União; a tal monta vem porem contrapôr-se a somma dos valores dos terrenos até agora alienados na importancia de 2174 contos, alem do producto da venda dos materiaes das demolições. Dos 590 predios desapropriados, pela mór parte de pessima estructura e absolutamente destituidos dos requisitos hygienicos, muito pouco resta ainda derribar; e dentre os escombros já vae surgindo nova edificação; há com effeito agora 16 predios em construcção, sendo provavel que não tardará a iniciação de outros nos lotes já occupados em numero de 67, dos quaes foram vendidos 22 e permutados 39,—entre aquelles o do Club de Engenharia e entre estes os do Theatro Municipal, a Companhia Jardim Botanico e das emprezas jornalisticas d'*O Paiz* e do *Jornal do Brazil* —; cinco lotes foram cedidos em usofruto a instituições particulares, que são o Lyceo de Artes de Officios, a Policlinica, os Clubs Militar e Naval e a Companhia Docas de Santos; e finalmente sobre um grande terreno muito bem situado, no cruzamento da avenida com a rua Visconde de Inhauma, será levantado um novo edificio destinado á Caixa de Amortisação, estando de mais resolvido que a Bibliotheca Nacional terá collocação condigna sobre a via magna, assim como o magestoso Pavilhão Brazileiro que ora figura honrosamente na exposição internacional de São Luiz e dentro em breve virá tambem abrilhantal-a.

O serviço de remoção do entulho proveniente das demolições corria a principio morosamente em consequencia não só das difficuldades da circulação pelas estreitas ruas da cidade, como da longitude dos logares onde esses materiaes, juntamente com a terra excavada dos morros, podiam ser depositados sem inconveniente ou antes com grande vantagem na formação de aterros; rapidamente, porem, se foi desenvolvendo, quando aos meios de transporte, que de prompto se offereciam,— sendo por terra carroças, caminhões e vagonetes sobre carris e por agua saveiros, rebocados por lanchas a vapor—, accresceu o concurso inestimavel da Companhia Jardim Botanico, a qual ia penetrando por entre as ruinas das casas parcialmente destruidas, com os seus trilhos e com o seu systema de tracção electrica, e porfim trafegava, noite e dia, por meio de comboios, puxados por carros-motores adequados, transportando até á praia de Botafogo na distancia media de 4800 metros cerca de 900 metros cubicos nas 24 horas.

Elevam-se até ao presente a mais de 160000 metros cubicos as quantidades transportadas, tendo sido 55400 empregados proveitosamente no aterro da Praia Formosa, 8900 lançados no Boqueirão do Passeio, assim dando-se inicio á construcção da Avenida á beiramar, e emfim cerca de 96000, que foram completar com desusada rapidez o grande terrapleno, que a Prefeitura emprehendeu na praia de Botafogo, no desempenho do grandioso plano de embellezamento nesta parte da cidade. Do volume total provieram 46000 metros cubicos do corte da Ladeira do Seminario e 8189 do morro de São Bento, em grande parte excavados em rocha; os restantes 106000 representam os destroços da derribada, excluindo uma grande quantidade de matacões de pedra, que se acham arrumados em montes regulares, e serão aproveitados, quer nas novas construcções, quer no calçamento da Avenida.

—

O illustre Chefe da Commissão Constructora, no empenho de activar sem tardança a reedificação, antecipando o seu inicio, antes mesmo de estarem as demolições tão adiantadas que permittissem de um dos extremos da futura via perceber o outro, imaginou um processo engenhoso, logo posto em pratica, de fixar sobre o terreno, ainda parcialmente impedido por predios, não derribados ainda, os alinhamentos dos dois lados da Avenida e com isto poder-se demarcar os lotes ajustados ou cedidos, e portanto os alicerces das novas construcções. De um ponto da armação de madeira, mirante ou giráo, levantado acima do grande edificio do Lyceo Literario Portuguez correspondendo á aresta vertical ou canto de SE, visou-se com um teodolito por cima dos innumeros telhados um alto poste collocado junto ao canto NE do Convento da Ajuda; e na direcção visado alguns pontos foram sendo escolhidos acima dos sobrados mais altos, á medida que se entrava em accôrdo com os respectivos proprietarios e que a demolição de uns permittia descortinarem-se á vista os mais adequados á operação, sendo então nelles construidos outros tantos mirantes, centrados convenientemente. A linha aerea assim obtida corresponde ao lado de Oeste da Avenida, sendo que de cada uma das estações do alto se podia projectal-a sem discrepancia alguma ou pelo menos com uma approximação inferior a dous centimetros, sobre o terreno, em trechos já parcialmente desembaraçado dos escombros. Em um bloco de casas da rua do Hospicio attingido pela Avenida e propicio ao levantamento topographico passou-se em angulo recto e na distancia de 33 metros de uma das estações elevadas da linha occidental para outra, que foi tambem estabelecida em um mirante; e deste ponto fixou-se pelo processo seguido o lado de Leste. Mais tarde, sobre o terreno já aplainado, foi traçada uma linha intermediaria, egualmente distante das precedentes, que ficou pois sendo o eixo da Avenida Central; permanecendo ainda de permeio no trajecto, temporariamente, a casa de Hasenclever & C., conforme ficou dito, sobre ella erigiu-se um grande mirante, cujo centro coincidia sobre o eixo da grande via, O comprimento da



DR. PAULO DE FRONTIN

ENGENHEIRO CHEFE DA COMMISSÃO CONSTRUCTORA DA AVENIDA CENTRAL

linha axial, contado entre a rua Acre e o seu limite ao Sul verificou-se ser de 1795 metros, sendo que a distancia entre o caes das obras do porto e o da Avenida á Beiramar será de 1956 metros segundo o mesmo alinhamento.

Cumpria então proceder-se ao nivelamento do terreno já desbravado, com o fim de determinar a gradiente a dar-se á Avenida, para que concordasse com as alturas encontradas nos calçamentos das ruas atravessadas. Verificando-se uma differença do nivel de 2,^{m}66 entre o ponto culminante na praça Ferreira Vianna e a rua Acre e de 1,72 em direcção ao outro extremo, resultaria uma rampa e uma contrarampa de cerca de 0,^{m}002 e 0,^{m}005 por metro respectivamente, circumstancia esta que collocava a futura via em excellentes condições de declividade para o effeito do escôamento das aguas de chuva; entretanto a sensivel discordancia existente nas altitudes das ruas interceptadas, conforme se póde observar no perfil longitudinal, impediu a adopção de inclinações uniformes; assim é que, fixando-se de accôrdo com a Prefeitura a cota culminante da Avenida em 4,^{m}50, junto ao futuro Theatro Municipal, em 3,^{m}50 a da Avenida á Beiramar, e tomando-se no extremo Norte a cota dos caes do porto, que é 2,^{m}40, a gradiente estudada, para melhor coadunar-se com a superficie calçada existente, apresenta forçosamente variedade de declives com alguns patamares intercalados. D'ahi não resulta aliás, como é sabido, prejuizo algum ao escôamento das aguas, desde que nos trechos de nivel se attribuam declividades ás sargetas nos dois sentidos até os proximos ralos, collocados a intervallos adequados, e que a isto se aggregue uma canalização subterranea em condições apropriadas a uma rapida circulação das aguas até os pontos de descarga. Nota-se no perfil que algumas das ruas longitudinaes terão de ser um pouco alteadas, nomeadamente as de Visconde de Inhauma e de São Pedro, de 0,^{m}27; mas d'ahi não provirá tão pouco inconveniente sério, porquanto a altura das soleiras dos predios que ficam

nas immediações da grande via permitte tal transformação; além de que é projecto da Prefeitura alargar algumas das referidas ruas, tendo dest'arte de reformar os respectivos calçamentos.

Na prosecução do mesmo ideal: o aformoseamento da cidade pela melhoria da viação, não podia a Commissão Constructora deixar de envidar relações bem accordes com a Municipalidade, no intuito de se harmonizarem as vistas e se aperfeiçoarem os planos; assim é que o primitivo projecto de alargamente das ruas do bairro commercial se foi amoldando ao da grande Avenida e contribuindo para a belleza do conjuncto. No cruzamento, por exemplo, quasi em angulo recto, da rua Visconde de Inhauma, ampliada a 24 metros, haverá uma praça circular de 60 de diametro; ao alargamento já anteriormente assentado da rua da Assembléa, accresce agora, alem de outros, o da Sete de Setembro, pela qual no futuro se descortinará mais desafogada a perspectiva sobre os jardins e os monumentos da praça 15 de Novembro. A nova rua de Santo Antonio com 20 metros, enfrentando o edificio da Typographia Nacional de um lado e terminando na Avenida defronte da embocadura do que restará da rua Chile, será ladeada pelos palacetes da Companhia Jardim Botanico e do Lyceo de Artes e Officios, occupando quarteirões inteiros, sendo que o desta benemerita instituição será limitado por um dos lados pela nova rua São Gonçalo, larga de 30 metros, cujo objectivo, no caso de, no porvir, realizar-se o completo arrazamento dos morros do Castello e de Santo Antonio, é de constituir uma grandiosa arteria, devendo communicar entre si em linha recta o bairro da Misericordia, nas immediações do grande Mercado Central projectado, a Avenida Central, as ruas do Lavradio e dos Invalidos e emfim o moderno bairro em que se converterá o morro do Senado, já parcialmente desapparecido.

A completa e radical metamorphose que se está operando entre o largo da Carioca e o Boqueirão do Passeio repercute-se quasi com egual intensidade no outro extremo, começando desde já com o engrandecimento das ruas Acre e São Bento e o prolongamento da rua Municipal, em combinação com a grande Avenida, e finalizando dentro de alguns annos com a transformação que no bairro da Saúde acarretam as obras do porto. Ahi ficarão, no emtanto, bem patentes aos olhos dos que transitarem pela futura Avenida, a travessa Felipe Nery e a ladeira João Homem, testemunhando talvez para todo o sempre, a encruzilhada de apertadas viellas, sem luz nem ar, que out'rora enleava esses sitios.

—

Volvendo á Avenida Central e aos trabalhos a cargo da Commissão Constructora adduziremos ao que acima ficou dito, algumas considerações e pormenores de construcção, relativas á propria via e aos edificios que serão nella erigidas, baseadas pela mór parte sobre informações obsequiosamente prestadas pelo illustre Chefe da Commissão. A calçada central será abaulada em arco de circulo com a flecha de 0,^{m}10, donde a inclinação tangencial junto á sargeta de 0,^{m}02 por metro; os passeios terão declive transversal mais pronunciado um pouco, pois o meio-fio está a 0,^{m}15 acima da sargeta e há uma differença do nivel de 0,^{m}17 entre este ponto e outro junto á soleira dos edifios; tambem os meios fios que guarnecem os refugios sobrepujam de 0,^{m}15 a superficie calçada da rua. Será de asfalto sobre base de concreto o calçamento da via carreteira, dependendo a preferencia do systema, se o de lençol, ou se o de blocos comprimidos, da concurrencia, já aberta a este respeito; e o dos passeios será provavelmente constituido de ladrilhos de grés, de fabrico nacional, á semelhança do que está feito com grande exito em Bello Horizonte. Para estes trabalhos já se prepara em grande copia a pedra britada necessaria, utilizando-se materiaes provenientes das demolições.

Quanto á arborização ao longo dos passeios a escolha recahirá, segundo parece, no oití ou no jambo, da especie Eugenia Speciosa; a distancia entre as arvores será regulada segundo o talhe e feição da arvore escolhida, e de maneira que não fiquem as fachadas de todo encobertas. Os refugios estarão espaçados entre si 25 metros quando muito; prevalecia a idéa de serem nelles plantadas arvores de copa mais frondosa que a das arvores mencionadas, como o páo-brazil ou a mangueira; mas as contingencias da illuminação electrica obrigarão naturalmente á substituição intercalada das arvores por columnas com duplos focos dispostos lateralmente; talvez mesmo que em consequencia da recentissima decisão, tomada pelo digno Ministro da Industria de estabelecer a tracção electrica no serviço dos suburbios feito pela Estrada de Ferro Central do Brazil, estendendo-se ás avenidas do porto e do Mangue, venha a ser completamente supprimida a arborização axial projectada, para dar logar aos postes que sustentam os fios conductores de electricidade.

A construcção dos edificios obedecerá ás normas estabelecidas pelas posturas municipaes em vigor. Alem do pavimento ao rez-do-chão, terão pelo menos dous andares superiores, de modo que a altura da soleira á cumieira oscillará entre a metade e os dous terços da largura da Avenida. Predio algum poderá ser edificado sem que préviamente sejam submettidos ao julgamento da commissão desenhos detalhados concernentes á planta, á fachada e á disposição interna; e a julgar pela affluencia numerosa e selecta de profissionaes, que accudiram com as suas artisticas producções ao concurso das fachadas, é de esperar com segurança que a Avenida ostentará em proximo futuro uma successão de variados e bellos especimens de architectura.

Após o exame dos caractéres estructuraes da grande via, quer á sua superficie, quer em alçado, attentemos ao que deverá ser executado abaixo do solo. As favoraveis condições de declividade segundo o eixo da Avenida parecem indicar que os liquidos a escoar subterraneamente deverão correr nos dois sentidos até o mar; ora apresentam-se desde logo á reflexão e estudo, a tal respeito, questões como estas: Convirá estabelecer ao longo della uma espaçosa galeria visitavel, a qual por sua vez encerrará, convenientemente dispostas, todas as canalizações de agua potavel, de gaz corrente, de esgotos, e com isto convirá tambem construir as derivações de cada especie para os predios através da larga faixa asfaltada? Ou não será preferivel collocar sob cada passeio uma galeria construida nas mesmas condições, para evitar a passagem sob o calçamento estanque e de dispendioso manuseamento, dos tubos do abastecimento d'agua, que pódem rebentar sem dar signal á superficie, ou dos encanamentos de gaz, que pódem deixar escapar o conteúdo, deteriorando a camada bituminosa? Não será mais racional, aproveitando a amplidão dos passeios, abandonar de vez o systema de galerias de grande secção e assentar sob cada passeio canalizações independentes e juxtapostas, ligando-se nos cruzamentos das ruas com as diversas rêdes, as quaes soffreriam as modificações ou as reformas que fossem necessarias? Ou talvez releve adoptar algum syste-

ma mixto, estabelecendo sob cada um dos passeios um conducto, cujo fecho aflore quasi o lagedo, e que despeje pelas suas extremidades as aguas de chuva, directamente para o mar; possuindo, porém, o conducto altura sufficiente para receber tão sómente de um lado o novo encanamento de agua de consumo, que permitta fornecel-a com abundancia e pressão aos mais altos edificios e aos hydrantes, déstinados aos serviços dos incendios e da irrigação das ruas; ou senão acolher ainda, do outro lado, os *feeders* das correntes electricas, assim evitando-se o emprego do hediondo e por vezes perigoso systema de cabos aereos? A Commissão Constructora, á qual está affecta a resolução deste complexo e interessante problema, saberá sem duvida, sob a inspirada chefia do Dr. Paulo de Frontin e de accordo com a Inspecção Geral das Obras Publicas e a Fiscalização do serviço dos esgotos urbanos, achar a mais acertada combinação para que a Avenida Central se torne um modelo de technica sanitaria, quer na via publica, quer no domicilio.

—

Lançando a vista sobre a planta da Avenida e sobre o rol de proprietarios ou concessionarios dos terrenos com frente sobre ella, observa-se um começo de distribuição por tres zonas, segundo a natureza dos negocios ou affazeres dos diversos occupantes: selecção que se irá provavelmente accentuando á medida que tiverem destino os lotes ainda não occupados, até prevalecer por fim; correspondendo a esta differenciação, as tres grandes secções da Avenida naturalmente apresentarão caractéres architectonicos distinctos.

Na primeira zona, ao Sul, se alinharão de preferencia as fachadas de aspecto mais severo ou monumental de alguns estabelecimentos publicos e de institutos ou associações de ensino, de beneficencia ou de auxilio mutuo; a Bibliotheca Nacional virá aqui installar-se em terreno ainda não delimitado, assim como, rodeado de jardins se destacará o Pavilhão Brazileiro da Exposição de São Luiz, destinado a ser o Palacio das Exposições Permanentes. Em situação privilegiada, entre a Avenida e a rua Treze de Maio e com frontispicio dirigido para o mar erguer-se-há majestoso, dominando os edificios vizinhos, o Theatro Municipal; qualquer que seja o plano que fôr escolhido para a execução entre os dois projectos que mereceram *ex aequo* o primeiro premio em memoravel concurso, a não ser que se organize um plano definitivo, consorciando a belleza architectonica das fachadas lateraes e a brilhante decoração interna de um desses projectos com a incontestavel superioridade do outro, quanto á disposição da sala de espectaculo e as condições de accesso e circulação. As quadras extremas, junto á Avenida a Beiramar ainda não foram cedidas; acham-se ellas tambem em posição excepcionalmente avantajada para provocar a concepção de bellas unidades architectonicas, pelo facto de disporem de fachadas sobre duas largas avenidas, e dominarem um panorama de incomparavel magnificencia, como é a bahia da Guanabara, na parte compreendida entre o morro da Gloria e o costão de Santa-Cruz, e abrangendo de permeio o Corcovado e a entrada da barra; este local está por certo reservado á fundação de monumentaes estabelecimentos de hospedagem, de diversões e balneares.

Em contraste frisante com a esthetica da futura edificação, permanecerá entretanto a pesada e feia mole, que é o Convento da Ajuda, impressionando a vista antes como se fosse um deprimente carcere, que um recinto de devoção religiosa; a não ser que em tempos vindouros o extenso casarão passe por uma profunda metamorphose artistica, dando quiçá abrigo á Universidade, *alma mater* que o Brazil não possue ainda, mas que forçosamente surgirá um dia!

Defronte do Convento da Ajuda continuam ainda as excavações do morro do Castello, cujo estado actual está fielmente representado no presente numero do *Kósmos*; derruidos os numerosos predios da antiga Ladeira do Seminario e da rua Chile, quasi totalmente extincta, desvendou-se á vista do povo que diariamente transita por esses logares, o immenso cortiço, situado sobre uma esplanada nas fraldas do morro, a que está reduzido o historico Seminario de São José. O progresso já alcançado no desmonte, a circumstancia de não restarem senão poucos predios de particulares nesta parte da collina e no alto apenas o antigo forte de São Januario, pertencente á União, e emfim a carencia de material para aterro por parte da Prefeitura, na execução da Avenida á Beiramar, deixam antevêr que o córte do morro proseguirá ainda por muito tempo até attingir pelo menos os muros de recinto do antigo Collegio dos Jesuitas, que se vê no desenho á esquerda. Desta maneira se poderia abrir, com grande vantagem para as communicações com a praia de Santa Luzia e o Hospital da Misericordia, uma nova rua, que partiria da Avenida em ponto fronteiro á fachada principal do Theatro Municipal e symetricamente alinhada em relação á rua Evaristo da Veiga, alcançando no outro extremo a rua de Santa Luzia, junto á igreja do mesmo nome, assim conseguindo-se ao mesmo tempo mais uma perspectiva para a Avenida em direcção á ilha de Villegaignon, tendo como fundo do quadro o litoral accidentado das cercanias de Niteroi. E se porventura a obra de embellezamento da cidade, ao mesmo tempo que do saneamento, fôr por diante em progresso incessante, o velho Collegio dos Jesuitas, construcção acachapada e de miserando aspecto, desapparecerá para dar logar a um palacio, envolto de jardins, de terraços e de escadarias, que melhor e mais honroso destino não poderia ter senão o de agasalhar a nossa Academia e o Museo das Bellas Artes.

Em frente ao Theatro Municipal permanecerá a pequena praça, hoje denominada Ferreira Vianna, que foi cubiçada pelas commissões incumbidas de erigir as estatuas do jurisconsulto Teixeira de Freitas e do Marechal Floriano Peixoto, sendo finalmente dada a preferencia pela Prefeitura ao monumento commemorativo deste ultimo. Seja licito agora a um profano em questões de arte, expender a este respeito uma opinião, animado como está de enthusiastica admiração pela obra de regeneração iniciada, embora não espere que seja acolhida favoravelmente pela grande maioria. O espaço que fica disponivel para o elevado fim que se tem em vista em frente ao theatro é um pequeno triangulo, limitado de um lado pela Avenida, de outro pelo prolongamento da rua Treze de Maio e na terceira face pelo tracto de rua indispensavel para o accesso ás portas principaes do edificio; a estatua ahi collocada não seria vista de longe pelos que transitam nas ruas que irradiarão por ventura em torno do frontispicio do mesmo, exceptuando-se aquelles que se dirigirem do Sul para o Norte, e por mais sumptuosa, que seja a estatua, o effeito de grandeza seria altamente prejudicado pela magnitude sobranceira do Theatro Municipal. De mais um monumento destinado à memoria de um grande homem convem ser erigido em situação que relembre os seus altos feitos e os logares onde exercia a sua actividade em bem da patria e da sociedade. Nesta conformidade parece que em frente ao

theatro caberia mais acertadamente um motivo decorativo mais modesto, uma fonte artistica, por exemplo, com repuxos luminosos á noite; e a estatua do grande Marechal e Estadista acharia muito melhor collocação na pequena praça em via de formação no centro da encruzilhada de largas ruas, proximo do local, onde outr'ora existiu a igreja de São Joaquim; ahi sobresahiria com toda a sua magnitude o vulto em bronze de Floriano Peixoto, dirigindo a altiva vista para a praça d'armas que se estende em frente ao Quartel General, e para o palacio de Itamaraty, onde prestou os ultimos e relevantes serviços á Nação.

A primeira zona da Avenida Central está affecta, como vimos, de preferencia a monumentaes edificios, attingindo os quarteirões sltuados entre as ruas de São José e da Assembleia; d'ahi em deante, em mais de 500 metros até os quarteirões comprehendidos entre as ruas da Alfandega e General Camara, estende-se a zona central, que, sem duvida, será caracterizada pelos numerosos armazens de modas e confecções, lojas de armarinho e de perfumaria, officinas para os complexos mistéres do vestuario e do mobiliario, tudo illuminado brilhantemente á noite, e parecerá portanto como que um fragmento dos *boulevards* de Paris.

A terceira zona pertencerá ao commercio em grosso, tanto de importação, como de exportação, a ricos e poderosos estabelecimentos bancarios e a sédes de grandes Companhias de viação terrestre e de transportes maritimos. A praça circular, no cruzamento da Avenida com a rua Visconde de Inhauma, de que um dos quadrantes está reservado á Caixa da Amortização convem admiravelmente á localisação de outros imponentes edificios, servindo a fins analogos e construidos portanto segundo estylo architectonico, semelhante e adequado. O minusculo triangulo no cruzamento da Avenida com as ruas de São Bento e Municipal presta-se a accomodar um pavilhão elevado, ou uma torre, com pequenas lojas no rez-do-chão, e um grande relogio com quatro mostradores, no alto, a guisa de um significativo emblema que lembraria sempre aos transeuntes atarefados o conhecido mote favorito dos commerciantes que cultivam a lingua ingleza.

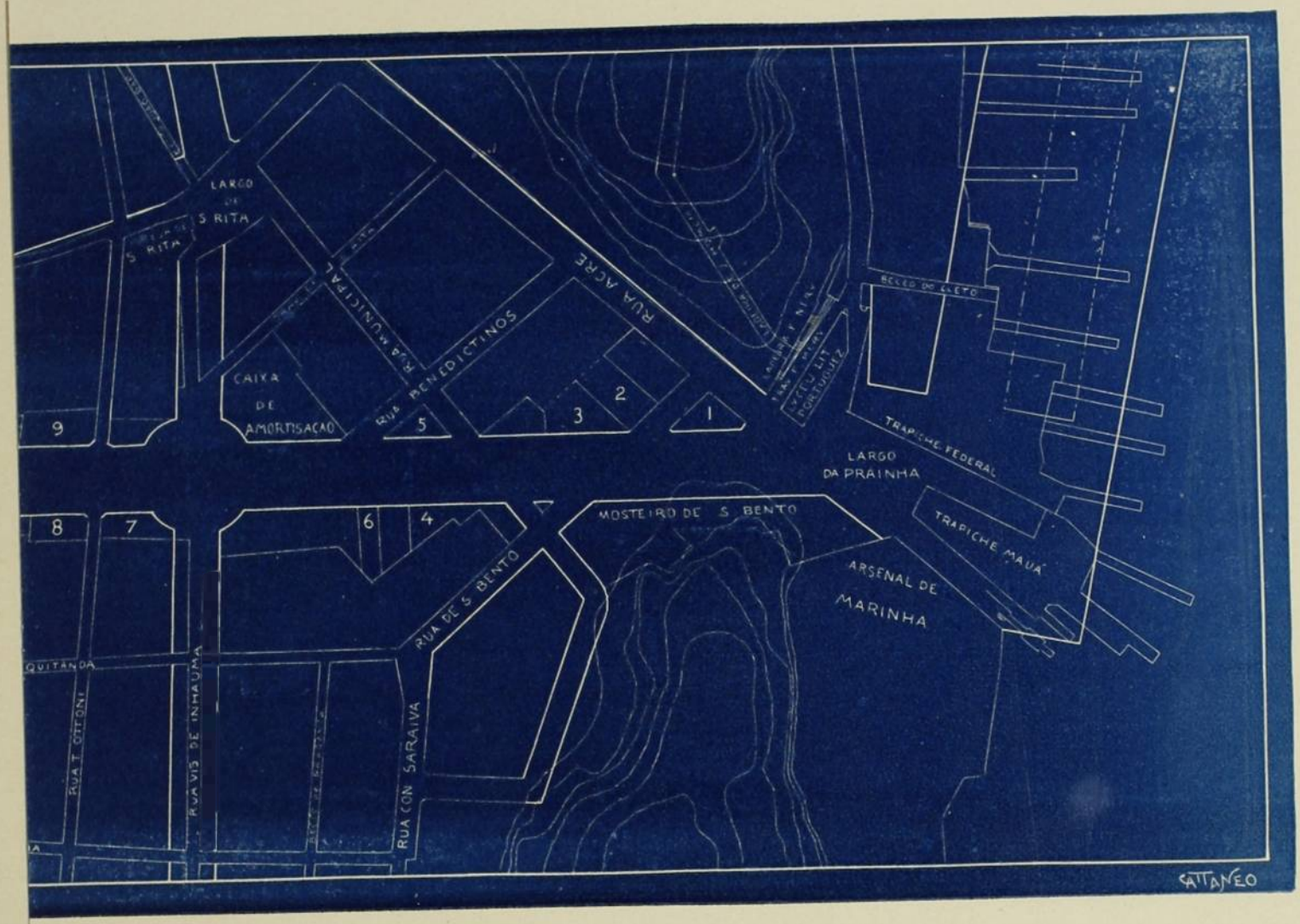
No extremo Norte a Avenida Central terminará em uma praça formada pela ampliação do largo da Prainha, com perspectiva desimpedida para o mar, em direcção á longinqua ilha do Governador; nesta praça findará simultaneamente o systema de caes acostaveis pelos maiores navios, já iniciado para a realização dos melhoramentos do porto, abrangendo uma faixa de cem metros de largura, a qual encerrará as linhas ferreas marginaes, a série de grandes entrepostos e a imponente Avenida attinente. No ponto em que o eixo desta larga via cruzar com uma linha traçada entre o eixo da Avenida Central e o passeio do lado oriental, de modo portanto, a estar fóra das linhas de arvores e postes electricos, deverá ser erigida a columna artistica, confiada ao habil cinzel do Professor Rodolpho Bernardelli e consagrada pela brilhante e patriotica iniciativa do Club de Engenharia á memoria do Visconde de Mauá; o homem, que seguramente mais trabalhou em prol do progresso material do Brazil e principalmente do Rio de Janeiro, iniciando a construcção de estradas de ferao, lançando as bases para o estabelecimento do telegrapho submarino, executando com vistas ao saneamento da cidade e ao trafego de pequenas embarcações o canal do Mangue, organizando as principaes companhias de navegação a vapor, creando e gerindo as maiores instituições de credito que jamais existiram no Brazil.

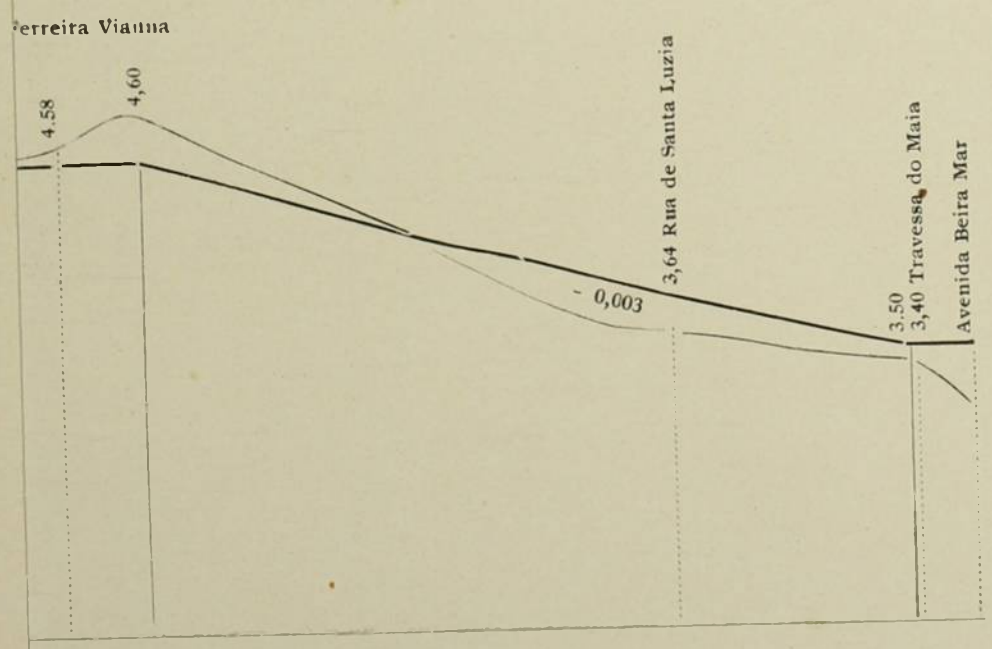
ALFREDO LISBOA.



CÓRTE DO MORRO DO CASTELLO

noroso Lima. 11 J. B. Hasenclever & Filhos. 12 Dr. E. Grandmasson. 13 Theodoro Ville & C.ª
O. 3.ª da Penitencia. 25 J. Lima Braga. 26 B. Couto. 27 Luiz de Rezende 28 P. Sebastiani Junior.
da. 39 Club de Engenharia. 40 D. Adelina de Queiroz. 41 Gustavo de Mattos. 42 D. A. Menge.
53 Dr. J. A. de Souza Gomes. 54 D. Gracinda F. P. Coutinho. 55 H. Garnier. 56 Club Militar.





CONVENÇÕES

—— Perfil longitudinal do meio fio

——Terreno natural

As cotas referem-se á maré média

+ 1m,20 M

0m,0 Mar



A presente gravura representa a explosão de uma mina submarina, em 12 do corrente na ilha do Mocanguê, experiencia realizada sob a direcção do distincto official de marinha 1.º T.te Marques de Azevedo, professor de minas e electricidade — A photographia foi tomada a 250m de distancia.

A carga da mina era de 50 kg. de dynamite, elevando-se a columna d'agua a cerca de 60 metros de altura.

Aos distinctos commandante e officiaes da Directoria das Torpedeiras, somos gratissimos pelas gentilezas com que nos cumularam, por occasião dessa experiencia.

TYPOS DA ROÇA

V

BATE-PÁU

COMO andasse sem *tacho* até mesmo para comprar um *córenta* de fumo para o pito ou tomar o seu gole de restillo, e estivesse enjoado de cavucar na terra todo o dia, numa toada, bateu p'ra cidade e acceitou ser bate-páu ou meréréca, fazendo parte do destacamento local.

Pega a manjuba com pouca canceira; tem nota na *iubeira* do paletó; e não está cuidando do *solão* que esturrica as plantas, nem do aguão descendo um mundo de chuva que até parece castigo.

Não tem farda. Apertou o cinturão com a *bicha* ahi do lado, e, si o caso é disso, topa tambem com a riúna. Traja á paisana, e só faz sentinella, quando os «camaradas» andam em escolta pelo municipio, no pega-pega de maludos.

De chapelão de palha, que os presos trançaram, sentado no banco do corpo da guarda, pitando grosso cigarro, o *bate-páu* é o engajado da policia mineira. Desertou da enxada e passou a viver na cadeia, acompanhando os presos que, pela manhã, vão levar ao *corgo* os barris da limpeza dos cubiculos. De cinturão e baioneta, o bate-páu ou meréréca é esturdio; e, encontrasse elle um official, que logo o salvaria com um «bom dia, patrão», como a qualquer patricio.

Filho do logar, os presos o conhecem, e elle é o Nhô, o Quim ou outro appellido assim familiar.

Nas horas vagas, ferra no truco, quando não no *lasca* e no sete e meio, emquanto nas prisões, os detentos trançam palha assobiando modinhas ou cozem sapatos de couro crú.

Quando não tem serviço, desaperta o cinturão e fica banzando na vida, puxando prosa com os «camaradas».

Ás nove da noite, quando o carcereiro bate a sineta da recolhida e os «negocios» todos se fecham, o meréréca estira o corpo no catre, dormindo somno regalado, sem que o incommodem ferroadas de pulgas, nem o bodum que tresanda das prisões, fervendo de muquiranas.

Luz mortiça de lampeão de kerozene torna mais triste ainda o corredor da entrada da cadeia, á cuja porta a sentinella cochila, não raro sentada á soleira, assustando-se, ás vezes, com o bater das ferragens dos cavallos peados das mãos, pastando no largo.

Pelo sertão mineiro é com merérécas que se completam os aliás perrengues destacamentos, responsaveis por tantos presos, no geral — a maludagem da terra, parceirada *onça* no crime, que nem estando, annos e annos seguidos nas grades, abranda o facho e deixa de fazer *estrupicios*.

Não se encarregue ao bate-páu de importante diligencia, pois, vendo o negocio preto, é homem p'ra quebrar *pá traz* num carreirão desabotinado, mórmente si a *trapalhada* é com ciganos, gente com quem não gosta elle de suciar nem de topar.

Faz serviço na cadeia; e, quando embirrar, não tem talvez nem *tété*, afunda na roça e volta a cavucar terra, conservando pela farda e pelo quartel a *giriza* de sempre, de todo o sertanista «de pé no chão», cioso da sua liberdade, sem ter que dar *satisfas* a nenhum malungo.

Até lá, vae pegando a manjuba, e tem seu cobre para o pito, sem muita canceira, tomando conta dos presos, gemendo no páu por cuidarem que é «só afincá o ferro e «ficá no bem bom.»

Não vê! Elle é que está cá fóra ganjento, de cinturão, os pés folgados nos chinelões de couro, — bate-páu do destacamento da cidade sertaneja.

Juiz de Fóra, 1904.

AZEVEDO JUNIOR.

PHOTOGRAPHIA BRAZILEIRA



ANTIGO PROCESSO
AINDA EM USO NO
RIO DE JANEIRO

COLLAGEM A SECCO
(PROCESSO DA CASA)

L. Musso & C.

10, Rua da Uruguayana, 10

RIO DE JANEIRO

NOVOS PROCESSOS

Charbon Velours e Celoidine

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

J. SCHMIDT

IMPRESSÕES ARTISTICAS, TRABALHOS COMMERCIAES CATALOGOS ILLUSTRADOS, CARTÕES POSTAES COM VISTAS ETC.

24, Rua da Alfandega, 24

RIO DE JANEIRO

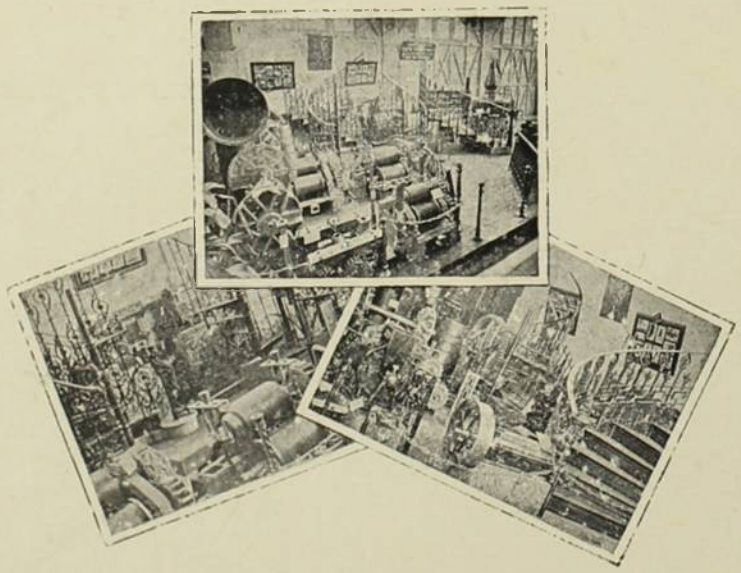
DUBONNET

O MELHOR APERITIVO

FUNDIÇÃO INDIGENA

A MAIS ANTIGA DO BRAZIL

Premiada em varias Exposições Nacionaes e Estrangeiras



FARINHA CARVALHO & C.

FABRICANTES

DE MACHINAS PARA LAVOURA E INDUSTRIA
* * * CONSTRUCÇÕES METALICAS * * *
GRADES, VARANDAS, COLUMNAS ETC. ETC.
CALDEIRAS, RESERVATORIOS, PONTES ETC.

PORTAS DE AÇO ONDULADO SILENCIOSAS

120, a 126, Rua da Imperatriz, 120 a 126

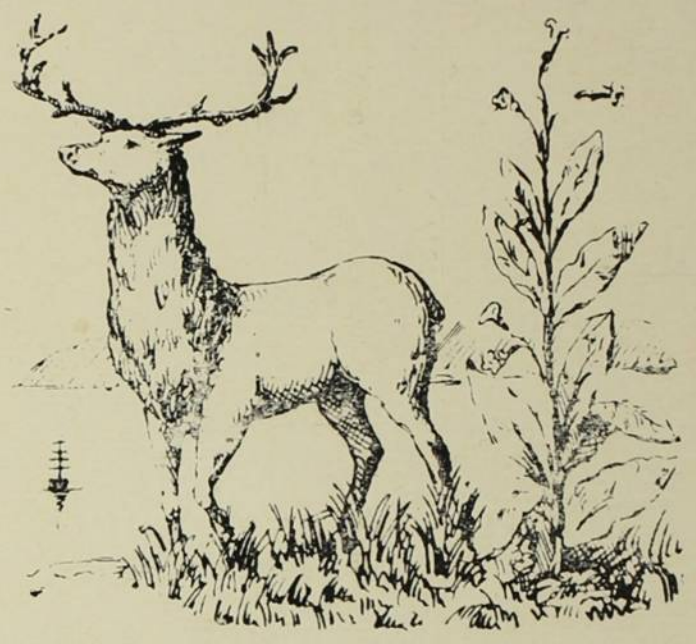
RIO DE JANEIRO

GRANDE MANUFACTURA

DE

FUMOS E CIGARROS

MARCA VEADO



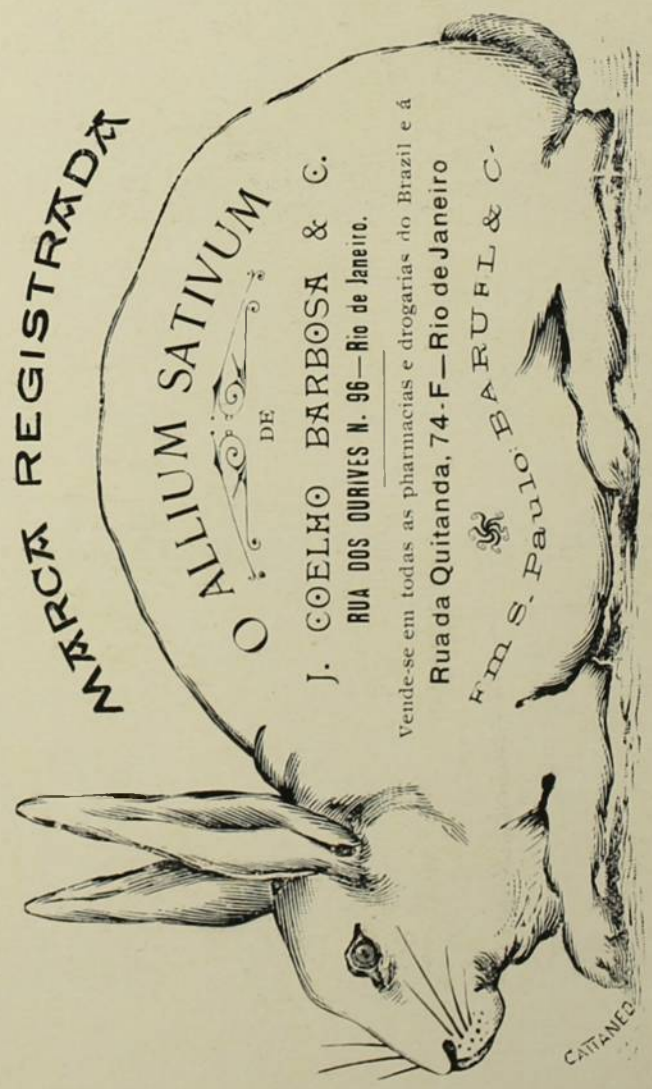
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

DE TODOS OS ARTIGOS PRECISOS PARA

Fabricas ou Depositos de Fumos e Cigarros

Unicos Proprietarios dos Papeis para Cigarros

LAURITA E CONDOR



PREVENÇÃO AO PUBLICO

Do ALLIUM SATIVUM antigo e conhecido na homœopathia, porém pouco ou raramente usado, J. COELHO BARBOZA preparou ha cinco annos de uma forma especial um especifico para curar a influenza e constipações de um a tres dias. Apparecendo agora vendedores do ALLIUM, prevenimos ao publico que, se quizer ter a certeza de levar para casa um remedio especialmente preparado para estas molestias, deverá exigir o que traz um COELHO pintado.

Anno 1 No 12 DEZEMBRO 1904 Rs: 3$000





A Equitativa



é a mais solida, prospera e bem administrada das Sociedades nacionaes de seguros de vida em mutualidade. Sem accionistas, nem incorporadores aos quaes distribua dividendos, todos os seus lucros são rateados pelos mutuarios.

A EQUITATIVA

até a presente data fez:

Seguros de vida na importancia de:

Rs. 63,520:000$000

Seguros terrestres e maritimos na importancia de:

Rs. 232,600:000$000.

PAGOU EM DINHEIRO

Apolices sinistradas:

Rs. 2,530:258$000

Apolices sorteadas:

Rs. 177:000$000

A apolice resgatavel em dinheiro mediante sorteio, invenção da *Equitativa*, é a mais bella, pratica e util de entre todas as combinações até hoje imaginadas.

Duas vezes por anno, em Abril e Outubro, todas as apolices d'esta classe são sujeitas a um sorteio recebendo os portadores das premiadas em dinheiro e integralmente a importancia total do seguro.

A EQUITATIVA

tem agencias e succursaes em todos os Estados do Brazil e uma Filial em Lisbôa, funccionando sob a presidencia do Ex.mo Snr. Conselheiro Julio Marques de Vilhena, Par do Reino e Governador do Banco de Portugal.

7, RUA DA CANDELARIA, 7

RIO DE JANEIRO

KOSMOS

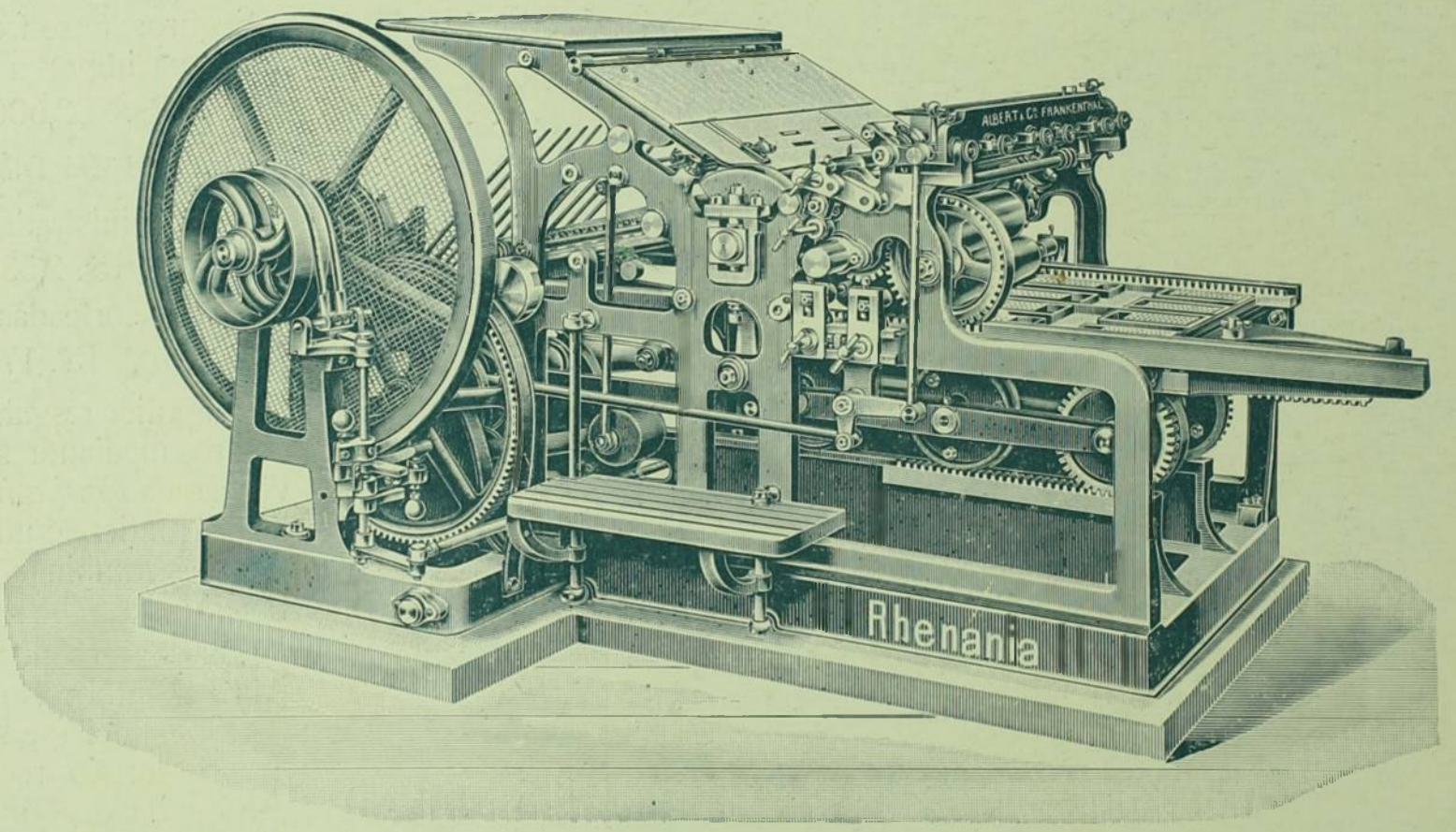
ARTES GRAPHICAS

CAIXA DO CORREIO 994 — TELEPHONE N. 1106

Temos sempre em deposito:

Tintas Typographicas, Lithographicas, Vernizes, Grande Variedade de Typos,
Massa para Rolos, Arames para Coser, Zinco, Cobre e Madeiras para Gravuras

MATERIAL PARA STEREOTYPIA, MACHINAS PARA IMPRESSÃO, ETC.



UTENSILIOS PARA COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Depositarios das Tintas de Impressão BERGER & WIRTH

Augusto Niklaus & Co.

RUA DA QUITANDA N. 54 — RIO DE JANEIRO



MANGUEIRAS

JARDIM BOTANICO - RIO DE JANEIRO

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director
MARIO BEHRING

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . . 20$000 EXTERIOR. . . . . 25$000
NUMERO AVULSO. . . . . 2$000

Editor-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ANNO I | DEZEMBRO 1904 | N. 12

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

A importancia das assignaturas e toda a correspondencia commercial devem ser remettidas a J. Schmidt, caixa postal, n. 1085—Rio de Janeiro.

A remessa d'esta Revista será suspensa em Janeiro aos assignantes que não reformarem as suas assignaturas.

KÓSMOS encontra-se á venda nas principaes livrarias do paiz.

São nossos agentes: — Em Santos—Snr. Antenor da Rocha Leite. Em Mogy-Mirim — Snr. Francisco Cardona. Em S. José do Rio Pardo, Mocóca e Casa Branca—Snr. Dr. Francisco Escobar. Em Jahú—Snr. Major Alfredo Augusto Leitão. Rio Claro — Snr. João Pires de Oliveira Dias. S. Carlos de Pinhal — Snr. Carlos de Carvalho. Cataguazes — Snr. Julio Guimarães. Sul de Minas — Snr. Urbano Rabello. Petropolis — J. R. Escragnolle. Taubaté — Snr. Braz Curtu.

São nossos representantes: — Estado de S. Paulo—Snr. Antonio Ferreira Neves Junior. Estado do Paraná.—Snr. Dario Velloso. Estado de Pernambuco—Snr. Carlos Burle. Estado do Pará — Snr. Fernando de Figueiredo Motta. Estado do Maranhão — Snr. Antonio Gonçalves Moreira Nina. Estado do Amazonas — Coronel Domingos Andrade. Estado da Bahia — Snr. Vicente Ferreira Lins do Amaral.

RUA DA ALFANDEGA N. 24 — RIO DE JANEIRO

KÓSMOS

APRESENTANDO AO PUBLICO O PRIMEIRO NUMERO DE NOSSA REVISTA, ENTENDEMOS NÃO HAVER NECESSIDADE DE, OBEDECENDO AO QUE PRECEITUAM ANTIGOS USOS, TRAÇAR O PROGRAMMA DE SEUS TRABALHOS, DE SOBRA EXPRESSOS O SEU CARACTER, A SUA INDOLE, PELO NOME QUE LHE DEMOS.

HA, ENTRETANTO, ALGO A DIZER. NÃO TENTAREMOS ATTRAHIR O FAVOR PUBLICO COM PROMESSAS, AS MAIS DAS VEZES FALLACIOSAS; CONTANDO CONQUISTAL-O, PRIMEIRO BUSCAREMOS MERECEL-O, ATÉ QUE FACTOS SE ENCARREGUEM DE JUSTIFICAR OS NOSSOS PROPOSITOS.

TOMANDO POR MODELO AS MAIS NOTAVEIS PUBLICAÇÕES ILLUSTRADAS EUROPÉAS E NORTE-AMERICANAS, LUTANDO COM INCRIVEIS EMBARAÇOS EM UM MEIO COMO O NOSSO TÃO MAL APPARELHADO PARA SEMELHANTES EMPREZAS, COAGIDOS A REUNIR EM NOSSAS OFFICINAS OS MAIS VARIADOS RAMOS DAS ARTES GRAPHICAS, QUE EM MAIS ADIANTADOS CENTROS CONSTITUEM VERDADEIRAS ESPECIALIDADES, QUEREMOS FAZER DAS PAGINAS DE «KÓSMOS», UM ARTISTICO ALBUM DAS NOSSAS BELLEZAS NATURAES, DOS PRIMORES DE NOSSOS ARTISTAS, PROPAGANDO O SEU CONHECIMENTO A OUTROS PONTOS DO PAIZ E DO ESTRANGEIRO.

ALHEIOS INTEIRAMENTE ÁS LUTAS POLITICAS, GUARDARÁ NOSSA REVISTA, NESSE TERRENO, QUE POR SUA NATUREZA LHE É VEDADO, INTEIRA NEUTRALIDADE, REGISTRANDO OS ACONTECIMENTOS POLITICOS SEM COMTUDO ULTRAPASSAR OS LIMITES DA CHRONICA.

FRANQUEAMOS SUAS PAGINAS A TODAS AS MANIFESTAÇÕES INTELLECTUAES, ESPERANDO ASSIM, MODESTAMENTE, COOPERAR PARA O DESENVOLVIMENTO E PROGRESSO DE NOSSA TERRA; E NEM PODERÁ SER TAXADA DE IMMODESTA ESSA ESPERANÇA, DADAS AS PRECLARAS INTELLIGENCIAS QUE NOS PROMETTERAM COLLABORAÇÃO.

Á IMPRENSA BRASILEIRA, A CUJO SEIO SE ACOLHE, ENVIA «KÓSMOS» AS SUAS MAIS CARINHOSAS SAUDAÇÕES.

E AGORA, AOS MESTRES, A PALAVRA.

RIO DE JANEIRO, 15 DE JANEIRO DE 1904.

CHEGAMOS á primeira estação de uma jornada e sempre é agradavel, volvendo olhos sobre o caminho andado e relanceando difficuldades, esperanças, maguas e expansões, fazer o inventario da viagem e a somma do esforço empregado e do bem conseguido.

Quando partimos em Janeiro para esta tentadora e penosa caminhada da Arte, tinhamos apenas o exemplo dos que antes haviam trilhado o mesmo caminho e d'elle retrocederam desesperançados e o mau augurio que a superstição litteraria, gerada nos desastres e desenganos dos outros, creava em torno de toda empreza artistica no Rio de Janeiro. Havia para as publicações de arte, especialmente para o genero «revista», uma especie de cabo de Nun, mal afamado e mal assombrado, cuja passagem era uma sentença de morte e do qual a simples antevisão importava para muitos em um desfallecimento. Diversos aventuraram-se corajosamente até elle; mas é justo dizer que a maior parte não conseguiu contornal-o e que nenhum chegou ao fim da viagem.

Que era esse obstaculo? Fatalidade? Mau apparelhamento das tentativas? Indifferença do publico, incapacidade esthetica da massa, consoante já avançaram algures? Não se o pode dizer em absoluto. Ao deprimente preconceito do desamor nacional pelas letras e artes ha responder com o exito de *Kósmos*, que hoje, ao fim de doze mezes de crescente favor publico, lisonjeadamente registramos; á idéa da imperfeição como factor de insuccesso oppõe-se o exemplo de passadas publicações cuja factura ainda hoje se relembra pelo carinhoso cuidado, e das quaes se destaca — não é demais repetil-o — a *Revista Brasileira*. Resta a fatalidade; mas esta não é palavra que se escreva em nosso tempo como um elemento em questões de arte, de desastres collectivos: esconjurou-a um lemma — Saber querer.

E' talvez aqui que está o famoso segredo. Esse *Não* temeroso, que se atravessara como um espantalho diante de todas as tentativas, é

de certo, hoje na allegoria litteraria o que foi outr'ora na imaginação popular: o acaso dos que naufragaram primeiro, a duvida dos que mal ousaram em seguida, a fraqueza dos que se arrecearam depois. Nós quizemos firmemente e *Kósmos* passou avante, eis tudo. Não nos queremos figurar por isso de D. Henrique: na epocha actual, ao inverso de outros tempos, a excepção deve ser justamente a indecisão e o preconceito.

No inventario dos elementos de exito ha, entretanto, neste caso, um que não devemos tirar de conta: é o subsidio graphico, o soccorro do traço e da côr, o destaque da idéa pelo trabalho do photographo, do illuminista e do impressor, o "apuro e o amor com que buscámos vestir as letras". Pensámos que uma revista de arte carecia, porisso mesmo, de ser bella e garridamente vestida; e isto que *Kósmos* praticou, e em que não se extremaram outras, onde ás melhores letras escasseou a suggestão graphica, foi-lhe, de certo, um factor de fortuna.

Voltando olhos para o ponto de partida, vemos hoje consoladamente que são maiores os bens obtidos que os desenganos e que as maguas são apagadas por esperanças satisfeitas. Por outro lado, de que não faltámos ás promessas do primeiro numero dil-o, melhor do que o diriamos, a affirmação popular da nossa revista, e ainda agora a medalha de ouro com que foi premiada a casa editora na Exposição de S. Luiz—a unica medalha de ouro obtida alli, na secção em que a obtivemos *(Typographia: diversos processos de impressão)* por estabelecimentos graphicos particulares no Brasil. Esta victoria é de *Kósmos*, foi exclusivamente com a revista, com os numeros enviados aos commissarios brasileiros, que figurámos no grande concurso internacional. Não presumimos com isso ter conseguido a perfeição suprema; mas temol-o como documentação, para nós, do esforço de bem servir, do desejo de melhorar o que encontrámos feito, de enaltecer o que vimos mal querido dos nossos e desdenhado de estranhos.

D'esse incitamento nos virá força para o successivo aperfeiçoamento da revista. *Kósmos* terá no anno novo, no segundo estadio do seu caminho, novos elementos sinão de brilho, ao menos de progresso. Que não nos desampare o mesmo favor que até agora permittiu esta affirmação de trabalho e de arte!

Graças ao apoio da imprensa, ao concurso brilhante dos nossos collaboradores, á sympathia encorajadora do publico, *Kósmos* póde dizer, no ultimo numero do seu primeiro anno como Paulo de Tarso: "Percorri o meu caminho, combati o meu combate e preguei a minha fé". E *Kósmos* nada mais deseja do que poder repetir em todos os Dezembros a mesma affirmativa, porque a fé, o combate, o caminho são aqui os da arte, do labor e do nome brasileiros.

Aos Collaboradores de Kósmos em 1904

Dr. Abdon Milanez.
Dr. Adolpho Possolo.
Dr. Affonso Arinos.
Dr. Affonso Celso.
Alberto de Oliveira.
Alcides Flavio.
Dr. Alfredo Lisboa.
Archimedes Silva.
Arthur Azevedo.
Dr. Arthur Lima Campos.
Cap.m de Mar e Guerra Antonio Alves Camara.
Dr. Ataliba de Lara.
Dr. Aurelio Lopes.
T.e C.el Avila Franca.
Azevedo Junior.
Barão de Paranapiacaba.
Maestro Barroso Netto.
Benevenuto Berna.
Calixto Cordeiro.
Castro Silva.
Coelho Netto.
Dr. Cyro Costa.
Dr. Daltro Santos.
Demetrio Toledo.
Cap.m Domingos Nascimento.
Dr. Domingos Olympio.
Dr. Domingos Sergio de Carvalho.
Dr. Egas Muniz Barreto de Aragão (Péthion de Villar.)
Emilio de Menezes.
Ernesto Coutinho.
C.el Espirito Santo.
Dr. Eunapio Deiró.
Felix Pacheco.
Dr. Francisco Bhering.
Maestro Francisco Braga.
F. Souza Lima.
T.e Galvão Areias.
Dr. Garcia Redondo.
Gonzaga Duque.
Goulart de Andrade (J. M.)
Gustavo Penna.
Maestro Henrique Oswald.
Honorio Esteves.
Dr. Inglez de Souza.
João Baptista da Costa.
J. C. Mariz Carvalho.
J. Fiusa.
Dr. João Ribeiro.
Cap.m de Mar e Guerra José Carlos de Carvalho.
Dr. José Verissimo.
Liberatto Bittencourt.
Lima Campos.
Lindolpho Azevedo.
T.e C.el Luiz Barbedo.
Luiz Edmundo.
Luiz Guimarães (filho.)
Dr. Luiz Paes Leme.
M. J. de Oliveira Rocha.
Magalhães de Azeredo.
Dr. Manuel Bomfim.
Dr. Medeiros e Albuquerque.
Cap.m Moreira Guimarães.
Dr. Nina Rodrigues.
Olavo Bilac.
Oliveira Gomes.
Dr. Oliveira Lima.
Oscar Lopes.
Paulo Barreto (João do Rio.)
D. Raphaelina de Barros.
Raul Pederneiras.
Reis Carvalho.
Rodolpho Amoedo.
Dr. Sancho Alves.
Theodoro Rodrigues.
Valdomiro Silveira.
Dr. Thomaz Lopes.
Dr. Vieira Fazenda.
Victorino Moreira.
Xavier Marques.
Xavier Pinheiro. (J. P.)

Nossos agradecimentos.


R. AMOEDO.
1904

SUMMARIO

Natal	*Rodolpho Amoêdo.*
Chronica	*Olavo Bilac.*
Illustrações do Natal	*Gonzaga Duque.*
Potyguar	*Inglez de Souza.*
Religião Suprema	*Felix Pacheco.*
Os Pombos (Illustrações de Calixto Cordeiro)	*Coelho Netto.*
Canção do Desespero	*Oscar Lopes.*
Vida Literaria — Esaú e Jacob	*José Verissimo.*
Soneto	*Luiz Edmundo.*
Jesus (Illustrações de Archimedes Silva)	*Thomaz Lopes.*
Mazeppa	*Barão de Paranapiacaba.*
O Natal dos Africanos	*João do Rio.*
A Voz do Amor	*Olavo Bilac.*
Compensações (Illustrações de João Baptista da Costa)	*Garcia Redondo.*
Florença	*Olavo Bilac.*
O Natal no Lourenção	*Valdomiro Silveira.*
Jehova e Jesus	*Emilio de Menezes.*
A mulher perante as Religiões antigas e o Christianismo	*Eunapio Deiró.*
O Anno Politico	*M. J. Oliveira Rocha.*
Um dia de D. João VI	*Mario Behring.*

CHRONICA



Em uma das primeiras noites d'este callido dezembro, dois velhos amigos, sob as velhas arvores do Passeio Publico, passeiando e conversando, deixaram a conversa enveredar para o capitulo das saudades. Unidos, desde a adolescencia, por uma estima reciproca, a que soffrimentos e triumphos communs deram uma solidez de diamante, esses dois homens começaram a remecher o passado, a reviver sensações mortas, a exhumar sonhos defuntos, — até que um d'elles, querendo sacudir a tristeza, gracejou:

— Dir-se-hia que estamos num cemiterio... Que thema este de conversa, para uma noite tão linda, tão cheia de estrellas e de perfumes, entre estas arvores que são as primeiras a dar-nos licções de alegria!

— Que quer você? é a influencia de dezembro... Eu nunca pude ver chegar este mez de dezembro, sem sentir um aperto no coração. Nunca, — é um modo de dizer: até os trinta annos, ainda dezembro me punha na alma um reverdecer de primavera: agora, porém, quando o vejo chegar, tenho vontade de me vestir de negro...

— Mas dezembro é o mez das alegrias.

— Para nós, dezembro é o mez das saudades. Não ha criança e adolescente, que o não amem, — mez dos exames, das ferias, dos premios, das suaves festas christans, dos alegres folguedos do Natal. Mas, para os que já vão descendo a encosta que se precipita para o valle negro da morte, — dezembro é o mez das recordações pungentes, das desesperadas recapitulações de um passado sempre seductor. *Nessun maggior dolore...*

— Musset já respondeu, com felicidade, a esse tercetto desconsolado:

"Dante! pourquoi dis-tu qu'il n'est pire misère
Qu'un souvenir heureux dans les jours de douleur?
Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur!..."

— Não! a verdade, a triste verdade é a que se lastima e soluça no maravilhoso tercetto que o poeta divino pôz na bocca da misera Francesca:

"..... nessun maggior dolore
Che ricordar si del tempo felice
Nella miseria..."

Por mim confesso que nunca achei nas minhas saudades o divino sabor que o velho Garrett achava nas suas: a

saudade é sempre o desespero, é sempre o arrependimento, é sempre o remorso de não ter sabido aproveitar todos os bens da vida, gozando todos os prazeres physicos e intellectuaes que ella tão generosamente offerece a quem tem mocidade e fé. Para prezar e abençoar um soffrimento, consolando-o com a recordação dos bens perdidos, — é preciso não ser homem, é preciso ser santo: os santos resignam-se; os homens lembram-se e soffrem. Ah! si, nesta idade, ainda pudessemos acreditar que existe um *Papá Noel*, benevolo e risonho, saltando de telhado em telhado, na linda noite de Natal, e dando bonécos ás crianças, e amores moços aos corações dos velhos!

— O *Papá Noel* existe, ou pelo menos existiu para nós. Quem muito amou, não perdeu o seu tempo. Lembre-se você dos amores que já lhe aborreceram na alma em dezembro: esses amores foram os bonécos, os brinquedos, os presentes que o velho *Noel* deu ao seu coração...

— Sim! mas nós quebrámos e destruimos os nossos amores, com a curiosidade estupida de saber o que havia dentro d'elles, como as crianças quebram os seus polichinellos... E, depois, na mocidade, não ha quem saiba dar valor aos bens da vida. Agora é que eu os queria, esses amores e esses sonhos, — agora que sei quanto elles valem...

Pelas alamedas do jardim, passavam grupos de moças, palrando e rindo; aqui e alli, via-se um casal, muito unido, num segredar sussurrado.

— Meu pobre amigo! — disse o menos descontente e o mais resignado dos dois — é preciso ter a dignidade de supportar o jejum, quando os banquetes faltam...

— Mas é justamente a isso que eu não me posso resignar. Só se resigna a morrer quem não ama a vida. E eu amo loucamente a vida! Não nasci para morrer: nasci para viver! E parece-me uma infinita, uma imperdoavel, uma satanica injustiça que eu tenha de perder a vida precisamente quando a conheço!

— Não sei... Creio que você exaggera. Com os seus cincoenta e oito annos...

— Cincoenta e quatro, meu caro, cincoenta e quatro!

— Vá lá! com os seus cincoenta e quatro annos, você não póde ter dentro do sangue essa lava de desejos.

— Como você me conhece mal! Eu comparo a minha velhice á luz de uma tarde de verão, — d'essas que só se veem no nosso firmamento. E' uma luz que não quer morrer, uma luz que se agarra desesperadamente a tudo, e que, como os tysicos irremediavelmente condemnados, loucamente se atira ao prazer, amando e chorando, aproveitando com febre os derradeiros instantes da existencia: — expellida das furnas, apega-se aos valles; rechassada dos rechans, segura-se aos pincaros das serras; espancada dos montes pela noite que cresce, refugia-se nas nuvens; e já a treva cobriu toda a terra, e ainda essa luz, recalcitante e teimosa, tinge vagamente o céo todo povoado de estrellas... Eu sou assim! sómente agora me sinto capaz de amar e de ser amado. Que amor póde ter á terra o arbusto que cresceu

em um anno, e ao qual um anno bastou para o levar do mysterio do nada á sorpreza da vida? que amor póde ter ao Amor a vida que ainda não se entendeu a si mesma? Agora é que eu sei amar, agora é que eu quero amar!

E entre os grupos, que passavam espantados e curiosos, vendo aquelle homem de barbas brancas gesticular,—o desesperado fallava alto, abrindo os braços, como se quizesse abraçar as arvores, as lindas mulheres que passeiavam, todo o jardim, toda a natureza, toda a vida...

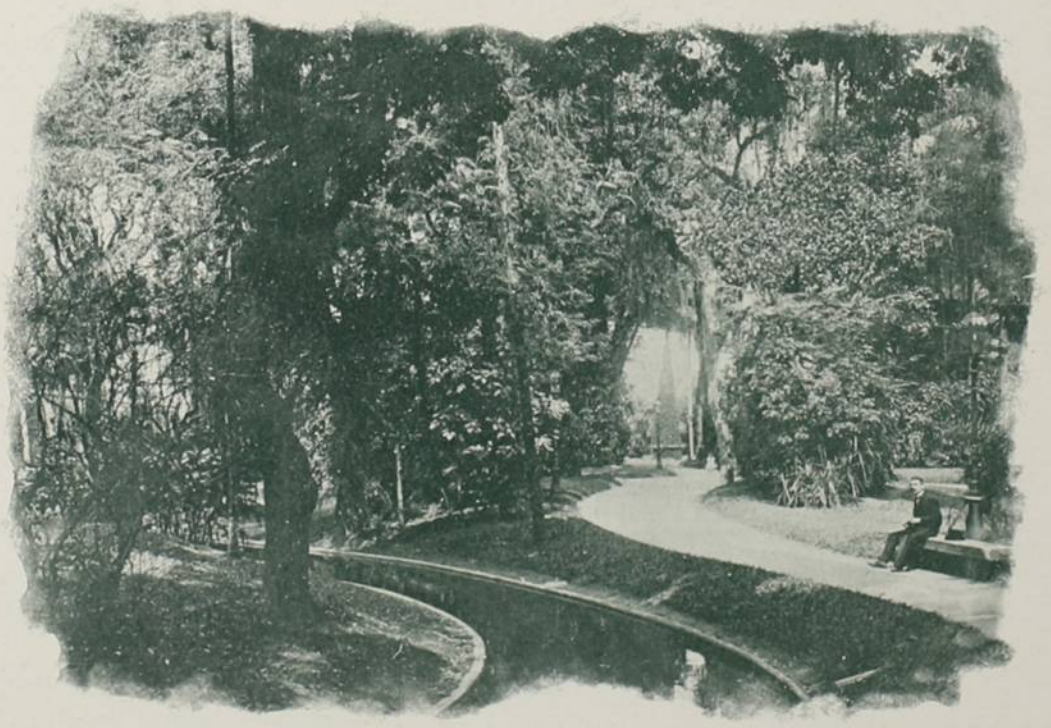
O companheiro, um pouco vexado, tomou-lhe o braço, e conduziu-o por uma rua mais escura, entre os renques das arvores, á beira do lago escuro:

—Vamos tomar cerveja! você hoje está um pouco febril... Não esqueça, meu caro, que dezembro é o mez das ferias... Você precisa de dar ferias ao seu coração!

—Nem ferias, nem aposentadoria! eu hei de morrer protestando contra a velhice! A velhice... conhece você uma palavra mais feia, mais triste, mais asquerosa? velhice... é uma palavra molle e viscosa, como uma lagarta...

—Vamos tomar cerveja!

O. B.





PARQUE DA PRAÇA DA REPUBLICA - RIO DE JANEIRO

ILLUSTRAÇÕES DO NATAL

ATÉ hoje não nos foi dado esse delicado goso, que teem as grandes capitaes da Civilisação, de ver surgir, como por encanto, em vesperas do Natal, o alegre enxame de publicações de arte, que sarapinta festivamente as vidraças das livrarias.

Sempre tivemol-as, sim, mas trazidas nos caixotes de importação, consignadas aos livreiros. Não são nossas, não veem dos nossos prélos, não foram confeccionadas por nossos editores com o trabalho dos nossos literatos e artistas. São estrangeiras na fórma e no texto, em lingua que não falamos e decoradas de imagens que não fixam o nosso viver, os nossos habitos e cacoêtes, os nossos usos e preconceitos.

Ai, de nós! Até ha muito pouco tempo o trabalho das artes graphicas, no Brasil, a contar de norte a sul, sem excepção movida por condescendencia, nenhum avanço consideravel conseguiu realisar, a despeito dos progressos europeus e americanos. E tambem não ha muito tempo que a mão, a mesmissima, que vae traçando as presentes linhas, escrevia:

«Cotejados os esforços deste grupo de artes d'applicação, mórmente a typographia, desde o molde fruste do seu inicio 'té o delicado acabamento e extraordinaria variedade d'hoje, as vantagens do que se faz actualmente sobre o que se fez nos tempos passados, são inquietadoramente nullas, e mesmo por differença de época e carencia de recursos, os de agora perdem no confronto, por quasi semelhança de fórmas e egualdade de processos. Sobretudo a typographia, que é o sustentaculo e campo das illustrações, veio escorrendo minguada e timida, pela moldagem gasta das feituras primitivas, melhorando apenas numas particularidades de somenos valia.

«Dado o desconto das preoccupações luxuosas da impressão, a variedade artistica dos caracteres guttembergianos, o natural desenvolvimento do bom gosto na habilidade de paginar, e os adiantamentos alcançados na confecção das brochuras, que foram modificados pelas exigencias esthéticas do tempo, ficamos chumbado á estreiteza eurhytimica dos primeiros trabalhos do officio de *compôr*.

«Bem sei que tambem esta falha depende de absoluta falta de emprezas fabris, que proporcionem ao mercado o barateamento dos materiaes, como a producção do papel de prélos, a excellente qualidade das tintas e a perfeita, nitida fundição dos typos, creio que hoje praticada por duas casas, e ainda assim em escala média, sem direitos á concurrencia com os magnificos, porém caros productos da industria estrangeira. Mas, não converge para a questão presente este caso, porquanto, pagando exorbitantemente a impressão de obras e sendo ella feita com o bom material extrangeiro, as melhores edições brasileiras estão longe de um parallelo com os seus similares de outros paizes.

Este atrazo, menos symptomatico da inactividade que demonstrativo do nosso inestheticismo ethnico, ferra-se desesperadamente ás tendencias modernas das ricas edições desenhadas, impossibilitando a feitura de lindas livrações no estylo parisiense, já imitado em todas as capitaes, até mesmo em as d'America do Sul, com excepção nossa, que somos ronceiros e pouco emprehendedores.

«D'ahi resulta parte importante na difficuldade de illustrar livros, seja unicamente capas, seja o texto.

Os multiplos processos de illustração inventados, applicados e melhorados pelo febril individualismo contemparaneo não despertaram-aqui o lethargo d'obsoleta lithographia á crayon, a estafada xylographia a buril sobre traços de graphite, de que não sabiam fazer o *mise en train...*»

Esta rude franqueza destilava-se desta rude penna, que não sabe mentir, em março de 1896, a proposito de uma preconisada revista de arte, e lhe volta, em reedição, ao considerar, o seu auctor, esses folhetos e cadernos que a Europa e America do Norte nos mandam. nos quaes o trabalho de invenção é subtil, paciente o arranjo e o gosto decorativo finissimo.

Para essas lindas preciosidades de imprensa, algumas verdadeiramente luxuosas, são procurados os mais notaveis artistas, ainda que não sejam especialistas, e tanto o trabalho de illustrações como o de typographia se apresentam com um asseio, uma graça e originalidade que nos seduzem o olhar e nos consolam a alma cansada dos exageros materialistas da vida. A fantasia de Rochegrosse, a farça caricatural de Caran d'Ache, o decadentismo poetico de Franz Hein, a fina sentimentalidade dos Rhead, George e Frederik, o ridiculo philosophado de Forain, deixam paginas admiraveis, enquadramentos inedi-

tos, illuminurias sorprehendentes n'esses tão macios, tão brancos, tão formosos fasciculos que é uma delicia manusear suas folhas e repousar a vista sobre elles!

As edições para *etrénnes* d'anno-bom, a que denomino «illustrações do Natal», são feitas para todos, moços e velhos, ricos e pobres; todas as edades teem nellas o seu quinhão d'alegria, embora, em algumas, entre o ventremulo d'uma lagrima que a saudade abre ao canto dos olhos como uma pequenina estrella accendida no claro céo d'uma noite de luar...

São para as creanças, para os babys loiros, para os bambinos morenitos, que, attentos, de cotovellos cravados na larga mesa familiar, sob o velario da lampada, vão soletrando a narrativa faiscante de principes lendarios e de gigantes que escondem meninos na palma da mão...

São para as raparigas d'olhos scismarientos, gracilmente brancas, ou lindamente morenas, mas, se de pelle côr das gardenias, laivadas de carmim; se de cutis do calido colorido das madresilvas fanadas,—todas rescendendo o perturbante aroma da mocidade—e em cujas boquinhas soffregas deveria cantar, como se fosse o exhalo d'uma ternura arrancada, por encantamento, da frescura rosea dum morango partido o verso que o Dante desabrocha na bocca de Beatriz:

Amor mi mosse, che mi fa parlare...

São para todos... Para os moços que amam e lhe vão retendo os versos de poetas celebrisados, a prosa dos artistas perfeitos que lhes tocam a alma pela suggestão d'um periodo, pelo encanto evocativo d'uma phrase, pela belleza d'um symbolo... para os *sportman*, para os estouvados e folgasões... E tambem para os serões repousantes das Mães... e tambem para os velhos... Para os velhos?... Sim, para essas meigas ruinas tremulas, que vivem no viver mysterioso de seus sceptros, no calor mortiço do fogo fatuo de suas illusões mortas, porque—disse o poeta da *Via Lactea*:

A alma de cada velho é um Campo Santo
Que a velhice cobriu de cruzes e cyprestes
Orvalhadas de pranto.

As illustrações de Natal são commovedoras, attingem á nossa emotividade pela arte que as envolve.

E' esse *fiat*, esse poder extranho que as vivifica, que as exalça, que lhes dá a irrestivel attracção sympathica de uma obra communicativa, nascida inapercebida, espontaneamente do coração humano atravez de interesse egoista do mercantilismo. Para que ellas preencham seus fins não é necessario ser allusivas, basta-lhes a opportunidade—apparecendo dentro desse periodo enganador de um anno, que se escoou, e de um anno, que começa, entre uma realidade e uma esperança...

Essas *illustrações* para presentes, passatempo e collecção, constituem, por seu modo um documento de sério valor psychologico—são, á parte sua importancia material, uma obra synthetica em que se revelam as tendencias e a alma de um povo.

Não n'a tivemos nossa, caracteristicamente nossa, até hoje, senão em dubias tentativas d'um desazo lastimavel. A nossa existencia mental tem sido parasitaria, e, assim tambem, vamos sonhando pelos sonhos dos outros.

Agora, porém, essa obra apparece.

Não é uma louvaminha que tracejo, é uma verdade que assignalo, com franqueza e jubilo—ella apparece pelo genio emprehendedor dos directores da *Kósmos*, que iniciaram, no Brasil, a luxuosa publicação artistica, desde logo equiparada ás melhores do seu genero, e iniciam as «illustrações do Natal» com este numero de hoje, que fecha a série do seu victorioso primeiro anno.

Dezembro de 1904.

GONZAGA DUQUE.

Potyguár

—SIM, meu excellentissimo amigo, ciciou o doutor Polycarpo, entesando o busto; o estro de Felinto e o de Garção fizeram-me inveja, ao mesmo tempo que me mostravam a entrada do Parnaso.

Não me pude ter que não lançasse mão profana ás cordas da lyra e dedilhasse um thema á minha Philomena, de nome mais doce do que um favo do Hymetho e alma mais constante do que a rocha a que amarraram Prometheu!

E vai d'ahi sahiu-me um soneto, depois outro... e, após uma cantata, veio um epigramma ao presidente da provincia por me negar uma licença com vencimentos.

Não nasci, porém, para as asperezas da satyra como Marcial e Petronio. O meu temperamento é de liberal cavalleiro namorado, como o Leonardo de Camões. Nasci para cantar as flores, o amor, os passarinhos... E, para exemplificar, o doutor folheava o manuscripto:

—Olhe, cá está um sonetinho que fiz em Agosto de 1869, dirigido a uns periquitos que passavam em bando para os lados da minha terra:

"Aves, aves gentis que em bando alegre
Voais ao sabor de Zephyro fagueiro..."

Aquella noite Honorio não podéra escapar á tremenda estopada com que ha muito o ameaçava o seu companheiro na casa de commodos da baroneza de Meia-Ponte. Desde que viera alli morar, Honorio vira-se cercado por um sujeito de grande cabelleira luzidia escorrendo oleo de Orisa, de sobrecasaca comprida e sebosa e calças côr de lyrio.

Chamavam-lhe o doutor Polycarpo, e o deputado recordava-se de tel-o visto em Pernambuco, cursando a faculdade e dando licções particulares de latim.

Viera á Côrte solicitar uma vara de juiz de direito, e agarrara-se ao Honorio desesperado de tres mezes de rua do Ouvidor e de esforços infructiferos; e queria tomal-o todo para si, pegajoso e abafadiço, como se todo elle lhe pertencesse em plena propriedade.

Logo pela manhã entrava-lhe no quarto para o saudar familiarmente em latim: *quomodo vales, amice?* ou *si vales bene est.*

Em portuguez era mais respeitoso e dava-lhe sempre excellencia, aflautando a voz, todo melloso. Acompanhava-o ao almoço, aconselhando-lhe os melhores bocados com muitas citações de Horacio e de Virgilio; seguia-o até o recinto da camara para o ouvir e applaudir quando discursava; subia a rua do Ouvidor ao seu lado ás quatro da tarde, em compostura grave, com a sobrecasaca comprida, cahindo em pregas duras sobre as magras tibias. Se o Honorio jantava em casa lá estava o doutor para lhe fazer companhia, provocando a sua opinião sobre os successos do dia para a commentar religiosamente. Se o deputado ia ao theatro, elle o acompanhava até a porta, e, se o outro não o convidava a entrar, deixava-o finalmente, recommendando-lhe que não se constipasse.

Outras vezes perdia de todo a cerimonia, e avançando, risonho e grave, filava-lhe uma entrada para as geraes. O processo era sempre o mesmo e Honorio já o conhecia:

—V. Ex. está pecunioso hoje?

Haud a pecunia perbene valeo!

Honorio sorria e pagava.

Sempre cortez, mellifluo, sibilante e sentencioso, o doutor Polycarpo cercava-o espiando-lhe as vontades, o despertar de um desejo, os longinquos prodromos de uma idéa. Para o interessar fizera a confidencia de sua vida inteira, das tristezas e de illusões de pretendente infeliz, das agruras dos quatriennios successivos de juiz municipal no sertão. Depois sabendo as inclinações litterarias do Honorio, para se fazer valer, contára como lhe nascera o estro na provincia onde ensinava latim e grammatica, antes de ir para o Recife estudar direito. Lá se afundara na meditação dos classicos. Castilhos era o seu mestre, a Mythologia a fonte inexgotavel das suas inspirações, as *Cartas de Echo e Narciso* o seu livro de cabeceira. Mas, que lucta titanica sustentára depois no Recife, contra os litteratos da nova geração com Sylvio Romero, Celso de Magalhães e Souza Pinto á frente!

Para nacionalisar o classismo, Polycarpo cultivava nas horas vagas o indianismo á moda de Gonçalves Dias, e adoptára em taes producções o pseudonymo de *Potyguár*. D'ahi a guerra que lhe fizera o Sylvio com umas idéas novas de realismo e sciencia na arte que elle Polycarpo desmoralisára mostrando que eram antipoeticas. Fôra uma guerra atróz! Quando Polycarpo empunhara a tuba sonorosa da poesia épica para

cantar os feitos dos nossos bravos nos Campos do Paraguay, os adversarios incapazes do sopro divino, sahiran-lhe ao encontro com graçolas soezes.

E o doutor fazia um gesto largo de desolação, e continuava:

—*Infandum jubeo renovare dolorem.* Ah! meu excellentissimo amigo, nem me respeitaram o tabernaculo da vida privada. O Generino e o Souza Pinto me accusaram pelo *Diabo a quatro*, de buscar inspirações no vinho Figueira e nas mulatinhas esbeltas e gracis como as palmeiras da minha terra! Eu que no intimo do peito guardava a imagem pura da idéal Philomena; eu, que de poesia e amores castos encheria a minha vida cantando como Petrarcha e amando como Dante amou a sua Beatriz! Odios litterarios são capazes de tudo.

Mas tambem não silenciára diante da inaudita aggressão.

Potyguár brandira o tacape da critica e o Generino, o Sylvio e o Souza Pinto ficaram litteralmente em papas.

Cansára-se, porém, d'aquellas luctas para que não fôra feito. Regressára para a provincia, levando intacto, bem guardado, no sacrario do cerebro, o seu ideal poetico. De quando em quando, pela oitava pagina do *Diario de Pernambuco*, vinha-lhe um écho longinquo das luctas pela idéa nova, como lhe chamavam, mas as suas crenças, as suas idéas e os seus sentimentos permaneceram intactos. Julgasse-o o nobre deputado por toda a sua obra que alli tinha colligido para um dia dal-a em volume...

Por vezes Honorio evitara a verificação, mas nessa noite fatal o doutor Polycarpo dissera-se doente ao levantar-se da mesa de jantar, e recolhera-se ao leito.

Honorio fôra vel-o ao seu quarto, e alli, a sós, abusando da delicadeza do outro, Polycarpo puxou a conversa para o terreno desejado.

No momento propicio ao attentado, saltou da cama, tirou da canastra um grande masso de papeis; e perfidamente, sentado na cama com a cabeça envolvida num lenço de ramagens, o manuscripto sobre os joelhos, *Potyguár* foi lendo as suas producções poeticas, uma a uma, vagarosamente, degustando os versos retumbantes, os tropos calidos, repicando as rimas sonoras.

Fazia um calor abafado, havia no ar cheiros vagos do iodoformio, de aguardenie e de sarro de cachimbo.

Honorio não sabia como despedir-se. Os dedos do poeta folheavam sem cessar odes, sonetos, cantatas, estrophes soltas, pequenos poemas patrioticos, madrigaes e redondilhas. A sua voz sibilante e lenta, toda doçuras, accentuava a significação dos titulos e das epigraphes: *A ti, a ella, a uma jovem sertaneja, a minha dama*, ou quando o poeta trepava ao heroico:—*Andrade Neves, Humaytá*, o *Passo da Patria*, a *Barranca*, cortados a trechos por latinorios: *Sub umbra, Sub tegmine fagi, Amor et mors, Pro Patria, Pro vita civium*, e outras cousas assim.

As' vezes interrompia a leitura para explicar á maneira de Lamartine, o mysterio romanesco de alguma estrophe: « Estes versos foram feitos estando eu sentado debaixo de um coqueiro... Este poemeto, fil-o eu no Recife, quando chegou a noticia da batalha de Tuyuty. A minha Philomena sabe bem em que occasião lhe recitei este soneto.»

Honorio não poude mais. Polycarpo começava a resumir as suas theorias de arte, numas estancias a Poesia:

"Rosea moça, crinaurea formosa
que sorris..."

Honorio bateu na testa, lembrando-se de que tinha de redigir aquella noite um parecer sobre negocio importante.

Apertou as mãos ao amigo desejando-lhe bôa noite. Entrou no seu quarto, separado por um tabique delgado do aposento do poeta. Sentou-se á mesa e mexeu nuns papeis, pensando em trabalhar.

Mas o demonio da Poesia apossara-se aquella noite do doutor Polycarpo; e como se a falta de ouvinte não lhe podesse cortar a torrente poetica que o invadia, e em que mergulhava deliciosamente, Potyguár contentava-se a si mesmo, e cada vez mais vibrante e sonora do outro lado do tabique, a declamação continuava:

Rosea moça, crinaurea formosa,
que sorris meiga e bella ao cantor,
que delicias lhe vestes nos labios:
que lh'inundas o peito em dulçôr...

Honorio desesperado tomou o chapéo e a bengala, e saindo pé ante pé foi espairecer para o Sant'Anna.

H. Inglez de Souza.
(Da Academia Brasileira)

(*Do Bacharel*).

Religião Suprema

A Emilio de Menezes

A maldição dos céos, ha seculos, cahindo,
Como um raio cruel, sobre o teu povo,—Segue!
Disse—que o mundo inteiro asylo e pão te negue
E a humanidade em peso odio te vote infindo!

E, desde então, teu povo, Annah, sem que renegue
A crença dos avós, padecendo e sorrindo,
Marcha, os olhos no além... O homem, torvo, rugindo,
Intolerante e mau, o repelle e o persegue.

Nem um palmo sequer de terra é seu no mundo.
Elle, entretanto, Annah, vae seguindo, errabundo,
Forte, cheio de fé, de olhos fixos no Alem...

Mas ouve o que te digo, ó algida judia!
Ama, que o Amôr é a fé mais nobre e mais sadia.
O Messias não vem... O Messias não vem...

Felix Pacheco.

Os Pombos



QUANDO Joanna appareceu á porta bocejando, fatigada da longa noite passada em claro á cabeceira do filho, Tiburcio, de pé no terreiro, firmado á enxada, olhava o pombal alvoroçado.

O sol começava a subir dourando as folhas humidas; á beira do corrego esvoaçavam rolas e os sanhassos faziam uma alegre algazarra nos ramos altos das arvores das cercanias.

O caboclo, immovel, não tirava os olhos do pombal que ficava á sombra d'uma copada mangueira. Por vezes franzia a fronte queimada accusando a luta interior, grandes preoccupações que lhe enchiam o espirito.

Um pombo abalava, outro, logo outro — elle voltava a cabeça, seguia-os até os perder de vista e tornava á contemplação melancolica. As aves iam e vinham, entravam, sahiam agitadas, arrulhando alto; esvoaçavam em redor da habitação, pousavam nas arvores, no sapê da cabana, baixavam á terra irrequietas, fazendo róda, arrufadas.

Algumas pareciam orientar-se buscando rumo: estendiam os olhos pelo claro espaço, aprofundando a vista nos horizontes remotos; outras voavam, descreviam grandes voltas e regressavam ao pombal. Juntavam-se em reboliço, arrulhando como se discutissem, combinassem a abalada.

Algumas, indecisas, abriam as azas ameaçando o vôo, mas logo as fechavam; outras arrojavam-se, mas retrocediam sem animo e o rumor crescia na atropellada excitação da faina de partida.

O caboclo não se arredava, olhando. Elle bem sabia que era a vida de seu filho que alli estava em jogo, pendente da resolução das aves. Quando os pombos desertam a desgraça não tarda. Vendo-o, Joanna perguntou:

— Que é? O caboclo coçou a cabeça sem responder. Que é, Tiburcio?

— A móde que os pombos estão arribando, Joanna. A cabocla sorriu tristemente:



— Uai! só agora é que você vê isso? Desde que elle cahiu de cama. Eu não quiz falar, mas bem que eu vi. O caboclo poz a enxada ao hombro e foi-se lentamente a caminho da roça, por entre o capim molhado que exhalava um aroma picante,

Gallinhas cacarejavam occultas nas hervas altas e um fio d'agua, que derivava fino e suave, lampejava aqui, ali, nas abertas do matto. Tiburcio, sempre de cabeça baixa, enxada ao hombro, seguia impressionado com aquella repentina emigração das aves. Era o annuncio fatal. Elle bem ouvira a coruja noites e noites seguidas, não fizera caso — tudo ia bem; o pequeno com saude, elles sempre robustos; mas ali estava a confirmacão do aviso — a fuga dos pombos; todos creados por elle, lá iam, abandonavam-no presentindo a chegada da Morte.

Voltou-se, levantou o olhar — as aves esvoaçavam descrevendo circulos e Joanna lá estava na soleira da cabana, encostada ao umbral, os braços cruzados, a cabeça pendida, talvez chorando, coitada!

Revoltou-se com uma surda explosão de odio contra as aves ingratas. Nunca tivera coragem de matar uma só e vivia sempre a concertar o pombal, mais uma cousa, mais outra, pensando em augmental-o para os novos casaes. E o filho? não era elle quem pilava o milho para os borrachos ? quem sempre andava pela mangueira, de ramo em ramo, a ver se havia alguma fenda no pombal por onde a chuva penetrasse? Quem sabe se era porque o não viam que os pombos abandonavam a casa ?

Encolheu os hombros e seguiu, matto dentro. Quando passou a estiva o coração bateu-lhe com força, na emoção d'um presagio. Parou. A agua rebalsada reflectia-o immovel e elle olhava sem ver a sua imagem, pensando no pequeno que delirava, ardendo em febre.

Enveredou pela roça — o milharal apendoado era tão tão alto que elle desapparecia seguindo os carreiros cobertos de folhas seccas — pomas de terra fôfa encobriam formigueiros que elle sempre arrasava nos dias tranquillos. Nem deu por ellas. Seguia. Papagaios fugiam chalrando, com as verdes azas luzindo ao sol ; gafanhotos enormes saltavam nas folhas; por vezes um calango rastejava ligeiro nas versas farfalhantes.

Havia um ranchinho de palha — era alli que o filho costumava ficar arranjando as suas arapucas, ainda lá estava um feixe de taquaras, mas a herva começava a invadir o abrigo abandonado... tambem ia já para um mez que o pequeno ali não apparecia. Quando chegou ao mandiocal sentou-se alquebrado — a enxada pesava-lhe ao hombro como uma carga, as pernas afrouxavam, todo o corpo resentia-se de fadiga como se elle chegasse d'uma estirada viagem. Sentou-se num comoro e poz-se a riscar a terra com um graveto, pensativamente.

A's vezes parecia-lhe ouvir a voz da mulher echoando ; levantava a cabeça e, attento, sobresaltado, ficava á escuta. Só ouvia o crepitar das folhas balançadas pela viração e o zizio dos insectos ao sol. A terra transpirava, um vapor diaphano subia tremulamente do solo aquecido, as folhas pendiam languidas e no ceu, d'um azul intenso, passavam urubús vagarosos demandando as malhadas longinquas.

De repente um pombo atravessou os ares, outro, outro logo depois. Tiburcio poz-se de pé olhando — lá iam, lá iam elles! Azas estalaram — eram outros. Aquelles não tornariam mais, nunca mais! fugiam espavoridos sentindo a morte que devia vir perto.

Lançou um olhar largo em torno e só viu a verdura farta ondulando á brisa, sob a claridade cálida. Devia ter levado o filho á villa logo que elle cahiu doente, mas quem podia contar com aquillo? De repente um febrão, delirio... Que fazer? Levantou os olhos para o ceu e ficou contemplando o azul luminoso ; mais um pombo passou. Elle meneou a cabeça desanimado e, atirando um murro á coxa, poz a enxada ao hombro e deu volta tornando á casa. Quando Joanna o descobriu no terreiro, como se adivinhasse o seu pensamento, disse :

— Foi mesmo melhor você voltar, meu velho. Eu aqui sosinha nem sei que hei de fazer.

Elle olhou o pombal — estava deserto, em silencio.

Ao cahir da tarde Tiburcio sentou-se no limiar da cabana e, fumando, ficou á espera dos pombos. As cigarras cantavam, todos os passaros que tinham os seus ninhos nas arvores proximas recolhiam e, como ainda havia luz, deixavam-se ficar nos ramos desferindo os ultimos galreios. O ceu empallidecia, nublava-se de leve o fundo campo triste. A aragem da tarde espalhava o suave arôma das açucenas que abriam. Perto um cão ladrava, a espaços ; por vezes um lento mugído entristecia o silencio. Tiburcio não tirava os olhos do pombal senão para os alongar pelo espaço procurando descobrir uma das aves. Talvez tornassem. Onde achariam ellas melhor abrigo? A floresta era arriscada e pombos de casa não fazem vida no matto. Que outro pombal os teria attrahido? Se elle houvesse seguido a direcção do vôo... Alguns tinham tomado para os lados dos campos, outros haviam endireitado para a serra. E não voltavam.

Começava a escurecer. Joanna accendeu a candeia. Já os sapos coaxavam nos aguaçáes. Uma estrella luziu no ceu. Tiburcio fitou nella os olhos e poz-se a rezar baixinho. O silencio era apenas interrompido pelo borborinho d'agua do corrego que rolava perto, nos fundos da cabana, saltando, escachoando em pedrouços. Tiburcio suspirou e ergueu-se, encostou-se ao umbral sem animo de entrar. Joanna chegou-se á porta.

— Então?...

— No mesmo... Agora nem agua. Qual ! Elle desceu o degráo de madeira, chamou-a e caminharam vagarosamente no terreiro que começava a clarear. Junto á mangueira, justamente sob o pombal, pararam e o caboclo, baixinho, como se receiasse ser ouvido pelo filho, perguntou :

— Joanna, você não sabe reza nenhuma p'ra isso ? e mostrou o pombal deserto.

—Nhá Lina é que sabe.

—E chama?

—Diz que sim. Tiburcio ficou a pensar; subito, levantando resolutamente a cabeça, disse em voz firme:

—Eu vou lá.

—Agora?

—Então... Você não diz que chama?

—Eu nunca vi, Tiburcio... Dizem.

—Você não quer.

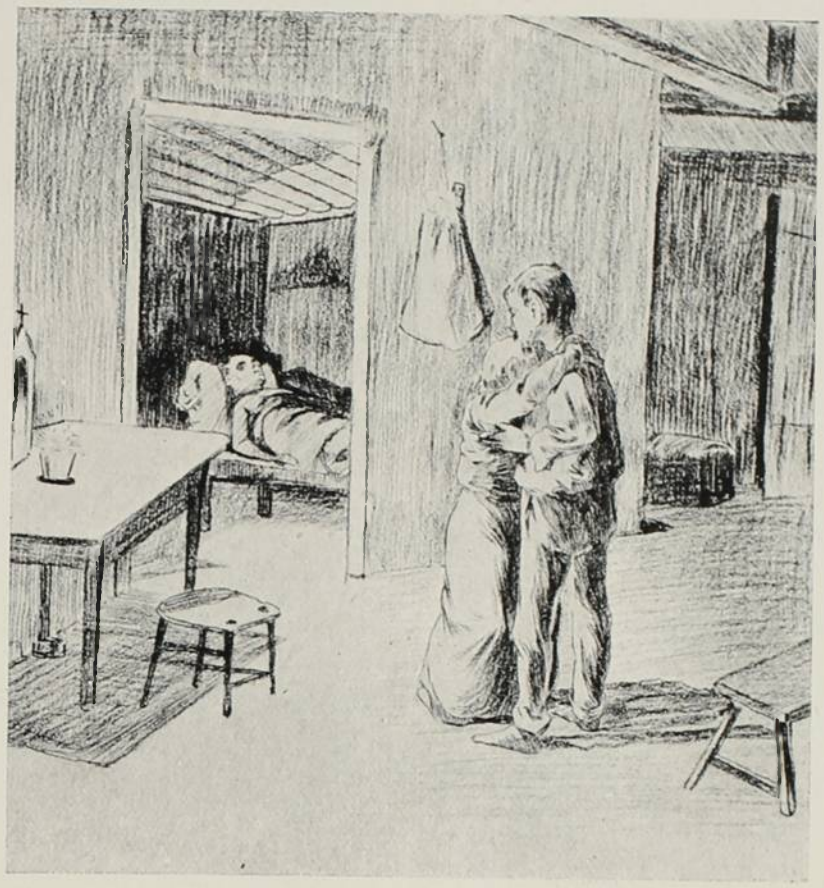
—Eu? eu não. Só o que eu acho é que é muito tarde. Você já viu como elle está? não dá accordo de nada. Eu ando, falo, viro e mexo no quarto e elle... nem como cousa. Ali só Deus! A voz se lhe ia travando na garganta; de repente desatou a chorar Tiburcio afastou-se, poz-se a andar vagamente no terreiro. A lua branca subia, os campos alvejavam e na claridade as sombras das arvores, muito negras, alastravam.

—Tem paciencia, minha velha. A gente fez tudo. Os grillos cantavam estridulos, um caboré passou com um grito rascante. O caboclo murmurou. Já sei. De repente Joanna estremeceu, voltou-se hirta para a cabana por cuja porta escancarada sahia ao terreiro um raio de luz livida e, depois de olhar um momento, como assombrada, partiu de arranco. Tiburcio, immovel, sem comprehender o que fizera a mulher, esperava vêl-a reapparecer tranquilla quando um grito lancinante atravessou o silencio. O caboclo arrojou-se para a cabana, foi direito ao quarto que uma lamparina alumiava: a mulher, de joelhos junto ao catre, debruçada sobre o filho, soluçava desesperadamente.

—Que é, Joanna? Ella rouquejou atirando os braços sobre o corpo da creança.

—Acabou! Vê... Elle inclinou-se: o seu rosto roçou por uma face que ardia, a sua mão tremula poz-se a apalpar um corpo abrazado, sentindo o peito magro ripado pelas costellas, o ventre fundo. Vê o coração, Tiburcio. Elle apenas disse: Acabou. A mulher ergueu-se de impeto, disfigurada, com os cabellos desgrenhados, os olhos flammejantes; quiz falar, estendeu os braços para o marido, mas cahiu mollemente numa canastra e, dobrando-se toda, rompeu a chorar redizendo o nome do filho com a ternura a coar-se pelos soluços: «Meu Luiz! Meu Luizinho. Tão vivo, minha Nossa Senhora.»

Tiburcio afastou-se e na sala, diante da mesa em que jazia a candeia, parou com o olhar perdido, os labios tremulos e as lagrimas rolando em grossas gottas ao longo da face ossuda. Joanna rompeu do quarto cambaleando como ebria e, vendo-o, atirou-se-lhe nos braços; elle amparou-a sem dizer palavra e, abraçados, ficaram largo tempo de pé na estreita sala obscura onde os grillos cantavam.



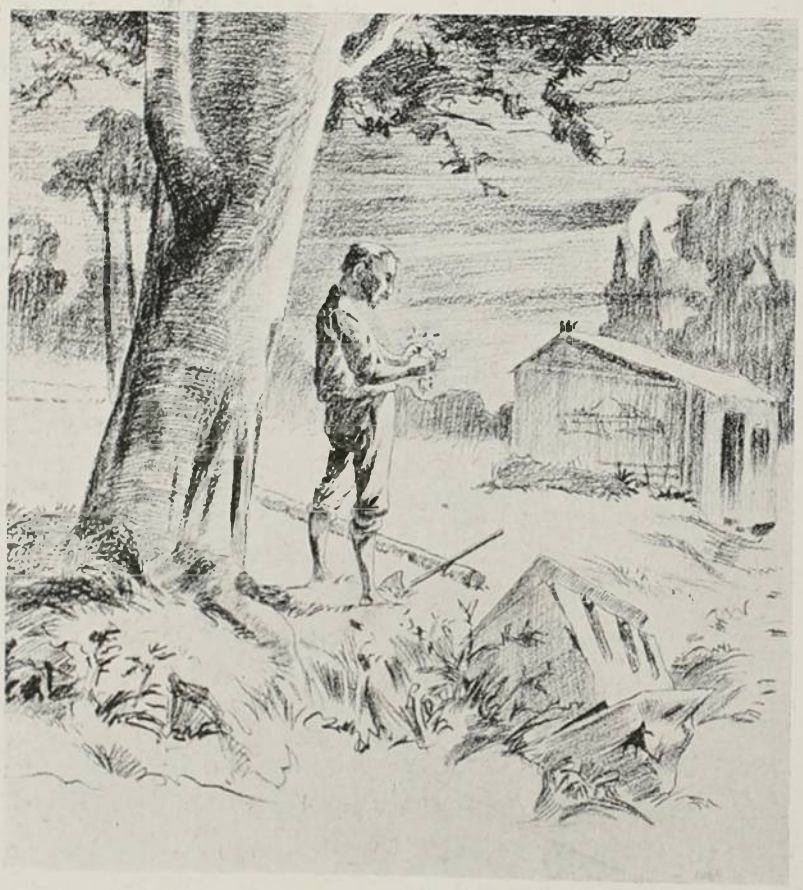
Joanna tornou para o quarto, Tiburcio ficou encostado á mesa, com os olhos fitos na luz da candeia que oscillava com o vento. O luar entrava lentamente, alvo, subindo pelas paredes. Elle moveu-se com um arrancado suspiro, foi até a porta, sentou-se na soleira, accendeu o cachimbo e quedou-se olhando o campo illuminado. De repente pareceu-lhe ouvir arrulhos—levantou a cabeça, olhando: as estrellas scintillavam na altura, a copa das arvores reluzia ao luar. Seria illusão? Encolheu-se e immovel, attento, ficou á escuta—os arrulhos continuavam. Ergueu-se impetuosamente e caminhou direito ao pombal, collando-se ao tronco da mangueira. Seriam os pombos que voltavam depois da passagem da Morte? respondendo á sua idéa poz-se a resmungar enfurecido: «Agora é tarde! Agora é tarde, maldicto!»

Um ruflo d'azas, turturinos meigos, pios partiram do pombal. Não havia duvida... Um rictus contrahiu o rosto do caboclo. Adiantou-se e, do meio do terreiro, olhou o pombal, caminhando resolutamente para a cabana.

Joanna soluçava desesperadamente, elle apanhou a candeia, dirigiu-se á cosinha e, vendo o machado a um canto, tomou-o, sempre resmungando. Voltou ao terreiro e, sob a mangueira, arregaçando as mangas da camisa grossa, brandiu o machado.

Ao primeiro golpe no poste que sustentava o pombal as aves calaram-se. Tiburcio redobrava de esforço, arquejando. A um estalo secco afastou-se, mas o pombal continuava de pé, resistindo. Encostou o machado ao tronco da arvore e, agarrando-se aos galhos, soergueu-se, foi pela mangueira acima e, firmando-se numa forquilha, atirou um ponta-pé á grande caixa — rapidamente a construcção pendeu, ruiu com estrondo no terreiro.

Dois pombos voaram assustados, estonteados, incertos na claridade nocturna e pousaram no tecto da cabana. O caboclo desceu ligeiro e viu uns pequenos corpos que piavam, oscillavam, arrastavam-se — eram dois borrachos. Agachou-se, tomou-os nas mãos, mirou-os: eram hediondos, ainda implumes, tendo apenas uma leve pennugem sobre a pelle escura. O caboclo sentia-lhes os ossos frageis e os animaes debatiam-se, esticavam o pescoço, piavam.



Elle os foi apertando, esmagando — os ossos tenros estalaram, o sangue espirrou, escorreu-lhe por entre os dedos, pelos punhos, tépido. Numa furia, porém, atirou-os ao chão, pisou-os deixando-os como uma pasta. Os pais arrulhavam na palha da cabana, indo e vindo, afflictos.

Joanna, abraçada ao filho, soluçava quando Tiburcio entrou no quarto. Quedou-se diante do catre, a olhar. Subitamente a mulher estremeceu e, levantando-se, agarrou-se ao marido, os olhos muito abertos, a bocca em hiato, a cabeça inclinada como a ouvir vozes, rumores longinquos.

— Que é, Joanna? Que é que você tem? Ella murmurou surdamente:

— Os pombos, Tiburcio. Você não está ouvindo? Eram os arrulhos tristes que vinham de cima da casa. Estão voltando... Quem sabe? elle ainda está quente.., e havia uma esperança immensa no coração dolorido da cabocla. Tiburcio encolheu os hombros:

— E' chôro d'elles. Estão chorando como nós. E' um casal que ficou por causa dos filhos. Eu derrubei o pombal, matei os borrachos. Olha — e mostrou as mãos ensanguentadas. Elles voaram, estão em cima da casa. Você quer vêr? foi sahindo, ella acompanhou-o.

Desceram ao terreiro, Tiburcio mostrou o pombal tombado, depois procurou os corpos dos borrachos, apanhou-os. Olha aqui... Joanna olhava sem dizer palavra; cessara de chorar espantada, mirando o marido cujos olhos accesos fulguravam. Elle derreou o corpo e atirou o primeiro borracho ao sapê: «E' bom?!» atirou o segundo: «E' bom!?» Os pombos levantaram vôo, fugiram, perderam-se nas sombras muito negras. «E' bom?..» Joanna não tirava os olhos do marido, múda, aterrada, vendo-o chorar aos arrancos, os braços pendidos, a cabeça tombada sobre o peito.

— Vamos, meu velho. Foi a vontade de Deus. Está no ceu... E vagarosamente o foi levando.

Entraram e diante do catre em que jazia o filho morto as lagrimas romperam dos olhos de ambos e sobre a palha da cabana os pombos arrulhavam doridamente.

COELHO NETTO.
Da Academia Brasileira



ICARAHY - NICTHEROY

CANÇÃO DO DESESPERO

Tu me attrahiste e eu fui... Quanto hoje me arrependo!
Fui, sem um gesto só de resistencia. Agora
Toda a tua mentira e o teu disfarce entendo,
E em vão minha alma grita, em vão minha alma chóra!...

Ninguem hade saber como te amei... Nem mesmo
Tu saberás o ponto a que cheguei no amor.
Hoje, tudo morreu. Ando outra vez a esmo,
Entregue, totalmente, a esta invencivel dor...

E dizer que houve um tempo em que olhando o teu riso,
Vendo no teu olhar a doçura e a bondade,
Tentei a porta abrir de um novo Paraiso,
E lá dentro te dar toda a felicidade!...

Era meu grande amor sem peias nem barreiras,
Livre como o tufão, como as ondas do Mar...
Teu amor era como as immensas esteiras
Desfraldadas no Céo pelas noites de luar...

O infinito e o infinito! Era o ideal conseguido!
Sem principio e sem fim o nosso amor, e eterno!
Porque foi que, mais tarde, humilhado e offendido,
Quiz te encontrar vivendo as torturas do Inferno?

Persiste o meu rancor quando lembro a hecatombe
Que um dia desabou sobre o meu coração...
Meu desejo supremo é que dos deuses tombe
Sobre tua cabeça a maior maldição!

Maldita sejas tu! Para sempre, maldita!
Possa eu te ver, emfim, de lagrymas banhada,
Em soluço, em clamor, ao desamparo, afflicta,
Sem que ninguem te atire a esmola desejada!

Hãode todos fugir de ti, como de um crime,
De um perigo, de um mal, de uma cidade atroz!
Mão nenhuma te ampare e braço algum te anime,
E morra sem resposta o som de tua voz!

Evitada, bem como um negro sorvedoiro,
Temerario nenhum de ti chegará perto...
Sacudido de vento, o teu cabello de oiro
Um pavilhão será plantado num deserto!...

Symbolo do remorso e perpetua ironia,
Elle só fulgirá desdobrado e triumphal!
Elle só! como boia, ao sabor da agua fria,
Um destroço de barco, após o temporal...

De nada hade servir teres amado tanto!...
De nada hade valer a tua formosura!
—Hasde ver, livremente, escorrer o teu pranto,
E soffrerás, sósinha, a tua desventura!

Maldita sejas tu! Nunca, na tua vida,
Um minuto, sequer, de calma, possas ter!
Sem preces e orações, afinal, esquecida,
Como tudo o que passa, hasde, tambem, morrer!

Mas não! Quando, algum dia, abandonada e triste,
Corroida de remorso e de arrependimento,
Andares pelo mundo, este, que tu feriste,
Este, a quem propinaste o maximo tormento,

Vendo-te sem achar o minimo carinho,
Hade te ouvir... E assim, como tu, sem ninguem,
Parará, desgraçado, em meio do caminho,
E, como tu, perdido, hade chorar tambem...

E sem uma palavra onde appareça o antigo
E envenenado amor, então, já frio e morto,
Este, que te maldiz, dividirá comtigo
Quanto possa abrandar o nosso desconforto...

Rio,—1904.

OSCAR LOPES.

VIDA LITERARIA

"ESAÚ E JACOB" O ULTIMO LIVRO DO SR. MACHADO DE ASSIS

ALÉM dos indefectiveis folhetos de versos e livrinhos em prosa, sem nenhum interesse, apenas reveladores do cacoête de escrever, tenho aqui um bom numero de volumes aos quaes devo noticia e analyse: a interessante narrativa *O navio flibusteiro* do Sr. Virgilio Varzea; os deliciosos e encantadores poemas do Sr. Antonio Corrêa d'Oliveira *Raiz, Ara, Auto de Junho*; os contos *Alma dorida* (H. Garnier) do Sr. Cyro d'Azevedo; o *Theatro Brasileiro* (H. Garnier) do Sr. Henrique Marinho; uma traducção de *Gil Braz de Santilhana* (H. Garnier) os *Artistas do meu tempo* do Sr. Mello Moraes Filho (H. Garnier) os conceituosos estudos do Sr. Heraclito Graça *Factos da linguagem* (Viuva Azevedo & C.ª); os novos e formosos poemas dos Srs. Magalhães de Azeredo *Odes e Elegias* (Roma) e Luiz Guimarães Filho *Pedras preciosas* (Montevidéo) e, por fim *Esaú e Jacob* o ultimo romance do Sr. Machado de Assis, publicado pela casa H. Garnier.

Como *à tout seigneur tout honneur*, segundo o velho preceito da civilidade franceza, os autores d'aquelles livros, entre os quaes alguns ha verdadeiramente estimaveis, me não levarão a mal que dê a primazia da minha noticia a este, que por todos os titulos a tem, sem duvida, entre elles.

Na série dos romances da segunda — e agora, parece, definitiva maneira — do Sr. Machado de Assis, *Esaú e Jacob* mantem o primado adquirido ao autor pelas *Memorias de Braz Cubas*, *Quincas Borba* e *D. Casmurro*. Pódem alguns desadorar o modo de escripta e composição d'esses romances, a maneira do autor, o seu estylo, e achar-lhe ao cabo alguma repetição e monotonia; a critica, porém, não tem o direito de prescrever ao artista, nem os seus assumptos, nem como os deve tratar. Como a inspiração, a composição ha de ser livre. A' critica só assiste o direito de examinar si, escolhendo este ou aquelle assumpto e tal ou tal fórma de o conceber e tratar, o escriptor o realizou segundo um criterio de belleza, que podendo soffrer variações infinitas, se conserva no fundo sempre o mesmo.

A' obra do Sr. Machado de Assis, a de mais perfeita unidade em a nossa literatura, é tanto mais preciso applicar esta regra de critica quanto a sua maneira literaria, o seu estylo que, como em raros é elle proprio, são por assim dizer o seu mesmo temperamento individual. Ora, tudo em summa se poderá talvez exigir de um escriptor, menos que elle mude ou esconda o seu temperamento, o que só por si lhe diminuiria, si não aniquilasse, a personalidade que acaso tivesse. E é essa diversidade de temperamentos que, na unidade de uma literatura, lhe faz a variedade e o encanto. Ora, apezar de enganadoras apparencias, em todo caso mais pessoaes que literarias, em contrario é grande e forte a personalidade do autor de *Esaú e Jacob*. E' escriptor que nunca de todo cedeu a influencias de meios, de parcerias ou de escolas. Passou por diversas, que a todos aqui avassalaram, sem se deixar dominar completamente por nenhuma d'ellas, conservando sinão intacta, independente a sua personalidade literaria.

Neste romance principalmente ella se desenvolve em inteira posse de si propria, numa opulencia de pensamentos, de idéas, de conceitos manifestamente superior a dos seus outros livros de igual genero. A historia é simples, e por isso mesmo difficil de contar. Aliás as historias do Sr. Machado de Assis perderiam muito em ser recontadas por outros. O seu principal encanto talvez esteja no contador.

Cada livro d'elle, de parte o estylo, traz uma novidade. A de *Esaú e Jacob* é a do assumpto, que tem, do modo porque é exposto, toda a figura de um facto novo. Eu não sei si no seu atilado pessimismo o Sr. Machado de Assis não quiz representar o caso communissimo da desaffeição, e até da hostilidade dos irmãos, e com o seu gosto, filho da sua philosophia, de contestar as banalidades correntes como verdades, mostrar a falsidade do corriqueiro e mentiroso "amigos

como irmãos». Para isso, observar-me-iam, não precisava fazer dos seus irmãos gemeos; mas fazendo-os dava mais força á sua demonstração, si alguma tinha em vista. Neste livro ao humor, de que o Sr. Machado de Assis parece tem o privilegio entre os nossos escriptores, junta-se por vezes a graça, como em nenhum outro sinão nos seus contos, onde facilmente a encontramos, dos seus romances da mesma feição.

O caso é, como já indiquei, o da reciproca hostilidade de dous irmãos gemeos, mas profundamente differentes e desiguaes de genios e de temperamentos. Esta differença profunda dos dous, acompanhada da animosidade espontanea de um pelo outro, em manifesta opposição com a igualdade ou simultaneidade de tendencias e inclinações em geral notadas nos gemeos forma o que chamarei a trama psychologica do romance. Sobre essa trama corre, como um fio de delicadeza peregrina, num bordado de rara formosura, a figura encantadora de uma mulher. Não é de esposa, nem de amante, ou de amada, mas de mãi. E não a da classica mãi velha e veneravel por um passado de angustias, de dedicação maternal, de devotamentos de esposa, mas uma mãi relativamente ainda bella e fresca e com isso inteiramente mãi, sem deixar de ser mulher, com as graças que a sua idade, o seu estado, o seu decoro lhe permittem. Uma creação felicissima, essa Natividade, em que se reunem com rara perfeição de factura os encantos da mulher, as gentilezas da senhora e a indizivel ternura das mãis. Quasi igualando-a, e talvez por certos traços levando-lhe vantagem, porém de mais facil execução, é o Conselheiro Ayres, que da mesma familia do Conselheiro Acacio, fica inteiramente, absolutamente differente d'elle, como uma creação á parte e diversa, e entrará para a humanidade creada pelo Sr. Machado de Assis ao lado de Braz Cubas, de Palha, do Conego Dias e de outras não menos conhecidas personagens que a constituem, todas talvez excepcionaes, mas todas vivas, de uma verdade intensa, apezar da especie da risonha e descuidosa ironia com que são apresentadas. Por que, ao contrario da maior parte dos romancistas, elle não as descreve minuciosamente, salientando as suas qualidades e defeitos, não lhes enumera as virtudes e vicios, nem lhes diz por miudo os habitos e costumes, não as pinta em summa por dentro e por fóra; apenas fal-os falar e obrar, o mais discretamente que pode, e limita-se a completar-lhes o retrato com uma palavra, um dito ou um acto da personagem ou uma rapida apreciação sua, que são como o *coup de pouce*, a que se referia Rüskin, com que o mestre concluido o quadro dá-lhe a pincelada final que o illuminará todo.

Naquella idade dos trinta annos, cara aos balzacistas, Natividade, grande dama do Rio de Janeiro, formosa, opulenta de fortuna e gentileza, deu á luz, sem nenhum enthusiasmo, ou sequer essa alegria especial das mãis moças ou pobres, dous filhos gemeos. O nascimento de algum modo tardio d'essas crianças foi antecedido e seguido de circumstancias pouco ordinarias, e de sentimentos diversos e contradictorios, de aborrecimento e alegria, de descontentamento e amor no casal. Em primeiro lugar, Natividade sentira que elles lhe brigavam no ventre, como os dous irmãos Esaú e Jacob no de Rebecca, mulher de Isaac, segundo a lenda biblica. Já vê o leitor donde vem o nome do livro. Natividade e o marido, um banqueiro meio apagado, passada a primeira e rapida contrariedade do nascimento dos dous meninos, põem-se a amal-os com grandes extremos. E elles crescem numa quasi excepcional atmosphera de amor e de carinhos. Mas parecidissimos quanto ao physico, o que é muito commum nos gemeos, divergem grandemente no moral, nos gostos, na indole, nas propensões e tendencias, o que é mais raro. Os nomes que se lhes havia de dar faziam objecto de questão e discussões na familia. Afinal, um motivo fortuito, fez resolvel-a pelos dos dous apostolos apparentemente socios e camaradas, mas de facto inimigos, Pedro e Paulo. Aquella differença entre a indole dos dous foi, desde a meninice d'elles, motivo de desgosto para Natividade, que em vão empregou todos os recursos da sua ternura maternal em combatel-a. Nesse empenho falharam-lhe todos os seus mais engenhosos meios e Pedro e Paulo cresceram e fizeram-se homens,

como Esaú e Jacob, adversarios, sinão inimigos —é preciso estabelecer o matiz—.

Gorada—o que é tão commum—esta obra de educação maternal, cada um delles escolhe carreira e partido differente. Só em uma cousa concordam e coincidem, na eleição da mulher amada, que será a mesma, Flora. Eis outro delicioso typo de mulher, criado pelo Sr. Machado de Assis. Este é o de uma donzella, com todos os encantos e seducções da idade e do estado, e com alguma cousa de ideal, que si a embelleza nada lhe tira de realidade vivaz e humana.

Natividade morre, um pouco talvez da reciproca animosidade dos filhos. Ha nessa morte uma commoção a que não nos tinha habituado o autor de *Braz Cubas*. Já moribunda, Natividade tentou um derradeiro esforço para reconcilial-os. Não logra sinão apparencias. O amor de Flora ou antes por Flora, que ambos sentiam sem animo de se declararem, por que cada um sabia tambem o outro apaixonado, e julgava-o o amado, augmentava naturalmente aquella separação, que Flora indecisa entre os dous sem querer, antes não querendo, augmentava. O caso de Flora é singular. Entre dous rapazes esbeltos e amaveis que,—não ha enganarem-se mulheres nestas cousas—evidentemente a amavam, ella ama, sem saber qual d'elles, mas ama, sem objecto certo, indefinidamente. Ella tambem morre sem se ter decifrado o enigma cruel. E Pedro e Paulo continuam "os mesmos", que vinham desde o ventre materno como verifica a philosophia pessimista e percuciente do Conselheiro Ayres.

Contado assim, eu estou que este romance não tem interesse, nem graça, por que o que principalmente lhe dá estas qualidades, é, primeiro, a lingua admiravel, a rara sciencia de dicção com que é escripto e depois a arte peregrina e toda pessoal da composição, os mesmos *tics* e cacoêtes do autor, o engenhoso artificio da apresentação, uma psychologia subtil, por vezes talvez e infelizmente rebuscada, mas sempre intelligente e com aquelle sal de malicia caro aos paladares mais sãos. Não será talvez uma literatura forte, uma arte intensa capaz de commover-nos com emoções superiores; mas é, como raras, intelligente, original, distincta e deliciosa. Não lhes parece que é muitissimo?

José Verissimo.
Da Academia Brasileira



Ha uma lagrima, sempre, attenta em nossos olhos:
Branca, redonda, clara, adamantina, pura
E assim como no mar os traçoeiros escolhos
Ella, escondida, a flor das palpebras procura.

E ahi fica parada, os intimos refolhos
Da nossa alma reflete e quando uma ventura
Em riso nos entreabre os labios com doçura
Ella, a lagrima, fica a nos tremer dos olhos...

Tu que és moça e que ris e não sabes da magoa
Do mundo, tem cuidado, olha esta gotta d'agua
Se não queres da vida achar-te entre os abrolhos

Ri, mas ri de vagar que a lagrima traçoeira
Talvez por te ver rir assim, dessa maneira
Trema e caia afinal um dia dos teus olhos!

LUIZ EDMUNDO.

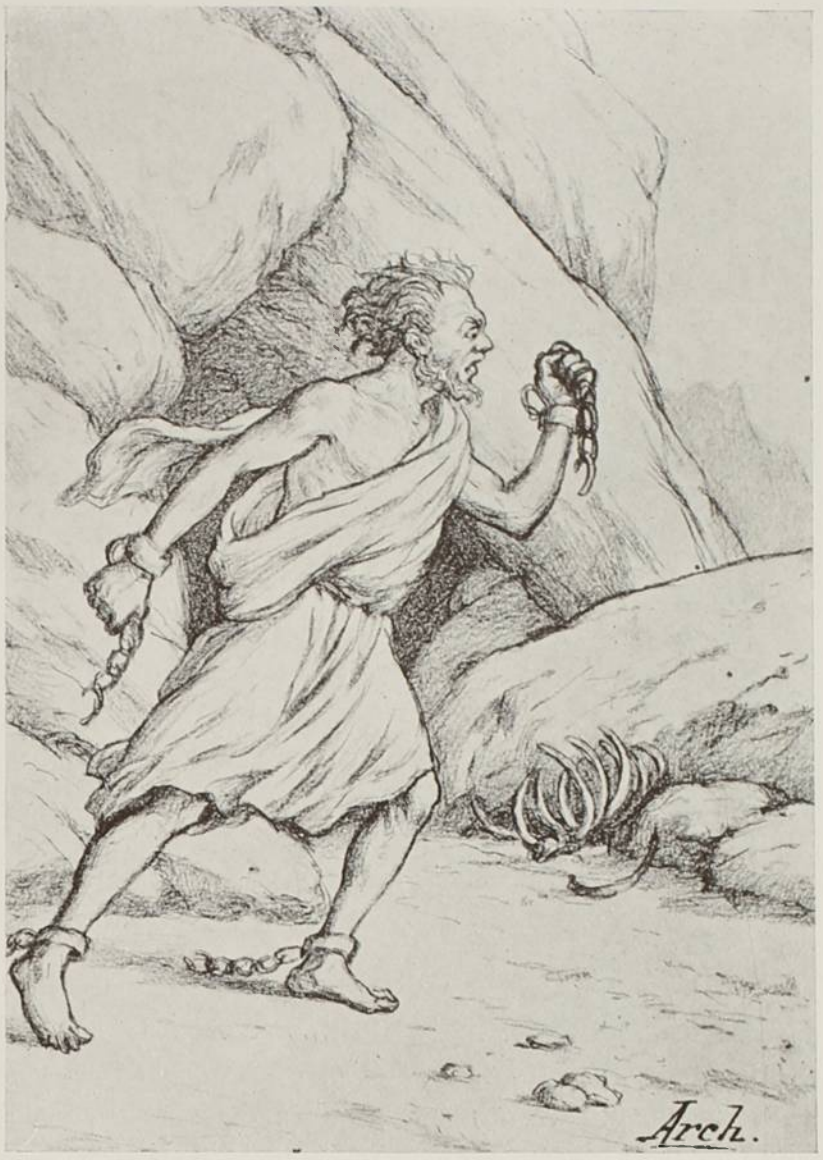
JESUS

(A Z...)

« *Il faut se rappeler, d'ailleurs, que toute idée perd quelque chose de sa pureté dès qu'elle aspire à se realiser.* »
(Ernest Renan — *Vie de Jésus.)*

« *Assim que agora nenhuma condemnação ha para os que estão em Christo-Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espirito.* »
(São Paulo — *Epistola aos Romanos.)*





DEPOIS de acalmar a irada tempestade das agoas, Jesus voltou novamente de rumo á Galiléa que deixára para ir á terra dos Gadarenos. Mas agora as agoas eram tranquillas, quietas como a pureza macia do céo azul, refulgentes e meigas como as pupillas do Nazarethno.

Pela regiao se sabia que na outra banda, logo ao pisar terra firme, Christo fizera milagres, porque afugentára os máos espiritos de um louco, prisioneiro de sepulturas onde o recolhiam algemado e agrilhoado ; mas o doido partia as correntes, subia aos montes, descia ás covas onde nas duras e pontudas pedras rasgava a fragilidade de sua carne. Christo o curára; em sujos porcos prendera os immundos espiritos, que com a manada se afogaram nas agoas inquietas; e o louco levou a fama do Mestre á sua terra em Decapolis. Todas as multidões perguntavam quem era aquelle homem que com tanta mansidão acalmava as procellas, dava vista aos cegos, curava corpo e espirito, dizia tão eloquentes parabolas, — e atravez de todos esses milagres era o Mestre-Perfeito? A sua gloriosa fama chegou até Jairo, Principe da Synagoga. E logo sabendo este do regresso de Jesus, foi ao seu encontro, e assim lhe falou:

— Oh ! Mestre, ouve a minha palavra porque a minha bocca é um sepulchro de dor. Ha doze annos pela graça do céo, de minha mulher nasceu uma filha a quem amo e estremeço pelos encantos da sua pessoa e pela affectiva bondade do seu coração. E' minha filha; si tu a visses certamente a amarias! Quando ella sahia aos campos, vinham as ovelhas e os cordeiros comer as hervas á palma de sua mão, — fresca como um lyrio dos montes, rosada como a aurora em Bethlém ; e as andorinhas revoavam em torno de sua cabecinha loira; e as abelhas esvoaçavam ao redor de sua bocca vermelha, — doce como

uma colmeia em que se fabricam favos de beijos. Pairava sobre ella a graça do Senhor, e tinham descido sobre ella todas as bençãos do céo. Pozse a coitadinha de repente a definhar; mais fra-



gil do que a onda que se quebra na praia, a saúde de minha filha foi fanando. Flor que ella era ainda hoje o é, mas tão emmurchecida que só de vel-a os olhos se enchem de lagrymas como neblina de inverno. Seus bracinhos estão agora como duas hastes supportando o doce peso de duas rosas brancas. Oh! Mestre, tu que és infinitamente misericordioso e bom; tu que geras milagres com a mesma facilidade com que o céo se recobre de estrellas; tu que esconjuras os demonios; ah! tu bem pódes salvar um anjinho do Senhor!

Jesus, erguendo o braço de dentro da ampla manga da tunica, pousou de leve a mão no hombro de Jairo, que todo se recobriu de uma refulgente luz; e descerrando os labios, disse em palavras mais doces do que beijos:

—Um homem opulentamente rico, que todas as coisas da terra podia com dinheiro comprar, cultivava com apurado esmero um jardim; tinha elle terra fecunda e boa, e descia de uma fonte a agoa maviosa e tranquilla; sem falar na agoa do céo que era muita. Mas nem a chuva benefica, nem o orvalho da noite poderam fazer que no jardim surgisse mais de uma roseira; e a roseira só deu uma rosa. E o rico homem que ao principio ficou triste, consolou-se pensando que a planta vicejava e que a flor era sempre purpurina e cheirosa. Uma vez a roseira começou a definhar, e a rosa começou a emmurchecer; o homem tudo fez para salval-as, e todos os conselhos ouviu. E estes eram muitos: uns achavam que eram espinhos; outros achavam que só das lagartas vinha o mal. Emquanto isso, roseira e rosa morriam. Foi então que appareceu um jardineiro, e deu-lhes outra vez a virtude que de



Deus trouxera. Tu talvez sejas o homem rico; a rosa é a tua filha; a roseira é a vida; mas eu sou o jardineiro de Deus. Vae, e tem fé! Salvarei a tua filha.

Jairo partiu cheio de esperança e de fé,—porque, á sua vista, uma mulher doente que se roçou no manto de Jesus logo sarou da enfermidade. Em verdade, em verdade! Que homem prodigioso era aquelle?

Passaram-se algumas horas, e viu o Principe da Synagoga que o Mestre-Perfeito não chegava; foi outra vez em sua busca, com marcha vacillante e palavras que hesitavam:

—Mestre! Si tardas em ir, bem receio que só encontres em minha casa um cadaver! Minha filhinha bate ás portas da Morte; já os homens de saber affirmam que é tarde e ella se não salvará. Tem pena de mim! Vae salvar a minha filha!

Jesus moveu para o pae afflicto a refulgencia luminosa dos seus olhos tranquillos:

—Não temas, homem! Eu te disse que tua filha se salvará; guarda mais a confiança e acrescenta a tua fé! Por mais que te digam de perigos insensatos; por mais que te afflijam a esperança; por mais que te deitem veneno no soffri-

mento; — lembra-te da minha promessa, e crê na salvação de tua filha! Antes que desesperes terceira vez, eu lá irei e a curarei.

De novo partiu Jairo, e ao voltar-se uma vez viu Jesus em pé e sereno, com a face angelica voltada para o céo azul. Mas ai! de Jairo, que ao chegar á casa teve tempo apenas de beijar a filha que parecia morta. Voltou acompanhado de muitos dos seus á procura de Christo que em caminho encontrou.

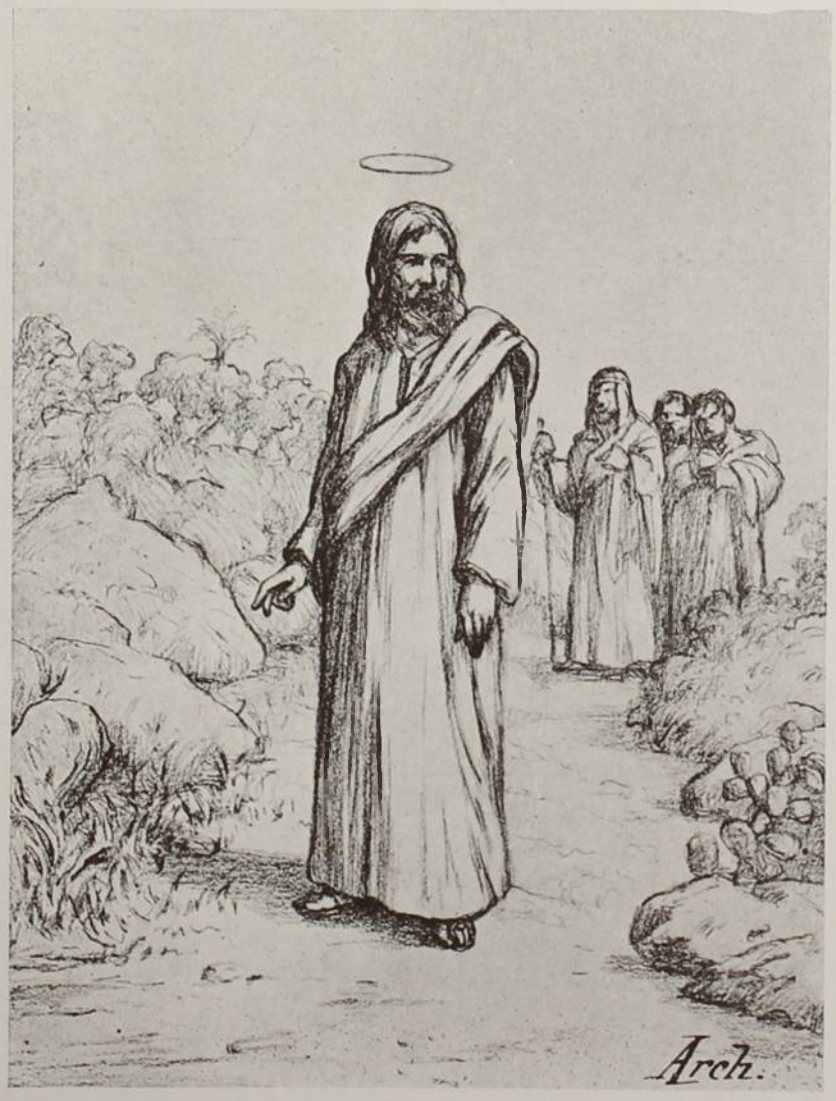
— Mestre, vem depressa! Tarde chegarás para salvar a minha filha! E como Jesus se apressasse, disseram em torno:

— Oh! Jairo, porque atormentas o Mestre, si tua filha já está morta?...

Mas Jesus, estendendo a branca mão sobre o Principe da Synagoga:

— Não temas! Crê na minha palavra que é a palavra de Deus!

Então, todos aquelles incréos, em alvoroço do milagre promettido, quizeram acompanhar Jesus e Jairo; mas por ordem do Mestre, foram apenas Pedro, Jacobo e João, irmão de Jacobo.



A tarde ia alta, e começava a cahir o crepusculo...



Quando os cinco homens entraram, mais desencontrado ia o alvoroço em casa de Jairo. Elevavam-se préces como vôos de azas, pedindo misericordia ao Senhor; depois as promessas cessaram, e eram apenas surdas lamentações sobre o corpinho da creança morta. Jesus, á porta, perguntou:

— Porque vos alvoroçaes? Porque tanto gemido e tanto pranto? Serenae os vossos corações, guardae as vossas lagrymas, que a menina não está morta, e apenas dorme...

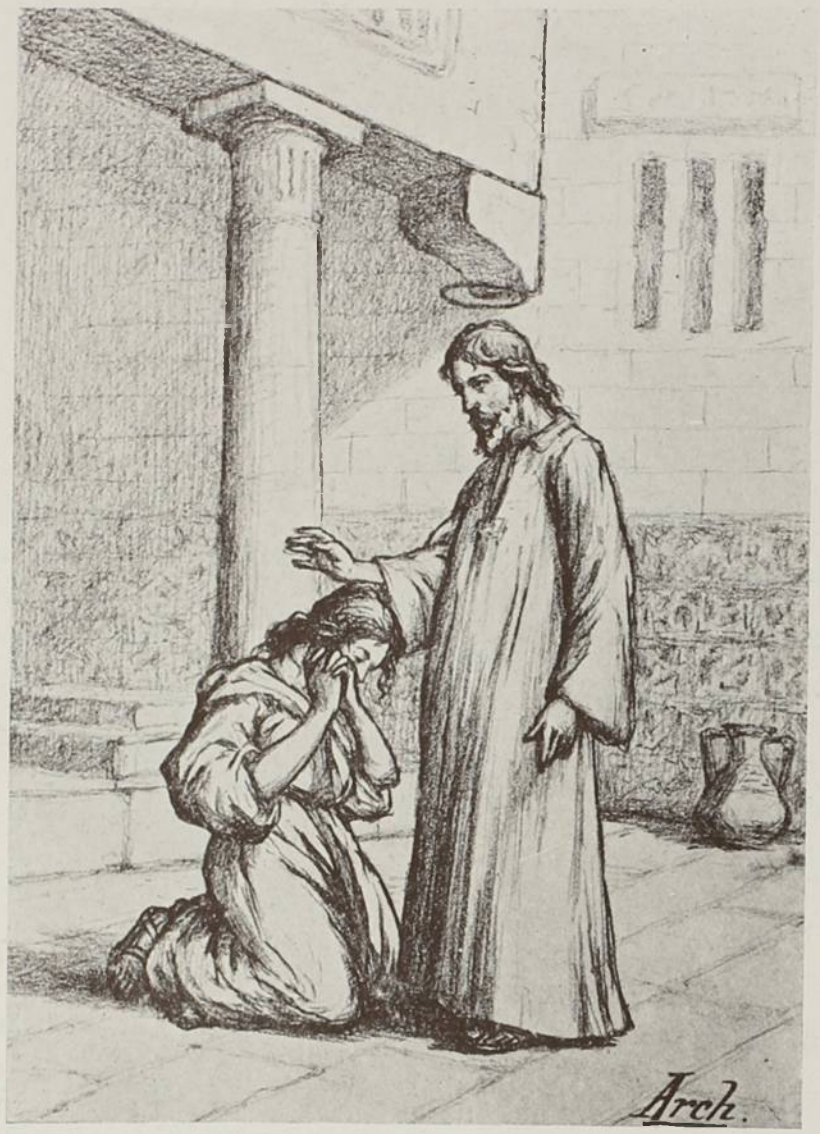
Isso ouvindo todos riram como ás insensatas palavras de um visionario; e o Mestre, deante da falta de fé d'aquella gente, expulsou a todos, dizendo:

— Aqui só permanecerão os que têm fé e amor — porque a misericordia não é feita nem de pedras nem de cardos.

Depois, acompanhado dos que com elle tinham vindo, e mais tambem da esposa de Jairo, entrou no quarto da menina.

—

Branca e immovel a formosa creança jazia com os olhos cerrados, a fronte muito pallida, envolta na aureola dos seus cabellos loiros. Jesus achou que os olhos fechados eram como um céo azul dentro das nuvens negras de uma tempestade. A mãi afflicta — que, apenas no quarto, se debruçara chorando sobre o leito da filha morta — ergueu-se de repente, grande, tragica, dolorosa, indo cahir ajoelhada aos pés do Rabbi, que tinham o pó das estradas:



ajoelhados rezavam. Jesus sorriu outra vez,—e tomando a mão da menina, murmurou como uma caricia:

—Vem, minha filhinha, levanta-te!

E logo a menina, como si as palavras divinas lhe dessem azas, levantou-se sorrindo, e foi cahir nos braços paternos...

Depois abraçou Jesus que a estreitou ao peito longamente, amorosamente, cobrindo-a de beijos, deante da derramada alegria de Jairo e de sua esposa, deante do assombrado espanto dos companheiros.

Mas aos paes do anjinho parecia, vendo Jesus abraçar e beijar a filha resuscitada, que um milagre tambem n'elle se operara,—e que aquelle Deus pela primeira vez era um Homem...

(Historias da Vida e da Morte.)

Rio—1904.

THOMAZ LOPES.

—Jesus de Nazareth, olha para a minha dor e salva esta criança, unica filha das minhas entranhas!

Rabbi Jesckoua sorriu, e disse n'um outro sorriso:

—Tem fé, mulher!

Houve um longo silencio; n'esse minuto de espanto, Jesus dirigiu-se para o leito. Todas aquellas pessoas eram como estatuas petrificadas: a mãe do anjinho ainda ajoelhada, os cabellos soltos como a cólera do oceano, com os olhos em extase fitava Jesus e a menina; Jairo pallido e immovel segurava a cabeça entre as mãos. Pedro, Jacobo e João, a um canto da sala,





ILHA D'AGUA - RIO DE JANEIRO

AO DR. JOSÉ CARDOSO DE MOURA BRAZIL

A COMPLACENCIA DIVINA — MANIFESTAÇÃO DA GRAÇA, — TRADUZ-SE NA BONDADE — REFLEXO DO CEU NA CREATURA E SUBLIME FÓRMA DA CARIDADE NO MUNDO. VÓS, MEU AMIGO, EM QUEM FULGURA, NO MAIS ALTO GRÁU, ESSE PRIVILEGIO DOS ELEITOS, PRELIBAES, ANTE O QUADRO DOS BENS, QUE HAVEIS PRODIGALISADO, O INEFFAVEL JUBILO, RESERVADO AOS QUE TRIUMPHARAM DA MORTE. SOU UM EXEMPLO VIVO DO EXERCICIO D'ESSA MUNIFICENTE BONDADE. Á CULMINANCIA SCIENTIFICA E PROFISSIONAL, QUE ATTINGISTES PELO ESFORÇO DO ESTUDO E DA OBSERVAÇÃO; Á SUPERIOR INTELLIGENCIA, AUXILIADA PELA FIRMEZA DE VOSSAS PERITAS MÃOS E Á VOSSA DEDICADA ASSISTENCIA, POR MAIS DE QUATRO MEZES DEVO A RESTITUIÇÃO DE MEUS OLHOS Á LUZ. CONSENTI, POIS, QUE NÃO VOS OBEDEÇA, ENCERRANDO-ME NO SILENCIO, E QUE PUBLICAMENTE SE EXPANDA MINHA GRATIDÃO POR ESSES SERVIÇOS, DE VALOR INESTIMAVEL, SOBREDOIRADOS PELA DELICADEZA, COM QUE OS PRESTASTES, DANDO A MAIS GENEROSA INTERPRETAÇÃO AO «CITO TUTE ET JUCUNDE» DO PRINCIPE DOS ORADORES ROMANOS. JUNTAES, Ó WERK BRAZILEIRO, AOS LOUROS DA SCIENCIA OS NÃO MENOS IMMARCESSIVEIS DE AGRICULTOR PROGRESSISTA. NÃO VOS TENDES POUPADO A SACRIFICIOS PARA CONVENCER OS NOSSOS FAZENDEIROS DE QUE A POLYCULTURA NO BRAZIL NÃO É UTOPIA. VÓS, QUE CONHECEIS, A FUNDO E POR EXPERIENCIA, A DESASTROSA CRISE DE NOSSA LAVOURA E OS REMEDIOS PARA DEBELAL-A, PODEIS, HOJE, QUE DE NOVO PRESIDIS Á SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA, REALISAR VOSSOS NOBRES INTUITOS, SI OS PODERES PUBLICOS VOS APROVEITAREM A PATRIOTICA VOCAÇÃO, INCONTESTAVEL COMPETENCIA E MERITOS EXCEPCIONAES.

RIO, 3 DE NOVEMBRO DE 1904. BARÃO DE PARANAPIACABA.

MAZEPPA

(Lord Byron)

I

Ferira-se em Pultava a acerrima batalha,
Em que o sueco heróe revez cruel soffreu;
Pelo cruento chão cadaveres espalha
O exercito, que alli campanha extrema deu.

Gloria, regio poder, deidades inconstantes,
Como esses, de quem são os idolos impuros,
Seguiram do Autocráta as armas triumphantes
E os fortes de Moscow, de novo, estão seguros,

Em quanto não desponta o dia formidavel,
Que de mais alto nome e exercito mais forte
Deverá registrar, em anno memoravel,
Vergonhosa derrota e a mais infausta sorte.

Desbarato fatal! Naufragio miserando!
Em tempo algum se viu abalo tão profundo!
Foi raio, que, de chofre, um homem fulminando,
Levou consternação e assombro a todo mundo.

II

Tal da guerra o vaivem. Carlos Doze aprendia
A fugir. Sem parar, transpunha em seu cavallo
Campinas e caudaes. No sangue, que o tingia,
Era licito ver o seu cada vassallo.

Para cobrir-lhe a fuga, oh quanta mortandade!
Ninguem, a censurar essa ambição sem freio
O vencido humilhou na hora, em que a verdade
Já do poder não tem o minimo receio.

Perde o rei o corcel. Gietta o seu lhe cede,
E entre inimigos vai morrer, prisioneiro.
Após longo galope, inutil, que despede,
Abate-se o corcel e cospe o cavalleiro.

Cumpre ao rei poise a fronte, exhausta de fadiga,
Das selvas no mais fundo, em solidões sombrias,
Ao continuo bradar das forças inimigas
E ao nocturno clarão, longinquo, dos vigias.

E é por descanso tal, por laurea tão sangrenta
Que, luctando, as nações riqueza e força exhaurem!
. . . . . .
Arrancam-n'o ao torpor da quéda violenta,
Sem meios desprezar, que as forças lhe restaurem.

Rigidez da inacção lhe tolhe cada membro;
Das feridas á flôr congela-se-lhe o sangue.
Aggrava-se-lhe a febre ao frio de novembro,
Recusando-lhe o somno á celha ardente e langue.

E, entanto, arcando o rei com tanta adversidade,
Supporta, nobremente, amargas provações;
Avassallando a dôr, domina-a co' a vontade
Tal como praticava, outr'ora, entre Nações.

III

Tem alguns generaes (quão poucos)! a seu lado,
— Resto de um só combate — heroicos e fieis.
Triste e mudo, cada um, por terra está deitado
Ao pé de seu monarcha e em meio dos corceis.

Força é que, igual ao bruto, o homem, no perigo,
Co' as mesmas precisões, ás mesmas leis se dobre.
. . . . . .
Mazeppa, um dos fieis, procura seu abrigo
Sob um, d'elle rival, robusto e velho robre.

O velho *hetman* da Ukrania, exemplo de coragem,
Da fadiga prescinde e, proximo apparelha
A seu nobre ginete um leito de folhagem;
Almofaça-lhe a crina, alisa-lhe a cernelha;

Do freio, do bridão, das cilhas o liberta;
Folga, vendo-o comer, sem repugnancia, o feno;
Pois era de temer lhe fosse ingrata a offerta
Da vegetal ração, molhada do sereno.

O ginete, que ao dono imita em galhardia,
Nunca fez cabedal de mantimento, ou leito;
Docil, bem que fogoso, á redea obedecia;
De nada se escusava, a tudo estava affeito.

O tartaro animal, felpudo, vigoroso,
Vencia em rapidez um furacão do outomno.
A um gesto obedecia, attento e pressuroso
E orelhas aprumava, ouvindo a voz do dono.

Toldasse negra noite o azul do firmamento,
Fosse entre muitos mil occulto o cavalleiro,
O instincto lh'o mostrára; ir-lhe-ia em seguimento,
Qual vai da mãi no encalço a cria do cordeiro.

IV

Isto feito, Mazeppa estende o manto em terra,
Encosta ao robre a lança, e, próvido, examina
Si polvora bastante a cassoleta encerra,
Si não soffreu a pedra e o fecho da clavina;

Passa a mão na bainha e em copos de seu sabre;
Sonda si está bem preso e inteiro o cinturão.
Cauteloso, depois, do chão levanta e abre
O sacco, onde guardou mesquinha provisão,

E ao monarcha a offerece e ao sequito presente
Sem formulas, que exige o ceremonial.
O real fugitivo acceita, sorridente,
Por gesto affirmativo, a refeição frugal.

Ostentando alegria, ausente de sua alma,
Finge que não succumbe ao marcial discrime;
E com segura voz, em attitude calma,
Dirige-se a Mazeppa o rei e assim se exprime:

«Entre os nossos, de peito e braço vigoroso,
Habeis no forrageio e em toda a marcia lida,
Ninguem ha como tu, Mazeppa valoroso,
De tão activa faina e lingua comedida.

Bucephalo, Alexandre acodem á memoria
Em ti, em teu ginete—o mais completo par;
Sobrepuja á da Scythia a tua immensa gloria,
Si é caso de passar, luctando, terra e mar».

E Mazeppa acudiu: «Maldita a escola, aonde
A pericia ganhei de estribos e de arções»!
—«E por que, bravo chefe»? (O rei prompto responde)
Si foram para ti proficuas as lições?»

—«Temos muito que andar e muita escaramuça,
(Em que ha dez contra um por parte do inimigo)
Primeiro que os corceis, deixando a plaga russa,
Do Dnieper além encontrem bom pascigo.

E' longa a narrativa e impõe forçada véla.
Sire! Deveis descanço ao corpo fatigado.
Eu da escolta real serei a sentinella,
C'o a vigilancia, propria ao mais fiel soldado.

—«Quero essa historia, sim! Talvez que possa dar-me
Somno, á que estou revel.—»Pois bem! Nessa esperança
Doze lustros atraz, meu rei, vou remontar-me,
E os factos despertar, dormentes na lembrança.

Era... quando eu chegára ás vinte primaveras;
Casimiro reinava. Eu, desde a puberdade,
Me alistei pagem seu. Que rei! Sabio, deveras;
Mas pouco semelhante a Vossa Magestade.

Não foi conquistador, não deu esses combates,
Que reduzem um povo á condição de escravo.
Afóra de Varsovia os calidos debates,
Nada mais perturbou o seu repouso ignavo.

Não escapava, entanto, a crises dolorosas.
A's musas, á mulher paixão votava, céga.
Quanta vez, com desdem tratando as caprichosas,
Preferia luctar no accêso da refrega!

Mas... passava depressa aquella intensa furia.
Outro livro ia lêr, tomava outras amantes;
E, de novo, cedendo aos habítos da incuria,
Dava no seu palacio as festas mais brilhantes.

Varsovia, toda em peso, aos bailes lhe assistia.
Alli vinham porfiar as classes mais selectas;
Dos proceres a flor ao lado resplendia
Do Salomão polaco. O rei pelos poetas

Era chamado assim. Um delles, renitente,
(Pois não tinha pensão) teimava em lhe negar
A honrosa anthonomasia e em satyra mordente
Disse que não sabia os reis lisonjear.

De farcistas um grupo, em justa, cultivava
As musas e em rimar vivia a exercitar-se.
Eu tambem editei uns versos, que assignava—
«Thyrsis desesperado» (artistico disfarce).

Um Palatino havia, illustre de ascendencia,
Rico, qual mina rica, aurifera ou de sal;
E de tanta altivez (vertigem da insolencia!)
Que pretendia vir de origem divinal!

Ninguem, afóra o rei, de mais predicamento!
A' força de incubar brazões e cabedaes,
Chegou a acreditar que o ouro e o nascimento
Eram meritos seus, virtudes pessoaes.

D'outro modo pensava a sua esposa amavel.
Contando lustros seis de menos que o marido,
Soffria do consorcio o jugo intoleravel
E anhelava por vel-o, em breve, sacudido.

Após crebro desejo e timida esperança
E lagrimas de adeus, sagradas á virtude,
Noites d'ancia, em que a mente e o corpo não descança,
Depois de muito olhar, vibrado á juventude,

Vivendo dos salões no pleno movimento,
Em dansas e canções somente embevecida,
Ella estava á mercê do critico momento,
Em que a mulher mais fria, é, sem luctar, vencida,

E outorga, complacente, a seu querido esposo
Titulo, que é p'ra o céu valente passaporte,
Do qual (celebre coisa!) é menos orgulhoso
Quem num quinhão maior o recebeu da sorte.

V

Mancebo era eu, então, de varonil belleza,
(Desculpai-me aos setenta a frivola jactancia!)
Ninguem (digo-o, bom som), do povo ou da nobreza,
Hombreava commigo em graças e elegancia.

Pullulava em meu seio a seiva exhuberante,
Da força e bom humor, que é dom da mocidade;
Exprimia belleza e vida este semblante,
Que, hoje em dia, só diz tristeza e austeridade.

O tempo, a guerra, o afan dir-se-ia me apagaram
Na fronte d'alma a luz. Feições tão differentes
Tomei, tanto do rosto as linhas se alteraram,
Que hão de desconhecer-me amigos e parentes.

Precedeu tal mudança o tempo, em que ao dominio
Da velhice quebrei. Podeis dar attestado
Que em forças e valor em mim não ha declinio;
Que a lucidez da mente hei sempre conservado.

Nem d'outro modo, Sire, eu fora em vossa tropa
Um chefe, e nem me achára aqui, neste momento,
Velha historia a contar de um robre sob a copa,
Em que pesa o docel de umbroso firmamento.

Thereza... Não lhe pinto as formas e a figura.
Asiaticos tinha os olhos, como os tem
Cruzada geração gentil, que da mistura
Do sangue polonez e musulmão provém.

Olhos, que tintos são das trevas no negrume;
Que estampam d'este ceu a carregada face,
Das pupillas vibrando embaciado lume,
Qual da lua o clarão, que, á meia noite, nasce;

Grandes, sempre de luz nadando em plena enchente,
Como que d'essa luz se fundem no fulgôr;
Metade languidez, metade chamma ardente,
Sendo, porém, na essencia, um puro e casto amôr;

Revestem a expressão serena do que expira
Pela fé, a fitar, extasiado, o empyreo,
Qual si fosse volupia o fogo atróz da pyra
E ante-gosto celeste a fragoa do martyrio.

Semelhava-lhe a fronte um lago em claro estio,
Onde inflammado o sol os raios reverbéra,
Onde, timida a vaga abafa o murmurio,
Onde vem espelhar-se a tinta azul da esphera.

A fronte, os labios seus... Que mais dizer? Amei-a
E inda amo essa mulher. E todos os que são
Como eu, si amor lhes lança aos pulsos a cadeia,
Amam com energia e férvida paixão.

Amam, té no furor. Em seus ultimos annos,
Persegue-os, vaga, inane, a sombra do passado.
Tal Mazeppa hade ser, emquanto entre os humanos,
Fôr dos vivos no ról seu nome contemplado.

VI

Foi vel-a e suspirar... Um n'outro o olhar cravamos.
Não falou; mas senti que fui correspondido.
Signaes, accentos ha, que vemos e escutamos,
Que ninguem definiu, mas tem alto sentido;

Scentelhas do eu pensante, involuntarias, vivas;
Mysterio a repoisar do peito no recesso;
Linguagem singular de phrases expressivas,
Brotando, a seu pezar, do coração oppresso;

Anneis de ignea cadeia, unindo em doce affecto
Almas e corações, que um do outro ser ignoram;
Fio, cujo poder electrico, secreto,
Serve de conductor a chammas, que devoram.

Foi vel-a e suspirar. Occasiões diversas,
Falando-lhe, a paixão, á custo, sofreei!
Apresentado fui. Em sala, nas conversas,
A' minima suspeita occasião não dei.

Ardia por abrir-lhe o peito em desafogo;
Fraca, e tremula a voz nos labios me expirava.
Um dia, finalmente... Havia certo jogo,
Pueril distracção, que as horas enganava;

Era... Esqueci-lhe o nome... Entramos na partida
Por um facto... Qual foi?... Não sei dizel-o, ao certo.
Ella era o meu porvir, o sol de minha vida;
Queria vel-a, ouvil-a e d'ella achar-me perto.

Eu que a velava então, com vigilancia activa
(Assim possa velar quem ora nos vigia!)
Pude verificar que estava pensativa
E ao jogo, á perda ou ganho, indifferente e fria.

Longas horas jogou, mostrando, bem patente,
De alli permanecer o tacito desejo,
Mas não para jogar. Passou-me pela mente
De clara intuição um subito lampejo.

De seu modo e semblante a calma impaciencia
Coragem me infundiu. Contendo-me nos gestos,
Mas derramando a phrase em doida incoherencia,
De insensata paixão rompi o dique aos éstos.

Insensivel não foi ao meu confuso appello,
(E ha de ouvir-me, outra vez, de modo favoravel)
Mostrou-me que não tinha um coração de gelo.
A recusa no amor é sempre revogavel.

VII

Amei e amado fui. Si, ao que se diz, nenhuma
Das fraquezas de amor, ó nobre rei, sabeis,
Convém que a minha historia encurte e que resuma
Lances, que (é de esperar,) de frivolos taxeis.

Coube a poucos, porém, a rara faculdade
De refrearem n'alma o impulso das paixões;
Ou, como Deus mostrou em Vossa Magestade,
De reinar sobre si e mais sobre Nações.

Sou chefe, ou antes... fui... Regi da governança
O difficil timão com dextra cauta e firme;
Tropel d'homens guiei ás lides, á matança...
Mas da vida no afan não soube dirigir-me.

Amor, que é dom do céu, cahindo no exagero,
De ventura, que ha sido, em magoa degenera.
Era em ancias crueis, em vivo desespero,
Que eu, febril, numerava as horas de uma espéra.

O dia era sem paz, a noite não dormida;
Só gozava a seu lado instantes de delicias.
Como a recordação melhor de minha vida,
Guardo sua affeição, seus mimos e caricias.

Da Ukrania abrira mão por ver-me, n'este instante,
Pagem feliz de então, possuindo fina espada,
Dono do coração de tão formosa amante;
Na mocidade em flor, saude... sem mais nada.

«Dobra a dita o mysterio». Eu penso bem diverso;
O dito popular, não tem justo motivo.
Quizera possuil-a á face do universo...
E tinha pejo até de meu amor furtivo.

VIII

Os que amam Argos têm. De breve tempo ao cabo,
Deram em nosso ninho. Ai! Nessa occasião
Devera mais cortez commosco ser o diabo...
O diabo!!... Talvez o culpe sem razão.

Talvez autor do mal foi santo desastrado,
Que, d'ocio longo farto, a bile extravasou.
Um grupo de espiões, bem proximo emboscado,
Tomou-nos, de improviso, e presos nos levou.

Raivoso estava o conde, eu d'armas desprovido.
Estivesse, porém, forrado de armadura,
Contra essa gente hostil, em numero crescido,
Não pudera luctar naquella conjunctura.

Perto o solar ficava, a povoação distante,
Eu sem auxilio algum contar. Amanhecia.
Acreditei chegado o meu supremo instante,
E que a luz d'outro sol não mais brilhar veria.

Rezei á Virgem Mãi e a uns santos... Quaes?... Que importa!?
E com resignação dispuz-me para a morte.
Do castello feudal eu fui levado á porta.
Nunca mais vi Thereza e nem lhe soube a sorte.

Para seu mau humor justificar, de sobra,
Bastava ao Palatino a recebida injuria.
Uma ideia, no entanto, a cólera lhe dobra...
—A eiva em seus brazões de bastardia espuria.

Repugnava-lhe crêr que em seu antigo escudo
Ousasse alguem pôr quebra e deturpal-o assim.
Isto em quem aspirava á primazia, em tudo;
Que impor-se a todos quer, e muito mais a mim.

Um pagem! Santo Deus!... Até parece incrivel!
Si um rei fosse, podia o esposo conformar-se...
Não vos pude pintar o seu furor terrivel...
Mas os effeitos d'elle em mim vão demonstrar-se

IX

«Já! o cavallo aqui!» E veio num momento!
Era um nobre animal, um tartaro da Ukrania.
Como que em si pintava a acção do pensamento,
Que muito mais que tudo é célere, instantanea.

De vespera apanhado, indomito, bravio;
Virgem de espóra e freio, as largas ventas incha;
Selvagem como o gamo, em mattas erradio,
Fumega, eriça a crina e, horripilado, rincha.

De raiva e medo espuma; oppondo resistencia
Tenaz ao que o segura. E' vão seu grande esfôrço.
Trazem-m'o. Muitas mãos me agarram, com violencia,
E em forte correame arrocham-me a seu dôrso.

Soltam-n'o, á discrição. Um vigoroso braço
De chicote lhe dá. Dispara, em continente.
«Avante!» Eil-o, impellido, a devorar o espaço,
Com rapidez, maior, que a tumida corrente.

X

«Hop! hop! Galopar!» O folego eu perdera;
Nem podia saber que norte ia levando.
Naquelle instante o sol, esplendido, rompera,
E o fogoso corsel, fugia, resfolgando.

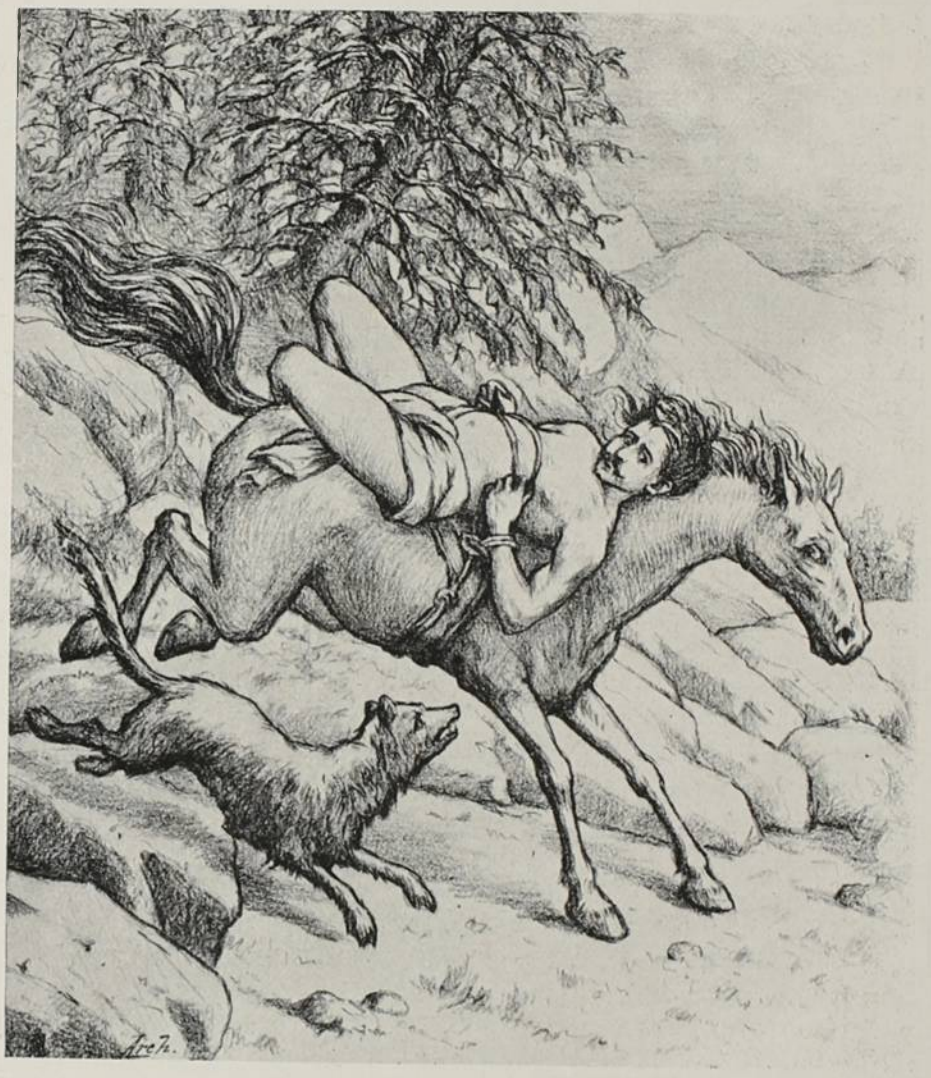
O humano, ultimo som, que o vento me zunira,
Desde que do solar partimos, de arrancada,
A corja dos servis, á uma, o desferira,
Num tripudio de escarneo, em fera casquinada.

Logrei romper uns nós, que me retinham preso
Pela cabeça á crina; a meio o corpo ergui,
E contra a escrava grey, em justa raiva acceso,
Vociferei vingança, imprecações brami.

O estrepito, porém, dos cascos, que, velozes,
Tropeava o corcel, parece que, de todo,
Conseguiu abafar os sons de minhas vozes,
A volverem aos vis apôdo por apôdo.

Desforcei-me, depois. Agora, esse castello,
Que tão garboso foi, não passa de um destroço.
Caiu-lhe a torre, a ponte, o portico tão bello;
Não lhe resta uma trave e nem signal de fosso.

Nos campos em redor nenhum rebento nasce,
Excepto no lugar antigo do salão.
Ninguem, que esse logar deserto atravessasse,
Diria ter havido alli um torreão.



Vi os seus paredões, de fogo devorados;
Os tectos desabar com funebre estampido;
Vi com torvo prazer dos solhos abrazados
Como chuva, escorrer o chumbo derretido.

Contra meu braço ultriz não lhes serviu de abrigo
O forte paredão. Quando elles me arrojaram
Num relampago preso, ao maximo perigo,
Que julgavam de morte, ah! nunca suspeitaram

Que um dia, regressando, á frente de mesnada,
Dextro no manejar clavina, espada e lança,
Respondesse á incivil, forçada cavalgada;
Tirando do aggressor justissima vingança.

Triste gracejo foi prenderem-me a um ginete
E lançarem-n'o, solto, em correria infrene.
Vinguei-me. D'elles fiz, por minha vez, joguete
E no ajuste final fiquei mais do que indemne.

Tudo está no esperar. Não ha poder na terra,
Que resista ao constante esforço, paciente,
De quem, como um thesouro, a propria injuria encerra
Nos penetraes do peito e sempre a tem presente.

XI

Como de um vendaval levado sobre as azas,
O filho da Tartaria, em phrenesi, corria.
Longe tinham ficado as derradeiras casas;
Do horisonte em confins Varsovia se perdia.

Como atravessa o ar um meteóro ardente,
Quando a luz boreal a nuvem fende e um rasto
Espalha de fuzis, tal, célere e fremente,
Galopava o corcel no *steppe* arido e vasto.

Deshabitada chã, esteril natureza,
Negra floresta ao fundo. Em rapida visão
Perpassava ante mim alguma fortaleza
Das que barreira põe á tartara invasão.

Fazia exactamente um anno, nessa data,
Tinham os *spahis* lutado na planura,
E no rubido chão de seus corceis a pata
Aniquilado havia os germens de verdura.

Era o cariz do ceu sombrio e pardacento;
A viração gemia em tão plangente voz,
Que eu respondêra, accorde, áquelle seu lamento
Si ai, ou prece, coubera em curso tão velóz.

Meu gelido suor da fronte ia cahindo
Do excitado corcel na crina hirta e revolta;
E elle, sempre em terror e colera nitrindo,
Proseguia, sem pausa, em seu correr, á solta.

Muitas vezes julguei que o impeto afrouxasse;
Em vão! Meu leve pezo os rins não lhe peiava;
Era antes aguilhão, que os passos estugasse
Do animal, cuja força a colera dobrava.

Nitria, si eu tentava os membros doloridos
E tumidos soltar dos complicados nós.
Falei-lhe. Foi peior. Si bem que enfraquecidos,
Espantavam-n'o mais os sons de minha voz.

Fez-lhe impressão de açoite o accento meu. Pulando.
Rasgava, como um raio, o safaro pragal,
Qual si aos ouvidos seus vibrasse, retroando,
Fragoroso clangor de trompa marcial.

Manando-me, abundante, o sangue das feridas,
Cerrava-me, inda mais, dos nós a forte rêde;
Tinha garganta e lingua, ardentes, resequidas,
Ao mais vivo queimôr de violenta sêde.

XII

A entrada da floresta estava já bem perto.
Em qualquer direcção, á massa de verdura
Limite não achava o meu olhar incerto;
Tal era a vastidão da intermina espessura.

Viam-se aqui, alli, arvores priscas. Nunca
Tufão, que da Siberia irrompe em bravos roncos,
Que despe á selva a coma e d'ella o sólo junca,
Nem de leve, abalou aquelles grossos troncos.

Rareavam, porém, taes arvores. Seus claros
Enchiam-nos de tojo uns viridentes brótos
Na exhibição vernal de seus enfeites raros,
Illesos, até alli, do outomno aos rijos nótos,

Que ferindo de morte as folhas e os rebentos
E mudando seu verde em rubra côr mortal,
Fazem-nos parecer cadaveres sangrentos,
No campo da batalha em funebre estendal,

Quando, após longa noite, em que bem forte néva,
Tão hirtas volve o gelo as frontes dos que jazem,
Que o corvo, alli buscando a sanguinosa ceva,
Não n'as póde encetar (tão rigidas se fazem!)

Desconversavel ermo, em sarças abundante
Em robres colossaes, pinheiros corpulentos,
Que, por ventura minha, uns d'outros bem distantes,
Me evitavam ao corpo embates violentos.

Vergava ao pezo meu, sem magoar-me, o tojo.
Eu soffreava a dôr. Das chagas sobre as bordas
O sangue congelára. Eu fôra ao chão, de rôjo,
A não tolher-me a queda o vinculo das cordas.

Na treita do cavallo, e quasi a dar-lhe tópe,
Lobos em alcatéa, a quem a fome instiga,
Vinham no prolongado, especial galope,
Que tira aos cães o ardor e o caçador fatiga.

Iam-nos sempre após. Nem quando o sol nascera,
Nos deixaram a pista. Eu vi-os, bem visinhos,
O bosque a contornar, bem como percebera
O seu leve pisar, á noite, nos maninhos.

O que eu não déra, então, por ver-me libertado,
De sabre ou chuço em punho, em meio á malta fera!
Si houvesse de morrer, por ella devorado,
Prazer de a debastar, ao menos, me coubéra.

Quando o corcel partira, igual a um pé de vento,
Era desejo meu chegasse a seu destino.
Temia lhe faltasse agilidade e alento;
Em vão! Tinha o vigor de um alce montesino.

O furacão de neve, a resvalar de cima,
Quando, offuscante, céga e esmaga o camponez,
Que, fugindo ao perigo, á umbreira se approxima
Onde pisou, ha pouco, a derradeira vez,

Mais rapidez não tem dos ares na passagem
Que n'aquelle correr, phantastico, sem tregoas,
Esse ardego corcel, feroz, hyper-selvagem,
No atravessar o bosque, a devorar as leguas.

Mostra furor igual mimalho, a quem negada
A bonequinha foi; ou antes, a mulher,
Que perante a rival, do amante melindrada,
Do capricho á mercê desaggravar-se quer.

XIII

Transposto o bosque foi. A tarde começara.
Posto corresse junho, o ar dava arrepio;
Ou nas veias, talvez o sangue me esfriára;
Que o longo soffrimento abate os de mais brio.

Eu não era, aliás, o que pareço agora.
Tendo o impeto em mim de uma caudal de inverno,
Mostrava, alvoroçado, o sentimento, embora,
Não definisse bem o seu motivo interno.

Mesmo cheio de horror e colera, sentindo
De profunda vingança o estimulo cruel,
Fome, frio, vergonha e males mil curtindo,
Amarrado, em nudez, ao tergos de um corcel,

Era d'esses que, sendo a plantas conculcado,
Qual serpente, alça o collo e investe c'o aggressor.
Por largas horas preso em laços intrincados,
Não era de extranhar vergasse á tanta dôr.

A terra aos olhos meus tornára-se invisivel.
Vi de nuvens no céu veloz revoluteio.
Pareceu-me ir á terra. A queda era impossivel,
Que me prendiam nós do mais cerrado enleio.

Tinha o cerebro em fogo a percutir-me a craneo,
Compresso o coração num torno de agonia,
Um momento pulsou; parando, subitaneo,
O céu—immensa roda—em cima se movia.

Quaes ebrios—ante mim as arvores nutáram;
Tenue luz vislumbrou-me aos olhos, de relance.
Nada mais vi, depois. Por ancias taes passáram
Os que tocam da vida ao derradeiro transe.

No tumulto infernal d'aquella correria,
Em que a treva, ou mais leve ou densa, me affrontava,
Tentára recobrar do animo a energia;
E minha posição o esforço me frustrava.

Eu era semelhante ao triste, que naufraga,
E, agarrado a um pranchão, do mar a furia arrosta;
Agora submergido, agora á flor da vaga,
A cujo impulso vai em direcção da costa.

Deslumbrantes clarões, que o cerebro nos sulcam,
Que, mesmo olhos cerrando, os vê a mente esperta,
E incipiente febre em quem os nota inculcam:
—Tal a imagem, então de minha vida incerta—.

Esse estado passou. Foi breve o soffrimento.
Veio após turbação, peior que a propria dôr.
Receio de sentil-a igual nesse momento,
Em que o marco da vida eu tenha de transpor.

Antes de ao pó volver é força (ao que supponho)
Que ao mortal accommetta angustia, inda mais forte.
Que importa! Muita vez expuz, qual inda exponho,
Com arrojo, a cabeça á quasi certa morte.

XIV

Voltou-me o sentimento. Em que lugar estava?
Congelado, em torpor e grande aturdimento,
Dôr por dôr, sensação por sensação, tomava
Posse do proprio ser, por gradações, e lento.

Tive nova oppressão. O sangue, espesso e frio,
Subito, refluiu com violento impulso.
No ouvido me vibrou discorde murmurio;
De novo, o coração me estremeceu, convulso.

A vista recobrei nos véus de uma neblina.
Qual travéz de um crystal espesso as coisas via.
Um constellado céu pintava-me a retina;
E parecia ouvir o Oceano, que estrugia.

Não sonhei. O corcel, fogoso, espantadiço,
N'um rio se engolphou de maxima braveza.
Em redor espumava a lympha em reboliço,
E ia levando além a sua correnteza;

O cavallo a nadar, de furia em paroxysmo,
Buscava a riba em frente—uns sitios não sabidos.
Aquelle inopinado e salutar baptismo
Deu-me elasticidade aos membros inanidos.

O peito do animal affronta e quebra a onda,
Que ao pescoço lhe sóbe. Impetuoso, avança;
Contra a lubrica praia, às cegas, esbarronda.
Nella, porém, não vi lampejo de esperança.

Si tivera, até ahi, angustia e desalento
Enlutava o porvir terror, noite aborrida.
Não sei quanto durou a pausa do tormento,
Nem si era o sopro meu o folego da vida.

XV

Fumegante o corcel, na bocca espuma branca,
Mudados crina e pêllo em jorros de goteiras,
Vacillando nos pés, arrostra co' a barranca
E consome em salval-a as forças derradeiras.

Chega ao cimo, afinal. A noite, pouco densa,
Descortinar deixava um plaino, que se espraia
Pelo horisonte, além, e d'area tão extensa,
Que, si medil-a quer, o olhar cansa e desmaia.

Tal abysmo sem fundo o sonho nos figura.
Da lua, que nascia, ao pallido clarão,
Manchas brancas, aqui, alli a relva escura,
Via, em mixto confuso, a mosquear o chão.

N'essa plaga, porém, tão, muda e tão soturna,
Nem signal lobriguei de choça—; ermo completo.
Nem vacillante luz de lampada nocturna
—Estrella, que annuncia hospitaleiro tecto.

Si, qual por irrisão, eu visse da palude
Surgir um fogo fatuo, um trasgo zombeteiro,
Daria sua luz a meu soffrer, tão rude,
Naquella solidão consolo verdadeiro.

Inda sabendo, ao certo, o que era aquelle fogo,
A sua apparição eu d'alma abençoára,
Pois no instante cruel de tão pungente afogo,
De humana habitação lembrança me acordára.

XVI

Continuou a andar, tardio, a frouxos passos,
O misero animal, outr'ora tão robusto.
Espumante, abatido, arrasta os membros lassos,
E a róta, em que voava, agora vence a custo.

De uma criança á mão seria dirigido.
Mas que me aproveitava o seu estado infirme?
Inda que houvesse, então, meus vinculos partido,
Podia eu forças ter de alçar-me e dirigir-me?

Para os nós desatar das solidas correias,
Que eram minha prisão, baldei a tentativa.
O arrocho, inda mais forte, entumeceu-me as veias;
Não houve allivio á dôr, que se tornou mais viva.

Sem lhe saber, ao certo, o ponto de parada,
Parecia-me finda a doida correria.
Illuminando os véus da fresca madrugada,
Vinha apontando o sol. Quão lento, que nascia!

Como que da manhã a bruma pardacenta,
Nos ares desdobrando o rorido lençol,
Adrêde, persistia, espessa, fria e lenta,
Recusando ceder o seu lugar ao sol.

O rubor do astro-rei, só tarde, deu desmaio
Das estrellas no carro á luz, que d'ellas flue.
Seródio o sol vibrou em toda a força o raio
Da luz—dote do ceu—que o rei da luz possue.

XVII

Da fusca cerração nenhum signal já resta.
Em frente, em roda, após, so vi andurriaes.
Debalde transpuzera asperrima floresta,
Planicie accidentada e turbidas caudaes

Alli mostra-se rica em vegetaes productos
A virgem natureza, a exuberar prodigios.
Mas de animado ser,—ou racionaes ou brutos—
Não ha presença alguma, e nem siquer vestigios.

Não accusava o chão indicios de trajecto,
Ou de humano labor. Na herva não se acoita
E nem vôa, a zumbir, o mais pequeno insecto;
Não acorda o silencio um passaro na moita.

O cavallo, arquejando, exhausto de cansaço,
Como que dos ilhaes quebrado, se rendia.
Tropego, inda marchou por um pequeno espaço.
Nós estavamos sós... Ao menos parecia.

Via o pobre animal seguir, quasi de rasto...
Subito, pareceu-me, ao longe, um rincho ouvir.
Vinha d'um pinheiral, sombrio, extenso e basto...
O vento era talvez, nos ramos a zunir.

Grande cavallaria irrompe d'essa matta;
Fórma-se em esquadrões e, lésta, se adianta.
Quero soltar um grito; a voz não se desata;
Sem aos labios chegar, expira na garganta.

Milhares de corceis, sem terem cavalleiros,
Nessa vasta planicie, ás soltas, sem receio,
Giram, caracollando, altivos e ligeiros,
Não tendo humana mão, que lhes imponha freio;

Milhares de corceis de fluctuante crina,
Caudas ferindo o ar e boccas, que das bridas
Inda virgens estão;—de amplissimas narinas,
Que não foram, jamais, de ferro comprimidas.

Não soffreram nos pés da ferradura o insulto,
Nem na ilharga o baldão de açoite, ou de acicate;
Livres qual do Oceano a vaga, que, em tumulto,
Uma pós outra vem e, alfim, na praia embate

A equina multidão, cerrando-se em fileira,
Num fragoroso andar, que a trovoada imita,
Como para saudar, de forma hospitaleira,
Quem enfermo chegou, p'ra mim se precipita.

Coragem recobrando, á vista d'essa tropa,
Debil, solta o corcel um languido nitrido;
Tardo passo aligeira; um pouco, inda, galopa,
E, minutos depois, no chão eil-o estendido.

Acaba de exhalar o seu extremo alento.
Tem vitreo, fixo o olhar, rigido o corpo. Ainda
Evapora do pello esfluvio fumarento...
Sua excursão primeira e ultima está finda.

Chegam. Cahir em terra o companheiro viram.
Viram-me em fortes nós, que o sangue em coalho ensopa,
Preso aos dorso do irmão. Com ruido o ar aspiram;
De um lado a outro, o bando, em torno a mim galopa,

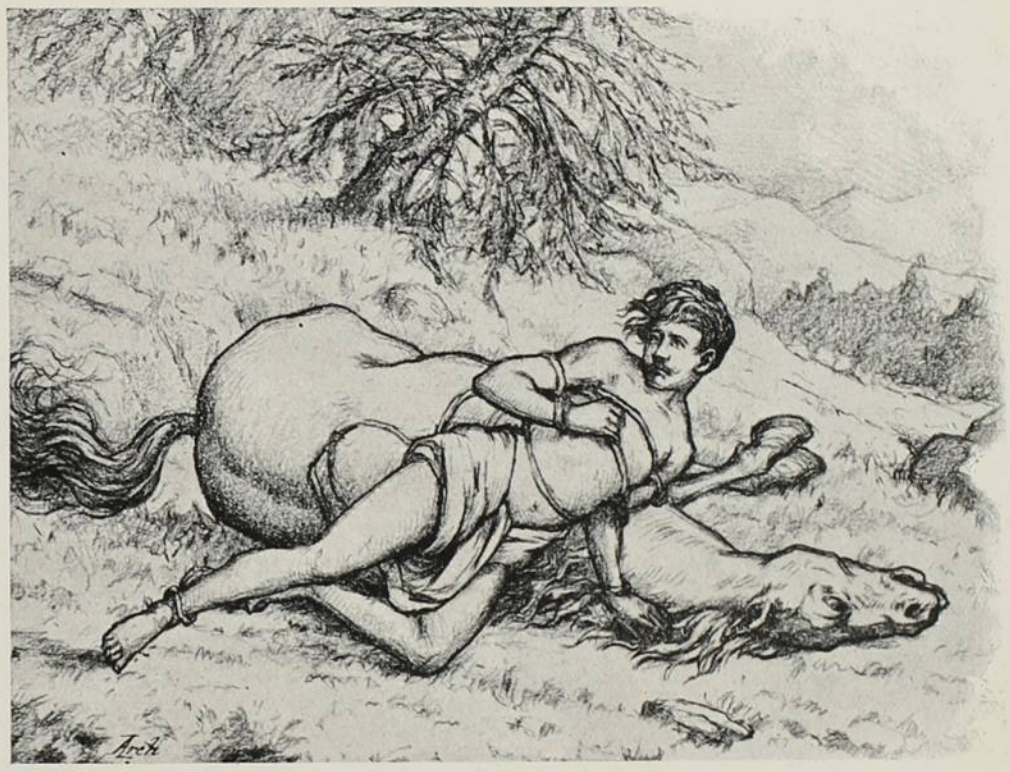
Volve a nós e se afasta, após breve intervallo;
Caracolla de novo e subito, de arranco,
Retrocede, a saltar. Parece dominal-o
Hirsuto, alto corcel, sem malha, ou pêllo branco,

Era o seu conductor. Relincham, espumando,
Os bravos animaes e, tendo visto um homem,
Por instinctivo impulso, afastam-se, ganhando
A galope, os pinhaes, que em sua brenha os somem,

Que desesperação! Permanecia preso
Ao corpo do corcel, que, parte, em mim pesava.
Não sentia elle, agora, o meu ligeiro pezo,
De que só o livrara, os laços meus quebrando.

Eis-nos, pois, lado a lado,—o morto e o moribundo.
Eu jazia, a luctar nas ancias da incerteza
Que inda o crástino sol viesse neste mundo
Minha fronte aclarar, sem tecto e sem defeza.

Do inicio ao fim do dia, assim me conservára,
Das horas a sentir o peso doloroso,
Guardando do viver o quanto me bastara
Para iminente ver o meu final repouso.



Chegara á essa cruel, final desesperança,
Em que o homem se affaz ao que mais formidavel
Si lhe afigura haver; pois já, sem esquivança,
Me conformava á morte—ao fim inevitavel;

Beneficio real, não menos precioso,
Por vir cedo de mais. E pomos diligencia.
Em d'elle nos livrar, qual sendo insidioso
Laço, que só se evita á esforço de prudencia.

Muitas vezes pedido, em muitas o queremos
Outras antecipado a espada o traz. Remedio
Para os males não é, nem mesmo quando extremos,
E, sob qualquer fórma, infunde horror e tedio.

No entanto (é singular!) os que da sorte eleitos,
Gozam em alto gráo, os sensuas prazeres,
Conservam, ao morrer em seus dourados leitos
Tanta paz, qual na choça os desherdados seres;

E depois de fruir, delicias alternando,
Tudo que o mundo tem de bello e seductor,
Nada havendo a esperar, e nada lastimando,
Vivem sem apprehensões de duvida ou terror,

(Salvo quanto ao porvir, que os homens consideram
Como dos nervos seus o estado lhes permitte),
Em quanto, do infortunio as victimas esperam
Que os soffrimentos seus attinjam o limite.

Véus, que empanar-lhes vêm a vista desvairada
De que enxerguem na morte um bom amigo impedem;
Julgam que lhe será por ella arrebatada
A sua recompensa—o pomo de seu Eden.

O dia de amanhã lhe houvera dado tanto!
Dia longo, em que a luz serena irradiára.
Não haveria n'elle anathema, nem pranto,
E da angustia passada, em pleno, o indemnizára.

Inicio elle será de longa série de annos
Que divisa, atravéz das lagrimas que chora;
Exercer poderá direitos soberanos...
E só ha de fulgir num tumulo essa aurora!?...

XVIII

Ia baixando o sol. Eu prêso, sempre, á neve
D'esse pobre animal, immoto, inteiriçado.
Iam alli mesclar-se as cinzas nossas, breve;
Precisava da morte o meu olhar nublado.

Pela ultima vez, ao céu olhos erguendo,
Vi, não longe de mim, um corvo impaciente,
Que, para começar o seu banquete horrendo,
Aguardava meu fim, tenaz, soffregamente.

Voava, vinha ao chão; fazia outros adejos;
De mim se approximava a cada movimento.
Seguia meu olhar seus multiplos voltejos...
E já turvava o céu crepusculo cinzento.

Tão visinho pousou, que, facil, o matára,
Si me restasse força. Eu fiz ligeiro aceno
Có a mão, que á flôr da terra em languidez, baixara
E, de leve, arranhou o saibro do terreno.

Debil som, que é de voz apenas arremêdo,
Com esforço penoso ás fauces arranquei.
Isto bastante foi para metter-lhe medo,
E affasta!-o d'alli... De nada mais eu sei.

Meu sonho extremo foi celeste e clara estrella,
Que, longinqua, attrahiu a minha vista escura.
Raios de vaga luz, alternos, a involvel-a,
Destacavam-lhe em cheio a divinal figura.

Sahiram da inacção os membros meus tolhidos;
Mas fiquei mergulhado em plena indifferença.
Uma expressão tristonha havia em meus sentidos,
Vertiginosa sim, mas de uma força intensa.

E descahi, de novo, em morna lethargia.
Após... um debil sopro, um leve estremeção,
Paráda nas funcções, deliquio de agonia,
Que o sangue me gelou no peito ao coração;

Mais tarde, um faiscar, que o cerebro me cruza,
Violenta pulsação do peito sobre a arcada,
Um requinte de dôr, que em contorsões se accusa,
Um soluço... um suspiro... e tudo foi... mais nada.

XIX

Despertei. Onde paro? E' mesmo humano aspecto?
Este, que vendo estou e sobre mim se pende?
E', na realidade, o que me abriga um tecto?
E' certo que num leito o corpo meu se estende?

São mesmo olhos mortaes os olhos fulgurantes,
Que me estão a fitar com expressão tão doce?
Vendo-os, fechei os meus. Julguei, breves instantes,
Que effeito do delirio aquella vista fosse.

Moça esvelta, gentil, de longa cabelleira,
Velava-me, sentada ao pé do muro. O raio
De seu olhar me deu a sensação primeira,
Que pude experimentar, após longo desmaio.

Olhos de negra côr, ingenuos, compassivos,
Revelavam por mim angelica bondade.
Fitando-a, convenci-me estar inda entre os vivos,
Não ser ella um phantasma e sim realidade.

A donzella sorriu, quando eu, quebrado o sel'o,
Que ás pa!pebras me fôra um véu tardo e molesto,
Algo tentei dizer, mas sem poder fazel-o:
Um dedo aos labios poz, em gracioso gesto.

Recommendava assim que eu me guardasse mudo,
Até que recobrasse a robustez inteira,
Tocou em minha mão e, cuidadosa em tudo,
Almofadas dispoz á minha cabeceira;

Sob as pontas dos pés andando pela sala,
Da porta se abeirou; volveu mansinho, a chave.
Algumas phrases disse em branda voz... Que fala!
Jamais, jamais ouvi accento, tão suave.

Musica havia até no som dos passos d'ella.
Chamára. Os que chamou respondem com a mudez.
Dormiam. Retirando, a dextra da donzella
Num singelo meneio, oh que protestos fez!

Dizia esse signal que eu bem seguro estava;
Que podia dispor de tudo no seu lar;
Que dentro havia alguem, que a volta não tardava.
Sahiu. Triste fiquei de alli a sós ficar.

XX

Voltou, logo depois, de pai e mãi seguida...
Mas... para que narrar o que me succedeu,
Desde a hora, em que fui restituido á vida
Nesse cossaco lar, que em si me recolheu?

Acharam-me no *steppe*, atado, semi-morto.
Prompto, á proxima choça em braços fui levado.
Acordaram á vida, á força de conforto
Quem para ser seu rei estava destinado.

Por vingança, um sandeu forjou-me atroz requinte
De angustias. De um corcel ao galopar, sem termo,
Impelliu-me, sangrento e nú e atado, acinte,
Por selvas. Só logrou mudar-me em throno o ermo.

Que homem póde saber a sorte, que lhe cabe?
Ninguem perca o valor. O forte tudo arrosta.
Poderão, amanhã... nossos corceis. Quem sabe?
Beber e apascentar na turca riba opposta.

Nunca saudei de um rio as aguas, tão contente,
Como as tuas serão, Borysthenes, saudadas,

Quando te houver vingado a rapida corrente,
A salvo e unido aos meus... Boa noite, camaradas!

E o *hetman* preparou do robre sob a rama,
Folhas verdes do bosque e nellas se estendia.
Não achou desusada ou dura aquella cama,
Pois elle em qualquer sitio, e hora adormecia.

E si, acaso, ao leitor fôr causa de extranheza
De Carlos a mudez, bem franco lhe direi
Que não soffreu Mazeppa a minima sorpreza,
Pois que, de ha muito, ouvia o resonar do rei.

BARÃO DE PARANAPIACABA.

ADVERTENCIA

« . . . . . .

Desempenhava então, esse cargo um cavalleiro polaco chamado Mazeppa, nascido no Palatinado de Podalia. Alistara-se pagem alumno de João Casimiro, em cuja côrte aprendera noções de litteratura.

Reveladas as relações amorosas, que travára com a mulher de um fidalgo de Varsovia, foi por ordem d'este, amarrado, em completa nudez, ao dorso de um cavallo bravo, que impelliram, solto, á discrição. O animal, oriundo da Ukrania, disparou direito áquella região, onde chegou, conduzindo Mazeppa, semi-morto de fadiga e fome. Soccorido por alguns camponezes, ficou residindo entre elles, por longo tempo, dando provas de grande valor em algumas excursões contra os Tartaros.

Em virtude de sua instrucção litteraria, foi altamento considerado pelos Cossacos, e, a tal ponto avultaram seus creditos, que o Czar o nomeou principe da Ukrania».—Voltaire, Historia de Carlos. XII, pag. 196.

... A nomeação de Mazeppa para *hetman* da Ukrania data de 1687 Neste posto soube o velho chefe angariar a affeição da Czar Pedro I, que o elevou a principe d'aquelle dominio. Querendo tornar-se independente, trahiu a Pedro o Grande por occasião da guerra d'este com Carlos XII, batendo-se em Pultava a favor do monarcha sueco. Vencido com elle, refugiou-se na Valachia, e, mais tarde, em Bender, onde morreu em 1709.

...«Ao rei, fugitivo e perseguido, morrêra o cavallo. Deu-lhe o seu o Coronel Gietta, que se exhauria em sangue, a manar de larga ferida. Assim, alçaram por duas vezes á sella, quando em fuga, aquelle conquistador, que não pudera ganhal-a durante a batalha.» (Ibid, pag 216)

... O rei seguiu por outro caminho com alguns cavalleiros. O carro, por elle occupado, fracturou-se. Tornaram a subil-o ao arção. Para cumulo de infortunio desgarrou-se, á noite. num bosque: alli, sem coragem, que lhe supprisse as forças esgotadas, exacerbando-se-lhe as dôres das feridas, vendo o cavallo prostrado de cansaço, deitou-se, algumas horas, ao pé de uma arvore, em risco de ser, a qualquer momento, sorprehendido pelos vencedores, que o perseguiam em todas as direcções» Ibid pag 218.

Gifford dá como heróe da aventura não Mazeppa, e sim um moço, bem conhecido, de nome Polo.

O NATAL DOS AFRICANOS

OS africanos do Rio festejam pelo Natal todos os seus santos. Os *candomblés*, os despachos, as grandes funcções cheias de cerimonias lugubres e ritos enervadores duram um mez menos dois dias, começam a quinze de Dezembro e terminam a treze de Janeiro com a apotheose do Senhor do Bomfim—entre os santos negros Orixá ou Oduduá. Nas fetidas chombergas das viéllas centraes, nas baiúcas escuras, onde os feiticeiros prosperam com quatro e cinco mulheres, desde o dia quinze os *atabaque* e os *xequerês* distillam no corpo das filhas de santo a loucura e enfurecem de saudade os velhos *babalãos*, os *açoba* e os *aboré*. Nas terrinas de porcellana com frisos d'oiro, nos alguidares de barro vidrado gorgoleja o sangue de uma serie de animaes, nos grandes fogões prepara-se o *amalá* da confraternisação dos santos e dos homens e todos sem descanço fazem os seus pedidos ao infinito, na convivencia obrigada com os habitantes do céu.

Este mez africano é o mez das commemorações dos deuses immortaes. Muito tempo antes, os negros em geral avaros e miseraveis, começam a economisar, e as prostitutas baratas, das ruas da Conceição e S. Jorge preparam as sommas para os *ebós* e os vestidos e as contas do santo a que pertencem na esperança dos vinte oito dias desesperados em que a phantasia africana crea um outro carnaval e a cachaça faz delirar de luxuria e pavor a tropa dos estranhos fetiches.

Os africanos, divididos em *orixás* e *mulsumins* juntam-se nesses *candomblés* formidaveis. As festas iniciam-se com a commemoração do santo a que pertence o dono da casa e tem mais quatro dias importantes:—natal, primeiro do anno, Reis e Senhor do Bomfim, apezar de nenhum d'elles ter a noção do nascimento de um Deus nem da viagem mystica dos tres reis magos. Os musulmins são mahometanos, adherem aos festejos por costume e receio dos santos alheios; os orixás tem um olympo complicado onde a pouco e pouco os deuses exaggeradamente pagãos vão tomando pela visinhança das igrejas a semelhança de certos santos do catholicismo.

Um feiticeiro importante, o Alamijo dizia-me:

—Faz pena que a nossa religião não tenha um deus que mande em todos. Nós temos Orixalá, mas Orixalá são tres e ha ainda o avô de Orixalá e um intruso guerreiro que combateu muito tempo com esse nome. A gente não sabe o nome do Deus que creou tudo e então o chama de Orixalá-alun.

Os santos africanos teem com effeito o poder do desdobramento e só assim chegam a alcançar a prodigiosa lista da côrte celeste catholica.

Nos vinte oito dias de *candomblés* festeja-se pelo menos 24 santos:—Exú, o diabo, a quem se sacrifica no inicio das funçanatas e de outra qualquer ceremonia, Obaluaiê, o santo da variola, Ogun, o deus da guerra, Oxo-ocy, Eynlê, Olorô-quê, Obalufan, Orixá-agô, Exú-maré, Orixá-Ogrynha, Ayra, Oro-minha, Ogodô, Oganjú, Barú, Orixalá, Baynha, Dadá, Feréúâ, Corico-tó, Doú, Alabá, Lary, e outras tantas santas,—Iê-manjá, Oxum, Aguará, Oxum-gymoun, Inhasam, Aya-có, a mãe da noite, Obá, mulher de Ogodô, Omin-ô e Ieu-á. Só na enumeração dessa lista de espiritos, esfomeados de sangue de animaes, percebe-se como por exemplo Orixalá, Exú e Oxum se multiplicam.

Ao ouvir a historia de cada uma das divindades vê-se então como os santos catholicos influiram na creação de alguns fetiches. Ogun é S. Jorge, o santo da guerra, Aquará é Nossa Senhoora da Penha, Ieu-á Nossa Senhora da Conceição...

Só não tem a influencia catholica os santos que representam os elementos, os phenomenos naturaes, as molestias,—o santo das hervas, a santa das aguas, o deus da bexiga, a deusa da morte, o trovão, o raio, a mãe d'agua doce.

Durante os festejos do Natal, os negros, commemorando toda a côrte celeste, celebram principalmente um acontecimento especial da sua cosmogonia—a juncção de Shangô, o deus do trovão com Oxum, a mãe d'agua. Emquanto nas salas cheias de figuras, com a prateleira dos santos, negros e mulatos uivam em crises hystericas, ou os negros apparecem mascarados de potestades divinas, os velhos *babalãos*, como Oloô-Teté, Aboré, Obitaiô, Schmitd contam na casa de jantar ou na cosinha a tradicção d'esse enlace tremendo.

O conto é curiosissimo.

Shangô era um negro enorme e conquistador. Passeava de tribu em tribu, pelos sertões, apoderando-se das mulheres alheias. De uma feita, encontrando a velha Olobá, da familia dos Orixás sob a ardencia do sol pedindo chuva, Shangô forçou-a e viveu com ella. A velha era uma delicia e a todos recommmendava o amor d'esse varão, fazendo-lhe o leito de anêcrepê e abamudá, as folhas olentes do mangericão. Mas Shangô era moço, ardente, cheio de seiva, e logo se aborrecera de Olobá,

como Basilio em Byzancio se aborrecera de Damelis. Uma noite em que a velha descendente do céu adormecera, ameaçando-o com as coleras de Orixalá, Shangô fugiu e começou pelo mundo uma vida de pezares e de luctas. Em cada canto surgia-lhe um inimigo, em cada tribu, uma guerra. Shangô, corrido, pelos vastos sertões onde as cobras erguiam as cabeças escamosas, chegou a limpar o suor no seu saiote de fogo, dizendo com desespero:

—*E min fopão oi-lê!*

E atirou-se a bandalheiras, a roubos, a traficancias. Quando se sahia bem de alguma falcatrúa, Shangô bradava:

—*Agi focô sory!*

Certa vez chegára elle a uma aldeia, roto, com o rosto ferido e perseguido por uma tropa de guerreiros, quando a rainha Oxum o mandou chamar a palacio. Lá chegando o pobre diabo ficou pasmo. Era uma alta casa toda de crystal liquido. O sol abrazava as enormes columnas e os repuxos collossaes de côres estranhas. Dentro, a linda Oxum sorria com o seu mais doce sorriso.

—Shangô, tu és valente, disse ella. Eu gosto de ti. Vem, a minha cama é larga...

O guerreiro, prudente, perguntou:

—Quem és tu?

—Eu sou Oxum, neta de Olobá, descendente dos Orixalás...

Shangô pensou, de pé, na porta, sem querer entrar. Depois disse:

—Oxum tu és bonita, mas és neta de Olobá, a velha que me persegue com os seus feitiços. Vejo que não me queres mal, mas só entro se mandares abrir uma porta nos fundos do palacio...

Oxum estendeu o braço. Ao fundo um panno d'agua cahiu e o guerreiro viu a floresta escura.

—Tu és boa.

Disse e entrou. Neste momento chegavam os inimigos e receiosos de que Shangô tivesse fugido foram consultar os *babalãos*, vinte e cinco mathematicos, dos quaes o mais moço, Cancanfô era tão sabio que os santos o respeitavam. Os *babalãos* amarraram um boneco na gamelleira para mostrar que Shangô não fugira, os guerreiros invadiram o palacio e deram com a estatua do inimigo, de páu, em attitude hostil. Sairam então todos a bradar:

Oba y cossó
Ola dô, fo-ô
Y já lo ri uô

—O rei não se enforcou. Poz a mão na cabeça para a guerra!

Quando reboou no céu, cegadoramente azul, um enorme trovão, e Shangô, num lampejo de fogo, surgiu gritando:

E mim me o tiçá
E mim mim!

Era uma divindade! Os guerreiros estarreceram com as frechas na mão e os broqueis de couro de cobra pendentes. Os *babalãos* alçaram as mãos, e Shangô olhava-os com sobranceiro desprezo. De repente, no rio formou-se uma nevoa e appareceu a imagem de Oxum. A sua vóz terna dizia.

Maman, maman, belô quê odô
Oya cari le ú á.

—Cá estou em cima do rio, vamos para a casa...

O guerreiro atirou-se mas teve que parar. Os *babalãos* erguiam os *opelés*.

—Tu és mais que um homem, mas só sáes depois de fazer o *ebó* dos santos.

—Eu sou um guerreiro e não me sujeito. Ninguem é mais do que eu!

—Por que és grande só uma opinião ouvirás. Cancanfô, o mais sabio dos homens e dos deuzes, vae falar!

Cancanfô appareceu então. Era muito alto e muito magro. Olhou os assistentes e olhou o céu.

—Andas mal Shangô. Reprovo toda a tua vida. Fala na minha bocca o teu bem. Se não fizeres um *ebó*, com um kagado e todos os bichos de quatro pés, nunca mais deixarás a vida errante e a vida assim é um tão grande mal para o teu corpo como para todos nós. Faze o *ebó*, guerreiro.

Havia uma tão grande doçura na palavra de Cancanfô que Shangô curvou a cerviz.

—Faço.

—E' comerás com os outros o *amalá* sem entornares a herva?

—Comerei.

Cancanfô sorriu e atirou o *opelé* para saber o futuro d'aquelle instante, mas não teve tempo. Velha, carcomida, com o fogo da paixão nos olhos, chegava Olobá.

—Estou cançada de perseguir Shangô, bradou ella, mas é preciso saber que Shangô não chegaria ao que é si não fosse eu, Olobá, familiar do Orixalá. O meu *ebó* deve ser feito com o d'elle.

—Nunca, velha horrivel!

—Só obdeço aqui á palavra de Cancanfô!

O jovem *babalão* não disse nada. Atirou o *opelé*, viu nas conchas o futuro e, depois de longamente reflectir, proferiu a sentença:

—O *ebó* de Olobá deve ser áparte porque ella é apenas avó de Oxum...

Ao mesmo tempo Shangô atirava-se nos braços da rainha, uma nuvem tremenda enchia os céus, as arvores partiram-se e ao clangor dos trovões, toda a terra se embebeu sequiosa no temporal...

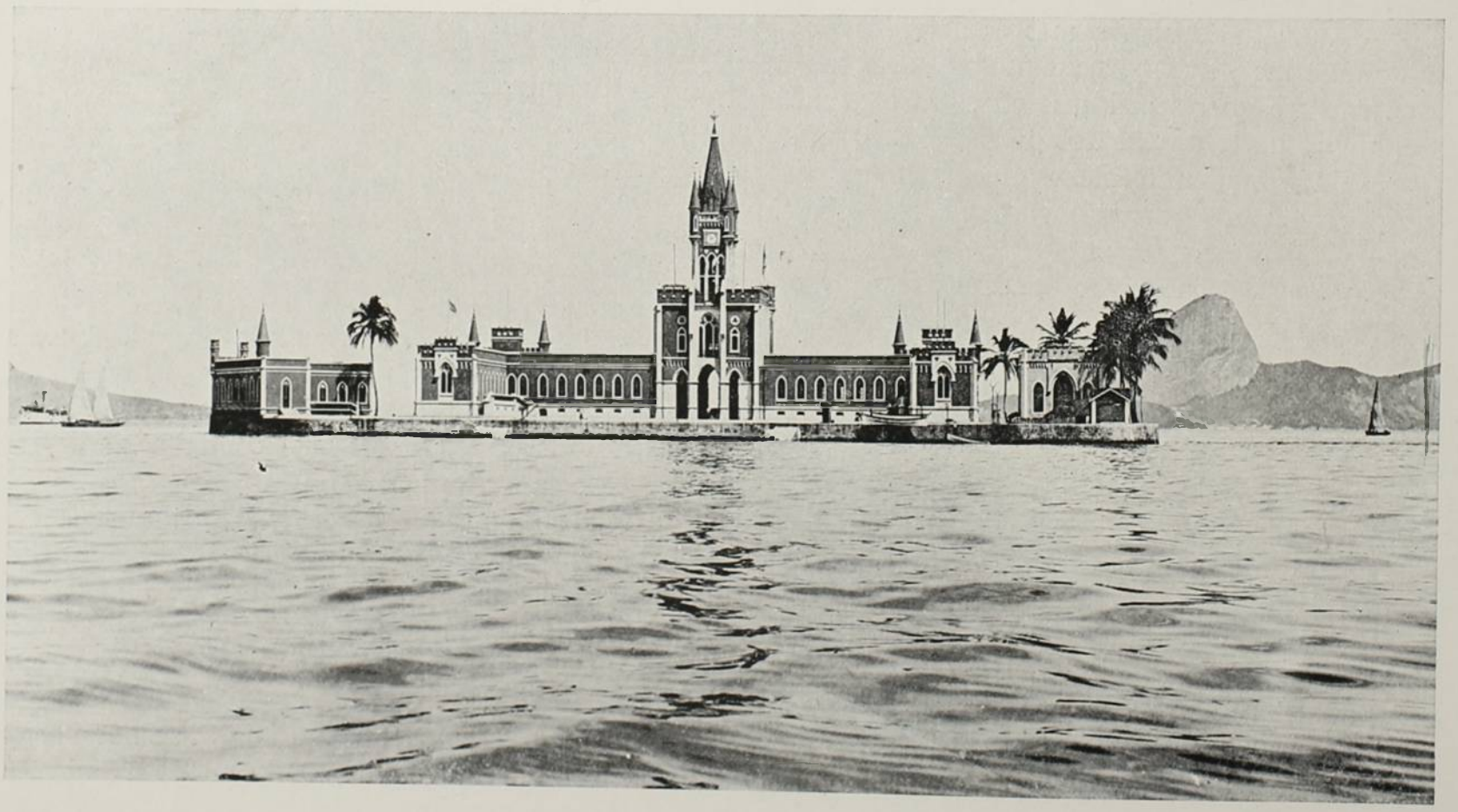
Do enlace de Oxum e Shangô nascera a chuva benefica.

E' este enlace, com o perpetuo louvor de todos os santos que os africanos do Rio commemoram. A cachaça róla de bocca em bocca, tornando-os inconscientes, as negras em roda batem com as varas, suando, as vestes desfeitas, emquanto os *ogans* sacodem os instrumentos selvagens. No correr da funcção saem os pares, vão á cosinha provar o *amalá*, o vinho ou comprar na mão dos feiticeiros obi, orobó e sabão da costa. De repente uma negra dansando contorce os braços numa crise de nervos. Está com o santo. As outras uivam palavras incomprehensiveis, levando-a para a camarinha, e ninguem procura saber que fim levou ella, porque na porta, onde os *amichans* estão de vara em punho, surge um negro logo, com a roupa dos cordões carnavalescos, dançando, atirando ao ar o sceptro ou *opá*. E a turba toda entoa a cantiga que lhe appetece acompanhando os seus complicados passos.

Durante vinte oito dias o olympo africano desfila nas escuras casas da rua do Hospicio, Barão de S. Felix, Costa, S. Diogo, S. Jorge, arrastando a carnificina de centena de animaes, em honra do casamento de Oxum e Shangô, o casamento que produziu a chuva. Por esses dias o mundo catholico celebra o mysterio do natal, desde o nascimento do Deus menino até a viagem dos tres Reis magos, cheios de oiro e de offerendas, guiados por uma estrella loira. Em todo o mundo vibra uma recordação suave, o desejo de felicidade sobe aos céus num longo anceio...

Talvez haja no mysterio das creanças uma estranha affinidade. Como para os homens brancos a vinda de Jesus foi o supremo bem e o balsamo divino, para os negros, queimados de sol, a chuva applacadora, nascida do fogo e da agua, foi quem sabe? o seu maior bem. E nada mais natural do que essa commemoração do trovão benefico no dia em que nasceu para os brancos a luz salvadora...

João do Rio.



ILHA FISCAL — RIO DE JANEIRO



A VOZ DO AMOR

N'essa pupilla rútila, molhada,
Ninho mysterioso da Ternura,
A ampla noite do amor e da loucura
Se desenróla, quente e embalsamada.

Quando, ás vezes, a vista desvairada
Embebo, ancioso, n'essa noite escura,
D'ella rompe uma voz, que, entrecortada
De soluços e canticos, murmura...

E' a voz do Amor, que, em teu olhar fallando,
N'um concerto de supplicas e gritos,
Conta a historia de todos os amores:

E vêm por ella, rindo e soluçando,
Almas serenas, corações afflictos,
—Tempestades de lagrimas e flores...

OLAVO BILAC.

COMPENSAÇÕES

NÃO vale a pena recordar a época nem o logar em que isto se passou. Havia mocidade, havia saúde.

Eu tinha a perna rija, o olhar vivo, a alma aberta ao amor e ao prazer. Accrescente-se: um physico passavel, um metro e setenta e tres centimetros de altura e a algibeira farta.

O meu primeiro pesar, ou antes, a minha primeira contrariedade viera-me com o bilhetinho perfumado que Julia—a linda—me passara subtilmente, uma tarde, ao deixar a praia, onde o sol morria ao longe, abrazando o oceano.

—«Vamos deixar isto por causa do Bentão com quem a mamã implicou e que nos persegue. Não sei ainda para onde nos mudamos.»

O bilhetinho só continha essas tres linhas laconicas, deliciosamente escriptas, numa caligraphia ingleza, muito egual e perfilada, com *ll* parecidos com *tt* e *nn* semelhantes a *uu*. Em baixo um J aristocrata, bem lançado e cheio de mysterio.

Sentira-o, fazendo-me cocegas na palma da mão, quando Julia, ao erguer-se da sua cadeira de vime sombreada por um guarda-sol vermelho, me estendera a mãosinha patricia para despedir-se.



E, antes de o ler, eu tive o jubilo que tem todos que amam, quando percebem que o seu affecto é retribuido.

Mas, depois...

—Que! pois ella ia abandonar a seductora praia onde começara o nosso amor por uma manhã tepida de outono, ouvindo o marulhar das ondas e as parvoices dos commendadores e dos argentarios em cuja roda nos encontraramos!...

Lembro-me bem, como se hoje fosse, da sua figura esvelta, ao descer a rampa suave do areal, ao lado da mamã, ainda fresca e bonitona, como um bello pecego inteiramente sazonado. Vinham vagarosamente, ella á direita, a mamã á esquerda, precedidas por um pequeno galgo côr de creme retido por uma fita vermelha, como se fosse uma redea.

Eu acabava de sahir do meu banho e procurava rapido a minha barraca para fugir á curiosidade maldizente dos espectadores ociosos. E fora assim, todo molhado e seminú, a tiritar um pouco, nesse momento humilhante, que eu a vira, num lance de olhos, pela primeira vez.

Meia hora depois, já vestido e catita, avistei-a de novo, sentada na sua cadeira de vime, ao lado da mamã radiosa, nessa roda de imbecis que povoavam a praia com as figuras obesas e com as suas retumbantes sandices.

Fui-lhe então apresentado por uma miss galante filha de um americano milionario, em villegiatura, que se juntara á famosa roda para apprender a lingua, ou antes, para apprender a dizer... tolices em portuguez.

Encantadora ella estava nessa clara manhã, com o seu vestido de palha de seda coberto de rendas e apertado na cinta por uma tira de couro da Russia. Um chapeu de abas largas, colmado de myosotis e de malmequeres, cobria-lhe a cabeça.

E sobre o seu rosto claro, onde luziam dous olhos negros e languidos, cahia serenamente a sombra vermelha do guarda-sol articulado purpureando-a um tudonada.

—Como estava linda, meu Deus! Parecia uma d'essas figurinhas alegres e perturbadoras das aquarellas da escola ingleza, que a chromo-litographia vai tornando banaes.

Os commendadores diziam cousas insulsas e terrivelmente estupidas dos que entravam e sahiam do

banho, sublinhando as phrases com piscadelas de olho maroto e gargalhadas alvares.

O americano, na sua ancia de comprehender tudo, ria sem saber de que, e ella sorria ás vezes, por complascencia, lançando-me olhares supplices onde eu lia esta solicitação:

—Livre-me d'esta sucia!...

Foi um allivio para ella, para mim e para miss Baring, quando a mamã se ergueu e deu o signal da retirada.

A praia estava quasi deserta já, mas a onda glauca espumava na areia e do mar soprava sempre a brisa que amenisava o ardor do sol.

O yankee offerecera o seu braço á mamã, os commendadores em grupo palreiro seguiram o casal; eu, ella e miss Baring—a juventude da roda—ficamos atraz.

E, então, entre nós travou-se uma palestra, no começo tfmida e um pouco embaraçosa, porque a miss não falava bem o portuguez e tanto Julia como eu, falavamos horrorosamente o inglez. Tal qual preceitúa o Eça.

Assim, aos tropeções no principio, depois um pouco mais desembaraçadamente, fomos trocando idéas em phrases estropiadas, ao passo que subiamos a rampa macia e doce da praia, ouvindo o ranger da areia sob os nossos pés.

Subito, a miss, parando, disse consternada:

—Her boock!...

Notara a sagaz americana que a companheira gentil havia esquecido um pequeno livro sobre a sua cadeira de vime.

E logo voltei para traz em busca do volume esquecido.

Que prazer quando o abri, solitario e tremulo, á sombra vermelhagdo uarda-sol da cadeira!...

Era o *Malgré tout* de Sand.

Tive vontade de o beijar mas contive-me. Depois, folheando-o, uma loucura me passou pela cabeça irreflectida e, ousadamente, escrevi á margem de uma das paginas marcada com uma fitinha azul: — Amo-a!...

E a essa loucura accrescentei outra peor: puz a inicial do meu nome por baixo do que escrevera!...

Depois, em passo accelerado, quasi a correr, voltei para junto d'ellas.

Julia recebeu o volume com uma palavra amavel e a americana, por sua vez, agradeceu-me tambem:

—Thank you.

Passada por labios femininos e rubros, essa phrase soou ao meu ouvido deliciosamente. Ter a gratidão das mulheres lindas é o maior prazer dos homens.

Minutos depois, abria-se o portão da linda vivenda de Julia e pela segunda vez as nossas mãos uniam-se num aperto respeitoso ainda.

Volvi á minha *garçonière* perturbado, pensando na tolice que commettera. Aquella phrase lançada no livro, ás pressas, com a minha inicial por baixo sarabandeava-me na cabeça. Si ella a lesse! Mas, fora para que ella a lesse que eu a escrevera. Então por que receios e arrependimentos?

Ai! nesse tempo, o meu estomago, pouco exigente, nutria-se muita vez de chimeras e de sonhos que a cabeça lhe fornecia e, tonto, preferia ás vezes uma lembrança cariciosa a um bife sangrento e tenro.

Nesse dia, almocei esperanças e receios e quando, á tardinha, voltei á praia, pensando em Julia e na phrase ousada que havia escripto no seu livro, ia enfiado e, por cautela, levava no bolso... uma borracha Faber. Si encontrasse o livro, a borracha trabalharia.

Não encontrei o livro, mas li nos seus olhos que não era preciso fazer trabalhar a borracha.

D'esse dia em diante, nos vimos sempre e muita vez passeiamos juntos ao longo da praia, trocando confidencias e confiados á guarda complascente e cumplice de Miss Baring, que adorava o nosso amor e o protegia escandalosamente.

* * *

Eis ahi a delicia que eu havia creado e que cultivava nessa praia de banhos rumorosa e maledicente.



E todo esse viver doce e fagueiro ia desmoronar, porque o Bentão andava com pretenções ousadas á viuva outoniça mas ainda fresca e airosa, que era o mamã de Julia!...

—Não, não. Era indispensavel chamar o Bentão á ordem. Que pretenções eram essas d'esse brutinho inconsciente, que começara a vida duramente, sob o pontapé facil do patrão e que afinal conseguira arranjar um peculio magro á custa de muito appetite insatisfeito e de successivos baptismos de vinho ordinario, ao fundo da tasca, pelas caladas da noite? A commenda de encommenda, o escasso verniz que lhe dera a convivencia casual com gente limpa tornara-o audaz. Para traz! Que voltasse para a tasca, que era o seu logar, e que procurasse depois uma cachopa da sua egualha, nutrida a berças, deixando em paz a viuva appetitosa que não era para os seus beijos.

Comecei a meditar um plano e com a ousadia dos meus annos verdes, fui procurar o Bentão e disse-lhe rasgadamente: «que elle estava perturbando a vida tranquilla d'aquellas senhoras, e de certo as obrigaria a interromper a sua estação balnear com a perseguição estupida que elle fazia á viuva, que o detestava».

O Bentão tapou o ouvido, riu-se, disse-me uma phrase rude e não mudou de resolução.

Em consequencia, dous dias depois, Julia e a mamã partiam, pretextando a doença de um parente e sem revelar para onde iam.

Eu fiquei e commigo ficaram Miss Baring, o seu papá e a roda parvoeirana dos commendadores.

Entre nós—eu e miss Baring—tinha-se estabelecido uma intimidade grande. Com a sua ampla liberdade de americana, Miss passeiava a sós commigo, ora em carro, ora a pé, e era a minha confidente e a confidente de Julia.

Muita vez, em noites de luar doce, nós percorriamos a praia extensa e macia, em carruagem leve, guiada por ella, um ao lado do outro, parando aqui para ver effeitos de lua sobre aguas e rochedos, parando acolá para ella me recitar versos de Schelley e de Longfellow, que sahindo da sua bocca rubra entre fraguas limosas, produziam-me o effeito de grandes flores vermelhas emergindo do seio do mar e pondo perfume e côr na atmosphera e na alma. O povo que nos via, escandalisado, asseverava (o meu creado m'o repetia) que nós estavamos de namoro cerrado. Na roda dos commendadores, mais polidos que o vulgo, aquillo era uma *flirtation*.

O velho Baring, esse não ligava a menor importancia ao facto, e mais de uma vez fora, elle proprio, chamar-me á *garçonière* para acompanhar a filha em passeio nocturno. Eu tinha a mais ampla liberdade de acção dentro dos limites impostos pelo respeito e pela educação.

A primeira cartinha de Julia recebi-a das mãos da minha confidente oito dias depois que ella nos havia deixado. Chegara atrazada por motivos que só a posta conhece.

Essa carta simples resumia a viagem e as primeiras impressões da chegada. «A mamã deixara a praia muito contrariada e durante a jornada toda só falara no desaforo do Bentão lastimando faltar-lhe um homem em casa para conter aquelle bruto (sic) nas suas pretenções. Quanto a Julia, só pensava em mim e na sua dedicada amiga a quem tambem escrevia por esse correio. No fim, quatro linhas antes da assignatura, apparecia um Januario, recem-formado em medicina e parente, que as fora esperar á estação ferro-viaria em virtude de um aviso telegraphico que lhe expedira a mamã.»

Não gostei do aviso telegraphico e menos ainda do Januario, embora essa confidencia fosse attenuada com um *tua para sempre* antes da assignatura da minha amada. Miss Baring, apprehensiva, confessou-me que tambem lhe causara má impressão esse topico da carta e com a sua acuidade feminil muito pronunciada, conhecedora do temperamento de Julia, farejou em Januario um rival e aconselhou-me a que fosse logo para onde estava o perigo.

E os seus olhos azues e brilhantes, sombreados por cilios castanhos fixaram-se em mim demoradamente, prescrutando o effeito d'esse conselho.

—Vamos juntos, accrescentou ella, animando-me, eu tambem quero rever a minha amiga e passar algum tempo com ella.

Lembrei o alvitre de esperarmos a segunda carta para resolver depois.

Desde esse momento, Januario, esse Januario que entrava em scena tão desastradamente, começou a povoar-me os sonhos e a torturar-me a existencia.

*
* *

A segunda carta veio e ainda nella se falava de Januario. Mau! a repetição era escusada. Não occultei o meu desapontamento e fixei com miss Baring o dia da nossa partida, combinando que isso se faria ao findar o mez e sem aviso previo para causar surpreza e surprehender.

Durante o tempo da espera enfadonha e cruciante, eu e miss Baring fizemos longos passeios pela praia e por estradas carroajaveis, de dia e de noite, como um casal de noivos em lua de mel. A sagaz americana lia a duvida nos meus olhos e nas minhas palavras sempre que falavamos de Julia. E' que Januario nunca mais deixou de ser asssumpto obrigado das cartas da minha amada e ás vezes occupava nellas espaço mais vasto do que as linhas consagradas á recordação da minha pessoa.

Por essas epistolas, via-se que havia Januario ao almoço e ao jantar, pela manhã e á noute, que Januario frequentava assiduamente a casa, onde aliás não havia enfermos que exigissem os seus cuidados.

Presenti a catastrophe do meu amor, mas animado pelas insinuações da americana, illudido pelas interpretações que ella dava a certas phrases suspeitas, acariciado ainda por uma falaz esperança, resolvi partir para ver e julgar.

Foi por uma tarde meiga, tepida e aromatisada pelo perfume das ultimas rosas e da madresilva em flor, que eu e Miss Baring seguimos no mesmo vagão em demanda do retiro de Julia.

E nunca encontrei um companheiro de jornada mais serviçal, mais communicativo, mais agradavel e mais consolador do que foi essa galante rapariga, que durante todas as horas da enfadonha viagem só me falou de Julia e do seu affecto por mim.

—Confie, confie, dizia-me ella, acariciando-me as mãos e fixando os seus olhos nos meus, como a querer communicar-me a confiança que simulava ter.

Só ao chegarmos, no momento de deixar o vagão para entrar no carro que nos esperava, quando estavamos apenas a meia hora de distancia de Julia, é que eu a vi algo pensativa. Mas, a nuvem que lhe sombreava o rosto dissipou-se logo e, empunhando alegremente as redeas, fez estalar o pingalim e guiou o carro com as suas mãos dextras.

A nossa chegada, foi, como queriamos, uma surpreza. Avistou-nos primeiro a mamã, que passeava pelas alamedas do parque conduzida pelo braço de um rapaz alto e moreno, de bigode negro e pince-nez de myope.

Ao ver-nos, deu um gritinho de prazer e desembaraçou-se do braço do myope, correndo em nossa direcção.

Miss soffreou logo os cavallos, que trotavam com garbo na alea central do parque, e depois de prender as redeas ao para-lama, ergueu-se.

Eu saltei primeiro para offerecer-lhe a mão e em seguida caminhamos juntos para a mamã, que nos recebeu festivamente e nos apresentou ao myope.

Era o Januario.

Tive um presentimento mau. O myope olhava-me surpreso e perturbado.

Julia só nos appareceu um quarto de hora depois, no momento em que subiamos a escada de marmore que conduzia ao vestibulo da casa.

Sem se mostrar muito admirada da nossa presença alli, recebeu-nos no entretanto alegremente, mas no fundo d'essa alegria eu percebi o constrangimento.

Miss Baring tambem o percebeu e quando uma hora depois, nos reunimos á mesa do almoço—a mamã á cabeceira, Julia ao lado de Januario, eu ao lado de Miss Baring—todas as minhas duvidas tinham-se dissipado.

Era evidente que Januario...

De sorte que quando, após o almoço, propuz a miss Baring que regressassemos nesse mesmo dia, ella não procurou reter-me e até me disse:

—Ia-lhe propor isso.

Regressamos nessa tarde, silenciosos e perturbados pela mesma decepção. Até á estação, a americana, que guiava o carro, trocou commigo apenas algumas palavras banaes a proposito de um dos cavallos, que era mais ardoroso do que o outro.

A tarde morria serenamente agitada por leve brisa que desnudava sem esforço as arvores, atirando sobre nós as folhas amarellas e mortas.

Aqui, alli, por entre as brenhas quasi despidas, subia o fumo dos casaes e, de espaço a espaço, ouvia-se o chiar monotono dos carros de bois, passando ao longe.

O silencio da natureza era communicativo e punha na nossa alma toda a melancolia d'essa tarde, que morria baça e lenta, sem pompas de sol, sem gammas de verde, sem gorgeios de aves, sem canticos de pegureiros.

Durante os poucos momentos que na estação esperamos pelo trem, miss recolheu-se a uma sala para lavar as mãos e arranjar a sua toillette e só me appareceu quando a locomotiva apitou e logo após entrou na gare magestosa e arfante.

Subimos para o compartimento reservado do vagão que haviamos tomado e só depois que o comboio partiu é que ella, impulsiva e tremula, sem poder conter-se por mais tempo, tomou as minhas mãos frias e levou-as aos labios dizendo-me quasi a chorar:

—Pobre amigo! Foi melhor... foi melhor...

Havia dor e havia jubilo nessas phrases. Commovido e grato, não procurei interpretar logo o sentido que ellas tinham. Percebi que a dor que me opprimia augmentava e quedei-me silencioso, estupido, indifferente á caricia d'essa mulher meiga e linda!

Só passado algum tempo, é que miss Baring procurou arrancar-me a esse estado de apathia e de torpor; e sacudindo-me os braços, inclinou o rosto olhando para o meu, de baixo para cima, num movimento felino.

Vi então que os seus olhos azues luziam de contentamento, que a sua bocca se entreabria em sorrisos, deixando-me ver a fila dos dentes alvos por entre os quaes surgia, como a espiar-me tambem, a pontinha da lingua vermelha e humida.

Estava linda nessa attitude de espreita e mostrava nos olhos o desejo de surprehender impressões e de communicar a alegria. Reparei nesse momento que os seus cabellos louros eram fartos e sedosos, que a sua orelha era rosea e pequenina, que a sua bocca era divinamente bella, que toda ella era seducção e encanto.

E, sentindo-me fascinado pelo seu olhar travesso e convidativo, tive vontade de apertar de encontro ao peito a cabeça dourada e refulgente d'essa rapariga intrepida e boa.

Mas ella, mais rapida do que eu, advinhando o meu pensamento e o meu desejo, approximou a sua bocca da minha e deu-me um beijo longo, terno, excessivamente amoroso.



E, emquanto me beijava, dizia:

— Foi melhor... foi melhor...

Escuso dizer que esse beijo repetiu-se e prolongou-se até ao fim da viagem.

. . . . . .

Um mez depois, Miss Baring partiu para New-York, promettendo voltar, e de lá me enviou muitas cartas, quentes e longas, que eu guardo religiosamente ao lado das de Julia. As primeiras traziam flores. Na ultima, communicava-me o seu casamento por conveniencia, por necessidade mesmo, com um mexicano rico, que devia restaurar a fortuna do seu papá completamente perdida nas especulações de um *trust* muito supercapitalisado, como os de Morgan.

Decididamente, não volta mais.

Julia é hoje a minha melhor amiga. Casou com Januario e é mãe de dous rapazes guapos, educados na Inglaterra, que falam o inglez como *gentlemen* e jogam o *foot-ball* como loucos.

Quando a vejo, cheia e alta, com as primeiras rugas ao lado dos olhos, ainda formosa como sua mãe o era nessa idade, não procurando disfarçar os cabellos brancos que brilham por entre os negros, muito preoccupada com as estroinices dos filhos, lembro-me ás vezes do nosso idyllio á beira mar, mas não consigo esquecer os beijos, os deliciosos beijos que Miss Baring me deu, durante a viagem, para me consolar do nosso rompimento e talvez para me dar tambem uma noção bem nitida da liberdade americana.

E a lembrança da miss loura desvanece a de Julia de cabellos negros, tal como eu a amei, e traz-me a serenidade e a calma necessarias para eu me manter em attitude respeitosa perante essa mulher honesta.

E' positivo que neste mundo, ha compensações e que ellas são indispensaveis para o equilibrio da existencia.

Se New-York não ficasse tão distante...

—

Eis o que dizia o manuscripto de Cyridião Batalha, que Deus haja.

S. Paulo — Outubro 1904.

GARCIA REDONDO.
(Da Academia Brasileira)

FLORENÇA

NÃO foi a Florença de agora que eu vi e amei, em uma certa noite tepida e silenciosa de junho, a deshoras, quando já a treva e o somno tinham dominado os palacios e os casebres da velha cidade toscana: foi, sim, a Florença veneranda dos tres seculos sagrados, durante os quaes a alma humana resuscitou do tumulo da idade-media,—cyclo prodigioso, que começou com o nascimento de Dante e acabou com a morte de Miguel Angelo, em 1563, precisamente no anno em que Shakespeare nascia.

Havia seis dias que eu andava, num arroubo encantado, com todos os nervos vibrando, correndo Florença, fartando os olhos na contemplação dos thesouros de arte d'essa cidade maravilhosa, que tem, para a minha alma de homem moderno, um encanto incomparavelmente maior do que o de Roma.

Berço e sacrario da Renascença, nucleo gerador de onde irradiou para toda a Europa a salvação do espirito latino depois da longa syncope, Florença tinha captivado o meu coração pela sua triste magestade do deusa decahida, mas adorada por toda a humanidade, encerrada com os seus palacios e os seus museus numa atmosphera de soberano respeito e de supremo culto.

Nessa noite, á hora em que, na praça Vittorio-Emanuele, depois da *serata* de musica, se fechavam os cafés, eu quiz, antes de dormir, rever ao luar o *Persêo* de Benevenuto Cellini. Cheguei, pela via degli Speziali, á via dei Calzajoli, passei á pressa pela igreja de Or San Michele e pelo oratorio de S. Carlo Borromeu, e fui ter á Piazza della Signoria, banhada no clarão suave do plenilunio, deserta e muda, fechada ao fundo pelo vulto immenso do Palazzo-Vecchio.

A torre altissima do Paço dos Medicis nadava em plena luz, projectando no chão uma larga toalha de sombra, que se estendia, como um tapete negro, á entrada da *Loggia dei Lanzi*. Na grande fonte de pedra, no centro da praça, a agua cantava de manso; ao luar, Neptuno e os tritões offegavam, no silencio da noite; e, mais longe, o grande Cosme, modelado e fundido por João de Bolonha, parecia agitar-se sobre o seu cavallo de bronze.

Na Loggia dei Lanzi,—naquelle assombroso museu ao ar livre,—dois mendigos dormiam sobre as lages, ao abrigo das altas arcarias rendadas. Na arcaria da esquerda, quasi encostado ao *Persêo*, estava ainda o grande quadro, cheio de algarismos, em que se annunciára o resultado do *loto* d'aquelle dia. E no chão, sobre os degráos, havia os residuos do mercado volante,—vestigios da passagem dos vendedores de fructas e refrescos, que alli se recolhem, á tarde, do calor do sol.

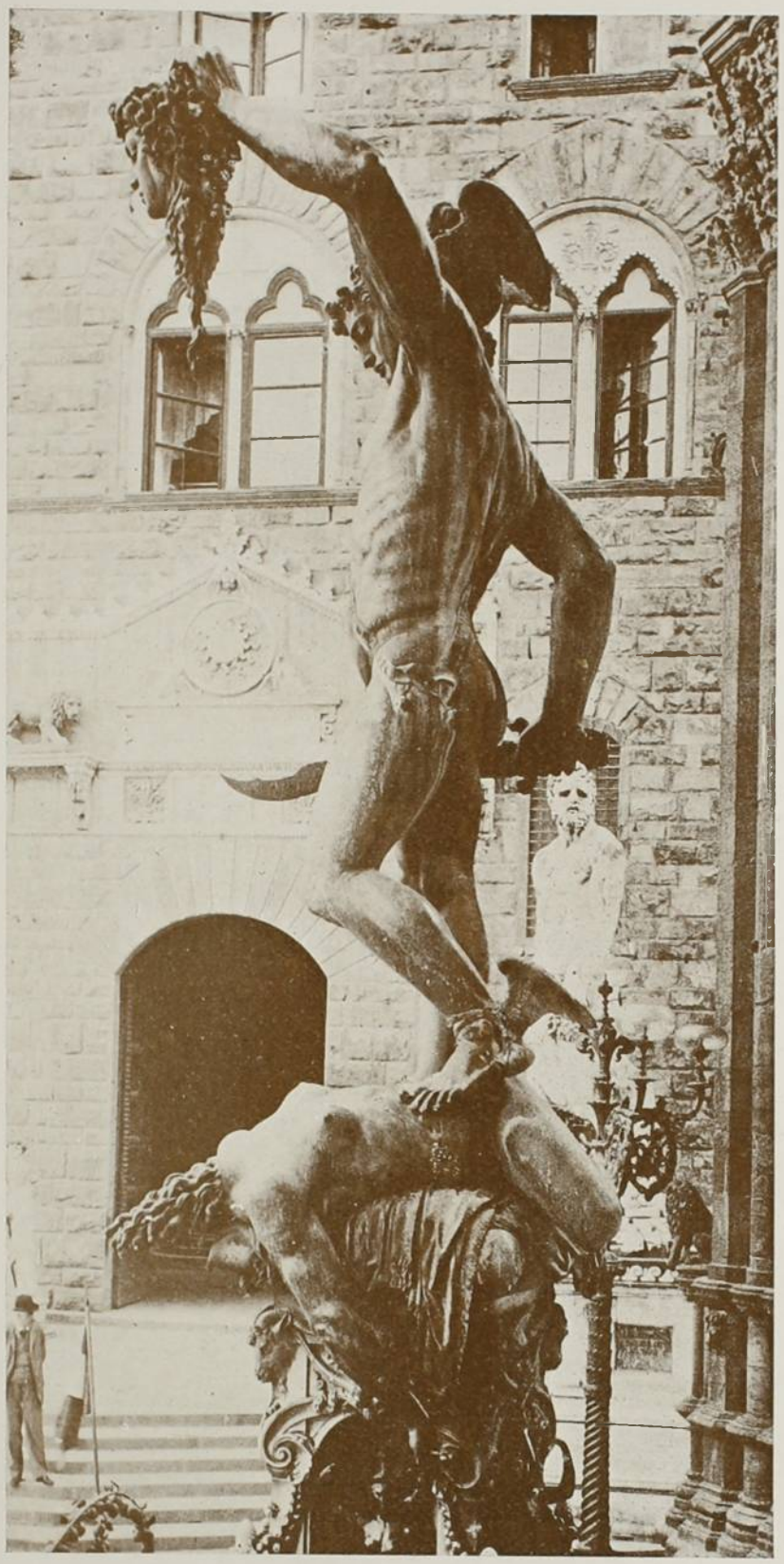
Mas nem de leve me irritou ou magoou essa profanação. Havia até um certo encanto no espectaculo da pobreza, do vicio, da vida de hoje, no meio d'aquelle scenario de 1500,—no logar em que os fidalgos da côrte de Lourenço de Medicis iam esperar todas as manhãs a honra de ser chamados á presença d'*O Magnifico*.

E que importavam esses signaes da vida de hoje? O luar, com o seu prestigio feiticeiro, acordava alli as epochas mortas; e a Florença, que eu estava admirando e amando, era a Florença rica e artista, alegre e bellicosa, peccadora e atrevida, cuja fama o grande Dante, seu divino filho, até foi encontrar no Inferno, depois de a ter encontrado na terra e no mar:

"Godi, Firenze, poi che sei si grande,
Che per mar e per terra batti l'ali,
E per lo inferno il tuo nome si spande..."

Dentro da *Loggia dei Lanzi*, havia faixas do clarão da lua, prateando a juba dos dois leões da escadaria, lambendo o collo de marmore da *Polyxena* de Pio Fedi, acariciando a face de bronze da *Judith* do Donatello.

O *Persêo* de Cellini,—esse, plantado á frente da *Loggia*, recebia em chapa todo o banho de prata fluida; e nunca me pareceu tão bello o jovem deus victorioso, com o corpo esbelto empinado ao céo, retesando os musculos bronzeos em resalto, erguendo no punho esquerdo a cabeça de Medusa vencida;—sob a pressão do pé de Perseu, o corpo da gorgona arfava no estertor da agonia; e, no ar, numa revolta impotente, emmaranhavam-se e remordiam-se, rabeando, as serpentes da cabelleira do monstro...



PERSÊO DE BENEVENUTO CELLINI, EM FLORENÇA

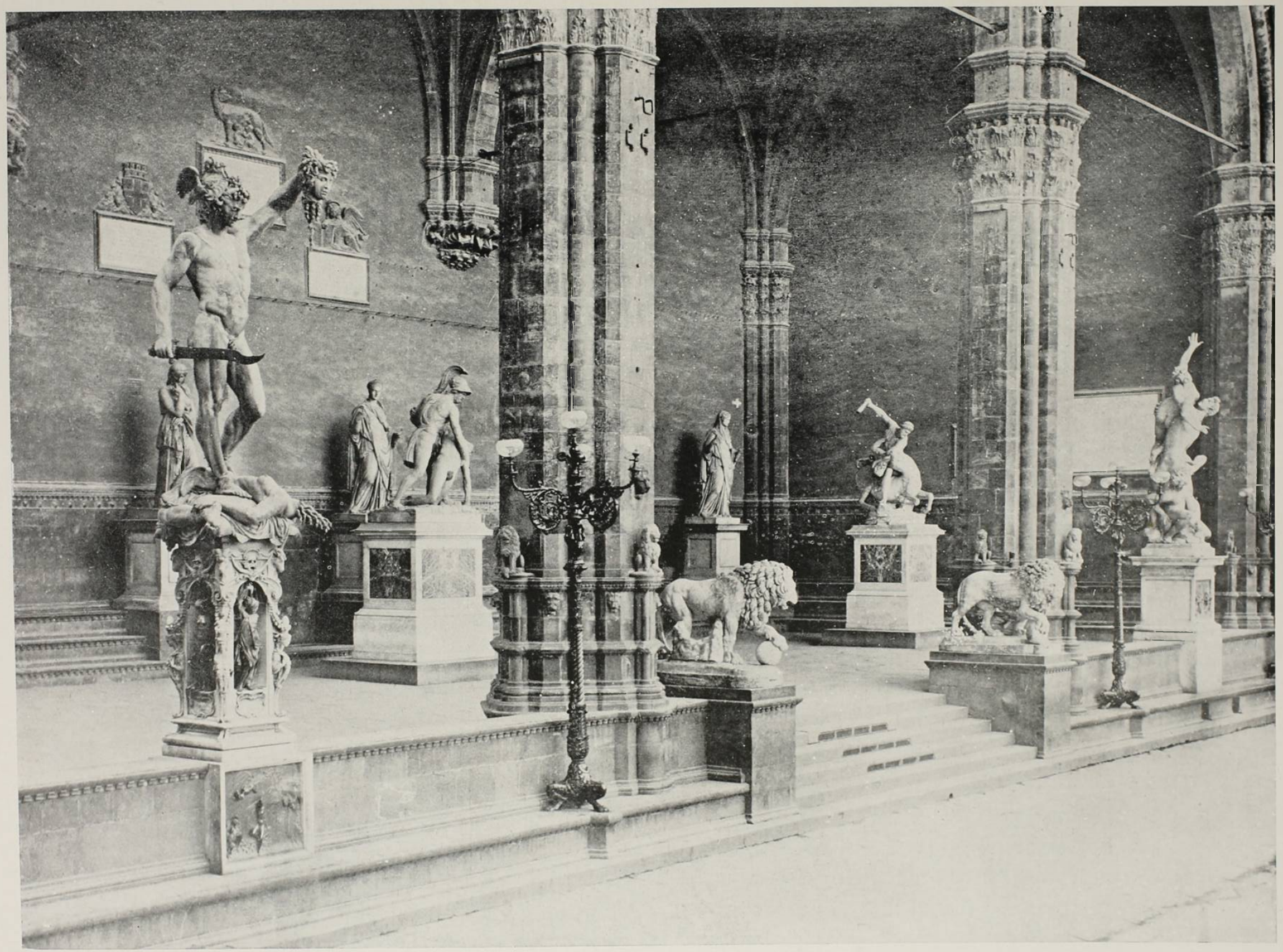
Foi de junto do grupo de *Persêo*, que, abrangendo com o olhar a *Piazza della Signoria*, evoquei a grandeza material e moral da Florença antiga.

Esta praça, coração da republica, coração da antiga *Signoria*, e coração da autocracia dos Medicis, foi o scenario em que se concentrou, de 1200 a 1600, todo o drama da Renascença: aqui se encontravam, em pelejas sangrentas, os guelfos e os gibelinos, os «brancos e os negros»; por aqui passeou Dante, taciturno e sonhador, o seu orgulho de deus exilado na terra; aqui foi queimado Savonarola; este chão foi calcado pelos pés de Miguel Angelo, de Boccacio, de Machiavel, de Giotto, de Fra Angelico, de Benevenuto Cellini...

A poucos passos d'aqui, no fim da escura via Magazzini, ainda se levanta a fina e alta casa dos Alighieri, onde nasceu o sombrio florentino, o creador immortal da lingua italiana. Este era o caminho inevitavel para as margens do Arno, onde Dante, ainda menino, ia folgar. Foi talvez aqui, nesta praça, onde se reuniam os comicios da republica, onde se travavam batalhas e torneios poeticos, onde se combinavam negocios e amores,—que o divino poeta, infante de nove annos, viu pela primeira vez a sua pequenina *Bice*, «envolvida numa leve tunica vermelha»; foi ainda aqui, talvez, que, mais tarde, ella,—d'esta vez toda vestida de branco,—lhe dirigiu a primeira saudação, «erguendo a sua alma ao limite mais alto da beatitude»; e foi de certo aqui que o melancolico devassador do Inferno imaginou e compôz, antes de ir chorar no exilio as desgraças de Florença, o ingenuo romance da Vita Nuova, em que os commentadores (quasi sempre tão traidores como os traductores) teem querido ver tantas complicações de symbolismo politico...

O que deve ter soffrido, aqui, aquella nobre alma altiva e grave, tão pouco dada aos prazeres do mundo! Florença, no tempo de Dante, era uma cidade de commercio e de prazer. A sua riqueza era collossal; davam-lhe o titulo de «Fonte de Ouro»: e era nas suas arcas que os principes christãos e mahometanos iam procurar, por emprestimo, os florins, com que sustentavam as suas guerras. Esses commerciantes eram lettrados e artistas: não raro, nos seus livros de escripturação mercantil, havia, ao lado dos algarismos, trechos de Tito Livio e Sallustio. O povo, nos intervallos das guerras, vivia, pelas ruas, cantando e dançando. Essa riqueza, essa futilidade, essa alegria irritavam a melancolia de Dante: certa vez, no meio do tumulto de uma festa popular, viram aquelle adolescente sem mocidade passar doze horas estudando, entre a algazarra e o tropel do povo, sem levantar os olhos do livro.

Mas, quando a derrota dos guelfos o obrigou a partir de Florença,—Dante ficou aqui, em espirito, vagando entre estes palacios, amando a sua cidade de flores. Elle mesmo o disse: «florentino, não nos costumes, mas no coração...» E



FLORENÇA "A LOGGIA DEI LANZI" NA "PIAZZA DELLA SIGNORIA"

eil-o ainda aqui está, depois de seis seculos, povoando com a sua grande gloria a Piazza della Signoria: não será o seu espirito errante,— aquelle vulto que alli vae, escuro e indeciso na alvura do luar, beirando o muro do Palazzo Vecchio, entrando o apertado becco que leva ao Palazzo degli Uffizi?...

. . . . . .

. . . . . .



DAVID DE MIGUEL ANGELO, EM FLORENÇA

Mais de um seculo depois, andava por aqui Miguel Angelo, ainda moço, amado e protegido pelo *Magnifico*. Por aquella baixa porta do *Palazzo Vecchio*, como esmagada pelo peso da alta móle de pedra,—entrou e sahiu muita vez, ainda modesto, ainda quasi inconsciente do seu genio, o maior artista que jámais trabalhou sobre a terra. Miguel Angelo era ainda uma creança, quando Lourenço, o *Magnifico,* lhe deu a mão protectora. E Florença veio a ter a gloria de possuir o primeiro trabalho definitivo do estatuario prodigioso,—esse incomparavel *David*, que esteve até 1873 erguido á porta do Paço dos Medicis, a dois passos da *Loggia dei Lanzi*, e que, hoje, na *Sala da Cupola* da Academia de Florença, como na abside de um templo, irradia e deslumbra, symbolo palpitante da Força, da Mocidade e da Belleza...

O *David* foi tirado de um immenso blóco irregular de marmore, que nenhum esculptor ousára ainda atacar. Buonarotti, que devia morrer com oitenta e nove annos de idade em plena pujança de talento, contava apenas vinte e seis annos, quando communicou á frieza d'essa pedra bruta o ardor do seu genio, para a transformar na figura do jovem pastor de Bethlém, rei e propheta, Hercules hebreu, vencedor de gigantes.

Mas essa estatua não é sómente «David»: é a representação viva do poder creador de Miguel Angelo. «Moysés» é Miguel Angelo, na virilidade, austero e grandioso, repousando do trabalho prodigioso da creação de mundos de arte; mas «David» é Miguel Angelo moço, na primavera do genio, turgido de seiva fecunda.

Robusto e leve, dando á luz o corpo desnudado, em cujas formas canta e sorri a graça forte da juventude; aprumando a cabeça formosa, em cuja expressão a fé e o desafio se misturam; pisando a terra com a firmeza e a serenidade de um deus,—o «David» é Buonarotti partindo para a conquista da gloria e da Immortalidade.

. . . . . .

Aqui, na *Piazza della Signoria*, Miguel Angelo reatou, no seculo XV, o grande sonho estrellado de Dante, no seculo XIII. Essas duas almas, de extensão infinita e de infinita força, aqui se entenderam e completaram, atravez de duzentos annos de distancia. Os pés de Buonarotti encontraram, neste chão venerando, os vestigios dos pés de Alighieri. Ambos arrastaram por aqui as suas esperanças, os seus amores da primeira idade.

E, ao miral-a, serenamente adormecida á caricia do luar, de sob o portico toscano da Loggia,

de junto do *Persêo* de Cellini,—cuido ver a *Piazza* acordar pouco a pouco, e pouco a pouco povoar-se de fantasmas.

Alli vão os gonfaloneiros da republica, com as insignias levantadas, a caminho da guerra; alli vae o *carroccio* monumental, alcatifado de purpura, conduzindo as armas da communa; e eis ahi veem os guerreiros em triumpho, debaixo dos baldaquinos de ouro; e homens, mulheres dansam e cantam, celebrando o amor e a paz.

Depois, vejo Dante parado, em extase, petrificado pela admiração, contemplando *Bice*, que passa ao longe, entre as suas aias solicitas.

E alli está Giotto, concebendo, a um tempo, a imagem de «S. Francisco de Assis recebendo os estygmas» e o plano das fortificações de Florença.

Depois, vejo arder a fogueira de Savonarola; e vejo encher-se a praça de cadaveres, fulminados pela peste,—e Boccacio, risonho e bello, imaginando o proemio do *Decameron*.

Depois, á frente dos seus cortezãos, alli vem o *Magnifico*, naquella attitude de «pensieroso», que Miguel Angelo lhe deu, sobre o seu tumulo da *Sagrestia Nuova*. E, adiante, aponta Benevenuto Cellini, entre os seus companheiros de briga e aventura, espadachim e artista, immoral e seductor, como o symbolo de uma epocha em que as guerras se faziam entre risos, e em que a Arte, flôr divina, brotava do sangue e da lama...

Mas, ao longe, o grande sino do *Duomo* badala dois abafados lamentos...

Os meus olhos beijam ainda uma vez o scenario da Renascença,—e, atravessando a claridade do luar, vou levando commigo, para a vida real, para a triste agitação da minha vida de homem de hoje, o suave consolo de ter podido comprehender e amar, em uma hora de sonho, toda a grandeza d'este cemiterio de glorias, que é Florença...

Olavo Bilac.

Rio, 16—Dezembro—1904.

Natal no Lourenção

FOI debaixo de uma chuvinha persistente e mangueira que o Neca Alves voltou do capoeirão, ao fechar da tarde, carregado de palmas de guaricanga e de folhas de samambaia das miudas. Um ameaço de sol doirara o fundo do poente, que logo, entretanto, se acinzentou de novo, até que a barra da noite, menos escura, talvez, que as nuvens do alto do céo, se foi alastrando pela costaria verde-negra das montanhas. Urrou, pelas sofraldas, a voz melancolica e pausada das vaccas errantes: e de longe lhe respondeu, vingando o morro todo tremulo das touceiras de jaguara, o bramido aspero de um touro costa-d'Africa.

O Neca era o mestre dos nataes d'aquelles centros. Em tres leguas em volta ninguem sabia pôr a mão num presepio nem puxar uma reza, como elle. Catava quanta barba-de-velho pendia das arvores heradas, pelos campos-cobertos; quanta folhagem exquisita nascia á beira dos corregos: e até — coisa que fazia piedade! — os ninhos, que podia topar, dos sabiás, joão-de-barro e dos tico-ticos indiscretos. Fazia o giráu a um canto do alpendre, armava um empalizado junto d'este, compunha e concertava os musgos e as flores a todo o arranjar, lançava ao fundo a mangedoura, e tinha um geito todo seu de collocar os classicos animaes que viram, logo ao nascer, a linda creancinha de Belém, que foi Nosso Senhor Jesus Christo.

Assim, pendentes sobre a palha secca e aos lados da cumieira, com os rostos muitos risonhos voltados para o berço rustico, os anjos pareciam mandar ao gallo que cantasse, ao boi que mugisse e ao carneiro que balasse brandamente, por não estorvarem o somno placido do filho de Maria Nazarena. E via-se bem que o carneiro e o boi e o gallo não tinham vozes agudas, porque mais se occupavam em olhar para o doce vulto infantil que tinham diante, cercado de flores agrestes de mangas, de cajubys, de pingos-d'agua e de marmellinhos.

Era um verdadeiro mutirão, o preparo do presepio: cada qual dos convidados trazia uma novidade ou uma surpreza, como rosas raras naquelles ermos, jaboticabas atrazadas, gallhos vermelhos de café-murta em pencas. A Risoleta, o pancadão do bairro, alva e engraçada como um lyrio de ribeirão, trouxera agora um braçado de tabúas e ramalhetes de bariricó ladeados de maravilhas. O Neca, vendo-a entrar assim, admirou-se:

— Tabúa, aqui, siá dona? Eu cuidei que isto só dava na minha terra, p'r'as esteiras que a gente vende nas festas, e neste rincão só tinha o piry, que p'ra mim é uma planta cansada!

Ella corou ligeiramente; não tanto como as maravilhas que trazia nas mãos, mas decerto muito mais que o namorado, quando lhe disse taes coisas: que o Neca Alves, um tostado de Serra Acima, era quebra e decidido para pensar e dizer... Começou a ajudal-o, então: e Nosso Senhor, si pudesse ver, acordando de repente e com olhos que entendem, toda flor e toda fructa que lhe foi posta ao lado, teria de estranhar que na terra de sua natureza pudesse haver uvaias e araçás, officiaes-da-sala e sumbaré.

Num certo momento, encontraram-se as mãos de ambos. Era natural, na continuação do trabalho: e, comtudo, a della tremeu de leve, a maneira de uma juruty que a aragem toca, e elle pediu-lhe desculpas, serenamente, como quem sabe que vai ser logo desculpado. Nada mais que isto: e, apezar de ser tão pouco, a Risoleta já não foi mais, de então por diante, o alvo lyrio do ribeirão, porque inteirinha se fez rosada como a flor do pecegueiro. Foram chegando os visinhos: a mangedoura mais ficou sendo um jardim e um mercado de fructas, que mangedoura, onde havia cordas e trapezios em que brincavam creanças, umas viradas para o menino Jesus, outras sungando a outras.

O dono da casa appareceu afinal, rengo e pezado, arrastando pelo chão soccado a sua erysipela doída e barulhenta. Quem o viu, triste e entregue no meio de toda a alegria espalhada no alpendre, ficou logo tambem triste. Mas houve quem procurasse combater a impressão de magua que se ia entranhando no povo:

— Ué, seu Caetano, você 'tá que nem moça da roça, c'uma perna fina e outra grossa?

Elle voltou-se para o caipira alegre, e seus olhos tiveram um grande olhar de commovida renuncia. O caçoista ficou sério, approximou-se, poz-se a examinar o pé inchado do doente, e concluiu, solemne como numa conferencia:

— E não é que o home 'stá mesmo c'a erzipa das brabas? Mas porém isso não vale nada: atuche-lhe uma banharada de arve-de-largato, uns pannos molhados em cozimento de herva-lanceta, que numa volta de mão 'tá prompto p'ra outra. Exp'rimente só!

Fazia-se estridente a gritaria dos grilos e dos gafanhotos, fóra. Viam-se brilhar no céo, muito nitidas como pregadas num velludo já gasto, as maiores estrellas: que as outras, fraquinhas ou desconsoladas, não se animavam a apparecer na profundeza d'aquella noite de festa. Levantou-se o tempo, mas a horas que os gallos principiavam a bater as azas e a cantar, espaçadamente ainda. E como o Neca se puzesse em frente ao presepio, e ajoelhasse, todos ajoelharam tambem, numa grande agitação de bancos e prucas arrastados, num forte rugir de saias e de calças cheias de gomma.

Começou a reza. O Neca era afiado para aquillo, sabiam-n'o todos: mas, fosse lá como fosse, não tinha a voz tão segura como sempre, distrahia-se ás vezes, estava um capellão de meia pataca. Engrolou a maior parte da ladainha, resmungou outra parte, liquidou a obrigação tão depressa como poude, e sentiu no peito um doce allivio, quando, chegando aos ultimos versos da cantoria necessaria, ouviu no terreiro o estrondar dos tiros de garrucha e de rouqueira. Ergueu-se, avisinhou-se das Tres Pessoas, fez uma reverencia ao Menino Deus, beijou-o: e saiu.

Já trilavam as violas, roncavam os violões, e uma animosa sanfona fazia ouvir, da cosinha, o seu repertorio fanhoso e curto, quando os convidados se chegaram ao presepio e foram deixando esmolas e retirando fructas e flores: que ellas são sempre capazes de fazer feliz a quem quer que seja, nas viraçõe da vida... Como fosse augmentando o movimento nas cercanias do presepio, e crescesse tambem o rumor, surgiu da noite um macho crioulo, pinhão, muito inhato e rabicó, de piques nas orelhas, e pegou a trocal-as ao pé da porta, contemplando extasiadamente o povo, cheio de bichos e de anjos nos negros olhos pasmos.

Pouco durou, porém, aquella contemplação: os guapécas que andavam cercando a mesa, onde já se viam lourejar os quartos de leitão e os franguinhos assados, saltaram ao pobre do burro, sinão quando, e elle de novo entrou na noite, a trote secco, zonzo e meio cadeira. Muito tempo ainda se ouviu, de mistura com os primeiros cantados, o ladrar bravio dos cachorros e a tropeada fugitiva: e tudo se afastou, afinal, até se confundir com a barulheira do corrego do Lourenção, que as chuvas recentes tinham engrossado.

Quem tirou o primeiro coreto foi o Caetano, embora estivesse increnco e pesadão desde já muitos dias atraz:

Aos amigos
um brinde é feito;
reina a alegria
em nosso peito.

E a rapaziada cantava deliciadamente o conhecido estribilho:

Grato licor,
Alegre e jocundo,
Que todo este mundo
Desafia a amor.

Uma velha, rodeada de creanças, contava a historia do nascimento de Christo:

—O gallo, antão, cantou por este geito: "Jesus Christo nasceu!" E a vacca preguntou-lhe: "Adonde?" E o carneiro arrespondeu: "Em Belém".

Mas a festa não ia boa: faltava-lhe o Neca Alves, que era todo enlevos e mimos com a Risoleta. Já lhe chamavam puxa-puxa, coisa com que elle dava um cavacão sem altura; já diziam que tijolo e azeite d'aquelle feitio, era desaforo de mais: e houve um senhor muito saido, que, ás escondidas delle e della, os prendêra um ao outro a poder de alfinete de fralda.

E a conversa dos dois era esta, por fim:

—Quando eu lhe vi, nhá Risoleta, est'ro dia, na casa do Carmo, de vestido côr de rosa e cravo branco no cabello, e tive que vir-me embóra, já voltei mais seu do que meu: fiquei logo latejando si havia de lhe pedir por minha bocca ou mandar soletrar uma carta, si a carta devêra de ser p'ra você ou p'r'o seu pae.

—Tanto faz, seu Neca: a gente querendo, já vê que ninguem póde contra. Eu queria, não é? Já tava meio caminho andado...

—E adonde foi que você me disse que queria, ou ao menos, me deu a entender essa vontade?

—Quem quer bem adivinha pensamento: era da sua intenção que eu saisse annunciando que lhe tinha amor, ver esses piás que carrega taboleta de circo de cavallinhos?

Apontava a manhã fresca e rubra. O sol mostrou-se com pouco. Houve tremuras de orvalho na grama-seda do piquete, porque ventava rijo. E o macho pinhão, ao longe, encostado á cerca de cangiquinha, dirigia para a casa de morada um olhar muito repassado de tristeza e saudade. Toda prata da grama foi sumindo, envergonhada, porque todo o ouro do sol deu de roda e pelo chão.

—...E que casamento bonito, não é nhá Risoleta? Bonito e singelo... feito o Menino Jesus...

VALDOMIRO SILVEIRA.

S. Paulo—Dezembro—1904.



Jehova e Jesus

Jehova que, terra ou céo, todo o universo tinha
E lhe indicava o rumo e lhe traçava o norte,
Era, segundo a crença, uma força damninha
Que espalhava o Castigo, a Fome, a Peste, a Morte.

A humana geração, estupida e mesquinha,
Quem quer que hoje a contemple, em mystico transporte
Ante o Deus do Perdão que na alma se lhe aninha,
Sente quanto Jesus a fez mais nobre e forte.

Foi preciso que, humilde, elle andasse na terra
— Elle que era do céo, Senhor e Magestade, —
Dizendo quanto amor o Amor de Deus encerra!

Nasceu aqui, qual nasce a vil humanidade,
E o que por nós soffreu ainda hoje nos aterra.
Porém do Deus Terror fez Elle o Deus Piedade!...

EMILIO DE MENEZES.

A mulher perante as religiões antigas

E O CHRISTIANISMO

O sexo amavel, que exerce poder absoluto sobre os destinos humanos, provavelmente nunca se deu ao trabalho de indagar o papel que tem representado, atravez dos seculos, nas sociedades, quer primitivas, quer hodiernas.

Em cada epocha, em cada povo, sob o influxo das diversas philosophias, ou de religiões oppostas, no tumulto das multiplas crises politicas, das luctas das idéas e dos terriveis combates nos campos de batalha,—a mulher passou por condições, que se não parecem aviltal-a, ao menos não se dirá que a engrandecem.

Taes condições excluiram-n'a, quasi, da communhão da sociedade e crearam-lhe no proprio seio da familia um papel muito secundario e submisso.

Na antiguidade a mulher sempre foi destinada a não ser sinão um instrumento, que perdia todo valor na impossibilidade de realisar o seu fim e por isso era, ás vezes, maldita.

Os interesses sociaes lhe designavam, apenas, um papel infimo e lhe negavam a personalidade por um lado; por outro, a religião, não só não n'a amparava, porem ainda a privava dos direitos, que lhe provém de sua natureza intellectual e moral.

Seria, na verdade, longo e demorado um estudo concernente ao papel a que a historia, desde tempos remotos até hoje, mostra que a injustiça e erros dos legisladores, do sacerdocio, dos philosophos condemnaram inexoravelmente o sexo amavel.

Nas successivas evoluções das sociedades humanas, que nascem, vivem e cujos destinos terminam por sobre a terra, onde luctaram e por onde passaram, o destino da mulher não se modificou nem seguiu, por largos seculos, a lei suprema das transformações; diante do movimento do progresso parece perdurar, petrificado, na immobilidade.

Esse estudo exige avultada somma de conhecimentos de historia, de legislação, de theologia etc., alem de arduo, forçar-nos-ia a tomar extenso espaço d'estas columnas. Assim limitar-nos-hemos a alguns periodos da historia, em que abundam documentos comprobatorios da condição social, domestica e familiar da mulher até que veio uma idéa nova transformar a condição, concedendo-lhe novos e melhores destinos.

Esse estudo, sem duvida, alem de ser instructivo, não deixa de ser tambem curioso e de produzir, no espirito dos leitores, certa ordem de emoções, notando na variedade das crenças, das idéas, das instituições juridicas, economicas e politicas de cada povo,—a diversidade da condição da mulher,—diversidade, que depende das crenças religiosas e das idéas philosophicas dominantes.

Com esse plano limitadissimo, lancemos uma olhada sobre os tempos mais longinquos, ou remotos da historia, por consequencia penetremos nos esplendores da velha civilisação do Oriente.

Ora, nesse assumpto não ha sinão repetir a historia, que todos devem saber, mas que muitos ignoram. Aqui não temos outra tarefa, sinão a de observar e recolher, colligindo os phenomenos sociaes da civilisação taes quaes outros já têm, por certo, observado e recolhido e nos transmittiram.

Não se tratam de meras observações individuaes, nas quaes cada observador sente, pensa, julga e descreve a seu modo, á maneira dos viajantes, que galgam os cimos das montanhas, percorrem a vastidão dos valles, ou seguem a corrente rapida dos rios, que se vão precipitar no Oceano.

Os enlevos da poesia, o calido e flammejante colorido das tintas vivazes do pincel, os surtos da imaginação do artista não entram nessa realidade arida e positiva dos decretos dos legisladores, dos preceitos dos pontifices, dos principios dos philosophos.

Tem os factos leis inquebrantaveis; fallam imperiosamente de tal sorte que, muitas vezes, a philosophia da historia hesita nas affirmações de suas theorias.

Certo, aqui, não podeis alterar o que a India, a Judéa, a Persia, ou a Grecia e Roma, a Egreja catholica, a seita mahometana, a Edade-Media pensaram á respeito da mulher, porque não tendes o poder de eliminar o que está escripto nos livros sagrados do Oriente, nem nos textos autorisados das legislações gregas e romanas, nos Canones e Decretaes da Egreja christã, nem nos preceitos do Koran.

Todos esses documentos perduram; estão ao alcance dos leitores, que os quizerem compulsar, são como o immenso Amazonas, cujas aguas podem ser bebidas sempre, mas indisputavelmente não serão esgotadas pelas gerações, que successivamente passarão pela superficie da terra brazileira.

E' nessa fonte que vamos beber as *novidades*, que contaremos aos leitores, mas novidades já *encanecidas*.

Os poetas proclamam a mulher—soberana—pela realeza dos encantos e pela esplendida aureola da belleza...

Lisongeiros!... Modulam hymnos de adoração á obra prima, que, no fervor do enthusiasmo e no meio das opulencias do pensamento, cahiu das mãos prodigiosas do omnipotente e divino artista, durante as pompas da aurora da creação do mundo...

E a mulher escuta e ama os carmes da inspiração dos poetas, crendo que não mentem!...

Irritam-se, porem, contra a legislação, contra os preceitos das religiões, que negam e até aviltam a soberania da realeza feminil.

Comecemos pela Biblia, que é o primeiro livro, que se deve ler, por que nelle refulge o espirito de Deus; como no de Homero scintilla o genio da humanidade, segundo pensava o immortal poeta autor das *Orientales* e dos *Rayons et Ombres*.

O que se lê na Biblia a respeito da mulher?

O sabio Salomão nos responde: «Tenho procurado a sabedoria e achei que a mulher, cujo coração é como uma cilada e cujas mãos são quaes laços—é mais terrivel que a morte... Eis o que tenho investigado por toda parte, mas o que ainda não achei, porem, é uma mulher entre todas.» (1)

(1) Eccles—VII.

Lê-se tambem que os Essenios abstinham-se do casamento, porque estavam persuadidos de que, entre as mulheres, não havia uma sincera, fiel e pura.

Observa certo escriptor—que a mulher israelita não fôra tratada menos severamente pelo legislador, do que pelo poeta.

De veras, segundo as praxes e costumes do povo de Israel, a mulher não podia estar perante a justiça; a lei recusava-lhe a capacidade de dar testemunho, o qual era rejeitado, como indigno de credibilidade.

A mulher não podia contrahir obrigações, nem mesmo por juramento, sinão com autorisação do pae, ou do marido.

As Ordenações do Reino são tambem tutelares. A mulher não tem nenhum direito e só tem deveres e d'estes o principal é dar o maior numero possivel de filhos á familia e ao Estado.

Parece que Napoleão I imitava ou reproduzia essa idéa antiga, respondendo a Mme de Stäel—que só era importante a mulher, que désse grande numero de filhos á patria. O heroico despota era terrivelmente logico: elle só queria no grande numero—maior quantidade de—*chair à canon*.

Voltando a religião, vê-se que Deos havia dito aos primeiros homens—*crescite et multiplicamini*. (2) Havia promettido á Abrahão que a sua posteridade seria mais numerosa do que a areia das praias.

Estabelecendo instituições mais favoraveis á propagação da raça, os hebreus acreditavam proceder de conformidade com a vontade divina.

Demais, cercados de fortes inimigos, comprehendiam a necessidade de augmentar a população, para terem elementos seguros e necessarios á resistirem e defenderem-se dos inimigos, que os atacavam.

Os meios, pelos quaes cada familia podia crear uma avultada posteridade, não são desconhecidos. Os espiritos, versados na leitura dos usos e costumes da sociedade israelita, sabem que esses meios cifravam-se especialmente na procreação de numerosa prole; por isso o legislador definia o papel da mulher e a reduzia a esta unica funcção social, negando-lhe todos os direitos, impondo-lhe todos os deveres, concernentes áquella funcção, a que era completamente escravisada.

Vê-se que ha semelhança com as praticas usadas na India, pelo que se póde inferir qual era o pensamento d'essas civilisações primitivas; todas reduziam o papel da mulher exclusivamente á producção da prole, ao augmento e grandeza da familia, que representava uma preciosa peça no mecanismo d'essas sociedades antigas.

Na India (3) os mesmos deveres são impostos e todos os direitos recusados: a mulher é completamente nullificada. Em primeiro logar pelo casamento e—para que os consorcios sejam mais fecundos—a lei moïsaica facilita e autorisa o repudio e consagra a polygamia.

A faculdade do repudio não é sujeita a nenhuma qualidade de obices, como se póde verificar no *Deuteronomio*. Quanto á polygamia é mais largamente permittida na Judéa, do que em outros povos da Asia Oriental. O homem casado póde, não sómente ter duzias de concubinas, como pode simultaneamente ter outras tantas esposas legitimas. Nisto o uso dos hebreus differe dos costumes dos outros povos do Oriente.

Na India, ou na China (ainda hoje vigora o uso, segundo affirmam escriptores competentes) é permittido ter dezenas de concubinas; porem não se faculta ter, ao mesmo tempo, mulheres legitimas, como já vimos que se pratica por toda parte na Judéa.

Quem houver lido as determinações de Moysés, não deve ignorar que, dando essa faculdade geral, restringiu-a relativamente ao Rei.

Sabem todos, que versam livros hebraicos,—que o Rei David convivia com uma alluvião de mulheres sem fallar naquellas que legou-lhe o Rei Saul, que primeiro reinou, o precedendo no mesmo throno.

Ora, é facil reconhecer que—si, na Judéa, como em quasi todo Oriente, (pondera um historiador)—o principal fim da união dos dous sexos, era exclusivamente a geração da prole, dando herdeiros á familia, poderia succeder que a união ficasse infecunda: nesse caso o remedio estava previsto e era muito facil e cujo uso e pratica legal eram geralmente aceitos e muito communs.

A tal proposito um celebre indianista faz a seguinte observação, que, naturalmente incitando a curiosidade, provocará tambem o riso; na qual os espiritos reflectidos, porem, descriminarão as consequencias da legislação, os resultados d'um systema, os corollarios de theorias philosophicas, conclusões de theologia dogmatica.

O indiologo diz—na India o marido cedia o seu logar a um irmão, ou a um proximo parente. Os hebreus não adoptavam esse processo de remediar a falta da prole por causa de preconceitos, que lhes eram particulares.

Assim, si o marido em vida não cedia o seu logar, transmitia por herança a viuva, que passava com os bens ao irmão, que, esposando-a, crearia a posteridade para o defunto.

Notem os leitores de *Kósmos* que predomina a lei capital da doutrina, o pensamento primordial da religião, o sentimento social—isto é, ter prole, contar com um herdeiro.

Era a base da familia, a força vital da sociedade—um herdeiro varão—que constituisse a posteridade.

Prevalecia, na Judéa, a crença—(como qualquer dos leitores poderá verificar, lendo o *Deuteronomio*—) de que aquelle, que não tivesse herdeiro para continuar-lhe a posteridade—teria o nome riscado do livro de Israel.

Sob o imperio de tal crença, o irmão—que herdasse os bens com a viuva, a qual fazia parte do patrimonio, visto como a mulher era considerada uma escrava, até comprada sómente para dar filhos—ficaria para sempre deshonrado e perderia todos os direitos de herdeiro, si recusasse dar posteridade ao morto. A viuva passava então a outro parente, embora de gráo remoto.

Quando se dava o caso do defunto haver deixado uma filha, a esta cumpria o dever de dar poste-

(2) Genesis.
(3) Oldemberg—Religion du Veda.

ridade ao pae, que morreu sem filho varão. Ora, está entrando pelos olhos que esta necessidade de ter posteridade era uma questão capital das crenças religiosas, a que as sociedades primitivas obedeciam fiel e sinceramente.

Os homens d'esses tempos acreditavam que—pereceria o nome d'aquelle, que morresse sem herdeiro varão; ninguem lhe herdaria a fortuna sem desposar a filha.

Eis ahi qual a condição da mulher no tempo de Moysés.

Notam os historiadores que a raça judaica, quando se dispersou, a despeito do aferro aos costumes e ás crenças dos antepassados, submetteu-se, pouco a pouco, á influencia do christianismo. Observam tambem alguns escriptores—que o *Talmud* apresenta uma mistura de costumes orientaes e de instituições do Occidente.

O casamento, todavia, celebra-se pela forma antiga: a mulher é comprada, como escrava; o preço, porém, é ficticio. O marido conserva o direito de repudiar sempre a consorte. Emfim, diz um dos escriptores—de sob as ruinas das instituições orientaes, surgem novas, que o Oriente não conhecera; concluindo que o *Talmud* é um progresso de civilisação relativamente ao *Pentateuco*.

Ora, nestas series evolutivas, nas continuas transformações—a mulher lucrou muito em dignidade: os novos principios da religião do martyr do Golgotha mudaram-lhe a sorte e fizeram-lhe representar papel mais nobre na familia, na qual outr'ora não era considerada, sinão como uma escrava, submissa, repudiada.

Nas sociedades modernas, onde o christianismo apurou, aperfeiçoou e idealisou os costumes, a mulher é, como esposa e mãe, a providencia do lar domestico: o seu destino hoje não cifra-se sómente e exclusivamente em dar posteridade e continuar a familia.

Os novos principios crearam novos usos e chamaram a mulher a compartir, com o homem, de todos os deveres e dos mesmos direitos; crearam-lhe a inviolabilidade de sua personalidade.

Estes novos principios foram pregados e disseminados pela—*boa nova*—que o Mestre ensinou e os apostolos evangelisaram por toda parte, não vendo, como dizia o converso da estrada de Damasco, nem gregos, nem gentios...

O christianismo fez o que a philosophia, nem a poesia poderam jamais conseguir—uma com as suas theorias vagas, deslumbrantes d'um Platão;—a outra com as sublimes e enlevadoras inspirações geniaes, com que os prophetas têm a visão do porvir e os vates cantam os mysterios insondaveis nas profundêzas da alma humana.

Debalde, nos hymnos de saudação, glorificavam a mulher, cingindo-lhe a fronte com o diadema da belleza, consagrando-lhe o culto ardente e profundo do amor; a mulher continuou escravisada, quer nascesse na India, na Persia, quer na Grecia, ou Roma.

Foi o christianismo, que lhe despedaçou os féros grilhões do captiveiro, que a manietavam, desde remotos seculos até que appareceu, no meio das turbas,—o *louro mancebo de Jerusalém*, segundo a phrase de Renan, trazendo aos homens as palavras de paz, de amor e de caridade, preconisando a fraternidade, dizendo sem excepção—amai-vos uns aos outros, como vos amei—.

Foi o christianismo, que rehabilitou e emancipou a ESCRAVA, condemnada á dolorosa tarefa, ao unico labor social de perpetuar a raça.

Foi o christianismo que conferiu-lhe a faculdade, que, até então, se lhe negava, de ter sua parte de direitos no desenvolvimento dos destinos da humanidade.

Foi o christianismo, que, revestindo-a de supremacia moral, armou-a com autoridade na familia e fel-a intervir em todas as relações da vida social. (4)

Christo deu o exemplo de amar as creanças—SINITE PARVULOS AD ME VENIRE, asim como de considerar a mulher um *ente dotado* dos predicados, que nobilitam á humana natureza.

Nota-se nos Evangelhos a affectuosa e polida attenção, com que escutava as Magdalenas e, quando falla com a *adultera*,—não é um juiz severo e cruel; é um conselheiro brando, um amigo sincero, um irmão benigno, um pae piedoso e clemente: é um confidente amavel.

A mulher deve amar muito e adorar o christianismo, que concedeu-lhe o grandioso papel, que ella representa nas sociedades modernas.

A philosophia, o direito, a politica, a arte e a poesia não lh'o poderiam dar. Nas sociedades antigas foi uma serva: nas sociedades modernas é uma soberana!...

A sua supremacia moral e intellectual começou desde os primeiros seculos da Egreja catholica.

A mulher obteve reintegração, como parte componente do genero humano, do qual as religiões antigas a separavam. (5)

Ella foi considerada uma personalidade, compartilhando dos mesmos direitos e deveres, dos mesmos destinos e da mesma dignidade, que o homem, que, durante o paganismo, despoticamente a escravisara e opprimira, reputando-a sómente apta para uma funcção social e de seu exclusivo interesse. Si não fosse o temor de ser o nome riscado do livro de Israel e de ficar eternamente deshonrado aquelle, que não deixasse filho varão; si não fosse a idéa religiosa ligada á necessidade da prole, de certo os homens não avaliariam a mulher, sinão como um animal domestico. Ella não teria obtido siquer fazer, como escrava, parte da familia; como mãe, não passaria de ser o instrumento para salvação dos que seriam condemnados, não deixando posteridade, conforme determinavam os livros sagrados do Oriente e segundo pensava o proprio povo de Israel. A maternidade que, até então, era tributo da torpeza da escravidão, que a serva comprada era obrigada a pagar, sob pena de repudio; ou de ser legada aos parentes, com os bens do patrimonio do marido fallecido sem deixar filho,—a maternidade, sob o sacrosanto influxo da religião do Calvario, tornou-se a resultante d'um acto consagrado por um Sacramento.

O christianismo elevou a mulher á cathegoria d'um ente racional, avigorando-a com a responsa-

(4) L'Eglise et L'Empire—por Albert de Broglie.
(5) S. Agostinho Civitas Dei.

bilidade do proprio destino; julgando-a capaz de todas as virtudes, que fazem a grandeza, a força e o esplendor da consciencia humana. (6)

Aquelles, que versaram os livros, as chronicas, os poemas, as balladas, a historia dos tempos da Edade-Media, em que dominou ampla e geralmente, na Europa, o sentimento christão — não ignoram que, ainda sob a influencia das verdades, ensinadas pelos propagadores do Evangelho, a mulher avultou tal qual objecto d'uma idolatria, que teceu-lhe corôas e levantou-lhe altares por toda parte. (7)

Ella sahiu da humildade aviltante da condição de serva, de instrumento da procreação, e assumiu a posição de senhora, de arbitra, de rainha, de semi-deusa nas luctas, nos torneios das eras medievaes.

Era o tempo lendario da cavallaria, que, após a invasão dos barbaros, transformada a situação dos povos, prevaleceu e constituiu o regimen do feudalismo. Na Edade-Media o culto da belleza feminil confundia-se no da religião.

(6) Letourneau—Evolution juridique.

(7) Poemes chevaleresques—Le service des Dames de Ulric de Lichtenstein.

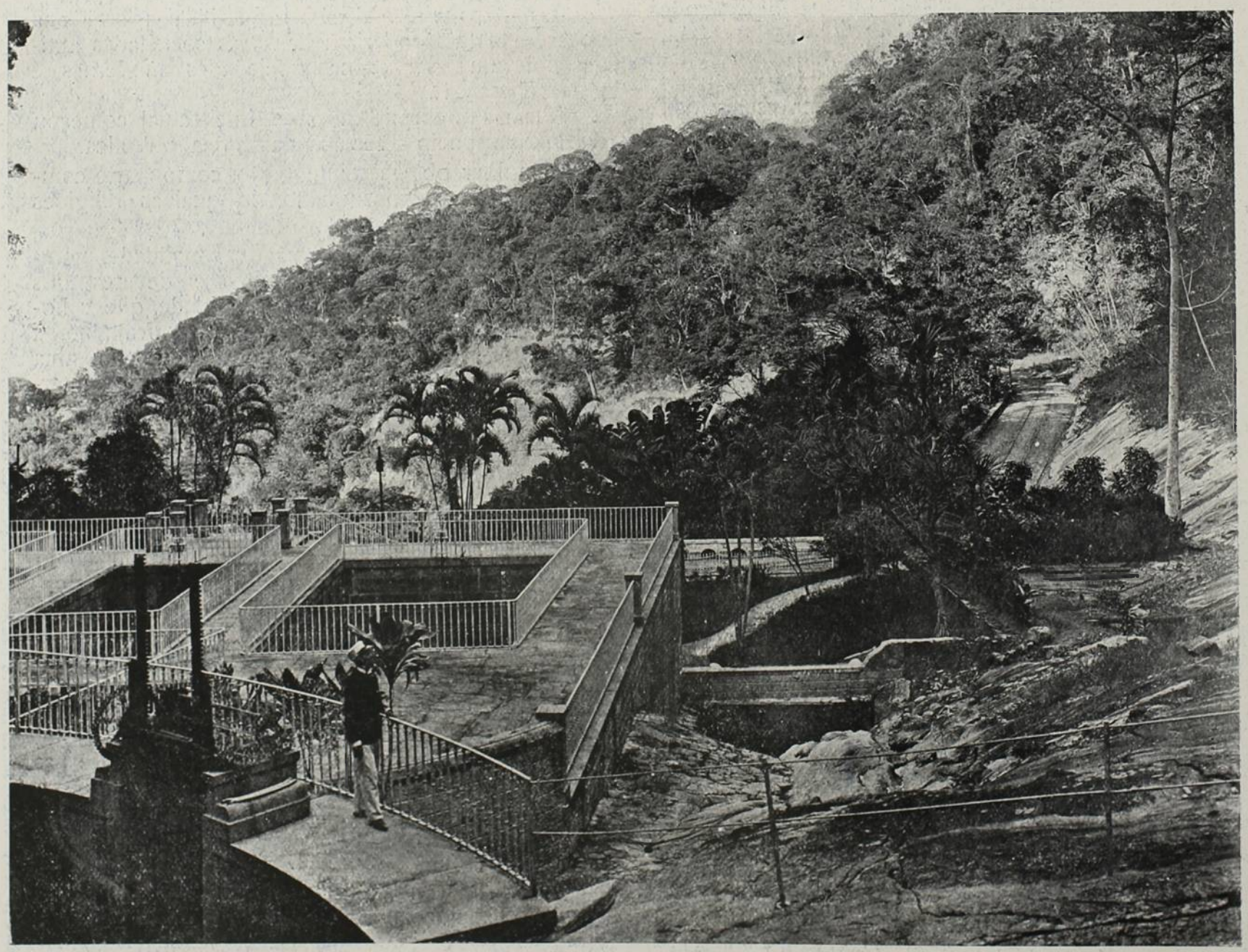
Com essa universal e completa transformação de suas condições, tambem transformou-se-lhe o destino.

Só lhe falta, nos tempos actuaes, exhibir os dons de sua intelligencia na direcção da politica, que constitue a vida das nações livres, que pretendem ter a posse de si mesmas, de dirigir e governar os proprios interesses. A liberdade moderna encontra na mulher fiel e dedicada sacerdotisa. A sua rehabilitação na familia, no casamento, nas relações juridicas, prenuncia, naturalmente, a futura, sinão proxima rehabilitação no Estado, onde ainda não exerce nem sua intelligencia, e palavra nervosa e eloquente, nem a grandeza e dedicação do seu patriotismo.

Perante as religiões antigas a mulher curvou-se submissa e aviltada: perante o christianismo ella póde, — inspirada de nobre orgulho e ufania, — erguer a fronte altiva e proclamar-se — SINE CLADE VICTRIX!...

Rio de Janeiro — 1904.

EUNAPIO DEIRÓ.



RESERVATORIO DO SYLVESTRE — RIO DE JANEIRO



PARQUE DA PRAÇA DA REPUBLICA - RIO DE JANEIRO

ANNO POLITICO

A direcção da *Kósmos* pediu-me a collaboração para este numero especial. Pediu-m'a, e restringiu o assumpo á rubrica que me foi dada, Anno Politico, e serve de epigraphe a estas linhas.

✳

D'entre as tres festas de Natividade que o mundo catholico celebra, a mais doce, a mais encantadora, a mais poetica é sem duvida a que commemora a vinda de Jesus Christo ao mundo. A festa de S. João, a 24 de Junho, traz á idéa a figura rispida do primeiro baptisador, e das maculas que o baptismo resgata e lava; a da Virgem Maria, a 8 de Setembro, não evoca a Virgem menina porque as dores e as angustias da mulher-mãe cercam sempre, mais do que tudo, a lembrança da soffredora purissima; mas a festa do Natal faz desapparecer todo o martyrio, do Pretorio ao Golgotha, para trazer ao espirito, num perfume candido de berços, Jesus pequenino, tão pequenino como as creanças que esperam nestas noites formosas as dadivas do Deus Infante, talvez a primeira das phantasias na série das que a alma humana se crêa para poder atravessar, balançada em esperanças intangiveis, a aspera estrada da realidade, o invio caminho das decepções.

Como todas as festas que a tradicção tem feito passar de geração em geração, a do Natal foi tambem sujeita ás transformações operadas pelos tempos e pelos costumes. Ella é hoje, simultaneamente, uma cerimonia catholica e uma consagração de familia. Vive na Egreja e no lar; é uma fé e é um affecto. Mas a sua primitiva feição destacou-se no paganismo, e as suas origens enraizam-se nas saturnaes. As festas em honra de Saturno realisavam-se no mez de Dezembro, na mesma Roma onde o monte Capitolino era o seu throno mythologico, a principio, sob a Republica, em um só dia; depois, sob os imperadores, durante uma semana toda. As proprias saturnaes tambem se modificaram: de alegres e innocentes festas das populações ruraes, em honra da divindade a que os romanos attribuiam, na idade chamada de ouro, a introducção da agricultura e da civilisação na Italia, passaram a extremos de licença e de depravação, para voltarem depois a dias de são divertimento e de repouso. A origem de taes festas, na mythologia, é attribuida a Hercules, que ainda tinha tempo de pensar nessas cousas mesmo tratando de conquistar a immortalidade na execução das doze grandes tarefas, desde a asphixia do leão de Nemea até a prisão de Cerbero, o que prova bem que esse Deus não é precisamente o patrono das Associações Protectoras de Animaes; e é tambem attribuida a Janos, que por signal tinha duas faces, dizem mesmo alguns que tinha quatro, phenomeno que com o correr dos tempos não ficou sendo sómente uma creação e um privilegio da mythologia. Convém notar que as saturnaes são tambem a fonte originaria das festas do carnaval, e que esses dias de loucura pagã enramam-se no mesmo tronco de que brotou a flor suavissima da commemoração do Natal.

Acreditam alguns que a primeira vez que foram celebradas as festas de Natal a 25 de Dezembro, foi no anno de 98; mas a sua instituiçao é attribuida ás cartas decretaes do Papa Telesphoro, no anno 137. Ainda não estava bem certa, porém, a propriedade d'essa data para a celebração do Nascimento de Christo, e no IV seculo o Papa Julio I ordenou inqueritos rigorosos para saber-se do exacto dia da natividade do Redemptor. O resultado d'esses inqueritos fixou definitivamente o dia 25 de Dezembro. Na idade média ainda era a sobrevivencia das saturnaes que caracterisava as ceremonias do Natal: representavam-se mysterios grotescos, festas de loucos, festas de asnos em que os personagens envergavam as mais extravagantes roupas. Não é difficil vêr que tambem correspondem ainda a uma sobrevivencia de taes costumes, os autos e os bandos com que aqui mesmo, sobretudo em

Estados do Norte, festejava-se e ainda se festeja o periodo que vae de Natal a Reis; apenas, a creação mythologica, as saturnaes primitivas, as cerimonias medievaes receberam o influxo do africanismo intercurrente na formação da nossa vida, e foram amenisadas com a doçura melancholica das trovas portuguezas, cheias de tanta e de tão constante saudade, que a gente tem sempre a impressão de que nellas esvoaçava a alma da colonia toda voltada para a patria distante. Ainda hoje, em alguns logares da Allemanha, da Austria, do norte da Europa, é gente disfarçada e mascarada, os *knecht rupert*, que distribue os brinquedos sonhados pelas creanças; a arvore de Natal, tambem creação allemã, está generalisada em quasi todo o mundo; na Inglaterra esta data é um verdadeiro culto; na Hollanda e nos Estados Unidos é S. Nicoláo o distribuidor annual dos brinquedos; mas a maior, a mais ampla e ao mesmo tempo a mais formosa das concepções é a que faz do pequenino Jesus o anjo alado, cheio de bondade e cheio de caricias, que entra ruflando as azas pelos desvãos de cada lar e vae encher de mimos o sapatinho das creanças, das creanças pobres e das creanças ricas. Porque Elle foi o grande nivelador, e para Elle não havia distincções; porque Elle mesmo nasceu na humildade de um estabulo; e porque quando Elle dizia no Templo «deixae que as creanças venham a mim», não queria saber se as cabecinhas louras que se approximavam dormiam nas sedas palacianas dos satrapas, ou na palha dos albergues plebeus, como Elle mesmo dormiu, vendo entrar pelo desvão do telhado, que é o caminho que Elle procura agora, a restea luminosa da estrella guiadora, e sonhando sonhos que só se tem em pequenino, e ouvindo a musica insubstituivel com que a insubstituivel voz carinhosa das mães embala nos berços, como nas enxergas, os primeiros somnos dos filhos...

✳

Não são precisamente o Anno Politico essas palavras que ahi ficam. Mas tambem a situação não é a mesma dos primeiros dias de Novembro, quando a direcção da Kósmos me pediu a collaboração, restringindo o assumpto. Hoje, elogios pareceriam effeito de compressão; e reparos pareceriam provocações de inutil heroismo. Deixemos a politica em paz. E' melhor dar algumas notas, como as que ahi ficam, umas á custa de consulta facil a diccionarios que todos têm, e apenas para poupar ao leitor o trabalho de traducções; outras, filhas de observação que póde não ser justa, e de sentimento que é bem sentido.

M. J. de Oliveira Rocha.

UM DIA DE D. JOÃO VI



D. JOÃO VI - Grav. de Bartolozzi - Bib. Nac.

TM dos mais conspicuos e operosos pesquizadores das cousas da nossa Historia, o Dr. Eunapio Deiró, proporcionou-nos em paginas d'*Os Annaes*, saborear as primicias de um trabalho que emprehendeu escrever, com o fim de rehabilitar a memoria do primeiro principe que reinou no Brasil, memoria muito maltratada, não só por escriptores nacionaes, mas ainda pelos historiadores patricios. (1)

Outros escriptores de merito, já o intentaram aqui fazer, entre elles devendo ser citado o sr. Visconde de Ouro Preto, que aliás, creio, fazia mais obra politica, que externava intimas convicções.

A chronica mexeriqueira dos nossos maiores, apurada em requinte de civilisação, e a satyra anonyma da turba, conservadas na memoria ou vasadas em manuscriptos que preciosamente se guardam em nossos archivos e que serviram já a eruditos rebuscadores, (2) pintaram-nos sempre a imagem de D. João VI antes com o lapis zombeteiro do caricaturista, do que a firmes pinceladas de artista probo e consciencioso, reflectindo assim extrema animosidade contra o typo que, ora, se nos tenta descrever sob novo aspecto, despido de propositaes exaggeros, reintegrado na sua verdadeira e original compostura.

(1) Alexandre Herculano, Oliveira Martins. Pinheiro Chagas.
(2) Mello Moraes.

Não creio no exito d'essa campanha rehabilitadora; a opinião formada de ha muito, com respeito ao Principe do Brasil, perdurará, como mais verdadeira.

Não se nos acoime de preferir a lenda á verdade historica; é o proprio criterio philosophico que nos inclina á opinião d'aquelles que primeiro lhe apontaram os grandes defeitos, mostrando-o aos contemporaneos como uma figura incaracteristica, apagada e inexpressiva, saliente mais pelo opposto ás qualidades que devera offerecer, como monarcha da mais vasta extensão territorial de então, sujeita a um mesmo sceptro.

Aportando a este paiz em fuga vergonhosa, trazendo em sua comitiva uma onda parasitaria que, para ter residencia, expulsou de suas habitações os legitimos proprietarios, com as celebres *aposentadorias* que duraram 10 annos dos 13 em que aqui esteve a Côrte, fidalgos insolentes que pisaram o Rio de Janeiro como em paiz conquistado, respondendo á hospitaleira gentileza dos indigenas com o mais desprezador e insultante desdem, circumstancias não eram estas de molde a dar á familia real as sympathias populares, retrahidas desde que passaram os primeiros momentos de enthusiasmo, explicavel, aliás, pela novidade.

E, quando, após tempo, com a necessidade de prover á subsistencia da chusma cortezã, e ao fausto da casa real, multiplicaram-se os impostos que recahiram sobre a classe média—a mais solicita em agrados ás pessoas da real comitiva—, opprimido o povo pela policia de Paulo Fernandes Vianna que intentava reproduzir no Brasil os methodos de Pina Manique em Portugal, e pelas justiças do Desembargador Pinto Mosqueira, despertou-se natural reacção contra a real comitiva a principio, estendendo-se logo á familia do rei, cujos escandalos, propagados pelos indiscretos frequentadores do Paço, eram glosados em todos os tons pela plebe, com um encarniçamento proporcional á posição das pessoas alvejadas pela murmuração.

D'ahi esse grotesco typo de rei *Bobèche* de que rezam as chronicas.

Louvavel intenção a de querer dissipar essa desfavoravel impressão que nos transmittiram os commentadores d'aquella época.

Mas d'ahi a cahir no extremo opposto, como parece ser o intuito, fazendo de D. João VI um typo ideal, resumo de extraordinarias qualidades, uma figura dominadora emfim, a distancia é pasmosa.

O *reinado* de D. João VI trouxe ao Brasil, incontestavelmente, grandes progressos, melhoramentos taes que o tornaram apto para a independencia em breve realizada, entrando avigorado para a categoria das Nações livres—; mas por si mesmo, foi D. João VI quem menos influencia teve nesses assumptos.

D'elle, póde-se dizer o que de Carlos VII disse Augustin Thiérry: *Ce roi faible et indolent par nature, occupe une grande place dans notre histoire, moins parce qu'il fit de lui même qui par ce qui se fit en son nom.*

Son merite fut d'accepter l'influence et de suivre la direction des espirits les mieux inspirés en cou-

rage et en raison. Des âmes et des intelligences d'élite vinrent à lui et travaillèrent pour lui; dans la guerre avec toutes les forces de l'instinct patriotitique; dans la paix avec toutes les lumières de l'opinion nationale. (3)

Já vae longe a época em que predominava a doutrina historica das grandes individualidades.

Essa doutrina aristocratica, esposada pelos historiadores da antiguidade, e entre os modernos por espiritos eminentes, como Lessing, Schleiermacher, Bunsen, Hegel, Krause, Humboldt, na Allemanha, Carlyle, na Inglaterra, Cousin e J. de Maistre em França, onde não lhe escaparam mesmo historiadores liberaes como Thiers e democratas como Quinet, concentrando num paciente trabalho de synthese, em certos individuos os actos, palavras, pensamentos de varios, foi substituida hoje pela tendencia democratica da escola ingleza, que por um processo contrario, analysa e decompõe pacientemente os factos artificialmente reunidos, falsamente grupados.

Essa tendencia que Quinet diz ser—*o despojamento do individuo em favor da especie*—fez com que investigados os archivos, a luz se fizesse sobre o verdadeiro papel dos grandes homens, despedaçando o veu que encobria essas imponentes figuras, mostrando-nos occultos na sombra que ellas projectavam os obscuros e verdadeiros agentes dos factos a elles attribuidos, associados agora ás suas glorias ou infamias—reivindicando sua parte dos louvores como das maldições, fazendo resaltar a verdadeira influencia das côrtes dos imperantes. (4)

—

Na Côrte de D. João VI, vae a gratidão dos homens de agora buscar tres espiritos eminentes, que foram os verdadeiros autores de quanto se quer hoje attribuir ao Principe: José da Silva Lisboa, que mesmo antes de terminada a viagem da Côrte para o Rio de Janeiro, obteve pela sua obstinada insistencia, o decreto que abria os portos do Brasil ao commercio das Nações; Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal o organisador de nossa machina administrativa, o continuador da obra encetada por Cayrú, e finalmente o Conde da Barca, que rematou a cupola do edificio, elevando o Brasil á categoria de reino; com esse ultimo acto, pode-se dizer, a independencia era questão de momento.

Ao tempo em que seus ministros assim agiam em seu nome, quaes as occupações do Rei?

Seguindo o preceito do douto Fenélon *on ne doit ometre aucun fait qui puisse servir à peindre les hommes principaux*, (5) vejamos o que nos diz anonymo manuscripto que se conserva em nossa Bibliotheca Nacional.

—

D. João acordava ás 6 horas e ia rezar o officio divino em companhia do Visconde de Magé, que muito se distinguia nesse genero de serviço, sendo companheiro inseparavel das devoções do Principe. Terminado o acto religioso, recolhia-se ao quarto onde logo lhe serviam o almoço. Tinha o Principe um famoso appetite; o almoço constava de 3 frangos assados, sem molho, acompanhados de fatias de pão torrado, sem manteiga; D. João não se servia de talher, trinchando as aves com as mãos; limpava-as depois em guardanapos que com os ossos atirava ao chão; completavam a refeição 4 ou 5 laranjas da Bahia, muito apreciadas pelo principe e que por uma medida, essa, creio, de sua inteira iniciativa, vinham em caixas por todos os navios que d'aquelle porto sahiam em demanda do Rio de Janeiro.

Depois do almoço recebia o General das Armas ao qual dava o Santo do dia. Vinham tomar-lhe a benção, em seguida, os filhos, com os quaes poucas palavras trocava. A's vezes apparecia tambem sua mulher, D. Carlota Joaquina, esta nem ao menos chegando a sentar-se; vinha por simples formalidade.

D. João detestava a mulher com a qual se casara aos 19 annos, tendo ella 11 sómente.



D. CARLOTA JOAQUINA - Des. de Debret.

Por occasião do nascimento dos Infantes D. Isabel Maria e D. Miguel, fortes suspeitas abalaram o espirito do Principe acerca da fidelidade da mulher. Residia elle então em Queluz ou Mafra, e D. Carlota Joaquina em sua Quinta do Ramalhão. Diziam que ella mantinha criminosas relações com um dos

(3) «Augustin Thierry»—De la formation et du progrès du tiers état.
(4) P. Mougeolle—Les problémes de l'Histoire.
(5) «Fenélon»—Lèttres sur les occupations de l'Academie, de l'Histoire

seus serviçaes, e quando se sentia gravida, corria a juntar-se ao marido; assim, tentou convencel-o de que a Infanta D. Maria d'Assumpção nascera prematuramente; desconfiou D. João do facto e para certificar-se, quando de novo lhe appareceu a princeza, fechou-lhe as portas do seu aposento, dando ordem aos seus camaristas para que não as abrissem sem ordem sua. A' noute, D. Carlota buscou debalde penetrar no quarto do marido, e vendo que nada conseguia, na manhã seguinte retirou-se para sua Quinta, onde, mezes depois, dava á luz á Infanta D. Anna de Jesus. O principe, por forma alguma queria reconhecer como suas filhas as duas ultimas princezas, cedendo unicamente por lhe representarem os ministros quanto esse escandalo iria affectar á familia de Bourbon, já attingida por tantas desgraças em diversos paizes.

Mas desde então, tratou a mulher com summa frieza, assim como aos ultimos filhos; só eram vistos juntos os dous esposos em certos actos publicos, como, por exemplo, os quatro dias do anno em que iam ao theatro: 13 de Maio, anniversario de D. João, dias de S. João, de S. Carlos e dos annos de D. Pedro, 12 de Outubro.

Quando se retiravam os filhos era introduzido o Intendente Geral da Policia, Paulo Fernandes Vianna, Desembargador do Paço, com o qual conversava o principe horas inteiras, informando-se de tudo quanto occorrera na cidade. D. João era muito affeiçoado ao Intendente no qual depositava maxima confiança. Essa conferencia se realizava 3 vezes por semana.

Terminada ella, D. João passava a examinar os papeis, requerimentos etc. em companhia do Conde de Paraty, até as 2 horas da tarde, quando vinham os filhos buscal-o para o jantar; a este, assistiam os camaristas, veadores, officiaes de palacio, o Physico Mor e o medico de semana.

As princezas jantavam nos seus aposentos.

Concluido o jantar, dava o Rei, acompanhado devotamente pelos filhos, graças a Deus; D. Miguel trazia então uma bacia, D. Pedro um jarro e D. Sebastião, seu neto, uma toalha para D. João lavar as mãos.

Seguia logo, em companhia do Visconde de Magé, para o oratorio, onde resava o officio divino. Depois, dormia á sésta durante algum tempo. A's 5 horas, sahia á passeio, salvo si havia trovoada de que era excessivamente medroso.

Mal se ouviam os primeiros trovões, fechava-se em seu quarto, em companhia do Visconde de Magé ou do Conde de Paraty, envolvia-se em cobertas de seda, e de joelhos, com um cirio na mão, começava a invocar todos os santos da Côrte celeste.

O prestito real, nesse passeio, era a mais curiosa mascarada que imaginar-se possa.

Abriam-n'o dous cadetes de cavallaria como batedores. Em seguida, ao tardo passo de dous muares, um lacaio de libré e chapéu armado, conduzindo uma frasqueira com agua, e o creado particular do rei com um boião de marmellada.

Seguia-se a traquitana real, com a caixa toda dourada e forrada internamente de damasco carmesim, puxada por bestas pretas; o postilhão e o boleeiro, vestidos de calças de meia de côr alvadia e farda de panno azul, com as costuras bordadas a retroz amarello, iam tambem de chapéu armado, posto atravessado.

Na carruagem iam o principe D. João e D. Pedro, que se entretinha batendo com um martello na maçaneta da portinhola.

Até os 12 annos D. Pedro usou jaqueta, passando a usar casaca e chapéu armado ao completar essa idade. Os filhos de D. João eram muito bonitos, principalmente D. Pedro, que quando passeiava com o pae, era o alvo de todos os olhares.

Depois que D. Pedro se fez homem, substituiu-o na carruagem real D. Sebastião, filho do Infante de Hespanha D. Pedro Carlos e de D. Maria Thereza, filha primogenita de D. João.

Guardava a carruagem real uma escolta de cavallaria, commandada por um capitão.

Seguiam-se as carruagens dos principes D. Miguel e D. Pedro Carlos, dos Condes de Paraty, Valladares e Magé, guarda-roupas dos principes, do Physico-mór Francisco José Vieira, depois Barão de Alvaiazere, do confessor real Fr. Joaquim de Nazareth, e a do Mestre de cosinhas Alvarenga. Fechava o prestito um creado de libré, modestamente montado em um burro, carregando uma caixa de madeira coberta com um panno encarnado: dentro, ia um vaso de intimo uso e que o rei nunca dispensava em seus passeios.

Emquanto D. João residiu no Paço, em vida de D. Maria, essse passeio se fazia até S. Christovão, de onde voltavam todos á noite, á luz dos archotes, o que produzia o mais lugubre effeito.

Depois que passou a residir em S. Christovão, (6) ia o prestito até a Ponta do Cajú, recolhendo-se ao anoitecer. Quando chegava, estava já o pateo atulhado de gente á espera de audiencia.

Os filhos e filhas o esperavam na sala de entrada, acompanhando-o até o seu aposento, onde mudava de vestuario, e merendava. A merenda compunha-se, como o almoço, de 3 frangos e outras tantas laranjas da Bahia.

Terminada a merenda, dirigia-se D. João á sala das audiencias, onde dava beija-mão.

Sendo o rei muito pouco asseiado, e tendo empigens em varias partes do corpo, vivia sempre a coçar-se por diante e por traz, acontecendo muita vez que quando se approximava uma pessoa para falar-lhe, esperava primeiro que elle dissipasse as comichões com a mão mergulhada por dentro da roupa, para depois beijar-lh'a.

Os requerimentos que lhe entregavam, elle os passava logo ao Conde de Paraty; este guardava-os em um sacco, que levava em seguida ao quarto do rei.

As audiencias duravam até 10 horas mais ou menos.

Foi em uma d'ellas que se deu o seguinte caso, narrado em um manuscripto da Bibliotheca Nacional.

---

(6) A quinta de S. Christovão foi doada ao Principe por Elias Antonio Lopes em 1808, obtendo em recompensa o Habito de Christo, fôro de fidalgo e graduação de Alcaide-Mór.

Quando a Familia Real veio para o Brasil, chegou vivo um boi, dos que haviam sido embarcados para alimentação dos passageiros, durante a viagem.

D. João, sabedor do caso, deu ordem para que o conservassem, mandando-lhe abonar pela Repartição das Cavallarias 400 rs. diarios de forragem; esse boi que os empregados do Paço denominaram *Patricio*, por ter vindo de Portugal, empregava-se em puxar uma pipa com agua da Carioca para o Paço.

Existia por esse tempo um pardo velho, soldado reformado do Regimento de Artilharia, Angelo Rondon, que era tido por homem de muito espirito, frequentando casas de pessoas de posição, onde era muito festejado por suas habilidades de prestimano e excellente tocador de viola; andava sempre muito aceiadamente vestido, de rigoroso uniforme. Rondon tendo feito a Campanha do Rio Grande do Sul, e nella perdido dous dedos, em um combate com os hespanhóes, lembrou-se de requerer uma pensão de 200 rs. diarios, em remuneração de seus serviços, e ia frequentemente á audiencia do Principe, em São Christovão.

Uma occasião, vendo que tardava o seu despacho, e depois de enumerar, exagerando muito, os seus serviços, e vendo que D. João sorria, disse:

Ora pois, Senhor, vós a um boi mandastes dar 400 rs. por dia, a mim que sou um bode porque negais 200 rs.?

Os camaristas e mais pessoas presentes levaram o lenço á bocca, e o Principe disfarçando para não rir-se, deferiu-lhe a petição.

A audiencia durava até 10 horas mais ou menos e logo que terminava, ia D. João para outra sala onde recebia o Regedor das Justiças Dr. José de Oliveira Pinto Botelho Mosqueira, Desembargador do Paço, natural de Minas Geraes, que lhe participava as occurrencias havidas nos tribunaes.

Outras vezes era a conferencia com o Chanceller-Mór Thomaz Antonio, com o Thesoureiro-Mór Francisco Maria Targini, mais tarde Conde de São Lourenço, ou com o Escrivão do Real Erario Jacintho Nogueira da Gama, depois Marquez de Baependy. Estes dois ultimos eram figadaes inimigos e viviam a fazer ao Rei, queixas um do outro. D. João os instigava nessas delações e com essa politica, usada para com todos os funccionarios, sempre era sabedor de quanto se passava nas Repartições.

Essas conferencias duravam ás vezes até meia noite, hora em que o rei se recolhia aos seus aposentos.

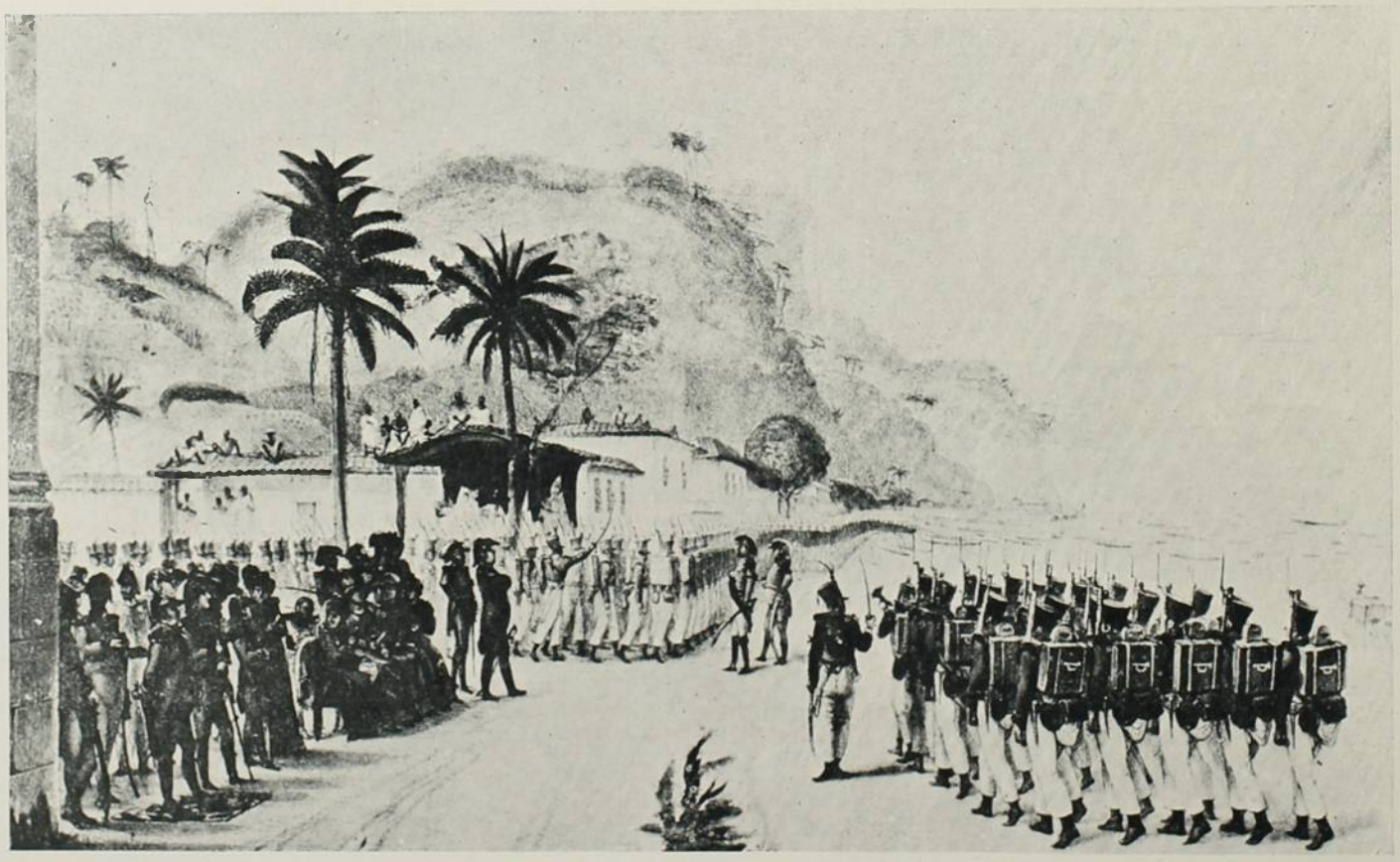
Era essa a vida dc D. João no Rio de Janeiro.

Por vezes elle ia a S. Cruz, onde se demorava alguns dias. Pouco depois de chegar da Europa, estando elle em S. Cruz, um irreverente carrapato, quasi o levou ás portas da morte, produzindo-lhe forte inflammação em uma perna, o que ali o fez demorar cerca de 6 mezes, seguindo-o então toda a Côrte; grande parte da comitiva, foi fidalgamente hospedada na fazenda do Matto da Paciencia, de propriedade de João Francisco da Silva e Souza, sem o menor dispendio para os cofres reaes.

Ao levantar-se do leito, passeiava D. João de cadeirinha, carregada por 12 possantes negros que se revezavam, cantando em côro:

Viva Nosso Senhor!
Nosso Rei já chegou
Captiveiro já acabou.
Viva Nosso Senhor!

Em 1816, quando vieram do reino as tropas destinadas a Montevidéo, e que se aquartelaram em Niteroy, D. João para lá passou-se tambem, indo



EMBARQUE DAS TROPAS PARA MONTEVIDEO · Des. de Debret.

residir na casa de Thomaz Soares, no largo de S. Domingos, casa de que o proprietario lhe fez presente. Ahi residiu D. João dois mezes, sendo o embarque das tropas feito com toda a pompa e solemnidade, como mostra a estampa de Debret.

Si D. João não introduziu na sua Côrte as favoritas, *ces pimbèches et rosées femelles* no dizer de Sully, que haviamos de ter com o primeiro Imperador, teve comtudo alguns validos que tudo obtinham da sua fraqueza e falta de energia.

D'entre elles o mais querido foi sem contestação o Conde de Paraty.

O rei não o deixava um só momento; desde 5 horas estava o Conde de pé, pois logo que D. João acordava perguntava por elle, e o conservava ao pé de si, lendo os requerimentos recebidos na vespera. Quando o Rei ia para o Oratorio é que o Conde tinha tempo para se alimentar.

O Conde era solteiro, e não lhe dando o Rei um unico momento de liberdade, quando este se agasalhava, ia elle ter em um dos aposentos inferiores do Palacio com uma rapariga por alcunha a *Lanterna*, muito em voga ao tempo; sabendo d'isso ficou o rei furioso, e reprehendeu-o asperamente por introduzir no paço uma mulher publica e para evitar a continuação do escandalo, casou-o com a condessa de Barreiros, em menos de oito dias.

Ainda teve o Rei uma desavença com o Conde, quando soube por delação de José Anselmo Pereira a Thomaz Antonio, que o Conde pertencia, bem como muitos outros fidalgos, á Maçonaria, então nascente no Brazil.

O Marquez de Angeja offereceu para remir sua culpa, toda a prata que possuia, afim de ser cunhada em proveito do real erario, fazendo o mesmo o Conde de Paraty *que a não tinha*, diz Vasconcellos Drummond, *pois servia-se com a do Paço*, e como castigo teve de entrar para a Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia, com cujo habito andou no Paço, durante 3 dias. Quando nasceu-lhe o primeiro filho, o rei quiz ser o padrinho, sendo madrinha a Infanta D. Maria Thereza, o que demonstra a influencia do valido, pois até então, só a casa de Cadaval obtivera essa honra.

—

D. João era em extremo egoista, tanto que a esse egoismo attribuia o Conde da Barca o facto d'elle descurar-se inteiramente da educação dos filhos, *para ser chorado quando lhe succedessem.*

Outra prova se encontra na unica aventura amorosa da mocidade, que lhe é attribuida, com D. Eugenia de Mendonça de Eça Menezes, filha do Conde de Cavalleiros e irmã do Conde de Louzã, que elle seduziu, sendo ella então dama do Paço, e quando a pobre moça não mais podia occultar a gravidez, fez com que ella fugisse do Paço em companhia do medico da casa real João Francisco de Oliveira Alves, de cuja amisade abusou, e desde que os viu longe, para abafar o escandalo e de si arredar todas as suspeitas, fulminou-os com um alvará, destituindo-os das honras que tinham, e ordenando a sua prisão.

Esse facto encontra-se no *Brazil Historico*, detalhadamente narrado e documentado.

A sua avareza era proverbial: quando se casaram as suas duas filhas com Infantes hespanhóes, não lhes deu uma unica joia, possuindo no entanto os mais formosos diamantes do Brasil, que guardava em cofres, conseguindo assim deixar quando falleceu, uma fortuna pessoal de cerca de 25 milhões de cruzados.

A sua ingratidão é comprovada pela sorte de Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal, que Antonio de Menezes de Vasconcellos Drummond foi encontrar em Portugal, em 1838, esfarrapado e miseravel, habitando uma lobrega mansarda—elle o ministro poderoso, por cujas mãos o ouro passára aos milhões e que, deixando dividas no Brasil, economisou da ridicula pensão de 4$320 mensaes que lhe dava a munificencia regia, com que solver esses compromissos.

Da sua falta de energia falla bem alto aquelle incidente em que D. Pedro defendeu a dignidade real, dizendo a Sylvestre Pinheiro Ferreira, que exaltando-se em um conselho, dirigira-se ao Rei em termos descomedidos:

Sylvestre Pinheiro, si tiver o atrevimento de levantar a voz para meu Pae, e si se esquecer de que elle é seu soberano, atiro-o pela janella fóra. Lembre-se de quem é D. João VI e de quem é Sylvestre Pinheiro!

O amor, sempre manifestado por D. João VI ao Brasil, relembrando saudoso os 13 annos que aqui passara em vida aprazivel e descuidada, ao passo que a rainha, ao avistar as terras portuguezas, não prevendo as supremas humilhações que lá a esperavam, exhuberava de contentamento, chegando a arremessar á agua os sapatos, dizendo, *não querer saltar em Lisboa com os sapatos que levara do Brasil*, era um tributo de gratidão á terra generosa e hospitaleira, cuja grandiosa natureza o deslumbrara, e que fugitivo o acolheu, cercando-o de carinhos, despertada a commiseração popular pelos gritos da rainha-louca e pelas desgraças domesticas do Principe, recahindo a animadversão do povo sobre a rainha adultera, mais acirrada pelo insultante desdem que ella manifestava pelos filhos do paiz.

E, quando, chamado a Portugal por uma revolução que ameaçava derruir o velho throno dos seus avós—viu o poder real desprestigiado pelos representantes do Povo—que reivindicava as suas liberdades—desterrada a rainha e acremente censurados os actos do filho que deixara regendo o Brasil—precipitado assim á revolta contra a Mãe-Patria—a sua vida ameaçada diariamente pela impaciente ambição de D. Miguel, sem um instante de socego, devia com effeito o velho rei, saudoso, recordar-se dos annos que passara no Brasil, calmos, suaves, tranquillos, como calmas, suaves, tranquillas eram aquellas tardes em que deixando o Paço, com o numeroso prestito de seus servidores, ia contornar a extensa bahia de incomparavel belleza, cujas praias alvissimas o mar beijava murmuro e carinhoso.

Já o disse o poeta:

Nessun maggior dolore...

MARIO BEHRING.

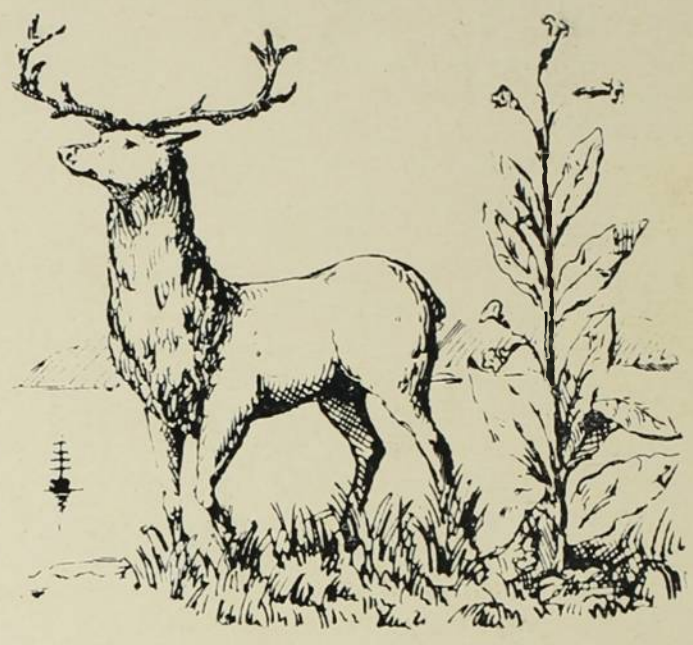
Rio—Dezembro—1904.

GRANDE MANUFACTURA

DE

FUMOS E CIGARROS

MARCA VEADO



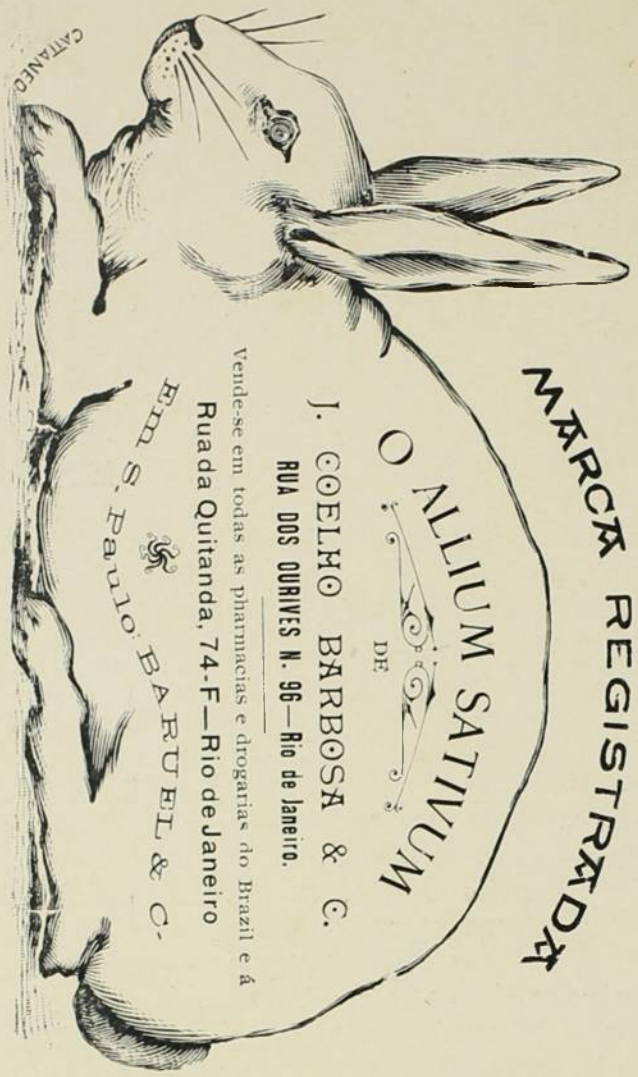
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

DE TODOS OS ARTIGOS PRECISOS PARA

Fabricas ou Depositos de Fumos e Cigarros

Unicos Proprietarios dos Papeis para Cigarros

LAURITA E CONDOR



MARCA REGISTRADA

O ALLIUM SATIVUM

DE

J. COELHO BARBOSA & C.

RUA DOS OURIVES N. 96—Rio de Janeiro.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias do Brazil e á

Rua da Quitanda, 74-F—Rio de Janeiro

E em S. Paulo BARUEL & C.

PREVENÇÃO AO PUBLICO

Do ALLIUM SATIVUM antigo e conhecido na homœopathia, porém pouco ou raramente usado, J. COELHO BARBOZA preparou ha cinco annos de uma forma especial um especifico para curar a influenza e constipações de um a tres dias. Apparecendo agora vendedores do ALLIUM, prevenimos ao publico que, se quizer ter a certeza de levar para casa um remedio especialmente preparado para estas molestias, deverá exigir o que traz um COELHO pintado.

FILTROS MALLIÉ

Esterilisação absoluta pela Porcelana de Amianto

(THEORIA PASTEUR)

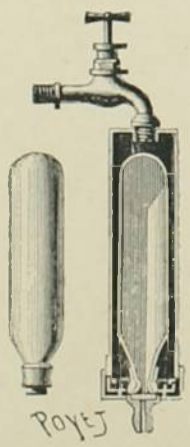
SUPERIORES A TODOS OS OUTROS ATÉ HOJE CONHECIDOS!

A maior facilidade para instalação e limpeza! Simplicidade e elegancia. Numerosos premios em varias exposições.

Eis o que diz a analyse a que procedeu o Laboratorio Municipal de Chimica de Paris:

« A agua filtrada é de uma *limpidez perfeita* e de um *sabor agradavel*; ella sai dos filtros livre das materias organicas que continha em suspensão, e isenta dos germens mais ou menos nocivos que ahi viviam desenvolvendo-se com prejuiso de suas qualidades. Em consequencia, concluimos que, a agua submettida á filtração através dos filtros examinados por nós, é eminentemente propria a todos os usos domesticos. »

O chefe do Laboratorio Municipal: *Ch. Girard.*



Agentes geraes para o Brazil:—A. ABREU & COMP.
Rua da Quitanda N. 102—Rio de Janeiro.

Depositarios no Rio de Janeiro:—BORLIDO MUNIZ & COMP.
Rua Sete de Setembro N. 93.

Depositarios em S. Paulo:—MONTEIRO SOARES & COMP.
Rua Direita—Canto do Viaducto.

ENVIAM-SE PROSPECTOS A QUEM OS PEDIR AOS AGENTES



DUBONNET O MELHOR APERITIVO

KÓSMOS

Revista Artistica, Scientifica e Litteraria

PREMIADA COM A MEDALHA DE OURO

NA

EXPOSIÇÃO DE SÃO LUIZ

Alfandega N. 24 — Rio de Janeiro